UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

VICENTE GIACCAGLINI FERRARO JUNIOR

O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas: Conflitos separatistas, ameaças sociais e preferências autoritárias na Rússia e na Ucrânia

São Paulo
2022

VICENTE GIACCAGLINI FERRARO JUNIOR

O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas: Conflitos separatistas, ameaça social e preferências autoritárias na Rússia e na Ucrânia

Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Áreas de concentração: Política Comparada; Democratização em Sociedades Divididas; Democratização em Estados Pós-Socialistas; Problema de *Stateness*; Conflitos Secessionistas; Conflitos Étnicos; Conflitos Interestatais; Separatismo; Ameaças Sociais e Atitudes Autoritárias; Preferências Autoritárias; Legitimação de Regimes Autoritários; Democracia Militante; Espaço Pós-Soviético; Rússia; Ucrânia.

Orientador: Prof. Dr. Jonathan Peter Phillips

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F376d

Ferraro, Vicente
O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas: conflitos separatistas, ameaças sociais e preferências autoritárias na Rússia e na Ucrânia / Vicente Ferraro; orientador Jonathan Phillips - São Paulo, 2022.
532 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Ciência Política. Área de concentração: Ciência Política.

1. SEPARATISMO. 2. CONFLITOS INTERNACIONAIS. 3. AUTORITARISMO (SISTEMAS DE GOVERNO). 4. RUSSOS. 5. UCRANIANOS. I. Phillips, Jonathan, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Vicente Giaccaglini Ferraro Junior

Data da defesa: 09/05/2022

Nome do Prof. (a) orientador (a): Jonathan Peter Phillips

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 06/08/2022



Dedicatória

Dedico esta tese às vítimas de conflitos e regimes autoritários, na esperança de que o conhecimento científico possa contribuir para a promoção da paz e da democracia, bem como para o progresso nas relações humanas.

Agradecimentos

Após quatro anos de trabalho árduo, conquistas e percalços, uma importante fase da minha vida chega ao fim. Essa trajetória não teria sido possível sem a atuação de diversas pessoas que me deram suporte acadêmico, profissional e emocional, bem como de instituições e programas que providenciaram recursos financeiros para que nesse período eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa. São elas:

- Minha esposa, Camila Alves, que desde o início me incentivou e me apoiou a seguir a carreira acadêmica; convenceu-me de que o ensino e a pesquisa eram áreas nas quais eu tinha vocação. Com ela, compartilhei diversos momentos difíceis nesse percurso, que se tornaram mais suaves através do seu companheirismo.
- Meus pais, Rosângela Ayala e Vicente Ferraro, e meu irmão, Rafael Ayala, que foram fundamentais em toda a minha formação e deram suporte emocional fundamental e, quando necessário, financeiro, nessa empreitada.
- Meu orientador, o Prof. Dr. Jonathan Phillips, que sempre foi atencioso, proativo e fez diversas recomendações e sugestões para que o trabalho se desenvolvesse. Seus comentários sempre foram muito úteis e perspicazes.
- Minha ex-orientadora, a Prof. Dra. Marta Arretche, que desde o início confiou no meu trabalho ao me aceitar como orientando e fez grandes contribuições para a tese. Também me proporcionou a oportunidade de participar de um evento inesquecível na China.
- O Prof. Dr. Angelo Segrillo, que acompanhou e apoiou a minha trajetória desde os tempos de graduação e foi uma referência para a minha carreira. Participar de seu centro, o Laboratório de Estudos da Ásia da USP, foi de grande valia.
- O Prof. Dr. Edward Schatz, que deu grande contribuição profissional e todo o suporte institucional ao meu programa de estudante visitante no Centre for European, Russian, and Eurasian Studies (CERES) da Universidade de Toronto.
- O Prof. Dr. Matthew Light, que deu significativa contribuição profissional, além de apoio emocional fundamental na minha estadia em Toronto em um difícil contexto de pandemia e rígidas restrições sanitárias.
- Meu amigo Gabriel Madeira, que me acompanhou desde o período da graduação e me deu todo o apoio e incentivo necessários para desenvolver o meu projeto de pesquisa e entrar no doutorado.
- Meu amigo Leandro Pongeluppe, que, além de comentários importantes para a minha pesquisa, deu enorme suporte emocional durante a minha estadia em Toronto.

- As professoras e professores das instituições que foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, como a PUC-SP, a Escola Superior de Economia de Moscou, a Universidade Estatal de Belgorod e o Departamento de Ciência Política (DCP) da Universidade de São Paulo.
- O Grupo de Estudos em Desigualdade, coordenado pela Prof. Dra. Marta Arretche, a equipe das IPSA-USP Summer Schools, e meus colegas e professores dos Seminários Discentes do DCP, nos quais eu tive a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico e receber importantes comentários para a minha pesquisa. Também recebi comentários relevantes na convenção mundial da Association for the Study of Nationalities (ASN) de 2021, quando ganhei um prêmio de estudante doutoral que me deu grande motivação e reconhecimento pela pesquisa.
- Meus familiares, que me apoiaram muito ao longo dos anos, como Luciana Fernandes, Liliana Ayala, Osvaldo Ayala, Ricardo Rodovalho e Soely Ferraro; meus sogros, Angela Bessa Lima e Paulo Alves; e meus familiares falecidos, sobretudo a minha avó Elisa Ferraro e Vilma Charreta.
- Meus amigos, que estiveram ao meu lado nessa trajetória, como Cássio Alves, Danilo Marques, Felipe Salles, Lucas Bernardes, Ricardo Zimmermann e Vinícius Anauê.
- Finalmente, as instituições e programas que ofereceram financiamento essencial para a realização da pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Emerging Leaders in the Americas Program (ELAP) do Governo do Canadá e o Petro Jacyk Program for the Study of Ukraine do Centre for European, Russian, and Eurasian Studies (CERES) da Universidade de Toronto.

Serei eternamente grato a todas e todos pelo grande apoio oferecido ao longo desses anos. Espero retribuir, na minha carreira como professor e pesquisador, contribuindo para o progresso da ciência e oferecendo suporte a estudantes em suas trajetórias.

"*Quero ser muito franco: por trás da conversa hipócrita e das ações atuais do chamado Ocidente coletivo, existem objetivos geopolíticos hostis. Eles não precisam, eles simplesmente não precisam de uma Rússia forte e soberana, eles não nos perdoarão nem por nosso curso independente nem pelo fato de estarmos defendendo nossos interesses nacionais.*

Recordamos como eles apoiaram o separatismo, o terrorismo, encorajando terroristas e bandidos no Cáucaso Norte. Como nos anos 1990 e início dos anos 2000, eles agora novamente, mais uma vez, querem repetir a sua tentativa de nos apertar [...] transformar-nos em um país fraco, dependente, violar a integridade territorial, desmembrar a Rússia da melhor maneira possível para eles. Não deu certo naquela época, e não vai dar certo agora.

Sim, claro, vão tentar apostar na chamada quinta coluna, nos traidores nacionais, naqueles que ganham dinheiro aqui, conosco, mas vivem lá, e "vivem" nem no sentido geográfico da palavra, mas nos pensamentos, em sua consciência servil. [...]

Qualquer povo, e ainda mais o povo russo, sempre será capaz de distinguir os verdadeiros patriotas da escória e de traidores e simplesmente cuspi-los como um mosquito que acidentalmente voou em suas bocas [...]. Estou convencido de que uma autopurificação tão natural e necessária da sociedade só fortalecerá o nosso país, nossa solidariedade, coesão e prontidão para responder a quaisquer desafios".

Fragmento de discurso de Vladimir Putin de 16 de março de 2022,
após a invasão de larga escala da Ucrânia[1], tradução nossa.
(O texto não reflete a opinião do autor da tese, mas é um exemplo dos discursos e argumentos analisados na tese)

[1] V. Putin: yestestvennoye i neobkhodimoye samoochishcheniye obshchestva tol'ko ukrepit nashu stranu [V. PUTIN: a autopurificação natural e necessária da sociedade só fortalecerá nosso país]. Ndelo, 16.02.2022. Disponível em: <https://ndelo.ru/novosti/vputin-estestvennoe-i-neobhodimoe-samoochishenie-obshestva-tolko-ukrepit-nashu-stranu>. Acesso em: 24.03.2022.

Resumo

FERRARO, Vicente. **O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas:** conflitos separatistas, ameaças sociais e preferências autoritárias na Rússia e na Ucrânia. 2022. 532 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Estudos mostraram que a ocorrência de conflitos étnicos e separatistas prejudicam a democratização. No entanto, os mecanismos dessa relação ainda precisam ser elucidados. Abordando essa lacuna, almejo lançar luz sobre como conflitos separatistas afetam preferências individuais de regime e estratégias de elite, conduzindo uma análise comparativa multimétodos de dois casos: a Rússia (as guerras da Chechênia) e a Ucrânia (antes e a partir da guerra do Donbass). Desenvolvo e apresento evidências para três argumentos centrais: (1) Conflitos separatistas estimulam a percepção de que minorias étnicas representam uma ameaça à segurança da sociedade. Por sua vez, esta percepção de ameaça intensifica preferências por um regime autoritário. Em períodos de transição, indivíduos comparam o passado autoritário estável e o presente instável, inferindo que regimes autoritários, sem restrições institucionais, são mais aptos a tomar decisões céleres e a manter grupos rebeldes sob controle. Análises de pesquisas de opinião pública em séries temporais mostram que na Segunda Guerra da Chechênia tanto as percepções de ameaças quanto as preferências autoritárias cresceram substancialmente. (2) Em consonância com essa percepção de supostos *trade-offs* entre democracia e ordem, elites políticas utilizam os conflitos domésticos como pretexto para justificar mudanças institucionais iliberais e legitimar regimes autoritários, argumentando que em contextos multiétnicos e conflituosos é necessário um Estado forte, centralizado e implicitamente autoritário para garantir a estabilidade e a integridade territorial. Comparações de discursos presidenciais confirmam que durante e após o conflito checheno as elites russas mobilizaram discursos de *trade-off* para fins autoritários; na ausência de conflito, como na Ucrânia antes de 2014, não houve espaço para tais discursos. (3) No entanto, quando há o envolvimento de atores externos em apoio a separatistas, como na Ucrânia a partir de 2014, a percepção de que o conflito decorre de uma ameaça externa oferece menos oportunidades para as elites responsabilizarem as instituições pluralistas internas pela instabilidade, reduzindo as perspectivas para se legitimar mudanças institucionais autoritárias. A guerra no Donbass foi percebida mais como uma agressão russa do que como um conflito separatista genuíno. Por outro lado, o conflito também gerou consequências negativas para a competição política na Ucrânia, ao facilitar a estigmatização e o banimento de determinados atores em decorrência de seus supostos vínculos com o inimigo externo. Os resultados evidenciaram que conflitos separatistas estimulam preferências autoritárias na população e dão sustentação a discursos de *trade-off* por parte das elites, embora o grau do seu impacto na competição política seja contingente à fonte da ameaça.

Palavras-chave: conflitos separatistas; autoritarismo; democratização; Rússia; Ucrânia.

Abstract

FERRARO, Vicente. **The trade-off between democracy and order in divided societies:** separatist conflicts, social threats and authoritarian preferences in Russia and Ukraine. 2022. 532 p. Dissertation (PhD in Political Science) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

Studies have shown that the occurrence of ethnic and separatist conflicts may hamper democratization. However, the mechanisms of this relationship still need to be elucidated. Addressing this gap, I shed light on how separatist conflicts affect individuals' regime preferences and elites' strategies, by conducting a multi–method comparative analysis of two cases: Russia (the Chechen wars) and Ukraine (before and since the Donbass war). I develop and provide evidence for three central arguments: (1) Separatist conflicts stimulate the perception that ethnic minorities represent a threat to the security of society. This perception of threat in turn strengthens preferences for an authoritarian regime. In transitional periods, individuals compare the stable authoritarian past and the unstable present, inferring that an authoritarian regime, without institutional constraints, is more capable of making quick decisions and keeping rebel groups under control. Time-series analysis of public opinion data shows that during the Second Chechen War both perceptions of threat and authoritarian preferences increased substantially in Russia. (2) In line with this perception of supposed trade-offs between democracy and order, political elites mobilize separatist conflicts as a pretext to justify illiberal institutional changes and legitimize authoritarian regimes, arguing that in multi-ethnic and conflict-affected contexts, a strong, centralized and implicitly authoritarian state is necessary to guarantee stability and territorial integrity. Comparison of presidential speeches confirms that during and after the Chechen conflict Russian elites mobilized trade-off discourses for authoritarian purposes; in the absence of conflict, as in Ukraine before 2014, there was no room for such discourses. (3) However, when external actors are involved in supporting separatists, as in Ukraine from 2014, the perception that the conflict stems from an external threat offers fewer opportunities for elites to blame internal plural institutions for instability, reducing the prospects for legitimizing authoritarian institutional changes. The Donbass war was perceived more as a Russian aggression than as a genuine separatist conflict. On the other hand, the conflict also brought negative consequences for political competition in Ukraine by facilitating the stigmatization and banning of certain political actors due to their alleged ties to the external enemy. The results highlight that separatist conflicts stimulate authoritarian preferences and support the elite's trade-off discourse, though the degree of their harm to political competition is contingent on the source of the threat.

Keywords: separatist conflicts; authoritarianism; democratization; Russia; Ukraine.

Lista de figuras

Figura IV.1 Mecanismo causal nas hipóteses 31

Figura VII.1 Mecanismo causal no nível individual 45

Figura VII.2 Mecanismo causal completo 47

Caso da Rússia

Figura 2.1 Conflitos na Rússia, total de óbitos por ano segundo UCDP/ PRIO 99

Figura 2.2 Nível de democracia na Rússia de 1991 a 2021 segundo a *Varieties of Democracy* 111

Figura 2.3 Mecanismo causal no nível individual 111

Figura 2.4 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas) e percentual da população que percebe minorias como ameaça (linha) 120

Figura 2.5 Percepção de minorias como "alguma" ou "grande" ameaça para russos e minorias 122

Figura 2.6 Apoio à manutenção da Chechênia como parte da Rússia por qualquer meio, inclusive militar 125

Figura 2.7 Atribuição de culpa pela guerra da Chechênia 126

Figura 2.8 Número de eventos associados a grupos separatistas chechenos, fundamentalistas islâmicos e conflitos étnicos locais 127

Figura 2.9 Medo de atentados. "Você teme, no momento, que você ou seus próximos possam se tornar vítimasde atentados terroristas?" 128

Figura 2.10 Risco de conflito étnico. "É possível ocorrerem conflitos de derramamento de sangue em massa, de base nacional [étnica]?" Respostas para "definitivamente sim" ou "provavelmente sim". 130

Figura 2.11 Etnofobia/ xenofobia I. "Como você se relaciona a pessoas das seguintes nacionalidades[etnias]?". Respostas para "com desconfiança, medo" 131

Figura 2.12 Etnofobia/ xenofobia II. "Na sua opinião, deve-se limitar a residência dos seguintes grupos no território da Federação Russa?" 132

Figura 2.13 Etnofobia/ xenofobia III. "O que você acha da ideia 'a Rússia para os russos [étnicos]'?" 133

Figura 2.14 Percepção dos EUA e de minorias como ameaça (alguma ou grande) 134

Figura 2.15 Medo de uma guerra mundial 135

Figura 2.16 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média de preferências autoritárias por grupos de percepção de minorias como ameaça (linhas, direita) 137

Figura 2.17 Percepção de minorias como ameaça e manifestação de ao menos uma preferência autoritária (sem incluir comunismo) 140

Figura 2.18 Características do caminho histórico da Rússia durante o regime soviético, múltiplas respostas (destaque para as seis características mais mencionadas em 2019) 144

Figura 2.19 Principais conquistas de Vladimir Putin, múltiplas respostas (destaque para as cinco questões mais mencionadas em 2021 e outros fatores relacionados ao problema de *stateness*) 146

Figura 2.20 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média anual de preferências autoritárias agregadas (linha, direita) 148

Figura 2.21 Manifestação de ao menos uma preferência autoritária no nível agregado (sem comunismo) e no nível desagregado (preferências individuais) 151

Figura 2.22 Manifestação de ao menos uma preferência autoritária no nível agregado (sem comunismo) por grupo étnico.....152

Figura 2.23 Concordância com relativização da democracia em benefício da ordem 153

Figura 2.24 "O que você acha, a Chechênia no futuro permanecerá como parte da Rússia ou virará um Estado independente?".....154

Figura 2.25 Qual sistema político lhe parece melhor?.....160

Figura 2.26 "Em que medida, na sua opinião, as seguintes instituições merecem confiança?" (Resposta: merecem totalmente) 162

Figura 2.27 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média de grupos de percepção de minorias como ameaça com preferências autoritárias (linhas, direita).....165

Figura 2.28 Variação no percentual de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e simultaneamente manifestam preferências autoritárias 168

Figura 2.29 Média de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e manifestam preferências autoritárias, por grupo étnico 169

Figura 2.30 Variação no percentual de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e simultaneamente manifestam ao menos uma preferência autoritária (russos à esquerda e minorias à direita).....172

Figura 2.31 Preferência por democracia e avaliação do quão democrática é a Rússia.....175

Figura 2.32 Preferência por democracia (escala de 1 a 10) subdividida por grupos de percepção de minorias como ameaça 176

Figura 2.33 Preferências subjetivas de regime 177

Figura 2.34 Preferências por poderes fortes ao presidente 182

Figura 2.35 Confiança no presidente e no parlamento (escala de 1 a 7) 187

Figura 3.1 Mudanças institucionais de ampla ressonância na Federação Russa de 2000 a 2020.....210

Figura 3.2 Menções ao problema de *stateness* em discursos presidenciais (1994-2020).....211

Figura 3.3 Comparação entre menções a ameaças internas e externas em discursos presidenciais (1994-2020).....212

Figura 3.4 Menções a ordem e atributos de *stateness* em discursos presidenciais (1994-2020).....214

Figura 3.5 Menções à democracia / democratização em discursos presidenciais (1994-2020) 215

Figura 3.6 Referências à diversidade e à questão étnico-nacional em discursos presidenciais (1994-2020).....216

Figura 3.7 Percepção de conflitos e tensões étnicas como ameaça pelas elites.....269

Figura 3.8 Percepção de ameaças pelas elites.....270

Figura 3.9 Consentimento das elites com o uso do exército para garantir a integridade territorial (%) 270

Figura 3.10 Apoio das elites a soluções efetivas por líderes em detrimento da democracia.....271

Figura 3.11 Concordância das elites com efetividade acima de democracia (linhas) e média da percepção de conflitos étnicos como ameaça (coluna à esquerda).....272

Figura 3.12 Qual sistema político lhe parece melhor?.....275

Caso da Ucrânia

Figura 4.1 Difusão da língua russa na Ucrânia com base no censo de 1989.....278

Figura 4.2 Democracia na Ucrânia de 1990 a 2021, segundo a *Varieties of Democracy*.....288

Figura 4.3 Percepção de minorias como ameaça.....294

Figura 4.4 Percepção de minorias como alguma ou grande ameaça para ucranianófonos e russófonos.....295

Figura 4.5 Percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias.....296

Figura 4.6 Variação na média de preferências autoritárias (escala de 0 a 9).....299

Figura 4.7 Percepção da Rússia como grande ou alguma ameaça.....300

Figura 4.8 Percepção da Rússia como alguma ou grande ameaça para ucranianófonos e russófonos.....300

Figura 4.9 Percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias.....302

Figura 4.10 Número de óbitos no conflito no Donbass.....304

Figura 4.11 Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem? Dissolução da Ucrânia em distintos estados e conflitos interétnicos.....308

Figura 4.12 "No geral, não aceitaria que russos viessem para a Ucrânia".....309

Figura 4.13 Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem? Ataque de um inimigo externo.....310

Figura 4.14 "Você considera a Rússia um país agressor em relação à Ucrânia?" (2018).....311

Figura 4.15 "Avalie a probabilidade de uma invasão militar terrestre em grande escala da Rússia na Ucrânia?" (2018).....312

Figura 4.16 Apoio ao ingresso da Ucrânia na união da Rússia e Belarus, União Europeia e OTAN.....313

Figura 4.17 Como você avaliaria no geral a atual situação política do país? Tensa ou crítica e perigosamente explosiva.....314

Figura 4.18 Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem? Violência em massa nas ruas e risco de ditadura no país.....317

Figura 4.19 Importância do desenvolvimento democrático do país.....319

Figura 4.20 Importância da possibilidade de crítica e controle democrático das decisões das estruturas de poder...319

Figura 4.21 "Na sua opinião, a Ucrânia precisa de um sistema multipartidário?".....320

Figura 4.22 "Em que medida você está satisfeito ou insatisfeito com a maneira com que a democracia está se desenvolvendo no nosso país?". Grau de insatisfação (totalmente ou provavelmente insatisfeito).....321

Figura 4.23 Grau de desconfiança institucional.....322

Figura 4.24 "O que, na sua opinião, é melhor – tolerar quaisquer dificuldades materiais em prol da manutenção da ordem, paz e tranquilidade no país ou, em casos de deterioração significativa das condições de vida, sair na rua para protestar?" Respostas em prol de ordem.....323

Figura 4.25 "Em 26 de novembro de 2018, a lei marcial foi imposta em algumas regiões da Ucrânia por 30 dias. Você apoia esta decisão das autoridades ucranianas?". Divisão entre os que consideram e não consideram a Rússia um país agressor. 324

Figura 4.26 "Em 26 de novembro de 2018, a lei marcial foi imposta em algumas regiões da Ucrânia por 30 dias. Você apoia esta decisão das autoridades ucranianas?". Divisão por regiões. 324

Figura 4.27 "Para o desenvolvimento normal do país é necessária uma "mão forte" e não conversas sobre democracia" 325

Figura 5.1 Referências ao conflito com a Rússia e à integração com o Ocidente e a Rússia (1994-2020).....334

Figura 5.2 Referências à democracia e democratização (1994-2020).....335

Figura 5.3 Referências a desordem e conflito (1994-2020).....336

Figura 5.4 Referências a ordem e *stateness* (1994-2020).....337

Figura 5.5 Referências a questões étnica, linguística e religiosa (1994-2020).....338

Figura 6.1 Número de notícias com referências à "quinta coluna" nos periódicos *Zerkalo Nedeli* e *Ukrainskaya Pravda* (buscas textuais).....388

Figura 6.2 Número de notícias com referências à "quinta coluna" no periódico *Obozrevatel* (buscas por título).....388

Lista de tabelas

Tabela VI.1 Quadro comparativo dos casos selecionados.....42

Caso da Rússia

Tabela 2.1 Relação entre número de vítimas fatais civis (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e percepção de minorias como ameaça.....121

Tabela 2.2 Relação entre os períodos cobertos pelos *surveys* e percepção de minorias como ameaça.....123

Tabela 2.3 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias agregadas 138

Tabela 2.4 Relação entre percepção de minorias como ameaça e diferentes indicadores de preferências autoritárias 139

Tabela 2.5 Relação entre número de vítimas civis fatais (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e preferências autoritárias agregadas (sem incluir comunismo).....149

Tabela 2.6 Relação entre número de vítimas civis fatais (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e preferências autoritárias agregadas em cada ano 150

Tabela 2.7 Na sua opinião, o que é “ordem”? Múltiplas respostas, percentuais. 156

Tabela 2.8 Na sua opinião, o que é “democracia”? Múltiplas respostas, percentuais. 158

Tabela 2.9 Relação entre número de óbitos civis (dividido por cem) em conflitos e média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias.....166

Tabela 2.10 Relação entre o período dos *surveys* e média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias 167

Tabela 2.11 Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias (*differences-in-differences*).....170

Tabela 2.12 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências por democracia como conceito subjetivo.....177

Tabela 2.13 Relação entre percepção de minorias como ameaça e concordância com "a democracia é preferível" .180

Tabela 2.14 Relação entre percepção de minorias como ameaça e concordância com "autorismo é melhor às vezes" 181

Tabela 2.15 Relação entre percepção de minorias como ameaça e apoio ao presidente governar por decretos.....184

Tabela 2.16 Relação entre percepção de minorias como ameaça e oposição ao parlamento vetar decisões do presidente.....185

Tabela 2.17 Relação entre percepção de minorias como ameaça e apoio a um presidente forte frente a outros arranjos (parlamento forte, impasse ou antiautoridade) 186

Tabela 2.18 Relação entre percepção de minorias como ameaça e confiança no presidente.....188

Tabela 2.19 Relação entre percepção de minorias como ameaça e confiança no parlamento 189

Tabela 3.1 Mudanças institucionais de ampla ressonância na Federação Russa de 2000 a 2020 208

Tabela 3.2 Menções a ameaças em períodos eleitorais e não eleitorais em discursos presidenciais (1994-2020), percentuais em parágrafos 213

Tabela 3.3 O discurso do *trade-off* por governos 246

Tabela 3.4 O discurso do *trade-off* e mudanças institucionais 268

Caso da Ucrânia

Tabela 4.1 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias 296

Tabela 4.2 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias específicas 297

Tabela 4.3 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias em 1995 298

Tabela 4.4 Relação entre percepção da Rússia e de minorias como ameaça 301

Tabela 4.5 Relação entre percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias em 2004 302

Tabela 4.6 Relação entre percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias específicas em 2004 303

Tabela 4.7 "Com quem, na sua opinião, as forças militares ucranianas (exército, guarda nacional, política, SBU e etc) estão lutando no Donbass hoje no geral?" 310

Tabela 4.8 Escolha na lista as palavras que para você estão mais associadas à imagem da sociedade ucraniana atual (2018) 314

Tabela 4.9 Você, pessoalmente, sente-se entre os "ganhadores" ou "perdedores" com as mudanças no governo em 2014? 315

Tabela 4.10 Graus de confiança em questões políticas 315

Tabela 4.11 "Qual dos cenários para resolver o conflito no Leste da Ucrânia você está disposto a aceitar?" 316

Tabela 5.1 Análise comparativa dos discursos presidenciais na Ucrânia 379

Tabela 6.1 Referências à "quinta coluna" por categorias 389

Tabela 6.2 O discurso da quinta coluna por períodos 437

Conclusão

Tabela C.1 Comparação entre os casos da Rússia e da Ucrânia 455

Tabela C.2 Mecanismos discursivos dos casos da Rússia e da Ucrânia 457

Lista de abreviaturas e siglas

ARK – Avtonomna Respublika Krym (ucraniano) / República Autônoma da Crimeia.

ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático.

BTI – Bertelsmann Transformation Index.

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

FSB – Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti (russo) / Serviço Federal de Segurança.

GBR – Gosudarstvennoye byuro rassledovaniy (russo) / Secretaria Estatal de Investigações (da Ucrânia).

KPRF – Kommunisticheskaya Partiya Rossiyskoy Federatsii (russo) / Partido Comunista da Federação Russa.

KPU – Komunistychna partiya Ukrayiny (ucraniano) / Partido Comunista da Ucrânia.

MAR – Minorities at Risk Project.

NDB – New Democracies Barometer Project.

NRB – New Russia Barometer Project.

OPZZh – Oppozitsionnaya platforma — Za zhizn' (russo) / Plataforma de Oposição – Pela Vida.

OSCE – Organization for Security and Co-operation in Europe / Organização para a Segurança e Cooperação na Europa.

OUN – Orhanizatsiya ukrayins'kykh natsionalistiv (ucraniano) / Organização dos Nacionalistas Ucranianos.

PC – Partido Comunista.

PR – Partiya rehioniv (ucraniano) / Partido das Regiões.

RNBO – Rada natsional′noyi bezpeky i oborony Ukrayiny (ucraniano) / Conselho Nacional de Segurança e Defesa da Ucrânia.

SBU – Sluzhba bezpeky Ukrayiny (ucraniano) / Serviço de Segurança da Ucrânia.

SNBOU – Sovet natsional'noy bezopasnosti i oborony Ukrainy (russo) / Conselho Nacional de Segurança e Defesa da Ucrânia.

UP – Ukrainska Pravda (jornal ucraniano).

UPA – Ukrayins'ka povstans'ka armiia / Exército Insurgente da Ucrânia.

ZN – Dzerkalo tyzhnya (ucraniano) / Zerkalo nedeli (russo), jornal ucraniano.

WVS – World Values Survey.

Sumário

Introdução 18

I. Exposição geral da pesquisa e de seus resultados 18

II. Relevância do tema 25

III. Objetivos 28

IV. Hipóteses 30

V. Conceitos 36

VI. Escolha dos casos 40

VII. Metodologia 44

VIII. Posicionalidade do autor 48

Capítulo 1. Revisão da literatura 50

1.1 Conflitos domésticos, percepções de ameaça social e atitudes políticas 50

1.2 Democratização em sociedades divididas 53

1.3 Identidades, conflitos étnicos e acomodação de minorias 58

1.4 Democratização em estados pós-socialistas 61

1.5 O histórico da questão étnica no Espaço Pós-Soviético 73

Capítulo 2. O caso da Rússia: A questão etnonacional, percepções de ameaça e preferências de regime 79

2.1 A questão étnica na Rússia contemporânea 79

2.2 A questão chechena e os conflitos separatistas 85

2.3 O impacto do conflito checheno na sociedade e no sistema político russo 92

2.4 A transição tripla e a democracia na Rússia 99

2.5 Estratégia empírica 111

2.6 Resultados: os efeitos do conflito no nível individual 118

2.6.1 Relação entre conflito e percepção de minorias como ameaça 118

2.6.2 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias 136

2.6.3 Relação entre conflito e preferências autoritárias 147

2.6.4 Relação entre conflito e preferências dos indivíduos que percebem minorias como ameaça 164

2.6.5 Testes complementares: democracia subjetiva, poderes presidenciais e confiança institucional 173

2.6.6 Outras variáveis: distância em relação ao conflito e atentados e percentual de minorias 191

2.7 Teste de robustez: clusterização de erros 194

2.8 Conclusão 197

Capítulo 3. O caso da Rússia: Estratégias de elites e o discurso do *trade-off*.....205

3.1 Estratégia empírica.....206

3.2 Análise quantitativa dos discursos presidenciais e instituições autoritárias.....208

3.3 Análise qualitativa do discurso do *trade-off* por períodos.....216

3.3.1 Boris Yeltsin (1994-1999).....216

3.3.2 Vladimir Putin I (2000-2007).....224

3.3.3 Dmitry Medvedev (2008-2011).....233

3.3.4 Vladimir Putin II (2012-2020).....236

3.3.5 Conclusões preliminares.....242

3.4 A Mobilização do discurso do *trade-off* em discussões legislativas e mudanças institucionais.....249

3.4.1 Lei de cancelamento de eleições para governador (2004).....250

3.4.2 Lei de reformas constitucionais (2020).....254

3.4.3 Emendas à lei de combate ao extremismo de 2002.....258

3.4.4 Emendas à lei de combate ao terrorismo de 2006.....264

3.4.5 Conclusões preliminares.....267

3.5 Percepções de ameaça das elites russas.....268

3.6 Conclusão.....272

Capítulo 4. O caso da Ucrânia: a questão etnonacional, percepções de ameaça e preferências de regime.....276

4.1 Aspectos gerais da questão étnica na Ucrânia após o fim da URSS.....277

4.2 Motivos da estabilidade étnica e regional durante a transição.....280

4.3 O impacto da questão étnica e regional no sistema político ucraniano.....283

4.4 Aspectos gerais do sistema político e da democracia na Ucrânia.....286

4.5 Estratégia empírica.....289

4.5.1 Dados.....289

4.5.2 Métodos.....292

4.6 Resultados: percepções de ameaça e de preferências autoritárias ao longo da transição.....293

4.7 O conflito iniciado em 2014 e seus impactos na sociedade ucraniana.....304

4.7.1 Causas e natureza do conflito.....304

4.7.2 Resultados: percepções de ameaças.....307

4.7.3 Resultados: percepções políticas e preferências de regime da população.....318

4.7.4 Outras consequências do conflito.....326

4.8 Conclusão.....328

Capítulo 5. O caso da Ucrânia: Estratégias de elites e o discurso do *trade-off*.....330

5.1 Estratégia empírica 331
5.2 Análise quantitativa dos discursos presidenciais 333
5.3 Análise qualitativa dos discursos presidenciais por períodos 338
5.3.1 Período de transição (1994-1999) 339
5.3.2 Período pré-Revolução Laranja (2000-2004) 347
5.3.3 Período Laranja (2005-2009) 355
5.3.4 Período Yanukovich (2010-2013) 360
5.3.5 Período de conflito (2014-2020) 364
5.4 Conclusão 379

Capítulo 6. O caso da Ucrânia: O discurso da "quinta coluna" na imprensa 385
6.1 Análise quantitativa do discurso 387
6.2 Análise qualitativa do discurso por períodos 390
6.2.1 O período Kuchma (1995-2004) 390
6.2.2 O período Laranja (2005-2009) 397
6.2.3 O período Yanukovich (2010-2013) 403
6.2.4 O período de conflito (2014-2019) e o governo Petro Poroshenko 410
6.2.5 O período de conflito (2019-2021) e o governo Volodymyr Zelensky 425
6.3 Conclusão 436
6.4 Comparação do caso da Ucrânia com o caso da Rússia 441

Conclusão da tese 446

Bibliografia 462
Obras acadêmicas 462
Bancos de dados, discursos oficiais e legislações 472
Conteúdo midiático 480
Aplicativos utilizados 496

Glossário 497

Anexos 502

Introdução

I. Exposição geral da pesquisa e de seus resultados

Diversidade étnica é um impedimento à democracia? Há muito tempo essa pergunta permeia o debate acadêmico, político e até mesmo midiático. Diversos autores clássicos da teoria da democracia mencionaram a heterogeneidade étnica como um obstáculo à democratização, realçando que as dificuldades de diálogo e consenso entre grupos limitam as perspectivas para o desenvolvimento de instituições liberais e a competição política (MILL, 1977 [1861]; EASTON, 1965; DAHL, 1971).

Estudos empíricos mais recentes, contudo, mostraram que a diversidade em si não representa um impedimento (FISH E BROOKS, 2004), mas sim a politização da etnicidade e, em particular, a ocorrência de conflitos (MERKEL E WEIFFEN, 2012). A politização é excepcionalmente problemática à construção de instituições democráticas quando desencadeia o problema de "stateness" (LINZ E STEPAN, 1996), ou seja, quando há questionamentos à integridade territorial do Estado, ao seu monopólio do uso legítimo da força e incertezas sobre quais grupos devem ser contemplados com o direito à cidadania. O grande paradoxo das "sociedades divididas" está no fato de, em diversos casos, a politização da etnicidade e a erupção de conflitos que ameaçam o *stateness* se darem exatamente quando regimes autoritários passam por uma transição democrática ou abertura política. A introdução de eleições competitivas eleva os riscos de divisões étnicas serem transformadas em clivagens políticas (RABUSHKA E SHEPSLE, 1972; SNYDER, 2000; CEDERMAN ET AL., 2013).

As ocorrências mais incisivas desse dilema tiveram espaço em estados pós-socialistas. O fim do comunismo, o início da transição democrática e o desmantelamento de sistemas quasi-etnofederais desencadearam conflitos étnicos e separatistas em ex-repúblicas iugoslavas e soviéticas, as quais tiveram que lidar com o enorme desafio de, simultaneamente, adotar instituições democráticas, construir uma economia de mercado e redefinir os limites territoriais e identitários do Estado – a chamada "transição tripla" (OFFE, 1991). Na União Soviética, os riscos ao *stateness* foram exponenciados, pois o sistema etnofederal socialista, com a institucionalização de uma concepção étnica de nacionalismo, contemplava não apenas as quinze repúblicas (étnicas) da união, algumas das quais nunca haviam constituído estados modernos independentes, mas também dezenas de unidades subnacionais étnicas (repúblicas autônomas, *oblast´s* autônomos e distritos etnonacionais) em que minorias eram concentradas territorialmente. Quando as quinze repúblicas se tornaram independentes, no fim de 1991, diversas unidades subnacionais passaram a demandar maior autonomia e até mesmo a secessão em relação aos seus respectivos estados (HUGHES E SASSE, 2001).

Ao contrário do que preconiza a literatura, algumas das repúblicas soviéticas que mais apresentaram problemas de *stateness*, como a Geórgia, Moldávia e Ucrânia, tiveram desempenho superior, no processo de democratização, a outras repúblicas que não sofreram qualquer ameaça significativa à integridade territorial. Por exceção das repúblicas do Báltico, as três foram as que melhor ranquearam nos índices da *Varieties of Democracy* (COPPEDGE ET AL., 2021), *Polity IV* (MARSHALL EL AL., 2019), *BTI Transformation Index* (BERTELSMANN STIFTUNG, 2022) e *Freedom House* (2021), embora ainda não sejam democracias consolidadas. Na definição minimalista do *Democracy-Dictatorship* (CHEIBUB ET AL., 2010), foram consideradas "democracias", enquanto as demais, inclusive a Rússia, foram classificadas como "ditaduras".

A literatura sobre democratização em países pós-socialistas pouco se dedicou a analisar, de maneira comparada e sistematizada, como conflitos envolvendo o problema de *stateness* (o secessionsimo etnorregional) impactaram o processo de democratização nesses países. Diversos estudos de caso abordaram a transição política, mas poucos tiveram a crise de *stateness* como variável explicativa central. Outros esforços foram voltados a explicar as causas dos conflitos e a democratização foi examinada como uma variável independente. Por sua vez, na literatura sobre democratização em sociedades divididas, grande parte dos achados acerca do impacto da politização da etnicidade basearam-se em estudos de grande N – os mecanismos por meio dos quais conflitos impactam a democratização foram pouco esclarecidos. Neste trabalho, busco colaborar com o preenchimento de algumas dessas lacunas teóricas e empíricas na literatura.

Há décadas a Ciência Política vem examinando o impacto de guerras no apoio ao incumbente, constatando que conflitos externos podem alavancar a popularidade do executivo, sobretudo em períodos de crise econômica e eleições. O chamado efeito "rally 'round the flag", o qual preconiza uma união da nação frente a um inimigo ou adversário externo (MUELLER, 1973), foi amplamente observado após os atentados de 11 de setembro nos EUA e a crise da Crimeia na Rússia. Desde a década de 1990, alguns estudos buscaram analisar o impacto de conflitos internos na sustentação de regimes, particularmente a mobilização de maiorias contra minorias étnicas – o caso emblemático foi a desintegração da Iugoslávia, no qual elites autoritárias ameaçadas por crises políticas e econômicas mobilizaram conflitos étnicos como estratégia diversionista e de autossustentação (GAGNON, 1994). Evidências recentes mostram que atores políticos vêm apostando em conflitos baseados em uma polarização contra minorias internas almejando dividendos eleitorais semelhantes aos do "rally 'round the flag" – a deterioração nas negociações de paz do governo turco com separatistas curdos (MACHAIN E ROSENBERG, 2016) e mesmo a retórica hostil de Donald Trump contra movimentos raciais são percebidas como estratégias

diversionistas voltadas à polarização entre *in-groups* e *out-groups*[2] (KLEIN, MACHAIN, TOKDEMIR, 2020).

Diante do exposto, a presente tese tem por objetivo contribuir para a discussão acerca da relação entre diversidade e democratização, abordando o efeito de conflitos nas atitudes políticas e buscando responder a seguinte pergunta: como conflitos separatistas impactam preferências de regime na população e afetam estratégias de elite? Diferentemente de muitos estudos acerca de separatismos, o foco desta pesquisa não são os conflitos em si e suas causas, mas seus efeitos gerais na sociedade e nas instituições centrais do Estado. Ademais, em vez de focar no impacto de conflitos domésticos na aprovação de incumbentes, algo já explorado pela literatura, examino o seu efeito nas preferências sociais por regimes autoritários. Preferências autoritárias elevadas podem concorrer para legitimar a adoção de instituições antiliberais e, no geral, o próprio regime autoritário, aumentando as perspectivas de sua durabilidade e sustentação.

A presente pesquisa é de grande valor por lançar luz acerca da relação entre diferentes tipos de conflito e regimes políticos, abordando os fatores e mecanismos que interferem nesse processo. Também evidencia como as minorias étnicas podem ser instrumentalizadas pelas elites com fins de autopromoção. Embora muito se afirmou que a Segunda Guerra da Chechênia teve efeito deletério na democracia russa, sobretudo na construção do regime personalista de Putin, pouco se analisaram os mecanismos por meio dos quais esse processo se concretizou. Também proponho uma inovação à discussão ao diferenciar os efeitos de conflitos separatistas genuinamente internos de conflitos com fonte e natureza externa.

Argumento que conflitos domésticos entre o Estado central e *out-groups* (minorias étnicas) rebeldes em transições de regime elevam preferências autoritárias da população, principalmente para membros de *in-groups* (maiorias étnicas politicamente predominantes) – no processo de socialização com as novas instituições há o entendimento de que a democracia está relacionada a instabilidades e constitui um entrave à garantia da ordem e segurança. A relação é mediada e condicionada pelo medo: conflitos secessionistas aumentam a percepção de que *out-groups* representam uma ameaça à segurança da sociedade e indiretamente à predominância política dos *in-groups*. Quanto maior a percepção de ameaça, maior é a preferência por um regime autoritário, com poucas restrições institucionais ao incumbente, supostamente capaz de oferecer soluções céleres e eficazes para superar o problema de *stateness*, manter *out-groups* sob controle e garantir a ordem. Por sua vez, elites políticas aproveitam momentos de medo e alta demanda autoritária para promover, justificar e legitimar mudanças institucionais centralizadoras e autoritárias. Logo,

[2] No geral, o termo "in-group" se refere às maiorias étnicas e grupos politicamente predominantes, enquanto "out-group" às minorias étnicas e/ou grupos socialmente marginalizados.

o conflito e a diversidade propiciam recursos não materiais (ideológicos) de coesão[3] com ampla abrangência social, diminuindo a dependência do regime a recursos materiais de alto custo e menor alcance, como a patronagem. Preferências de regime são, portanto, dependentes do contexto e de percepções acerca de *trade-offs* entre democracia e ordem envolvidos nas escolhas institucionais. Momentos de transição tendem a potencializar essa associação pois facilitam a comparação entre a relativa estabilidade político-social do passado autoritário e a instabilidade do período de democratização. A democracia é entendida como um modelo que, através do sistema de pesos e contrapesos, favorece facciosismos e restringe a capacidade do incumbente tomar decisões céleres e eficazes – a demanda por um líder "forte" não pode se concretizar.

A fim de testar a teoria proposta, realizei uma comparação de casos similares em várias dimensões e período histórico, mas com o contraste na presença e momento do conflito, especificamente a Rússia e a Ucrânia. A ampla disponibilidade de dados (pesquisas de opinião pública e discursos de elites) corroborou essa escolha. Analisar a transição nesses países é de grande valia para entender a formação de preferências de regime, uma vez que os conflitos e, no geral, a ocorrência de profundas transformações políticas, econômicas e identitárias potencializaram percepções de *trade-offs* associados ao regime democrático. A Rússia é um caso emblemático de conflito doméstico (as guerras da Chechênia) em meio a uma transição política, o que permite lançar luz sobre como conflitos domésticos violentos constrangem preferências de regime. Já o caso ucraniano foi analisado tanto como um contrafactual ao caso russo, por o país não ter passado por conflitos durante o período de transição, quanto um caso de conflito secessionista (a guerra do Donbass a partir de 2014) em que atores internacionais tiveram papel preponderante, a ponto de diversos autores questionarem seu enquadramento como "secessionista"[4]. Esse último caso de conflito é de grande relevância tanto pela dimensão geopolítica atual do conflito, quanto por contar com algumas características distintas do caso russo – o momento distante da transição, o envolvimento de atores externos, a indefinição de *in-groups* e *out-groups*, o caráter periférico da beligerância e a falta de sucesso dos incumbentes na resolução do conflito.

Os testes empíricos realizados ao longo da tese forneceram evidências robustas para as hipóteses apresentadas, com as seguintes constatações:

[3] Levitsky e Way (2012) discorreram acerca do potencial de conflitos como fontes não materiais de poder.

[4] Olexiy Haran é um dos principais cientistas políticos ucranianos que contestam o enquadramento do conflito no Donbass como secessionista / separatista, argumentando que se trata de uma invasão russa. Como apresentarei adiante, a despeito do alto grau de envolvimento da Rússia no conflito, houve elementos sociais locais, exponeciados pela imprensa estatal russa, que deram substância ao conflito e à intervenção russa. Logo, o conflito pode ser considerado um caso de invasão que promoveu e mobilizou secessionismo.

(1) Impacto de conflitos domésticos na percepção de minorias como ameaça à segurança da sociedade e nas preferências por regimes autoritários. No caso da Rússia (a guerra da Chechênia), a análise revela que conflitos contra *out-groups* têm efeitos significativos de curto prazo na elevação da percepção de minorias como ameaça e, por sua vez, nas preferências autoritárias – sobretudo dos *in-groups*, as maiorias. Tais picos de atitudes autoritárias podem ser aproveitados como pretexto para legitimar mudanças institucionais antiliberais e autoritárias. A comparação do status quo do regime autoritário no passado e o status quo do regime na fase de abertura política favorece o delineamento de percepções sociais acerca de pretensos *trade-offs* entre as escolhas institucionais envolvidas na transição, em especial no que concerne à relação entre democracia e ordem. A ocorrência de conflitos estimula a associação de que a democracia é mais vulnerável a instabilidades e mobilizações de *out-groups*. No longo prazo, conflitos contribuem para a identidade do regime e a legitimidade pessoal do incumbente, o qual recebe os louros pela "vitória" sobre os *out-groups* rebeldes e pela garantia da ordem, estabilidade, integridade territorial e segurança. A ameaça de instabilidade e a experiência compartilhada em conflitos domésticos, portanto, propiciam importantes fontes não materiais de coesão para o regime[5], com ampla abrangência social, capazes de diminuir a dependência de regimes autoritários à distribuição de custosos recursos materiais em práticas clientelistas.

(2) Impacto de conflitos domésticos na mobilização discursiva pelas elites de supostos *trade-offs* entre democracia e ordem em sociedades multiétnicas. Ao serem instrumentalizados discursivamente pelas elites, conflitos oferecem uma justificativa lógica e ideológica para a razão de ser do regime e, como resultado, uma maior perspectiva de durabilidade autoritária. As elites políticas russas mobilizaram o risco à integridade territorial (o problema de *stateness*) e o status multinacional da Federação Russa como recurso de legitimação de mudanças institucionais antiliberais – o discurso do *trade-off*, segundo o qual, dada a complexidade da questão etnonacional no país, seria necessário um Estado forte, centralizado, com restrições a liberdades e a extremismos, a fim de garantir a estabilidade político-social. A relação entre percepção de *out-groups* como ameaça e preferências autoritárias abrange, portanto, mecanismos comportamentais-subjetivos (psicologia política), contextuais-objetivos (aprendizado institucional na transição) e elitistas-discursivos (narrativas oficiais que estabelecem uma lógica e justificam a necessidade de alternativas à democracia). O estudo comparado mostrou que na Ucrânia, uma vez que não houve conflitos no momento da transição, a percepção de minorias como ameaça foi consideravelmente baixa e as preferências autoritárias apresentaram trajetória decrescente. As elites ucranianas

[5] Em consonância com as teorias de Levitsky e Way (2012) e de Slater (2010).

tiveram menos oportunidades que as elites russas para mobilizar percepções de *trade-offs* entre democracia e ordem com vistas a legitimar instituições autoritárias.

Tais constatações contam com algumas *scope conditions*: dizem respeito a contextos de transição de regime, nos quais, em momentos de aprendizado institucional, a população pode realizar inferências comparativas entre o passado autoritário e a fase de democratização, principalmente no que tange às relações entre *in-groups* e *out-groups*; nos quais há uma ameaça objetiva e crível, como atentados terroristas e separatismo violento, com ações que não se restringem a regiões periféricas; nos quais é possível fazer uma distinção clara entre *in-groups* e *out-groups*; e nos quais o incumbente ou membros do alto escalão do regime obtiveram resultados favoráveis na resolução ou expectativa de resolução do conflito e na manutenção dos *out-groups* sob controle. Situações análogas não são raras no Sul Global, o que reafirma a relevância desta pesquisa. Atualmente, alguns dos conflitos mais intensos no mundo são de âmbito doméstico contra *out-groups* internos, como no Mianmar (minorias *rohingya*) e na Etiópia (o separatismo na região do Tigray), país que, assim como a Rússia, conta com uma estrutura administrativa etnofederal. Futuros estudos poderão averiguar se os achados do caso russo encontram reverberação nesses casos.

Por sua vez, a análise comparada entre o caso da Rússia e o caso da Ucrânia pós-2014 possibilitou a última grande constatação da tese: (3) A dimensão do conflito (sua fonte/ natureza e a abordagem das elites) como um problema externo limita as oportunidades de as elites instrumentalizá-lo contra a democracia. O conflito no Donbass, apesar de seus componentes internos e externos, foi dimensionado pelas elites ucranianas como um problema integralmente externo – a agressão russa contra a Ucrânia. Em conformidade com essa abordagem, alguns dados sugerem que a percepção social da Rússia como ameaça foi consideravelmente maior que a de minorias étnicas russas, e preferências de regime apresentaram tendências ambíguas. Argumento que tais resultados estejam relacionados à "externalização" do problema, alicerçada em avaliações objetivas: uma vez que a questão separatista foi atribuída integralmente a um inimigo externo, não foi possível responsabilizar as instituições liberais domésticas e legitimar mudanças institucionais autoritárias – houve pouco espaço para a construção do discurso do *trade-off*. A dependência do país em relação ao Ocidente para aumentar sua proteção contra a Rússia e a busca por diferenciação político-identitária[6] em relação ao agressor criou incentivos para discursos pró-democracia. Diversos estudos (LEVITSKY E WAY, 2010; VACHUDOVA, 2005; CAMERON, 2007) mostraram que os vínculos com o Ocidente foram fundamentais para a democratização de países

[6] Na Rússia houve uma busca de diferenciação política em relação ao adversário, o "Ocidente liberal decadente" – o discurso do "caminho próprio" remonta ao século XIX.

do Leste Europeu. Logo, enquanto na Rússia a democracia foi apresentada implicitamente como uma ameaça à segurança, na Ucrânia foi apresentada como a sua solução. O conflito na Ucrânia, contudo, também impactou negativamente a democracia ao contribuir para a imposição de limites ao debate e à competição política. Políticos, partidos, canais midiáticos e grupos sociais (étnicos, linguísticos e regionais) de tendência "russófila" foram acusados de constituir a "quinta coluna", ou seja, "traidores" e infiltrados do governo russo para desestabilizar a Ucrânia. As elites argumentaram que a participação desses atores no sistema político deveria ser combatida, como, por exemplo, com o fechamento de canais televisivos e de partidos políticos. Longe de questionar o quanto tais argumentos são legítimos, pretendo apenas mostrar que a competição política não passa incólume por situações de conflito.

Tanto o caso russo quanto o ucraniano, respectivamente com os discursos do *trade-off* e da "quinta coluna", lidam com os dilemas da democracia militante ao defenderem restrições à própria democracia com a finalidade de protegê-la, superar crises de *stateness* e garantir a segurança do Estado. Os excessos na promoção da democracia defensiva por vezes se confundem com práticas autoritárias. Em ambos os casos a competição política é restringida, mas em diferentes escopos e níveis: o discurso do *trade-off* legitima mudanças amplas nas regras do jogo político (eleições, partidos, competição federativa e etc) em benefício do incumbente, com vasto impacto negativo para a oposição, enquanto o discurso da "quinta coluna" se restringe à legitimação da estigmatização ou banimento de determinadas forças políticas por seus pretensos laços com o inimigo externo. Vale destacar que na Rússia o discurso da "quinta coluna" também esteve presente, mas por não ter vínculos diretos com a questão separatista fugiu ao escopo desta tese.

Ao abordar o impacto de conflitos em preferências individuais por regimes e estratégias de legitimação de elite em uma análise multimétodos, espero contribuir não apenas para os estudos sobre os desafios à democratização em estados pós-socialistas, mas também para a literatura de transição política em sociedades divididas, conflitos domésticos diversionistas, ameaças sociais (psicologia política) e estabilidade autoritária. A interação entre conflitos étnicos, preferências políticas e democracia é de grande relevância para países emergentes.

Cabe mencionar que neste trabalho não entro no mérito da veracidade dos discursos autoritários e do quão distante eles estão da realidade. Autocratas instrumentalizam retoricamente problemas reais e os associam às escolhas institucionais. Também não sustento que os conflitos separatistas na Rússia tenham sido a causa da adoção do regime autoritário – há diversos fatores e dinâmicas que concorreram para esse resultado. O meu argumento diz respeito a como tais conflitos facilitaram a legitimação do autoritarismo.

Nas próximas seções desta introdução, apresento a relevância do tema, os objetivos da pesquisa, as hipóteses, os principais conceitos, a justificativa da seleção de casos, a metodologia e a minha posicionalidade como pesquisador.

No capítulo 1, exponho uma revisão da literatura sobre conflitos domésticos e percepções de ameaça social; democratização em sociedades divididas; identidades, conflitos étnicos e políticas étnicas; e democratização em estados pós-socialistas, ressaltando as principais lacunas a serem preenchidas. Também contextualizo o histórico de políticas étnicas que marcaram o Espaço Pós-Soviético e que influenciaram a relação entre *in-groups* e *out-groups*.

No capítulo 2, abordo estudos acerca da questão etnonacional e sua relação com a democratização na Rússia para, em seguida, conduzir diversos testes estatísticos acerca do efeito da guerra da Chechênia na percepção de *out-groups* como ameaça e nas preferências por regimes autoritários. No capítulo 3, analiso o discurso do *trade-off* na Rússia, tanto nas declarações presidenciais ao Congresso quanto nas discussões parlamentares acerca de projetos de lei que alteraram as regras do jogo político. Também apresento alguns dados de *surveys* conduzidos com as elites russas sobre percepções de ameaça e preferências institucionais.

No capítulo 4, analiso a questão etnonacional na Ucrânia no período de transição, como contrafactual ao caso russo, e, em um segundo momento, abordo a guerra do Donbass como um caso alternativo de conflito, apresentando dados estatísticos acerca das percepções de ameaças e das *proxies* relacionadas a preferências de regime. No capítulo 4, analiso os discursos dos presidentes da Ucrânia antes e após 2014, no intuito de identificar se houve tentativas das elites de estigmatizar minorias e mobilizar os supostos *trade-offs* da democracia. No capítulo 5, analiso o discurso da "quinta coluna" em três grandes jornais ucranianos. Ao longo dos três capítulos do caso da Ucrânia conduzo comparações com o caso da Rússia.

Finalmente, na conclusão, faço um levantamento de todas as constatações tanto do estudo de casos quanto da análise comparativa.

II. Relevância do tema

O objeto de pesquisa é relevante e atual não apenas para as diferentes áreas da Ciência Política (democratização em estados pós-socialistas, transição em sociedades divididas, conflitos domésticos e ameaças sociais, preferências autoritárias e promoção da democracia), mas também para o campo das Relações Internacionais, dado o seu alto potencial de desestabilização do sistema internacional.

Os casos abordados nesta tese lidam diretamente com a problemática da democracia "defensiva" ou "militante" por preconizarem restrições a direitos e liberdades com a finalidade de salvaguardar o Estado e a própria democracia. Dado o avanço de fenômenos como populismos, radicalismos e a difusão de *fake news*, o debate acerca da democracia defensiva ganhou destaque, inclusive no Brasil. Para países em desenvolvimento do Sul Global, em que separatismos, conflitos étnicos e problemas de *stateness*, decorrentes principalmente de heranças coloniais, representam um verdadeiro desafio à construção do Estado e da nação, a imprecisão dos limites da democracia defensiva pode proporcionar solo fértil para políticas autoritárias. Diversos países que se depararam com ameaças e conflitos separatistas, bem como ataques terroristas, restringiram direitos e liberdades civis com a justificativa de garantir a segurança – o *Patriot Act*, adotado nos EUA após os atentados de 11 de setembro, é um dos casos emblemáticos. O advento de novas tecnologias de comunicação, como as redes sociais, tem conferido novos contornos a conflitos étnicos. Recentemente, observou-se o uso dessas tecnologias por autoridades públicas para promover ataques contra minorias[7], como nos casos da Etiópia e de Mianmar.

No plano internacional, a crescente tensão geopolítica entre a Rússia e o Ocidente teve como cerne exatamente os casos de separatismo etnorregional no Espaço Pós-Soviético. Alguns desses conflitos, particularmente no Azerbaijão (Nagorno-Karabakh), na Geórgia (Abecásia e Ossétia do Sul), na Moldávia (Transnístria) e, recentemente, na Ucrânia (Donetsk e Lugansk ou Donbass), resultaram em estados de fato independentes, embora não reconhecidos pela comunidade internacional – regiões separatistas que contam com soberania interna, mas não externa. Na maioria dos casos, esses quasi estados resistem ao isolamento internacional graças ao suporte econômico e militar fornecido pela Rússia, que, por vezes, instrumentaliza os “conflitos congelados” como recurso de barganha nas relações bilaterais com os respectivos estados pós-soviéticos.

Em 2008, o governo da Geórgia, de orientação pró-Ocidente, buscou retomar militarmente a região separatista da Ossétia do Sul, mas foi repelido por tropas russas[8]. O episódio constituiu um verdadeiro marco geopolítico: a Rússia passou a reafirmar a sua hegemonia no Espaço Pós-Soviético recorrendo ao uso da força, o que foi apontado como um golpe ao "edifício" da ordem internacional liberal (KAGAN, 2018)[9]. Em 2014, após uma crise política na Ucrânia culminar na

[7] SHIFA, Muna e Fabio Andrés Díaz Pabón. The Interaction of Mass Media and Social Media in Fuelling Ethnic Violence in Ethiopia. Accord, 15.03.2022. Disponível em: <https://www.accord.org.za/conflict-trends/the-interaction-of-mass-media-and-social-media-in-fuelling-ethnic-violence-in-ethiopia/>. Acesso em: 29.03.2022.
[8] A Geórgia estava descontente com a proximidade entre Moscou e a região separatista, ao passo que Moscou estava descontente com a ambição da Geórgia de entrar na OTAN e na União Europeia.
[9] KAGAN, Robert. Opinion: Believe it or not, Trump’s following a familiar script on Russia. Washington Post, 07.8.2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/the-west-has-spent-a-decade-playing-right-into-putins-hands/2018/08/07/c1aec698-9a60-11e8-b60b-1c897f17e185_story.html>. Acesso em: 20.09.2021.

derrubada do presidente pró-Rússia, conflitos secessionistas foram desencadeados no leste do país por intermédio direto do Kremlin. A região da Crimeia foi incorporada à Federação Russa, e as regiões de Lugansk e Donetsk (também conhecidas como Donbass) tornaram-se de fato independentes, com o suporte militar informal russo. Uma série de sanções econômicas foi imposta por potências ocidentais contra a Rússia, que, por sua vez, reagiu com contrassanções, resultando em uma das maiores escaladas de tensões desde o fim da Guerra Fria. O caso da Crimeia também aponta para contradições no Direito Internacional: por um lado, a Rússia violou o princípio de não-intervenção nos assuntos internos de um Estado soberano – eixo basilar do sistema internacional de Westfália; por outro, alegou assegurar o princípio de autodeterminação dos povos – as minorias étnicas russas, que constituem o maior grupo étnico da Crimeia, teriam almejado a incorporação ao Estado russo, expressa em um referendo contestado pela Ucrânia e por potências ocidentais. Em 2020, em meio à pandemia de coronavírus e com o suporte da Turquia, tropas do Azerbaijão retomaram parte do território separatista de Nagorno-Karabakh em um enfrentamento direto com a Armênia. Novamente, a Rússia se posicionou como o principal árbitro do conflito e da estabilidade na região. Finalmente, em fevereiro de 2022, a Rússia iniciou uma invasão de grande escala à Ucrânia, provocando uma das maiores crises internacionais desde a Segunda Guerra Mundial.

O potencial de irredentismo de minorias russas e russófonas gerou preocupações quanto à integridade territorial em diversas ex-repúblicas soviéticas, sobretudo com a instrumentalização do conceito de "mundo russo" (*russkiy mir*) por Moscou, a concepção de que a Rússia tem o papel de defender não apenas seus cidadãos, mas também russos étnicos e comunidades russófonas no Espaço Pós-Soviético. No Cazaquistão, por exemplo, há uma elevada concentração de minorias étnicas russas em algumas regiões do norte próximas à fronteira com a Federação Russa. Situação análoga ocorre na Estônia, Letônia e Ucrânia. Russos estavam habituados ao status de “maioria” na URSS e, com o fim da união, depararam-se com o status de “minoria” nos novos estados. Políticas de *nation-building* nas repúblicas independentes buscaram diminuir a preponderância da língua russa no meio social e político, bem como garantir a predominância das maiorias nas instituições estatais – muitos, temendo hostilidades étnicas, migraram para a Rússia. Outras minorias étnicas também se viram ameaçadas e, em algumas situações, engajaram-se em mobilizações secessionistas.

Problemas de *stateness* (a contestação às fronteiras territoriais do Estado) estão diretamente associados ao conceito de “nacionalismo étnico” ou “etnonacionalismo”, institucionalizado pelas políticas étnicas soviéticas e que ainda hoje prevalece no Espaço Pós-Soviético. Diferentemente do “nacionalismo cívico”, que tem como alicerce o território em que o indivíduo nasceu, no

"etnonacionalismo" a nacionalidade corresponde ao grupo étnico de seus pais. Quem nasce no território russo, por exemplo, é um cidadão russo (*rossiyanin*), mas não necessariamente tem a nacionalidade russa – não é um russo étnico (*russkiy*). A Rússia, portanto, não constitui um Estado-nação, modelo que adquiriu proeminência após a Revolução Francesa, mas um Estado multinacional, com mais de 160 (etno)nacionalidades[10]. Embora russos étnicos sejam maioria no país (77%), em algumas regiões constituem minorias.

A dicotomia entre identidade estatal cívica e etnonacionalismo também está presente em diversos outros casos – russos étnicos podem ser "cazaquistaneses" (cidadãos do Cazaquistão), mas não são "cazaques" (grupo etnonacional). O próprio nome concedido à república, Cazaquistão ("terra dos cazaques"), carrega um ideal de propriedade étnica. Tal paradigma pode ser mobilizado por forças nacionalistas em pautas como "o Cazaquistão para os cazaques étnicos", "a Rússia para os russos étnicos", "a Geórgia para os georgianos étnicos" e etc. A complexidade etnossocial da transição pós-soviética remonta ao processo de independência e descolonização em que os novos estados se depararam com o desafio de se democratizar e promover projetos de *state-building* e *nation-building* simultaneamente. Tentativas de construir estados-nações em contextos multinacionais agravaram o potencial de conflito, os problemas de *stateness* e o processo de transição política.

Considerando a elevada complexidade das sociedades modernas, reforçada por polarizações identitárias, neonacionalismos, conflitos étnicos e religiosos, movimentos migratórios e outros desafios impostos por fronteiras territoriais, os estudos sobre a relação entre identidade e política adquirem cada vez mais relevância na área da política comparada.

III. Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é compreender, em perspectiva comparada, como a ocorrência de conflitos secessionistas (ameaças bélicas à integridade territorial do Estado) impacta processos de democratização, regimes políticos, preferências autoritárias e o Estado no geral, utilizando como referência casos de ex-repúblicas soviéticas que se depararam com o problema de *stateness*. Em suma, pretendo contribuir para as teorias da democratização e promoção da democracia em sociedades divididas ao preencher as seguintes lacunas da literatura:

[10] FEDERAL'NAYA sluzhba gosudarstvennoy statistiki [Serviço Federal de Estatística Estatal]. Natsional'nyy sostav i vladeniye yazykami, grazhdanstvo. Perepis 2010 [Composição nacional e competências linguísticas, cidadania. Censo 2010]. Disponível em: <https://www.gks.ru/free_doc/new_site/perepis2010/croc/vol4pdf-m.html>. Acesso em: 20.09.2021.

(1) Estudos sobre os efeitos da diversidade étnica e de conflitos na democratização por vezes lidam com um grande número de casos e pouco esclarecem os mecanismos por meio dos quais essa relação se manifesta.

(2) Autores clássicos (MILL, 1977 [1861]; EASTON, 1965; DAHL 1971) apontaram para a incompatibilidade entre diversidade étnica e democratização, mas evidências do Espaço Pós-Soviético indicam que esse pressuposto tem limitações. Um exemplo são os casos da Moldávia e da Ucrânia, nos quais divisões identitárias nacionais dificultaram a concentração de poder por um único grupo político e, junto a outros fatores, contribuíram para um "pluralismo por inércia" (WAY, 2015).

(3) Muitos estudos[11] mostram como a democratização impacta a mobilização secessionista e os conflitos étnicos, mas pouco explicam como se dá a relação inversa – a influência do secessionismo e dos conflitos na democratização e nas escolhas de regime e durabilidade autoritária.

(4) Apesar do consenso em torno do efeito das ameaças sociais nas atitudes autoritárias na literatura de psicologia política[12], ainda é necessário esclarecer quais tipos de ameaça são mais sensíveis, qual é a duração esperada de seu efeito e se de fato estão sempre associadas a atitudes autoritárias. É também fundamental superar o risco de endogeneidade e causalidade reversa na relação entre ameaça e atitudes autoritárias.

(5) Embora haja um consenso de que a Segunda Guerra da Chechênia favoreceu a ascensão de Putin e o autoritarismo na Rússia, poucos estudos se dedicaram a analisar de maneira sistemática esse efeito.

(6) Finalmente, muitos trabalhos, como apresentarei na seção de revisão da literatura, basearam-se em experimentos, inclusive com alunos de psicologia, e focaram as atitudes autoritárias. Apesar da validade interna carecem de validade externa. A presente pesquisa terá como alicerce casos reais (estudos observacionais) e analisará não as atitudes autoritárias de forma genérica, mas as preferências por instituições e regimes autoritários. No mundo real há complexidades que não podem ser cobertas por estudos de laboratório – as ameaças "reais" podem ter efeitos na ação coletiva e nas estratégias de elites bem diferentes das previstas e identificadas em experimentos.

Com base nessas lacunas da literatura, foram concebidas as seguintes perguntas de pesquisa:

[11] Um dos estudos de referência é o de Snyder (2000), From Voting to Violence: Democratization and Nationalist Conflict.
[12] Duckitt & Fisher, 2003; Davis & Silver, 2004.

(I) Como conflitos separatistas impactam preferências individuais por regimes autoritários?

(II) Como conflitos separatistas afetam estratégias de elite para legitimar regimes autoritários?

A primeira pergunta tem por objetivo lançar luz sobre um processo "bottom-up" de construção de regimes autoritários, verificando se conflitos domésticos separatistas levam a um aumento nas preferências sociais agregadas por tais regimes. Basicamente, almeja identificar se há um "demand-side" de instituições antiliberais na sociedade. De maneira complementar, a segunda visa examinar se elites utilizam o conflito para promover e legitimar mudanças institucionais autoritárias, ou seja, um processo "top-down" de construção de regimes autoritários que, apesar de em parte constituir um "supply side" às demandas sociais, também afetaria o "demand side", através do discurso.

Por fim, uma vez que conflitos separatistas variam em uma importante dimensão – o grau de envolvimento de atores externos – buscarei verificar as eventuais consequências nos planos "bottom up" e "top-down" de tal variação, através de métodos comparativos, propondo a seguinte pergunta:

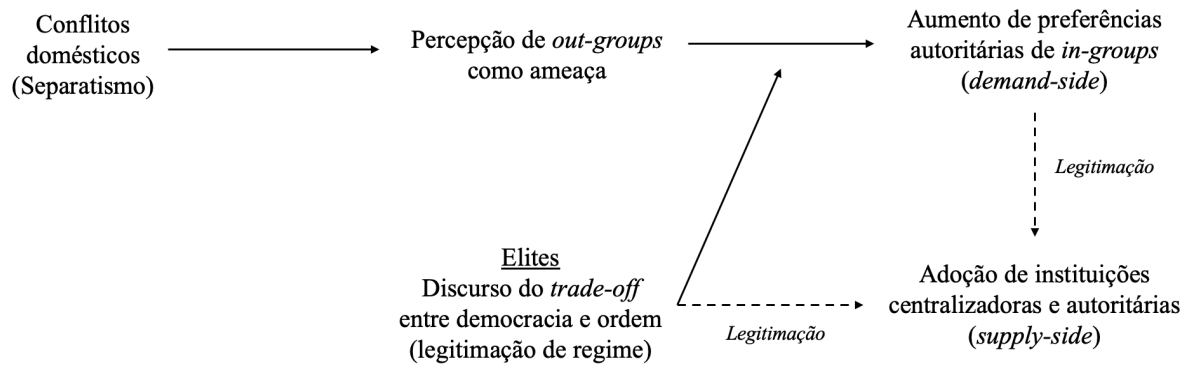
(III) Como o envolvimento direto de potências externas no conflito separatista afeta preferências autoritárias e estratégias de elite?

Longe de esgotar os mecanismos possíveis dessa relação, espero que os achados da pesquisa possam contribuir para futuros estudos e comparações.

IV. Hipóteses

As possíveis respostas às perguntas que norteiam o objetivo da pesquisa levaram à formulação de seis hipóteses, sintetizadas na introdução da tese e, cinco das quais, no quadro abaixo sobre o mecanismo causal.

Figura IV.1 Mecanismo causal nas hipóteses



A primeira hipótese diz respeito ao impacto de conflitos etnosseparatistas na preponderância de preferências individuais por um Estado "Leviatã", autoritário, em que a "ordem" se sobrepõe a demandas liberais:

H1: Conflitos domésticos contra representantes de *out-groups* (minorias étnicas) elevam preferências individuais por regimes autoritários.

Argumento que a ocorrência de conflitos separatistas em períodos de transição pode impulsionar percepções e narrativas de que regimes autoritários são mais aptos do que democracias a garantir a estabilidade político-social e manter *out-groups* sob controle. Tal pressuposto se relaciona ao conceito de "stability confidence", utilizado por Slater e Wong (2013) para analisar transições no Sudeste Asiático. Segundo os autores, a democratização é dificultada quando há percepção das elites de que ela trará instabilidade social. Enquanto o seu trabalho se concentrou na insegurança das elites, esta tese terá como foco as preferências gerais da população, embora em alguns momentos também apresentarei dados relativos a percepções de elites. Abordar o efeito de conflitos na opinião pública é uma importante estratégia para a compreensão dos mecanismos de construção de regimes autoritários, já que preferências autoritárias podem facilitar a legitimação de mudanças institucionais antidemocráticas – constituem um "demand-side" por regimes autoritários.

O fato de ex-repúblicas soviéticas terem passado por uma transição "tripla" (OFFE, 1991) – política, econômica e identitária/ *stateness* –, em alguns casos permeada de conflitos, pode ter tornado o processo de aprendizado institucional da população ainda mais complexo, com percepções de pretensos *trade-offs* entre democracia e estabilidade político-social. Diferentemente de hipóteses historiográficas e culturais, que associam baixas preferências por democracia a uma herança histórica enraizada na cultura política, o cerne do meu argumento preconiza que preferências de regime são dependentes do contexto e de percepções objetivas acerca de supostos

trade-offs envolvidos nas escolhas institucionais, sobretudo em períodos de liberalização política. Na mesma direção, Pop-Eleches e Tucker (2013, p.63) sustentam que a baixa participação cívica em países pós-socialistas decorre não apenas do legado comunista, mas também da experiência de vida no colapso do comunismo, com condições econômicas negativas. A disparidade entre as expectativas ideais democráticas e a realidade do regime na transição pode propiciar a difusão de alternativas antidemocráticas (DIAMOND, 1999). Esses são pressupostos teóricos que, dada a complexidade de processos que influenciam em uma ou outra direção, devem ser testados empiricamente.

A segunda e terceira hipóteses dizem respeito ao mecanismo por meio do qual o conflito se traduz em preferências autoritárias, tendo como alicerce a percepção de ameaças:

H2: Conflitos separatistas aumentam a percepção de que *out-groups (minorias étnicas)*, de maneira generalizada, representam uma ameaça à sociedade, principalmente para membros dos *in-groups (maiorias étnicas)*.

Tal hipótese decorre de uma inferência intuitiva, a ideia de que todo o grupo étnico e demais minorias podem vir a ser responsabilizados pela violência perpetuada por alguns de seus membros. Após os atentados de 11 de setembro, foi notável o crescimento da fobia a árabes e muçulmanos nos EUA e em outros países do Ocidente (SANDER 2006; TREVINO ET AL., 2010). Testarei em que medida os conflitos na Chechênia e no Donbass geraram tendências de generalização e fobia análogas, respectivamente, nas sociedades russa e ucraniana. Argumento que os *in-groups* são mais propensos a tais atitudes do que os *out-groups* por perceberem o conflito separatista como uma contestação e agressão ao Estado no qual eles, como maiorias, são predominantes. No separatismo há uma reivindicação intrínseca por soberania legal, desmembramento territorial, representatividade institucional e autonomia cultural para parte das minorias e suas elites – uma demanda pelo desmonte do sistema de controle étnico hegemônico[13] do regime que sucumbiu. Se o conflito adquire proporções para além das regiões periféricas, a percepção de ameaça pode se tornar ainda maior. As minorias, embora constituam grupos diversos que também percebem minorias específicas como ameaça, podem temer serem vítimas de generalizações e preconceitos, bem como de políticas autoritárias de cunho nacionalista a favor das maiorias. Por tal razão, suas atitudes políticas seriam menos sensíveis ao conflito. Há uma incógnita acerca de se as minorias irão preferir autoritarismo por entenderem que tal regime pode limitar a ação das maiorias ou irão preferir democracia por acreditarem que com ela as chances de

[13] O sistema de controle étnico (anteposto ao consociativismo), no qual um grupo étnico tem a predominância político, social e institucional foi analisado por Ian Lustick (1979) e Jack Snyder (2008). Ambos os autores classificaram a URSS nesse tipo de sistema, ressaltando a predominância de russos sobre outras nacionalidades.

proteção contra as maiorias serão maiores. A questão foge ao escopo desta tese, mas as análises poderão contribuir para futuras discussões nessa direção.

H3: Quanto maior a percepção de minorias como ameaça à segurança da sociedade, maiores são as preferências por um regime autoritário.

O pressuposto dialoga diretamente com a literatura da psicologia política, segundo a qual percepções de ameaça social, ou seja, ao grupo / sociedade do qual o indivíduo faz parte, em vez de ele ou ela diretamente, levam a uma maior incidência de atitudes autoritárias (FELDMAN E STENNER 1997; DUCKITT E FISHER 2003; ONRAET ET AL. 2013). Diferentemente de diversos trabalhos que se fundamentam em experimentos controlados, a presente tese almeja contribuir com essa literatura ao trazer evidências de casos reais e focar um tipo particular de ameaça (conflitos separatistas) e de atitude autoritária (preferências por instituições e regimes autoritários). Vale salientar que algumas pesquisas empíricas mostraram que a exposição a atentados terroristas ou a ameaças de atentados pode favorecer lideranças linha-dura e partidos de direita em períodos eleitorais (BERREBI E KLOR, 2008; GETMANSKY E ZEITZOFF, 2014).

Enquanto a maior parte dos estudos da psicologia política sugere explicações comportamentais-subjetivas para a relação entre medo e autoritarismo, uma ativação automática de atitudes autoritárias em meio à exposição a ameaças societais, argumento que a relação também possa ter um mecanismo contextual-objetivo que esclarece H3 (caso esta se confirme), como preconiza a quarta hipótese:

H4: Em situações de conflito em meio a transições políticas, maiores são as percepções individuais de que um regime autoritário, com poucas restrições institucionais ao incumbente, seja capaz de oferecer soluções rápidas para superar o conflito, manter os *out-groups* sob controle e garantir a ordem.

O argumento pressupõe que, no processo de aprendizado institucional, indivíduos comparam o status quo das relações interétnicas no momento da transição ou pós-transição com o status quo do período autoritário. Uma vez que períodos de abertura política em contextos multiétnicos podem facilitar a erupção da violência interétnica (SNYDER, 2000) envolvendo grupos antes submetidos a sistemas de controle étnico hegemônico, os riscos de a população associar o novo regime à instabilidade político-social são altos. Reforça-se a concepção de que um regime autoritário centralizado, com poucas disputas e restrições institucionais ao incumbente, é mais apto a garantir a ordem e manter os *out-groups* sob controle. Indiretamente, o sistema de controle étnico hegemônico, no qual os *in-groups* têm predominância, pode adquirir sobrevida. A

hipótese também está relacionada ao conceito de "barganhas autoritárias", segundo o qual é possível haver um consentimento social com um regime autoritário se este garante ganhos econômicos (DESAI ET AL., 2009; MEIJER, 2017). Expandi tal definição para abarcar o consentimento social com um regime autoritário em troca da manutenção da estabilidade interétnica, da integridade territorial do Estado e da ordem como um todo.

Entre as evidências que podem auxiliar no teste do argumento, pode-se mencionar a relação do medo de minorias com menores preferências por pontos de veto à atuação do incumbente, bem como com um maior grau de confiança institucional no presidente e em órgãos de segurança. Também pode-se averiguar se nos momentos de conflito há maiores inclinações sociais ao sacrifício da democracia em troca de "ordem" e a um saudosismo pelo regime autoritário.

Minha quinta hipótese corresponde às estratégias discursivas das elites em estimular a relação entre medo de minorias e preferências autoritárias, com vistas a obter legitimidade a práticas e regimes autoritários. Buscam promover uma congruência entre “demand-side” (por segurança, ordem e estabilidade político-social) e “supply-side” de políticas coercitivas:

H5: Em momentos de conflito e pós-conflito, elites podem recorrer ao discurso do *trade-off* entre democracia e ordem para legitimar mudanças institucionais autoritárias centralizadoras e expandir as perspectivas de durabilidade do autoritarismo.

Denominei a narrativa das elites de que há um *trade-off* entre ordem/ segurança e democracia de "discurso do *trade-off*". A narrativa pressupõe que o conflito separatista e mesmo a diversidade étnica constituem uma ameaça à segurança que deve ser combatida por um Estado forte, centralizado e implicitamente autoritário. Logo, há um mecanismo discursivo-elitista que reforça o mecanismo contextual-objetivo de H4. Levitsky e Way (2012) mostraram que a ocorrência de conflitos violentos no passado pode contribuir para uma maior coesão entre as elites, uma alta legitimidade de antigos líderes do conflito, a mobilização ideológica das massas, um maior aparelhamento do aparato coercitivo e, como resultado, uma maior estabilidade autoritária – mesmo diante de sucessões de liderança e crises econômicas. Sustentam que a solidariedade arraigada em experiências compartilhadas de conflitos violentos constitui uma importante fonte não material de coesão. Na mesma direção, Slater (2010) argumenta que conflitos e a ameaça de desordem levam classes médias e elites comunais a se oporem à abertura política, buscando estabelecer um "pacto por segurança", o que prolonga a durabilidade autoritária. O medo de instabilidades sociais reforça o apoio ideológico ao regime, diminuindo a necessidade de patronagem e facilitando a ação coletiva das elites. O "pacto por segurança", portanto, é capaz de diminuir a dependência de regimes a recursos materiais e estimular o apoio de grupos menos

propícios a práticas de patronagem, como as classes médias urbanas. O discurso do *trade-off*, segundo o meu argumento, é um instrumento fundamental para a difusão do "pacto por segurança" e da barganha autoritária na sociedade.

A presente hipótese complementa tais argumentos ao focar o impacto do conflito não nas elites, mas na tentativa de elevar a aceitação social a instituições autoritárias. Seus discursos não necessariamente fazem referências diretas ao autoritarismo, mas a elementos associados a ele, como a justificativa de um presidente forte, acima dos demais poderes, e de uma hipercentralização administrativa. Vale ressaltar que as intenções de elites e discursos não são suficientes para obter sucesso em reformas autoritárias. É necessário contar com um poder organizacional, conceito de Levitsky e Way (2010) que abrange a força do partido do incumbente no parlamento, a força do Estado (escopo e coesão) e a capacidade coercitiva à sua disposição. Conflitos domésticos criam pressões para que o incumbente priorize, sem grandes resistências, o fortalecimento do "poder organizacional" como condição necessária ao provimento da ordem e a sua sobrevivência política. Em outras palavras, crises de *stateness*, colocando em risco a unidade territorial, legitimam a adoção de estratégias institucionais para superar os conflitos, como o reforço da capacidade coercitiva e restrições à competição política. Não proponho analisar a estratégia de adoção de instituições autoritárias nesta tese, mas somente as estratégias de sua legitimação.

Como mencionei anteriormente, a instrumentalização política do conflito também foi abordada na literatura sobre conflitos diversionistas externos (MUELLER, 1973) e internos (MACHAIN E ROSENBERG, 2016; KLEIN, MACHAIN E TOKDEMIR, 2020), que examina a mobilização de uma divisão entre *in-groups* e *out-groups* voltada à promoção da coesão social em torno do incumbente – o efeito "rally round the flag". Mesmo em períodos relativamente pacíficos, sem manifestações étnicas violentas, ameaças críveis de conflito e instabilidade podem ter um efeito político semelhante ao do próprio conflito. Elites podem explorar discursivamente tais ameaças, tendo como base a ocorrência de conflitos no passado ou em estados vizinhos. A narrativa de *trade-off* entre democracia e ordem em sociedades divididas, embora careça de confirmação empírica, também teve reverberação na Ciência Política, com argumentos de autores clássicos acerca da inviabilidade de democratização em sociedades com profundas divisões étnicas (MILL, 1977 [1861]; EASTON, 1965; DAHL, 1971).

Finalmente, minha última hipótese busca distinguir o efeito de conflitos externos de conflitos internos:

H6: Conflitos que envolvem ameaças externas, por não promoverem uma divisão entre *in-groups* e *out-groups* na sociedade e não estarem claramente associados a percepções objetivas

de *trade-offs* da democracia, são menos aptos a estimular preferências autoritárias na população.

A fonte e natureza do conflito importam para o seu efeito sobre o regime. Defendo que situações de conflito externo são menos propícias ao discurso do *trade-off* entre democracia e ordem, de maneira que as elites tenham maior dificuldade em promover uma justificativa lógica e convincente para a adoção e legitimação de instituições autoritárias. A suposta necessidade de se promover reformas institucionais para manter *out-groups* sob controle, a ordem e a segurança da sociedade – ou seja, as "barganhas autoritárias" e os "pactos de proteção" – perde significância, embora tais conflitos tenham o potencial de estimular o efeito "rally round the flag" em torno do presidente e afetar a competição política por meio da estigmatização de setores da sociedade com supostos vínculos com o estado inimigo.

Longe de considerarmos as hipóteses aqui apresentadas nomotéticas, deterministas e generalizáveis a todos os casos, defendo que elas se encontram no meio do diapasão entre os polos positivista e interpretativista[14] – foram voltadas à análise dos casos russo e ucraniano, mas poderiam ser aplicadas a outros contextos do Sul Global envolvendo conflitos secessionistas e transições de regime em cenários multiétnicos.

V. Conceitos

Alguns conceitos merecem ser esclarecidos previamente a fim de evitar imprecisões e ambiguidades nas conclusões. De particular importância a esta tese são os conceitos de democracia/ democratização, etnia, *out-groups*, nacionalismo étnico (etnonacionalismo), etnofederalismo, *stateness*, conflito secessionista, irredentismo e democracia militante (também chamada de "defensiva").

O conceito de democracia conta com uma enorme variedade de abordagens e disputas na Ciência Política. Nesta pesquisa, utilizo como referência uma das definições mais clássicas, associada à concepção de "poliarquia", desenvolvida por Robert Dahl (1971). Segundo o autor, a poliarquia constitui um regime caracterizado tanto por um elevado grau de competição quanto por uma elevada participação popular. Opõe-se à "hegemonia fechada", regime autoritário marcado por baixa participação e baixa competição. Nesse sentido, a democratização pode ser compreendida como um processo no qual há incrementos na competição e inclusão política.

[14] O conceito de diapasão entre um polo nomotético (positivista), propenso a generalizações, e um polo idiográfico (interpretativista), inclinado a analisar fenômenos sociais em suas especificidades, foi apresentado por Ahmed e Sil (2012).

Tendo em vista as particularidades e poucos avanços da democratização em muitos estados do Espaço Pós-Soviético, conferi especial atenção à dinâmica da competição política. Vladimir Gelman (2003) argumenta que as teorias clássicas não são suficientes para explicar a transição na região. Embora estenda sua crítica a Dahl, considera o grau de competição um eixo central de análise. Como retomarei na revisão da literatura, o autor defende o uso de uma tipologia que incorpore o regime político (centros monocêntricos não-competitivos de decisão versus centros policêntricos competitivos) e as instituições políticas (informais versus formais). A democratização deve ser entendida, portanto, como uma transição, simultânea ou não, de um sistema monocêntrico de instituições informais para a contestação política e o Estado de Direito, com a predominância de instituições formais (GELMAN 2003, p.95). A herança de instituições informais do período soviético, a baixa capacidade estatal em estabelecer instituições formais na transição e a ausência de clivagens societais no socialismo, que pudessem subsidiar a formação de clivagens intra-elites, são alguns dos fatores que teriam dificultado a democratização em estados pós-socialistas. Outro autor que ressalta a importância da competição política é Lucan Way (2015), também abordado na revisão da literatura. Way sustenta que algumas das ex-repúblicas soviéticas que tiveram melhor desempenho no processo de democratização foram aquelas que, considerando variáveis estruturais como a insuficiência de capacidade estatal e a fragmentação e falta de coesão do sistema partidário, o autoritarismo fracassou em restringir a competição, o que abriu espaço a um "pluralismo por inércia". É interessante observar que nos meus casos a democracia pode ser percebida de forma negativa não por conferir direitos às minorias, mas por a competição política associada a ela ser percebida como um um elemento de facciosismo e instabilidade, bem como um empecilho para a tomada de decisões céleres e eficazes pelo incumbente na provisão de segurança.

Para examinar as variações no processo de democratização dos casos selecionados, com foco no grau de competição política, recorri ao índice de liberdade de associação (FAI – *Freedom of Association Index*) da *Varieties of Democracy*, com uma escala em que "0" representa a ausência total de liberdade e "1" a liberdade plena. Tal índice é formado por um conjunto de seis componentes: banimento de partidos[15], barreiras a partidos[16], autonomia de partidos de oposição[17],

[15] Questão: Are any parties banned? Respostas: Yes. All parties except the state-sponsored party (and closely allied parties) are banned. / Yes. Elections are non-partisan or there are no officially recognized parties. / Yes. Many parties are banned. / Yes. But only a few parties are banned. / No. No parties are officially banned.

[16] Questão: How restrictive are the barriers to forming a party? Respostas: Parties are not allowed. / It is impossible, or virtually impossible, for parties not affiliated with the government to form (legally). / 2: There are significant obstacles (e.g. party leaders face high levels of regular political harassment by authorities). / 3: There are modest barriers (e.g. party leaders face occasional political harassment by authorities). / 4: There are no substantial barriers.

[17] Questão: Are opposition parties independent and autonomous of the ruling regime? Respostas: Opposition parties are not allowed. / There are no autonomous, independent opposition parties. Opposition parties are either selected or co-opted by the ruling regime. / At least some opposition parties are autonomous and independent of the ruling regime. / Most significant opposition parties are autonomous and independent of the ruling regime. / All opposition parties are autonomous and independent of the ruling regime.

eleições multipartidárias[18], entrada e saída de organizações da sociedade civil na vida pública[19] e repressão a organizações da sociedade civil[20]. A *Varieties of Democracy* é uma das principais organizações internacionais de mensuração de democracia, contando com mais de 100 coordenadores de países e 3500 especialistas[21]. Diversos indicadores do conceito de poliarquia, de Robert Dahl, são levados em consideração. Na análise dos casos, também apresento outros dois indicadores que variam de 0 a 1 e incorporam o índice: a democracia eleitoral e a democracia liberal.

Nas mensurações de preferências autoritárias, adotei como critérios o apoio ao "fechamento do parlamento", a um "governo militar" e a "uma ditadura para sair da crise" – todos direta e indiretamente relacionados à restrição da competição política e dos espaços de representação popular. As três estão disponíveis no New Russia Barometer (NRB) e apresentaram algumas variações no New European Democracies (NED), utilizado no caso ucraniano – em particular a questão "é melhor se livrar do parlamento e das eleições e ter um líder forte que possa decidir tudo rapidamente". Perguntas diretas acerca da "democracia" como conceito subjetivo tiveram papel secundário devido à ampla variedade de definições conceituais, interpretações e, como defende Svolik (2019), ao risco de viés de desejabilidade social.

Outra disputa conceitual intensa, não apenas na Ciência Política, mas também em disciplinas como a Antropologia e a Sociologia, é a definição de etnia. Max Weber definiu etnicidade como a crença de atores sociais quanto a uma cultura comum e a laços ancestrais compartilhados. Adotei uma definição genérica, focada em coletividades politicamente salientes – a concepção de "grupos etnopolíticos", proposta pelo projeto *Minorities at Risk* (MAR):

> grupos comunais não-estatais que contam com "significância política" no mundo contemporâneo devido ao seu status e suas ações políticas. A significância política é determinada pelos seguintes critérios: (I) O grupo sofre coletivamente, ou se beneficia, de tratamento discriminatório sistemático vis-a-vis outros grupos na sociedade. (II) O grupo é a base para a mobilização política e ação coletiva em defesa ou promoção dos seus interesses autodefinidos.[22]

Em muitos casos pós-soviéticos, a classificação do MAR coincide com os grupos etnonacionais que se rebelaram após o fim da URSS. Buscarei incorporar também outras clivagens culturais, linguísticas e regionais, sobretudo no caso da Ucrânia, que se sobrepõem a divisões oficiais, conforme sugere David Laitin (1998) ao analisar a formação de uma identidade comum,

[18] Questão: Was this national election multiparty? Respostas: No, Not really, Constrained, Almost e Yes.
[19] Questão: To what extent does the government achieve control over entry and exit by civil society organizations (CSOs) into public life? Respostas: Monopolistic control, Substantial control, Moderate control e Unconstrained.
[20] Questão: Does the government attempt to repress civil society organizations (CSOs)? Respostas: Severely, Substantially, Moderately e No.
[21] Varieties of Democracy. Disponível em: </https://www.v-dem.net/project.html/>. Acesso em: 10.03.2022.
[22] MAR. About MAR. Disponível em: <http://www.mar.umd.edu/about.asp>. MAR, 06.2016. Acesso em: 20.03.2021.

de base linguística, entre diferentes minorias russófonas no Espaço Pós-Soviético. Ainda que a definição faça alusão a "grupos comunais não-estatais", muitas mobilizações étnicas foram impulsionadas por elites políticas étnicas que herdaram estruturas administrativas do sistema etnofederal soviético (vide HUGHES & SASSE, 2001), o que vai ao encontro das teorias institucionalistas, construtivistas e instrumentalistas apresentadas na revisão da literatura. A mobilização político-identitária da etnicidade também foi abordada por Wimmer (2008) ao estabelecer quatro critérios de análise das fronteiras étnicas, sendo eles: a saliência política, o seu nível de fechamento, a diferenciação cultural e a estabilidade histórica do grupo. Embora parte da literatura diferencie grupos étnicos de religiosos (sectários), há diversas situações em que a religião constitui um importante atributo de delimitação étnica, conforme Malashenko (2007, p.57) exemplifica ao citar o islã como diferenciador identitário entre russos e tártaros, mais saliente que as próprias divisões linguísticas. As concepções genéricas do MAR e de Wimmer permitem identificar grupos politicamente mobilizados que, por vezes, não são oficialmente classificados como "étnicos", mas contam com características culturais, linguísticas e religiosas comuns como diferenciador identitário. O destaque à mobilização de grupos identitários também foi notável na literatura sobre conflitos domésticos diversionistas (TIR E JASINSKI, 2008; KLEIN E TOKDEMIR, 2019), que ressalta a dicotomia entre *in-groups*, as maiorias étnicas nacionais, por vezes beneficiadas pela posição hegemônica e de prestígio, e *out-groups*, as minorias étnicas, envolvidas em movimentos secessionistas ou não e, em alguns casos, em posição de estigma. Tal dicotomia foi incorporada à formulação das hipóteses desta tese. Contudo, como veremos na análise do caso da Ucrânia, a distinção entre *in-groups* e *out-groups* nem sempre é clara.

Alguns estados buscaram criar categorias étnicas oficiais que, embora não tivessem saliência social e política, com o tempo adquiriram contornos sólidos. Brubaker (1996) e Bunce (1999) mostraram como a institucionalização da multietnicidade influenciou a politização de identidades etnonacionais e a desintegração da URSS, enquanto Hughes e Sasse (2001) analisaram o seu impacto no processo de *state-building* do Espaço Pós-Soviético. A institucionalização do nacionalismo étnico (etnonacionalismo) pelos bolcheviques – ou seja, a concepção de que cada grupo étnico corresponde a uma nacionalidade – reforçada com a adoção do etnofederalismo, no qual divisões administrativas foram estabelecidas com base em critérios étnicos, dificultou a migração para uma concepção cívica de nação após a desintegração da URSS (vide AKTURK, 2010).

No que concerne à questão separatista ou secessionista, é imprescindível esclarecermos mais uma vez o conceito de "stateness". Segundo Linz e Stepan (1996), a concepção de *stateness* conta com dois atributos: preconiza que o Estado exerça o monopólio do uso da força em seu

território, em conformidade com a definição weberiana, e que não haja desentendimentos sobre quem tem direito à cidadania no território. Nas situações em que o Estado não exerce o monopólio do uso da força e não está definido quem tem direito à cidadania, há um "problema de *stateness*". Uma vez que a principal manifestação do problema no Espaço Pós-Soviético corresponde aos conflitos separatistas, abordei ambos como sinônimos. Vale mencionar que o conflito separatista constitui uma das formas de conflito étnico e, frequentemente, fundamenta-se em questões (etno)regionais, (etno)linguísticas ou (etno)religiosas. Está diretamente relacionado ao princípio de "autodeterminação dos povos" no Direito Internacional, por meio do qual grupos etnopolíticos e nacionais são contemplados com o direito de constituir estados-nações soberanos. Nem todo conflito (etno)secessionista se caracteriza por violência interétnica: em diversas regiões do Espaço Pós-Soviético os confrontos se limitaram a grupos rebeldes (das minorias) e atores estatais. Alguns conflitos separatistas são também "irredentistas", ou seja, grupos etnopolíticos que são minoria em um estado e almejam se unificar a um estado vizinho, onde geralmente constituem maiorias.

Finalmente, o último conceito a ser elucidado é a "democracia militante". O termo foi cunhado por Karl Loewenstein (1937) para denotar a necessidade de se restringir direitos e liberdades a fim de proteger as democracias contra o avanço do fascismo. Ou seja, alude à restrição da democracia com a finalidade de esguardar a própria democracia e o Estado. Como apresentarei ao longo da tese, argumentos relacionados à democracia militante são por vezes mobilizados por elites políticas para embasar medidas restritivas e opressivas destinadas a contornar o problema de *stateness*.

VI. Escolha dos casos

A presente tese contará com o estudo de dois casos de ex-repúblicas soviéticas: a Rússia e a Ucrânia. A escolha dos estados que passaram por secessionismo e conflitos deve-se ao fato de esses fenômenos tornarem o processo de democratização particularmente problemático (MERKEL E WEIFFEN, 2012).

O processo de seleção dos casos se assemelha ao do *Most Similar Systems Design* (GERRING, 2008), uma vez que os países abordados compartilham de importantes características históricas e estruturais no momento da transição: além do secessionismo e de divisões etnonacionalistas, tiveram em comum a herança de uma economia centralizada, um sistema político autoritário de partido único, constituíam as três maiores economias da URSS e se depararam com o complexo desafio da transição tripla. Ao mesmo tempo, apresentaram uma variação fundamental: a presença de conflitos separatistas no período de transição. Enquanto a

Rússia passou por conflitos separatistas nos anos 1990 e início dos anos 2000, a Ucrânia presenciou apenas movimentos autonomistas e secessionistas não violentos de curta duração. Logo, em um primeiro momento, utilizo o caso ucraniano como contrafactual ao caso russo: examino a variação na percepção de minorias como ameaça e nas preferências políticas em um cenário com diversos fatores transicionais análogos aos da Rússia, em um período semelhante, mas com maior grau de estabilidade nas relações interétnicas e do governo central com as unidades subnacionais. Em um segundo momento, a partir do conflito no Donbass iniciado em 2014, a Ucrânia é abordada como um caso alternativo de conflito, com outras *scope conditions* (o momento distante da transição, a indefinição de *in-groups* e *out-groups*, o caráter periférico da beligerância e a falta de sucesso dos incumbentes na resolução do conflito) e uma variável fundamental que pode ter impacto direto nas percepções de ameaça, preferências autoritárias e estratégias de elites: o alto grau de envolvimento de atores externos no conflito.

Hughes e Sasse (2001) destacam que o legado institucional do período soviético pode não apenas explicar os padrões de desmantelamento do sistema comunista, como também os padrões que condicionaram o processo de democratização e *state-building* ao longo da transição. Certamente, os países selecionados apresentam profundas diferenças entre si, como variáveis demográficas associadas à religião e divisões linguísticas, o histórico de formação estatal e nacional, discussões sobre processos de descolonização, clivagens de elites, dimensão territorial, dentre outros fatores. Entretanto, acredito que a herança institucional soviética, a concepção do etnonacionalismo, os dilemas da transição tripla e a concentração territorial de minorias próxima a limites fronteiriços sejam um importante ponto de convergência para uma análise conjunta dos casos. A fim de evitarmos extrapolações nas comparações, apresentarei informações sobre a composição demográfica, a questão etnonacional e o processo de transição em cada caso.

O caso da Rússia será o eixo de referência da tese. O país se deparou com conflitos e movimentos secessionistas ao longo da transição, o que pode ter impactado percepções da população acerca das novas instituições e contribuído para a consolidação de preferências autoritárias. No início dos anos 1990, as forças "centrífugas" que levaram à desintegração da União Soviética também alcançaram algumas unidades subnacionais da Federação Russa que concentravam minorias étnicas, sobretudo as repúblicas. Em 1994, o governo federal iniciou uma intervenção armada na Chechênia para combater o secessionismo das elites locais. Em 1996, após quase dois anos de conflito, Moscou assinou um acordo de paz com os separatistas. Em 1999, com a invasão de fundamentalistas chechenos à República do Daguestão, região do Cáucaso Norte vizinha à Chechênia, o conflito é iniciado novamente. Em 2000, Moscou recuperou o controle sobre o território checheno, mas combates de insurgência se mantiveram nos anos seguintes.

Ademais, atentados terroristas foram promovidos por separatistas e fundamentalistas inclusive nos anos 2010. Buscarei verificar como o conflito secessionista pode ter impactado as percepções de minorias como ameaça à sociedade, as preferências de regime e o discurso e estratégias das elites.

No caso da Ucrânia, além da análise contrafactual do período de transição, examinarei se o conflito no Donbass a partir de 2014 teve impacto semelhante à guerra da Chechênia nas percepções de minorias como ameaça e nas preferências autoritárias da população. Vale ressaltar que as conclusões desta comparação devem ser examinadas com ressalvas, já que alguns pressupostos do *Most Similar Systems Design* são violados. Embora contasse com minorias concentradas territorialmente, com um grau considerável de mobilização política, e passasse por uma mudança de regime, a Ucrânia de 2014 não mais se deparava com os dilemas da transição tripla e com a mesma herança institucional soviética. Na análise dos casos abordarei as principais diferenças que possam restringir o alcance das conclusões. Vale mencionar que a anexação da Crimeia pela Rússia, por ter se concretizado sem um conflito armado, não foi contemplada neste trabalho.

Outro fator que motivou a escolha dos casos da Rússia e da Ucrânia, a despeito das diferenças apontadas no período de conflito, foi a disponibilidade de dados antes, durante e após o início dos confrontos. Ambos os países foram cobertos, respectivamente, pelo NRB e NED nos anos 1990 e em parte dos anos 2000. Ademais, contaram com a condução de diversos *surveys* de interesse à esta pesquisa em um amplo espectro temporal, conduzidos por institutos renomados como o Levada-Center e o Instituto de Sociologia da Academia Nacional de Ciências da Ucrânia. No que concerne à análise do discurso e das estratégias das elites, tanto no caso russo quanto no ucraniano o incumbente proclamou discursos ao parlamento (geralmente com intervalos anuais) sobre a situação política e econômica nacional desde os anos 1990, com ampla cobertura midiática. Tal prática é comum em várias ex-repúblicas soviéticas. Para o caso russo, há disponibilidade de material *on-line* acerca das discussões legislativas referentes a projetos de lei relevantes para esta pesquisa, enquanto para o caso ucraniano há um amplo conteúdo midiático on-line acerca de discussões identitárias (regionais, linguísticas, religiosas e étnicas) no país.

Abaixo apresento um quadro comparativo entre os casos, destacando as principais variáveis de interesse.

Tabela VI.1 Quadro comparativo dos casos selecionados

Parâmetros	Rússia	Ucrânia I (Transição)	Ucrânia II (Crise de 2014)
Caso	*Base*	*Contrafactual*	*Alternativo*
Herança institucional soviética	Sim	Sim	-

Concepção soviética de etnonacionalismo na transição	Sim	Sim	-
Peso econômico na URSS	Alto	Alto	-
Desafios da transição tripla	Sim	Sim	-
Minorias concentradas territorialmente próximo a fronteiras	Sim	Sim	Sim
Mobilização política de minorias na transição	Sim	Sim	-
Risco de irredentismo das minorias com Estado vizinho ou localização em fronteiras	Sim (fronteiras)	Sim (fronteiras e irredentismo)	Sim (fronteiras e irredentismo)
PIB per capita em 1992	USD 3.098	USD 1.378	-
Conflitos iniciados na transição	**Sim**	**Não**	**Não**
Conflitos iniciados anos após a transição	**Não**	**-**	**Sim**
Envolvimento de potências externas no conflito	**Não diretamente**	**-**	**Sim**
Diferenças substanciais entre os países e conflitos			
Distância cultural e/ ou religiosa entre grupos	Alta	Baixa	Baixa
Distinção nítida entre *in-groups* (maiorias) e *out-groups* (minorias)	Sim	Não	Não
Conflito além da periferia do Estado	Sim	-	Não (mas com risco de invasão total)
Sucesso do incumbente na resolução do conflito	Sim	-	Não
Dados de pesquisa			
Disponibilidade de *surveys* para períodos de interesse	Sim (NRB)	Sim (NED)	Sim (outros)
Disponibilidade de discursos para períodos de interesse	Sim	Sim	Sim

As conclusões desta tese permitirão conduzir futuros estudos *follow-up* e comparações com outros casos de ex-repúblicas soviéticas que, dadas as limitações de tempo, recursos e dados, não puderam ser contempladas, como o Azerbaijão (região separatista de Nagorno-Karabakh), Geórgia (Abecásia e Ossétia do Sul) e Moldávia (Transnístria). A análise também pode ser útil a estudos de outros casos de países que tiveram que conduzir processos de democratização e

simultaneamente lidar com crises separatistas e problemas de *stateness*, principalmente no Sul Global.

VII. Metodologia

Na presente seção apresentarei os principais métodos utilizados para testar as hipóteses de pesquisa. Conduzi dois estudos de caso de ex-repúblicas soviéticas que se depararam com os desafios da transição tripla, a Rússia e a Ucrânia. A análise dos casos foi tanto "in-depth", com estudos individuais de cada caso, quanto comparativa, ressaltando os contrastes entre ambos.

Segundo Collier (1993), a decisão de analisar um pequeno número de casos é influenciada pelo tipo de fenômeno político estudado e como eles são conceitualizados – geralmente há poucos exemplos do fenômeno em consideração que contenham os atributos de interesse do pesquisador. De fato, são poucos os casos de países que passaram por uma transição “tripla” e experienciaram movimentos secessionistas em meio a transições institucionais – contexto em que a percepção de diferentes *trade-offs* da democracia pode ser exponenciada. À parte da explanação geral sobre os métodos a seguir, cada capítulo contará com uma seção sobre "estratégia empírica", que abordará especificidades dos casos e as adaptações necessárias.

Na seção anterior, discorri acerca dos critérios de seleção dos casos. É imprescindível reafirmar que o caso da Rússia permitirá testar o efeito de conflitos em períodos de transição, quando a população passa por um período de socialização com as novas instituições, ao passo que o caso da Ucrânia terá uma função dupla. Em um primeiro momento, servirá de comparação contrafactual ao caso russo, por o país não ter presenciado conflitos separatistas durante a fase de transição e abertura política. Em um segundo momento, no período que se inicia em 2014, servirá de caso alternativo de conflito (a guerra do Donbass) em um contexto muito posterior à transição e com características distintas, sobretudo o grau de envolvimento externo. Os contrastes entre os casos podem revelar importantes detalhes acerca dos mecanismos por meio dos quais conflitos influenciam nas preferências por regimes e nas estratégias de elites.

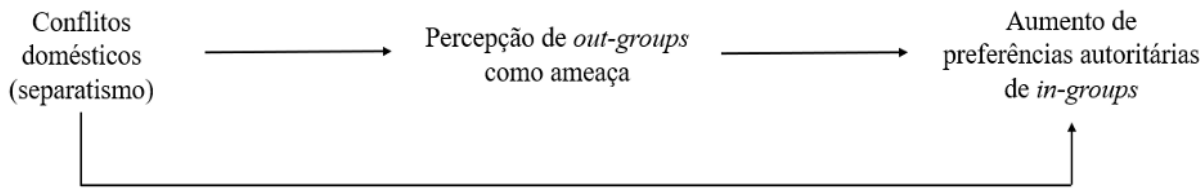
Antes de procedermos ao teste das hipóteses, será apresentada uma revisão bibliográfica acerca da questão etnonacional (a relação entre *in-groups* e *out-groups*) em cada caso, das origens do conflito e de seu impacto geral no sistema político. Tal estratégia permite revelar as principais diferenças e semelhanças entre os casos, de maneira que seja possível estimar os limites das comparações e conclusões alcançadas ao longo da pesquisa.

A análise dos casos contará com uma metodologia multimétodos, tendo uma parte quantitativa e outra qualitativa. A parte quantitativa buscará responder a primeira pergunta da

pesquisa, em específico "Como conflitos separatistas impactam preferências individuais por regimes autoritários". Será voltada ao teste das hipóteses 1, 2, 3 e 4, ou seja, ao estudo do impacto do conflito etnosseparatista na percepção de *out-groups* (minorias) como ameaça, no nível individual, e nas preferências autoritárias, recorrendo, sobretudo, a dois surveys: o New Russia Barometer (NRB) e o New European Democracies (NED), que cobriu diversos países socialistas. Ambos foram conduzidos nos anos 1990, o período de transição do socialismo para a economia de mercado, e em parte dos anos 2000. Suas amostras foram representativas das populações nacionais, incorporando variáveis como gênero, idade, renda, região, grupo étnico, além de dezenas de questões sobre temas como política, economia e sociedade. Os bancos de dados coletados constituem certamente a melhor fonte de informação sobre o período de interesse no ex-bloco socialista.

Pesquisas de opinião pública, com dados de antes, durante e após o conflito, no nível individual, são um importante recurso para analisarmos possíveis impactos do conflito nas percepções de ameaça e preferências políticas da população. A fim de operacionalizar o conceito "percepção de ameaça", utilizei as questões que dizem respeito ao medo de minorias na sociedade. Contudo, como teste placebo, também verifiquei respostas associadas a ameaças geopolíticas externas. Já o conceito de "preferências autoritárias" terá como base questões vinculadas a preferências por ordenamentos institucionais específicos, como o apoio ao fechamento do parlamento, a um governo militar, a uma ditadura, a um líder forte e à volta do comunismo. Por exceção da última, as variáveis foram agregadas na variável "preferências autoritárias". Na linha de Svolik (2019), acredito que perguntas diretas e subjetivas em relação à democracia podem levar a respostas socialmente desejáveis ou politicamente corretas. Já perguntas indiretas, como as variáveis mencionadas, podem auxiliar na obtenção de informações quanto às "preferências reveladas". O quadro abaixo sintetiza o mecanismo, proposto nas hipóteses 1, 2 e 3, a ser testado com os métodos quantitativos:

Figura VII.1 Mecanismo causal no nível individual



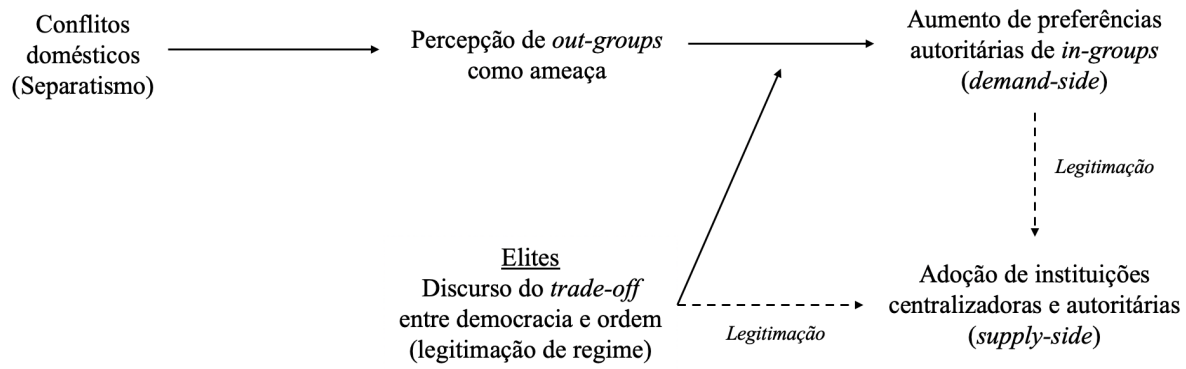
Buscarei testar cada segmento do mecanismo com estudos observacionais, em específico a relação entre conflitos domésticos e percepção de *out-groups* (minorias) como ameaça, a relação entre percepção de ameaça e preferências autoritárias agregadas e a relação direta entre conflitos

e preferências agregadas. Para examinarmos tais relações, serão conduzidas regressões logísticas e OLS, com controles como gênero, renda, idade e região, utilizando o aplicativo estatístico *R Studio*. Em complemento ao NRB e NED, recorri a *surveys* nacionais que possam trazer mais informações e detalhes acerca dos componentes do mecanismo e informações circunstanciais. Também examinei preferências das elites, disponibilizadas no *Survey on Russian Elites*, realizado desde os anos 1990 até meados de 2010. Cabe mencionar que o conflito foi mensurado tanto com base nos períodos de ocorrência quanto com base no número de óbitos civis, dado o seu maior potencial em gerar comoção midiática e social. Para o conflito na Ucrânia a partir de 2014, não foi possível contar com os mesmos dados desagregados do NRB e NED, logo, tive que recorrer a estatísticas analíticas.

Por sua vez, a parte qualitativa buscará responder à segunda pergunta da pesquisa – "como conflitos separatistas afetam estratégias de elite e são instrumentalizados discursivamente para legitimar instituições e regimes autoritários?". Será voltada à análise do discurso e das estratégias das elites, associadas às hipóteses 4 e 5. Examinarei discursos presidenciais antes, durante e após os conflitos no intuito de identificar se os mesmos foram instrumentalizados para acirrar percepções de ameaça, mobilizar supostos *trade-offs* da democracia e legitimar regimes e mudanças institucionais autoritárias. Em diversas ex-repúblicas soviéticas os incumbentes realizam anualmente um discurso ao parlamento sobre o estado da nação, prática comum desde meados dos anos 1990 e que conta com considerável cobertura e repercussão midiática. Esta será a principal fonte de dados qualitativos. Utilizarei o aplicativo NVIVO para codificar cada parágrafo que contém termos relevantes. Detalhes sobre os critérios de análise do discurso serão apresentados em cada capítulo, como a codificação de termos relacionados a ameaças internas e externas, conflitos, integridade territorial, à diversidade etnonacional, democracia, ordem e *stateness*. Em um primeiro momento exibirei dados acerca da variação de elementos do discurso do *trade-off* ao longo do tempo. Posteriormente, examinarei o conteúdo de cada discurso, ressaltando os principais trechos associados aos termos de interesse. Sustento que a análise do discurso oferece pistas sobre a instrumentalização ideológica do conflito como um recurso não-material de coesão diretamente vinculado a estratégias institucionais das elites, capaz de exercer impacto na opinião pública – uma tentativa de difundir a concepção de "pacto por proteção" e de "barganhas autoritárias" na sociedade.

No quadro abaixo, mostro como o segmento quantitativo, fator "demand-side" de instituições autoritárias, está relacionado ao discurso das elites e às suas estratégias antiliberais, fator "supply-side".

Figura VII.2 Mecanismo causal completo



A fim de estimarmos a reverberação do discurso oficial na sociedade, verifiquei a discussão de propostas legislativas que direta ou indiretamente contribuíram para a adoção de instituições autoritárias, além de periódicos midiáticos relevantes que possam ter contribuído para uma abordagem de minorias como ameaça e sugerido mudanças institucionais.

Uma vez que o caso ucraniano contou com uma dimensão externa, ou seja, a percepção de que o separatismo no Donbass está diretamente relacionado à intervenção da Rússia, sua comparação com o caso russo permitirá testar a H6. Buscarei verificar se o fato de o conflito ter um alto grau de envolvimento de atores externos resultou em efeitos distintos do caso russo para as percepções de ameaça, preferências autoritárias e discursos de elite.

Em síntese, cada estudo de caso contará com as seguintes subdivisões:

- Histórico da questão étnica no país e apresentação de dados demográficos;
- Mobilização política das minorias após o fim da URSS e os projetos de *nation-building* promovidos pelo governo central para acomodá-las ou reprimi-las;
- Causas e impactos dos conflitos domésticos no sistema político;
- Análise de pesquisas de opinião pública acerca das percepções de ameaças internas e externas;
- Análise de pesquisas de opinião pública acerca das preferências por regimes autoritários;
- Análise de discursos anuais dos incumbentes ao parlamento.
- Quando necessário, análise de discussões legislativas e de artigos midiáticos relacionados à questão étnica, ao conflito e/ou ao potencial de conflito.
- Análise comparada das percepções de ameaça, preferências autoritárias e discursos das elites entre a Rússia e a Ucrânia.

Na conclusão da tese, será apresentada uma comparação final entre os casos, ressaltando suas semelhanças e diferenças, além das principais constatações alcançadas com os testes empíricos.

VIII. Posicionalidade do autor

Na conclusão da introdução à presente tese, faz-se necessário apresentar algumas considerações acerca da posicionalidade do autor frente ao tema e objeto de pesquisa. Embora esse elemento seja mais presente em estudos etnográficos e interpretativistas, refletindo a preocupação acerca da posição do pesquisador em meio a relações desiguais de poder e à impossibilidade de neutralidade ("invisibilidade") (Pachirat, 2009), acredito que tal consideração possa ser estendida a todos os campos das ciências humanas. A própria motivação e interesse na escolha do tema podem denotar um posicionamento e viés por parte do pesquisador.

Meu interesse por estudos sobre Rússia e o Espaço Pós-Soviético surgiu ainda durante minha adolescência, como entusiasta do período da Guerra Fria. Por sua vez, meu interesse pela relação entre identidade, território e relações de poder se desenvolveu ao longo da minha graduação em Relações Internacionais, particularmente durante a condução de uma pesquisa de Iniciação Científica na fronteira Brasil-Paraguai, a qual, posteriormente, estendeu-se a outros trabalhos na fronteira Brasil-Bolívia.

Após a graduação, decidi prosseguir com os estudos pós-soviéticos e me candidatei a vagas de mestrado na Rússia. Inicialmente fiz um curso de língua russa na Universidade Estatal de Belgorod, próxima à fronteira russo-ucraniana. O contato com cidadãos de ambos os países me permitiu ter uma perspectiva peculiar acerca da questão étnica, linguística e religiosa nos dois casos. De 2013 a 2015, cursei o mestrado em Ciência Política na Escola Superior de Economia, em Moscou, tendo a oportunidade de presenciar a reação da sociedade russa à crise política que a Ucrânia veio a enfrentar a partir de 2013-2014.

Os chamados "conflitos congelados", em diversos países da região, acirraram a minha curiosidade sobre questões identitárias e políticas como soberania, autodeterminação dos povos, descolonização e o impacto de conflitos na aprovação de incumbentes (o efeito "rally round the flag") e em regimes políticos. Ademais, interessei-me pela dicotomia abstrata entre nacionalismo cívico e étnico. A concepção de nacionalismo étnico, presente em grande parte do Espaço Pós-Soviético, como herança do período socialista, é um dos principais fatores socioculturais que, para mim, diferenciam os países da região em relação ao meu país.

Em 2018, iniciei o doutorado no Departamento de Ciência Política da USP e pude me dedicar totalmente à análise deste tema. Ao longo da pesquisa, tive algumas experiências que expandiram os horizontes em relação às minhas áreas de interesse, como um curso de verão e uma conferência de estudos de área (seção Ásia Central) na Universidade Tsinghua, em Pequim, e um programa de estudante visitante no *Centre for European, Russian, and Eurasian Studies* (CERES), da Universidade de Toronto. À parte de ter conhecido professores e estudantes de áreas afins, inclusive da Rússia e da Ucrânia, tive a oportunidade de viver por quase sete meses em uma das cidades mais multiétnicas do mundo, em um país onde o debate sobre a questão indígena, colonial e mesmo separatista (no caso de Quebec) é vultuoso.

No doutorado também me dediquei ao estudo da língua e cultura ucraniana, visando facilitar o manuseio de fontes primárias de informação, como discursos políticos e artigos midiáticos. Sem o conhecimento do russo e do ucraniano, o desenvolvimento da presente pesquisa certamente teria sido limitado. De particular dificuldade foi o esforço para que a análise sobre a Ucrânia não fosse enviesada pela minha experiência na Rússia, haja vista o maior contato com acadêmicos e cidadãos deste país. Busquei interagir com ucranianos e acompanhar com maior assiduidade canais midiáticos locais a fim de diminuir esse déficit.

Por fim, em complemento às experiências pessoais expostas acima, vale sintetizar outros aspectos posicionais que podem ter impactado a pesquisa: sou de um país que, embora parte do Sul Global, com uma forte herança colonial, é permeado por valores políticos e culturais ocidentais e vive sob um regime democrático liberal há mais de 30 anos, malgrado problemas socioeconômicos colossais, investidas populistas e violações de direitos humanos por parte de agentes estatais; sou descendente de imigrantes de diferentes países, como parte significativa da população brasileira, logo a concepção étnica de nação é para mim um fenômeno distante; e sou de uma região relativamente pacífica em termos geopolíticos, logo conflitos também são parte de uma realidade remota. Não obstante esses elementos, é notável que o debate acerca da relação entre identidade, política, discriminação etnorracial, descolonização e relações de poder ganha cada vez mais repercussão em meu país. Apesar de a discussão acadêmica ter contornos distintos aos do Espaço Pós-Soviético, ela certamente exerce um grau de influência na minha posição como pesquisador.

Capítulo 1. Revisão da literatura

No presente capítulo, a fim de contextualizar o problema de pesquisa e os objetivos propostos na tese, apresentarei uma revisão da literatura sobre cinco tópicos fundamentais: a relação entre conflitos domésticos, percepções de ameaça social e atitudes políticas; democratização em sociedades divididas; democratização em estados pós-socialistas; e identidades, conflitos étnicos e políticas étnicas. Na seção final, discorrerei acerca do histórico da questão étnica no Espaço Pós-Soviético, refletindo sobre importantes fatores que influenciaram nas relações entre *in-groups* e *out-groups* na região.

1.1 Conflitos domésticos, percepções de ameaça social e atitudes políticas

A relação entre conflitos, identidades e atitudes políticas é uma das questões mais intrigantes da Ciência Política desde os seus primórdios, tanto no âmbito teórico quanto empírico, e tem relação direta com os mecanismos propostos nas hipóteses H1, H2, H3 e H4.

Thomas Hobbes (2000 [1651]) já preconizava que a própria origem e legitimidade do Estado tinham como alicerce a necessidade de superar conflitos e garantir ordem e estabilidade às relações humanas – tal processo implicaria em sacrificar parte das liberdades individuais do Estado de natureza em benefício de um Estado civil que concentrasse poder e fosse capaz de limitar o ímpeto instintivo dos indivíduos à violência.

Após a Segunda Guerra e o avanço do processo de descolonização, os novos estados independentes se viram pressionados por dois grandes desafios: garantir a ordem e o monopólio do uso legítimo da violência em seus territórios – atributos de "*stateness*" – e formar instituições inclusivas e democráticas. Contudo, a lógica por trás desses desafios parece estar associada a uma complexa rede de *trade-offs*. Estudos empíricos apontaram o *stateness* como uma condição necessária, embora não suficiente, para alcançar diferentes atributos da democracia (MØLLER E SKAANING, 2011). Diversos estados, principalmente autoritários, recorrem a políticas repressivas e de homogeneização sob o pretexto de garantir a estabilidade das relações interétnicas e a "união" da nação. Ao mesmo tempo, períodos de democratização em sistemas políticos fracamente institucionalizados podem levar à politização da etnicidade por determinados grupos – sobretudo elites ameaçadas – e resultar em conflitos violentos (SNYDER, 2000).

Outra parte da literatura examinou a relação entre conflitos e atitudes políticas no nível individual. Observou-se que confrontos externos diversionistas podem contribuir para alavancar a popularidade do incumbente, sobretudo em períodos de crise econômica e eleições. O chamado efeito "r*ally 'round the flag*", o qual preconiza uma união da nação frente a um inimigo ou

adversário externo (MUELLER, 1973), foi observado em vários momentos de conflito externo nos EUA. O poder de coesão, contudo, não se limita a conflitos geopolíticos: desde os anos 1990 alguns autores buscaram analisar o impacto de conflitos domésticos na sustentação de regimes, particularmente a mobilização de maiorias contra minorias étnicas. O caso emblemático foi a desintegração da Iugoslávia, na qual as elites políticas sérvias, ameaçadas pela transição e por problemas econômicos, recorreram ao discurso da polarização étnica para se manter no poder (GAGNON, 1994).

Evidências recentes mostram que lideranças populistas aproveitam-se de conflitos baseados em uma polarização contra minorias internas para obter dividendos eleitorais semelhantes aos do "*rally 'round the flag*" – a deterioração nas negociações de paz do governo turco com separatistas curdos (MACHAIN E ROSENBERG, 2016) e mesmo a retórica de Donald Trump contra movimentos raciais são percebidas como estratégias diversionistas voltadas à polarização entre *in-groups* e *out-groups* (KLEIN, MACHAIN E TOKDEMIR, 2020). Em síntese, polarização e conflitos de baixa escala podem trazer incentivos e ganhos políticos a determinados atores – não raramente são incorporados ao leque de estratégias disponíveis à sustentação de incumbentes no poder.

No presente trabalho, argumento que conflitos domésticos afetam não apenas o apoio ao incumbente, mas também as preferências de regime condicionadas à percepção de minorias como ameaça. A relação entre medo e atitudes autoritárias há décadas vem sendo examinada no campo da psicologia política (ex. FROMM, 1941; WILSON, 1973). Diversos estudos mostraram uma associação entre percepção de ameaças e atitudes autoritárias (FELDMAN E STENNER, 1997; ONRAET ET AL., 2013). Há evidências de que a relação seja condicionada pela visão de mundo – ameaças e alterações na realidade aumentam a percepção de mundo como perigoso, o que, por sua vez, estimula atitudes autoritárias (DUCKITT E FISHER, 2003). Quando percebem ameaça, indivíduos tendem a apoiar um líder "forte", unindo-se contra *outsiders* tidos como "perigosos", o chamado “reflexo autoritário”: o “autoritarismo é, por definição, a rejeição de *out-groups* que são percebidos como ameaças aos *in-groups*” (NORRIS E INGLEHART, 2019, p. 176).

Cabe ressaltar que não são as ameaças “pessoais” – ou seja, percepções de risco direto ao indivíduo – que são mais correlacionadas a atitudes autoritárias, mas sim as “sociais” (“societais” ou “sociotrópicas”) – percepções de risco ao grupo com o qual o indivíduo se identifica como membro (DUCKITT E FISHER, 2003; DAVIS E SILVER, 2004).

A análise das atitudes políticas é indissociável do contexto social. Quando se deparam com uma ameaça sociotrópica, indivíduos tendem a elevar preferências por ordem e segurança em detrimento de preferências por liberdades civis – esse *trade-off* é ainda mais forte para aqueles que

mais confiam no governo (DAVIS E SILVER, 2004). Contextos conflituosos estimulam o aumento dos preconceitos e da percepção de minorias como ameaça social, o que por sua vez acirra o apoio a partidos de extrema direita que se colocam contra essas minorias (DUCKITT & SIBLEY, 2010). A ocorrência de atentados terroristas ou a ameaça de ataques em períodos pré-eleitorais pode estimular a votação nesses partidos linha-dura (BERREBI E KLOR, 2008; GETMANSKY E ZEITZOFF, 2014).

O ordenamento de preferências é frequentemente associado à tradicional – embora muito contestada – hierarquia de necessidades de Maslow (1954), em que valores materialistas, como a busca por segurança, são primordiais. Apenas com a satisfação de necessidades materiais é que indivíduos passariam a apresentar valores pós-materialistas. Tal centralidade da busca por segurança também remete à teoria hobbesiana e ao papel instrumental do Estado na inibição de conflitos e garantia da ordem. A difusão de valores pós-materialistas em sociedades industriais esteve associada ao aumento da prosperidade e segurança (ABRAMSON E INGLEHART, 1995). Por sua vez, períodos de crises econômicas podem estimular retrações nesses valores.

Parte dos argumentos da presente tese diz respeito à mobilização de narrativas de legitimação autoritária por autocratas, questão diretamente relacionada à literatura de propaganda autoritária. Alguns autores destacam o papel dos ganhos econômicos para a legitimação de tais líderes: nas "barganhas autoritárias" haveria um consentimento tácito com o regime na medida em que ele garante retornos econômicos (DESAI ET AL., 2009; MEIJER, 2017). Guriev e Treisman (2019) sustentam que autocratas, por meio de instrumentos de propaganda, buscam difundir a imagem de que são líderes eficientes, sobretudo na economia, o que reduz a necessidade de recorrer a mecanismos de repressão. Gelman (2021) mostra como essa estratégia, característica da chamada "autocracia infomacional", foi aplicada ao caso russo. No meu argumento, estendo os conceitos de "barganhas autoritárias" e "autocracia informacional" à instrumentalização de conflitos para legitimar regimes, examinando como autocratas buscam apresentar o autoritarismo como mais eficiente que a democracia para a resolução de conflitos. Slater (2010) já havia analisado como autocratas mobilizam conflitos e ameaças para estimular uma coesão entre elites – os "pactos por proteção". Tais pactos, por alcançarem amplos grupos sociais, como as classes médias urbanas, seriam mais abrangentes do que as estratégias de sustentação baseadas em distribuição de recursos, os "pactos por provisão". Levitsky e Way (2012) também discorreram acerca de como vitórias em conflitos violentos que levaram determinado partido ao poder favorecem uma coesão entre elites e uma legitimidade social de longo prazo.

Embora ameaças sociais estejam relacionadas a atitudes autoritárias, ainda é necessário esclarecer quais tipos de ameaça têm uma maior potencial de estimular as atitudes (NORRIS E

INGLEHART, 2019, p. 445), qual a duração de seu efeito (DAVIS E SILVER, 2004, p. 44) e superar riscos de endogeneidade, compreendendo em que medida indivíduos se tornam autoritários por perceberem ameaças ou percebem ameaças por serem autoritários. O presente trabalho visa contribuir à resolução dessas questões focando não as atitudes autoritárias em geral, mas em específico a relação entre ameaças e preferências por regimes autoritários, algo pouco explorado na literatura[23]. Como mostrarei ao longo deste trabalho, a relação entre conflitos e preferências autoritárias é mais notável quando há uma beligerância entre o Estado e atores internos (minorias, os *out-groups*), particularmente em situações de separatismo. O impacto do conflito nas preferências autoritárias não tem uma duração de longo prazo, mas mesmo assim, pode contribuir para a identidade, coesão e legitimidade do regime, sobretudo quando o incumbente recebe os louros pela vitória no conflito.

1.2 Democratização em sociedades divididas

O presente tópico está associado às hipóteses 4 e 5, sobretudo na discussão acerca de supostos *trade-offs* ou dificuldades de democratização em sociedades com profundas divisões étnicas.

A relação entre diversidade étnica e democracia é um problema debatido na Ciência Política desde seus primórdios, adquirindo ainda mais saliência com os conflitos étnicos[24] desencadeados ao longo da terceira onda de democratização. Parte da literatura, sobretudo no campo filosófico, aponta para a incompatibilidade entre ambos, alegando que a heterogeneidade tende a limitar ou até mesmo minar o processo de democratização. No entanto, como veremos mais adiante, algumas pesquisas empíricas contestam esta relação negativa, apontando para uma relação neutra ou mesmo positiva.

O exemplo clássico de visão negativa é o de John Stuart Mill (1977, [1861], p. 547), quando alega que

> instituições livres são praticamente impossíveis em um país composto por diferentes nacionalidades. Entre pessoas que não comungam de uma identidade comum, especialmente se leem e falam diferentes línguas, a opinião pública unida, necessária ao bom funcionamento de um governo representativo, não pode existir. (tradução nossa).

De maneira análoga, Robert Dahl (1971, p. 108) afirma que "o pluralismo subcultural [a diversidade] frequentemente coloca uma pressão perigosa sobre a tolerância, e a segurança mútua exigida para um sistema de contestação pública dificilmente parece aberta à dúvida". Conclui que

[23] Um dos trabalhos que abordaram especificamente preferências de regime foi o de Russo, Roccato e Mosso (2019).
[24] Por "conflitos étnicos" entendem-se os conflitos desencadeados com base em identidades de grupos, como raça, língua, etnia, religião ou tribo (HOROWITZ, 1985).

"a poliarquia é mais frequentemente encontrada em países homogêneos do que em países com um alto nível de pluralismo subcultural". (tradução nossa).

Como abordarei nas próximas seções, Linz e Stepan (1996) denominam esse dilema de "problema de *stateness*" (*stateness question*) e, opondo-se à ideia de Estado multinacional, enfatizam que a democratização e o Estado-nação formam uma lógica complementar – os estados pós-socialistas que mais obtiveram sucesso no processo de democratização foram exatamente os que não possuem clivagens étnicas significativas, enquanto alguns dos estados multinacionais foram capturados por determinados grupos étnicos que buscaram promover políticas excludentes "nacionalizantes", reforçando as rivalidades identitárias e o potencial para conflitos. Outros autores clássicos da teoria da democratização, como David Easton (1965) e Claus Offe (1998), também apontaram para dificuldades na relação entre entre diversidade e democracia.

Steven Fish e Robin Brooks (2004, p.154) afirmam que entre os principais argumentos acerca das dificuldades da democratização em sociedades divididas levantados na Ciência Política o fato de diferenças étnicas tornarem o consenso e compromisso mais difíceis, acirrarem os riscos de violência intercomunal, criarem incentivos para que sistemas partidários incorporem clivagens identitárias, desmobilizando esforços por direitos civis e interesses de classes, além de, em caso de conflitos, elevarem os riscos de que barganhas entre elites venham a comprometer a democratização.

Estudos de grande N buscaram analisar a existência de correlação entre diversidade e nível de democracia. Um dos grandes desafios foi determinar como operacionalizar o conceito de "diversidade étnica". Dentre os trabalhos de maior destaque, estão os de Alberto Alesina et al. (2003), que produziram índice de fracionalização étnica, desagregados em fracionalização linguística e religiosa; de James Fearon et al. (2003), com índice de fracionalização desagregado em diversidade cultural; e de José Montalvo e Marta Reynal-Querol (2004), que buscaram identificar a polarização entre grupos por diferenças demográfica.

Fish e Robin Brooks (2004), utilizando o índice de fracionalização étnica de Alesina et al. e o nível de democracia da *Freedom House*, chegaram à conclusão de que não há uma correlação estatisticamente significante entre diversidade étnica e autoritarismo[25]. Por sua vez, Wolfgang Merkel e Brigitte Weiffen (2012), também com base em dados análogos, examinaram o impacto da diversidade étnica na democratização e consolidação democrática, concluindo que alta fracionalização étnica não é um impedimento para a transição democrática, mas torna o processo de consolidação democrática mais problemático. A heterogeneidade (diversidade) exerce forte influência negativa na transição e consolidação somente quando as clivagens são politizadas e

[25] Os autores utilizaram controles como PIB per capita, Islã e herança colonial britânica.

resultam em conflitos étnicos – de 23 países analisados que passaram por conflitos, 14 são autocracias estáveis (MERKEL E WEIFFEN, 2012, p. 410).

A relação entre conflitos de base identitária e democratização foi mais sistematicamente abordada pela literatura de *stateness*. Quando o Estado não exerce monopólio da força no território e não existe um consenso sobre quais grupos têm direito à cidadania, há um problema de *stateness*, prejudicial à democratização (LINZ E STEPAN, 1996) – sem um Estado moderno consolidado não pode haver Estado de Direito e democracia (LINZ, 1997, p.118-119). Para Francis Fukuyama (2005, p.87), o dilema entre conflito e democratização está no fato de o primeiro demandar um *state-building* que reforce a capacidade coercitiva do Estado e garanta a aplicação das leis em todo o território, enquanto a última envolve a limitação dessa mesma capacidade coercitiva, por meio da dispersão de poder às localidades, do Estado de Direito, da *accountability* pública e do consenso popular. Apesar da aparente contradição, ambos os processos estão interligados:

> para haver democracia, é necessário ter um Estado, mas para ter um Estado legítimo e durável é necessário eventualmente ter democracia. Os dois estão interligados, porém a precisa sequência sobre como e quando construir instituições distintas, mas interconectadas, deve ser cuidadosamente pensada. (FUKUYAMA, 2005, p.88)

Na mesma direção, Jørgen Møller e Svend-Erik Skaaning (2011) consideram que a consolidação do *stateness* é um pré-requisito, uma condição necessária, embora não suficiente, para a democratização. Em referência a constatações de autores como Eugen Weber (1976), Charles Tilly (1992, 2007) e Martin van Creveld (1999), afirmam que não houve nada de 'democrático' ou liberal na maneira como questões relacionadas à *stateness* foram resolvidas na Europa Ocidental – a maioria dos estados resolveram primeiramente seus problemas de *stateness* para somente depois se democratizar. Também chamam a atenção para o fato de que, devido à hegemonia da ordem liberal no pós-Guerra Fria, estados foram pressionados a conduzir eleições livres antes mesmo de terem resolvido tais problemas. Para verificar a relação entre *stateness* e democracia, os autores recorreram ao índice de transformação político-econômica *Bertelsmann Transformation Index* (BTI), elaborado desde 2005 com base na expertise de especialistas em cada região[26]. Como resultado, Møller e Skaaning (2011, p.17) concluem que a ausência de *stateness* consolidada

> torna a democratização praticamente impossível. À pergunta básica, 'Primeiro stateness?, nossa resposta geral é que 'sim' – mas com uma ressalva. É mais um pré-requisito ao Estado de Direito e direitos sociais do que para direitos eleitorais e liberdades políticas. (tradução nossa).

O conceito de *stateness* por vezes se relaciona a uma ampla gama de atributos vinculados à capacidade estatal. Nesta tese, limito-me a uma concepção mais estrita correspondente ao

[26] No BTI (BERTELSMANN STIFTUNG, 2022), "stateness" é operacionalizado como a existência de monopólio do uso da força no território pelo Estado e consenso sobre quem tem direito à cidadania em seus limites.

monopólio legítimo da violência legítima pelo Estado, ou seja, a ausência de conflitos separatistas e de grupos domésticos que contestem violentamente os limites territoriais do Estado.

Em contestação às teorias da incompatibilidade entre diversidade e democratização, alguns autores apontam para uma relação positiva. Gerring, Hoffman e Zarecki (2016) alegam que a diversidade étnica pode facilitar a democratização ao dificultar a monopolização do poder por determinados grupos no longo prazo. A verdadeira ameaça à democracia estaria na diversidade religiosa, uma vez que quando politizada ela desestimula a tolerância e o compromisso. Vale ressaltar que pesquisas de grande N apontaram para uma correlação positiva, embora estatisticamente insignificante, entre diversidade religiosa e democracia, o que poderia ser explicado pela maior tolerância religiosa em países democráticos (FISH E BROOKS, 2004; MERKEL E WEIFFEN, 2012). Segundo Mark Beissinger (2008), os etnonacionalismos politizados podem contribuir para a democratização, se eles se opõem não às minorias, mas a uma tirania externa: "dentre os estados pós-soviéticos há uma relação direta entre o grau em que determinada república passou por mobilização secessionista durante a *glasnost* e o seu nível de democratização" (BEISSINGER, 2008, p.94). Na mesma direção, Sherrill Stroschein (2012) sustenta que a mobilização étnica na forma de protestos em processos de transição cria estímulos para a democratização e a formação de instituições pluralistas que levem em conta os interesses das minorias.

Outra corrente teórica considera que a politização da etnicidade pode deixar de ser um obstáculo à democracia caso sejam adotados arranjos institucionais específicos. Saideman et al. (2002) afirmam que instituições democráticas possibilitam a acomodação de minorias étnicas e regionais ao satisfazerem suas demandas e, consequentemente, maximizarem os benefícios de permanecer como parte integrante da unidade política. Arend Lijphart (1977, 2004) enfatiza que clivagens étnicas devem ser reconhecidas a fim de torná-las mais maleáveis dentro das estruturas de poder do Estado. Tentativas majoritárias de contornar tais clivagens apenas as reforçam como fontes latentes de tensão (COHEN, 1997). Há um extenso debate sobre quais instituições seriam as mais apropriadas para conferir maior representatividade a distintos grupos étnicos, abrangendo questões relativas a formas de governo, sistemas eleitorais, compartilhamento de poder, federalismo e descentralização (LIJPHART, 2004), além de direitos poliétnicos, representação especial e autogoverno (KYMLICKA, 1995). Merkel e Weiffen (2012, p.416) defendem que a igualdade legal entre os indivíduos deve ser complementada com direitos especiais a grupos que permitam um tratamento igualitário aos estruturalmente ou culturalmente desiguais. Os críticos das instituições baseadas na representatividade étnica argumentam que a alocação étnica de poderes confere ainda mais força às clivagens étnicas (ROTHCHILD E ROEDER, 2005).

Finalmente, cabe mencionar as críticas direcionadas aos estudos quantitativos e às tentativas de operacionalizar o conceito de diversidade étnica. Beissinger (2008) alega que utilização de índices sobre fragmentação étnica – como os de Alesina et al. (2003) e Fearon et al. (2003) –, na avaliação do potencial de conflitos é problemática, uma vez que tomam a identidade como uma categoria fixa, ignorando seu caráter dinâmico. Ademais, as evidências indicam que características demográficas, como um alto índice de fracionalização, não predizem mobilização política.

Em um estudo abrangente sobre diferentes medidas relacionadas à etnicidade, Kyle Marquardt e Yoshiko Herrera (2015) identificaram uma série de dificuldades no processo de operacionalização conceitual: a identidade é mutável ao longo da história, sofrendo, inclusive, a influência de movimentos migratórios; há um pressuposto de que os indivíduos somente se reconhecem com uma identidade específica, ignorando a possibilidade de múltipla identificação; há também o risco de superestimação de divisões que não representam clivagens socialmente relevantes; não há uma definição única de etnia; e em diferentes contextos, as mesmas divisões identitárias podem adquirir distintos graus de saliência política. Por outro lado, os autores argumentam que os índices clássicos de fracionalização têm a vantagem de se focar em definições mais tradicionais de etnia, o que pode permitir uma melhor análise da relação entre grupos étnicos (étnico-linguísticos) – e não apenas entre os grupos politicamente relevantes – e resultados de interesse. Mensurações que buscam captar identidades politicamente salientes podem incorrer em viés de seleção. Valeriy Tishkov (1999) alega que diversas pesquisas quantitativas "ocidentais" utilizam métodos, fatos e pressupostos inadequados para classificar conflitos e a simples classificação como "conflito" onde ele não existe ou é pouco saliente pode potencializar clivagens e fortalecer grupos marginais. Nas palavras do autor, termos e pesquisas acadêmicas têm impacto político – a própria contagem do número de mortos é frequentemente politizada. Também critica a agenda acadêmica "ocidental" por ressaltar a divisão do mundo em etnias e culturas – como o "conflito de civilizações" de Samuel Huntington (1993) – mas ignora os inúmeros casos de não-conflito e coexistência pacífica. Fearon e Laitin (1996) também chamam a atenção para o fato de os casos de convivência pacífica serem mais numerosos que os casos de conflito.

Diante do exposto, a presente tese será guiada pela constatação de que a diversidade étnica em si não é um obstáculo à democratização, mas sim a ocorrência de conflitos que deflagram problemas de *stateness*. Buscar-se-á contribuir à literatura por meio da identificação de mecanismos causais que interligam o conflito à dificuldade democratização.

1.3 Identidades, conflitos étnicos e acomodação de minorias

Uma vez que a literatura sobre a relação entre diversidade étnica e democratização evidenciou que o impacto da diversidade é significativo somente nos casos onde há conflitos domésticos, faz-se necessário discorrer sobre as principais causas que levam a tais conflitos e as estratégias para a acomodação de minorias, questão de grande relevância para a discussão da dicotomia entre *in-groups* e *out-groups*. Como referência metodológica, é de grande valor a divisão de campos, proposta por Ashutosh Varshney (2009), entre essencialismo, instrumentalismo, construtivismo e institucionalismo.

O essencialismo – também conhecido como "primordialismo" ou "purismo" – pressupõe que "etnia" é uma categoria inata e atemporal, relacionada a fatores identitários como uma língua comum, memória histórica, território apropriado e valores culturais (GEERTZ, 1993). Nesse sentido, "conflito étnico" corresponde a uma luta pela hegemonia política entre grupos portadores de identidades concorrentes[27]. As principais críticas a essa corrente dizem respeito ao fato de ela desconsiderar a mutabilidade das identidades – socialmente construídas –, bem como o impacto de instituições na sua modelação e moderação de grupos antagônicos. Há casos em que, por diferenças institucionais, os mesmos grupos que manifestam hostilidades em um determinado território convivem pacificamente em outro contíguo (POSNER, 2004). Também há exemplos de grupos que convivem pacificamente por muito tempo, apresentando, inclusive, alta frequência de matrimônios interétnicos, mas que vêm a desenvolver hostilidades após turbulências institucionais[28].

Por sua vez, o instrumentalismo considera que as identidades são manipuladas e mobilizadas por elites para fins políticos ou econômicos. V. P. Gagnon (1995), por exemplo, sustenta que as antigas elites comunistas sérvias, ameaçadas pelo processo de liberalização política e fraqueza institucional, recorreram ao discurso da ameaça étnica como estratégia para se manter no poder e desviar o foco da democratização durante a dissolução da Iugoslávia. Destarte, em um curto período, relações pacíficas desaguaram em intensos conflitos étnicos. Varshney (2009, p. 282) questiona a corrente por não esclarecer por que atores políticos buscam instrumentalizar a etnicidade, em vez de outras clivagens sociais e ideológicas, nem por que é instrumentalmente racional iniciar uma mobilização étnica.

Diferentemente do instrumentalismo, que busca explicar mudanças identitárias de curto prazo, o construtivismo tem como foco longos processos históricos de formação identitária, relacionados a transformações sociais e econômicas. Em um trabalho basilar, Benedict Anderson

[27] Estados com sociedades etnicamente heterogêneas convivem com a ameaça de eventuais conflitos baseados em divisões étnicas (Vanhanen, 1999).
[28] Linz e Stepan (1996) mencionam o exemplo de Sarajevo antes da dissolução da Iugoslávia.

(1983) mostrou que a difusão da língua escrita permitiu que identificações até então localistas, com a comunidade imediata do indivíduo, desse espaço a identificações genéricas e amplas com "comunidades imaginárias", como a nação. Eugen Weber (1976) também apontou que identidades localistas camponesas predominavam na França e somente após a Revolução Francesa e o processo de modernização é que a identidade nacional começou a ganhar corpo. Segundo Ernest Gellner (1983), a industrialização criou pressões para a complexificação social, com a difusão de escolas para socializar indivíduos para além de suas comunidades. Ademais, elites culturais ajudaram a realçar identificações genéricas. Darden e Grzymala-Busse (2006) argumentam que a difusão de escolas e seus programas de conteúdo nacional (por ex., literatura, língua, história e geografia) foram fatores fundamentais na formação de identidades nacionais no Leste Europeu. Dentre as principais limitações do construtivismo pode-se mencionar seu potencial restrito para explicar conflitos étnicos — embora esclareça o surgimento de macroclivagens no âmbito nacional, a maioria dos conflitos têm espaço no nível regional ou local e não necessariamente estão relacionados a macrodivisões (VARSHNEY, 2009, p. 287).

No que concerne ao campo do institucionalismo, o cerne explicativo encontra-se nos incentivos criados pelas instituições políticas para distintos comportamentos – violentos ou pacíficos. Estudos institucionalistas mostram como a democratização em sociedades divididas têm potencial desestabilizador por permitirem que divisões étnicas se transformem em clivagens políticas através de instituições eleitorais. Rabushka e Shepsle (1972) consideram que a injeção de competição política em sociedades plurais provoca instabilidades, uma vez que lideranças podem buscar maximizar o suporte de eleitores dentre seus respectivos grupos étnicos. Contextos transitórios fornecem fortes incentivos para que lideranças mobilizem a etnicidade – o "ethnic card" – e grupos minoritários se engajem em movimentos separatistas (SNYDER, 2000). Na mesma direção, Cederman, Gleditsch e Hug (2013) apontam que eleições competitivas, particularmente a primeira e segunda da democratização, aumentam a probabilidade de conflitos étnicos.

Embora acentue o potencial desestabilizador de instituições democráticas, o institucionalismo também discorre sobre estratégias para apaziguar conflitos. Arend Lijphart e Donald Horowitz dominam o debate no campo. Lijphart (1981, 2004) defende que demandas étnicas devem ser acomodadas por meio de instituições consocionalistas e *power-sharing*, garantindo representatividade e participação de diferentes grupos na tomada de decisões. Horowitz (2004) critica tal estratégia, alegando que, em vez de apaziguar demandas, acaba institucionalizando e reforçando clivagens étnicas e seu potencial desestabilizador. Como alternativa, propõe a adoção de instituições e sistemas partidários voltados à promoção de

clivagens transversais à etnicidade, como o "alternative voting". Lijphart (2004), por sua vez, argumentou que a adoção do *power-sharing* em sociedades divididas não se trata de uma mera opção dos atores políticos, mas sobretudo de um requisito necessário para a resolução de conflitos. Ademais, o "alternative voting" proposto por Horowitz foi implementado em poucos casos.

É importante observar que a delimitação entre os campos instrumentalista, construtivista e institucionalista nem sempre é nítida, o que levou alguns autores a defender delimitações dicotômicas, como "primordialistas"–"modernistas" (HUGHES E SASSE, 2001) e "essencialistas" – "construtivistas" (CHANDRA, 2001). Um exemplo notável, que dificilmente pode ser explicado por apenas uma corrente, é a estratégia de "dividir para governar" implementada pelo Império Austro-Húngaro no século XIX. Temendo ameaças regionais e no intuito de dificultar mobilizações unificadas de distintos grupos étnicos contra a monarquia, Viena buscou difundir escolas nas diferentes línguas do império, inclusive com conteúdo voltado à identificação em distintas comunidades nacionais (DARDEN E GRZYMALA-BUSSE, 2006, p. 95). Contudo, no longo prazo tal política acabou fortalecendo movimentos nacionalistas que vieram a contribuir para a dissolução do Estado — uma evidência de que os resultados de processos desencadeados por instituições nem sempre correspondem às intenções iniciais de seus criadores.

Também é imprescindível mencionar a dicotomia entre "nacionalismo cívico" e "nacionalismo étnico" ("etnonacionalismo"), frequentemente abordada pela literatura de *nation-building* em países pós-comunistas. Enquanto o primeiro está associado ao território de nascimento do indivíduo (*jus soli*), sendo muitas vezes relacionado aos conceitos de cidadania e Estado-nação, o último está vinculado à identidade dos antepassados (*jus sanguinis*), relacionando-se à concepção de Estado multinacional. Diversos estados multinacionais vieram a sucumbir frente ao avanço dos nacionalismos e do ideal de autodeterminação dos povos e de construção de estados-nações no início do século XX. Há uma predominância normativa na literatura, segundo a qual estados alicerçados em nações étnicas devem migrar para uma concepção cívica de nacionalidade – como mencionei anteriormente, Linz e Stepan (1996) consideram que o Estado-nação e a democratização contêm uma lógica complementar, ao passo que o multinacionalismo pode despertar problemas de *stateness* e impactar negativamente a democracia. No Espaço Pós-Soviético houve diversas tentativas de superação do multinacionalismo institucionalizado herdado do período soviético e de construção de "estados-nações" – em alguns casos esse processo culminou em conflitos etnosseparatistas.

Uma das críticas mais veementes à dicotomia entre nação étnica e cívica é a de Bernard Yack (1996). Nas suas palavras,

> o mito da nação étnica sugere que você não tem qualquer escolha na definição da sua identidade nacional: você é a sua herança cultural e nada mais. O mito da nação cívica, ao contrário, sugere que a sua identidade nacional não é nada mais que a sua escolha: você é os princípios políticos que você compartilha com outros indivíduos afins. [...] [a ideia de nação cívica] é atrativa aos americanos, cuja herança nacional peculiar – com sucessivas ondas de imigração e uma fundação constitucional – alimenta a ilusão de que sua associação mutual é baseada unicamente em princípios conscientemente selecionados. Mas essa ideia distorce a realidade política do mesmo modo que os mitos etnonacionalistas aos quais ela é destinada a combater (YACK, 1996, p.198).

Yack conclui que o conceito de nacionalismo cívico tem um componente fortemente normativo, voltado a proteger ideais liberais do Iluminismo contra os perigos das paixões nacionalistas. Denota mais como uma comunidade deve ser do que como ela de fato é e se originou. Segundo o autor, ideais liberais foram implementados no âmbito interno de comunidades nacionais, já que a Era do individualismo liberal é também a era do nacionalismo – mesmo os nacionalismos cívicos clássicos da França, dos EUA e do Canadá carregam em si elementos históricos e culturais (étnicos).

Na presente seção, busquei mostrar que, apesar das dificuldades impostas por conflitos domésticos ao processo de democratização, examinadas na seção anterior, há diferentes tipos de arranjos institucionais democráticos voltados à resolução destes conflitos e à acomodação ou assimilação de minorias. Logo, o discurso do *trade-off*, segundo o qual contextos multinacionais (multiétnicos) demandam um Estado "forte", centralizado e implicitamente autoritário, não encontra embasamento empírico. Instituições autoritárias não são uma consequência inevitável do contexto e da demografia, mas uma escolha de elites.

1.4 Democratização em estados pós-socialistas[29]

Este tópico é de grande valia para a problemática discutida na tese, sobretudo as hipóteses H4 e H5, por examinar as dificuldades que ex-países socialistas e ex-repúblicas soviéticas enfrentaram no período de transição. Muitas dessas dificuldades deram substância ao discurso do *trade-off* entre democracia e ordem.

Em um primeiro plano, a literatura sobre democratização em estados pós-socialistas enfatiza as excepcionalidades que diferenciaram a região de outras que passaram pela “terceira onda” de democratização. Em um segundo momento, por meio de comparações intrarregionais, busca entender por que países do Leste Europeu apresentaram melhores resultados no processo de abertura político-econômica se comparados à maioria das ex-repúblicas soviéticas, ressaltando

[29] Parte da discussão da presente seção foi publicada em inglês no capítulo: FERRARO, Vicente. Democratization in Post-Socialist States: An Overview of the Literature on Political Transition in Eastern Europe and the Post-Soviet Space. In: SEGRILLO, Angelo (org). Russia and Russians in Different Contexts. FFLCH, USP: São Paulo, 2021. Disponível em: <http://lea.vitis.uspnet.usp.br/arquivos/russiaandrussians.pdf>. Acesso em: 20.03.2022.

tanto aspectos estruturais e institucionais quanto elementos de agência e "path dependence". Estudos de estados pós-socialistas, a despeito de focarem em uma determinada região, trouxeram importantes contribuições para a política comparada e a identificação de relações causais na Ciência Política (FRYE, 2012).

Uma das principais especificidades que diferenciam a democratização pós-socialista de outras regiões foi a complexidade em se promover uma transição "múltipla" (dupla ou tripla). Enquanto diversos países da "terceira onda" passaram apenas por uma transição política, estados pós-socialistas tiveram que conduzir também uma transição econômica – a transformação de um modelo socialista em uma economia de mercado – e, em alguns casos, uma reformulação das próprias fronteiras estatais e das identidades constritas a elas, em processos de *state e nation-building* (OFFE, 1991).

Juan Linz e Alfred Stepan (1996) ressaltam as diferentes características dos regimes comunistas que trouxeram dificuldades adicionais à transição na região – o legado comunista reduziu os níveis de participação cívica, dificultou a institucionalização de um Estado de Direito e relegou uma economia centralizada, com poucos grupos privados autônomos e muitos recursos disponíveis às elites centrais para a cooptação de oponentes. No período socialista, organizações da "sociedade civil" eram subsidiadas e emaranhadas pelo Estado, contando com a presença de membros dos partidos comunistas e de serviços de inteligência em suas hierarquias. Ademais, a secularização imposta limitava a atuação de instituições religiosas e a sociedade política apresentava baixo grau de pluralismo, haja vista o monopólio do partido comunista. Em relação ao Estado de Direito, as leis socialistas eram genéricas, davam amplo espaço à discricionariedade e não estabeleciam mecanismos de controle na interação entre elites. Funcionários da burocracia estatal eram recrutados por critérios políticos, sendo muitas vezes vinculados diretamente ao partido – durante a transição, uma demissão generalizada ou mesmo qualquer processo de "lustração"[30] acentuada poderia reforçar o apoio de setores dependentes a membros do antigo regime. Por fim, o desafio de desmontar uma economia de comando estatal demandava uma capacidade regulatória de um Estado forte e efetivo, caso contrário poderia haver apropriação de recursos – tal condição estava praticamente ausente no então cenário de crise.

Elster, Offe e Preuss (1998) apontam que além da multiplicidade de transições, a democratização nos países pós-socialistas se caracterizou na maioria dos casos por uma natureza não militar e não violenta, bem como pela ausência de contra-elites, ideologias, projetos "revolucionários" e agentes políticos unificados. O antigo regime não relegou clivagens socioeconômicas significativas (ex.: cidade-campo e ricos-pobres) que pudessem ter embasado a

[30] Retirada de antigos funcionários comunistas da burocracia pública.

formação de agentes coletivos representativos. Ao contrário, deixou uma massa atomizada e politicamente incapacitada de ex-clientes do socialismo de Estado, habituada à provisão autoritária de meios de subsistência e a regras pelas quais a vida pública e privada deveria ser conduzida. Por exceção de alguns poucos países, como a Polônia e a República Checa, não houve mobilização significativa nem do exército nem da sociedade – a agência política foi fragmentada, incoerente, ambígua e de curta duração. Também defendem que não foram os conflitos que levaram a transições e transformações, mas as transições que despertaram conflitos locais e separatismos.

Na mesma direção, Juan Linz e Alfred Stepan (1996) afirmam que as mobilizações políticas do Leste Europeu somente ganharam espaço após as próprias elites centrais da União Soviética, o "hegemon" do bloco socialista, iniciarem um processo de abertura política unilateral e sinalizarem que não mais garantiriam a sustentação dos regimes locais – somado à falta de legitimidade desses regimes, percebidos muitas vezes como uma imposição externa, e à crise econômica, a transição "top-down" alterou os custos de repressão e tolerância, conferindo espaço à formação de uma oposição.

Em relação à literatura que aborda a variação intrarregional de regimes pós-socialistas, seis campos explicativos se sobressaem: *trade-offs* da transição múltipla, com suas dimensões econômica e identitária; legados culturais e instituições informais; incertezas institucionais; legado comunista e pré-comunista e mobilização nacionalista; localização geográfica e influência do Ocidente; e negociações da transição, escolhas institucionais e *path-dependence*.

Trade-offs da transição múltipla

O campo explicativo dos *trade-offs* da transição múltipla, fundamental para a discussão desta tese, divide-se em *trade–offs* "econômicos" e "identitários". Na dimensão econômica, nos primórdios da derrocada dos regimes comunistas, Adam Przeworski (1991) já afirmava que a rápida introdução de reformas econômicas em um cenário democrático poderia prejudicar tanto a democratização quanto a abertura econômica, uma vez que tecnocratas buscariam promover reformas econômicas no anseio de provocar uma retaguarda populista contra a abertura econômica. Já Joel Hellman (1998) defende que os maiores obstáculos à reforma econômica não vieram de grupos prejudicados, mas de grupos que se beneficiaram das oportunidades de influenciar as escolhas quanto aos tipos de reforma a serem adotadas durante a transição – ou seja, os que se beneficiaram de reformas parciais. Governos democráticos, com múltiplos *veto points* eram essenciais para evitar esse resultado, impedindo que ganhadores de curto prazo capturassem o Estado.

Fish (1998) observou que os países que mais promoveram reformas econômicas foram os mais democráticos, sugerindo uma relação causal de duplo sentido entre abertura econômica e democratização. Na mesma direção de autores precursores da literatura pós-comunista (LINZ E STEPAN, 1996; ELSTER, OFFE E PREUSS, 1998), argumenta que, diferentemente da transição em outras regiões, os países pós-comunistas não contavam com grupos econômicos independentes do Estado que pudessem se sustentar como oposição – a criação de uma economia de mercado, com o consequente surgimento de classes médias autônomas, era, portanto, condição fundamental para a democratização. Em um estudo sobre a Rússia, Boris Makarenko et al. (2008) afirmam que a alocação de fortes poderes institucionais ao presidente foi condição necessária à realização de profundas reformas políticas e econômicas, ressaltando que o país foi um dos poucos estados pós-socialistas em que o presidente teve de promover transformações sistêmicas em meio a um parlamento opositor e antirreformista. Timothy Frye (2010) também destacou os efeitos negativos da polarização política: em contextos de alta polarização entre o presidente e o maior partido no parlamento, atores econômicos tendem a refrear seus investimentos temendo que uma mudança no governo possa implicar em uma reviravolta nas *policies* implementadas. Como consequência, o Executivo conta com menos ingressos arrecadatórios a serem convertidos em recursos para a obtenção de apoio político – tal cenário oferece incentivos para que o incumbente promova distorções prejudiciais às reformas econômicas e institucionais a fim de se manter no poder. Em referência aos efeitos da transição na sociedade civil, Pop-Eleches e Tucker (2013) sustentam que a baixa participação cívica pós-comunista não decorre apenas de efeitos psicológicos e demográficos do comunismo, mas também da experiência custosa de "viver ao longo do colapso do comunismo" – o baixo desempenho econômico logo após o comunismo teve um efeito desmobilizador. Também afirmam que o arcabouço institucional mais democrático em alguns países pós-comunistas não resultou em uma participação cívica mais elevada.

A dimensão identitária dos *trade-offs* da transição corresponde ao subcampo ao qual essa tese de doutorado pretende trazer contribuições. Linz e Stepan (1996) foram uns dos primeiros acadêmicos a chamarem a atenção para o problema de *stateness*. Segundo os autores, estados europeus engajaram-se em projetos de *state-building* e *nation-building* (*nationalizing policies*) e somente depois, com relativa homogeneidade, democratizaram-se. Em diversos países pós-comunistas etnicamente diversos e formados a partir da dissolução de outros estados (ex.: URSS e Iugoslávia), a democratização e as reformas econômicas foram conduzidas simultaneamente aos processos de *state-building* e construção de um Estado-nação[31], o que tornou o problema de

[31] Taras Kuzio (2010) aborda o processo de "nation-building" à parte do processo de "state-building", alegando que alguns países pós-comunistas passaram por uma transição "quádrupla". A justificativa é que diferentemente do *state-*

stateness ainda mais complexo – a democratização foi mais rápida em países relativamente homogêneos, como Polônia, República Tcheca e Hungria.

A abertura política tem maior potencial de acentuar aspirações separatistas e irredentistas, uma vez que eleições livres podem facilitar a canalização dessas demandas e a mobilização da etnicidade por atores políticos – a baixa saliência de clivagens socioeconômicas no período inicial da transição pós-comunista, tornaram as clivagens étnicas ainda mais atraentes à politização (LINZ E STEPAN, 1996). Para os autores, a presença de um irredenta contíguo às fronteiras estatais, a alta diversidade cultural e a existência de uma sociedade plurinacional, com nações "acordadas", potencializam o problema de "stateness", dificultando a criação de um Estado-nação e o estabelecimento de um acordo acerca dos princípios fundamentais da democracia.

Alguns estudos de caso de países pós-comunistas abordaram direta ou indiretamente o problema de *stateness*. Ao analisar os primeiros anos da transição no Cazaquistão, autores como Ian Bremmer e Cory Welt (1996) e Steven Fish (1998) observaram que as divisões étnicas, o potencial de conflitos e o processo de *nation-building* estavam sendo mobilizados pelas elites centrais contra a democratização. Cameron Ross (2003, p.177) menciona que Yeltsin e Putin "tiveram sucesso em manter a unidade do Estado, mas às custas de sacrificar a transição democrática da Rússia". Em relação à Ucrânia, Taras Kuzio (2000) vê a divisão entre elites eslavófilas e ocidentalistas no país como um empecilho à democratização, enquanto Lucan Way (2015), de maneira oposta, sustenta que essa divisão da identidade nacional, associada a um fraco controle coercitivo e econômico por parte do Estado, contribuiu para um elevado "pluralismo por inércia" (*pluralism by default*) no sistema político.

Legados culturais e instituições informais

No que concerne ao campo dos legados culturais e instituições informais, Juan Linz e Alfred Stepan (1996) argumentam que o cristianismo ortodoxo, por muitas vezes se basear em estruturas organizacionais nacionais e estar vinculado ao Estado[32], não ofereceu bases para a constituição de entidades autônomas e propiciou pouca resistência à introdução do comunismo na Europa Oriental. Por sua vez, o catolicismo ocidental e outras correntes protestantes, por estarem vinculadas a hierarquias externas e independentes aos estados, conseguiram oferecer maior resistência. Andrew Janos (2000) considera que a maior abertura do cristianismo ortodoxo ao comunismo se deve ao seu paternalismo e comunalismo, ao passo que alguns estados de

building, que abrange a identificação de diferentes grupos com as fronteiras estatais, o "nation-building" diz respeito à reformulação da própria identidade de grupo.

[32] Max Weber denomina essa estrutura de "cesaropapista" (Juan Linz e Alfred Stepan, 1996, p.453).

cristianismo não-ortodoxo se caracterizam por maior tradição contratualista, o que facilitou a ascensão de grupos de oposição no período de transição. *Surveys* conduzidos por Richard Rose e Christian Haerpfer (1993) mostraram que países católicos, como Eslovênia, Eslováquia e, principalmente, Polônia, de fato ofereceram maior resistência às políticas de secularização promovidas por regimes comunistas, mantendo percentuais significativos de filiação religiosa. Vale ressaltar que baixa religiosidade e baixa frequência a templos estão correlacionadas com baixa participação civil pós-socialista (POP-ELECHES E TUCKER, 2013).

Em uma análise sobre a relação entre diversidade étnica e nível de democratização na região, Steven Fish (1998) evidenciou que não há correlação significativa – conclusão semelhante à de Merkel e Weiffen (2012) em um estudo global. No entanto, encontrou correlação entre a difusão do Islã e autoritarismo nas repúblicas da Ásia Central, embora não seja possível falar em relação causal, haja vista o fato de no período soviético as identificações religiosas terem sido profundamente enfraquecidas e a dificuldade de se dissociar a religião de outros fatores geo-históricos.

Em alusão à literatura de instituições informais e pré-coloniais, Kathleen Collins (2004) sustenta que o pior desempenho no processo de democratização na Ásia Central decorre da tradicional influência de clãs e afiliações tribais na política local, elemento cultural que teria sobrevivido e se adaptado mesmo às instituições soviéticas[33]. O processo de sedentarização e coletivização forçada das comunidades nômades, associadas à relativa autonomia que o Estado central soviético concedeu às elites na administração do aparato estatal e partidário, permitiu que a política de clãs se inserisse nessas estruturas – basicamente, por meio dos mecanismos da nomeação (COLLINS, 2004). Segundo Kitschelt et al. (1999, p.23), o entrelaçamento entre política tradicional e a burocracia soviética deu origem ao "comunismo patrimonial", em que o funcionamento do regime se baseava "em cadeias verticais de dependência entre líderes no Estado e no aparato partidário, apoiadas por patronagem extensiva e redes clientelistas".

Diante de uma ameaça externa ao equilíbrio de poder entre clãs, como o fim do regime comunista, suas lideranças buscaram alcançar um pacto, em torno de um "broker" legítimo, que trouxesse estabilidade e diminuísse as incertezas transicionais. Collins (2004) enfatiza que esses pactos informais acabaram distorcendo e se sobrepondo às instituições formais, o que explicaria por que ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, a despeito de terem adotado diferentes arranjos institucionais, convergiram para regimes autoritários personalistas, centrados nos *brokers* do pacto.

[33] A resiliência dos clãs ao longo do tempo foi também analisada por Edward Schatz (2004).

Incertezas institucionais

Já no campo explicativo das incertezas transicionais, Rico Isaacs (2010) contesta a influência determinística da política de clãs no resultado da democratização, alegando que a formação de regimes autoritários neopatrimonialistas, com a predominância de instituições informais[34] e relações clientelistas, decorreria não de fatores culturais ou instituições tradicionais, mas, sobretudo, das incertezas contingentes à transição, associadas a conflito institucional, pluralismo emergente e competição eleitoral. A preponderância da política informal sobre instituições formais seria, portanto, uma estratégia dos atores orientada à minimização dos riscos e custos políticos do contexto transitório.

Valerie Bunce (2003) afirma que quanto maiores as incertezas da transição, maior foi a probabilidade de que os atores buscassem pactuar ("bridging") no intuito de reduzir os custos das mudanças, o que, por sua vez, levou ao fracasso da democratização – constatação semelhante à de Gelman (2003). Por sua vez, onde as incertezas foram menores, maiores foram as possibilidades de rompimento com o regime ("breakage"), o que favoreceu a democratização. Fatores como forte mobilização das massas, resultados favoráveis à oposição nas primeiras eleições e mobilização nacionalista tardia, não violenta, reduziram as perspectivas de sobrevivência política das antigas elites, o que conferiu maior certeza quanto ao fim do regime e os rumos da transição (BUNCE, 2003).

Legado comunista e pré-comunista e e mobilização nacionalista

No campo do legado comunista e pré-comunista, um dos trabalhos mais notáveis é o de Herbert Kitschelt et al. (1999), segundo os quais quanto maior o período em que um Estado vivenciou um regime democrático independente, com uma burocracia legal-racional, antes da instalação do regime comunista, maior foi a probabilidade de antigas elites deixarem o poder – o chamado "communist exit" – durante a queda do comunismo. Kitschelt et al. associaram experiências pré-democráticas e burocráticas a diferentes regimes comunistas. Em uma ponta do

[34] Helmke e Levitsky (2004) sustentam que que a difusão de instituições informais no período soviético resultou de uma estratégia social para contornar a rigidez burocrática das instituições formais comunistas – uma medida "second-best" diante da impossibilidade de os atores mudarem as instituições ou dos altos custos para tanto. Gelman (2003), por sua vez, considera que um dos maiores desafios para a construção de um Estado de Direito no Espaço Pós-Soviético é a migração de um sistema saturado de instituições informais para instituições formais. O autor propõe que a transição na região seja examinada sob a perspectiva de dois eixos analíticos – o grau de contestação política, basicamente "monocêntrico não-competitivo" e "policêntrico competitivo", e o conjunto de regras e normas formais e informais (instituições políticas). Nesse sentido, a democratização pode ser entendida como um processo de "transição (simultânea ou não) para contestação política e Estado de Direito" (GELMAN, 2003, p.95), ou seja, de um regime monocêntrico não-competitivo com instituições predominantemente informais para um regime policêntrico competitivo com instituições formais atuantes.

espectro há o regime "autoritário-burocrático", baseado em uma burocracia profissional e em partidos trabalhistas/socialistas do período democrático pré-comunista (o Entreguerras). Tal arranjo restringiu o emaranhamento de comunistas às instituições e dificultou a sua sobrevivência política no fim do comunismo, favorecendo o "communist exit" e, consequentemente, a democratização. A experiência democrática no Entreguerras deixou um importante legado para partidos representarem interesses societais após o comunismo. Na outra ponta está o "comunismo patrimonialista", baseado em regimes autoritários e em burocracias não-profissionais. Tal configuração possibilitou o emaranhamento institucional de comunistas e facilitou a continuidade de lideranças no poder mesmo após o fim do comunismo.

Keith Darden e Anna Grzymala-Busse (2006) criticam Kitschelt et al., alegando que os mecanismos por trás da relação entre tipo de burocracia e resultados da transição não estão claros, além do que, algumas repúblicas soviéticas que tiveram "patrimonialismo comunista" também vivenciaram o "communist exit". Em um estudo estatístico com mais de trinta países pós-socialistas, as autoras constataram que os que passaram por um período de escolarização de conteúdo nacional antes do comunismo foram os que tiveram maior votação contrária aos candidatos associados ao regime comunista nas primeiras eleições livres. A escolarização[35] pré-comunista propiciou a difusão de ideias nacionalistas e a consolidação de identidades nacionais, o que por sua vez levou o regime comunista a ser percebido como uma imposição externa e ilegítima. Assim que o processo de liberalização eleitoral teve início, a insatisfação com o regime foi canalizada em apoio aos candidatos não comunistas. Países que não tiveram a escolarização pré-comunista independente ou passaram por escolarização somente no período comunista apresentaram menor oposição ao regime durante a liberalização e menor "communist exit".

Também com estudos comparados, Grigore Pop-Eleches e Joshua Tucker (2013) evidenciaram que os legados comunistas trouxeram efeitos negativos para a participação cívica[36] pós-comunista. A quantidade de anos vividos no comunismo importa – países que já eram comunistas no período Entreguerras, como as repúblicas soviéticas, registraram índices de participação significativamente inferiores aos que vivenciaram regimes comunistas somente após a Segunda Guerra. Fatores sociodemográficos como baixa religiosidade[37], educação secundária/ terciária sob o comunismo e alto nível educacional com elevado grau de pobreza também contribuíram para um menor nível de participação cívica.

[35] De acordo com Gellner (1993), na Europa Ocidental, a industrialização levou à complexificação social e a difusão de escolas contribuiu para a socialização de indivíduos em identidades que extrapolaram os limites de suas comunidades.

[36] Por "participação cívica" entende-se a participação em associações religiosas, culturais/artísticas, ecológicas, profissionais, esportivas/ recreacionais e sindicais. Os autores posteriormente excluíram sindicatos, uma vez que durante o período comunista a participação em associações sindicais era praticamente obrigatória.

[37] Baixa religiosidade entendida como baixa frequência de templos.

Na direção de Darden e Grzymala-Busse, autores como Mark Beissinger (2008) e Lucan Way e Adam Casey (2018) enfatizam que o nacionalismo antissoviético, associado à inclinação em integrar à União Europeia, foi fundamental para a mobilização da sociedade civil e o alcance de melhores resultados na democratização. A baixa saliência de um nacionalismo antissoviético em várias repúblicas pós-soviéticas permitiu que lideranças do antigo regime continuassem ocupando importantes posições no aparelho estatal (WAY E CASEY, 2018). Valerie Bunce (2005) considera que a difusão da ideia nacional serviu de mecanismo para a oposição contestar a "dominação imperial" e buscar constituir os seus próprios estados e regimes.

Localização geográfica e influência do Ocidente

No campo da localização geográfica e influência do Ocidente, um dos trabalhos primordiais é o de Jeffrey Kopstein e David Reilly (2000), os quais consideram que a proximidade à Europa Ocidental e o sentimento de pertencimento à Europa foram fundamentais para a difusão de valores democráticos e para comparações que realçavam o Ocidente como modelo a ser alcançado. Quanto maior a proximidade à Europa Ocidental – a distância entre as capitais e Berlim ou Viena –, melhores foram os resultados no processo de transição[38]. Darden e Grzymala-Busse (2006) também mencionam o efeito vizinhança: enquanto países da Europa Oriental associavam o comunismo a atraso econômico, comparando-se tanto ao status político-econômico pré-comunista quanto ao status de seus vizinhos do Ocidente, repúblicas soviéticas da Ásia Central viam o comunismo de forma positiva – foi somente após a instalação do regime que a região vivenciou intensa urbanização, modernização, escolarização e expansão de direitos às mulheres. Ademais, comparações com vizinhos reforçaram ainda mais a visão positiva do comunismo e do passado soviético – o instável Afeganistão é tido como possível contrafactual de como estariam hoje caso não houvessem passado pela modernização comunista. A referência regional de maior desenvolvimento econômico, a China, também foi guiada por um regime comunista.

Quanto aos incentivos à democratização estabelecidos por instituições europeias, Frank Schimmelfennig (2003, 2005) sustenta que não foi a externalização de valores da Comunidade Europeia (e posteriormente da União Europeia) o motor das reformas democráticas, mas a autoconformidade com normas europeias e autossocialização de elites nacionais pós-comunistas – os países que seguiram esse caminho já se identificavam com o Ocidente e ambicionavam adotar normas ocidentais. Já Milada Vachudova (2005) considera que na fase de "pré-candidatura" a

[38] Apesar do Espaço Soviético estar em desvantagem, devido à maior distância, as ex-repúblicas soviéticas do Báltico passaram por um rápido processo de democratização.

União Europeia exerceu somente pressão "passiva", mas que na fase de "acesso" as exigências quanto ao cumprimento de condições democráticas lhe permitiram exercer um papel "ativo". De maneira crítica, Darden e Grzymala-Busse (2006) apontam que as chances de ingresso na UE para vários países da Europa Oriental se tornaram reais somente após 1995, quando muitas reformas econômicas e políticas já haviam sido implementadas. Por sua vez, David Cameron (2007) observa que a aspiração ao ingresso na UE pode ter sido uma das causas que influenciaram a democratização nos países pós-socialistas, mas esteve associada a uma série de fatores correlacionados, como localização espacial (proximidade), antecedentes políticos (ter sido democrático no passado), *transitional politics* (divisão das elites e mobilização da sociedade civil) e laços econômicos com a UE. Devido à proximidade desses fatores, não é possível eliminar os riscos de endogeneidade e determinar com precisão a direção da causalidade.

Steven Levitsky e Lucan Way (2010) apontam que o sucesso da democratização na terceira onda esteve relacionado à existência de laços com o Ocidente (comércio, migração, relações tecnocráticas, estudantes intercambistas e etc), à pressão de potências e organizações ocidentais, com mecanismos como ajuda financeira condicionada, e à "capacidade organizacional", entendida como a (a) disponibilidade de um partido do incumbente forte e coeso no parlamento, de (b) capacidade coercitiva (instrumentos de repressão à disposição do incumbente, como polícia, serviço secreto[39] e exército) e de (c) "força do Estado" (capacidade administrativa e econômica). Os países que mais obtiveram sucesso na democratização foram os que apresentaram laços ("linkages") e pressão ("leverage"), além de não terem se deparado com crises de capacidade organizacional. A maioria das repúblicas soviéticas, contudo, não contava nem com laços, nem com pressão significativa do Ocidente – não foram contempladas com chances de acesso à UE –, o que favoreceu a predominância de regimes autoritários. Por considerações geopolíticas, como competição por influência com a Rússia e a preocupação com o avanço do fundamentalismo islâmico na Ásia Central, o Ocidente ofereceu ajuda econômica para regimes autoritários da região sem demandas incisivas por liberalização[40]. Diante de condições externas desfavoráveis (laços e pressão), a variação na capacidade organizacional foi determinante para os rumos da transição:

[39] Segundo Levitsky e Way (2010), a persistência ou reformulação de instituições de segurança estabelecidas no período comunista, como órgãos locais sucessores do Comitê de Segurança Estatal soviético (KGB), garantiu poder coercitivo a lideranças autoritárias, desequilibrando o "campo do jogo político". Em referência a Colton (2008, p. 259), os autores mencionam que Boris Yelstin considerava o partido comunista a "cabeça" do sistema soviético e o KGB – a "espinha dorsal". Uma vez que a cabeça foi "arrancada", a espinha dorsal poderia ser reutilizada em seu benefício.

[40] Tal política do Ocidente de "dois pesos e duas medidas" em relação à Europa Oriental e as ex-repúblicas soviéticas, associadas a considerações geopolíticas, já havia sido notada por Juan Linz e Alfred Stepan (1996) em sua fase inicial. No livro "Diplomacia Suja", o diplomata britânico Craig Murray (2007) relata violações a direitos humanos cometidas pelo regime do Uzbequistão e que eram silenciadas pelo Reino Unido e outras potências ocidentais. A partir dos anos 2000 foi crescente a disputa geopolítica entre EUA e Rússia por influência no Espaço Pós-Soviético, inclusive na Ásia Central, importante rota para a intervenção no Afeganistão.

onde não houve limitações de capacidade, incumbentes lograram estabelecer regimes autoritários estáveis, enquanto onde a capacidade foi inconsistente, incumbentes fracassaram em concentrar poder, ainda que o "campo do jogo político" estivesse desnivelado em seu favor – tais casos foram caracterizados como "autoritarismos competitivos", com maior grau de pluralismo.

Lucan Way e Adam Casey (2018) defendem que o conjunto de fatores estruturais geo-históricos – sobretudo o nacionalismo antissoviético e condicionalidades ao ingresso na UE – limitou as estratégias à disposição das elites políticas do Leste Europeu, conferindo maior linearidade ao processo de democratização na região[41]. Já a ausência ou baixa intensidade desses fatores no Espaço Pós-Soviético abriu espaço para que elementos voluntaristas e de agência adquirissem maior relevância, o que explicaria a maior variação nos tipos de regime e o menor desempenho democrático.

Negociações da transição, escolhas institucionais e path-dependence

Em relação ao campo explicativo das negociações da transição, escolhas institucionais e *path-dependence*, Vladimir Gelman (2003) menciona que enquanto em outras regiões o processo de democratização foi facilitado por "pactos" intra-elites, em estados pós-soviéticos "pactos" foram utilizados para interromper a democratização. Dadas a fraqueza das clivagens societais em termos de preferências ideológicas e segmentação de classes, bem como o alto nível de dependência das massas à patronagem das elites, "as principais fontes de contestação política como condição necessária à democratização (embora não suficiente) foram as clivagens e conflitos de elites, ao invés de 'pactos'" (Gelman, 2003, p.96). A competição foi maior onde houve disputas intra-elites e nenhum grupo logrou se impor sobre os demais. Bunce (2003) esclarece que enquanto na América Latina havia necessidade de pactos, uma vez que regimes autoritários se sustentavam em exércitos, instituições que não poderiam ser extintas, nos países socialistas o eixo de sustentação eram os partidos comunistas – os exércitos, historicamente sob o controle civil-partidário, tiveram papel pouco atuante no início da transição.

Gerald Easter (1997) argumenta que a política da transição, basicamente a continuidade e estrutura das elites, foi fundamental para o desenho institucional adotado e a dinâmica da distribuição de poder, resultando na democratização ou no seu fracasso. Onde a oposição ao regime foi fraca e as antigas elites comunistas mantiveram-se consolidadas, houve preferência por presidencialismo; enquanto onde a oposição foi forte e as elites se dispersaram, houve preferência

[41] Grzymala-Busse (2007) ressalta que os estados do Leste Europeu adotaram distintas estratégias no processo de democratização.

pelo parlamentarismo. Para Easter, o presidencialismo foi escolhido pelas elites consolidadas do antigo regime por propiciar maior proteção contra a democracia, a liberalização e o mercado, ao insular o presidente do controle parlamentar – por meio de poderes de decreto, separação entre Executivo e Legislativo e mandatos fixos, o presidente pode assegurar o acesso aos recursos estatais de poder. A estabilidade da distribuição de poder tornou-se contingente ao Executivo e seu uso da patronagem, o que, em muitos casos, levou ao fracasso da democratização. Já o parlamentarismo foi preferido pelos novos atores por facilitar a redistribuição e o acesso a esses recursos através do voto de desconfiança e de fortes controles legislativos sobre o Executivo – a redistribuição de recursos de poder contribuiu para a consolidação democrática. De fato, em países da região observou-se uma forte associação entre parlamentos fortes, Executivos fracos e democracia (FISH, 2006; CAMERON, 2007).

Em um estudo de caso sobre a Rússia, Eugene Huskey (1999) mostrou que o presidencialismo russo desde os princípios contou com poucos mecanismos de "pesos e contrapesos" por ter herdado, em parte, estruturas administrativas do Partido Comunista – no período soviético, diversas estruturas estatais eram duplicadas e entrelaçadas com estruturas do partido. A presidência da URSS foi instituída durante o desmonte do sistema, incorporando algumas funções do partido. Em uma análise comparada das constituições adotadas por ex-repúblicas soviéticas, Petra Stykow (2019) identificou uma série de prerrogativas que garantiram a preponderância do presidente no sistema político. Segundo a autora, a Constituição russa de 1993 instituiu a "doutrina da supremacia presidencial", em que o presidente se apresenta como um "metapoder", uma espécie de instância reguladora acima dos três poderes, e detém prerrogativas especiais referentes a coordenação e estabelecimento de agenda – tal inovação seria provavelmente um resquício do papel preponderante que o partido comunista exercia no sistema soviético. O modelo russo foi incorporado e adaptado por outros estados pós-soviéticos, portanto, a autora o denomina de "presidencialismo de tipo eurasiático" ou "superpresidencialismo". Embora estudos de grande N indicaram que regimes autoritários não constitucionalizam poderes especiais ao executivo (GINSBURG ET AL., 2013), Stykow mostrou que estados pós-soviéticos de fato os codificaram. Dentre algumas das prerrogativas constitucionais estão: dissolução da assembleia, em que o presidente detém a palavra final e a preponderância em situações de conflito com o legislativo; ausência de partidos na formação de gabinetes; e eleições ilimitadas ao presidente – em alguns casos conferindo prerrogativas personalistas a um líder particular. Os países que mais se democratizaram na região não codificaram esses elementos, em particular a "doutrina da supremacia presidencial", e garantiram maior participação aos partidos na formação de gabinetes. Stykow observa que dispositivos característicos de regimes autoritários não necessariamente

foram instituídos por líderes autoritários, mas emulados de instituições pré-existentes – uma evidência de *path dependence* na evolução desses regimes.

Gelman (2003) ressalta que o *constitutional making* na Rússia, Ucrânia e Belarus delineou-se em um processo unilateral imposto pelos vencedores de conflitos intra-elites, os quais desenharam instituições flexíveis a fim de minimizar os constrangimentos formais ao presidente. Abordando tal flexibilidade, Fabian Burkhardt (2017) e Vicente Ferraro (2019) mostraram que o sistema russo garantiu prerrogativas constitucionais ao presidente, ao passo que relegou as "regras do jogo" político ao âmbito infraconstitucional, permitindo ao Executivo promover reformas incrementais e desmobilizar atores de veto sem a necessidade de grandes maiorias parlamentares. Como resultado, o presidente fortaleceu ainda mais seus poderes institucionais, às custas do pluralismo político. Instituições flexíveis podem ser adaptadas pelo incumbente em seu benefício, conforme as incertezas contextuais da transição demandarem – a flexibilidade é preferível, inclusive, a arranjos rígidos que de antemão garantam vantagens formais ao presidente (FERRARO, 2019).

Com a presente tese, pretendo dar uma contribuição à literatura sobre a democratização em estados pós-socialistas por meio de uma comparação sistemática de dois casos pós-soviéticos que se depararam com problemas de *stateness*, buscando identificar mecanismos causais que possam ter impactado o processo de democratização. Em particular, pretendo complementar a discussão sobre os pretensos *trade-offs* da transição múltipla.

1.5 O histórico da questão étnica no Espaço Pós-Soviético[42]

Para compreendermos a questão étnica no Espaço Pós-Soviético e as nuances da dicotomia *in-group* / *out-group*, é imprescindível examinar algumas transformações institucionais históricas do período czarista e, principalmente, do período soviético. As diferentes políticas étnicas introduzidas podem ser interpretadas pela ótica dos campos instrumentalista, construtivista e institucionalista.

A partir do século XVI, o Estado russo, até então concentrado na Europa Oriental, iniciou uma rápida expansão em direção ao leste, incorporando estados e territórios habitados por diferentes grupos étnicos. Os *inorodtsy*[43], nome conferido aos povos da periferia asiática,

[42] Parte do texto exposto nesta seção foi apresentada como working paper no encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) de 2017, com o título "O Etnofederalismo e a Formação das Repúblicas Soviéticas: Reflexões sobre a Questão Nacional e os Impactos das Políticas Étnicas Adotadas após a Revolução Russa". Disponível em: <https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498367680_ARQUIVO_V.G.FerraroJr.-OEtnofederalismoeaFormacaodasRepublicasSovieticas.pdf>. Acesso em: 20.05.2021.

[43] A palavra *inorodtsy* significa em russo "outros povos".

receberam um status administrativo distinto na sociedade estamental imperial. Os Estatutos de Administração dos *Inorodtsy*[44] e dos Quirguizes Siberianos (1822) distinguiram tais povos entre "nômades" e "sedentários", com diferentes critérios de organização. Outras regiões ao sul, como o Cáucaso e a Crimeia, e na Europa Oriental foram gradualmente incorporadas ao império. Segundo Valeriy Tishkov (1997), a política colonial russa teve um caráter ambíguo tanto no sentido de assimilar culturalmente os novos territórios quanto de garantir autonomia às elites locais:

> [...] em relação aos *inorodtsy* a política da monarquia russa baseou-se na opressão social e na assimilação cultural. A apropriação das terras habitadas pelas populações nativas era uma prática comum: transmitiam-nas ao Estado e aos grandes proprietários e monastérios, os quais constituíam um dos principais instrumentos de difusão da religião ortodoxa. [...] Diferentemente dos impérios coloniais clássicos, a metrópole do Império Russo não estava geograficamente distante das periferias colonizadas. Além disso, a população das periferias étnicas era extremamente diversa em termos de modernização e consolidação da organização política. [...] Muitos representantes da periferia foram incorporados à elite russa. A nobreza e os líderes políticos e religiosos locais mantiveram o controle social sobre os membros de seus grupos, além de estabelecerem uma aliança especial com a elite imperial russa. (TISHKOV, 1997, p.27, tradução nossa).

A Rússia chegara ao século XX como um dos maiores impérios da história, com dimensões continentais. Já no início do século, a questão etnonacional chamava a atenção das futuras elites comunistas. Havia uma preocupação de que a Rússia pudesse sucumbir a movimentos de autodeterminação nacional, como ocorreu com os impérios Austro-Húngaro e Otomano, ao mesmo tempo que se defendia um processo de descolonização condizente com os propósitos do marxismo. Em uma monografia de 1913, denominada "O Marxismo e a Questão Nacional", Joseph Stalin estabeleceu alguns fundamentos da futura concepção primordialista soviética do etnonaciolismo, definindo nação como “uma comunidade estável de pessoas, historicamente constituída, de língua, de território, de vida econômica e de formação psíquica, que se traduz numa comunidade de cultura" (STALIN, 1913, p. 296, tradução nossa). A preocupação com a problemática étnica também é evidenciada pelo cargo que Stalin ocupou de 1917, logo após a Revolução socialista, até 1923 – o posto de Comissário do Povo para os Assuntos das Nacionalidades.

Em 1920, o regime socialista redefiniu sua política em relação à periferia étnica e ao princípio de autodeterminação dos povos, não mais consentindo com separatismos antagônicos aos "interesses das massas trabalhadoras". Em um manuscrito de 1920, Stalin ressaltou tal paradigma, sublinhando que regiões do império que adquiriram a independência, como a Polônia e a Finlândia, acabaram sucumbindo ao controle da "Entente" capitalista. Nas suas palavras,

> a Rússia Central, baluarte da revolução mundial, não poderia se sustentar por muito tempo sem o apoio das periferias, ricas em recursos naturais, combustíveis e alimentos. Por sua vez, as periferias da Rússia estariam condenadas a cair nas mãos do jugo

[44] Ver Kryazhkov, 1999.

> imperialista [das potências capitalistas] se não contassem com a ajuda política, militar e organizacional da relativamente mais desenvolvida Rússia Central. (STALIN, 1920, p.351, tradução nossa).

No mesmo texto, Stalin criticou o tratamento dado às minorias no Império czarista e discorreu sobre as bases do que viria a ser a política étnica e territorial da fase inicial do período soviético, conhecida como "korenizatsiya" (nativização):

> O czarismo intencionalmente propagou a opressão patriarcal e feudal nas periferias para manter as massas na escravidão e na ignorância. [...] O czarismo censurou ou simplesmente aboliu escolas locais, teatros e instituições educacionais para manter as massas na escuridão. [...] Com tudo isso, o czarismo despertou nas massas nacionais [étnicas] locais um profundo sentimento de desconfiança, em alguns casos levando a relações hostis a tudo o que é russo. Para solidificar a união da Rússia central com as periferias é necessário acabar com essa desconfiança, criar uma atmosfera de compreensão mútua e de confiança fraternal. [...] Portanto, é necessário que todos os órgãos soviéticos na periferia, tribunais, administração, órgãos de economia, órgãos de governo direto (e também órgãos do partido) sejam compostos, na medida do possível, por pessoas locais, que conheçam a vida, a moral, os costumes e a língua da população local; que para essas instituições sejam atraídas as melhores pessoas das massas populares locais; que as massas locais trabalhadoras sejam incorporadas a todas as esferas de administração do país, incluindo aqui as áreas de formação militar; que as massas vejam que o governo soviético e os seus órgãos são o trabalho de seus próprios esforços, a representação de suas aspirações. (STALIN, 1920, p.356-358, tradução nossa).

Na *korenizatsiya* dos anos 1920, promoveu-se a difusão de escolas, línguas e elementos culturais locais, além de se formar quadros administrativos, burocráticos e partidários nativos, configurando um processo de descolonização. Stalin afirmou que a introdução do sistema socialista poderia ser "elástica", adaptada e gradativa nas regiões em que, dados os diferentes "níveis de desenvolvimento" histórico, cultural e econômico, houvesse conflitos sensíveis com a ideologia oficial. Avanços foram observados na incorporação das mulheres ao sistema educacional e à força de trabalho. Por esses e outros motivos, o Estado soviético, nas suas primeiras décadas, foi caracterizado como um "império de ação afirmativa" por Martin (2001). As regiões que passaram por um processo de alfabetização e modernização a partir desse período tiveram menor inclinação ao "communist exit" posteriormente (DARDEN E GRZYMALA-BUSSE, 2005).

Em 1922, foi fundada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Suas regiões administrativas foram delimitadas com base em critérios étnicos, constituindo um complexo sistema etnofederativo. Em algumas repúblicas da União que contavam com minorias concentradas territorialmente foram criadas subdivisões étnicas, como repúblicas autônomas, distritos nacionais e *oblasts* autônomos. As diferentes etnias foram oficialmente categorizadas como nacionalidades, algumas sendo "titulares" em suas regiões. A partir de 1934, a nacionalidade passou a ser incluída nos passaportes internos, documentos de identificação individual (AKTURK, 2010). Segundo Tishkov (1997, p.29), a engenharia social da *korenizatziya* "[...] consistiu em um verdadeiro inventário de etnonações, o que implicou na criação de ‘nações’ onde necessário", além do que, "em muitas regiões soviéticas o mosaico cultural nunca apresentara fronteiras definidas

e a etnicidade fora subjugada por outras formas de identidade", como clãs, filiações dinásticas, religiões e identidades locais. A categorização em nações étnicas permitiu padronizar as diferentes formas de identidade locais e facilitar a manipulação pelas autoridades ao "tornar o espaço uniforme, homogêneo, impessoal e universal em sua formação nacional" (BROWN, 2005, p.230), bem como eliminar a oposição às identidades patrocinadas pelo Estado, mais tangíveis e ligadas à vida socialista (JONES, 2010, p.163).

A promoção estatal do etnonacionalismo e o estabelecimento do etnofederalismo constituíram a chamada "multietnicidade institucionalizada" (BRUBAKER, 1996), elemento que veio a contribuir para a desintegração da URSS (BUNCE, 1999; SEGRILLO, 1999) e a criar as bases de contestação para os conflitos secessionistas pós-soviéticos (HUGHES E SASSE, 2001), alguns dos quais cobertos por esta tese. Nas palavras de Angelo Segrillo, "o período soviético, de certa maneira, 'acordou' diversas tendências nacionalistas ou étnicas que, sob o czarismo, eram ainda inexistentes ou mantidas subjugadas (latentes) por motivo das políticas claramente imperialistas e repressivas adotadas até então" (SEGRILLO, 1999, p.116). Vale mencionar que a concepção soviética de etnofederalismo foi parcialmente emulada por países como Iugoslávia, Tchecoslováquia e China.

A despeito das ações afirmativas e a política de nativização dos anos 1920, o período soviético também experienciou discriminação negativa, como as deportações de diversos grupos étnicos promovidas por Stalin na Segunda Guerra[45], restrições por cotas étnicas e a russificação nas políticas educacionais dos anos 1950 (AKTURK, 2010). Segundo Hélène d'Encausse (1978), uma das acadêmicas que anteviram a dissolução da URSS, embora as elites criticassem as políticas imperialistas do Império Russo, o período soviético testemunhou um processo de russificação. Os limites da russificação por vezes se confundiram com os da formação do "povo soviético", uma identidade multinacional ou supranacional. Em 1961, o secretário-geral do Partido Comunista, Nikita Khrushchev, em referência aos critérios de Stalin para definir uma nação, declarou que na URSS formou-se o "povo soviético", uma nova comunidade histórica de indivíduos de diferentes nacionalidades que possuem características comuns, como uma pátria socialista, uma base econômica socialista, uma estrutura social, uma visão de mundo (o marxismo-leninismo), um objetivo (a construção do comunismo) e muitas aspirações e traços psíquicos comuns[46]. No preâmbulo da Constituição soviética de 1977, promulgada no governo de Leonid Brezhnev, consta que a sociedade soviética é uma "sociedade de relações socialistas maduras, na qual, com base na

[45] Povos principalmente do Cáucaso foram deportados para as repúblicas da Ásia Central. Stalin temia que tais grupos pudessem iniciar uma insurgência separatista, aproveitando-se da invasão nazista.
[46] ROSSIYSKAYA natsiya – popytka vossozdat sovetskiy narod? [Nação russa - tentativa de recriar o povo soviético?]. Regnum, 01.11.2016. Disponível em:
<https://regnum.ru/news/2200326.html>. Acesso em: 02.10.2021.

aproximação de todas as nações e nacionalidades, formou-se uma comunidade histórica de indivíduos – o povo soviético"[47]. A historiografia soviética apresentou a Rússia como o núcleo de integração do país[48].

Dentre as políticas étnicas soviéticas voltadas à despolitização da etnicidade, cabe mencionar a promoção de ideologias, como o comunismo (GELLNER, 1997), a imagem da URSS como "sentinela da autodeterminação" (CONNOR, 1984), a adoção de arranjos institucionais "pseudofederais"[49] (HUGHES E SASSE, 2001), as políticas assimilacionistas de russificação e sovietização (KUZIO, 1998)[50], além de instrumentos de coerção, supressão e controle (LUSTICK, 1979). A uniformidade da sociedade soviética não relegou clivagens socioeconômicas significativas à mobilização da sociedade civil (ELSTER ET AL., 1998, p.25), o que, somado à crise da ideologia socialista, conferiu maior atratividade à politização da questão etnonacional como estratégia política[51]. Segrillo considera que os processos nacionais "serviram como *conduits* ou canalizadores de insatisfações populares provindas de outras áreas (principalmente a econômica), que encontraram nos movimentos étnicos sua plataforma de expressão mais eficiente" (SEGRILLO, 1999, p. 127). Como geralmente ocorre em movimentos xenófobos, em tempos de crise e disputa por empregos há uma tendência de reforçar as linhas étnicas (nacionais), a divisão entre o "nós" e "eles" – algo semelhante à dicotomia entre *in-group*/ *out-group*. Para o autor, o nacionalismo também serviu para contornar obstáculos ideológicos, como o "anticapitalismo", que pudessem resistir às reformas liberalizantes de mercado.

É importante salientar que os nacionalismos foram instrumentalmente utilizados pelas elites locais a fim de maximizar o seu poder político e se emancipar da subordinação hierárquica a Moscou. Conforme a análise de Huskey (1999), tal processo se acelerou com o rápido enfraquecimento do Partido Comunista na *perestroika* e a criação do cargo de Presidente em 1990 – tanto no nível da União, quanto das repúblicas –, que veio a assumir os poderes até então concentrados na cúpula do partido. O PC exercia não só um papel ideológico, mas, sobretudo, estrutural. Sua capilaridade nas instituições republicanas, regionais e locais garantia a coesão e centralização de todo o sistema em torno de Moscou. O seu colapso inevitavelmente

[47] Constituição da URSS de 1977. Konstitutsiya SSSR 1977 goda. 07.10.1977.
[48] No texto do hino soviético de 1977, por exemplo, ressaltou-se o papel da "grande Rússia" em unificar as "repúblicas livres". Ver: UKAZ prezidiuma vs sssr ot 27.05.1977 o gosudarstvennom gimne SSSR [Decreto do Presidium do Soviet Supremo da URSS de 27 de maio de 1977 sobre o Hino do Estado da URSS]. LAWRU. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121112182517/http://www.lawru.info/base19/part6/d19ru6088.htm>. Acesso em: 10.01.2022.
[49] Quasi-federal, no termo em inglês.
[50] Kuzio (1998) faz referências à ideologia do "pequeno russismo", difundida pelo Estado russo em diferentes momentos, por meio da qual russos e ucranianos seriam um mesmo povo – os ucranianos seriam os "russos pequenos".
[51] Conforme mencionei anteriormente, Gagnon (1994) discorreu sobre como as elites iugoslavas recorreram ao "ethnic card" para desviar a atenção de crises políticas e econômicas.

liberou as “amarras” que sustentavam a hierarquia soviética. Com a realização de eleições diretas para o recém-criado cargo de presidente no centro e nas repúblicas, o nacionalismo rapidamente ganhou espaço como plataforma de campanha e concorreu para o fim do país.

Hughes e Sasse (2001) observam que a insurreição de minorias em diversas repúblicas após a dissolução da URSS, como no caso da Chechênia, ocorreu não necessariamente onde elas estavam concentradas territorialmente, mas, sobretudo, onde o sistema etnofederal soviético havia institucionalizado entidades administrativas subnacionais étnicas, internas às repúblicas da união, como repúblicas autônomas, *oblasts* autônomos e distritos (etno)nacionais. Muitas dessas regiões, apesar de formalmente integrarem as repúblicas da união, contavam com laços políticos diretos com Moscou. Quando a URSS se desintegrou, algumas viram uma oportunidade de formar estados independentes ou sentiram-se ameaçadas pela ascensão de lideranças nacionalistas nos novos estados, as quais poderiam vir a revogar seus direitos como minorias.

Finalmente, Taras Kuzio (2000) considera que as ex-repúblicas soviéticas eram colônias contíguas da Rússia e, após a dissolução da URSS, precisaram se engajar não apenas em projetos de construção do aparato estatal independente (*state-building*), mas também de construção da identidade nacional (*nation-building*). Menciona que as políticas étnicas e migratórias soviéticas, a russificação bem-sucedida de parte das elites e a concentração territorial de minorias russófonas nos novos países impuseram sérios obstáculos a esse processo de transição identitária e de formação ou consolidação de estados-nações. No exemplo da Ucrânia, Stepan (2005) discorre sobre a criação não de um "estado-nação", mas de uma "nação-estado", em que o território constitui a base de edificação da identidade nacional.

A "multinacionalidade institucionalizada" continua a deixar resquícios no processo de *nation-building* de diversas ex-repúblicas soviéticas, sobretudo com a persistência do nacionalismo étnico e de subdivisões etnofederais. Nas introduções dos capítulos 2 e 4, abordarei como se deu o processo de transição institucional e identitária nos casos da Rússia e da Ucrânia.

Capítulo 2. O caso da Rússia: A questão etnonacional, percepções de ameaça e preferências de regime[52]

A Rússia constitui o caso de referência desta tese, sobretudo, devido a ampla disponibilidade de dados para o teste de minhas hipóteses e ao fato de o país ter presenciado conflitos secessionistas durante o período de transição, ou seja, em um momento em que a sociedade passava por uma fase de aprendizado e socialização institucional. O estudo do caso foi dividido em três partes principais: introdução, com informações gerais sobre a questão étnica, o conflito secessionista e o processo de democratização; seção quantitativa, voltada à análise do impacto das guerras separatistas da Chechênia nas percepções de minorias como ameaça e nas preferências autoritárias da sociedade russa; e seção qualitativa, buscando identificar como as elites centrais russas instrumentalizaram a crise separatista discursivamente para fins políticos.

O presente capítulo abrangerá a parte introdutória e quantitativa, contando com as seguintes subseções: 1. A questão étnica na Rússia contemporânea; 2. A questão chechena e os conflitos separatistas; 3. O impacto do conflito checheno na sociedade e política russa; 4. A transição tripla e a democracia na Rússia; 5. Estratégia empírica para a análise dos dados; 6. O impacto do conflito checheno nas percepções de ameaça e preferências autoritárias; e 7. Conclusão. Testo as hipóteses H1, H2, H3 e H4.

Como mostrarei a seguir, há evidências robustas de que o conflito checheno tenha contribuído para uma maior percepção de minorias como ameaça e para maiores preferências autoritárias. Os indivíduos mais temerosos são, em média, mais autoritários que os não temerosos. Alguns dados sugerem que a resolução do conflito e a ameaça de instabilidade nas relações interétnicas estão associadas a visões positivas, respectivamente, do regime de Vladimir Putin e do passado soviético, evidência de que conflitos separatistas podem constituir um importante recurso não material de poder para a legitimação de regimes autoritários.

2.1 A questão étnica na Rússia contemporânea

A Rússia herdou do período soviético um sistema administrativo etnofederal e uma concepção étnica de nação, por muito tempo promovida pelo Estado – a chamada "multietnicidade institucionalizada" (BRUBAKER, 1996). A mesma onda de separatismos que culminou na dissolução da URSS, conhecida como "desfile das soberanias"[53], também alcançou diversas

[52] O working paper deste capítulo ("The Tradeoff between Democracy and Order in Divided Societies: Separatist Conflicts, Threat and Authoritarian Preferences in Post-Soviet States") recebeu o 2021 Doctoral Student Award (categoria "nacionalismo") na convenção mundial da Association for the Study of Nationalities (ASN).
[53] Do russo, *parad suverenitetov*.

repúblicas autônomas e regiões étnicas internas à Rússia. O país iniciou sua fase pós-soviética tendo que lidar não apenas com profundas transformações políticas e econômicas, associadas ao esforço em migrar para uma democracia liberal capitalista, mas também com enormes desafios nas áreas de *state-building* e *nation-building*, a chamada "transição tripla" (OFFE, 1991). A contestação dos limites territoriais estatais por grupos separatistas, o problema de *stateness*, condicionou o processo de transição em diversas ex-repúblicas soviéticas, ao contrário de outros estados pós-socialistas do Leste Europeu com populações mais homogêneas (LINZ E STEPAN, 1996). O fato de a Rússia contar com mais de 170 minorias étnicas (cerca de 20% da população[54]) e 270 línguas e dialetos[55], divisões religiosas em macroconfissões (como o cristianismo ortodoxo, o islamismo e o budismo) e 32 regiões étnicas autônomas[56] (de um total de 89 unidades federativas) em 1991, em algumas das quais as minorias eram maiorias absolutas ou relativas, foi visto com preocupação pelas elites centrais.

Segundo Leokadia Drobizheva (2005), a democratização, com a introdução de um sistema federativo descentralizado e a realização de concessões às regiões pelo governo federal, possibilitou evitar os conflitos característicos do "cenário iugoslavo", por exceção do caso da Chechênia. Em 1992, o governo central e as unidades subnacionais, inclusive as de etnia russa, assinaram o Tratado Federativo, reconhecendo competências administrativas de cada nível e o processo de descentralização. Para a autora, uma vez que o documento incorporou quase todas as regiões, salvo a Chechênia e o Tatarstão, república que presenciou um forte movimento autonomista, contribuiu para a despolitização da questão étnica. Nos anos seguintes, de 1994 a 1996, diversas regiões assinaram tratados bilaterais com Moscou e receberam competências especiais, o que reduziu os riscos de difusão do conflito checheno (DROBIZHEVA, 2005, p.20). Inicialmente tal prática abrangeu regiões étnicas, como o Tatarstão, mas posteriormente incorporou regiões russas, totalizando 46 tratados[57] – com distintos graus de autonomia. Diferentemente de Drobizheva, Stepan (2000, p.144) considera que tais tratados apresentavam um caráter antidemocrático por terem sido assinados entre os chefes dos executivos federal e regionais sem a anuência dos respectivos parlamentos e terem endossado normas regionais contrárias a normas constitucionais. A Rússia constituiria, portanto, um caso de "federalismo assimétrico"

[54] STATDATA. Natsional'nyy sostav Rossiy 2021 (perepis' 2010) [Composição nacional da Rússia 2021 (censo de 2010)]. Disponível em: <http://www.statdata.ru/nacionalnyj-sostav-rossii>. Acesso em: 02.10.2021.
[55] MINOBRNAUKI ROSSIY [Ministério da Educação e Ciência da Rússia]. 277 yazykov i dialektov ispol'zuyut narody Rossii [277 idiomas e dialetos são usados pelos povos da Rússia]. 21.02.2021. Disponível em: <https://www.minobrnauki.gov.ru/press-center/news/?ELEMENT_ID=29672>. Acesso em: 02.10.2021.
[56] Dentre estas 32 regiões étnicas, havia 21 repúblicas autônomas, 10 distritos (*okrugi*) autônomos e 1 *oblast'* autônomo. Hoje há 22 repúblicas, 4 distritos (*okrugi*) autônomos e 1 *oblast'* autônomo. Apesar do referencial étnico, em muitas as nacionalidades titulares constituem minorias.
[57] Stepan (2000, p.144).

inconstitucional, permeado por insegurança jurídica. Cameron Ross (2002) defende que os tratados bilaterais viabilizaram a marginalização de grupos etnonacionalistas nas repúblicas, o gerenciamento de separatismos e o fim do "desfile das soberanias". Por outro lado, enfraqueceram a constituição e o Estado de Direito, desrespeitaram a igualdade constitucional entre unidades federativas e facilitaram o controle de governadores sobre o parlamento, os tribunais e as comissões eleitorais, resultando em diversos autoritarismos regionais. O conflito entre dispositivos legais regionais e federais característico dos anos 1990 ficou conhecido como "guerra das leis". No início dos anos 2000, visando ceifar tais divergências e recuperar o controle do governo federal, Putin promoveu a revogação dos tratados bilaterais e uma supercentralização do sistema administrativo.

A Constituição russa de 1993, patrocinada pelo presidente Boris Yeltsin em um intenso conflito com o Legislativo, deu continuidade às divisões administrativas soviéticas, reconhecendo seis categorias federativas[58], das quais três são alicerçadas em critérios étnicos – repúblicas, *oblasts* autônomos e distritos autônomos[59]. Apesar das divisões, formalmente há pouca diferenciação de competências[60] – as repúblicas podem estabelecer uma língua oficial, junto ao russo, uma política linguística-cultural e, até 2015, muitos de seus governadores recebiam o título de "presidente"[61]. A carência de representatividade das minorias no nível nacional/ federal foi compensada pela dominância das nacionalidades "titulares"[62] nas regiões étnicas (DROBIZHEVA, 2005, p.24). Embora as nações titulares constituíssem maiorias em apenas seis das 21 repúblicas, elas eram sobrerrepresentadas nos órgãos de poder local, enquanto russos e outras minorias não eram efetivamente protegidas (STEPAN, 2000, p.150-151). Nos anos 1990, foram notáveis práticas discriminatórias contra minorias não titulares, com políticas linguísticas, culturais, eleitorais e administrativas locais que beneficiavam politicamente os grupos titulares (ROSS, 2002; HAHN, 2003).

A constituição de 1993 também manteve a concepção soviética de etnonacionalismo. Em seu preâmbulo consta:

> Nós, **povo multinacional** da Federação Russa, unidos por um destino comum na nossa terra, [...] preservando a unidade estatal que se formou ao longo da história, tomando como base os princípios comumente reconhecidos de igualdade de direitos e de

[58] Konstitutsiya Rossiskoy Federatsiy: Prinyata vsenarodnym golosovanievm 12 dekabrya 1993 g. Disponível em: <http://constitution.kremlin.ru/>. Acesso em: 15.10.2021.
[59] As outras são *oblasts*, territórios (*krai*) e cidades de importância federal.
[60] No período soviético (Constituição da URSS de 1977, art. 115), as repúblicas da União podiam enviar 32 representantes para a câmara alta do Soviet Supremo, o Conselho das Nacionalidades, enquanto as repúblicas autônomas podiam enviar 11; muitas competências administrativas, como a política orçamentária, eram determinadas pelas repúblicas da União, das quais as repúblicas autônomas faziam parte (LENTON, 2021).
[61] A lei de 2015 que estabeleceu tal mudança ainda não foi cumprida pelo Tatarstão (LENTON, 2021).
[62] Nacionalidades "titulares" são os principais grupos étnicos das regiões autônomas, oficialmente reconhecidos como tal. Ex.: tártaros no Tatarstão, chechenos na Chechênia.

> autodeterminação dos povos, [...], aprovamos a Constituição da Federação Russa. (grifo nosso, tradução nossa).[63]

Assim como na URSS o termo "soviético" tinha a conotação de identidade supranacional, interétnica, na Rússia há um fenômeno semelhante. Todos são cidadãos russos (*rossiyanye*), mas nem todos são de etnia ou nacionalidade russa (*russkiye*), a qual é transmitida por laços sanguíneos e culturais. Um tártaro tem a cidadania russa (é um *rossiyanin*), mas não tem a nacionalidade russa – não é um *russkiy*. A língua oficial do país (*russkiy*) é a língua da etnia russa. Essa mesma dicotomia entre cidadania e nacionalidade se repete em outros estados multinacionais pós-soviéticos (ex.: cazaquistanês cidadão – cazaque étnico), o que dificulta a consolidação de uma identidade comum a todo o território. O *path dependence* institucional limitou o desmantelamento da "multietnicidade institucionalizada" soviética. Em muitos estados nacionais ocidentais onde vigora a concepção de nacionalismo cívico, em detrimento do etnonacionalismo, os conceitos de cidadania e nacionalidade coincidem.

Na década de 1990, por influência de acadêmicos que viam na institucionalização do etnonacionalismo uma ameaça à integridade territorial russa, como o antropólogo Valeriy Tishkov, foram promovidas tentativas de se fortalecer uma identidade cívica. Sener Akturk (2010) discorre sobre algumas estratégias adotadas pelo governo federal nesse sentido, como a retirada da nacionalidade (etnia) dos documentos de identificação pessoal em 1997, prática que esteve em vigor desde 1934. O autor menciona que Tishkov, ministro para os Assuntos das Nacionalidades em 1992, enfrentou dificuldades em promover uma identidade cívica (*rossiyanin*). Diversos grupos ofereceram resistência à mudança nos documentos de identificação, como as elites das repúblicas e parte significativa da população, inclusive russos étnicos. Alguns argumentavam que a reforma visava acelerar o processo de assimilação e russificação, ou de constituir uma imitação do ideal "americano" de nação. Por sua vez, entre os seus defensores havia liberais, pressionados pela União Europeia, grupos que sofreram discriminação com a institucionalização do etnonacionalismo no período soviético, como os judeus, e nacionalistas que de fato almejavam a assimilação etnocultural das minorias. Devido a impasses no parlamento, a medida foi adotada por decreto presidencial[64]. Akturk conclui que a inovação abriu espaço para a assimilação voluntária das minorias e buscou diminuir a relevância política da etnicidade.

Em 1996, foi aprovado pelo parlamento a Concepção de Política Estatal Nacional, documento que se tornou referência da política étnica no país. Embora preconizasse elementos

[63] Konstitutsiya Rossiskoy Federatsiy: Prinyata vsenarodnym golosovanievm 12 dekabrya 1993 g. Disponível em: <http://constitution.kremlin.ru/>. Acesso em: 15.10.2021.
[64] Das quinze repúblicas soviéticas, apenas a Rússia, Belarus e Ucrânia retiraram a nacionalidade dos documentos de identificação (AKTURK, 2010, p.315).

cívicos, a Concepção enfatizou o papel dos russos nas relações interétnicas e na fundação do Estado, algo semelhante à ideia soviética de "irmandade entre os povos" sob a liderança russa (GOODE, 2019, p.10). Algumas inovações de 1996, além da Concepção, representaram um avanço em relação à predominância das nacionalidades titulares do período soviético, sobretudo a criação de organizações sociais de autonomia cultural nacional (NKA) para diferentes grupos étnicos, independentemente de serem titulares em alguma região, e da Assembleia dos Povos da Rússia (DROBIZHEVA, 2005, p.22-23). Em 2012, a Concepção foi substituída pela Estratégia de Política Estatal Nacional até 2025.

John Paul Goode (2019) destaca a ambivalência que marcou a política identitária e o projeto de *nation-building* russo nos períodos Yeltsin e Putin, caracterizados tanto por elementos de nacionalismo cívico quanto étnico. Tal ambiguidade seria o resultado da dinâmica do regime político híbrido. Em síntese, o autoritarismo competitivo subverte instituições formais com práticas informais clientelistas, de maneira que políticas formais voltadas a um nacionalismo cívico sejam corroídas pela ação informal de atores estatais e sociais. Goode menciona que tal característica permitiu que o *nation-building* russo fosse um processo guiado mais pela sociedade do que pelo Estado, e a nacionalidade cívica fracassou em se tornar uma identidade social significativa entre russos ordinários. A competição política intrarregime levou a uma falta de coerência burocrática na política étnica: ministros para os Assuntos das Nacionalidades, com diferentes visões da questão nacional, foram substituídos diversas vezes nos anos 1990 e o ministério sofreu várias reformulações e divisões, até que fosse extinto em 2001 e a pasta incorporada por outros órgãos[65] – em grande medida, pela Administração da Presidência. A maleabilidade da política étnica também permitiu às lideranças mobilizar a questão étnica pragmaticamente na competição e legitimação do regime, respondendo a anseios (etno)nacionalistas populares. A despeito do discurso patriótico e cívico de Putin, antiextremista, foi notável a "virada étnica", com o apogeu nacionalista na crise da Crimeia em 2014. A identidade cívica (*rossiyanin* / *rossiyskiy*) adquiriu crescente conteúdo étnico russo.

Em 2010, quando ocupava o posto de primeiro-ministro, Putin declarou que a Rússia precisava desenvolver um patriotismo cívico, supranacional, unindo as diversas nacionalidades – papel semelhante ao que o conceito “soviético” desempenhou no passado:

> O Estado soviético conseguiu criar um tipo de conceito que estava acima das relações entre nacionalidades e confissões. [...] Nós não conseguimos até o momento encontrar algo equivalente ao que foi inventado na União Soviética. [...] Eu não me lembro de ter

[65] Entre 2001 e 2004 o ministro ficou sem portfólio. Parte da pasta foi incorporada pelo Ministério do Desenvolvimento a partir de 2004, pelo Ministério da Cultura em 2014 e pela Agência Federal para Assuntos das Nacionalidades desde 2015 (GOODE, 2018, p.12).

> visto qualquer tipo de nacionalismo em Leningrado, e em Moscou e outras partes da União Soviética provavelmente não tinha.[66]

Na direção da assimilação russa, em 2017 foi aprovada uma polêmica lei que garantiu a possibilidade de alunos nas repúblicas escolherem o russo como "língua materna". O ensino das línguas titulares das repúblicas tornou-se optativo e a carga horária foi reduzida[67]. Em 2020, também sob os auspícios de Putin, foi aprovada uma emenda constitucional acentuando o papel de russos étnicos como "povo que formou o Estado [*gosudarstvoobrazuyushchiy*] e ingressou na união multinacional de povos da Federação Russa, contemplados por direitos igualitários"[68].

A única república que conservou relativa autonomia formal e simbólica foi o Tatarstão. Quando Putin revogou os tratados bilaterais, no início dos anos 2000, as elites da região lograram aprovar uma nova versão (esvaziada) do tratado com o centro. Além disso, embora uma lei de 2010 tenha proibido o uso do termo "presidente" para os chefes do executivo regional, a república continua a utilizá-lo (LENTON, 2021). Informalmente algumas repúblicas contam com significativa autonomia e são beneficiadas por volumosas transferências federais, uma estratégia de cooptação por parte do governo federal.

Finalmente, vale mencionar a questão religiosa, indiretamente associada à questão étnica, tendo em vista a sua influência como diferenciador cultural. No país há cerca de 20 milhões de muçulmanos, mais de 14% da população, incluindo imigrantes[69]. Constituem maioria titular em seis unidades federativas e apresentam ramificações em 38 grupos étnicos[70]. Segundo Alexey Malashenko (2007, p.52-53), no período soviético havia uma distinção oficial entre um islã "nosso", percebido oficialmente como um "resquício feudal", e o "alheio" (estrangeiro), politizado e anticomunista. Os serviços de segurança mantinham as organizações religiosas sob monitoramento. Na Rússia pós-soviética, o Islã se aproximou do "estrangeiro", mas a distinção entre "nosso" e "alheio" permaneceu, agora correspondendo, respectivamente, a um islã "tradicional" anteposto ao "fundamentalista", o wahabismo radical. Malashenko menciona que a antiga Administração Espiritual dos Muçulmanos da parte Europeia da URSS e da Sibéria (DUMES), órgão paraestatal de coordenação das instituições muçulmanas, deu lugar a duas organizações que competem entre si para representar seus correligionários perante o governo

---

[66] PUTIN prizval razvivat' obsherossiyskiy patriotizm [Putin pediu para desenvolver o patriotismo russo]. RIA Novosti, 27.12.2010. Disponível em: <https://ria.ru/society/20101227/314101361.html>. Acesso em: 04.06.2021.

[67] «ETOT zakon zabivayet posledniy gvozd'»: yazykovaya reforma utverzhdena so schetom 388:2 ["Esta lei martela o último prego": reforma linguística aprovada com placar de 388 a 2]. Business-Gazeta, 25.07.2018. Disponível em: <https://www.business-gazeta.ru/article/389889>. Acesso em: 15.10.2021.

[68] Constituição da Federação Russa de 1993. KONSTITUTSIYA Rossiskoy Federatsiy: Prinyata vsenarodnym golosovanievm 12 dekabrya 1993 g. Disponível em: <http://constitution.kremlin.ru/>. Acesso em: 15.10.2021.

[69] SHEVCHENKO, Maksim. "Musul'manskaya ugroza" [A "ameaça muçulmana"]. Radio Ekho Moskvy, 05.03.2019. Disponível em: <https://echo.msk.ru/blog/shevchenkomax/2382731-echo/>. Acesso em: 14.10.2021.

[70] Malashenko (2007, p.10-12).

central: a Administração Central Espiritual dos Muçulmanos da Rússia (TsDUM) e o Conselho dos Muftis da Rússia (SMR). Ambas têm vínculos com o Estado, dependendo de recursos financeiros e de proteção frente à Igreja Ortodoxa[71]. O autor também sublinha que as divisões étnicas administrativas, características do federalismo russo, dificultaram a unificação de muçulmanos em organizações nacionais independentes e opositoras ao Estado central. Além disso, há uma macrodivisão entre o Islã do Cáucaso Norte e o da região do Volga. Muçulmanos por vezes se queixam dos fortes laços entre o governo central e a Igreja Ortodoxa Russa, em parte relacionados à "virada étnica" de Putin; por outro lado, russos étnicos veem com apreensão o crescimento da população islâmica e a atuação de grupos fundamentalistas[72]. Nas próximas subseções abordarei a questão da islamofobia e a caucasofobia.

2.2 A questão chechena e os conflitos separatistas

A crise chechena dos anos 1990 remonta a períodos longínquos, sobretudo à Guerra do Cáucaso (1817-1864), um dos conflitos mais prolongados da história russa. Os chechenos, junto a outras etnias das montanhas caucasianas, foram um dos povos que mais resistiram à expansão do Império Russo no século XIX.

Com diversas referências históricas e citações literárias, Yakov Gordin (2014, p.28-29) chama atenção ao papel que a guerra caucasiana exerceu na visão de mundo e na "configuração psicológica" dos russos, sendo retratada em obras de autores clássicos, como Mikhail Lermontov e Liev Tolstói, que participaram diretamente do conflito, além de Alexander Pushkin e Alexander Griboiedov. Durante a prolongada beligerância no século XIX, com enormes esforços militares, o Cáucaso foi concebido pelas elites centrais como um posto avançado civilizador para a proteção do Império contra a expansão do Ocidente e de estados islâmicos, bem como para a liquidação de fontes do islamismo "belicoso" e "fanático". Por sua vez, para os "povos da montanha", a conquista russa poderia significar a destruição de sua ordem de mundo, apresentada por muitas narrativas etnocêntricas como "semisselvagem". Em alusão à crise chechena nos anos 1990, Gordin (2014, p.23) enfatiza que, apesar de mais de 150 anos como parte da Rússia, não houve uma "adaptação" da região ao Estado russo[73] e ao seu sistema de valores – "o Cáucaso provou ser excepcionalmente conservador psicologicamente".

No que concerne às narrativas históricas, John Russell (2005) enfatiza que desde a incorporação da Chechênia à Rússia, diferentes imagens e estereótipos dos chechenos foram

[71] Malashenko (2007, p.13-14, p.43).
[72] Malashenko (2007, p.13-14, p.44-60).
[73] O texto original faz referência ao conceito de "statehood", *gosudarstvennost'*.

difundidas socialmente, ressaltando desde características guerreiras e valentes à traição ao Estado e vínculos com atividades mafiosas e criminosas[74]. Em textos de escritores clássicos, chechenos foram retratados de maneira romantizada, como ocorreu com os indígenas americanos e os montanheses escoceses[75], aludindo ao seu amor pela liberdade e à imagem de "selvagens corajosos e honrados". Para o autor, o retrato idealizado desses grupos representa o conflito entre o modernismo e o tradicionalismo, a "nostalgia do escritor romântico por um modo de vida tribal/ clanístico, tingido com o lamento de que a sua supressão e extinção são fatos inevitáveis, dada a sua incompatibilidade com as demandas das sociedades modernizadoras e "civilizadas'" (RUSSELL, 2005, p.102). Tais modos de vida tradicionais foram efetivamente impactados com práticas coloniais como a *mukhadzhirstvo*, a deportação de chechenos em 1864.

Um importante momento histórico que marcou a relação de chechenos com o Estado soviético foram as deportações de Stalin na Segunda Guerra Mundial. Em março de 1944, sob a acusação de que chechenos haviam colaborado com os invasores nazistas, o governo decretou a extinção da República Autônoma Socialista Soviética Checheno-Ingushe e a deportação de todos os chechenos e inguches para repúblicas soviéticas da Ásia Central[76]. Ao todo, mais de 400 mil habitantes foram deportados[77]; outras minorias do Cáucaso e regiões periféricas tiveram o mesmo destino. Estima-se que mais de 100 mil chechenos tenham morrido no período de exílio (EDIEV, 2004) devido a fome, doenças e más condições (POHL, 1999, p.97-98). A república seria restabelecida e o retorno dos grupos permitido somente em 1957[78]. De acordo com Russell (2005), as tentativas de Stalin de promover a "cultura socialista" constituíam um projeto de russificação ao qual os chechenos resistiram por muito tempo. No exílio, a solidariedade étnica e estrutura de clãs (*teips*) ajudou a conservar sua identidade. O problema se manteve após o retorno, com "os russos ainda demandando assimilação às normas soviéticas 'proletárias' e os chechenos buscando

[74] Segundo Russel (2005), houve imagens históricas controversas, como o "guerreiro da montanha" versus o "bicho-papão" perverso, hostil ao Estado russo. A evolução da palavra "abrek", com conotações como "cavaleiro armado", resistente ao comando russo, "nobre ladrão" e, no período soviético, "inimigo do Estado", também evidencia esse fenômeno.
[75] Em inglês, *highlanders*.
[76] Elektronnaya biblioteka istoricheskikh dokumentov. Ukaz Prezidiuma Verkhovnogo Soveta SSSR. O likvidatsii Checheno-Ingushskoy ASSR i ob administrativnom ustroystve yeye territorii [Decreto do Presidium do Soviete Supremo da URSS. Sobre a liquidação do ASSR checheno-ingushe e sobre a estrutura administrativa do seu território]. Moskva, Kreml', 07.03.1944. Disponível em: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/165552-ukaz-prezidiuma-verhovnogo-soveta-sssr-o-likvidatsii-checheno-ingushskoy-assr-i-ob-administrativnom-ustroystve-ee-territorii-moskva-kreml-7-marta-1944-g#mode/inspect/page/1/zoom/4>. Acesso em: 20.10.2021.
[77] Dokumenty iz arkhiva Iosifa Stalina [Documentos do arquivo de Josef Stalin]. Nezavisimaya Gazeta, 29.02.2000. Disponível em: <https://www.ng.ru/specfile/2000-02-29/10_top_secret.html>. Acesso em: 15.10.2021.
[78] Elektronnaya biblioteka istoricheskikh dokumentov. Ukaz Prezidiuma Verkhovnogo Soveta SSSR. O vosstanovlenii Checheno-Ingushskoy ASSR v sostave RSFSR [Decreto do Presidium do Soviete Supremo da URSS. Sobre a restauração da ASSR checheno-ingushe como parte da RSFSR]. 9.01.1957. Disponível em: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/165852-ukaz-prezidiuma-verhovnogo-soveta-sssr-o-vosstanovlenii-checheno-ingushskoy-assr-v-sostave-rsfsr-9-yanvarya-1957-g>. Acesso em: 16.10.2021.

restaurar os seus costumes tradicionais (*adat*) e o código de honra (*nokhchallah*)" (RUSSELL, 2005, p.104). A memória da deportação contribuiu para um sentimento de indefesa em relação ao Estado central e serviu de estímulo à resistência chechena (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.39).

Contrariamente a visões primordialistas da questão chechena, James Hughes (2012, p.234-236) sustenta que não há evidências fortes para considerá-la um campo de batalha cultural ou um choque de civilizações entre uma Rússia secular modernizadora e uma sociedade chechena tradicional[79]. À parte dos momentos de antagonismo, a Chechênia passou por um longo período de estabilidade e sovietização. Para Hughes, muitas das abordagens acadêmicas e midiáticas recentes sobre a questão foram enviesadas por relatos de autores clássicos do século XIX e por uma visão romantizada de antropólogos soviéticos acerca da sobrevivência do sistema de clãs (*teips*) pré-moderno. O autor afirma que não há bases sociológicas para a tese dos "clãs" na sociedade chechena contemporânea: a colonização russa enfraqueceu as tradicionais relações familiares e de clãs através de conquista militar, 'pacificação' e sedentarização forçada de povos pastoris, genocídio, deportação, comercialização, coletivização socialista e políticas de modernização (como industrialização e secularização), forçando os chechenos a uma noção mais territorializada de identidade de 'teip'" (HUGHES, 2012, p.234). Clivagens territoriais (o eixo norte-sul[80]), ideológicas e personalistas (em torno de lideranças locais), permeadas de relações clientelísticas, atualmente seriam mais salientes do que clãs. Por outro lado, autores como Slider (2008, p.182) consideram que clãs e relações familiares[81] são ainda politicamente salientes – contribuíram para a disseminação da corrupção, obstruíram uma competição política "honesta" e precipitaram conflitos étnicos no Cáucaso Norte.

Hughes (2012, p.235) também observa que, mesmo após a reabilitação dos chechenos na década de 1950, o governo soviético manteve um olhar de desconfiança – russos étnicos eram nomeados para muitos cargos administrativos e órgãos republicanos do Partido Comunista, ao mesmo tempo que elites chechenas eram cooptadas pelo sistema de *nomenklatura*. No geral, como parte da Rússia, o Cáucaso passou tanto por políticas repressivas quanto por ações afirmativas[82], tais como alfabetização, modernização e industrialização (EVANGELISTA, 2005, p.370).

[79] Hughes (2012, p.236) faz críticas à teoria do choque de civilizações, de Samuel Huntington (1993).
[80] Segundo Hughes (2012, p.234-236), há uma clivagem entre as terras baixas, região mais "modernizada" e russificada, e as montanhas do sul, região de difícil penetração e que propiciou maior resistência por parte dos grupos guerrilheiros.
[81] Slider (2008, p.194) menciona que após se tornar presidente (governador), Kadyrov nomeou o seu primo, Odes Baysultanov, ao cargo de primeiro ministro. A Chechênia foi então a única unidade federativa em que parentes de sangue ocuparam simultaneamente os cargos mais altos regionais.
[82] Ver Martin, 2001.

O conflito separatista dos anos 1990 se insere no contexto dos movimentos de autodeterminação nacional que assolaram diversas regiões étnicas da URSS no período final da *perestroika*, o "desfile das soberanias". Conforme discorrem Malashenko e Trenin (2002), o líder da república, Dzhokhar Dudayev, apoiou Yeltsin na resistência ao golpe promovido pela linha dura do Partido Comunista soviético em agosto de 1991, mas simultaneamente, iniciou o armamento da população e deu procedência a reivindicações de independência. A situação continuou a se agravar, não apenas nas relações com o governo federal da Rússia pós-soviética, mas também entre as próprias elites chechenas. O parlamento russo resistiu a tentativas do Executivo de interferir militarmente na região, até que em dezembro de 1994, por determinação de Boris Yeltsin, tropas federais invadiram a região e iniciaram a Primeira Guerra da Chechênia. Segundo os autores, o Kremlin acreditava que seria um conflito rápido – em diversas ocasiões anunciou que a fase "intensa" de beligerância estava encerrada –, mas a guerra acabou se prolongando, trazendo impopularidade a Yeltsin[83]. No decorrer de 1995, unidades federativas vizinhas foram atingidas pelo conflito, como no caso do sequestro em massa em Budyonnovsk, no território de Stavropol. No início de 1996, o ataque à cidade de Kizlyar, no Daguestão, e a um navio turco com turistas russos aprofundou ainda mais a crise. Nas eleições presidenciais de 1996, Yeltsin explorou a guerra politicamente. Após intensas batalhas, promoveu os acordos de Khasavyurt, que interromperam o conflito impopular.

Por cerca de três anos a Chechênia ficou *de facto* independente, mas as elites locais não lograram superar as divisões internas e fracassaram nas mediações com o governo federal e estados estrangeiros. Algumas lideranças separatistas, sobretudo Shamil Basayev, derrotado nas eleições locais por Aslan Maskhadov[84], aprofundaram o envolvimento com correntes religiosas radicais[85]. A adoção da lei islâmica, a sharia, em 1997 foi consequência dessa guinada. Medidas drásticas, como execuções públicas, tortura e sequestros com a conivência de autoridades locais foram veiculadas nos grandes meios de comunicação russos (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.64-65). A população russa sentiu-se desiludida com as consequências de uma Chechênia *de facto* independente (PAIN, 2005, p.69).

[83] Malashenko e Trenin (2002) mencionam que os separatistas contavam com interlocutores importantes, como governadores de outras repúblicas e, informalmente, o oligarca Boris Berezovsky.

[84] Aslan Maskhadov era considerado mais "moderado" que Basayev e a sua vitória nas eleições chechenas de 1997 foi um indicador de que a população almejava evitar um aprofundamento das tensões (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.27-28). Ao longo do tempo, Maskhadov perdeu força política. Embora membros da comunidade internacional o considerassem um ator fundamental para negociações, Putin nunca reconheceu esse papel – comparou-o a Osama Bin Laden e orquestrou o seu assassinato em 2005 (EVANGELISTA, p.369).

[85] O fundamentalismo também se expandiu para regiões do vizinho Daguestão, como na zona de Kadar (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.32).

Hughes (2012) destaca que o fundamentalismo islâmico não estava nos planos das elites chechenas na fase inicial do movimento separatista. Dudayev e Yandarbiev, precursores da independência, inspiram-se nos "fronts populares" de contestação ao governo soviético nas repúblicas Bálticas, seculares e pró-democracia. O Islã apareceu posteriormente como um instrumento de unificação e promoção de uma identidade nacional. Hughes (2012, p.243-244) também enfatiza que a adesão a correntes fundamentalistas (como o wahabismo e o salafismo) por parte das elites foi um processo gradual, que ganhou força com a intervenção russa brutal e "desproporcional" a partir de 1994, vitimando inúmeros civis, e com a falta de apoio por parte do Ocidente, conivente com a atuação militar russa em diversas ocasiões. Os separatistas estabeleceram laços com a Al Qaeda, abrangendo treinamentos e suporte financeiro. Em 1995, por influência de Basayev, um representante da organização terrorista, o saudita Ibn al-Khattab, passou a integrar o comando militar separatista.

A invasão ao Daguestão, conduzida por Basayev e Khattab em agosto de 1999, levou à Segunda Guerra da Chechênia. De acordo com Malashenko e Trenin (2002, p.33), o episódio constituiu um verdadeiro trampolim para Vladimir Putin ao governo federal. Putin foi nomeado primeiro-ministro alguns dias após a crise, substituindo Sergey Stepashin, considerado "pacifista" na questão chechena. Atentados terroristas em Moscou e outras cidades russas em setembro de 1999, supostamente por terroristas chechenos[86], aumentaram o apoio à intervenção federal. Em março de 2000, em meio a vitórias das tropas federais e poucos meses após a renúncia de Yeltsin, Putin é eleito presidente. Seu discurso linha-dura em relação aos separatistas impactou significativamente o público russo e as vitórias militares contribuíram para a recuperação do prestígio do exército (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.56). Diferentemente do primeiro conflito, o segundo teve uma cobertura televisiva muito menos livre (COLTON E MCFAUL, 2002, p. 95).

Há divergências sobre a data exata do fim da Segunda Guerra: embora no início dos anos 2000 o governo federal tenha restabelecido o controle sobre parte considerável do território, ataques de insurgência e atentados terroristas no Cáucaso e em outras cidades russas continuaram ao longo de toda a década. Entre os episódios que mais ganharam repercussão estão os atentados a um teatro em Moscou (2002), o atentado à escola de Beslan (2004), que deixou mais de 300 mortos, na maioria crianças, as explosões no metrô de Moscou (2010), no aeroporto Domodedovo

[86] Houve rumores e acusações de que o Serviço Federal de Segurança (FSB) poderia estar envolvido nos atentados (MALASHENKO, 2007, p.118; GELMAN, 2021, p.151). Um ex-agente do FSB, Alexander Litvinienko, denunciou a organização e foi morto após envenenamento com polônio-210. Cortes europeias acusaram o governo russo de envolvimento, o qual negou reiteradamente. Poison, spies and businessmen: The Litvinenko murder case 15 years on. DW, 24.11.2021. Disponível em: <https://www.dw.com/en/poison-spies-and-businessmen-the-litvinenko-murder-case-15-years-on/a-59910692>. Acesso em: 26.11.2021.

(2011), em um ônibus e na estação de trem de Volgograd (2013) e no metrô de São Petersburgo (2017). Para Russell (2005, p.112), a política de Putin de romper os processos de paz mesmo com setores da oposição chechena moderada fechou todos os canais àqueles que defendiam o uso de negociações para alcançar uma solução política. Os que desejaram continuar a luta, mudaram a tática, recorrendo a atentados suicidas. A radicalização islâmica alterou os objetivos dos insurgentes, que passaram a almejar não apenas a secessão, mas também a criação de um emirado em todo o Cáucaso. Vale frisar que o Cáucaso Norte foi de longe a região mais instável da Rússia: além da Chechênia, atentados terroristas e ataques a forças de segurança foram promovidos nas repúblicas da Inguchétia, Daguestão, Kabardino-Balkaria e Ossétia do Norte (SLIDER, 2008, p.178).

Junto ao uso desproporcional da força, outra estratégia de Putin para retomar o controle federal, apontada por Hughes (2012, p. 244-245), foi a chamada "chechenização" do conflito, por meio da qual a intervenção russa deixou de se basear apenas no exército e passou a contar com o apoio militar de ex-combatentes chechenos cooptados pelo governo federal. O principal ator cooptado foi Akhmad Kadyrov[87], líder religioso (mufti), que se tornou chefe temporário da administração regional e depois presidente (governador) da república. Em maio de 2004, Kadyrov foi assassinado em um atentado terrorista. O governo federal manteve o controle e, após disputas locais, seu filho, Ramzan Kadyrov, assumiu a liderança da região, posto que ocupa até os dias de hoje. Ramzan ficou conhecido por gerenciar um grupo paramilitar, os *kadyrovtsy*, que auxiliaram na guerra contra insurgentes e são acusados de cometerem diversas violações de Direitos Humanos[88]. De acordo com Hughes, atores paraestatais estiveram envolvidos no assassinato da jornalista Anna Politkovskaya[89], em 2006, e da ativista Natalia Estemirova, em 2009. Kadyrov também é conhecido por adotar medidas controversas que ferem os direitos das mulheres e a secularidade da constituição russa, como o uso compulsório de véu, o assassinato por honra e a poligamia (HUGHES, 2012, p.245). Um outro elemento notável da Segunda Guerra foi a forte atuação do Serviço Federal de Segurança (FSB), órgão sucessor do KGB, estreitamente vinculado a Putin[90]. O FSB eliminou importantes lideranças insurgentes, como Khattab (2002), Maskhadov (2005) e Basayev (2006) (HUGHES, 2012, p.239).

[87] Tanto Akhmad quanto o seu filho Ramzan lutaram contra as tropas federais durante a Primeira Guerra da Chechênia. Para Hughes (2012, p. 244), Akhmad Kadyrov pode ter sido motivado "em parte por ambições pessoais e em parte pela preocupação com a situação desesperada da população chechena sob a arbitrária ocupação militar russa".

[88] Os *kadyrovtsy* são uma força de segurança diretamente submetida a Ramzan Kadyrov; formalmente foram incorporados ao Ministério dos Assuntos Interiores (SLIDER, 2008, p.190).

[89] A jornalista Anna Politkovskaya cobriu o conflito checheno e fez diversas denúncias contra a atuação do governo federal.

[90] Putin foi diretor do FSB de julho de 1998 a março de 1999. Anteriormente, serviu em uma representação do KGB na Alemanha Oriental, na administração de São Petersburgo e na Administração da Presidência da Federação Russa.

Slider (2008) afirma que, apesar da centralização administrativa pela qual a Rússia passou no início do governo Putin, as relações do governo federal com a Chechênia no pós-guerra foram caracterizadas por um "federalismo iliberal": o governo central garante poderes informais ilimitados às lideranças regionais em troca de lealdade, resultados econômicos e ganhos eleitorais para o partido do governo. Democracia, transparência, sociedade civil e Direitos Humanos são considerados desnecessários ou mesmo hostis à estabilidade política e ao progresso econômico (SLIDER, 2008, p.190). As vitórias esmagadoras do partido governista Rússia Unida[91] na região, obtidas em parte com fraudes, remeteriam à supremacia do Partido Comunista no período soviético. O autor também ressalta que a "ramzanização" do sistema político checheno consistiu em uma versão local do sistema autoritário desenvolvido por Putin no âmbito nacional. Entre os seus elementos comuns estariam o culto à personalidade, a repressão e marginalização de opositores, o controle sobre a mídia, o cronismo nas nomeações aos postos públicos mais altos, a corrosão da sociedade civil, a falta de preocupação com a corrupção e a instituição de uma legislatura subserviente (SLIDER, 2008, p.195-196). Por fim, Slider menciona a mudança de paradigma do governo federal: enquanto de 2000 a 2004 o governo investia majoritariamente em resoluções militares, após os atentados de Beslan, em setembro de 2004, houve um reconhecimento da necessidade de se implementar uma abordagem mais orientada a questões socioeconômicas[92]. O Cáucaso Norte é a região mais pobre da Rússia e problemas sociais, como o alto nível de desemprego da juventude, a falta de perspectivas, a corrupção e a degradação da infraestrutura pública no conflito, contribuíram para a expansão de grupos armados, fundamentalistas e criminosos. A ação predatória governamental, com barreiras administrativas ao empreendedorismo, excesso de impostos e falta de proteção dos direitos de propriedade, foi um verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento econômico. A despeito dos problemas elencados, com o aporte de enormes recursos federais, o governo Kadyrov obteve considerável êxito na reconstrução econômica da Chechênia (SLIDER, 2008, p.193). Contrariamente a Slider, Malashenko (2007, p.116-117) afirma que o governo federal estava satisfeito com a atuação dos órgãos militares e não demonstrou muita preocupação em endereçar as causas sociopolíticas[93] locais que alimentavam o extremismo.

[91] Cientistas políticos russos o denominam "partido do poder" (*partiya vlasti*).

[92] Dmitry Kozak, representante plenipotenciário (*polpred*) do presidente no distrito do sul (o qual incorporava o Cáucaso Norte) de 2004 a 2007, foi um dos principais articuladores dessa mudança de paradigma (Slider, 2008). Kozak também reivindicou a implementação de medidas federativas de descentralização e de combate à corrupção. Segundo Slider, foi um dos *polpredy* mais influentes do governo. De 2007 a 2008, ocupou o cargo de ministro do Desenvolvimento Regional. Antes de Kozak, de 2000 a 2004, o *polpred* do distrito do sul era o general Viktor Kazantsev, o que denota a abordagem militarista em relação à questão chechena.

[93] Malashenko (2007, p.177-178) também aponta problemas sociais, a corrupção e a violência de agentes estatais no combate à oposição como um dos principais fatores que subsidiam grupos extremistas e fundamentalistas no Cáucaso Norte.

A dotação de transferências federais, com volumes proporcionalmente superiores aos de outras unidades federativas, somada à autonomia informal às elites regionais, constituiu um importante pilar de cooptação. Nos anos 1990, durante o conflito, e no período de reconstrução do pós-guerra houve diversas denúncias de que recursos federais eram desviados em esquemas de corrupção envolvendo autoridades de diferentes níveis de governo (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.35), o que levou a região a ficar conhecida como "buraco negro" do sistema orçamentário e financeiro Slider (2008, p.191). Nacionalistas russos contestaram as assimetrias fiscais entoando o slogan "basta de alimentar o Cáucaso"[94]. Kadyrov, por sua vez, respondeu que o Cáucaso é a "espinha dorsal" e a "segurança" da Rússia e que desde os tempos imperiais a região fornece soldados ao Estado[95].

Finalmente, vale mencionar as divergências quanto ao número de mortos no conflito. Estimativas conservadoras da Primeira Guerra (1994-1996) mencionam 7.500 militares russos, 4.000 combatentes chechenos e pelo menos 35.000 civis (WOOD, 2004, p.22); outros citam números entre 50.000[96] e 80.000[97] civis. As estimativas que levam em conta a Segunda Guerra, no período de 1999 a 2005, em conjunto com a primeira, variam entre 10 e 20 mil soldados russos[98] e, entre muitos desaparecidos, totalizaram 300.000 mortos, incluindo milhares de russos étnicos civis[99]. Pelo menos 25.000 civis teriam morrido apenas na Segunda Guerra[100].

2.3 O impacto do conflito checheno na sociedade e no sistema político russo

Na presente subseção, apresentaremos os principais argumentos acerca do impacto do conflito checheno na sociedade e no sistema político russo, questão estritamente relacionada à pergunta de pesquisa desta tese.

Uma das primeiras consequências da crise chechena para o sistema político russo foi a pressão por descentralização administrativa. Embora tal tendência tenha se iniciado no processo

[94] VACHEDIN, Dmitriy. V Moskve pod lozungom "Khvatit kormit' Kavkaz" proshel miting natsionalistov [Em Moscou, sob o slogan "Pare de alimentar o Cáucaso", foi realizado um comício de nacionalistas]. DW, 23.04.2011. Disponível em: <dw.com/ru/в-москве-под-лозунгом-хватит-кормить-кавказ-прошел-митинг-националистов/a-15026267>. Acesso em: 20.11.2021.
[95] Kadyrov zayavil, chto obizhayetsya, kogda govoryat "khvatit kormit' Kavkaz" [Kadyrov disse que se ofende quando dizem "pare de alimentar o Cáucaso"]. RIA Novosti, 26.11.2017. Disponível em: <https://ria.ru/20171126/1509623722.html>. Acesso em: 20.11.2021.
[96] Chechen official puts death toll for 2 wars at up to 160,000. The New York Times, 16.08.2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/08/16/world/europe/chechen-official-puts-death-toll-for-2-wars-at-up-to-160000.html>. Acesso em: 25.10.2021.
[97] Official: Chechen wars killed 300,000. Al Jazeera, 26.06.2005. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2005/6/26/official-chechen-wars-killed-300000>. Acesso em: 22.10.2021.
[98] The New York Times, 16.08.2005.
[99] Al Jazeera, 26.06.2005.
[100] The New York Times, 16.08.2005.

de desintegração da União Soviética, a dificuldade do governo federal em lidar com o separatismo checheno conferiu poder de barganha para outras regiões reivindicarem maior autonomia. Um dos casos emblemáticos, já mencionado, é o da república do Tatarstão, região rica em petróleo e cujas elites lograram obter concessões econômicas e políticas do governo federal. A assinatura de tratados bilaterais entre os poderes executivos federal e regionais possibilitou evitar a repetição do cenário checheno em outras partes da Rússia (DROBIZHEVA, 2005, p. 20), embora a sua constitucionalidade e adequação ao regime democrático tenham sido contestadas (STEPAN, 2000, p. 144). O temor do governo federal de que o conflito se alastrasse a outras repúblicas levou-o a consentir com reivindicações por autonomia e um conturbado processo de descentralização[101]. O excesso de autonomia ajudou a desmobilizar grupos nacionalistas nas repúblicas, mas simultaneamente facilitou a consolidação de regimes autoritários regionais e processos de desintegração legal e econômica (ROSS, 2002).

O risco de alastramento do conflito para outras regiões era uma preocupação latente. De acordo com Malashenko e Trenin (2002, p.42-49), nos anos 1990 discutia-se muito a perspectiva de dissolução da Rússia, a qual, nas suas palavras, não passava de um mito. A crise representava uma ameaça à instabilidade do país, com um profundo impacto econômico, mas não a sua integridade territorial, tendo em vista que outras regiões muçulmanas não aderiram à causa chechena. Os autores recordam que diversos políticos e jornalistas acreditavam que a guerra "explodiria" o Cáucaso Norte, todo o sul da Rússia e levaria ao "colapso total" do país; ou, ainda, culminaria na ascensão de um novo "Napoleão" ou "Pinochet". Em um artigo de 1994, apresentado como evidência da apreensão, o ex-ministro das Finanças, Boris Fyodorov, afirmou que o futuro de outras regiões dependia da questão chechena: os diferentes órgãos do governo federal deveriam tomar todas as medidas cabíveis para impor a ordem na república ou conceder a independência[102]. Apesar das discussões públicas, um *survey* de outubro de 1995 revelou que apenas 20,4% da população acreditava que a operação militar na Chechênia era essencial para evitar a desintegração do país e somente 3,2% apoiavam a condução de uma ação militar até que toda a resistência chechena fosse erradicada (PAIN, 2005, p.69). Para Ross (2002, p.55-58), a difusão de separatismos era pouco provável, tendo em vista fatores como o efeito demonstrativo dos altos e dolorosos custos da guerra chechena; a ascensão do nacionalismo russo e a consequente ameaça de extinção de unidades federativas étnicas; o fato de unidades étnicas corresponderem a apenas

[101] Mesmo Putin reconheceu o papel estabilizador que os tratados bilaterais exerceram nos anos 1990.
[102] FEDOROV, Boris. "Chechnya i razval rossiyskogo gosudarstva" ["A Chechênia e o colapso do Estado russo"]. Izvestiya 13.09.1994. Fonte: Osterman, Lev. Intelligentsiya i vlast' v Rossii. 20.06.2004. Disponível em: <http://www.lib.ru/POLITOLOG/OSTERMAN/intelligencia.txt>. Acesso em: 26.11.2021.

18% da população, enquanto russos eram a esmagadora maioria (82,95%)[103][104]; e a dependência de transferências federais em muitas regiões.

O prolongamento da guerra, muito criticada na imprensa, tornou-a ainda mais impopular e o seu efeito político no nível federal foi notável, com reflexos no baixo resultado do governo nas eleições parlamentares de 1995, na demissão de ministros e na pressão da oposição e do parlamento (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.22-24). No âmbito das eleições presidenciais de 1996[105], Yeltsin buscou instrumentalizar politicamente o conflito: realizou sua primeira visita à república em maio, declarou a "vitória" dos soldados russos, assinou um decreto que previa o fim da convocação militar obrigatória até 2000 e convidou para o governo o popular general Alexander Lebed, que havia conquistado o terceiro lugar no primeiro turno das eleições (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.55). Lebed ficou encarregado de negociar os acordos de paz de Khasavyurt com os separatistas, de maneira que a impopularidade de tal medida, com acusações de "traição", recaiu parcialmente sobre ele. A derrota russa na Chechênia, confirmada com as concessões aos separatistas em 1996, simbolizou, então, o fim da Rússia como "potência militar e imperial" (LIEVEN, 1999, p.1) e realçou "as diferenças étnicas como uma ameaça potencial à segurança – assim como no colapso da URSS – e como um desafio ao *state-building* na Rússia pós-soviética" (AKTURK, 2010, p.326). O conflito é considerado um dos principais fatores que erodiram a nascente democracia russa do início dos anos 1990, contribuindo para a debilitação e corrupção do governo Yeltsin, com um enorme desvio de recursos, e para um processo acelerado de corrosão das novas liberdades civis e midiáticas (HUGHES, 2012, p.233).

A retomada do conflito após a invasão de guerrilheiros chechenos ao Daguestão, em agosto de 1999, favoreceu significativamente Vladimir Putin, nomeado por Yeltsin ao cargo de primeiro-ministro em meio à crise. Os polêmicos atentados a edifícios residenciais em diferentes cidades russas geraram ainda mais comoção na população. O sucesso no início da campanha militar, a propaganda "suja" e a pressão sobre a oposição favoreceram as forças políticas pró-Kremlin – principalmente o bloco *Edinstvo* – nas eleições parlamentares de 1999 (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.57). A ameaça à segurança deixou de ser um termo abstrato para os russos (GELMAN, 2021, p.151). Em um claro efeito "rally 'round the flag"[106], a popularidade de Putin

[103] Na URSS, russos étnicos eram cerca de 50% da população (ROSS, 2002, p.55).
[104] Dos 172 grupos étnicos, o maior deles, os tártaros, equivale apenas a 3,8% da população e a maioria dos outros têm menos de 1%. Russos predominam na maioria das regiões, há grandes populações russas em diversas repúblicas e, ao contrário das repúblicas do Cáucaso, a maioria delas não está localizada junto a limites fronteiriços internacionais (ROSS, 2002, p.55-58).
[105] Treisman (2011, p.593) faz referência ao conselheiro de Yeltsin, Oleg Lobov, segundo o qual uma guerra pequena e vitoriosa ajudaria a elevar a popularidade do presidente. Lobov posteriormente negou ter feito tal afirmação (citado em COLTON, 2008, p.290).
[106] O efeito "rally 'round the flag" (MULLER, 1973): apoio popular ao incumbente impulsionado por um conflito externo.

subiu rapidamente, o que contribuiu para a sua vitória eleitoral no primeiro turno, em março de 2000 (TREISMAN, 2011). De acordo com relatos de Yeltsin (2000, p.277), as pessoas acreditaram que ele, Putin, "poderia protegê-las", o que constituiu o "principal motivo da disparada de sua popularidade"[107]. A "ameaça chechena" permitiu a consolidação nacional em torno de uma "personalidade forte há tempo esperada"[108]; porém, à medida que o conflito tornou-se prolongado, passou a enfraquecer a autoridade presidencial (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.44-56). Nessa direção, Treisman (2011, p.600) defende que o conflito estimulou a popularidade de Putin apenas no início de seu mandato – a insatisfação social com a continuidade das ações militares exerceu pressão em sentido contrário, salvo o impacto esporádico de alguns atentados terroristas. Já Malashenko (2007, p.118) alega que a luta contra o terrorismo não se tornou um elemento para unificar a população em torno do governo e acabou dando ímpeto a críticas e rumores contra as próprias autoridades.

Uma característica relevante do segundo conflito, é o forte aumento da preocupação com a crise e do apoio a medidas federais enérgicas. Enquanto em 1995 havia uma resistência grande na população, um *survey* de novembro de 1999 revelou que 53,1% acreditavam que a operação militar na Chechênia era essencial para evitar a dissolução da Rússia e 62,5% apoiavam a condução de uma ação militar até que toda a resistência chechena fosse erradicada (PAIN, 2005, p.69). Visando elucidar os motivos que levaram a tal mudança, Emil Pain (2005, p.69-71) aponta três fatores principais. Em primeiro lugar, o descontentamento da população com as consequências da independência chechena e a propaganda do governo federal atrelada a ela. Muitos russos passaram a ver a região como um campo de treinamento para terroristas e sequestradores. A introdução de um regime islâmico fundamentalista na região e a veiculação midiática de imagens de execuções públicas e tortura contribuíram para essa perspectiva (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.64-65). Em segundo lugar, Pain cita a invasão da OTAN a Kosovo, medida que causou desavenças entre a Rússia e o Ocidente. As críticas do Ocidente à intervenção russa na Chechênia foram consideradas "hipócritas": se a OTAN tinha o direito de intervir em um território alheio, com vítimas civis, a Rússia também teria o direito de intervir no seu próprio território. Finalmente, o autor destaca a desilusão da população com as reformas liberais e a percepção de que elas

[107] Também citado em Treisman (2011, p.593), com referência à versão inglesa do livro. YELTSIN, Boris. Midnight Diaries. New York: Public Affairs, 2000. A imagem de Putin como um líder jovem, enérgico, ex-espião e lutador, frente à de Yeltsin, conhecido por suas gafes públicas, embriaguez e debilidade física, pode ter favorecido a mudança de perspectiva por parte da população (TREISMAN, 2011, p. 593).

[108] De acordo com Malashenko e Trenin (2002), à parte do conflito "não havia meio alternativo para a união nacional". Em 1999, Putin não contava com nenhum programa econômico ou político. "Parte considerável dos russos se uniu não com base em uma atividade criativa, mas na luta contra um agressor, ao qual, como parecia à maioria, chegou a hora de se vingar" (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.56). Evangelista (2004) compara o impacto do conflito checheno na ascensão de Putin ao impacto do conflito de independência da Algéria na ascensão de De Gaulle. Contudo, diferentemente de Putin, De Gaulle consentiu com a independência alguns anos depois do conflito.

representavam um golpe à "psique nacional": a vitória no Daguestão e o ataque a "bases terroristas" na Chechênia, em resposta aos atentados terroristas a cidades russas, causaram êxtase em um público cansado de fracassos econômicos, políticos e militares. As pessoas passaram a acreditar que a crise chechena poderia ser resolvida à força e a "ordem" nacional alcançada por uma "mão de ferro". Diferentemente de Yeltsin, que se esquivava da responsabilidade pelos ataques militares, Putin fazia referências diretas e enfáticas ao seu combate contra os insurgentes. De maneira semelhante, Malashenko e Trenin (2002, p.56) mencionam o impacto do discurso enérgico de Putin e aponta que a sua nomeação para substituir Sergey Stepashin, primeiro-ministro conhecido por sua política moderada, sinalizou uma mudança de paradigmas na abordagem da questão. A resposta contundente de Putin atendeu aos anseios populares de vingança e impulsionou a confiança, inclusive das elites, de que ele seria mais capaz de prover segurança do que outras forças políticas (GELMAN, 2021, p.151-152).

As causas da mudança da opinião pública russa entre o primeiro e o segundo conflito também foram analisadas por John Russell (2005). Segundo o autor, tanto Yeltsin quanto Putin buscaram retratar os combatentes como "bandidos" e "terroristas" para angariar apoio popular e conduzir suas campanhas militares. Contudo, Yeltsin não obteve sucesso. Apenas em 1999, com a invasão chechena ao Daguestão e os atentados terroristas a cidades russas, é que tal apelo ganhou adesão social e midiática. Posteriormente, os atentados de 11 de setembro deram embasamento à narrativa, promovida por Putin, de que o conflito era parte da luta contra o "terrorismo islâmico internacional", em vez de um movimento por autodeterminação nacional. A fobia a cidadãos do Cáucaso e a outras minorias foi em parte consequência desse discurso. Russell afirma que o Kremlin aprendeu a usar a "guerra da informação" e jornalistas passaram a ser barrados nas áreas de combate. O discurso oficial ganhou adesão no Ocidente: os "rebeldes", a "resistência armada" e "lutadores da paz" na primeira guerra foram substituídos por "terroristas islâmicos" na segunda. Assim como Pain, o autor considera que a opinião pública começou a mudar no período em que a Chechênia ficou de fato independente, quando a região passou a ser vista como um Estado "falido", "bárbaro" e "incivilizado", permeado por "anarquia selvagem" – perspectiva que ganhou espaço na mídia russa e ocidental (RUSSELL, 2005, p.107). A aprovação à linha dura de Putin esteve associada à vontade de resolução do conflito, que esporadicamente trazia insegurança ao país. O autor conclui que os chechenos foram "demonizados" pelo discurso oficial, enquanto Putin passou a ser visto como um "peacemaker".

Abordando a questão da caucasofobia, Drobizheva (2005, p.25) alega que o fenômeno tem relação com o trauma dos russos na dissolução da URSS, os movimentos nacionais e as consequências do conflito na Chechênia, incluindo o terrorismo. Formou-se a imagem de

"inimigo"[109], abarcando chechenos e muçulmanos. Desde 2005, alguns conflitos étnicos de âmbito local, envolvendo russos e caucasianos, ganharam ressonância. Entre os de maior repercussão, estão os motins na praça Manezh, em 2010, e os de Biryulyovo Zapadnoye, em 2013, ambos em Moscou (nos anexos, disponibilizo uma lista com os principais casos).

Malashenko (2007) destaca que o "radicalismo islâmico" serviu como imagem de inimigo interno e externo, atuando dentro do país e tentando desestabilizá-lo desde fora[110]. Alega que a luta contra o extremismo islâmico foi utilizada pelas autoridades para fortalecer o sistema autoritário, ceifar atividades da oposição[111], eliminar partidos pequenos, restringir a liberdade de imprensa, aumentar a popularidade de órgãos de segurança e justificar anos de guerra e instabilidades no Cáucaso. Na sua perspectiva, o fundamentalismo é, antes de mais nada, resultado de crises sociais e políticas, como a corrupção, mas as autoridades recorrem a políticas repressivas e estão pouco interessadas em atacar o cerne do problema. A xenofobia, que no começo dos anos 1990 parecia uma "nuvem escura" no horizonte democrático da consciência social e era considerada um rudimento do pensamento pós-totalitário, tornou-se um fenômeno de massa. O fato de russos terem lutado por duas décadas contra muçulmanos – primeiro no Afeganistão e depois na Chechênia – pode ter influenciado as percepções de ameaça. No entanto, vale ressaltar que alguns *surveys*, citados pelo autor, indicam uma visão crítica de russos frente ao discurso oficial: parte significativa da população não acredita que os atentados sejam motivados pelo Islã, mas sim por vingança contra a ação militar russa; muitos creem em rumores de que o ataque ao Daguestão foi orquestrado por autoridades federais; e há um entendimento de que o Estado se aproveita da luta contra o fundamentalismo para cercear liberdades.

Na direção de Malashenko, Hughes (2012) considera que a Segunda Guerra da Chechênia permitiu a Putin consolidar-se na presidência, elevar sua autoridade, conduzir uma "revolução" contra oligarcas, expandir a influência do FSB na política, economia e sociedade, além de promover a "ditadura da lei", a centralização administrativa e a "demonização" de inimigos. Inicialmente, separatistas foram pintados como "bandidos" e "criminosos", e somente depois como "terroristas" – seus laços com a Al Qaeda foram superdimensionados, principalmente após 11 de setembro.

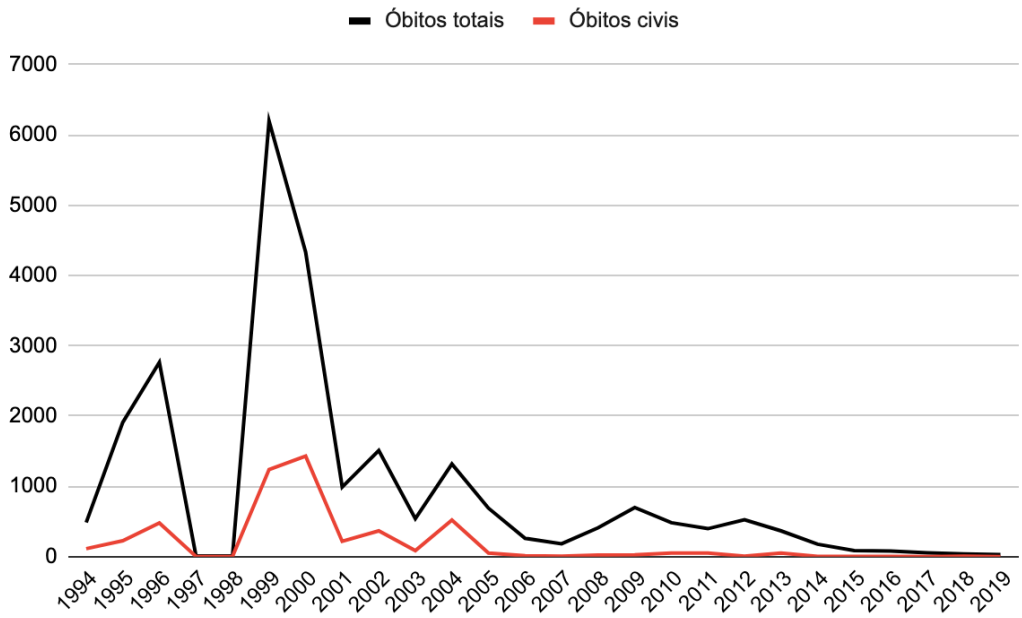
Para Cameron Ross (2002, p.65), as guerras da Chechênia "assustaram" outras repúblicas, coagindo-as à submissão, mas também incentivaram o autoritarismo no nível central. Conclui que

[109] No texto original, *obraz vraga* – literalmente, figura de inimigo.
[110] Slider (2008, p. 179) enfatiza que Putin e membros da elite passaram a utilizar a questão chechena no discurso de antagonismo ao Ocidente, sobretudo após o atentado de Beslan, em 2004. Afirmaram que "inimigos estrangeiros", visando a desestabilização da Rússia, oferecem suporte aos extremistas.
[111] Diferentes atores da oposição liberal foram acusados de "cumplicidade com terroristas" (MALASHENKO, 2007, p.118).

“Yeltsin e Putin, [...], tiveram sucesso em manter a unidade do Estado, mas às custas de sacrificar a transição democrática da Rússia” (ROSS, 2002, p.177). Entre as principais reformas de centralização administrativa e política, algumas das quais concorreram direta ou indiretamente à deterioração da competição política e o endurecimento autoritário no país, pode-se mencionar: a criação de distritos federais, congregando todas as unidades federativas, monitorados pelo representantes plenipotenciários do presidente (*polpredy*); a reforma de partidos de 2001, que dificultou a criação de partidos e proibiu partidos étnicos; a retirada dos governadores da câmara alta; a criação do partido Rússia Unida, o qual, graças à alta popularidade de Putin, ao sistema de lista fechada e à utilização da máquina administrativa, obteve maioria constitucional nas eleições legislativas de 2003; a revogação dos tratados bilaterais entre o governo federal e as regiões; e, a mais polêmica, o cancelamento das eleições para governador no fim de 2004. Tendo em vista as crises e "deformações" das estruturas estatais pelas quais a Rússia passou nos anos 1990, as medidas de Putin para o fortalecimento do "sistema vertical de poder" encontraram apoio popular, a despeito de suas consequentes restrições a liberdades democráticas (DROBIZHEVA, 2005, p.16).

Finalmente, no que concerne ao impacto da questão chechena na política externa, Malashenko (2007, p.145-147) alega que a "ameaça islâmica" permitiu a aproximação da Rússia com o Ocidente no início do governo Putin, no âmbito da "luta internacional contra o terrorismo". Ao mesmo tempo, o país se apresentou, pelo menos em parte, como uma potência islâmica e um mediador entre o mundo islâmico e o Ocidente no âmbito de uma ordem global multipolar. O combate ao extremismo deu impulso ao aprofundamento de mecanismos de cooperação em segurança com as ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, tais como a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (ODKB) e o Centro Antiterrorista da CEI e a Organização para a Cooperação de Xangai. Além disso, é notável o consentimento da Rússia com o caráter "semitradicional" dos regimes islâmicos pós-soviéticos e a utilização deste fator em seu favor: Moscou manifesta abertamente um ceticismo quanto à adoção do "modelo ocidental" de democracia a culturas com "especificidades" próprias. Para Malashenko, tal perspectiva relativista vai ao encontro das estratégias de legitimação do regime Putin, como a ideia de um "caminho russo de desenvolvimento" e da "democracia soberana". O gráfico abaixo apresenta uma estimativa do número de óbitos por ano no conflito checheno. Embora significativamente subnotificada, a estimativa destaca os momentos de maior escalada e intensidade dos confrontos.

Figura 2.1 Conflitos na Rússia, total de óbitos por ano segundo UCDP/ PRIO[112]



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020).

2.4 A transição tripla e a democracia na Rússia

A Rússia teve uma das transições mais conturbadas do ex-bloco socialista. O conflito entre poderes, as sucessivas crises econômicas e os movimentos secessionistas relegaram profundas cicatrizes na sociedade.

Alguns autores abordaram as consequências do *path-dependence*, a herança institucional do sistema soviético e das reformas da *perestroika,* para o processo de democratização. De acordo com Eugene Huskey (1997), a criação da presidência por Mikhail Gorbachev em 1990, replicada pelas repúblicas da União, e o fim do monopólio do PCUS no sistema soviético permitiram que funções do partido fossem incorporadas pelos presidentes das repúblicas. Uma vez que o partido deixou de garantir a coesão do sistema etnofederal e eleições diretas passaram a ser realizadas para o cargo de presidente, as elites republicanas contaram com incentivos para contestar o poder central de Moscou. Junto a outros fatores, tais inovações culminaram na dissolução da URSS em dezembro de 1991. A Rússia pós-soviética iniciou sua transição diante de um dualismo

[112] Os dados coletados dizem respeito a conflitos de base etnosseparatista e/ou religiosa (incluindo atentados terroristas) o governo federal e grupos como a República Chechena da Ichkeria (até 2007) – nome que conferido pelas lideranças chechenas separatistas –, o movimento wahabita do distrito de Buynaksk (Daguestão, 1999), Forças do Emirado do Cáucaso (a partir de 2007) e o Estado Islâmico (a partir de 2015), além de civis e outras organizações radicais. As codificações estão disponíveis no UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020).

institucional, no qual instituições soviéticas, sobretudo o parlamento, coexistiram com a recém-criada presidência. Huskey enfatiza que a falta de delimitação clara das competências dessas instituições, emaranhada por emendas à constituição soviética em meio aos desafios de se conduzir transformações políticas e um enorme processo de privatização, contribuiu para um crescente conflito constitucional. Em 1993, as disputas se acirraram e, em setembro, o presidente Boris Yeltsin decretou a dissolução do parlamento. Este, por sua vez, embasado por uma resolução do Tribunal Constitucional, conduziu o impeachment de Yeltsin. O impasse terminou em outubro, quando as forças de segurança se posicionaram a favor do presidente e bombardearam o parlamento.

Em dezembro de 1993, findada a crise institucional, foi promulgada a atual constituição russa, sob a égide de Boris Yeltsin. Logo, o documento garantiu fortes poderes presidenciais e apresentou um significativo potencial para o autoritarismo (GELMAN, 2021, p.50). A constituição nasceu do conflito e da coerção, em vez do consenso e do diálogo – 42 regiões falharam em ratificá-la no momento de sua aprovação (ROSS, 2002, p.173). Stykow (2019) afirma que, embora nominalmente a Rússia seja um Estado semipresidencialista, na prática a constituição relegou um sistema superpresidencialista[113] que veio a ser emulado por outras ex-repúblicas soviéticas[114]. Tal sistema apresenta as seguintes peculiaridades: (I) A doutrina da "supremacia presidencial", segundo a qual o presidente é um metapoder acima dos demais. O artigo 80.2, por exemplo, enaltece que o presidente é o "garantidor" da constituição e "mantém a coordenação do funcionamento e da interação dos órgãos do poder estatal". O dispositivo guarda semelhanças com o papel do Partido Comunista como núcleo gerenciador do sistema soviético. (II) O poder de dissolver o parlamento e ter a palavra final em algumas situações de discordância com o Legislativo. (III) A ausência de partidos na formação de gabinetes. Para a autora, a constituição não necessariamente foi adotada por um líder autoritário, mas, através de mecanismos de *path-dependence*, facilitou o enraizamento do autoritarismo. A constituição também permite que o presidente emita decretos sem a necessidade de referendamento pelo parlamento, desde que não contradiga a legislação vigente. O texto constitucional conferiu um caráter significativamente flexível ao sistema político russo, haja vista que diversos dispositivos relativos a partidos e eleições para o legislativo e para governador foram preteridos à legislação infraconstitucional, cujo processo de alteração demanda o consentimento apenas de maiorias simples – ou seja, há menores custos na promoção de mudanças institucionais. Diante do contexto de incertezas da transição, a

[113] Stykow (2019) também o denomina de "presidencialismo de tipo eurasiático".
[114] A questão é controversa: há quem defenda que instituições informais se sobreponham às formais na Rússia. Quando Putin exerceu o cargo de primeiro-ministro na presidência de Dmitry Medvedev (2008-2012), a sua força política permaneceu alta.

flexibilidade pode ter sido mais vantajosa do que mecanismos institucionais enrijecidos que beneficiassem o presidente (FERRARO, 2019). A adoção de instituições antiliberais foi conduzida em um processo de reformas incrementais, sem a necessidade de emendas constitucionais e maiorias qualificadas. Makarenko et al. (2008) destacam que, dada a polarização entre um presidente reformista e um parlamento conservador e opositor, em que o Partido Comunista[115] continuou sendo a principal força política, teria sido praticamente impossível conduzir reformas políticas e econômicas sem um Executivo dotado de fortes poderes institucionais.

Ao examinar a escolha pelo sistema presidencialista, Easter (1997) pondera que a política de ruptura[116] de regime teve um papel fundamental: contextos pós-socialistas em que se constituiu uma forte oposição ao antigo regime comunista e elites se dispersaram, houve maior pressão dos novos atores pela adoção do parlamentarismo como instrumento de contrapeso ao Executivo e de distribuição de recursos de poder, o que contribuiu para a consolidação democrática; já onde a oposição ao antigo regime foi fraca e as elites lograram se reformar ou se consolidar, houve preferência pelo presidencialismo, tendo em vista a sua capacidade de insular o presidente do controle parlamentar e de obstruir o acesso de novos atores a recursos. Como resultado dessa segunda trajetória, as antigas elites permaneceram no poder, a democracia fracassou e os recursos passaram a ser distribuídos através de redes de patronagem centralizadas no presidente. Easter mostrou que no caso da Rússia as elites do antigo regime conseguiram sobreviver e se adaptar ao novo cenário. O presidencialismo e, em especial, os poderes de decreto de Yeltsin o permitiram distribuir espólios e utilizar acordos com as elites regionais contra as forças democráticas e o parlamento. Ross (2002) também aponta o continuísmo político: a *nomeklatura* soviética deu lugar à *nomenklatura* russa. A descentralização, com grandes concessões do governo federal às unidades federativas, foi parte da estratégia de Yeltsin para obter o apoio das elites regionais em meio às disputas com o parlamento na fase inicial da transição (ROSS, 2002, p.173).

Outro autor que abordou o papel das redes de patronagem foi Henry Hale (2017). Na sua análise, há dois tipos de distribuição de recursos de poder em sistemas patronais: o de "pirâmide única", em que a distribuição é feita de maneira hierarquizada e centralizada no "patrão", e o de "pirâmides competitivas", no qual há diversas redes de patronagem concorrentes entre si. Este último é caracterizado por maior grau de pluralismo e, por vezes, corrupção. Uma constituição presidencialista e a alta popularidade do presidente tendem a favorecer a coordenação em torno de um único patrão, a constituição de uma pirâmide única, ao passo que baixa popularidade e períodos de sucessão podem levar à ruptura de pirâmides únicas e a consequente eclosão de pirâmides

[115] O Partido Comunista da Federação Russa (KPRF) é herdeiro indireto do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).
[116] No texto original, *regime breakdown*.

competitivas. A Rússia vivenciou ambos os modelos ao longo de sua história. Segundo Hale, no país há três redes poderosas: os oligarcas, as máquinas políticas regionais dos governadores e as estruturas burocráticas estatais. Após a dissolução da URSS, essas redes estiveram desorganizadas, dando espaço a disputas entre pirâmides. Nas eleições presidenciais de 1996, diante do temor da volta dos comunistas ao poder, Yeltsin logrou costurá-las em uma ampla coalizão e sair vitorioso. Em 1999, houve novas rupturas e competição entre redes – não havia um consenso em torno de Vladimir Putin, então primeiro-ministro, como candidato à sucessão de Yeltsin. Como discorri anteriormente, a resposta enérgica de Putin aos atentados de 1999 impulsionou a sua popularidade e favoreceu o seu bloco de apoio, o *Edinstvo*, nas eleições parlamentares de dezembro de 1999. Putin assumiu a liderança do país com a renúncia de Yeltsin, na virada do ano, e foi eleito presidente em março de 2000, em primeiro turno.

No início de seu mandato, Putin enfrentou as redes de resistência, combatendo-as ou cooptando-as. Em um processo de formação de "pirâmide única", buscou identificar e restringir as fontes que alimentavam as diferentes redes: regulou a participação política de oligarcas, colocou a mídia sob controle e, no fim de 2004, cancelou as eleições para governador, substituídas por indicações presidenciais. O ciclo eleitoral de 2007-2008, quando concluiu o seu segundo mandato na presidência e escolheu Dmitriy Medvedev como sucessor, deparou-se com algumas instabilidades, mas a sua alta popularidade permitiu uma rápida superação. Por sua vez, no ciclo de 2011-2012, quando anunciou que concorreria a um terceiro mandato, uma série de protestos ganharam espaço nas grandes cidades russas. Putin recuou, relaxando o controle sobre a mídia e as restrições à oposição. Hale enfatiza que, uma vez vitorioso, o líder voltou a fechar o sistema, com o uso arbitrário da justiça, a interferência na mídia, a criação da Guarda Nacional (2016), diretamente subordinada à presidência, e a ajuda das redes de poder do governador checheno, Ramzan Kadyrov. A alta popularidade de Putin após a incorporação da Crimeia em 2014 facilitou esse processo.

Ao analisar o fracasso da democracia na Rússia, Steven Fish (2005) argumenta que, ao contrário do que teóricos afirmam (REDDAWAY E GLINSKI, 2001; HERRERA, 2001), a transição russa não foi prejudicada pela rápida condução de reformas econômicas liberalizantes e o descontentamento popular com elas, mas sim pela insuficiência destas reformas. Tal posicionamento se assemelha ao de Hellman (1998), segundo o qual os atores que se beneficiaram das reformas parciais buscaram preservar o status quo e impedir a continuidade da transição. Em síntese, Fish identifica três fatores cruciais para o fracasso da democratização:

1. A abundância de recursos naturais. Uma vez que os recursos são controlados por poucos atores, houve uma maior facilidade de sua apropriação pelo Estado (o estatismo econômico), uma

resistência à liberalização econômica, ou seja, à perda do controle sobre esses recursos, e o florescimento da corrupção. A corrupção, por sua vez, cria incentivos para que a população, vítima da prática, apoie um líder populista que prometa combatê-la com "mão forte", mesmo que antidemocrático, e para que as elites beneficiadas defendam o fechamento do regime como meio de proteção aos seus interesses.

2. O estatismo econômico. Tal fator criou obstáculos à liberalização, ao dificultar o surgimento de atores sociais independentes do Estado. Sem autonomia, a formação de uma sociedade civil (classe média e empreendedora) e de partidos fortes foi limitada. Ademais, a realização de eleições precipitadas, antes da constituição de partidos políticos, também pode ter contribuído para um fraco sistema partidário e um alto grau de personalismo. O efeito deletério da ausência de atores economicamente independentes do Estado foi apontado por diversos autores (LINZ E STEPAN, 1996; ELSTER, OFFE E PREUSS, 1998).

3. O superpresidencialismo, que afetou as seguintes áreas: (a) Dificultação da formação de partidos influentes, já que o parlamento, menos influente, teve menor apelo de mobilização de eleitores. (b) Controle da corrupção, uma vez que um poder sem contrapesos propicia um cenário mais propício à prática. (c) Legitimidade do regime – a concentração de poderes nas mãos de um presidente ineficaz e considerado "democrata", como Yeltsin, levou a democracia a ser associada à ineficácia. (d) Baixa qualidade dos quadros políticos, considerando que havia menos esferas (ex.: parlamento) significativas para líderes talentosos promoverem suas carreiras. (e) Capacidade estatal – negociações informais com o Executivo tornam-se mais proeminentes do que a consolidação de instituições formais. Yeltsin preferia arranjos pessoais a procedimentos e instituições que poderiam limitar o seu poder. Fish também realça que, para Putin, instituições e organizações independentes eram vistas como "inimigos" perigosos. Entre as suas estratégias de centralização do poder estiveram a estatização de grandes meios de comunicação e centros de pesquisa de opinião pública, além da promoção do culto à personalidade. Para o autor, enquanto no sistema soviético a legitimidade do regime estava no Partido Comunista, hoje está na figura de Putin.

O impacto negativo das instituições informais foi também abordado por Gelman (2003). A democratização em países pós-soviéticos corresponderia a um processo de transição de um regime monocêntrico não competitivo para um regime policêntrico competitivo (a contestação política), bem como da substituição de instituições informais por instituições formais (o Estado de Direito). A Rússia nos anos 1990 teria migrado para um regime competitivo, dadas as clivagens intra-elites, mas sem a predominância de instituições formais. Gelman menciona que a baixa capacidade estatal minou o controle formal do Estado, o legado soviético contribuiu para o estabelecimento de

instituições informais e o desenvolvimento de instituições formais não estava no núcleo da agenda assistencial ocidental. Ademais, a elaboração da constituição delineou-se em um processo unilateral imposto pelos vencedores de conflitos políticos (a crise de 1993), os quais desenharam instituições flexíveis a fim de minimizar os constrangimentos formais ao presidente. Ao invés de "pactos" entre elites, característicos de transições democráticas, o "conflito" e a "imposição" predominaram.

Em um trabalho mais recente, Gelman (2021) faz uma nova revisão dos fatores que condicionaram a transição na Rússia. Com uma perspectiva "realista", que considera a busca pela maximização e monopolização do poder um objetivo de toda liderança política, o autor defende que a democratização foi prejudicada por dois fatores principais: a complexidade da condução de reformas simultâneas na "transição tripla" (estrutura) e a falta de interesses dos atores (agência). Outros quatros elementos também foram relevantes: (1) o baixo envolvimento das massas na política; (2) a ausência de condições para acordos de elites sobre a democratização; (3) a fraca influência internacional, até hoje modesta; e (4) a ausência de ligações ideológicas democráticas por parte das elites. No geral, as elites não encontraram barreiras internas e externas significativas que pudessem impedir a monopolização do poder. Houve diversas janelas de oportunidade para a democratização (1991, 1993, 1996, 1999 e etc), mas as decisões dos atores foram sempre no sentido de se afastar da democracia.

De maneira semelhante a Hale, Gelman busca explicar as transformações do regime político russo de Yeltsin a Putin. Nos anos 1990, dada a fraqueza do Estado, a fragmentação no nível federal e regional, a queda econômica e o baixo índice de apoio presidencial, houve um "pluralismo por inércia"[117] e uma fragmentação da elite em vários cliques concorrentes. Mesmo com uma constituição que beneficiava o presidente, a democracia por inércia não virou automaticamente um autoritarismo por inércia. Nas eleições de 1996, diante de sua baixa aprovação, Yeltsin ameaçou cancelá-las e novamente dissolver o parlamento. Ao final, formou uma ampla "coalizão vitoriosa", cujos integrantes vieram a entrar em conflito posteriormente. A população se frustrou com o fato de o nível econômico da Europa não ter se concretizado – os complexos pós-imperiais e nostalgias quanto ao passado soviético ganharam espaço. Já nos anos 2000, o fortalecimento do Estado e o crescimento econômico permitiram a construção de um autoritarismo eleitoral personalista. Ao contrário de Yeltsin, a vitória de Putin não dependeu da mobilização de diferentes setores das elites, mas de sua popularidade eleitoral, o que lhe deu "carta branca" para reformas (partidárias e eleitorais) que excluíssem qualquer forma de deslealdade. As eleições e o crescimento econômico, favorecido pela alta nos preços do petróleo e as reformas,

[117] As bases do "pluralismo por inércia" no Espaço Pós-Soviético foram examinadas por Way (2015).

viriam a se tornar a principal fonte de legitimidade de seu regime personalista. Ademais, graças à vitória na Chechênia e à recentralização, Putin conseguiu restaurar o potencial administrativo do Estado. Ainda de acordo com Gelman, sua monopolização do poder envolveu três condições: (1) a recusa das elites quanto à competição política aberta – a democracia eleitoral passou a ser vista como um "tabu"; (2) o reconhecimento pelas elites da supremacia incondicional do ator dominante sobre todos os outros atores subordinados; (3) a concordância das elites com a predominância de "regras do jogo" formais e informais impostas unilateralmente pelo ator dominante durante a regulação das relações econômicas e políticas. Em síntese, sua estratégia dependia de fortalecer o potencial militar e distributivo do Estado, forçar todos os segmentos das elites à subordinação e manter um alto nível de apoio ao regime. Para tanto, seriam necessários o crescimento econômico, a neutralização de concorrentes, a reformatação de uma "coalizão vitoriosa" e a mudança das "regras do jogo". Os ataques à mídia e a oligarcas facilitaram o controle total sobre a "coalizão vitoriosa" e o consequente enfraquecimento de concorrentes. Em grande medida, a construção do sistema político russo teve como lógica o "jogo de soma-zero".

Gelman destaca que, no período Yeltsin, os acordos com governos regionais e oligarcas por autonomia culminaram em uma “apropriação externa” do Estado por grupos econômicos, os oligarcas. Já no período Putin, houve uma “apropriação interna” pelo setor da segurança (*siloviki*), beneficiado pelo discurso do combate à criminalidade e da “ditadura da lei”. Tal fenômeno facilitou a regulação e o controle presidencial das relações entre diferentes segmentos das elites. A “ditadura da lei” não correspondeu a um fortalecimento do Estado de Direito, mas sim a um uso seletivo da lei. Putin garantiu poder absoluto aos governadores em troca de lealdade e resultados eleitorais positivos nas regiões. Na visão do autor, mais do que um contentamento com o status quo, o regime se sustenta hoje com um “equilíbrio negativo”: os custos das alternativas tornaram-se – intencionalmente – muito caros; diversos atores dependentes do Estado, como pensionistas, burocratas, empresários, os *siloviki* e a oposição "sistêmica"[118], temem que mudanças venham a prejudicá-los. Há um ideal normativo, positivo para o regime, de busca pela “boa URSS”, segundo o qual a Rússia deve se aproximar da situação político-econômica soviética do período 1968-1985, com hierarquia vertical, estabilidade de quadros, mecanismo fechado de recrutamento de elites e controle sobre a mídia.

Em 2011, após intensos protestos, o regime entrou em crise de legitimidade e recuou, fazendo algumas concessões. Porém, em seguida, deu início a um novo ciclo de fechamento – a cooptação se arrefeceu e a repressão ganhou força, principalmente a organizações sociais

[118] A chamada "oposição sistêmica" corresponde aos partidos representados no parlamento, reconhecidos pelo regime, e que na prática oferecem pouca resistência às iniciativas e investidas do incumbente. Algo semelhante ao conceito de "oposição chapa-branca".

independentes e jornalistas. Gelman afirma que a crise da Crimeia em 2014, com o efeito "rally 'roundthe flag", e os antagonismos geopolíticos com o Ocidente permitiram ao Kremlin substituir a cooptação econômica pela "mentira e o medo". De maneira análoga, Guriev e Treisman (2015) consideram que em períodos de crescimento econômico, líderes autoritários recorrem à cooptação, mas em períodos de deterioração, reforçam a repressão. Desde o princípio, o regime Putin recorreu a uma combinação de cooptação, incluindo a permissividade com a corrupção, e de repressão seletiva. Os autores enfatizam que "autocratas informacionais" tentam convencer o público, com propaganda e censura, que são competentes, o que reduz a necessidade de estimular o medo e a repressão (GURIEV E TREISMAN, 2019). A deterioração econômica na década de 2010 pode ter incentivado mudanças nessa estratégia.

Ao comparar a transição no Leste Europeu com a de ex-repúblicas soviéticas, inclusive a Rússia, Way e Casey (2018) alegam que nestas últimas o maior distanciamento em relação ao Ocidente e a menor pressão externa por democratização reforçaram a saliência de fatores voluntaristas nos rumos da transição. Nos anos 1990, a despeito da fraca pressão externa devido a considerações geopolíticas, o baixo poder organizacional do Estado acarretou em um "autoritarismo competitivo"; já nos anos 2000, o fortalecimento do poder organizacional facilitou a consolidação autoritária (LEVITSKY E WAY, 2010). Com destaque ao voluntarismo, Makarenko e Melvil (2014) defendem que, por exceção da "maldição dos recursos"[119], diversas ex-repúblicas soviéticas contaram com condições socioeconômicas favoráveis à democratização, mas fatores de agência, como escolhas institucionais das elites, foram mais decisivos no curso da transição. A democratização acontece onde as elites, voluntariamente ou não, escolhem instituições e desenvolvem práticas que possibilitam um maior desenvolvimento de um pluralismo institucional, a resolução de conflitos e o envolvimento da sociedade na política. Ademais, de acordo com os autores, o fim da URSS foi visto na Rússia não como um "renascimento", mas como uma “catástrofe nacional” e os riscos de conflitos políticos em um país com um arsenal nuclear realçaram tendências autoritárias das elites. A rotação de elites e o estabelecimento de novos grupos econômicos deram uma contribuição positiva à transição, porém, a entrada de elites militares no *establishment* administrativo e a sua mentalidade conservadora afetaram a política negativamente. Contradizendo a ideia de condições "favoráveis" à democratização, Pop-Eleches e Tucker (2013) destacam que o legado soviético, um regime comunista de maior duração, foi detrimental à participação cívica em ex-repúblicas soviéticas, quando comparadas a outros estados ex-socialistas do Leste Europeu.

[119] Termo recorrente para casos de estados com muitos recursos naturais e que sucumbem a regimes autoritários.

Também é imprescindível analisar como as relações federativas impactaram o regime. De maneira extensiva, Cameron Ross (2002) identificou elementos negativos tanto no período Yeltsin quanto no governo Putin. Aponta que a Rússia herdou uma estrutura federal, mas não uma "tradição" federal. O federalismo étnico constituiu um dos legados soviéticos mais "destrutivos" e as relações centro-periferia foram determinadas por fatores políticos e econômicos, em vez de normas constitucionais. Em referência a Montesquieu, enfatiza que estados com grandes territórios têm que optar entre o federalismo e a tirania. Por mais que nominalmente a Rússia conte com estruturas administrativas federativas, o federalismo é impossível sem democracia e, no Estado multinacional russo, a democracia é impossível sem o federalismo.

Ao analisar as relações federativas no período Yeltsin, o autor constatou que em algumas regiões, principalmente nas repúblicas, as assembleias legislativas eram uma extensão do poder Executivo. Tal prática permitiu que lideranças regionais controlassem a polícia, as cortes e as comissões eleitorais. A falta de consolidação de partidos nacionais e a fraqueza dos partidos nas assembleias regionais intensificaram a natureza clientelista e corporativista da política e permitiu que governadores administrassem suas regiões sem oposição efetiva. Elites econômicas e administrativas maximizaram os seus poderes. A chamada "guerra das leis" já ocorria antes mesmo dos 46 tratados bilaterais, visto que as relações centro-regiões eram também reguladas pela constituição de 1993, o tratado federativo de 1992, leis federais e constituições e regulamentos das repúblicas e regiões – não raramente havia contradições entre esses documentos normativos. O fenômeno impulsionou o "separatismo econômico", marcado pela intromissão de lideranças regionais em questões como a privatização das terras, a desnacionalização da indústria, a disposição de recursos naturais, a retenção de impostos, a introdução de tarifas próprias de importação e vendas, a proibição de exportações, dentre outras.

O estabelecimento de eleições diretas para o Executivo regional em 1995-1997 enfraqueceu ainda mais o controle de Yeltsin sobre a câmara alta, o Conselho da Federação (então formado pelos governadores e presidentes das assembleias legislativas), aprofundando a descentralização do Estado (ROSS, 2002, p.61). A inovação foi parte de uma barganha de Yeltsin para obter apoio das elites regionais nas eleições de 1996. Governadores cravaram verdadeiros "feudos" regionais e exerceram o controle até mesmo sobre nomeações da burocracia federal em seus territórios.

Ross (2002, p.113) também menciona que nos anos 1990, a baixa institucionalização do sistema partidário representava um sério entrave à democratização: a ausência de partidos institucionalizados nacionais intensificava a natureza clientelista e corporativista da política, beneficiando elites econômicas e burocratas estatais. Apenas o Partido Comunista (KPRF) tinha

uma estrutura nacional coerente, mas a disciplina partidária era baixa ou ausente. O subdesenvolvimento de partidos decorreu de fatores como o legado de cultura política autoritária, o fraco desenvolvimento de clivagens econômicas e sociais, o impacto negativo do sistema presidencial, a escolha de sistemas eleitorais deletérios, o federalismo fraco e assimétrico, além da capacidade de governadores de sabotar a consolidação de partidos e controlar o processo eleitoral em benefício próprio. O baixo nível de filiação partidária no nível regional alimentava a baixa consolidação partidária no nível nacional e vice versa. Os autoritarismos regionais eram também sustentados por práticas como a adoção de critérios eleitorais associados a línguas, tempo de residência na região e idade; o elevado número de assinaturas requisitadas para concorrer aos pleitos; a inscrição de candidatos únicos em eleições não competitivas; a manipulação da data das eleições a favor do incumbente; a, manipulação dos distritos eleitorais (*gerrymandering*); além de fraudes eleitorais e eleições "guiadas", marcadas por um altíssimo comparecimento eleitoral.

No que diz respeito às reformas promovidas por Putin, Ross (2002, p.139-146) elenca seis inovações principais: (1) Criação de sete distritos federais cobrindo todo o território nacional, por meio dos quais representantes plenipotenciários do presidente (*polpredy*) supervisionariam as elites regionais e coordenariam a harmonização das leis. (2) Reforma do Conselho da Federação, retirando os governadores de sua composição. Com a saída, os governadores perderam a imunidade parlamentar, alavancando o poder coercitivo do presidente, e o direito de influenciar na nomeação de procuradores e juízes. (3) Criação do Conselho de Estado, órgão consultivo para compensar, ao menos em parte, as mudanças na câmara alta e abrir um canal de *lobby* para os governadores no governo federal. (4) Poderes presidenciais de demitir governadores e dissolver assembleias regionais em situações específicas. (5) Poder de governadores demitirem oficiais municipais. (6) Regularização de leis regionais em conformidade com a legislação federal. As reformas tiveram relativo teor democrático, por combaterem violações da legislação federal por governos regionais, mas ao mesmo tempo, impactaram direitos civis. Outro elemento ambíguo foram as reformas dos sistemas partidário e eleitoral, que permitiram a penetração de partidos federais nas regiões. A proibição de partidos regionais e a centralização do sistema partidário favoreceram o partido governista, Rússia Unida, e a construção de um sistema vertical de poder. Segundo Ross (2002, p.153), Putin enfrentou o mesmo dilema de Yeltsin e Gorbachev sobre como manter a unidade do Estado sem abandonar o compromisso com a democratização. Aparentemente, estava disposto a sacrificar a democracia para obter unidade. O autoritarismo no centro nutriu o autoritarismo nas regiões e vice-versa (Ross, 2002, p.177).

Em um trabalho publicado no momento em que as reformas estavam sendo conduzidas, Gordon Hahn (2003) destacou que a harmonização legal federativa poderia enfraquecer

autoritarismos regionais, principalmente nas repúblicas. Diversas áreas teriam sido beneficiadas pelo processo, tais como a divisão de poderes regionais, ao proibir que prefeitos e burocratas do Executivo simultaneamente ocupassem cargos nas assembleias regionais; a representatividade eleitoral, por proibir a nomeação de prefeitos de distritos e municípios pelos governadores; a representatividade étnica, uma vez que a nomeação de prefeitos e a delimitação de distritos eleitorais (*gerrymandering*) favoreciam grupos étnicos titulares em algumas regiões; a igualdade étnica, por restringir práticas "nacionalizantes" de grupos titulares, como a exigência de fluência nas línguas locais para exercer cargos públicos; o combate ao "separatismo legal", com a extinção de leis regionais inconstitucionais (por ex., o direito de estabelecer guerra, recrutamento militar, secessão, estado de emergência, soberania); uma maior independência judicial e dos órgãos eleitorais frente aos governos regionais, dentre outras inovações. No entanto, Hahn notou que o governo federal estava consentindo com exceções a algumas regiões étnicas em troca de lealdade. De fato, elites regionais nas repúblicas utilizam recursos administrativos para oferecer resultados eleitorais positivos a Putin em troca de maior autonomia, com o alto comparecimento às urnas e a votação em favor do incumbente (REISINGER E MORASKI, 2017; LENTON, 2021).

Por fim, é imprescindível apresentar as perspectivas de alguns autores quanto às possibilidades de democratização na Rússia contemporânea. Steven Fish (2005, p.15), de maneira pessimista, aponta fatores estruturais e de agência deletérios: a dependência de recursos naturais, elemento com potencial detrimental ao pluralismo, não estava diminuindo, os planos de liberalização econômica de Putin se chocavam com o seu interesse de controle político e o fortalecimento do Legislativo não era uma meta almejada. Por sua vez, Henry Hale (2017, p.37-39) argumenta que para superar o patronalismo, recurso de sustentação autoritária, são necessários: o desenvolvimento e a diversificação econômica, com a constituição de classes médias autônomas; a integração econômica com o Ocidente (ou mesmo com a Ásia), que poderia permitir o desenvolvimento de grupos econômicos autônomos em relação ao "patrão"; o surgimento de grupos ideológicos (como ocorreu com os bolcheviques e dissidentes soviéticos) ou identificações partidárias[120] fortes; e reformas democráticas que dificultassem a coordenação das redes em torno do patrão, como a adoção de um sistema não presidencialista – situação que pode ocorrer em períodos de transição, quando o incumbente desconfia de seus sucessores e, portanto enfraquece o cargo, ou quando uma nova coalizão decide formalizar constitucionalmente um acordo de compartilhamento de poder[121]. Dadas as recentes sanções econômicas, as perspectivas de integração com o Ocidente são muito baixas.

[120] No texto original, *partisanship*.
[121] No texto original, *power-sharing*.

Diferentemente do determinismo histórico-cultural de correntes "pessimistas", que veem a democracia na Rússia condenada ao fracasso por uma histórica cultura política autoritária[122], e do "otimismo" econômico de outras correntes que acreditam que o desenvolvimento econômico automaticamente acarretará em democratização, Gelman (2021) considera que o atual equilíbrio político-econômico é praticamente insustentável, a despeito dos constantes esforços das elites em evitar mudanças. A Rússia não está condenada ao autoritarismo – não há um autoritarismo incisivo na opinião pública e países como o Japão conseguiram se democratizar mesmo diante de uma tradição histórica imperial. Ademais, o regime personalista é o tipo autoritário que, pela longa duração do líder no poder[123], tem maior risco de ser derrubado por protestos, rebelião ou golpes (ver GEDDES, 1999, p.141)[124], e a juventude na Rússia é menos atraída pelo discurso da "boa URSS", o que pode acarretar em uma crise de legitimidade. O autor compara o momento atual ao período Brezhnev (1964-1982), ressaltando que a "coalizão vitoriosa", ao ambicionar se manter no poder, acaba perdendo oportunidades de reformas – sacrifica objetivos de longo prazo por ganhos de curto prazo. Logo, assim como no período final soviético, o atual equilíbrio é negativo para o futuro socioeconômico e poderá ocasionar rupturas no regime (GELMAN, 2021, p.290-91).

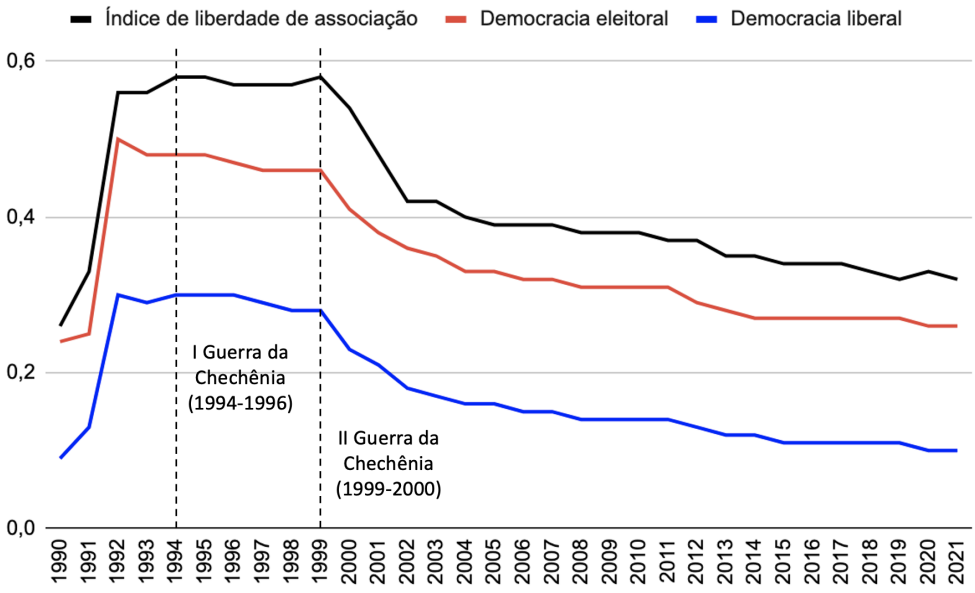
Na conclusão desta subseção, apresento um gráfico com a variação de indicadores democráticos na Rússia segundo a *Varieties of Democracy*. Como é possível observar, logo após a Segunda Guerra da Chechênia e a ascensão de Putin há uma queda acentuada nos indicadores, sobretudo na minha *proxy* para a competição política – o índice de liberdade de associação. A queda mantém um processo gradual e constante durante todo o período posterior a esse marco. Nas próximas subseções discorrerei sobre como o conflito contribuiu para esse processo.

[122] Uma corrente aponta um alto grau de paternalismo e autoritarismo característico do chamado "homo sovieticus". Ver: The long life of Homo sovieticus. The Economist, 2011. Disponível em: <https://www.economist.com/briefing/2011/12/10/the-long-life-of-homo-sovieticus>. Acesso em: 26.11.2021.
A herança autoritária não se restringe ao período soviético – por vezes é citada como um elemento originado ainda período imperial.

[123] Muitas vezes sem mecanismos institucionais de sucessão presentes em regimes de partido único.

[124] Barbara Geddes (1999) compara as características e vulnerabilidades de três tipos autoritários – regime de partido único, militar e personalista.

Figura 2.2 Nível de democracia na Rússia de 1991 a 2021 segundo a *Varieties of Democracy*

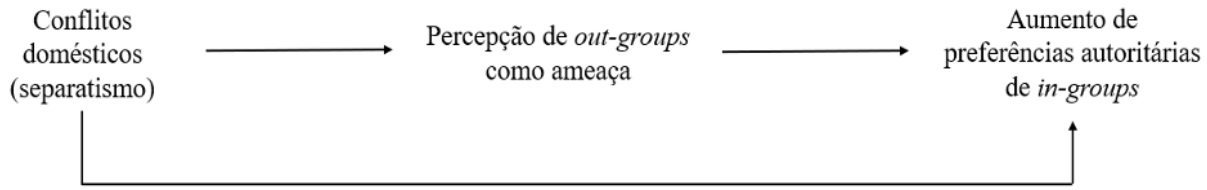


Fonte: elaborado pelo autor com base em Coppedge et al. (2021).

2.5 Estratégia empírica

A fim de testarmos o argumento principal, no nível individual, dividi a análise quantitativa em duas partes, de acordo com o mecanismo causal proposto na introdução. Na primeira, foco a relação entre conflito e preferências autoritárias condicionada à percepção de minorias como ameaça, ou seja, examino tanto o efeito do conflito na percepção de ameaças quanto a relação entre percepção de ameaça e preferências de regime. Já na segunda, analiso a relação direta entre conflito e preferências autoritárias.

Figura 2.3 Mecanismo causal no nível individual



Dois bancos de dados foram fundamentais à concretização da estratégia: o *UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset*, para identificarmos a intensidade e variação do conflito, e o *New Russia Barometer* (NRB), para avaliarmos mudanças na percepção de minorias como ameaça à segurança e nas preferências de regime. Adicionalmente, recorri a dados do instituto russo de opinião pública Levada-Center e do *World Values Survey*.

O *UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset* (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) disponibiliza o número de óbitos geral e de civis por cada evento relacionado a um conflito doméstico, como rebeliões, atentados terroristas, intervenções militares, insurgências e contra-insurgências. Uma vez que estou interessado no impacto do conflito na opinião pública, agreguei o total de óbitos no intervalo de doze meses que antecederam cada *survey* do NRB. Priorizei o total de vítimas fatais civis por três razões principais: um elevado número de óbitos civis é um indício de escalada e alta intensidade do conflito; óbitos civis, tanto membros dos *in-groups* quanto dos *out-groups*, podem chamar mais atenção dos canais midiáticos, sobretudo pela atuação de jornalistas e organizações de Direitos Humanos; e tal medida coloca em evidência as mortes ocasionadas por atentados terroristas, os quais recebem maior cobertura midiática e contam com maior potencial de comoção social. Ao examinar a variação no número de óbitos civis no conflito checheno, constatei uma elevada subnotificação, sobretudo se comparada às estimativas exibidas na subseção "2.2 A questão chechena e os conflitos separatistas". Contudo, optei por mantê-la como referencial, tendo em vista que o banco de dados do UCDP/PRIO baseou-se em coleta de informações disponibilizadas na mídia e o que importa para estimar o eventual impacto na opinião pública não é tanto o real número de óbitos, mas sim as informações às quais a população teve acesso. Selecionei os eventos de conflito (incluindo atentados terroristas) envolvendo o governo federal e grupos como a República Chechena da Ichkeria (até 2007) – nome conferido pelas lideranças chechenas separatistas –, o movimento wahabita do distrito de Buynaksk (Daguestão, 1999), Forças do Emirado do Cáucaso (a partir de 2007) e o Estado Islâmico (a partir de 2015), além de civis e outras organizações radicais.

Por sua vez, o principal banco de dados deste capítulo, o *New Russia Barometer* / NRB (ROSE ET AL., 1993-2009), abrange 18 *surveys* conduzidos de 1992 a 2009, com amostras de estratificação multinível[125] que, na grande maioria, variam entre 1.600 e 2.000 observações[126]. As entrevistas contaram com dezenas de questionamentos acerca de questões políticas, sociais e econômicas. O NRB é de grande valia ao teste de minhas hipóteses por abranger dados referentes à percepção de minorias como ameaça ao grupo, em vez de ameaça pessoal, além de incorporar diversos indicadores de preferências autoritárias diretas ou reveladas e permitir a identificação de *in-groups* e *out-groups* (grupos étnicos).

Uma de minhas principais variáveis de interesse no NRB, a percepção de que as minorias são uma ameaça à segurança da Rússia ou à sociedade, admitiu quatro respostas: “grande ameaça”

[125] CSPP. New Russia Barometer: Samples. Disponível em: <https://www.cspp.strath.ac.uk//NRBsamples.html>. Acesso em: 07.02.2022.
[126] Em todo o período foram amostrados 34.071 indivíduos: 1992.1 (2013), 1993.6 (1904), 1994.3 (3535), 1995.3 (1951), 1996.1 (2374), 1996.7 (1599), 1998.3 (1904), 2000.1 (1907), 2000.4 (1600), 2001.6 (2000), 2003.6 (1601), 2003.12 (1601), 2004.3 (1602), 2005.1 (2069), 2007.4 (1606), 2007.12 (1601), 2008.3 (1603), 2009.6 (1601).

(1), “alguma ameaça” (2), “pouca ameaça” (3) e “nenhuma ameaça” (4)[127]. Buscando facilitar a interpretação dos dados, inverti as posições: “grande ameaça” passou a ser a categoria “4”, enquanto “nenhuma ameaça” passou a ser a “1”. Em algumas comparações, utilizei uma variável binária que confere o valor “1” para “grande ameaça” ou “alguma ameaça” e “0” para “pouca ameaça” ou “nenhuma ameaça”.

No que concerne às preferências de regime, adotei uma abordagem centrada em perguntas indiretas. De acordo com Svolik (2019), perguntas diretas sobre democracia estão mais sujeitas ao viés de desejabilidade social, ao passo que perguntas indiretas tendem a evidenciar as preferências reveladas dos indivíduos, já que permitem fazer "inferências a partir de suas escolhas em cenários que refletem dilemas do mundo real" (SVOLIK, 2019). Nesse sentido, adotei três variáveis fundamentais do NRB que se aproximam de uma abordagem indireta sobre preferências democráticas, em específico, a concordância com as seguintes asserções: “o parlamento deve ser suspenso”[128], “o exército deve governar”[129] e “uma ditadura rígida é a única saída para a atual crise”[130]. Cada questão contou com quatro opções: “concordo fortemente” (1), “concordo em algum grau” (2), “discordo em algum grau” (3) e “discordo fortemente” (4). Assim como procedi com a variável do temor às minorias, inverti a ordem fatorial para facilitar a interpretação. Agrupei-as em “preferências autoritárias agregadas” somando os resultados das preferências individuais específicas em uma escala adaptada. Desse modo, o mínimo, “0”, passou a corresponder aos

[127] Cabe ressaltar que de ano para ano houve pequenas variações na pergunta (questão pv148a):
1993.6: 161. Do you think any of the following pose a threat to peace and security in this society? Some nationalities in our society/Old Communists/Other CIS Republics/Islamic countries/Jews/USA/Germany/China.
1996.1/ 1996.7: PA14/ PA34. Do you think any of the following could be a substantial threat to the security and order in the world: d. USA; f. People of other nationalities living in Russia.
1998.3: H.16- Do you think any of these poses a big threat, some threat, a little threat or no threat to peace and security in this society? b- USA; c- Ethnic groups, minorities in our country.
2000.1: F12. Do you think any of the following countries could be a substantial threat to security of Russia?
Big threat/Some threat/Little threat/No threat at all. d. USA; f. People of other nationalities living in Russia.
2000.4: E1. Do you think that there is a substantial threat to security of Russia? Big threat / Some threat / Little threat / No threat at all. a. People of other nationalities living in Russia; d. USA.
2001.6: H10 Do you think any of the following could be a substantial threat to security of Russia? (one answer only). Big threat / Some threat / Little threat / No threat at all. d. USA; f. People of other nationalities living in Russia.
2003.6: F 7. Do you think any of the following could be a substantial threat to security of Russia?
Big threat / Some / A little / No threat at all. d. USA. e. People of other nationalities living in Russia.
2005.1: C4. Do you think any of these pose a real threat to peace and security in this society? (Read out names of each). Big threat / Some threat Little threat / No threat. 4a) United States; 4d) National minorities in our society.
2007.4: D3. Do you think any of these pose a real threat to peace and security in this society? 1 Big threat; 2 Some threat; 3 Little threat; 4 No threat. D3a. United States; D3d. National minorities in our society.
2009.6. C5. Do you think any of these pose a real threat to peace and security in this society? Big threat; Some threat; Little threat; No threat. C5a. United States; C5d. National minorities in our society.
[128] Questão PV71, If Parliament was suspended, would you: Strongly approve/Somewhat approve/Somewhat disapprove/Strongly disapprove. Essa pergunta variou um pouco de ano para ano. Por ex.: There are different opinions about what should be the nature of the state. To what extent do you think: ii. It would be better if parliament and elections were suspended. Ou ainda: If Parliament was closed down and parties abolished, would you: 1. Definitely approve; 2. Somewhat approve; 3. Somewhat disapprove; 4. Definitely disapprove.
[129] Questão PV73, The army should govern the country.
[130] Questão PV74, A tough dictatorship is the only way out of the current situation.

indivíduos que responderam "discordo fortemente" nas três perguntas, e o máximo, “9”, aos que responderam “concordo fortemente” em todas. Outra variável de relevância para a identificação de tendências autoritárias, utilizada em vários testes, foi a asserção "deveríamos voltar ao governo comunista"[131], com os mesmos quatro níveis de concordância[132]. No entanto, uma vez que ela denota não apenas preferências políticas, mas também econômicas, não a incluí nas preferências agregadas.

Para dimensionar o impacto do conflito no temor às minorias e nas preferências autoritárias, conduzi regressões OLS e *ordered logistic* relacionadas aos diferentes mecanismos do argumento, tendo os indivíduos amostrados nos *surveys* do NRB como unidade. Basicamente, testei a correlação entre (1) conflito, operacionalizado por meio do número total de vítimas fatais civis nos doze meses que antecederam cada *survey*, e a percepção de minorias como ameaça; (2) a percepção de minorias como ameaça e as preferências autoritárias; (3) o conflito e as preferências autoritárias; (4) o conflito e as preferências dos indivíduos que percebem minorias como ameaça. Esta última variável, "preferências autoritárias dos temerosos", foi composta com base na variável *dummy* de percepção de ameaça: para indivíduos que registraram o valor "1" (grande ou alguma ameaça), contabilizei a escala de preferências autoritárias agregadas; já para indivíduos que registraram o valor "0" (pouca ou nenhuma ameaça), mantive-os como nulos. Dessa forma, a variável mede a participação de preferências autoritárias de indivíduos temerosos no total de preferências autoritárias da sociedade. Cabe frisar que se examinamos apenas a variação em preferências autoritárias, contamos com 14 *surveys*[133]; quando procedi ao teste da relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias, o número de *surveys* disponíveis se reduz para dez[134]; enquanto a percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias por grupos étnicos – sete *surveys*[135].

Para os casos em que a variável dependente é categórica e ordenada, como o medo de minorias, recorri a regressões *Ordered Logistic*[136]; já nas situações em que há um elevado número de categorias, como a escala de preferências agregadas, adotei regressões *OLS*. Na maioria dos testes foram utilizados controles como gênero[137], idade[138], nível educacional[139], renda (cinco

[131] Questão PV72, We should return to Communist rule.
[132] Realizei a mesma inversão da escala efetuada com as outras variáveis.
[133] 1995.3, 1996.1, 1996.7, 1998.3, 2000.1, 2000.4, 2001.6, 2003.6, 2004.3, 2005.1, 2007.4, 2007.12, 2008.3, 2009.6.
[134] 1996.1, 1996.7, 1998.3, 2000.1, 2000.4, 2001.6, 2003.6, 2005.1, 2007.4, 2009.6.
[135] 1996.1, 1996.7, 1998.3, 2000.1, 2000.4, 2001.6, 2005.1.
[136] Para os testes principais, apresentei uma versão OLS nos anexos.
[137] Questão ss1 do NRB, Gender, com duas categorias: (1) male e (2) female.
[138] Questão ss2 do NRB, Age.
[139] Questão SS7A do NRB, Education. Contempla dez níveis: (1) Elementary, (2) Incomplete secondary, (3) Secondary no certificate, (4) Vocational + sec incomplete, (4.5) Secondary academic or vocational, (5) Secondary

quintis)[140], tipo da localidade de residência (urbano ou rural)[141] e tamanho da população local[142]. Tal estratégia teve como alicerce o trabalho de Davis e Silver (2004) acerca do impacto dos atentados de 11 de setembro em atitudes autoritárias nos EUA – de fato, diversos indicadores apresentaram tendências similares aos achados desses autores. Também adicionei controles econômicos, como o PIB per capita, o crescimento anual do PIB per capita e a inflação anual[143], com base em dados do Banco Mundial. Meu limiar temporal foi o mês de março: para *surveys* conduzidos até esse mês, utilizei os indicadores econômicos do ano anterior; já a partir de abril, utilizei os indicadores do ano corrente. Vale mencionar que, tendo em vista a falta de consenso acadêmico acerca do uso de pesos amostrais em regressões, conduzi diferentes testes com[144] e sem pesos[145]. Em alguns modelos, incluí controles para regiões[146], disponíveis apenas em alguns *surveys* do NRB.

Uma outra maneira de estimar o efeito do conflito é observar a variação entre os *surveys*, com destaque a dois períodos curtos e de grande relevância. Primeiramente, a passagem de janeiro para abril de 2000, um dos picos da Segunda Guerra da Chechênia, abrangendo o momento em que o conflito foi mobilizado discursivamente na campanha eleitoral para a presidência[147]. Embora a passagem de março de 1998 para janeiro de 2000 também seja relevante, por denotar uma comparação com o período anterior ao conflito, a distância temporal restringe os achados: não sabemos quais eram os indicadores em agosto de 1999, momento imediatamente anterior ao início da beligerância, e o *survey* de 1998 esteve próximo à grande crise econômica da Rússia[148], a qual, assim como os conflitos, também pode ter impactado as preferências de regime. O segundo período fundamental para a análise do efeito do conflito é a passagem de junho de 2004 para janeiro de 2005, por permitir uma comparação entre o momento anterior e posterior ao atentado à escola de Beslan, em setembro de 2004. Os testes de regressão com o número de óbitos civis captam em

academic, (6) Vocational + secondary, (7) Technical college, (8) Incomplete higher, (9) University, (10) Univ >1 degree. Foi incorporada como variável contínua.

[140] Questão qui do NRB, Income quintile, com cinco quintis de renda. Foi incorporada como variável contínua.

[141] Questão ssurbrur do NRB, Urban/rural, com duas categorias: (1) urban e (2) rural.

[142] Questão SS22a do NRB, Town size, com as seguintes categorias: (0) Village, (1) <10,000, (2) <20,000, (3) <50,000, (4) <75,000, (5) <100,000 e (6) <250,000. Foi incorporada como variável contínua.

[143] Utilizei o logaritmo da inflação visando diminuir a influência dos elevados valores registrados em alguns anos.

[144] Questão w do NRB, weight. Os pesos tiveram como base o gênero, idade, nível educacional e, para os períodos de 1996.01, 1996.07, 2000.04, 2003.12 e 2004.03, as preferências por presidente ou partido. Cada ano foi pesado para 2000 casos.

[145] A categoria "Pesos", nas tabelas de regressão, indica se os modelos estão com ("Sim") ou sem ("Não") os pesos amostrais.

[146] Questão SS19b do NRB, Oblast.

[147] Obrashcheniye V. V. Putina pered vyborami 2000 goda [Discurso de Putin antes das eleições de 2000], 24.03.2000. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VPbfMt97rU0>. Acesso em: 06.12.2022.

[148] A crise da Rússia teve como marco o período de agosto a novembro de 1998.

parte essas variações, mas modelos exibindo os coeficientes de cada *survey* podem fornecer evidências complementares.

Na maioria das análises, em conformidade com as minhas hipóteses, verifiquei o efeito não apenas para a população geral, mas também para *in-groups* (russos étnicos) e *out-groups* (minorias étnicas). Nas tabelas de regressão, identifiquei os grupos étnicos por meio da categoria "Grupo", contemplando a população geral ("Geral"), *in-groups* ("Russos") e *out-groups* ("Minorias").

A fim de testar a hipótese de que atitudes políticas de *in-groups* são mais influenciadas pelo conflito do que as atitudes de *out-groups*, priorizei o momento mais intenso do confronto – a Segunda Guerra da Chechênia. Para tanto, utilizei o método *differences-in-differences* examinando a diferença entre a variação na média de *in-groups* e *out-groups* que percebiam minorias como ameaça e suas preferências autoritárias – a variável "preferências autoritárias de temerosos" supramencionada – antes (1998.03), durante (2000.01 e 2000.04) e após a fase intensa (2001.06).

Como mencionei anteriormente, diversos estudos na área de psicologia política mostram que há uma forte correlação entre atitudes autoritárias e percepção de ameaça social (GIBSON E GOUWS, 2000; DUCKITT E FISHER, 2003; DUCKITT E SIBLEY, 2010; RUSSO, ROCCATO E MOSSO, 2019). Há, portanto, um elevado risco de endogeneidade: o aumento da percepção de ameaça pode elevar as atitudes autoritárias – como preconiza minha hipótese –, assim como o fato de indivíduos serem autoritários pode levá-los a aumentar a percepção de ameaças. Visando contornar esse obstáculo, além do modelo de *differences-in-differences*, recorri a um teste placebo, examinando a relação entre o período do conflito, a percepção dos EUA como ameaça e preferências autoritárias. Tal comparação também pode contribuir para a literatura de psicologia política ao demonstrar o efeito de diferentes tipos de ameaça nas tendências autoritárias.

Em uma seção sobre testes de robustez, utilizei outras cinco variáveis do NRB. Primeiramente, recorri à "escala desejada de democracia"[149], na qual "1" corresponde a uma "ditadura completa" e "10" a uma "democracia completa". Como relatei, perguntas diretas sobre democracia podem levar a respostas imprecisas tanto pelo viés da desejabilidade social (SVOLIK, 2019) quanto pelas distintas concepções que os indivíduos carregam acerca do significado do conceito[150]. Ciente dos riscos de viés dessa abordagem, conduzi testes de regressão para verificar se há correlação entre a percepção de minorias como ameaça e uma concepção subjetiva de democracia. Uma baixa pontuação na escala pode indicar que o próprio conceito abstrato é estigmatizado socialmente. Outra questão que permite identificar preferências subjetivas de

[149] Questão PV91 do NRB, Democracy - Dictatorship: desired scale.
[150] Pesquisas do *World Values Survey* (INGLEHART ET AL., 2020) mostram uma grande variação na concepção de democracia.

regime é a "preferência por democracia"[151], que contempla três respostas: "democracia é preferível", "às vezes autoritarismo é melhor" e "não há diferença" [entre ambos][152]. Embora só haja dados a partir de 2001, ou seja, do momento posterior à fase intensa do conflito, o indicador fornece informações relevantes sobre a correlação com a percepção de ameaça.

Em um segundo momento, verifiquei três variáveis diretamente relacionadas à explanação do mecanismo causal, em específico à concepção de que, em situações de conflito contra *out-groups*, indivíduos apoiam regimes autoritários por acreditarem que um líder dotado de fortes poderes institucionais, sem as limitações características do sistema democrático de pesos e contrapesos, pode oferecer soluções mais rápidas e eficientes para pôr fim à beligerância e manter *out-groups* sobre controle, garantindo a "ordem" e estabilidade sociopolítica. Algumas questões do NRB, diretamente relacionadas aos poderes institucionais presidenciais, permitem fornecer evidências a esse argumento, basicamente à concordância com as asserções "o presidente pode governar por decreto"[153] e "o parlamento pode vetar as decisões do presidente"[154], além da preferência por "presidente forte", em vez de sistemas de "parlamento forte", "impasse" [de poderes] ou "anti-autoridade"[155]. As duas primeiras questões contemplam quatro opções, entre "concordo totalmente" (1) e "discordo totalmente" (4). Adaptei as escalas de maneira que a concordância plena com o governo por decretos presidenciais e a discordância plena com o veto do parlamento correspondam ao maior valor, "4". Examinei indiretamente os graus de preferência pelo presidente e pelo parlamento respectivamente com as variáveis "confiança no presidente"[156] e "confiança no parlamento"[157]. Em ambas, o valor "1" corresponde a "nenhuma confiança"[158] e o "7" a "grande confiança"[159]. Algumas questões do *World Values Survey*, como "democracias não são boas para manter a ordem"[160] e priorização de "manter a ordem na nação" frente a outras metas – "dar mais a voz à população nas decisões importantes do governo", "combater a alta de preços" e "proteger a liberdade de expressão" –[161] também foram incorporadas à discussão.

Finalmente, como análise complementar a ser aprofundada em estudos *follow-up*, testei a relação dos indicadores contemplados acima (medo de minorias e preferências autoritárias) com a

[151] Questão pv75a do NRB, Preference for democracy.
[152] 'Democracy is preferable', 'Sometimes authorn better', 'No difference'.
[153] Questão pv2 do NRB, President can rule by decree.
[154] Questão pv4 do NRB, Parliament can veto President decisions.
[155] Questão pvprpar do NRB, Prefer Presidential or Parliament Republic.
[156] Questão pv57 do NRB, Trust in President.
[157] Questão pv50a do NRB, Trust in Parliament.
[158] 'No trust at all'.
[159] 'Great trust'.
[160] Questão V162 do *World Values Survey* (INGLEHART ET AL., 2020), Democracies aren´t good at maintaining order.
[161] Questão V106 do *World Values Survey* (INGLEHART ET AL., 2020), Aims of respondent: first choice.

distância das regiões ao conflito[162] ou a locais que sofreram atentados terroristas[163], bem como com o percentual de minorias na região[164] de residência dos indivíduos, baseado no censo soviético de 1989[165] [166]. Destarte, pude estimar se há algum efeito da proximidade e de uma maior concentração de minorias nas percepções de ameaça e preferências de regime (a "hipótese do contato"). Selecionei os *surveys* de janeiro e abril de 2000, no intuito de cobrir apenas o momento do conflito. Vale salientar que, dadas as considerações de espaço, testes complementares serão posteriormente disponibilizados em um repositório de dados da pesquisa.

Na parte qualitativa, fase posterior a este capítulo, verifico a segunda parte do argumento, no nível de estratégias de elite. Analiso os discursos do incumbente, buscando identificar elementos associados à ideia de *trade-off* entre democracia e ordem, narrativa de sustentação de uma possível "barganha autoritária", além das principais mudanças institucionais detrimentais ao sistema de pesos e contrapesos e as justificativas utilizadas para a sua adoção. Também observo em que períodos houve maior recorrência a esse discurso e se há indícios de que a adoção de instituições autoritárias esteve diretamente relacionada aos conflitos.

2.6 Resultados: os efeitos do conflito no nível individual

Abaixo apresento os principais resultados das etapas elencadas na seção anterior, testando as diferentes partes do mecanismo no nível individual – sobretudo o efeito do conflito nas preferências autoritárias, condicionado à percepção de minorias como ameaça.

2.6.1 Relação entre conflito e percepção de minorias como ameaça

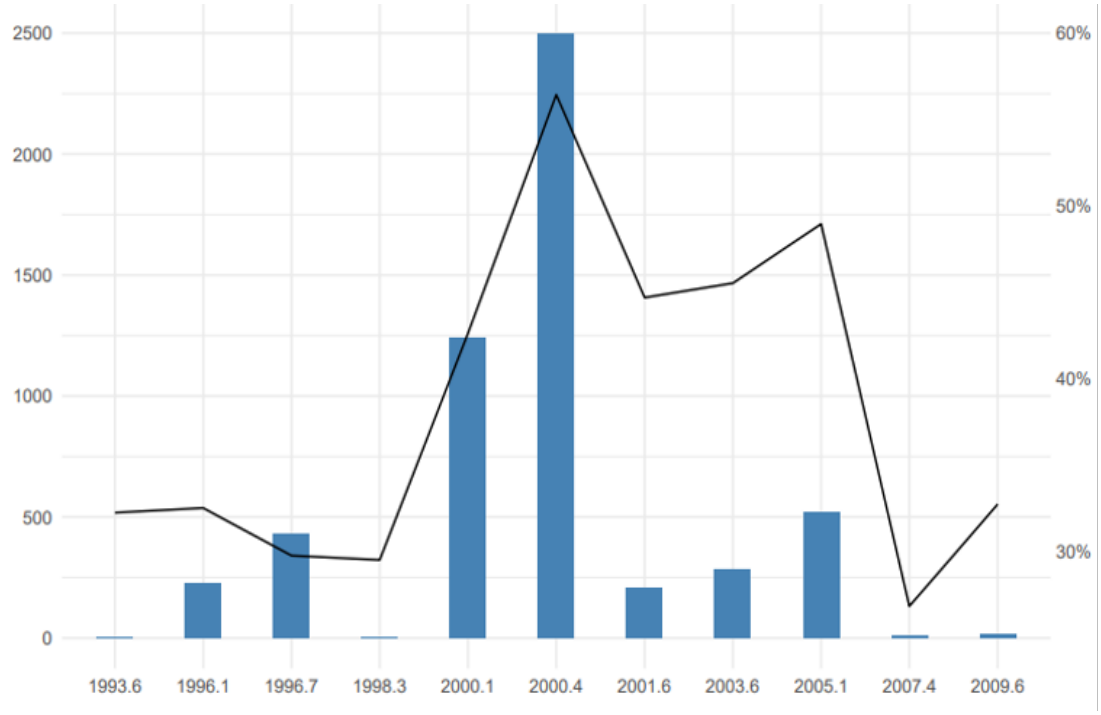
Nesta primeira fase da análise, examino a relação entre conflitos etnosseparatistas e a percepção de *out-groups* como ameaça à segurança da sociedade. Encontrei indícios robustos de que a Segunda Guerra da Chechênia e os atentados de Beslan contribuíram para uma alta percepção de minorias como ameaça, principalmente para os *in-groups* (russos étnicos). A ocorrência de

[162] Considerei todo o Cáucaso Norte e as regiões vizinhas.
[163] Também levei em consideração Ryazan e as regiões vizinhas, uma vez que em 1999, no âmbito dos atentados a apartamentos residenciais em diferentes partes da Rússia, foi frustrado um grande atentado no local.
[164] A identificação da região dos indivíduos amostrados baseou-se na questão SS19b do NRB, "Oblast", disponível de 1998 a 2001.
[165] Fonte: Institut demografii imeni A.G. Vishnevskogo Natsional'nogo issledovatel'skogo universiteta "Vysshaya shkola ekonomiki" [Instituto De Demografia Denominado A.G. Vishnevkiy da Universidade Nacional de Pesquisa "Escola Superior de Economia"]. Demoscope Weekly, 28-31.12.2021. Disponível em: <http://www.demoscope.ru/weekly/ssp/census.php?cy=6>. Acesso em: 07.01.2022.
[166] O censo seguinte ao de 1989 foi realizado na Rússia apenas em 2002.

atentados terrorista a partir de 1999 pode ter elevado a apreensão de que o conflito transbordou para territórios além do Cáucaso Norte e passou a representar uma ameaça inclusive aos russos da capital. Também foi notável a etnofobia em relação a caucasianos, a qual pode ter sido reforçada não apenas pelo conflito checheno, mas também por choques e tensões étnicas em determinadas regiões. Meu teste placebo, a percepção dos EUA como ameaça, conferiu maior consistência aos achados.

O gráfico abaixo traz evidências para a relação entre conflitos e o medo de minorias. No início dos anos 1990, após a dissolução da URSS por mobilizações etnonacionais que também causaram incertezas nas relações federativas, mais de 30% da população russa já percebia minorias como alguma ou grande ameaça. No segundo *survey* de 1996, correspondente ao período de negociação dos acordos de Khasavyurt que puseram fim à Primeira Guerra da Chechênia, houve uma pequena redução, que se manteve estável em 1998. Apesar da ausência de conflitos, na prática a região encontrava-se independente, gerando preocupações quanto à integridade territorial do país. Em 2000, meses após o início da Segunda Guerra da Chechênia, a percepção de ameaças passou por um rápido crescimento, atingindo um pico de quase 60% em abril. Vale lembrar que em março do mesmo ano Vladimir Putin foi eleito presidente e uma das fases mais intensas dos combates se deu ao longo da campanha eleitoral – na seção qualitativa, abordo como o conflito foi explorado nos discursos oficiais.

Figura 2.4 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas) e percentual da população que percebe minorias como ameaça (linha)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

As operações mais intensas da empreitada militar foram oficialmente concluídas no fim de abril de 2000. Contudo, é possível notar que o número de vítimas civis fatais continuou consideravelmente alto nos anos seguintes. Atentados terroristas promovidos por grupos separatistas e fundamentalistas geraram grande comoção social e receberam ampla repercussão midiática. O caso mais emblemático foi o ataque à escola de Beslan, República da Ossétia do Norte, em setembro de 2004. No episódio, cerca de 1.200 pessoas foram feitas reféns por três dias e mais de 300 acabaram mortas, na maioria crianças[167]. O *survey* de 2005, conduzido alguns meses após esse atentado, registrou o segundo maior pico da percepção de ameaça. Nos anos seguintes, o número de óbitos em conflitos caiu significativamente – concomitantemente, o *survey* de abril de 2007 apresentou a menor percepção de toda a série. Como mencionado, embora o conflito checheno tenha se encerrado oficialmente em 2009, ao longo da década de 2010 houve atentados terroristas no Cáucaso e em outras grandes cidades russas, além de motins e tensões étnicas em algumas localidades. A variação nas quatro categorias de percepção de ameaça na população (anexo 1.1) reforça o argumento de que o medo de minorias é sensível à dinâmica de conflitos e sofre variações significativas no médio prazo. A categoria mais temerosa, a que considera minorias

[167] SHKOLA #1. Revista "Kommersant´ Vlast´" № 36, 13.09.2004, p. 25. Disponível em: <https://www.kommersant.ru/doc/504579>. Acesso em: 27.10.2020.

uma "grande" ameaça, registrou percentuais abaixo dos 10% nos anos 1990 e atingiu 20% no auge do conflito. O percentual permaneceu alto por alguns anos e somente na segunda metade dos anos 2000 voltou a cair para abaixo de 10%. Por sua vez, as categorias "nenhuma" e "pequena" ameaça voltaram a subir, registrando valores próximos a 30% cada em junho de 2009. É notável que nos *surveys* de 2007 e 2009 houve um crescimento significativo para não respostas, com patamares próximos a 10%.

Testes de regressão (tabela 2.1) mostram uma correlação de alta significância estatística entre o número de vítimas civis fatais e a percepção de minorias como ameaça – uma evidência de que conflitos contribuem para elevar a etnofobia. O efeito tem magnitude e significância maiores para *in-groups*, os russos étnicos, mas somente quando não são contabilizados os controles econômicos. Para uma melhor interpretação dos coeficientes, adaptei as regressões *ordered logistic* a *OLS* (anexo 1.2). No modelo com os controles para a população geral, 1.000 vítimas fatais civis têm o potencial de elevar a percepção de minorias como ameaça em 0,29, na escala de 1 (nenhuma) a 4 (grande ameaça). Longe de quantificar um trauma social, pretendo apenas mostrar que a intensidade do conflito impacta as atitudes da sociedade em relação às minorias, principalmente quando o foco são as vítimas civis, dada a sua maior propensão de veiculação midiática e comoção.

Tabela 2.1 Relação entre número de vítimas fatais civis (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e percepção de minorias como ameaça

	Medo_minorias								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Mortes_civis_12_meses	0.032***	0.029***	0.028***	0.032***	0.017***	0.018***	0.018**	0.033***	0.026**
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.006)	(0.009)	(0.009)
GeneroFeminino		0.131***	0.109***		0.114***	0.142***		0.031***	−0.038***
		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.002)		(0.007)	(0.007)
Idade		−0.005***	−0.005***		−0.007***	−0.007***		−0.004	−0.003
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.024*	−0.024**		−0.040**	−0.048***		−0.015	0.025
		(0.010)	(0.009)		(0.014)	(0.014)		(0.035)	(0.035)
Tipo_localidadeRural		−0.117***	−0.177***		0.075***	0.046***		−0.233***	−0.318***
		(0.002)	(0.002)		(0.003)	(0.002)		(0.008)	(0.007)
Tamanho_populacao		−0.013**	−0.016***		0.019***	0.027***		−0.047***	−0.061***
		(0.004)	(0.004)		(0.005)	(0.005)		(0.013)	(0.013)
PIB_pc_PPP		−0.00001	−0.00002		0.0001	0.0001		0.0002	0.0002
PIB_pc_crescimento		0.009**	0.007*		0.036***	0.030***		−0.025	−0.014
		(0.003)	(0.003)		(0.006)	(0.006)		(0.014)	(0.014)
log(Inflacao)		−0.107***	−0.132***		0.055***	0.030		0.022	0.073*
		(0.013)	(0.012)		(0.016)	(0.016)		(0.037)	(0.036)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	17,708	14,467	15,441	10,938	8,860	8,855	2,030	1,535	1,538

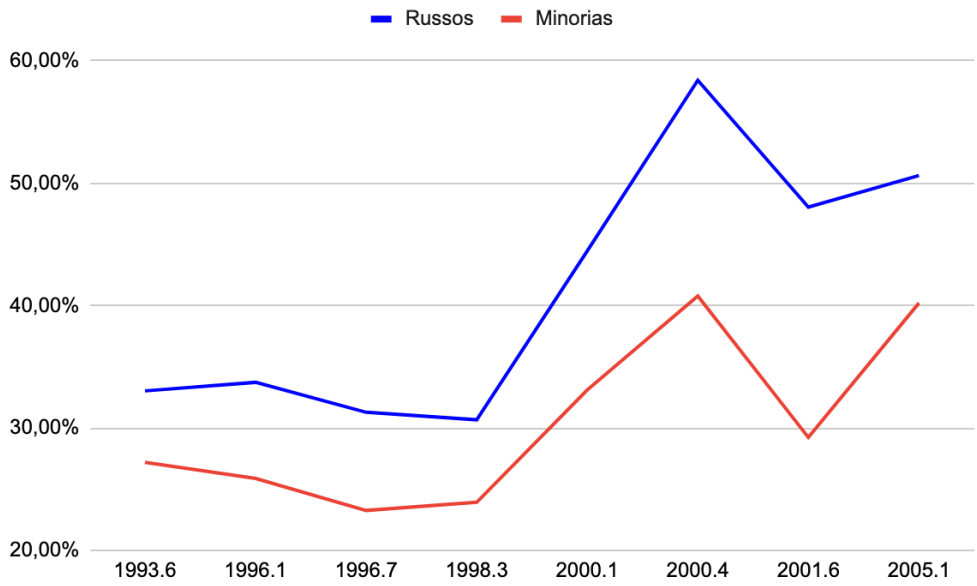
Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *ordered logistic.* Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do Banco Mundial (2022).

O medo de minorias dos *in-groups* é mais sensível ao conflito do que dos *out-groups* (figura 2.5). Antes da Segunda Guerra da Chechênia a diferença entre os grupos oscilava em torno de 10% – pouco mais de 30% dos russos viam minorias como alguma ou grande ameaça, enquanto

as minorias registravam valores pouco acima dos 20%. No auge da guerra os russos alcançaram 58,41% e as minorias 40,78%. O intervalo entre ambos se manteve alto nos anos seguintes.

Figura 2.5 Percepção de minorias como "alguma" ou "grande" ameaça para russos e minorias



Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Quanto à variação ano a ano, segunda estratégia adotada para estimar o efeito do conflito, constatei que os períodos mais próximos ao auge da Segunda Guerra da Chechênia (abril de 2000) e ao atentado de Beslan (janeiro de 2005) registraram os maiores acréscimos[168]. Russos étnicos, os *in-groups*, apresentaram magnitude e significância estatística maiores que as de *out-groups* na maioria dos períodos. No primeiro *survey* do segundo conflito, em janeiro de 2000, e no *survey* posterior, em junho de 2001, minorias não registraram nenhuma correlação significativa. O *survey*-referência de comparação é o de janeiro de 1996, durante o primeiro conflito. Quando o *survey* de 1993 é utilizado como referência (anexo 1.3), momento em que não havia conflitos separatistas de grandes proporções e o temor de minorias é apresentado como uma variável *dummy*[169] [170], as diferenças entre russos e minorias são ainda maiores para alguns anos. O aumento da percepção de alguma ou grande ameaça para russos, em comparação à média de 1993 (0,34), foi de 37,07% (0,125) em janeiro de 2000, 79,18% (0,267) em abril de 2000, 47,45% (0,160) em junho de 2001 e 53,67% (0,181) em janeiro de 2005. Considerando a população geral, o aumento foi de 40,33%

[168] Retirei os controles "Tipo_localidade" e "Tamanho_população" para que fosse exibido o segundo *survey* de 1996.
[169] A análise deve ser feita com ressalva, haja vista que as medidas não são totalmente convergentes: para os anos das análises anteriores, conferi o valor "1" a "grande" ou "alguma" ameaça e "0" para "pouca" ou "nenhuma"; já o *survey* de junho/ julho de 1993 teve uma mensuração binária, em que "sim" corresponde a "minorias são uma ameaça" e "não" a "não são uma ameaça". Para mais detalhes sobre o *survey* de 1993, ver: CSPP. New Russia Barometer II Questionnaire Disponível em: <https://www.cspp.strath.ac.uk//nrb2-quest.html>. Acesso em: 11.01.2022.
[170] o modelo foi adaptado de *logistic binomial* para *OLS*

(0,136) em junho de 2003 e não houve significância estatística para as variações após 2005, nem para as anteriores a 2000 – ou seja, a Primeira Guerra da Chechênia pouco impactou as percepções de ameaça em relação a 1993. As minorias não registraram coeficientes significativos também para janeiro de 2000 e junho de 2001.

Tabela 2.2 Relação entre os períodos cobertos pelos *surveys* e percepção de minorias como ameaça

	Medo_minorias								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey1996.7	−0.105	−0.077	0.005	−0.157*	−0.123	−0.033	0.202	0.210	0.227
	(0.059)	(0.060)	(0.059)	(0.065)	(0.066)	(0.065)	(0.144)	(0.149)	(0.146)
data_survey1998.3	−0.148**	−0.112	−0.053	−0.118	−0.085	−0.033	−0.237	−0.192	−0.146
	(0.057)	(0.059)	(0.061)	(0.062)	(0.064)	(0.066)	(0.148)	(0.157)	(0.160)
data_survey2000.1	0.335***	0.365***	0.395***	0.384***	0.404***	0.405***	0.107	0.176	0.329*
	(0.057)	(0.059)	(0.061)	(0.062)	(0.064)	(0.067)	(0.150)	(0.157)	(0.158)
data_survey2000.4	0.875***	0.935***	0.935***	0.902***	0.958***	0.959***	0.442*	0.574**	0.472**
	(0.060)	(0.062)	(0.060)	(0.064)	(0.066)	(0.065)	(0.176)	(0.185)	(0.180)
data_survey2001.6	0.461***	0.493***	0.483***	0.556***	0.593***	0.582***	0.036	0.080	0.068
	(0.056)	(0.058)	(0.061)	(0.061)	(0.063)	(0.066)	(0.144)	(0.149)	(0.153)
data_survey2003.6	0.520***	0.527***	0.638***						
	(0.060)	(0.062)	(0.061)						
data_survey2005.1	0.689***	0.723***	0.768***	0.696***	0.742***	0.757***	0.610***	0.689***	0.945***
	(0.055)	(0.056)	(0.059)	(0.061)	(0.062)	(0.066)	(0.146)	(0.151)	(0.156)
data_survey2007.4	−0.149*	−0.132*	−0.104						
	(0.061)	(0.064)	(0.063)						
data_survey2009.6	0.072	0.105	0.136*						
	(0.059)	(0.064)	(0.062)						
GeneroFeminino		0.108***	0.084**		0.110**	0.114**		0.003	−0.085
		(0.029)	(0.028)		(0.037)	(0.036)		(0.086)	(0.085)
Idade		−0.005***	−0.006***		−0.006***	−0.007***		−0.003	−0.003
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.025*	−0.024*		−0.026	−0.028*		−0.017	0.016
		(0.011)	(0.011)		(0.014)	(0.014)		(0.032)	(0.031)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	17,708	16,180	17,551	10,938	10,244	10,562	2,030	1,864	1,943
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

No geral, os dados revelam que a percepção de ameaça acompanha a dinâmica e intensidade do conflito, com diferenciação entre *in-groups* e *out-groups*[171]. Contudo, cabe notar que episódios relacionados a conflitos podem impactar a memória coletiva não apenas no curto prazo, como acontecimento político mais marcante do momento, mas também por períodos prolongados. *Surveys* conduzidos pelo instituto Levada-Center trazem indícios de que acontecimentos violentos permanecem entre os mais lembrados por décadas[172]. Quando se questionou quais foram os fatos mais importantes do ano em dezembro de 1994, 35% responderam "a introdução de tropas na Chechênia" – o primeiro lugar de uma lista com treze acontecimentos. Quando a pergunta foi feita novamente em dezembro de 2004, 33% apontaram o mesmo e, em

[171] Alguns dos modelos acima apresentam uma correlação estatisticamente significativa para gênero (maior percepção de ameaça por mulheres) e uma correlação inversa para localidades urbanas e idade. Possivelmente a relação entre maior idade e menor percepção de ameaça deve-se ao fato de no período soviético, por exceção de sua fase final, as relações interétnicas terem sido menos conturbadas – logo, indivíduos que viveram por mais tempo na URSS seriam menos propensos a perceber minorias como ameaça.

[172] LEVADA-CENTER. Samye vazhnye sobytiya proshlykh let [Os acontecimentos mais importantes dos últimos anos]. 21.02.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/02/21/samye-vazhnye-sobytiya-proshlyh-let/>. Acesso em: 21.10.2020.

janeiro de 2014, 31%. Outros fatos, sobretudo da área econômica, variaram acentuadamente entre os três *surveys* superando o conflito em 2004, mas retornando aos patamares iniciais em 2014. Quando se indagou acerca dos acontecimentos mais importantes de 1999, de uma lista de 14 menções em 2014, seis disseram respeito a acontecimentos relacionados a conflitos, em específico "o começo da Segunda Guerra da Chechênia" (27%), "ataques terroristas, explosões em Moscou e outras cidades da Rússia" (19%), "bombardeio da Iugoslávia" (14%) e "invasão dos guerrilheiros Basayev e Khattab ao Daguestão" (14%). Nos *surveys* de 1999, 2004 e 2009 tais acontecimentos de 1999 também estiveram em destaque.

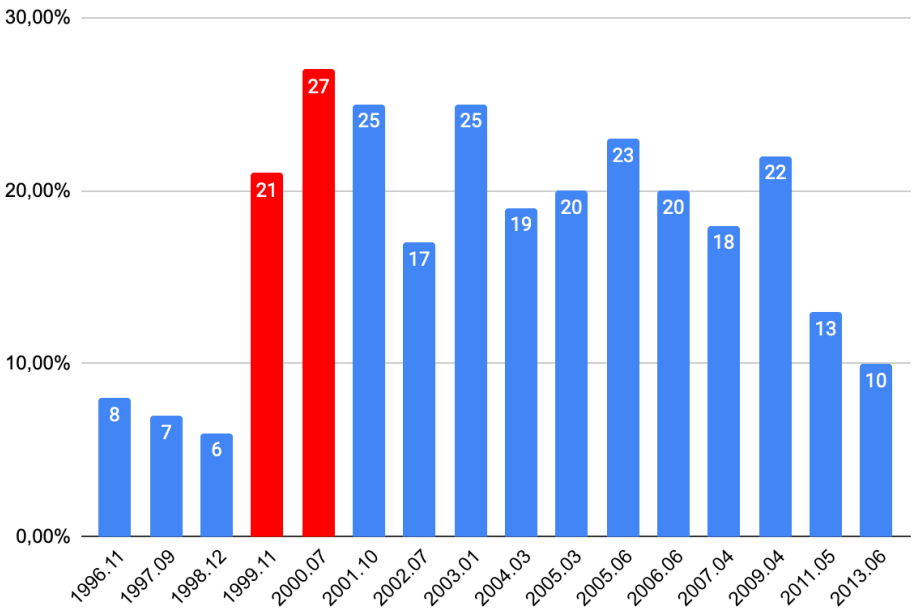
Outro indicador relevante é o aumento da rejeição ao separatismo checheno a partir do segundo conflito. O instituto Levada-Center conduziu periodicamente pesquisas com a pergunta "como você se relaciona à possibilidade de a Chechênia se separar da Rússia?"[173]. De cinco respostas possíveis[174], a mais enfática enunciava "considero que deve ser evitada por qualquer meio, inclusive militar". Na segunda metade da década de 1990, essa opção era a menos mencionada, com o apoio de menos de 10% da população, mas após o início do segundo conflito subiu para 21% e atingiu 27% em julho de 2000, o pico de toda a série[175] (figura 2.6). De novembro de 1999 a outubro de 2001 essa foi a resposta mais frequente. Opções como "a separação da Chechênia da Rússia de fato já ocorreu" e "eu só ficaria feliz em ver tal desenvolvimento dos acontecimentos" registraram significativas menções antes de 1999, mas perderam espaço. A segunda traz indícios de que uma parte da população considerava a separação da região uma alternativa plausível para resolver o conflito.

[173] LEVADA-CENTER. Otdelenie Chechni i Severnyj Kavkaz [Separação da Chechênia e do Norte do Cáucaso]. 01.07.2013. Disponível em: <https://www.levada.ru/2013/07/01/otdelenie-chechni-i-severnyj-kavkaz/>. Acesso em: 21.10.2020.

[174] As outras opções foram: "a separação da Chechênia da Rússia de fato já ocorreu", "eu só ficaria feliz em ver tal desenvolvimento dos acontecimentos", "não me impressionaria muito", "sou contra esse desenvolvimento de acontecimentos, mas estou pronto para aceitá-lo" e "é difícil responder".

[175] As pesquisas de opinião pública do instituto Levada (inclusive as apresentadas nas próximas páginas) contam geralmente com 1.600 observações e uma margem de erro de até +/- 3,4%, no intervalo de confiança de 95%.

Figura 2.6 Apoio à manutenção da Chechênia como parte da Rússia por qualquer meio, inclusive militar



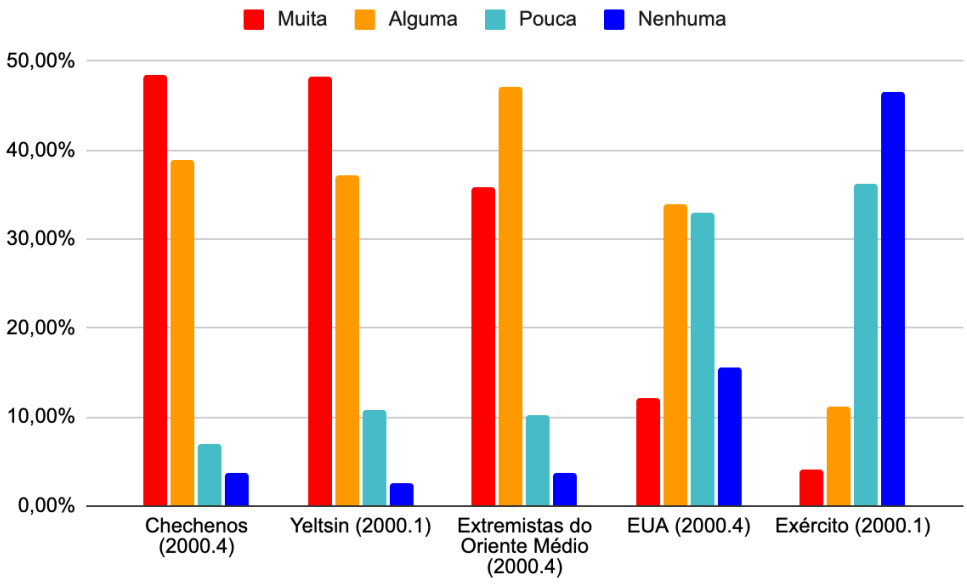
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2013).
Destaque em vermelho para o período intenso da segunda guerra da Chechênia.

Emil Pain (2005) argumenta que a vitória russa contra a invasão de separatistas ao Daguestão contribuiu para aumentar o apoio a uma nova intervenção militar federal. A população passou a acreditar que a crise poderia ser resolvida por uma "mão de ferro". Em parte, tal visão remete ao meu argumento de que *in-groups* percebem um governo autoritário e o controle centralizado como meios mais efetivos para lidar com conflitos domésticos e a mobilização de *out-groups*. Na seção 2.3 ("O impacto do conflito checheno na sociedade e política russa"), vimos que, além de Pain, diversos autores notaram a diferença da percepção da população quanto à questão chechena antes e após o início do segundo conflito em 1999. A difusão do conflito para outras regiões e os atentados terroristas a cidades russas teriam materializado a ideia abstrata de "ameaça" aos *in-groups* por parte dos *out-groups*. Ademais, a alegação de que a vitória na Chechênia era necessária para impedir a dissolução da Rússia, com pouca adesão nos anos anteriores, viu um crescimento significativo, como relata Pain. A resposta enérgica e relativamente exitosa de Putin elevou a confiança da sociedade em sua capacidade de prover segurança.

Embora muitos conflitos domésticos sejam conduzidos por grupos organizados pouco numerosos, toda a comunidade étnica pode vir a ser responsabilizada pelos *in-groups*. A culpa pela guerra foi em grande medida atribuída aos chechenos – quase 90% apontaram alguma ou grande

culpa –, seguida de Yeltsin, extremistas do Oriente Médio, EUA e exército (figura 2.7[176])[177]. Em testes de regressão (anexo 1.4), identifiquei uma forte correlação entre a percepção de minorias como ameaça e a responsabilização de chechenos em janeiro e abril de 2000[178]. Em uma escala que varia de 1 ("nenhuma culpa") a 4 ("muita culpa"), russos étnicos que não percebem minorias como ameaça registraram uma média alta, de 3,11. A média cresce 4,88% (0,152) para aqueles que consideram minorias uma "pequena" ameaça, 6,36% (0,198) para "alguma" e 12,14% (0,378) para "grande" ameaça. A relação foi menos saliente e significativa para as minorias, os *out-groups*. Russell (2005) alega que tanto Yeltsin quanto Putin exploraram imagens negativas dos chechenos separatistas como "bandidos" e "terroristas", mas foi apenas com a invasão ao Daguestão e os atentados de 1999 que tal construção ganhou adesão popular. *Surveys* mostraram que, na véspera das eleições presidenciais de março de 2000, 33% da população russa acreditava que a economia chechena deveria ser restaurada às custas da própria população chechena, 20% que não deveria restaurá-la e apenas 12% mencionaram o orçamento federal russo[179].

Figura 2.7 Atribuição de culpa pela guerra da Chechênia



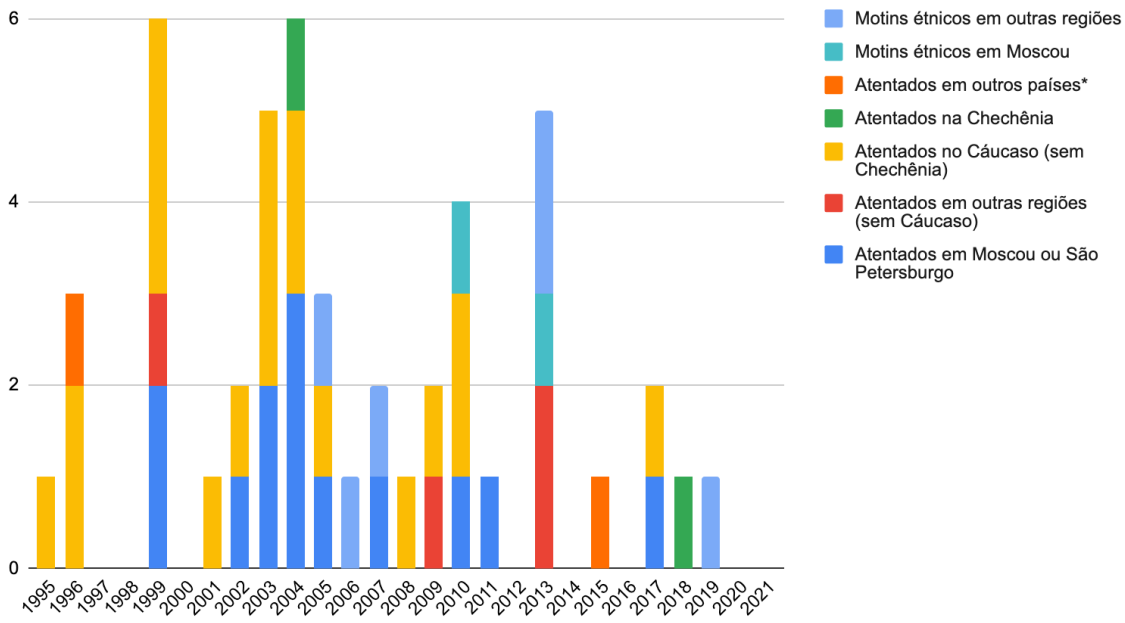
Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

No gráfico abaixo, destaquei os principais atentados terroristas associados a grupos chechenos separatistas e fundamentalistas islâmicos, bem como motins étnicos que adquiriram

[176] Questões PV131-135 do NRB.
[177] Os percentuais de responsabilização de chechenos em abril de 2000 são um pouco maiores que os de janeiro 2000. Nos *surveys* de abril, não há dados sobre a responsabilização de Yeltsin e do exército.
[178] Questão PV135 do NRB, Blame for Chechnya: Chechens. Admite quatro respostas: "muita" culpa (1), "alguma" (2), "pouca" (3) e "nenhuma" (4). Assim como procedi com outras variáveis, invertemos o ordenamento, de maneira que "4" represente "muita" e "1" – "nenhuma".
[179] LEVADA-CENTER. Vybory; Putin; Chechnya [Eleições; Putin; Chechênia]. 21.03.2000. Disponível em: <https://www.levada.ru/2000/03/21/vybory-putin-chechnya/>. Acesso em: 20.12.2021.

repercussão nacional. Dividi os eventos por localidade, haja vista que ocorrências em grandes centros urbanos, como Moscou e São Petersburgo, têm potencial de receber maior atenção midiática – no anexo 1.5, disponibilizei uma extensa lista com a descrição de cada evento. Como foi argumentado anteriormente, há indícios de que ocorrências fora do Cáucaso, região onde minorias étnicas se concentram, podem reforçar a percepção de "difusão" do conflito para regiões predominantemente russas, de maneira que a polarização *in-groups* / *out-groups* ganhe novos contornos. Nota-se que 1999 foi o primeiro ano em que ocorrências se alastraram para além do Cáucaso, o que se tornou recorrente nos anos seguintes. A partir da segunda metade dos anos 2000, há um significativo decréscimo no número de ocorrências. Outros picos foram registrados em 2010, com os atentados ao metrô de Moscou e os motins étnicos entre torcedores russos e caucasianos no centro da cidade, e em 2013, com os atentados em Volgograd e novos motins étnicos na capital. A última ocorrência de grande atenção midiática foi o atentado ao metrô de São Petersburgo, em 2017.

Figura 2.8 Número de eventos associados a grupos separatistas chechenos, fundamentalistas islâmicos e conflitos étnicos locais

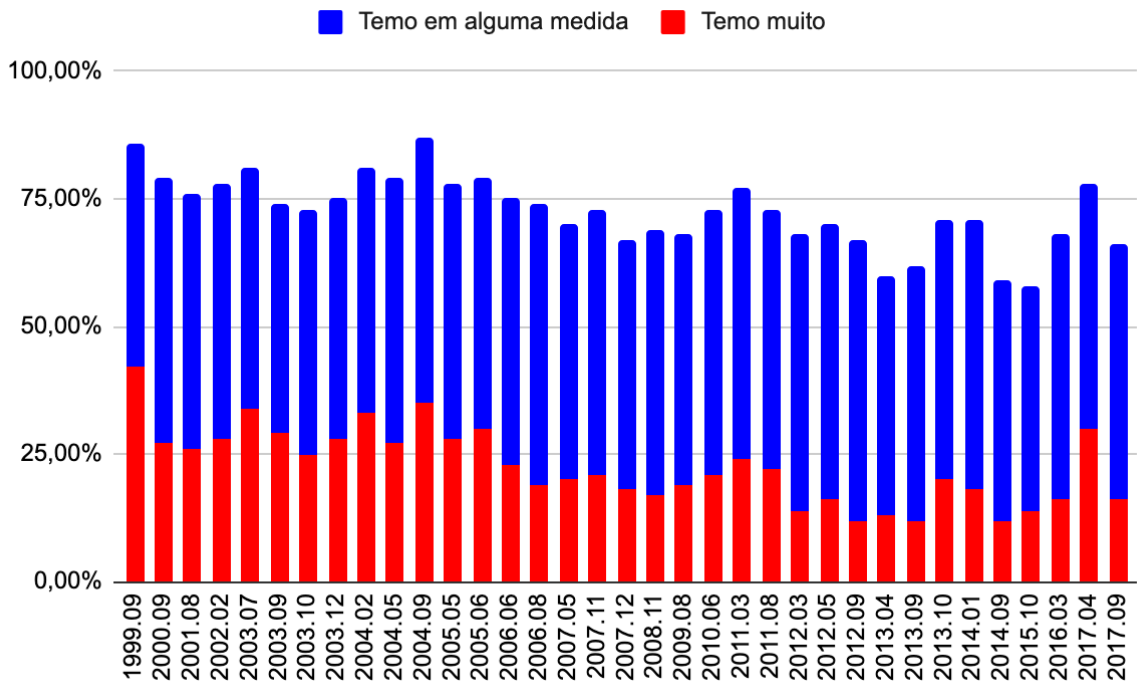


Fonte: elaborado pelo autor.

O instituto Levada-Center periodicamente conduz pesquisas sobre o medo da população em relação a atentados terroristas e a conflitos étnicos. Seus *surveys* revelam que o temor a atentados na Rússia é consideravelmente alto desde o início da série histórica, em 1999, embora também seja saliente o seu significativo decréscimo ao longo do tempo (figura 2.9). A redução na percepção de ameaça está diretamente associada ao decréscimo no número de eventos. Os maiores

percentuais foram verificados até a primeira metade dos anos 2000, quando indivíduos que afirmaram "temer muito" permaneceram acima dos 25%. Os principais picos foram em setembro de 1999, após os atentados a edifícios residenciais em diferentes cidades, e em setembro de 2004, com o ataque à escola de Beslan. O percentual mais alto após 2005 foi março de 2011, pouco mais de um mês do atentado ao aeroporto Domodedovo, em Moscou, e em abril de 2017, com o atentado ao metrô de São Petersburgo – o único do período em que a categoria "temo muito" voltou a ultrapassar os 25%. Um possível indício de que eventos em grandes centros nacionais geram maior comoção social é o fato de o atentado de 2017 (além dos de 2010 e 2011) ter registrado percentuais maiores de temor do que o atentado a um ônibus em Volgogrado, em outubro de 2013. Assim como no primeiro, o *survey* de Volgogrado foi realizado pouco depois do ataque. Vale salientar que, diferentemente do fenômeno de maior interesse da presente pesquisa – a percepção de ameaça ao grupo –, o foco do questionário do Levada-Center foi a percepção de ameaça individual (ao indivíduo ou a seus próximos). Os dados do NRB para a análise da relação entre medo e preferências autoritárias dizem respeito à percepção de minorias como uma ameaça à sociedade/ país. No entanto, é possível que ambos os tipos de percepção apresentem algum grau de correlação.

Figura 2.9 Medo de atentados. "Você teme, no momento, que você ou seus próximos possam se tornar vítimas de atentados terroristas?"[180]



[180] LEVADA-CENTER. Rossiyane stali men'she boyat'sya terrorizma [Russos passaram a temer menos o terrorismo]. 25.04.2013. Disponível em: <https://www.levada.ru/2013/04/25/rossiyane-stali-menshe-boyatsya-

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2013, 2017).

Um outro indício de que a guerra da Chechênia e mesmo os atentados terroristas podem não ser percebidos como uma grande ameaça direta aos indivíduos é o fato de questões econômicas serem apontadas como mais prioritárias. O *survey* de abril de 2000 do NRB indagou qual deveria ser a prioridade do governo[181], em uma lista de oito alternativas. A "subida de preços" ocupou o primeiro lugar (35,25%), enquanto a "guerra da Chechênia" (19,50%) e a "ameaça de ataques terroristas em cidades russas" (9.19%) ocuparam, respectivamente, o segundo e quarto lugares[182]. Entretanto, quando em janeiro de 2000 indagou-se acerca da urgência em resolver cada tópico à parte, 71,37% afirmaram que a guerra da Chechênia[183] era da mais alta prioridade[184] e 15,89% que era importante; para o problema do terrorismo[185], os valores foram 67,33% e 19,87%. As despeito da alta priorização, nos três *surveys* de 2000 a 2001 menos de 15% responderam que estavam dispostos a lutar ou a enviar parentes para combater os "bandidos" e "terroristas"[186].

No que concerne ao medo de conflitos étnicos, foi notável a elevada percepção de risco para a Rússia em 2002 e 2007 (figura 2.10). Este último pode estar associado ao motim de agosto de 2006 em Kondopoga, na república da Carélia, e em junho de 2007 em Stavropol – todos envolvendo russos e minorias do Cáucaso, sobretudo chechenos. O segundo maior percentual foi registrado em janeiro de 2011, um mês após motins no centro de Moscou, e o maior da série em outubro de 2013, quando russos e caucasianos se confrontaram na periferia da capital. Os dados sugerem que a percepção de risco de conflito étnico está mais associada a ocorrências de motins locais do que a atentados terroristas. Embora a percepção de risco de conflito na localidade em que os indivíduos residem varie de maneira análoga à percepção de risco na Rússia, seus percentuais são significativamente inferiores – outra evidência de que a percepção de ameaças envolvendo o grupo ao qual os indivíduos pertencem é por vezes mais saliente do que a percepção de ameaça pessoal direta. Desde o *survey* de 2014, ano em que as relações com o Ocidente se deterioraram em meio à crise da Ucrânia, a percepção de risco manteve valores consideravelmente baixos. Uma hipótese para tal fenômeno, a ser testada em futuras pesquisas, é que o efeito "rally 'round the flag" da confrontação geopolítica internacional possa ter desviado o foco de tensões políticas domésticas.

---

terrorizma/>. Acesso em: 06.12.2021. LEVADA-CENTER. Strakh teraktov [Medo de atentados terroristas]. 02.10.2017. Disponível em: <https://www.levada.ru/2017/10/02/strah-teraktov/>. Acesso em: 06.12.2021.

[181] Questão PV142 do NRB, Priority problems: first choice.

[182] Entre as outras respostas estão: corrupção no governo (16%), crises na saúde e educação (8,94%), desemprego (8,69%), poluição ambiental (1,44%) e crime nas ruas (0,81%).

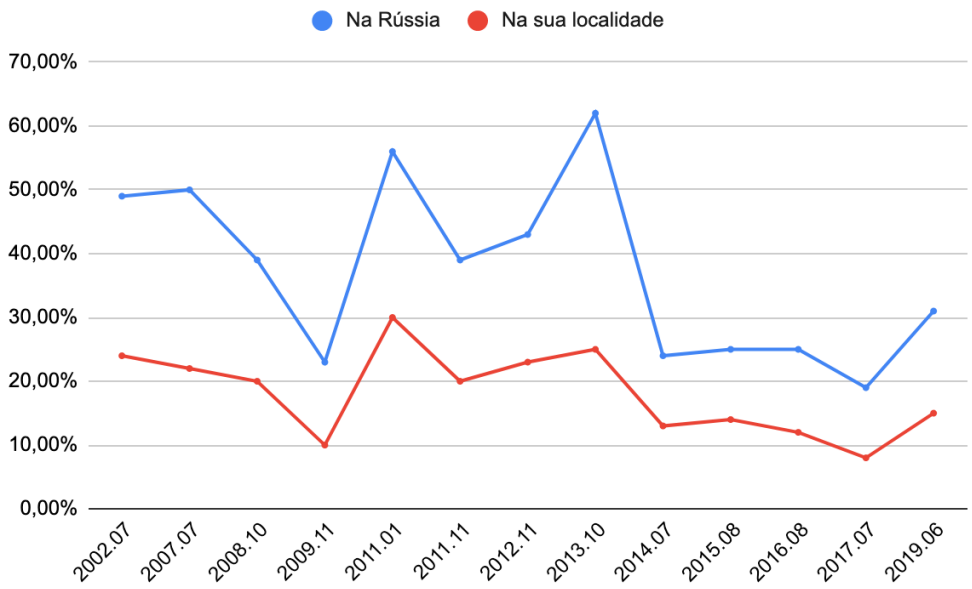
[183] Questão PV112 do NRB, Urgency to solve: war in Chechnya.

[184] Highest Priority.

[185] Questão PV108 do NRB, Urgency to solve: threat of terrorism in Russian cities.

[186] Questão PV137 do NRB, Would go/send to fight terrorists. Mais detalhes em: CSPP. New Russia Barometer 8. Disponível em: <https://www.cspp.strath.ac.uk//nrb8-quest.html>. Acesso em: 11.01.2022.

Figura 2.10 Risco de conflito étnico. "É possível ocorrerem conflitos de derramamento de sangue em massa, de base nacional [étnica]?" Respostas para "definitivamente sim" ou "provavelmente sim".[187]

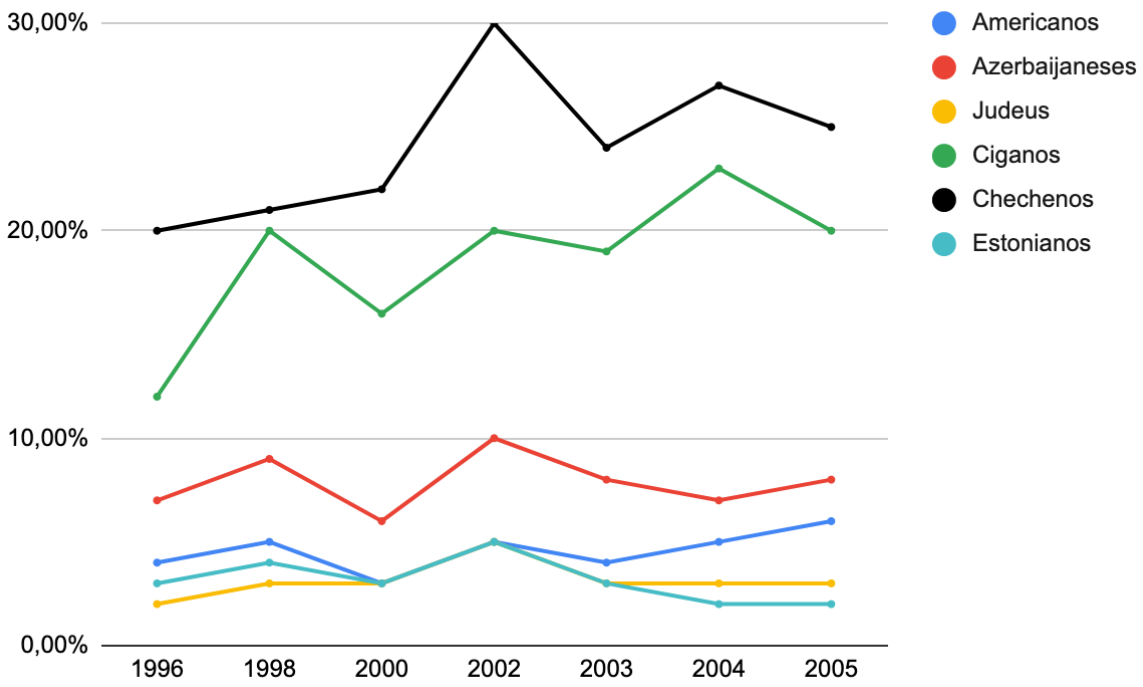


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2016, 2019).

Outro fenômeno que pode estar associado ao conflito na Chechênia e a tensões nas relações interétnicas é a etnofobia em relação a grupos do Cáucaso. Em uma pesquisa que questionou quais sentimentos estavam associados a seis grupos étnicos/ nacionais, como simpatia e interesse, indiferença, irritação e antipatia, além de desconfiança e medo, chechenos foram o grupo mais associado a desconfiança e medo, seguido de ciganos – no período posterior à Segunda Guerra da Chechênia, o medo alcançou 30%. Ao somarmos outros sentimentos negativos, como irritação e antipatia, chechenos continuaram na liderança, com valores superiores a 50% em grande parte do período. É possível que o medo de chechenos também tenha relação com a difusão de grupos mafiosos de base étnica. A despeito das desavenças geopolíticas da Rússia com os EUA ao longo de décadas, os americanos registraram percentuais bem abaixo.

[187] LEVADA-CENTER. Intolerantnost' i ksenofobiya [Intolerância e xenofobia]. 11.10.2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/10/11/intolerantnost-i-ksenofobiya/>. Acesso em: 08.12.2021. LEVADA-CENTER. Konflikt v Chemodanovke [Conflito em Chemodanovka]. 11.07.2019. Disponível em: <https://www.levada.ru/2019/07/11/20954/>. Acesso em: 08.12.2021.

Figura 2.11 Etnofobia/ xenofobia I. "Como você se relaciona a pessoas das seguintes nacionalidades[etnias]?". Respostas para "com desconfiança, medo".[188]

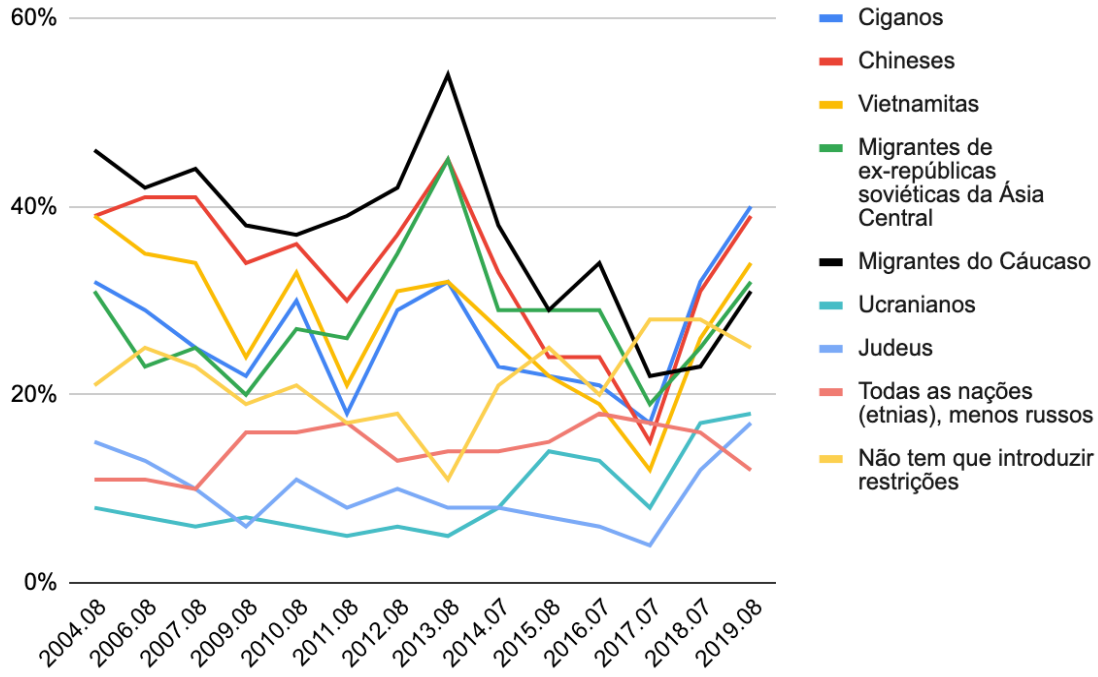


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2005).

Surveys indagando a necessidade de limitar a residência de diferentes grupos étnicos na Rússia revelaram um alto grau de aversão a caucasianos nos anos 2000, com pico em agosto de 2013, quando ultrapassou-se a marca de 50% contrários ao estabelecimento de indivíduos do Cáucaso no país. Nos meses que antecederam o *survey* de 2013, motins envolvendo russos étnicos e chechenos foram desencadeados em Udomlya e Pugachev. Além dos caucasianos, observou-se um elevado grau de etnofobia associado a minorias culturalmente distantes de russos, como chineses, vietnamitas e ciganos, e grupos com intensos fluxos migratórios em direção ao país, como cidadãos de ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central. Judeus e ucranianos, grupos cujas diferenças culturais são menos salientes, registraram menor percentual de aversão. As tensões da Rússia com a Ucrânia a partir de 2014 tiveram impacto notável, mas baixo, nas taxas de xenofobia contra ucranianos. Ademais, a queda significativa na aversão à maioria dos grupos pode ser um outro indício do efeito "rally 'round the flag" ocasionado pela confrontação geopolítica com o Ocidente.

[188] LEVADA-CENTER. Sotsial'no-politicheskaya situatsiya v Rossii v noyabre 2005 goda [Situação sociopolítica na Rússia em novembro de 2005]. 07.12.2005. Disponível em: <https://www.levada.ru/2005/12/07/sotsialno-politicheskaya-situatsiya-v-rossii-v-noyabre-2005-goda/>. Acesso em: 20.12.2021.

Figura 2.12 Etnofobia/ xenofobia II. "Na sua opinião, deve-se limitar a residência dos seguintes grupos no território da Federação Russa?"[189] [190]



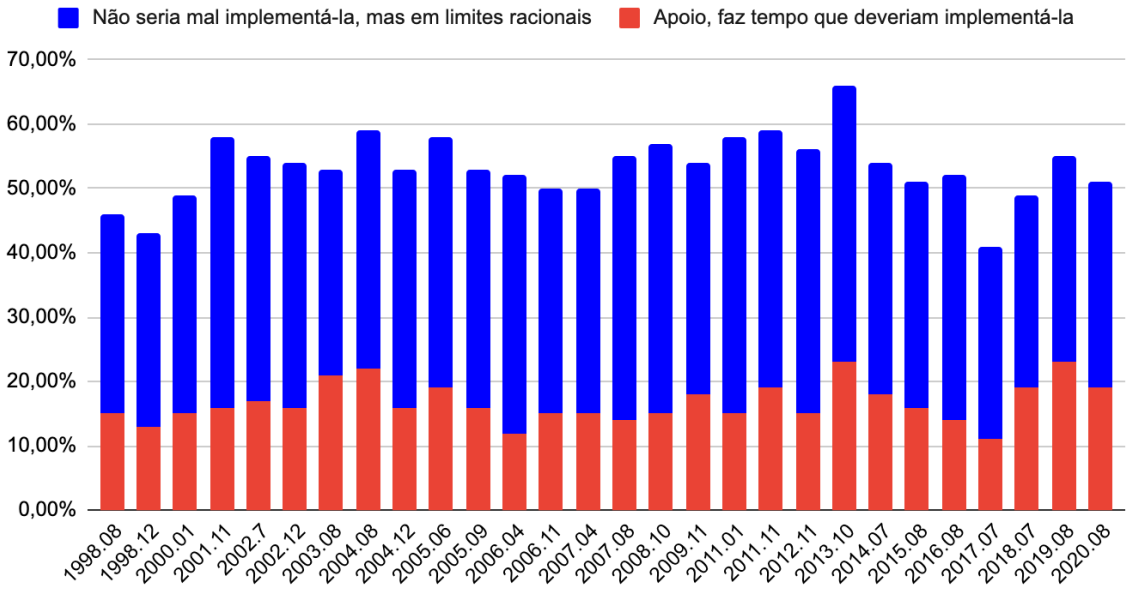
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2017, 2019).

O grau de xenofobia na sociedade russa é também evidenciado pela ampla concordância com uma concepção de Estado que exclui as diversas minorias etnonacionais, em específico com o slogan "a Rússia para os russos étnicos", difundido por nacionalistas. Em grande parte do período coberto por pesquisas de opinião pública (1998-2020), o percentual de indivíduos que concordam com a asserção esteve em torno dos 50%. Após a Segunda Guerra da Chechênia, houve um notável crescimento, porém, deve-se ter cautela em atribuí-lo ao conflito: mesmo o atentado à escola de Beslan, em setembro de 2004, não parece ter impactado a dinâmica, a julgar pela variação de agosto para dezembro de 2004. O maior pico de toda a série (66% de concordância) foi observado em outubro de 2013, quando os motins de Biryulyovo Zapadnoye (Moscou) entre russos e caucasianos tiveram ampla repercussão nacional. Alguns *surveys* tornaram a fazer questionamentos acerca de sentimentos associados a indivíduos oriundos do Cáucaso: o medo ficou abaixo dos 10%[191], porém, outros sentimentos negativos, como "irritação" e "antipatia",

[189] O *survey* permitiu a escolha de diferentes grupos.
[190] LEVADA-CENTER. Ksenofobiya v 2017 godu [Xenofobia em 2017]. 23.08.2017. Disponível em: https://www.levada.ru/2017/08/23/16486/. Acesso em: 08.12.2021. LEVADA-CENTER. Monitoring ksenofobskikh nastroyeniy [Monitoramento de sentimentos xenófobos]. 18.09.2019. Disponível em: https://www.levada.ru/2019/09/18/monitoring-ksenofobskih-nastroenij-2/. Acesso em: 08.12.2021.
[191] LEVADA-CENTER. Intolerantnost' i ksenofobiya [Intolerância e xenofobia]. 11.10.2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/10/11/intolerantnost-i-ksenofobiya/>. Acesso em: 09.12.2021.

alcançaram os 20%. É interessante observar que a pesquisa de 2015[192] discriminou as respostas de russos étnicos e minorias e, embora russos tenham apresentado maior concordância com o slogan nacionalista (55%), as minorias chegaram próximo da marca de 30%[193].

Figura 2.13 Etnofobia/ xenofobia III. "O que você acha da ideia 'a Rússia para os russos [étnicos][194]'?"[195]



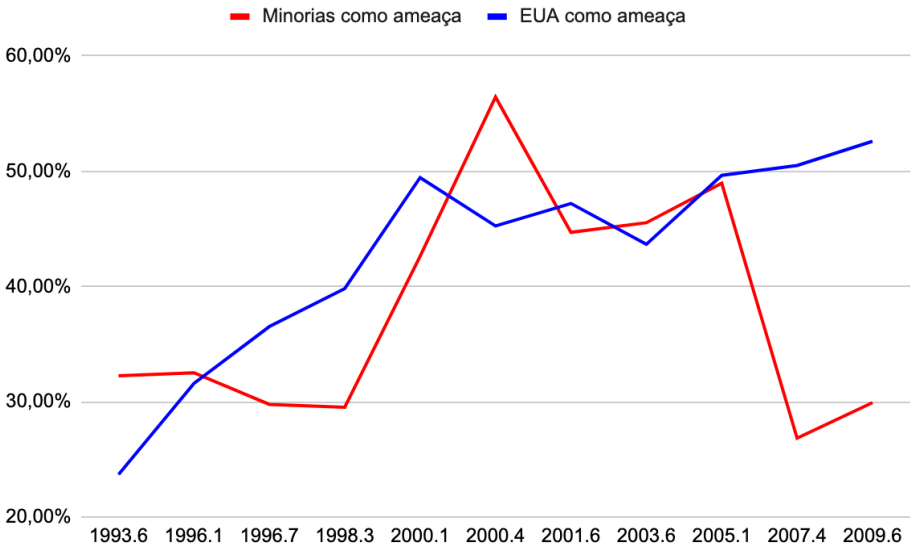
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2008, 2009, 2020).

Para concluir esta seção, realizei testes placebo a fim de verificar se há correlação entre o número de vítimas fatais no conflito checheno e a percepção dos EUA como ameaça. Caso encontrasse correlações significativas, poderia ser um indício de que não são os conflitos que estão elevando o temor dos indivíduos, mas alguma variável omissa. Apenas três dos nove modelos (anexo 1.6) tiveram correlação positiva significativa – com magnitude inferior à da percepção de minorias como ameaça. Em quatro modelos a correlação é negativa. A percepção dos EUA como ameaça cresceu inclusive na ausência de conflitos domésticos, refletindo uma verdadeira tendência temporal (figura 2.14). Após 2005, o medo de minorias sofre forte queda, enquanto o medo dos

[192] LEVADA-CENTER. Ksenofobskiye i natsionalisticheskiye nastroyeniya sredi rossiyan: dannyye reprezentativnykh oprosov 2002 — 2015 gg [Sentimentos xenófobos e nacionalistas entre os russos: dados de pesquisas representativas de 2002 a 2015]. 25.08.2015. Disponível em: <https://www.levada.ru/2015/08/25/ksenofobiya-i-natsionalizm/>. Acesso em: 09.12.2021.
[193] A resposta que prevaleceu neste grupo foi "negativo, isso é um verdadeiro fascismo".
[194] Do original, "Rossiya dlya russkikh".
[195] LEVADA-CENTER. Mezhetnicheskaya napryazhennost' [Tensão interétnica]. 17.11.2008. Disponível em: <https://www.levada.ru/2008/11/17/mezhetnicheskaya-napryazhennost/>. Acesso em: 09.12.2021.
LEVADA-CENTER. Rossiya dlya russkikh ili dlya vsekh rossiyan? [Rússia para os russos étnicos (russkiye) ou para todos os cidadãos russos (rossiyanye)?]. 06.12.2009. Disponível em: <https://www.levada.ru/2009/12/06/rossiya-dlya-russkih-ili-dlya-vseh-rossiyan/>. Acesso em: 09.12.2021.
LEVADA-CENTER. Ksenofobiya i natsionalizm [Xenofobia e nacionalismo]. 23.09.2020. Disponível em: <https://www.levada.ru/2020/09/23/ksenofobiya-i-natsionalizm-2/>. Acesso em: 09.12.2021.

EUA continua a crescer. A análise do discurso examinará se diante da ausência de conflitos domésticos, as elites russas recorreram a discursos voltados a ameaças externas para promover o efeito "rally 'round the flag" – no conflito doméstico, o efeito focaria apenas os *in-groups*, enquanto no conflito externo, abrangeria também os *out-groups*.

Figura 2.14 Percepção dos EUA e de minorias como ameaça (alguma ou grande)[196]

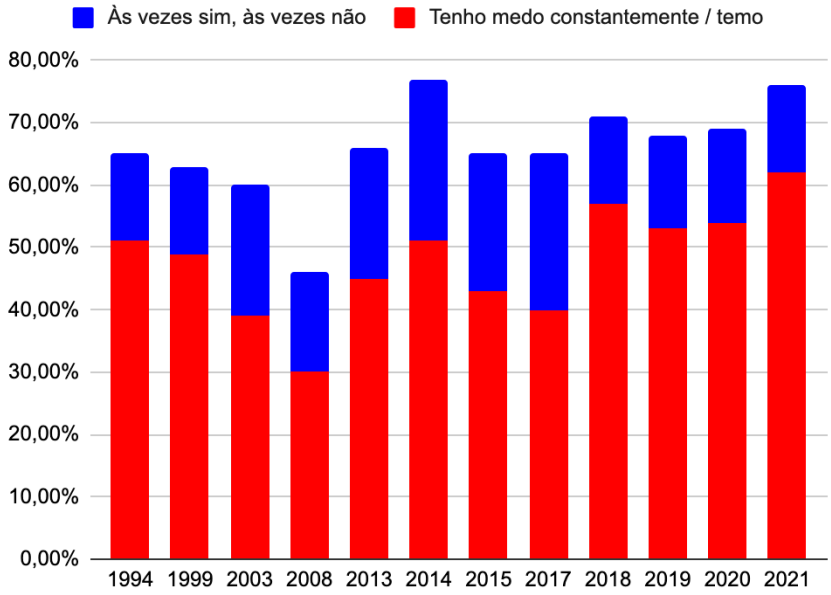


Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

É notável que a tendência de queda na percepção de ameaças internas, sobretudo nos anos 2010, foi compensada pelo crescimento na percepção de ameaças externas. O medo de uma guerra mundial apresentou percentuais inferiores a 65% da população nos quatro *surveys* disponíveis para os anos 1990 e 2000. Já a década de 2010 se diferenciou substancialmente. Um dos momentos de maior sensibilidade foi a crise da Ucrânia em 2014, quando 77% dos entrevistados afirmaram temer um conflito global constantemente ou às vezes. Em 2021, no contexto de acirramento das tensões geopolíticas com o Ocidente na questão ucraniana, a percepção de ameaça alcançou 76% – destes, 62% disseram temer ou temer constantemente uma guerra mundial, o pico de todo o período.

[196] O *survey* de 1993 contou com uma variável *dummy* (é uma ameaça / não é uma ameaça), diferentemente dos demais que contaram com quatro níveis de resposta. Logo, a inserção em um mesmo gráfico deve ser vista com cautela.

Figura 2.15 Medo de uma guerra mundial[197]



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2021).

A avaliação de que as relações com os EUA são "negativas" passou por diversos picos de curto prazo ao longo dos anos 2000, mas com a crise ucraniana teve o seu maior salto, atingindo 81% em janeiro de 2015 (anexo 1.7)[198]. Nos anos seguintes houve um decréscimo, mas manteve-se um patamar elevado, acima dos 40%. Tal variável pode indicar não uma percepção de ameaça em si, mas uma avaliação subjetiva dos indivíduos acerca do contexto geopolítico. Ao contrário do medo de uma guerra mundial exposto acima, outros dados sugerem que a percepção de ameaça externa é menos volátil e saliente que a percepção de ameaças domésticas (anexo 1.8)[199]: de 2015 ao início de 2022, momento de grande tensão geopolítica, o percentual de indivíduos que acreditavam[200] na possibilidade de um conflito armado com os EUA ou a OTAN não ultrapassou os 25%; a possibilidade de confronto com um estado vizinho atingiu o pico de 37% em 2022. Outras preocupações como o risco de conflitos étnicos em massa e de deterioração da situação no Cáucaso Norte – ambas indiretamente ligadas à questão chechena – estiveram acima dos riscos externos em diferentes ocasiões deste período.

[197] LEVINSON, Alexey. «Yesli zavtra voyna». Kak vliyayet na nas novostnoy shum pro vtorzheniye ["Se amanhã houver guerra." Como o ruído das notícias sobre a invasão nos afeta]. Levada-Center, 24.11.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/11/24/esli-zavtra-vojna-kak-vliyaet-na-nas-novostnoj-shum-pro-vtorzhenie>. Acesso em: 09.12.2021.
[198] LEVADA-CENTER. Otnosheniye k SSHA, YES i Belarusi [Atitude em relação aos EUA, UE e Belarus]. 16.12.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/12/16/mezhdunarodnye-otnosheniya-noyabr-2021/>. Acesso em: 10.01.2022.
[199] LEVADA-CENTER. 2022 god: potentsial krizisnykh sobytiy [2022: o potencial para eventos de crise]. 17.01.2022. Disponível em: <https://www.levada.ru/2022/01/17/2022-god-potentsial-krizisnyh-sobytij/>. Acesso em: 25.01.2022.
[200] Respostas "sim" e "definitivamente sim".

Os resultados apresentados até o momento corroboram a primeira parte do mecanismo: há evidências robustas de que os momentos mais intensos do conflito tenham contribuído para elevar a percepção de minorias como ameaça, sobretudo para os *in-groups*, e deixar impressões de longo prazo na memória coletiva. Atentados terroristas e motins étnicos também podem concorrer para maiores percepções de ameaça e etnofobia. Os testes placebo mostraram que a percepção de ameaças externas não apresentou exatamente a mesma trajetória que a percepção de minorias, mas adquiriu saliência em diferentes momentos em que esta passou por decréscimos. Futuros estudos poderão avaliar se tal fenômeno decorre de uma estratégia de elites visando compensar a diminuição de medos internos com a promoção de medos externos, e de uma maior coesão social entre *in-groups* e *out-groups* estimulada pelo efeito "rally 'round the flag". Uma importante ressalva deve ser feita: o período do conflito não é totalmente exógeno, uma vez que o governo federal poderia recomeçar a beligerância intencionalmente para estimular a "ameaça étnica" e o apoio ao autoritarismo. No entanto, o foco primário deste trabalho não são as causas do conflito, mas sim os seus efeitos na população, e o fato de o governo ter interesses particulares nos seus resultados não contradiz minhas hipóteses – pelo contrário, pode, inclusive, reforçá-las, ao sugerir que elites instrumentalizam tensões domésticas por perceberem seu alto potencial de comoção social.

2.6.2 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias

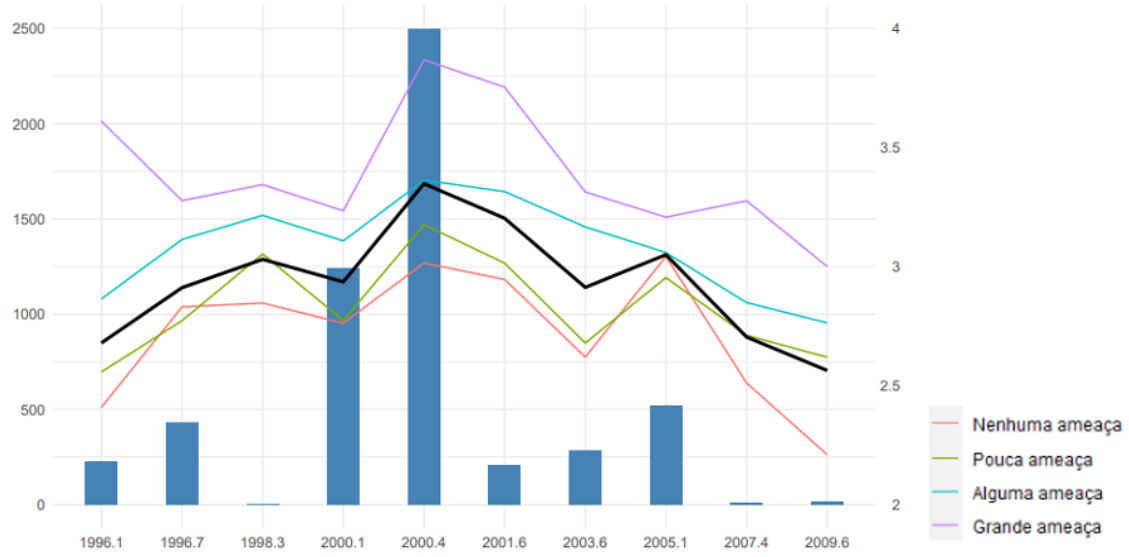
Na presente subseção examino a relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias – segunda parte do mecanismo causal. Identifiquei correlações estatisticamente significativas entre o grau em que indivíduos percebem minorias como a ameaça à segurança ou sociedade e a média de preferências autoritárias, o que vai ao encontro dos achados da literatura de psicologia acerca da relação entre percepções de ameaças societais e atitudes autoritárias[201]. A categoria que percebe minorias como "grande ameaça" mostrou-se a mais autoritária, sobretudo no auge da Segunda Guerra da Chechênia. A relação é mais forte e significativa para os *in-groups* do que para os *out-groups*, conforme previsto nas minhas hipóteses. Também constatei que o conflito e, no geral, a questão étnica podem ter contribuído para a consolidação de preferências antiliberais no longo prazo, como atitudes positivas em relação ao regime de Vladimir Putin e ao passado soviético. Há indícios de que a percepção de ameaças

[201] Como discorri anteriormente, o presente trabalho se diferencia dos demais por lidar com um caso real, em vez de experimentos em laboratórios, e com preferências por regimes políticos, em vez de outras situações caracterizadas por "autoritarismo" ou "atitudes autoritárias".

internas (conflitos contra *out-groups*) têm maior potencial de desencadear tendências autoritárias do que ameaças externas, como confrontações geopolíticas.

A variação de 1996 a 2009 revela que as preferências autoritárias dos indivíduos que consideram as minorias alguma ou grande ameaça são superiores às preferências dos que consideram indivíduos pouca ou nenhuma ameaça (figura 2.16). O período em que houve maior diferenciação entre os grupos foi exatamente o mais próximo ao auge da segunda guerra da Chechênia[202]: o grupo que percebe minorias como "grande ameaça" teve um grande salto de janeiro para abril de 2000, ao passo que o que as percebe como "nenhuma ameaça" apresentou pouca variação[203]; a média geral (linha preta) teve uma das maiores aproximações à média dos grupos temerosos. Também é notável como a média dos mais temerosos permanece alta mesmo após a fase mais intensa do conflito, um indício de que o conflito pode ter efeito prolongado nas preferências de regime. As preferências dos grupos menos temerosos sobem ao longo do conflito, mas com menos intensidade.

Figura 2.16 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média de preferências autoritárias por grupos de percepção de minorias como ameaça (linhas, direita)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).
Linha preta = média amostral de preferências.

[202] O período de maior distanciamento antes da segunda guerra da Chechênia foi em janeiro de 1996, na Primeira Guerra da Chechênia.
[203] Vale lembrar que são amostras da população e não dados em painel. O conjunto de integrantes dos grupos não é delimitado – indivíduos podem alternar entre os grupos ao longo do tempo. A escala de preferências introduzida anteriormente varia de 0 a 9, mas o gráfico representa as médias, logo, o diapasão da variação é menor.

Testes de regressão OLS (tabela 2.3), com os devidos controles, confirmaram a correlação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias. A magnitude dos coeficientes cresce de acordo com o nível de percepção. Os resultados são estatisticamente significativos para a análise geral (modelos 1-3) e para russos étnicos (modelos 4-6), os *in-groups*. Nestes últimos, considerando todos os controles e pesos amostrais, na escala de 0 a 9 de preferências[204], há um crescimento de 7,21% (0,197) para aqueles que percebem minorias como "pequena ameaça" em comparação a "nenhuma"[205]; 15,81% (0,432) para "alguma ameaça"; e 27,85% (0,761) para "grande ameaça". Quando examino a relação para os *out-groups* (modelos 5-6), há significância estatística somente para a categoria "grande ameaça". A maior parte dos modelos apresentou correlação significativa para idade (quanto mais velho, maior a média de preferências autoritárias) e correlação inversa para gênero (mulheres associadas a menos preferências autoritárias), educação, renda e tamanho da população na localidade. Algumas dessas tendências foram também observadas na pesquisa de Davis e Silver (2004) sobre a relação entre a preocupação com a ocorrência de atentados terroristas e a concordância com restrições a liberdades civis nos EUA[206].

Tabela 2.3 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias agregadas

	Preferencias_autoritarias_agregadas								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.107**	0.154***	0.186***	0.088	0.178***	0.197***	0.066	0.045	0.199
	(0.037)	(0.040)	(0.041)	(0.046)	(0.051)	(0.052)	(0.101)	(0.118)	(0.121)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.368***	0.390***	0.427***	0.357***	0.425***	0.432***	0.259*	0.211	0.237
	(0.037)	(0.040)	(0.040)	(0.045)	(0.050)	(0.050)	(0.109)	(0.123)	(0.121)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.681***	0.715***	0.720***	0.704***	0.790***	0.761***	0.624***	0.698***	0.774***
	(0.047)	(0.050)	(0.050)	(0.057)	(0.061)	(0.061)	(0.145)	(0.162)	(0.163)
GeneroFeminino		−0.146***	−0.158***		−0.136***	−0.121**		−0.103	−0.054
		(0.031)	(0.031)		(0.039)	(0.039)		(0.094)	(0.094)
Idade		0.009***	0.010***		0.008***	0.010***		0.007*	0.010**
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.143***	−0.127***		−0.151***	−0.135***		−0.053	−0.030
		(0.012)	(0.012)		(0.015)	(0.015)		(0.036)	(0.036)
Tipo_localidadeRural		−0.054	−0.014		−0.161*	−0.105		−0.008	−0.105
		(0.059)	(0.058)		(0.073)	(0.072)		(0.195)	(0.194)
Tamanho_populacao		−0.049***	−0.039***		−0.057***	−0.045***		−0.033	−0.032
		(0.008)	(0.008)		(0.009)	(0.009)		(0.026)	(0.027)
PIB_pc_PPP	−0.00004***	−0.00004***	−0.00005***	−0.0001***	−0.0001***	−0.0001***	−0.00004	−0.00003	0.00001
	(0.00000)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00004)	(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento	0.009**	0.007	0.004	0.017***	0.015**	0.011*	0.018	0.019	−0.005
	(0.003)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.005)	(0.005)	(0.011)	(0.014)	(0.013)
log(Inflacao)	−0.132***	−0.115***	−0.109***	−0.135***	−0.125***	−0.120***	−0.156**	−0.127*	−0.076
	(0.021)	(0.023)	(0.023)	(0.024)	(0.026)	(0.026)	(0.056)	(0.063)	(0.063)
Constant	3.498***	3.806***	3.679***	3.558***	4.096***	3.839***	3.703***	3.587***	3.003***
	(0.110)	(0.152)	(0.152)	(0.161)	(0.210)	(0.210)	(0.373)	(0.493)	(0.495)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,029	13,108	13,108	10,421	8,434	8,434	1,936	1,471	1,471
R^2	0.027	0.065	0.062	0.029	0.071	0.061	0.022	0.043	0.033
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

[204] Vale lembrar que "0" corresponde a "discordar fortemente" de todas as três preferências que compõem a a variável agregada e "9" a "concordar muito" com todas as três.

[205] A média de preferências autoritárias para nenhuma ameaça é de 2,733.

[206] Davis e Silver (2004, p.32) abordam diversos autores que exploraram a relação entre idade, tipo de comunidade e comprometimento com a democracia: indivíduos mais jovens e comunidades urbanas maiores são associados a um maior comprometimento. Também examinam a relação entre educação e atitudes democráticas, argumentando que quanto maior o nível educacional, maior o comprometimento democrático. No que concerne a fatores étnicos e raciais, afirmam que afro-americanos tendem a apoiar mais liberdades civis e apresentarem menor disposição a sacrificá-las em troca de segurança, sobretudo dada a histórica dificuldade em conquistá-los e a desconfiança em empoderar um governo arbitrário (DAVIS E SILVER, 2004, p.31).

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Ao conduzirmos uma análise individual das três variáveis que compõem "as preferências autoritárias" (apoio ao fechamento do parlamento, a um regime militar e a uma ditadura) e do apoio à volta do comunismo, podemos constatar uma correlação estatisticamente significativa com a percepção de minorias como ameaça em todos os testes.

Tabela 2.4 Relação entre percepção de minorias como ameaça e diferentes indicadores de preferências autoritárias

	Suspender_parlamento		Ditadura		Governo_militar		Volta_comunismo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.134***	0.164***	0.132***	0.177***	0.141***	0.137***	0.150***	0.180***
	(0.0004)	(0.0005)	(0.0004)	(0.0004)	(0.0004)	(0.0004)	(0.001)	(0.0005)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.322***	0.309***	0.271***	0.324***	0.318***	0.363***	0.150***	0.210***
	(0.0003)	(0.0003)	(0.0004)	(0.0004)	(0.0004)	(0.0004)	(0.0003)	(0.0004)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.533***	0.507***	0.571***	0.669***	0.376***	0.300***	0.334***	0.373***
	(0.0004)	(0.0004)	(0.0005)	(0.001)	(0.0004)	(0.0003)	(0.0003)	(0.0003)
GeneroFeminino	−0.058***	−0.092***	−0.133***	−0.128***	−0.089***	−0.069***	0.005***	0.002**
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
Idade	−0.004***	−0.003***	0.013***	0.015***	0.008***	0.009***	0.026***	0.028***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
Renda	−0.088***	−0.079***	−0.119***	−0.112***	−0.105***	−0.093***	−0.259***	−0.260***
	(0.010)	(0.009)	(0.009)	(0.009)	(0.010)	(0.010)	(0.010)	(0.009)
Tipo_localidadeRural	−0.073***	−0.071***	−0.039***	0.001	−0.093***	−0.021***	−0.060***	−0.004**
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.002)	(0.002)	(0.001)	(0.001)
Tamanho_populacao	−0.020***	−0.017***	−0.047***	−0.039***	−0.060***	−0.046***	−0.067***	−0.056***
	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.005)	(0.005)	(0.004)	(0.004)
PIB_pc_PPP	−0.00002	−0.00002	−0.00003	−0.00003	−0.00005	−0.0001	−0.00004	−0.0001
PIB_pc_crescimento	0.011***	0.010***	−0.003	−0.006*	0.003	0.002	−0.002	−0.005
	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
log(Inflacao)	−0.082***	−0.064***	−0.094***	−0.096***	−0.080***	−0.070***	−0.074***	−0.075***
	(0.012)	(0.012)	(0.012)	(0.012)	(0.013)	(0.012)	(0.012)	(0.012)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	13,426	14,145	14,135	15,046	14,138	15,050	14,085	14,987
Note:								*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

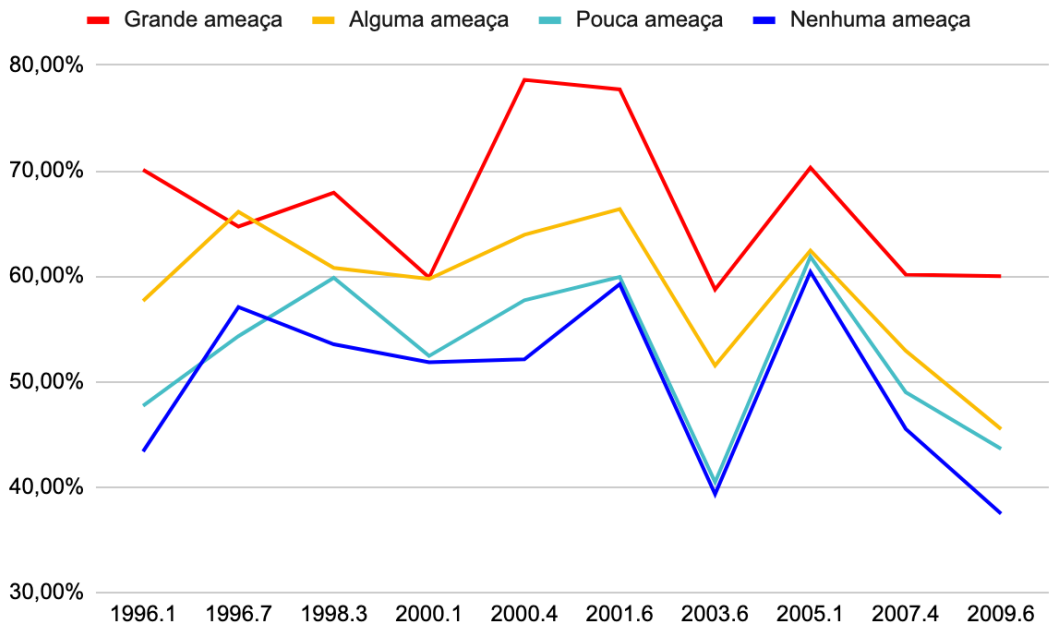
Regressão *Ordered Logit*. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Com a finalidade de facilitar a compreensão dos dados, examino a variação no percentual de indivíduos que apresentam ao menos uma preferência autoritária em cada categoria de percepção de minorias como ameaça (figura 2.17). No auge da Segunda Guerra da Chechênia (2000.4), 78,62% dos indivíduos que consideravam minorias uma "grande" ameaça manifestaram ao menos uma preferência[207], um salto de 18,76% em comparação com o *survey* anterior; ao passo que os que não as consideravam uma ameaça apresentaram pouco mais de 50%. Em todo o período, mesmo na ausência de conflitos, a categoria de mais temerosos registrou ao menos 60% dos indivíduos com pelo menos uma preferência, enquanto esse foi o limiar máximo dos não temerosos. Em 2009, um dos períodos mais pacíficos, esta última categoria registrou o menor percentual de toda a série, abaixo dos 40%. Vale lembrar que não se trata de uma análise em painel,

[207] Ou seja, afirmaram concordar "muito" ou "em algum grau" com pelo menos uma de três preferências autoritárias (suspensão do parlamento, estabelecimento de uma ditadura e governo militar).

logo, os mesmos indivíduos podem ter alterado de categoria ao longo do tempo. Como mostrei no anexo 1.1, a categoria dos mais temerosos alcançou no máximo 20% da população e em 2009 registrou a marca mínima de 5,62%.

Figura 2.17 Percepção de minorias como ameaça e manifestação de ao menos uma preferência autoritária (sem incluir comunismo)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Nos anexos apresento gráficos para as preferências desagregadas, indicando o percentual de indivíduos que afirmaram "concordar muito" ou "em algum grau" com cada uma delas por grupos de percepção de ameaça. O apoio a uma ditadura (anexo 2.2) alcançou 52,52% entre os mais temerosos em abril de 2000 (um salto de 20,83%), o apoio a um governo militar (anexo 2.3) – 25,79% (um crescimento de quase 15%) e à volta do comunismo (anexo 2.4) – 46,54% (um aumento de 9,22%). O apoio à suspensão do parlamento (anexo 2.1) atingiu o pico somente em 2001, quando registrou 55,73% entre os mais temerosos.

Outra estratégia adotada foi analisar a relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias levando em conta cada *survey* (ano) individualmente com corte transversal[208]. Encontrei correlações estatisticamente significativas para as preferências agregadas em todos os anos. Alguns períodos apresentaram correlação significativa somente para as categorias de maior percepção de ameaça e/ou não apresentaram qualquer correlação para os *out-groups*. Os testes para as preferências autoritárias não agregadas tiveram maior variação: em

[208] Tendo em vista a alta quantidade de testes, disponibilizarei os resultados à parte em um repositório de bancos de dados e pesquisas.

alguns anos poucas preferências foram significativas. Entre os *surveys* que apresentaram correlações significativas em todas as quatro preferências desagregadas estão o de janeiro de 1996, na Primeira Guerra da Chechênia, o de abril de 2000, na Segunda Guerra, e o de junho de 2001[209] – junto ao *survey* de janeiro de 2000, tiveram os coeficientes de maior magnitude no nível agregado. Por sua vez, os *surveys* de janeiro de 2000, junho de 2001 e janeiro de 2005 registraram coeficientes maiores para russos do que para a população geral – nos três, não houve correlação significativa para minorias, o que sugere uma possível polarização de preferências não apenas entre temerosos e não temeroso, mas também entre *in-groups* e *out-groups*, nos momentos de conflito e pós-conflito[210]. Embora não focamos os coeficientes de determinação (R^2) neste trabalho, por entendermos que preferências individuais são influenciadas por numerosos fatores, é importante sublinhar que dois modelos de abril de 2000 (anexo 2.5) registraram os maiores coeficientes de todo o período: 0,182 para *in-groups* e 0,585 para *out-groups*. No mesmo *survey*, considerando apenas russos étnicos, o aumento de preferências autoritárias em comparação à média da categoria "nenhuma ameaça" (3,06 na escala de 0 a 9) foi de 18,22% (0,557) para "pequena ameaça", 20,31% (0,621) para "alguma ameaça" e 29,70% (0,908) para "grande ameaça" – enquanto em outros períodos a variação é gradual, no auge do conflito ocorre um crescimento significativo de preferências já na primeira categoria, "pequena ameaça".

Quando conduzi os testes placebo, constatei que também há uma forte correlação entre percepção dos EUA como ameaça e preferências autoritárias agregadas (anexo 2.6). Além disso, há uma correlação altamente significativa entre medo dos EUA e medo de minorias (anexo 2.8), em todas as categorias de percepção. Esses achados vão ao encontro da literatura de psicologia política, segundo a qual indivíduos com maior percepção de ameaças sociais manifestam mais atitudes autoritárias (GIBSON E GOUWS, 2000; DUCKITT E FISHER, 2003; DUCKITT E SIBLEY, 2010; RUSSO, ROCCATO E MOSSO CRISTINA, 2019). Embora os resultados do teste placebo não solucionem o risco de endogeneidade e direção causal, alguns elementos corroboram o meu argumento: em quase todos os modelos (gerais, russos étnicos e minorias) de preferências agregadas a magnitude dos coeficientes é consideravelmente inferior à dos coeficientes de percepção de minorias como ameaça. Para a categoria de percepção dos EUA como "pouca ameaça", não há significância estatística nos modelos de russos e minorias. Ao analisar as preferências de maneira desagregada (anexo 2.7), em seus diferentes componentes, constatei que, apesar da alta significância estatística em todos os modelos, os coeficientes são menores para a suspensão do parlamento, o apoio a uma ditadura (embora muito próximos) e a um governo militar.

[209] Janeiro de 1996 teve as maiores magnitudes e, junto com junho de 2001, os maiores coeficientes de determinação.
[210] Vale lembrar que Berrebi e Klor (2008) discorreram acerca do acirramento da polarização eleitoral entre partidos de direita e esquerda em regiões atingidas por atentados terroristas em Israel.

A única preferência em que a correlação entre medo dos EUA e preferências autoritárias supera à de medo de minorias é o apoio à volta do comunismo. Possivelmente, indivíduos mais nostálgicos em relação à URSS são mais propensos a verem os EUA com vieses e estereótipos da Guerra Fria ou, ainda, o vínculo ideológico ao comunismo pode predispor maior antipatia ao país, dada a sua referência como "núcleo" do capitalismo global. Por fim, procedi à mesma análise transversal, ano a ano, dos *surveys* realizada com o medo de minorias[211]. Enquanto neste último houve correlação para preferências agregadas em todos os períodos, no medo dos EUA não encontrei correlação ou a correlação se limitou a poucas categorias na grande maioria dos períodos – somente em janeiro de 1996 e junho de 2003 há correlações significativas nos diferentes níveis de ameaça e preferências agregadas e desagregadas. A única preferência autoritária significativa em todos os *surveys* foi o apoio à volta do comunismo, pelos motivos discutidos anteriormente. Nos *surveys* de julho de 1996 e março de 1998 a correlação é negativa para o apoio à suspensão do parlamento. Em abril de 2000, auge do conflito checheno, salvo as preferências pela volta do comunismo, não há qualquer correlação significativa. Em um teste complementar, com dados disponíveis apenas no *survey* de 2001, examinei a relação entre o medo da OTAN (ameaça abordada discursivamente desde o período Yeltsin) e preferências autoritárias. Nenhuma correlação significativa foi encontrada no âmbito das preferências agregadas[212], enquanto nas desagregadas, identifiquei correlações significativas com a volta do comunismo[213]. Ao comparar tais resultados com o medo de minorias, pude constatar que os testes placebo reforçam a direção da causalidade proposta no argumento: caso o autoritarismo estivesse elevando as percepções de ameaça, e não o contrário, provavelmente identificaria um aumento semelhante nas percepções de diferentes ameaças.

Outra observação relevante é que 2009 – momento em que o medo dos EUA registrou o seu maior pico (próximo a 60% da população), em meio à crescente confrontação geopolítica[214], e o medo de minorias atingiu um de seus limiares mais baixos (pouco mais de 30%) – a correlação com preferências agregadas se manteve significativa para o medo de minorias, enquanto para o medo dos EUA foi nula em todos os modelos. Uma reflexão fundamental pode ser feita com base nas diferenças entre as percepções de ameaça: embora conflitos externos e internos tenham o potencial de estimular o efeito "rally 'round the flag", aumentando a popularidade do incumbente (como foi amplamente debatido na literatura), conflitos internos têm maior potencial de estimular preferências autoritárias. Logo, infere-se que apesar de as elites russas terem logrado compensar a

[211] Assim como o medo de minorias, os testes para os *surveys* individuais serão disponibilizados em um repositório da pesquisa.
[212] As tabelas serão disponibilizadas em um repositório de dados da pesquisa.
[213] A segunda categoria ("alguma ameaça") apresentou correlação significativa com o apoio a uma ditadura, mas a categoria mais temerosa ("grande ameaça") não.
[214] Em agosto de 2008 ocorreu a guerra russo-georgiana.

redução no medo de ameaças domésticas com o aumento da percepção de ameaças externas, o potencial de sua instrumentalização para a legitimação de mudanças institucionais autoritárias e do regime como um todo é menor. À medida em que a ameaça chechena decresceu, o regime pode ter perdido vigor em um importante sustentáculo ideológico de sustentação da "barganha autoritária" (a deterioração de indicadores econômicos nos anos 2010 foi outro elemento que prejudicou a barganha e motivou o endurecimento do regime)[215]. Voltarei à comparação entre ameaças externas e internas em outras seções da tese. Por ora, vale lembrar o argumento de Slater (2010, p.49), segundo o qual "pactos de proteção" são mais vantajosos do que "pactos de provisão de recursos" (clientelismo), uma vez que o medo tem um alcance maior na população e pode gerar apoio amplo a líderes autoritários dentre grupos difíceis de serem alcançados com o clientelismo, como as classes médias urbanas.

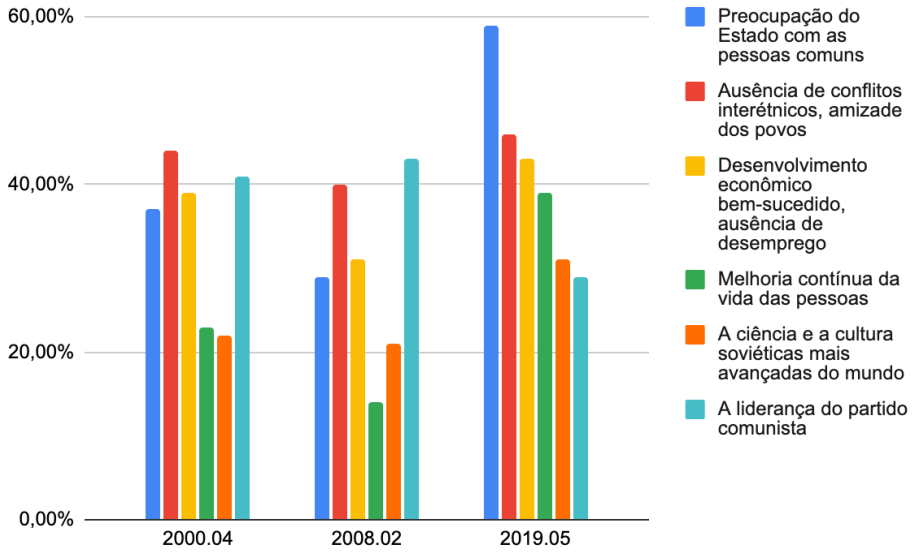
Parte dos resultados dos testes placebo e a correlação significativa entre medo de minorias e medo dos EUA indicam que possivelmente haja uma relação de duplo-sentido: a variação na percepção de ameaça impacta as atitudes autoritárias, mas ao mesmo tempo tais atitudes impactam a percepção de ameaça. Tal constatação é consonante com os argumentos de Hetherington e Weiler (2009). Para os autores, há um núcleo de indivíduos autoritários que apresentam preferências autoritárias mesmo na ausência de ameaças objetivas e suas preferências pouco mudam diante de ameaças; por sua vez, há grupos de indivíduos não autoritários que apresentam preferências autoritárias somente em situações de alta percepção de ameaça. Em outras palavras, a diferença nas preferências de mais e menos autoritários tende a se reduzir em situações de ameaça. Quando a ameaça é percebida amplamente, há maior convergência entre os grupos; quando é percebida de maneira assimétrica, há polarização. Políticas autoritárias tendem a ser adotadas quando há mudanças nas preferências gerais da população nessa direção – partidos de extrema direita têm maior chance de serem eleitos em situações de ameaça (HETHERINGTON E WEILER, 2009, p.113). Os dados apresentados nesta seção, como o crescimento das preferências autoritárias em todos os grupos de percepção de ameaça no *survey* de abril de 2000 – com a ressalva de que o hiato entre as categorias "nenhuma" e "grande" ameaça tornou–se ainda maior – e, principalmente, a aproximação entre eles em janeiro de 2005, apontam na direção das observações desses autores. Mesmo na ausência de conflitos, os indivíduos que percebem minorias como grande ameaça apresentaram atitudes autoritárias consideravelmente altas. Os picos de ameaça e autoritarismo podem ter oferecido condições sociopolíticas favoráveis à adoção e legitimação de mudanças

[215] Guriev e Treisman (2019) relatam que com um alto crescimento econômico líderes autoritários apresentam maior predisposição a estratégias de cooptação, enquanto em períodos de crise – a estratégias de repressão. Também analisado em Gelman (2021, p.253).

institucionais autoritárias, questão que analisarei com maior profundidade no capítulo qualitativo de análise dos discursos presidenciais.

Outra importante preocupação do presente estudo é a durabilidade do efeito do conflito na sociedade. Dados de pesquisas de opinião pública do instituto Levada-Center oferecem informações fundamentais que podem ser utilizadas como *proxy* para analisar a duração prolongada da relação entre o conflito e preferências autoritárias. A primeira *proxy* diz respeito às razões associadas à nostalgia pela URSS: indivíduos foram questionados sobre quais eram as "características do caminho histórico que a Rússia seguiu durante o regime soviético"[216]. A "ausência de conflitos interétnicos, amizade dos povos" foi uma das características mais mencionadas e apresentou considerável constância durante os três períodos em que o *survey* foi conduzido. Em abril de 2000, ocupou a primeira posição (44%), em uma lista com 14 alternativas; em maio de 2019, ocupou a segunda, mas com um percentual ainda maior (46%)[217].

Figura 2.18 Características do caminho histórico da Rússia durante o regime soviético, múltiplas respostas (destaque para as seis características mais mencionadas em 2019)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2019).

A segunda *proxy* concerne às principais conquistas de Vladimir Putin. Os entrevistados amostrados foram questionados sobre em que áreas Putin teve mais sucesso durante o seu período

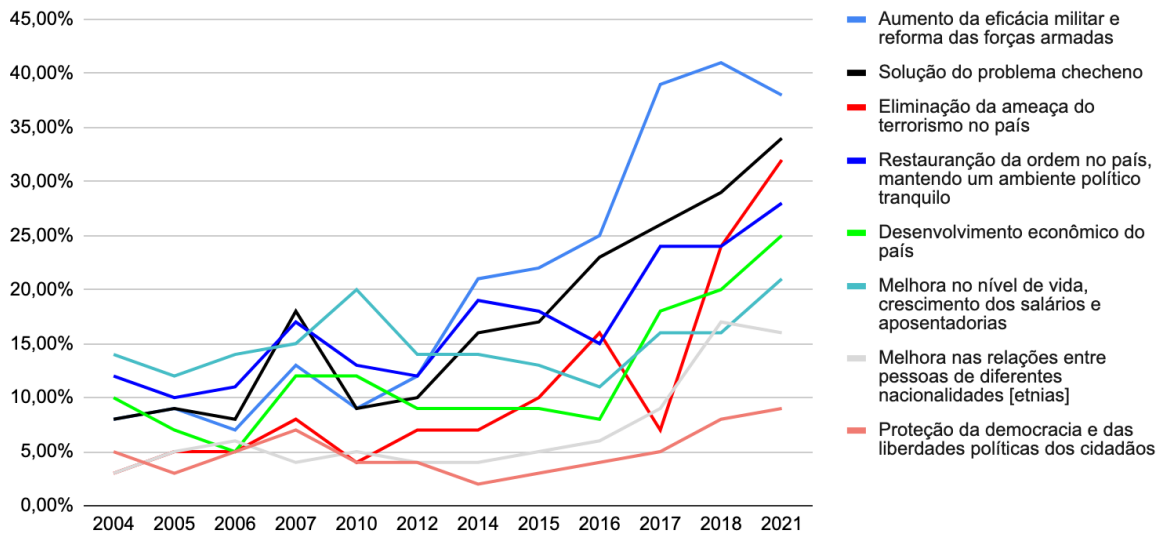
[216] LEVADA-CENTER. Sovetskiy Soyuz [União Soviética]. 24.06.2019. Disponível em: <https://www.levada.ru/2019/06/24/ussr/>. Acesso em: 12.04.2021.

[217] Os indivíduos podiam mencionar outras respostas além das indicadas. Características negativas, como filas e déficits, isolamento do país do mundo externo, pobreza, perseguição de dissidentes, concentração de poderes nas mãos de burocratas estatais e partidários, atraso em relação a países desenvolvidos na produção e qualidade da produção, perseguição da igreja e de fiéis e gastos militares insustentáveis foram menos mencionados em 2019.

no poder[218]. A resposta “a solução do problema checheno” esteve entre as de maior destaque: em 2021, foi a segunda mais mencionada (34%) em uma lista com 17 respostas; outras respostas relacionadas ao problema de *stateness* vieram em terceiro e quarto lugares, respectivamente, “a eliminação da ameaça de terrorismo no país” (32%) e “a restauração da ordem no país, manutenção de um ambiente politico tranquilo” (28%). Alusões à economia apareceram abaixo, como "desenvolvimento econômico" (25%), em quinto, e "melhora no nível de vida, crescimento dos salários e das aposentadorias" (21%), em oitavo. Portanto, podemos afirmar que a questão étnica e separatista foi fundamental tanto para legitimar o governo autoritário de Vladimir Putin, com menções inclusive acima de ganhos econômicos, quanto para visões idealizadas do passado soviético, mesmo muitos anos após o fim do conflito. Tais constatações complementam o argumento de Levitsky e Way (2012), os quais realçam a importância de conflitos como fonte não material de coesão (solidariedade entre elites, legitimidade de lideranças do conflito, mobilização ideológica das massas e controle sobre aparato coercitivo), capaz de revigorar a estabilidade de regimes autoritários. Também guardam correlação com o conceito de "autocratas informacionais" de Guriev e Treisman (2019) – a concepção de que ditadores contemporâneos buscam se apresentar como líderes competentes e eficazes, de maneira que a dependência do regime em relação a mecanismos de repressão possa ser reduzida. É curioso observar que, apesar do otimismo com a questão chechena e o combate ao terrorismo, a percepção de melhora nas relações interétnicas foi pouco satisfatória. Já a "proteção da democracia e das liberdades políticas" registrou valores baixos em todo o período e, em 2021, ocupou a 16ª colocação (9%), atrás até mesmo da "melhora das relações da Rússia com o Ocidente" (12%).

[218] LEVADA-CENTER. Balans dostizhenij i neudach Putina [O balanço de conquistas e fracassos de Putin]. 08.04.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/04/08/balans-dostizhenij-i-neudach-putina/>. Acesso em: 12.04.2021.

Figura 2.19 Principais conquistas de Vladimir Putin, múltiplas respostas (destaque para as cinco questões mais mencionadas em 2021 e outros fatores relacionados ao problema de *stateness*)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2021). Na pesquisa houve menção a 17 itens, além de "nenhuma melhora" e não soube responder. No gráfico, destaco os cinco mais mencionados em 2021, além de questões relacionadas a economia, *stateness* e democracia.

Embora os resultados dos testes placebo elevem a preocupação com uma possível variável omissa, a presente subseção reforçou as evidências do mecanismo causal proposto, com três importantes constatações. Em primeiro lugar, indivíduos que mais percebem minorias como ameaça são os que mais apresentam preferências autoritárias, logo, se o conflito eleva a percepção de minorias como ameaça, indiretamente pode elevar preferências autoritárias. Em segundo, durante o conflito há um acentuado aumento das preferências autoritárias do grupo que percebe minorias como grande ameaça. Em terceiro, o efeito é consideravelmente mais significativo para os *in-groups* (russos étnicos) do que para *out-groups* (minorias), reforçando o argumento de que as maiorias podem conceber um regime autoritário como mais apto para manter as minorias sob controle. Finalmente, por um longo período, a questão étnica e separatista esteve diretamente relacionada a visões positivas acerca de regimes iliberais russos – tanto o governo de Putin quanto o período soviético –, um indício de que o problema de *stateness* pode oferecer dividendos duradouros a líderes autoritários. As constatações da seção corroboram argumentos analisados pela literatura de psicologia política, a relação entre ameaças societais e atitudes autoritárias, e complementam achados da literatura de conflitos diversionistas, segundo os quais, conflitos domésticos contra *out-groups* podem elevar a popularidade de incumbentes – mostrei que o seu efeito é também válido para as preferências de regime. Além disso, reforçam argumentos de que conflitos reduzem a dependência de incumbentes à distribuição de recursos materiais: "pactos de proteção", fundamentados no medo, oferecem vantagens significativas à sua legitimação

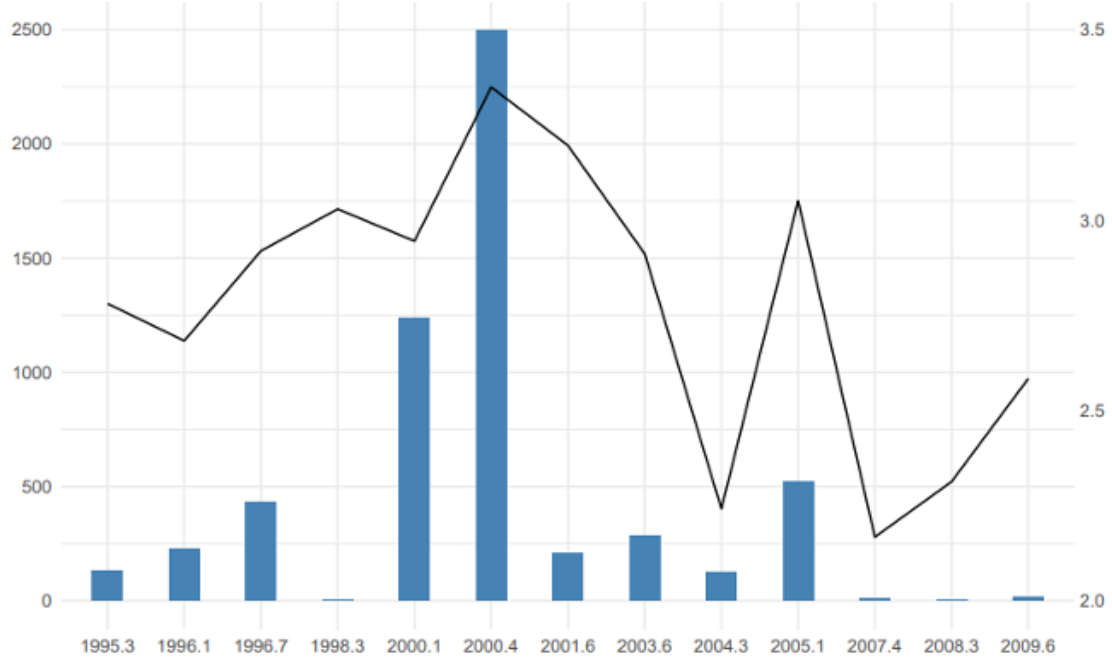
(SLATER, 2010); propiciam fontes não materiais, ideológicas, de coesão para a estabilidade de regimes autoritários (LEVITSKY E WAY, 2012).

2.6.3 Relação entre conflito e preferências autoritárias

Nesta subseção verifico a relação direta entre conflito e preferências autoritárias, ou seja, sem recorrer à percepção de minorias como mecanismo condicionador. Constatei que o período de conflito e pós-conflito foram os que registraram as maiores médias, tanto no nível das preferências agregadas quanto desagregadas; em contrapartida, os períodos mais "pacíficos" exibiram os menores valores. Também há indícios de que as preferências dos *in-groups*, os russos étnicos, são mais sensíveis ao conflito do que as preferências dos *out-groups*, as minorias. Na Segunda Guerra da Chechênia houve maior predisposição em se relativizar a democracia em benefício da ordem e nos anos seguintes verificou-se um elevado índice de confiança no presidente – muito maior que a confiança em outras instituições. Tais constatações corroboram o meu argumento, segundo o qual, em períodos de conflito há uma maior percepção social de que regimes autoritários, com poucos pesos e contrapesos à atuação do incumbente, são mais aptos a resolver conflitos e manter *out-groups* sob controle. De fato, houve um decréscimo nas preferências pela democracia liberal "nos moldes ocidentais" e um aumento da satisfação com o sistema político promovido por Putin.

A variação nas preferências autoritárias agregadas (sem contabilizar o apoio à volta do comunismo) parece acompanhar a dinâmica e intensidade do conflito (figura 2.20). Na Segunda Guerra da Chechênia, há o pico das preferências, que baixam gradativamente nos primeiros anos após a fase mais intensa. De março de 2004 a janeiro de 2005 ocorre o maior aumento da série, provavelmente associado ao atentado à escola de Beslan. Porém, cerca de dois anos depois, observou-se a média mais baixa de todo o período.

Figura 2.20 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média anual de preferências autoritárias agregadas (linha, direita)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1(GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Testes de regressão (tabela 2.5) revelam uma forte correlação entre o número de vítimas civis fatais nos conflitos e preferências autoritárias (modelos 1-3). A relação se mantém significativa quando analiso apenas *in-groups* (modelos 4-6), embora com menor magnitude, e perde significância se observamos somente *out-groups* (modelos 7-9) – um indício que corrobora a hipótese de que as preferências dos *in-groups* são mais afetadas pelo conflito do que as dos *out-groups*. O modelo 3, com todos os controles e pesos amostrais, sugere que mil vítimas fatais civis (*proxy* da intensidade do conflito) elevam as preferências em 0,24 na escala de 0 a 9.

Tabela 2.5 Relação entre número de vítimas civis fatais (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e preferências autoritárias agregadas (sem incluir comunismo)

	Preferencias_autoritarias_agregadas								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Mortes_civis_12_meses	0.026***	0.025***	0.024***	0.013***	0.006	0.010*	0.008	−0.004	0.006
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.005)	(0.004)	(0.006)	(0.012)	(0.012)
GeneroFeminino	−0.147***	−0.151***	−0.171***	−0.119**	−0.116**	−0.089*	−0.104	−0.100	−0.066
	(0.028)	(0.028)	(0.028)	(0.039)	(0.039)	(0.039)	(0.094)	(0.094)	(0.095)
Idade	0.008***	0.008***	0.010***	0.007***	0.007***	0.009***	0.008**	0.007*	0.010***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
Renda	−0.144***	−0.140***	−0.128***	−0.161***	−0.158***	−0.143***	−0.072*	−0.065	−0.040
	(0.011)	(0.011)	(0.011)	(0.016)	(0.016)	(0.016)	(0.036)	(0.036)	(0.037)
Tipo_localidadeRural	0.058	−0.034	0.001	−0.204**	−0.163*	−0.115	−0.030	0.053	−0.036
	(0.051)	(0.052)	(0.052)	(0.073)	(0.073)	(0.073)	(0.193)	(0.195)	(0.195)
Tamanho_populacao	−0.034***	−0.047***	−0.039***	−0.062***	−0.056***	−0.043***	−0.041	−0.026	−0.027
	(0.007)	(0.007)	(0.007)	(0.009)	(0.009)	(0.009)	(0.026)	(0.026)	(0.027)
PIB_pc_PPP		−0.0001***	−0.0001***		−0.00005**	−0.00003		−0.00002	0.0001
		(0.00000)	(0.00000)		(0.00002)	(0.00002)		(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento		−0.024***	−0.026***		0.013	−0.00002		0.029	−0.018
		(0.004)	(0.004)		(0.010)	(0.010)		(0.026)	(0.026)
log(Inflacao)		−0.206***	−0.182***		−0.133***	−0.138***		−0.078	−0.053
		(0.023)	(0.024)		(0.032)	(0.031)		(0.079)	(0.078)
Constant	3.006***	4.409***	4.263***	3.512***	4.293***	4.040***	3.115***	3.397***	2.780***
	(0.075)	(0.136)	(0.137)	(0.107)	(0.213)	(0.211)	(0.266)	(0.500)	(0.504)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,367	16,367	16,367	8,509	8,509	8,509	1,487	1,487	1,487
R^2	0.046	0.057	0.058	0.044	0.050	0.041	0.020	0.028	0.016
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022). Modelos 1-3: amostra geral; 4-6: apenas russos étnicos; 7-9: apenas minorias.

Ao examinar por período, minha segunda estratégia para estimar o impacto do conflito, tendo o *survey* de 1995 na população geral como referência, pude confirmar que os maiores acréscimos de preferências autoritárias ocorreram no pico da Segunda Guerra (abril de 2000), com 16,90% (0,472), logo após (junho de 2001), com 12,78% (0,385) e próximo ao atentado de Beslan em 2004 (janeiro de 2005), com 7,02% (0,195). Os acréscimos também foram significativos para as minorias. Em todos os *surveys* após 2005, realizados em momentos de relativa pacificidade, há correlações negativas significativas[219] – em dezembro de 2007, por exemplo, o decréscimo em comparação a 1995 foi de 22,81% (-0,637).

[219] O decréscimo foi mais notável para o *survey* de dezembro de 2007.

Tabela 2.6 Relação entre número de vítimas civis fatais (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e preferências autoritárias agregadas em cada ano

	Preferencias_autoritarias_agregadas					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
data_survey1996.1	−0.098	0.008	−0.126*	−0.050	0.066	0.340*
	(0.056)	(0.062)	(0.061)	(0.065)	(0.149)	(0.158)
data_survey1996.7	0.139*	−0.021	0.114	−0.049	0.266	0.136
	(0.062)	(0.062)	(0.067)	(0.065)	(0.153)	(0.153)
data_survey1998.3	0.248***	0.155*	0.193**	0.124	0.541***	0.354*
	(0.060)	(0.064)	(0.065)	(0.067)	(0.151)	(0.160)
data_survey2000.1	0.164**	0.017	0.112	−0.046	0.439**	0.332*
	(0.059)	(0.063)	(0.064)	(0.066)	(0.153)	(0.161)
data_survey2000.4	0.568***	0.472***	0.561***	0.474***	0.564**	0.385*
	(0.062)	(0.063)	(0.066)	(0.065)	(0.180)	(0.180)
data_survey2001.6	0.415***	0.385***	0.401***	0.395***	0.508***	0.365*
	(0.058)	(0.063)	(0.063)	(0.066)	(0.147)	(0.155)
data_survey2003.6	0.131*	0.088				
	(0.062)	(0.063)				
data_survey2004.3	−0.539***	−0.608***				
	(0.065)	(0.066)				
data_survey2005.1	0.270***	0.196**	0.245***	0.135*	0.590***	0.553***
	(0.058)	(0.062)	(0.064)	(0.066)	(0.153)	(0.161)
data_survey2007.12	−0.613***	−0.637***				
	(0.068)	(0.069)				
data_survey2007.4	−0.086	−0.189**				
	(0.069)	(0.071)				
data_survey2008.3	−0.468***	−0.585***				
	(0.067)	(0.069)				
data_survey2009.6	−0.197**	−0.290***				
	(0.070)	(0.073)				
GeneroFeminino		−0.158***		−0.086*		−0.055
		(0.025)		(0.033)		(0.080)
Idade		0.009***		0.008***		0.010***
		(0.001)		(0.001)		(0.003)
Renda		−0.146***		−0.146***		−0.076**
		(0.010)		(0.013)		(0.029)
Constant	2.780***	3.040***	2.804***	3.074***	2.653***	2.553***
	(0.042)	(0.069)	(0.045)	(0.084)	(0.109)	(0.197)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Russos	Russos	Minorias	Minorias
Observations	21,660	19,752	12,076	11,316	2,236	2,056
R^2	0.031	0.058	0.013	0.036	0.014	0.023
Note:						*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

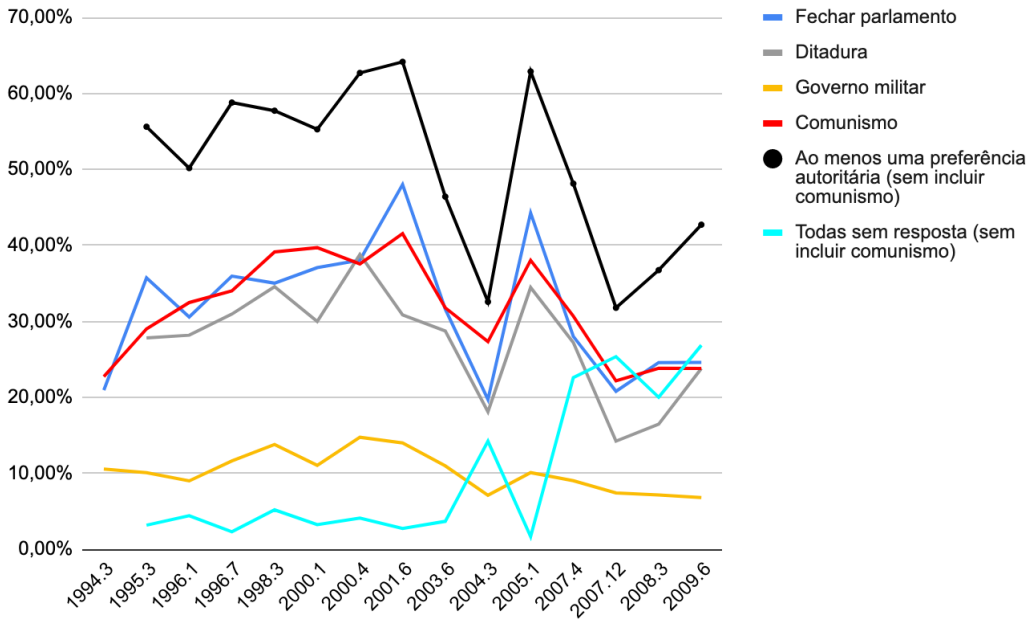
Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Do mesmo modo que procedi na seção anterior, examino a variação no percentual das preferências autoritárias agregadas e desagregadas adaptadas[220] (figura 2.21), no intuito de facilitar a visualização. É possível notar que no nível agregado 62% da população manifestou alguma preferência autoritária em abril de 2000 (um crescimento de 7,42% frente a janeiro de 2000), 64,5% em junho de 2001 e 62,88% em janeiro de 2005 (um salto de 30,3% frente a março de 2004). O apoio a uma ditadura se aproximou dos 40% em abril de 2000 e a concordância com a

[220] As preferências desagregadas foram transformadas em variáveis *dummy*, nas quais "1" representa concordar muito ou em algum grau, e "0" – discordar muito ou em algum grau. Já as preferências agregadas refletem se o indivíduo apresentou ao menos uma preferência nessas variáveis *dummy*.

suspensão do parlamento de 50% em 2001. O apoio à volta do comunismo também teve o pico em 2001, mas com pouca variação quando comparado aos anos anteriores. O apoio a um governo militar, embora tenha registrado o seu valor mais alto em 2000, foi muito inferior às demais preferências, com apenas 14,75% – de acordo com Bunce (2003, p.175), diferentemente das ditaduras da América Latina, na Rússia e no Leste Europeu houve uma longa tradição de controle civil sobre exército, mesmo após a Revolução Russa e a Segunda Guerra Mundial. Os modelos de regressão para as distintas preferências autoritárias (anexo 3.1) foram estatisticamente significativos – apenas o apoio à volta do comunismo perdeu significância estatística quando adicionados os pesos amostrais; a concordância com uma "ditadura rígida como única saída para a atual crise" registrou os maiores coeficientes. É importante salientar que os presentes achados servem de evidência contra o argumento de autores como Colton e McFaul (2002), segundo os quais não havia preferências autoritárias proeminentes na sociedade russa. Constatei que de fato houve momentos de alta inclinação autoritária, que podem ter facilitado a legitimação (ou diminuído a resistência) de mudanças institucionais antiliberais. A partir de 2007 há um elevado percentual de não respostas, superior a 20%, indicando tanto uma possível incerteza quanto às preferências quanto a um tabu em revelá-las.

Figura 2.21 Manifestação de ao menos uma preferência autoritária no nível agregado (sem comunismo) e no nível desagregado (preferências individuais)[221]

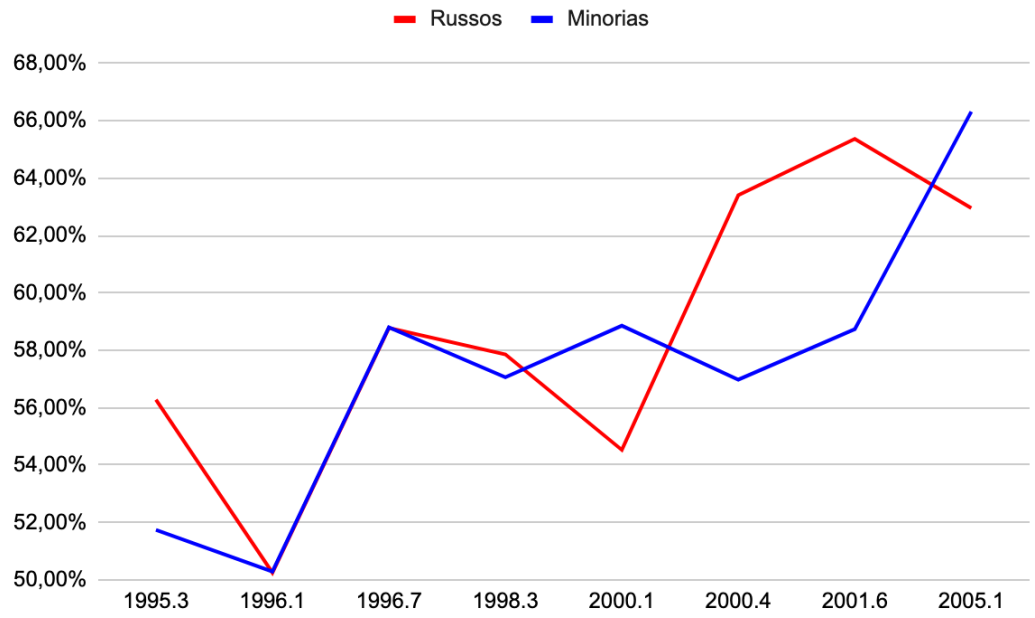


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

[221] A mensuração de preferências autoritárias contou com uma adaptação da escala de preferências para variáveis *dummies*: às respostas "concordo muito" ou "concordo em algum grau" foi atribuído o valor "1", enquanto às respostas "discordo em algum grau" ou "discordo fortemente" atribui-se o valor "0".

Uma vez que as minhas hipóteses abrangem as diferenças entre *in-groups* e *out-groups*, observo também a variação no percentual de indivíduos que manifestam ao menos uma preferência autoritária por grupo étnico (figura 2.22). Nota-se que até 1998 a variação de russos e minorias seguia uma trajetória muito semelhante. A partir do *survey* de janeiro de 2000, os grupos começam a se diferenciar: enquanto as preferências das minorias parecem ter passado incólume à Segunda Guerra da Chechênia, tendo um salto somente no *survey* de 2005[222], as preferências de russos étnicos registraram a maior variação de toda a série entre janeiro a abril de 2000 – um crescimento de 8,88%.

Figura 2.22 Manifestação de ao menos uma preferência autoritária no nível agregado (sem comunismo) por grupo étnico



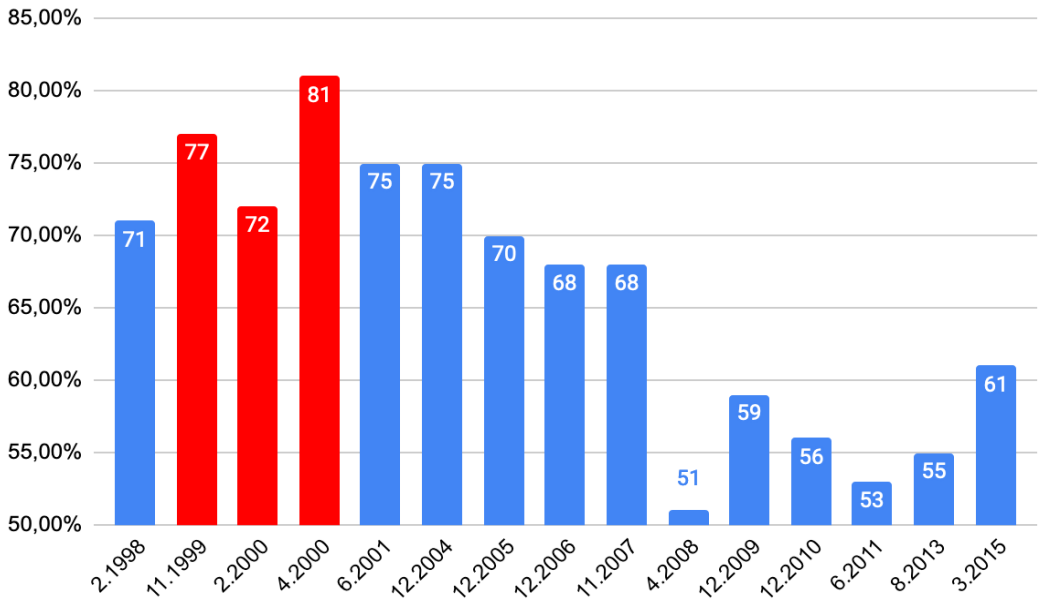
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Um importante elemento do meu argumento diz respeito à influência do contexto nas preferências individuais. Atitudes acerca dos direitos civis nos EUA foram relativizadas após os atentados de 11 de setembro, sobretudo para os indivíduos que mais temiam novos atentados (DAVIS E SILVER, 2004) – preferências, portanto, não podem ser tomadas como dados independentes do contexto. Até o momento, mostrei que a variação das preferências autoritárias está associada à intensidade do conflito separatista na Rússia e ao menos em parte condicionada à percepção de minorias como ameaça. *Surveys* do instituto Levada-Center que abordaram uma concepção de *trade-off* entre democracia e ordem corroboram minhas hipóteses[223]. A pergunta "na

[222] Nos *surveys* do NRB não há dados para as preferências de grupos étnicos entre 2001 e 2005.
[223] LEVADA-CENTER. Poryadok ili demokratiya [Ordem ou democracia]. 17.01.2011. Disponível em: <https://www.levada.ru/2011/01/17/poryadok-ili-demokratiya/>. Acesso em: 22.10.2020. LEVADA-CENTER.

sua opinião, o que é mais importante para a Rússia agora: ordem ou democracia?" contou com duas alternativas: "ordem, mesmo se para alcançá-la for necessário ferir alguns princípios democráticos e limitar liberdades individuais" e "democracia, mesmo se a garantia de princípios democráticos às vezes conferir liberdade a elementos destrutivos e criminais". As médias mostram uma alta tendência a relativizar princípios democráticos em benefício da manutenção da ordem – os dois picos de maior relativização se deram ao longo da Segunda Guerra da Chechênia, ao passo que os menores valores foram registrados no período em que o conflito já havia sido em grande medida resolvido[224]. Este é mais um indício da existência de "barganhas autoritárias", um acordo tácito em que pelo meno parte da sociedade consente com a restrição de liberdades civis e políticas em troca de maior provimento de segurança[225]. Também reafirma o potencial de conflitos como fonte não material (ideológica) de coesão e legitimação de regimes autoritários[226].

Figura 2.23 Concordância com relativização da democracia em benefício da ordem



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2011 e 2015).
Destaque em vermelho para o período intenso da segunda guerra da Chechênia.

Diversos *surveys* evidenciaram que o conflito checheno de 1999-2000 beneficiou Putin nas eleições de março de 2000. Uma pesquisa realizada a poucos dias do pleito, quando o seu

Predstavleniya o demokratii [Concepções sobre a democracia]. 14.04.2015. Disponível em: <https://www.levada.ru/2015/04/14/predstavleniya-o-demokratii/>. Acesso em: 22.10.2020.

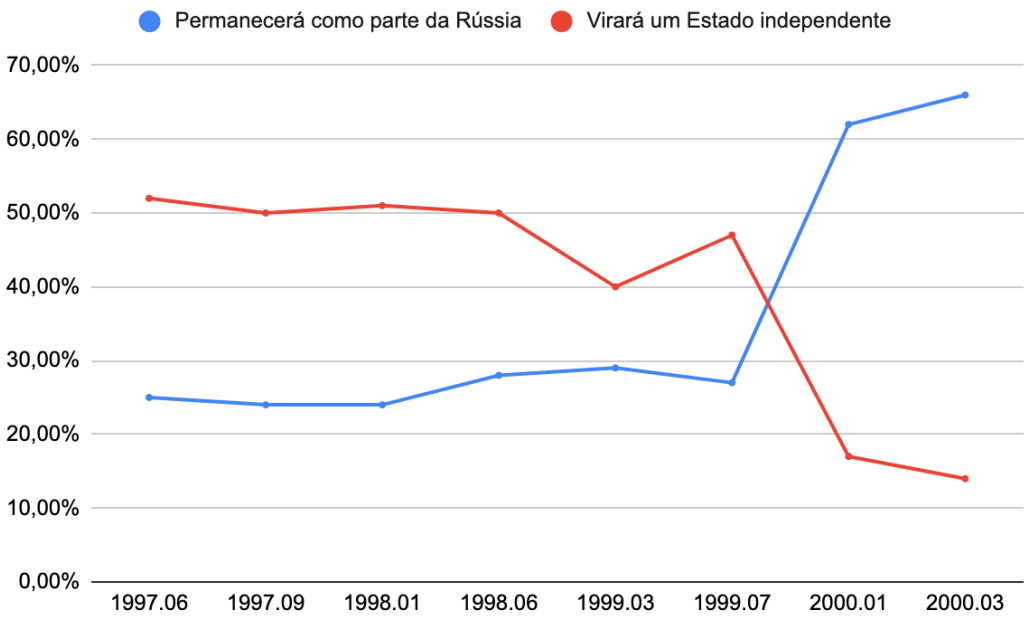
[224] Colton e McFaul (2002, p.109) criticam esse tipo de survey por apresentar ordem e democracia como objetivos antagônicos e pressionar os respondentes a uma dicotomia. Tal argumento é legítimo, contudo, o fato de surveys abordarem a questão recorrentemente pode ser um indício de que a concepção de *trade-off* já estava difundida na sociedade.

[225] Em relação ao conceito de "barganhas autoritárias", ver Desai et al. (2009) e Meijer (2017).

[226] Ver Slater (2010) e Levitsky e Way (2012).

favoritismo já estava em destaque (com 63% de confiança da população), revelou que a questão chechena era o tópico no qual Putin contava com maior expectativa de êxito no curto prazo: 59% dos entrevistados afirmaram que ele "concluiria a operação militar" e 47% que conseguiria "alcançar a estabilidade política na Chechênia"[227]. Em contrapartida, no que concerne a questões econômicas, 42% acreditavam que ele "manteria o crescimento da produção" e somente 38% que "tiraria a Rússia da crise econômica". No mesmo período, 89% afirmaram que a população já estava cansada da guerra e 56% temiam um impasse no conflito. Nos anos 1990 havia uma grande expectativa de que a Chechênia iria se tornar independente (figura 2.24), mas tal prognóstico alterou-se rapidamente sob Putin, realçando sua imagem como provedor de segurança e ordem: em julho de 1999, apenas 27% acreditavam que a região permaneceria como parte da Rússia, ao passo que na véspera das eleições de 2000 tal expectativa alcançou os 66%.

Figura 2.24 "O que você acha, a Chechênia no futuro permanecerá como parte da Rússia ou virará um Estado independente?"



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada-Center (2000).

Quando se perguntou o que a Rússia mais precisava no momento, 71% responderam "um líder forte" e 59% "um Estado forte" – ambas foram as respostas mais frequentes. Apenas 13% aludiram a "institutos democráticos de governo"[228]. Os dois motivos mais levantados por aqueles que manifestaram o voto em Vladimir Putin foram o fato de ele "inspirar respeito e confiança"

[227] LEVADA-CENTER. Vybory; Putin; Chechnya [Eleições; Putin; Chechênia]. 21.03.2000. Disponível em: <https://www.levada.ru/2000/03/21/vybory-putin-chechnya/>. Acesso em: 20.12.2021.
[228] LEVADA-CENTER. Vybory; Putin; Chechnya [Eleições; Putin; Chechênia]. 21.03.2000. Disponível em: <https://www.levada.ru/2000/03/21/vybory-putin-chechnya/>. Acesso em: 20.12.2021.

(51%) e de "ser capaz de colocar ordem no país" (48%). Cerca de 39% disseram que para colocar ordem, Putin provavelmente incorreria em "restrições a direitos democráticos e liberdades", o que novamente denota uma percepção de *trade-off* entre democracia e ordem. Também é interessante observar que 64% afirmaram acompanhar debates pela televisão e 37% que meios de comunicação, como televisão, rádio e jornais, motivaram a escolha do voto – a resposta mais frequente entre onze itens[229]. Possivelmente, as imagens do conflito veiculadas em grandes canais e a sua mobilização em discursos eleitorais tiveram papel de grande relevância para a alta popularidade de Putin. A frase "vamos matá-los [os terroristas] inclusive no banheiro[230]", pronunciada em setembro de 1999, tornou-se uma de suas citações mais célebres. No discurso às vésperas do pleito, em março de 2000, Putin conferiu ênfase às ações militares nos últimos três meses, ressaltando que a sociedade se uniu "frente ao rosto de um perigo comum" e se tornou "mais forte"[231]. Dados (subnotificados) do UCDP/ PRIO, com base em conteúdo midiático, apontam para um grande número de ocorrências relacionadas ao conflito no período que antecedeu a votação: ao todo, foram 17 eventos e 944 óbitos em março de 2000 e 17 eventos e 1.403 óbitos em fevereiro – por essa razão, o *survey* de abril de 2000 foi de grande relevância para as minhas análises.

A despeito da retomada da região, o otimismo com a atuação de Putin na questão chechena perdeu fôlego (MALASHENKO E TRENIN, 2002, p.44-56; TREISMAN, 2011, p.600). Enquanto em dezembro de 1999, 45% acreditavam que os guerrilheiros seriam derrotados e a região voltaria à Rússia, em março de 2001 apenas 21% mencionaram esse resultado[232]. Também em 2001, 35% consideraram que o conflito "seria prolongado e iria se estender a outros territórios" e somente 28% e 20% declararam que Putin obteve êxito, respectivamente, na "derrota dos guerrilheiros" e "na estabilização política da Chechênia" – esses foram os piores resultados em uma lista com seis indicadores[233]. No longo prazo, contudo, vimos na seção anterior que a "solução do problema checheno" foi uma das principais áreas apontadas como êxito de Putin. De 2006 para 2014, o percentual da população que considerava o "enfraquecimento da unidade da Rússia e a perda de controle do governo central sobre a situação nas localidades" a "principal ameaça para a Rússia"

[229] Também houve a categoria "outros", não contabilizada entre os 11 itens.
[230] Putin recorreu a uma gíria ("zamochit') para se referir a "matar": "*my i v sortire ikh zamochim*".
[231] Obrashcheniye V. V. Putina pered vyborami 2000 goda, 24.03.2000. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VPbfMt97rU0>. Acesso em: 06.12.2022.
[232] SEDOV, L. A. Sostoyaniye obshchestvennogo soznaniya rossiyan v marte 2001 [O estado de consciência pública dos russos em março de 2001]. Levada-Center, 05.04.2001. Disponível em: <https://www.levada.ru/2001/04/05/sostoyanie-obshhestvennogo-soznaniya-rossiyan-v-marte-2001-goda/>. Acesso em: 20.12.2021.
[233] Na questão PV136 do NRB, "Attitude to Russian actions in Chechnya", é notável a deterioração do apoio ao governo na questão. Enquanto em janeiro de 2000, 74,41% apoiavam completamente ou em algum grau as ações, em junho de 2001 houve uma redução para 51,45%. Em abril de 2007, registrou-se 58,28%. A queda foi mais acentuada para a categoria "apoio completamente", que caiu de 38,31% em abril de 2000 para 11,70% em junho de 2001.

caiu de 21% para 9%, ao passo que o percentual dos que apontaram o "separatismo nacional e a possibilidade de secessão da Chechênia e de outras repúblicas do Cáucaso Norte" caiu de 11% para 2%[234]. Como argumentei em diferentes partes desta tese, a redução na percepção de ameaças domésticas aparentemente foi compensada pelo aumento na percepção de ameaças externas.

Retomando a discussão sobre o impacto do conflito na democracia, cabe citar uma pesquisa acerca da relação entre democracia e ordem, na qual se indagou se "nas condições russas" é possível haver compatibilidade entre ambas[235]. As respostas parecem estar diretamente ligadas à ideia de que *stateness* é uma condição necessária para a democracia, como sustenta parte da literatura (FUKUYAMA, 2005; MØLLER E SKAANING, 2011): no *survey* de junho de 2001, 34% dos entrevistados responderam que uma não é possível sem a outra e 14% que pode haver ordem sem democracia, mas não democracia sem ordem. Os *surveys* seguintes registraram algumas variações, mas com pouca alteração no ordenamento das respostas – em 2015, a menção à dependência mútua entre esses atributos subiu para 42%. É interessante observar que, em 2001, 18% consideravam que uma contradizia a outra, ou seja, não era possível haver ordem e democracia ao mesmo tempo. Em 2005, 2006 e 2007 os resultados foram próximos e somente em 2009 houve queda expressiva, para 12%, alcançando 9% em 2015.

Na tabela abaixo, podemos verificar que a concepção de "ordem" da população russa está diretamente relacionada a atributos de *stateness* e capacidade estatal. Apesar de referências diretas ao risco de separatismo ("interrupção do conflito entre os poderes, da dissolução do país") terem registrado frequência entre 17% e 26%, os atributos que lideram as menções, como "aplicação rígida da lei" e "estabilidade política e econômica do país" também estão associados à integridade territorial e à capacidade estatal. A maior inclinação à relativização da democracia em benefício da ordem na fase mais intensa do conflito checheno (figura 2.23) reforça essa proximidade. A associação entre ordem e autoritarismo teve pouca frequência.

Tabela 2.7 Na sua opinião, o que é "ordem"? Múltiplas respostas, percentuais.

Atributo	1.1995	6.2001	5.2005	3.2015	Atributo	1.1995	6.2001	5.2005	3.2015
Aplicação rígida da lei	33	38	42	44	**Interrupção do conflito entre os poderes, da dissolução do país**	26	18	26	17

[234] LEVADA-CENTER. Rossiyane o tom, chto proiskhodit v strane [Russos sobre o que está acontecendo no país]. 15.05.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/05/14/rossiyane-o-tom-chto-proishodit-v-strane/>. Acesso em: 20.12.2021.
[235] LEVADA-CENTER. Predstavleniya o demokratii [Concepções sobre a democracia]. 14.04.2015. Disponível em: <https://www.levada.ru/2015/04/14/predstavleniya-o-demokratii/>. Acesso em: 22.10.2020.

Estabilidade política e econômica do país	35	36	45	42	Utilização do exército e dos serviços de segurança na luta contra a criminalidade	9	8	9	4
Interrupção do saqueamento e desmembramento do país	23	26	34	27	**Restrição dos direitos democráticos e liberdades**	<1	1	2	1
Proteção social aos mais necessitados	10	23	27	24	**Slogan com o qual abre-se o caminho para a ditadura**	1	1	1	1
Possibilidade de cada um exercer os seus direitos	11	16	23	18	Outros	1	<1	1	1
Disciplina rígida	19	26	18	18	Sem resposta	6	2	1	3

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2015). Destaque para elementos de *stateness* (negrito preto) e percepções negativas associadas a autoritarismo (negrito vermelho). Grifo nosso.

A "ordem política" foi uma das principais áreas consideradas de sucesso na primeira fase do governo Putin: nos *surveys* do NRB de 2001, 2004 e 2007, respectivamente, 45,35%, 61,42% e 60,90% dos entrevistados afirmaram que a ordem melhorou "em algum grau" ou "definitivamente" (anexo 3.2)[236]. Nos dois últimos períodos, tal resposta esteve à frente das áreas econômicas em que Putin foi bem-sucedido, como "proteção social" e "combate à inflação". Esta é mais uma evidência de que a construção de um "sistema vertical de poder", antiliberal, contou com alta legitimidade popular e que a hegemonia de Putin não se fundamentou apenas em ganhos econômicos (as chamadas "barganhas autoritárias"), mas também na resolução dos problemas de *stateness* – dentre eles, a questão chechena. Como mostrei anteriormente, o aumento da eficácia militar, a solução do problema checheno e a eliminação da ameaça terrorista foram apontados como os principais êxitos de Putin em 2021. Em testes complementares[237], verifiquei se há correlação entre o medo de minorias e a avaliação da ordem política. Encontrei uma correlação negativa (de baixa significância) para a categoria mais temerosa em 2001: os indivíduos que mais percebiam minorias como ameaça menos viam melhoras na ordem política sob Putin. Nos outros *surveys* não houve correlações significativas.

[236] Questões do NRB pv34a1 (Putin effect: obedience to law), pv34a2 (Putin effect: political order), pv34a3 (Putin effect: social prot), pv34a4 (Putin effect: red crime), pv34a5 (Putin effect: prices down) e pv34a7 (Putin effect: respect for RF).
[237] Será disponibilizado em um repositório de dados da pesquisa.

No que concerne ao conceito de "democracia", é interessante observar que atributos de *stateness*, como "ordem e estabilidade" e "aplicação rígida da lei", estiveram entre as principais menções – em alguns anos superaram, inclusive, referências à economia. Curiosamente, menções a eleições diretas aparecem somente na quinta posição. Foram poucas as alusões à democracia como obstáculo ao *stateness* ("anarquia e desordem"), com frequência entre 2% e 6%. Entretanto, se levarmos em conta definições como "conversa fiada" e "subordinação das minorias às maiorias", há uma percepção negativa significativa, embora muito inferior às percepções positivas. Conforme argumentei com referência a Svolik (2019), questões abordando democracia como conceito subjetivo são pouco apropriadas para revelar preferências autoritárias e são mais vulneráveis ao viés de desejabilidade social e a interpretações pessoais. O que a população entende por "democracia" não necessariamente corresponde a definições predominantes na Ciência Política.

Tabela 2.8 Na sua opinião, o que é "democracia"? Múltiplas respostas, percentuais.

	1.1995	1.2000	2.2004	5.2005	11.2007	12.2009	12.2010	2.2012	3.2015
Liberdade de expressão, imprensa, crença	26	37	44	44	44	38	35	47	39
Desenvolvimento econômico do país	21	33	31	32	26	39	27	24	27
Ordem e estabilidade	**24**	**28**	**29**	**30**	**30**	**37**	**29**	**24**	**25**
Aplicação rígida da lei	**24**	**29**	**24**	**24**	**21**	**29**	**21**	**20**	**22**
Eleições diretas para os cargos mais altos	7	15	18	13	17	13	13	18	20
Possibilidade para cada um fazer o que quiser	6	10	6	10	10	7	8	10	7
Conversa fiada	14	10	11	9	11	5	9	10	6
Garantia dos direitos das minorias	3	5	6	6	6	7	8	6	5
Anarquia e desordem	**5**	**6**	**6**	**5**	**4**	**3**	**4**	**2**	**4**
Subordinação da minoria à maioria	1	6	3	4	3	3	6	6	3
Outros	<1	1	1	1	1	1	1	2	1
Sem resposta	14	8	7	6	5	5	6	5	6

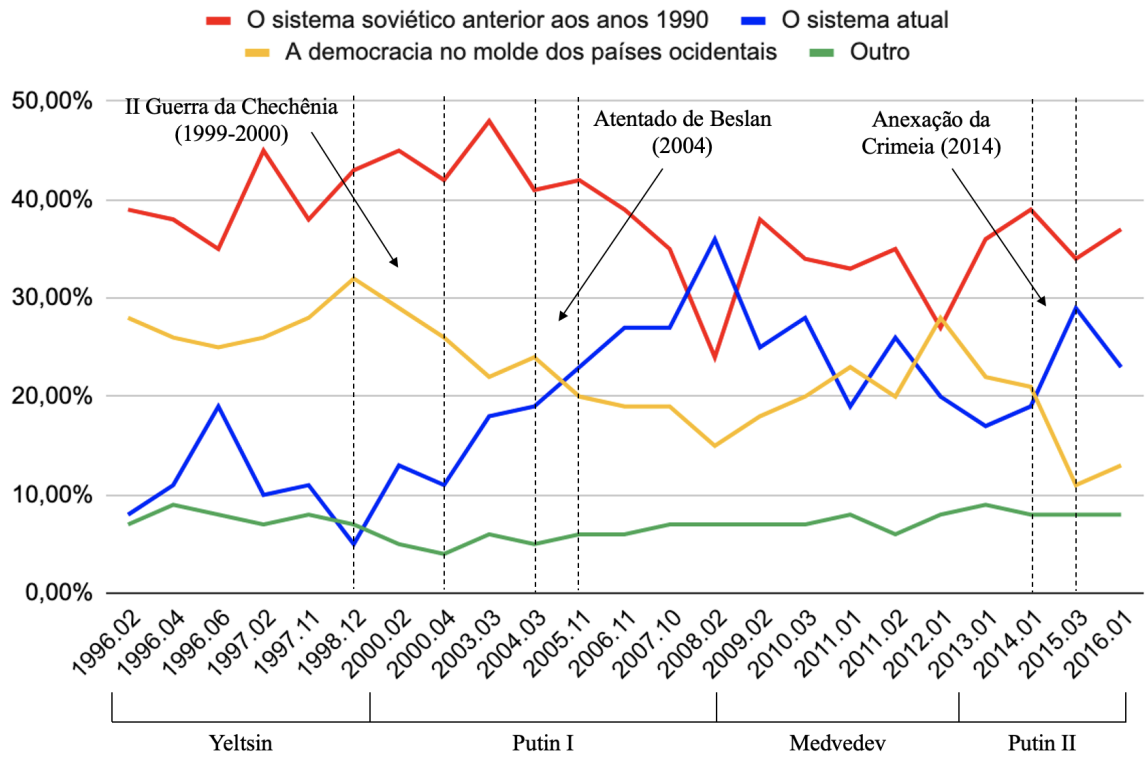
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2015). Destaque para elementos de *stateness* (negrito preto) e percepções negativas (negrito vermelho). Grifo nosso.

Outro indicador relevante para a presente análise é o apoio de russos a diferentes tipos de regimes. Contrariamente a Colton e McFaul (2002), identifiquei uma significativa tendência

antiliberal na sociedade. Na maior parte do período analisado, a preferência pelo "sistema soviético anterior aos anos 1990" se manteve na liderança. No início da série, a democracia (liberal) "nos moldes dos países ocidentais" ocupou a segunda colocação, com um pico em 1998, mas, a partir da Segunda Guerra da Chechênia e da ascensão de Putin, começou a decair significativamente. Ao mesmo tempo, o apoio ao "sistema atual" passou por um acentuado crescimento, ultrapassando o apoio ao modelo "ocidental" no intervalo do atentado de Beslan, e registrando o maior nível em fevereiro de 2008. Logo, pode-se afirmar que a construção do regime autoritário de Vladimir Putin nos anos 2000 contou com considerável grau de legitimidade. Ao longo da presidência de Dmitriy Medvedev (2008-2012), a popularidade do regime gradualmente se deteriorou, principalmente após Putin anunciar a sua candidatura a um terceiro mandato. Esse desgaste é evidenciado pela queda no apoio ao "sistema atual" e o crescimento do apoio à "democracia ocidental", que, em janeiro de 2012, alcançou a liderança nas preferências pela primeira e única vez. A crise da Ucrânia em 2014 (a anexação da Crimeia, o conflito no Donbass e as tensões da Rússia com o Ocidente), com o nacionalismo e o efeito "rally 'round the flag" favorável a Putin, parece ter contribuído para derrubar a preferência pela "democracia ocidental" ao menor nível de toda a série, além de elevar a preferência pelo sistema de Putin. De acordo com o que vim argumentando ao longo desta tese, pode-se inferir que conflitos têm o potencial de afetar não apenas a popularidade do incumbente, mas também as preferências da população por diferentes tipos de regime – embora defenda que, no âmbito das preferências autoritárias, o efeito seja mais forte e significativo para conflitos domésticos contra *out-groups* do que para conflitos internacionais. Nos testes placebo, após 2005 observam-se os maiores valores na percepção dos EUA como ameaça (cerca de 50% da população)[238], enquanto as preferências autoritárias registraram alguns dos valores mais baixos de todo o período. As altas preferências pelo sistema soviético na maior parte do período pode ter sido um dos motivos para Putin adotar uma retórica nostálgica em relação à URSS.

[238] Ver figura 2.14 na seção 2.6.1.

Figura 2.25 Qual sistema político lhe parece melhor?[239]



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2012, 2014, 2016).

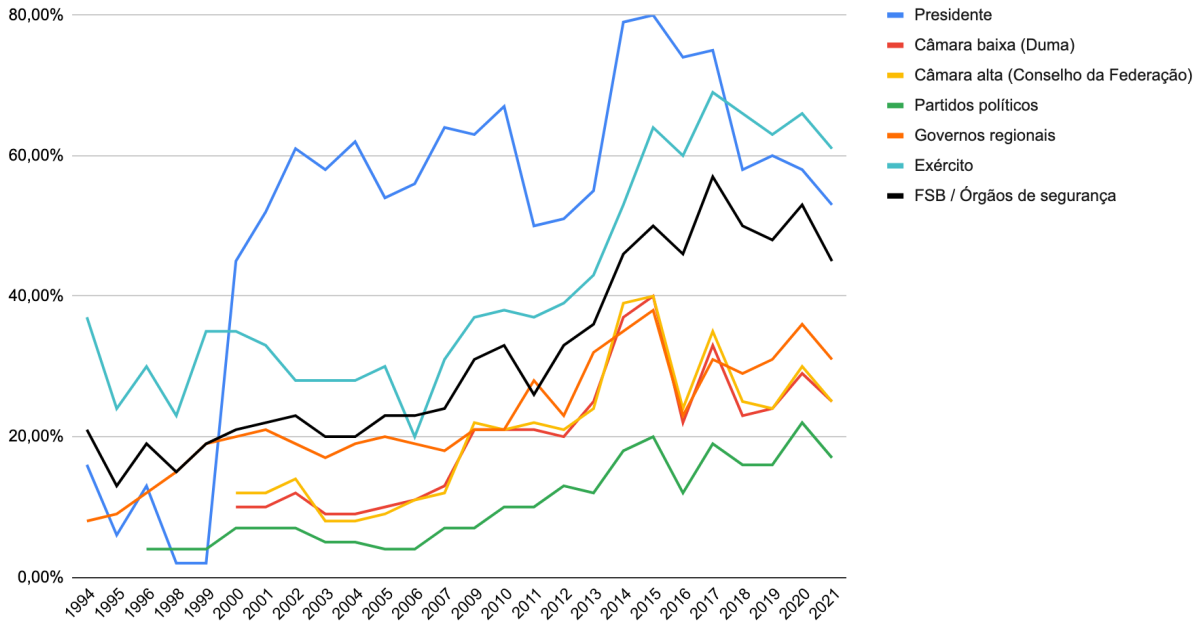
A despeito dos dados apresentados, é imprescindível ressaltar que diferentes formulações da pergunta e alternativas sobre regimes podem levar a distintas respostas e interpretações. Por exemplo, o instituto Levada-Center questionou, em algumas ocasiões de 1998 a 2015, "qual tipo de Estado" os indivíduos "gostariam de ver na Rússia no futuro"[240]. A resposta mais mencionada em todo o período foi "um Estado com economia de mercado, sistema democrático, respeito pelos direitos humanos, semelhante aos países do Ocidente, mas com modo de vida próprio" (com 31% em 2015), seguida de "não me importa que tipo de Estado haverá na Rússia, a única coisa que me importa é o quão bem a minha família e eu viveremos" (27%), "um Estado com uma estrutura totalmente especial e um caminho especial de desenvolvimento" (24%), "um Estado socialista com uma ideologia comunista" (10%) e "um império, uma monarquia, semelhante ao que Rússia era

[239] LEVADA-CENTER. Rossiyane ob ustroystve strany i demokratii [Russos sobre a organização do país e a democracia]. 17.02.2012. Disponível em: <https://www.levada.ru/2012/02/17/rossiyane-ob-ustrojstve-strany-i-demokratii/>. Acesso em: 18.10.2021.
LEVADA-CENTER. Luchshaya politicheskaya i ekonomicheskaya sistema [O melhor sistema político e econômico]. 24.02.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/02/24/luchshaya-politicheskaya-i-ekonomicheskaya-sistema/>. Acesso em: 18.10.2021.
LEVADA-CENTER. Predpochtitel'nyye modeli ekonomicheskoy i politicheskoy sistem [Modelos preferidos de sistemas econômicos e políticos]. 17.02.2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/02/17/predpochtitelnye-modeli-ekonomicheskoj-i-politicheskoj-sistem/>. Acesso em: 18.10.2021.
[240] LEVADA-CENTER. Rossiyskaya demokratiya [A democracia russa]. 16.01.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/01/14/rossijskaya-demokratiya/>. Acesso em: 18.10.2021.

antes de 1917" (3%). Por vezes, o enunciado dos *surveys* pode tornar as respostas mais propícias ao viés da desejabilidade social.

Outro indicador relevante para a análise é o grau de confiança nas instituições (figura 2.26). Enquanto nos anos 1990 o presidente era uma das instituições com menor nível de confiança, nos anos 2000 ocorreu um grande aumento. Como vimos, o relativo êxito na questão chechena contribuiu para a alta popularidade de Putin logo no início de seu governo – a expectativa de que ele poderia prover segurança ganhou força (PAIN, 2005). Ao longo de quase todo o período, foi notável o hiato entre o presidente e as demais instituições. Mesmo quando o regime passou por uma crise de legitimidade, no início dos anos 2010, a vantagem sobre outras instituições manteve-se alta. O efeito "rally 'round the flag" proporcionado pela crise da Ucrânia em 2014 beneficiou todas as instituições, mas acima de tudo o presidente, que atingiu os 80% de confiança, o exército e os órgãos de segurança/ FSB. Após 2014, as duas últimas diminuíram o hiato com o presidente e, a partir de 2018, a confiança no exército assumiu a liderança – tensões externas beneficiam politicamente o establishment militar. Vale destacar que o fato de instituições associadas a regimes democráticos representativos, como o parlamento e os partidos políticos, contarem com um grau de confiança muito abaixo de instituições de garantia da ordem pode ser um indicativo, embora não conclusivo, de tendências autoritárias na população, bem como da existência de "barganhas autoritárias". A elevada confiança na FSB, sucessora direta do KGB (conhecido por extensas práticas de repressão e tortura contra opositores na URSS) e envolvida em situações controversas na Rússia pós-soviética, reforça essa constatação. Além disso, a alta confiança no presidente pode ter facilitado a legitimação de reformas autoritárias que subordinaram diversos atores de veto no início dos anos 2000.

Figura 2.26 "Em que medida, na sua opinião, as seguintes instituições merecem confiança?" (Resposta: merecem totalmente)[241][242]



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2004, 2007, 2011, 2013, 2015, 2016, 2018, 2019, 2020, 2021).

Uma última questão que indiretamente reflete um consentimento social com um despotismo personalista são as atitudes positivas em relação a Stalin (anexo 3.3)[243]. Sua atuação como "líder forte" é apresentada oficialmente como um dos principais fatores que possibilitaram a derrota dos nazistas na Segunda Guerra[244], relativizando as práticas de repressão, tortura, massacres e deportações étnicas. Há uma vinculação discursiva direta entre autoritarismo e segurança / proteção. De 2001 a 2012, houve uma trajetória de queda nas atitudes positivas, de 38% para 28%. Em março de 2014, contudo, em meio à crise ucraniana, ocorreu um aumento significativo para 40%. De 2019 a 2021, no contexto de acirramento das tensões geopolíticas com o Ocidente, as atitudes entram em um crescimento vertiginoso, atingindo o pico de 60% da

[241] As outras opções eram "não merecem confiança totalmente", "não merecem confiança de jeito nenhum".
[242] LEVADA-CENTER. Doveriye rossiyan institutam vlasti i obshchestva / Institutsional'noye doveriye [Confiança dos russos nas instituições estatais e da sociedade / Confiança institucional]. Disponível em: https://www.levada.ru/2004/09/26/doverie-rossiyan-institutam-vlasti/, https://www.levada.ru/2007/04/08/doverie-institutam-vlasti-4/, https://www.levada.ru/2011/11/24/doverie-rossiyan-institutam-vlasti-i-obshhestva/, https://www.levada.ru/2013/10/07/doverie-institutam-vlasti-2/, https://www.levada.ru/2015/10/07/institutsionalnoe-doverie/, https://www.levada.ru/2016/10/13/institutsionalnoe-doverie-2/, https://www.levada.ru/2018/10/04/institutsionalnoe-doverie-4/, https://www.levada.ru/2019/10/24/institutsionalnoe-doverie-5/, https://www.levada.ru/2020/09/21/doverie-institutam/, https://www.levada.ru/2021/10/06/doverie-obshhestvennym-institutam/. Acesso em: 16.12.2021.
[243] LEVADA-CENTER. Otnosheniye k Stalinu: Rossiya i Ukraina [Atitude em relação a Stalin: Rússia e Ucrânia]. 23.06.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/06/23/otnoshenie-k-stalinu-rossiya-i-ukraina/>. Acesso em: 27.01.2022. A enquete contou com três opções positivas (admiração, respeito e simpatia), uma neutra (indiferença) e três negativas (hostilidade/ irritação, medo e repulsa).
[244] Conhecida na Rússia como "Grande Guerra Patriótica".

população. Futuros estudos *follow-up* poderão avaliar se o crescimento está relacionado a conjunturas externas ou a um esforço discursivo por parte das elites em promover tais sentimentos, bem como o quanto as atitudes estão correlacionadas a outras preferências autoritárias e a atitudes positivas a Putin.

Antes de concluir essa seção, algumas ressalvas cabem ser feitas. O conflito teria tido o mesmo efeito caso tivesse chegado a outros resultados, como uma derrota ou um impasse? A julgar pela baixa popularidade de Yeltsin, também influenciada por outros fatores, não. Como vimos na primeira seção, Yeltsin foi apontado como um dos principais responsáveis pela guerra. Meus achados se restringem a conflitos com resultados favoráveis ao incumbente – com a ressalva de que, desde os anos 2000, a popularidade presidencial se manteve alta mesmo nos momentos em que a população exibiu perspectivas pessimistas. Ademais, uma variável omissa plausível, que demandará pesquisas comparadas e estudos para além dessa tese, é o poder de Vladimir Putin como líder carismático. Sua ascensão representou, no imaginário dos russos, a passagem de um governo caótico, gerenciado por um líder fraco, para um governo potencialmente estável, gerenciado por um líder "forte". O fato de Yeltsin ter se apresentado como um "democrata" em oposição aos "comunistas" pode ter debilitado as atitudes em relação à democracia (COLTON E MCFAUL, 2002). Como Treisman (2011, p.593-594) discorre:

> [...] alguns viram a principal razão para a popularidade de Putin e o apelo cada vez menor de Yeltsin em seus estilos pessoais divergentes. Yeltsin – doente, inclinado a gafes, às vezes visivelmente embriagado – dificilmente poderia ser visto de outra maneira comparado a Putin – disciplinado, enérgico e sóbrio, ex-espião e faixa preta de judô. Pesquisas confirmam que os russos foram atraídos pela imagem de vigor juvenil de Putin e desencorajados pelo declínio físico de Yeltsin. Questionados sobre quais qualidades os atraíram em Putin, de 30 a 47% dos entrevistados escolheram "ele é uma pessoa enérgica, decidida e com força de vontade". Apenas 9% disseram isso de Yeltsin em janeiro de 2000. Mesmo em 1996, a terceira coisa que os entrevistados mais desgostavam em Yeltsin era ele ser "uma pessoa doente e fraca".

O potencial de tal variável enviesar as conclusões, contudo, é limitado e endógeno ao meu argumento, haja vista que uma das principais razões por Putin ser considerado um líder "forte" foi o seu desempenho na questão chechena. Ademais, nos diversos testes de regressão, utilizei extensos controles econômicos (renda, variação no PIB per capita, PIB per capita e inflação) a fim de dissociar o efeito dos avanços econômicos nos anos 2000 das variáveis de interesse.

Nesta subseção mostrei indícios do impacto direto de conflitos nas preferências autoritárias. A correlação entre o número de mortes civis em conflitos e preferências autoritárias nos níveis agregado e desagregado foi positiva e estatisticamente significativa. Os períodos de conflito e pós-conflito coincidiram com uma maior incidência de inclinações autoritárias. A variação foi mais sensível para os *in-groups* do que para os *out-groups*. Também ressaltei a concepção de que as preferências de regime devem ser examinadas com base no contexto em que

o indivíduo faz escolhas e a sua percepção de supostos *trade-offs* institucionais – tanto as demandas autoritárias quanto a tendência em se relativizar princípios democráticos e liberdades civis em troca de ordem foram maiores durante a fase mais intensa do conflito. Algumas constatações reforçam o argumento de que perguntas sobre democracia como conceito subjetivo são menos aptas a revelar preferências autoritárias, são vulneráveis ao viés da desejabilidade social e a diferentes concepções do conceito de democracia. Por fim, a partir da Segunda Guerra da Chechênia há um grande hiato entre a confiança no presidente e em demais instituições, além de um crescimento na satisfação com o sistema promovido por Putin – indicadores de que o conflito possivelmente contribuiu para a percepção de que regimes autoritários são mais aptos a resolver crises e manter *out-groups* sob controle. A elevada confiança em instituições de segurança sugere a existência de "barganhas autoritárias" por proteção, mais salientes, inclusive, que expectativas econômicas. Contudo, cabe sublinhar que os meus resultados se restringem a um tipo de conflito em que o incumbente alcançou resultados favoráveis. Uma eventual derrota ou impasse poderia ter prejudicado as bases de sustentação do regime.

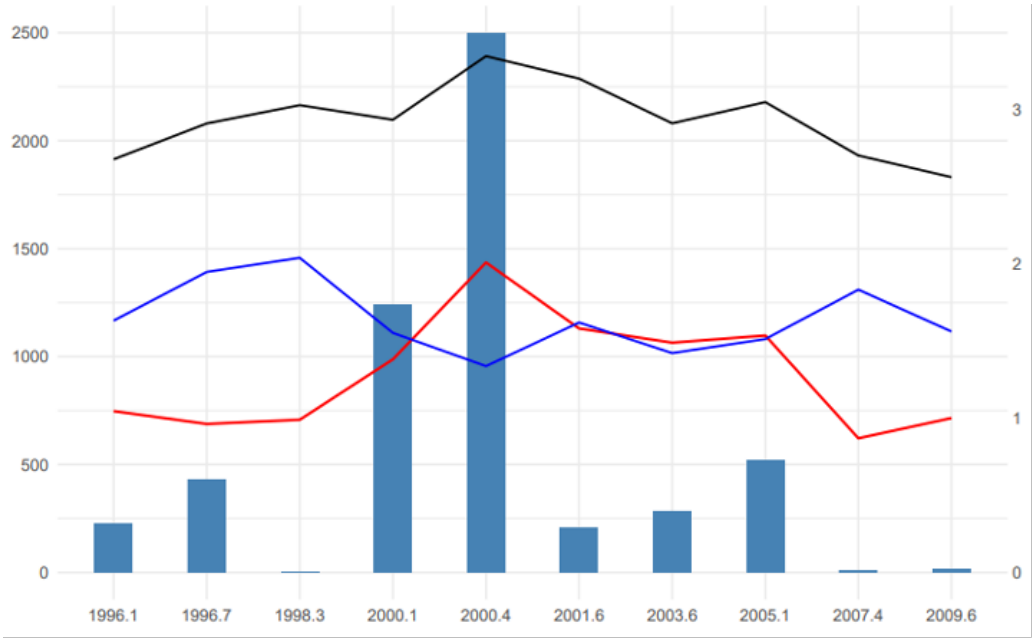
2.6.4 Relação entre conflito e preferências dos indivíduos que percebem minorias como ameaça

Para concluir a explanação do mecanismo no nível individual, introduzi uma abordagem integrada das duas partes do argumento apresentadas nas seções anteriores. Em específico, analiso a variação na média de indivíduos que percebem minorias como ameaça ("alguma" ou "grande") e simultaneamente manifestam preferências autoritárias, comparando-a com a média geral de preferências autoritárias. Também verifico a variação nesses indicadores entre *in-groups* e *out-groups*. Encontrei indícios de que, no auge do conflito, a média de preferências autoritárias se elevou ao seu ponto mais alto, estimulada, aparentemente, pelo crescimento no número de indivíduos que temiam minorias e de suas preferências antidemocráticas. Enquanto a variação nas preferências de russos étnicos parece seguir a trajetória do conflito, as preferências das minorias sofrem pouca alteração no período. Ao que tudo indica, as atitudes dos *out-groups* são menos responsivas ao conflito.

De 1996 a 1998 (figura 2.27), a média de preferências autoritárias gerais (linha preta) era muito influenciada pela média de indivíduos que manifestavam preferências não democráticas em algum grau e percebiam minorias como pouca ou nenhuma ameaça (linha azul). O *survey* de janeiro de 2000, conduzido durante a fase intensa do conflito, mostra o início de uma inversão entre os grupos – possivelmente, indivíduos que apresentavam preferências autoritárias mas não

consideravam minorias uma ameaça passaram a vê-las como tal. Como discorri anteriormente, há indivíduos que são autoritários independentemente de situações de ameaça e outros que se tornam quando percebem um perigo iminente, ou seja, suas preferências dependem do contexto. O *survey* de abril de 2000 confirma que pela primeira vez a média geral foi mais influenciada pelas preferências do grupo que percebe minorias como ameaça (linha vermelha) – indivíduos que não eram autoritários nem temiam minorias mudaram de posição. Nos anos seguintes a média geral é sustentada pelos dois grupos em conjunto e sofre uma queda a partir do *survey* de abril de 2007, motivada pela queda acentuada do grupo que percebe minorias como ameaça. A dinâmica da linha vermelha nesse período sugere que alguns indivíduos com preferências autoritárias que viam minorias como ameaça deixaram de vê-las como tal – por isso o crescimento da média dos indivíduos que não as veem como ameaça. Os momentos mais altos e mais baixos de preferências autoritárias coincidem respectivamente com os momentos mais altos e mais baixos de percepção de minorias como ameaça. Embora não tenha a pretensão de definir exatamente o quanto conflitos contribuíram para o aumento das preferências, considero que o excedente de janeiro a abril de 2000 deve-se ao impacto da crise chechena.

Figura 2.27 Número de vítimas civis em conflitos domésticos e atentados nos doze meses que antecederam cada *survey* (colunas, esquerda) e média de grupos de percepção de minorias como ameaça com preferências autoritárias (linhas, direita)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).
Linha preta: média de preferências autoritárias da população. Linha azul: média de preferências autoritárias dos indivíduos que não percebem minorias como ameaça sobre o total das amostras. Linha vermelha: média de

preferências autoritárias dos indivíduos que percebem minorias como ameaça sobre o total das amostras. A escala de preferências varia de 0 a 9.

Testes de regressão mostram uma correlação estatisticamente significativa entre a intensidade do conflito e a média de indivíduos que veem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias agregadas[245] (modelos 1-3): mil vítimas fatais civis estimulam um crescimento de 0,28 na média, considerando a escala de 0 a 9. Quando analiso somente os modelos sem os controles econômicos, a relação tem maior magnitude para russos do que para minorias; no contrário, a comparação se inverte. Vale lembrar que os conflitos não apenas aumentam a percepção de minorias como ameaça, como também aumentam as preferências autoritárias dos indivíduos mais temerosos. Mesmo para as minorias, o aumento de percepção de ameaça é considerável. Testes de regressão para as preferências desagregadas da população geral (anexo 4.1) indicam que as correlações com o número de mortes apresentaram alta significância estatística.

Tabela 2.9 Relação entre número de óbitos civis (dividido por cem) em conflitos e média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias

	Pref_autoritarias_temerosos								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Mortes_civis_12_meses	0.035***	0.029***	0.028***	0.032***	0.016**	0.021***	0.023***	0.039**	0.039**
	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.005)	(0.005)	(0.007)	(0.013)	(0.012)
GeneroFeminino	0.021	0.020	0.015	0.017	0.008	0.052	−0.053	−0.052	−0.079
	(0.035)	(0.035)	(0.036)	(0.045)	(0.045)	(0.045)	(0.100)	(0.099)	(0.101)
Idade	0.002	0.002	0.002	0.001	−0.00002	−0.0001	0.004	0.003	0.002
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
Renda	−0.078***	−0.077***	−0.074***	−0.087***	−0.087***	−0.087***	−0.044	−0.044	−0.026
	(0.014)	(0.014)	(0.014)	(0.018)	(0.018)	(0.018)	(0.038)	(0.038)	(0.039)
Tipo_localidadeRural	−0.046	−0.022	−0.042	−0.052	0.062	0.049	−0.209	−0.101	−0.090
	(0.065)	(0.066)	(0.066)	(0.084)	(0.085)	(0.085)	(0.203)	(0.207)	(0.208)
Tamanho_populacao	−0.023**	−0.019*	−0.013	−0.024*	−0.009	0.002	−0.048	−0.033	−0.026
	(0.008)	(0.009)	(0.009)	(0.010)	(0.011)	(0.011)	(0.027)	(0.028)	(0.028)
PIB_pc_PPP		−0.00002***	−0.00002***		0.0001**	0.0001**		0.0001*	0.0002***
		(0.00001)	(0.00001)		(0.00002)	(0.00002)		(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento		0.010*	0.009		0.040***	0.029*		−0.038	−0.050
		(0.005)	(0.005)		(0.012)	(0.012)		(0.027)	(0.027)
log(Inflacao)		−0.094***	−0.100***		0.032	0.008		−0.099	−0.052
		(0.027)	(0.028)		(0.037)	(0.037)		(0.084)	(0.083)
Constant	1.423***	1.885***	1.941***	1.594***	1.009***	0.999***	1.192***	0.844	0.353
	(0.094)	(0.172)	(0.172)	(0.124)	(0.245)	(0.246)	(0.280)	(0.527)	(0.535)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	13,108	13,108	13,108	8,434	8,434	8,434	1,471	1,471	1,471
R^2	0.023	0.027	0.025	0.024	0.033	0.029	0.015	0.021	0.019
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Ao verificar a variação anual, com base na média do *survey* de janeiro de 1996 (1,07 na escala de 0 a 9), pude constatar uma relação estatisticamente significativa e com elevada magnitude entre o conflito e a variável de interesse[246], principalmente para russos étnicos em abril de 2000, com 91,49% (0,982), seguido de junho de 2001, com 56,83% (0,610) e janeiro de 2005, com

[245] Sem contabilizar o apoio à "volta do comunismo".
[246] A média de preferências autoritárias agregadas se baseou na medida escalar, introduzida na seção metodológica.

42,95% (0,461). Em janeiro de 2000 e junho de 2001 o efeito tem significância apenas para russos, os *in-groups*. Por sua vez, em abril de 2007, um dos períodos mais pacíficos, registrou-se a queda mais significativa de toda a série para a população geral – -22,83% (-0,245).

Tabela 2.10 Relação entre o período dos *surveys* e média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias

	Pref_autoritarias_temerosos								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey1996.7	−0.083	−0.094	−0.170*	−0.073	−0.075	−0.140	−0.097	−0.153	−0.308
	(0.065)	(0.066)	(0.068)	(0.072)	(0.074)	(0.074)	(0.153)	(0.158)	(0.159)
data_survey1998.3	−0.056	−0.073	−0.111	−0.067	−0.079	−0.105	0.038	0.002	−0.120
	(0.063)	(0.065)	(0.070)	(0.070)	(0.072)	(0.076)	(0.151)	(0.159)	(0.166)
data_survey2000.1	0.336***	0.332***	0.259***	0.377***	0.369***	0.287***	0.155	0.147	0.093
	(0.062)	(0.064)	(0.070)	(0.069)	(0.071)	(0.076)	(0.153)	(0.161)	(0.167)
data_survey2000.4	0.964***	0.984***	0.929***	0.999***	1.015***	0.982***	0.609***	0.679***	0.446*
	(0.066)	(0.068)	(0.070)	(0.071)	(0.073)	(0.074)	(0.180)	(0.188)	(0.187)
data_survey2001.6	0.536***	0.547***	0.469***	0.647***	0.663***	0.610***	0.057	0.050	−0.154
	(0.061)	(0.063)	(0.069)	(0.068)	(0.070)	(0.075)	(0.147)	(0.152)	(0.160)
data_survey2003.6	0.444***	0.396***	0.431***						
	(0.065)	(0.068)	(0.070)						
data_survey2005.1	0.490***	0.480***	0.427***	0.536***	0.517***	0.461***	0.413**	0.430**	0.453**
	(0.060)	(0.062)	(0.068)	(0.068)	(0.070)	(0.076)	(0.153)	(0.158)	(0.166)
data_survey2007.4	−0.176*	−0.184*	−0.245**						
	(0.074)	(0.079)	(0.079)						
data_survey2009.6	−0.045	−0.036	−0.099						
	(0.076)	(0.081)	(0.081)						
GeneroFeminino		0.003	−0.001		0.012	0.042		−0.115	−0.143
		(0.033)	(0.033)		(0.041)	(0.041)		(0.089)	(0.090)
Idade		0.001	0.001		0.0002	0.0001		0.004	0.002
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.083***	−0.076***		−0.089***	−0.082***		−0.052	−0.031
		(0.012)	(0.012)		(0.016)	(0.016)		(0.032)	(0.033)
Constant	1.046***	1.249***	1.300***	1.073***	1.342***	1.359***	0.894***	0.973***	1.139***
	(0.042)	(0.083)	(0.084)	(0.046)	(0.102)	(0.102)	(0.106)	(0.209)	(0.209)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,029	14,773	14,773	10,421	9,782	9,782	1,936	1,788	1,788
R^2	0.029	0.035	0.035	0.034	0.040	0.040	0.013	0.021	0.023
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

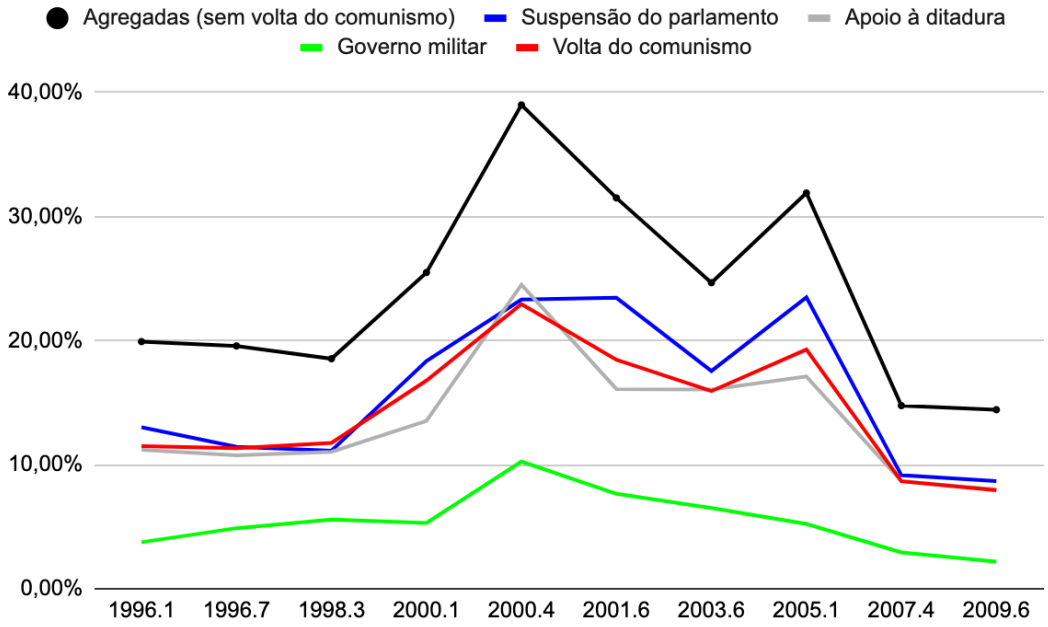
Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 e *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Do mesmo modo que procedi nas seções anteriores, visando facilitar a interpretação dos dados, examino os percentuais de indivíduos que percebem minorias como alguma ou grande ameaça e ao mesmo tempo manifestam preferências autoritárias, transformadas em variáveis *dummy*[247] (figura 2.28). Podemos observar um vertiginoso crescimento em 2000, com um segundo pico em 2005, seguido de uma queda acentuada. De janeiro a abril de 2000, o crescimento no percentual de indivíduos temerosos com preferências autoritárias foi de 13,51%, alcançando quase 40%. O percentual total de preferências autoritárias na população em abril foi equivalente a 62% (como vimos na seção anterior, na figura 2.21) – logo, indivíduos que percebiam minorias como grande ou alguma ameaça responderam por mais de 65% das preferências autoritárias agregadas gerais. O percentual de indivíduos temerosos e que manifestaram apoio à suspensão do parlamento,

[247] O valor "1" corresponde a concordo "muito" ou "em alguma medida", enquanto o "0" a discordo "muito" ou "em alguma medida". As preferências agregadas foram formadas com base nas variáveis *dummy* das preferências desagregadas, por exceção do apoio à volta do comunismo.

a uma ditadura ou à volta do comunismo ultrapassou os 20%; já o de indivíduos temerosos que consentiram com um governo militar alcançou os 10% e decaiu gradualmente.

Figura 2.28 Variação no percentual de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e simultaneamente manifestam preferências autoritárias

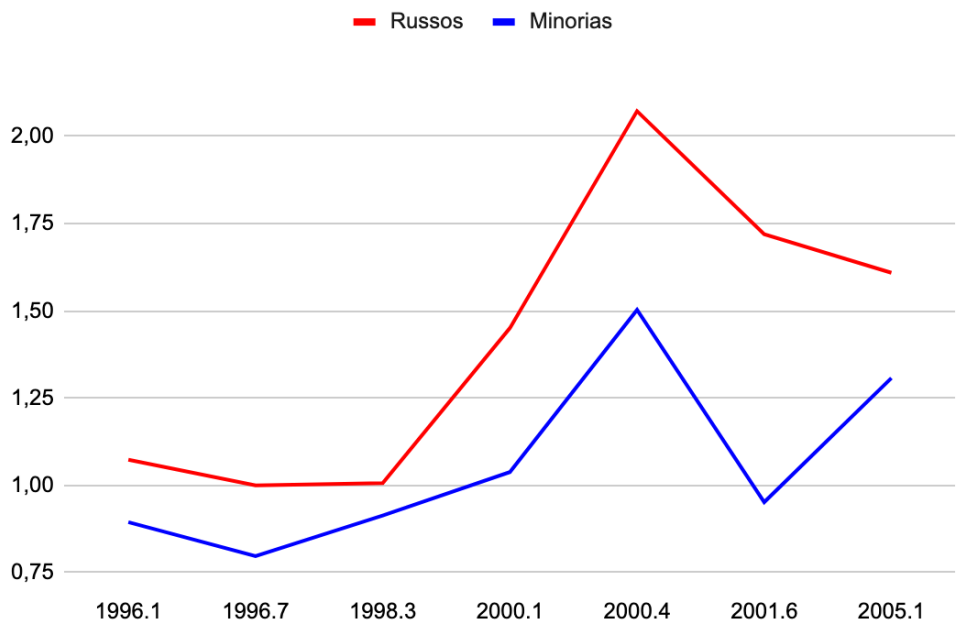


Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Uma outra estratégia para verificarmos o impacto do conflito é observar a variação por grupo étnico. Como preconizam as minhas hipóteses, os *in-groups* são mais sensíveis e responsivos à dinâmica do conflito do que os *out-groups*. Comparei as trajetórias das médias de russos que percebiam minorias como ameaça e suas preferências autoritárias agregadas com a média das minorias. Na figura 2.29, podemos notar que as médias eram bem próximas na segunda parte da década de 1990 e, a partir do conflito, começaram a se distanciar consideravelmente, atingindo o maior desnível em 2001, momento posterior imediato à fase intensa do conflito. No que concerne às preferências desagregadas, apenas no apoio à suspensão do parlamento e a uma ditadura houve trajetórias relativamente semelhantes antes do conflito[248]: no primeiro (anexo 4.2), o hiato entre os grupos cresce gradualmente e se mantém elevado em 2005; já no segundo (anexo 4.3), há uma diferenciação brusca em abril de 2000, mas em 2005 os grupos quase se cruzam.

[248] Dados para o apoio a um governo militar e à volta do comunismo serão disponibilizados em um repositório de dados da pesquisa.

Figura 2.29 Média de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e manifestam preferências autoritárias, por grupo étnico



Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB.

Em complemento ao gráfico, conduzi testes *differences-in-differences*, comparando a variação entre russos e minorias no que concerne à média de indivíduos que manifestaram temor a minorias e simultaneamente preferências autoritárias. Duas importantes premissas foram consideradas: há trajetórias semelhantes (tendências paralelas) entre os grupos antes do tratamento e, salvo situações excepcionais, pode-se pressupor que os indivíduos não transitam entre os grupos (membros de minoria raramente passam a se identificar com maiorias ou vice-versa no curto prazo). O *survey* de março de 1998, anterior ao conflito, corresponde ao Tempo 0; os *surveys* de janeiro e abril de 2000, no momento do conflito, ao Tempo 1 e Tempo 2, respectivamente; e o de junho de 2001, primeiro momento posterior à fase intensa da beligerância, ao Tempo 3. O modelo 1, sem os devidos controles, aponta para uma diferença estatisticamente significativa em abril de 2000 (Tempo 2). Todos os modelos, inclusive os que incluíram as regiões russas como controles e os pesos amostrais, foram estatisticamente significativos em junho de 2001 (Tempo 3)[249]. Logo, pode-se afirmar que após o conflito observou-se um distanciamento nas médias de russos e minorias: o crescimento na média de indivíduos que percebiam minorias como ameaça e manifestavam preferências autoritárias foi mais notável para *in-groups* do que para *out-groups*. Vale destacar que os resultados devem ser abordados com cautela, haja vista que que não estou

[249] No repositório de dados, serão disponibilizadas as tabelas e gráficos para as preferências autoritárias no nível desagregado. Russos e minorias apresentaram trajetórias semelhantes até 1998 para o apoio à suspensão do parlamento e a uma ditadura.

lidando com dados em painel[250] e a variação na trajetória dos grupos já no Tempo 1 e 2 viola pressupostos de modelos *differences-in-differences*. No que diz respeito às preferências desagregadas que apresentaram trajetórias semelhantes pré-1998, o apoio à suspensão do parlamento (anexo 4.4) foi significativo apenas em junho de 2001 (Tempo 3); enquanto o apoio a uma "ditadura para sair da atual crise" (anexo 4.5) foi significativo em três dos quatro modelos de abril de 2000 (Tempo 2) e em dois modelos de junho de 2001 (Tempo 3)[251].

Tabela 2.11 Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias (*differences-in-differences*)

	Pref_autoritarias_temerosos			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Tempo1	0.118	0.128	0.274	0.328
	(0.170)	(0.187)	(0.189)	(0.195)
Tempo2	0.571**	0.736***	0.846***	0.712***
	(0.200)	(0.213)	(0.215)	(0.212)
Tempo3	0.020	0.115	0.212	0.134
	(0.163)	(0.178)	(0.179)	(0.186)
Etn_russos1	0.074	0.182	0.069	0.113
	(0.130)	(0.143)	(0.150)	(0.154)
GeneroFeminino		0.019	0.015	0.057
		(0.054)	(0.053)	(0.053)
Idade		−0.0001	−0.001	−0.0004
		(0.002)	(0.002)	(0.002)
Renda		−0.055*	−0.073**	−0.053*
		(0.022)	(0.022)	(0.023)
Tipo_localidadeRural		−0.017	0.101	−0.074
		(0.103)	(0.112)	(0.112)
Tamanho_populacao		−0.023	−0.017	−0.027
		(0.013)	(0.015)	(0.015)
Educacao		−0.034**	−0.034**	−0.036**
		(0.012)	(0.012)	(0.012)
Tempo1:Etn_russos1	0.327	0.322	0.196	0.087
	(0.186)	(0.204)	(0.205)	(0.211)
Tempo2:Etn_russos1	0.495*	0.338	0.282	0.403
	(0.214)	(0.228)	(0.229)	(0.226)
Tempo3:Etn_russos1	0.694***	0.649***	0.533**	0.564**
	(0.179)	(0.196)	(0.197)	(0.204)
Constant	0.932***	1.301***	1.241***	1.166***
	(0.119)	(0.201)	(0.255)	(0.257)
Regiao	Nao	Nao	Sim	Sim
Pesos	Nao	Nao	Nao	Sim
Observations	6,865	6,094	6,094	6,094
R^2	0.037	0.047	0.087	0.089
Note:				*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009). T0 = 1998.3 (período anterior ao conflito), T1 = 2000.1 (período de conflito), T2 = 2000.4 (período próximo ao fim da fase intensa do conflito), T3 = 2001.6 (período posterior à fase intensa).

Outra análise adotada, suplementar aos testes de *differences-in-differences*, é a comparação entre *in-groups* e *out-groups* no que tange à variação no percentual total de indivíduos que

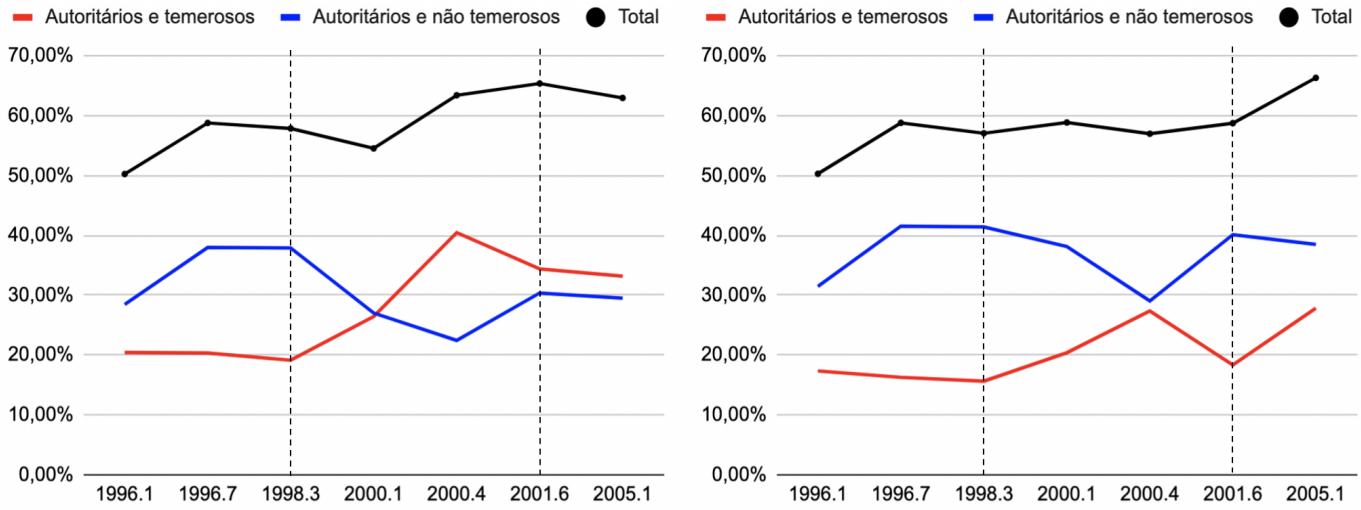
[250] Como mencionam Fredriksson e Oliveira (2019, p.521), o método *differences-in-differences* pode ser utilizado tanto com dados em painel quanto com amostras transversais (idealmente aleatórias) da população, mas alguns autores ressaltam que o primeiro é mais vantajoso.

[251] Embora a diferenciação entre os grupos seja influenciada pela maior percepção de ameaça para russos do que para minorias, testes *differences-in-differences* para tal percepção não foram estatisticamente significativos. As tabelas serão disponibilizadas em repositório de dados da pesquisa.

manifestam ao menos uma preferência autoritária agregada, no percentual de indivíduos que manifestam ao menos uma preferência e simultaneamente veem minorias como grande ou alguma ameaça (temerosos) e, por fim, no percentual de indivíduos que manifestam ao menos uma preferência mas veem minorias como nenhuma ou pequena ameaça (não temerosos). O gráfico para russos étnicos, à esquerda, parece indicar uma permutação no início do conflito: indivíduos que eram autoritários mas não viam minorias como ameaça passaram a percebê-las como tal, ao mesmo tempo em que indivíduos não autoritários passaram a temer minorias e a manifestar preferências autoritárias[252], o que contribuiu para elevar as preferências autoritárias totais dos russos em quase 10% – de 54,53% em janeiro de 2000 para 63,41% em abril. Tal proposição remete à discussão apresentada acima, com referência em Hetherington e Weiler (2009), segundo a qual há indivíduos inerentemente autoritários e outros que demonstram inclinações autoritárias apenas em situações de ameaça iminente. Por sua vez, no gráfico para minorias (à direita), aparentemente ocorre uma permutação no período de conflito, mas muito menor do que a observada para os russos. Ademais, não há inclusão de quantidades significativas de novos indivíduos autoritários, ou seja, indivíduos autoritários podem ter passado a ver minorias como ameaça, mas sem um aumento na quantidade total de autoritários. As preferências autoritárias gerais das minorias se mantêm estáveis, com poucas alterações: de janeiro a abril de 2000, inclusive, há um pequeno decréscimo de 58,86% para 56,98%. Somente em janeiro de 2005 ocorre um aumento das preferências gerais, estimulado pela possível adesão de novos indivíduos autoritários e temerosos. Conclui-se que as preferências de *in-groups* são mais sensíveis e responsivas à ocorrência de conflitos e a sua dinâmica do que as preferências de *out-groups*. Mais uma vez, no entanto, faço a ressalva de que não estou lidando com dados em painel, de maneira que não posso confirmar o alcance de permutações entre os grupos de percepção de ameaça.

[252] Não podemos descartar que alguns indivíduos já temiam minorias mas não eram autoritários e passaram a sê-lo.

Figura 2.30 Variação no percentual de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e simultaneamente manifestam ao menos uma preferência autoritária (russos à esquerda e minorias à direita)



Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Finalmente, conduzi os testes placebo. No que diz respeito à média de grupos que percebem os EUA como ameaça e manifestam preferências autoritárias (anexo 4.6), encontrei correlação significativa positiva apenas em três de nove modelos – com magnitude e significância inferiores às associadas ao medo de minorias. Em dois modelos para russos étnicos, há correlação significativa negativa; e para minorias não há qualquer correlação. Já nos testes de *differences-in-differences* entre russos e minorias (anexo 4.7), apenas um dos quatro modelos registrou correlação – de baixa significância, para abril de 2000 (Tempo 2). Tais comparações reforçam o argumento que vim defendendo ao longo da tese: a variação nas preferências autoritárias na Segunda Guerra da Chechênia foi motivada, principalmente, pelo incremento no medo de minorias. Caso a relação fosse inversa (o aumento do autoritarismo elevar a percepção de ameaças), teria ocorrido um aumento significativo do medo dos EUA no mesmo período.

Os resultados desta subseção corroboram a relação das duas partes do mecanismo causal entre conflito e preferências autoritárias, apresentadas nas seções 2.6.1 e 2.6.2, bem como evidencia que o aumento das preferências gerais, analisadas na seção 2.6.3, está de fato associado ao conflito. Além disso, confirmam a minha hipótese de que as atitudes políticas (preferências de regime e percepções de ameaça) de *in-groups* são mais sensíveis ao conflito do que as de *out-groups*. Já havia indivíduos autoritários e que percebiam ou não minorias como ameaça, mas no auge da beligerância há um incremento de novos indivíduos simultaneamente autoritários e temerosos, além de indivíduos que já eram autoritários e passam a temer minorias – tal excedente, entre janeiro e abril de 2000, revela a magnitude do impacto do conflito nas preferências gerais da população e, sobretudo, dos *in-groups*. Essa dinâmica foi pouco notável ou ausente quando

focamos apenas as minorias (*out-groups*). Os achados constituem uma importante evidência empírica para os estudos sobre a relação entre percepção de ameaças societais e atitudes autoritárias, muitos dos quais foram conduzidos com base em experimentos laboratoriais, em vez de casos reais.

2.6.5 Testes complementares: democracia subjetiva, poderes presidenciais e confiança institucional

Findadas as quatro etapas da análise principal, procederei à condução de alguns testes complementares, com base em *surveys* do *New Russia Barometer*. Basicamente, examino o grau de preferência de russos por "democracia" como conceito subjetivo e a defesa de poderes excepcionais ao incumbente, como o apoio a um governo do presidente por decretos, a discordância com o veto do parlamento a decisões do presidente e a preferência por um presidente forte a um parlamento forte – as duas primeiras dizem respeito a baixa inclinação a um sistema vigoroso de pesos e contrapesos, característico de um regime democrático. Um dos argumentos centrais desta tese preconiza que as preferências por regimes autoritários crescem durante conflitos domésticos, já que, por vezes, estes são percebidos como mais aptos a solucionar crises e manter *out-groups* sob controle. Logo, espero encontrar correlações entre a percepção de minorias como ameaça e o apoio a poderes excepcionais do incumbente. Por fim, observo a variação na confiança no presidente e no parlamento e verifico se há correlação com o medo de minorias. Como esperava, a grande maioria dos testes apresentou correlações estatisticamente significativas, sobretudo para a comparação entre as categorias "nenhuma" e "grande" ameaça. Os testes para a democracia subjetiva revelaram resultados ambíguos, mas, no geral, condizentes com parte das hipóteses. No que tange ao sistema de pesos e contrapesos, há um crescimento acentuado do apoio ao presidente governar por decretos, principalmente durante o conflito, e correlações significativas para os *in-groups* com a percepção de ameaça, o que pode ter facilitado a legitimação da construção de um regime autoritário personalista por Putin. A confiança no presidente disparou no conflito, mas os grupos mais temerosos foram mais reticentes – preferências autoritárias não necessariamente se traduzem em popularidade ao presidente.

Inicialmente abordo as preferências por democracia[253], mensuradas através de uma escala em que "1" corresponde à defesa de uma "ditadura completa" e "10" a uma "democracia completa". Também observo a variação no grau em que a população percebe a Rússia como uma

[253] Questão PV91 do NRB, Democracy - Dictatorship: desired scale.

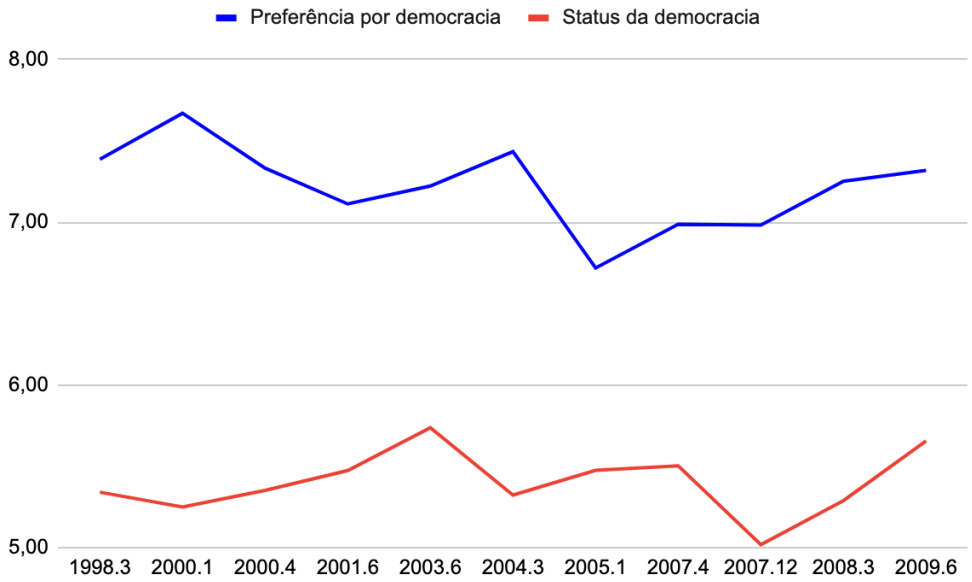
democracia[254], seguindo a mesma escala. Como discorri anteriormente, perguntas diretas sobre democracia revelam pouco sobre a existência de preferências autoritárias, seja pelo viés da desejabilidade social, seja pelas diferentes concepções subjetivas acerca do significado de "democracia". Nas palavras de Svolik (2019), "acredita-se que os respondentes 'apoiem a democracia' não quando dizem fazê-lo, mas quando suas escolhas revelam uma disposição para colocar princípios democráticos acima de interesses sectários".

Não obstante essas ressalvas, examinei a variável subjetiva. Conforme podemos observar no gráfico abaixo, em todo o período contemplado as médias de preferências estiveram mais próximas de uma "democracia completa" do que de uma "ditadura completa", variando entre 6,72 e 7,67. Ao mesmo tempo, a percepção acerca do status do regime russo registrou valores bem abaixo, entre 5,02 e 5,74, indicando uma relativa insatisfação com o sistema político e uma demanda por mais democracia. Se não tivesse conduzido os diversos testes de preferências autoritárias, seria levado a acreditar que as preferências por democracia na Rússia são de longe predominantes.

Apesar dos resultados favoráveis à democracia, é notável o decréscimo durante o conflito (de janeiro a abril de 2000), na fase pós-conflito (em junho de 2001) e, sobretudo, após o atentado à escola de Beslan, que possivelmente influenciou a variação brusca entre março de 2004 e janeiro de 2005. Testes de regressão (anexo 5.1), tendo como referência o *survey* de março de 1998, mostram uma correlação negativa significativa entre o período e preferências por democracia em junho de 2001, junho de 2003, janeiro de 2005 (com os maiores coeficientes, -0,796 ou -10,76%) e abril e dezembro de 2007 – nas análises conduzidas anteriormente, havia constatado uma queda nas preferências autoritárias após 2005. No *survey* de 2001, a correlação não é significativa para as minorias; mas no de 2005 é significativa e apresenta coeficiente muito maior do que para russos étnicos.

[254] Questão PV90 do NRB, Democracy - Dictatorship: current scale.

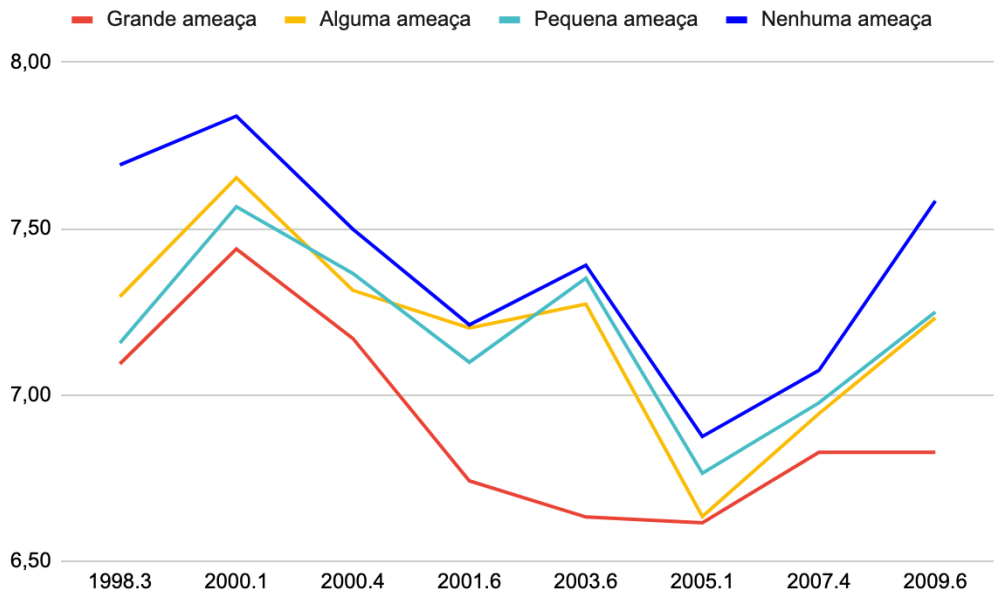
Figura 2.31 Preferência por democracia e avaliação do quão democrática é a Rússia



Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Escala: 1 = "ditadura completa"; 10 = "democracia completa".

Da mesma maneira que procedi com a análise de preferências autoritárias, verifiquei a relação entre o medo de minorias e preferências por democracia. Há indícios de uma correlação entre as variáveis, sobretudo na comparação entre aqueles que percebem minorias como "nenhuma" e "grande" ameaça (figura 2.32). A categoria mais temerosa registrou os valores mais baixos e se distanciou das demais em 2001, 2003 e 2009. Já a categoria menos temerosa registrou os valores mais altos e as categorias medianas pouco se diferenciaram entre si.

Figura 2.32 Preferência por democracia (escala de 1 a 10) subdividida por grupos de percepção de minorias como ameaça



Fonte: compilado pelo autor com base em surveys do New Russia Barometer.
Escala: 1 = "ditadura completa"; 10 = "democracia completa".

Conduzi testes de regressão visando identificar se de fato havia correlação entre as variáveis de interesse. Os resultados apresentaram coeficientes estatisticamente significativos em todos os modelos, com magnitude maior para "grande" ameaça. No modelo 3 da população geral com todos os controles e pesos amostrais, o decréscimo para esta categoria foi de -7,33% (-0,544) em comparação à "nenhuma" ameaça, cuja média é 7,42 na escala de 1 a 10. Os coeficientes para "alguma" (-4,73% ou -0,351) e "pequena" (-4,76% ou -0,353) ameaça foram relativamente próximos – em alguns modelos, "pequena" ameaça registrou coeficientes levemente maiores que "alguma". A variação entre as categorias é muito inferior à variação nas preferências autoritárias agregadas (analisadas nas subseções anteriores), que chegaram próximo a 30% para "grande" ameaça. Diferentemente do preconizado pelas hipóteses, os coeficientes são maiores para as minorias. Também cabe sublinhar que testes segmentados por alguns dos principais períodos de interesse (análises de corte transversal) foram pouco satisfatórios: em abril de 2000 não houve qualquer correlação significativa; em junho de 2001 e janeiro de 2005 houve correlação somente em alguns modelos – no geral, mais notável para russos étnicos[255].

[255] Tais testes serão disponibilizados em um repositório de dados da pesquisa.

Tabela 2.12 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências por democracia como conceito subjetivo

	Democracia_subjetiva								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	−0.301***	−0.281***	−0.353***	−0.386***	−0.334***	−0.424***	−0.357	−0.226	−0.391*
	(0.061)	(0.061)	(0.061)	(0.087)	(0.087)	(0.088)	(0.197)	(0.195)	(0.193)
Medo_minoriasAlguma ameaça	−0.267***	−0.263***	−0.351***	−0.308***	−0.270**	−0.373***	−0.564**	−0.471*	−0.586**
	(0.061)	(0.060)	(0.060)	(0.083)	(0.084)	(0.085)	(0.199)	(0.197)	(0.190)
Medo_minoriasGrande ameaça	−0.531***	−0.524***	−0.544***	−0.538***	−0.502***	−0.493***	−0.972***	−0.802**	−0.616*
	(0.074)	(0.074)	(0.074)	(0.099)	(0.100)	(0.101)	(0.261)	(0.259)	(0.255)
GeneroFeminino	0.062	0.073	0.113*	−0.040	−0.013	0.055	0.055	0.056	−0.070
	(0.047)	(0.047)	(0.047)	(0.064)	(0.064)	(0.064)	(0.155)	(0.152)	(0.149)
Idade	−0.014***	−0.014***	−0.015***	−0.016***	−0.014***	−0.014***	−0.019***	−0.017***	−0.017***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.005)	(0.005)	(0.005)
Renda	0.104***	0.112***	0.119***	0.145***	0.157***	0.191***	−0.019	−0.006	−0.005
	(0.019)	(0.019)	(0.019)	(0.026)	(0.026)	(0.026)	(0.060)	(0.059)	(0.058)
Tipo_localidadeRural	0.156	0.035	−0.058	0.260*	0.134	0.114	−0.168	−0.504	−0.687*
	(0.086)	(0.087)	(0.086)	(0.119)	(0.120)	(0.120)	(0.313)	(0.312)	(0.302)
Tamanho_populacao	0.043***	0.025*	0.016	0.066***	0.048**	0.036*	0.029	−0.020	−0.019
	(0.011)	(0.011)	(0.011)	(0.015)	(0.015)	(0.015)	(0.043)	(0.043)	(0.042)
PIB_pc_PPP		−0.00001	−0.00001		−0.0001***	−0.0001***		−0.0002**	−0.0003***
		(0.00001)	(0.00001)		(0.00003)	(0.00003)		(0.0001)	(0.0001)
PIB_pc_crescimento		−0.020***	−0.022***		0.019	0.022		−0.0004	0.023
		(0.005)	(0.005)		(0.014)	(0.013)		(0.037)	(0.035)
log(Inflacao)		0.303***	0.283***		0.126*	0.068		0.262	0.138
		(0.042)	(0.043)		(0.060)	(0.060)		(0.156)	(0.149)
Constant	7.493***	6.873***	7.068***	7.433***	7.684***	8.014***	8.362***	9.338***	10.381***
	(0.129)	(0.225)	(0.226)	(0.182)	(0.374)	(0.371)	(0.444)	(0.911)	(0.873)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	11,709	11,709	11,709	6,764	6,764	6,764	1,176	1,176	1,176
R^2	0.023	0.031	0.034	0.032	0.040	0.042	0.032	0.068	0.084
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

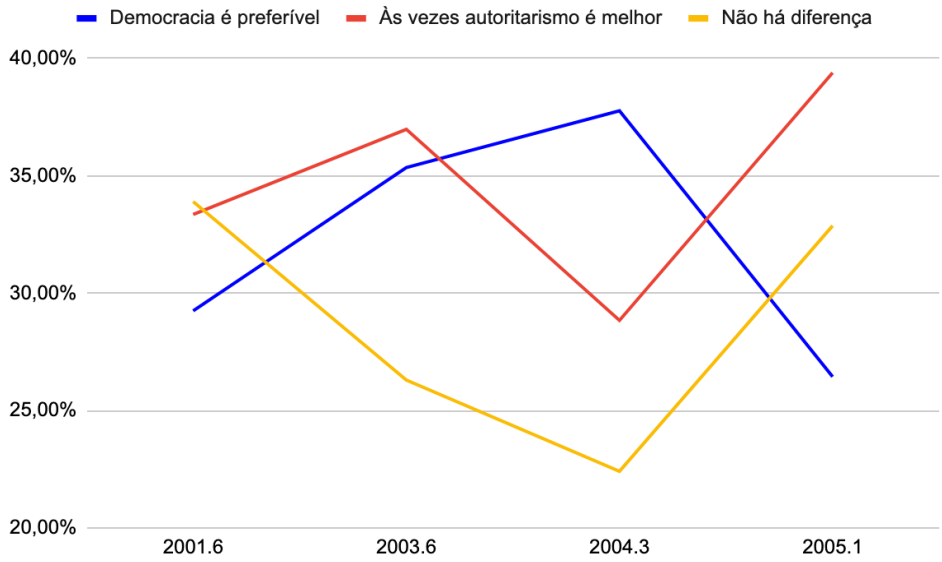
Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2002).

Em síntese, os resultados dos testes para o conceito de democracia subjetiva corroboram minhas hipóteses apenas em parte: há decréscimos substanciais para os períodos de conflito e correlações estatisticamente significativas com o medo de minorias. Por outro lado, as correlações são pouco significativas quando analiso os períodos de interesse em cortes transversais e, em alguns casos, minorias registraram coeficientes de maior magnitude do que os russos étnicos.

Uma outra variável do NRB, apresentada na seção metodológica, que permite examinar a relação entre medo de minorias e atitudes relacionadas a regimes é a "preferência por democracia"[256], com três opções: (1) democracia é sempre preferível, (2) às vezes autoritarismo é melhor e (3) não há diferença. Os dados contemplaram apenas quatro *surveys*, de 2001 a 2005, portanto, não pude estimar ao certo os possíveis efeitos da Segunda Guerra da Chechênia. No gráfico abaixo, é possível notar um aumento de preferências por democracia após 2001, com um pico de 37,77% em março de 2004. Deste último *survey* para janeiro de 2005 (após os atentados de Beslan) há uma queda brusca para 26,44% e um salto da resposta "o autoritarismo às vezes é melhor" para quase 40% e de "não há diferença" para 32,87%.

Figura 2.33 Preferências subjetivas de regime

[256] Questão pv75a do NRB, Preference for democracy.



Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Ao contrário das preferências escalares por democracia, a presente variável revela um menor comprometimento com a democracia, mesmo como conceito abstrato. Ou seja, há evidências de que na Rússia as preferências por democracia foram baixas ou sofreram quedas significativas tanto no nível objetivo, como vimos anteriormente com as inclinações autoritárias, quanto subjetivo. Estigmas e concepções pejorativas de fato foram difundidos na sociedade, como por exemplo, o termo *dermokratiya*[257] e a percepção de que democracias estão associadas à desordem. Em uma pesquisa do *World Values Survey* (INGLEHART ET AL., 2020) (anexo 5.2), conduzida em 50 países[258] entre 1995 e 1998, a Rússia (em 1995) obteve a pior avaliação para "democracia", seguida da Ucrânia e Belarus: apenas 44,8% responderam que "ter um sistema político democrático"[259] é positivo – destes, 4,8% disseram "muito bom" – e somente 42,9% consideram que "a democracia pode ter problemas, mas é o melhor sistema"[260]. O país também apresentou a segunda pior nota para a relação entre democracia e estabilidade política: quase 60% consentiram que "democracias não são boas em manter a ordem"[261], cerca de 70% que

[257] No russo "dermo" significa fezes.
[258] Outras ex-repúblicas soviéticas foram cobertas na terceira onda do *World Values Survey*, como o Azerbaijão, Belarus, Estônia, Geórgia, Lituânia, Moldávia e Ucrânia.
[259] Variável V157 do *World Values Survey Wave 3* (1995) (INGLEHART ET AL., 2020). Political system: Having a democratic political system. Respostas: "Very good" (4.8%), "Fairly good" (40.1%), "Fairly bad" (24.3%), "Very bad" (8.7%) e sem resposta (22.0%). N: 2.040.
[260] Variável V163 do *World Values Survey Wave 3* (1995) (INGLEHART ET AL., 2020). Democracy may have problems but is better: "Strongly agree" (7.2%), "Agree" (35.7%), "Disagree" (25.8%), "Strongly disagree" (4.2%) e não souberam responder (27.2%). N: 2.040.
[261] Variável V162 do *World Values Survey Wave 3* (1995) (INGLEHART ET AL., 2020). Democracies aren´t good at maintaining order. Respostas: "Strongly agree" (15.1%), "Agree" (44.7%), "Disagree" (23.1%), "Strongly disagree" (1.5%) e não souberam responder (15.5%). N: 2.040.

"democracias são muito indecisas e têm muitas disputas"[262] e 49,3% que em democracias o "sistema econômico funciona mal"[263] – um indício do trauma que os conturbados anos 1990 relegaram à população[264]. Na comparação com outros países (anexo 5.2), a Rússia esteve entre os que mais defenderam a "manutenção da ordem na nação" (63,3%) como prioridade – muito acima de outras questões como aumentar a responsividade do governo, combater a inflação e conferir maior liberdade de expressão[265]. Os altos valores para não respostas (entre 10 e 28%) podem ser um indicativo de que em 1995 a população ainda passava por um processo de socialização com o novo regime. Como vimos em diversas partes desta pesquisa, as atitudes autoritárias e democráticas variaram consideravelmente ao longo dos anos e a questão chechena influenciou nessa dinâmica. O *survey* do WVS foi conduzido ao longo da Primeira Guerra da Chechênia, mas como não temos os dados para o momento imediatamente anterior ao conflito, não podemos estimar o seu efeito.

Retomando a análise da variável subjetiva de regimes, transformei a variável em duas *dummies*: em uma, "a democracia é preferível" recebeu o valor "1" e as demais – "0", enquanto na outra o "autoritarismo às vezes é melhor" recebeu o valor "1" e as demais foram nulas. Em seguida, conduzi regressões *OLS* (adaptadas de *logit binomial)* para testar a sua relação com o medo de minorias. Os resultados confirmaram as expectativas (tabela 2.13): maior percepção de ameaça está associada a um decréscimo nas preferências por democracia, com alta significância estatística. A diferenciação entre as categorias é mais visível para russos étnicos (modelos 3 e 4), ao passo que para minorias (modelos 5 e 6) há significância somente na categoria mais temerosa. Cabe frisar que o número de observações para minorias é consideravelmente pequeno, dada a menor quantidade de *surveys*[266], o que pode ter contribuído para a baixa significância. As reduções para russos, comparadas à média de preferências de "nenhuma" ameaça (0,34), foram de -19,93% (-0,069) para "pequena", -21,96% (-0,076) para "alguma" e -29,18% (-0,101) para "grande" ameaça. Uma análise transversal segmentada em períodos mostrou que em 2001 houve decréscimos de maior magnitude e significância para russos étnicos (a categoria mais temerosa não obteve

[262] Variável V162 do *World Values Survey Wave 3* (1995) (INGLEHART ET AL., 2020). Democracies are indecisive and have too much squabbling. Respostas: "Strongly agree" (25.5%), "Agree" (44.2%), "Disagree" (18.2%), "Strongly disagree" (1.7%) e não souberam responder (10.3%). N: 2.040.
[263] Variável V160 do *World Values Survey Wave 3* (1995) (INGLEHART ET AL., 2020). In democracy, the economic system runs badly. Respostas: "Strongly agree" (14,4%), "Agree" (34.9%), "Disagree" (29.2%), "Strongly disagree" (3.4%) e não souberam responder (18.1%). N: 2.040.
[264] Essa é mais uma evidência contrária ao argumemto de Colton e McFaul (2002), segundo os quais não havia uma proeminência de inclinações antidemocráticas na sociedade russa.
[265] Variável V106 do *World Values Survey Wave 3* (1995) (INGLEHART ET AL., 2020). Aims of respondent: first choice. Respostas: "Maintaining order in the nation" (63.3%), "Giving people more say in important government decisions" (15.0%), "Fighting rising prices" (19.3%), "Protecting freedom of speech" (1.6%) e não souberam responder (0.7%). N: 2.040.
[266] Apenas os *surveys* de 2001 e 2005 têm dados para grupos étnicos.

significância), enquanto minorias tiveram maior significância apenas na categoria mais temerosa e inversa (maior percepção de ameaça associada a maior preferência democrática); em janeiro de 2005, russos tiveram correlação significativa para a categoria mais temerosa, maior que a da população geral, enquanto minorias não apresentaram significância.

Tabela 2.13 Relação entre percepção de minorias como ameaça e concordância com "a democracia é preferível"

	as.numeric(Democracia_preferivel)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	−0.071***	−0.077***	−0.074***	−0.064**	−0.074**	−0.069**	−0.057	−0.030	−0.009
	(0.017)	(0.018)	(0.018)	(0.023)	(0.024)	(0.023)	(0.045)	(0.047)	(0.047)
Medo_minoriasAlguma ameaça	−0.079***	−0.085***	−0.080***	−0.073**	−0.083***	−0.076***	−0.006	−0.010	0.007
	(0.017)	(0.017)	(0.017)	(0.022)	(0.023)	(0.023)	(0.048)	(0.050)	(0.048)
Medo_minoriasGrande ameaça	−0.075***	−0.078***	−0.076***	−0.080**	−0.098***	−0.101***	0.095	0.135*	0.176**
	(0.019)	(0.020)	(0.020)	(0.026)	(0.027)	(0.026)	(0.059)	(0.060)	(0.058)
GeneroFeminino		−0.008	−0.011		0.002	0.019		−0.078*	−0.099**
		(0.013)	(0.013)		(0.017)	(0.017)		(0.038)	(0.036)
Idade		−0.003***	−0.003***		−0.003***	−0.003***		−0.001	−0.002
		(0.0004)	(0.0004)		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)
Renda		0.023***	0.022***		0.031***	0.030***		0.008	0.013
		(0.005)	(0.005)		(0.007)	(0.007)		(0.015)	(0.015)
Tipo_localidadeRural		0.002	−0.004		0.011	0.028		−0.009	−0.080
		(0.025)	(0.024)		(0.032)	(0.031)		(0.078)	(0.075)
Tamanho_populacao		0.005	0.005		0.009*	0.013***		−0.008	−0.016
		(0.003)	(0.003)		(0.004)	(0.004)		(0.011)	(0.011)
PIB_pc_PPP		−0.00000	−0.00000		0.00000	0.00000		−0.00003*	−0.00005***
		(0.00001)	(0.00001)		(0.00001)	(0.00001)		(0.00001)	(0.00001)
Constant	0.362***	0.413***	0.428***	0.344***	0.331***	0.284***	0.274***	0.648***	0.821***
	(0.012)	(0.062)	(0.063)	(0.017)	(0.072)	(0.071)	(0.029)	(0.169)	(0.164)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	5,480	4,967	4,967	3,123	2,844	2,844	610	547	547
R^2	0.005	0.028	0.034	0.004	0.038	0.048	0.010	0.040	0.063
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Para a variável do "autoritarismo às vezes é melhor", a correlação com o medo de minorias é ainda mais expressiva: quanto maior a percepção de ameaça, maior o consentimento com o autoritarismo (tabela 2.14). Russos étnicos registraram coeficientes maiores que a população geral para a categoria mais temerosa; já as minorias não tiveram correlações significativas, por exceção de um coeficiente da categoria "pouca" ameaça. O aumento para russos em comparação à média da categoria "nenhuma" ameaça foi de 16,81% (0,052) para "pequena", 26,51% (0,082) para "alguma" e 39,12% (0,121) para "grande" ameaça. Mais uma vez, os testes evidenciaram uma relação significativa entre temer minorias e manifestar preferências contrárias à democracia como conceito abstrato – o efeito é maior para os *in-groups*. Nas análises transversais[267], encontrei correlações significativas para russos tanto em 2001 quanto 2005.

[267] As tabelas serão disponibilizadas em um repositório de dados da pesquisa.

Tabela 2.14 Relação entre percepção de minorias como ameaça e concordância com "autorismo é melhor às vezes"

	as.numeric(Pref_autoritarismo_as.vezes)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.059**	0.055**	0.048*	0.068**	0.063*	0.052*	−0.048	−0.073	−0.133*
	(0.018)	(0.019)	(0.019)	(0.024)	(0.026)	(0.026)	(0.050)	(0.053)	(0.054)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.078***	0.072***	0.069***	0.083***	0.080**	0.082**	0.058	0.048	0.033
	(0.017)	(0.019)	(0.019)	(0.024)	(0.025)	(0.025)	(0.052)	(0.056)	(0.056)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.079***	0.072***	0.085***	0.102***	0.102***	0.121***	−0.023	−0.061	−0.116
	(0.020)	(0.021)	(0.021)	(0.027)	(0.029)	(0.029)	(0.065)	(0.068)	(0.067)
GeneroFeminino		−0.049***	−0.054***		−0.057**	−0.070***		0.023	0.086*
		(0.014)	(0.014)		(0.019)	(0.018)		(0.042)	(0.041)
Idade		0.0002	0.001		0.0002	0.001		−0.001	−0.002
		(0.0004)	(0.0004)		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)
Renda		0.014*	0.019***		0.009	0.010		0.038*	0.038*
		(0.006)	(0.006)		(0.007)	(0.007)		(0.017)	(0.017)
Tipo_localidadeRural		0.008	−0.008		0.027	−0.006		−0.042	0.046
		(0.026)	(0.026)		(0.034)	(0.034)		(0.087)	(0.087)
Tamanho_populacao		−0.001	−0.003		−0.001	−0.003		0.010	0.015
		(0.004)	(0.003)		(0.004)	(0.004)		(0.013)	(0.013)
PIB_pc_PPP		0.00001**	0.00002**		0.00001*	0.00001*		0.00004*	0.0001***
		(0.00001)	(0.00001)		(0.00001)	(0.00001)		(0.00002)	(0.00002)
Constant	0.323***	0.174**	0.129	0.307***	0.188*	0.170*	0.391***	0.016	−0.205
	(0.013)	(0.066)	(0.068)	(0.018)	(0.078)	(0.078)	(0.032)	(0.189)	(0.189)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	5,480	4,967	4,967	3,123	2,844	2,844	610	547	547
R^2	0.004	0.010	0.012	0.006	0.012	0.015	0.006	0.057	0.076
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

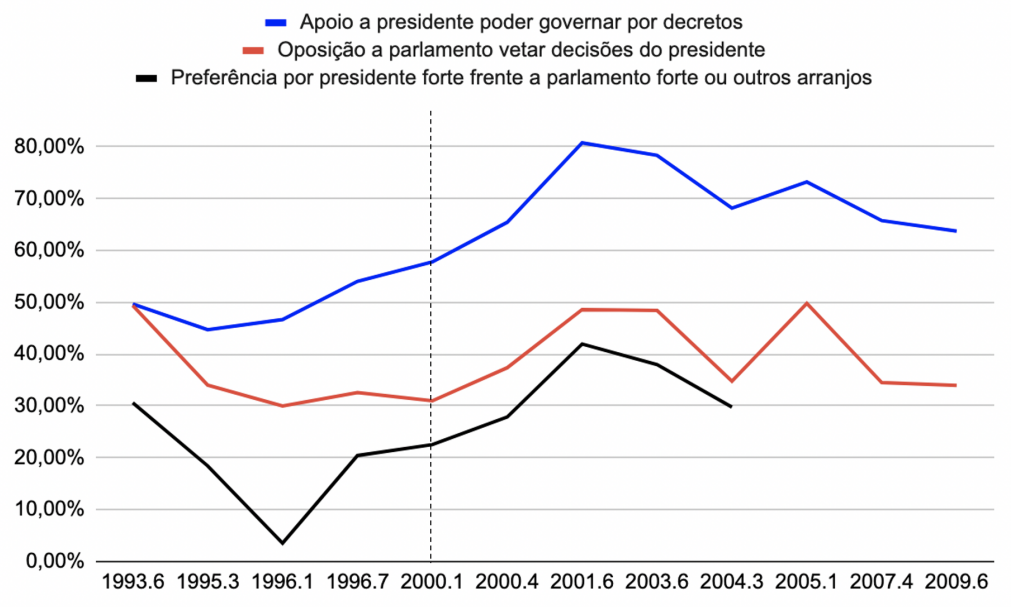
Conforme discorri na introdução desta seção, há três variáveis do NRB que podem contribuir para examinar parte do argumento central, são elas: o apoio ao presidente governar por decretos[268], a oposição ao parlamento vetar decisões do presidente[269] e a preferência por um presidente forte[270], em vez de um parlamento forte ou outros arranjos. Meu argumento preconiza que as preferências por um regime autoritário sobem durante conflitos domésticos por indivíduos, integrantes sobretudo dos *in-groups*, o verem como mais eficaz em resolver conflitos e manter *out-groups* sob controle. A eficácia e celeridade estariam relacionadas à concepção de que incumbentes em regimes autoritários contam com menos restrições e pontos de veto característicos do sistema de pesos e contrapesos em democracias. Logo, espero encontrar aumento no apoio a poderes excepcionais do presidente em períodos de conflito.

Como o gráfico abaixo revela, a partir da Segunda Guerra da Chechênia até o *survey* de junho de 2001, há um crescimento acentuado para o apoio ao presidente governar por decretos, para a oposição ao parlamento vetar decisões do presidente e para as preferências por um presidente forte frente a outros arranjos. Registraram-se picos de, respectivamente, 80,75%, 48,6% e 41,9%. De março de 2004 a janeiro de 2005 há um novo incremento – a oposição ao veto do

[268] Questão pv2 do NRB, President can rule by decree.
[269] Questão pv4 do NRB, Parliament can veto President decisions. Como mencionei na seção metodológica, inverti a ordem da escala.
[270] Questão pvprpar do NRB, Prefer Presidential or Parliament Republic. Transformei essa variável em uma *dummy*.

parlamento subiu de 34,77% para 49,78%, a despeito de *surveys*[271] terem mostrado uma queda na popularidade de Putin de 81% para 65% no mesmo período.

Figura 2.34 Preferências por poderes fortes ao presidente



Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer.

Possivelmente, preferências por um regime autoritário e um presidente forte não se traduzem automaticamente em apoio ao incumbente. Ao mesmo tempo, há indícios de uma certa proximidade entre popularidade e preferências institucionais: na Primeira Guerra da Chechênia (1995-1996) houve um decréscimo nos indicadores, quando comparados ao referencial de junho de 1993, o que pode estar relacionado tanto ao descontentamento com o governo Yeltsin de forma geral quanto ao seu desempenho no conflito, com resultados pouco satisfatórios. Análises de regressão (adaptadas a modelos *OLS*) na variação anual do poder de decreto do presidente (anexo 5.3), em comparação à média de junho de 1993 (2,54 na escala de 1 a 4), confirmam um decréscimo na Primeira Guerra da Chechênia, um crescimento significativo a partir da Segunda Guerra da Chechênia, de 7,57% (0,192) em janeiro e 12,03% (0,305) em abril de 2000, além de um pico em 2001, com 24,09% (0,611), e uma uma considerável estabilização nos anos seguintes. Diferentemente do esperado, os coeficientes para *out-groups* têm maior magnitude do que os coeficientes para *in-groups* em todos os modelos e períodos. Já a oposição ao parlamento vetar decisões do presidente (anexo 5.4) apresentou coeficientes negativos significativos após junho de 1993. De janeiro a abril de 2000, a magnitude dos coeficientes se reduziu e a partir de 2001 registrou coeficientes positivos, mas sem significância estatística. Nos *surveys* de 2004, 2007 e

[271] LEVADA-CENTER. Odobreniye organov vlasti. Odobreniye deyatel'nosti Vladimira Putina [Aprovação de órgãos estatais. Aprovação da atuação de Vladimir Putin]. Disponível em: <https://www.levada.ru/indikatory/odobrenie-organov-vlasti/>. Acesso em: 20.01.2022.

2009, novamente observaram-se decréscimos significativos. No que concerne à preferência por um presidente forte frente a outros arranjos (anexo 5.5), uma variável *dummy*, os *surveys* após 1993 registraram coeficientes negativos, sobretudo para os *in-groups*. Somente em abril de 2000 os coeficientes negativos deixaram de ser estatisticamente significativos e em 2001 (principalmente para *out-groups*) e 2003 foram positivos e significativos, com aumento, respectivamente, de 34,60% (0,110) e 26,74% (0,085) para a população geral, em comparação à média de junho de 1993 (0,32). Vale ressaltar que a preferência por um presidente forte não alcançou os 50% da população.

Uma estratégia para dissociar, ao menos em parte, o efeito da popularidade presidencial nas preferências por poderes fortes ao incumbente é analisar a correlação com a percepção de minorias como ameaça. Meus primeiros testes de regressão (tabela 2.15, adaptada a regressões *OLS*), apontam para uma correlação significativa entre o medo de minorias e o apoio ao presidente poder governar por decretos, principalmente para os *in-groups*. Levando-se em conta os diferentes graus de ameaça, russos étnicos apresentaram correlações mais positivas e de maior magnitude: em comparação à média de "nenhuma" ameaça (2,68 na escala de 1 a 4 de apoio) há um crescimento de 2,87% (0,077) para "alguma" ameaça e de 6,44% (0,173) para "grande" ameaça. A população geral e as minorias registraram decréscimos em alguns níveis. Examinando as variações ano a ano[272], com corte transversal, identifiquei pouca significância ou correlação negativa nos *surveys* de 1996. Em janeiro e abril de 2000, na Segunda Guerra da Chechênia, há correlações significativas para a categoria mais temerosa, por exceção dos *out-groups*; enquanto em 2001 há apenas correlação negativa, na categoria "pequena" ameaça. Os *surveys* de 2003 e 2009 registraram algumas correlações positivas e o de 2005 (anexo 5.6), pouco após os atentados de Beslan, a correlação mais notável de todo o período, com magnitude superior para *in-groups* e nenhuma significância para *out-groups*. Neste ano, o crescimento no apoio de russos foi de 6,94% (0,194) para "pequena" ameaça, 9,09% (0,254) para "alguma" e 14,18% (0,396) para "grande" ameaça, comparando-se à média (2,79 na escala de 1 a 4) de "nenhuma". Como veremos mais adiante, 2005 foi exatamente o ano em que se implementou uma das mudanças institucionais mais polêmicas do governo Putin – a abolição das eleições diretas para governador em favor da indicação presidencial. Em síntese, quanto maior a percepção de minorias como ameaça, maior é o apoio a uma a poderes amplos para o presidente governar.

[272]As tabelas serão disponibilizadas em um repositório de dados da pesquisa.

Tabela 2.15 Relação entre percepção de minorias como ameaça e apoio ao presidente governar por decretos

	as.numeric(Apoio_decreto_presidente)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.021	0.005	0.003	0.031	0.039	0.042	−0.125*	−0.117	−0.029
	(0.019)	(0.021)	(0.021)	(0.025)	(0.029)	(0.029)	(0.054)	(0.064)	(0.066)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.077***	0.051*	0.030	0.088***	0.083**	0.077**	−0.042	−0.053	−0.053
	(0.019)	(0.021)	(0.021)	(0.024)	(0.028)	(0.028)	(0.058)	(0.066)	(0.065)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.158***	0.143***	0.159***	0.150***	0.165***	0.173***	0.202**	0.170*	0.275**
	(0.024)	(0.026)	(0.026)	(0.031)	(0.033)	(0.033)	(0.078)	(0.085)	(0.086)
GeneroFeminino		−0.021	−0.023		−0.019	−0.029		−0.005	0.015
		(0.016)	(0.016)		(0.022)	(0.021)		(0.051)	(0.051)
Idade		0.0003	0.0003		0.0003	−0.00002		−0.001	−0.002
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.002)
Renda		−0.028***	−0.022***		−0.023**	−0.016		−0.004	0.004
		(0.007)	(0.007)		(0.009)	(0.009)		(0.020)	(0.020)
Tipo_localidadeRural		−0.024	−0.016		−0.053	0.009		−0.083	−0.030
		(0.030)	(0.030)		(0.040)	(0.040)		(0.106)	(0.105)
Tamanho_populacao		−0.006	−0.008*		−0.008	−0.005		−0.025	−0.021
		(0.004)	(0.004)		(0.005)	(0.005)		(0.014)	(0.014)
PIB_pc_PPP	0.00002***	−0.00001**	−0.00001	0.0001***	−0.0001***	−0.00004*	−0.00000	−0.0002***	−0.0002***
	(0.00000)	(0.00000)	(0.00000)	(0.00001)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento	0.009***	−0.005*	−0.004	0.009***	−0.013**	−0.010*	0.013*	−0.032**	−0.021*
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.004)	(0.004)	(0.006)	(0.010)	(0.010)
log(Inflacao)	−0.088***	−0.242***	−0.229***	−0.056***	−0.338***	−0.278***	−0.112***	−0.598***	−0.491***
	(0.010)	(0.017)	(0.017)	(0.013)	(0.034)	(0.033)	(0.030)	(0.078)	(0.078)
Constant	2.927***	3.903***	3.822***	2.552***	4.735***	4.193***	3.240***	6.994***	6.113***
	(0.061)	(0.112)	(0.110)	(0.091)	(0.252)	(0.250)	(0.208)	(0.587)	(0.588)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,916	12,300	12,300	10,801	7,405	7,405	1,876	1,242	1,242
R^2	0.061	0.069	0.060	0.047	0.066	0.057	0.071	0.098	0.090
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Ordered logit*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009) e em dados do World Bank (2022).

No que tange à oposição ao veto das decisões do presidente pelo parlamento, também encontrei correlações significativas (tabela 2.16). O efeito tem maior magnitude para russos étnicos, com crescimento de 3,61% (0,082) para "pequena", 3,22% (0,073) para "alguma" e 5,16% (0,117) para "grande" ameaça, em comparação à média de 2,27 de "nenhuma", na escala de 1 (concordo totalmente com o parlamento poder vetar) a 4 (discordo totalmente). Diferentemente dos russos, a população geral e as minorias não apresentaram correlações positivas e significativas em todos os modelos ou categorias. Nas análises transversais ano a ano[273], encontrei correlações significativas em janeiro de 1996, mas poucas, nenhuma ou negativas nos demais anos. O medo de minorias, portanto, tem uma pequena associação com a oposição ao parlamento poder vetar decisões presidenciais.

[273] As tabelas serão disponibilizadas em um repositório de dados da pesquisa.

Tabela 2.16 Relação entre percepção de minorias como ameaça e oposição ao parlamento vetar decisões do presidente

	as.numeric(Oposicao_veto_parlamento)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.078***	0.010	0.036	0.057*	0.027	0.082**	0.105*	0.075	0.135*
	(0.019)	(0.022)	(0.022)	(0.024)	(0.028)	(0.029)	(0.053)	(0.064)	(0.066)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.056**	−0.002	−0.001	0.062**	0.036	0.073**	0.010	−0.0001	−0.012
	(0.019)	(0.021)	(0.021)	(0.023)	(0.027)	(0.027)	(0.057)	(0.066)	(0.065)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.071**	0.042	0.051	0.068*	0.066*	0.117***	0.102	0.068	0.037
	(0.024)	(0.026)	(0.026)	(0.030)	(0.033)	(0.033)	(0.077)	(0.085)	(0.086)
GeneroFeminino		−0.004	0.010		−0.008	0.008		0.008	−0.001
		(0.016)	(0.017)		(0.021)	(0.021)		(0.051)	(0.051)
Idade		−0.002***	−0.002***		−0.002***	−0.002***		−0.0004	0.001
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.002)
Renda		−0.009	−0.020**		−0.016	−0.029***		0.022	0.013
		(0.007)	(0.007)		(0.008)	(0.008)		(0.020)	(0.020)
Tipo_localidadeRural		0.016	0.028		−0.023	−0.008		0.073	0.033
		(0.031)	(0.031)		(0.039)	(0.039)		(0.106)	(0.104)
Tamanho_populacao		−0.001	−0.0001		−0.004	−0.006		−0.002	−0.004
		(0.004)	(0.004)		(0.005)	(0.005)		(0.014)	(0.014)
PIB_pc_PPP	0.00002***	−0.00003***	−0.00003***	0.0001***	−0.00002	−0.00001	0.0001***	−0.00004	−0.00001
	(0.00000)	(0.00000)	(0.00000)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00002)	(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento	0.005**	−0.015***	−0.014***	−0.003	−0.028***	−0.028***	−0.005	−0.021*	−0.023*
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.004)	(0.004)	(0.006)	(0.010)	(0.010)
log(Inflacao)	0.007	−0.227***	−0.210***	0.038**	−0.255***	−0.229***	−0.00001	−0.238**	−0.211**
	(0.010)	(0.017)	(0.017)	(0.012)	(0.033)	(0.033)	(0.029)	(0.078)	(0.078)
Constant	2.146***	3.572***	3.454***	1.412***	3.709***	3.500***	1.793***	3.451***	3.200***
	(0.061)	(0.113)	(0.112)	(0.087)	(0.244)	(0.244)	(0.205)	(0.587)	(0.585)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,755	12,182	12,182	10,777	7,394	7,394	1,873	1,239	1,239
R^2	0.006	0.025	0.021	0.024	0.033	0.034	0.015	0.028	0.030
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009) e em dados do World Bank (2022).

Já a terceira variável de interesse, o apoio a um presidente forte, em vez de outros arranjos como um parlamento forte, um impasse (poderes iguais) ou nenhum poder (antiautoridade), registrou correlações significativas para a população geral e os *in-groups* (tabela 2.17). Os coeficientes da população geral, com os devidos controles, foram significativos para a percepção de "grande" ameaça, com um aumento de 17,48% (0,041) em comparação à média de "nenhuma" ameaça (0,23). Quando examinei as regressões em corte transversal por período, identifiquei correlações positivas e significativas em janeiro de 1996, janeiro de 2000 e poucas em abril de 2000. Não há correlação em junho de 2001 e em junho de 2003 a correlação é significativa apenas para "alguma" ameaça, no modelo sem os pesos amostrais. Logo, há associação entre o medo de minorias e o apoio a um presidente forte, mas com baixa saliência no período de conflito.

Tabela 2.17 Relação entre percepção de minorias como ameaça e apoio a um presidente forte frente a outros arranjos (parlamento forte, impasse ou antiautoridade)

	as.numeric(Presidente_forte)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.044***	0.019	0.013	0.022	0.016	0.020	0.037	0.014	0.016
	(0.011)	(0.013)	(0.013)	(0.013)	(0.015)	(0.016)	(0.028)	(0.035)	(0.036)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.039***	0.023	0.013	0.017	0.020	0.026	0.010	0.001	−0.033
	(0.011)	(0.013)	(0.013)	(0.013)	(0.014)	(0.015)	(0.030)	(0.036)	(0.035)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.046***	0.045**	0.041**	0.029	0.048**	0.051**	0.075	0.087	0.069
	(0.014)	(0.015)	(0.015)	(0.016)	(0.017)	(0.017)	(0.041)	(0.047)	(0.048)
GeneroFeminino		−0.014	−0.015		−0.007	−0.012		−0.002	−0.002
		(0.010)	(0.010)		(0.011)	(0.011)		(0.028)	(0.028)
Idade		−0.00003	−0.0001		−0.0002	−0.0001		0.001	0.001
		(0.0003)	(0.0003)		(0.0004)	(0.0003)		(0.001)	(0.001)
Renda		−0.009*	−0.010**		−0.012**	−0.007		0.013	0.001
		(0.004)	(0.004)		(0.005)	(0.005)		(0.011)	(0.011)
Tipo_localidadeRural		−0.018	−0.017		−0.038	−0.045*		0.046	0.034
		(0.019)	(0.019)		(0.021)	(0.021)		(0.060)	(0.060)
Tamanho_populacao		−0.003	−0.004		−0.003	−0.007**		−0.005	−0.006
		(0.002)	(0.002)		(0.003)	(0.003)		(0.008)	(0.008)
PIB_pc_PPP	0.0001***	0.00000	0.00000	0.0002***	0.0005***	0.0005***	0.0001***	0.001***	0.001***
	(0.00000)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00001)	(0.0001)	(0.0001)	(0.00002)	(0.0001)	(0.0001)
PIB_pc_crescimento	0.001	0.001	0.002	−0.003*	0.029***	0.029***	−0.004	0.034***	0.044***
	(0.001)	(0.002)	(0.002)	(0.001)	(0.004)	(0.004)	(0.003)	(0.009)	(0.009)
log(Inflacao)	−0.001	−0.120***	−0.102***	−0.004	0.335***	0.332***	−0.044**	0.398**	0.523***
	(0.006)	(0.016)	(0.016)	(0.006)	(0.051)	(0.050)	(0.014)	(0.137)	(0.132)
Constant	−0.241***	0.751***	0.656***	−0.786***	−4.217***	−4.140***	−0.261	−4.916***	−5.956***
	(0.042)	(0.131)	(0.130)	(0.058)	(0.544)	(0.535)	(0.134)	(1.451)	(1.392)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	11,878	7,788	7,788	8,794	5,496	5,496	1,507	896	896
R^2	0.043	0.088	0.069	0.060	0.107	0.089	0.050	0.114	0.098
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

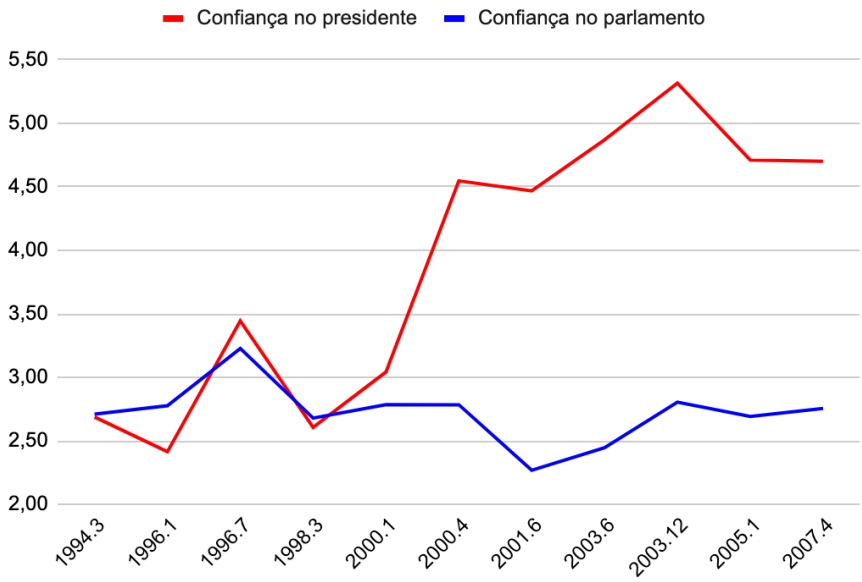
Regressão *OSL* adaptada. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009) e em dados do World Bank (2022).

Finalmente, a última análise desta seção corresponde à comparação entre a variação da confiança no presidente[274] e no parlamento[275]. De acordo com o meu argumento, seria esperado um aumento na confiança no presidente, mais "apto" a solucionar o conflito, e um decréscimo ou nenhum aumento na confiança no parlamento, por ser concebido como uma instituição pouco capaz de garantir ordem e prover segurança, além de ser um possível contrapeso a um poder hegemônico do incumbente. A relação pode estar condicionada pela percepção de *out-groups* como ameaça. Anteriormente, exibi gráficos com os percentuais de confiança em diferentes instituições, com base em pesquisas do Levada-Center. Para a presente análise, contudo, recorri aos *surveys* do NRB, que utilizaram medidas escalares: como mencionei na seção metodológica, "1" corresponde a "nenhuma confiança" e "7" a "grande confiança". As variações podem ser visualizadas no gráfico abaixo. É notável como de janeiro a abril de 2000, em meio à Segunda Guerra da Chechênia, ocorre um grande salto na confiança no presidente e praticamente nenhuma variação para o parlamento. De 2001 a 2003, há um novo incremento, que decresce em 2005 e mantém o mesmo nível em 2007. A confiança no presidente, com médias acima de 4,5, contraposta a médias inferiores a 3,00 para o parlamento, indica que a construção do "sistema vertical de poder" por Putin contou com elevado grau de legitimidade. Nos modelos de regressão *OLS* com as variações por período (anexo 5.7), podemos constatar coeficientes superiores aos de janeiro de

[274] Questão pv57 do NRB, Trust in President.
[275] Questão pv50a do NRB, Trust in Parliament.

1996 em todos os períodos seguintes. De janeiro a abril de 2000 houve um acréscimo de 1,48 na escala de 1 a 7, a maior variação da série. O coeficiente de abril foi 83,63% (2,021) superior à média de janeiro de 1996 (2,42). Nos anos seguintes, a confiança manteve valores consideravelmente altos, atingindo um pico no *survey* de dezembro de 2003, com 118,15% (2,855) em relação a 1996. Os coeficientes para *out-groups* são maiores que para *in-groups*, ou seja, minorias confiam mais no incumbente do que russos étnicos. Já a confiança no parlamento (anexo 5.8) apresentou coeficientes positivos significativos, em comparação à média de janeiro de 1996 (2,78), somente em julho do mesmo ano e em períodos relativamente "pacíficos", como 2007, 2008 e 2009. Em junho de 2001, junho de 2003 e março de 2004 registraram-se coeficientes negativos significativos, respectivamente, -21,90% (-0,609), -13,66% (-0,380) e -6,90% (-0,192). Por sua vez, em março de 1998 e janeiro de 2005 apenas para russos étnicos tiveram coeficientes negativos significativos.

Figura 2.35 Confiança no presidente e no parlamento (escala de 1 a 7)



Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Assim como procedi com outras variáveis, testei a correlação entre medo de minorias e a confiança no presidente (tabela 2.18). Foram identificadas correlações negativas para a categoria mais temerosa, sobretudo para os *in-groups*, cujo decréscimo foi de -8,35% (-0,287) em comparação à média de "nenhuma" ameaça (3,44). Nas análises transversais por períodos[276], encontrei correlações negativas significativas para os *surveys* de janeiro e julho de 1996, janeiro e abril de 2000 e abril de 2007. Em alguns períodos (inclusive no conflito), portanto, quanto maior

[276] As tabelas serão disponibilizadas em um repositório de dados da pesquisa.

o medo de minorias, menor foi a confiança no presidente. Já os *surveys* de 2001, 2003 e 2005 apresentaram pouca ou nenhuma significância.

Tabela 2.18 Relação entre percepção de minorias como ameaça e confiança no presidente

	Confianca_presidente								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	−0.013	−0.015	−0.001	−0.065	−0.045	−0.018	0.060	−0.161	−0.248*
	(0.038)	(0.042)	(0.042)	(0.047)	(0.052)	(0.052)	(0.102)	(0.117)	(0.119)
Medo_minoriasAlguma ameaça	−0.039	−0.030	−0.045	−0.070	−0.033	−0.057	−0.026	−0.155	−0.144
	(0.038)	(0.041)	(0.042)	(0.046)	(0.051)	(0.051)	(0.110)	(0.123)	(0.120)
Medo_minoriasGrande ameaça	−0.215***	−0.191***	−0.185***	−0.281***	−0.259***	−0.287***	−0.309*	−0.396*	−0.296
	(0.047)	(0.051)	(0.050)	(0.058)	(0.062)	(0.061)	(0.147)	(0.162)	(0.163)
GeneroFeminino		0.041	0.054		−0.021	0.012		0.028	0.029
		(0.032)	(0.032)		(0.039)	(0.039)		(0.093)	(0.093)
Idade		0.004***	0.002*		0.006***	0.005***		−0.004	−0.004
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		0.016	−0.005		0.001	−0.008		0.005	−0.029
		(0.013)	(0.013)		(0.016)	(0.016)		(0.036)	(0.036)
Tipo_localidadeRural		0.190**	0.162**		0.268***	0.278***		0.552**	0.475*
		(0.060)	(0.060)		(0.074)	(0.072)		(0.194)	(0.192)
Tamanho_populacao		−0.003	−0.012		0.014	0.011		0.041	0.033
		(0.008)	(0.008)		(0.009)	(0.009)		(0.026)	(0.026)
PIB_pc_PPP	0.0001***	0.0001***	0.0001***	0.0003***	0.0003***	0.0003***	0.0003***	0.0003***	0.0003***
	(0.00001)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00004)	(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento	0.085***	0.120***	0.113***	0.062***	0.102***	0.095***	0.061***	0.123***	0.113***
	(0.004)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.011)	(0.013)	(0.013)
log(Inflacao)	−0.282***	−0.197***	−0.223***	−0.148***	−0.035	−0.052	−0.140*	0.019	0.007
	(0.021)	(0.023)	(0.024)	(0.024)	(0.027)	(0.027)	(0.056)	(0.063)	(0.062)
Constant	3.903***	3.025***	3.227***	2.077***	0.831***	0.784***	1.890***	0.564	0.664
	(0.110)	(0.152)	(0.151)	(0.164)	(0.211)	(0.211)	(0.376)	(0.490)	(0.489)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,004	13,081	13,081	10,832	8,768	8,768	2,009	1,516	1,516
R^2	0.163	0.198	0.184	0.157	0.208	0.196	0.162	0.228	0.219
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009) e em dados do World Bank (2022).

Verifiquei também a relação entre o medo de minorias e a confiança no parlamento (tabela 2.19). Constaram-se correlações negativas significativas para as categorias "alguma" e "grande" ameaça, mais salientes do que as correlações da confiança no presidente. O efeito é levemente maior para russos étnicos do que para a população geral e pouco significativo para as minorias. Em relação à média da categoria "nenhuma" ameaça (2,80), russos tiveram decréscimo de -5,76% (-0,161) para "alguma" e -14,95% (-0,418) para "grande". Já as análises transversais por período revelaram correlações negativas significativas para quase todos os períodos, por exceção de julho de 1996 e janeiro de 2005 – este último, teve significância apenas para russos étnicos, na categoria dos mais temerosos. O período da Segunda Guerra da Chechênia exibiu uma das correlações de maior magnitude e significância. Na maioria dos casos, o efeito é maior para *in-groups* do que para *out-groups*. Portanto, pode-se afirmar que uma maior percepção de minorias como ameaça está associada a uma menor confiança no parlamento, em quase todo o período.

Tabela 2.19 Relação entre percepção de minorias como ameaça e confiança no parlamento

	Confianca_parlamento								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	−0.010	−0.020	−0.015	−0.052	−0.056	−0.063	0.256**	0.169	0.169
	(0.030)	(0.033)	(0.033)	(0.039)	(0.044)	(0.044)	(0.086)	(0.100)	(0.102)
Medo_minoriasAlguma ameaça	−0.138***	−0.146***	−0.158***	−0.143***	−0.156***	−0.161***	−0.015	−0.124	−0.246*
	(0.030)	(0.033)	(0.033)	(0.039)	(0.043)	(0.043)	(0.093)	(0.104)	(0.102)
Medo_minoriasGrande ameaça	−0.350***	−0.357***	−0.371***	−0.367***	−0.376***	−0.418***	−0.137	−0.327*	−0.209
	(0.039)	(0.042)	(0.041)	(0.048)	(0.052)	(0.052)	(0.124)	(0.138)	(0.138)
GeneroFeminino		0.063*	0.071**		0.037	0.057		0.096	0.092
		(0.026)	(0.026)		(0.033)	(0.033)		(0.080)	(0.079)
Idade		0.003***	0.002*		0.007***	0.005***		0.001	−0.0003
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.002)
Renda		−0.005	−0.012		0.017	0.011		−0.094**	−0.110***
		(0.010)	(0.010)		(0.013)	(0.013)		(0.031)	(0.031)
Tipo_localidadeRural		0.125*	0.152**		0.115	0.139*		−0.084	−0.089
		(0.049)	(0.048)		(0.062)	(0.061)		(0.166)	(0.164)
Tamanho_populacao		0.001	0.001		−0.008	−0.008		−0.021	−0.024
		(0.006)	(0.006)		(0.008)	(0.008)		(0.022)	(0.023)
PIB_pc_PPP	0.00002***	0.00004***	0.00004***	−0.00003*	−0.00001	−0.00001	−0.00003	−0.00001	0.0001*
	(0.00000)	(0.00000)	(0.00000)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00003)	(0.00003)	(0.00003)
PIB_pc_crescimento	−0.026***	−0.014***	−0.019***	−0.013***	0.008	0.001	0.0004	0.025*	0.017
	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.009)	(0.011)	(0.011)
log(Inflacao)	0.031	0.068***	0.059**	0.017	0.084***	0.071**	0.025	0.103	0.110*
	(0.017)	(0.019)	(0.019)	(0.020)	(0.023)	(0.023)	(0.047)	(0.054)	(0.053)
Constant	2.614***	2.115***	2.223***	2.975***	2.166***	2.281***	2.869***	2.695***	2.329***
	(0.091)	(0.126)	(0.126)	(0.138)	(0.179)	(0.179)	(0.317)	(0.417)	(0.417)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	17,373	14,216	14,216	10,831	8,773	8,773	1,999	1,511	1,511
R^2	0.024	0.025	0.031	0.013	0.017	0.019	0.009	0.022	0.029
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009) e em dados do World Bank (2022).

Como minhas hipóteses preconizaram, de fato houve um aumento vertiginoso na confiança no presidente durante a Segunda Guerra da Chechênia, refletindo uma maior capacidade de Putin em prover segurança – algo que poderia ter tomado outros contornos, dependendo dos resultados do conflito. Já a confiança no parlamento pouco se alterou e, inclusive, passou por decréscimos em alguns momentos. Quando examinei a percepção de minorias como ameaça, encontrei resultados inesperados: em vários *surveys* a correlação é negativa – mais temerosos confiam menos no incumbente. Por sua vez, a confiança no parlamento teve desempenho próximo ao esperado: mais temerosos manifestaram menor confiança, principalmente durante o conflito. Possivelmente, indivíduos mais temerosos têm a tendência de confiar menos nas instituições estatais, independentemente do regime de sua preferência. Ademais, como vimos anteriormente, indivíduos mais temerosos não veem avanços na "ordem política" sob Putin. Embora tais grupos sejam mais reticentes ao incumbente, Putin pode ter sido beneficiado por atender (de maneira subótima) às suas expectativas de regime.

Os testes da presente seção reforçaram parte dos meus achados nas seções principais. Há evidências de que indivíduos que mais temem *out-groups* não apenas manifestam preferências autoritárias objetivas, mas também veem o conceito abstrato e subjetivo de "democracia" de maneira mais negativa do que indivíduos não temerosos. Perguntas acerca da democracia como conceito abstrato estão mais sujeitas ao viés de desejabilidade social e são sensíveis à formulação do enunciado. Mesmo assim, a Rússia apresentou uma das piores avaliações em pesquisas envolvendo dezenas de países: a população associou a democracia a uma menor estabilidade

política e econômica. Alguns *surveys* do NRB sugerem que as preferências democráticas são responsivas à dinâmica do conflito. No que diz respeito ao argumento de que em situações de conflito indivíduos têm maior propensão a apoiar poderes excepcionais ao incumbente, observamos crescimentos significativos durante e imediatamente após a fase intensa do conflito: em junho de 2001, o apoio ao presidente governar por decretos alcançou o pico de 80% da população. Na análise da relação com a percepção de minorias como ameaça, apenas o apoio ao governo por decretos registrou correlações consistentes, com significância para *in-groups* inclusive no auge do conflito e, principalmente, em janeiro de 2005, após o atentado de Beslan. A oposição ao parlamento vetar decisões presidenciais e a preferência por um presidente forte apresentaram correlações significativas nos modelos principais, mas quando analisadas de maneira transversal por período, com destaque ao momento do conflito, os resultados foram insatisfatórios. Por fim, na análise da confiança institucional, identifiquei um crescimento vertiginoso para a confiança no presidente durante o conflito e pouca variação para a confiança no parlamento. A percepção de minorias como ameaça é, contudo, negativamente correlacionada com a confiança institucional: indivíduos mais temerosos confiam menos no presidente e, sobretudo, no parlamento.

O exame da dicotomia *in-groups* / *out-groups* apresentou resultados pouco conclusivos, mas mais favoráveis à confirmação das hipóteses. Minorias registraram coeficientes de maior magnitude que russos étnicos apenas em testes como a relação entre medo e preferências democráticas escalares, o crescimento do apoio ao presidente governar por decretos e o crescimento da confiança no presidente. Já os russos étnicos apresentaram coeficientes maiores na relação entre medo e preferências não escalares por regime democrático e autoritário; nas preferências por um presidente forte; na relação entre medo e o apoio ao presidente governar por decretos, a oposição ao parlamento vetar decisões presidenciais e as preferências por um presidente forte; no decréscimo da confiança no parlamento e na relação entre medo de minorias e desconfiança no parlamento (e no presidente). Vale lembrar que a significância estatística das minorias pode ter sido prejudicada pelo seu menor número de observações. Ademais, comparações com os resultados da Primeira Guerra da Chechênia, nos anos 1990, sugerem que o impacto do conflito em atitudes políticas está também associado aos seus resultados e ao desempenho do incumbente: caso Putin tivesse o mesmo destino de Yeltsin, a crise chechena poderia ter outros efeitos, pouco favoráveis à sua hegemonia.

2.6.6 Outras variáveis: distância em relação ao conflito e atentados e percentual de minorias

Nesta seção, abordo duas variáveis que fogem ao escopo das minhas hipóteses, mas que poderão subsidiar os achados e abrir perspectivas para futuros estudos *follow-up*: o efeito da distância do conflito e da concentração de minorias na região de residência do indivíduo na percepção de minorias como ameaça, nas preferências autoritárias agregadas e na variável que combina ambas (a média de indivíduos que temem minorias e simultaneamente manifestam preferências autoritárias). As análises, ao menos em parte, corroboram o argumento de que o medo de minorias está relacionado a uma percepção de ameaça ao grupo ao qual o indivíduo pertence e não a um risco pessoal direto. Ademais, sugerem que contextos de maior concentração de minorias estão associados a um menor temor, sobretudo por parte dos *in-groups* – constatação que vai na direção da "hipótese do contato".

Pesquisas mostraram que a proximidade a locais de conflito e atentados está associada a incrementos nas preferências por lideranças linha-dura[277]. Como mencionei anteriormente, a ocorrência de atentados terroristas em períodos pré-eleitorais tem o potencial de aumentar a votação em partidos de direita na localidade afetada e causar polarização (BERREBI E KLOR, 2008). A mera ameaça decorrente da exposição a possíveis ataques também pode aumentar a votação em tais partidos (GETMANSKY E ZEITZOFF, 2014), assim como a exposição à violência política pode elevar o estresse psicológico, a percepção de ameaça nacional e, logo, diminuir o apoio à negociação (CANETTI ET AL., 2017). Com base nessas referências, podemos esperar uma maior percepção de ameaça e maiores atitudes autoritárias nas regiões mais próximas ao conflito checheno.

A fim de estimar o efeito da proximidade, criei uma variável *dummy*, atribuindo o valor "1" a todo o Cáucaso Norte – onde está localizada a Chechênia – e às regiões lindeiras, bem como a locais que sofreram atentados terroristas em 1999 e suas regiões vizinhas. Também incluí Ryazan e o seu entorno, uma vez que no mesmo ano, no contexto dos ataques a apartamentos residenciais em diferentes cidades da Rússia, foi frustrado um grande atentado no local. As demais regiões, que não sofreram ataque ou não são lindeiras com as de conflito ou atentado, receberam o valor "0". Em um repositório de dados da pesquisa, disponibilizarei testes para outras mensurações, como uma variável *dummy* em que atribuí o valor "1" apenas ao Cáucaso Norte e às regiões vítimas de atentados terroristas, uma variável *dummy* que contemplou apenas as regiões diretamente

[277] Os autores mencionados basearam-se em estudos de caso de Israel. Essas pesquisas foram citadas em um trabalho em andamento de Aaron Erlich e Calvin Garner.

atingidas pelos ataques terroristas[278] (Moscou e Rostov) e o *log*[279] da distância das regiões (capitais) dos indivíduos à capital da Chechênia, calculada em quilômetros da malha ferroviária[280] e dividida por 100. Atentei-me somente aos *surveys* do NRB que cobriram o período da Segunda Guerra da Chechênia, em específico os de janeiro e abril de 2000.

Meu primeiro teste, a relação entre proximidade do conflito ou atentados e percepção de minorias como ameaça (anexo 6.1), resultou em correlações negativas estatisticamente significativas para todos os grupos, com maior magnitude para as minorias: maior proximidade está associada a um menor medo de minorias. Para a população geral, em regressões *OLS* adaptadas (anexo 6.2), a média das regiões que foram classificadas como "próximas" ao conflito ou atentados foi 5,25% (0,128) menor à média das demais (2,44 na escala de 1 a 4 de percepção de ameaça). Uma possível hipótese para a maior magnitude dos *out-groups* é que algumas das regiões mais próximas ao conflito são habitadas por grupos culturalmente próximos aos chechenos. Ademais, a menor percepção de ameaça mesmo para russos étnicos pode ter ligação com a "hipótese de contato", como veremos mais adiante: locais etnicamente diversos, como o Cáucaso, podem apresentar maiores níveis de tolerância étnica. Não encontrei indícios de que o conflito esteja associado a uma percepção de ameaça direta aos indivíduos. Caso encontrasse, seria difícil confirmar de maneira consistente o argumento de que a percepção de ameaça ao grupo importa.

Haja vista a correlação significativa entre percepções de diferentes ameaças, conduzi um teste placebo com o medo dos EUA (anexo 6.3). Não encontrei qualquer correlação significativa entre a proximidade e a percepção deste país como ameaça. Também não encontrei correlações para os testes entre a proximidade e preferências autoritárias agregadas (anexo 6.4), bem como com a variável integrada (percepções de ameaça com preferências) (anexo 6.5). Minhas duas variáveis *dummy* alternativas, de localização mais específica, não apresentaram resultados diversos, por exceção das minorias[281]. Já na mensuração com o *log* da distância à Chechênia, embora o medo de minorias tenha apresentado resultados semelhantes, houve correlação negativa para o medo dos EUA (quanto maior a distância, menor a percepção do país como ameaça), para preferências autoritárias agregadas (quanto maior a distância, menores as preferências) e, nos modelos das minorias, correlação positiva para temerosos com preferências autoritárias (quanto

[278] Nos *surveys* do NRB não foram realizadas entrevistas na Chechênia e Daguestão, logo, limitei-me às regiões de atentados – Moscou e Rostov.
[279] Dada a imensidão do território russo, utilizei o log da distância como base.
[280] Utilizei a plataforma do *Google Maps* para calcular a distância. A malha ferroviária foi priorizada sobre outros tipos de infraestrutura por constituir o principal meio de deslocamento na Rússia.
[281] Na variável que inclui somente o Cáucaso e os locais de atentado, sem as regiões vizinhas, houve coeficiente negativo para minorias temerosas com preferências autoritárias; e na variável que cobre apenas os locais de atentado, houve correlação negativa para preferências agregadas das minorias.

maior a distância, maior a média). No geral, meu estudo de caso não encontrou evidências consistentes de um impacto da proximidade ao conflito em preferências de regime, mas trouxe indícios de que o medo de minorias não necessariamente decorre de uma percepção de ameaça direta e pessoal. Possivelmente, se houvesse maior disponibilidade de dados para regiões mais próximas, poderíamos obter outros resultados.

A segunda questão de interesse nesta seção é o possível efeito do percentual de minorias na região em que o indivíduo reside sobre a percepção de minorias como ameaça e as preferências autoritárias. Estudos sugerem que o contato interpessoal pode reduzir preconceitos e animosidades entre maiorias e minorias[282] (ALLPORT, 1954; PETTIGREW E TROPP, 2006), argumento que ficou conhecido como "hipótese do contato". Com base nessa teoria, podemos pressupor que em regiões da Rússia com maior concentração de minorias, a percepção de minorias como ameaça é menor e, consequentemente, as preferências autoritárias.

Para operacionalizar a variável do percentual de minorias, utilizei o censo soviético de 1989[283]. A fim de diminuir a influência de *outliers*, sobretudo repúblicas em que minorias constituem grandes maiorias regionais, estabeleci um *top-code* de 40% – ou seja, todas as regiões em que o percentual de minorias foi superior a 40% foram recodificadas para 40%. Contudo, no repositório de dados da pesquisa, também disponibilizarei os testes para o *log* dos percentuais sem recodificação. Uma terceira estratégia de mensuração foi retirar as regiões autônomas (repúblicas, *oblasts* autônomos e distritos autônomos), tendo em vista o status diferenciado das minorias nelas e a sua alta concentração. Desta forma, foram contempladas apenas as regiões etnicamente russas.

O teste da relação entre o percentual de minorias (com *top code*) e a percepção de minorias como ameaça (anexo 6.6) vai ao encontro da "hipótese do contato". Identifiquei correlações negativas estatisticamente significativas para a população geral e russos étnicos, ou seja, quanto maior o percentual de minorias, menor é a percepção delas como ameaça, sobretudo para os *in-groups*. Com base em testes adaptados a regressões *OLS* (anexo 6.7), pude estimar que um aumento de 10% no percentual de minorias reduz a percepção de minorias em 0,07 na escala de 1 a 4. Por sua vez, o teste placebo, o medo dos EUA (anexo 6.8), e o teste das preferências autoritárias agregadas (anexo 6.9) não apresentaram qualquer correlação significativa. Já o teste da variável que integra percepção de ameaça e preferências autoritárias (anexo 6.10) apresentou correlação negativa significativa: quanto maior o percentual de minorias, menor é a média de indivíduos que temem minorias e simultaneamente manifestam preferências autoritárias, principalmente para a população geral e russos étnicos. Um aumento de 10% no percentual de

[282] Para Allport (1954), algumas condições devem ser satisfeitas para a hipótese ter efeito.
[283] Como mencionei na seção metodológica, o censo seguinte ao de 1989 foi realizado na Rússia apenas em 2002.

minorias reduz a média em 0,14 na escala de 0 a 9. Há indício, portanto, de que a "hipótese do contato" pode estimular a redução de etnofobia e tendências autoritárias em cenários de conflito, ainda que o efeito identificado seja modesto. Para minorias, somente houve significância estatística no modelo com os pesos amostrais. Futuros estudos poderão lançar luz nesses achados.

No que diz respeito à mensuração com o *log* do percentual de minorias, encontrei resultados semelhantes para o medo de minorias, mas no teste placebo, houve correlação positiva com o medo dos EUA para os modelos dos *out-groups*. Já nas preferências autoritárias, houve correlação positiva para russos étnicos e o modelo sem pesos da população geral: ou seja, diferentemente do achado anterior, pode haver um aumento de preferências autoritárias de *in-groups* em contextos de muita diversidade. Contudo, quando levei em consideração a variação de percepção de ameaça simultaneamente a preferências, obtive coeficientes negativos, inclusive para um modelo de minorias com os pesos amostrais. Finalmente, na mensuração que aborda somente as regiões etnicamente russas, sem as regiões autônomas, encontrei coeficientes negativos significativos no teste do medo de minorias, mas somente para os *in-groups* e com significância inferior ao primeiro teste. Não há correlação para o medo dos EUA (exceto para um modelo dos *out-groups*), nem para as preferências autoritárias. Diferentemente do primeiro teste, somente um modelo dos *in-groups* registrou correlação negativa significativa para a variação simultânea de medo e preferências. Podemos constatar, portanto, que os diferentes testes oferecem evidências para o efeito da "hipótese do contato" na percepção de minorias como ameaça, sobretudo para os *in-groups*, mas a sua relação com as preferências autoritárias foi pouco contundente.

Apesar do caráter exploratório da presente seção, orientada mais a sugerir futuras perspectivas de continuidade à pesquisa do que a alcançar resultados conclusivos, encontrei evidências que corroboram parte do meu argumento. Basicamente, a concepção de que o conflito contra *out-groups* impacta a percepção de que o grupo do indivíduo está ameaçado e não ele ou ela em particular. Ademais, encontrei indícios da "hipótese do contato": um maior percentual de minorias está associado a uma menor percepção delas como ameaça, em especial para os *in-groups*.

2.7 Teste de robustez: clusterização de erros

Nesta última seção quantitativa do caso russo, conduzi testes de robustez com as principais variáveis que nortearam os meus achados. Em específico, recorri a regressões *OLS robust* para testar a relação do número de mortes civis em conflitos e atentados (indicador de intensidade das hostilidades) com a percepção de minorias como ameaça, as preferências autoritárias agregadas

gerais, além da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e manifestam atitudes autoritárias. Além disso, testei a relação da percepção de ameaça com o apoio ao presidente governar por decretos, a proximidade geográfica do conflito e o percentual de minorias na região em que os indivíduos residem. Em alguns casos, regressões *ordered logistic* foram adaptadas a regressões *OLS*. Como *cluster* dos erros amostrais, utilizei as 46 regiões de residência, menor nível geográfico disponível no NRB. Uma vez que, a codificação das regiões é a mesma para o *surveys* de 1998.3, 2000.1, 2000.4 e 2001.6, filtrei os testes para esse período. Tais *surveys* são de grande importância por cobrirem tanto o momento anterior quanto imediatamente posterior à Segunda Guerra da Chechênia. Porém, a Primeira Guerra e o momento posterior aos atentados de Beslan de 2004 acabaram excluídos da análise.

O primeiro teste, a relação entre mortes civis e percepção de minorias como ameaça (anexo 7.1), manteve a significância estatística em apenas quatro dos nove modelos. Contudo, ao utilizarmos a variação por períodos dos *surveys* (anexo 7.2), medida alternativa para o momento exato do conflito, vemos que o crescimento na percepção de ameaça é significativo para todos os períodos (2000.1, 2000.4 e 2001.6) comparados a 1998.3. Como as hipóteses preconizam, o efeito é menor para as minorias, cujos modelos não tiveram significância em 2000.4 e 2001.6. O *survey* de 2000.4, próximo ao auge da beligerância, registrou alta significância e maior magnitude, especialmente para russos, grupo que teve um aumento de 30,07% (0,610) em comparação à média de percepção de 1998.3[284]. No que concerne à relação entre medo de minorias e preferências autoritárias agregadas (anexo 7.3), é notável a alta significância e magnitude para "alguma" e "grande" ameaça em todos os modelos da população geral e dos russos étnicos – de 1998 a 2001, a média de preferências autoritárias dos russos que viam minorias como grande ameaça foi 25,22% (0,724) superior à dos que não as consideravam uma ameaça[285]. Para "pouca" ameaça houve significância, embora menor, em dois dos três modelos de cada grupo. Já as minorias registraram coeficientes estatisticamente significativos apenas para a categoria "grande" ameaça.

Quando testei a relação direta entre o conflito (número de mortes civis) e as preferências autoritárias (anexo 7.4), obtive coeficientes significativos para todos os modelos da população geral e dos russos étnicos. As minorias, por sua vez, registraram coeficientes significativos apenas no modelo sem controles. Na mensuração alternativa, que identifica a variação por períodos comparada a 1998 (anexo 7.5), vemos um crescimento significativo em 2000.4 e, de menor magnitude, em 2001.6, mais saliente para russos – de 1998.3 a 2000.4 as preferências autoritárias

[284] A média de percepção de minorias como ameaça, em uma escala de 1 (nenhuma ameaça) a 4 (grande ameaça), foi de 2,03 em 1998.3.
[285] A média de preferências autoritárias dos russos que percebiam minorias como nenhuma ameaça, de 1998 a 2001, foi de 2,8155, em uma escala de 0 (não concorda com nenhuma opção autoritária) a 9 (concorda muito com todas as três opções autoritárias).

deste grupo cresceram 10,36% (0,312)[286]. As minorias não apresentaram nenhum coeficiente significativo. Para a variável que combina a percepção de ameaça (alguma ou grande) com preferências autoritárias, não encontrei significância estatística no teste do número de mortes civis (anexo 7.6), mas na variação por período (anexo 7.7) todos os *surveys* foram significativos para a população geral e, sobretudo, para russos étnicos. O período de 2000.4 registrou o maior coeficiente, com um crescimento de 113% (1,146) para russos em comparação a 1998.3[287]. Novamente, minorias não obtiveram significância em nenhum modelo. Por fim, no teste *differences-in-differences* que identifica se a distância na média entre russos e minorias de indivíduos temerosos e com tendências autoritárias aumentou (anexo 7.8), houve significância apenas para o Tempo 3 (2001.6), posterior ao conflito, e somente em dois modelos – o sem nenhum controle e com controles (menos regiões) mas sem pesos amostrais.

No que diz respeito às variáveis complementares, constatei correlações significativas entre a percepção de minorias como ameaça e o apoio ao presidente governar por decretos (anexo 7.9), mas somente para a categoria "grande" ameaça, a qual registrou 5,20% (0,148) a mais preferências autoritárias do que a categoria "nenhuma" ameaça[288]. Minorias tiveram significância apenas no modelo sem controles. Já na relação com a proximidade da região do indivíduo a locais de conflito/ atentados e o medo de minorias (anexo 7.10), praticamente não houve significância – exceto para um modelo das minorias –, enquanto na relação com o percentual de minorias na região (anexo 7.11), houve significância apenas para dois modelos da população geral.

Os resultados da maioria dos testes de robustez reforçaram os achados dos principais testes conduzidos nas seções anteriores. Há evidências robustas de que o conflito contribuiu para o aumento tanto da percepção de minorias como ameaça à sociedade quanto de preferências autoritárias, sobretudo para os *in-groups*, os russos étnicos. O crescimento nas preferências foi maior para os indivíduos mais temerosos, em consonância com o mecanismo causal apresentado nas hipóteses. Também confirmei que o apoio a poderes fortes do presidente, como o poder de governar por decretos, é maior para os indivíduos que mais percebem minorias como ameaça. Não encontrei resultados satisfatórios para a relação do medo de minorias com o percentual de minorias na região de residência do indivíduo e com a proximidade da região a locais de conflito ou atentados. Porém, o simples fato de não haver uma relação positiva e significativa para a proximidade corrobora o argumento de que o medo de minorias está mais ligado à percepção de

[286] A média de preferências autoritárias dos russos em 1998, foi de 3,010 em uma escala de 0 a 9.
[287] A média de russos que percebiam minorias como ameaça (grande ou alguma) e manifestavam preferências autoritárias em 1998 era 1,01, em uma escala de 0 (não concorda com nenhuma opção autoritária) a 9 (concorda muito com todas as três opções autoritárias).
[288] A categoria "nenhuma" ameaça teve a média de 2,85 em uma escala de 0 (não concorda com nenhuma opção autoritária) a 9 (concorda muito com todas as três opções autoritárias), de 1998 a 2001.

ameaça ao grupo do qual o indivíduo faz parte do que a uma percepção de ameaça pessoal. As comparações apontam para uma polarização tanto nas preferências daqueles que percebem e não percebem minorias como ameaça, quanto nas atitudes e preferências dos *in-groups* e *out-groups*.

2.8 Conclusão

A análise quantitativa do caso russo trouxe importantes evidências acerca de como conflitos domésticos contra *out-groups* podem afetar atitudes em relação a regimes, sobretudo com o estímulo a preferências autoritárias e a relativização de princípios democráticos em benefício da garantia da ordem e segurança – uma demanda social por um Estado "Leviatã", autoritário e centralizado na figura do presidente. O efeito direto do conflito nas preferências teve curta duração, mas concorreu para legitimar a condução de mudanças institucionais antiliberais na fase inicial do governo Putin. Vimos que as preferências pela "democracia nos moldes do Ocidente" decaiu a partir da Segunda Guerra da Chechênia, ao passo que as preferências pelo "sistema atual" subiu deste período até atingir um pico em 2008 – nessa fase inicial do governo Putin, que também presenciou um crescimento econômico substancial, foram conduzidas as principais reformas autoritárias estruturais. Ademais, há indícios de que, no longo prazo, o conflito contribuiu para sustentar a legitimidade e identidade do regime personalista promovido por Putin, bem como a concentração de poderes presidenciais, fatores de grande relevância para a durabilidade do autoritarismo. Os picos de percepção de ameaça e de preferências autoritárias foram de curta duração, mas os louros pela vitória no conflito e a estabilidade foram atribuídos diretamente a Putin. O conflito, portanto, constituiu um importante recurso não material de poder (ideológico) para a sustentação e coesão do regime personalista.

Por corresponder a um movimento violento de membros das minorias que questionam os fundamentos da integridade territorial do Estado e a preponderância político-social das maiorias (*in-groups*), o conflito separatista colabora para que *out-groups* sejam percebidos como uma ameaça à sociedade e ao país como um todo. De fato, na Segunda Guerra da Chechênia o crescimento na percepção de ameaça foi muito mais notável para os *in-groups* do que para os *out-groups*. Ao longo da década de 1990, a percepção destes como "alguma" ou "grande" ameaça esteve ao redor dos 30%, mas no auge da Segunda Guerra, em abril de 2000, chegou a quase 60%, mantendo patamares elevados nos anos seguintes. O crescimento na percepção de ameaça parece estar relacionado não apenas à intensidade do conflito, com elevado número de vítimas fatais civis de ambos os lados, mas também à ocorrência de atentados terroristas em regiões distantes da Chechênia, como a capital Moscou – o simples conflito separatista em uma região remota,

envolvendo grupos guerrilheiros e o exército, não é suficiente para elevar as percepções de ameaça de maneira significativa, é necessário haver um "transbordamento" do conflito para além da periferia, com atentados terroristas e vítimas civis. Tais características explicam as diferenças no impacto na opinião pública entre a primeira (1994-1996) e a segunda guerra (1999-2000/-2009). A diferenciação também pode ter sido impactada pelo maior controle estatal sobre a cobertura televisiva no segundo conflito[289]. O atentado à escola de Beslan em setembro de 2004, com ampla comoção social, contribuiu para um novo pico na percepção de ameaça.

Como preconizam as minhas hipóteses, a relação entre conflitos e preferências autoritárias é em parte mediada pela percepção de minorias (*out-groups*) como ameaça. Diversos testes mostraram uma correlação de alta significância entre medo de minorias e autoritarismo, o que corrobora os achados da literatura na área de psicologia política referentes à relação entre percepção de ameaças sociais e atitudes autoritárias. Logo, o simples aumento da percepção de minorias como ameaça já denotaria uma influência direta do conflito no aumento das preferências. O impacto, entretanto, é ainda mais expressivo, pois as preferências autoritárias dos grupos mais temerosos tendem a se elevar e se distanciar ainda mais dos menos temerosos no auge da beligerância. Em abril de 2000, não apenas a média de indivíduos que consideravam minorias uma ameaça subiu significativamente, como também as suas preferências autoritárias. A média de preferências dos mais temerosos foi quase 30% superior à dos não temerosos – 78,62% dos primeiros manifestaram ao menos uma preferência autoritária. Novamente, o efeito foi mais acentuado para membros dos *in-groups*.

Cabe mencionar que a primeira parte do mecanismo, a relação entre conflito e percepção de ameaça, decorre de uma inferência claramente intuitiva. Já a segunda parte, a relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias, não é tão óbvia à primeira vista. Com base na literatura, nas hipóteses e nos achados deste capítulo, delineei três explicações principais para a relação: comportamental (subjetiva), contextual (objetiva) e elitista (discursiva).

No que diz respeito à explicação comportamental, como a psicologia política demonstrou (DUCKITT E FISHER, 2003; DUCKITT E SIBLEY, 2010), há uma relação subjetiva entre percepção de ameaças sociais e atitudes autoritárias. O fato de o medo dos EUA também ter uma correlação significativa com as preferências autoritárias e com o medo de minorias, bem como o medo de minorias apresentar correlação com autoritarismo mesmo nos momentos em que não houve conflito, corrobora essa constatação. Nessa conjuntura, é difícil distinguir a direção da causalidade: se é a percepção de ameaça que eleva atitudes autoritárias ou o contrário.

[289] Ver Colton e McFaul (2002, p.95).

Já a minha explicação contextual (objetiva) enuncia que em situações de conflito contra *out-groups*, indivíduos que estão passando por um processo de socialização com novas instituições (um processo de transição democrática) podem manifestar preferências por regimes autoritários, especialmente se o regime anterior à abertura política ter sido caracterizado por estabilidade político-social[290] – ou seja, há inferências objetivas feitas pelos indivíduos ao longo do aprendizado institucional. Segundo as minhas hipóteses, existe uma percepção social de que líderes autoritários, por não contarem com as restrições associadas ao sistema democrático de pesos e contrapesos, são mais aptos a tomarem resoluções rápidas e eficazes que resolvam o conflito, mantenham os *out-groups* sob controle e provenham segurança. Uma vez que o conflito checheno e as tendências secessionistas em outras regiões da Rússia se iniciaram com o processo de abertura política – fenômeno não raro em transições de regimes autoritários em países etnicamente diversos (SNYDER, 2000) –, uma concepção de *trade-off* entre democratização e ordem/ estabilidade interétnica pode ter ganhado adesão popular. As preferências de regime, portanto, não podem ser dissociadas do contexto, são formadas de acordo com a percepção dos indivíduos acerca dos supostos *trade-offs* envolvidos nas escolhas institucionais. A maior inclinação a relativizar princípios democráticos e liberdades civis em troca de ordem no momento mais intenso do conflito corrobora essa hipótese contextual. Fenômeno semelhante foi observado nos EUA após os atentados de 11 de setembro (DAVIS E SILVER, 2004).

Entre as principais evidências para a explicação inferencial, podemos mencionar: (1) O fato de as preferências terem variado consideravelmente no curto prazo, de acordo com a dinâmica do conflito, e de maneira muito mais saliente para os *in-groups* do que para os *out-groups*. (2) A baixa significância da correlação entre medo dos EUA e preferências (teste placebo) no auge do segundo conflito – se a percepção de ameaças fosse influenciada pelo autoritarismo, em vez do conflito, veríamos uma correlação tanto para o medo dos EUA quanto de minorias e outros tipos de ameaça. (3) O vertiginoso crescimento, logo no início da beligerância, das preferências por um incumbente dotado de fortes poderes institucionais, como a capacidade de governar por decretos, e a sua correlação significativa com o medo de minorias. (4) E o rápido crescimento da confiança no presidente, que, salvo o exército e os órgãos de segurança, manteve-se muito acima das demais instituições em quase todo o período.

Embora não tenha encontrado evidências de que as preferências autoritárias associadas ao conflito tenham se sustentado por um período prolongado, elas facilitaram a legitimação de mudanças institucionais por Vladimir Putin na fase inicial de seu governo. Como mencionado, há

[290] De fato, como mostrei anteriormente, um dos principais elementos positivos associados ao regime soviético é a estabilidade das relações interétnicas.

indícios de que a memória do conflito teve um outro efeito no longo prazo, não para preferências autoritárias no geral, mas para a legitimidade e identidade de Vladimir Putin, a quem a sociedade atribuiu os louros da vitória contra os separatistas e a resolução do problema de *stateness*. Em 2021, questões diretamente associadas à segurança, à resolução do conflito checheno e, no geral, ao problema de *stateness* estiveram entre as cinco mais mencionadas em uma lista de 17 conquistas atribuídas a Putin, inclusive à frente de questões socioeconômicas[291]. Tais dados apontam para a existência de "barganhas autoritárias" e "pactos de segurança", uma relativização de liberdades em troca do provimento de segurança, importante recurso não material (ideológico) para a legitimação e sustentação de regimes autoritários. Como argumenta Slater (2010), "pactos de segurança" podem ser mais vantajosos que políticas de patronagem por alcançarem amplas camadas da sociedade, como classes médias urbanas, sem demandar grandes dispêndios de recursos materiais. Em contextos de crise e escassez de recursos, são ainda mais oportunos. Conflitos também contribuem para a coesão entre elites, a legitimidade de lideranças, a mobilização ideológica das massas, o controle sobre o aparato coercitivo e, como resultado, uma maior estabilidade autoritária (LEVITSKY E WAY, 2012). Portanto, além de uma relação comportamental entre medo e autoritarismo, há evidências de uma relação lógica e objetiva.

É importante salientar que não são todos os tipos de conflito contra *out-groups* que estimulam efeitos de curto e longo prazo nas preferências de regime, mas aqueles em que há uma expectativa crível de vitória e resolução do problema de *stateness*. Nos anos 1990, as expectativas de que Boris Yeltsin teria sucesso na questão chechena eram muito baixas, o que se refletiu em uma percepção de líder "fraco" e em um baixo índice de confiança por parte da população. Já Vladimir Putin, desde o início de seu governo, apresentou-se como um líder “forte”, disposto a tomar medidas enérgicas para derrotar os separatistas. Embora o efeito prolongado do conflito checheno na popularidade de Putin nos anos 2000 tenha sido contestado (MALASHENKO E TRENIN, 2004; TREISMAN, 2011), há um consenso de que ele foi fundamental para a sua vitória nas eleições de março de 2000[292]. Pesquisas de opinião mostraram que as expectativas dos eleitores de que ele fosse resolver a crise chechena eram maiores do que as expectativas de que ele fosse prover ganhos econômicos. Nos discursos pré-eleitorais, a questão chechena foi amplamente ressaltada. Como demonstrei, independentemente do efeito direto na popularidade e nas preferências autoritárias, há evidências de que a guerra da Chechênia beneficiou a hegemonia doméstica de Putin mesmo no longo prazo.

[291] Em específico, o "aumento da eficácia militar e reforma das forças armadas" (38%), “a solução do problema checheno” (34%), “a eliminação da ameaça de terrorismo no país” (32%) e “a restauração da ordem no país, manutenção de um ambiente politico tranquilo” (28%).
[292] Ver Treisman (2011).

Visando contornar o viés da desejabilidade social e de diferentes interpretações conceituais (SVOLIK, 2019), evitei abordar *surveys* que fizessem perguntas diretas acerca da democracia como conceito subjetivo. Porém, em análises secundárias, testei a relação destas perguntas com o medo de minorias e constatei uma correlação significativa, embora menos saliente que as preferências autoritárias. O caso russo, portanto, evidencia que mesmo o conceito abstrato de democracia contou com um relativo grau de estigmatização. Questões do *World Values Survey* (INGLEHART ET AL., 2020) revelaram que a Rússia esteve entre os países que mais viram a democracia como um sistema inapto a garantir a ordem e estabilidade. Os achados relativos às preferências autoritárias agregadas e à percepção subjetiva de democracia contradizem os argumentos de Colton e McFaul (2002) de que, a princípio, não haveria uma proeminência de inclinações autoritárias na sociedade russa. Por outro lado, vão ao encontro dos autores ao indicar que não há uma "inevitabilidade autoritária" prévia – as preferências não são estabelecidas de antemão por fatores históricos e culturais, como alguns ideólogos do Kremlin buscavam propagar, mas são influenciadas pelo contexto e o hiato (insatisfação) entre expectativas e realidade da transição.

Retomando a discussão acerca das diferentes explicações para a relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias, vale enfatizar que tanto a explicação comportamental (subjetiva) quanto a contextual (objetiva) se complementam no caso russo. Como discorrem Hetherington e Weiler (2009), há indivíduos que são autoritários e/ou percebem minorias como ameaça independentemente de haver ameaças sociais concretas e objetivas. De fato, mesmo em períodos relativamente "pacíficos", identifiquei parcelas significativas da população que temiam minorias e cujas atitudes eram mais autoritárias do que as dos não temerosos. Por sua vez, há indivíduos que manifestam temor e, simultaneamente, preferências autoritárias somente quando estão de fato diante de uma ameaça objetiva, como conflitos de larga escala ou atentados terroristas. Os autores consideram que em tais contextos a polarização social entre indivíduos autoritários e não autoritários diminui e há uma maior propensão a políticas autoritárias. Identifiquei um crescimento de preferências autoritárias no período do conflito para todos os grupos, mas o hiato entre os indivíduos que percebem minorias como grande e nenhuma ameaça se tornou ainda maior. Logo, pode-se falar em uma polarização de preferências tanto entre indivíduos temerosos e não temerosos quanto entre *in-groups* e *out-groups*.

Outros autores também constataram que a exposição à violência, como atentados terroristas, pode beneficiar partidos de direita e lideranças linha-dura (BERREBI E KLOR, 2008; GETMANSKY E ZEITZOFF, 2014). Contudo, seus estudos avaliaram o impacto da proximidade dos indivíduos ao local de ocorrência dos atentados, o que pode denotar uma percepção de ameaça

pessoal. O foco desta tese, contrariamente, é a percepção de ameaça societal, ou seja, ao grupo do qual o indivíduo faz parte. Minhas hipóteses preconizam que russos étnicos (membros dos *in-groups*) distantes dos locais de conflito ou atentados poderiam manifestar atitudes semelhantes aos indivíduos que estão próximos. Os diferentes testes de proximidade revelaram uma tendência inusitada, embora com efeito modesto: quanto maior a proximidade, menor é a percepção de ameaça. Possivelmente, tal constatação está relacionada à "hipótese do contato", segundo a qual cenários de maior contato entre grupos étnicos podem estimular maior tolerância – muitas das regiões próximas à Chechênia são etnicamente diversas. Outros testes indicaram que quanto maior o percentual de minorias, menor é a percepção delas como ameaça, o que corrobora essa hipótese. Possivelmente, indivíduos que convivem em contextos multiétnicos são menos propensos a narrativas xenófobas. Futuros estudos poderão lançar luz sobre essas questões. O que importa para a discussão dessa tese é que não foram encontradas evidências de que o temor esteja associado à proximidade. Caso houvesse encontrado, poderia ser um indício de que a percepção de ameaça pessoal importa mais do que a percepção de ameaças societais.

Finalmente, a terceira e última explicação para a relação entre medo de minorias e preferências autoritárias é a hipótese elitista (ou discursiva), que será aprofundada no próximo capítulo. Segundo essa abordagem, a manifestação de atitudes autoritárias é estimulada instrumentalmente por narrativas e discursos propagados pelas elites que oferecem justificativas críveis e lógicas para a necessidade de se adotar regimes alternativos ao democrático, ainda que "provisoriamente". No presente caso, é notória a narrativa de um suposto *trade-off* entre democracia e ordem em contextos etnicamente diversos: dado o status multinacional da Federação Russa, a adoção de um modelo democrático liberal do tipo "ocidental" poderia levar à desordem e à desintegração do próprio país, como ocorreu com a URSS e com a abertura política nos anos 1990. O contexto russo, portanto, demandaria um Estado "forte" e centralizado, capaz de manter a coesão territorial e a estabilidade político-social. Denomino essa narrativa de "discurso do *trade-off*". Outras narrativas históricas pro-autoritarismo podem reforçar essa percepção. É notória a sua reverberação inclusive em meios acadêmicos: como discorri na introdução da tese, diversos autores clássicos da Ciência Política chegaram a sugerir a impossibilidade de democratização em contextos muito heterogêneos. É importante frisar que a explicação elitista não constitui uma alternativa à explicação contextual, mas sim um complemento indissociável a ela e que a reforça, conferindo argumentos lógicos para constatações pessoais na fase do aprendizado institucional.

No intuito de evitar vieses e o risco de variáveis omissas afetarem as correlações de interesse, adicionei diferentes controles às regressões, conduzi testes de robustez, testes adicionais com variáveis alternativas e testes placebo. Em grande medida, os achados se sustentaram. Os

controles apresentaram correlações e efeitos muito semelhantes a outros estudos sobre a relação entre percepção de ameaça e autoritarismo.

Os testes placebo, em particular, foram úteis para a análise que conduzirei na comparação entre os casos russo e ucraniano acerca da diferença entre percepção de ameaças internas (*out-groups*) e externas. Vimos que embora também haja correlação do medo externo com autoritarismo, ela é muito menos saliente – logo, as ameaças externas não têm o mesmo potencial de estimular preferências autoritárias que as ameaças internas. As "barganhas autoritárias" e os "pactos de proteção" são mais eficazes, do ponto de vista de coesão do regime, diante de ameaças domésticas. A percepção de ameaças externas pode estimular o mecanismo subjetivo da explicação comportamental (a relação intrínseca entre medo e autoritarismo), mas não o mecanismo objetivo da explicação contextual, ou seja, a associação de que regimes autoritários são mais aptos a prover segurança contra ameaças externas não conta com o mesmo apelo lógico e inferencial a indivíduos que passam por um processo de aprendizado institucional. Para exemplificar, o regime autoritário soviético pode ser percebido como mais apto a manter *out-groups* sob controle – e, portanto, relações étnicas estáveis – do que o regime de transição da Rússia nos anos 1990, mas o grau de segurança contra ameaças externas não necessariamente seria maior; não há uma justificativa institucional evidente para essa conexão, embora haja um esforço das elites russas nesse sentido, com o culto à imagem de Josef Stalin.

Em certa medida, o declínio da percepção de minorias como ameaça após o fim da ameaça separatista chechena foi compensado pelo aumento na percepção dos EUA/ Ocidente como ameaça[293]. Embora o "rally 'round the flag" beneficiou Putin pessoalmente, o regime pode ter perdido um importante instrumento de legitimação, uma vez que o efeito de ameaças externas nas preferências é menos incisivo. Ao mesmo tempo, alguns fatores apontaram para uma alta saliência de tendências autoritárias mesmo após o fim do conflito checheno: as preferências pela "democracia nos moldes do Ocidente" decaíram com a crise ucraniana de 2014 e as visões positivas em relação a Stalin cresceram significativamente após 2018. Na sociedade russa há uma narrativa de que, a despeito do despotismo de Stalin, sua "mão forte" foi fundamental para a derrota dos nazistas. *Surveys* também mostraram atitudes positivas em relação ao passado soviético, em parte pela "ausência de conflitos interétnicos e a amizade entre os povos". Tais concepções e associações certamente reforçam discursos de "barganha autoritária" e "pactos de proteção", aludindo a uma pretensa superioridade de regimes autoritários na provisão de segurança e estabilidade em contextos multiétnicos. Também se relacionam ao conceito de "autocracia

[293] Na parte qualitativa, veremos que houve um incentivo discursivo por parte das elites em manter a percepção de ameaças elevada na sociedade.

informacional", no qual a imagem do autocrata como um líder eficaz e competente diminui a dependência do regime a mecanismos de repressão (GURIEV E TREISMAN, 2019).

É importante salientar que mesmo após o fim da guerra da Chechênia, a xenofobia a caucasianos manteve-se alta na sociedade russa. Algumas localidades passaram por tensões e conflitos étnicos de repercussão nacional. Lemas (etno)nacionalistas como "a Rússia para os russos étnicos" contam com considerável adesão popular. Putin alterou a lógica de incentivos às elites de regiões com alta concentração de minorias. As elites da Chechênia se beneficiaram da ampla dotação de recursos federais e da concessão de autonomia informal, o que permitiu a reprodução do sistema autoritário e verticalizado do nível central no nível subnacional. Em troca, ofereceram lealdade ao Estado russo. Como Ross (2002) afirma, tanto Yeltsin quanto Putin lograram manter a integridade territorial russa às custas da democracia.

O conflito tem potencial de endogeneidade no sentido de que as elites nacionais poderiam influenciar, ao menos em parte, o momento de beligerância. Contudo, isso não contradiz os meus argumentos, já que tenho interesse em explicar os efeitos do conflito e não as suas causas; além do que, a instrumentalização do conflito pelas elites evidencia ainda mais o potencial de tensões e hostilidades com *out-groups* em estimular tendências autoritárias na população. Vale ressaltar que em nenhum momento responsabilizo as minorias pela erosão democrática na Rússia – pelo contrário, elas foram vítimas, como "bodes expiatórios", de narrativas e estratégias de elites voltadas à legitimação autoritária.

Na conclusão deste capítulo, saliento uma vez mais que os achados oferecem uma contribuição (1) à literatura de psicologia política, por oferecer evidências à relação entre conflitos, percepção de ameaças societais e preferências autoritárias com base em um caso real; (2) à literatura do "rally 'round the flag" em conflitos domésticos diversionistas, por revelar que a beligerância contra *out-groups* tem o potencial não apenas de impulsionar a popularidade do incumbente, mas também as preferências por arranjos autoritários entre os *in-groups*, o que pode conferir maior consistência à legitimidade e durabilidade de regimes autoritários; (3) à literatura de legitimação de regimes autoritários, ao apontar para o efeito de conflitos separatistas na formação de "barganhas autoritárias", "pactos de proteção" e narrativas ideológicas que promovem a coesão do regime e dão consistência a sua durabilidade; e (4) à literatura de *stateness* e democratização em contextos multiétnicos, por trazer indícios de que a diversidade em si não é um obstáculo à democracia, mas sim a sua instrumentalização pelas elites em cenários de conflito e contestação à integridade territorial do Estado.

Capítulo 3. O caso da Rússia: Estratégias de elites e o discurso do *trade-off*

Nesta seção analiso o argumento de que elites mobilizam a ameaça de conflito étnico e separatismo como pretexto para a adoção e legitimação de instituições centralizadoras e autoritárias, a hipótese H5. Por trás dessa concepção está a narrativa de que a democracia liberal é menos apta a lidar com sociedades etnicamente divididas e manifestações políticas violentas.

Como mencionado na introdução, a relação entre democracia e diversidade foi abordada não apenas por lideranças políticas, mas também na academia – diversos autores afirmaram que divisões étnicas e identitárias constituem um obstáculo à democratização (MILL, 1977 [1861]; EASTON, 1965; DAHL, 1971). O processo de transição "tripla" e os conflitos etnosseparatistas pelos quais algumas ex-repúblicas soviéticas passaram reforçaram esse debate. Denomino o argumento de que é complexo haver democracia em estados com conflitos e diversidade étnica significativa de "discurso do *trade-off*" entre democracia e ordem.

Minha hipótese pressupõe que o discurso do *trade-off* constituiu um importante instrumento de legitimação de mudanças institucionais centralizadoras e que erodiram o sistema de pesos e contrapesos na Rússia, análogo ao processo de legitimação proporcionado pelas "barganhas autoritárias" associadas a ganhos econômicos. Foi fundamental para difundir ideologicamente o "pacto de proteção"[294] e a ideia de que incumbentes autoritários são eficazes em solucionar conflitos[295]. Logo, espero encontrar uma maior incidência de referências ao discurso do *trade-off* em períodos que precedem e sucedem mudanças institucionais. É importante salientar que não considero o discurso do *trade-off* como o único instrumento de legitimação de mudanças e de regimes em si, mas entendo que ele seja um importante recurso mobilizado pelas elites em estados multiétnicos autoritários. O apelo ideológico do "pacto de proteção" permite a regimes autoritários reduzir a dependência em relação a custosos recursos clientelistas e atingir grupos sociais menos suscetíveis a práticas de patronagem. Como argumentam Levitsky e Way (2012), conflitos podem constituir importantes recursos não-materiais de poder para a durabilidade autoritária, tendo em vista o seu potencial em facilitar a coesão entre elites, a legitimidade das lideranças do conflito, a mobilização ideológica das massas e o controle sobre aparato coercitivo. Regimes autoritários competitivos, portanto, sustentam-se não apenas com mecanismos de repressão e distribuição de recursos econômicos para grupos específicos, mas também com recursos ideológicos que justificam (moralmente) a existência do regime e de suas instituições.

[294] Ver Slater (2010).
[295] Processo análogo ao da autocracia informacional (GURIEV E TREISMAN, 2019).

No capítulo anterior mostrei a relação entre conflitos étnicos, percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias – um processo *bottom-up* de demandas por regimes autoritários no nível individual. Nesta seção, analisarei o processo *top-down*, por meio do qual as elites estimulam o vínculo contextual-objetivo entre percepção de ameaças e preferências autoritárias.

Primeiramente, abordo os discursos presidenciais anuais ao parlamento, de ampla cobertura midiática, para, em seguida, examinar discussões legislativas de casos concretos envolvendo mudanças institucionais autoritárias. Finalmente, verifico *surveys* de elites que apontam para uma real preocupação das elites russas com o problema de *stateness*. Vale ressaltar que problemas de *stateness* podem ser abordados com instituições consensualistas democráticas, mas as elites russas optaram por recorrer a instituições iliberais, apresentando-as como uma das poucas soluções possíveis.

3.1 Estratégia empírica

Este capítulo se fundamenta em análise de discursos, consistindo de duas etapas: uma quantitativa, em que se examina a frequência de termos relacionados ao discurso do *trade-off*, com o objetivo de revelar em que momentos a estratégia foi mais utilizada, e uma qualitativa, buscando identificar os principais argumentos utilizados na construção de narrativas.

Como principal fonte de dados utilizo as "proclamações do presidente ao Congresso da Federação Russa", realizadas anualmente desde 1994 e que contam com ampla cobertura midiática e televisiva. São voltados tanto às elites políticas quanto à população em geral. Segundo a lei federal nº 172 de 28.06.2014[296], tais discursos visam esclarecer "a situação no país e os principais rumos da política interna e externa do Estado", são "a base para determinar os objetivos estratégicos e prioridades do desenvolvimento socioeconômico e garantir a segurança nacional da Federação Russa, determinando a direção para alcançar esses objetivos, as tarefas mais importantes a serem resolvidas, bem como para o desenvolvimento de outros documentos de planejamento estratégico".

Para a execução da primeira etapa, examino a frequência de termos com base em parágrafos, ou seja, em vez de identificar apenas a frequência de palavras, codifico todo o parágrafo em que o termo foi mencionado e o seu percentual em relação ao tamanho total do discurso, utilizando o aplicativo NVIVO. Como o parágrafo geralmente exprime uma ideia

[296] FEDERAL'NYY zakon ot 28.06.2014 N 172-FZ (red. ot 31.07.2020) "O strategicheskom planirovanii v Rossiyskoy Federatsii" [Lei Federal nº 172-FZ de 28 de junho de 2014 (conforme alteração de 31 de julho de 2020) "Sobre o Planejamento Estratégico na Federação Russa"]. Consultant. Disponível em: < http://www.consultant.ru/document/cons_doc_LAW_164841/a4aae4026d9ce6de09c2e4b22e757b3f19a6179a/>. Acesso em: 20.02.2022.

completa, tal estratégia pode ser mais apropriada para analisar o quanto do discurso foi dedicado a cada tópico. Contudo, vale ressaltar que em algumas situações de parágrafos que abordaram temas muito distintos, optei por fracioná-los para diminuir eventuais extrapolações. Os seguintes tópicos foram cobertos no processo de codificação, diretamente relacionados ao discurso do *trade-off*:

- Conflitos domésticos e a questão territorial – termos relacionados a instabilidades na Chechênia e no Cáucaso Norte; conflitos; intolerância, radicalismo e extremismo; separatismo e ameaça de dissolução do Estado; terrorismo; e integridade territorial da Rússia.
- Diversidade e questão étnico-nacional – termos relacionados ao status multinacional, multiétnico e multiconfessional da Rússia; russos étnicos; conacionais; migrantes e refugiados; e referências a repúblicas russas, ao Cáucaso e a grupos étnicos.
- Democracia – referências à democracia, democratização e ao termo "democrático".
- Ameaças internas – instabilidades na Chechênia e no Cáucaso; conflitos; intolerância, radicalismo e extremismo; separatismo e ameaça de dissolução do Estado; terrorismo; crime e corrupção; crise demográfica (decréscimo populacional); instabilidade, ameaça e desordem; conflitos entre instituições estatais; incapacidade estatal e dificuldades do Estado de Direito; desconfiança e medo.
- Ameaças externas – termos relacionados a instabilidades externas, conflitos regionais, conflitos com o Ocidente e outros conflitos.
- *Stateness* – termos relacionados à organização federativa, Estado de Direito, segurança do estado, fortalecimento e efetividade do estado, e integridade territorial.
- Ordem e união – termos relacionados a ordem, estabilidade e paz; tolerância, união e concordância social.

Como o meu argumento diz respeito não apenas à legitimação de mudanças institucionais, mas também do regime político, verifico se há maior menção aos termos relacionados ao discurso do *trade-off* em períodos pré-eleitorais.

Na segunda etapa, busco analisar qualitativamente a construção dos argumentos do discurso do *trade-off* em cada período presidencial, basicamente nos discursos de Yeltsin (1994-1999), Putin I (2000-2007), Medvedev (2008-2011) e Putin II (2012-2020). Também analiso as discussões legislativas de algumas leis que impactaram o sistema de pesos e contrapesos e direitos civis. Em específico, a lei de 2004 que aboliu as eleições diretas para governador, as emendas constitucionais de 2020 que garantiram prerrogativas importantes para o incumbente, e as emendas à lei de combate ao extremismo de 2002 e de combate ao terrorismo de 2006. Nessas análises

qualitativas pretendo verificar se de fato houve a construção de narrativas sobre os supostos *trade-offs* de um regime democrático ou liberal.

Por fim, examino algumas questões de *surveys* conduzidos entre as elites russas relacionadas a conflitos étnicos e à manutenção da integridade territorial do Estado, no intuito de identificar em que medida o problema de *stateness* causou preocupação nas elites.

3.2 Análise quantitativa dos discursos presidenciais e instituições autoritárias

O discurso do *trade-off* pode ter sido utilizado para legitimar tanto mudanças institucionais relacionadas ao sistema de pesos e contrapesos, desmobilizando importantes arenas e atores de veto, quanto a adoção de medidas que em diferentes graus afetaram direitos civis e expandiram a atuação de órgãos de segurança. Na presente seção apresento alguns dados acerca da incidência de diferentes elementos do discurso ao longo do tempo e sua possível correlação com mudanças institucionais.

Em um trabalho anterior (FERRARO, 2019), mostrei que o sistema político russo se caracteriza por um elevado grau de flexibilidade que permite ao executivo promover mudanças institucionais formais em seu benefício conforme o contexto torne necessário ou desejável. Na tabela abaixo, seguida de um gráfico, apresentamos um breve resumo das principais mudanças institucionais que afetaram o sistema de pesos e contrapesos e os direitos civis.

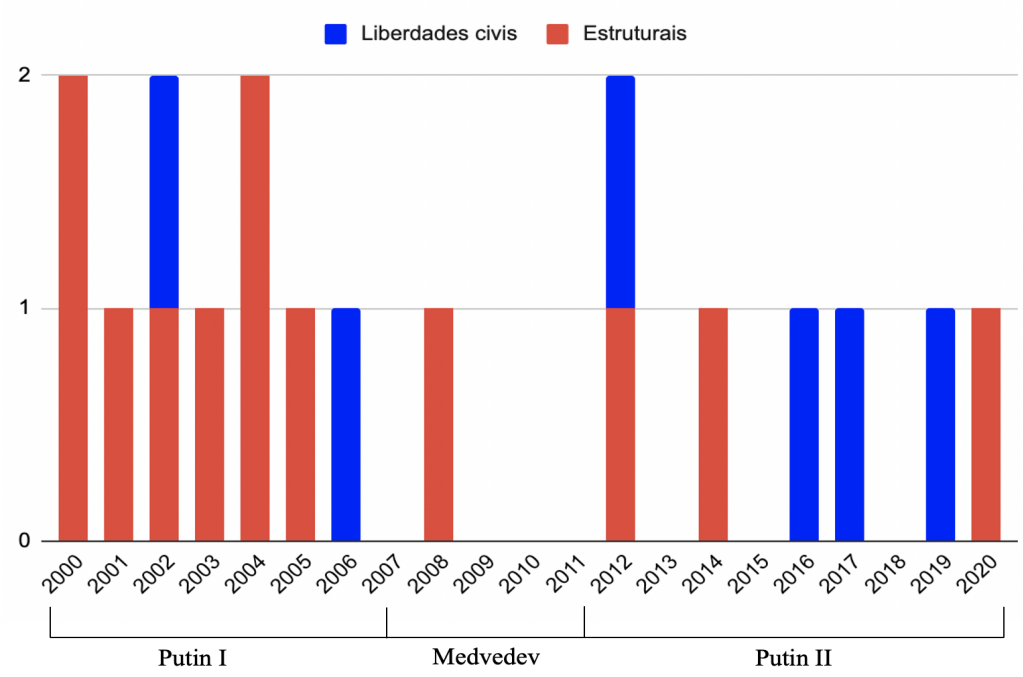
Tabela 3.1 Mudanças institucionais de ampla ressonância na Federação Russa de 2000 a 2020

Ato normativo	Ano	Escopo	Assunto
Decreto Presidencial N. 849 de 13.05.2000 "Sobre o Representante Plenipotenciário (*polpredys*) do Presidente da Federação Russa nos Distritos Federais"	2000	Estrutural, centralização	Criação de distritos federais nos quais os representantes da Presidência deveriam fiscalizar os governos regionais e locais, além de auxiliar na erradicação de normas que contrariassem as leis federais.
Lei Federal N. 113 de 05.08.2000 "Sobre o Procedimento de Formação do Conselho da Federação da Assembleia Federal da Federação Russa"	2000	Estrutural	Novas regras para a formação da câmara alta legislativa
Lei Federal nº 95 de 07.11.2001 “Sobre os Partidos Políticos”	2001	Estrutural, sistema partidário	Reforma e centralização do sistema partidário.
Lei Federal nº 114 de 25.07.2002 "Sobre o combate às atividades extremistas"	2002	Liberdades civis	Medidas restritivas que foram posteriormente ampliadas em emendas a esta lei.
Lei Federal N. 175 de 20.12.2002 "Sobre a Eleição dos Deputados da Duma Estatal da Assembleia Federal da Federação Russa"	2002	Estrutural, sistema eleitoral	Introdução da cláusula de barreira de 5%.
Lei Federal N. 95 de 04.07.2003 "Sobre Alterações e Aditamentos à Lei Federal "Sobre Princípios Gerais de Organização dos Órgãos Legislativos (Representativos) e Executivos do Poder Estatal das Unidades da Federação Russa""	2003	Estrutural, centralização	Tratados federativos devem ser aprovados pela Duma.

Lei Federal nº 168 de 20.12.2004 "Sobre Alterações à Lei Federal "Sobre Partidos Políticos""	2004	Estrutural, sistema partidário	Elevou o requisito mínimo para criar e manter um partido político para 50.000 membros.
Lei Federal N. 159 de 11.12.2004 "Sobre Alterações à Lei Federal "Sobre Princípios Gerais de Organização dos Órgãos Legislativos (Representativos) e Executivos do Poder Estatal das Unidades da Federação Russa" e da Lei Federal "Sobre Garantias Básicas de Eleitoral Direitos e o direito de participar de um referendo dos cidadãos da Federação Russa""	2004	Estrutural, centralização	Cancelamento das eleições diretas para governador. Nomeação pelo presidente
Lei Federal N. 51 de 18.05.2005 "Sobre a Eleição dos Deputados da Duma Estatal da Assembleia Federal da Federação Russa"	2005	Estrutural, sistema eleitoral	Instituição do sistema proporcional e cláusula de barreiras de 7%.
Lei Federal N. 35 de 06.03.2006 "Sobre o Combate ao Terrorismo"	2006	Liberdades civis	Medidas restritivas que foram posteriormente ampliadas em emendas a esta lei.
Lei de emenda da Constituição N. 6 de 30.12.2008 "Sobre a mudança do mandato do Presidente da Federação Russa e da Duma Estatal"	2008	Estrutural	Extensão do mandato do presidente de 4 para 6 anos e dos deputados federais de 4 para 5 anos.
Lei Federal N. 121 de 20.07.2012 "Sobre Alterações a Certos Atos Legislativos da Federação Russa relativos à Regulamentação das Atividades de Organizações Não Comerciais Desempenhando as Funções de Agente Estrangeiro"	2012	Liberdades civis	Catalogação de organizações da sociedade civil como "agentes estrangeiros".
Lei Federal N. 229 de 03.12.2012 "Sobre o Procedimento para Formar o Conselho da Federação da Assembleia Federal da Federação Russa"	2012	Estrutural	Novas regras para a formação da câmara alta legislativa
Lei sobre a alteração da Constituição N. 11 de 21.07.2014 "Sobre o Conselho da Federação da Assembleia Federal da Federação Russa"	2014	Estrutural	Direito do presidente nomear parte dos senadores.
Lei Federal N. 374 de 06.07.2016 "Sobre alterações à Lei Federal "Sobre o Combate ao Terrorismo" e certos atos legislativos da Federação Russa em termos de estabelecer medidas adicionais para combater o terrorismo e garantir a segurança pública"	2016	Liberdades civis	Medidas restritivas. Controle sobre os dados de celular.
Lei Federal N. 327 de 25.11.2017 "Sobre Alterações aos Artigos 10.4 e 15.3 da Lei Federal "Sobre Informação, Tecnologias da Informação e Proteção da Informação" e Artigo 6 da Lei "Sobre os Meios de Comunicação de Massa"	2017	Liberdades civis, imprensa	Conceito de "agentes estrangeiros" expandido para a imprensa.
Lei Federal N. 426 de 12.02.2019 "Sobre Alterações à Lei "Sobre Meios de Comunicação em Massa" e à Lei Federal "Sobre Informação, Tecnologias da Informação e Proteção da Informação"	2019	Liberdades civis	Conceito de "agentes estrangeiros" expandido para indivíduos.
Lei de emenda à Constituição n.º 1 de 14.03.2020 "Sobre a melhoria da regulamentação de certas questões da organização e funcionamento dos poderes públicos"	2020	Estrutural	Prerrogativas institucionais que beneficiaram o presidente.

Fonte: elaborado pelo autor com dados disponíveis no site oficial da Duma e em Consultant.ru.

Figura 3.1 Mudanças institucionais de ampla ressonância na Federação Russa de 2000 a 2020

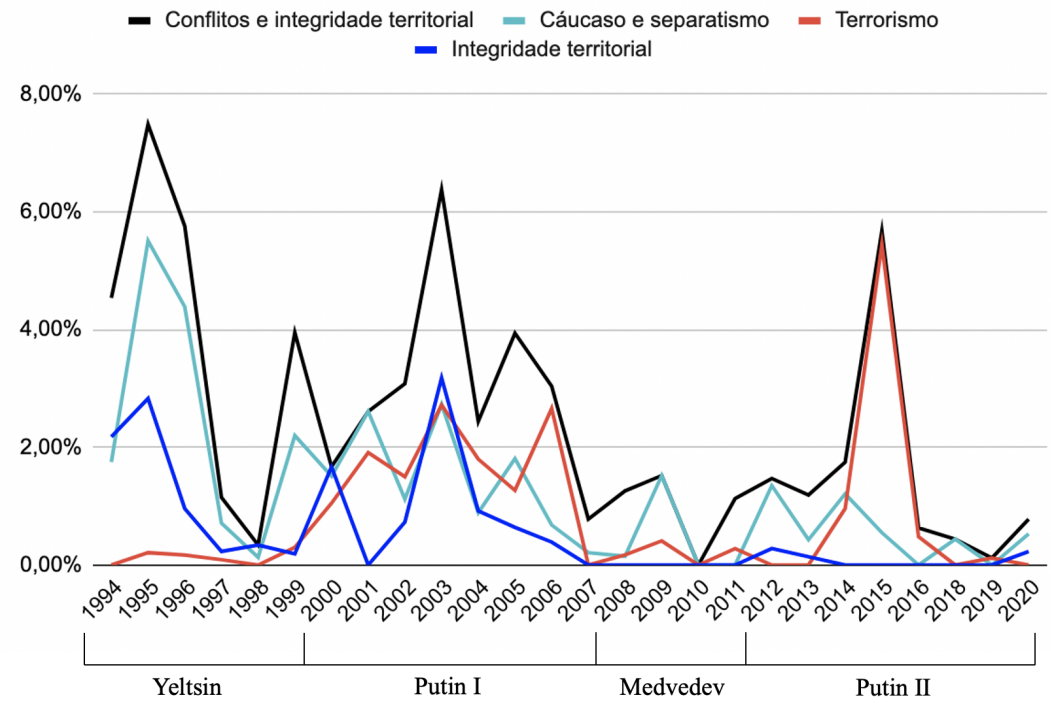


Fonte: elaborado pelo autor com dados disponíveis no site oficial da Duma e em Consultant.ru.

Como podemos observar, as principais mudanças estruturais que contribuíram para a centralização do Estado no âmbito das relações federativas e à predominância do executivo no âmbito das relações entre poderes se deram durante os dois primeiros mandatos de Vladimir Putin (2000-2007). O período de mudanças coincide com o período de maior percepção de minorias como ameaça e, em parte, com momentos de elevadas preferências autoritárias, como identifiquei no capítulo anterior. Já as mudanças que afetaram direitos civis foram mais frequentes no segundo e terceiro mandatos de Vladimir Putin (2012-).

O elemento do discurso do *trade-off* de maior interesse para este trabalho diz respeito à ameaça à integridade territorial do Estado e à sociedade por parte dos *out-groups* (minorias), ou seja, a preocupação com manifestações violentas (conflitos separatistas, atentados terroristas e extremismo). O gráfico abaixo apresenta a variação de menções a conflitos domésticos e integridade territorial nos discursos presidenciais, além dos três principais componentes que formam essa variável – Cáucaso e separatismo; terrorismo e integração territorial. Na seção qualitativa, verificamos se de fato essas menções foram associadas a um tipo de regime específico e a um esforço em estimular percepções de ameaça na sociedade.

Figura 3.2 Menções ao problema de *stateness* em discursos presidenciais (1994-2020)

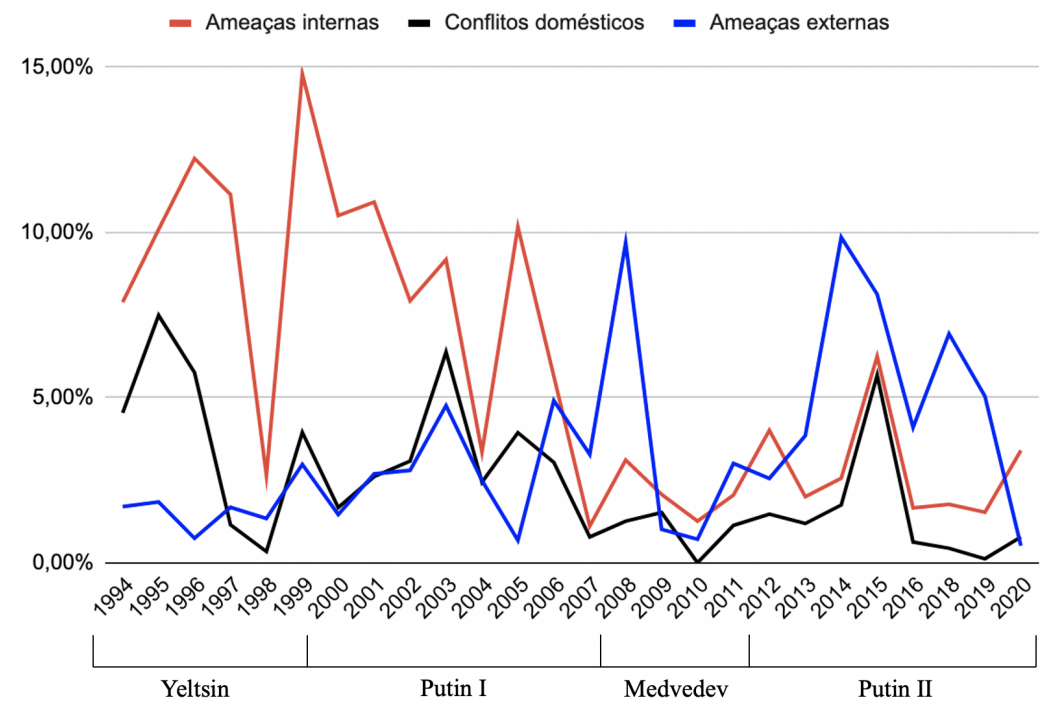


Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal.
Obs.: a categoria "conflitos e integridade territorial" agrega as demais.

O gráfico revela uma grande menção aos conflitos domésticos durante a primeira guerra da Chechênia (1994-1996) e ao longo de quase toda a primeira fase do governo Putin – como mencionei, o período em que mais se promoveram mudanças institucionais estruturais. Também é possível notar um outro pico na segunda fase do governo Putin. O período de menor menção foi o governo Medvedev (2008-2012), quando praticamente não houve grandes mudanças estruturais centralizadoras e autoritárias. Menções a tensões no Cáucaso e a separatismo continuaram presentes mesmo após o fim da fase intensa da segunda guerra da Chechênia (1999-2000). Já referências a terrorismo cresceram durante a primeira fase do governo Putin, decaíram, e tiveram o pico de toda a série em 2015, como argumento para legitimar a intervenção militar na Síria.

Uma outra comparação possível é entre a mobilização de ameaças internas e externas. Ameaças internas abrangem tanto os conflitos domésticos quanto problemas como crime e corrupção, crise demográfica, instabilidade, conflitos entre instituições estatais, incapacidade estatal e dificuldades do Estado de Direito. Já ameaças externas envolvem tensões com o Ocidente, conflitos regionais e outros conflitos.

Figura 3.3 Comparação entre menções a ameaças internas e externas em discursos presidenciais (1994-2020)



Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal. Obs.: ameaças internas abrange conflitos domésticos e outros problemas internos, como discorri acima.

É possível notar uma intensa menção de problemas internos durante o governo Yeltsin e a primeira fase do governo Putin – neste último, como justificativa para a condução de reformas. A incidência dessas menções cai drasticamente durante o governo Medvedev, período em que houve menos mudanças institucionais antiliberais, e apresenta alguns crescimentos esporádicos na segunda fase do governo Putin. Por sua vez, referências a ameaças externas acompanharam menções a conflitos domésticos durante o governo Putin – o que pode estar relacionado a uma tentativa de associar esses conflitos também a atores externos, uma estratégia de estimular o efeito "rally 'round the flag" contra *out-groups* internos e adversários geopolíticos externos. No governo Medvedev (em 2008), houve um grande salto relacionado ao conflito na Geórgia. Por este ser um conflito externo, não pode ser utilizado para referendar alterações institucionais internas.

Uma das características mais notórias da dinâmica é a prevalência de referências a ameaças externas na segunda fase do governo Putin. Tal fato tem relação com a deterioração das relações da Rússia com o Ocidente após a crise da Crimeia, mas também revela uma importante tendência: menções a ameaças internas decaíram com o tempo e foram compensadas por menções a ameaças externas. Se em um primeiro momento o "rally 'round the flag" tinha como alicerce conflitos domésticos (a ameaça chechena e o risco à integridade territorial do país), em um segundo os conflitos externos tornam-se predominantes. Como vimos no capítulo anterior, a percepção de ameaças internas caiu gradualmente, enquanto a percepção de ameaças externas cresceu

consideravelmente – em 2021, 62% disseram temer constantemente uma guerra mundial[297]. Uma hipótese para esse fenômeno é o fato de o conflito checheno ter sido resolvido até o fim dos anos 2000, o que diminuiu o potencial de mobilização discursiva de ameaças internas. O discurso de polarização com o Ocidente pode ter sido fruto não apenas de percepções acerca de ameaças geopolíticas objetivas, mas também de uma estratégia das elites russas em manter níveis elevados de temor na população.

A fim de testar se há indícios de uma estratégia "rally 'round the flag" em períodos eleitorais, comparei o percentual de menções a conflitos e ameaças entre períodos eleitorais e não eleitorais[298].

Tabela 3.2 Menções a ameaças em períodos eleitorais e não eleitorais em discursos presidenciais (1994-2020), percentuais em parágrafos

	Conflitos domésticos		Ameaças internas		Ameaças externas	
Período	**Eleitoral**	**Não-eleitoral**	**Eleitoral**	**Não-eleitoral**	**Eleitoral**	**Não-eleitoral**
Yeltsin	5,73%	2,01%	12,38%	7,23%	1,85%	1,57%
Putin I	3,58%	2,80%	5,14%	8,09%	4,02%	2,50%
Medvedev	1,13%	0,93%	2,05%	2,15%	3,01%	3,80%
Putin II	2,30%	1,03%	3,81%	2,35%	5,19%	5,08%
Total	**3,60%**	**1,83%**	**6,77%**	**5,28%**	**3,58%**	**3,37%**

Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal.

A tabela traz indícios de que conflitos domésticos – sobretudo separatismo, terrorismo e a questão territorial – foram mais mobilizados em períodos eleitorais. Quando olhamos para ameaças internas no geral e externas há uma menor incidência, mas ainda assim é considerável a diferença entre os períodos. Putin mobilizou mais ameaças externas na primeira fase de seu governo. Já no governo Dmitriy Medvedev não há diferenças consideráveis entre períodos eleitorais e não eleitorais para os diferentes tipos de ameaça. Cabe salientar que em Yeltsin e Putin I, o controle do incumbente sobre o processo eleitoral era inferior ao controle nos demais períodos, o que pode ter criado incentivos para o presidente recorrer à menção de ameaças como estratégia eleitoral.

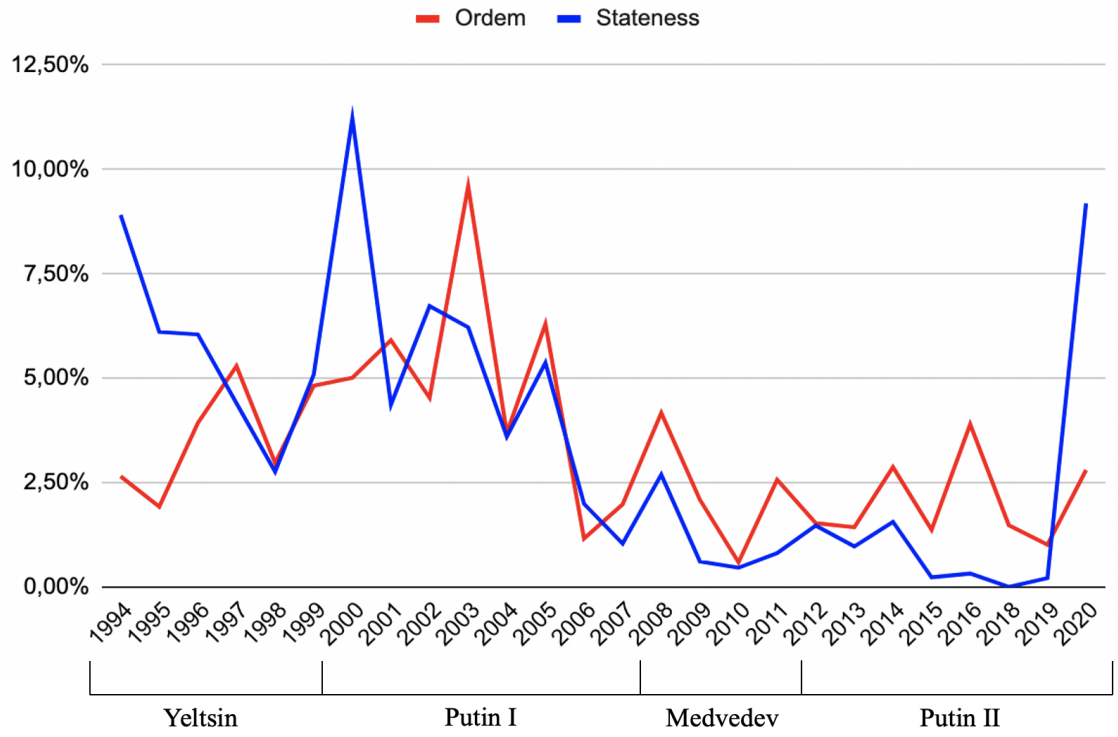
Um outro elemento importante do discurso do *trade-off* são as referências a ordem e união nacional (estabilidade, paz, concordância) e a atributos de *stateness*, como questões genéricas da

[297] Levinson, Alexey. «Yesli zavtra voyna». Kak vliyayet na nas novostnoy shum pro vtorzheniye ["Se amanhã houver guerra." Como o ruído das notícias sobre a invasão nos afeta]. Levada-Center, 24.11.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/11/24/esli-zavtra-vojna-kak-vliyaet-na-nas-novostnoj-shum-pro-vtorzhenie>. Acesso em: 09.12.2021.

[298] Para codificar como "período eleitoral", selecionei discursos proclamados dentro de um ano antes de eleições para a Duma ou para presidente.

organização federativa, Estado de Direito, segurança do Estado, fortalecimento e efetividade do Estado e integridade territorial. O gráfico abaixo mostra a incidência desses elementos nos discursos presidenciais.

Figura 3.4 Menções a ordem e atributos de *stateness* em discursos presidenciais (1994-2020)



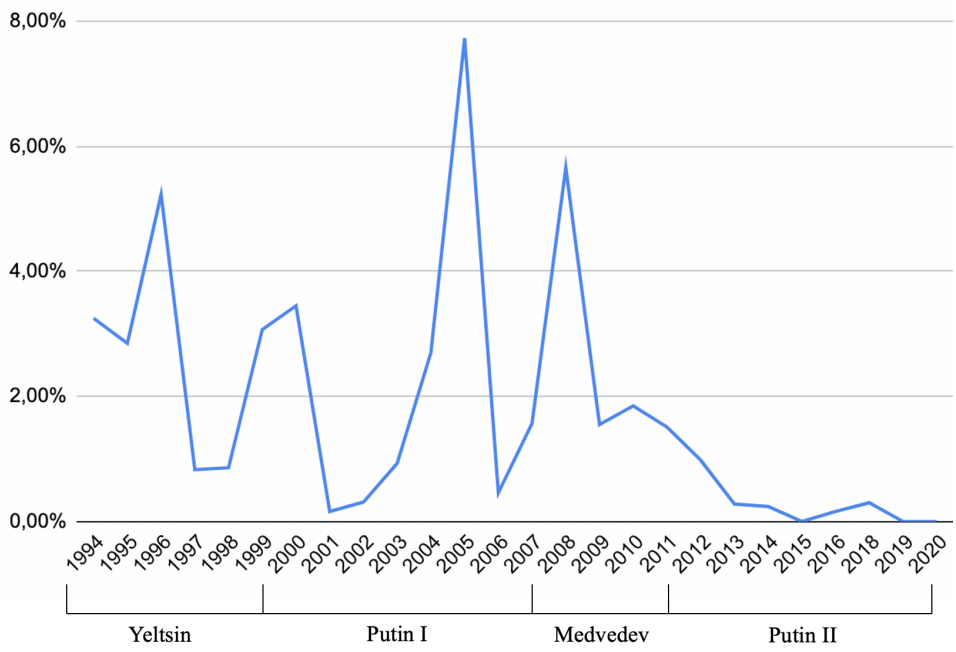
Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal.

Como podemos observar, referências à ordem e a atributos de *stateness* tiveram grande incidência durante a primeira fase do governo Putin, período de construção do "sistema vertical de poder". Nos períodos seguintes há uma considerável redução. Um novo salto para *stateness* ocorre em 2020, ano em que foram promovidas algumas das reformas constitucionais mais importantes desde a adoção da constituição de 1993.

Finalmente, cabe analisar dois elementos basilares da concepção de *trade-off*: menções à democracia e à questão étnico-nacional. Referências à democracia foram consideravelmente altas em alguns momentos do governo Yeltsin, registrou valores mínimos e saltos esporádicos na primeira fase do governo Putin, apresentou um segundo pico no governo Medvedev e decaiu gradualmente até praticamente desaparecer na segunda fase do governo Putin. O grande pico de 2005 está associado à estratégia de Putin de definir uma concepção própria de democracia – a "democracia soberana". Os valores mais altos no período Medvedev devem-se a uma retórica mais liberal do incumbente, ao passo que os valores baixíssimos na segunda fase do governo Putin podem estar relacionados ao endurecimento do regime no período – se antes havia um discurso

que buscava se adequar a padrões ocidentais, com a deterioração das relações entre Rússia e o Ocidente e o endurecimento do regime autoritário esse discurso se esvai.

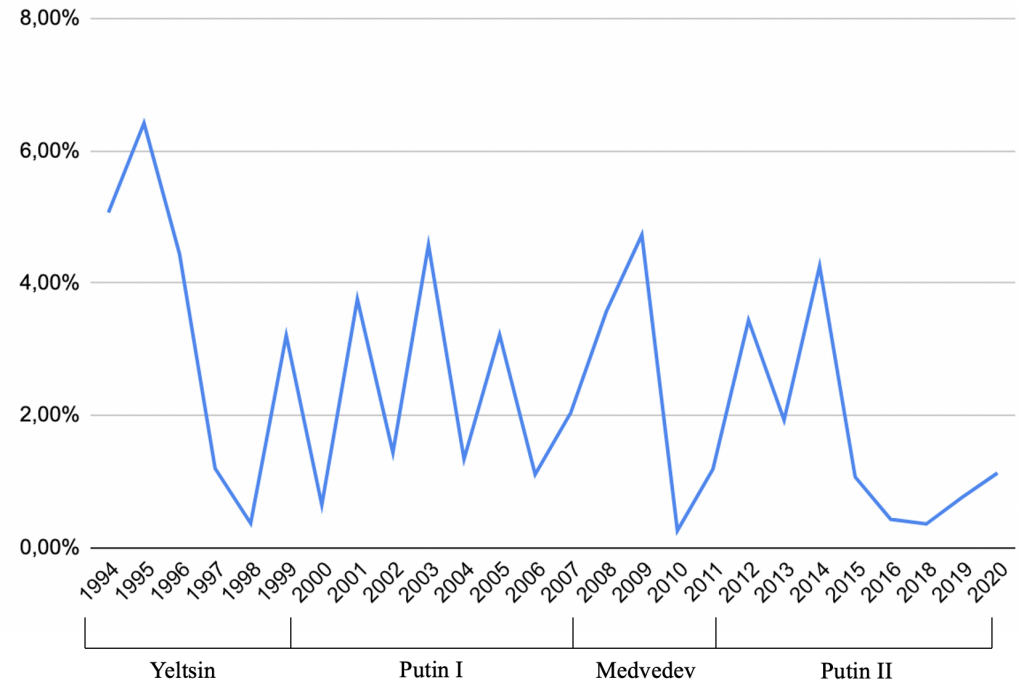
Figura 3.5 Menções à democracia / democratização em discursos presidenciais (1994-2020)



Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal.

No que tange à diversidade e à questão étnico-nacional, é possível observar uma considerável frequência e periodicidade das menções em grande parte da série. As maiores incidências ocorreram durante a primeira guerra da Chechênia. Na parte final do governo Medvedev, há uma queda acentuada, assim como nos últimos anos do governo Putin. Argumento que um dos principais focos do discurso do *trade-off* é apresentar a questão étnico-nacional como um impedimento à adoção de instituições liberais na Rússia: a ideia de que a democracia não seria apta a garantir ordem em um contexto multinacional. A questão etnonacional demandaria uma concentração e centralização de poderes a fim de assegurar a estabilidade político-institucional. Os anos de menor menção à questão em Putin II foram marcados por uma elevada menção a ameaças externas. A seção qualitativa poderá revelar se de fato a narrativa do *trade-off* foi mobilizada.

Figura 3.6 Referências à diversidade e à questão étnico-nacional em discursos presidenciais (1994-2020)



Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal.

Nesta seção podemos constatar que as maiores incidências a elementos do discurso de *trade-off* (conflitos domésticos, ameaças internas, ordem, *stateness*) ocorreram na primeira fase do governo Putin, período de maior condução de mudanças institucionais estruturais que afetaram o sistema de pesos e contrapesos. Este é um indício preliminar de que o discurso do *trade-off* pode ter sido um importante instrumento de legitimação do regime e da adoção de instituições autoritárias. Para verificar tal asserção faz-se necessário analisar o conteúdo desses discursos e como a concepção de *trade-off* entre ordem e democracia foi estruturada.

3.3 Análise qualitativa do discurso do *trade-off* por períodos

Nesta seção analiso como em diferentes períodos elementos do discurso de *trade-off* foram gradualmente estruturados. A trajetória do discurso será apresentada com base nos quatro períodos já introduzidos anteriormente: governo Yeltsin, Putin I, Medvedev e Putin II.

3.3.1 Boris Yeltsin (1994-1999)

No período de Boris Yelstin, a percepção de *trade-offs* envolvendo instituições pluralistas foi notável com as diversas alusões às dificuldades propiciadas pela competição política. A disputa

entre os poderes e, sobretudo, a forte oposição do parlamento ao presidente teriam contribuído para obstruir reformas econômicas e a tomada de decisões eficazes contra os separatistas na Chechênia. A desintegração e enfraquecimento do Estado, bem como a instabilidade política e a desordem administrativa teriam sido facilitadas pelo conflito entre poderes. O separatismo, por sua vez, também impactou negativamente a transição. Pressupõe-se que os jogos políticos nos diferentes tabuleiros da transição tripla geraram constrangimentos mútuos, tornando o processo muito mais complexo. Como consequência, a sociedade e parte das elites administrativas passaram a perceber a abertura política e a descentralização como motivadores do caos e da desordem. O próprio Yeltsin, apesar de contestar a existência de *trade-offs* democráticos, ressalta que períodos eleitorais são vulneráveis a radicalismos e a mobilizações étnicas violentas. Seu discurso não legitimou um regime autoritário, mas apontou para a necessidade de mudanças institucionais que fortalecessem o papel do presidente e do Estado.

Os primeiros discursos de Yeltsin refletem em grande medida a crise institucional pela qual o país passou em 1993, em específico, o conflito entre o Executivo e o Legislativo que culminou na dissolução violenta do parlamento. Pouco depois desse episódio, em 25 de dezembro, entrou em vigor a atual constituição federal.

No discurso de 1994, Yeltsin afirmou esperar que o novo legislativo não fosse mais oferecer barreiras à atuação do presidente e, indiretamente, ao fortalecimento do Estado:

> O presidente tem poderes constitucionais suficientes para influenciar a situação. O Parlamento, respeitando os poderes do Presidente, não levantará barreiras artificiais à implementação das principais orientações da política interna e externa. Este é o tipo de consentimento que as pessoas esperam das autoridades. É exatamente disso, antes de mais nada, que depende o fortalecimento do nosso Estado e a paz civil no país. (YELTSIN, 1994, tradução nossa).

Também ressalta que já no período começou a se difundir a percepção de *trade-offs* negativos associados à democracia, sobretudo a ideia de um Estado fraco e pouco responsivo às demandas da sociedade:

> A estabilidade da sociedade, a proteção de seus valores fundamentais, principalmente os direitos humanos, e a provisão dos interesses nacionais da Rússia dependem em grande parte da eficácia com que o governo democrático funcionará, se será capaz de preencher a lacuna entre os princípios constitucionais e a prática real. [...] Devemos admitir abertamente: os princípios democráticos de organização do Estado estão cada vez mais desacreditados. Uma imagem negativa da democracia está se formando como um governo fraco e amorfo que pouco dá à maioria das pessoas e defende, antes de tudo, seus interesses corporativos. A sociedade russa adquiriu a liberdade, mas ainda não percebeu a democracia como um sistema de poder estatal forte e, ao mesmo tempo, totalmente responsável perante o povo. (YELTSIN, 1994, tradução nossa).

Há um destaque à complexidade da transição múltipla pela qual a Rússia passou. O fortalecimento do Estado foi apontado como um processo dependente da construção de instituições

que pudessem garantir a descentralização do país e simultaneamente a integridade territorial, ameaçada pela crise e pelos secessionismos que levaram ao fim da própria URSS:

> O fortalecimento do Estado – em primeiro lugar, o fortalecimento de sua integridade e unidade territorial. O problema não se limita apenas a garantir a inviolabilidade das fronteiras do Estado e proteger o país de ameaças externas. Por toda a importância dessas tarefas, são alarmantes as manifestações da desintegração do país e das tendências internas que ameaçam sua integridade territorial. Os temores partem do fato de que as transformações fundamentais nas esferas econômica e política coincidiram com a crise do unitarismo [a centralização soviética], que perdeu a sua utilidade. Para a Rússia, que iniciou as transformações democráticas, a única maneira real de fortalecê-la é criando um Estado federal moderno. A tarefa das autoridades federais é encontrar essa forma de estrutura estatal, de modo que a luta natural das regiões por maior autonomia não represente uma ameaça à integridade da Rússia. (YELTSIN, 1994, tradução nossa).

No discurso de 1995, Yeltsin faz críticas à oposição, afirmando que a sua atuação radical poderia indiretamente colocar em risco a segurança e integridade territorial do país.

> Algumas forças políticas não param de tentar "derrubar" o Governo [gabinete do primeiro-ministro], de provocar a "dissolução" da Duma Estatal e de exigir repetidas vezes a condução de eleições presidenciais e parlamentares antecipadas. A tradicional "busca de inimigos", a intolerância social e política e a promiscuidade transformam-se em minas voluntárias ou involuntárias dos próprios alicerces da viabilidade, da segurança e da integridade do país. (YELTSIN, 1995, tradução nossa).

Na busca de, em parte, responsabilizar o Legislativo pelos rumos que a crise separatista na Chechênia alcançou, Yeltsin menciona sua tentativa de solucionar o conflito logo no princípio, mas que foi barrada pelo parlamento.

> O regime ilegal na Chechênia começou a se fortalecer a partir de novembro de 1991, em grande parte devido à indecisão do governo federal. Abordando os distúrbios causados pelas "eleições" de outubro, um decreto do presidente da Federação Russa de 7 de novembro de 1991 foi emitido com o objetivo de introduzir o estado de emergência em todo o território da então República Checheno-Inguche. No entanto, este decreto quase imediatamente teve de ser cancelado devido à atitude negativa em relação a ele por parte do então poder Legislativo da Federação Russa, cujas próprias iniciativas de manutenção da paz em novembro-dezembro de 1991 foram episódicas e não tiveram quaisquer resultados. (YELTSIN, 1995, tradução nossa).

Tal asserção está relacionada a um dos argumentos basilares deste trabalho: a difusão do argumento de que a democracia, pelo sistema de pesos e contrapesos, é mais letárgica em propiciar soluções eficazes a conflitos e desmobilizar *out-groups*. Indiretamente questionando a atuação de instituições democráticas, em específico o parlamento, Yeltsin afirma que foi forçado a vetar medidas inconstitucionais e de baixa qualidade aprovadas pelo Legislativo.

> Numerosos projetos alternativos estão surgindo; leis em conflito com a Constituição e, mais recentemente, com o Código Civil, estão sendo aprovadas às pressas. O Presidente da Federação Russa foi forçado a rejeitar um número significativo de leis devido à sua baixa qualidade jurídica. Um elemento tão importante do sistema de separação de poderes como o veto presidencial passou de um meio de coordenação de interesses políticos para um instrumento de controle jurídico. (YELTSIN, 1995, tradução nossa).

Assim como em 1994, Yeltsin ressalta que a Rússia teve que enfrentar uma crise separatista em meio a instituições pouco consolidadas e a uma sociedade civil ainda em processo de adaptação

a um novo regime. Enfatiza que o país conseguiu evitar que "chauvinismos" ganhassem força nesse processo.

> A Rússia foi forçada a usar a força contra o regime ilegal de Grozny [Chechênia] logo no início da construção de seu novo Estado [*statehood*], com uma sociedade civil imatura, com tradições democráticas instáveis, com um exército não reformado, sem a consolidação de todas as instituições governamentais. E nessas condições de crise, a sociedade se absteve da histeria chauvinista e militar, as instituições do Estado foram equilibradas o suficiente para não conter uma onda de críticas, para permanecer abertas internamente e no mundo externo. Todos esses são sinais do surgimento de um Estado [*statehood*] democrático normal, capaz de resistir a um teste severo. (YELTSIN, 1995, tradução nossa).

Um importante elemento mobilizado no discurso e relacionado à ideia de *trade-off* em sociedades heterogêneas foi a necessidade de a Rússia escolher entre dois caminhos para manter a sua integridade, dada a sua diversidade etnonacional: o caminho da centralização autoritária ou o da descentralização federativa democrática. Apesar de Yeltsin afirmar que o país optou pela segunda, o discurso de Putin, como veremos mais à frente, reforça indiretamente a eficácia e necessidade do primeiro.

> Devido à vastidão do território e à enorme variedade de condições de vida – históricas, nacionais [étnicas], econômicas e naturais – a Rússia tem duas maneiras de se preservar como um Estado unido. Uma delas é o unitarismo, um governo rigidamente centralizado. Foi nesta base que a Rússia existiu até recentemente. Este método se baseia principalmente no princípio do comando. A eficácia do governo aqui depende do poder de meios ilegais e coercitivos. Nossa sociedade adotou uma forma diferente de preservar a unidade do Estado – o federalismo, a descentralização do governo. Essa forma, é claro, baseia-se na lei, incluindo a regulamentação estrita das competências das autoridades federais e regionais. Esta é uma forma não apenas de preservar a integridade da Rússia, mas também de proteger efetivamente a sociedade e os cidadãos [...]. (YELTSIN, 1995, tradução nossa).

Cabe mencionar que Yeltsin admite que a escolha da descentralização já nos anos 1990 enfrentava resistência popular e era percebida como uma ameaça à integridade da Rússia. Está implícita a ideia e temor de que, dado o seu tamanho e diversidade, a Rússia só pode se manter como estado se tiver um controle centralizado.

> Os primeiros passos na formação de um verdadeiro federalismo, em particular a redistribuição das funções de poder do Centro para as regiões, foram percebidos por muitos como um sinal de enfraquecimento do Estado, uma violação de sua soberania e até mesmo uma ameaça à integridade territorial. É preciso admitir que havia alguns motivos para tais temores. Afinal, no início houve políticos que construíram suas carreiras recorrendo justamente a slogans separatistas, à luta contra o governo federal. (YELTSIN, 1995, tradução nossa).

No discurso de 1996 Yeltsin faz uma ampla reflexão acerca do processo que levou ao fim da URSS e das dificuldades que a Rússia teve que enfrentar durante a transição, inclusive a ameaça de dissolução. Destaca que logo no início das transformações, os russos temiam os possíveis efeitos negativos do processo.

> Houve otimistas: olhe, o totalitarismo foi derrotado, agora daremos liberdade econômica a todos, e tudo ficará bem. Mas poucos pensaram dessa maneira. Muito mais frequentemente as pessoas discutiam todos os tipos de catástrofes. Aguardavam

> ansiosamente o colapso da Rússia, a dissolução territorial, os conflitos entre nacionalidades [interétnicos] e a fome prevista em cidades congeladas. Todas essas ameaças eram reais. (YELTSIN, 1996, tradução nossa).

Em outro trecho, aponta os conflitos entre um Executivo reformador e um Legislativo conservador como uma das causas do atraso das reformas, afirmando que a economia não perdoava impasses. O conflito institucional entre os poderes também foi apresentado como um fator que deu força a movimentos separatistas e buscou enfraquecer o poder presidencial.

> No segundo semestre de 1993, o confronto político no nível federal atingiu um ponto crítico, qualquer tentativa de chegar a um compromisso já não dava resultado. Isso foi aproveitado pelas autoridades de algumas regiões, o que levou ao colapso do sistema vertical do Executivo, e as atitudes separatistas foram intensificadas. Preparava-se um congresso de deputados, no qual se pretendia, contra a vontade popular expressa no referendo de abril, abreviar as reformas, limitando drasticamente os poderes do Presidente. (YELTSIN, 1996, tradução nossa).

Yeltsin enfatiza que o separatismo foi a maior ameaça à estabilidade política, integridade e segurança do país, mas que a atuação do governo federal permitiu limitar seus efeitos para além da Chechênia.

> O separatismo representava a maior ameaça à estabilidade, integridade e segurança da Rússia. A vontade das autoridades federais de fazer um compromisso político, juntamente com a determinação em reprimir ações extremistas (por exemplo, impedir a tomada de edifícios governamentais na capital de Kabardino-Balkaria) permitiu reduzir drasticamente a ameaça à integridade do território da Federação Russa. A exceção foi a República Chechena-Inguche (desde 1992 – Chechena), na qual isso culminou em uma rebelião armada. (YELTSIN, 1996, tradução nossa).

Yeltsin cita a resolução do Tribunal Constitucional que endossou sua intervenção na Chechênia e reforça a ideia de que a sua decisão a favor do conflito era uma tentativa de impedir um transbordamento de instabilidades para outras regiões do Cáucaso e da própria Rússia: "exigir ao presidente 'parar a guerra' ou 'retirar as tropas' não é uma decisão, nem mesmo um caminho para a paz, mas um caminho direto para a propagação da guerra por todo o Cáucaso e possivelmente além de suas fronteiras" (YELTSIN, 1996, tradução nossa). Também menciona que a ameaça de desintegração estava superada, mas problemas regionais históricos haviam condicionado todo o processo de transição do país:

> Hoje, podemos afirmar com confiança que as previsões da dissolução catastrófica da Federação Russa não se tornaram realidade. Não foi fácil. Problemas regionais que se acumularam ao longo de sete décadas complicaram o curso da reforma do Estado, tornando-o muito mais doloroso e difícil para a sociedade. (YELTSIN, 1996, tradução nossa).

Em referência a outro elemento da percepção de *trade-off* que até hoje está presente na sociedade russa – a relação entre crise dos anos 1990 e "democracia" – Yeltsin cita:

> Digo isso agora, quando muitos já se envergonham da palavra "democracia", quando os críticos dos rumos atuais da Rússia passam por democracia as difíceis condições em que o país se encontra agora, no período de transição. A democracia não é os nossos problemas e dificuldades atuais, mas a única maneira de superá-los.

> Discordo veementemente dos argumentos de alguns teóricos que afirmam que a Rússia está quase condenada à ditadura por seu próprio destino. (YELTSIN, 1996, tradução nossa).

Embora haja uma rejeição desse *trade-off*, em diversos momentos de seus discursos ele parece estar implícito.

O discurso de 1997 enfatizou a importância de se implementar e garantir a estabilidade no país. Inicialmente Yeltsin menciona que o conflito separatista deixou traumas na população e impactou a economia profundamente – ou seja, reforça a percepção de que o problema de *stateness* afetou as vertentes política e econômica da transição tripla. Em seguida pondera que a crise chechena revelou problemas institucionais do país e salienta a importância da ordem.

> A crise chechena revelou os nossos problemas comuns: a fragilidade das novas instituições do Estado, a desunião das autoridades e da sociedade perante ameaças reais. Agora são muito importantes as lições que aprendemos com a tragédia recente. O futuro da Rússia depende muito disso. Uma lição está clara agora: a Rússia precisa de ordem. No entanto, é preciso responder a duas difíceis questões: qual ordem e como estabelecê-la? (YELTSIN, 1997, tradução nossa).

A solução para o país promover a ordem e sair da crise seria promover um Estado forte e efetivo:

> A conclusão é clara: o principal obstáculo para a formação de um novo sistema econômico, um novo sistema político é a baixa eficiência do governo, a falta de ordem adequada nas atividades do aparelho estatal. [...] Somente um governo forte, que tome decisões racionais e seja capaz de garantir sua efetiva implementação, está em condições de cumprir suas responsabilidades [...]. (YELTSIN, 1997, tradução nossa).

Yeltsin faz duras críticas à qualidade das leis e, sobretudo, à prática do legislativo de criar leis sem verificar a capacidade orçamentária do Estado. Também questiona a criação de leis inconstitucionais no nível local e regional, fenômeno que ficou conhecido como "guerra das leis". Nas conclusões menciona que no passado a Rússia sofreu com o excesso de poder estatal sem contrapesos, mas, no momento, o país estava sofrendo com a sua carência – a desordem poderia se tornar crônica se não houvesse maiores esforços.

> O poder que não é restringido pela lei é perigoso. A lei não assegurada pelo poder é fraca. O primeiro foi confirmado muitas vezes pela nossa história. A segunda está se tornando aparente hoje. [...] Mesmo que não haja grandes rupturas, permanece o perigo de se cair lentamente em um regime em que a desordem atual vai se tornar uma forma estável de "ordem". (YELTSIN, 1997, tradução nossa).

Em complemento, ressalta que é necessário alcançar a ordem sem ditadura e opressão: "estabelecer uma ordem baseada não na ditadura e na repressão, mas em objetivos comuns, razão e concordância, a energia da reconciliação e da criatividade, é uma tarefa verdadeiramente histórica para a Rússia" (YELTSIN, 1997, tradução nossa).

Assim como nos anos anteriores, no discurso de 1998 Yeltsin faz críticas à qualidade das leis, à baixa participação do executivo na produção legislativa e à criação de leis regionais

inconstitucionais. Menciona que os tratados federativos estabelecidos entre o governo federal e algumas regiões ajudaram a salvar a integridade da Rússia. Contudo, destaca a desconfiança de representantes do governo federal quanto à autonomia regional.

> A descrença na possibilidade de uma gestão eficaz por métodos legais e não de comando [autoritários], o pensamento unitário arraigado [oposto ao federativo], determina o temor de muitos representantes do governo federal em relação à autonomia regional. Eles tendem a vê-lo como uma ameaça à unidade do país e à sua integridade territorial. (YELTSIN, 1998, tradução nossa).

No seu último discurso ao congresso, em 1999, é possível notar o desgaste político provocado pela crise econômica de 1998. Yeltsin faz extensas acusações a diversos setores, como o Legislativo, os governadores, a oposição, a oligarcas e a forças que queriam promover um "retorno ao passado". Menciona que a URSS sustentou um sistema inefetivo por determinado período graças à dependência de recursos naturais. De todos os ex-países socialistas, a Rússia teria sido o que enfrentou uma das transições mais turbulentas. A falta de concordância social e de unidade no Estado dificultou a adoção de reformas necessárias – o separatismo não era apenas nacional (étnico), mas também institucional (conflitos entre poderes) e econômico (barreiras econômicas impostas por algumas regiões). Yeltsin critica o fato de a Duma não ter aprovado o pacote anticrise do FMI, o que agravou a crise econômica do país. De maneira análoga ao meu argumento de que há uma percepção segundo a qual o sistema de pesos e contrapesos do sistema democrático dificulta a tomada de decisões eficazes em conflitos, Yeltsin faz alusão ao seu impacto na condução de reformas, sobretudo econômicas:

> Durante todos esses anos, o obstáculo mais importante no caminho das reformas foi um confronto político agudo, que influenciou decisivamente na solução de problemas econômicos específicos. A busca por compromissos políticos inevitavelmente levou à inconsistência e indecisão na implementação das mudanças. (YELTSIN, 1999, tradução nossa).

Também há referências a tentativas do Legislativo de promover reformas constitucionais que fortalecessem o papel do parlamento, sobretudo na formação do Governo [gabinete do primeiro ministro]. Na visão de Yeltsin, essa seria uma estratégia de enfraquecer os poderes presidenciais. Ao mesmo tempo, ele destaca o papel constitucional do presidente como garantidor da estabilidade nacional.

> O presidente da Rússia não pode deixar como "legado" ao seu sucessor uma Constituição em que seus poderes sejam tão alterados que não lhe permitam desempenhar o papel de garantidor da Constituição, o garantidor da inviolabilidade do princípio da separação de poderes e, consequentemente, a estabilidade política do país. (YELTSIN, 1999, tradução nossa).

Reforça que a migração de um sistema unitário para um federativo e o conflito entre os poderes tornaram o processo de transição e de reformas extremamente conturbado. A baixa qualidade das leis, a adoção de leis que não levavam em conta a capacidade orçamentária, a

promoção de medidas inconstitucionais em diversas regiões que prejudicaram a integridade econômica do país são alguns dos elementos mencionados desta longa crise. Yeltsin considera que havia um risco de retrocesso democrático: "ou depois de 2000 pessoas da nova era democrática trabalharão na Duma Estatal, ou a era mais uma vez mudará o seu sinal político para o oposto [o autoritarismo]" (YELTSIN, 1999, tradução nossa). Afirma que diversas forças de oposição estavam interessadas em voltar ao passado soviético, no qual os três ramos de poder eram unificados.

Um outro elemento da percepção de *trade-off* de instituições democráticas diz respeito à relação entre eleições e a atuação de forças extremistas, inclusive separatistas:

> O período eleitoral é sempre repleto de instabilidade política, ruptura do alinhamento político existente e reagrupamento de forças. [...] Injúrias públicas, calúnias, ameaças de alterar violentamente os fundamentos da ordem constitucional, apelos à incitação ao ódio étnico e religioso – tudo isso foi adotado por representantes de várias organizações políticas. Mesmo que todos esses apelos sejam apenas um meio de autopromoção, o próprio fato de sua aparição é um desafio aberto à sociedade russa. (YELTSIN, 1999, tradução nossa).

Portanto, na visão de Yeltsin, combater extremismos era uma obrigação e um objetivo fundamental para garantir a "concordância civil" e a própria integridade da Rússia:

> O governo que combate o extremismo não está lutando contra seus rivais políticos, mas está protegendo e defendendo os direitos inalienáveis e a dignidade dos indivíduos, a paz e a concordância civil, a unidade do país e a sua integridade territorial. As tendências extremistas são perigosas não apenas para o sistema político existente, mas também para o Estado como um todo. (YELTSIN, 1999, tradução nossa).

Na conclusão desta subseção, podemos constatar que apesar de Yeltsin afirmar que a Rússia havia optado pelo caminho da democracia e do federalismo, em detrimento do comando autoritário e do unitarismo, em diversos momentos está implícito um conjunto de *trade-offs* relacionados a instituições democráticas, como os impasses gerados pelo sistema de pesos e contrapesos na condução de reformas econômicas e na própria resolução do conflito separatista. Nos últimos discursos, com o agravamento da crise política e econômica, referências à necessidade de ordem, estabilidade e concordância, em torno do presidente, ganham cada vez mais espaço. A própria competição política e eleitoral é apresentada como uma ameaça à estabilidade do Estado. Embora as alusões a *trade-offs* não tenham sido utilizadas para legitimar um regime autoritário, elas apontaram para a necessidade de mudanças institucionais urgentes nas relações entre os poderes e os entes federados, voltadas, sobretudo, ao fortalecimento do presidente.

3.3.2 Vladimir Putin I (2000-2007)

Na primeira fase de seu governo, Putin enfatiza a urgência em fortalecer o Estado e a ordem, importantes medidas para combater o terrorismo internacional na Rússia e evitar o desmantelamento do Estado. Defende a realização de reformas políticas e administrativas no sentido de empoderar o poder Executivo e o governo federal. As reformas desse período foram fundamentais para o estabelecimento do "sistema vertical de poder", no qual o presidente consolidou a sua preponderância sobre o Legislativo, os oligarcas e as elites regionais. Em diversos momentos, Putin menciona que os períodos de enfraquecimento do Estado russo levaram à sua dissolução. Aponta que o terrorismo internacional, o separatismo checheno e as complexidades da transição tripla colocaram em risco à integridade do país e levaram a um pessimismo na sociedade em relação à democracia. Para superar esses desafios, além do fortalecimento do Estado, seria necessária a união da sociedade, implicitamente em torno do líder, frente aos facciosismos, o autointeresse e os conflitos da competição política característicos dos anos 1990. Salienta que a "colaboração" do parlamento estava permitindo a concretização desses objetivos. Embora em alguns trechos afirme que o combate ao terrorismo não pode ser um pretexto para o cerceamento de liberdades, em outro afirma que o "preço da democracia" não pode ser a lei e o curso das reformas econômicas. O discurso foi instrumentalizado para justificar reformas administrativas e federativas polêmicas: logo após os atentados de Beslan e a conseguinte abolição das eleições para governador, Putin discorre sobre o conceito do "caminho próprio" russo para a democracia, adequado às "especificidades" russas. Pouco depois, aponta para a necessidade de reformas na lei de combate ao extremismo, principal instrumento legal de repressão de seu regime.

Vladimir Putin assume o poder na virada do ano 2000, em meio à segunda guerra da Chechênia e a um desgaste político profundo do governo Yeltsin. Como pudemos constatar na seção 2, a primeira fase de seu governo foi um dos períodos em que mais houve referências aos elementos do discurso do *trade-off*.

Os primeiros discursos de Putin ressaltaram a necessidade de se construir um Estado forte e de a Rússia perseguir o seu "próprio caminho" para o desenvolvimento, em vez de seguir ditames externos. O fortalecimento do Estado era concebido como uma medida necessária ao funcionamento das instituições públicas no país. Na prática, fortaleceu-se não apenas o Estado, mas, sobretudo, o poder Executivo, o qual consolidou sua supremacia sobre os demais. Logo em 2000 tais argumentos já ganham destaque:

> Há muito tempo escolhemos: confiar nos conselhos, ajuda e empréstimos dos outros, ou nos desenvolver com base em nossa identidade, em nossa própria força. Muitos países enfrentaram essa escolha. Se a Rússia continuar fraca, teremos de fazer essa escolha. [...] A única escolha real para a Rússia pode ser a escolha de um país forte. Forte e confiante em si mesmo. (PUTIN, 2000, tradução nossa).

Também em 2000, Putin menciona alguns desafios pelos quais o país deveria passar, como reverter o agudo decréscimo populacional, a dependência de recursos externos e a alta concorrência da globalização. Em alusão ao conflito da Chechênia, abordado como um ataque do "terrorismo internacional", afirma que as ações da Rússia para garantir a sua integridade territorial estavam sendo injustamente criticadas.

> Assim, nas condições de um novo tipo de agressão externa para nós – o terrorismo internacional e uma tentativa direta de transferir essa ameaça para dentro do país – a Rússia enfrentou um desafio sistêmico à soberania do Estado e à integridade territorial, viu-se frente a frente com forças que lutam por uma reestruturação geopolítica do mundo. Nossos esforços para salvar a Rússia desse perigo às vezes são interpretados de forma parcial e unilateral, e se tornaram um pretexto para todo tipo de especulação. (PUTIN, 2000, tradução nossa).

Em seguida, enfatiza que um Estado forte é a solução para o problema: "a resposta a estes e muitos outros desafios é impossível sem o fortalecimento do Estado" (PUTIN, 2000, tradução nossa). No mesmo contexto, Putin reconhece a discussão do *trade-off* entre ordem e democracia – entre "força" e "liberdade" –, mas, de maneira semelhante a alguns debates da literatura de *stateness*[299], ressalta que um Estado forte é condição necessária para haver liberdade.

> A disputa sobre a relação entre poder e liberdade é tão antiga quanto o próprio mundo. Até hoje, ela engendra especulações sobre ditadura e autoritarismo. Mas a nossa posição é muito clara: só um Estado forte, eficaz – se alguém não gosta da palavra "forte", digamos que um Estado eficaz e democrático – é capaz de proteger as liberdades civis, políticas e econômicas, é capaz de criar condições para o vida próspera das pessoas e para a prosperidade de nossa pátria. (PUTIN, 2000, tradução nossa).

Também reconhece a dificuldade de se livrar das amarras do *trade-off*: "ainda é tão difícil encontrar uma saída para o falso conflito entre os valores da liberdade pessoal e os interesses do Estado" (PUTIN, 2000, tradução nossa).

Em outros trechos, Putin aborda a necessidade de uma nova lei de partidos e critica a atuação de alguns veículos midiáticos, acusando-os de estarem a serviço de grandes grupos e promoverem desinformação. Menciona que barreiras econômicas regionais oferecem um grande obstáculo à integração federativa e que há grupos interessados na desordem do país – o vácuo de poder estatal teria dado espaço à atuação de grandes corporações e clãs. Enfatiza a necessidade da "ditadura da lei":

> É por isso que insistimos na única ditadura – a ditadura da Lei. Embora eu saiba que muitas pessoas não gostam dessa expressão. É por isso que é tão importante indicar os limites da área onde o Estado é o único e pleno proprietário. Dizer claramente onde é o último árbitro e designar as áreas onde não deve interferir. (PUTIN, 2000, tradução nossa).

Em referência ao federalismo russo, faz duras críticas à forma de descentralização do Estado, considerando que "autonomia regional é muitas vezes interpretada como uma aprovação

[299] Ver Fukuyama (2005) e Møller e Skaaning (2011).

à desintegração do Estado" (PUTIN, 2000, tradução nossa). Afirma que nos anos 1990 o governo central fez muitas concessões às regiões, mas alguns governos regionais cometeram abusos. O conflito checheno tornou-se um ponto de inflexão sobre a necessidade de reformas federativas.

> A Chechênia é um exemplo extremo de problemas federais não resolvidos. A situação na república ficou tão complicada que seu território se tornou um trampolim para a expansão do terrorismo internacional na Rússia. A razão subjacente foi também a falta de unidade do Estado. E a Chechênia em 1999 lembrou os erros que haviam sido cometidos anteriormente. E somente a operação antiterrorista foi capaz de afastar a ameaça da dissolução da Rússia, os militares profissionais ajudaram a preservar a dignidade e a integridade do Estado. Curvemo-nos em reverência a eles! Mas a que custo… (PUTIN, 2000, tradução nossa).

Após citar a questão chechena, Putin menciona algumas reformas federativas (apresentadas na tabela 3.1) visando promover maior centralização e ordenamento, em específico a introdução de novas regras para a formação da câmara alta do parlamento e a criação de distritos federais nos quais representantes plenipotenciários do presidente iriam monitorar o cumprimento de leis federais e constitucionais por parte de autoridades regionais. Na seção final, reforça que a ordem era uma condição necessária para a modernização do país, a estabilidade e o progresso.

Putin inicia o discurso de 2001 recapitulando as reformas federativas de 2000 e enfatizando que a desintegração do Estado foi interrompida. Cita a restauração do exército, em situação precária, e faz referências às críticas de que não haveria chechenos que lutassem ao lado do governo federal. Com um apelo emocional em cadeia nacional, pede um minuto àqueles que salvaram a integridade territorial da Rússia:

> [...] violando a tradição dos discursos anuais, penso que seria apropriado recordar os nossos militares, milícias do Daguestão, polícias chechenos, todos aqueles que, à custa das suas vidas, impediram a dissolução do Estado. Canais de televisão nacionais estão transmitindo ao vivo nossa reunião hoje em todo o país. E peço não só aos que estão nesta sala, mas também a todos os que estão nos vendo e nos ouvindo agora, que se levantem e honrem a memória de nossos heróis com um minuto de silêncio. (PUTIN, 2001, tradução nossa).

Em seguida destaca que a crise chechena ainda é uma ameaça para o país, mas adquiriu um outro formato.

> Gostaria também de observar: não temos o direito de falar que perdemos tempo na Chechênia, mas também não temos o direito de cair na euforia do sucesso. Não podemos gerar otimismo injustificado e expectativas irrealizáveis na sociedade. Sim, as tarefas no Cáucaso do Norte estão mudando hoje. Juntamente com a necessidade de terminar o trabalho de eliminação dos focos de terrorismo, a ênfase deve agora passar para a criação e fortalecimento de órgãos governamentais na república [da Chechênia]. [...] E a ameaça de novos crimes [por extremistas chechenos] ainda é extremamente alta, devo dizer isso hoje. (PUTIN, 2001, tradução nossa).

Graças aos então recém criados distritos federais, afirma que foram identificadas mais de 3.500 normas regionais infringindo a constituição ou leis federais e que cerca de quatro quintos já haviam sido regularizados. Entre outros temas abordados estão o processo de privatização, políticas sociais, desentendimentos com a OTAN, falhas na estrutura do Executivo e do Legislativo

relacionadas à corrupção, além da importância da estabilidade política e econômica para o futuro do país. Nas suas palavras, "não tememos e não devemos temer as mudanças. Mas quaisquer mudanças – políticas e administrativas – devem ser justificadas pelas circunstâncias". (PUTIN, 2001, tradução nossa).

No discurso de 2002, Putin cita o crescimento do extremismo como uma ameaça à estabilidade e à segurança pública, em referência a ataques nacionalistas contra minorias e a slogans fascistas. Retomando a discussão sobre a organização do sistema federativo, propõe a rescisão dos tratados estabelecidos com algumas regiões nos anos 1990 alegando que eles foram necessários em determinado momento, mas que atualmente só reforçam a desigualdade entre as regiões, e novos tratados deveriam ser aprovados pelo legislativo.

Sob a influência dos atentados de 11 de setembro, a crise chechena, que antes era abordada como uma luta pela preservação da integridade territorial da Rússia, começa a ser abordada no âmbito do combate ao terrorismo internacional – uma evidência de que um problema interno ganhou proporções externas.

> Depois de 11 de setembro do ano passado, muitas, muitas pessoas no mundo perceberam que a Guerra Fria havia acabado. Entendemos que agora há outras ameaças, outra guerra está acontecendo – a guerra contra o terrorismo internacional. Seu perigo é óbvio, não requer novas evidências. Gostaria de observar que isso se aplica totalmente à Rússia também. (PUTIN, 2002, tradução nossa).

O combate ao terrorismo (e medidas como a intervenção no Afeganistão) foi um tópico de aproximação da Rússia com o Ocidente e de incentivo à integração na Comunidade dos Estados Independentes (CEI). O discurso reflete esse otimismo nas relações com diversos parceiros.

O discurso de 2003, proclamado em um contexto de eleições legislativas, foi um dos mais ideológicos de Putin no sentido de promover a ideia de um caminho "soberano" para a democracia e de mobilizar elementos do *trade-off*. Já no início, Putin reforça a ideia de que sem um Estado "forte" a Rússia poderia acabar sendo dissolvida, em alusão a períodos críticos como a Revolução Russa e ao fim da URSS – momentos em que o Estado perdeu territórios por forças centrífugas.

> Toda a nossa experiência histórica testemunha que um país como a Rússia só pode viver e se desenvolver dentro das fronteiras existentes se for uma potência forte. Em todos os períodos de enfraquecimento do país – político ou econômico – a Rússia sempre e inevitavelmente enfrentou a ameaça da dissolução. (PUTIN, 2003, tradução nossa).

Posteriormente, menciona uma série de ameaças graves, como risco de instabilidade econômica, a lenta redução da pobreza, a falta de competitividade de produtos russos, a alta concorrência na economia internacional, o subdesenvolvimento do sistema político, a baixa efetividade do aparato estatal, a difusão de armas nucleares e, finalmente, o terrorismo internacional, que ameaçava a paz e a segurança dos cidadãos russos. Nesse momento torna-se claro um outro elemento do discurso de *trade-off* – a ideia implícita de que a democracia e o

sistema de pesos e contrapesos produzem facciosismos e de que, para superar as inúmeras ameaças, o país deve se "unir" em torno de "valores e desafios nacionais".

> A Rússia pode resistir seriamente a essas ameaças se a nossa sociedade estiver dividida em pequenos grupos, se vivermos estreitamente, apenas por nossos próprios interesses de grupo? Se os humores *free-riding* [oportunismos] não retrocedem, mas crescem? [...] Estou convencido de que sem a união pelo menos em torno dos valores e tarefas nacionais básicas, será impossível resistir a essas ameaças. (PUTIN, 2003, tradução nossa).

Também enfatiza que a busca pela manutenção da integridade territorial da Rússia foi um dos fatores que historicamente permitiu a coesão nacional:

> Gostaria de lembrá-los que, ao longo de nossa história, a Rússia e seus cidadãos realizaram e estão realizando um feito verdadeiramente histórico. Um feito em nome da integridade do país, em nome da paz e de uma vida estável. Manter o Estado em um vasto espaço, preservar uma comunidade única de povos com forte posição do país no mundo não é apenas um grande trabalho. É também um enorme sacrifício, uma privação do nosso povo. (PUTIN, 2003, tradução nossa).

Nas suas palavras, a unidade nacional foi restabelecida e regiões que antes praticamente viviam fora do espectro constitucional foram finalmente ordenadas. A Chechênia, que quando foi governada por "bandidos" vivenciou um contexto despótico e arbitrário, "semelhante à Idade Média", agora seria integrada ao país. Novamente presta uma homenagem àqueles que sacrificaram suas vidas para impedir a dissolução da Rússia:

> [...] o referendo mostrou que os chechenos se consideram legitimamente parte integrante do povo multinacional russo unido. Sim, todos nós tivemos que pagar um alto preço para restaurar a integridade territorial da Rússia. E inclinamos nossas cabeças diante da memória dos militares e civis mortos da República da Chechênia. Todos os que, ao custo de suas vidas, não permitiram que o país fosse dilacerado e cumpriram seu dever até o fim. (PUTIN, 2003, tradução nossa).

Apesar da resolução do conflito, Putin lembra que ameaças residuais continuavam na Chechênia, como ataques terroristas à população civil. Destaca que a Rússia foi um dos primeiros países a se deparar com o problema do terrorismo internacional, o qual colocou em risco sua própria integridade. Retomando a importância da "união" nacional, afirma que os desentendimentos entre o Legislativo e o Executivo, frequentes nos anos 1990, terminaram e deram espaço à concordância política, o que permitiu um melhor combate às ameaças:

> O confronto foi substituído por uma cooperação construtiva baseada em uma significativa troca de pontos de vista e críticas equilibradas. A interação chegou. Considero a solidariedade demonstrada pelos políticos responsáveis na luta contra o terrorismo internacional, a manutenção da integridade territorial do país e o apoio aos nossos esforços na área da política externa o sinal mais importante da recuperação espiritual da nossa sociedade. Digo sem exageros: agradeço sinceramente a esses políticos do país. (PUTIN, 2003, tradução nossa).

Na seção de conclusão, torna a mencionar a importância de um Estado/governo forte para salvar a Rússia – "um governo forte e responsável baseado na consolidação [união] da sociedade é essencial para a preservação do país" – e a enfatizar a necessidade de união – "unir nossos

esforços é possível, se as principais forças políticas apresentarem uma responsabilidade cívica pelo trabalho coletivo" (PUTIN, 2003, tradução nossa).

Em 2004, Putin abordou novamente os desafios da transição múltipla pela qual a Rússia passou durante os anos 1990, incluindo a necessidade de garantir a integridade do país e os vínculos desta ameaça com terrorismo internacional. Como mencionei, o argumento da transição múltipla está diretamente associado ao discurso do *trade-off*.

> Deixe-me lembrá-los que na última década do século passado – sob a condição de uma economia destruída e posições perdidas nos mercados mundiais – a Rússia foi forçada a restaurar simultaneamente sua condição de Estado e criar uma nova economia de mercado para nós. Defender – na luta contra o terrorismo internacional – a integridade do país e preservar as conquistas democráticas do povo. (PUTIN, 2004, tradução nossa).

Pondera que após um longo período o país alcançou a estabilidade política e econômica, o que permitiu traçar planos de médio e longo prazo. Ao mesmo tempo, critica o fato de, em uma luta global por concorrência, o fortalecimento do Estado russo ser por vezes apresentado como um projeto autoritário: "o fortalecimento de nosso Estado às vezes é deliberadamente interpretado como autoritarismo" (PUTIN, 2004, tradução nossa). Apesar da estabilidade alcançada, o terrorismo[300] é apresentado como uma ameaça que pode trazer instabilidades a todo o mundo:

> O terrorismo constitui uma ameaça à vida e aos direitos humanos, desestabiliza Estados e regiões inteiras do mundo e impede o progresso econômico e social. E hoje os terroristas internacionais continuam cometendo atos de violência e assassinatos de civis, tentando provocar o caos e desestabilizar a situação em várias regiões do mundo. E a Rússia, infelizmente, não é exceção aqui. (PUTIN, 2004, tradução nossa).

No entanto, nas suas palavras, o combate ao terrorismo não deveria ser utilizado como instrumento de restrição da democracia: "nenhuma referência à necessidade de combater o terrorismo pode ser um argumento para limitar os direitos humanos" (PUTIN, 2004, tradução nossa). Entre outros temas abordados estão críticas ao comportamento *rent-seeking* e à homogeneidade programática dos partidos, além de críticas a organizações da sociedade civil que recebiam recursos do exterior. Conclui que a Rússia não pode regredir em relação às reformas já realizadas. É interessante notar que Putin faz menção a uma "nação russa" cívica (*rossiyskaya natziya*), o que remete à construção de uma identidade territorial em vez de étnica (*russkaya*), mas em outro trecho cita o "povo multinacional" da Rússia, elemento associado ao etnonacionalismo. Ambos os paradigmas identitários parecem coexistir em seu discurso.

O discurso de 2005 foi o que mais teve referências à democracia, reforçando implicitamente argumentos do *trade-off* e defendendo a ideia de que a Rússia estava seguindo o seu próprio caminho para uma "democracia soberana". Cabe ressaltar que este foi o primeiro discurso ao parlamento proclamado após os atentados à escola de Beslan, que geraram ampla

[300] No discurso também há referências à morte do então presidente da Chechênia, Akhmad Kadyrov, em um atentado.

comoção social. Logo no início, Putin destaca o pessimismo dos russos em relação à transição de regime:

> Processos objetivamente difíceis na Rússia estão se tornando cada vez mais objeto de discussões ideológicas ativas. E eles estão relacionados justamente a conversas sobre liberdade e democracia. Às vezes você pode ouvir que, como o povo russo está em silêncio há séculos, a liberdade é supostamente incomum e desnecessária para eles, e é por isso que nossos cidadãos precisam de supervisão constante de comando. (PUTIN, 2005, tradução nossa).

Em referência à ameaça à integridade territorial do país menciona que "o colapso da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século" e que "a epidemia de dissolução [soviética] se espalhou para a própria Rússia" (PUTIN, 2005, tradução nossa). Em seguida, cita as diversas tragédias que atingiram o país e acabaram por reforçar a ideia de *trade-off*, ou seja, de que democracia estaria associada à desordem:

> As economias dos cidadãos foram desvalorizadas, velhos ideais foram destruídos, muitas instituições foram dissolvidas ou reformadas às pressas. A integridade do país foi violada pela intervenção terrorista e a consequente capitulação de Khasavyurt [o acordo entre o governo central e os separatistas chechenos em 1996]. Grupos oligárquicos, possuindo controle ilimitado sobre os fluxos de informação, serviam exclusivamente aos seus próprios interesses corporativos. A pobreza em massa passou a ser vista como a norma. E tudo isso aconteceu no contexto de uma grave crise econômica, finanças instáveis e paralisia social. Muitos então pensaram, para muitos então parecia que nossa jovem democracia não era uma continuação do Estado russo, mas seu colapso final, uma agonia prolongada do sistema soviético. (PUTIN, 2005, tradução nossa).

Putin critica essa percepção e argumenta que nos anos 1990 a Rússia passou por importantes transformações, defendeu sua soberania e encontrou o seu próprio caminho para a democracia – "tivemos que encontrar nosso próprio caminho para construir uma sociedade e um Estado democráticos, livres e justos" (PUTIN, 2005, tradução nossa). Aqui está implícita a tentativa de se reformular o conceito de democracia, sustentando que as transformações pelas quais o país estava passando diziam respeito não à construção de um regime autoritário, mas a um caminho próprio para uma democracia soberana. Em outro trecho, contudo, é mais explícito em relação a um possível *trade-off* entre democracia e ordem: "o preço do desenvolvimento de procedimentos democráticos não pode ser nem a lei e a ordem [*pravoporyadok*], nem a estabilidade tão difícil de ser alcançada, nem a realização estável do curso econômico empreendido." (PUTIN, 2005, tradução nossa). Em seguida complementa que o caminho russo para a democracia leva em conta a necessidade de ordem e as especificidades internas do país:

> Nisso vejo o caráter de autonomia do caminho democrático que escolhemos. E, portanto, avançaremos, levando em conta nossas próprias circunstâncias internas, mas sem falhar – contando com a lei e com as garantias constitucionais. [...] a Rússia é um país que escolheu para si a democracia pela vontade do seu próprio povo. Ela se enveredou por este caminho e, observando todas as normas democráticas geralmente aceitas, decidirá ela mesma como – levando em consideração suas especificidades históricas, geopolíticas e outras – é possível assegurar a implementação dos princípios da liberdade e da democracia. Como país soberano, a Rússia é capaz e determinará autonomamente por si

> mesma os termos e condições do movimento ao longo desse caminho. (PUTIN, 2005, tradução nossa).

Abordando a importância de *stateness*, Putin menciona que a questão etnonacional, com demandas de grupos separatistas e religiosos, é uma ameaça à própria democracia:

> [...] o desenvolvimento consistente da democracia na Rússia só é possível de forma legal. E todos os tipos de métodos extralegais de luta por interesses nacionais [étnicos], religiosos e outros contradizem os próprios princípios da democracia. O Etado reagirá a eles de maneira legal, mas dura. (PUTIN, 2005, tradução nossa).

Também reforça que o terrorismo seguia sendo uma ameaça de grandes proporções que precisava ser combatida:

> O fortalecimento do Estado de Direito é inseparável da eliminação das fontes de agressão terrorista no território russo. Nos últimos anos, demos alguns passos sérios na luta contra o terror. Mas não deve haver ilusões: a ameaça ainda é muito forte, ainda faltam golpes muito sensíveis, os criminosos continuam cometendo terríveis atrocidades, cujo objetivo é intimidar a sociedade. E precisamos reunir coragem e continuar trabalhando para erradicar o terror. Se mostrarmos fraqueza e covardia, as perdas serão imensamente maiores e podem se transformar em uma catástrofe nacional. (PUTIN, 2005, tradução nossa).

Na parte final, Putin faz algumas propostas para reformular uma das leis mais polêmicas de seu governo, a nomeação de governadores pelo presidente. Vale notar que em diferentes momentos do discurso a Rússia é apresentada como uma nação europeia e com um papel "civilizatório" no continente eurasiático.

No discurso de 2006, é possível observar uma significativa deterioração das atitudes em relação ao Ocidente. O terrorismo (junto com tensões étnicas) é novamente apontado como uma das maiores ameaças à Rússia e com insinuações de que alguns países teriam interesse em ver a Rússia enfraquecida.

> Assim, a ameaça terrorista continua a ser muito significativa. Os conflitos locais continuam a ser um alimento significativo para os terroristas, uma fonte para suas armas e um campo para o uso prático das forças. Muitas vezes, por motivos étnicos, aos quais, muito frequentemente, soma-se o confronto interconfessional e que é artificialmente instigado e imposto ao mundo por extremistas de todos os matizes. Eu sei que algumas pessoas gostariam muito que a Rússia ficasse atolada nesses problemas. E, como resultado, não seria capaz de resolver nenhum de seus problemas de desenvolvimento pleno. (PUTIN, 2006, tradução nossa).

O discurso de 2007, o último da primeira fase do governo Putin, proclamado em ano eleitoral, deu destaque à necessidade de união nacional. Como mencionamos, a conclamação à "união" é um importante elemento do discurso do *trade-off* – está implícita a ideia de que somente a união, em torno do líder nacional, é capaz de garantir estabilidade e progresso; a democracia, com seus facciosismos e arenas de veto pode comprometer essa união.

Assim como em anos anteriores, Putin faz referências aos conflitos e dificuldades dos anos 1990, inclusive à ameaça à integridade territorial do país:

> Naquela época, o país estava dilacerado por complexos conflitos sociais, por contradições partidárias e ideológicas. O separatismo era uma ameaça real à segurança e integridade da Rússia. E, ao mesmo tempo, havia uma ausência crítica de recursos para resolver os problemas mais urgentes e vitais. Mas foi durante esse período difícil que as bases para mudanças futuras foram lançadas. Por muitos anos trabalhamos juntos para superar as difíceis consequências do período de transição, a fim de evitar os custos de uma transformação profunda e não totalmente inequívoca. (PUTIN, 2007, tradução nossa).

Em seguida, sustenta que a união é fundamental para a estabilidade e desenvolvimento da Rússia:

> [...] estamos, é claro, apenas no início de um caminho difícil para um verdadeiro renascimento do país. E quanto mais unida for a nossa sociedade, mais rápido e com mais confiança poderemos trilhar esse caminho. Gostaria de observar que a unidade espiritual do povo e os valores morais que nos unem são um fator de desenvolvimento tão importante quanto a estabilidade política e econômica. (PUTIN, 2007, tradução nossa).

Em outros trechos, Putin aborda a importância das eleições para a Duma, ressaltando que uma série de planos estratégicos dependiam de seus resultados, como a construção de um Estado efetivo que garantisse segurança e uma vida decente a todos, a liberdade de empreendimento, a modernização das forças armadas, a luta contra a corrupção e o terrorismo, dentre outros. Além da percepção de ameaça relacionada à expansão da OTAN, critica tentativas do Ocidente de interferir em assuntos internos com objetivos, inclusive, de causar tensões nas relações interétnicas, e conclama ao parlamento que endureça a legislação de combate ao extremismo – em outra seção veremos como em 2007 foram adotadas emendas polêmicas que enrijeceram essa lei.

> Hoje, slogans democratizantes estão sendo adotados. Mas o objetivo é o mesmo – obter vantagens unilaterais e benefícios pessoais, garantir seus próprios interesses. Alguns não evitam nem mesmo as estratégias mais sujas, tentando acender conflitos internacionalidades [interétnicos] e sectários em nosso país democrático multinacional. A este respeito, apelo e peço-lhes que acelerem a adoção de emendas à legislação que endureçam a responsabilidade por ações extremistas. (PUTIN, 2007, tradução nossa).

Nesta subseção pudemos verificar como Putin mobilizou o discurso do *trade-off* para legitimar reformas no sistema político, a centralização administrativa e a consolidação de seu regime personalista. De maneira implícita e explícita, mencionou supostos *trade-offs* entre democracia e ordem, ressaltando a necessidade de a Rússia seguir o seu próprio caminho para uma democracia soberana. A ameaça à integridade territorial dos anos 1990 ganhou novos contornos com a ameaça do terrorismo internacional. Além de referências à transição múltipla nos anos 1990, aos perigos da descentralização para a integridade da Rússia e aos altos custos da crise chechena, destacou a importância da união nacional frente a quaisquer outras divisões e facciosismos da competição política que pudessem gerar instabilidades políticas e econômicas. Enquanto Yeltsin defendeu a migração de um "sistema de comando unitário" e autoritário para um "sistema federativo democrático", Putin indiretamente critica os resultados alcançados pelo último e defende um retorno ao primeiro.

3.3.3 Dmitry Medvedev (2008-2011)

Como pudemos constatar nos dados apresentados na seção 2, o período de Dmitry Medvedev foi o que menos apresentou referências ao discurso do *trade-off*. Tal asserção corrobora o meu argumento, haja vista que o período foi também o que menos registrou mudanças institucionais autoritárias. Medvedev caracterizou-se por um governo mais "liberal" que o de Vladimir Putin – em seu governo foram adotadas algumas reformas de flexibilização do regime. Entretanto, como veremos a seguir é possível notar que, embora com menor frequência, o discurso do *trade-off* também esteve presente, principalmente para legitimar o regime. Medvedev afirmou que a Rússia já era uma democracia, sendo necessário apenas desenvolvê-la, e que a democracia não pode ser utilizada para promover desordem e divisões na sociedade. Ademais, utilizou o discurso para justificar algumas reformas de fortalecimento do incumbente. Dois elementos em particular ganharam destaque: a importância da união nacional contra facciosismos e o status excepcional da Federação Russa por constituir um Estado multinacional e multiconfessional, o que demandaria esforços institucionais maiores para garantir ordem e estabilidade. Alguns momentos geraram preocupação do governo quanto a eventuais "extremismos", como a crise financeira internacional de 2008 e os protestos de 2011, além de menções à situação política no Cáucaso do Norte.

Em seu primeiro discurso ao parlamento, em 2008, Medvedev fez referências aos riscos de instabilidade em um contexto multinacional, ressaltando a união promovida pela constituição de 1993:

> Para aqueles que gostariam de lucrar com a crise econômica global visando o capital político "fácil", que sintonizaram a tagarelice populista, que gostariam de desestabilizar a sociedade para satisfazer ambições pessoais - aconselho a leitura da Constituição. Considero meu dever alertar aqueles que esperam provocar uma exacerbação da situação política. Não permitiremos incitar conflitos sociais e interétnicos, enganar as pessoas e envolvê-las em ações ilegais. A ordem constitucional continuará a ser assegurada por todos os meios legais. [...] é a Constituição que garante liberdade e justiça, dignidade humana e bem-estar, proteção da família e da Pátria, a unidade do povo multinacional [...]. (MEDVEDEV, 2008, tradução nossa).

Em outro trecho afirma que a suposta associação entre democracia e desordem, percebida por muitos no passado, perdeu espaço na sociedade russa. Nas suas palavras cada vez mais se consolidava a percepção de que a Rússia havia alcançado a sua democracia soberana:

> Ao contrário do passado recente, nossos cidadãos não associam mais um sistema democrático ao caos, à impotência, à degradação. A nova Rússia provou sua capacidade de cumprir as obrigações sociais e garantir o crescimento econômico, garantir os direitos do cidadão, exigir o cumprimento das leis e combater com sucesso o terrorismo e a agressão externa. Agora a questão não é se haverá ou não democracia na Rússia, como ainda era muito recentemente, há 15 anos. É claro que existe. Obviamente. Ninguém

> discute com isso. Agora a questão é: como a democracia russa deve se desenvolver ainda mais? (MEDVEDEV, 2008, tradução nossa).

Por outro lado, Medvedev admite que importantes passos ainda deveriam ser feitos, como a "descentralização" e a "humanização" do sistema político. Considera que quanto mais diversificada e livre fosse a vida social, e quanto mais dinâmica fosse a vida econômica e intensa a disputa política, mais estáveis seriam as bases da democracia russa. Em referência ao discurso do *trade-off*, menciona as dificuldades de promover reformas, fortalecer a democracia e manter a estabilidade em um país etnicamente diverso como a Rússia – na sua concepção, o mais complexo do mundo.

> [...] muitas questões difíceis terão que ser tratadas de uma vez: resistir à crise global e às dificuldades da competição, modernizar o exército e governar um país gigantesco, o país mais complexo em sua composição étnica e cultural, e nessas condições fortalecer as instituições democráticas e manter a estabilidade. (MEDVEDEV, 2008, tradução nossa).

Uma evidência de que o discurso do *trade-off* é mobilizado para legitimar mudanças institucionais é o fato de Medvedev ter mencionado que, tendo em vista as dificuldades apontadas acima, ele proporia reformas constitucionaisestruturais, dentre as quais a extensão do mandato presidencial de 4 para 6 anos e do mandato dos deputados federais de 4 para 5 anos – tais mudanças contribuiriam para o "funcionamento estável" das instituições. Ademais, ao abordar reformas no sistema federativo e na organização dos municípios, Medvedev torna a citar o status excepcional da Federação Russa:

> [...] Mas tal federação multipartite, multinacional e multiconfessional como a Rússia não existe no mundo. Portanto, o que estamos fazendo hoje, fazemos realmente pela primeira vez. (MEDVEDEV, 2008, tradução nossa).

Em outro trecho, Medvedev ressalta que o apoio às culturas e tradições dos povos da Rússia era um elemento essencial para fortalecer a federação e garantir a harmonia interétnica, e que problemas econômicos poderiam trazer instabilidades.

> Considero isso não apenas uma condição para o fortalecimento das bases federais, mas também uma condição para a harmonia em nossa sociedade. A unidade da nação russa como garantia do desenvolvimento estável e civilizado de todo o país. Já disse que a paz interétnica é um dos nossos principais valores. Desenvolvemos historicamente uma experiência única e rica de tolerância e respeito mútuo. Ao mesmo tempo, persistem problemas que podem exacerbar as relações interétnicas e interconfessionais. Entre eles estão o desemprego (especialmente em regiões com excesso de força de trabalho), falta legal de regulamentação das relações fundiárias, migração ilegal e uma série de outros fatores. (MEDVEDEV, 2008, tradução nossa).

É interessante observar que, assim como em alguns discursos de Putin, Medvedev mobiliza elementos que remetem à concepção de uma identidade territorial, com referências a uma "nação russa cívica" (*rossiyskaya natziya*). O discurso de 2008 também abordou o tema da migração, dando destaque à necessidade de imigrantes se integrarem à sociedade russa, e ao conflito na Geórgia, com críticas à intromissão do Ocidente no Espaço Pós-Soviético.

Em 2009, Medvedev anunciou algumas medidas e sugestões de liberalização do regime, como a redução da cláusula de barreiras de 7% para 5%, a participação dos partidos na nomeação de governadores e a proposta de acabar com a coleta de assinaturas para a admissão de partidos nas eleições. Contudo, referências ao discurso do *trade-off* também estiveram presentes, basicamente ao risco de se confundir democracia com desordem:

> Como garantidor da Constituição, continuarei a fazer o meu melhor para fortalecer as instituições da democracia em nosso país. Ao mesmo tempo, gostaria de enfatizar: fortalecer a democracia não significa enfraquecer o Estado de Direito. Quaisquer tentativas sob slogans democráticos de exacerbar a situação, desestabilizar o Estado e dividir a sociedade serão suprimidas. A lei é a mesma para todos – tanto para o partido no poder quanto para a oposição. E a liberdade, como você sabe, pressupõe responsabilidade. Espero que isso esteja claro para todos nesta sala. (MEDVEDEV, 2009, tradução nossa).

Como é possível notar, há uma preocupação com a possibilidade de a democracia gerar facciosismos e a "divisão" da população[301]. Outro elemento que merece atenção é o fato de, apesar de a guerra da Chechênia ter sido praticamente concluída, Medvedev ainda considerar as instabilidades no Cáucaso como o maior problema político interno da Rússia:

> Agora vou falar sobre o problema político interno mais grave, na minha opinião, do nosso país – a situação no Cáucaso do Norte. Os crimes terroristas contra funcionários do governo, clero e estruturas estatais desestabilizam a situação, dificultam o desenvolvimento normal da economia e da esfera social nesta região. Travaremos uma luta implacável contra o terrorismo internacional, destruiremos os bandidos. E os militares e funcionários da procuradoria que realizam tarefas na região Cáucaso do Norte receberão atenção especial do Estado. (MEDVEDEV, 2009, tradução nossa).

No discurso de 2010 não houve nem referências aos *trade-offs*, nem reformas estruturais substanciais. Já o discurso de 2011, ano marcado por uma série de protestos políticos, conteve menções à relação entre democracia e ordem, bem como a pretensas tentativas externas de desestabilizar o país.

> O direito das pessoas de expressar sua opinião é garantido de todas as formas legais, mas as tentativas de manipular os cidadãos da Rússia, enganá-los e incitar a discórdia social na sociedade são inaceitáveis. Não permitiremos que provocadores e extremistas arrastem a sociedade para suas aventuras, e não permitiremos interferência externa em nossos assuntos internos. A Rússia precisa de democracia, não de caos; precisa de fé no futuro e de justiça. O fato de que a sociedade está mudando e os cidadãos estão cada vez mais expressando sua posição e fazendo exigências legais às autoridades é um bom sinal, é um sinal do amadurecimento de nossa democracia. (MEDVEDEV, 2011, tradução nossa).

Medvedev também cita reformas na câmara alta do parlamento e apresenta novas propostas de liberalização do regime, como a volta das eleições diretas para governador, o facilitamento de regras para o registro de partidos políticos, o cancelamento de assinaturas para participar de eleições legislativas, a diminuição da quantidade de assinaturas para se candidatar a presidente e

[301] Cabe mencionar que Medvedev também cita a importância da língua russa para a "comunicação interétnica e unidade do nosso país" (MEDVEDEV, 2009).

a volta do sistema misto nas eleições para a Duma. Em outro trecho, volta a mencionar o status excepcional multinacional da Rússia, assim como o risco de conflitos:

> A harmonização das relações interétnicas continua a ser uma prioridade incondicional. Em nosso país existem representantes de mais de 180 povos que falam 239 idiomas e dialetos. Este mundo multinacional é uma vantagem única da Rússia, um mundo em que representantes de várias nacionalidades [etnias] e confissões convivem há mais de mil anos. Nossa sociedade como um todo não apoia o extremismo e as ideologias baseadas no ódio. [...] Mas a migração internacional e interna ainda está causando sérias tensões, especialmente nas grandes cidades. Às vezes, isso leva a conflitos e conflitos interétnicos. (MEDVEDEV, 2011, tradução nossa).

Em seguida destaca a importância de promover a tolerância interétnica: "é preciso combater de forma consistente e intransigente todas as manifestações de extremismo, crimes destinados a incitar o ódio étnico" (MEDVEDEV, 2011, tradução nossa).

Podemos constatar que, embora o período Medvedev apresentou uma redução na frequência de menções ao discurso do *trade-off*, alguns de seus elementos estiveram presentes em diferentes anos, como referências ao risco de facciosismos da democracia, a ameaça de instabilidade por extremismos e conflitos interétnicos, assim como o status excepcional da Rússia como Estado multinacional, com um notável destaque. O discurso foi instrumentalizado para a legitimação do regime, mas em um momento também foi notável o seu uso para legitimar uma importante mudança institucional – o aumento dos mandatos do presidente e dos deputados. Há tanto uma distorção do conceito de democracia, ao afirmar que a Rússia já era uma democracia, quanto menções aos seus riscos à ordem.

3.3.4 Vladimir Putin II (2012-2020)

Na segunda fase do governo Putin houve uma retomada de referências a um Estado forte e à "democracia soberana". Ao mesmo tempo, observou-se uma continuidade do argumento do status excepcional multinacional, promovido por Medvedev. Os vários "medos" sociais são novamente explorados: Putin menciona uma série de ameaças globais e domésticas, bem como o trauma da dissolução do Estado russo em diferentes períodos. Diversas vezes cita a importância da união da sociedade frente a divisões destrutivas, facciosismos e polarizações, elementos cada vez mais presentes no Ocidente. Considera que a tentativa de exportação do modelo "ocidental" de democracia para diversos países, sem levar em conta as tradições e especificidades locais, causou instabilidade, caos, ruína, conflitos e anarquia. O respeito aos valores tradicionais na Rússia corresponderia à verdadeira democracia, à vontade das maiorias, diferentemente dos valores liberais "decadentes" do Ocidente impostos por minorias às maiorias. Há uma distorção do conceito de democracia – o majoritarismo é sobreposto à proteção de minorias. O discurso do

trade-off foi diretamente instrumentalizado para legitimar a adoção das reformas constitucionais de 2020 que fortaleceram o presidente. Segundo Putin, dado o status excepcional multinacional da Rússia, um presidente forte é um requisito fundamental para a estabilidade política e social; o modelo parlamentar não seria possível no país.

Logo no início do discurso de 2012 há menções a diferentes ameaças, como a "concorrência global" e os riscos de instabilidade e conflitos étnicos.

> O desenvolvimento global está se tornando cada vez mais desigual. O solo está amadurecendo para novos conflitos de caráter econômico, geopolítico e étnico. A competição por recursos está ficando mais difícil. (PUTIN, 2012, tradução nossa).

Putin reforça a necessidade de patriotismo e coesão social para a sobrevivência do país, principalmente dado o seu caráter multinacional, citando a frase do escritor Alexander Solzhenitsyn:

> "O patriotismo é um sentimento orgânico, natural. E assim como uma sociedade não pode sobreviver onde a responsabilidade civil não foi dominada, um país, especialmente multinacional, onde a responsabilidade nacional foi perdida, não pode existir". (PUTIN, 2012, tradução nossa).

Também menciona que durante o século XX o país passou por duas grandes guerras e uma guerra civil e duas vezes (em 1917 e 1991) experienciou a catástrofe da dissolução de um Estado. Todas essas transformações contribuíram para a crise demográfica, o decrescimento populacional, e a crise de valores com que a Rússia veio a se deparar. Após discorrer acerca do papel da língua russa para a "união do povo multinacional", aborda as ameaças que extremistas e nacionalistas representam à integridade do país.

> Não devemos esquecer que qualquer nacionalismo e chauvinismo infligem danos diretos e enormes, em primeiro lugar, ao próprio povo e grupo étnico, cujos interesses os nacionalistas supostamente estão preocupados. E é por isso que quaisquer manifestações das chamadas "soluções simples e finais" propostas por nacionalistas e extremistas de várias origens e matizes são tão perigosas para a Rússia. Não importa o quão alto eles proferem palavras, eles nos puxam para a degradação social, puxam o país para a dissolução. As tentativas de provocar tensão interétnica e intolerância religiosa devem ser vistas como um desafio à unidade do Estado russo, como uma ameaça para cada um de nós. (PUTIN, 2012, tradução nossa).

Em outro trecho, Putin reflete sobre a democracia soberana russa, afirmando que o sistema político não admite ingerências externas. Sua concepção de "democracia" confere destaque a atributos de *stateness*. Como mostrei no capítulo anterior, *surveys* do instituto Levada-Center revelaram que de fato a concepção de democracia dos russos está em parte vinculada ao conceito de *stateness*.

> Para a Rússia, não há e não pode haver outra escolha política que não seja a democracia. [...] No entanto, a democracia russa é o governo do povo russo com suas próprias tradições de autogoverno popular, e não a implementação de padrões que nos são impostos do exterior. Democracia é, entre outras coisas, o cumprimento e o respeito às leis, normas e regulamentos adotados. [...] A democracia é uma oportunidade não só de escolher o governo, mas também de controlar constantemente esse poder, de avaliar os resultados do seu trabalho. (PUTIN, 2012, tradução nossa).

O discurso do *trade-off* entre democracia e ordem apresenta contornos explícitos quando Putin chama atenção ao fato de a competição política ter que obedecer determinadas restrições, como não permitir manifestações separatistas, ingerências externas e não promover desordem.

> A competição política é um benefício incondicional para o país. Ao mesmo tempo, precisamos formar uma espécie de conjunto de regras para uma competição política consciente. O que eu gostaria de chamar sua atenção a esse respeito? Primeiro. A unidade, integridade e soberania da Rússia são incondicionais. Quaisquer manifestações de separatismo e nacionalismo devem ser absolutamente excluídas da agenda política. Segundo. A interferência externa direta ou indireta em nossos processos políticos internos é inaceitável. [...] Quarto. Um diálogo civilizado só é possível com aquelas forças políticas que, de forma civilizada, propõem, fundamentam e formulam suas demandas, defendendo-as no marco da lei. Mudanças, modernização do sistema político são naturais e até necessárias, mas pagar, como já disse, a sede de mudança com a destruição do próprio Estado é inaceitável. Toda a história do nosso país, toda a história da Rússia, simplesmente grita sobre isso. (PUTIN, 2012, tradução nossa).

Em outras referências indiretas à importância da ordem, Putin afirma que "A Rússia é caracterizada pela tradição de um Estado forte" e "a estabilidade é a principal condição para o desenvolvimento e melhoria da vida" (PUTIN, 2012, tradução nossa).

Em 2013, Putin chama atenção à primazia do problema etnonacional, afirmando que a paz interétnica depende da união da sociedade e é fundamental para garantir a integridade territorial do país.

> O tópico mais importante que requer uma conversa franca na sociedade são as relações interétnicas. Muitos de nossos problemas estão concentrados aqui, muitas dificuldades de desenvolvimento socioeconômico e territorial, corrupção, falhas no trabalho das instituições estatais e, claro, falhas na política educacional e cultural, o que muitas vezes leva a uma compreensão distorcida da as verdadeiras causas da tensão interétnica. [...] Devemos juntos enfrentar este desafio, devemos proteger a paz interétnica, o que significa a unidade de nossa sociedade, a unidade e a integridade do Estado russo. (PUTIN, 2013, tradução nossa).

Em outro trecho, torna a mencionar a importância da língua russa para a união do povo multinacional e afirma que o processo de imigração desenfreada poderia acirrar conflitos étnicos. Com uma posição conservadora e majoritarista, enfatiza que a Rússia, ao contrário de muitos países, protege valores tradicionais e morais, e que a verdadeira democracia é a que garante a vontade da maioria – uma referência ao movimento LGBTQIAP+, frequentemente apontado pelas elites russas como um símbolo da "decadência" dos valores ocidentais.

> Hoje em muitos países as normas de moralidade e da ética estão sendo revisadas, tradições nacionais e diferenças de nações e culturas estão sendo apagadas. [...]. Tal destruição dos valores tradicionais "de cima" não só leva a consequências negativas para as sociedades, mas também é fundamentalmente antidemocrática, pois é realizada com base em ideias abstratas, contrárias à vontade da maioria popular, que não aceita a mudança em curso e a revisão proposta. E sabemos que há cada vez mais pessoas no mundo que apoiam nossa posição sobre a proteção dos valores tradicionais, que por milênios formaram a base espiritual e moral da civilização, de todas as nações. (PUTIN, 2013, tradução nossa).

Logo em seguida afirma que tentativas de se impor um modelo supostamente mais progressista em países do Oriente Médio e do Norte da África "resultaram em regressão, barbárie e muito sangue" (PUTIN, 2013, tradução nossa). Está implícita a ideia de que o liberalismo ocidental além de não respeitar os valores das maiorias pode provocar facciosismos e desordem.

No discurso de 2014, Putin discorre sobre a "reunificação" da Crimeia à Rússia, destacando laços culturais e a importância histórica da região para o país. Também menciona outros episódios da crise política na Ucrânia, como um ataque de nacionalistas na cidade de Odessa que terminou com a morte brutal de ativistas pró-Rússia. Em alusão às crescentes tensões com o Ocidente, afirma que a estratégia geopolítica de contenção promovida pelos EUA colocou em risco a integridade da própria Rússia. Mesmo quando o país fez inúmeras concessões aos EUA, separatistas chechenos foram apresentados no Ocidente como "rebeldes" que lutavam pela "democracia" – supostos ideais liberais foram mobilizados pelos EUA para justificar a desintegração do país:

> Recordamos bem quem e como, naquele período, apoiou praticamente abertamente o separatismo e até o terror direto em nosso país; chamaram os assassinos, cujas mãos estavam cobertas de sangue, nada mais que rebeldes, os receberam no mais alto nível. Agora, esses "rebeldes" se mostraram novamente na Chechênia. Estou certo de que o pessoal local, as agências policiais locais irão lidar com dignidade. Eles estão trabalhando hoje para eliminar o próximo ataque de terroristas. Vamos apoiá-los. Mas vou dizer de novo, lembramos como, em alto nível, eles receberam terroristas como lutadores pela liberdade e pela democracia. Mesmo assim, ficou claro que quanto mais recuamos e nos justificamos, mais nossos oponentes se tornam insolentes e se comportam cada vez mais cinicamente e agressivamente. (PUTIN, 2014, tradução nossa).

Putin complementa que o Ocidente estava disposto a contribuir para que o cenário iugoslavo se repetisse na Rússia, gerando a dissolução do Estado:

> [...] o apoio ao separatismo na Rússia "de além da colina" [do exterior] - informativo, político, financeiro e através dos serviços de segurança – era absolutamente óbvio e não deixou dúvidas de que eles [o Ocidente] permitiriam de bom grado que enfrentássemos o cenário iugoslavo de dissolução e desmembramento. Com todas as consequências trágicas que daí decorrem para os povos da Rússia. (PUTIN, 2014, tradução nossa).

Como é possível observar, o conflito doméstico ganha uma dimensão internacional quando Putin apresenta o separatismo na Rússia como uma crise direta e indiretamente incentivada pelo Ocidente – parte de uma estratégia geopolítica de contenção e mesmo de destruição do país.

Em 2015, Putin volta a destacar a ligação entre o conflito doméstico e instabilidades geopolíticas. Primeiramente, menciona diversos atentados promovidos pelo "terrorismo internacional" em território russo desde os anos 1990. Em seguida, cita países e regiões cujas instabilidades representam uma ameaça a todo o mundo, como o Afeganistão, Oriente Médio e Norte da África, associando essas instabilidades à política externa do Ocidente:

> E sabemos por que isso aconteceu. Sabemos quem queria derrubar regimes indesejáveis, impor grosseiramente suas próprias regras. Como resultado, o quê? Eles fizeram uma bagunça, destruíram o Estado, colocaram as pessoas umas contra as outras e então simplesmente, como dizemos na Rússia, lavaram as mãos, abrindo caminho para radicais, extremistas e terroristas. (PUTIN, 2015, tradução nossa).

Em parte como justificativa para a intervenção militar na Síria, Putin enfatiza que as instabilidades neste país poderiam indiretamente trazer instabilidades para a própria Rússia[302]:

> Um perigo particular para nós vem dos militantes que estão concentrados na Síria. Entre eles há muitos imigrantes da Rússia, dos países da CEI [Comunidade de Estados Independentes]. Eles recebem dinheiro, armas e acumulam força. E se eles ficarem mais fortes, vencerem lá, inevitavelmente acabarão conosco [na Rússia] para semear medo e ódio, explodir, matar, atormentar as pessoas. E devemos encontrá-los e destruí-los nas abordagens distantes. (PUTIN, 2015, tradução nossa).

Complementa que a luta contra o terrorismo internacional é responsabilidade não apenas do exército e do serviço de inteligência, mas também "das autoridades, dos partidos políticos, das estruturas da sociedade civil e dos meios de comunicação social" (PUTIN, 2015, tradução nossa). Destaca a importância de "contrariar duramente quaisquer manifestações de extremismo e xenofobia, preservar a concordância interétnica e inter-religiosa", além da necessidade de união do povo russo, com uma citação de Dmitri Mendeleev:

> "Divididos seremos destruídos imediatamente. Nossa força está na unidade, no exército, no nepotismo benevolente que multiplica o crescimento do povo e no crescimento natural de nossa riqueza interior e amor à paz." (tradução nossa).

No discurso de 2016, a importância da união frente a facciosismos que países democráticos estavam enfrentando, sobretudo com a polarização política, recebeu ainda mais atenção. Putin enfatiza que a maioria constitucional que o partido Rússia Unida obteve nas eleições é um reflexo da união do povo russo e considera que parlamentos fragmentados e um Estado fraco podem gerar paralisação, instabilidade e caos.

> Objetivos estratégicos significativos podem ser alcançados em uma sociedade fragmentada? É possível resolver esses problemas com um parlamento onde, em vez de trabalho produtivo, há disputas de ambições e disputas infrutíferas? É possível desenvolver-se com dignidade no solo instável de um Estado fraco e de um governo de vontade fraca controlado do exterior, que perdeu a confiança de seus cidadãos? A resposta é óbvia: claro que não. Recentemente, vimos muitos países onde tal situação abriu caminho para aventureiros, golpes e, finalmente, anarquia. Em todos os lugares o resultado é o mesmo: tragédias e sacrifícios humanos, declínio e ruína e decepção. (PUTIN, 2016, tradução nossa).

Em outro trecho conclui: "somos um povo unido, somos um povo e temos uma Rússia" (PUTIN, 2016, tradução nossa).

O discurso do fim de 2017 foi transferido para o início de 2018, pouco antes das eleições presidenciais, o que evidencia o peso político e midiático das declarações anuais ao congresso. Putin inicia o discurso mencionando as transformações pelas quais o país passou nos anos 1990 e ressaltando a manutenção da união e a democratização no "caminho próprio" da Rússia. Em alusão

[302] Em referência às tensões geopolíticas com a Turquia na Síria, afirma que o país contribui para o financiamento do terrorismo internacional e que, no passado, deu apoio aos separatistas do Cáucaso Norte.

às dificuldades que o status multinacional poderia trazer à estabilidade do país, aponta para os avanços alcançados:

> Nós garantimos sustentabilidade e estabilidade praticamente em todas as áreas da vida, e isso é é extremamente importante para o nosso imenso país multinacional, com uma estrutura federal complexa, com uma diversidade de culturas, com uma memória de rupturas históricas e das mais difíceis provações que se abateram sobre a Rússia. (PUTIN, 2018, tradução nossa).

Como legitimação da continuação do curso político, considera que a estabilidade não pode dar espaço à complacência. Cita novamente a importância da união do povo russo e destaca as perdas territoriais e econômicas que a Rússia sofreu com a desintegração da URSS, além da guerra civil no Cáucaso. Parte do discurso é voltada às tensões com o Ocidente e os novos armamentos que o país desenvolveu como estratégia de dissuasão. Nas conclusões, torna a ressaltar a importância da união:

> Nos próximos anos, precisamos fortalecer ainda mais nossa unidade para que trabalhemos como uma equipe que entende que a mudança é necessária e está pronta para doar sua força, conhecimento, experiência e talento em prol de objetivos comuns. (PUTIN, 2018, tradução nossa).

Em 2019, não houve referências substanciais ao discurso do *trade-off*, a não ser por menções à importância de a Rússia se manter soberana. Contudo, a declaração de 2020 foi a que apresentou uma das referências mais explícitas. Vale destacar que o discurso foi proclamado alguns meses antes do referendo para promover reformas constitucionais que viriam a fortalecer os poderes de Putin – mais uma evidência da mobilização da narrativa do *trade-off* como estratégia de legitimação de mudanças institucionais.

Primeiramente, Putin ressalta que a constituição de 1993 foi elaborada em um período de intensa crise política e de conflito no Cáucaso Norte, por isso a nova realidade demandaria um novo texto constitucional.

> É claro que não se pode discordar daqueles que dizem que a Constituição foi adotada há mais de um quarto de século em meio a uma grave crise política interna, e a situação mudou drasticamente desde então. Graças a Deus, agora não temos um confronto armado na capital, nem um foco de terrorismo internacional no Cáucaso Norte. Apesar de uma série de problemas não resolvidos, bastante agudos, sobre os quais falamos hoje, a situação na esfera econômica e social se estabilizou. E hoje várias associações políticas públicas estão levantando a questão da adoção de uma nova Constituição. (PUTIN, 2020, tradução nossa).

Logo após, pondera sobre diversos avanços do seu governo, como a restauração da unidade do país, o fim da usurpação do poder político por oligarcas e a recuperação do status de grande potência. Uma das maiores referências explícitas ao discurso do *trade-off* ocorre enquanto Putin elenca reformas constitucionais e as justificativas para a sua adoção. Basicamente, afirma que, dado o status multinacional do país, só é possível garantir a sua existência estável com um presidencialismo forte:

> [...] Estou convencido de que nosso país com seu vasto território, complexa estrutura nacional[étnica]-territorial, diversidade de tradições culturais e históricas não pode se desenvolver normalmente, direi mais, apenas existir de forma estável na forma de uma república parlamentar. A Rússia deve permanecer uma república presidencial forte. Portanto, o presidente, naturalmente, deve manter o direito de determinar as tarefas e prioridades das atividades do Governo [gabinete de ministros], bem como o direito de destituir o primeiro-ministro, seus adjuntos e ministros federais em caso de desempenho indevido de funções ou em conexão com a perda de confiança. Além disso, o presidente deve ter liderança direta das Forças Armadas e de todo o sistema de aplicação da lei. Mas mesmo neste caso, considero necessário dar mais um passo para garantir um maior equilíbrio entre os ramos de poder. (PUTIN, 2020, tradução nossa).

Nas considerações finais, Putin afirma que é necessário lembrar o que aconteceu após o fim da URSS e, particularmente, que novas "ameaças também surgiram, ameaças de tal escala que ninguém havia pensado antes" (PUTIN, 2020, tradução nossa). Considera profícuo criar um sistema específico, que garanta tanto estabilidade externa quanto interna, capaz de se adaptar às mudanças na sociedade russa:

> Devemos criar um sistema que seja forte, confiável, invulnerável e absolutamente estável ao longo de seu contorno externo, garantindo incondicionalmente a independência e a soberania da Rússia. Ao mesmo tempo, um sistema dentro de si é vivo, flexível, fácil e, o mais importante, mudando oportunamente em conexão com o que está ocorrendo no mundo, ao nosso redor e, mais importante, em conexão com o desenvolvimento da própria sociedade russa. Um sistema que garante, entre outras coisas, a rotatividade de quem está no poder ou ocupa uma posição elevada em outras esferas. (PUTIN, 2020, tradução nossa).

Podemos constatar que embora na segunda fase do governo Putin tenha havido uma menor frequência de referências ao discurso do *trade-off*, ele esteve presente de maneira consistente em diferentes momentos e, sobretudo, no período de maior mudança institucional. A excepcionalidade do status multinacional do país e sua relação com a necessidade de um presidencialismo forte e de união nacional estão entre os principais elementos abordados para legitimar o regime e as reformas constitucionais de 2020. Mesmo após muitos anos do fim da guerra da Chechênia, a preocupação com a questão étnica, o separatismo e o terrorismo continuou sendo mobilizada discursivamente – as ameaças internas são notoriamente costuradas às ameaças externas, com referências ao suporte que o Ocidente forneceu aos "rebeldes" chechenos e ao risco de que extremistas islâmicos de cidadania russa retornassem do conflito na Síria para a Rússia. A democracia "ocidental" é apresentada como um modelo decadente, propulsor de facciosismos e polarização, que desrespeita a vontade e os valores tradicionais das maiorias, podendo gerar caos e instabilidades quando exportados a outros países e contextos culturais.

3.3.5 Conclusões preliminares

Nesta seção, pudemos observar como o discurso do *trade-off* entre democracia e ordem, com destaque para a "questão etnonacional", esteve presente desde os anos 1990 e ganhou

contornos específicos a partir dos anos 2000. É possível distinguir dez elementos que direta ou indiretamente reforçaram a concepção de *trade-off* e foram utilizados pelas elites para legitimar o regime e mudanças institucionais autoritárias:

(1) Desafios da transição múltipla nos anos 1990. Tanto Yeltsin quanto Putin fazem diversas referências aos desafios que a Rússia teve que enfrentar por ter que conduzir uma transição múltipla – política, econômica e territorial/identitária –, marcada por conflitos entre poderes e pelo separatismo no Cáucaso Norte. Diante desta realidade, escolhas institucionais estariam sujeitas a *trade-offs* e a ameaças de instabilidade. A transição múltipla conturbada contribuiu para a percepção de que a democracia estaria associada à desordem. Seria, portanto, necessário encontrar o equilíbrio entre "liberdades" e a "força" do Estado.

(2) Dilema entre centralização autoritária e descentralização democrática. Yeltsin mencionou que, dada a complexidade territorial e étnica da Rússia, havia duas formas possíveis de administração territorial – uma centralização autoritária ou uma descentralização federativa e democrática. Ponderou que a Rússia, após muitos anos sob a primeira estratégia, havia finalmente optado pela segunda. Por sua vez, Putin faz apologia à volta do primeiro caminho (sem denominá-lo autoritário), enfatizando que a Rússia precisa de um Estado "forte" e centralizado para ter estabilidade e ordem – a descentralização é percebida como um fator que pode levar à dissolução do país. As primeiras mudanças institucionais promovidas no início do seu governo reforçaram essa visão. É importante mencionar que o debate acerca de um Estado "forte" e centralizado na Rússia remete a narrativas históricas: a *Rus* kievana (882-1240) – Estado anterior à formação da Rússia –, marcada por descentralização e dispersão entre os diversos principados que a integravam, teria sucumbido com maior facilidade ao jugo tártaro-mongol (1242-fim do séc. XV); ao passo que o período em que a Rússia contou com um Estado centralizado houve sucessivas expansões territoriais[303]. Segundo Turovskiy (2005), a centralização foi historicamente um imperativo para as elites russas no sentido de manter o controle sobre um território de tamanho continental e com uma periferia etnicamente diversa.

(3) Ameaça à integridade territorial do país. Yeltsin e Putin citam diversas vezes a ameaça de dissolução que o país enfrentou com o conflito checheno. A derrota do separatismo checheno, a qualquer custo, era concebida como condição necessária para garantir a sobrevivência do Estado russo e evitar que o país tivesse o mesmo fim da URSS. Há uma percepção de que a abertura política no período final da URSS e as disputas entre o presidente e o parlamento no início dos anos 1990 teriam facilitado o surgimento de tendências centrífugas.

[303] Segrillo (2016, p.19) analisa a obra de Nikolay Karamzin (1766-1826), um dos maiores estudiosos da história russa. Karamzin faz a comparação entre o período do Estado fraco e descentralizado na Rus de Kiev com o período do Estado forte e centralizado no Império.

(4) Ameaça do terrorismo internacional. Desde os anos 2000 e, sobretudo, após os atentados de 11 de setembro, o conflito checheno passa a ser visto como uma guerra contra o terrorismo internacional. Políticas de combate ao terrorismo e ao extremismo deveriam ser adotadas, mesmo se ferissem valores liberais e direitos individuais, elemento que remonta ao conceito de "democracia militante". A partir de 2015, com a intervenção militar na Síria, a ameaça terrorista ganha dimensões supranacionais: combatentes radicais no Oriente Médio poderiam retornar à Rússia e gerar instabilidades.

(5) Intersecção entre ameaças internas e externas. Na segunda fase do governo Putin, no contexto de crescente deterioração das relações entre a Rússia e o Ocidente, ganha força o argumento de que ameaças internas e externas estão inter-relacionadas, em particular, a ideia de que o Ocidente forneceu ajuda informacional, política e financeira a separatistas chechenos durante os anos 1990. Putin acusa os EUA de buscarem propagar a ideia de que "rebeldes" lutavam por democracia. Ademais, há referências aos riscos de extremistas que lutavam na guerra civil da Síria retornarem à Rússia.

(6) Democracia "soberana" / "caminho próprio". Nos primeiros anos do governo Putin já aparecem referências à concepção de que a Rússia deveria buscar o seu próprio caminho à democracia, sem seguir ditames do Ocidente – o caminho perseguido nos anos 1990 teria levado a instabilidades e ao risco de dissolução do Estado. Ao mesmo tempo, há menções de que a Rússia já havia alcançado sua democracia própria, soberana, de acordo com os valores e tradições nacionais. Tal abordagem ganha força no discurso de 2005, após os atentados de Beslan. Segrillo (2016) mostra que a ideia de "caminho próprio" na Rússia é antiga e remonta ao período posterior às reformas ocidentalizantes de Pedro I, o Grande. No século XIX, ganhou contornos o debate entre "ocidentalistas", adeptos do caminho "europeu", e "eslavófilos", que criticavam os valores "decadentes" europeus, como o materialismo, o partidarismo e o individualismo; consideravam que os valores tradicionais russos, ligados à simplicidade, à espiritualidade e à vida comunal do camponês, eram moralmente superiores. Segrillo também analisa como o discurso do caminho próprio ganhou novos adeptos com o eurasianismo, no início do século XX, e o neoeurasianismo, a partir da *perestroika.* Historiadores russos apontam para a origem da ideia de "caminho especial" em outros países da Europa, sobretudo na Alemanha – na Rússia, o conceito ganhou força com o sentimento nacionalista após a derrota de Napoleão[304]. Concepções negativas acerca da

[304] BEKBULATOVA, Taisiya . Otkuda vzyalas′ ideya, chto u Rossii — osobyy put′? Ob″yasnyayut istoriki Timur Atnashev i Mikhail Velizhev [De onde veio a ideia de que a Rússia tem um caminho especial? Os historiadores Timur Atnashev e Mikhail Velizhev explicam]. Meduza, 25.02.2018. Disponível em: <https://meduza.io/feature/2018/02/25/russkie-ideologi-stali-govorit-ob-isklyuchitelnosti-svoey-natsii-vsled-za-nemtsami>. Acesso em: 25.04.2022.

democracia representativa liberal também estiveram presentes no período soviético, nas críticas marxistas à "democracia burguesa".

(7) Necessidade de um Estado e um poder Executivo "fortes". A necessidade de um Estado forte, sinônimo para um Executivo forte, começa a aparecer nos últimos anos do governo Yeltsin, quando o país passava por profunda crise política e econômica, e recebe grande destaque nos primeiros anos do governo Putin. O Estado forte, com instituições centralizadoras e a "ditadura da lei", é apontado como uma condição necessária à estabilidade e desenvolvimento da Rússia. Nas reformas constitucionais de 2020, o presidencialismo forte é apresentado como um sistema necessário ao país, dado o seu status multinacional – o parlamentarismo, com seus facciosismos, é concebido como inapropriado à realidade russa. Os momentos em que a Rússia passou por "enfraquecimento", como na revolução de 1917 e na crise soviética, houve dissolução do Estado. As narrativas de defesa de um Estado forte contam com vários antecedentes na história russa. Nas palavras de Kryshtanovskaya:

> O traço distintivo da história russa é que nosso Estado se torna forte apenas quando todo o poder está acumulado de forma piramidal e o espírito da autocracia une nossa terra vasta e esparsamente povoada. Na Rússia, as ideias ocidentalistas significaram um Estado enfraquecido e a destruição de todo o sistema. A elite assume que enfraquecer o Estado levará inevitavelmente à desintegração de todo o país[305].

(8) Limitações da democracia liberal e de instituições democráticas. Embora conclame a necessidade de democratização, Yeltsin faz diversas críticas à atuação do parlamento – afirma que algumas forças queriam promover volta ao passado, leis de baixa qualidade eram elaboradas, muitas vezes sem levar em conta a capacidade orçamentária do Estado, e que o presidente era forçado a usar decretos para preencher lacunas legais que o Legislativo não preenchia por inépcia. Yeltsin também menciona que os poderes de veto do parlamento trouxeram dois problemas: atrasaram a adoção de reformas econômicas necessárias, o que aprofundou a crise no país, e impediram uma intervenção presidencial na Chechênia em 1991, o que poderia ter evitado os acontecimentos posteriores. Putin também cita os facciosismos dos anos 1990 e afirma que tentativas do Ocidente de exportar seu modelo "progressista" de desenvolvimento gerou instabilidade em diversas regiões do mundo. Critica o modelo ocidental por impedir que a vontade e os valores tradicionais das maiorias prevaleçam – uma referência indireta à proteção das minorias, como os movimentos LGBTQIAP+. Nos últimos anos, foi marcante o discurso oficial homofóbico na Rússia, associando tais movimentos à "depravação" e "decadência" do liberalismo político ocidental. Nas emendas constitucionais de 2020 foi adicionado um dispositivo que reforça a concepção de casamento como "união de homem e mulher".

[305] Entrevista a Nikolsky (2007), também citada em Segrillo (2016).

(9) Necessidade de união nacional frente a facciosismos, extremismos e ameaças internas e externas. Putin menciona em diversos momentos a importância da união nacional. Subentende-se que a democracia liberal pode gerar facciosismos e favorecer extremismos e radicalismos. Só com "união" – como o próprio nome do partido governista ("Rússia Unida") propõe –, em torno do presidente – segundo a constituição, o "garantidor" da harmonia entre os poderes – é que haveria estabilidade e proteção contra ameaças internas e externas. No discurso do *trade-off* o presidente é a "pedra angular" que garante a sustentação da ordem e a harmonia das relações interétnicas.

(10) Status excepcional multinacional da Federação Russa. O status excepcional se assemelha à questão da transição múltipla, pressupõe que, dada a complexidade etnonacional e territorial da Federação Russa, alterações no status quo podem gerar instabilidades e conflitos étnicos. Tal argumento ganha destaque a partir do governo Medvedev. Putin enfatiza que o status excepcional multinacional torna indispensável um presidencialismo forte, em que o presidente tenha o controle do curso político do país.

Como podemos notar, a questão etnonacional não foi o único elemento do discurso do *trade-off*, mas suas nuances estiveram presentes em diferentes momentos, sobretudo como fator que dificultou o processo de transição e colocou em risco a existência do próprio Estado – que poderia ter se dissolvido como a URSS.

Outro modo de sintetizar a análise discursiva é a divisão por períodos, com destaque aos principais *trade-offs* mobilizados, os fins de sua instrumentalização e os elementos do discurso. É possível observar diversas semelhanças e uma relativa continuidade no discurso ao longo de diferentes governos:

Tabela 3.3 O discurso do *trade-off* por governos

Itens	Yeltsin (1994-1999)	Putin I (2000-2007)	Medvedev (2008-2011)	Putin II (2012-2020)
Síntese	*Trade-offs* da competição política (democratização e descentralização). Risco de extremismos e paralisia administrativa.	*Trade-offs* da competição política e da descentralização administrativa dos anos 1990, marcadas por facciosismos, autointeresse e desordem.	*Trade-offs* associados à excepcionalidade da Rússia no mundo como Estado multinacional (mulitétnico) e multiconfessional, o que impõe desafios ao sistema político e exacerba os riscos de instabilidade.	*Trade-offs* da democracia ocidental em outros contextos culturais e multiétnicos. Risco de facciosismos, polarização, instabilidade e conflitos.

Instrumentalização	Discurso não legitimou um regime autoritário, mas apontou para a necessidade de mudanças institucionais que fortalecessem o papel do presidente e do Estado. Defendeu-se uma migração do "sistema de comando unitário" para o "sistema federativo democrático".	Discurso legitimou a condução de reformas institucionais administrativas e federativas que enfraqueceram o parlamento, as elites regionais e os oligarcas. Após o atentado à escola de Beslan (2004), foram abolidas as eleições diretas para governador e Putin fez o seu discurso mais ideológico, acerca do "caminho russo" para a "democracia soberana", adequada às "especificidades" russas. No final do mandato, pediu ao parlamento que endurecesse a lei de combate ao extremismo, principal instrumento legal de repressão do regime. Criticou a descentralização federativa desordenada e implicitamente defendeu a volta ao "sistema de comando unitário".	Discurso usado para legitimar o regime político vigente (Medvedev afirmou que o país já era uma democracia) e a reforma constitucional que aumentou o mandato do presidente e dos deputados. Uma vez que o volume de reformas autoritárias ou de fortalecimento do Executivo foi menor, as referências ao discurso do *trade-off* foram menos frequentes.	Discurso mobilizado para legitimar o regime e as reformas constitucionais de 2020 que aumentaram o poder do presidente. Dado o status multinacional excepcional da Rússia, o presidencialismo "forte" é apresentado como uma instituição fundamental para a garantia da estabilidade.
Elemento 1: Preocupação com extremismo e separatismo	Disputa entre poderes e oposição do parlamento dificultaram reformas econômicas necessárias e a tomada de decisões eficazes contra os separatistas na Chechênia.	Enfraquecimento do Estado e da ordem no período de transição deram espaço ao terrorismo internacional e e ao desmantelamento do Estado. Necessidade de reformas políticas e administrativas no sentido de empoderar o poder Executivo e o governo federal.	Status excepcional multinacional e multiconfessional da Rússia impõe maiores desafios à competição política. Há uma preocupação com os riscos de extremismos e conflitos interétnicos. A situação tensa no Cáucaso do Norte é apresentada como o maior problema do país, mesmo anos após a fase intensa do conflito na Chechênia.	Dado o status excepcional multinacional da Rússia, um presidente forte é um requisito fundamental para a estabilidade política e social, o modelo parlamentar não seria possível no país. A crise da polarização no Ocidente evidencia a "decadência" de seu modelo. Um parlamento fragmentado gera paralisação e instabilidade.
Elemento 2: A importância da união social contra facciosismos	Conflito entre poderes facilitou a desintegração e enfraquecimento do Estado, bem como a instabilidade política e a desordem administrativa. Períodos eleitorais são vulneráveis a radicalismos e a mobilizações étnicas violentas.	Os facciosismos, o autointeresse e os conflitos da competição política, característicos dos anos 1990, aprofundaram a desordem e a desintegração do Estado. Crítica a veículos midiáticos, corporações e "clãs". A falta de unidade faciltou a difusão do terrorismo internacional. Necessidade da união da sociedade, implicitamente em torno do líder, para superar esse problema. A "colaboração" do parlamento permitiu a concretização desses objetivos.	União e harmonia social devem ser protegidas contra facciosismos e divisões.	Importância da união da sociedade frente a divisões destrutivas, facciosismos e polarizações, elementos cada vez mais presentes na democracia "ocidental". Preocupação com intolerância, extremismos, separatismo e radicalismos étnicos na Rússia, mesmo após muitos anos do fim da fase intensa da guerra da Chechênia. Importância da união e paz interétnica para a integridade do país. A preponderância do partido Rússia Unida no parlamento evidencia a "unidade" do povo russo.
Elemento 3: A preocupação com instabilidade	O separatismo impactou negativamente a transição. Jogos políticos nos diferentes tabuleiros da transição tripla geraram constrangimentos mútuos, tornando o processo muito mais complexo.	A ameaça terrorista internacional é um problema. Países do Ocidente têm interesse no enfraquecimento da Rússia. É notável a "internacionalização" da questão chechena e a deterioração gradual nas relações com o Ocidente. Sustenta-se a necessidade de encontrar equilíbrio entre ordem e liberdades.	Preocupação com radicalismos na crise econômica de 2008 e nos protestos de 2011. Percepção de que a democracia pode ser utilizada por forças políticas para causar desordem e instabilidade.	Intersecção entre ameaças internas e externas. A tentativa de exportação do modelo "ocidental" de democracia para diversos países sem levar em conta as tradições e especificidades locais causa instabilidade, caos, ruína, conflitos e anarquia. Preocupação com a volta de combatentes russos radicais na Síria para a Rússia. Ameaças globais e sociais crescentes. O Ocidente buscou reproduzir o cenário iugoslavo na Rússia ao apoiar separatistas como "rebeldes" e defensores da "democracia". Deterioração nas

				relações com o Ocidente.
Elemento 4: As percepções da democracia	A sociedade e parte das elites administrativas passaram a perceber a abertura política e a descentralização como motivadores do caos e da desordem. Percepção social de um *trade-off* entre um unitarismo autoritário estável (URSS) e um federalismo democrático caótico. Elites mobilizaram a questão étnica para se autopromover com a abertura política.	O terrorismo internacional, o separatismo checheno e as complexidades da transição tripla colocaram em risco à integridade do país e levaram a um pessimismo na sociedade em relação à democracia. Para Putin, o combate ao terrorismo não pode ser um pretexto para cercear liberdades, mas o "preço da democracia" não pode ser nem a lei nem o curso das reformas econômicas.	O fortalecimento da democracia não pode ser usado para enfraquecer a ordem e o Estado de Direito.	O respeito aos valores tradicionais na Rússia corresponderia à verdadeira democracia, à vontade das maiorias (majoritarismo), diferentemente dos valores liberais "decadentes" do Ocidente impostos por minorias às maiorias. O Estado "forte" é apresentado como uma tradição russa. Alusão aos momentos de crise e dissolução em que o Estado russo esteve enfraquecido (1917 e 1991).

Fonte: elaborado pelo autor com base em discursos do presidente da Federação Russa ao Congresso Federal.

Assim como parte da literatura de democratização abordou a questão da diversidade étnica como um obstáculo à democracia, os discursos de legitimação de um regime centralizador e autoritário na Rússia tiveram como eixo central a questão etnonacional. Somente um Estado "forte", centralizado e autoritário seria capaz de manter a integridade territorial, a união, a estabilidade e o desenvolvimento do país.

O discurso do *trade-off* foi utilizado tanto para legitimar um regime autoritário consolidado ao longo dos anos 2000, quanto mudanças institucionais polêmicas que beneficiaram diretamente o incumbente. Sua instrumentalização, com menção direta à excepcionalidade etno/multinacional, foi notável em quatro momentos: a forte centralização administrativa na primeira metade dos anos 2000, a abolição das eleições para governador após os atentados de Beslan em 2004, a reforma constitucional que estendeu o mandato presidencial de quatro para seis anos e as emendas constitucionais de 2020, com a alegação de que um presidencialismo "forte" era um requisito fundamental para a estabilidade política na Rússia. A democracia liberal representativa "ocidental" é apresentada como propulsora de facciosismos, polarizações, paralisações políticas, desordem e, dependendo do contexto cultural, "caos" e "anarquia". A questão chechena e a ameaça de desintegração do Estado foram mencionadas mesmo muitos anos após o fim da Segunda Guerra da Chechênia. Ameaças internas foram costuradas a ameaças externas (o Ocidente e o extremismo

na Síria) em um esforço de promover a "união" da sociedade em torno do incumbente – o efeito "rally 'round the flag".

É uma incógnita se as elites políticas realmente acreditavam na existência desses *trade-offs* e ameaças ou se apenas os utilizaram em seu benefício próprio – mais à frente mostrarei alguns *surveys* de elites a esse respeito. Tal indagação não contradiz o meu argumento: independentemente de as elites acreditarem ou não no discurso do *trade-off*, há diversas evidências de sua instrumentalização para a construção de um regime altamente centralizado e iliberal. Os momentos de maior "liberalização" (o governo Medvedev), com menos reformas autoritárias, tiveram menor frequência de menção aos *trade-offs*.

Há décadas cientistas políticos propõem a construção de sistemas consensualistas para superar tensões em sociedades divididas. Há diversos casos de países que passaram por profundos conflitos de base identitária e, por meio de instituições de compartilhamento de poder (*power-sharing*), lograram desenvolver um sistema pluralista, evitando a construção de regimes autoritários. Entre os casos mais emblemáticos estão o Líbano, a Índia e mesmo ex-países socialistas do Leste Europeu, como a Bósnia e a Moldávia. As elites russas optaram por resolver o problema de *stateness* por meio da edificação de um regime autoritário tanto no nível nacional quanto regional – o autoritarismo não era uma consequência inevitável.

O discurso do *trade-off* tem um efeito de legitimação análogo às "barganhas autoritárias", por meio das quais se promove o argumento de que um regime autoritário é mais apto a propiciar ganhos econômicos. No caso do discurso do *trade-off*, estimula-se a narrativa de que um regime autoritário é mais apto a resolver conflitos, garantir a ordem e manter a paz interétnica e a integridade territorial do país – indiretamente, manter os *out-groups* sob controle. Constitui um recurso ideológico de sustentação autoritária nos chamados "pactos de proteção", com amplo alcance social e baixo custo de operacionalização. Como Levitsky e Way (2012) afirmam, conflitos podem representar importantes fontes não materiais de poder, facilitando a coesão entre elites e a mobilização das massas. Em consonância com o conceito de "autocracia informacional", o incumbente consegue se apresentar como um líder eficaz na provisão de ganhos econômicos e de segurança à sociedade, o que reduz a necessidade de recurso a mecanismos de repressão.

3.4 A Mobilização do discurso do *trade-off* em discussões legislativas e mudanças institucionais

Nesta seção veremos como o discurso do *trade-off* teve reverberação na discussão de projetos de lei que propuseram mudanças institucionais em benefício do poder Executivo e do endurecimento do regime. Abordo dois casos de leis que impactaram o sistema de pesos e

contrapesos – a lei de cancelamento de eleições para governador (2004) e a lei de reformas constitucionais (2020) – e dois casos de leis que afetaram direitos civis – emendas à lei de combate ao extremismo (2002) e à lei de combate ao terrorismo (2006). Também mostro os posicionamentos de alguns deputados da oposição por acreditar que eles denunciam em parte a instrumentalização do discurso oficial para fins autoritários. Embora a discussão parlamentar não tenha a mesma cobertura midiática dos discursos anuais do presidente, ela pode revelar a profundidade com que os elementos do *trade-off* foram mobilizados pelas elites como pretexto para conduzir reformas, inclusive por representantes de partidos que se declaram oposição, mas na prática votam junto ao partido governista em temas sensíveis.

3.4.1 Lei de cancelamento de eleições para governador (2004)

A lei de cancelamento de eleições para governador, aprovada pouco depois dos atentados de Beslan de setembro de 2004, foi uma das mais polêmicas da primeira fase do governo Putin: dezenas de chefes de governos regionais passariam a ser nomeados diretamente pelo presidente. Ao longo da discussão legislativa é possível identificar diversas menções ao discurso do *trade-off*, sobretudo à necessidade de um "sistema vertical de poder" para garantir estabilidade política, segurança e a integridade territorial. Alega-se que nos momentos em que esse sistema centralizado e implicitamente autoritário se erodiu, verificou-se a dissolução do Estado – o fim do Império Russo (1917) e da URSS (1991).

Membros do Partido Comunista da Federação Russa (KPRF) foram os que mais se opuseram ao projeto. O deputado Oleg Smolin destacou que a nova lei era antidemocrática, diminuiria a *accountability* dos governadores em relação aos eleitores e não resolveria o problema do terrorismo e do separatismo:

> Acredito que a nomeação de governadores é absolutamente sem sentido do ponto de vista da luta contra o terrorismo: tanto a Chechênia quanto a Inguchétia, onde os presidentes [governadores] são nomeados de fato, provam isso. Está claro que a nomeação de governadores praticamente não tem sentido do ponto de vista da luta contra o separatismo e a instabilidade. [...] Está claro que a nomeação de governadores é prejudicial à democracia e à sociedade civil, porque o governador nomeado não atenderá a sua própria população, mas o burocrata correspondente da Administração da Presidência. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Já o deputado Ivan Melnikov enfatizou que a lei se integrava a um conjunto de medidas antidemocráticas que o governo federal vinha promovendo há algum tempo:

> Permitam-me recordar brevemente o que foi feito recentemente. O Conselho da Federação [a câmara alta] foi transformado em uma assembleia obediente e decisiva de burocratas bem empregados. A Administração da Presidência monopolizou a Duma Estatal e transformou o parlamento em um órgão para legalizar as iniciativas do Kremlin. O sistema judiciário está sob controle. Canais de TV independentes e jornalistas de TV foram expulsos do ar. As autoridades estão tentando destruir qualquer oposição,

> preenchendo o campo político com seus próprios partidos e projetos, suas declarações são diretamente opostas às ações reais. A lei de nomeação de governadores se enquadra na mesma sequência política. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Acusou as autoridades de usarem os atentados de Beslan como pretexto para a concentração de poder: "esta lei foi criada há muito tempo no Kremlin e eles usaram cinicamente a tragédia de Beslan para realizar o seu plano" (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa). Considerou que a lei feria o princípio da divisão de poderes e do sistema federativo, portanto, o KPRF não apoiaria a sua adoção.

Por sua vez, o Partido Liberal-Democrata da Rússia (LDPR), um partido de direita que se autodefine como oposição, foi o que mais defendeu o projeto. Criticando os comunistas, o deputado Aleksey Mitrofanov sustentou que desde 1996 não havia democracia e eleições justas no país, sobretudo nas regiões:

> Todos defendem a democracia, mas devem saber que desde 1996 praticamente não há eleições em nenhum lugar. Não há eleições, tudo é falsificação, as cédulas são jogadas nas urnas, não dão acesso a informações e outros recursos. [...] Portanto, dizer que a democracia está sendo derrotada não faz sentido. Desde 1996, quando as eleições de Yeltsin foram arruinadas, não há democracia. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Mitrofanov também afirmou que há anos o LDPR defendia a nomeação de governadores e a extinção de unidades federativas delimitadas por critérios étnicos, e ponderou que os comunistas não deveriam se opor ao projeto, uma vez que no período soviético a grande maioria dos cargos administrativos se baseava em nomeações.

Na mesma direção, o líder do LDPR, Vladimir Zhirinovsky, fez diversas menções ao discurso do *trade-off* e criticou duramente os comunistas por se oporem ao projeto. Mencionou que no período soviético comunistas garantiam uma centralização rígida, inclusive étnica, do país e, na medida que o controle do Estado central foi reduzido, o país colapsou. Está implícita a ideia de que o mesmo poderia se passar com a Rússia sem uma centralização rígida:

> [...] vocês [comunistas] introduziram o procedimento correto de que o segundo secretário no campo deveria ser sempre um russo étnico. E isso preservou a nossa sociedade soviética. Assim que vocês removeram essa norma e proibiram a KGB de seguir o Comitê Central do PCUS [Partido Comunista da União Soviética], é isso, o país entrou em colapso! E hoje vocês são contra o fortalecimento da KGB, o fortalecimento do Estado e contra o presidente obter pelo menos uma pequena oportunidade de influenciar a situação nos territórios. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Zhirinovsky complementou que em nenhum lugar do mundo há democracia de fato:

> E parem de falar que vocês defendem a democracia! Onde, em que país do mundo, o povo tem poder? Bem, não existe tal país no mundo e nunca haverá! (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Alegou que o povo conclama por segurança e que federalismo e descentralização levam à corrupção e à dissolução do estado.

> O que todos os cidadãos estão pedindo hoje? Segurança. Conseguimos garantir a segurança no antigo alinhamento de nossas forças ou nas velhas formas de eleger um

> governador? Fracassamos. Conseguimos reduzir a corrupção? Fracassamos. Ou seja, todos que se opõem a essa lei são pessoas que se opõem ao Estado. Parem de lavagem cerebral com as palavras "federalismo" e "Estado unitário"! Todos os estados do mundo são unitários, não há federalismo. Federalismo significa separatismo e a dissolução de qualquer estado. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Em outros trechos, Zhirinovsky afirmou que o mundo é governado por transnacionais e não pelo povo, ressaltou que governadores são dependentes de estruturas corruptas locais de poder, máfias, burocratas, partidos e eleitores comprados. No momento mais polêmico, mencionou que comunistas deveriam objetivar um Estado "totalitário" como a China, que garantisse segurança e protejesse a população contra atentados, ao invés de promoverem um Estado fraco sob o risco de ocorrer uma nova guerra separatista no Cáucaso Norte.

> Pegue o exemplo da China: um Estado totalitário – e uma economia frenética, segurança frenética, sem ataques terroristas. Bem, este é o seu povo! Vocês [comunistas] vão lá, e seu Zyuganov [líder do KPRF] diz: vamos pegar o exemplo da China. Então, pegue o exemplo da China! O sistema vertical de poder mais rígido: ninguém ousa dizer uma palavra, o Dalai Lama não pode entrar em seu próprio país, não o deixam entrar, por assim dizer. E aqui estão todos os que querem passear. O que é isso? Isso é uma superdemocracia! Isso não é democracia, mas uma anarquia em nosso país, e mais ainda em condições de terror. Todos vocês deveriam ter vergonha hoje, quando as pessoas estão em seus túmulos: em Moscou, no Cáucaso e em todo o país, e no Cáucaso Norte mal se respira uma vida pacífica – há tiroteios todos os dias, a qualquer momento a grande guerra do Cáucaso pode começar outra vez [...]. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Na conclusão do seu discurso, Zhirinovsky acusou membros da esquerda e democratas de traição e apoio ao terrorismo:

> Eu declaro todos os esquerdistas e todos os democratas pró-Ocidente cúmplices de terroristas em escala global e inimigos do Estado russo. Votem nesta lei e, na perspectiva, apresentem uma emenda sobre a nomeação direta de governadores e todo o sistema vertical de poder! Só assim retiraremos o país [desta situação], e tudo ficará bem. E vocês, esquerdistas, é hora de ir para o cemitério. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

O partido governista, Rússia Unida, fez referências ao *trade-off* mas sem provocações diretas aos comunistas. O deputado Aleksandr Kosopkin, representante plenipotenciário do presidente na Duma, afirmou que a lei iria "assegurar o funcionamento estável e contínuo de um sistema unificado de órgãos do Executivo" (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa), mas seria insuficiente para resolver o problema do terrorismo – novos projetos de lei deveriam ser debatidos. Por sua vez, o deputado Andrey Klimov mencionou que o sistema de nomeação de governadores pelo presidente não era uma novidade, havia sido adotado por alguns anos na década de 1990, e que, de acordo com a constituição, o presidente "assegura o funcionamento coordenado e a interação dos órgãos de todo o poder estatal, e não apenas do poder federal" (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa). Vale lembrar que o papel do presidente como um metapoder em meio aos três poderes foi abordado por Petra Stykow (2019) em sua análise sobre o superpresidencialismo eurasiático. Com referências ao passado da Rússia, Klimov afirmou que a centralização era a

garantia de existência do Estado russo, independentemente do sistema político, e que os momentos de descentralização levaram à dissolução do Estado:

> Como é conhecido, no Estado russo o sistema vertical de poder, em específico um sistema vertical rígido, existe desde o século XIV, desde o século XIV [ênfase]! Mas agora, uma breve nota: por seiscentos anos consecutivos, houve um rígido sistema vertical de poder estatal em nosso país; durante esse tempo o Estado russo não apenas se fortaleceu, mas também se expandiu de forma consistente, e a uma taxa de 102 quilômetros quadrados por dia – vejam a taxa média em que nosso Estado cresceu durante esses seiscentos anos. O que aconteceu depois? E então, no final da década de 80, decidiu-se romper esse sistema vertical e até começamos a eleger diretores de empresas em assembleias de coletivos de trabalho. O que aconteceu dois anos depois? A União Soviética, uma grande potência, dissolveu-se. Veja, por favor, o resultado da ausência daquele mesmo sistema vertical, que para alguns parece ser rígido. Além disso, esse sistema vertical existiu tanto sob um sistema sociopolítico quanto sob outro sistema sociopolítico, tanto sob o mercado no período czarista quanto sob uma economia planificada no período soviético. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Klimov ponderou que o sistema vertical permite o fortalecimento de um espaço legal e econômico unificado, com direitos iguais para os cidadãos independentemente da região, algo que não vinha sendo respeitado e que o presidente deveria corrigir. Também citou ameaças geopolíticas a regiões periféricas da Rússia, supostamente acirradas por fluxos migratórios. Para o deputado, o povo russo almejava ordem e não queria que eleições fossem um obstáculo para retirar líderes incompetentes:

> O desejo das massas, se somos democratas... Avós e avôs, pessoas não muito letradas, perguntaram para mim repetidamente nas aldeias menores: "Quando vocês vão colocar as coisas em ordem? Quando vocês vão remover tal e tal líder? Por que devemos esperar quatro ou cinco anos? Vocês são as autoridades, façam alguma coisa!" Eu digo: "Ele foi eleito, deve ficar no cargo por quatro ou cinco anos". "Façam alguma coisa, vocês são as autoridades!" – as pessoas nos disseram. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Finalmente, o deputado Dmitry Rogozin, do partido *Rodina* (Pátria), abordou a necessidade de se desenvolver um sistema que eliminasse os riscos de conflito e separatismo na Rússia, bem como de barganhas de governos regionais com o governo federal:

> [...] hoje precisamos falar não sobre nomear ou não governadores, mas sobre como fazer com que o sistema estatal da Rússia seja organizado para que não tenhamos guerras, principalmente guerras internas que dilaceram o território, de um Estado unido, por fronteiras nacionais [étnicas] artificialmente construídas. Esta é uma federação de *matryoshka* [boneca russa], isso é ridículo, um Estado de retalhos, quando há um Estado e dentro dele há outros estados que concluem acordos bilaterais com esse grande Estado. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Complementou que adotar um sistema unitário não necessariamente implica em abrir mão da democracia, há diversos estados democráticos que são unitários:

> E quando alguns de nossos colegas me dizem que o federalismo é a forma mais alta de democracia, é um absurdo, isso é um absurdo, porque podemos citar muitos exemplos de quando um federalista, um Estado federal, deslizou diretamente para o nazismo. A Alemanha era um Estado federal sob Hitler, e Hitler chegou ao poder de uma forma completamente democrática. E a França unitária, não é democrática? Ou a Austrália unitária, não é democrática? Democrática. Portanto, nosso objetivo hoje é pensar em como podemos passar de uma Federação miserável, de retalhos e esfarrapada, para um

> Estado unitário, para uma Rússia unida e indivisível. (DUMA ESTATAL, 2004, tradução nossa).

Um outro elemento criticado por Rogozin, semelhante ao posicionamento do LDPR, é o federalismo étnico. Sustentou que as divisões administrativas da Rússia não deveriam levar em conta critérios etnonacionais na delimitação de seus territórios – prerrogativas especiais às repúblicas nacionais infringiriam a constituição por tratar desigualmente as unidades federativas.

A lei foi aprovada com 358 votos[306], 79,6% do total de deputados, favorecida pela maioria constitucional do partido Rússia Unida. O partido LDPR também votou massivamente a favor do projeto; o partido *Rodina*, em parte, e nenhum membro do KPRF votou a favor. A maioria dos deputados autônomos se posicionou contra.

Nesta subseção pudemos constatar que o discurso do *trade-off* foi mobilizado para justificar o cancelamento das eleições para governador, sobretudo o argumento de que a Rússia necessita um Estado unitário fortemente centralizado em torno do presidente, caso contrário poderia se desmantelar, como ocorreu com a URSS – alusões à dissolução da URSS estiveram presente em diferentes momentos. Também foi marcante o argumento de que o "povo russo" demanda segurança e ordem, em vez de democracia e eleições diretas.

3.4.2 Lei de reformas constitucionais (2020)

A lei de emendas constitucionais de 2020 fortaleceu ainda mais os poderes formais do presidente, conferiram prerrogativas especiais a ex-presidentes, como o fortalecimento da imunidade legal, e abriram espaço para que Vladimir Putin possa concorrer às eleições presidenciais de 2024. Como veremos a seguir, o discurso do *trade-off* foi mobilizado por diferentes lideranças para legitimar a sua adoção, ressaltando que um presidente "forte" era condição essencial para garantir a estabilidade e integridade da Rússia.

Logo no início das discussões, o líder do KPRF, Gennady Zyuganov, afirmou ter dialogado com Putin a respeito das ameaças pelas quais a Rússia vinha passando – como sanções econômicas, crise e guerras – e que deveria haver um esforço para não permitir que o país se desintegre pela terceira vez, como ocorreu anteriormente com a URSS e o Império Russo. Nas palavras de Zyuganov, "essas emendas à Constituição devem garantir a preservação do país e o fortalecimento do nosso Estado [*statehood*]" (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa). Contudo, criticou que

[306] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (3 chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 93081-4. 03.12.2004. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/54802>. Acesso em: 29.03.2021.

algumas emendas criariam a ameaça do "semipoder", ao empoderarem órgãos como o Conselho Estatal e o Conselho de Segurança. Considerou que enquanto houver um líder influente como Putin, todos obedecerão, mas se surgir um presidente pouco respeitado, cada um vai "puxar para o seu lado", tanto clãs etnonacionais quanto clãs oligárquicos – "podemos obter a mesma variante que destruiu o país soviético" (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Já o líder do LDPR, Vladimir Zhirinovsky, posicionou-se a favor de um empoderamento parcial do Conselho Estatal, afirmando que eleições diretas podem levar líderes incompetentes ao poder. Considerou que o conselho poderia servir de instrumento para eleger o presidente – as elites políticas deveriam selecionar o incumbente mais apto ao cargo.

> O chefe de Estado deve ser a pessoa mais inteligente, mais decidida, com força de vontade. Até os czares foram preparados por 30 anos antes de se tornarem czares, e mesmo assim alguns se mostraram fracos – Alexandre I e Nicolau II. E aqui, por favor! Isto é uma anarquia, não uma democracia. [...] É preciso eleger o presidente em reunião do Conselho de Estado, mas ele deve ser formado de maneira que haja representantes da Duma Estatal, do Conselho da Federação, do governo, da ciência e da sociedade [...]. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Em referência negativa à democracia ocidental, Zhirinovsky mencionou o caso do Afeganistão, em que, nas suas palavras, a imposição do "modelo americano" gerou 40 anos de guerra civil. Em outro momento, criticou a existência de divisões territoriais etnonacionais na Rússia e defendeu que o modelo deveria ser abolido. Também fez menções às instabilidades internacionais, argumentando que o mundo se encontra em uma situação análoga às vésperas da Segunda Guerra Mundial e que o conflito entre potências na Síria poderia ser comparado à guerra civil espanhola. Defender os interesses russos na Síria seria fundamental para garantir a integridade territorial da própria Rússia:

> [...] não pudemos defender a Espanha, mas defenderemos a Síria, porque se não defendermos a Síria, os militantes irão para o sul do Cáucaso e varrerão tudo por lá. O mesmo acontece em uma hora: não hoje, mas amanhã começa como uma enchente. E o sul do Cáucaso será varrido, o norte do Cáucaso será varrido e ergueremos barricadas perto de Astrakhan, Volgograd e Rostov [cidades russas]. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Na parte final de sua fala, Zhirinovsky enfatizou que quando o país teve três líderes "fracos" (Nikolay II, Gorbachev e Yeltsin) colapsou.

Por sua vez, o líder do partido governista Rússia Unida, Sergey Neverov, destacou as conquistas por que o país passou após os "devastadores" anos 1990, inclusive a manutenção da integridade territorial:

> Anos se passaram, nosso país ficou diferente, no bom sentido: manteve sua integridade, ganhou soberania. [...] Lembramos como os salários não eram pagos por meses, lembramos como as pensões não eram pagas. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

A maior defesa das reformas, contudo, foi feita pela deputada Valentina Tereshkova, primeira mulher a ir ao espaço. Tereshkova apresentou a emenda que permitirá a Putin concorrer às eleições de 2024. Na sua perspectiva, um presidencialismo "forte" é condição fundamental para garantir segurança à Rússia frente às mudanças no mundo, inclusive no que tange à integridade territorial.

> [...] o mundo agora é muito complexo, há cada vez mais desafios e ameaças, e sentimos isso quando discutimos as emendas à lei básica. Nós, nossos valores, convicções, a integridade da Rússia, a harmonia civil, começamos a ser testados, e não apenas fora de nosso país, mas também dentro. [...] É óbvio para todos que em qualquer desenvolvimento inovador, e nosso país escolheu esse mesmo caminho, é necessário fornecer uma garantia confiável, e tal garantia, nisso estou cem por cento certo segura, pode ser um forte poder presidencial e a autoridade moral de um líder que ocupa este cargo. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Tereshkova complementou que, independentemente de Putin se candidatar ou não em 2024, a própria possibilidade de candidatura já seria um fator de estabilidade para o país:

> [...] a própria existência de tal oportunidade para o presidente em exercício, dada a sua poderosa autoridade, é um fator estabilizador para nossa sociedade, para o desenvolvimento do país, para realizar transformações, é a garantia de estabilidade tanto dentro do país e ao longo do seu contorno externo. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Finalmente, a defesa do projeto de reforma foi feita diretamente por Vladimir Putin. Na sua fala, há algumas das referências mais explícitas ao discurso do *trade-off*, principalmente o argumento de que o status multinacional do país é um dos fatores delicados que podem gerar instabilidades. Sustenta que um presidencialismo forte pode contribuir tanto para a segurança interna quanto externa do país.

> E ainda temos muitas coisas vulneráveis – isso diz respeito à estabilidade política interna, à concordância interétnica e inter-religiosa, ao desenvolvimento econômico e social. Portanto, é compreensível por que, durante os trabalhos sobre as emendas, a questão de como será formada a mais alta instituição do poder estatal na Rússia, ou seja, a instituição do poder presidencial, surgiu e está sendo discutida cada vez mais ativamente, porque o presidente é o fiador da Constituição, ou seja, é o fiador da segurança do nosso Estado, da sua estabilidade interna e do desenvolvimento interno, volto a dizer, desenvolvimento evolutivo – especificamente, evolutivo, já tivemos revoluções suficientes, a Rússia cumpriu seu plano de revoluções. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Em outro trecho, Putin menciona que alternativas ao fortalecimento do presidencialismo na Rússia, como a adoção de um sistema parlamentarista, seriam inviáveis e gerariam instabilidades. Está implícita a ideia de que o parlamentarismo, com o chefe de governo dependente do Legislativo, é vulnerável a impasses políticos. No discurso presidencial de 2020, Putin fez alusões semelhantes, criticando os facciosismos dos modelos "ocidentais" de democracia.

> Em primeiro lugar, isso é necessário para a estabilidade. Claro que existem alternativas; esta – todos nós sabemos muito bem –, a forma parlamentar de governo, que é amplamente utilizada no mundo, mas no estágio atual de nosso desenvolvimento não pode ser usada em nosso país. Veja o que está acontecendo nos países de democracia parlamentar tradicional, na Europa: sem exagero, por anos, anos em alguns países, eles

> não podem formar um governo. Para a Rússia, isso é simplesmente absolutamente impossível, absolutamente inaceitável. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Em resposta a Vladimir Zhirinovsky, que propôs a eleição do presidente pelo Conselho de Estado, Putin respondeu que haveria o risco de que essa medida gerasse uma dualidade de poder e consequentemente instabilidade – há uma associação de que arenas de veto causam facciosismos, possivelmente uma reminiscência do conflito de Yeltsin com o legislativo no início dos anos 1990.

> [...] na Rússia, isso levará inevitavelmente a um duplo poder, a uma divisão na sociedade e da forma mais negativa, e possivelmente trágica, afetará o destino do país e a vida dos cidadãos. Não vamos fazer isso. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Na parte final de sua fala, Putin justificou a possibilidade de um terceiro mandato consecutivo usando como pretexto a existência de problemas oriundos do fim da URSS e que ainda não foram resolvidos totalmente. Mencionou que os EUA tiveram esse precedente nos anos 1930, dadas as dificuldades pelas quais o país então passava:

> [...] houve precedentes de eleição para mais de dois mandatos nos próprios Estados Unidos. Então aqui está o porquê: preste atenção, porque naquela época [anos 1930], havia uma Grande Depressão nos Estados Unidos, havia grandes problemas na economia, desemprego e pobreza, então – a Segunda Guerra Mundial. Em condições em que o país está passando por tais choques e dificuldades – claro, no nosso caso ainda não superamos tudo após o colapso da União [URSS], isso também é compreensível – a estabilidade, talvez, seja mais importante e deveria ser uma prioridade. Sobretudo, repito, num momento em que o país ainda tem muitos problemas. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

As emendas constitucionais foram aprovadas por uma esmagadora maioria de 383 deputados, 85,1% do total – 323 votos vieram do partido governista Rússia Unida[307]. O Partido Comunista da Federação Russa (KPRF) foi o único em que todos os 43 deputados se abstiveram da votação.

Nesta subseção pudemos observar que o discurso do *trade-off* foi utilizado intensamente para justificar as emendas constitucionais de 2020 que expandiram ainda mais os poderes presidenciais. É interessante notar que, mesmo após anos do fim da segunda guerra da Chechênia, o argumento da proteção à integridade territorial da Rússia, da estabilidade da concordância interétnica, do risco de dissolução do país e da necessidade de segurança contra ameaças internas foi constantemente mobilizado. Como mencionei anteriormente, há diversos casos de países que adotaram instituições consensualistas para superar ou amenizar os problemas de *stateness* e as tensões interétnicas. Alguns desses países, como a Bélgica, contam com sistemas parlamentaristas. O presidencialismo forte, portanto, não foi uma consequência fatídica das condições russas, mas uma escolha das elites, justificada com o discurso do *trade-off*.

[307] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye v tselom) O proyekte zakona Rossiyskoy Federatsii o popravke k Konstitutsii Rossiyskoy Federatsii № 885214-7. 11.03.2020. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/110468>. Acesso em: 29.03.2021.

3.4.3 Emendas à lei de combate ao extremismo de 2002

Algumas das principais medidas que afetaram direitos civis foram as emendas à lei de combate ao extremismo de 2002, que, sob o pretexto de garantir segurança e a integridade territorial russa, expandiram o escopo legal dos mecanismos de repressão do regime.

Embora deputados do KPRF e de outros blocos de oposição tenham se posicionado contra[308], a lei de 2002 não causou intensos debates. Basicamente, definiu como "extremistas" as atividades relacionadas à mudança violenta dos fundamentos da ordem constitucional e à violação da integridade da Federação Russa; ameaças à segurança da Federação Russa; tomada ou apropriação do poder; formação de grupos armados ilegais; realização de atividade terrorista; incitação ao ódio racial, nacional (étnico) e religioso, além de ódio social associado à violência ou incentivo à violência; motins em massa e atos de vandalismo com base no ódio ou inimizade ideológica, política, racial, nacional (étnica) ou religiosa, bem como com base no ódio ou inimizade contra qualquer grupo social; propaganda da exclusividade, superioridade ou inferioridade dos cidadãos com base na sua atitude em relação à religião, afiliação social, racial, nacional (étnica), religiosa ou linguística[309].

Entre as suas diversas emendas, uma das que gerou mais polêmica foi a de 27 de julho de 2006, a qual expandiu a lista de "atividades extremistas" de maneira a incluir atos como "calúnia" pública contra indivíduo com cargo estatal e uso da violência ou ameaça do uso contra funcionário público ou seus parentes. Membros da oposição viram na medida um meio de coibir a liberdade de expressão.

O KPRF foi o partido que mais se posicionou contra a sua adoção. O deputado Oleg Smolin afirmou que a lei iria contribuir para aumentar o extremismo por diminuir o campo de ação de cidadãos descontentes com o governo:

> vez após vez, aprovamos leis que afastam as pessoas do processo político legal, seja por meio de legislação eleitoral, seja por meio de legislação sobre partidos políticos, seja por meio da lei de combate ao extremismo. O sistema vertical se alinha, as porcas são apertadas, as válvulas são fechadas. Até agora, a caldeira está silenciosa, mas mais cedo ou mais tarde a pressão do vapor aumentará. Mais cedo ou mais tarde, ou você terá que abrir essas válvulas (se tiver tempo, caros colegas), ou ocorrerá uma explosão [...]. A princípio, é claro, essas leis serão aplicadas contra a oposição, mas depois não se sabe contra quem. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

[308] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: FZ O protivodeystvii ekstremistskoy deyatel'nosti 3-cht. 27.06.2002. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/10514>. Acesso em: 29.03.2021.

[309] ROSSIYSKAYA Gazeta. Federal'nyy zakon ot 25 iyulya 2002 g. N 114-FZ "O protivodeystvii ekstremistskoy deyatel'nosti" [Lei Federal de 25 de julho de 2002 N 114-FZ "Sobre o combate à atividade extremista"]. 30.07.2002. Disponível em: <https://rg.ru/2002/07/30/extremizm-dok.html>. Acesso em: 29.03.2021.

Por sua vez, o deputado Boris Vinogradov, do bloco *Rodina* (Pátria), alegou que o governo decidiu promover o projeto por temer mobilizações sociais de descontentamento contra as reformas então adotadas.

> [...] tais leis são adotadas a fim de evitar o protesto social espontâneo de muitas pessoas desfavorecidas que têm medo das autoridades. Não resolver problemas sociais, colar rótulos de extremistas, colar rótulos de fascistas russos, tentar eliminar os resquícios de direitos e liberdades eleitorais, levar a bala a parte da população que se manifesta, privá-la de espaço político legal – isto é, de fato, a essência desta lei. E, como consequência, acabar com tudo isso impondo uma ditadura de partido único. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

O deputado Vladimir Ryzhkov, do Partido Republicano da Rússia - Partido da Liberdade Popular (RPR-PARNAS), enfatizou que em vez de dar uma definição concreta do conceito de extremismo, o projeto confundia diferentes conceitos como terrorismo, radicalismo, crítica ao governo, calúnia e extremismo, e complementou: "a lei desta forma desata as mãos da máquina administrativa de perseguir qualquer cidadão dissidente do nosso país e afasta ainda mais o nosso país da democracia, afasta ainda mais a nossa legislação da Constituição" (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa). Na mesma direção, o deputado Viktor Tyulkin, do KPRF, sustentou que o conceito de extremismo e terrorismo estava sendo usado como pretexto para perseguir a oposição:

> [...] durante a discussão, estamos sempre convencidos de que os autores não incluíram nesta lei quaisquer objetivos de combate ao terrorismo, extremismo ou fenômenos socialmente perigosos. Na prática, estamos falando da proteção da burocracia, do atual sistema de poder e da supressão da oposição. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

No que concerne aos argumentos favoráveis ao projeto, o LDPR foi novamente um dos partidos que mais defenderam a linha governista e recorreram a elementos do discurso do *trade-off*. Logo no início da sua fala, o deputado Valentin Ovsyannikov sustentou que o povo precisava de ordem:

> [...] processos políticos legais acontecem na cabeça e na mente dos políticos, o povo absolutamente não se importa com qual partido político interpreta o que, o que aborda, o que está tentando martelar em suas cabeças; hoje eles precisam de trabalho, salário, saúde e paz no Estado. É precisamente este projeto de lei que visa garantir que o Estado eventualmente assuma a forma de uma fortaleza normal, bem compactada e calma e perca, por assim dizer, o andar bêbado de um sem-teto. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

Logo em seguida, criticou os comunistas e mencionou uma pesquisa de opinião pública segundo a qual 60% dos entrevistados acreditavam que o país precisava de uma política como a de Josef Stalin. Nas suas palavras, se a crítica ao Estado for racional, não há motivos para temer a lei. Com referências à atuação do Serviço Federal de Segurança (FSB) – órgão sucessor do KGB – e à necessidade de garantir segurança e proteger a integridade territorial da Rússia, ressaltou que não haveria motivos para temer o projeto:

> Se as críticas às autoridades forem razoáveis, as forças especiais, o FSB e a procuradoria agradecerão. Do que vocês têm medo? Além disso, garante sua segurança também,

> protege vocês de ataques de qualquer tipo de vilões que podem zombar de vocês, embora vocês não tenham feito nada. [...] E o fato de que há uma tentativa de criar uma série de organizações extremistas, que visam, em última instância, a desintegração do Estado, a violação de sua integridade, já foi confirmado. Essas leis nascem não em vão, mas por uma razão. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

O deputado Pavel Voronin, do partido Rússia Unida, também fez duros ataques aos comunistas por não endossarem o projeto:

> O que vocês defendem, KPRF? Se vocês são contra esta lei, então vocês defendem (aqui estou lendo a lei) a mudança violenta dos fundamentos da ordem constitucional, por minar a segurança, pela tomada ou apropriação do poder, pela criação de grupos armados ilegais, pela incitação ao ódio racial, étnico ou religioso, pela humilhação da dignidade nacional, pela realização de motins em massa e pela propaganda da exclusividade, superioridade ou inferioridade de cidadãos de outras nacionalidades [etnias]. Isso é o que vocês defendem hoje, essa é a sua posição. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

Em mais uma alusão ao discurso do *trade-off*, Voronin destacou que há estados que se desintegraram devido à difusão de sentimentos xenófobos e nacionalistas – por isso a lei seria de grande importância.

Outra referência à questão etnonacional no país e aos riscos de instabilidade foi feita pelo deputado Igor Barinov, também do partido Rússia Unida:

> Recentemente, em nosso país, questões de extremismo, ódio étnico, religioso e outros têm se tornado cada vez mais relevantes. Casos de crimes, incluindo assassinatos, tornaram-se mais frequentes, precisamente com base no extremismo e no ódio étnico. [...] Naturalmente, a Duma Estatal não poderia ficar de lado e, portanto, decidimos eliminar as lacunas atuais na lei "Sobre a luta contra a atividade extremista". (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

O deputado Vladimir Zhirinovsky (LDPR), como habitual, atacou os comunistas e disse que a ausência de uma lei como esta permitiu que a URSS "se despedaçasse". Argumento semelhante foi apresentado pelo deputado Mikhail Emelyanov (Rússia Unida):

> [...] os extremistas não estão em guerra com uma força política específica no poder, estão em guerra com o país enquanto tal, com a sua pátria. E já passamos por isso: ceder ao extremismo no século passado resultou na perda de um terço do nosso território e milhões de pessoas. Essa experiência histórica não nos ensina nada? E agora os inimigos da Rússia, forças externas, estão tentando usar projetos extremistas para desmembrar o país. Acho que todas as forças políticas, todas as forças políticas responsáveis devem se unir para combater esse fenômeno. (DUMA ESTATAL, 2006, tradução nossa).

A emenda de 2006 só teve a adesão majoritária do partido Rússia Unida e do LDPR. Os outros blocos da Duma se posicionaram contra o projeto, mas foram derrotados. A lei foi aprovada com 338 votos, 75,1% do total[310]. Como pudemos observar, os defensores do projeto mobilizaram o discurso do *trade-off,* sobretudo a questão etnonacional e o temor da dissolução do Estado, para

[310] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. beta Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 308100-4. 08.07.2006. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/47157>. Acesso em: 29.03.2021.

justificar a adoção de medidas que não necessariamente diziam respeito à proteção da integridade territorial do país.

Na discussão da emenda de 10 de maio de 2007 à lei de combate ao extremismo também houve diversas menções ao discurso do *trade-off*, embora o projeto, que expandiu competências de procuradores, tenha gerado menos discussão. A declaração mais enfática e polêmica veio novamente de Vladimir Zhirinovsky (LDPR). Para o deputado nacionalista, a ameaça no Cáucaso deve-se à sua proximidade com o Oriente Médio, região que nas suas palavras será o palco da Terceira Guerra Mundial:

> E eu aviso novamente: há uma grande guerra pela frente, ela se transformará em uma terceira guerra mundial no Oriente Médio. E o Cáucaso, diretamente, é Brest [antiga fronteira da URSS com nazistas] hoje". (DUMA ESTATAL, 2007a, tradução nossa).

Zhirinovsky afirmou que era necessário endurecer a legislação de combate ao extremismo e aumentar restrições para garantir segurança e ordem, como algumas democracias ocidentais fizeram. Caso contrário extremistas arruinariam o país:

> Se os extremistas continuarem fazendo o que estão fazendo na Grã-Bretanha, a Grã-Bretanha tomará as medidas mais duras. Na Austrália, eles disseram: você não gosta da ordem em nosso país – o aeroporto está aberto, vá para o aeroporto e onde você mora melhor. Austrália e Grã-Bretanha – não são os melhores países em termos de democracia? Os melhores, e estão à nossa frente. E temos organizações como Yabloko, SPS [partidos de oposição] e aqueles sentados nesta sala que estão tentando impor uma falsa compreensão da democracia como algo que não pode ser limitado. Como não entender que se as restrições forem levantadas, todos serão esmagados, tudo será destruído?! [...] Nós somos a Duma do Estado, devemos pensar na segurança de todos os nossos moradores. (DUMA ESTATAL, 2007a, tradução nossa).

O deputado Vladimir Semago (Rússia Unida) concordou com a declaração de Zhirinovsky e ressaltou que se medidas duras tivessem sido adotadas anteriormente, a Rússia não estaria enfrentando a ameaça do terrorismo internacional.

> Se tivéssemos avançado um pouco (concordo com meu colega Zhirinovsky), não teríamos hoje essa ameaça de terrorismo internacional. Se leis mais radicais fossem adotadas um pouco antes... (DUMA ESTATAL, 2007a, tradução nossa).

Outra lei que gerou intensa discussão foi a emenda de 24 de julho de 2007, que também alterou a lei do Serviço Federal de Segurança (FSB) e o Código Penal. Além de endurecer a lei de 2002, a emenda aumentou as competências do FSB em relação a escutas telefônicas para prevenção de atos terroristas. Até mesmo parte dos deputados do LDPR se posicionou contra a medida.

Um dos maiores críticos do projeto foi Viktor Ilyukhin, do KPRF. Na sua perspectiva, a lei feria direitos constitucionais e reforçava a constatação de que o conceito de "democracia soberana", propagado por representantes do Kremlin, escondia intenções autoritárias.

> Posso dizer que não podemos votar a favor desta lei porque, antes de mais nada, ela contradiz a Constituição russa, o capítulo que consagra os direitos e liberdades políticas dos nossos cidadãos. E eu, sem dúvida, já digo como hoje você pode revelar este termo –

> "democracia soberana": democracia soberana para o governo, mas não democracia soberana para a maioria do povo. Aqui, Sr. Surkov, hoje você nos trouxe a isso, agora as cartas, como diz o ditado, são reveladas: o governo pode criticar, o governo de todos pode criticar, mas você não pode criticar este governo. (DUMA ESTATAL, 2007b, tradução nossa).

Sergey Ivanov, do LDPR, sustentou que a nova lei afetaria russos étnicos e que o extremismo deveria ser combatido não com o endurecimento da legislação, mas com outros métodos:

> E a luta contra o extremismo não deve ser pelo endurecimento da responsabilidade, mas por métodos um pouco diferentes, não há necessidade de prisão ou multa por isso. Se tivermos uma atmosfera normal em nossa sociedade e uma política apropriada, as pessoas não vão se comportar dessa maneira. Se eles encontram uma base para expressar alguns de seus pensamentos em um modo extremista, como alguns pensam, então significa que eles foram incentivados a fazer isso [...]. (DUMA ESTATAL, 2007b, tradução nossa).

Por sua vez, Vladimir Zhirinovsky (LDPR) foi o maior defensor das novas medidas. Criticando a revolução socialista de outubro de 1917, afirmou que a lei era dura, mas pelo menos garantiria a segurança:

> A lei é cruel, mas pior ainda é a guerra civil e a revolução. Então vamos escolher: ou o governo provisório de Kerensky, ou o golpe bolchevique. É melhor manter o governo Kerensky ou o regime czarista, porque o que aconteceu depois foi muito pior. Assim é hoje: a lei é difícil, mas a segurança é melhor; é difícil, mas todos vivem em paz. E isso é benéfico para todas as partes! (DUMA ESTATAL, 2007b, tradução nossa).

Complementou que a criação da URSS, com base em um modelo etnofederalista, levou à desintegração do Estado russo: "A que esse extremismo levou? À dissolução do Estado" (DUMA ESTATAL, 2007b, tradução nossa). Em referência ao discurso do *trade-off*, ressaltou que a busca pela segurança justificaria a adoção de medidas duras como escutas telefônicas:

> Graças às escutas telefônicas, os ataques terroristas foram interrompidos em Londres. Então, o que é melhor: não grampear telefones e cem britânicos estariam no necrotério agora, ou grampear os telefones de três terroristas e acabar com o terror em Londres? E aqui temos os mesmos democratas como Ryzhkov, eles dizem: eles estão grampeando o telefone. Ninguém vai ouvir nada de uma pessoa normal. (DUMA ESTATAL, 2007b, tradução nossa).

Apenas o partido governista, Rússia Unida, uma minoria de 32,3% do LDPR e um deputado independente votaram a favor do projeto, o qual foi aprovado com 311 votos – 69,1% do total[311]. Os demais blocos e deputados autônomos votaram contra ou não votaram na sessão.

A emenda de 24 de junho de 2014, que também alterou o código penal na parte referente ao financiamento de atividades extremistas, não gerou muita discussão, mas contou com alguns argumentos relacionados ao discurso do *trade-off*. O representante do Governo e vice-ministro do

[311] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 400063-4. 06.07.2007. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/44593>. Acesso em: 29.03.2021.

Interior, Igor Zubov, destacou que crimes de caráter extremista estavam passando por um aumento acelerado no país, com 227 casos no primeiro trimestre de 2014 – 30% a mais que no mesmo período do ano anterior. Também citou o vínculo entre extremismo e organizações estrangeiras que objetivavam destruir a Rússia – a lei seria necessária para garantir segurança e estabilidade:

> Há todas as razões para falar de um aumento no número de tentativas de penetração na Rússia por organizações extremistas internacionais, algumas das quais visam destruir nosso Estado. O extremismo é uma ameaça real à estabilidade mundial e à segurança da Federação Russa. Nesse contexto, o arsenal jurídico de combate ao extremismo à disposição de nossas agências de aplicação da lei ainda é insuficiente. [...] A aprovação da lei ajudará a aumentar a eficácia do combate ao extremismo, especialmente na sua parte preventiva e, consequentemente, aumentará o nível de segurança e estabilidade na Federação Russa. (DUMA ESTATAL, 2014, tradução nossa).

Finalmente, cabe mencionar alguns trechos do debate acerca da emenda de 31 de julho de 2020, a qual substituiu o termo "e violação da integridade da Federação Russa", como atividade extremista, por "e (ou) violação da integridade da Federação Russa (inclusive alienação de parte do território da Federação Russa), por exceção de delimitação, demarcação remarcação da fronteira estatal da Federação Russa com estados vizinhos".

O deputado Alexander Zhukov (Rússia Unida), primeiro vice-presidente da Duma Estatal, ressaltou a importância de punir, com até dez anos, aqueles que defendem o desmembramento de partes do território russo, inclusive estrangeiros e membros da oposição. Acusou o KPRF de ter sido em parte responsável pela dissolução da URSS.

> Nossos políticos russos – nomes podem ser mencionados – declararam publicamente a necessidade de desmembrar a Rússia! Para eles agora – eles devem entender imediatamente – a responsabilidade aparece, até dez anos [de prisão]. Para os políticos americanos que sonharam com o nosso país, a responsabilidade também aparece: se vierem ao nosso país, podem ser presos e podem ser extraditados para cá. São medidas concretas, efetivas, para proteger a nossa soberania. E gostaria, em primeiro lugar, de me dirigir aos representantes dos partidos da oposição: temos um país convosco (os interesses partidários podem ser diferentes). Uma vez que o país já foi perdido [a URSS], e especialmente aqueles que agora estão tentando atirar pedras na Constituição devem entender: você é responsável pela desintegração do país, pois assumiu esse pesado fardo da continuidade do PCUS [Partido Comunista da União Soviética]. Tudo estava lá – bom e ruim. E aconteceu a desintegração do país. Agora queremos que isso não volte a acontecer, então vamos nos unir aqui. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Na mesma direção, o deputado Adalbi Shkhagoshev (Rússia Unida) mencionou que "se o colapso da URSS não tivesse acontecido, então o terrorismo internacional não teria chegado ao Cáucaso Norte" (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa). Nas suas palavras, os separatistas chechenos queriam construir um Estado terrorista, como ocorreu na Síria, e várias regiões do Cáucaso Norte temiam que isso se concretizasse. A tranquilidade somente veio com a chegada de Vladimir Putin ao poder e a sua vontade de salvar a integridade do país, estando presente diretamente na região do conflito:

> Foi a vontade em 1999, quando o atual chefe chegou como primeiro-ministro... Só então as repúblicas do Cáucaso Norte acreditaram que na realidade, provavelmente, não seríamos entregues, provavelmente, continuaríamos a fazer parte da Federação Russa,

> porque não eram apenas declarações de Moscou, do Kremlin – perto de bombas explodindo, a algumas centenas de metros de distância, o comandante-chefe dava comandos e tomava decisões. É assim que uma pessoa que quer proteger seu território deve agir. Foi assim! (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

O deputado Vasiliy Piskaryov (Rússia Unida), presidente do Comitê da Duma Estatal para Segurança e Combate à Corrupção, concluiu:

> Nossos cidadãos e eleitores querem que nossas fronteiras sejam invioláveis, o projeto de lei permite que essa norma seja implementada, reconhecendo ações ou apelos para mudar a integridade territorial como crime. (DUMA ESTATAL, 2020, tradução nossa).

Pudemos constatar nesta subseção que o discurso do *trade-off* e sobretudo argumentos relacionados à integridade territorial da Rússia foram intensamente mobilizados para justificar um significativo endurecimento da legislação de combate ao extremismo. Personalidades carismáticas de partidos que se autodefinem como oposição, como Vladimir Zhirinovsky, contribuíram para legitimar as reformas. Cabe mencionar que Zhirinovsky, falecido em 2022, contou com ampla cobertura midiática na Rússia e suas falas polêmicas, nacionalistas e xenófobas tiveram grande repercussão. Outro elemento de destaque foi a frequente associação da suposta ameaça atual de dissolução da Rússia não apenas com o conflito checheno nos anos 1990, mas também com a desintegração que de fato ocorreu com a URSS.

3.4.4 Emendas à lei de combate ao terrorismo de 2006

A lei de combate ao terrorismo de 2006 não apresentou discussão intensa – foi aprovada por unanimidade, contando com o apoio de todos os partidos da oposição[312]. Entretanto, algumas de suas emendas causaram polêmica e foram defendidas com argumentos relacionados ao discurso do *trade-off*. O endurecimento dessa legislação remete ao debate acerca da democracia "militante" – a ideia de que algumas restrições de direitos e liberdades devem ser adotadas para garantir a sobrevivência da própria democracia e do Estado.

Uma dessas emendas foi a de 30 de dezembro de 2008, que alterou algumas medidas de combate ao terrorismo e retirou o júri popular de julgamentos de crimes contra o Estado e desordem em massa. Membros da oposição, sobretudo do KPRF, fizeram duras críticas ao projeto. O deputado Viktor Ilyukhin afirmou que a mudança era um golpe à democracia na Rússia e enfatizou que o partido Rússia Unida vinha buscando minar a concorrência política no país, utilizando como pretexto o combate ao extremismo:

[312] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (3 chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 282601-4. 05.07.2006. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/46976>. Acesso em: 29.03.2021.

> [...] nas atividades do bloco "Rússia Unida", há uma clara tendência ao uso generalizado na esfera política de medidas proibitivas e restritivas, o desejo de adaptar a lei e todos os direitos à situação, para garantir sua posição de poder na sociedade e no Estado. Essa prática corrói a formação e o desenvolvimento da democracia na Rússia, contribui para a corrupção legal e é destrutiva para o país. O partido "Rússia Unida" parece ter feito tudo para nos impedir de ter eleições justas e objetivas, torpedeou a realização de referendos e, sob o pretexto de perseguir o extremismo no país, está se desenrolando a perseguição por criticar as autoridades. O projeto discutido é, aparentemente, uma reação a possíveis protestos das massas no contexto do desenvolvimento da crise econômica. (DUMA ESTATAL, 2008, tradução nossa).

A deputada Tamara Pletnyova, também do KPRF, criticou o fato de o projeto, assim como a lei de combate ao extremismo, poder enquadrar oposição ao governo como um crime:

> Nossa lei sobre extremismo, em geral, não diz nada sobre quem são os extremistas. Acontece que todo mundo que saiu na rua é contra o Estado, contra o governo e assim por diante. (DUMA ESTATAL, 2008, tradução nossa).

A maior defesa às mudanças na legislação veio novamente do deputado Vladimir Zhirinovsky (LDPR), o qual criticou os comunistas e mencionou que a própria constituição de 1993 foi extremista por ter permitido o "desmembramento do Estado". Em referência direta ao argumento do *trade-off* entre democracia e ordem, afirmou:

> Melhor um pouco de excesso no combate a extremistas do que um excesso de liberdade. Assim que muitas liberdades foram concedidas na Rússia, o próprio Estado se destruiu. Aqui temos que escolher: um pouco menos de liberdade, mas a Rússia existe, ou muitas liberdades e não há mais o país. (DUMA ESTATAL, 2008, tradução nossa).

O presidente do Comitê da Duma para Segurança, deputado Vladimir Vasilyev (Rússia Unida), alegou que havia regiões complexas no país e que era necessário desenvolver a democracia, mas ao mesmo tempo não se deveria tolerar terroristas: "Não quero que mais um terrorista seja solto novamente" (DUMA ESTATAL, 2008, tradução nossa). Vasilyev também ponderou que na cultura de alguns povos da Rússia relações familiares são muito fortes[313], o que poderia enviesar julgamentos de júris populares e colocar em risco sua própria segurança. O deputado apresentou uma comparação antagônica entre o direito dos cidadãos e o direito das vítimas:

> A posição mais conveniente agora soa assim: "Existe ordem. O que você está fazendo?! Você está revisando o marco constitucional, você está questionando os direitos humanos, os direitos do cidadão". Concordo com esta formulação da questão, mas agora quero levantar a questão dos direitos das vítimas. [...] Você sabe, é muito difícil falar com pessoas que fazem uma pergunta muito direta e clara: vocês são legisladores, então o que os impede de garantir que criminosos que cometeram crimes terroristas não representem mais uma ameaça para as pessoas? (DUMA ESTATAL, 2008, tradução nossa).

A emenda foi aprovada com 355 votos, 78,9% do total, tendo oposição principalmente do KPRF e do partido Rússia Justa[314]. Como podemos notar, diferentes partes do discurso do *trade-*

[313] O deputado Vladimir Pligin fez afirmações semelhantes (DUMA ESTATAL, 2008), ressaltando as tradições dos povos da Rússia e o risco de haver um enviesamento do júri popular.
[314] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu:

off foram mobilizadas para aprovar o projeto – tanto o status excepcional multinacional da Rússia, quanto os riscos de que o excesso de liberdade poderia oferecer à integridade e segurança do país.

Outros projetos que tiveram ampla cobertura foram os que integraram o chamado "pacote de Yarovaya" de 2016, promovendo alterações na lei de 2006, no código penal e em outras medidas de combate ao terrorismo. O pacote gerou polêmica por aumentar as competências dos órgãos de segurança pública, principalmente no que concerne à privacidade e proteção de dados.

Entre os maiores críticos do projeto esteve o deputado Aleksey Didenko, do LDPR. Nas suas palavras, a ampla coleta de informações e espionagem promovidas por agências de segurança nos EUA não impediram a concretização de atentados terroristas. Conclamou outros deputados a não violarem princípios democráticos:

> Você e eu devemos entender perfeitamente que isso afetará milhões e milhões de russos, portanto, a democracia, o governo do povo é o segundo princípio que o LDPR propõe [...] não violar. (DUMA 2016, tradução nossa).

O deputado autônomo Dmitry Gudkov também fez duras críticas ao projeto e a seus proponentes, afirmando que o combate ao extremismo era um pretexto para o governo controlar a sociedade.

> O que é assistência à atividade extremista, ou o que é atividade extremista? Veja o que vem acontecendo recentemente: um compartilhamento no VKontakte [rede social russa], publicação de fotos, não sei, anúncio de um livro – tudo isso pode se enquadrar na lei sobre atividade extremista, ou seja, amanhã você pode julgar com segurança qualquer cidadão da Rússia por esse extremismo. Não estou nem falando do fato de que agora todos são obrigados a denunciar, e se você não denunciar, então você se enquadra nas normas do Código Penal e assim por diante, como já foi dito – a punição também é mais dura do que por crimes sérios! [...] Você acha que isso lhe dará a oportunidade de combater o terrorismo? Não! Você quer controlar todos totalmente, você arruína os negócios e viola grosseiramente a Constituição – é isso que você está fazendo! (DUMA ESTATAL, 2016, tradução nossa).

Por sua vez, a maior defesa ao projeto foi feita pela sua proponente, a deputada Irina Yarovaya (Rússia Unida). Segundo a deputada, as novas medidas iriam aumentar a segurança dos cidadãos e do Estado. Em relação à diminuição da idade penal, alegou que mais de 300 cidadãos russos menores de idade estavam recebendo treinamento em campos terroristas na Síria e poderiam retornar à Rússia para promover atentados – portanto, era extremamente necessário adotar medidas preventivas. Também enfatizou que as novas medidas somente atingiriam criminosos, e não cidadãos comuns:

> Nenhuma das normas propostas diz respeito à restrição de direitos e liberdades, trata-se de medidas de segurança, de medidas de responsabilidade, de medidas preventivas que são aplicadas principalmente a pessoas que cometem crimes. Em geral, a legislação penal é repressiva em relação aos criminosos e, em relação aos cidadãos cumpridores da lei da Rússia, é absolutamente protetora. [...] em nossa Constituição e na Declaração Universal dos Direitos Humanos em todos os lugares está inequivocamente afirmado que, de acordo com a lei federal, podem ser estabelecidas medidas restritivas relacionadas à proteção da

(tret'ye chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 123532-5. 12.12.2008. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/63192>. Acesso em: 29.03.2021.

> sociedade e do Estado e à garantia da segurança – estas são exatamente as próprias medidas. (DUMA ESTATAL, 2016, tradução nossa).

Na conclusão de sua exposição, Yarovaya reforçou o papel do parlamento na proteção da sociedade russa:

> No combate ao terrorismo, não podemos limitar-nos a condolências e a colocar flores quando se cometem atos terroristas, já é luto, e fazemos isso com dor no coração, já conscientes de que não poderíamos proteger [as vítimas]; a nossa tarefa, enquanto Parlamento, depois de já terem sido cometidos crimes tão terríveis, não é ir a seminários, mas pensar no que devemos fazer para tornar os nossos agentes da lei ainda mais eficazes na luta contra o terrorismo. As medidas que propomos hoje são um conjunto de ações legais legítimas destinadas a formar, por assim dizer, um colete à prova de balas para proteger a sociedade russa – se um colete à prova de balas, formado pelo Estado, não funcionar, os cintos dos mártires [terroristas] explode. Não permitiremos que isso seja feito em nosso país! (DUMA ESTATAL, 2016, tradução nossa).

A lei de 6 de julho de 2016 que emendou a legislação de combate ao terrorismo, parte do pacote Yarovaya, foi um dos projetos com menor apoio parlamentar dos últimos tempos. Foi aprovada com 287 votos, 63,8% do total, com o apoio do Rússia Unida e da maioria dos deputados do partido Rússia Justa[315]. Deputados do KPRF e a maioria do LDPR votaram contra. Mais uma vez, a necessidade de segurança foi mobilizada como justificativa para aprovar medidas de restrição de direitos civis.

3.4.5 Conclusões preliminares

Nesta seção pudemos observar que argumentos do discurso do *trade-off* foram intensamente mobilizados para legitimar a alteração de importantes regras da competição política, mudanças no sistema de pesos e contrapesos que beneficiaram o Executivo, além de restrição de determinados direitos civis e a expansão das competências do Estado em esferas da vida privada.

Entre os argumentos mais utilizados estão o pressuposto de que federalismo e excesso de liberdade podem levar a instabilidades, desordem e à dissolução da própria Rússia. Referências à crise dos anos 1990, à excepcionalidade do status multinacional, à dissolução da URSS após a flexibilização do regime e mesmo ao fim do Império Russo após a revolução de 1917 foram mencionadas para justificar que a competição política e um Estado fraco conferem espaço ao extremismo e a rupturas institucionais, colocando em risco a existência e integridade territorial da Rússia. Argumenta-se, portanto, que é necessário haver um Estado forte, centralizado, com fortes poderes presidenciais, e que restrinja determinadas liberdades a fim de garantir segurança,

[315] DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (3 chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 1039149-6. 24.06.2016. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/95967>. Acesso em: 29.03.2021.

estabilidade e a manutenção da integridade territorial. A tabela abaixo sintetiza os argumentos utilizados para legitimar as quatro reformas institucionais examinadas.

Tabela 3.4 O discurso do *trade-off* e mudanças institucionais

Questões estruturais e da competição política		**Direitos e liberdades civis**	
Lei de cancelamento de eleições para governador (2004)	**Lei de reformas constitucionais (2020)**	**Emendas à lei de combate ao extremismo de 2002**	**Emendas à lei de combate ao terrorismo de 2006**
Não existe democracia (governo do povo) e federalismo em nenhum lugar; o sistema soviético garantia estabilidade ao empoderar russos étnicos; o advento de eleições e o rompimento vertical do poder levou à dissolução do Estado soviético; a China é um modelo de sistema vertical de poder a ser seguido; russos querem segurança, preocupação com instabilidade no Cáucaso Norte e com guerras separatistas; Nazismo subiu ao poder mesmo com federalismo, há estados unitários democráticos; crítica ao etnofederalismo vigente, herdado do período soviético.	Poder presidencial forte é fundamental para a preservação do país, para o fortalecimento do Estado e para combater a ameaça dos oligarcas, dos clãs etnonacionais e do terrorismo internacional; presidente como fiador da segurança do Estado, da estabilidade política interna e da concordância interétnica; Putin apresentado como garantidor da integridade territorial, harmonia civil, estabilidade e desenvolvimento; ainda é necessário superar desafios do fim da URSS; crítica a eleições diretas por suas escolhas subótimas; modelo americano gerou caos no Afeganistão; modelo europeu parlamentarista gera facciosismos e paralisação, não é apropriado para a Rússia; crítica ao etnofederalismo vigente, herdado do período soviético, e trauma com a dissolução da URSS.	Expandir mecanismos de combate ao extremismo para garantir a ordem, segurança e a estabilidade; preocupação com a desintegração do Estado (como na URSS) e com o ódio racial, étnico e religioso - há estados que se desintegraram por nacionalismos, xenofobia e extremismo; ameaça no Cáucaso, terrorismo internacional chegou à Rússia com o desmantelamento da URSS; Putin garantiu a segurança e a integridade da Federação Russa na guerra da Chechênia; *trade-off* entre segurança e liberdades.	Expandir mecanismos de combate ao terrorismo para garantir segurança; *trade-off* entre liberdades e integridade (sobrevivência do Estado); *trade-off* entre direitos humanos e direitos das vítimas de terrorismo; busca de equilíbrio entre democracia e combate ao terrorismo; jovens da Rússia treinados na Síria retornariam ao país; necessidade de medidas preventivas contra a ameaça terrorista; aspectos culturais de alguns povos da Rússia (vínculos familiares) podem enviesar júri popular e colocar o Estado em risco.

Embora mudanças institucionais tenham sido promovidas pelo partido governista, Rússia Unida, partidos que se autodenominam oposicionistas, como o LDPR, apoiaram enfaticamente a maioria dos projetos de lei. O líder nacionalista Vladimir Zhirinovsky fez diversas declarações polêmicas e referências explícitas à existência do *trade-off* entre democracia e ordem. A alta popularidade de Zhirinovsky e a cobertura midiática que ele recebeu da imprensa russa certamente contribuíram para a difusão do discurso do *trade-off* na sociedade.

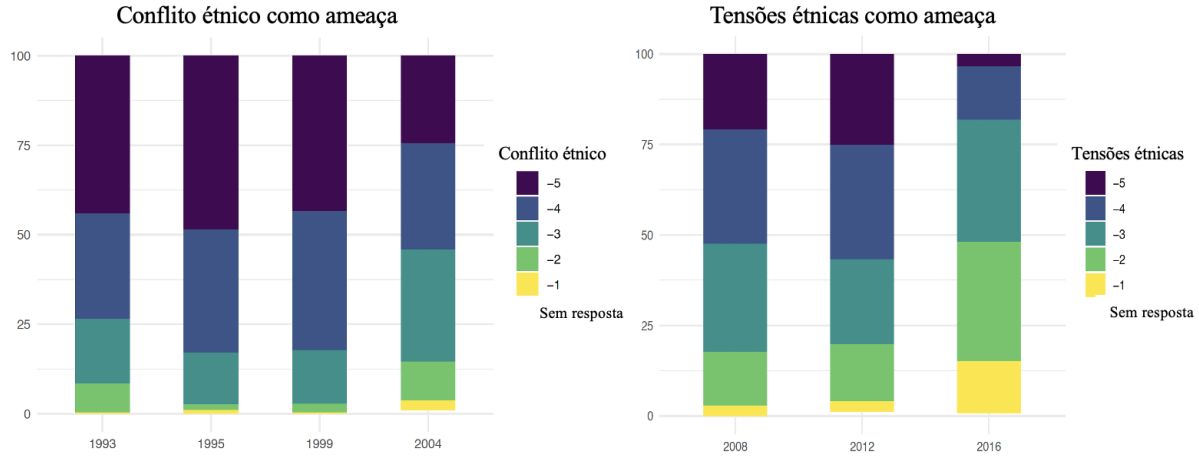
3.5 Percepções de ameaça das elites russas

Nesta última seção abordo a percepção das elites russas quanto à questão étnica, a importância da integridade territorial e a relativização da democracia em benefício da efetividade administrativa. Em complemento aos achados do capítulo 1, associados às atitudes e preferências da população, pretendo verificar se as elites de fato viam o problema de *stateness* como uma prioridade. Para tanto, utilizo dados do *Survey on Russian Elites* (ZIMMERMAN, RIVERA E KALININ, 2019), realizado periodicamente de 1993 a 2016. O *survey* contou com entrevistas a representantes da mídia, ciência e educação, business, empresas estatais, funcionário do executivo

e de ministérios, funcionários do legislativo (envolvidos com política externa ou não), militares e funcionários de órgãos de segurança. As amostras tiveram entre 180 e 320 entrevistados.

Algumas das perguntas de maior interesse para esta pesquisa foram as que questionaram o nível de percepção de diferentes ameaças, em particular o quanto conflitos étnicos são perigosos e podem levar à desestabilização do país[316] e o quanto um aumento nas tensões étnicas entre russos e outros grupos étnicos representa uma ameaça para a segurança da Rússia[317]. As alternativas foram apresentadas em uma escala em que "1" representa a "ausência de perigo" e "5" o "perigo máximo". Como podemos observar nos gráficos abaixo, a percepção de conflito étnico como ameaça foi consideravelmente alta ao longo dos anos 1990 e teve uma queda considerável em 2004, mais de três anos após o fim da segunda guerra da Chechênia. Embora questionar a percepção de tensões étnicas como ameaça não seja o mesmo que questionar a percepção de conflito, podemos notar relativa semelhança na dinâmica da variação: a percepção de tensões permaneceu relativamente estável em 2008 e 2012 e registrou os valores mais baixos em 2016.

Figura 3.7 Percepção de conflitos e tensões étnicas como ameaça pelas elites

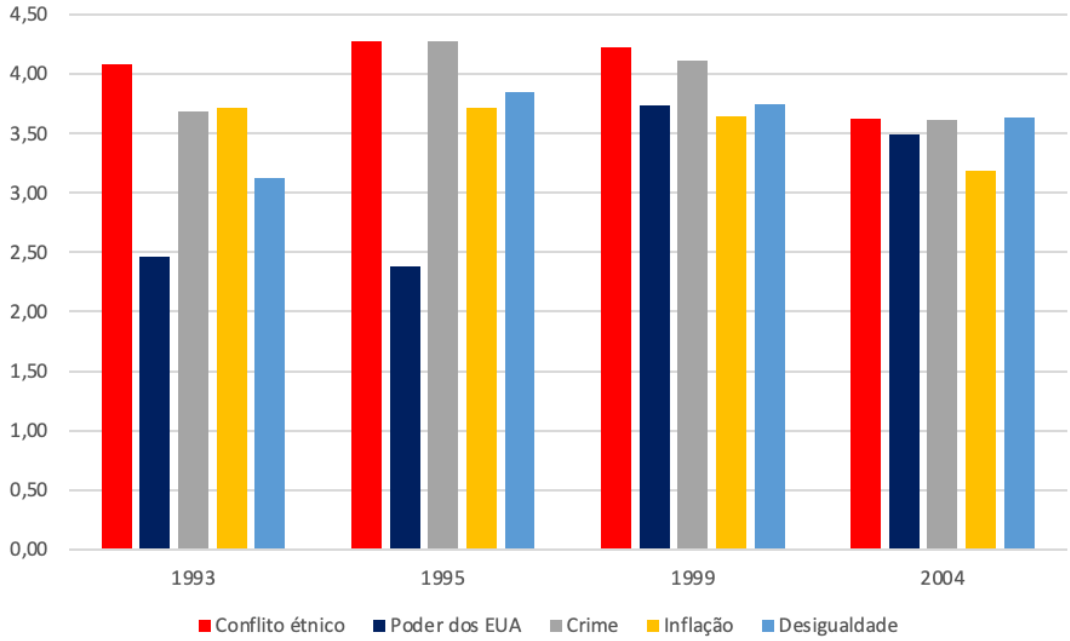


Fonte: gráfico elaborado pelo autor com base no *Survey on Russian Elites* (ZIMMERMAN, RIVERA & KALININ, 2016).

Se compararmos as médias com a percepção de outras ameaças no período de 1993 a 2004, como temor ao crescimento do poder militar americano em relação ao russo, a criminalidade, a inflação e as desigualdades, podemos constatar que conflitos étnicos lideram em quase todo o período, mantendo relativa estabilidade – apenas em 2004 passam por uma queda, aproximando-se dos demais.

[316] "DANNAT: b1.3 Which of the following do you regard as especially dangerous, as leading to the destabilization of the country, and which do not represent a danger at the present time? Ethnic conflicts inside Russia."
[317] "SECDTENSION: b2.15 Which of the following represent the greatest threat to the security of Russia and which do not represent any threat. A rise in ethnic tensions between Russians and other nationalities in Russia".

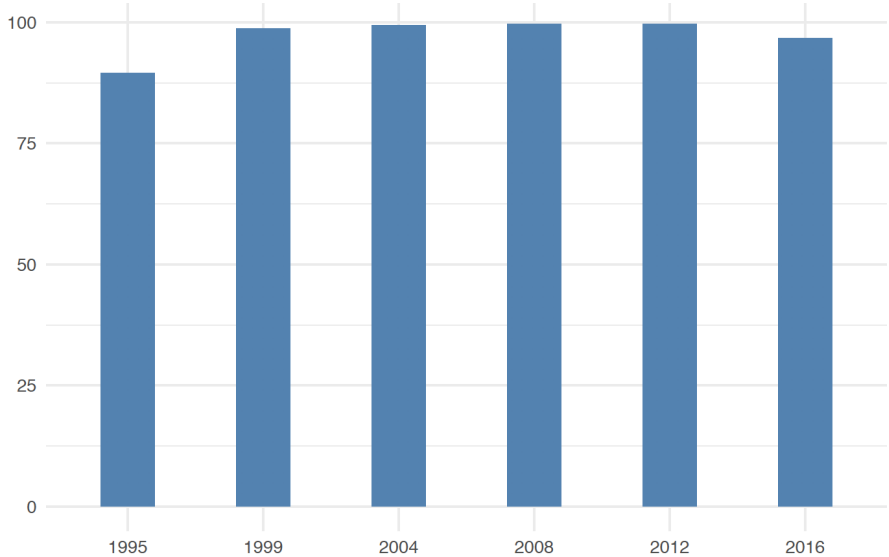
Figura 3.8 Percepção de ameaças pelas elites



Fonte: gráfico elaborado pelo autor com base no *Survey on Russian Elites* (ZIMMERMAN, RIVERA & KALININ, 2016).

Quando representantes das elites foram questionados se é justificável utilizar o exército para garantir a integridade territorial da Rússia[318], houve praticamente uma unanimidade no apoio, principalmente de 1999 a 2016.

Figura 3.9 Consentimento das elites com o uso do exército para garantir a integridade territorial (%)

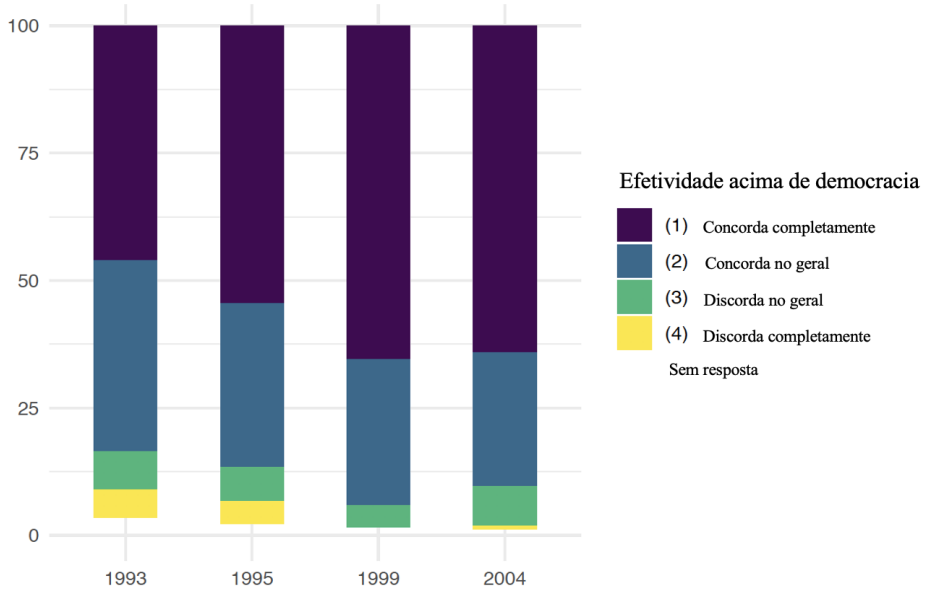


Fonte: gráfico elaborado pelo autor com base no *Survey on Russian Elites* (ZIMMERMAN, RIVERA & KALININ, 2016).

[318] "LFINTEG: b8.1 In your opinion, for which of the following purposes is the use of the Russian military permissible? Defending the territorial integrity of the Russian Federation."

Finalmente, cabe mencionar uma variável relacionada à concepção de *trade-off* entre democracia e ordem: indivíduos foram questionados em que medida eles concordavam que a solução efetiva de problemas é mais importante que "qualquer conversa sobre democracia"[319]. Como podemos observar, a concordância é significativamente alta em todo o período – passou por um crescimento nos anos 1990, atingindo o pico em 1999.

Figura 3.10 Apoio das elites a soluções efetivas por líderes em detrimento da democracia

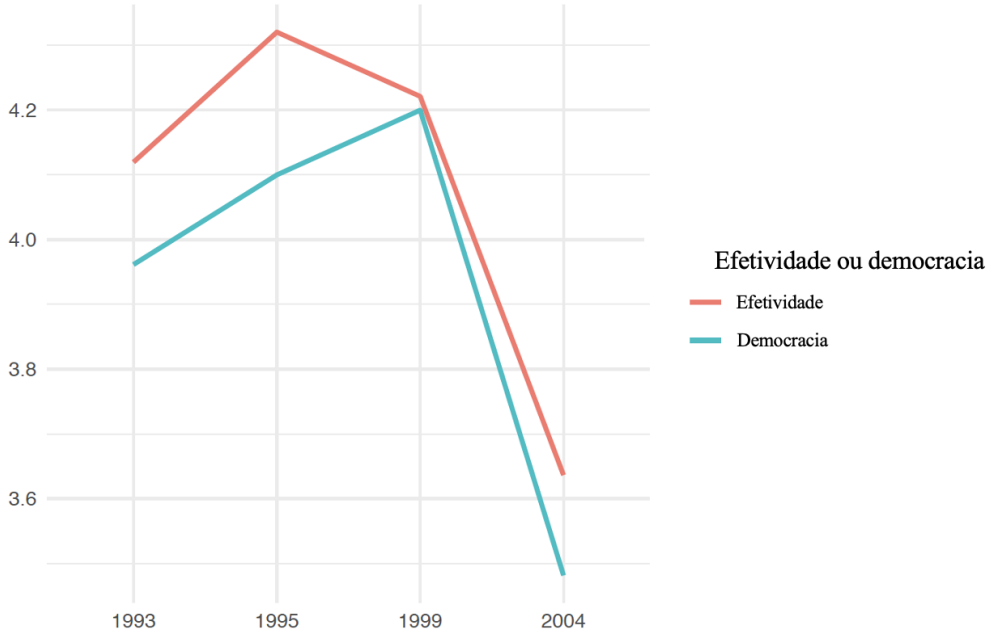


Fonte: gráfico elaborado pelo autor com base no *Survey on Russian Elites* (ZIMMERMAN, RIVERA & KALININ, 2016).

Busquei verificar a relação entre percepção de *trade-off* e temor a conflitos étnicos. Como o número de observações para as categorias de discordância é consideravelmente baixo, criei uma escala binária em que "1" significa concordar completamente ou no geral que efetividade importa mais que democracia e "0" discordar completamente ou no geral. O grupo de maior concordância apresentou médias de percepção de conflitos étnicos como ameaça maiores do que o grupo de menor percepção. No entanto, não houve significância estatística na diferença entre ambos.

[319] "LEADDECI: e2.20. To what degree do you agree or disagree with each of [the statements]? Effective problem-solving by leaders is more important to society than any talk about democracy."

Figura 3.11 Concordância das elites com efetividade acima de democracia (linhas) e média da percepção de conflitos étnicos como ameaça (coluna à esquerda)



Fonte: gráfico elaborado pelo autor com base no *Survey on Russian Elites* (ZIMMERMAN, RIVERA & KALININ, 2016*)*.

Nesta seção encontramos alguns indícios de que o argumento da ameaça separatista na Rússia não foi apenas um instrumento retórico de legitimação de mudanças institucionais, mas também uma percepção que esteve amplamente difusa entre as elites desde o início da transição. Também foi possível notar que as preferências por soluções "eficazes" em detrimento da democracia cresceram ao longo dos anos 1990.

3.6 Conclusão

Sob uma perspectiva macronível / *top-down*, testei neste capítulo a hipótese de que elites mobilizam o discurso de *trade-off* entre democracia e ordem como justificativa para promover mudanças institucionais de centralização e concentração de poder em benefício do incumbente. O discurso envolve uma série de argumentos relacionados à questão da diversidade étnica, sobretudo a percepção de que, em um contexto multinacional (multiétnico), um Estado fraco e descentralizado, com um sistema parlamentar ou um presidente dotado de poucos poderes institucionais, pode levar a instabilidades, extremismo e à própria dissolução territorial do país. Seria necessário, portanto, um Estado forte, centralizado, com um presidente dotado de fortes poderes institucionais, e que restringisse determinados direitos políticos e civis em benefício da ordem e da integridade territorial – o chamado "sistema vertical de poder" adquiriu uma razão de ser.

Apresentei tanto uma análise quantitativa quanto qualitativa do discurso. Na análise quantitativa pudemos observar que os primeiros anos da edificação do "sistema vertical de poder" por Vladimir Putin presenciaram mudanças institucionais estruturais e uma maior frequência de elementos associados ao discurso do *trade-off*. Já os anos posteriores viram mais reformas que impactaram as liberdades civis – o discurso esteve presente, mas com menor frequência. Períodos eleitorais tiveram mais menção aos conflitos domésticos do que períodos não eleitorais. O governo de Dmitriy Medvedev, de maior tendência "liberal", presenciou menos mudanças institucionais iliberais e, logo, menor frequência do discurso. A queda gradual nas menções a ameaças internas, à medida que o conflito checheno foi em parte resolvido, foi compensada pelo aumento das menções a ameaças externas, associadas à deterioração das relações com o Ocidente. Tal fenômeno pode denotar uma estratégia do incumbente de manter elevadas percepções de medo na sociedade e o efeito "rally 'round the flag".

Por sua vez, na análise qualitativa, verifiquei como se deu a evolução dos argumentos associados a ideia de *trade-off* em discursos presidenciais de 1994 a 2020, com menções ao risco de dissolução do Estado, à ameaça terrorista e à complexidade do status excepcional multinacional da Rússia – fatores que supostamente tornam a adoção de padrões democráticos "ocidentais" e liberais inviáveis. O discurso da "democracia soberana" e do "caminho próprio" da Rússia (com raízes no século XIX), diferente do caminho "europeu", "decadente" ou "inapropriado" às especificidades socioculturais russas, inserem-se nesse contexto. Também mostrei como o discurso do *trade-off* foi mobilizado na discussão legislativa de importantes projetos de lei que afetaram a competição política e direitos civis tanto por deputados governistas quanto pela oposição sistêmica. Em diversos momentos, há referências a períodos históricos de fraqueza, descentralização e liberalização do Estado russo e sua associação com instabilidades e a desintegração territorial – o desmantelamento da URSS esteve entre as principais menções. O discurso foi, portanto, utilizado para legitimar o regime e reformas iliberais, entre elas a forte centralização no início dos anos 2000, a abolição das eleições diretas para governador em 2004, a expansão do mandato presidencial de 4 para 6 anos e as reformas constitucionais de 2020. O período Yeltsin, embora não tenha presenciado mudanças institucionais significativas dada a fraqueza do Executivo, contou com alusões implícitas à existência de *trade-offs* políticos, mobilizadas para defender o fortalecimento do poder presidencial.

Surveys revelaram que a questão da integridade territorial do Estado e conflitos étnicos eram vistos com preocupação pelas elites russas. Problemas étnicos e separatistas podem ser resolvidos ou amenizados com instituições consensualistas democráticas, mas as elites russas optaram por recorrer a instituições autoritárias, que fortaleceram o seu próprio poder e diminuíram

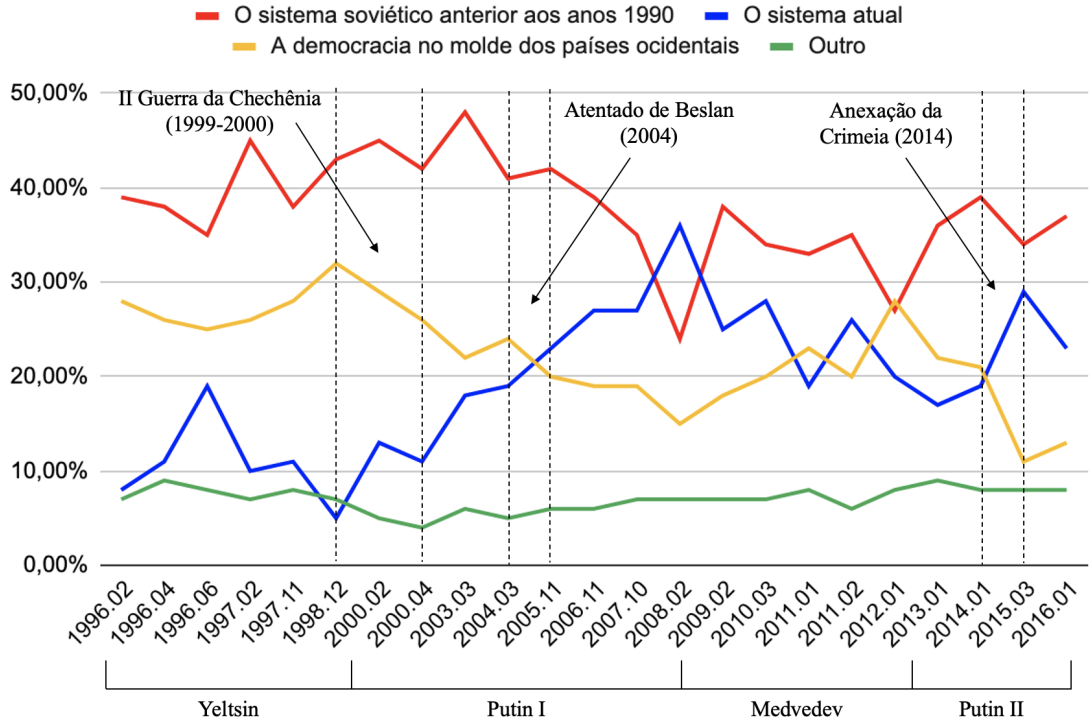
o escopo da competição política. Independentemente das reais crenças e percepções das elites, há evidências consistentes de que o discurso teve efeito análogo às "barganhas autoritárias" econômicas e aos "pactos de proteção", de maneira que o conflito veio a constituir um recurso não material de poder (ideológico) de grande relevância para a sustentabilidade autoritária. Vale lembrar que regimes autoritários dependem não apenas de mecanismos de repressão e distribuição de recursos econômicos a grupos específicos, mas também de recursos ideológicos e narrativas que justifiquem moralmente a sua existência.

Em síntese, a análise do caso russo trouxe evidências robustas de como a politização da diversidade étnica em casos de separatismo violento e conflitos regionais domésticos impactam a política nacional – seja em uma perspectiva de micronível/ *bottom-up*, com efeitos na opinião pública (aumento da percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias), seja em uma perspectiva macronível/ *top-down*, com elites mobilizando o discurso do *trade-off* entre democracia e ordem como pretexto para promover mudanças institucionais autoritárias que restringem a competição política e direitos civis, bem como para legitimar o próprio regime. Atitudes positivas a um regime autoritário estiveram diretamente associadas a percepções de sua efetividade em lidar com a questão etnonacional. Como Guriev e Treisman (2019) afirmam, a propagação da ideia de que autocratas são eficazes e competentes (a autocracia informacional) reduz a necessidade de recorrer a mecanismos de repressão.

No gráfico abaixo, apresento mais uma vez a variação nas preferências de regime da sociedade russa. É notável que o apoio à democracia nos moldes "ocidentais" passa por uma acentuada queda no período da Segunda Guerra da Chechênia (1999-2000), ao passo que o modelo "atual" sobe consideravelmente nos anos após o conflito, ultrapassando o modelo "ocidental" no intervalo do atentado de Beslan (2004). Em 2008, ocorre o pico de toda a série, seguido de uma relativa queda nos anos seguintes. Como vimos ao longo do capítulo, o período Putin I foi o que mais presenciou menções ao discurso do *trade-off*, a exploração do conceito de "democracia militante" e a condução de reformas estruturais voltadas à construção do "sistema vertical de poder". A dinâmica das preferências revela que esse avanço autoritário contou com considerável legitimidade popular. Por outro lado, por exceção da queda no apoio à democracia "ocidental", é difícil dissociar a variação do formidável crescimento econômico verificado em Putin I; a "barganha autoritária" provavelmente envolveu tanto considerações econômicas quanto de segurança. No período Medvedev, com menor frequência de menções ao discurso do *trade-off*, houve um decréscimo no apoio ao regime. Em 2011-2012, o país presenciou alguns de seus maiores protestos políticos – a preferência pela democracia "ocidental" chegou a liderar as preferências de regime pela primeira vez desde o início da série em 1996. Contudo, seu impulso

não perdurou. A anexação da Crimeia e as tensões com o Ocidente desencadearam um notável efeito "rally 'round the flag", com um rápido decréscimo nas preferências pelo modelo "ocidental" e um crescimento no modelo "atual".

Figura 3.12 Qual sistema político lhe parece melhor?[320]



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do instituto Levada Center (2012, 2014, 2016).

[320] LEVADA-CENTER. *Rossiyane ob ustroystve strany i demokratii*. 17.02.2012. Disponível em: <https://www.levada.ru/2012/02/17/rossiyane-ob-ustrojstve-strany-i-demokratii/>. Acesso em: 18.10.2021.
LEVADA-CENTER. *Luchshaya politicheskaya i ekonomicheskaya sistema*. 24.02.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/02/24/luchshaya-politicheskaya-i-ekonomicheskaya-sistema/>. Acesso em: 18.10.2021.
LEVADA-CENTER. *Predpochtitel'nyye modeli ekonomicheskoy i politicheskoy sistem*. 17.02.2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/02/17/predpochtitelnye-modeli-ekonomicheskoj-i-politicheskoj-sistem/>. Acesso em: 18.10.2021.

Capítulo 4. O caso da Ucrânia: a questão etnonacional, percepções de ameaça e preferências de regime

Em continuidade ao estudo da relação entre diversidade étnica e democracia, bem como do impacto do problema de conflitos em regimes políticos, abordo o caso da Ucrânia. Assim como a Rússia, a Ucrânia passou pelo dilema da "transição tripla"[321], tendo que conduzir simultaneamente profundas reformas políticas, econômicas e identitárias após a dissolução da URSS. Como mencionei anteriormente, os diferentes "tabuleiros" da transição afetaram uns aos outros, condicionaram as escolhas institucionais feitas pelas elites e geraram percepções de *trade-offs* relacionadas a elas. Apesar do alto grau de saliência da questão étnica e identitária, a Ucrânia não presenciou conflitos armados separatistas no período de transição, o que permite analisar o caso como um relevante contrafactual ao caso russo.

O estudo do caso russo evidenciou que o conflito separatista esteve associado a elevadas percepções de *out-groups* (minorias étnicas) como ameaça e a maiores preferências autoritárias na sociedade. Elites lograram mobilizar o discurso do *trade-off* entre democracia e ordem como pretexto para adotar instituições antiliberais. Argumentaram que, dado o contexto multiétnico do país, a adoção de instituições democráticas do padrão "ocidental" não era uma opção viável, já que poderia levar à dissolução do Estado. Seria necessário um regime centralizado e com um presidente dotado de fortes poderes institucionais, capaz de garantir a estabilidade e a integridade territorial do país, mantendo os *out-groups* sob controle. A questão etnonacional, portanto, constituiu um importante recurso não-material de poder à disposição do incumbente. Examinarei se as elites ucranianas buscaram recorrer a outras justificativas para concentrar poder.

Uma vez que a Ucrânia não passou por conflito violento ao longo da transição, espero identificar baixa percepção de minorias como ameaça, baixa associação entre medo e preferências autoritárias e pouca ou nenhuma recorrência das elites ao discurso do *trade-off*. Logo, a questão étnica e separatista – o "problema de *stateness*" – possivelmente não tenha gerado pressões negativas à liberalização política, nem constituído um recurso não-material de poder para a adoção e legitimação de instituições autoritárias. De fato, como veremos a seguir, alguns autores consideram que a saliência da questão étnica no país tenha, inclusive, contribuído para uma maior competição política. A análise deste capítulo constitui um contrafactual para o teste das hipóteses H1, H2, H3 e H4.

Após a derrubada do presidente Viktor Yanukovich no início de 2014, a Ucrânia emergiu em um prolongado conflito secessionista, sustentado pela intervenção militar russa direta e

[321] Offe (1991).

indireta. Em um segundo momento do estudo de caso, buscarei verificar se tal conflito desencadeou percepções de ameaça e preferências autoritárias na sociedade, além de examinar se as elites mobilizaram ameaças como pretexto para conduzir mudanças institucionais antiliberais. A guerra no Donbass será fundamental para o teste da hipótese H6, acerca da diferenciação entre conflitos internos e externos. Ao longo dos próximos capítulos, denomino os anos que seguiram ao início da guerra de "período do conflito".

Nas próximas seções deste estudo, abordarei os seguintes tópicos: (1) os aspectos gerais da questão étnica na Ucrânia; (2) os motivos por, ao contrário de outras repúblicas soviéticas, o país não ter presenciado conflitos étnicos no processo de transição; (3) como a questão étnica afetou a política nacional e o Estado central; (4) aspectos gerais do sistema político; (5) a estratégia empírica para a análise do períodos de transição e pós-conflito; (6) a variação na percepção de minorias como ameaça e de preferências autoritárias ao longo da transição; (7) e o conflito iniciado em 2014 e seus possíveis impactos. Por sua vez, nos capítulos seguintes analisarei o discurso dos incumbentes e suas referências à questão étnica, bem como a narrativa da "quinta coluna" na imprensa ucraniana.

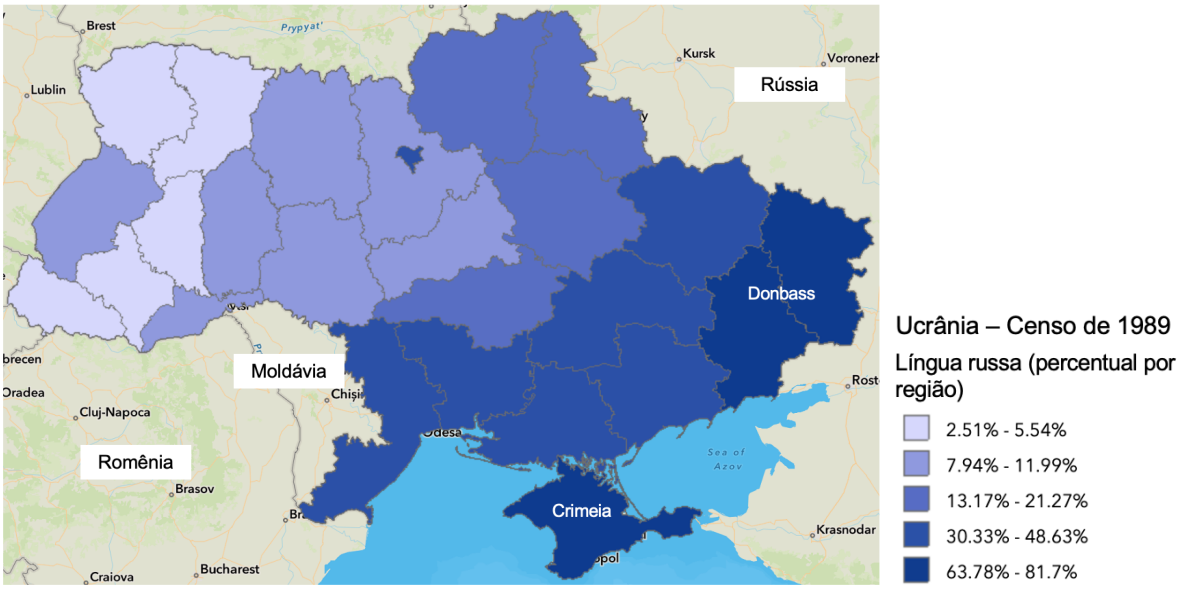
4.1 Aspectos gerais da questão étnica na Ucrânia após o fim da URSS

A complexidade da questão étnica e regional na Ucrânia está diretamente relacionada ao processo de constituição de suas fronteiras. Diferentes partes de seu território integraram distintos estados e impérios, como a Áustria-Hungria, Polônia, Império Otomano, Romênia, Tchecoslováquia e o Império Russo (BIRCH, 2000; WOLCZUK, 2002). Parte significativa de seus limites territoriais foi consolidada até a Segunda Guerra Mundial, sob a égide soviética, com a anexação de regiões da Polônia por meio do pacto Molotov-Ribbentrop, e concluiu-se com a incorporação da Crimeia em 1954, até então parte da Rússia soviética. Tal processo de formação histórica contribuiu para significativas variações identitárias entre as regiões e trouxe dificuldades para a formação de um consenso acerca do conteúdo da identidade nacional e do processo de *nation-building* pós-soviético.

No geral, não há uma única divisão nacional no país, mas uma série de divisões regionais que ora se sobrepõem e se reforçam mutuamente e ora são transversais (WOLCZUK, 2002; SASSE, 2001). De acordo com o censo de 1989, pouco antes do fim da URSS, russos étnicos constituíam 22,1% da população total, mas em algumas regiões do Leste, como o Donbass,

correspondiam a mais de 40%, e na república da Crimeia a cerca de 65%[322]. Contudo, diversos autores chamam a atenção não apenas para divisões étnicas, mas também para a questão linguística: enquanto no Oeste há maior concentração de ucranianos étnicos[323] e difusão da língua ucraniana, no Leste é notável a predominância da língua russa, mesmo entre ucranianos étnicos. Parte significativa da população ucraniana é bilíngue. Protsyk (2008) afirma que diversas políticas linguísticas buscaram proteger e garantir a expansão da língua ucraniana, mas na prática sua implementação teve pouco sucesso – a língua russa permaneceu preponderante, inclusive em canais midiáticos. Lideranças políticas do Leste russófono por muito tempo reivindicaram a concessão de status de língua estatal (oficial) ao russo, ao lado do ucraniano. Segundo o autor, a questão étnica e linguística é mobilizada em períodos eleitorais e perde espaço após os pleitos. Outra clivagem marcante no país é a divisão socioeconômica entre um Oeste agrário e um Leste-Sul industrializado, mais densamente povoado e russificado (BIRCH, 2000). O Donbass, região mineradora no extremo Leste formada pelos *oblasts* de Donetsk e Luhansk, contava com um status econômico privilegiado na URSS (BIRCH, 2000, p.1027). Suas elites puderam ascender na hierarquia burocrática soviética.

Figura 4.1 Difusão da língua russa na Ucrânia com base no censo de 1989



Fonte: Esri et al. (2019). Digital Atlas of Ukraine, Revolution of Dignity Project Data.

[322] O censo de 2001 revelou um decréscimo de russos étnicos para 17,3% da população. Fonte: Gosudarstvennyy komitet statistiki Ukrainy. Chislennost' i sostav naseleniya Ukrainy po itogam Vseukrainskoy perepisi naseleniya 2001 goda. 2003-2004. Disponível em: <http://2001.ukrcensus.gov.ua/rus/results/general/nationality/>. Acesso em: 20.06.2021.

[323] Além de algumas minorias em regiões fronteiriças.

A despeito da multiplicidade de divisões e classificações regionais, é notável a polarização entre o Oeste e o Leste do país na política nacional, sobretudo no sistema partidário. Shulman (2004) argumenta que é possível distinguir dois grandes complexos identitários – o ucraniano étnico, mais presente no Oeste, e o eslavo oriental, característico do Leste. O complexo do "nacionalismo ucraniano étnico" está relacionado à ideia de que a Ucrânia é parte da comunidade europeia, em oposição à Rússia, e deve buscar a integração a organismos interestatais europeus e euro-atlânticos, como a União Europeia e a OTAN. Os adeptos dessa corrente consideram que os elementos culturais russos no país hoje são o resultado de políticas coloniais implementadas no Império Russo e na URSS. Também defendem a primazia da língua ucraniana e consideram que as identidades ucraniana e russa são incompatíveis. Já o complexo do "nacionalismo eslavo oriental" pressupõe que a Ucrânia deve buscar estreitar seus laços históricos e políticos com a Rússia, aderindo a projetos regionais como a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Seus adeptos enfatizam que as etnias russa e ucraniana são complementares e ambas as línguas devem receber o status de língua estatal (oficial). Com base em *surveys*, Shulman (2004) identificou que elementos do nacionalismo cívico e eslavo oriental prevalecem no país, mas em regiões do Oeste se destacam elementos do nacionalismo ucraniano étnico. De maneira semelhante, Way (2015) ressalta a divisão entre "ucranianófilos" do Oeste, mais adeptos à integração à Europa, e "russófilos" do Leste, adeptos à integração com a Rússia. O centro do país seria uma região "swing" no sistema eleitoral, ora tendendo para o polo russófilo, ora para o polo ucranianófilo.

No período de transição, no início dos anos 1990, a questão étnica e regional gerou profundas preocupações nas elites centrais. A Crimeia, região de maioria russa e que abrigava a Frota Russa do Mar Negro, logrou obter o status de "república autônoma" em 1991, constituindo a única região da Ucrânia com competências regionais especiais (SOLCHANYK, 1994). Apesar das concessões do Estado central, movimentos secessionistas ganharam força, sobretudo em 1994, quando lideranças locais promoveram o boicote das eleições nacionais e conduziram um referendo acerca da expansão da autonomia regional e dos poderes do governador[324] (SASSE, 2001). O movimento perdeu força e o governador foi destituído pelo presidente Leonid Kuchma em 1995.

A região do Donbass também presenciou movimentos autonomistas. Mineiros promoveram diversas greves e, em 1994, forçaram o presidente Leonid Kravchuk a conduzir eleições antecipadas (SASSE, 2001). Birch (2000, p.1029) afirma que as elites centrais temiam uma secessão da região, principalmente após o sucesso de grupos pró-Rússia em referendos conduzidos em 1994 visando expandir os poderes das administrações regionais em diferentes áreas. Segundo a autora, tais temores foram utilizados como instrumento de barganha nas relações

[324] O governador da República Autônoma da Crimeia tinha o título de "presidente".

com o centro e acabaram dificultando a condução de reformas no âmbito nacional. De fato, no período inicial da transição, diversas lideranças políticas e personalidades da Rússia, como o escritor Alexander Solzhenitsyn, questionaram as fronteiras ucranianas, gerando preocupações com um eventual irredentismo das minorias russas (SOLCHANYK, 1994). O frequente questionamento da legitimidade da independência e da integridade territorial da Ucrânia por algumas lideranças regionais contribuiu para a securitização da questão das minorias russas: a integração da Ucrânia à OTAN foi percebida como uma garantia contra a desintegração do país (PROTSYK, 2008, p.2).

Por exceção desse período inicial de turbulências e das tensões decorrentes da Revolução Laranja de 2004[325] [326], a Ucrânia somente veio a se deparar com o problema separatista, estimulado pela derrubada violenta do governo e a interferência militar russa, após a crise de 2014. Tais observações vão ao encontro do argumento da tese, segundo o qual não é exatamente a diversidade étnica que oferece oportunidades promissoras às elites para concentrar poder, mas sim a ocorrência ou expectativa de conflitos. Sem o conflito, as elites ucranianas tiveram dificuldades em formar uma coalizão legítima para, sob o pretexto de assegurar a ordem e estabilidade, fortalecer o poder presidencial.

4.2 Motivos da estabilidade étnica e regional durante a transição

Embora a questão etnorregional tenha apresentado considerável saliência durante a transição, inclusive com movimentos centrífugos e demandas separatistas, a Ucrânia não passou por conflitos étnicos no período, ao contrário de diversos ex-países socialistas. Vários acadêmicos buscaram analisar os motivos que levaram à estabilidade, salientando principalmente a importância de negociações e barganhas para tal resultado.

Solchanyk (1994) foi um dos primeiros autores que chamaram a atenção para a abordagem moderada das elites. Em vez de seguir uma posição nacionalista e radical, como ocorreu em algumas ex-repúblicas soviéticas, o governo central adotou uma política moderada de negociação, o que facilitou a acomodação das minorias que mais demandavam autonomia. Diversas lideranças nacionais evitaram adotar o discurso da "Ucrânia para os ucranianos étnicos". Em troca, tais minorias (russos étnicos e comunidades russófonas) apoiaram o referendo de independência da

[325] VINOGRADOV, Oleksiy. Severodonetskiy syezd 2004 goda byl repetitsiyey pered nastoyashchey agressiyey Rossii – politolog [O Congresso de Severodonetsk em 2004 foi um ensaio para a verdadeira agressão russa - cientista político]. In: Radio Svoboda, 28.11.2016. Disponível em: <https://www.radiosvoboda.org/a/28144452.html> Acesso em: 16.09.2021.

[326] Na seção "4.4 Aspectos gerais do sistema político e da democracia na Ucrânia" há uma descrição da Revolução Laranja.

Ucrânia perante a URSS em 1991 (SOLCHANYK, 1994, p. 65). Mesmo nos momentos de maior atividade separatista na Crimeia, lideranças nacionais, com referências aos conflitos separatistas na Transnístria (Moldávia) e em países do Cáucaso, conclamaram as elites regionais a alcançar um compromisso fundamentado em negociações e consultas (SOLCHANYK, 1994, p.56).

Na mesma direção, Sasse (2001) enfatiza que a pacificidade da transição esteve relacionada não apenas a concessões específicas às minorias, mas sobretudo ao longo processo de negociação e elaboração da nova constituição, o que garantiu a acomodação de interesses, mas atrasou a adoção de reformas econômicas. A Ucrânia foi um dos últimos países socialistas a adotar uma nova constituição, promulgada apenas em 1996. Sasse também menciona que divisões regionais, étnicas, linguísticas, socioeconômicas e entre elites geraram múltiplas identidades políticas, por vezes transversais, o que dificultou a primazia de uma única clivagem na política nacional e contribuiu para a estabilidade. Por sua vez, Stepan (2005) ressalta a importância de mecanismos consociativos no sistema político, como a implementação de políticas no sentido de construir um "state-nation", no qual o território do Estado seria o fundamento de constituição da nação, em vez de um "nation-state". Embora não tenha contemplado todos os arranjos consensualistas característicos do tipo "state-nation", como o sistema federalista, diversas concessões foram feitas às minorias nas áreas de cidadania, línguas e símbolos nacionais. O potencial de irredentismo de russos étnicos, associado ao fato de o país fazer fronteira com a Rússia, limitou as possibilidades de se conduzir um processo de *nation-building* mais agressivo (STEPAN, 2005, p.287-288). O autor também enfatiza que mesmo o *Rukh*, movimento nacionalista com maior adesão no Oeste no início da transição, não adotou uma retórica radical, e a polarização regional do sistema partidário impediu que suas pautas fossem adotadas integralmente. Vale mencionar que discursos presidenciais e políticas sociais e econômicas reforçaram uma concepção cívica, inclusiva, de nacionalidade, em detrimento de uma concepção étnica (SHULMAN, 2004, p.37).

Protsyk (2008) considera que a "opção-zero", o processo de conferir cidadania a todos os habitantes do território independentemente da etnia, quando a URSS se desintegrou, garantiu segurança às minorias, ao contrário dos países bálticos que excluíram as minorias russas. Para o autor, embora não foram criadas instituições de autogovernança específicas para minorias, elas foram incluídas e integradas às instituições de governança em todos os níveis de poder – a regionalização do sistema partidário expandiu os seus mecanismos de participação na política nacional. Apesar de a questão linguística ter sido um ponto de contestação, na prática normas que assegurariam a primazia do ucraniano foram pouco implementadas e a língua russa continuou predominante nos meios de comunicação. O sucesso na resolução da questão da Crimeia, nos anos 1990, esteve associado à garantia de autonomia regional, à busca de compromisso por parte das

elites, à atuação de organizações internacionais, como a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), e ao fracasso de forças secessionistas em mobilizar a população local e a Rússia (PROTSYK, 2008, p. 13). Sasse (2001) também ressalta o fracasso das elites da Crimeia em atender as expectativas socioeconômicas da população. Conclui que o caso da Crimeia "demonstrou o quão facilmente um sentimento étnico adormecido pode ser mobilizado em condições de mudança e incerteza, mas também o quão instável ele é na presença de clivagens transversais, mudanças de alianças políticas e falta de alternativas políticas claras" (SASSE, 2001, p.88).

Way (2019) alega que, a despeito da divisão nacional entre russófilos e ucranianófilos, o sistema político ucraniano se manteve estável e centralizado graças a uma "barganha faustiana", uma poderosa coalizão de centralização que contemplou tanto interesses de *nation-building* do Oeste, como língua e símbolos nacionais, quanto interesses econômicos das elites do Leste, as quais foram beneficiadas com a participação no Estado central e a alocação de recursos de patronagem. Representantes do Leste que defendiam a descentralização passaram a promover centralização quando alcançaram a presidência, sobretudo Leonid Kuchma (1994-2005), que recorreu a tal estratégia como instrumento de concentração de poder. A barganha faustiana foi reformulada com novos acordos em diversas ocasiões, como na Revolução Laranja de 2004, mas se rompeu gradualmente no governo de Viktor Yanukovich (2010-2014). Sua recusa em assinar acordos que facilitariam o futuro ingresso do país na União Europeia foi o estopim que levou ao fim da barganha, à intensa polarização regional e à ruptura de instituições estatais. Com o apoio da Rússia, a crise de 2013-2014 culminou na anexação da Crimeia ao território russo e em um conflito armado no Donbass. Desde o início do conflito, partidos russófilos perderam representatividade no Estado central (WAY, 2019, p.20).

É interessante notar que há um risco de endogeneidade nas justificativas para a ausência de conflitos na Ucrânia. Possivelmente, não foi apenas o temor de conflitos que levou as elites à moderação, mas também a falta de conflitos que não criou oportunidades para elas adotarem uma retórica mais agressiva. Ademais, enquanto na Rússia os *out-groups* constituem uma minoria (cerca de 20% da população) com fronteiras étnicas e religiosas mais salientes, concentradas territorialmente, na Ucrânia a distinção entre *in-groups* e *out-groups* não é tão clara à primeira vista: embora russos étnicos constituíssem cerca de 17% da população antes dos desmembramentos territoriais de 2014, a comunidade russófona[327] representava cerca de 35%, abrangendo ucranianos étnicos. Dado o tamanho demográfico e imprecisão das "minorias", seu voto em pleitos eleitorais nacionais pode ser decisivo. Outras clivagens, como as regionais, por

[327] A comunidade que tem o russo como língua nativa.

vezes são transversais a identidades linguísticas e étnicas. Não à toa, o conteúdo da "identidade nacional" foi disputado. A distância cultural entre russos e ucranianos é pouco nítida e a miscigenação interétnica é um fenômeno relativamente comum. Enquanto na Rússia a relação a diversas minorias é de certo modo ambígua (como com os povos do Cáucaso que resistiram à incorporação ao território russo), na Ucrânia não há histórico de animosidades entre russos e ucranianos étnicos. Esses fatores em conjunto diminuíram o apelo das elites nacionais para buscar instrumentalizar um pretenso conflito entre *in-groups* e *out-groups*, ainda que questões identitárias tenham gerado intensos debates na sociedade. Apenas na crise de 2014, as elites separatistas, com o apoio político, midiático e militar da Rússia, lograram instrumentalizar a polarização entre *in-groups* e *out-groups* para alcançar fins políticos.

4.3 O impacto da questão étnica e regional no sistema político ucraniano

A Ucrânia é um caso consideravelmente atípico, que contradiz a literatura, uma vez que a questão étnica e regional parece ter contribuído para o processo de democratização, em vez de ter constituído um obstáculo. Duas abordagens tiveram destaque: uma enfatiza a influência política do Oeste do país, mais "ocidentalizado", e a outra, o papel que divisões identitárias nacionais tiveram em restringir a preponderância de um único grupo no sistema político. Há também uma terceira corrente que discorre acerca da influência da questão étnica e regional na manutenção de um sistema administrativo centralizado.

Na primeira abordagem, um dos principais argumentos foi o de Darden e Grzymala-Busse (2006) acerca do impacto da escolarização no período pré-comunista na transição de regime. Os autores mostraram que países que passaram por escolarização de conteúdo nacionalista antes do regime comunista tiveram maior propensão a propagar ideias nacionalistas e a deslegitimar os governos comunistas. Quando houve a liberalização dos regimes no fim dos anos 1980, tais países votaram massivamente em dissidentes e opositores, levando à "saída do comunismo". Muitas das ex-repúblicas soviéticas não passaram por escolarização no período pré-comunista, o que dificultou a "saída". Contudo, as regiões do Oeste da Ucrânia passaram por tal processo e de fato se mobilizaram pelo fim do regime no período de liberalização.

Na mesma direção, Beissinger (2008) afirma que a etnicidade mobilizada politicamente favorece a democratização quando é direcionada não contra outros grupos étnicos, mas contra o fim de uma dominação externa, sendo capaz de ativar a sociedade civil em torno de uma causa. As revoluções coloridas, como a que a Ucrânia passou em 2004, inserem-se nesse contexto. Em outro trabalho, Beissinger (2013) menciona que os participantes da Revolução Laranja apresentavam

uma ampla variedade de valores e de espectro ideológico e não necessariamente comungavam de valores democráticos. No entanto, tinham em comum características identitárias (regionais e linguísticas) e um profundo grau de aversão ao incumbente, o que facilitou a ação coletiva (BEISSINGER, 2013). Taras Kuzio também sustenta que nem sempre o nacionalismo é detrimental à democracia. No caso ucraniano, o nacionalismo foi um dos principais fatores que levaram à mobilização coletiva na Revolução Laranja contra fraudes eleitorais (KUZIO, 2010).

Em relação à abordagem que enfatiza o impacto das divisões nacionais no sistema ucraniano, é notável o argumento de Way (2015) acerca do pluralismo "por inércia". A baixa capacidade estatal, a fragmentação do sistema partidário e as divisões identitárias nacionais contribuíram para um maior grau de pluralismo no sistema político. A divisão nacional entre ucranianófilos e russófilos dificultou a construção de uma coalizão hegemônica de apoio ao incumbente. A questão identitária se apresentou como um forte fator de mobilização social e contrapeso ao Estado central. O fracasso do autoritarismo na Ucrânia foi mais o resultado desses fatores do que de uma mobilização por democracia e direitos. Ao enquadrar a resistência em termos identitários, a oposição logrou angariar eleitores motivados e uma base de ativistas mesmo diante de repressão e desvantagem de recursos. Os quatro *turnovers* que o país presenciou estiveram diretamente relacionados ao fato de a oposição ter sido capaz de mobilizar um forte apoio regional (russófilos e ucranianófilos alternadamente) para superar a vantagem administrativa dos incumbentes. Por outro lado, tal divisão contribuiu para uma intensa polarização e a ruptura do Estado em 2014.

O impacto regional no sistema político foi também analisado por Birch (2000), que identificou o efeito de variáveis econômicas e históricas regionais no apoio a partidos de esquerda e direita. A autora concluiu que divisões regionais importam mesmo controlando por divisões étnicas e socioeconômicas. Protsyk (2008, p.18) sustenta que embora a legislação tenha dificultado a criação de partidos étnicos, os partidos buscaram o apoio de eleitores concentrados territorialmente, e a consequente regionalização do sistema partidário criou obstáculos à promoção de pautas universais e programáticas no âmbito nacional.

No que diz respeito à influência da questão étnica e regional na centralização administrativa, Sasse (2001) pondera que preocupações com a consolidação do Estado, sobretudo após a experiência dos anos 1990, acabaram escanteando a questão da federalização – a centralização foi um dos poucos pontos de consenso entre as elites nacionais. Para Romanova (2012), partidos apresentaram plataforma eleitoral pró descentralização, mas quando chegaram ao poder defenderam e promoveram centralização. Grupos econômicos regionais do Leste (autonomista) também foram beneficiados pela centralização. O controle sobre instituições

centralizadoras permitiu ao presidente Kuchma acomodar interesses econômicos de elites regionais e se manter no poder ao utilizar nomeações regionais para promover um sistema de corrupção eleitoral (WAY, 2019, p.9).

Wolczuk (2002, p.74) pondera que as forças políticas nacionais rejeitaram o federalismo por diferentes motivos: a esquerda, com maior adesão no Leste, desejava manter arranjos centralizados semelhantes aos do sistema soviético; os democratas nacionais, influentes no Oeste, almejavam garantir a integridade nacional e temiam aprofundar divisões regionais; e o incumbente ambicionava construir uma cadeia vertical de comando do Executivo. A autora também menciona que proponentes do federalismo estavam fragmentados e pouco representados no parlamento, além do que, a experiência soviética e russa (a crise da Chechênia) de desintegração gerava preocupações acerca das consequências que a adoção do federalismo poderia acarretar[328]. Com referência ao presidente Kuchma, cita que a descentralização era percebida como um arranjo capaz de aumentar o cronismo e o "feudalismo local". Embora propostas de federalização e descentralização tivessem maior adesão no Leste, as elites da região se opuseram à adoção de instituições territoriais como um senado por temerem uma sobrerrepresentação de regiões menos populosas do Oeste (WOLCZUK, 2002, p.82)[329]. A centralização foi alcançada por meios administrativos, como a nomeação de governadores pelo presidente, e mecanismos fiscais e orçamentários. A autora conclui que as elites nacionais optaram por seguir o caminho europeu de *state-building*, assegurando inicialmente a integração do território nacional, para somente depois planejar conduzir a regionalização.

É interessante observar que a discussão acerca do federalismo na Ucrânia está presente desde o século XIX. Antes da independência da URSS, era defendido por membros da oposição no Oeste como estratégia para garantir autonomia às regiões mais "ucranianas"; após a independência, lideranças do Oeste passaram a defender um Estado unitário, enquanto lideranças do Leste reivindicaram a adoção de arranjos federativos voltados à descentralização econômica (SASSE, 2001, p.80).

Diferentemente da Rússia, em que o processo de centralização promovido por Putin contribuiu para fortalecer o poder presidencial e a construção do "sistema vertical de poder" autoritário, na Ucrânia a centralização teve um escopo mais restrito. A regionalização do sistema partidário e a influência política das elites regionais do Leste limitaram a capacidade do Executivo de utilizar a centralização para consolidar um regime autoritário. Como vimos anteriormente, interesses regionais foram acomodados nas estruturas de poder do Estado central.

[328] Wolczuk (2002) cita o trabalho de Kornienko (1996).
[329] Way (2019, p.10) afirma que os democratas nacionais do Oeste temiam que a criação de um senado fosse dar espaço ao federalismo, sistema percebido como desintegrador.

4.4 Aspectos gerais do sistema político e da democracia na Ucrânia

Assim como a Rússia, a Ucrânia passou por um dos processos mais conturbados de transição do bloco soviético. Além das pressões secessionistas nos primeiros anos após o fim da URSS, as elites centrais tiveram que lidar com uma profunda crise econômica.

Segundo Birch (2000, p.1027), uma vez que a Ucrânia era uma das repúblicas mais ricas da URSS, muitos acreditavam que a independência traria maiores benefícios econômicos. Contudo, a autora menciona que tais expectativas não se concretizaram por três motivos: (1) a economia soviética era altamente integrada, logo a dissolução do país gerou descontinuidades e rompimentos de cadeias comerciais; (2) a Ucrânia era altamente dependente em energia e combustíveis importados de outras repúblicas a preços subsidiados – a dissolução elevou os preços e colocou o país sob pressão; (3) as dificuldades na transição e a lentidão na condução de reformas, sobretudo pela relutância de elites políticas, contribuíram para a prolongação da crise econômica. Tal processo árduo e prolongado gerou amplo descontentamento. O primeiro presidente da Ucrânia independente, Leonid Kravchuk (1991-1994), foi pressionado a concordar com eleições antecipadas e não conseguiu se reeleger. Greves e pressões do Leste, na região do Donbass, concorreram para tal resultado (SASSE, 2001).

O argumento de Way (2015) acerca do pluralismo por inércia e autoritarismo competitivo é fundamental para a compreensão das principais transformações pelas quais o país passou desde o fim da URSS. Como mencionado acima, o pluralismo foi alcançado graças a três fatores: a baixa capacidade estatal, a fragmentação e falta de coesão do sistema partidário e as divisões nacionais entre russófilos e ucranianófilos.

Diferentemente de Kravchuk, Leonid Kuchma (1994-2005) fortaleceu os órgãos estatais coercitivos e formou uma ampla base de apoio integrada por distintos partidos. Entretanto, em nenhum momento logrou formar um único partido governista coeso que pudesse facilitar a consolidação de um regime autoritário (WAY, 2015). Buscou fortalecer os poderes presidenciais por meio de um referendo, mas não obteve sucesso. Um escândalo envolvendo o assassinato do jornalista Georgiy Gongadze em 2000 derrubou a sua popularidade, e sua coalizão veio a enfrentar sérias dificuldades e defecções. Kuchma utilizou uma extensa rede de corrupção, monitoramento e coerção para garantir o controle sobre as estruturas administrativas estatais: implementou uma combinação de incentivos a *compliance*, com pagamentos informais a seus aliados, e punição da desobediência, com a seletividade na aplicação de processos criminais (DARDEN, 2008).

Em 2004, teve lugar a chamada Revolução Laranja. O candidato à sucessão de Kuchma, Viktor Yanukovich, com uma forte base eleitoral no Leste, saiu vitorioso em meio a uma série de denúncias de fraude eleitoral (WAY, 2015). Protestos em massa, promovidos por manifestantes insatisfeitos com corrupção, fraudes eleitorais e o incumbente, oriundos principalmente do Oeste, levaram à recontagem dos votos e o candidato de oposição, Viktor Yushchenko, foi eleito presidente (BEISSINGER, 2013). Para apaziguar a crise, foi estabelecido um acordo que garantiu maiores poderes ao parlamento. A Revolução Laranja acirrou a polarização entre ucranianófilos do Oeste e russófilos do Leste – o antagonismo contribuiu para a unificação de forças políticas do Leste em torno do Partido das Regiões, de Viktor Yanukovich, o qual veio a se tornar o maior partido no parlamento (WAY, 2019). Em novembro de 2004, lideranças políticas de diferentes localidades do Leste se reuniram com o objetivo de fundar a República Ucraniana Autônoma do Sudeste, mas não obtiveram sucesso[330].

Way (2015) ressalta que o período após a revolução foi um dos momentos de maior "pluralismo por inércia", dada a alta fragmentação do sistema partidário. Porém, disputas intensas dentro da coalizão de Yushchenko contribuíram para a vitória de Yanukovich nas eleições de 2010. Pela primeira vez na Ucrânia independente o incumbente passou a contar com o apoio de um partido forte e coeso no parlamento. Em pouco tempo Yanukovich conseguiu promover uma série de mudanças institucionais polêmicas, como a demissão de juízes opositores na Suprema Corte e o cancelamento do acordo de 2004 que havia empoderado o parlamento – o "pluralismo por inércia" perdeu força perante o avanço de mudanças institucionais autoritárias.

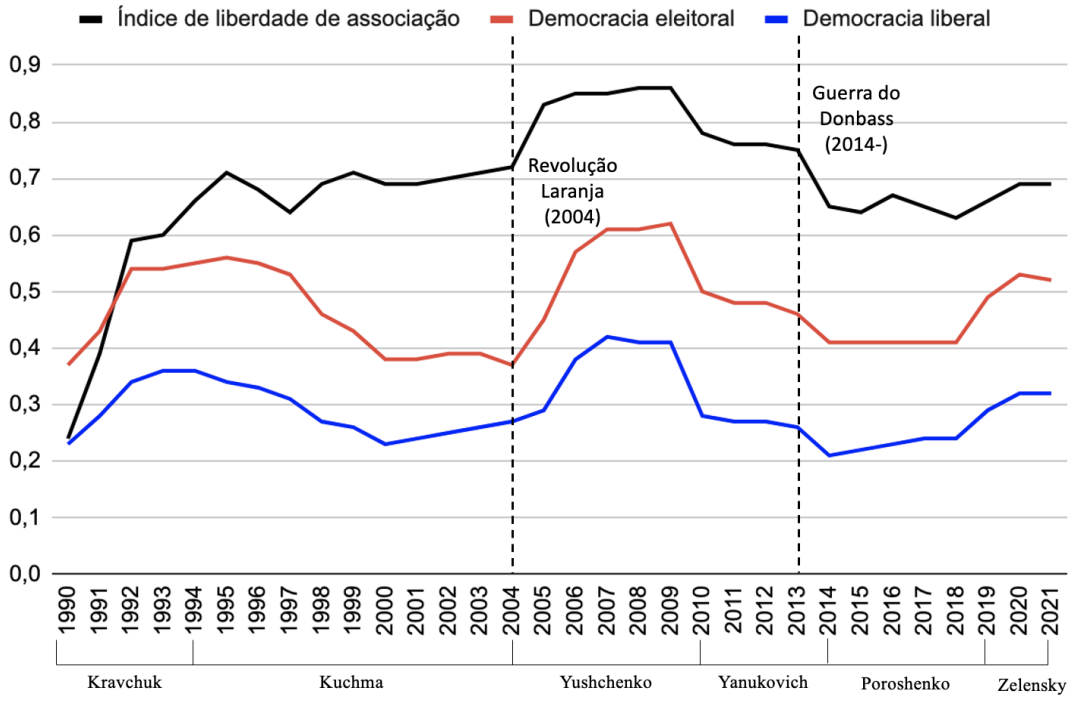
Em 2014, após se negar a assinar um acordo de longa tramitação que facilitaria o futuro ingresso da Ucrânia na União Europeia, manifestantes tomaram as ruas da capital em protesto contra Yanukovich, sobretudo ucranianófilos do Oeste e do centro. A repressão de forças policiais e a morte de manifestantes deram grande impulso aos protestos, o que culminou na derrubada violenta de Yanukovich. A presença de organizações e símbolos nacionalistas radicais nos protestos geraram apreensão nas regiões russófilas do Leste e do Sul, as quais iniciaram protestos contra o novo governo. Com a intervenção militar da Rússia, tal mobilização deu espaço a movimentos secessionistas: a Crimeia foi anexada ao território russo e a região do Donbass emergiu em um conflito armado, estimulado por Moscou, que perdura até os dias de hoje. Way (2015) afirma que durante a Revolução Laranja de 2004 evitou-se a utilização de símbolos nacionalistas que pudessem acirrar a polarização nacional, enquanto nos protestos de 2014, também conhecidos como "Euromaidan", não houve tal moderação. Ao negar assinar o acordo

[330] VINOGRADOV, Oleksiy. Severodonetskiy syezd 2004 goda byl repetitsiyey pered nastoyashchey agressiyey Rossii – politolog. In: Radio Svoboda, 28.11.2016. Disponível em: <https://www.radiosvoboda.org/a/28144452.html> . Acesso em: 16.09.2021.

com a União Europeia, Yanukovich rompeu a barganha entre Leste e Oeste e contribuiu para a ruptura estatal. Para o autor, a ruptura da autoridade estatal, as divisões nacionais e a desconfiança do Leste em relação às novas autoridades em Kiev tornaram possível a intervenção de Vladimir Putin (WAY, 2019, p.19). Em síntese, no caso ucraniano as divisões nacionais, fator frequentemente apontado por acadêmicos como obstáculo à democracia, contribuíram tanto para o pluralismo quanto para o conflito.

O gráfico abaixo mostra a variação nos índices de democracia da Ucrânia desde o período de transição segundo a *Varieties of Democracy*. É possível observar que no governo Kuchma há um decréscimo gradual nos índices (em grande parte do período o país esteve na categoria "parcialmente livre" da *Freedom House*) e somente no período imediatamente após a Revolução Laranja, caracterizado por maior competitividade e pluralismo, há um crescimento significativo (período classificado como "livre" pela *Freedom House*). Com a eleição de Yanukovich e suas polêmicas reformas institucionais há decréscimos acentuados. Após a crise de 2013-2014 e o início da guerra no Donbass, ocorre uma das maiores quedas no índice de liberdade de associação em todo o período.

Figura 4.2 Democracia na Ucrânia de 1990 a 2021, segundo a *Varieties of Democracy*



Fonte: elaborado pelo autor com base em Coppedge et al. (2021).

4.5 Estratégia empírica

Findada a introdução do caso ucraniano, procedo à análise das questões diretamente relacionadas aos objetivos da tese. Primeiramente, abordo o caso ucraniano como um contrafactual ao caso russo, por não ter passado por conflitos no período de transição. Posteriormente, abordo-o como um caso alternativo de conflito, o qual se diferencia do caso russo basicamente por o problema separatista ter contado com o envolvimento direto e crucial de uma potência estrangeira.

A estratégia empírica do presente caso seguirá um formato semelhante ao do caso russo. Inicialmente analisarei a variação na percepção de minorias como ameaça no período de transição e as preferências autoritárias no nível individual. Em um segundo momento, examinarei o impacto que o conflito iniciado em 2014 pode ter ocasionado nessas variáveis. Finalmente, em outro capítulo (qualitativo), verificarei os discursos presidenciais de 1994 a 2020 e artigos midiáticos no intuito de identificar se houve tentativas de mobilizar o argumento do *trade-off* entre democracia e ordem pelas elites.

4.5.1 Dados

A fonte principal de dados para a análise do período de transição são os *surveys* do *New Democracies Barometer* / NDB (ROSE ET AL., 1992-2004), que na Ucrânia foram conduzidos em 1992, 1993, 1995, 1998 e 2004[331]. Muitas das questões utilizadas no *New Russia Barometer* foram também adotadas no NDB.

Para identificar a variação na percepção de ameaça, utilizei a pergunta "você acha que as minorias nacionais representam uma ameaça à ordem e paz na sociedade?"[332], com quatro possíveis respostas: "nenhuma", "pouca", "alguma" e "grande" ameaça. Uma vez que algumas categorias contaram com baixo número de observações em alguns anos, no intuito de corrigir os efeitos da alta variância na análise de preferências autoritárias, criei uma variável binária em que "1" corresponde a "alguma" e "grande" ameaça, enquanto "0" a "nenhuma" ou "pouca".

Já na análise das preferências autoritárias, utilizei três questões: "o exército deve governar o país", "é melhor se livrar do parlamento e das eleições e ter um líder forte que possa decidir tudo rapidamente", "se o parlamento fosse fechado e os partidos abolidos você apoiaria?". As duas primeiras admitem quatro respostas: "discordo fortemente", "discordo em parte", "concordo em parte" e "concordo fortemente". A última varia na mesma escala, entre "desaprovo" e "aprovo"

[331] Os *surveys* contaram com os seguintes números de observações: 993 (1992), 945, 1.000 (1995), 1.161 (1998) e 2.000 (2004.9).
[332] C4. Do you think any of these pose a real threat to peace and order in this society: C4d. National minorities in our society.

fortemente. Agreguei as respostas a essas três questões em uma variável "preferências autoritárias", de maneira a constituir uma escala em que "0" corresponde a discordar (ou desaprovar) totalmente das três questões e "9" a concordar (ou aprovar) fortemente com todas. Também observo as respostas à questão "devemos voltar ao comunismo", mas, assim como no caso russo, não incorporei à variável "preferências autoritárias", pois ela pode denotar não apenas preferências políticas, mas também econômicas.

A fim de identificar as percepções e preferências por grupos identitários, observo as variações por grupo linguístico, em específico a variável "língua preferida para entrevista"[333]. Em 1995 e 1998 houve duas opções: russo ou ucraniano. Já em 2000 e 2004, houve uma terceira: tanto russo quanto ucraniano. Cabe salientar que nos *surveys* não foram disponibilizados dados de grupos étnicos, portanto minha análise teve que se limitar a variáveis linguísticas.

No que concerne ao estudo do impacto do conflito iniciado em 2014, utilizo como referência dados dos *surveys* "Sociedade Ucraniana" (*Ukraiynske suspilstvo*), conduzidos desde 1992 pelo Instituto de Sociologia da Academia Nacional de Ciências da Ucrânia[334]. Para a percepção de ameaças, utilizo a questão "na sua opinião, o que as pessoas mais temem no momento?"[335]. Os seguintes itens foram contemplados pela análise: o temor a conflitos interétnicos, dissolução da Ucrânia como Estado, ataque de inimigo externo na Ucrânia, restauração da ditadura no país e distúrbios de rua em massa. Também abordo a questão "como você avaliaria no geral a atual situação política do país"[336], com quatro alternativas: boa, pacífica, tensa e crítica. Em referência direta a eventuais tensões étnicas, examino questões relacionadas à existência de preconceitos e antagonismos a minorias específicas, bem como ao apoio à língua russa como oficial.

Por sua vez, para identificar possíveis preferências autoritárias e insatisfações com a democracia, verifico as variações nas respostas às seguintes questões:

- O que, na sua opinião, é melhor – tolerar qualquer dificuldade material para salvar a ordem, paz e tranquilidade no país ou, em casos de deterioração significativa das condições de vida, sair na rua para protestar?[337]

[333] E9. (Baltics, Ukraine only) Preferred language of interview.
[334] INSTYTUT SOTSIOLOHIYI NAN UKRAYINY [Instituto de Sociologia da Academia Nacional de Ciências da Ucrânia]. Dodatok: tablytsi monitorynhovoho opytuvannya "Ukrayins′ke suspil′stvo - 2018" [Anexo: tabelas de monitoramento de opinião pública "Sociedade Ucraniana - 2018]. NAN, Ukrayiny, 2018. Disponível em: <https://i-soc.com.ua/ua/edition/ukrainske-suspilstvo/issues/>. Acesso em: 20.03.2022.
[335] In your opinion, what do people currently fear most?
[336] b16. Como você avalia a situação política geral na Ucrânia?
[337] c7. O que, na sua opinião, é melhor – suportar todo tipo de dificuldades materiais para manter a ordem, a paz e a tranquilidade no país ou, em casos de deterioração significativa das condições de vida, sair às ruas com um protesto?

- Em que medida você está satisfeito ou insatisfeito com a maneira que a democracia se desenvolve no nosso país?[338]
- O quão importante é o desenvolvimento democrático do país?[339]
- O quão importante é a possibilidade de crítica e controle democrático das decisões do governo?[340]
- Na sua opinião, a Ucrânia precisa de um sistema multipartidário?[341]
- Qual é o seu nível de confiança nos partidos políticos?[342]
- Qual é o seu nível de confiança na *Verkhovna Rada* [parlamento]?[343]

As duas últimas não necessariamente revelam preferências autoritárias, mas sinalizam insatisfações com o modo de atuação de instituições representativas.

Algumas questões conduzidas apenas no *survey* de 2018 foram também relevantes para a identificação de percepções de ameaça e preferências autoritárias:

- A estabilidade no Estado e na sociedade é suficiente?[344]
- A confiança de que não haverá conflitos étnicos é suficiente?[345]
- Escolha na lista as palavras que para você estão mais associadas à imagem da sociedade ucraniana atual[346].
- Uma única vontade política garantindo a estabilidade é melhor do que um conjunto de diferentes pontos de vista[347].
- Para o desenvolvimento normal do país é necessária uma "mão forte" e não conversas sobre democracia[348].
- Apenas a política da "mão forte" pode salvar a ordem e estabilidade na sociedade.[349]

Finalmente, três questões relacionadas à crise de 2014 e ao conflito no Donbass foram de grande importância:

[338] b10. Até que ponto você está satisfeito ou não com a forma como a democracia está se desenvolvendo em nosso país?
[339] r3. Avalie a importância do seguinte para VOCÊ PESSOALMENTE: r3.3. ... Desenvolvimento democrático do país
[340] r3.8. … A possibilidade de crítica e controle democrático das decisões das estruturas de poder.
[341] b8. Na sua opinião, a Ucrânia precisa de um sistema multipartidário?
[342] d6.18 Qual é o seu nível de confiança nos partidos políticos?
[343] d6.13 Qual é o seu nível de confiança na Verkhovna Rada?
[344] f6.21 …Estabilidade no Estado e na sociedade.
[345] f6.26 …Confiança de que não surgirão conflitos entre nacionalidades [interétnicos].
[346] rn1. Escolha na lista de palavras fornecidas aquelas que para você estão mais relacionadas à imagem da sociedade ucraniana moderna.
[347] ai1. Uma única vontade política garante a estabilidade da sociedade melhor do que um conjunto de pontos de vista diferentes.
[348] ai2. Para o desenvolvimento normal do país é preciso uma "mão forte" e não falas sobre democracia.
[349] ai3. Somente a política de "mão forte" pode manter a ordem na sociedade.

- Você, pessoalmente, sente-se entre os "ganhadores" ou "perdedores" com as mudanças no governo em 2014?[350]
- Com quem, na sua opinião, as forças militares ucranianas (exército, guarda nacional, política, o SBU [Serviço de Segurança da Ucrânia] e etc) estão lutando no Donbass hoje, no geral?[351]
- Quais cenários de resolução do conflito no Leste da Ucrânia você está disposto a aceitar?[352]

Em relação à parte qualitativa, acerca da utilização do discurso do *trade-off* entre ordem e democracia pelas elites centrais, a fonte principal de dados foram os discursos anuais do presidente da Ucrânia à *Verkhovna Rada* (parlamento) de 1994 a 2020, e artigos de três jornais renomados: o *Zerkalo Nedeli*, o *Ukrainskaya Pravda* e o *Obozrevatel'*.

4.5.2 Métodos

Na parte quantitativa da pesquisa, recorri à estatística descritiva e inferencial. Inicialmente testo a hipótese de que, uma vez que não houve conflitos étnicos durante a transição, a percepção de minorias como ameaça deve ser baixa e variar pouco. Verifico se os grupos que declararam ter o ucraniano como língua de preferência para a entrevista, apresentam maior temor que os grupos que declararam ter o russo ou ambas as línguas como preferência. Como mencionei, dada a complexidade das clivagens linguísticas, étnicas e regionais na Ucrânia, bem como aspectos históricos de contestação do conteúdo da identidade nacional, é difícil definir com precisão os sujeitos e limites dos *in-groups* e *out-groups*. Contudo, uma vez que ucranianos étnicos foram o grupo "titular" no período soviético e constituem a maior parte da população, examino os ucranianófonos como *in-groups*. Como não houve conflitos, não espero encontrar preferências muito distintas entre ucranianófonos e russófonos, salvo na primeira metade da década de 1990, quando surgiram movimentos autonomistas e secessionistas respectivamente no Donbass e na Crimeia – é esperado que os *in-groups* apresentem uma maior percepção de ameaça e um maior nível preferências autoritárias.

Posteriormente, conduzi testes de regressão logística (*pooled cross-section*) para testar a hipótese de que os grupos que mais percebem minorias como ameaça apresentam mais preferências autoritárias. Anteriormente vimos que a relação entre ameaças societais e atitudes

[350] es10.Você pessoalmente sente que está entre os "vencedores" ou "perdedores" das mudanças de governo em 2014?
[351] dr5. Com quem PRINCIPALMENTE, na sua opinião, as estruturas de poder ucranianas (exército, Guarda Nacional, polícia, SBU, etc.) estão lutando no Donbas hoje?
[352] dr7. Quais dos cenários de resolução de conflitos no Leste da Ucrânia você está disposto a aceitar?

autoritárias foi explorada pela literatura de psicologia política (FELDMAN E STENNER 1997; DUCKITT E FISHER 2003; DAVIS E SILVER 2004)[353]. Espero encontrar uma correlação, mas, uma vez que não houve conflitos, ela deve ser baixa, ou seja, deve se limitar ao efeito comportamental-subjetivo. No primeiro capítulo vimos que mesmo em períodos de pouca insegurança há uma parcela de indivíduos que percebem minorias como ameaça e são autoritários. Quando a sociedade se depara com uma ameaça de fato, como um conflito, a percepção de ameaça e as preferências autoritárias sobem – o efeito contextual-objetivo ganha espaço.

Assim como no caso russo, também conduzi um teste placebo sobre ameaças externas. Em específico, analiso se há uma associação entre a percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias.

Já a análise do impacto do conflito iniciado em 2014 nas percepções de ameaça e preferências de regime será baseada em dados descritivos de variação temporal. O ano de 2014 é o referencial de início do tratamento. Espero identificar tanto um aumento da percepção de ameaças quanto de preferências autoritárias após essa data.

Finalmente, a parte qualitativa contará com a codificação de elementos associados aos supostos *trade-off* entre democracia e ordem. Verificarei tanto a variação na frequência de menções a esses elementos quanto o conteúdo dos discursos. Espero encontrar referências a um *trade-offs* no período de transição, quando a questão étnica e regional teve relativa saliência política, pouca nos anos seguintes e um possível aumento após o conflito de 2014.

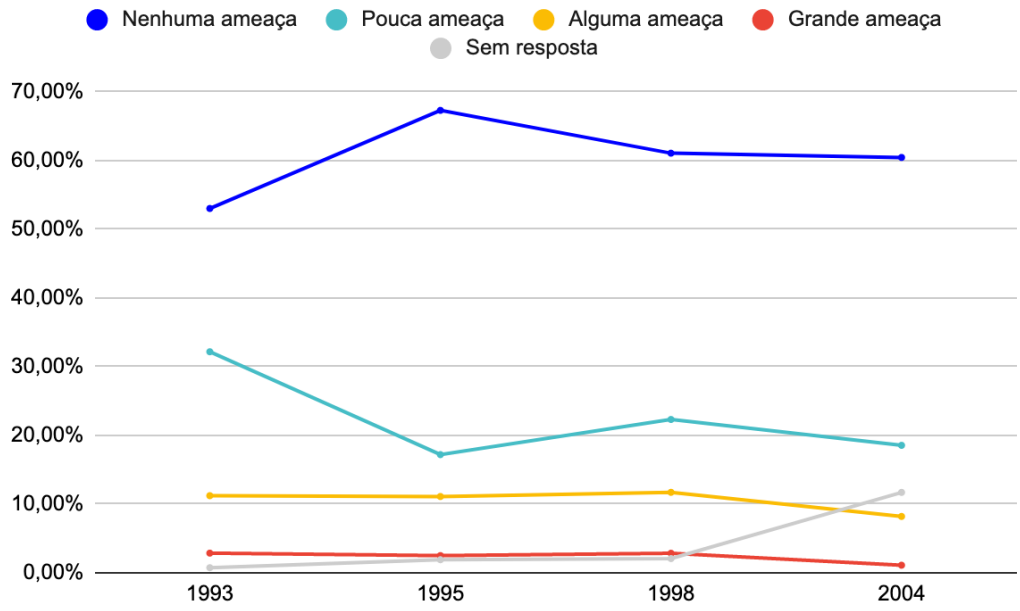
4.6 Resultados: percepções de ameaça e de preferências autoritárias ao longo da transição

Nesta seção utilizarei os dados do *New Democracies Barometer* (NDB) para analisar a variação da percepção de minorias como ameaça e das preferências autoritárias ao longo da transição, sobretudo nos anos 1990.

O primeiro indicador diz respeito ao percentual da população ucraniana[354] que afirmou considerar as minorias étnicas como "alguma" ou "grande" ameaça (figura 4.3). A percepção de ameaça foi um pouco elevada em 1992, logo após a dissolução da URSS, mas caiu para menos de 15% no ano seguinte e se manteve estável em 1995 e 1998. Em 2004, ano da Revolução Laranja, registrou um percentual próximo dos 10%.

[353] Como mencionei anteriormente, o foco do presente estudo não são as atitudes autoritárias em si, mas as preferências por regimes e instituições autoritárias.
[354] Vale mencionar que não contabilizei as não respostas nos cálculos do percentual.

Figura 4.3 Percepção de minorias como ameaça



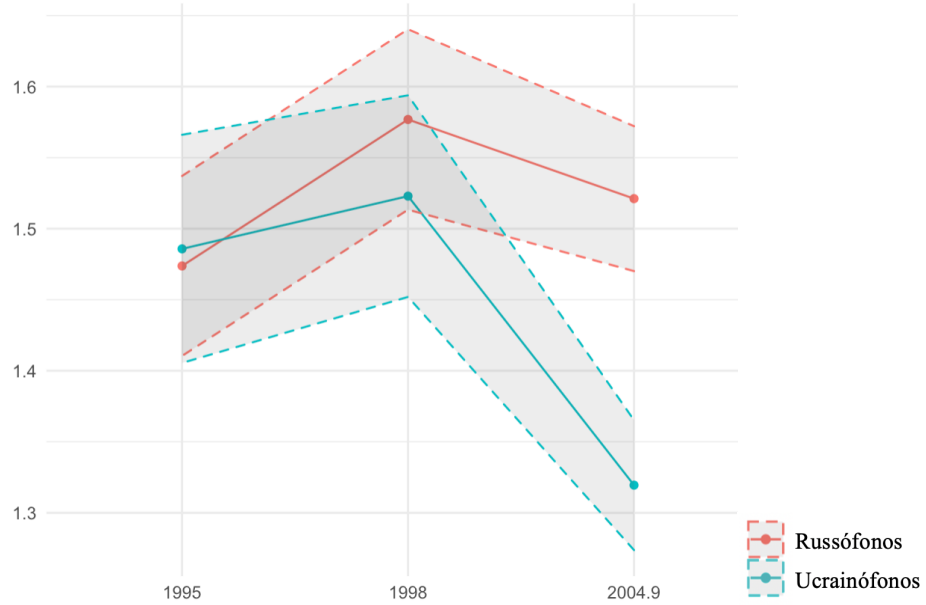
Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1993-2004).

A percepção de minorias como alguma ou grande ameaça no período foi muito inferior à observada na Rússia, que apresentou valores por volta de 30% ao longo dos anos 1990 e, na Segunda Guerra da Chechênia, aproximou-se de 60%. Os baixos valores na Ucrânia e a baixa flutuação na percepção são uma evidência contrafactual a favor da minha hipótese: uma vez que não houve conflitos étnicos ou separatistas no período, a percepção de minorias como ameaça foi ínfima. As desavenças entre o Estado central e as elites da Crimeia na primeira metade da década de 1990 parecem ter gerado pouco impacto na percepção.

Em um segundo momento, verifiquei se a percepção de minorias como ameaça pelos *in-groups*, ucranianófonos, é maior do que a percepção dos *out-groups*, os russófonos[355]. Como mencionei, a distinção entre *in-groups* e *out-groups* é pouco definida na Ucrânia. Houve pouca diferenciação entre ambos e, em 2004, os russófonos registraram uma média maior de percepção do que os *in-groups* (figura 4.4). Apesar de este trabalho focar as relações entre russos e ucranianos étnicos, há diversas outras minorias na Ucrânia que podem ter sido lembradas por respondentes quando questionados sobre ameaças, tais como os ciganos e os tártaros da Crimeia.

[355] Os *surveys* de 2000 e 2004 possibilitaram indivíduos responderem "tanto russo quanto ucraniano" como língua de preferência. Limitei a análise apenas às categorias que responderam "russo" ou "ucraniano".

Figura 4.4 Percepção de minorias como alguma ou grande ameaça para ucranianófonos e russófonos



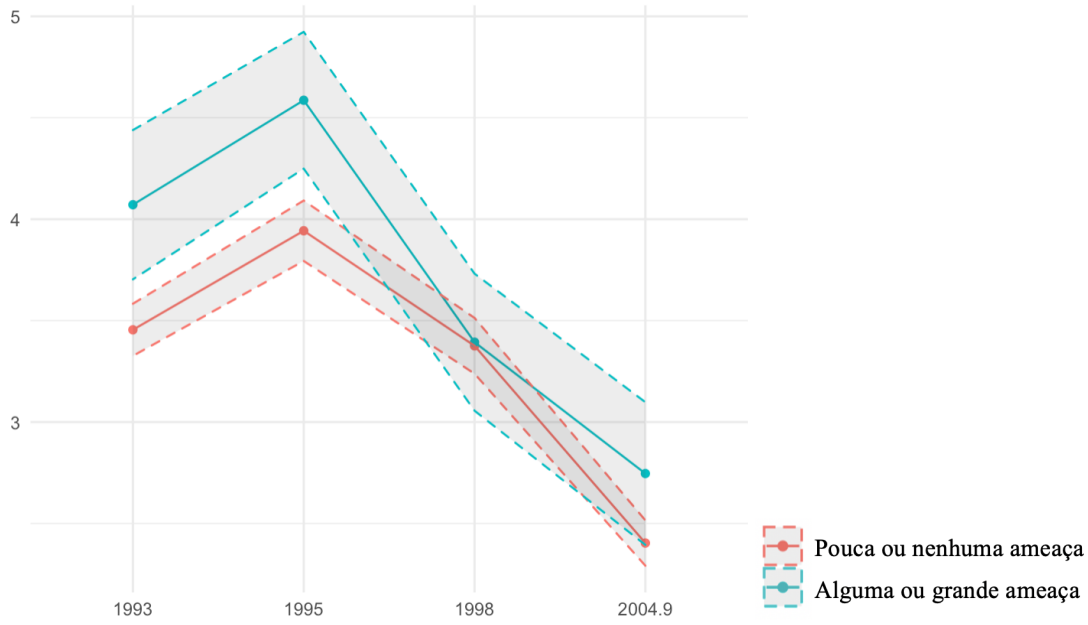
Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB.
Ucranianófonos (azul); russófonos (vermelho)

Os *surveys* do *New Democracies Baromenter* não identificaram as etnias, mas somente os grupos linguísticos, com base na língua de preferência para a entrevista. Logo, não foi possível determinar ao certo quais foram as percepções dos ucranianos e russos étnicos. É interessante observar que na divisão linguística os russófonos (aqueles que têm o russo como língua natal) são um grupo numericamente grande[356], o que torna a questão identitária na Ucrânia consideravelmente complexa. Além disso, os *surveys* de 2000 e 2004 contemplaram uma terceira categoria linguística – indivíduos que mencionaram tanto o russo quanto o ucraniano como língua de preferência para a entrevista.

No que concerne à variação nas preferências autoritárias por grupos de temor, identifiquei diferença significativa somente na primeira metade da década de 1990 (figura 4.5). Nos *surveys* de 1993 e 1995, o grupo que percebia minorias como alguma ou grande ameaça apresentou uma média de preferências autoritárias significativamente superior ao grupo que percebia minorias como pouca ou nenhuma ameaça. A diferença perde significância a partir de 1998. O início dos anos 1990 foi o momento de maior tensão interétnica na Ucrânia, quando as regiões do Donbass e da Crimeia se manifestaram, respectivamente, por maior autonomia e secessão.

[356] Até 2014, a menção ao russo como "língua natal" variava entre 32% e 37%. A partir de 2014, a variação esteve entre 25% e 30%. Se levarmos em consideração não a língua natal, mas a língua de comunicação no dia a dia, tais percentuais são ainda maiores.

Figura 4.5 Percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias



Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1993-2004).

Regressões OLS confirmam uma correlação significativa entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias. Quanto maior o grau de percepção, maiores são as preferências. Também podemos constatar que preferências autoritárias sobem levemente com a idade e decrescem com o nível de escolaridade e a renda.

Tabela 4.1 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias

	Dependent variable:			
	Preferencias_autoritarias_agregadas			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.118	0.139	0.136	0.168*
	(0.076)	(0.076)	(0.079)	(0.079)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.390***	0.354***	0.474***	0.442***
	(0.102)	(0.102)	(0.106)	(0.106)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.536**	0.634**	0.519*	0.533*
	(0.204)	(0.196)	(0.220)	(0.213)
GeneroFeminino			0.031	0.048
			(0.066)	(0.066)
Idade			0.005*	0.005*
			(0.002)	(0.002)
Educacao			−0.287***	−0.307***
			(0.035)	(0.035)
Renda			−0.101***	−0.128***
			(0.030)	(0.031)
Data_survey1995	.511***	0.440***	0.469***	0.484***
	(0.094)	(0.085)	(0.097)	(0.086)
Data_survey1998	−0.156	−0.177*	−0.341***	−0.338***
	(0.091)	(0.085)	(0.100)	(0.094)
Data_survey2004.9	1.073***	−1.094***	−1.096***	−1.086***
	(0.089)	(0.097)	(0.091)	(0.098)
Constante	.444***	3.462***	4.206***	4.309***
	(0.073)	(0.067)	(0.210)	(0.213)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	4,088	4,088	3,703	3,703
R^2	0.085	0.065	0.123	0.109
Note:				*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NDB.

Quando analisei os componentes da escala de preferências autoritárias e a variação binária entre indivíduos que percebem minorias como alguma ou grande ameaça (1) e nenhuma ou pouca ameaça (0), encontrei uma correlação estatisticamente significativa para o apoio a um governo militar, a um líder forte sem parlamento e, sem considerar pesos amostrais, ao fechamento do parlamento e dos partidos. O apoio ao retorno ao comunismo, variável que não foi incorporada à escala de preferências autoritárias, também apresentou correlação significativa com percepção de ameaça.

Tabela 4.2 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias específicas

	Dependent variable:							
	Governo_militar		Líder_forte		Fechar_parlamento_partidos		Volta_comunismo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Medo_minorias.dummy	0.467***	0.435***	0.211*	0.204*	0.203*	0.168	0.331***	0.286**
	(0.099)	(0.108)	(0.083)	(0.092)	(0.088)	(0.096)	(0.086)	(0.095)
GeneroFeminino	0.011	0.022	0.060	0.074	0.006	0.001	0.115	0.129*
	(0.071)	(0.077)	(0.057)	(0.064)	(0.060)	(0.066)	(0.059)	(0.066)
Idade	0.011***	0.009***	0.001	0.001	−0.00004	−0.0003	0.023***	0.020***
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)
Educacao	−0.139***	−0.190***	−0.204***	−0.196***	−0.205***	−0.228***	−0.186***	−0.196***
	(0.037)	(0.040)	(0.030)	(0.034)	(0.032)	(0.035)	(0.031)	(0.035)
Renda	−0.082*	−0.112**	−0.041	−0.069*	−0.031	−0.045	−0.112***	−0.161***
	(0.033)	(0.036)	(0.026)	(0.029)	(0.027)	(0.031)	(0.027)	(0.031)
Data_survey1995	−0.381***	−0.367***	0.482***	0.494***	0.508***	0.495***	0.476***	0.531***
	(0.100)	(0.098)	(0.087)	(0.085)	(0.089)	(0.087)	(0.088)	(0.087)
Data_survey1998	−0.366***	−0.383***	−0.154	−0.142	−0.268**	−0.291**	0.791***	0.845***
	(0.102)	(0.105)	(0.089)	(0.092)	(0.091)	(0.094)	(0.092)	(0.094)
Data_survey2004.9	−1.246***	−1.239***	−0.592***	−0.600***	−0.631***	−0.643***	−0.456***	−0.418***
	(0.097)	(0.118)	(0.077)	(0.088)	(0.082)	(0.096)	(0.081)	(0.093)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	4,303	3,399	4,232	3,359	3,812	3,122	4,310	3,406
Note:								*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1993-2004).

Conforme a hipótese contrafactual, a correlação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias foi positiva, mas mais fraca do que as correlações identificadas no caso russo. Ademais, pudemos constatar que a relação foi mais significativa em 1993 e 1995, período de maior atividade do separatismo na Crimeia. Abaixo apresento a variação de preferências por grupo linguístico em 1995.

Tabela 4.3 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias em 1995

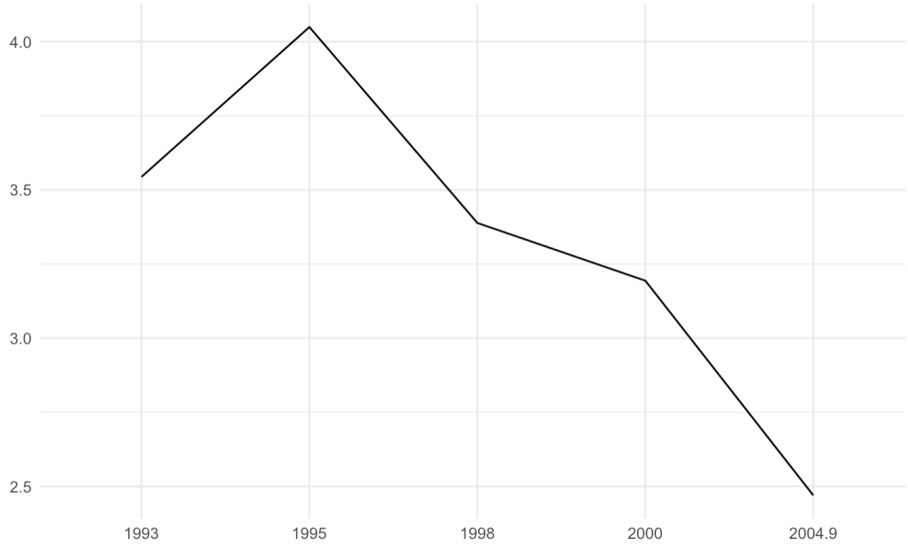
	Dependent variable:					
	Preferencias_autoritarias_agregadas					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.088	0.091	0.371	0.354	−0.075	−0.073
	(0.187)	(0.183)	(0.305)	(0.294)	(0.236)	(0.234)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.900***	0.835***	0.986**	0.840*	0.871**	0.847**
	(0.218)	(0.214)	(0.376)	(0.363)	(0.266)	(0.264)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.192	0.204	1.915*	1.797*	−0.413	−0.257
	(0.442)	(0.416)	(0.892)	(0.902)	(0.504)	(0.466)
GeneroFeminino	0.116	0.067	−0.166	−0.152	0.251	0.180
	(0.142)	(0.140)	(0.245)	(0.240)	(0.175)	(0.173)
Idade	0.011*	0.008	0.001	0.001	0.012*	0.009
	(0.005)	(0.005)	(0.009)	(0.009)	(0.006)	(0.006)
Educacao	−0.334***	−0.365***	−0.369**	−0.382**	−0.323***	−0.357***
	(0.068)	(0.069)	(0.131)	(0.133)	(0.080)	(0.082)
Renda	−0.118	−0.157*	−0.107	−0.106	−0.158	−0.214*
	(0.071)	(0.069)	(0.128)	(0.126)	(0.085)	(0.084)
Constante	4.413***	4.824***	5.065***	5.135***	4.332***	4.852***
	(0.471)	(0.451)	(0.858)	(0.820)	(0.566)	(0.542)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Ucranianófonos	Ucranianófonos	Russófonos	Russófonos
Observations	893	893	326	326	567	567
R^2	0.073	0.075	0.065	0.061	0.097	0.100
Note:						*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NDB.

Podemos notar que, em 1995, a correlação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias foi maior para ucranianófonos, o que pode ser um indício de que o separatismo, mesmo sem conflito, impacta preferências de regime dos *in-groups*. Contudo, como o percentual de ucranianófonos que percebem minorias como ameaça é menor que o de russófonos, devemos ter cautela nas constatações e inferências. O fato de o número de observações de russófonos ser maior que o de ucranianófonos mais uma vez revela o quão complexa é a dicotomia entre *in-groups* e *out-groups* na Ucrânia.

Outro elemento de importante comparação com o caso russo é a variação nas preferências autoritárias gerais (figura 4.6). Enquanto no caso russo houve uma tendência ascendente, com pico em 2000, na segunda guerra da Chechênia, o caso ucraniano registrou uma tendência descendente dos anos 1990 para os anos 2000. O único período de crescimento foi de 1993 para 1995. Cabe mencionar que a primeira metade da década de 1990 foi o momento mais turbulento da transição na Ucrânia. Entre os elementos de instabilidade, podemos mencionar uma profunda crise econômica, falta de clareza na delimitação de competências entre os distintos ramos de poder, embates na criação de uma nova constituição e ascensão de movimentos autonomistas e secessionistas.

Figura 4.6 Variação na média de preferências autoritárias (escala de 0 a 9)

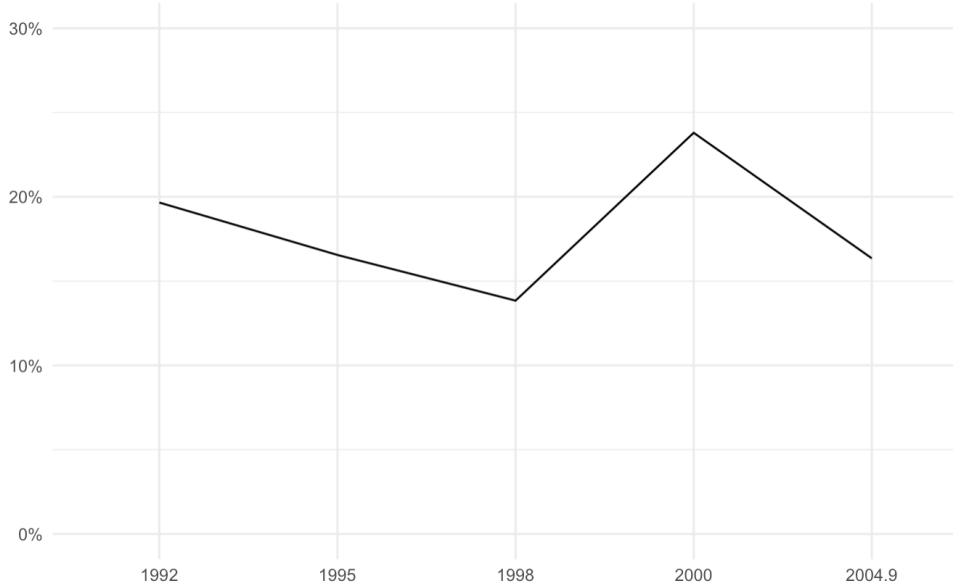


Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1993-2004).

As variáveis do NDB utilizadas na análise do caso ucraniano não são exatamente as mesmas variáveis do *New Russia Barometer*. A fim de facilitar a comparação, criei uma nova variável de preferências autoritárias que incorpora apenas duas variáveis que coincidem nos dois *surveys*: o apoio a um governo militar e ao fechamento do parlamento. A comparação deve ser vista com cautela, uma vez que o enunciado do NDB abrange o fechamento dos partidos junto com o parlamento. Também apresento o apoio à volta do comunismo em separado.

Finalmente, examino se ameaças externas são mais preditivas de preferências autoritárias do que ameaças domésticas. Para tanto, analiso a percepção da Rússia como ameaça à sociedade. O índice registrou percentuais abaixo dos 20% na maior parte do período (figura 4.7). No *survey* de 2000, houve um crescimento para quase 25%, mas em 2004 decresceu novamente.

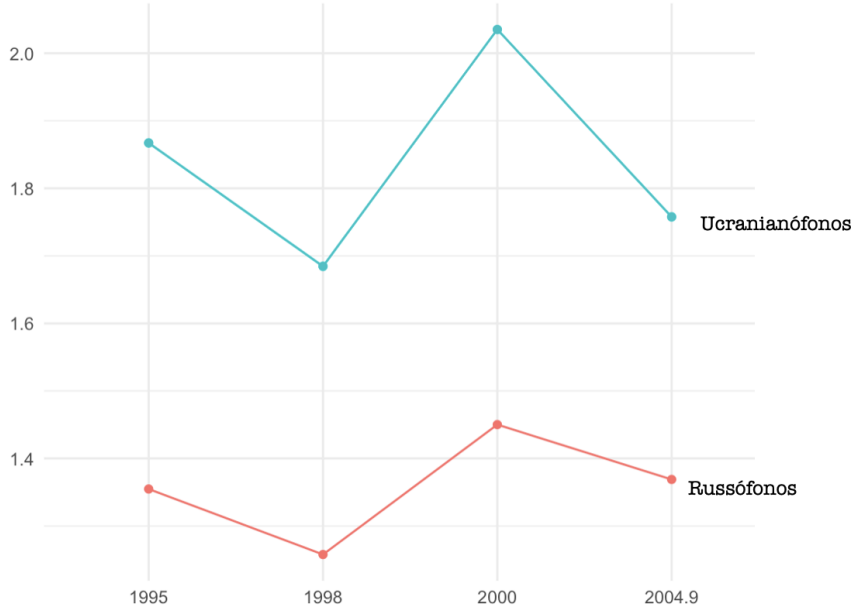
Figura 4.7 Percepção da Rússia como grande ou alguma ameaça



Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1992-2004).

Quando analisei a variação entre grupos linguísticos, confirmei o esperado: ucranianófonos percebem a Rússia como ameaça significativamente mais do que russófonos, em todo o período. Ambos os grupos apresentam trajetórias semelhantes, mas com inclinações um pouco mais acentuadas para os ucranianófonos.

Figura 4.8 Percepção da Rússia como alguma ou grande ameaça para ucranianófonos e russófonos



Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB.

Outra etapa importante foi verificar se há correlação entre medos internos e externos, ou seja, entre a percepção das minorias e da Rússia como ameaça. Uma correlação positiva pode ser

um indicativo de que determinados indivíduos têm maior propensão a perceber diferentes tipos de ameaça simultaneamente ou, ainda, que a percepção da Rússia como ameaça pode estar associada à percepção de ameaça irredentista das minorias russas. Regressões logísticas confirmaram uma correlação forte e significativa entre ambas as ameaças (tabela 4.4). O fato de a correlação apresentar maiores coeficientes para ucranianófonos pode ser um indicativo do medo de que russos étnicos se engajassem em movimentos irredentistas.

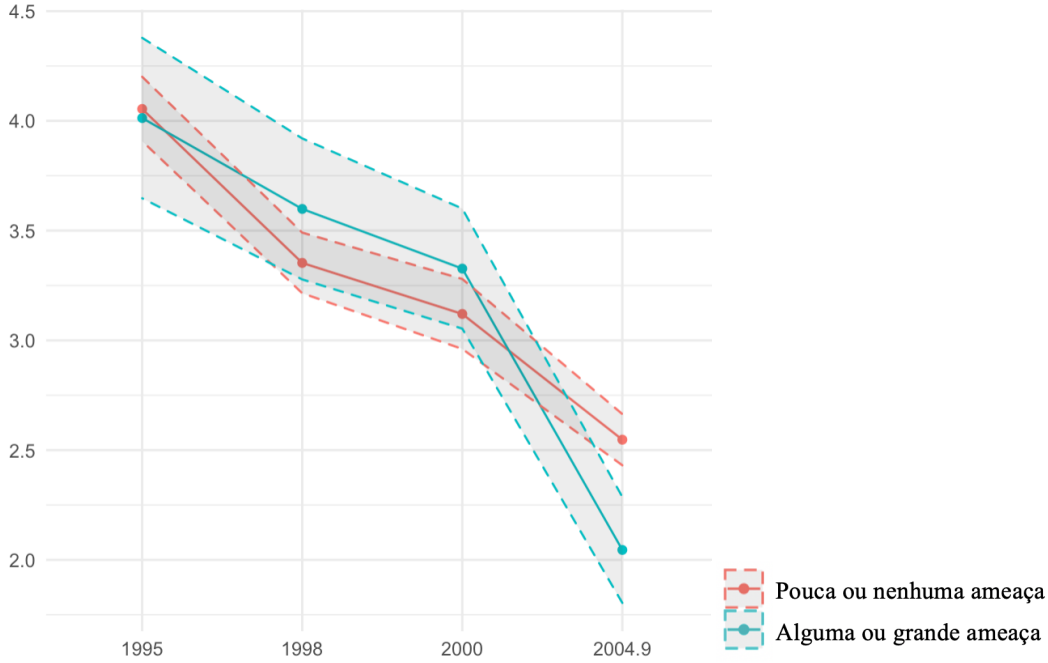
Tabela 4.4 Relação entre percepção da Rússia e de minorias como ameaça

	Dependent variable:					
	Medo_minoria					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Medo_RussiaPequena ameaça	0.943***	0.975***	1.088***	1.187***	1.154***	1.117***
	(0.094)	(0.111)	(0.157)	(0.181)	(0.135)	(0.157)
Medo_RussiaAlguma ameaça	1.209***	1.221***	1.585***	1.599***	1.320***	1.295***
	(0.103)	(0.121)	(0.160)	(0.186)	(0.161)	(0.187)
Medo_RussiaGrande ameaça	1.483***	1.560***	2.165***	2.283***	1.053***	1.028**
	(0.169)	(0.193)	(0.227)	(0.259)	(0.311)	(0.356)
GeneroFeminino	0.006	−0.024	0.096	0.083	−0.058	−0.100
	(0.073)	(0.086)	(0.125)	(0.145)	(0.096)	(0.111)
Idade	−0.009***	−0.011***	−0.012**	−0.012*	−0.010**	−0.011**
	(0.002)	(0.003)	(0.004)	(0.005)	(0.003)	(0.004)
Educacao	0.023	0.012	0.087	0.070	−0.047	−0.044
	(0.039)	(0.046)	(0.070)	(0.082)	(0.050)	(0.057)
Renda	0.073*	0.095*	0.050	0.080	0.057	0.071
	(0.033)	(0.039)	(0.059)	(0.070)	(0.042)	(0.050)
Data_survey1995	0.098	0.118				
	(0.090)	(0.104)				
Data_survey1998	0.394***	0.383***	0.355*	0.339	0.300*	0.260
	(0.094)	(0.113)	(0.171)	(0.180)	(0.132)	(0.136)
Data_survey2004.9			−0.481**	−0.496**	0.149	0.119
			(0.152)	(0.178)	(0.117)	(0.136)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Ucranianófonos	Ucranianófonos	Russófonos	Russófonos
Observations	3,503	2,535	1,380	999	1,936	1,442
Note:						*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1993-2004).

Assim como procedi com a percepção de minorias como ameaça, verifiquei a associação entre percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias. Em quase todo o período não houve diferenças estatisticamente significativas entre grupos temerosos e não temerosos (figura 4.9). Contudo, em 2004, ano da Revolução Laranja, identifiquei uma correlação negativa, ou seja, indivíduos que mais perceberam a Rússia como alguma ou grande ameaça (azul) apresentaram menos demandas autoritárias que indivíduos que a perceberam como pouca ou nenhuma ameaça (vermelho).

Figura 4.9 Percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias



Fonte: compilado pelo autor com base em dados do NDB.
Alguma ou grande ameaça (azul); pouca ou nenhuma ameaça (vermelho).

Modelos de regressão OLS confirmam que em 2004 houve uma correlação negativa entre percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias para a população total (tabela 4.5). Quanto maior o grau de percepção, maior foi o decréscimo nas preferências. Quando observamos grupos linguísticos, a correlação negativa foi significativa apenas para ucranianófonos, em específico para o grupo "grande ameaça". Russófonos e híbridos chegaram a registrar coeficientes positivos para o grupo "pequena ameaça".

Tabela 4.5 Relação entre percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias em 2004

	Dependent variable:			
	Preferencias_autoritarias_agregadas			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Medo_RussiaPequena ameaça	0.144	−0.166	0.625**	0.807*
	(0.139)	(0.195)	(0.235)	(0.368)
Medo_RussiaAlguma ameaça	−0.316*	−0.275	−0.323	0.120
	(0.158)	(0.217)	(0.274)	(0.424)
Medo_RussiaGrande ameaça	−0.573*	−0.806*	0.571	−0.324
	(0.275)	(0.334)	(0.573)	(0.886)
GeneroFeminino	−0.022	−0.115	0.042	0.142
	(0.108)	(0.160)	(0.161)	(0.302)
Idade	−0.001	−0.008	0.002	0.010
	(0.003)	(0.005)	(0.005)	(0.009)
Educacao	−0.265***	−0.358***	−0.314***	0.180
	(0.058)	(0.090)	(0.085)	(0.174)
Renda	0.005	−0.043	−0.005	0.036
	(0.046)	(0.075)	(0.065)	(0.118)
Constante	3.317***	3.949***	3.322***	1.226
	(0.321)	(0.483)	(0.476)	(0.925)
GRUPO	Geral	Ucranianófonos	Russófonos	Mistos
Observations	1,187	503	545	139
R^2	0.029	0.052	0.046	0.052
Note:				*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NDB (ROSE ET AL., 1993-2004).

Ao observar as preferências autoritárias específicas, encontrei pouca significância estatística, embora seja possível notar que a magnitude do decréscimo aumenta com o grau de percepção de ameaça. A única variável que esteve significativamente correlacionada com o medo da Rússia foi o apoio à volta do comunismo, não incorporada na variável agregada de preferências autoritárias. Quanto maior é a percepção da Rússia como ameaça, maior é a rejeição ao comunismo. O passado comunista é visto por nacionalistas ucranianos como um período em que a Ucrânia esteve sob o jugo imperial russo. Percepções de ameaça, portanto, nem sempre predizem maiores atitudes autoritárias. A maior inclinação liberal pode representar uma tentativa de diferenciação política e identitária em relação à Rússia.

Tabela 4.6 Relação entre percepção da Rússia como ameaça e preferências autoritárias específicas em 2004

	Dependent variable:							
	Governo_militar		Líder_forte		Fechar_parlamento_partidos		Volta_comunismo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Medo_RussiaPequena ameaça	0.251	0.251	0.066	0.066	0.021	0.021	−0.318*	−0.318
	(0.172)	(0.243)	(0.117)	(0.166)	(0.133)	(0.188)	(0.130)	(0.183)
Medo_RussiaAlguma ameaça	0.194	0.194	−0.217	−0.217	−0.329*	−0.329	−0.729***	−0.729**
	(0.195)	(0.275)	(0.135)	(0.191)	(0.151)	(0.214)	(0.159)	(0.225)
Medo_RussiaGrande ameaça	−1.230*	−1.230	−0.456	−0.456	−0.527	−0.527	−1.356***	−1.356**
	(0.599)	(0.847)	(0.258)	(0.365)	(0.278)	(0.394)	(0.334)	(0.473)
GeneroFeminino	−0.136	−0.136	−0.0002	−0.0002	0.023	0.023	−0.035	−0.035
	(0.134)	(0.190)	(0.090)	(0.127)	(0.104)	(0.147)	(0.097)	(0.137)
Idade	0.007	0.007	−0.001	−0.001	−0.004	−0.004	0.030***	0.030***
	(0.004)	(0.006)	(0.003)	(0.004)	(0.003)	(0.005)	(0.003)	(0.004)
Educacao	0.043	0.043	−0.240***	−0.240***	−0.176**	−0.176*	−0.167**	−0.167*
	(0.073)	(0.104)	(0.050)	(0.071)	(0.057)	(0.081)	(0.053)	(0.074)
Renda	0.072	0.072	0.034	0.034	0.023	0.023	0.029	0.029
	(0.057)	(0.080)	(0.038)	(0.054)	(0.044)	(0.062)	(0.041)	(0.059)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	1,724	862	1,660	830	1,272	636	1,728	864
Note:								*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NDB.

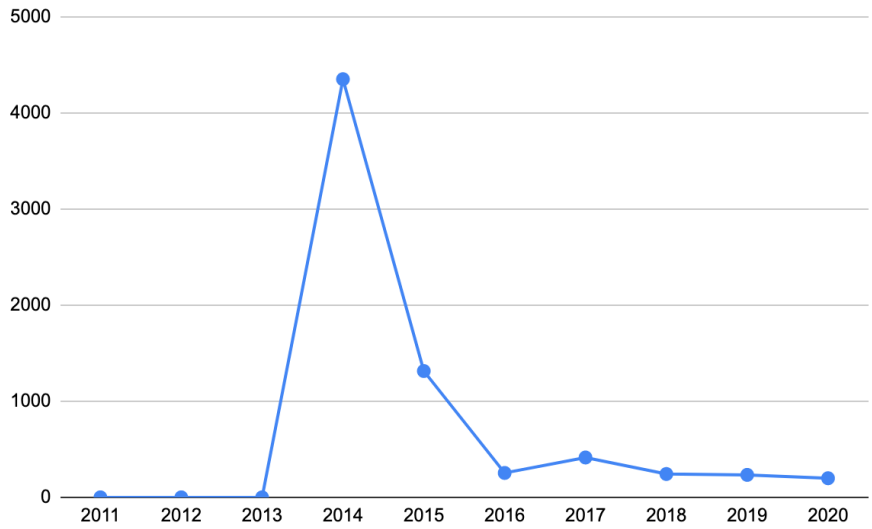
Na presente seção, pude chegar a cinco importantes constatações: (1) na ausência de conflitos étnicos e separatistas, a percepção de minorias como ameaça é consideravelmente baixa e apresenta pouca variação; (2) a percepção de minorias como ameaça está significativamente correlacionada com preferências autoritárias, embora em menor grau que em contextos de conflito e marcante apenas na fase inicial da transição; (3) *out-groups* não necessariamente apresentam menor percepção de ameaça que *in-groups* – há outras minorias que podem ter sido associadas a ameaças e a delimitação entre grupos não é tão evidente na Ucrânia; (4) as percepções de ameaças internas e externas estão parcialmente correlacionadas, sendo que ucranianófonos apresentam maior temor em relação à Rússia; (5) ao contrário do esperado na relação entre medo e atitudes autoritárias, o temor quanto à Rússia esteve associado a decréscimos nas preferências autoritárias em 2004, principalmente no que diz respeito ao apoio à volta do comunismo. Possivelmente,

perceber a Rússia como ameaça esteja correlacionado com preferências por sistemas políticos distintos ao russo, sobretudo europeus e ocidentais.

4.7 O conflito iniciado em 2014 e seus impactos na sociedade ucraniana

Nesta seção, buscarei analisar os impactos que o conflito iniciado em 2014 pode ter ocasionado na percepção de ameaças e nas atitudes políticas na Ucrânia. Inicialmente verificarei as causas e a natureza do conflito. Abaixo, apresento a variação no número total de óbitos desde 2014.

Figura 4.10 Número de óbitos no conflito no Donbass



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1.

No momento, a despeito da invasão russa à Ucrânia em fevereiro, o exército ucraniano detém o controle sobre parte do território do Donbass.

4.7.1 Causas e natureza do conflito

Há um intenso debate acadêmico acerca das causas e da natureza do conflito no Leste da Ucrânia. Parte dos autores confere maior foco a elementos internos que concorreram para a crise, ao passo que outra parte atribui à Rússia a responsabilidade principal, senão total, pelo conflito.

Um dos principais argumentos no primeiro campo foi o de Sergiy Kudelia (2014), segundo o qual o conflito armado resultou de uma interação entre variáveis estruturais e de agência, tais como: (1) fragmentação estatal, com a perda gradual do controle do Estado central sobre parte do território por pressão de manifestantes que ocuparam prédios governamentais em diferentes

regiões durante a Euromaidan; (2) mudança violenta de regime e baixa legitimidade das novas autoridades, sobretudo no Leste, onde a população percebeu as transformações como um golpe de Estado; (3) baixa capacidade coercitiva do governo; (4) emoções específicas do Donbass, como antigos ressentimentos e medo de que nacionalistas radicais fossem reprimir minorias. Os ressentimentos tiveram tanto uma vertente econômica, a percepção de que a região era uma das mais ricas do país e contribuía para "sustentar" outras regiões, quanto política, a percepção de que a derrubada do presidente Yanukovich, oriundo do Donbass, e a desintegração do Partido das Regiões levariam à perda do status privilegiado da região. Por sua vez, o medo foi reforçado por uma tentativa de nacionalistas revogarem uma lei de 2012 que conferia o status de língua oficial regional ao russo, pela difusão de termos "desumanizantes" em relação aos ativistas pró-Rússia e, principalmente, pelo crescimento da proeminência de grupos paramilitares nacionalistas que, inclusive, receberam aval do governo para combater os separatistas. Nacionalistas do Oeste e opositores de Yanukovich eram vistos como "fascistas" no Leste[357], narrativa que foi explorada pelo Partido das Regiões por anos, sobretudo após a Revolução Laranja. Kudelia (2014) menciona que a forte identidade regional no Donbass, a presença de minorias russas e a ampla difusão da língua russa tornaram a região responsiva a apelos emotivos pró-Rússia.

Também com foco em elementos domésticos, Giuliano (2015) analisa as bases sociais para o apoio à autodeterminação no Leste da Ucrânia. Para a autora, o engajamento de forças locais do Donbass não pode ser analisado apenas com base em divisões étnicas e linguísticas, mas sim levando-se em consideração acontecimentos políticos que contribuíram para a alienação política do Estado central na crise de 2014. Dois fatores levaram à tal alienação: os interesses materiais de trabalhadores industriais em preservar laços econômicos com a Rússia – o acordo econômico com a União Europeia era percebido como uma ameaça a tais laços; e a nostalgia em relação à URSS, já presente na região, mas fortalecida após elites centrais enfatizarem uma identidade nacional ucraniana etnicamente exclusivista e darem voz à direita ultranacionalista[358]. Em outro trabalho, Giuliano (2018) mostra que a etnicidade não foi um fator de polarização no Donbass, mas teve grande influência em formar atitudes políticas, uma vez que russos étnicos apresentaram maior suporte a separatismo do que ucranianos étnicos. *Surveys*, entrevistas e declarações de residentes do Donbass indicam que interesses materiais e o temor em relação a nacionalistas radicais podem ter sido mais preponderantes para o apoio ao separatismo do que posicionamentos geopolíticos ou a preocupação com questões etnoculturais, como o debate sobre a língua oficial (GIULIANO,

[357] A oposição ao "fascimo" no Leste não necessariamente implica em uma demanda por democracia. O Donbass, principal região russófona do Leste, caracteriza-se por uma alta difusão da nostalgia em relação ao passado soviético (GIULIANO, 2015).

[358] O ex-líder de um partido nazi-fascista, Andriy Parubiy, foi nomeado ao cargo de presidente do Conselho Nacional de Segurança e Defesa (RNBO). Parubiy manteve-se pouco tempo no cargo.

2018). Há evidências de que os locais do Donbass que seriam economicamente mais vulneráveis a uma integração com a União Europeia caíram mais rapidamente sob o controle separatista (ZHUKOV, 2016). Portanto, fatores econômicos teriam maior relevância do que divisões étnicas, o que explicaria por que o conflito não se expandiu para outras regiões russófonas.

No que concerne aos argumentos que ressaltam a preponderância de fatores externos, há um grande destaque para a interferência da Rússia. Andreas Umland (2014) afirma que, por meio de guerra de informação, o Kremlin e a mídia russa exploraram o medo local ao conferir uma imagem do *Right Sector* (*Praviy Sektor*), partido de ultradireita que participou ativamente da Euromaidan, como genocida e etnocêntrico. Para o autor, embora tenha posições controversas, o *Right Sector* conta com membros russófonos, o que contradiz a ideia de um conflito étnico entre um Oeste ucranianófono e um Leste russóno. Outra evidência para a atuação russa foi a falta de liderança e organização por trás da insurgência. Diferentemente da Crimeia, onde houve uma atuação moderada de organizações locais pelo separatismo, no Donbass não houve atuação significativa de agentes políticos locais dotados de recursos organizacionais e financeiros. Ademais, alguns dos principais líderes separatistas eram cidadãos russos. O autor conclui que embora houvesse insatisfações regionais, elas não eram suficientes para ocasionar o conflito.

Wilson (2016) afirma que fatores históricos e identitários, bem como temores econômicos e alienação em relação ao centro, foram apenas a "baseline" do conflito – *surveys* mostraram que, em abril de 2014, o apoio ao separatismo era por volta de 30% nas duas regiões do Donbass, Donetsk e Luhansk (WILSON, 2016, p. 642). O suporte militar russo e o papel das elites locais, ligadas ao ex-presidente Yanukovich, com o fornecimento de recursos a separatistas, foram os "gatilhos". Logo, a crise não foi uma guerra civil com intervenção externa, mas um processo catalisado e escalado por elites locais e pela Rússia. Segundo o autor, o envolvimento direto da Rússia diminuiu após agosto de 2014 para conferir a aparência de "indigenização" ao movimento. Ativistas pró-Rússia locais foram pouco significativos do ponto de vista militar, mas muito do ponto de vista político e simbólico[359]. Em períodos eleitorais, anteriores a 2014, partidos políticos recorreram a estereótipos polarizadores, tanto no Oeste quanto no Leste. A imagem do Oeste como "fascista" foi explorada por "'tecnólogos políticos' [...] como meio de territorializar o voto e assegurar o poder" (WILSON, 2016, p. 639). Shekhovtsov e Umland (2014) enfatizam que, em um contexto de guerra informacional, a mídia russa superestimou a dimensão de partidos nacionalistas radicais na política ucraniana e nos protestos de 2014. Segundo os autores, no país há pouco registro de crimes raciais e a votação expressiva de um partido nacionalista em 2012 foi motivada mais pela oposição contundente do partido a Yanukovich do que por adesão a suas ideias

[359] Wilson baseou este argumento no trabalho de Mitrokhin (2015).

nacionalistas. No geral, partidos nacionalistas radicais nunca tiveram muito apoio na política ucraniana (WAY, 2019, p. 49).

Finalmente, Katchanovski (2016) considera o caso do Donbass um conflito civil com envolvimento direto e indireto de um estado estrangeiro. Para o autor, diversos atores contribuíram para a escalada do conflito, desde separatistas locais e a Rússia a grupos de extrema-direita e o Ocidente – o último, ao apoiar a derrubada violenta de um regime pró-Rússia. Inicialmente a Rússia forneceu apoio indireto, como armas e voluntários, mas em um segundo momento, com o avanço do exército ucraniano, passou a atuar diretamente, o que levou a uma reviravolta em favor dos separatistas. Embora o conflito tenha contado com a mobilização de separatistas locais, a participação da Rússia foi fundamental para o resultado alcançado. Katchanovski argumenta que há uma polarização geopolítica nas narrativas acerca da natureza do conflito: a imprensa ucraniana e a ocidental, assim como o governo ucraniano, buscam apresentá-lo apenas como um caso de agressão externa, ao passo que o governo e a mídia russa abordam-no como um problema interno (etnorregional) ucraniano, resultado de um golpe de Estado promovido por nacionalistas radicais com a ajuda do Ocidente.

Podemos concluir que uma compreensão abrangente do conflito no Donbass deve levar em conta tanto fatores internos, como diferentes percepções de ameaça, interesses econômicos e a instrumentalização do "othering" por elites regionais e nacionais, quanto fatores externos, como a intervenção militar de uma potência estrangeira, guerra informacional e disputas geopolíticas.

4.7.2 Resultados: percepções de ameaças

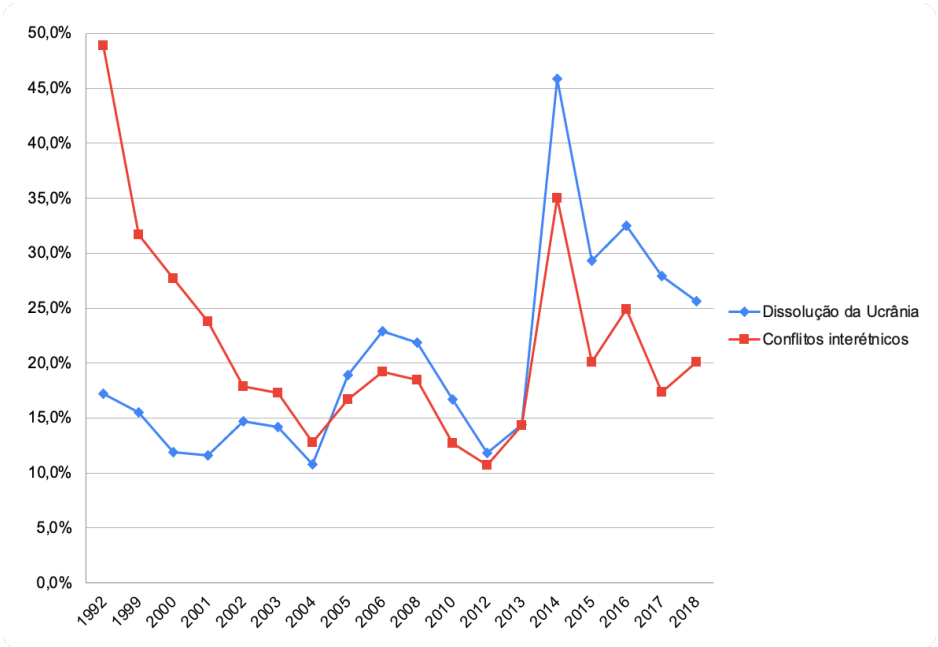
Como esperado em minhas hipóteses, há indícios de que o conflito no Donbass e a crise da Crimeia contribuíram para o crescimento de diversas percepções de ameaça na sociedade ucraniana. No entanto, o elemento que mais se destacou foi a percepção de ameaça externa, em particular por parte da Rússia. A responsabilidade pelo conflito foi em grande medida atribuída ao país, o que diferencia substancialmente o caso ucraniano do caso russo.

Embora não tenha os dados para a percepção de *out-groups* como ameaça, há duas *proxies* que podem estar relacionadas a minorias: o medo da dissolução do Estado ucraniano e de conflitos interétnicos. De acordo com o gráfico, o temor de conflito interétnico era consideravelmente alto no período posterior à dissolução da URSS, apontado por cerca de 50% da população em 1992[360], e caiu firmemente na primeira metade dos anos 2000. Já o temor em relação à dissolução do Estado

[360] Devemos ter cautela na consideração dessas variáveis como *proxies* de medo de minorias. Como mostrei anteriormente, a percepção de minorias como ameaça nos anos 1990 foi consideravelmente baixa.

ucraniano não havia registrado grandes variações. O primeiro salto de ambas as variáveis se deu logo após a Revolução Laranja de 2004: pela primeira vez, o temor de dissolução ultrapassou os 20% e o de conflitos interétnicos voltou a crescer. Após 2006, ambos voltaram a decair. Em 2014, ocorreu o maior salto de toda a série: o medo de dissolução ultrapassou os 45% e o de conflitos interétnicos alcançou os 35%. Embora os anos seguintes tenham registrado queda, os valores seguiram altos quando comparados ao período anterior ao conflito. É importante ressaltar que o *survey* não questionou a percepção dos indivíduos diretamente, mas sim como eles acreditam que a sociedade se posiciona em relação a diferentes ameaças – os dados são, portanto, *proxies* para as questões de interesse.

Figura 4.11 Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem? Dissolução da Ucrânia em distintos estados e conflitos interétnicos

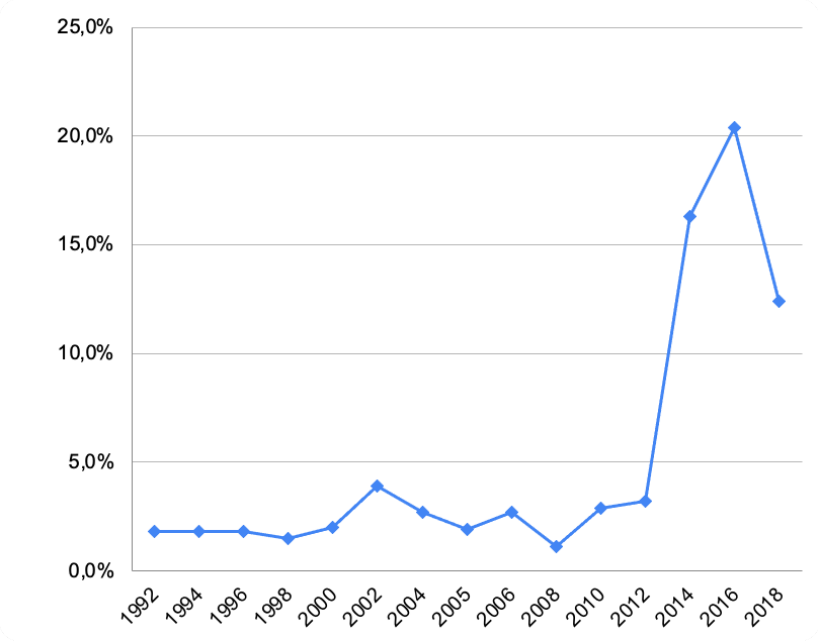


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outro indicador relacionado a uma eventual percepção de minorias russas como ameaça é a questão "no geral, não aceitaria que russos viessem para a Ucrânia". Desde o fim da URSS, o percentual de rejeição a russos foi inferior a 5% da população. Com a crise de 2014, o percentual ultrapassou 20% e voltou a cair. Cabe notar que mesmo com o conflito a rejeição a russos foi consideravelmente baixa. Em 2016, ano do pico, em uma lista com 16 etnias e nacionalidades, os russos registraram apenas a quarta maior rejeição. À sua frente estiveram árabes (26,0%), ciganos (40,7%) e chechenos (50,7%). Nas respostas não é possível identificar se os respondentes se referiam a cidadãos da Federação Russa, a russos étnicos da Ucrânia ou a ambos. Com a invasão da Rússia à Ucrânia em fevereiro de 2022, 55% afirmaram que apenas as autoridades russas devem

ser responsabilizadas pela agressão, contra 38% que mencionaram as autoridades e o povo da Rússia[361].

Figura 4.12 "No geral, não aceitaria que russos viessem para a Ucrânia"

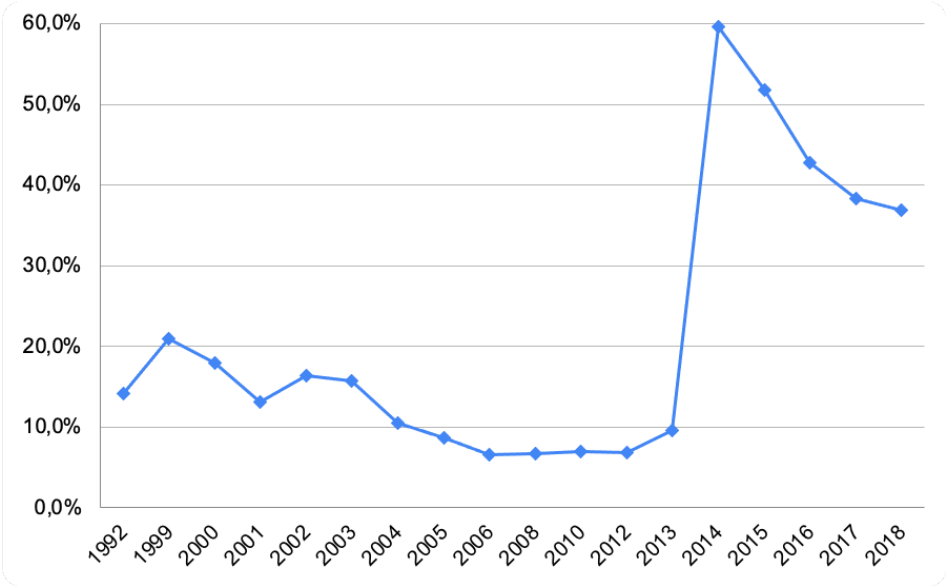


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

No que concerne a ameaças externas, o impacto da crise de 2014 é ainda mais notável. Na maior parte do período, o temor a um ataque de um inimigo externo esteve abaixo dos 20% – após 2004, abaixo de 10%. Em 2014, houve um acentuado salto para quase 60%, mantendo valores relativamente altos nos anos seguintes. O fato de a percepção de ameaça externa ter registrado percentuais bem acima das ameaças internas (conflitos interétnicos e dissolução do país) é um indício de que a crise separatista na Ucrânia é percebida mais como um problema externo, sustentado pela Rússia, do que algo endógeno, relacionado a crises na sociedade e no sistema político ucraniano.

[361] RATING GROUP. Otsenka viny narodov Rossii i Belarusi (1 marta 2022) [Avaliação da culpa dos povos da Rússia e de Belarus (1 de março de 2022)]. 03.03.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/ru/research/ukraine/ocenka_viny_narodov_rossii_i_belarusi_1_marta_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.

Figura 4.13 Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem? Ataque de um inimigo externo



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outro indicador que confirma a percepção de que o conflito é mais um problema externo do que interno é a questão acerca de com quem as forças militares ucranianas estão lutando no Donbass. Apenas uma pequena parcela da população, ao redor de 10%, considera que os separatistas são guerrilhas locais agindo independentemente de outros atores (tabela 4.7). A resposta mais mencionada no período foi a que pressupõe que os separatistas sejam mercenários russos locais e estrangeiros apoiados pela Rússia, seguida da percepção de que o conflito é diretamente contra o exército russo e, em terceiro lugar, de que é uma luta contra guerrilhas locais financiadas, armadas e controladas pela Rússia. Tal exogeneidade na percepção de ameaça pode ser um importante fator que diferencia o separatismo no Donbass da Chechênia. Como vimos anteriormente, cerca de 85% da população russa responsabilizou os chechenos pelo conflito em 2000, enquanto menos de 50% atribuíram a culpa a adversários externos, os EUA.

Tabela 4.7 "Com quem, na sua opinião, as forças militares ucranianas (exército, guarda nacional, política, SBU e etc) estão lutando no Donbass hoje no geral?"

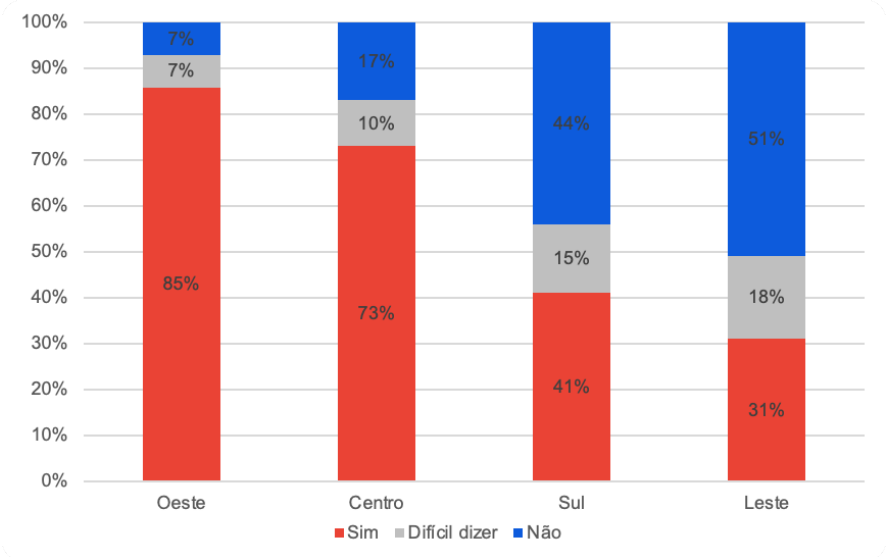
Luta	2015	2016	2017	2018
Com uma milícia local que age independentemente	4,3%	4,1%	4,1%	2,6%
Com uma milícia local e voluntários estrangeiros, agindo independentemente	6,5%	7,1%	6,9%	5,6%

Com uma milícia local financiada, armada e dirigida pela Rússia	15,9%	18,4%	18,4%	14,4%
Com mercenários russos (locais e estrangeiros, que lutam por dinheiro), apoiados pela Rússia	36,6%	36,4%	28,6%	33,1%
Com o exército regular russo	17,4%	12,8%	20,4%	16,8%
Difícil responder	19,3%	20,9%	21,5%	27,5%
Não respondeu	0,2%	0,3%	0,1%	0,0%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Entretanto, apesar da abordagem predominante do conflito como uma ameaça externa, quando observei as variações no nível regional constatei uma significativa polarização: o Oeste e o Centro percebem a Rússia como um país "agressor" muito mais que o Sul e o Leste, mesmo quatro anos após o início da guerra. Embora a polarização na sociedade ucraniana tenha diminuído significativamente após a crise de 2014, as atitudes em relação à Rússia permaneceram ambíguas em algumas regiões.

Figura 4.14 "Você considera a Rússia um país agressor em relação à Ucrânia?" (2018)

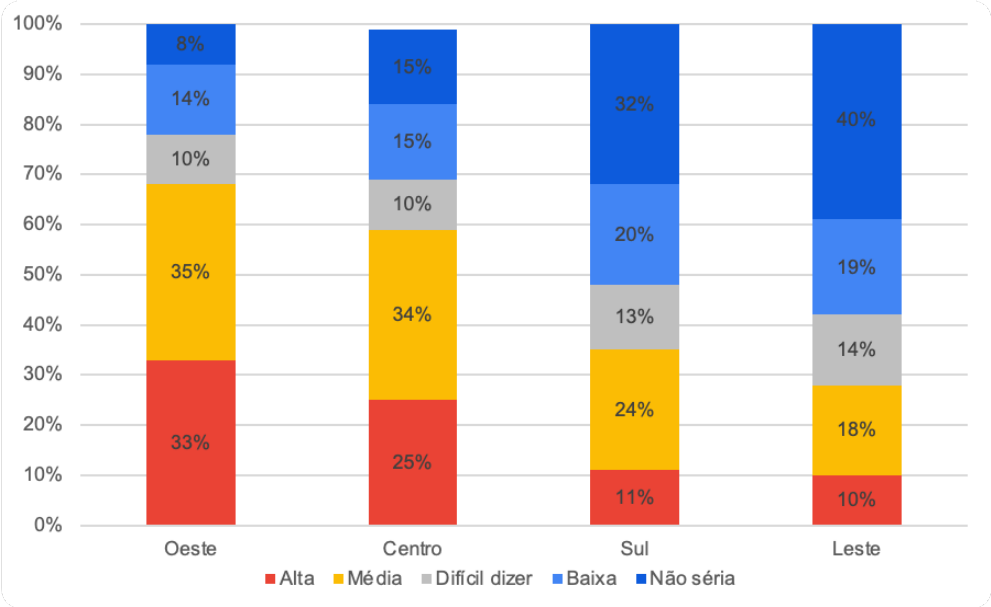


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do *Rating Group* (2018).

Uma vez que divisões regionais são em grande medida congruentes com divisões linguísticas, é também marcante a diferenciação linguística: 83% dos que falam ucraniano em casa consideram a Rússia como um país agressor, ao passo que somente 33% dos que falam russo

afirmaram o mesmo[362]. A variação regional e linguística também pode ser observada na expectativa de uma invasão terrestre de larga escala à Ucrânia por parte da Rússia (antes de 2022). Como é possível notar no gráfico abaixo, 68% dos respondentes no Oeste afirmaram haver um risco alto ou médio de invasão, ao passo que no Leste tal temor corresponde a 28%. Russos étnicos e russófonos provavelmente têm menor propensão a ver a Rússia, como uma ameaça.

Figura 4.15 "Avalie a probabilidade de uma invasão militar terrestre em grande escala da Rússia na Ucrânia?" (2018)

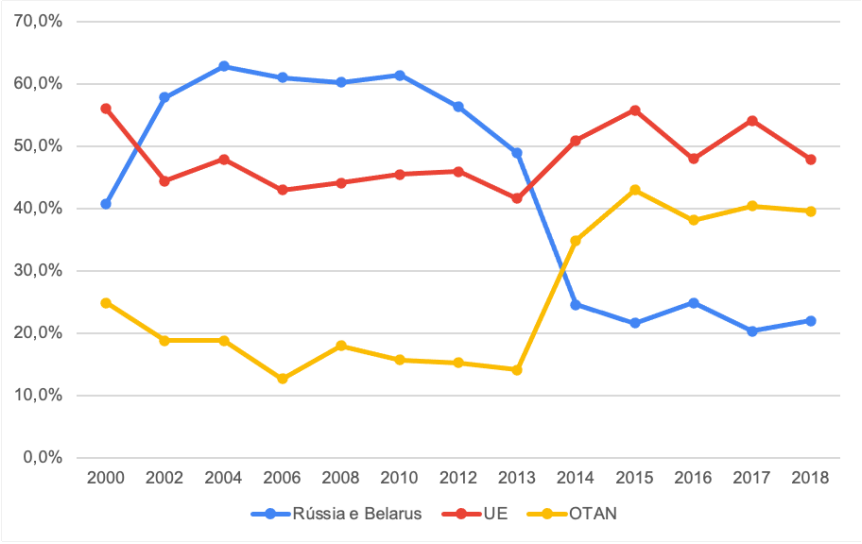


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Conforme diversos políticos ucranianos e acadêmicos enfatizaram, o conflito contribuiu para diminuir a polarização geopolítica no país, aproximando-o do Ocidente. Podemos notar que o apoio à integração com a Rússia e Belarus decaiu vertiginosamente de 2013 para 2014, ao passo que o apoio à integração com a União Europeia e, sobretudo, com a OTAN cresceu significativamente (figura 4.16). Por um lado, tal variação se deve em parte à separação de fato das regiões historicamente mais pró-Rússia, e, por outro, à percepção de que a Rússia representa uma ameaça ao país e a integração a organismos regionais de segurança pode garantir proteção contra a sua agressão.

[362] RATING GROUP. Otsinka zahroz ta stavlennya do zaprovadzhennya voyennoho stanu v Ukrayini [Avaliação de ameaças e atitude em relação à introdução da lei marcial na Ucrânia]. 12.2018. Disponível em: http://ratinggroup.ua/files/ratinggroup/reg_files/rg_martial_law_122018_press.pdf . Acesso em: 02.06.2021.

Figura 4.16 Apoio ao ingresso da Ucrânia na união da Rússia e Belarus, União Europeia e OTAN



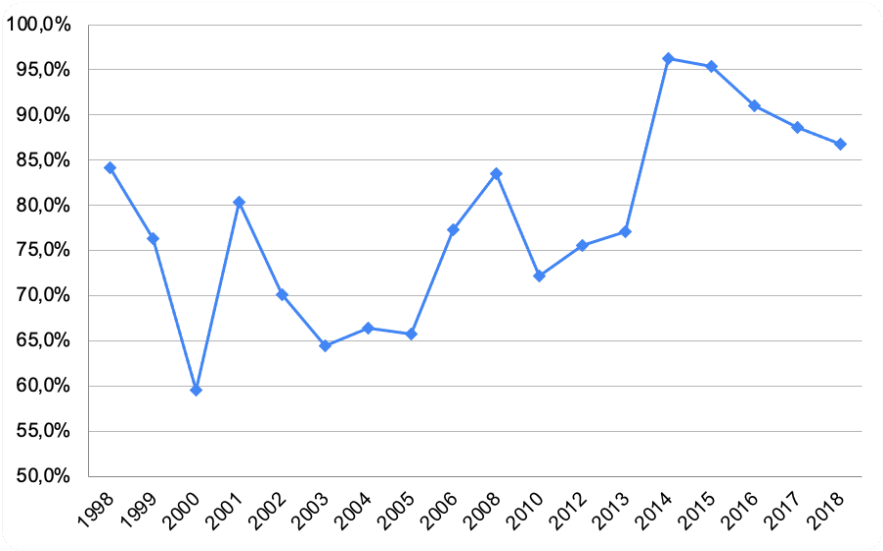
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Poucos dias após a invasão de larga escala da Rússia à Ucrânia em fevereiro de 2022, o apoio à entrada na OTAN e na União Europeia atingiu percentuais recordes – 76% e 86%[363]. Mesmo na região Leste, o apoio alcançou 55% e 72%. A atual ação russa pode estar impactando a identidade nacional ucraniana, diminuindo a antiga polarização entre russófilos e ucranianófilos em benefício dos últimos – tendência que já era observada desde 2014 (FEDORENKO ET AL., 2016; AREL, 2018).

A crise de 2014 também concorreu para um recorde na avaliação negativa da situação política no país. Em boa parte do período, a percepção de que a situação política era tensa ou crítica e perigosamente explosiva variou entre 60% e 85%. De 2013 para 2014, tal avaliação saltou de 77,1% para 96,2%. Nos anos seguintes, decaiu gradualmente, mas ainda assim se manteve significativamente acima do período pré-conflito.

[363] RATING GROUP. Obshchenatsional'nyy opros: Ukraina v usloviyakh voyny (1 marta 2022) [Pesquisa Nacional: Ucrânia em guerra (1º de março de 2022)]. 01.03.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/ru/research/ukraine/obschenacionalnyy_opros_ukraina_v_usloviyah_voyny_1_marta_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.

Figura 4.17 Como você avaliaria no geral a atual situação política do país? Tensa ou crítica e perigosamente explosiva



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outro indicador do pessimismo político na Ucrânia é a pergunta acerca de quais palavras mais refletem o atual estado da sociedade, realizada em 2018. De doze palavras possíveis, as seis mais mencionadas foram negativas, em específico desordem, pobreza, destruição, confrontação, impasse e pressão.

Tabela 4.8 Escolha na lista as palavras que para você estão mais associadas à imagem da sociedade ucraniana atual (2018)

Palavras	Percentual
Desordem	45,1%
Pobreza	33,9%
Destruição	32,3%
Confrontação	22,6%
Impasse	18,8%
Pressão	14,0%
Perspectiva	12,6%
Coesão	10,6%
Liberdade	8,9%
Crescimento	5,0%
Ordem	3,6%
Riqueza	2,6%
Não sabe	8,6%
Não respondeu	0,0%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Os *surveys* do informe "Sociedade Ucraniana" abordaram diretamente o quanto as mudanças políticas pós 2014 beneficiaram ou prejudicaram indivíduos. De 2015 a 2018 uma parcela significativa de respondentes se viu entre os perdedores das transformações. Em segundo lugar esteve a categoria que não percebeu mudanças e por último os que se consideram ganhadores.

Tabela 4.9 Você, pessoalmente, sente-se entre os "ganhadores" ou "perdedores" com as mudanças no governo em 2014?

Posição	2015	2016	2018
Entre os ganhadores	11,00%	5,30%	8,80%
Nada mudou	30,90%	26,40%	30,80%
Entre os perdedores	46,20%	55,80%	49,00%
Difícil responder	11,20%	11,40%	11,40%
Sem resposta	0,70%	1,10%	0,00%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Em 2018, questionou-se se havia confiança o suficiente de que não ocorreriam conflitos étnicos ou outros conflitos de base política, bem como se a estabilidade no Estado e na sociedade e o respeito aos direitos humanos no país também eram suficientes. Todas as questões obtiveram respostas majoritariamente negativas.

Tabela 4.10 Graus de confiança em questões políticas

Grau	Confiança de que não haverá conflitos interétnicos	Estabilidade no Estado e na sociedade	Confiança de que não haverá conflitos de base política	Respeito por direitos humanos no país
Insuficiente	59,40%	68,30%	58,70%	55,70%
Difícil dizer	25,40%	17,20%	22,80%	24,90%
Suficiente	11,40%	12,30%	12,60%	16,80%
Sem interesse	3,80%	2,20%	5,90%	2,60%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

A saliência do conflito na política ucraniana pode ser identificada pelo grau de importância atribuído pela população. Em um *survey* conduzido pelo instituto *Rating Group* em 2015, indagou-se quais eram as três questões mais importantes para a Ucrânia. Em uma lista com 16 menções, o conflito apareceu em primeiro lugar, com 60% das menções[364]. Entretanto, há uma grande variação

[364] Center for Insights in Survey Research. Public Opinion Survey Residents of Ukraine. 2015. Disponível em: <https://www.iri.org/sites/default/files/wysiwyg/2015_11_national_oversample_en_combined_natl_and_donbas_v3.pdf> Último acesso: 07.06.2021.

nas medidas defendidas para solucionar a crise. O apoio a ações militares esteve abaixo de 20%, ou seja, há uma baixa disposição social em incorrer em altos custos (tabela 4.11). Cerca de 20% defenderam soluções diplomáticas e a realização de concessões às regiões separatistas, mas o consentimento com a independência do Donbass foi a opção menos apoiada. Também chama a atenção o percentual de indivíduos que tiveram dificuldade em responder, próximo a 30%.

Tabela 4.11 "Qual dos cenários para resolver o conflito no Leste da Ucrânia você está disposto a aceitar?"

Respostas	2015	2016	2017	2018
Continuar as ações militares até que todos os territórios no Leste da Ucrânia voltem ao controle	18,3%	13,9%	15,2%	18,3%
Realizar um bloqueio econômico e territorial dos territórios não controlados até o seu retorno	22,4%	17,7%	20,4%	15,2%
Reconhecer o direito parcial à independência da DNR e LNR[365], iniciar negociações sobre seu status especial dentro da Ucrânia	18,8%	22,3%	18,6%	20,2%
Separar a DNR e a LNR da Ucrânia, recusar esses territórios	14,5%	14,7%	15,3%	13,2%
Outro	3,3%	1,5%	1,6%	3,7%
Difícil responder	22,4%	29,7%	28,8%	29,4%
Não respondeu	0,3%	0,2%	0,1%	0,0%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

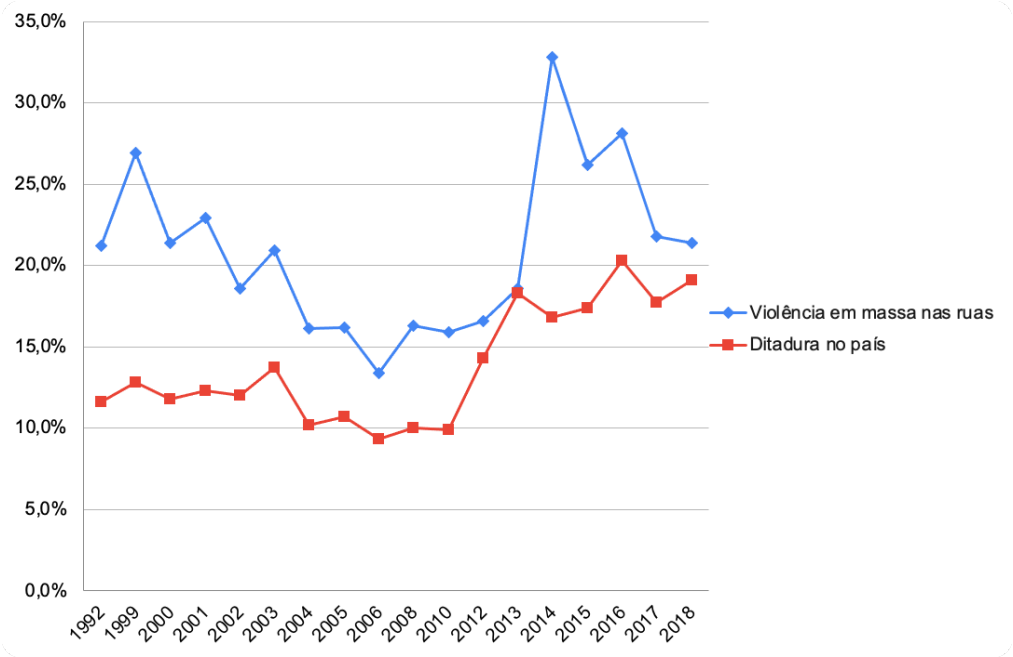
A percepção do envolvimento russo no conflito também dificulta o apoio popular aos acordos de Minsk para reintegrar o Donbass à Ucrânia. Acredita-se que ao conferir um status especial a Luhansk e Donetsk e conferir autonomia na realização de eleições locais[366], Vladimir Putin conseguirá instrumentalizá-las para influenciar diretamente a política ucraniana e, inclusive, obstruir o "curso da integração europeia". *Surveys*[367] do início de 2022 mostraram que 57% responsabilizam a própria Rússia pelo fracasso dos acordos de Minsk, 10% as regiões separatistas

[365] DNR - República Popular de Donetsk; LNR - República Popular de Luhansk. Nomes autodeclarados por separatistas nas duas regiões do Donbass (Donetsk e Luhansk).
[366] "ROSIYS′KA armiya zahruzla, ale namahayet′sya zaluchyty dodatkovi rezervy" — radnyk ministra oborony ["O exército russo está atolado, mas está tentando atrair reservas adicionais", disse um assessor do ministro da Defesa]. Suspilne, 16.03.2022. Disponível em: <https://suspilne.media/218230-rosijska-armia-zagruzla-ale-namagaetsa-zaluciti-dodatkovi-rezervi-radnik-ministra-oboroni/>. Acesso em: 20.03.2022.
[367] RATING GROUP. Suspil′no-politychni nastroyi naselennya (12-13 lyutoho 2022) [Atitude sociopolítica da população (12-13 de fevereiro de 2022)]. 16.02.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/research/ukraine/obschestvenno-politicheskie_nastroeniya_naseleniya_12-13_fevralya_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.

e 12% a Ucrânia. Cerca de 63% defendem que os acordos de Minsk sejam revistos e novos acordos sejam assinados; apenas 11% apoiaram a sua execução integral.

Finalmente, um último indicador de percepções de ameaça é a preocupação com violência em massa nas ruas e com uma eventual ditadura no país. No período anterior à Euromaidan, o temor em relação à violência nas ruas era manifestado por menos de 20% da população. Com o início da crise, o temor cresceu acentuadamente para 32,80%. Já a preocupação com uma ditadura começou a ganhar força em 2012, no governo Yanukovich. Nos anos seguintes continuou a crescer, atingindo um pico de 20,3% em 2016. Como discorri anteriormente, Yanukovich adotou uma série de reformas polêmicas de teor autoritário.

Figura 4.18 Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem? Violência em massa nas ruas e risco de ditadura no país



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Na presente subseção pudemos constatar que o conflito iniciado em 2014 teve impacto significativo na percepção de ameaças internas e externas da sociedade ucraniana, bem como nos níveis de pessimismo quanto à situação política do país. Preocupações com a dissolução do Estado, conflitos interétnicos, ataque de um inimigo externo, violência em massa nas ruas e risco de ditadura apresentaram alguns dos valores mais altos de toda a série temporal, iniciada nos anos 1990. Em níveis recordes, ucranianos afirmaram considerar a situação tensa ou crítica e perigosamente explosiva, além de manifestar preocupações com a estabilidade na sociedade e no Estado. Ao mesmo tempo, os dados revelaram que o conflito separatista é percebido mais como uma ameaça externa, promovida pela Rússia, do que um problema interno inerente ao sistema político do país. Há uma significativa polarização regional e linguística acerca da percepção da

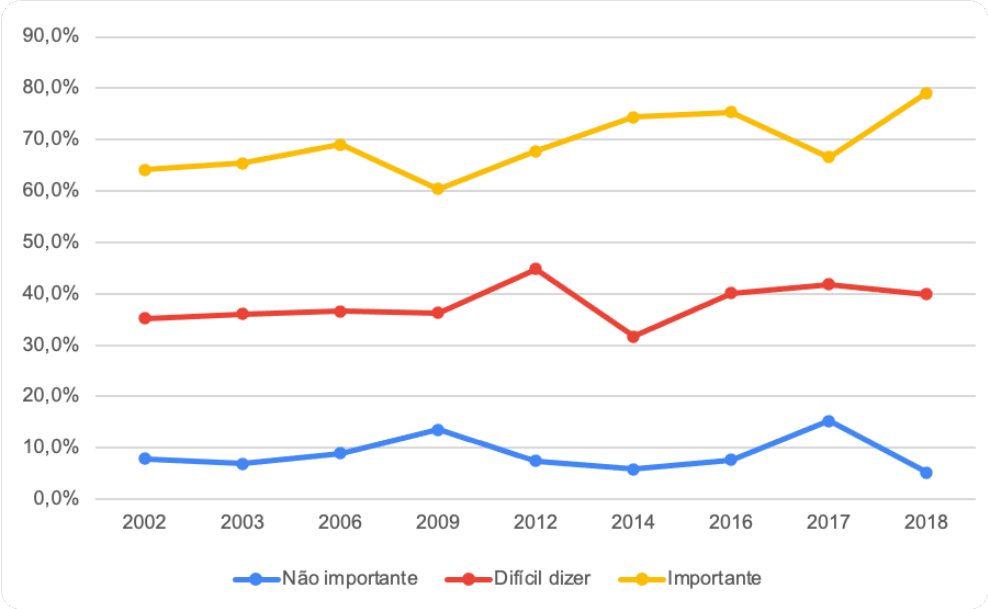
Rússia como uma ameaça. Embora a rejeição a russos tenha crescido significativamente no período do conflito, ela esteve restrita a uma parcela minoritária da população, o que também pode ser uma evidência de que a sociedade ucraniana associa o separatismo não aos *out-groups*, suas minorias étnicas, mas à atuação do Estado russo.

4.7.3 Resultados: percepções políticas e preferências de regime da população

Nesta subseção, verifico possíveis impactos do conflito em percepções e preferências políticas da população ucraniana. Os *surveys* utilizados não abordam as mesmas questões que as mencionadas no caso russo, mas busquei recorrer a algumas *proxies* que possam revelar a variação nas preferências políticas. Como mostrarei a seguir, os achados são em certa medida ambíguos. Há indícios de que preferências antiliberais ainda são fortes na sociedade, como a defesa de uma "mão forte", a relativização da democracia em benefício da ordem, o baixo apoio a um sistema multipartidário e a alta desconfiança no parlamento e nos partidos políticos. Aqueles que mais temem a agressão russa se mostraram mais predispostos a relativizar princípios democráticos, com a introdução da lei marcial. Por outro lado, o apoio à democracia como conceito abstrato e a um sistema multipartidário cresceu após 2014, a relativização de protestos em benefício da ordem manteve-se baixa, apesar de um salto no início do conflito, e a maior parte da população foi contra a introdução da lei marcial.

Um primeiro indicador associado a preferências democráticas é a pergunta acerca do quão importante é o desenvolvimento democrático do país. Podemos observar num pequeno crescimento da percepção de importância de 2012 para 2014. Em 2017 houve uma queda, mas em 2018 um novo aumento. Logo, não há evidências de que o conflito possa ter impactado negativamente as preferências por democracia como um conceito abstrato.

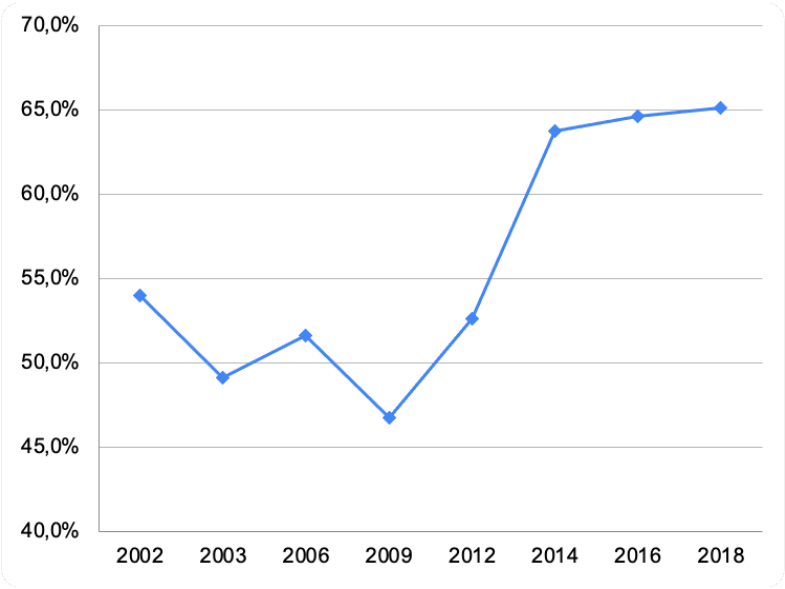
Figura 4.19 Importância do desenvolvimento democrático do país



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outro indicador importante diz respeito à possibilidade de crítica e de controle democrático das decisões das "estruturas de poder". Como podemos notar, de 2012 para 2014 há um aumento de quase 10% e a tendência se mantém crescente nos anos seguintes. Não é possível afirmar, contudo, se em 2013 já havia tal tendência, nem se a variação identificada se deve ao fato de parte da população (Crimeia e Donbass) ter sido excluída dos *surveys*.

Figura 4.20 Importância da possibilidade de crítica e controle democrático das decisões das estruturas de poder

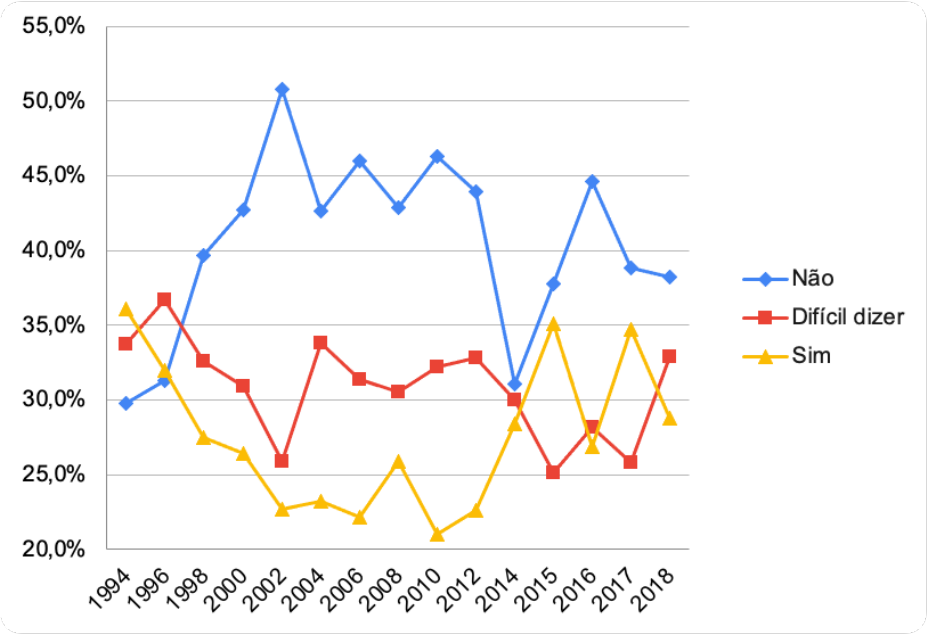


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Preferências institucionais também podem ser observadas no nível de apoio a um sistema multipartidário. De acordo com o gráfico, a rejeição a um sistema multipartidário sofreu uma

queda acentuada de 2012 para 2014. Já o nível de aprovação nos anos seguintes se manteve acima do nível pré-conflito, registrando um aumento significativo. Cabe destacar que em quase toda a série o nível de rejeição é superior ao nível de aprovação, o que demonstra um considerável grau de tendências antiliberais na população.

Figura 4.21 "Na sua opinião, a Ucrânia precisa de um sistema multipartidário?"



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

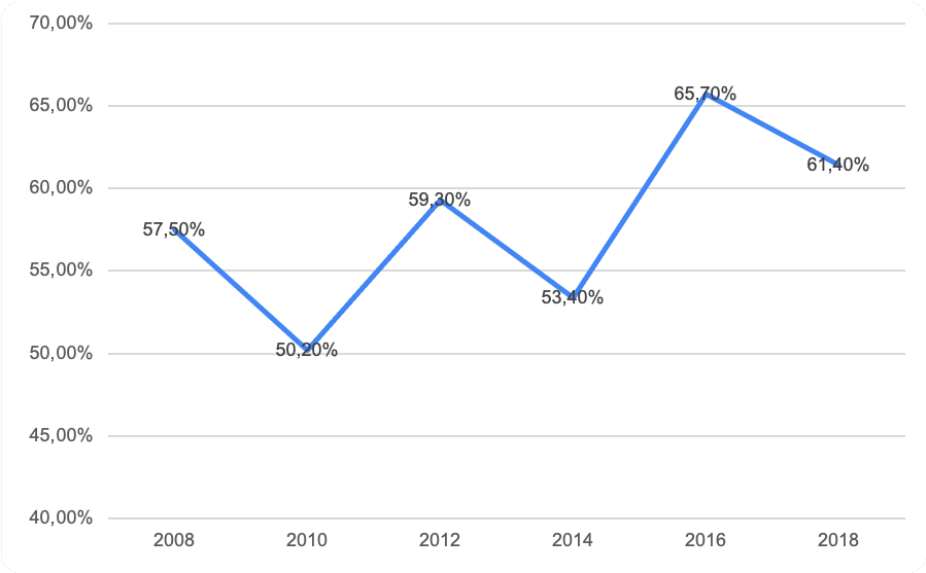
Os indícios de demandas por democracia podem ter aumentado após o início do conflito no Donbass são um intrigante achado. Enquanto no caso russo o conflito contribuiu para o aumento de preferências autoritárias, no caso ucraniano há tendências ambíguas que, em parte, apontam para uma tendência pró-democracia. Meu argumento principal para elucidar esse fenômeno diz respeito ao fato de o conflito no Donbass ter sido compreendido como um problema externo, demandando uma integração com o Ocidente para reduzir a vulnerabilidade do Estado ucraniano. Ou seja, o conflito permitiu ao Ocidente alavancar a sua influência sobre as elites e a sociedade ucraniana, de maneira análoga ao efeito verificado em diversos países do Leste Europeu nos anos 1990. Também pode ter gerado uma pressão para a Ucrânia se "diferenciar" politicamente do "país-agressor", a Rússia.

Embora os indicadores acima evidenciem que as mudanças ocorridas em 2014 possam ter contribuído para o aumento de preferências democráticas no agregado da população, há outras questões que apresentam tendências negativas, sobretudo as relativas ao grau de confiança institucional.

Indivíduos foram questionados sobre o quão satisfeitos estavam com o desenvolvimento democrático do país. De 2012 para 2014, houve uma queda no grau de insatisfação, mas de 2014

para 2016 houve um aumento de mais de 10%, correspondente ao pico de toda a série. Possivelmente, as insatisfações estão relacionadas às consequências econômicas negativas ocasionadas pelo conflito. Contudo, elas não necessariamente refletem demandas autoritárias: é possível que parte dos indivíduos almejava ainda mais democracia e estavam descontentes com resultados modestos alcançados até então.

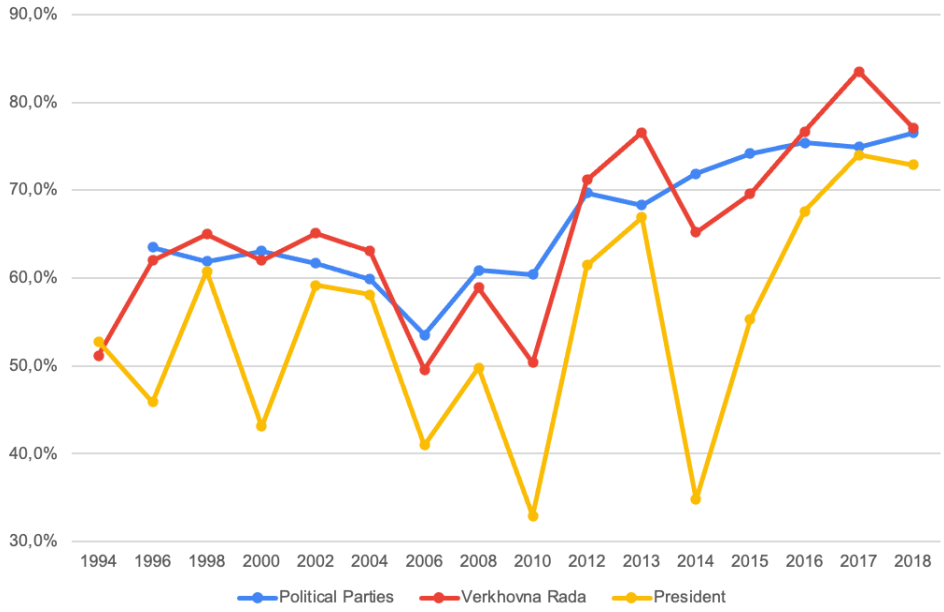
Figura 4.22 "Em que medida você está satisfeito ou insatisfeito com a maneira com que a democracia está se desenvolvendo no nosso país?". Grau de insatisfação (totalmente ou provavelmente insatisfeito).



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

A variação no grau de confiança em instituições de governo também foi marcante. A desconfiança em relação a partidos políticos cresceu constantemente de 2013 a 2016. Já a desconfiança no parlamento (*Verkhovna Rada*) e, sobretudo, no presidente sofreu queda de 2013 para 2014, mas nos anos seguintes apresentou uma tendência rápida de crescimento. Em 2017 e 2018 as três instituições registraram os maiores índices de toda a série iniciada nos anos 1990 – todas com grau de desconfiança superior a 70% da população. A insatisfação com essas instituições, contudo, não necessariamente corresponde a demandas autoritárias. A forte queda da desconfiança no presidente em 2014, ano do conflito, pode denotar tanto o efeito "lua de mel", quando no início do mandato há uma maior aceitação do incumbente, quanto um efeito "rally 'round the flag" ocasionado pelo conflito.

Figura 4.23 Grau de desconfiança institucional



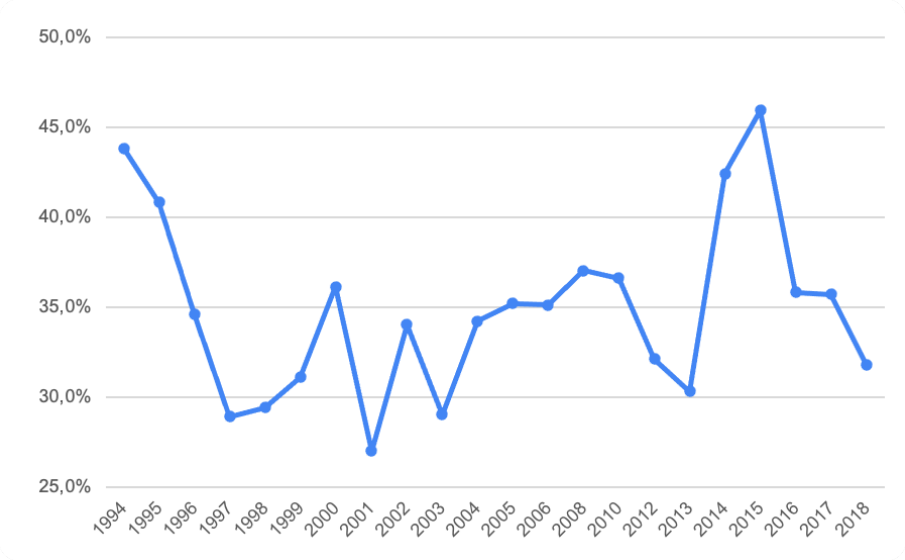
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

É interessante notar que a invasão da Rússia à Ucrânia de 2022 desencadeou um rápido efeito "rally 'round the flag" em benefício do incumbente. As pesquisas de opinião pública anteriores ao conflito mostravam uma baixa popularidade de Zelensky, pouco acima dos 30%. Alguns dias após o início da beligerância, a aprovação das suas ações ultrapassou a marca de 90%[368].

Conforme constatei na análise do caso russo, preferências institucionais e atitudes políticas devem ser analisadas tendo em vista o contexto e a percepção de *trade-offs* que indivíduos experienciam no dia a dia. Uma questão que parece demonstrar tal percepção de *trade-off* é a que indaga os indivíduos se é melhor protestar por melhores condições materiais ou abdicar de protestos em prol da manutenção da ordem, paz e tranquilidade no país. Em 2013, a preocupação com a estabilidade registrou um dos menores valores da série, na casa dos 30%. Em 2014, houve um aumento de mais de 12% e, em 2015, registrou o pico de todo o período, com 45,9% priorizando a manutenção da ordem.

[368] RATING GROUP. Obshchenatsional'nyy opros: Ukraina v usloviyakh voyny (1 marta 2022). 01.03.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/ru/research/ukraine/obschenacionalnyy_opros_ukraina_v_usloviyah_voyny_1_marta_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.

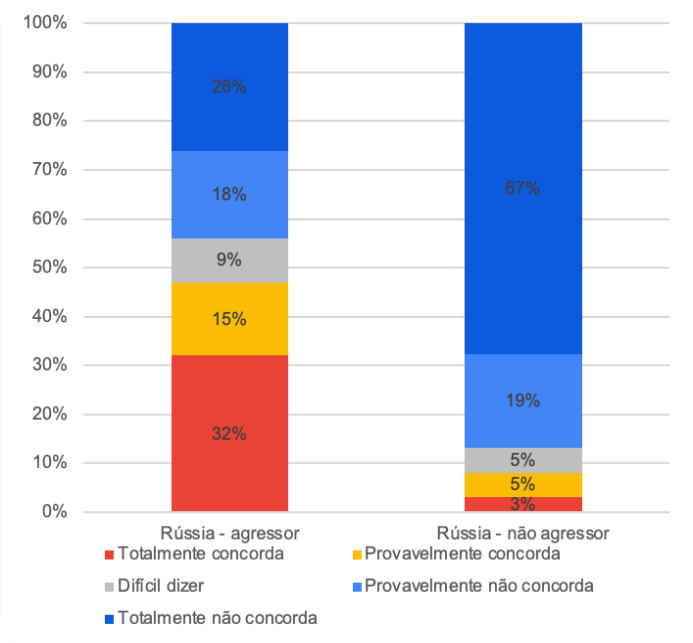
Figura 4.24 "O que, na sua opinião, é melhor – tolerar quaisquer dificuldades materiais em prol da manutenção da ordem, paz e tranquilidade no país ou, em casos de deterioração significativa das condições de vida, sair na rua para protestar?" Respostas em prol de ordem.



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outra questão que reflete o impacto do contexto em preferências políticas diz respeito ao apoio à instituição da lei marcial na Ucrânia em 2018, como resposta à agressão russa. A medida gerou intensa discussão no país, por conferir poderes especiais ao presidente, ainda que por um período curto e apenas em algumas regiões. Os indivíduos que mais temem a Rússia e consideram-na um "país agressor" apoiaram muito mais a medida (47%) do que indivíduos que não a consideram um "país agressor" (8%) (figura 4.25). Esse é um indício de que indivíduos que apresentam maior percepção de ameaça são mais predispostos a aceitar a relativização de direitos e uma "mão forte" se houver uma expectativa de que a medida providenciará maior grau de segurança.

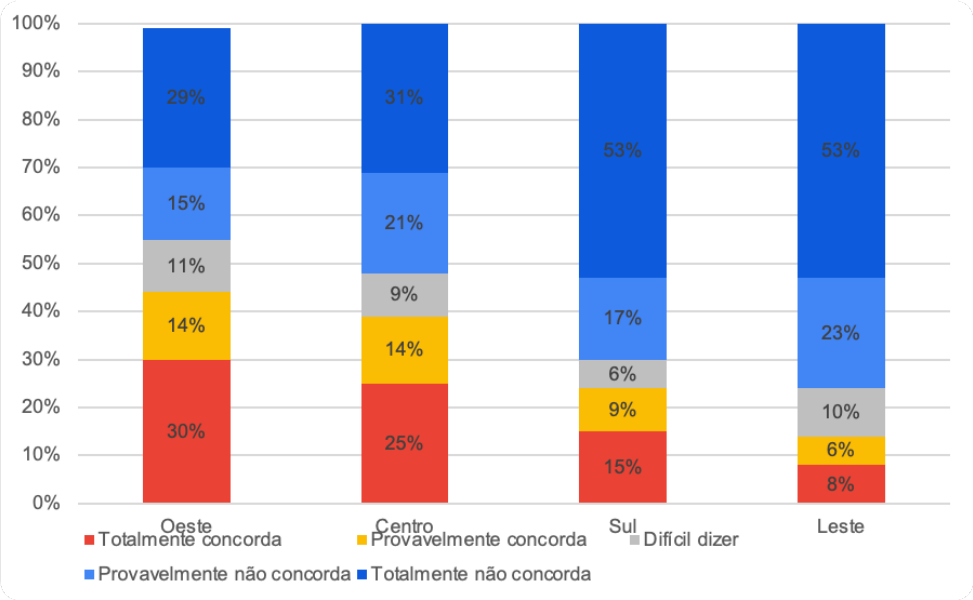
Figura 4.25 "Em 26 de novembro de 2018, a lei marcial foi imposta em algumas regiões da Ucrânia por 30 dias. Você apoia esta decisão das autoridades ucranianas?". Divisão entre os que consideram e não consideram a Rússia um país agressor.



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Uma vez que há uma maior percepção da Rússia como país agressor no Oeste, de maior concentração de ucranianos étnicos e ucranianófonos, o apoio à lei marcial foi consideravelmente maior na região e no Centro do que no Sul e no Leste. A lei marcial entrou em vigor no Sul e no Leste, regiões próximas à Rússia, o que também pode ter influenciado no menor apoio à medida.

Figura 4.26 "Em 26 de novembro de 2018, a lei marcial foi imposta em algumas regiões da Ucrânia por 30 dias. Você apoia esta decisão das autoridades ucranianas?". Divisão por regiões.

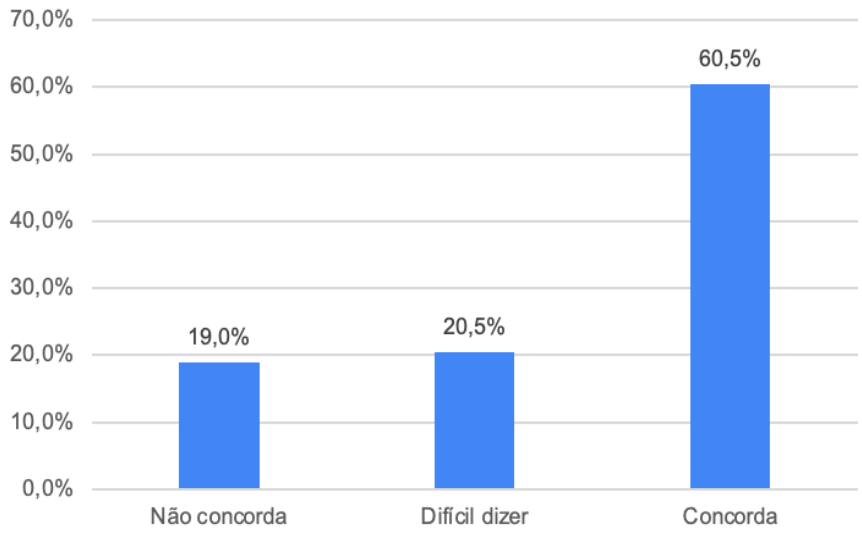


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Quando examinei as divisões linguísticas, constatei que 45% dos que falam ucraniano em casa apoiam a medida, frente a 17% dos que falam apenas russo[369].

Finalmente, uma última questão que pode revelar um elevado grau de preferência autoritária é o apoio a um líder forte em detrimento da democracia. *Surveys* de 2018 indagaram indivíduos se para o desenvolvimento normal do país era necessária uma "mão forte" e não "conversas sobre democracia". Como podemos observar, 60,5% concordaram com a afirmação. Por outro lado, a colocação da pergunta, sugerindo um uso retórico da democracia, pode ter estimulado uma resposta enviesada. Alternativas como a comparação entre uma "liderança forte" e uma "liderança democrática" poderiam ter incorrido em outros resultados.

Figura 4.27 "Para o desenvolvimento normal do país é necessária uma "mão forte" e não conversas sobre democracia"



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Também se questionou se uma vontade política unida mantém a estabilidade na sociedade melhor que um conjunto de diferentes pontos de vista. Ao todo, 43,2% concordaram, contra 27,6% que discordaram[370]. Em outra questão, indivíduos foram indagados se apenas a política da "mão forte" era capaz de manter a ordem na sociedade: 58,5% concordaram, contra 19,8% que discordaram. Apesar do elevado nível de preferências antiliberais, não podemos afirmar se o conflito contribuiu para o seu crescimento, dada a ausência de dados para outros anos.

Conforme mencionei na introdução desta seção, meus achados são ambíguos. Encontrei evidências de que após a crise de 2014 preferências por democracia, como um conceito abstrato,

[369] RATING GROUP. Otsinka zahroz ta stavlennya do zaprovadzhennya voyennoho stanu v Ukrayini. 12.2018. Disponível em: <http://ratinggroup.ua/files/ratinggroup/reg_files/rg_martial_law_122018_press.pdf> . Acesso em: 02.06.2021.
[370] Informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

apresentaram um crescimento significativo – possivelmente devido à percepção de que um regime com fortes tendências autoritárias havia sido derrubado. Contudo, quando olhamos para questões contextuais que envolvem percepções de *trade-offs* associados a ordem, estabilidade e mesmo segurança contra um estado agressor, vemos que há uma considerável tendência a se relativizar princípios democráticos. Também é notável que a confiança em instituições como partidos políticos, o parlamento e o presidente atingiram o menor nível desde os anos 1990 após o início do conflito no Donbass.

4.7.4 Outras consequências do conflito

A análise do impacto do conflito no sistema político ucraniano teve duas grandes vertentes. Uma diz respeito aos seus efeitos no sistema partidário, enquanto a outra ressalta as medidas restritivas adotadas pelas elites centrais sob o pretexto de garantir a segurança nacional.

A primeira vertente foi abordada por Fedorenko, Rybiy e Umland (2016), que analisaram como o conflito contribuiu para a diminuição do "fator russo" e da clivagem geopolítica no sistema eleitoral. Para os autores, tal diminuição pode ser o sinal da emergência da consolidação de uma nação política, em torno de um maior consenso trans-regional acerca da integração com a Europa. O conflito com a Rússia e a percepção de ameaça colaboraram para esse consenso. Partidos não recorreram a tópicos polarizantes, mas enfatizaram a ideia de unidade transversal a regionalismos e à etnicidade, inclusive no Sul e no Leste. Contudo, os autores reconhecem que o fenômeno está também associado à alienação de um segmento do eleitorado: a Crimeia e grande parte do Donbass, regiões tradicionalmente pró-Rússia, não participaram do pleito eleitoral; muitos deslocados do conflito não votaram; outras regiões russófonas do Sul e do Leste tiveram baixo *turnout* eleitoral e o Partido Comunista da Ucrânia, com maior adesão de russófonos, foi banido em 2015. Divisões geopolíticas ainda estão presentes, mas em menor escala. Os autores consideram que a diminuição do impacto da etnicidade e da questão linguística é benéfica à consolidação da *polity* ucraniana.

No que concerne ao impacto do conflito na liberdade de expressão, Way (2019) admite que de fato algumas restrições podem ser justificadas do ponto de vista da garantia de segurança nacional, como as limitações à atuação da mídia russa, que foi utilizada pelo Kremlin como instrumento de guerra informacional contra a integridade territorial ucraniana. Contudo, enfatiza que uma série de medidas extrapolaram os limites do equilíbrio entre segurança e liberdade, previsto em documentos internacionais. Entre as extrapolações estão a censura a redes sociais, livros, séries e filmes russos, a perseguição e prisão de jornalistas, a instituição da lei marcial, o

fechamento de canais, rádios e partidos comunistas, bem como a adoção de políticas de conteúdo nacionalista, que podem dificultar o apoio ao projeto de *state-building* ucraniano no Sul e Leste do país – exatamente a região que mais foi alvo da agressão russa. O Ocidente não deu a devida importância aos abusos cometidos, inclusive a organização *Freedom House* (WAY 2019, p. 57). Na seção qualitativa veremos como algumas regiões do Leste foram apresentadas como a "quinta coluna" russa (sinônimo de "traidores") na Ucrânia desde os anos 2000.

Apesar das restrições, Way afirma que a democracia ucraniana continua extraordinariamente dinâmica, com uma oposição e mídia atuantes, e que o eleitorado das regiões russófonas puniu Poroshenko eleitoralmente por ter ignorado os seus interesses – a votação em seu concorrente, Volodymyr Zelensky, foi expressiva nessas regiões. Para Fedorenko et al. (2016, p.621), o banimento do Partido Comunista e a adoção de leis anticomunistas foram mais medidas populistas para agradar parte do eleitorado em período de crise do que uma tentativa de remover um competidor do campo de oposição, uma vez que o partido já vinha perdendo força há alguns anos.

Em fevereiro de 2021, três canais ligados a lideranças do partido "Plataforma de Oposição – Pela Vida" (OPZZh) foram fechados, através de decreto presidencial, por veicular posicionamentos pró-Rússia. O diretor do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) afirmou na ocasião que "a liberdade de expressão termina onde aparecem sinais de ataque à integridade territorial e à soberania da Ucrânia" e que era necessário introduzir sanções "para não permitir a realização de uma campanha informacional anti-ucraniana pelo estado-agressor"[371]. Críticos questionaram a maneira em que a decisão foi tomada, sem contar com o devido processo judicial. A medida foi vista como uma tentativa de Zelensky de mostrar a seus opositores que ele estava tomando uma posição dura contra a interferência russa e de diminuir a influência do OPZZh, partido então com o maior apoio eleitoral[372]. Viktor Medvedchuk e Taras Kozak, líderes do OPZZh, foram sancionados em maio de 2021 por "traição" e envolvimento com a Rússia[373].

Em março de 2022, semanas após o início da invasão russa à Ucrânia, o Conselho Nacional de Segurança e Defesa (RNBO), empoderado pela lei marcial, interrompeu a atividade de onze

[371] KHOMENKO, Svyatoslav. Ukraina zakryla "prorossiyskiye telekanaly". Zelenskomu grozyat impichmentom. BBC, 03.02.2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/russian/features-55925259>. Acesso em: 06.06.2021.
[372] KHOMENKO, Svyatoslav (BBC).
[373] Ukraina: kuma Putina Viktora Medvedchuka zapodozrili v gosizmene. Chto yemu stavyat v vinu? [Ucrânia: O compadre de Putin, Viktor Medvedchuk, era suspeito de traição. Pelo que ele está sendo culpado?]. BBC, 11.05.2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/russian/news-57076293>. Acesso em: 06.06.2021.

partidos de oposição por seus pretensos vínculos com a Rússia, inclusive o OPZZh[374]. Alguns membros do partido deixaram a Ucrânia antes do banimento.

Os fatos apresentados acima trazem indícios de que conflitos podem afetar a competitividade do sistema político não apenas com a adoção de instituições autoritárias, como ocorreu no caso russo, mas também com o cerceamento à liberdade de expressão embasado em preocupações com a segurança nacional. É de extrema complexidade identificar onde está o equilíbrio entre liberdade e segurança, bem como onde está o limite entre ameaça real e estratégias antiliberais de elite na competição política – questões que permeiam o debate da "democracia militante". Elevadas percepções de ameaça podem facilitar a aceitação social a medidas de restrição, mesmo que a priori não haja preferências por instituições autoritárias.

4.8 Conclusão

A análise inicial do caso ucraniano trouxe algumas evidências para as hipóteses de interesse da presente tese (H1-H4). Em um primeiro momento, como contrafactual ao caso russo, identifiquei que na ausência de conflito étnico e separatista a percepção de minorias como ameaça é relativamente baixa e apresenta pouca variação. Há uma correlação entre percepção de ameaça e preferências autoritárias, mas menos notável que no caso russo. Ademais, observei um decréscimo das preferências autoritárias dos anos 1990 para os 2000, enquanto no caso russo houve um aumento durante a Segunda Guerra da Chechênia.

Em um segundo momento, observei o impacto do conflito iniciado em 2014 na sociedade e política ucraniana. Em concordância com as hipóteses, há um significativo aumento de diferentes percepções de ameaça. No entanto, as ameaças mais significativas são as externas – a intervenção russa –, e não o medo de minorias. Em relação às preferências autoritárias, encontrei evidências ambíguas. Por um lado, aparentemente há um aumento de algumas atitudes democráticas após 2014, como o apoio à democracia como conceito abstrato e a um sistema multipartidário. Porém, há também um aumento na desconfiança institucional, uma percepção de que manifestações podem causar desordem, a defesa de uma "mão forte" e da garantia da ordem, bem como uma maior inclinação à relativização de princípios democráticos (ao menos temporária) para os grupos que mais temem agressão russa, como constatei no apoio à introdução da lei marcial – evidência que vai ao encontro das hipóteses. Os dados disponíveis para o período de conflito não permitem análises de estatística inferencial.

[374] Zelenskiy: SNBO ostanavlivayet deyatel'nost' OPZZH, Partii Shariya i drugikh [Zelensky: o SNBO interrompe as atividades do OPTsZh, do Partido de Shariy e outros]. Ukrainskaya Pravda, 20.03.2022. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2022/03/20/7332907/>. Acesso em 24.03.2022.

Em síntese, a menor percepção de minorias como ameaça e a menor inclinação a preferências autoritárias no conflito ucraniano, quando comparado ao caso russo, apontam para uma possível causalidade alternativa: uma vez que o conflito é percebido e apresentado como um problema integralmente externo, em vez de interno, não há responsabilização notável de *out-groups* pela sua causa nem de instituições democráticas da competição política. Setores específicos da oposição foram responsabilizados e sancionados pelo envolvimento com o "país agressor", o que certamente afetou a competição política doméstica, mas as instituições não sofreram alterações autoritárias substanciais sob o pretexto de solucionar o conflito e garantir a ordem.

As elites nacionais podem ter encontrado dificuldade em definir os contornos dos *in-groups* e *out-groups*, dados os seguintes fatores: a complexidade das clivagens étnicas, linguísticas e regionais; a baixa saliência da diferenciação étnica entre russos e ucranianos; a ausência de um histórico de animosidade interétnica; o elevado tamanho demográfico dos grupos percebidos como "minorias" – diferentemente da Rússia, o seu voto (os "swing voters") pode ser decisivo para uma eleição presidencial nacional; e a própria preocupação em a politização da etnicidade acirrar sentimentos irredentistas por parte de minorias russas ou russófonas que pudessem ser utilizados pela Rússia como pretexto para uma interferência direta – nos anos 1990, a Rússia interferiu diretamente na Moldávia (secessionismo da Transnístria) e na Geórgia (Abecásia e Ossétia do Sul). Após 2014, responsabilizar a Rússia, em vez de parte da população, pode ter constituído uma estratégia para facilitar a reincorporação do Donbass ao território ucraniano sem acirrar animosidades sociais. Também podemos mencionar o caráter periférico do conflito: enquanto na Ucrânia a guerra se limitou ao Donbass, na Rússia o conflito separatista teve impacto em outras regiões, com a invasão de guerrilheiros chechenos ao vizinho Daguestão em 1999 e os atentados terroristas a diferentes cidades russas, inclusive Moscou, ao longo dos anos 2000 e início dos anos 2010. Tais características podem ter contribuído para uma maior percepção de *out-groups* como ameaça na Rússia. Um último elemento de comparação diz respeito ao êxito no conflito: a Segunda Guerra da Chechênia teve resultados rápidos e de relativo êxito para o incumbente, a população pode associar o sucesso militar à liderança da "mão forte"; na Ucrânia, a guerra do Donbass já dura oito anos e o incumbente não implementou uma resolução rápida e exitosa. Futuras pesquisas poderão revelar o quanto esses fatores foram determinantes para a diferenciação do caso russo e ucraniano.

A baixa oposição à democracia e as pressões no sentido contrário podem ter sido influenciadas tanto pela percepção de que, para lidar com o conflito e se proteger contra uma agressão por parte da Rússia, seria necessário se integrar ao Ocidente, quanto pela busca de se

diferenciar politicamente do "agressor". A influência do Ocidente, fator apontado em diversos estudos sobre democratização no Leste Europeu, foi alavancada pelo conflito.

Nos próximos capítulos veremos como as elites ucranianas abordaram discursivamente a questão étnica e regional desde os anos 1990, com destaque para a crise de 2014, e a evolução da narrativa da "quinta coluna" na imprensa nacional.

Capítulo 5. O caso da Ucrânia: Estratégias de elites e o discurso do *trade-off*

Assim como procedi com o caso da Rússia, nesta seção analiso os discursos dos presidentes da Ucrânia de 1994 a 2020 no intuito de identificar se houve tentativas de formular uma narrativa que opusesse democracia e ordem. Em particular, verifico se os incumbentes ucranianos mobilizaram a diversidade étnica e linguística do país como estratégia de legitimação de mudanças institucionais autoritárias, a hipótese H5. Também examino se a partir do conflito de 2014 houve mudanças significativas no discurso oficial. A análise pré-2014 serve de contrafactual ao caso russo, uma vez que se trata de um país com alta diversidade e que enfrentou os desafios da transição tripla, mas não passou por conflitos separatistas no período de transição – logo, espero encontrar poucas referências à questão etnonacional. Já a análise a partir de 2014 corresponde a um caso alternativo de conflito, diferenciado do caso russo por ter um forte componente externo, o que permite o teste da hipótese H6.

No caso russo, constatei que de fato o conflito separatista na república da Chechênia e a diversidade etnonacional do país foram mobilizados como recurso não-material de poder, destinado à legitimação de mudanças institucionais. Já no caso ucraniano, como apresentarei a seguir, não identifico o mesmo padrão. Salvo por pressões autonomistas na república da Crimeia no início dos anos 1990, a Ucrânia não enfrentou problemas acentuados de *stateness* e conflitos separatistas ao longo do de sua transição. Embora a abertura política e o processo de liberalização tenham sido, em certa medida, associados a turbulências econômicas, a integridade territorial do Estado não foi ameaçada por um período prolongado. Logo, houve poucas oportunidades para as elites buscarem mobilizar uma concepção de antagonismo entre democratização e ordem que envolvesse a questão etnonacional. O conflito iniciado em 2014 poderia ter aberto precedentes para tal narrativa, mas uma vez que as elites o abordaram como um problema externo, as possibilidades de instrumentalização na política doméstica foram limitadas. Ademais, a dependência da ajuda do Ocidente para aumentar a proteção contra a Rússia gerou pressões para as elites adotarem discursos e posicionamentos mais liberais. A percepção de ameaça à segurança

nacional foi utilizada para desmobilizar grupos específicos de oposição, no âmbito da "democracia militante", e promover o efeito "rally 'round the flag", mas não para conduzir mudanças institucionais amplas no sistema político. Conflitos apresentam alto potencial de impacto na competição política nacional: seus efeitos são contingentes não apenas à natureza da ameaça, mas também ao *framing* que as elites centrais conferem, à atuação externa (pressões do Ocidente) e às oportunidades propiciadas pela presença ou ausência de definições claras acerca de quem são os *in-groups* e *out-groups*.

Nas próximas seções discorrerei sobre a estratégia empírica de coleta de dados, para, em seguida, exibir uma análise quantitativa e qualitativa dos discursos de elite.

5.1 Estratégia empírica

Assim como no caso russo, a estratégia empírica de coleta de dados consistiu em duas etapas. Na primeira, identifico a frequência de termos associados à ideia de *trade-off* entre democracia e ordem. Já na segunda, analiso qualitativamente o conteúdo desses discursos a fim de examinar se de fato houve tentativas de se desenvolver uma narrativa de *trade-off*, além de verificar como o conflito e a questão etnolinguística foram abordados pelas elites ucranianas.

A principal fonte de dados deste capítulo são as proclamações anuais presidenciais ao parlamento, realizadas de 1994 a 2020[375], que contam com significativa cobertura midiática e constituem um importante meio de comunicação do incumbente acerca do curso político e econômico do país. Alguns anos não foram incorporados à análise, seja pela indisponibilidade de material, seja pelo formato da apresentação que se distinguiu substancialmente dos demais. Por exemplo, em 2012 e 2013 o presidente Viktor Yanukovich não discursou no parlamento, apenas entregou um texto, com centenas de páginas, aos deputados. Em quatro casos (2002, 2003, 2004 e 2006) utilizo não o discurso oficial em si, mas a proclamação de sua apresentação ao parlamento, de aspecto mais sintético e menos técnico. Dois anos (1998 e 2002) contaram com dois discursos cada e em 2007 não houve proclamação. Minha análise abrange ao todo 22 documentos associados a seis presidentes.

Como no caso russo, codifiquei não a frequência de palavras, mas todo o parágrafo em que o termo foi mencionado. Geralmente um parágrafo exprime uma ideia completa e concisa, logo tal estratégia pode ser um melhor indicador para detectar qual a parcela de cada discurso foi dedicada aos tópicos de interesse[376]. Em algumas raras exceções, parágrafos que exprimiam ideias

[375] Em 2010 o discurso foi intitulado "proclamação do presidente ao povo ucraniano".
[376] Vale mencionar que o título do discurso e algumas informações específicas como a data não foram desconsiderados na análise dos percentuais.

muito diversas foram fracionados. Vale notar que um mesmo parágrafo pode ser enquadrado em diferentes tópicos simultaneamente. No processo de codificação foi utilizado o aplicativo NVIVO.

No capítulo anterior, pudemos observar que a questão etnonacional e o conflito separatista na Ucrânia se diferenciaram substancialmente do caso russo. Portanto, para proceder com a análise do discurso, realizei algumas adaptações que incorporam as especificidades do caso. Parte dessas adaptações diz respeito à identificação de questões geopolíticas, como a integração com o Ocidente e a Rússia, uma vez que tanto o debate acerca da liberalização política no país quanto acerca do conflito separatista envolveu tais questões. Os seguintes tópicos foram abordados no processo de codificação:

- Democracia – referências à democracia, democratização e ao termo "democrático".
- Diversidade etnolinguística – termos relacionados à diversidade etnonacional, como referências a minorias e a multiculturalidade; à questão linguística, como ponderações acerca do status oficial da língua ucraniana e o uso da língua russa; e à questão religiosa, com menções tanto à diversidade quanto a possíveis tensões.
- Integração com o Ocidente – termos relacionados às relações políticas e econômicas com a Europa e os EUA, incluindo as aspirações de ingresso na União Europeia e na OTAN; referências à "escolha europeia" do país.
- Integração com a Rússia – termos relacionados às relações políticas e econômicas com a Federação Russa, incluindo a participação em projetos geopolíticos regionais promovidos por esse país, como a União Aduaneira.
- Conflito com a Rússia – termos direta e indiretamente relacionados a desavenças com a Rússia e, sobretudo, ao conflito iniciado em 2014 no Donbass e à anexação da Crimeia.
- Conflito geral – termos relacionados a separatismo, à interferência russa a partir de 2014, à guerra no Donbass e à anexação da Crimeia. Diferentemente do tópico "conflito com a Rússia", o "conflito geral" abrange também referências que não citam direta ou indiretamente a Rússia.
- Desordem – termos relacionados a conflitos (abrange o tópico anterior); separatismo e risco à integridade do Estado; crime e corrupção; instabilidade, ameaça e desordem; intolerância, radicalismo e facciosismo; crise demográfica; conflitos entre órgãos estatais; fraqueza do Estado e crise do Estado de Direito; desconfiança da sociedade no Estado e medo do futuro. Minha análise não abrange problemas econômicos, mas alguns casos específicos em que crises econômicas foram apresentadas como uma "ameaça" à sociedade foram codificados neste tópico.

- *Stateness* – termos relacionados à construção e efetividade do Estado (*statehood*) ; à organização administrativa no que tange às relações centro-regiões; ao processo de *nation-building*; ao Estado de Direito; e à segurança e integridade territorial.
- Ordem e união – termos relacionados à ordem, estabilidade e paz, bem como à tolerância, união e concordância social.

Na seção quantitativa a seguir verifico a variação de referências a esses tópicos ao longo do tempo no intuito de identificar se houve um maior esforço de mobilização de narrativas em períodos de turbulência e transformações políticas. Já na seção qualitativa, examino os argumentos e narrativas desenvolvidas pelos incumbentes em relação aos tópicos apresentados.

Diferentemente do caso russo, a análise não foi dividida apenas por incumbentes, mas também por segmentos temporais e políticos, em específico: 1. Transição (1994-1999); 2. Período pré-Revolução Laranja (2000-2004); 3. Período Laranja (2006-2009); 4. Período Yanukovich (2010-2013); e 5. Período de conflito (2014-2020).

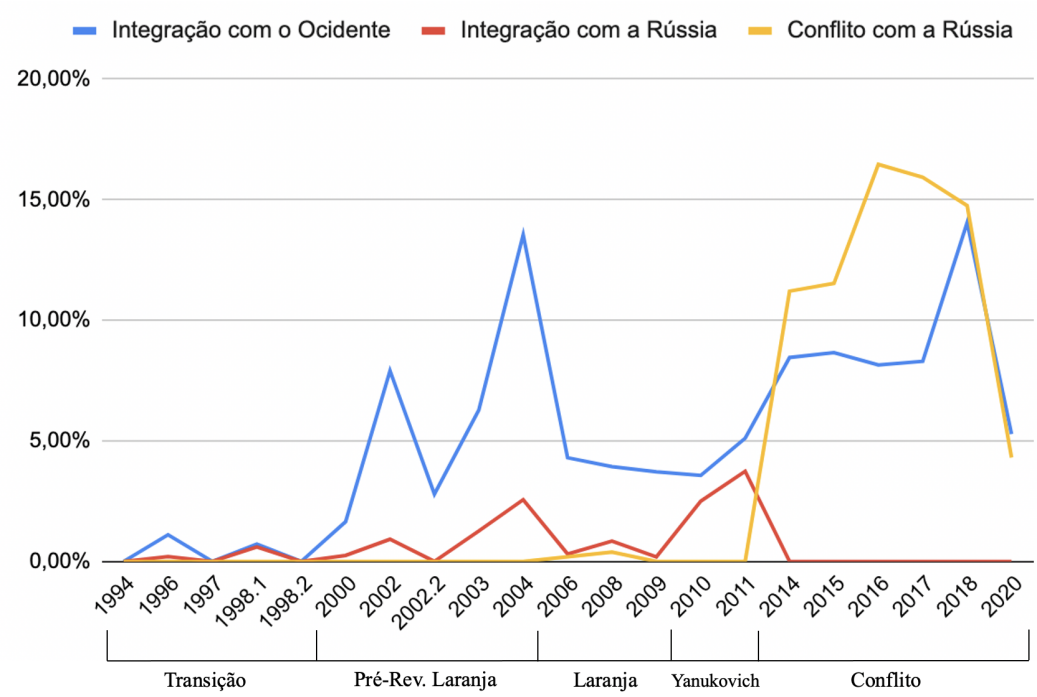
5.2 Análise quantitativa dos discursos presidenciais

Na presente seção, apresento dados relativos à frequência de tópicos relacionados à diversidade etnolinguística, democracia, conflitos, projetos geopolíticos, dentre outros, que possam ter sido mobilizados por incumbentes com finalidade política em um eventual discurso de *trade-off*. Pude constatar que a partir do conflito de 2014 houve uma maior frequência a diversos elementos do discurso. Contudo, apenas a análise qualitativa responderá se houve de fato uma tentativa de mobilizar uma relação de *trade-off* entre democracia e ordem.

O primeiro gráfico corresponde aos projetos de política externa da Ucrânia, basicamente aos tópicos relacionados à integração com o Ocidente e a Rússia, bem como ao conflito iniciado em 2014. Como podemos observar, no período de transição houve poucas menções à integração do país com o Ocidente. Entretanto, no início dos anos 2000, na fase pré-Revolução Laranja, houve um aumento considerável, possivelmente relacionado à expansão da União Europeia no Leste Europeu, que criou expectativas de que a Ucrânia pudesse se integrar ao bloco. Referências se mantiveram altas nos anos seguintes e, a partir do período de conflito, houve um novo crescimento acentuado, associado principalmente à busca de integração como mecanismo de segurança contra a interferência militar russa. Menções à integração com a Rússia foram inferiores à integração com o Ocidente em quase todo o período. Registraram um aumento significativo nas vésperas da Revolução Laranja de 2004 e no período Yanukovich, momento em que a diferença em relação à integração com o Ocidente apresentou um de seus menores patamares. Yanukovich foi uma das

lideranças mais alinhadas à Rússia – sua recusa em assinar o Acordo de Associação com a União Europeia desencadeou os protestos de 2013-2014. Por sua vez, referências ao conflito dispararam logo no seu início, em 2014, e mantiveram-se altas nos anos seguintes. Apenas em 2020, no governo Zelensky, houve uma queda expressiva. É possível notar que as menções à integração com o Ocidente exibiram uma trajetória semelhante às menções ao conflito com a Rússia. No geral, o conflito conferiu um impulso expressivo ao projeto de integração do país com a União Europeia e a OTAN.

Figura 5.1 Referências ao conflito com a Rússia e à integração com o Ocidente e a Rússia (1994-2020)[377]



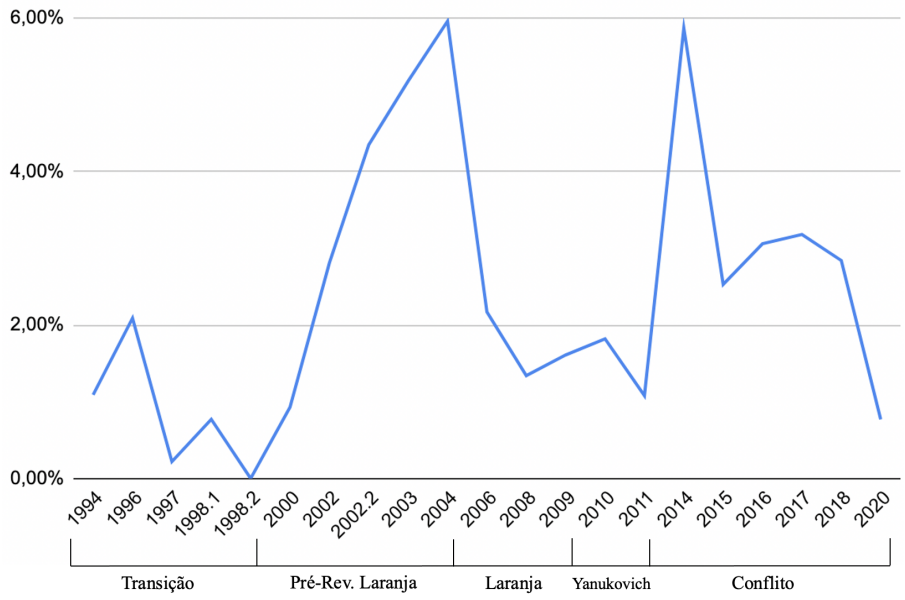
Fonte: compilado pelo autor com base nos discursos do presidente da Ucrânia ao parlamento.

O segundo gráfico da presente análise diz respeito às menções à democracia e democratização. Curiosamente, o período de transição foi o que registrou o menor percentual de menções. Os maiores picos foram observados no período anterior à Revolução Laranja e no início do conflito em 2014. Possivelmente tal variação esteja relacionada ao projeto de integração europeu: incumbentes associaram a integração à democratização. O aumento durante o conflito também pode estar associado a uma busca de diferenciação identitária em relação à Rússia autoritária e de legitimação do governo, uma vez que a narrativa oficial russa e parte da população russófila do Leste consideraram a derrubada de Yanukovich, em 2014, como um golpe de Estado. Embora referências à democracia tenham registrado queda nos últimos anos, não houve uma

[377] Como mencionado anteriormente, minha análise diz respeito ao percentual do discurso (mensurado em parágrafos) que foi dedicado a cada tópico.

tendência prolongada de declínio, muito menos de desaparecimento de menções, ao contrário do que verifiquei no caso russo nos anos 2010.

Figura 5.2 Referências à democracia e democratização (1994-2020)



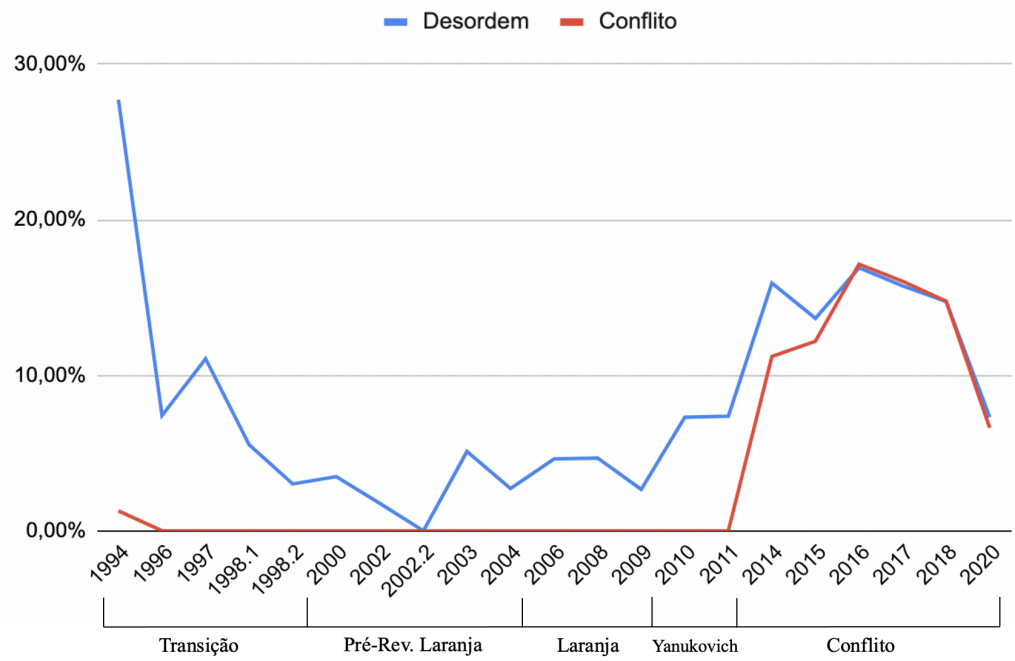
Fonte: compilado pelo autor com base nos discursos do presidente da Ucrânia ao parlamento.

No que concerne ao tópico "desordem", importante elemento que pode ser utilizado para a construção de um discurso de antagonismo entre ordem e democracia, encontrei algumas diferenças substanciais em relação ao caso russo. Ambos os casos tiveram picos de menção a problemas internos durante os anos 1990, mas enquanto no caso russo houve uma forte mobilização de ameaças internas e externas, sobretudo no período inicial do governo Putin, a Ucrânia presenciou uma expressiva queda nas referências a questões de desordem no início dos anos 2000. No período Yanukovich, houve um pequeno crescimento, relacionado à crise financeira global e a acusações contra o governo anterior. O maior salto, entretanto, foi observado a partir do conflito de 2014. Como o gráfico revela, a grande maioria das referências a "desordem" após 2014 diz respeito ao conflito[378]. É interessante notar que no caso russo o conflito ocorreu no período de transição, momento de maior transformação institucional, e, nos anos 2000, o país presenciou um crescente embate geopolítico com o Ocidente. Logo, as elites tiveram oportunidades para mobilizar ameaças internas e externas no discurso do *trade-off* e promover um efeito "rally 'round the flag". Já na Ucrânia, o conflito ocorreu em um período muito posterior à transição e o país não se deparou com tensões geopolíticas significativas antes de 2014. As elites contaram com muito menos recursos para mobilizar percepções de ameaça na fase de transição. O fato de o conflito ter

[378] O pequeno percentual de 1994 classificado como "conflito" corresponde a uma menção ao separatismo na Crimeia, não a um conflito armado.

ocorrido após a transição também pode ter inviabilizado a construção de um discurso de *trade-off*, contudo, não impediu a promoção do "rally 'round the flag", como vimos no capítulo anterior.

Figura 5.3 Referências a desordem e conflito (1994-2020)

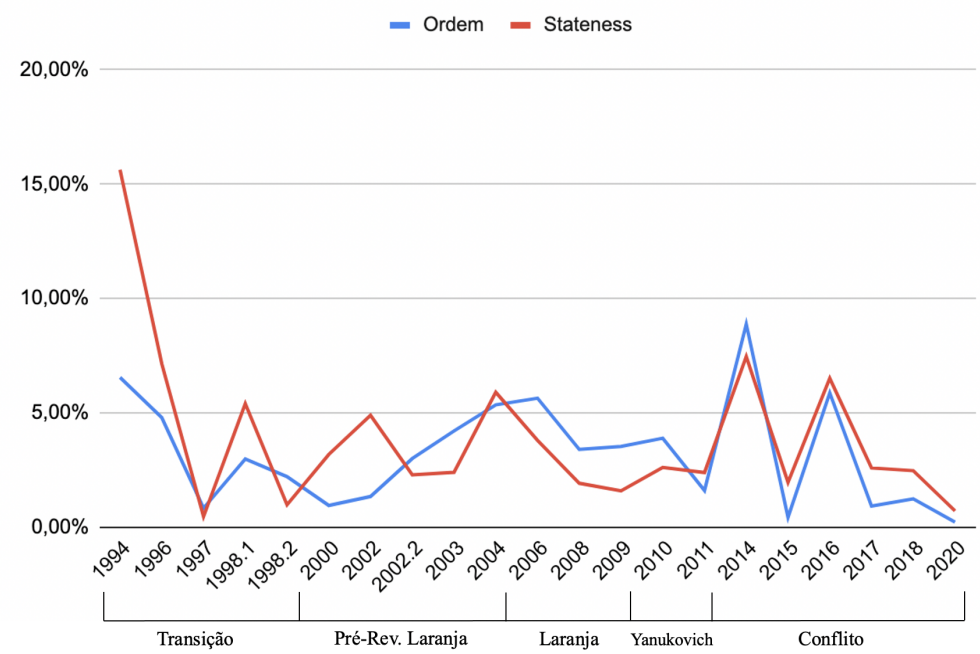


Fonte: compilado pelo autor com base nos discursos do presidente da Ucrânia ao parlamento.

Outro indicador por vezes associado a percepções de instabilidade são as referências a questões de *stateness*, bem como a ordem e união nacional. No caso russo, houve um grande crescimento no primeiro governo de Vladimir Putin, principalmente em decorrência de sua mobilização de argumentos para legitimar reformas de "fortalecimento" do Estado e de união da população frente a ameaças. No caso ucraniano, no entanto, não houve grandes flutuações nesses atributos. Como podemos observar no gráfico, referências a ordem e união nacional tiveram um aumento gradual na primeira metade dos anos 2000 e registraram dois picos no período de conflito. Já as referências a *stateness* apresentaram um pico maior no período de transição, passaram por algumas oscilações nos anos seguintes e registraram mais dois picos no período de conflito[379]. Na análise qualitativa, verificarei como esses tópicos foram mobilizados pelos incumbentes.

[379] Cabe mencionar que a similaridade na trajetória das menções a ordem e *stateness* deve-se em parte ao fato de alguns parágrafos terem sido codificados simultaneamente como "ordem" e "stateness".

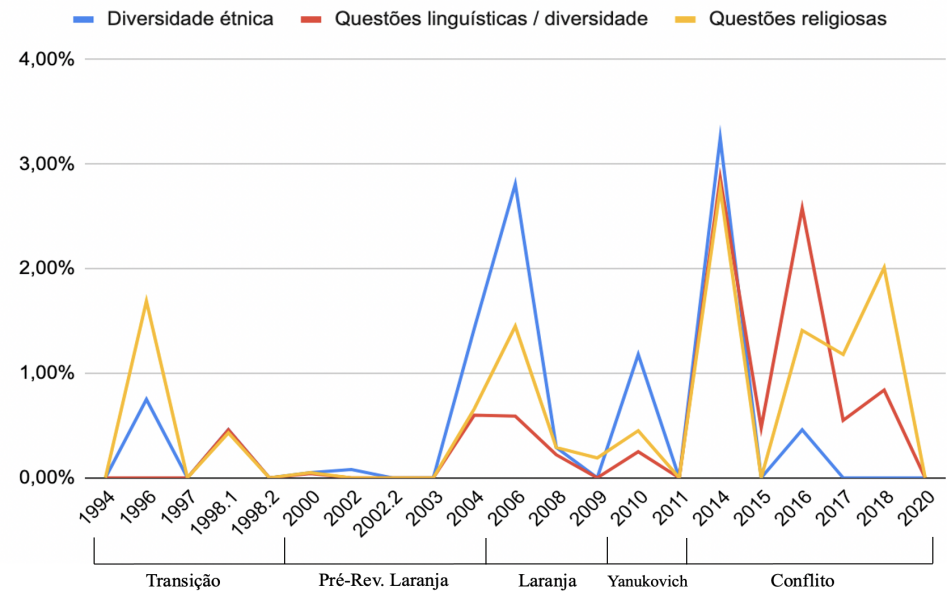
Figura 5.4 Referências a ordem e *stateness* (1994-2020)



Fonte: compilado pelo autor com base nos discursos do presidente da Ucrânia ao parlamento.

Finalmente, apresento a variação nas referências à questão etnonacional. No caso russo, a diversidade étnica foi um dos principais eixos do discurso do *trade-off* e foi mobilizada expressivamente em grande parte do período. No caso ucraniano, houve algumas poucas menções no período de transição, um percentual muito baixo no início dos anos 2000 e um pico após a Revolução Laranja. O período de conflito foi o que contou com os maiores percentuais de referência, sobretudo no que concerne às questões linguística e religiosa. O percentual de menções esteve consideravelmente abaixo do caso russo. O aumento nas referências à questão religiosa teve conexão, em parte, com a autocefalia da Igreja Ortodoxa Ucraniana em relação ao Patriarcado de Moscou.

Figura 5.5 Referências a questões étnica, linguística e religiosa (1994-2020)



Fonte: compilado pelo autor com base nos discursos do presidente da Ucrânia ao parlamento.

Podemos constatar que na Ucrânia houve menos referências a elementos associados ao discurso do *trade-off*, mas a partir do conflito de 2014 há um incremento significativo. Somente a análise qualitativa permitirá diferenciar substancialmente os dois casos. O conflito com a Rússia a partir de 2014 registrou picos de menções à desordem e ao conflito em si acima de 15%, muito superiores aos picos da guerra da Chechênia (menos de 8%) no caso russo. Contudo, menções à questão etnonacional foram significativamente menores. Referências a *stateness* e ordem ganharam destaque após a partir da crise de 2014. Vale observar que enquanto na Rússia o conflito separatista ocorreu no período de transição, o que pode ter conferido oportunidade para as elites mobilizarem implicitamente a oposição entre ordem e democracia, na Ucrânia o conflito ocorreu em um período muito posterior, o que pode ter dificultado a sua mobilização contra instituições liberais.

5.3 Análise qualitativa dos discursos presidenciais por períodos

Nesta seção, analiso as principais referências dos incumbentes da Ucrânia em relação aos tópicos de interesse apresentados acima. Destarte, pretendo identificar se houve tentativas de mobilizar um argumento de *trade-off* entre democracia e ordem e outras narrativas autoritárias, em que medida a questão etnonacional esteve ou não presente no discurso, além de examinar o *framing* conferido ao conflito de 2014. Mantive a divisão temporal utilizada na seção anterior, abrangendo cinco subseções.

5.3.1 Período de transição (1994-1999)

Como mostrei no capítulo anterior, o período de transição na Ucrânia foi consideravelmente conturbado. O país passou por uma profunda crise econômica, teve dificuldades em aprovar uma nova constituição e, na primeira metade da década de 1990, enfrentou movimentos autonomistas e secessionistas, respectivamente no Donbass e na península da Crimeia. Assim como na Rússia, os discursos presidenciais fizeram alusões diretas e indiretas a *trade-offs* da democracia, como o excesso de facciosismos, a incoerência e irresponsabilidade da ação coletiva do parlamento, os extremismos da competição política, e a letargia na tomada de decisões políticas e econômicas de grande relevância. Contudo, ainda que tenham sido feitas menções aos riscos de instabilidade etnorregional, referências a um *trade-off* entre democracia e ordem associado à questão etnonacional foram pouco presentes. O principal elemento que estimulou percepções negativas relacionadas à transição pós-soviética foram as insatisfações econômicas, sobretudo a perda de bem-estar. Em suma, a ausência de conflitos domésticos conferiu menos oportunidades para as elites formularem um discurso consistente de *trade-off* entre democracia e ordem.

O primeiro discurso da análise, a proclamação do presidente Leonid Kravchuk à *Verkhovna Rada* (parlamento), em 1994, foi um dos que mais promoveram a narrativa de que a competição política poderia levar à desordem. Após intensas pressões, inclusive do Donbass, Kravchuk teve que concordar com a realização de eleições presidenciais antecipadas. No discurso, ele manifesta sua insatisfação com tal resultado, ressaltando as ameaças que as eleições poderiam acarretar à estabilidade e a necessidade de concordância social para a condução de reformas econômicas.

> Certa vez, apoiei ativamente a intenção de realizar eleições presidenciais antecipadas, vendo-as como uma forma de aliviar algumas tensões políticas no país. Mas agora é óbvio o risco de que a esperada campanha para as eleições presidenciais não só não aliviará as tensões, mas, em vez de consolidar o Estado, intensificará significativamente os processos de desestabilização, a polarização das forças políticas e o seu confronto. Uma campanha intensiva para eleger um líder de Estado só vai aprofundar a luta política, enquanto hoje precisamos mais do que nunca de concordância, compreensão mútua e tolerância para realizar as mudanças socioeconômicas necessárias de forma consistente e sair da crise em que a Ucrânia se encontra no momento. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Em seguida, Kravchuk menciona que órgãos de governo de países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) estavam formulando acordos de paz e concordância civil a fim de evitar instabilidades no processo de transição. Também salienta que as divisões regionais na Ucrânia – como mencionei no capítulo anterior, um dos principais expoentes da questão etnocultural no país – poderiam ser acirradas com a condução de eleições. Tal asserção remonta à tentativa de construir uma narrativa de *trade-off* entre democracia e ordem: dadas as peculiaridades

etnorregionais do país, a competição política poderia culminar em instabilidades e ameaçar a integridade do Estado:

> Aparentemente, não é por acaso que em alguns países da CEI diferentes forças políticas e estruturas de poder celebram acordos de paz e harmonia civil em esforços conjuntos para garantir a paz e preservar o Estado. Para a Ucrânia, isso é de extrema importância e é uma chance de preservar a condição de Estado. É preciso levar em conta o alinhamento das forças políticas no país, as peculiaridades das diferentes regiões, que inevitavelmente dividirá as pessoas em relação aos candidatos presidenciais. E essa divisão assumirá formas extremamente nítidas, tornar-se-á um divisor de águas no caminho para a harmonia civil. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Kravchuk critica as demandas por fortalecimento do Estado que não levam em conta a necessidade de se respeitar o Estado de Direito. Nas suas palavras, tal paradigma representa uma ameaça à democracia:

> A visão de que a Constituição é secundária e que um governo forte é o que mais importa não é apenas errônea, mas também perigosa. Um governo forte deve ser baseado em leis sábias. Caso contrário, não é um governo democrático, mas o governo de uma "mão forte", que inevitavelmente terminará na ilegalidade. Nisso, nossa sociedade tem uma grande e instrutiva experiência que nos motiva a estar vigilantes. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Em referência às demandas por descentralização administrativa e federalização do país, Kravchuk considera que transformações nesse sentido poderiam gerar uma crise de governabilidade. Possivelmente, a crise federativa na Rússia tenha gerado preocupações em países do Espaço Pós-Soviético, de maneira que a centralização foi percebida como a forma óptima de administração territorial.

> O perigo de tais transformações de poder é exacerbado pelas peculiaridades da estrutura econômica atual, que é dominada pelo setor público e objetivamente requer uma gestão centralizada suficientemente forte, estruturas governamentais suprarregionais fortes. Mas não é só isso. Defendendo, ao mesmo tempo, a ampla autonomia econômica das regiões, não considero que se justifique, tendo um Estado unitário e integral, promover a sua divisão em partes distintas. O início da federalização do Estado sem normas constitucionais claramente definidas, legislação vigente bem pensada, mecanismos de interação entre o Centro e os territórios, levará à ingovernabilidade da sociedade. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Outro trecho que remete a uma tentativa de se formular uma narrativa de *trade-off* entre democracia e ordem é o momento em que Kravchuk discorre sobre a crise da Crimeia. O ano de 1994 foi o auge do separatismo na república autônoma. Kravchuk sugere que a condução de eleições extraordinárias poderia desencadear um efeito *spillover* da crise para outras regiões, com sérias consequências ao Estado ucraniano:

> Todos conhecem as atuais contradições entre a Ucrânia e a Crimeia, que surgiram em conexão com a incerteza constitucional de como o Estado como um todo e seu território autônomo deveriam interagir. E hoje corremos o risco de que tais tensões possam se espalhar para todas as regiões da Ucrânia, e isso pode se transformar em uma crise política. Portanto, há bons motivos para acreditar que a campanha eleitoral de junho, com todas as boas intenções, pode levar a mudanças drásticas na sociedade, comprometendo o processo de *state-building*. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Tal discurso em certa medida se assemelha à narrativa russa de que o conflito na Chechênia poderia vir a se difundir a outras regiões do país, colocando a integridade territorial e a própria existência do Estado em risco.

Kravchuk ressalta que antes de realizar reformas políticas, era necessário adotar uma nova constituição que garantisse estabilidade ao processo de transformação do Estado. A constituição, ao alavancar o poder de arenas de veto e aumentar os custos para alterações institucionais, impediria que transformações importantes fossem realizadas por simples maiorias parlamentares:

> [...] o Estado não terá estabilidade política enquanto a Constituição não estiver em funcionamento, enquanto mudanças fundamentais na estrutura do poder e nas competências de todos os ramos de poder sejam feitas por simples decisões parlamentares. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Complementa que a Ucrânia é um dos países mais atrasados do Espaço Pós-Soviético em adotar uma nova constituição e que, apesar de não ter experienciado conflitos armados, a confrontação política tornou-se um obstáculo às reformas:

> A necessidade urgente deste documento é evidenciada [...] pelo fato de que apenas algumas das ex-repúblicas soviéticas, a Ucrânia entre elas, não possuem uma nova Constituição. Mas se outros países são impedidos de resolver esta questão pela guerra, nós somos impedidos por um confronto político excessivo, ou uma simples incapacidade ou falta de vontade de se organizar em um momento difícil para o povo. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Na conclusão, Kravchuk conclama a todos que evitem extrapolar os limites da confrontação política e se esforcem para garantir a paz e estabilidade:

> Apelo a todos para que sejam sábios e prudentes. As dificuldades devem ser superadas. Mas superadas de maneira a não perder o que há de mais valioso – os brotos do Estado –, de maneira que o confronto, que hoje ainda ocorre no âmbito da lei e do bom senso, não se transforme numa confrontação com graves consequências, não ponha sob ameaça a paz na Ucrânia – a paz que devemos preservar. (KRAVCHUK, 1994, tradução nossa).

Kravchuk foi derrotado nas eleições extraordinárias de 1994. No governo de seu sucessor, Leonid Kuchma, a crise separatista na Crimeia foi superada e, em 1996, foi aprovada uma nova constituição.

No discurso de 1996, Kuchma destaca que a Ucrânia não poderia voltar atrás nas reformas, mas que havia uma ameaça nesse sentido. Qualquer retorno ao modelo soviético seria destrutivo:

> A Ucrânia ultrapassou o ponto de virada histórica e não haverá volta. No entanto, o perigo das tentativas de fazê-lo não está excluído, aliás, é real, tendo em vista os fatores internos e externos existentes. [...] Atrás – o abismo. A Ucrânia simplesmente não será capaz de resistir a um retorno destrutivo [...]. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Também critica as forças políticas que se recusavam a tomar decisões impopulares, mas necessárias, o que trazia dificuldades à aprovação de reformas e à garantia da estabilidade. Tal aspecto remonta a uma crítica implícita de que a democracia não necessariamente leva ao governo dos mais capazes – lideranças podem almejar ganhos de curto prazo, como a manutenção da

popularidade e o sucesso eleitoral, abdicando de tomar decisões voltadas a efeitos positivos no longo prazo.

> [Alguns] juram amor e afeição pelo povo e teimosamente se recusam a entender a condicionalidade objetiva de decisões impopulares para salvá-lo, e assim estendem o período de incerteza e caos. Glorificam a liberdade e a democracia, mas fazem pouco para estabelecê-las, agindo principalmente pela força e até pela chantagem política. Esforçam-se para prever o futuro, mas na verdade dão um passo para trás. Desmascaram inconsistências e ao mesmo tempo não agem da melhor forma, contando com a derrota das reformas para sua própria autoafirmação. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Mencionando outras repúblicas soviéticas que passaram por conflitos no processo de transição, Kuchma destaca a pacificidade com que as transformações ocorreram na Ucrânia. Diferentemente da Rússia, que viu a sua integridade territorial ameaçada por conflitos, a Ucrânia logrou conduzir a transição sem derramamento de sangue:

> Temos todos os motivos para atribuir à nossa conquista mais importante a manutenção da paz e tranquilidade civil no Estado e a preservação da integridade da Ucrânia. A sua importância, como pré-requisito indispensável para a criação de uma nova vida, torna-se mais clara quando comparada com os processos que ocorrem no Espaço Pós-Soviético, onde conflitos, incluindo de natureza violenta, tornaram-se quase uma característica integrante da fase de transição. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Apesar da pacificidade, Kuchma elenca algumas dificuldades que o país vinha enfrentando na transição, entre elas a existência de uma oposição antissistêmica, "cujos representantes falam a partir de posições de adversários políticos intransigentes – tanto contra o Estado da Ucrânia quanto contra os valores sociais básicos criados" e "expectativas exageradas" que a população desenvolveu com a independência (KUCHMA, 1996, tradução nossa). A frustração das expectativas com as transformações políticas e econômicas teria gerado um sentimento de nostalgia em relação ao passado soviético:

> E como os milagres não acontecem, cresce a "autointoxicação" ideológica dos sentimentos da sociedade, surge o fenômeno das "esperanças perdidas", a saudade do passado com todas as consequências decorrentes. Especialmente entre a geração mais velha, que se encontrou nas condições mais difíceis. Além disso, a situação é agravada pelo mau desempenho do Estado em suas obrigações sociais. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Ainda endereçando a transição econômica, Kuchma enfatiza que a Ucrânia pagou um alto preço por ter atrasado as transformações: "passou por uma queda econômica muito mais profunda do que os países que, pelo menos a tempo, tentaram iniciar reformas de mercado". Afirma que "para sustentar os rumos da transformação democrática e não provocar conflitos na sociedade, para evitar que o país volte ao passado, é necessário fortalecer radicalmente a política social por meio da ação prática" (KUCHMA, 1996, tradução nossa). Há um reconhecimento de que a deterioração do bem-estar estava ocasionando insatisfações com os rumos da transição. Como mencionado anteriormente, o fato de países socialistas terem que conduzir uma transição múltipla – isto é, política, econômica e, em alguns casos, identitária – ocasionou percepções de *trade-off* na

população, por exemplo, a percepção de que a democratização ocasionou crise econômica e desordem social. Tal complexidade diferenciou em grande medida estados pós-socialistas de outros países da terceira onda de democratização.

No que concerne à questão etnonacional, embora mencione sua sensibilidade, em nenhum momento há tentativas de mobilizar a diversidade como um obstáculo à adoção de instituições democráticas. Há um destaque à estabilidade das relações interétnicas no país, algo que não ocorreu em muitas ex-repúblicas soviéticas:

> A natureza multiétnica do Estado ucraniano exige esforços significativos e abordagens especialmente equilibradas da política no domínio das relações interétnicas. Hoje, podemos dizer que temos um sistema simplificado de regulação estatal dos processos étnico-nacionais. Atende aos padrões internacionalmente reconhecidos e é capaz de assegurar o renascimento integral de todos os povos e garantir-lhes os direitos humanos universais. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Na esfera da política externa, Kuchma salienta o status não-alinhado da Ucrânia e reforça a "escolha europeia" do país em se integrar às instituições do continente. Também menciona a integração com a Comunidade dos Estados Independentes, mas faz uma provocação indireta à Rússia: "[...] tentativas de reviver a União Soviética não têm perspectiva histórica e apenas prejudicam o desenvolvimento dos processos normais de integração" (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Na parte final do discurso, questiona a atuação do Legislativo na tomada de decisões – na sua perspectiva, há uma interferência nas competências do Executivo que contribui para a desordem no país:

> Não estou satisfeito, como Presidente da Ucrânia, que a política de Estado na fase de sua formação esteja dispersa entre os poderes Legislativo e Executivo. Ela deve e será formada por um corpo de poder estatal determinado constitucionalmente e implementado por todos os seus ramos. Tal órgão constitucionalmente determinado é o Presidente da Ucrânia. [...] Porque a desordem em nosso país não se deve à separação de poderes, mas à vontade já consagrada de muitos de formar e implementar sua própria política de Estado. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

Também critica a falta de coesão dentro do Executivo:

> É sabido que a democracia é antes de mais nada uma responsabilidade. Portanto, em uma sociedade livre que respeita e incentiva a diversidade de opinião, a dissidência no governo é inaceitável. Digo isso porque, em algumas questões, os membros do governo se permitem assumir posições opostas depois de tomar as decisões adequadas. Essa liberdade de pensamento, decorrente principalmente da ambição, custa caro ao país e não vamos tolerar mais isso. (KUCHMA, 1996, tradução nossa).

É notável que Kuchma busca tanto garantir a preponderância do presidente no sistema político quanto a coesão dos órgãos do Executivo. Alega que tais medidas eram necessárias à manutenção da ordem no país.

No discurso de 1997, confere novamente destaque ao iminente *trade-off* entre liberdade e bem-estar associado às transformações do socialismo para a economia de mercado. Subentende-

se que o primeiro era autoritário, mas garantia uma proteção social mínima, enquanto a última é democrática mas pouco provém proteção social:

> As pessoas não passaram a viver melhor. Embora tenham recebido um conjunto de direitos, liberdades e oportunidades que não permitem ao Estado interferir totalmente no destino de seus cidadãos e determinar antecipadamente seu destino. [...] Ao contrário do sistema anterior, em que a falta de liberdade política era compensada por uma certa, ainda que mínima, proteção econômica e social, agora o quadro é em grande parte o oposto. Tendo conquistado direitos e liberdades políticas, a maioria dos cidadãos enfrentou sérios problemas. Em primeiro lugar, em termos de adaptação às novas condições, quando o Estado transfere muitas funções de proteção dos seus cidadãos para os ombros dos próprios cidadãos, o que é especialmente difícil para as gerações mais velhas. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

Ao longo do discurso, Kuchma faz duras críticas à oposição e à atuação da *Verkhovna Rada* (parlamento) no processo de reformas políticas e econômicas. Afirma que a falta de avanço na transição, o "equilíbrio entre o passado e o futuro", representa uma "ameaça à estabilidade e à paz cidadã" (KUCHMA, 1997, tradução nossa). Compara os protestos contra o governo às instabilidades políticas de 1917 e, em tom de ameaça, conclama aos órgãos de segurança que tomem ações mais contundentes contra tais manifestações:

> [...] eles estão constantemente sacudindo a sociedade, conclamando permanentemente à oposição ao governo e a ações inconstitucionais, e demonstram isso. Exijo do Governo e dos órgãos de aplicação da lei que respondam de forma adequada às manifestações de extremismo jurídico e político, independentemente do espectro político em que surjam. Temos influência jurídica suficiente para proteger a lei e defender o Estado. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

Também são feitas críticas a grupos que promovem oposição dentro do próprio governo, percebidos como uma ameaça à democracia:

> Tal jogo de oposição é profundamente imoral e, do ponto de vista das democracias desenvolvidas contemporâneas, é antinatural e absurdo. [...] Quem não concorda com a política do Estado, considera-a errada, deve desocupar seu lugar e buscar seus objetivos de acordo com as regras comumente aceitas na oposição. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

Kuchma argumenta que é necessário superar divisões partidárias e políticas em prol de um trabalho conjunto que beneficie a população. Pondera que facciosismos levaram à paralisia na aprovação de leis importantes, como o orçamento de 1997, e que o novo sistema do país estava repetindo equívocos do sistema soviético no que concerne à tomada de ações coletivas:

> Devo constatar que nos últimos anos o controle total inerente ao sistema anterior foi substituído por quase a mesma irresponsabilidade total. Colhemos seus frutos amargos. É um inimigo invisível, mas extremamente perigoso, que abala a condição de Estado, interrompe o trabalho e destrói os princípios morais fundamentais. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

No discurso há uma distorção do significado do sistema de pesos e contrapesos característico de regimes democráticos. Busca-se apresentar a divisão de poder como uma mera distribuição de competências em um sistema integrado, que supostamente não deve conter divergências:

> [...] as contradições e mesmo os confrontos entre órgãos do poder estatal, infelizmente, continuam. Frequentemente, porque há uma incompreensão acerca da própria essência deste poder. Devemos assumir que é um único poder. E o que é comumente chamado de separação de poderes e definido pela Constituição como fundamento para sua implementação é apenas uma divisão de responsabilidades funcionais entre as instituições individuais do Estado com base na determinação de suas competências. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

Assim como em outras ex-repúblicas soviéticas, há uma narrativa que apresenta o presidente como um metapoder acima dos três poderes. Como consta na revisão da literatura, Stykow (2019) denomina tal sistema de "superpresidencialismo" ou "presidencialismo de tipo eurasiático". Nas palavras de Kuchma:

> [...] de acordo com a Constituição, o presidente é o chefe de Estado. Sem estar diretamente vinculado a nenhum dos ramos de poder, é chamado a desempenhar um papel importante no funcionamento de cada um deles. [...] Frequentemente, tentam teimosamente apresentá-lo como chefe do Poder Executivo e culpá-lo por todos os problemas econômicos e sociais. Aconselho meus oponentes a lerem a Constituição com atenção. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

Embora reconheça a importância da *Verkhovna Rada* (o parlamento) no início da transição, Kuchma critica o acúmulo de funções administrativas no Legislativo mencionando que a "liderança coletiva vem sempre acompanhada de irresponsabilidade coletiva" (KUCHMA, 1997, tradução nossa). De maneira análoga a Boris Yeltsin na Rússia, acusa o parlamento de criar leis de baixa qualidade, as quais por vezes contêm contradições ou não levam em conta a capacidade orçamentária do Estado, e aprovar com letargia reformas de grande relevância. Em um duro ataque, enfatiza:

> [...] tive que vetar 23 leis, incitando assim o incêndio do parlamento. O populismo, a incompetência, as tentativas de dividir o país "debaixo de si" – este é o caminho para o abismo. (KUCHMA, 1997, tradução nossa).

Tais críticas contêm resquícios autoritários por subestimar o papel de outros ramos de poder na administração da máquina pública. O presidente é apresentado como um ator coerente, responsável e eficiente, ao passo que o legislativo é considerado incoerente, irresponsável e marcado por facciosismos que dificultam ou tornam subótima a ação coletiva.

No discurso de 1998, Kuchma torna a mencionar as desavenças entre os poderes, enfatiza a necessidade de ordem no Estado e promete tomar medidas rígidas para reorganizar tais relações:

> As pessoas estão protestando contra os erros de cálculo e as falhas na esfera socioeconômica, não entendem e não percebem os conflitos prolongados e infrutíferos entre os ramos de poder e seus órgãos nos diferentes níveis. Já estão extremamente cansadas de acusações mútuas nos escalões do poder, de busca de culpados e expectativas de uma vida melhor. Não podemos e não continuaremos assim. Da ordem no poder à ordem no Estado – é assim que vejo o imperativo de nosso trabalho futuro. Vou seguir essa linha de maneira consistente e rígida. (KUCHMA, 1998, tradução nossa).

Também questiona a ausência de uma identidade comum que unifique a população, alegando que facciosismos, inclusive regionais, tornaram-se um obstáculo à consolidação da

nação. Argumenta ser necessário "dar conteúdo real à ideia nacional, levando em consideração as especificidades do estágio de nosso desenvolvimento", "um poderoso estímulo unificador", que permita superar o momento crítico da transição, a politização de questões econômicas e sociais e "a falta do sentimento de pertencimento a uma nação unida [...] entre uma certa parte dos nossos cidadãos". Menciona que há uma "estratificação de pessoas por vários fatores – sociais, econômicos, políticos, ideológicos e regionais" (KUCHMA, 1998, tradução nossa).

Outro elemento de divisão apontado por Kuchma é a diversidade religiosa do país. Nas suas palavras, "quase todas as confissões ucranianas estão envolvidas na luta política" e tal cenário "facilita a expansão de religiões não tradicionais e seitas totalitárias [...], o que não acrescenta espiritualidade ao povo nem estabilidade à sociedade" (KUCHMA, 1998, tradução nossa). Faz referências ao "arriscado equilíbrio na temática etnopolítica", em particular à questão linguística. Ao citar a necessidade de se desenvolver a sociedade civil, enfatiza que os partidos nacionais, a despeito da cláusula de barreiras de 4%, têm uma natureza regional. Vale notar que Arel e Khmelko (1994), já no início da transição, chamaram a atenção à polarização regional do sistema partidário ucraniano. Kuchma realça a importância da união para o desenvolvimento do país: "sobrevivem e se estabelecem as nações que são capazes de se unir em tempos de provas decisivas e rejeitar discordâncias e contradições internas em prol de objetivos estrategicamente importantes" (KUCHMA, 1998, tradução nossa).

Em uma reflexão acerca da transição, faz críticas a tendências extremas, defendendo a "inaceitabilidade tanto do retorno ao sistema de comando administrativo [socialista] quanto da liberalização ilimitada, a separação completa do Estado da sociedade" (KUCHMA, 1998, tradução nossa). Também discorre sobre a fraqueza do Estado, obstáculo que deve ser superado para que seja possível tomar ações públicas efetivas, e o "niilismo jurídico", aludindo que alguns políticos incitam o presidente a recorrer a métodos extralegais.

No que diz respeito a tensões nas relações entre o governo central e as regiões, sobretudo a Crimeia, declara que é necessário haver integração e coesão no aparelho estatal:

> Gostaria de pedir que compreendam: não permitirei diferenças, paralelismo e duplicação na organização e funcionamento do sistema de poder. Nem que algumas cidades e vilas se tornem propriedades insubordinadas e incontroláveis de alguns. A prática das relações entre o centro e as regiões precisa ser revista e otimizada. Por último, mas não menos importante, isso se aplica à República Autônoma da Crimeia. Certamente, vocês me apoiam no fato de que o corpo governante no Estado deve ser unido e inseparável. Isso significa, entre outras coisas, a implementação universal, plena e incondicional das decisões do Estado, a responsabilidade pessoal de todos os funcionários, sem exceção. (KUCHMA, 1998, tradução nossa).

Finalmente, no que concerne às relações exteriores, Kuchma ressalta a política equilibrada que permite avançar "em novas direções na comunidade europeia e mundial, ao mesmo tempo que

fortalece os laços tradicionais com a Rússia e outros parceiros da ex-União Soviética e corrige distorções nesses laços" (KUCHMA, 1998, tradução nossa).

O segundo discurso de 1998 foi proclamado no âmbito da crise financeira da Rússia e, portanto, focalizou majoritariamente questões econômicas. Kuchma afirma que "não devem ser permitidas repetições de conflitos e confrontos, que já causaram tantos danos" e teriam consequências muito piores em um cenário de crise. Argumenta que os ramos de poder devem trabalhar em conjunto e que o poder estatal é "um só", "um todo único".

Podemos concluir na presente seção que nos anos 1990 houve algumas tentativas de se construir uma narrativa de *trade-off* entre democracia e ordem. A exploração de supostos antagonismos foi mais acentuada no discurso de 1994, quando Kravchuk estava acuado pelos movimentos que lograram a antecipação das eleições presidenciais. Nesse momento, é ressaltada uma preocupação com os riscos de que as tensões na Crimeia se espalhassem para outras regiões. Nos discursos de Kuchma foram notáveis menções a instabilidades decorrentes do conflito entre poderes, facciosismos na sociedade e na oposição e à ideia de que o presidente é um metapoder acima dos demais, mais coerente e eficaz – a ação coletiva do parlamento é por vezes apresentada como incoerente e irresponsável. A questão etnonacional esteve presente de maneira apenas indireta, com referências não tanto à diversidade étnica ou linguística, mas a divisões identitárias regionais, como no caso da pressão por autonomia na república da Crimeia. Possivelmente, por não ter havido conflito separatista violento, o discurso do *trade-off* não se delineou de maneira consistente como na Rússia. As insatisfações com a transição não estiveram relacionadas a uma eventual instabilidade da questão etnonacional, mas sim ao fato de o bem-estar social ter decaído após o fim da URSS. Em alguns momentos o incumbente defende a democracia contra tentações de se instalar uma "mão forte" e sublinha a importância de manter uma política "equilibrada" para a manutenção da paz regional no país. Essa ambiguidade do discurso esteve presente também no discurso de Boris Yeltsin.

5.3.2 Período pré-Revolução Laranja (2000-2004)

Como vimos na análise quantitativa, o período que antecedeu a Revolução Laranja experienciou um grande salto nas menções à integração com o Ocidente. A expansão da União Europeia em direção ao leste criou expectativas de que a Ucrânia também pudesse aderir ao bloco. Os discursos sublinham a importância da democratização e da adaptação de legislações para entrar na UE. Defendeu-se uma diplomacia multivetorial em que a Ucrânia atuasse como um elemento de aproximação entre a Rússia e o Ocidente. É notável a preocupação com a polarização eleitoral

regional na sociedade ucraniana, associada a elementos históricos e identitários. No período final, há alusões a um processo de "desnacionalização" que teria sido imposto aos ucranianos ao longo da história.

Logo no início do discurso de 2000, Kuchma afirma que o país avançou em direção aos valores europeus e que a transição foi marcada por pacificidade, "sem confrontos violentos e conflitos perigosos, sem sangue e vítimas humanas" (KUCHMA, 2000, tradução nossa). A estabilidade nas relações interétnicas foi um elemento marcante. Afirma que minorias tiveram os seus direitos culturais reconhecidos, ao mesmo tempo que a cultura ucraniana ganhou força como elemento de coesão nacional:

> A cultura ucraniana tornou-se a base do progresso espiritual nacional. É assegurado o livre desenvolvimento de todas as associações nacionais-culturais e religiosas. A língua ucraniana se estabelece como língua oficial com a criação simultânea de condições para o livre desenvolvimento do russo e de outras línguas. (KUCHMA, 2000, tradução nossa).

Novamente há menção à integração tanto ao Ocidente, em particular à UE e à OTAN, quanto à Rússia:

> A Ucrânia demonstrou a sua estabilidade, previsibilidade e vontade de desenvolver relações de boa vizinhança ao celebrar o Acordo de Parceria e Cooperação com a União Europeia, o Tratado de Amizade, Cooperação e Parceria com a Federação Russa, a Carta de uma Parceria Especial com a OTAN e vários outros tratados e acordos internacionais. (KUCHMA, 2000, tradução nossa).

Em relação às transformações econômicas, enfatiza que as pessoas "estão começando a entender que sua situação econômica depende principalmente de si mesmas" e que um "retorno aos tempos soviéticos parece impossível e catastrófico para muitos compatriotas" (KUCHMA, 2000, tradução nossa). Lembra que em 1994 o país enfrentou uma das piores crises econômicas da região, mais grave que na própria Rússia: "a situação econômica na Ucrânia era talvez a mais difícil de todos os países pós-socialistas, exceto para aqueles onde havia conflitos interétnicos". Faz também uma crítica implícita à democracia (como competição política) ao culpar o conflito entre poderes e a oposição pelas dificuldades econômicas que o país passou na transição:

> As deficiências na implementação das reformas, sua falta de eficácia, são explicadas por uma escalada significativa do confronto entre os poderes Executivo e Legislativo, pelas ações destrutivas das forças de oposição direcionadas a desacreditar os rumos da transformação do mercado a qualquer custo, minando a fé do povo na sua perspectiva histórica. A manifestação disso foram os esforços constantes da oposição em interromper o processo de criação de um quadro legal abrangente para as reformas de mercado. Como resultado, ainda não foram atualizadas, em conformidade com os requisitos da Constituição da Ucrânia, as legislações sobre terra, habitação e trabalhista, não foram adotados novos códigos – Civil, Fiscal e etc. As relações de propriedade não são suficientemente protegidas legalmente. (KUCHMA, 2000, tradução nossa).

Em seguida, questiona a qualidade do processo legislativo, afirmando que houve casos de leis adotadas em conflito com a constituição e que não consideraram a capacidade orçamentária do Estado, o que o levou a vetar, em 1998-1999, 117 atos legislativos (KUCHMA, 2000, tradução

nossa). Nas suas palavras, não se conseguiu "formar um sistema viável de administração pública de transformações de mercado, mudar radicalmente o estilo, métodos e tradições herdadas do sistema administrativo" soviético. Logo, houve uma contradição entre as novas relações de mercado e o sistema administrativo estatal, a qual constituiu um verdadeiro obstáculo ao progresso socioeconômico. Também enfatiza que "um estrato significativo de pseudoproprietários se tornou a força mais conservadora da sociedade, a qual, usando o apoio político da oposição de esquerda, estava bloqueando novas privatizações e o aprofundamento de reformas" (KUCHMA, 2000, tradução nossa). Tal asserção remonta ao argumento de Hellman (1998), segundo o qual os ganhadores das reformas parciais constituíram um obstáculo à sua continuidade.

Em outro trecho do discurso, Kuchma volta a reafirmar a "escolha europeia" feita pela Ucrânia, diretamente associada ao processo de democratização. Vale mencionar que Levitsky e Way (2010) consideram os laços com o Ocidente um dos principais motores de democratização em diversas regiões do globo. Enquanto a Rússia se envolveu em um crescente embate com o Ocidente, defendendo a escolha de um "caminho próprio", "soberano", para a democracia, a Ucrânia manifestou maiores expectativas de integração:

> O fundamento básico do nosso futuro desenvolvimento é a escolha europeia, a devoção da Ucrânia aos valores universais, aos ideais de liberdade e democracia garantida. O povo ucraniano expressou seu direito soberano de aderir a estes valores. De particular importância é a política consistente de aproximação da Ucrânia com a União Europeia, adquirindo o status de associado e, posteriormente, de membro pleno da UE. (KUCHMA, 2000, tradução nossa).

Defende que o país deve seguir uma diplomacia "multivetorial", de aproximação tanto com a Europa e os EUA, quanto com a Rússia. Contudo, quando faz referência a Rússia, alude apenas a interesses econômicos e não a valores compartilhados.

No que diz respeito ao aumento da efetividade do Estado, Kuchma afirma que é necessário, sobretudo, fortalecer o poder Executivo. Considera que a corrupção representa uma ameaça à segurança nacional, citando diversas esferas afetadas, por exceção do Executivo nacional:

> A influência do capital paralelo em várias esferas da vida política está aumentando, em particular nas atividades dos partidos, deputados do povo, autoridades regionais, órgãos municipais e meios de comunicação de massa. (KUCHMA, 2000, tradução nossa).

Um dos dois discursos de 2002 ao parlamento foi amplamente dedicado à "escolha europeia" e a reflexões otimistas sobre o curso econômico do país, que, após anos de crise, iniciou um período de crescimento acelerado.

Logo no começo, Kuchma discorre sobre as mudanças da última década e alega que é "necessário superar as profundas deformações que surgiram na fase inicial do processo de transformação". O desenvolvimento econômico seria promissor se houvesse "a formação de um Estado forte e a intensificação de sua função regulatória". Assim como Yeltsin ponderou em

relação à Rússia, afirma que "o caminho que os países desenvolvidos levaram vários séculos para percorrer, a Ucrânia deverá trilhar no menor tempo possível" (KUCHMA, 2002, tradução nossa). Para ter sucesso e apoio popular, as reformas deveriam contemplar os interesses de amplos setores da sociedade. A integração com o Ocidente estaria em sintonia direta com as transformações democráticas pelas quais o país deveria passar:

> A escolha europeia da Ucrânia é, ao mesmo tempo, um movimento em direção aos padrões da verdadeira democracia, da sociedade da informação e da economia de mercado socialmente orientada, baseada nos princípios do Estado de Direito e garantindo os direitos humanos e civis e as liberdades. (KUCHMA, 2002, tradução nossa).

Em outro trecho reafirma que perseguir a meta da integração europeia, como a experiência de outros países revelou, "pode ser um poderoso estímulo adicional e um catalisador para transformações socioeconômicas e políticas relevantes". Ao mesmo tempo, tal meta não poderia contradizer outros objetivos estratégicos, como o "desenvolvimento e aprofundamento de laços mutuamente benéficos com a Rússia" (KUCHMA, 2002, tradução nossa).

De maneira otimista, Kuchma destaca que a catástrofe econômica pela qual o país passou na década de 1990 estava sendo superada e o país se encontrava entre as economias que mais cresciam no mundo. Justificando o período de crise como uma etapa necessária, alega que "a transição de um falido sistema de comando administrativo para uma economia de mercado não poderia deixar de ser acompanhada de um profundo declínio da produção, que era fundamentalmente não competitiva e ineficiente" (KUCHMA, 2002, tradução nossa). Considera que seguir recomendações externas foi um erro, por não terem sido levadas em conta as especificidades ucranianas. Particularmente problemática foi a fórmula "primeiramente as reformas, depois as metas de desenvolvimento social":

> Consequentemente, as reformas econômicas não contribuíram para atingir a meta definidora do processo de transformação – a formação da classe média como o principal transportador da democracia, da estabilidade social e política na sociedade e do progresso econômico. Não foi assegurada a formação de uma infraestrutura social fundamentalmente nova e adaptada a uma economia de mercado. (KUCHMA, 2002, tradução nossa).

Segundo Kuchma, devido a tais erros e à baixa capacidade do Estado, a formação das relações de mercado foi permeada por sérios problemas, como abusos na acumulação de capital, corrupção e subordinação do Estado a interesses oligárquicos. Superar esses erros era um passo fundamental para o "estabelecimento de padrões elevados da União Europeia". Também afirma que se concluídas as transformações sistêmicas, seria possível "solicitar o status de associado na UE até o final de 2007 e até 2011 criar pré-condições (internas) reais para a adesão da Ucrânia à UE". A consolidação de uma classe média deveria ser a "base para a estabilidade política e a

democratização da sociedade, da restrição significativa da ameaçadora desigualdade de renda e da redução da pobreza" (KUCHMA, 2002, tradução nossa).

A busca de integração à Europa também pode ter contribuído para a Ucrânia manter uma política moderada nas relações interétnicas. Além dos critérios econômicos de ingresso na UE, Kuchma menciona "a estabilidade das leis e estruturas institucionais que garantam a democracia, o Estado de Direito, os direitos humanos, e o respeito e proteção dos direitos das minorias nacionais". Endereçando novamente o problema da transição inconclusa, considera que a coexistência entre instituições soviéticas e pós-soviéticas segue sendo um obstáculo às transformações:

> Na etapa anterior, as atenções se concentravam em garantir o desmantelamento do sistema totalitário de governo e o estabelecimento de um sistema de regulação estatal adequado às peculiaridades dos processos de transformação. Até agora, este sistema não pode reivindicar integridade estrutural. Por muito tempo, foi e continua sendo dualista, combinando ecleticamente as instituições herdadas da era soviética e as novas formadas durante os anos da independência. Atualmente, a incompletude estrutural da reforma administrativa tornou-se talvez o principal obstáculo ao aprofundamento das transformações socioeconômicas e políticas. (KUCHMA, 2002, tradução nossa).

Na parte final do discurso, torna a abordar questões geopolíticas. Enfatiza que as relações econômicas com a Rússia, então principal parceiro comercial da Ucrânia, "estão organicamente alinhadas com o rumo da integração europeia", e que o país "estaria pronto para aderir à OTAN tanto quanto os estados membros da aliança estariam dispostos a aceitá-lo" – esforços deveriam ser feitos para garantir que os interesses da Ucrânia e da aliança coincidissem (KUCHMA, 2002, tradução nossa).

Na declaração de 2003, Kuchma aborda de maneira otimista o crescimento econômico do país, a "escolha europeia" e as reformas políticas que deveriam aperfeiçoar o sistema administrativo. Defende que a legislação do país fosse adaptada à União Europeia e que as reformas deveriam "não apenas superar o desequilíbrio de poder, dar um novo impulso tangível à democratização da sociedade, mas também, o que é muito importante, completar o período de transformação, finalmente tirar o Estado do sistema de governo pós-soviético" (KUCHMA, 2003, tradução nossa). Dentre as reformas discutidas, menciona a adoção de um sistema proporcional para a eleição de deputados, o fortalecimento dos partidos políticos, a formação de governos de coalizão, critérios de dissolução do parlamento pelo presidente, aspectos do sistema parlamentar-presidencial e uma possível introdução do bicameralismo. A "europeização" política e cultural foi apresentada como uma etapa necessária à democratização:

> [...] temos que perceber que a Ucrânia realizará sua entrada na União Europeia na medida em que a Europa entrará na Ucrânia – padrões europeus da cultura política, de relações sociais e trabalhistas, da própria forma de pensamento e de vida. Estaremos na Europa quando o euro-padrão filosófico se tornar uma convicção e uma prática cotidiana de nossos cidadãos, que querem se adaptar a uma civilização progressiva e próspera. (KUCHMA, 2003, tradução nossa).

Embora discorra sobre as ambições de ingressar na OTAN, Kuchma chama a atenção para a importância das relações com a Rússia e de se formar uma zona de livre comércio entre estados pós-soviéticos. Afirma que "a atividade no sentido da integração europeia deverá ter por objetivo impedir que entre uma Europa unida e seus 'vizinhos' apareça mais um Muro de Berlim que torne o nosso Estado uma zona entre uma Europa integrada e um mundo eurasiático integrado" (KUCHMA, 2003, tradução nossa).

Em outro trecho, Kuchma aborda a questão da divisão identitária regional, elemento mais saliente do problema etnonacional ucraniano. Como vimos no capítulo anterior, gradualmente se consolidou uma divisão entre um Oeste ucranianófilo, a favor da integração com a Europa, e um Leste russófilo, o que teve impacto direto no sistema eleitoral e partidário. Kuchma sustenta que a consolidação de uma nação cívica ucraniana era um desafio primordial que poderia ajudar a superar tal clivagem:

> As últimas eleições parlamentares mais uma vez atraíram a atenção da sociedade para o problema da união do nosso Estado. Isso se deve às conhecidas diferenças de preferências eleitorais nas regiões. Não é a primeira vez que tais diferenças aparecem. Elas têm pré-condições históricas e objetivas, mas, principalmente, temporárias. Essas pré-condições devem ser superadas. A própria vida, as práticas das transformações sociais e políticas apontam para a necessidade de um movimento à frente mais decisivo e, sobretudo, significativo na direção do trabalho de *state-building* – a formação de uma nação política ucraniana moderna. Solidariedade, consolidação e unidade da Ucrânia – esta é a realização da tarefa histórica mais urgente perante à Ucrânia na segunda década de sua existência soberana. (KUCHMA, 2003, tradução nossa).

Menciona que alguns políticos se especializaram em aprofundar tais discórdias e divisões e que a união nacional é uma condição necessária ao desenvolvimento da democracia. Nas suas palavras, "o pluralismo democrático, ao qual temos aderido de forma consistente, só pode dar frutos positivos quando chega a um consenso nacional" (KUCHMA, 2003, tradução nossa). Tal visão contradiz a teoria de Lucan Way (2015), segundo a qual a Ucrânia alcançou um maior nível de pluralismo político em parte pelas divisões nacionais que dificultaram a supremacia do incumbente.

A declaração de 2004, a última que antecedeu a Revolução Laranja, abordou uma série de temas, como reformas políticas, o crescimento econômico acelerado, projetos de integração geopolítica e a questão etnorregional.

Logo na seção inicial, Kuchma ressalta que na constituição de 1996 havia contradições que se tornaram um obstáculo às transformações políticas e socioeconômicas. Na sua perspectiva, as reformas políticas deveriam aumentar qualitativamente o papel do parlamento e dos partidos políticos, estando de acordo com a estratégia de integração europeia. A introdução do sistema proporcional levaria ao fortalecimento dos partidos. Destarte, a Ucrânia se tornaria o "centro da democracia" na Comunidade dos Estados Independentes. Kuchma também questiona a ausência

de um partido de direita liberal no sistema político ucraniano, o que teria relegado unicamente ao presidente o papel de promover as transformações de mercado.

Em um dos momentos de maior reflexão identitária, com críticas implícitas ao passado na URSS e no Império Russo, pondera acerca de projetos colonialistas que teriam dificultado a consolidação de uma "nação política madura":

> Passo a passo, devemos superar todas as terríveis consequências da política de desnacionalização que por séculos foi imposta ao povo ucraniano. [...] Devemos, antes de mais nada, alcançar um compromisso social ao repensar a nossa história, abandonar os estereótipos distorcidos que foram implantados na consciência pública não apenas nos anos do totalitarismo, mas também muito antes disso. Neste contexto, o problema da reconciliação e consolidação do povo ucraniano é especialmente agudo. (KUCHMA, 2004, tradução nossa).

De maneira otimista, afirma que desde os anos da independência houve tendências positivas no "complexo processo de união de todos os componentes étnicos da sociedade ucraniana". Complementa que as estruturas dos diferentes níveis de poder devem estar atentas à "criação de condições favoráveis de convivência e cooperação entre diferentes grupos sociais, independentemente de sua cultura, procedência étnica e crença". Nesse processo de consolidação identitária, são necessárias medidas estatais eficazes para "o desenvolvimento da consciência histórica, das tradições e da cultura da nação ucraniana, bem como da identidade étnica e cultural de todas as minorias nacionais". O fortalecimento do status de língua estatal do ucraniano é um passo nesse sentido, "não é um ato de coerção ou humilhação de outras línguas [...], mas um meio estratégico necessário para a sua consolidação real e o desenvolvimento de um campo comunicativo e semântico holístico" (KUCHMA, 2004, tradução nossa).

Ainda no campo identitário, reflete sobre a importância da diáspora ucraniana para a consolidação da nação e, com críticas implícitas a novas tendências confessionais, menciona a necessidade de aperfeiçoar a legislação na área.

> A Ucrânia é um Estado multiconfessional no qual, ao lado de crenças e denominações com tradições centenárias, surgem cada vez mais ativamente outras novas crenças, que nem sempre correspondem à moral pública e à mentalidade nacional. (KUCHMA, 2004, tradução nossa).

Em outros trechos, volta a mencionar as aspirações de ingresso na OTAN, os desafios a serem superados para o ingresso na UE, como a consolidação de uma classe média e a cooperação com a Rússia e a Comunidade dos Estados Independentes. Há um esforço discursivo em mostrar que a aproximação com a Rússia não constitui um obstáculo à integração com a Europa e pode, inclusive, contribuir para a estabilidade regional:

> A posição ativa do presidente da Ucrânia em questões relacionadas à otimização das nossas relações com a Federação Russa e à sua elevação ao nível de parceria estratégica é totalmente coerente com o rumo da integração europeia. A Comunidade Europeia está objetivamente interessada neste curso de eventos, inclusive na coordenação mútua da política de integração europeia dos nossos estados. Este é um fator importante para o

> alargamento da zona de estabilidade no espaço europeu, cujo estabelecimento é uma das prioridades definidoras da União Europeia. (KUCHMA, 2004, tradução nossa).

Vale lembrar que a Revolução Laranja em 2004 representou um agudo atrito geopolítico entre a Rússia e o Ocidente. Em vez de se tornar um elemento de aproximação entre ambas as partes, o país se tornou um *front* de tensões. Ainda na esfera geopolítica, Kuchma faz referências às relações com os EUA, alegando que, de acordo com o memorando de Budapeste de 1994, o país é o "garante da segurança e integridade territorial da Ucrânia" (KUCHMA, 2004, tradução nossa).

Nos momentos finais da declaração, Kuchma ressalta que o país superou diversos problemas da fase de transição, sobretudo na área econômica, e pelo quarto ano consecutivo apresentou crescimento acelerado. Em alusão à questão etnorregional, conclama por cautela, nas eleições presidenciais, contra políticos que queriam promover a divisão da sociedade:

> Particularmente responsável deve ser considerada a tarefa de estabelecer a unidade do Estado ucraniano, a inadmissibilidade de quaisquer ações que ameacem dividir a sociedade ucraniana, especialmente em bases territoriais e regionais. (KUCHMA, 2004, tradução nossa).

Podemos concluir nesta subseção que os discursos do período pré-Revolução Laranja praticamente não contaram com elementos do *trade-off* entre democracia e ordem, nem apresentaram tendências autoritárias claras. Diferentemente da Rússia, que no mesmo período presenciou narrativas aludindo à necessidade de seguir um "caminho próprio" para a democracia e, ainda, de se equilibrar "liberdades" e "estabilidade" em benefício de um "Estado forte", na Ucrânia houve um insistente discurso em prol da "escolha europeia", da adequação da legislação do país à União Europeia, de maneira que no futuro fosse possível a integração plena ao bloco. Como mencionado anteriormente, a ausência de conflitos separatistas e de problemas sérios de *stateness* pode ter levado a uma menor atratividade à recorrência do discurso do *trade-off*. Ademais, como diversos autores na área de democratização no Leste Europeu evidenciaram, a perspectiva de adesão à União Europeia pode ter criado incentivos concretos para uma maior liberalização política, fator que não esteve presente na Rússia. Embora a diversidade étnica não tenha sido apresentada como um obstáculo à democracia, alguns trechos revelaram preocupação com a polarização regional identitária e sua exploração por lideranças políticas, sobretudo em períodos eleitorais. Um último elemento que diferencia a Ucrânia do caso russo é o fato de o país ter passado por crescimento econômico sem presenciar simultaneamente a construção de um "sistema vertical de poder" personalista, de maneira que a associação ideacional entre autoritarismo e desenvolvimento econômico teve menor apelo.

5.3.3 Período Laranja (2005-2009)

O período posterior à Revolução Laranja experienciou um dos momentos de maior pluralismo político da Ucrânia pós-soviética. De acordo com a organização *Freedom House* (2021), o país registrou o maior avanço em direção à democracia, sendo classificado pela primeira vez como "livre". Na presente subseção veremos como os discursos presidenciais focaram avanços em direção à democracia e à integração com a Europa e à OTAN, mas ao mesmo tempo manifestaram preocupação com a divisão etnorregional. Foram abordados tópicos polarizados na sociedade ucraniana entre o Leste russófilo e o Oeste ucranianófilo, como a entrada na OTAN, questões históricas, a difusão da língua ucraniana, dentre outros.

No discurso de 2006, o presidente Viktor Yushchenko ressalta que a Revolução Laranja colocou a Ucrânia no centro das atenções da comunidade internacional e que o período de transição dos anos 1990 finalmente foi concluído. Em uma provocação indireta à Rússia, afirma que o país se tornou "um exemplo para outros países do Espaço Pós-Soviético, ao escolher o seu próprio caminho de acordo com as suas prioridades nacionais, e não sob a pressão de quaisquer forças" (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa). Assim como Kuchma, considera que as transformações econômicas que a Europa levou centenas de anos para alcançar, a Ucrânia deveria passar em um curto período, no máximo dez anos.

A questão da diversidade e união nacional recebeu grande atenção em diferentes momentos. Yushchenko enfatiza que por muito tempo divisões etnoculturais foram um problema, mas que agora seriam uma vantagem:

> A Ucrânia tem sido historicamente uma encruzilhada de diferentes culturas e civilizações, um local de intersecção de importantes processos transitórios, migratórios, financeiros, políticos, integradores, dentre outros. Por muito tempo, isso foi considerado um fardo, um desafio adicional e um obstáculo ao desenvolvimento nacional. Estou convencido de que hoje esta é a nossa grande vantagem e uma enorme reserva não utilizada. A base que construiremos para administrar esses processos determinará as perspectivas de um desenvolvimento estável não apenas de nosso Estado, mas também da região. (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa).

Em outro trecho, menciona a polarização geopolítica entre Leste/Sul e Oeste:

> Formou-se uma situação em que o Sul e o Leste da Ucrânia não podiam mais ficar sem a Rússia, e o Oeste dormiu e sonhou com a Europa. Kiev tornou-se o centro da luta pelo poder. E assim foi enquanto o povo não se uniu e decidiu o destino de seu próprio Estado. (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa).

Yushchenko defende que é necessário interromper a luta pelo controle da velha máquina de poder, a qual estava esgotando a confiança pública nas instituições, e consolidar "a nação multiétnica da Ucrânia". Considera ser necessário "abandonar os grilhões do passado que impedem o progresso do Estado", entre eles posicionamentos provocativos de partidos políticos,

principalmente em períodos eleitorais, que dividem a sociedade em questões como religião, língua, federalização e o ingresso na OTAN.

Assim como seus antecessores, faz referência a elementos herdados do passado soviético que permaneceram no sistema político: "temos um conflito entre os velhos métodos de governo autoritário e as novas condições de vida em um país independente" (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa). Critica o "sistema democrático" do país por não incluir todas as forças da oposição no "diálogo político" e defende a realização de reformas constitucionais.

Na área externa, foram celebrados os rápidos avanços na integração com a Europa, como o reconhecimento do status de economia de mercado, o início de negociações sobre facilitação de vistos, a implementação do Plano de Ação UE-Ucrânia, dentre outros acordos setoriais. Sustenta que o país deve se tornar um líder regional, não apenas compartilhando os "valores europeus", mas também promovendo sua implementação.

Ao abordar novamente a questão etnonacional, traz uma citação do poeta Ivan Franko: "Nosso objetivo é criar uma nação ucraniana a partir de uma grande massa étnica do povo ucraniano, um organismo cultural contínuo capaz de uma vida independente, cultural e política". Em seguida, complementa:

> O renascimento espiritual da nação deve ser baseado em sua própria história verdadeira, a qual deve passar pelo coração e pela alma de cada cidadão, cada comunidade étnica da Ucrânia. Deve ser sem manchas brancas ou mal-entendidos, igualmente "próprio" para um residente de Kiev ou Donetsk, Lviv ou Simferopol. Esta é a base para a consolidação da sociedade ucraniana, a chave para um diálogo público permanente, que deve assumir formas institucionais, ser conduzido com a participação de representantes de várias comunidades e diásporas. (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa).

A paz interétnica é apresentada como uma das maiores conquistas políticas do país. É interessante observar que este é um dos poucos discursos em que se menciona a palavra "nacionalidade", em vez de "etnia", como na tradição soviética. Há ainda uma insinuação de que as minorias não são autóctones da Ucrânia – possuem outra "pátria histórica", o que remete às tentativas de institucionalização do etnonacionalismo no período soviético:

> A Ucrânia é há muito tempo o lar de pessoas de várias nacionalidades [grupos étnicos]. Seguidores de diferentes tradições religiosas coexistiram pacificamente em nossa terra. E hoje a Ucrânia é um dos poucos estados pós-soviéticos em que a paz entre nacionalidades [interétnica] é preservada. Este é um de nossos maiores bens e devemos valorizá-lo. Nosso dever é fortalecer ainda mais a harmonia entre nacionalidades [interétnica] para prevenir conflitos por motivos nacionais [étnicos] ou religiosos. Os representantes de cada grupo étnico devem se sentir melhor na Ucrânia do que em sua pátria histórica. (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa).

Para Yushchenko, o status oficial da língua ucraniana seria não apenas um fator de integração dos diferentes grupos, mas também de segurança cultural, informativa, econômica e política do Estado. Na conclusão, afirma que o Estado precisa de uma "nova ideologia unificadora", que não deve mais se basear em uma oposição a um adversário ou inimigo:

> Não pode mais ser uma luta pela independência ou liberdade, uma luta contra o regime ou qualquer outra luta. Em geral, não pode ser nada relacionado à palavra luta. Hoje temos que sair das trincheiras, depor os braços e apertar as mãos. (YUSHCHENKO, 2006, tradução nossa).

O discurso de 2008 abordou temas polêmicos relacionados à polarização entre Leste e Oeste, como a Grande Fome (*Holodomor*)[380] dos anos 1930, as relações com a Rússia e o ingresso na OTAN. Até então, discursos presidenciais tinham evitado endereçar de maneira direta tópicos sensíveis.

Na seção inicial, Yushchenko conclama à superação de confrontações em diferentes áreas, como na questão da OTAN e na realização de novas eleições. Afirma que "está sendo restaurada uma nação política ucraniana unificada", sob a garantia do Estado, e que se mantém a "lógica de processos geopolíticos de uma Europa integrada" (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa). A sociedade busca mudanças, mas os trabalhos nesse sentido são prejudicados pelo confronto político, que afetou a própria coalizão governista:

> O principal obstáculo ao pleno progresso do país é a fragmentação, o egoísmo, a arrogância, o conservadorismo e a corrupção da classe política, que reflete inadequadamente as demandas da sociedade e não acompanha o seu desenvolvimento. (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa).

Na sua perspectiva, a falta de separação efetiva entre os poderes, o caráter anacrônico das relações entre o governo central e as regiões, bem como a corrupção em larga escala, são as "principais ameaças ao país e aos cidadãos". Na esfera identitária, critica a atuação do governo anterior por não ter financiado projetos nacionais, como o apoio a livros ucranianos e a difusão da língua ucraniana, e considera que os valores nacionais enfrentam a "indiferença" de políticos e até mesmo uma "hostilidade chauvinista", possivelmente em referência à contestação de elementos históricos e identitários ucranianos por russos. Ao apoiar reformas constitucionais, defende ser necessária uma constituição que garanta direitos e liberdades e "proteja o país contra o autoritarismo". Reformas no Estado, da área territorial-administrativa à segurança pública, estariam em consonância com a "escolha europeia" (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa).

Próximo ao final, torna a mencionar a formação de uma nação unida:

> Nossa maior missão comum, na qual está a essência da ideia nacional, é o renascimento da nação ucraniana como um organismo único e vital que abrange todo o nosso povo, todos os cidadãos da Ucrânia, independentemente de pontos de vista, origem e fé. (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa).

Cabe notar que no caso russo a necessidade de união do povo multinacional foi mencionada em diversas ocasiões e constituiu um dos argumentos para a realização de reformas

[380] Ucranianófilos consideram a Grande Fome (*Holodomor*) um ato de genocídio do governo soviético contra o povo ucraniano. Russos e russófilos negam que a caracterização do fenômeno como "genocídio" étnico, alegando que outras regiões da URSS também foram impactadas.

centralizadoras. Por sua vez, na Ucrânia, embora não tenha havido instrumentalização da questão étnica na área institucional, houve tentativas de promover políticas identitárias que acirraram polarizações etnorregionais. Em 2010, por exemplo, Yushchenko conferiu o título de "herói" a Stepan Bandera – integrante do Exército Insurgente da Ucrânia, que, na Segunda Guerra, lutou pela independência da Ucrânia em relação à URSS, mas em um momento colaborou com nazistas e participou de seus crimes (posteriormente lutou contra estes). Enquanto no Leste há atitudes positivas e romantizadas quanto a Bandera e ao UPA, como símbolos da luta pela independência nacional, no Leste ambos são vistos como extremistas ultranacionalistas e nazistas.

Yushchenko menciona que ideias que concebem a Ucrânia como a "pequena Rússia" (*malorosiystvo*)[381] e provincialismos deveriam dar lugar a "projetos e programas de cultura nacional". Em referência à Grande Fome (*Holodomor*) de 1932-33 e ao Holocausto, defende que a *Verkhovna Rada* aprove uma lei que criminalize tentativas de negá-los e de "zombar da memória das vítimas dos genocídios" (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa). Sua crítica diz respeito a visões de mundo recorrentes no Leste do país. No período Laranja acirrou-se a polarização identitária entre o Leste russófilo e o Oeste ucranianófilo.

Na área de política externa, alega ser necessário despolitizar as relações com a Rússia e "desenvolver relacionamentos amigáveis, vantajosos e recíprocos", "sem desconfiança e preconceito". Como seus antecessores, busca apresentar o projeto de integração com a Europa e de boas relações com a Rússia como objetivos compatíveis: "estou confiante de que a Ucrânia, como membro de pleno direito da comunidade euro-atlântica de nações, será sempre um dos parceiros mais confiáveis da Federação Russa" (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa).

Finalmente, Yushchenko menciona o Plano de Ação para o ingresso na OTAN, meta que requeria "um acordo tanto dentro do país como com os parceiros externos". Tal processo deveria ser "inevitável" e "beneficiaria não só a Ucrânia como toda a Europa" (YUSHCHENKO, 2008, tradução nossa).

Em seu último discurso anual ao parlamento, em 2009, Yushchenko torna a fazer referências à união nacional e a questões identitárias, ignorando a crescente polarização regional pela qual o país vinha passando nas últimas eleições:

> Nós nos estabelecemos como uma nação unida. Uma nação unida ucraniana com um caráter expressivo, cultura e língua, tradições, história, nascida de nossa terra. E ao mesmo tempo como uma nação política unida, criada sem divisão em pontos de vista, fé, palavra ou origem. (YUSHCHENKO, 2009, tradução nossa).

[381] Denominação comum à parte do território ucraniano na historiografia russa. O povo russo estaria dividido em três grupos: "grandes russos" (russos), "pequenos russos" (ucranianos) e "russos brancos" (bielorrussos). Na Ucrânia tal versão é contestada e apontada como parte do chauvinismo imperial russo.

Em seguida faz uma provocação indireta à Rússia: "Aprendemos a ser uma nação – abertamente, seguindo a nossa consciência, apesar da insatisfação alheia, revelando-nos a nós próprios [...]". Afirma que a Ucrânia se tornou um Estado livre e que em duas ocasiões a oposição chegou ao poder em eleições livres e limpas.

Ao mencionar a integração com a Europa e a OTAN, enfatiza que tal processo constitui um instrumento para o bem-estar e a garantia da segurança do país, e elenca as etapas alcançadas até então. Ao mesmo tempo, cita uma série de ameaças internacionais de grande saliência:

> As principais ameaças vêm da corrosão das normas jurídicas internacionais, da deterioração geral da atmosfera das relações internacionais, da dependência energética da Ucrânia e das tentativas perigosas, destrutivas e míopes de usar o direito da força para resolver disputas ou conflitos. (YUSHCHENKO, 2009, tradução nossa).

Reforça que a escolha europeia e euro-atlântica é "inalterável" e que almeja a melhora nas relações com a Rússia. No plano interno, aponta o declínio econômico, o aprofundamento da crise política e os protestos sociais em larga escala como sérias ameaças. Faz duras críticas ao sistema proporcional de lista fechada, que, na sua opinião, teria prejudicado o vínculo entre eleitores e representantes e levado a uma hipertrofia do papel dos líderes partidários, além das mudanças constitucionais de 2004, que teriam limitado a atuação do presidente, criando um dualismo no Poder Executivo com o primeiro ministro.

Yushchenko também critica tentativas de "usurpação" de poder, argumentando que "a sociedade não exige mão forte, como alguns pensam, mas sim o Estado de Direito". Conclama que sejam estabelecidos critérios concretos para a divisão de poderes e sugere mudanças institucionais, como a redução no número de deputados, a criação de uma câmara alta e a revogação da imunidade parlamentar. Ciente da histórica resistência ao federalismo no país, afirma que o bicameralismo foi também adotado em países unitários, como a República Checa, a Polônia e a França.

Na seção final, Yushchenko discorre sobre estratégias de superar o dualismo no Executivo, defendendo a manutenção da formação do Governo pelo parlamento, mas ao mesmo tempo reafirmando que o presidente é o "garante da soberania do Estado, da segurança e da integridade territorial da Ucrânia" (YUSHCHENKO, 2009, tradução nossa).

Podemos concluir nesta subseção que os discursos do período Laranja refletiram a preocupação com a crescente polarização regional que o país vinha passando, sem fazer alusão direta à existência de *trade-offs* entre democracia e ordem. Em diferentes momentos Yushchenko citou a "unidade" da nação ucraniana, ora como um objetivo já conquistado, ora como uma meta a ser alcançada e defendida. Foram abordados tópicos sensíveis e intrinsecamente ligados à polarização identitária. O posicionamento de Yushchenko no polo "ucranianófilo" foi frequentemente apontado como uma das causas de descontentamento entre adeptos do polo "russófilo" do Leste e Sul. Em diferentes momentos defendeu a condução de reformas políticas,

inclusive o fim do acordo de 2004 que enfraqueceu os poderes presidenciais. Porém, não teve os mesmos recursos de Putin, o qual contou com um partido predominante no parlamento e com oportunidades de utilizar o problema de *stateness* para legitimar reformas.

5.3.4 Período Yanukovich (2010-2013)

A eleição de Viktor Yanukovich em 2010, em um contexto de intensa polarização regional, pôs fim ao período Laranja. Yanukovich conseguiu formar um governo de considerável centralização e coesão partidária, em torno do Partido das Regiões, com ampla base no Leste e Sul do país, o que afetou negativamente o chamado "pluralismo por inércia" (Way, 2015). Como vimos anteriormente, em seu governo foram adotadas medidas polêmicas, como o aumento do controle sobre a Corte Constitucional e o retorno à constituição pré-2004, fortalecendo os poderes presidenciais. Nos discursos, Yanukovich faz referência a elementos que remetem indiretamente a *trade-offs* da democracia, como paralisações do processo decisório e de transformações econômicas devido a disputas políticas intensas. Apresentou uma retórica mais alinhada à corrente russófila da sociedade ucraniana, defendendo a aproximação à Rússia e o status não alinhado para a Ucrânia, ou seja, a não entrada na OTAN. Ao mesmo tempo, reforça que a integração com a União Europeia é uma escolha que une a sociedade. Sua recusa em assinar um tratado comercial que facilitaria a entrada do país na UE levou aos protestos da Euromaidan de 2013-2014.

Em seu primeiro discurso anual, comunicado ao parlamento apenas textualmente e endereçado ao "povo da Ucrânia", Yanukovich fez diversas críticas ao governo Yushchenko, defendeu o status de país "não alinhado", além da promoção de reformas institucionais para garantir estabilidade.

Logo no início, menciona o projeto de lei enviado ao parlamento acerca das "bases da política interna e externa", o qual teria por objetivo estabelecer uma cooperação clara entre o presidente, o Governo (gabinete de ministros) e o parlamento e com isso colocar fim à "instabilidade política". Acusa o governo anterior de ter promovido desordem:

> Nos últimos cinco anos, o povo da Ucrânia teve a oportunidade de ver a que conduzem os conflitos nos escalões superiores do poder e no âmbito local. Estou convencido de que esta triste página da história do nosso Estado foi irrevogavelmente virada. [...] Quero que vocês saibam: recebemos o país em estado gravemente doente. O governo Laranja de fato perdeu o controle sobre os processos no Estado e estava empenhado principalmente em resolver seus próprios assuntos e relações. (YANUKOVICH, 2010, tradução nossa).

Na esfera da política externa, afirma que em um curto período de tempo o seu governo conseguiu estabilizar as relações com a Europa, os EUA e a Rússia. Nas suas palavras, o país se

aproximou de assinar o Acordo de Associação à União Europeia e regularizou o problema do gás importado da Rússia, negociando preços mais favoráveis.

Yanukovich considera que a crise financeira internacional foi potencializada na Ucrânia devido à incompetência de seu antecessor e também a fatores como a "ineficiência da 'velha economia pós-soviética', os conflitos internos e a política externa descoordenada". Ao contrário de outros incumbentes, que em diferentes ocasiões ressaltaram os obstáculos e aspectos negativos da transição múltipla nos anos 1990, afirma que o país contou com condições positivas na fase inicial, como "uma sociedade altamente educada, apaixonada por construir uma Ucrânia forte e moderna, uma indústria moderna, boas terras e ciência e cultura desenvolvidas" – é notável o teor positivo em relação ao passado soviético. A despeito dessas condições, alega que o desenvolvimento foi interrompido e o país passou a enfrentar uma grave crise demográfica e social, com elevada pobreza e subfinanciamento da educação. Ademais, "a incompletude das transformações de mercado, interrompidas no meio do caminho por guerras políticas e populismo primitivo, levou ao desenvolvimento de um 'capitalismo selvagem' específico em que o empreendedorismo coexiste com a burocracia" (Yanukovich, 2010, tradução nossa). Sustenta que o problema é agravado por conflitos, dualismo no Executivo entre presidente e Governo, tribunais corruptos e partidos políticos subdesenvolvidos

De maneira implícita, Yanukovich faz duras críticas à política identitária "ucranianófila" do período Yushchenko, o qual condenou o passado soviético, promoveu heróis nacionais respeitados no Oeste mas não no Leste (Yanukovich revogou o título de herói a Stepan Bandera) e buscou incentivar uma maior difusão da língua ucraniana em detrimento do russo:

> Veja a política ucraniana pelos olhos de um cidadão comum: guerras por monumentos, busca constante de inimigos, reformulação da história, acusações a gerações inteiras de que não viveram suas vidas da maneira correta, humilhação na questão da língua e assim por diante. (YANUKOVICH, 2010, tradução nossa).

Apesar de ser um político do campo "russófilo" e defender melhores relações com a Rússia, no discurso de Yanukovich há menções à "escolha europeia" como uma "meta nacional", capaz de unir os cidadãos. Contra uma concepção étnica de nação e favorável a uma perspectiva cívica, defende "o fortalecimento da identidade da nação política ucraniana como uma comunidade multicultural consolidada, o desenvolvimento da sociedade na base do diálogo interno, dos valores humanísticos e da tolerância" (YANUKOVICH, 2010, tradução nossa).

Em outro trecho, Yanukovich alude à necessidade de fortalecimento do Estado, destacando que "as reformas econômicas estão fadadas ao fracasso se as pessoas tiverem um governo ineficiente e um Estado fraco", logo, "um Estado efetivo é uma das principais prioridades das novas transformações". Também enfatiza que não mais permitirá a "anarquia" no sistema jurídico e a "guerra no governo" dos últimos cinco anos. Propõe mudanças institucionais no sistema

político, como o empoderamento dos partidos e o retorno parcial do sistema majoritário (misto) nas eleições para o parlamento, além de diminuir a influência de oligarcas e lobistas.

Endereçando a polarização regional, Yanukovich cita que nos últimos anos o país vem enfrentando discórdia e constantes "tentativas de dividir as pessoas entre 'nossas' e 'estranhas'", e que "chegou o momento de ouvir e entender um ao outro". Em alusão à necessidade de integração da sociedade, afirma:

> Lançamos em conjunto um novo projeto de país em 1991. E devemos decidir seu destino juntos. E neste caso não pode haver nem messias nem profetas. Nossa principal prioridade comum é uma sociedade unida, um espaço humanitário unificado, um avanço para o círculo dos povos mais bem-sucedidos do mundo. [...] Acredito que em 2011 devemos dar um passo significativo para resolver a tarefa fundamental do desenvolvimento nacional – a formação de uma sociedade ucraniana consolidada. (YANUKOVICH, 2010, tradução nossa).

Em outra referência a uma concepção cívica de nação, declara: "nossa comunidade e nossa identidade se formam com base na cidadania, na unidade e na diversidade cultural, em um amplo diálogo". Para 2011 foi planejado o fórum nacional "Ucrânia: diálogo de culturas", no âmbito do qual deveriam ser encontradas "respostas para todos os problemas acumulados nas relações interétnicas e inter-religiosas em uma única plataforma da casa comum da Ucrânia". O multiculturalismo e a superação de desavenças ideológicas receberam destaque:

> O diálogo de culturas é o núcleo que vai realmente garantir a singularidade do nosso Estado na Europa e no mundo. A Ucrânia do século XXI precisa de uma geração jovem e integrada. Os jovens não devem ser reféns de conflitos políticos e ideológicos do passado. E isso só é possível dentro da estrutura do espaço humanitário unido do país. [...] É necessário abandonar o clichê e a doutrina limitada de 'Oeste' e 'Leste' [...]. (YANUKOVICH, 2010, tradução nossa).

Na seção final, Yanukovich torna a citar a integração europeia como uma prioridade da política externa, mas faz a ressalva de que a assinatura do Acordo de Associação estaria condicionada à consideração do equilíbrio de interesses entre ambas as partes. Ademais, em um tom pessimista, enfatiza que a UE estaria em uma fase de "cansaço de alargamento", aprofundado pela crise financeira global. No que concerne às relações com a Rússia, afirma que foram retomados os diálogos interrompidos pelo governo Laranja e discorre sobre os avanços no âmbito de uma "parceria estratégica", "importante componente da segurança europeia". Menciona a cooperação com a OTAN, mas ao mesmo tempo defende o status de Estado "não alinhado" e a manutenção de boas relações simultaneamente com a UE, a Rússia e os EUA. A política de não alinhamento exigiria que o país aumentasse os investimentos em segurança e autodefesa, na sua perspectiva, muito aquém de países da região.

No segundo discurso anual, declarado presencialmente no parlamento, Yanukovich destaca uma vez mais o status de país não alinhado e os avanços nas relações com a Rússia. Este foi um dos discursos que mais exaltaram a cooperação com o país vizinho.

Na seção inicial, faz referência a reformas e expressa preocupação quanto às ameaças e instabilidades contemporâneas:

> devemos entender que a política de mudanças profundas será conduzida em um contexto de instabilidade global, de novas crises e novas ameaças, as quais temos que aprender a prevenir e levar em conta em tempo hábil. O mundo contemporâneo está mudando rapidamente. Está se tornando multipolar, mais complexo e dinâmico, com novas oportunidades e desafios para o desenvolvimento de cada país, de cada comunidade. (YANUKOVICH, 2011, tradução nossa).

Cita uma lista de ameaças globais, como a fome e a falta de água potável em alguns países, a disputa por recursos naturais, problemas ecológicos e climáticos, além de conflitos e tensões nas relações internacionais. Posteriormente, alude à importância das reformas, algumas das quais iniciadas em 2010, nas áreas da justiça, sistema regulatório, administração pública, educação, saúde, defesa e questões estruturais do sistema político que demandariam alterações constitucionais, além de reafirmar o combate à burocratização, à corrupção e ao narcotráfico.

No que tange à política externa, Yanukovich volta a restringir o âmbito de cooperação com o Ocidente ao defender a doutrina do não alinhamento. Este é um dos discursos em que o distanciamento foi mais notável. Menciona a "interação" com a OTAN, ao mesmo tempo em que manifesta a intenção em realizar projetos conjuntos com outras estruturas de segurança, como a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, aliança norteada pela Rússia. Nas suas palavras:

> Há mais de um ano, a Ucrânia vem implementando um curso qualitativamente novo de política externa, baseado no conceito de pragmatismo nacional. Os seus elementos básicos são a escolha pelo não alinhamento, a política de parceria ideologicamente neutra nas relações com a Rússia e os países da CEI, com a União Europeia, Estados Unidos, Turquia, China, países da ASEAN, outros estados e associações regionais. Ao abandonar os clichês ideológicos na política externa, a Ucrânia foi capaz de expandir significativamente o círculo de parceiros e desenvolver novos vetores da atividade diplomática. (YANUKOVICH, 2011, tradução nossa).

A orientação "russófila" é evidente quando Yanukovich pondera que "o rumo da integração europeia não foi e não impedirá o desenvolvimento de uma parceria estratégica com a Rússia" e que "a normalização das relações com a Rússia tornou-se parte integrante da escolha europeia" (YANUKOVICH, 2011, tradução nossa). Afirma que foram retomados o diálogo pleno e a cooperação econômica, e expressa interesse em maior interação com a União Aduaneira – projeto de integração regional promovido por Moscou.

Na conclusão, declara ter como objetivo "tirar a Ucrânia do 'buraco' histórico do período de transição, no qual ela caiu devido a constantes crises, à luta pelo poder e pela propriedade" (YANUKOVICH, 2011, tradução nossa).

Em 2012 e 2013, Yanukovich não proclamou pessoalmente o discurso anual ao parlamento, mas enviou uma extensa apresentação por escrito aos deputados[382]. Uma vez que os documentos não tiveram o papel de comunicação popular dos outros anos, não foram incorporados a esta análise.

Podemos concluir nesta subseção que os discursos de Yanukovich, ao defenderem veementemente o status não alinhado, refletiram a reorientação geopolítica no sentido de distanciamento parcial do Ocidente, sobretudo da OTAN. Ao mesmo tempo, destacaram o aprofundamento das relações com a Rússia, prejudicadas durante o período Laranja. Os discursos contêm diversas referências a "instabilidades" e "ameaças", o que de certa maneira os aproximam dos discursos de Vladimir Putin – o gráfico de menções a "desordem" na seção inicial evidencia essa tendência. Possivelmente, junto às críticas ao governo anterior, essa foi uma estratégia voltada à criação de um contexto favorável a reformas políticas estruturais em benefício do incumbente, sob o pretexto de garantir mais "ordem" e "estabilidade". Por outro lado, o fato de o país não ter experienciado conflitos e problemas graves de *stateness* no passado recente pode ter restringido o potencial apelativo desta estratégia, ou seja, o seu uso como recurso não-material de poder. Não há um uso direto do discurso do *trade-off*. Finalmente, é interessante observar que foram expressas preocupações com a polarização etnorregional e a "unidade" nacional. A "nação" foi apresentada como um projeto multicultural e cívico, sem um núcleo cultural e linguístico. No período Laranja, apesar das preocupações semelhantes e da defesa de uma concepção cívica de nação, seu projeto de matriz identitária contou com um núcleo fundamentado na cultura e língua ucraniana, além de fatos e figuras históricas contestadas entre as diferentes regiões.

5.3.5 Período de conflito (2014-2020)

O conflito iniciado em 2014 foi amplamente abordado nos discursos anuais ao parlamento. Como veremos a seguir, diferentemente da Rússia, em que a questão separatista foi apresentada como um problema principalmente interno, que demandava uma ampla reformulação de instituições políticas, na Ucrânia o conflito foi abordado como um problema inteiramente externo, uma agressão armada por parte da Rússia, facilitada pela atuação de alguns grupos políticos internos "traidores" – a chamada "quinta coluna"[383]. Tal enquadramento teve implicações distintas, mas também impactou o pluralismo e a competição política no país ao restringir o escopo de

[382] Korrespondent. Vin ne prijshov. Yanukovich drugij rik pospil vidmovivsya vistupiti u radi zi shchorichnim poslannyam. 06.06.2013. URL: https://ua.korrespondent.net/ukraine/politics/1567452-vin-ne-prijshov-yanukovich-drugij-rik-pospil-vidmovivsya-vistupiti-u-radi-zi-shchorichnim-poslannyam [Último acesso: 16.07.2021].
[383] No próximo capítulo será realizada uma análise sobre a narrativa da "quinta coluna" na imprensa ucraniana.

posicionamentos abertos à discussão, sobretudo em questões de política externa e identitária. A justificativa para as restrições dialoga diretamente com a concepção de "democracia militante". Em certa medida, há um esforço para unir a população e as elites contra um inimigo em comum – promover o efeito "rally 'round the flag".

O discurso de 2014, proclamado alguns meses após o início da crise, refletiu a preocupação geral com a beligerância. Na seção inicial, o presidente Petro Poroshenko a menciona como uma das maiores ameaças ao país desde a Segunda Guerra Mundial e a perseguição soviética ao movimento nacional ucraniano no pós-guerra. Afirma que a recusa de Yanukovich em assinar o Acordo de Associação com a UE foi parte de uma estratégia da Rússia que tinha como objetivo a reversão da "escolha europeia" e a destruição do Estado ucraniano. As forças políticas internas aliadas ao governo russo seriam a "quinta coluna" que auxiliaria nesse objetivo:

> Mas o então regime da Pequena Rússia[384] [referência negativa ao governo Yanukovich] tentou desafiadoramente enterrar a perspectiva europeia de nossa grande nação europeia. Na verdade, a discussão sobre a escolha entre a União Europeia e a União Aduaneira [bloco promovido pela Rússia], na minha opinião, era simplesmente uma fachada. Estou absolutamente convencido disso. Naquela época, nossos vizinhos, junto com a quinta coluna dentro do país, estavam rapidamente desmantelando o Estado ucraniano. (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

Em seguida, Poroshenko critica tentativas internacionais de apaziguar a Rússia pela mediação, acreditando que caberia à Ucrânia determinar o seu próprio destino e proteção:

> Há um ano, nós, como povo da Ucrânia, frustramos o plano de liquidação silenciosa da Ucrânia, e então o inimigo entrou em guerra contra nós. [Recorreu a] ameaça militar; ataque à nossa soberania, à nossa independência, à nossa integridade territorial; negligência do direito internacional por um dos maiores países do mundo. Crise dos sistemas de segurança globais e europeus e as tentativas de voltar a recorrer à política historicamente falida de apaziguar o agressor. Falta de garantias fiáveis de segurança externa, o que não nos permite confiar plenamente nos instrumentos jurídicos internacionais existentes para proteger os nossos interesses nacionais ucranianos. (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

Poroshenko afirma que a guerra também teria grande impacto na economia, afugentando investidores, e que uma eventual pacificação do Donbass não livraria o país da ameaça russa. Considera que a Rússia temia o sucesso das reformas na Ucrânia e tentaria sufocá-la, inclusive, economicamente e na área da informação, como os nazistas:

> Semear desespero, depressão, discórdia e caos em nossa mente é a tarefa dos modernos seguidores de Goebbels, mobilizados para a guerra de informação contra a Ucrânia. [...] O desemprego, a pobreza e a injustiça social [...] serão usados pelo inimigo para desestabilizar o país. (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

Em uma reflexão sobre as causas da vulnerabilidade ucraniana, sustenta que, ao contrário de alguns países do Leste Europeu, as elites políticas cometeram um grave erro ao não ter iniciado

[384] Como mencionado anteriormente em nota, "Pequena Rússia" [*Malaya Rus*] é um termo histórico frequentemente utilizado na historiografia russa para se referir à Ucrânia. O termo adquiriu uma conotação negativa no sentido de questionamento da existência do país como Estado independente e soberano.

os procedimentos de ingresso na OTAN nos anos 1990. Pressupõe que o país estaria mais protegido frente à agressão russa caso fosse membro da aliança.

Conciliando uma abordagem otimista com o cenário calamitoso, Poroshenko destaca alguns fatores positivos que teriam sido facilitados pelo conflito, sobretudo o alto grau de "consenso nacional". Como vimos anteriormente, a sociedade ucraniana apresenta clivagens etnorregionais associadas a questões históricas, geopolíticas e identitárias – a divisão nacional entre "russófilos" e "ucranianófilos" (Way, 2015). O conflito com a Rússia, com a percepção do país como ameaça, e a separação *de facto* de regiões do Leste teriam contribuído para um enfraquecimento da vertente russófila e uma expansão da vertente ucranianófila. Para Poroshenko, a existência de uma "comunidade política ucraniana estável, constante e democrática" foi um fator ausente no início dos 1990, o que prejudicou a transição. Outros estados do Leste Europeu, como a Polônia, República Checa e países bálticos, teriam sido beneficiados por contarem com um alto grau de "consenso nacional". Por trás dessa reflexão está a ideia, discutida ao longo da tese, de que a diversidade étnica/ identitária pode ser percebida como um obstáculo à democratização.

Uma evidência, mencionada por Poroshenko, de que o consenso nacional finalmente foi alcançado é a rejeição ao federalismo. Por anos a federalização do país foi apresentada como um possível instrumento de acomodação de interesses regionais, com reivindicações mais expressivas no Leste do país. Esse debate estaria supostamente superado:

> O instável equilíbrio ideológico em que a Ucrânia se encontrou por 23 anos, quando a Ucrânia se equilibrava entre Leste e Oeste, finalmente mudou com toda a clareza. Cem por cento dos ucranianos agora é a favor de um Estado unido, um país unido! A maioria constitucional dos ucranianos o vê como um país unitário, sem qualquer federação! (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

O consenso também teria sido alcançado em questões como o ingresso na União Europeia e a aceitação do ucraniano como única língua oficial. O único tema ainda polarizado em algumas regiões seria o ingresso na OTAN. Divisões etnorregionais foram apresentadas como uma construção "artificial" finalmente superada:

> A grande maioria dos cidadãos ucranianos finalmente apoia a implementação do Acordo com a União Europeia – o Acordo de Associação e a ideia de adesão da Ucrânia à União Europeia. Isso nunca aconteceu antes. Caros colegas, devemos aproveitar esse momento. O número de pessoas que apóiam a língua ucraniana como única língua oficial finalmente atingiu níveis recordes. A propósito, durante o ano passado o número de apoiadores da adesão da Ucrânia à OTAN triplicou, sobretudo graças à Rússia, porque não vejo mais nada que o explique. No entanto, este problema continua sendo o único dos chamados temas complexos em que um percentual polarizado de opiniões ainda persiste em algumas regiões. Mas, em geral, em muitos aspectos, a divisão artificial da Ucrânia com base na geografia, etnias, línguas e religiões foi finalmente superada, essa divisão é coisa do passado. A Ucrânia nunca esteve tão unida como agora! (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

Poroshenko alega novamente que o objetivo das elites políticas russas não era apenas fomentar o secessionismo em parte do país, mas dividir e acabar com o Estado ucraniano. No

entanto, considera que, ao contrário do que o inimigo esperava, a população russófona não sucumbiu ao secessionismo e a Ucrânia estaria presenciando a consolidação de uma nação cívica, na qual o sentimento de pertencimento não dependeria de afiliações étnicas, linguísticas e regionais:

> O inimigo estabeleceu para si mesmo o objetivo de não apenas revisar as fronteiras. O objetivo é diferente. Ninguém precisa de Donetsk, Luhansk ou Donbas. Sabemos muito bem que a questão era dividir o Estado ou apagá-lo totalmente do mapa. Destruir-nos como uma grande nação europeia. E erraram gravemente. A nação política ucraniana finalmente se estabeleceu em todas as áreas – Oeste e Leste, Norte e Sul. Reuniu representantes de diferentes grupos étnicos e falantes de diferentes línguas. Ao participar da Guerra Patriótica de 2014 pela independência da Ucrânia, nossos compatriotas de língua russa demonstraram que em russo eles amam a Ucrânia tanto quanto nós a amamos em ucraniano. E estou orgulhoso da coragem e da responsabilidade dos nossos compatriotas! (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

Em outro trecho, Poroshenko discorre sobre a necessidade de fortalecer o exército e critica o "pacifismo irresponsável" cultivado em outros anos. Defende que a militarização da sociedade é inevitável, "dentro de limites saudáveis", e que o "treinamento militar introdutório" deveria se tornar uma das principais disciplinas escolares. Na sua perspectiva, o status de país não alinhado, declarado por Yanukovich em 2010, não pôde garantir a segurança e integridade territorial do país. Logo, esforços deveriam ser feitos em prol do ingresso na OTAN.

Próximo ao final, Poroshenko enaltece a formação de uma ampla coalizão de mais de 300 deputados, reflexo do "consenso nacional", mas faz a ressalva de que tanto no parlamento quanto na sociedade ainda há uma minoria que defende uma maior integração com a União Aduaneira e o status de segunda língua estatal (oficial) ao russo. Ressalta que tais minorias não terão "o direito de vetar decisões geopolíticas e civilizacionais de uma maioria convincente, cuja existência é evidenciada pelas eleições presidenciais e parlamentares" (POROSHENKO, 2014, tradução nossa). Porém, concessões poderiam ser feitas por meio da descentralização do poder, de forma que se levassem em conta especificidades locais em temas como confissão, memória histórica, língua, religião e tradições étnicas.

Poroshenko salienta que a língua ucraniana, por ter sido "perseguida e reprimida" por muito tempo, deve passar por uma "discriminação positiva", sendo reconhecida como única língua estatal, um fator de "consolidação da sociedade e do Estado". Destaca que a questão linguística não é o único elemento que diferencia a Ucrânia da Rússia, mas também a presença de uma cultura política democrática:

> a principal diferença entre a Ucrânia e a Rússia não é tanto na língua, mas na cultura política distinta, a qual foi demonstrada durante as eleições e a Revolução de Dignidade [protestos contra o regime Yanukovich em 2013-14]. Em diferentes tipos de relações entre o Estado e a sociedade, em diferentes atitudes em relação à liberdade e à democracia. (POROSHENKO, 2014, tradução nossa).

Na conclusão, menciona que, segundo o evangelho, "reinos divididos internamente cairão". Portanto, seria imprescindível a união da sociedade na luta pela Ucrânia, almejando a paz e a realização de reformas.

O discurso de 2015 deu continuidade à representação da Rússia como grande ameaça nacional, junto às forças internas que estavam ao seu lado, a chamada "quinta coluna". Poroshenko o inicia mencionando que o regime Yanukovich estava levando ao "fim da história ucraniana", planejado pelas elites centrais russas. Nas suas palavras, o inimigo tinha o objetivo de promover instabilidades em todo o país, aproveitando-se da atuação interna da quinta coluna, os membros do governo Yanukovich:

> O que vem à mente? Crimeia anexada. Militantes russos tomaram a maior parte do Donbas. Os separatistas instigados por Moscou estão alimentando levantes pró-Rússia em Kharkiv, Odessa e outras cidades. O Kremlin se preparava para a ocupação total da Ucrânia ou pelo menos seu desmembramento, porque sabia que a sua quinta coluna havia finalmente destruído o exército ucraniano, desarmado-o e deixado-o nu e descalço. Em março de 2014, pouco mais de cinco mil soldados estavam prontos para cumprir suas tarefas, se encontrassem combustível para chegar ao *front*. Olhando para o futuro, direi que hoje mais de 50 mil heróis estão defendendo o país apenas na Zona de Operação Antiterrorista [área de combate contra os separatistas] e, até o final do ano, aumentaremos o número total do exército para 250 mil. (POROSHENKO, 2015, tradução nossa).

Poroshenko critica a política multivetorial de aproximação a diferentes polos geopolíticos e defende a "europeização" do país. Afirma que o inimigo almejava que a Ucrânia "desaparecesse do mapa político da Europa" e, por meio do serviço de inteligência, buscava promover uma "epidemia de separatismo" nas regiões do Leste e do Sul, mas fracassou. Mesmo em Donetsk e Luhansk os separatistas permaneciam no poder apenas devido às "baionetas russas". Argumenta que, apesar da política de "pacifismo absurdo" adotada por anos, o país conseguiu modernizar o exército e, com o apoio de voluntários[385], resistir à agressão russa. Novamente reforça-se a ideia de que o conflito não é um problema interno relacionado à questão etnorregional, mas externo: "não são 'mineiros' ou 'tratoristas' que estão lutando contra nós, mas unidades regulares das forças armadas russas" (POROSHENKO, 2015, tradução nossa). A atuação russa contra o país não estaria limitada à área do conflito, mas abrangeria, inclusive, uma guerra diplomática global para legitimar a ocupação. Por outro lado, ressalta que os EUA e a Europa tinham uma posição consolidada a favor da Ucrânia.

Ao abordar a democratização do país, Poroshenko enfatiza a importância da "descomunização". Acredita que o comunismo deve ser "apagado da cabeça" e critica deputados por aderirem a antigos slogans do Partido Comunista da Ucrânia (KPU). Vale lembrar que o KPU foi banido em 2015. Também menciona que houve pressões de vários lados para que fosse adotada

[385] A atuação de um grupo paramilitar de ultradireita no combate contra os separatistas, o batalhão de Azov, causou apreensão quanto a violações de direitos humanos.

a "lei marcial", a qual exponenciaria os seus poderes e cercearia uma série de direitos e liberdades, mas seu ímpeto democrático o impediu de recorrer a tal instrumento. Sustenta que a democracia era uma garantia de segurança ao país, por ser simultaneamente uma condição implícita para a obtenção de apoio externo e um fator de diferenciação identitária em relação à Rússia:

> A Ucrânia só pode existir como uma democracia; caso contrário deixaremos de existir, pois uma Ucrânia autoritária ficaria sem o apoio do mundo, perderia uma das principais diferenciações em relação à Rússia e acabaria se tornando sua presa. (POROSHENKO, 2015, tradução nossa).

Em outro trecho, discorre sobre a descentralização administrativa em benefício dos municípios, mas ressalta que tal processo não tem qualquer relação com tentativas de federalização: "a Ucrânia foi, é e será um Estado unitário!" (POROSHENKO, 2015, tradução nossa). A ideia de que a federalização poderia levar à desintegração e ao aprofundamento das clivagens regionais, ou ainda potencializar a influência russa na política ucraniana[386], esteve presente ao longo de toda a história recente ucraniana. É interessante observar que menções à descentralização nos discursos presidenciais frequentemente dizem respeito a uma maior transferência de recursos e competências aos municípios, não às regiões.

Em referência à realização de eleições locais, Poroshenko alerta que Moscou tentaria utilizar o período para desestabilizar o país, buscando "fertilizar artificialmente projetos pró-Rússia em algumas regiões, enquanto em outras, o contrário, projetos ucranianos de extrema direita, de modo que na Europa passem a temer o suposto nazismo na Ucrânia" (POROSHENKO, 2015, tradução nossa). Afirma que há pouco tempo tais planos teriam tido sucesso, mas uma vez que o serviço de inteligência ucraniano foi restabelecido, estariam condenados ao fracasso. Está presente a concepção de que a polarização etnorregional no país é em parte uma construção artificial promovida pela Rússia e que eleições carregam em si o risco de instabilidade, argumento que remete ao discurso do *trade-off*.

Na nova Estratégia de Segurança Nacional a agressão russa é apresentada como "a principal ameaça em todas as suas facetas, direcionada a esgotar a economia ucraniana, minando a estabilidade sociopolítica 'com o objetivo de destruir o Estado da Ucrânia e tomar seu território'" (POROSHENKO, 2015, tradução nossa). Os cidadãos que se encontram no Donbass, "os territórios temporariamente ocupados", são considerados "prisioneiros ucranianos capturados pelos invasores" e governados por um "regime criminoso terrorista".

Assim como Putin procedeu em um de seus primeiros discursos, conclamando um minuto de silêncio pelas mortes no conflito checheno, Poroshenko conclama um minuto pelas vítimas da

[386] Ryzhkov, Vladimir. Putin's Federalization Card in Ukraine. In: The Moscow Times, 07.04.2014. URL: https://www.themoscowtimes.com/2014/04/07/putins-federalization-card-in-ukraine-a33715 [Último acesso: 15.09.2021].

"agressão russa contra a Ucrânia". De maneira análoga ao discurso de 2014, afirma que tal agressão contribuiu para que o percentual de apoio ao ingresso do país na OTAN pela primeira vez superasse o percentual de rejeição, embora ainda houvesse desavenças regionais quanto à questão. Ressalta que o exército deve estar preparado não apenas para a retomada da ofensiva do inimigo no Donbass, mas para uma "invasão de grande escala" em todo o perímetro da fronteira com a Rússia. Por sua vez, os diplomatas devem fortalecer a coalizão internacional de apoio à Ucrânia e impedir que as sanções internacionais impostas à Rússia fossem revogadas.

Na conclusão, menciona que aqueles que "se opõem às reformas e impedem a Ucrânia de ter sucesso" fracassariam, como "a oligarquia, a burocracia corrupta, o país agressor e sua pequena quinta coluna" (POROSHENKO, 2015, tradução nossa).

O discurso de 2016 teve como um de seus principais elementos a apresentação de uma abordagem supranacional do conflito, ou seja, sua representação não apenas como um problema ucraniano, mas também europeu e global. A Rússia foi identificada como uma ameaça aos estados democráticos e a todo o sistema de segurança europeu.

Diante da agressão externa, Poroshenko alega que a união nacional e a consolidação política são uma questão de "vida e morte". Em referência ao centenário da revolução nacional ucraniana, afirma que seus líderes perceberam no exílio que "a principal causa da perda da independência [para os bolcheviques] foram as disputas internas, a guerra de todos contra todos no Estado". Diz estar convencido de que o país aprenderá com a história e que "a luta política não ultrapassará o limite a partir do qual, em vez da democracia e dos valores europeus, começa o caos, a anarquia e a *otamanshchyna* [*otamanismo*, facciosismo político]" (POROSHENKO, 2016, tradução nossa). Há uma preocupação expressa, característica do discurso do *trade-off*, de que a competição política democrática pode culminar em instabilidade.

Em seguida, reflete sobre a ajuda militar que países do Ocidente ofereceram à Ucrânia, consistindo principalmente de armamentos e munição, e sobre o fortalecimento do exército nos últimos dois anos. Apesar dos esforços, a capacidade militar do inimigo ainda era muito superior. A entrada na OTAN correspondia, portanto, a uma meta estratégica de segurança. Como mencionou nos discursos anteriores, o percentual de apoiadores do ingresso no bloco finalmente superou o de opositores, por exceção de algumas regiões. Também alega que não almejava decretar a lei marcial, mas a decisão final dependeria do comportamento de Moscou, que vinha aumentando a presença militar no Donbass e ao longo da fronteira, a mais longa de toda a Europa.

Ao discorrer sobre os Acordos de Minsk de pacificação do conflito, Poroshenko acusa a Rússia de tentar transformar as regiões separatistas em "protetorados" e, nos seus próprios termos, infiltrá-las na Ucrânia para corroê-la por dentro. Por outro lado, reconhece que a única solução

para o restabelecimento da integridade territorial seria a via político-diplomática, uma vez que o potencial militar ucraniano se restringia à defesa e o inimigo se encravou em áreas densamente povoadas, o que exponenciava os riscos de perdas civis. Também defende que não é possível resolver a crise apoiando-se em uma perspectiva bilateral, já que "o comportamento da Rússia no mundo, a violação do direito internacional, as tentativas do Kremlin de destruir a arquitetura de segurança europeia e global, e o expansionismo do Kremlin são problemos continentais e globais", e, logo, requerem uma perspectiva multilateral (POROSHENKO, 2016, tradução nossa).

Outra preocupação externalizada por Poroshenko é o risco de forças de oposição aliadas à Rússia em países europeus ganharem espaço e conseguirem romper a unidade europeia de apoio à Ucrânia. Grupos econômicos que se beneficiavam das relações com a Rússia poderiam exercer pressão nesse sentido. Ademais, enfatiza que o inimigo poderia recorrer a instrumentos de "guerra híbrida", já conhecidos pela Ucrânia, e utilizar ferramentas democráticas, como eleições, para corroer os países por dentro: "o Kremlin não esconde que usa os valores democráticos europeus do Ocidente para a sua própria destruição" (POROSHENKO, 2016, tradução nossa). Endereçando a violação de direitos das minorias tártaras da Crimeia, Poroshenko conclama países europeus a expandirem as sanções contra a Rússia.

A agressão à Ucrânia, nas suas palavras, conta com uma vertente econômica, iniciada mesmo antes da crise de 2014. Enquanto no início da década as exportações para a Rússia correspondiam a um terço do total do país, em 2016 o volume caiu para apenas 9%. Considera que inicialmente esse foi um meio de tentar coibir a assinatura do Acordo de Associação com a UE, mas, em seguida, adquiriu proporções maiores, como um estrangulamento econômico, a diminuição da capacidade de defesa, o aumento de tensões na sociedade e o estímulo à insatisfação contra o governo. A guerra, por si só, tem um alto custo social e econômico.

Como ponderou em outros momentos, Poroshenko destaca os aspectos positivos do conflito para a unificação da sociedade ucraniana, a superação da divisão etnorregional entre "russófilos" e "ucranianófilos" em benefício da consolidação de uma nação cívica:

> A ameaça externa acelerou o processo de formação de uma nação política ucraniana moderna com base no patriotismo cívico. Todas as pesquisas de opinião mostram mudanças fundamentais na consciência pública. A questão da unidade, coesão e unitariedade nem sequer é discutida: os indicadores vão além dos números positivos. As pessoas têm orgulho da cidadania ucraniana, dos símbolos do Estado, do respeito e da honra pela língua ucraniana. O vetor euro-atlântico, a União Europeia e a OTAN dominam fortemente as orientações geopolíticas da grande maioria dos ucranianos. (POROSHENKO, 2016, tradução nossa).

Complementa que a guerra "retirou da agenda muitas questões de identificação que eram estranhas e hostis a interesses ucranianos". A lei de descomunização permitiu a derrubada de monumentos soviéticos e a renomeação de diversos locais, que "com fios mentais invisíveis

prendiam seus cidadãos ao antigo império [a URSS]", restaurou a "verdade histórica na questão da memória nacional" (POROSHENKO, 2016, tradução nossa). É evidente que tal abordagem vai ao encontro da população ucranianófila e impõe questionamentos à cosmovisão de parte da população russófila do Leste e Sul.

No que concerne à questão linguística, Poroshenko agradece aos deputados por terem aprovado uma lei que estipulou uma maior participação de músicas em ucraniano nas rádios e conclamou os canais televisivos a aumentarem as transmissões na língua. O status do ucraniano como única língua estatal (oficial) seria fortalecido, mas os direitos das minorias seriam respeitados: "como os acontecimentos dos últimos dois anos demonstraram, elas defendem com firmeza as posições do patriotismo estatal ucraniano" (POROSHENKO, 2016, tradução nossa).

Na seção final, Poroshenko considera que "realizar reformas em um cenário de guerra híbrida, anexação de parte do território e ocupação de outra é uma tarefa ultra complexa", e que o inimigo está interessado na desestabilização política do país. Ao mesmo tempo, torna a enfatizar que o período de crise abriu uma série de oportunidades, "os ucranianos se perceberam como uma nação" e "o vetor de cooperação e integração em política externa foi finalmente determinado" (POROSHENKO, 2016, tradução nossa).

O discurso de 2017 buscou apresentar alguns avanços no conflito, mas ao mesmo tempo deu continuidade à manifestação de preocupações quanto à ameaça russa, à integridade territorial do Estado e a instabilidades político-econômicas. Com otimismo, Poroshenko declara que "o país, que há três anos os nossos inimigos esperavam apagar do mapa político do mundo, não só se defendeu, não só perseverou, como encontrou forças para mudar e seguir em frente" (POROSHENKO, 2017, tradução nossa). Por outro lado, afirma que a sociedade está insatisfeita com a vida e o governo, tendo em vista a agressão externa, a crise econômica, as perdas amargas e os danos materiais. A guerra levou à queda na qualidade de vida, cresceram as desconfianças nas instituições e nos políticos.

Em alusão à urgência de transformações políticas e econômicas, Poroshenko argumenta que sem reformas haveria o risco de se perder o Estado e a Ucrânia deixar de existir. O grande obstáculo seriam os atores interessados em manter o status quo, presentes em todos os ramos de poder e instituições. Também externaliza apreensão com o avanço de populistas, que, na sua perspectiva, substituíram comunistas e exploram descontentamentos sociais: "a descomunização não destruiu a demanda por uma ideologia comunista de ódio de classe", "essa demanda se fortaleceu objetivamente devido à crise socioeconômica e ao aprofundamento da estratificação entre ricos e pobres" (POROSHENKO, 2017, tradução nossa). Ressalta que, de acordo com a

organização *Freedom House*, os populistas são uma ameaça global à democracia, junto com os autocratas.

Uma vez mais, Poroshenko faz duras críticas a supostas tentativas da Rússia de utilizar mecanismos de "guerra híbrida" em estados democráticos e menciona que um núcleo de agentes russos foi desmantelado no país. Nas suas palavras:

> A Rússia autoritária, desde que era uma relativamente pequena Moscóvia [principado anterior à fundação do Império Russo], aprendeu a usar habilmente os mecanismos de democracia disponíveis em outros países a seu favor. Guerra de informação, disseminação de notícias falsas, cultivo de pânico e desespero... Estimulação e simulação de movimentos de protesto e manipulação de alguns grupos radicais de direita em seus interesses... Envio de grupos de sabotagem à Ucrânia, preparação de atos terroristas – estas estão longe de ser as únicas ferramentas do Kremlin. (POROSHENKO, 2017, tradução nossa).

Também alerta que os planos da Rússia não se limitam ao Donbass e à Crimeia, mas envolveriam uma invasão de larga escala na Ucrânia, inclusive a partir da fronteira bielorrussa. Parafraseando o senador americano John McCain, cita:

> A Rússia é uma ameaça maior do que o grupo terrorista "Estado Islâmico". Eles não têm capacidade militar, tecnologia e desejo de governar o mundo. A Rússia tem. E ela não é amiga do mundo livre. (POROSHENKO, 2017, tradução nossa).

Segundo Poroshenko, no verão de 2014 a Ucrânia conseguiu recuperar boa parte do Donbass, mas houve uma reviravolta devido à intervenção militar direta russa. Novamente critica a política de não alinhamento dos anos anteriores e reitera que apenas o ingresso na UE e na OTAN poderia garantir segurança. Nos dois anos de conflito, o país conseguiu diminuir a dependência do gás e do mercado russo e, destarte, reduzir a sua vulnerabilidade econômica.

No que diz respeito às relações com os EUA, Poroshenko admite que havia uma preocupação de que, com as eleições presidenciais no país, o curso da política externa americana em relação à Rússia poderia ser alterado, relaxando as sanções econômicas, mas tal temor não se concretizou – houve, inclusive, um fortalecimento das sanções.

Endereçando a o programa de "descomunização", percebido como um processo de descolonização, afirma que 32 cidades e quase mil núcleos populacionais foram renomeados, e mais de 1.300 estátuas de Lenin foram removidas. Também relata que muitos sites russos foram tirados do ar por serem instrumentos de guerra híbrida: "infelizmente, as redes russas foram e continuam a ser instrumentos de operações especiais dos serviços especiais russos na guerra não declarada contra a Ucrânia" (POROSHENKO, 2017, tradução nossa). Restrições foram impostas na importação e contrabando de livros russos de propaganda e conteúdo "ucranianofóbico". Como no ano anterior, agradece aos deputados a introdução de cotas nas rádios para a língua ucraniana e disse esperar avanços semelhantes na televisão e no setor de serviços. Alega que o "império tenta há séculos destruir" o ucraniano e que, como um "Estado europeu", a Ucrânia garantiria a proteção

de línguas de minorias, como o tártaro da Crimeia e o russo. É notável como a instrumentalização do conflito teve impacto na liberdade de informação, dialogando diretamente com o conceito de "democracia militante". Posicionamentos percebidos como hostis foram perseguidos no debate público.

O dilema entre ordem e democracia em cenários de conflito foi indiretamente abordado por Poroshenko ao mencionar sua recusa em recorrer a restrições de direitos e poderes extraordinários presidenciais:

> Apesar da agressão russa, não restringimos os direitos e as liberdades democráticas. A lei marcial não foi imposta quando havia todos os motivos para isso. Garantimos um funcionamento muito melhor do modelo parlamentar-presidencial e uma cooperação entre o parlamento, o Governo e o Presidente do que em 2006-2010. Nunca usei o direito de suspender atos do Gabinete de Ministros [...] e não recorri com frequência ao direito de veto. (POROSHENKO, 2017, tradução nossa).

Por trás da declaração está o argumento de que em situações de desordem e ameaça o incumbente tem o direito de recorrer a instrumentos antiliberais com a finalidade de garantir segurança. Embora tenha manifestado sua discordância com tal estratégia, ressalta que não aceitaria propostas de reduzir o papel do presidente no sistema político, como a eleição indireta pelo parlamento.

Na parte final do discurso, volta a discorrer sobre a guerra, citando que finalmente a Rússia passou a ser chamada de "agressora" internacionalmente – anteriormente, havia referências apenas ao "conflito no Leste da Ucrânia". Ao defender uma resolução diplomática para as tensões, justifica que a Rússia conta com uma capacidade militar muito superior e a Ucrânia almeja evitar a ocorrência de vítimas civis, diferentemente do que se passou na Chechênia:

> o inimigo se fortificou em uma área urbana com megacidades e uma grande população urbana. Cidadãos da Ucrânia vivem lá. Não podemos e não iremos atacar nossos cidadãos com o sangue frio que o governo russo fez na Chechênia – não consigo nem me lembrar de outros casos de "pacificação" tão dura. (POROSHENKO, 2017, tradução nossa).

Ainda argumentando a necessidade de resolução pacífica, Poroshenko afirma que um retorno à fase intensa de conflito prejudicaria as reformas e a restauração do padrão de vida "em um momento em que a sociedade está cansada da guerra". Lembra que quase 60% da população "apoia o retorno dos territórios ocupados exclusivamente por meios políticos e diplomáticos" e torna a reafirmar que o ingresso na OTAN "é uma questão de pertencimento civilizacional e uma garantia da independência da Ucrânia" (POROSHENKO, 2017, tradução nossa). Não apenas a Ucrânia deveria "ir à Europa", mas a Europa "viria à Ucrânia", com a adequação a padrões europeus, inclusive no bem-estar material.

Na conclusão, como em outros discursos, destaca a importância da união nacional. Relata novamente que no período de 1917 a 1921 o país não conseguiu assegurar a sua independência

devido à falta de união entre as lideranças. Os partidos políticos deveriam levar em conta a situação externa delicada e ter cautela para que lutas políticas não levassem a instabilidades.

Na sua última proclamação anual ao parlamento, em 2018, Poroshenko ressalta importantes avanços na situação política e econômica ucraniana, mas alerta que a Rússia ainda representa uma grande ameaça, sobretudo diante das eleições que se aproximavam. A "quinta coluna" poderia ganhar força e reverter o curso político que o país vinha percorrendo.

Logo na seção inicial, elenca uma série de medidas adotadas, como o projeto de lei para tornar irreversível o curso de adesão à UE e à OTAN, os exercícios militares conjuntos com a OTAN, a entrada em vigor do Acordo de Associação com a UE, o cancelamento do tratado de amizade com a Rússia, o encerramento na participação da Ucrânia na CEI, a autocefalia da Igreja Ortodoxa da Ucrânia em relação ao Patriarcado de Moscou e o respeito das rádios à introdução de cotas para transmissões em língua ucraniana. Tais medidas seriam uma estratégia de "ruptura com o passado colonial", um passo em direção à "libertação do império" (POROSHENKO, 2018, tradução nossa). Mais uma vez afirma que o país se libertou da política de não alinhamento em prol da integração com o espaço euro-atlântico, o que poderia garantir segurança e melhoria do nível de vida.

Abordando o impacto do conflito na economia, menciona que o país perdeu 20% do potencial industrial, gerando um efeito dominó em outros setores. O fechamento do mercado russo aos produtos ucranianos aprofundou a crise social. O crescimento finalmente foi retomado, mas melhorias no bem-estar ainda não eram percebidas pela maioria da população. Na sua perspectiva, problemas socioeconômicos acarretavam em sérias consequências políticas, como a ameaça de revanche de forças pró-Rússia, a ascensão do populismo de esquerda e do radicalismo de direita, a desconfiança nas instituições estatais, as dúvidas quanto à efetividade de métodos democráticos de administração, bem como a simpatia à anarquia e ao autoritarismo.

Poroshenko compara a atuação do governo russo ao governo nazista quando afirma que a Ucrânia foi protegida contra a operação "Barbarossa" do Kremlin, a "blitzkrieg" de Putin e, ainda, o plano da "Primavera Russa". Enfatiza que há dois anos o país não comprava gás russo, o que diminuiu a sua dependência econômica e geopolítica em relação ao vizinho. A política de "descomunização" na esfera humanitária teria permitido o "fortalecimento da identidade ucraniana" e a posição da língua ucraniana foi revigorada na rádio, televisão, cinema e publicação de livros.

Em exaltação à atuação militar, cita que soldados e voluntários fizeram um grande feito ao combater o exército russo em condição de profunda assimetria. Acusa o Kremlin de ter demonstrado sinais de agressividade desde os anos 2000, como no discurso de Putin em Munique

em 2007 e a invasão da Geórgia em 2008, além de conduzir uma "guerra híbrida" visando fragmentar o Ocidente e sua posição pró-Ucrânia:

> A Rússia apoia movimentos populistas de direita e esquerda, incita o euroceticismo, interfere nas eleições ao redor do mundo, interfere em referendos, como foi o caso na Holanda. Desta forma, o Kremlin está promovendo sua agenda alternativa, seus valores alternativos, na esperança de que o Ocidente terá cada vez mais dificuldade em manter uma posição unificada em relação a Moscou. (POROSHENKO, 2018, tradução nossa).

Poroshenko também se queixa de que as sanções contra a Rússia foram mais fortes nos casos do envenenamento do ex-agente secreto na Inglaterra e das intromissões eleitorais do que no caso da Ucrânia. Por outro lado, afirma que elas, por diferentes razões, deixam claro que a Rússia é uma "ameaça para todo o mundo civilizado" e adverte que qualquer concessão ao agressor representaria uma "perda da Europa democrática e a vitória da *Asiopa*[387] autoritária". Em oposição a tentativas de lideranças do Ocidente normalizarem as relações com a Rússia, afirma:

> "Paz" é um invólucro bonito e atraente no qual você pode colocar qualquer coisa. Portanto, temos que estar vigilantes. Não esqueçamos que o inimigo não veio aqui pela Crimeia, e o inimigo não veio aqui pelo Donbas, o inimigo veio por toda a Ucrânia. E sem a Ucrânia, o império não é possível. (POROSHENKO, 2018, tradução nossa).

No que concerne à autocefalia da Igreja Ortodoxa Ucraniana em relação ao Patriarcado de Moscou, considera que o Estado não deve se intrometer na igreja, muito menos um "Estado estrangeiro", em alusão ao vínculo entre a Igreja Ortodoxa Russa e o Kremlin. Complementa que a autocefalia representa "a queda da Terceira Roma como a reivindicação conceitual mais antiga de Moscou à hegemonia mundial" e que, enquanto na Rússia a ortodoxia é associada a um regime autoritário, na Ucrânia ela "coexiste organicamente com a democracia".

Em um trecho que remete implicitamente ao *trade-off* entre democracia e ordem em situações de conflito, Poroshenko alega que teve incentivos para restringir liberdades, mas se recusou:

> Manter a democracia diante da agressão externa não foi fácil. Embora a lei marcial fortaleceria significativamente os poderes e as capacidades do presidente. Rejeitei categoricamente as propostas para implementá-la. Mesmo durante a guerra, não restringimos os direitos e liberdades políticas dos cidadãos, não impusemos censura. (POROSHENKO, 2018, tradução nossa).

Também menciona que no modelo parlamentar-presidencialista, vigente na Ucrânia, os poderes do presidente não correspondem ao grau de responsabilidade que a sociedade tradicionalmente lhe atribui pelo voto popular. Mesmo assim, nem nos momentos de maiores dificuldades internas e externas ele teria buscado expandir esses poderes – pelo contrário, houve uma redução, como ocorreu com os procedimentos para a nomeação de juízes. Salienta que há um governo de coalizão, que não costuma vetar leis e nunca exerceu seu direito legal de suspender

[387] Asiopa – termo análogo à "Eurásia", mas com destaque à Ásia com conotação negativa.

uma decisão do Gabinete de Ministros. Argumenta ser necessário "um Presidente e um Comandante-em-Chefe Supremo para organizar a defesa eficaz do país". Diz ter rejeitado, no ano anterior, diversas propostas de mudanças constitucionais por considerar que realizar reformas antes das eleições não correspondia à "cultura política europeia", a qual ensina a "jogar pelas regras e não com as regras". No debate público, de acordo com Poroshenko, discutiam-se propostas de modelos não democráticos. Alerta que o regime personalista "não trouxe nada de bom para a Ucrânia, é uma lição que absolutamente todos deveriam lembrar" (POROSHENKO, 2018, tradução nossa).

Além da ameaça autoritária, adverte que as eleições poderiam dar uma chance de interferência ao Kremlin no curso político ucraniano através da "quinta coluna":

> Sabe-se que, com base na quinta coluna, sonham em formar uma forte oposição pró-Rússia no novo parlamento e, se tiverem sorte, torná-la membro da nova coalizão, com direito a veto à integração europeia e euro-atlântica. Vemos a quinta coluna levantando a cabeça, tentando reunir suas várias fileiras, aproveitando a democracia, tornando-se mais ativa no espaço da informação. A nossa tarefa é extremamente difícil – repeli-los sem violar as normas da democracia europeia. (POROSHENKO, 2018, tradução nossa).

Segundo Poroshenko, há uma rede de agências russas, ligadas ao Kremlin, que controlam canais midiáticos e ONGs "independentes" visando inflar sentimentos antiucranianos, antieuropeus e antiamericanos. Logo, apoia a ideia de um projeto de lei que identificaria os "agentes de influência do Estado agressor". Tal lei não afetaria "de forma alguma a sociedade civil, a mídia ou a liberdade de expressão" (POROSHENKO, 2018, tradução nossa).

Na seção final, enfatiza que a "estratégia europeia" não corresponde apenas à adesão à União Europeia, mas também a uma "profunda europeização interna da Ucrânia", incorporando o "espírito europeu de liberdade política, concorrência leal e igualdade de oportunidades". Enquanto países europeus levaram séculos para percorrer esse caminho, a Ucrânia deveria levar no máximo dez anos.

Como mostrei no capítulo anterior, Poroshenko não foi reeleito presidente no pleito de 2018. Way (2019) afirma que o fato de ele não ter levado em conta interesses da população russófila contribuiu para a sua derrota e a consequente vitória do comediante Volodymyr Zelensky pelo partido *Sluga Narodu* (Servo do Povo). Zelensky teve um breve discurso em 2019. O último discurso da presente análise foi o de 2020. Embora tenham sido feitas críticas à Rússia e alusões à "escolha europeia", o discurso foi muito mais ameno que os de Poroshenko. De fato, Zelensky foi criticado por ter uma posição menos contundente em relação ao Kremlin. Apenas em 2021 ele endureceu a retórica contra o Kremlin.

No discurso de 2020, Zelensky conclama à união da população e compara a pandemia de Covid-19 à ameaça russa: "Provamos repetidamente que quando os ucranianos estão unidos eles

podem derrotar qualquer vírus – até mesmo da China, até mesmo do vizinho do Norte". Posteriormente, discorre sobre a "pacificação" do *front*, alegando que a frequência de combates e vítimas caiu drasticamente. Também menciona que foi lançado o canal "Dom" (trad.: "Casa") para que a população do Donbass e da Crimeia tenha acesso a conteúdos sob o ponto de vista ucraniano e não fique à mercê de canais russos. Cita que esteve na parte do Donbass controlada pela Ucrânia com líderes estrangeiros e que 120 deputados de seu partido visitariam a região.

Segundo Zelensky, a paz no Donbass e a desocupação da Crimeia eram questões prioritárias. Ao mesmo tempo, critica o fato de grupos de mediação internacional não incluírem a Crimeia na lista de negociações, a despeito de a região "permanecer ocupada e os ucranianos e tártaros da Crimeia serem regularmente perseguidos". Seriam propostos planos de reintegração da região, com um pacote de leis de transição.

Em outro trecho, aborda reformas políticas feitas em seu governo, como o fortalecimento do combate à corrupção, o fim da imunidade parlamentar, além da adoção de um Código Eleitoral que estabelecesse eleições de lista aberta e o fim do sistema majoritário.

Na área externa, afirma que foi assinado um novo acordo de trânsito de gás em território ucraniano para a Europa com a estatal russa Gazprom. No âmbito das relações com a Europa, salienta que houve progressos na execução do Acordo de Associação à UE e estabeleceram-se condições para um acordo de isenção de vistos e para o aprofundamento da integração de mercados.

Em síntese, o discurso de Zelensky (até 2020) abordou de maneira muito mais branda temas sensíveis como questões identitárias e de geopolítica. Não houve grandes ponderações ideológicas sobre a "escolha europeia", a agressão russa e a ameaça da "quinta coluna".

Podemos concluir nesta subseção que o período de 2014 a 2020 presenciou uma intensa mobilização do efeito "rally 'round the flag" associada ao conflito no Leste do país. A crise foi apresentada não como um problema interno fomentado em parte por separatistas russófilos, mas como uma agressão diretamente promovida pela Rússia. De acordo com Poroshenko, forças internas, a "quinta coluna" aliada à Rússia, representavam uma ameaça à democracia e ao Estado ucraniano, sendo, portanto, necessárias restrições de alguns direitos e liberdades para combatê-las. Por outra perspectiva, argumentou que a agressão externa contribuiu para um alto grau de coesão nacional, fator historicamente ausente no país, e para a consolidação de uma nação política cívica, transversal a afiliações étnicas, linguísticas e regionais. A longa polarização político-eleitoral entre "russófilos" e "ucranianófilos" estaria sendo superada em prol da prevalência dos últimos, ou seja, da consolidação de uma vertente favorável à integração com a União Europeia e a OTAN, e a políticas identitárias de matriz cultural e linguística ucraniana.

5.4 Conclusão

A análise das proclamações anuais do presidente ao parlamento da Ucrânia revelou que, diferentemente do que observado na Rússia, houve poucas tentativas sistemáticas de se apresentar uma concepção de *trade-off* entre democracia e ordem. Possivelmente, o fato de o país não ter experienciado conflitos étnicos ou crises de *stateness* significativas no período de transição diminuiu as oportunidades para as elites políticas centrais mobilizarem esse tipo de argumento. Apenas na transição nos anos 1990 e a partir do conflito no Donbass em 2014 pude identificar algumas alusões a um *trade-off* indireto entre democracia e ordem. Na tabela abaixo resumo as principais características de cada período:

Tabela 5.1 Análise comparativa dos discursos presidenciais na Ucrânia

Tópicos	Transição (1994-1999)	Pré-Revolução Laranja (2000-2004)	Laranja (2005-2009)	Yanukovich (2010-2013)	Conflito (2014-2020)
Questões associadas ao discurso do *trade-off*	Risco de eleições antecipadas em 1994 causarem polarização, instabilidades e problemas no *state-building* (devido à questão da Crimeia); Legislativo apresentado como ator incoerente, irresponsável (leis de baixa qualidade) e marcado por facciosismos que dificultam ou tornam subótima a ação coletiva; Conflito político dificulta a tomada de decisões políticas e econômicas importantes, como a adoção de uma nova constituição; Interesses de curto prazo pessoais (busca por popularidade e ganhos eleitorais) se sobrepõem a interesses nacionais de longo prazo; Deterioração do bem-estar após o fim da URSS; Crítica a "extremismos" da oposição; Crítica à liberalização excessiva; preocupação com fraqueza do Estado. (Referências diretas à concepção de *trade-off*).	Menção a corrupção em partidos, parlamento, governos regionais e locais e na mídia, mas não no Executivo. (Não há referências diretas a uma concepção de *trade-off*).	Fragmentação, egoísmo, conservadorismo e corrupção da classe política, que não atende às demandas da sociedade. (Não há referências diretas a uma concepção de *trade-off*).	Crítica à "desordem" no Estado do período Laranja, momento de maior pluralismo na política ucraniana; Problemas da competição política – conflitos internos, política externa descoordenada e economia pós-soviética aprofundaram as consequências da crise financeira global; Menção a diversas ameaças globais; Guerras políticas e populismo primitivo interromperam transformações de mercado e levaram a "capitalismo selvagem"; Crítica a Estado fraco e ineficiente (Referências indiretas a uma concepção de *trade-off*).	Insegurança associada a eleições democráticas – forças aliadas à Rússia (a "quinta coluna traidora") poderiam se eleger e colocar em risco o Estado e a democracia, Moscou usaria eleições para polarizar a sociedade; Preocupação com a competição política – percepção de que momentos de disputa política intensa no passado levaram Ucrânia a perder soberania, necessidade de limitações à luta política para não haver caos e anarquia; Defesa da "descomunização" como processo de descolonização nacional, fechamento do Partido Comunista da Ucrânia e cerceamento de vozes pró-Rússia para garantir segurança, conceito de "democracia militante"; Pressão pela lei marcial, ideia de que expansão dos poderes presidenciais e restrições a direitos podem aumentar a eficácia do Estado no conflito e a segurança; Rússia usa valores democráticos para corroer o próprio Ocidente; Importância de ter presidente e comando-em-chefe para organizar defesa. (Referências diretas à concepção de *trade-off*).

Questão étnica e regional	Preocupação com instabilidades da federalização; Referências não tanto à diversidade étnica ou linguística, mas a divisões identitárias regionais, como no caso da pressão por autonomia na república da Crimeia; A paz multiétnica é uma conquista que deve ser mantida com políticas equilibradas. (indefinição de *in-groups*/ *out-groups* favoreceu moderação, disputa pelos *swing voters*).	Estabilidade das relações interétnicas, garantia dos direitos das minorias; Integração com a UE demanda proteção às minorias e desenvolvimento do Estado de Direito; Crítica à polarização eleitoral regional, associada a questões históricas; Complexo processo de união dos componentes étnicos da sociedade ucraniana (cooperação e consolidação da identidade).	Riqueza da diversidade étnica no país, uma nação multiétnica; Preocupação com a polarização geopolítica entre Leste/Sul e Oeste; Paz interétnica como conquista alcançada; Referências à palavra "nacionalidade" como sinônimo de etnia.	Conclamação a se abandonar o "clichê" de rivalidade entre Leste e Oeste.	Divisão "artificial" da sociedade com base na geografia, etnias, línguas e religiões foi superada com a guerra; Sociedade unida, população russófona do Leste não sucumbiu ao secessionismo promovido pela Rússia; Minorias defendem patriotismo estatal ucraniano, percebem-se como nação; Crítica a divisões, importância da união da sociedade; Acusação de que a Rússia estaria violando os direitos de minorias ucranianas e tártaras na Crimeia; Autocefalia da Igreja Ortodoxa da Ucrânia em relação à Igreja Ortodoxa Russa ("libertação do império").
Discussão identitária	Crítica à falta de uma ideia nacional que una a sociedade – predominância de facciosismo social, político, ideológico e regional.	Defesa da promoção da cultura ucraniana e fortalecimento do status de "língua estatal" do ucraniano, mas garantindo proteção às línguas das minorias; Necessidade de formar uma nação política ucraniana moderna; Crítica a políticos que se especializaram em aprofundar discórdias identitárias, querendo dividir a sociedade em bases territoriais e regionais; Crítica à política de "desnacionalização" imposta ao povo ucraniano no período soviético e anteriormente.	Acusação a partidos por provocarem tópicos polarizantes, como religião, a questão da língua estatal, a federalização e o ingresso na OTAN; Discussão de tópicos sensíveis na polarização entre o Leste russófilo e o Oeste ucranianófilo, como a entrada na OTAN, a Grande Fome (*Holodomor*) dos anos 1930 e o status da língua ucraniana; Defesa da língua ucraniana como fator de integração nacional; Crítica a algumas visões históricas e geopolíticas do Leste.	Crítica à política identitária do governo Laranja pelo revisionismo histórico, vangloriação de heróis polêmicos e a questão linguística; Visão positiva em relação ao passado soviético (aspectos russófilos); Defesa de uma identidade de nação política multicultural, em vez de tentar promover uma vertente etnocultural como a nacional.	Falta de consenso nacional foi um problema no passado (diversidade pode ter obstruído consenso), mas o país estava passando pela formação de uma comunidade política estável, constante e democrática; Guerra com a Rússia criou consenso na sociedade ucraniana, enfraquecendo a polarização entre russófilos e ucranianófilos e disputas em tópicos como a rejeição à federalização, o status da língua estatal e a entrada na UE e na OTAN; Propulsão de nação cívica, sem filiações linguísticas, étnicas e regionais; O Império (Rússia) tentou destruir a língua ucraniana, proteção de línguas das minorias (russo e tártaro da Crimeia) como esperado de um Estado "europeu".
Política externa	Defesa do status não alinhado; Promoção do curso da integração europeia; Boas relações com a Rússia, mas preocupação com ambições de reviver a URSS.	Diplomacia multivetorial - integração com o Ocidente e a Rússia. Defesa da entrada na UE e na OTAN. Adoção de valores ocidentais ("europeização"); Integração com a Rússia no âmbito econômico, não há menção de valores compartilhados; Argumento de que a aproximação com o Ocidente e a Rússia não	Avanços na integração com a UE; Provocações indiretas à Rússia; Preocupação com a dependência energética em relação à Rússia e crítica do uso da força para resolver conflitos; Ao mesmo tempo, há menção da Rússia como país "parceiro"; Defesa da entrada	Recusa a entrar na OTAN (defesa do status não alinhado), mas menção à integração europeia (acordo de associação), elemento que poderia unir o povo ucraniano – contudo, com a crise financeira, a UE estaria "cansada" do alargamento; Busca pela diplomacia	Conflito indireto com a Rússia, comparação da Rússia a nazistas e ao Estado Islâmico; Preocupação com invasão total russa, guerra híbrida travada por Moscou no campo midiático e diplomático; Defesa da entrada na OTAN, argumento de que se o país tivesse ingressado nos anos 1990 não teria sofrido agressão, o status não alinhado e a política multivetorial foram um erro; Percepção da OTAN como instrumento para garantir proteção contra agressão russa; Ação multilateral (sanções do Ocidente) e político-diplomática contra a Rússia, dada à diferença na capacidade militar.

		é um objetivo contraditório, a Ucrânia pode atuar como elemento aproximador entre ambos, deve-se tomar o cuidado para não virar um "muro" entre uma Europa e uma Eurásia integrada.	na OTAN; Integração com a UE e a OTAN voltadas a melhorar o bem-estar e garantir segurança.	multivetorial, defesa de cooperação com a Rússia e as suas organizações de integração regional, como a União Aduaneira e a OTSC.	
Orientação geopolítica	Diplomacia multivetorial, não alinhamento militar.	Aproximação ao Ocidente, intenção de entrar na OTAN e na UE.	Alinhamento com o Ocidente, intenção de entrar na OTAN e na UE (predominância da corrente ucranianófila).	Alinhamento com a Rússia, não alinhamento militar (predominância da corrente russófila).	Alinhamento com o Ocidente, intenção de entrar na OTAN e na UE (predominância da corrente ucranianófila).
Democracia e sociedade	Crítica a demandas por uma "mão forte", defesa do Estado de Direito; Insatisfação com a transição associada não a conflitos e instabilidades políticas, mas à deterioração econômica; expectativas exageradas da população com a transição, frustrações, nostalgia soviética.	Integração europeia como estímulo e catalisador para transformações políticas e econômicas relevantes, necessidade de adaptar legislação à UE ("europeização política); Importância do desenvolvimento de uma classe média para a estabilidade, democratização e diminuição da pobreza; A crise nos anos 1990 foi inevitável, mas a estratégia "primeiro o crescimento econômico, depois o desenvolvimento social" foi problemática.	Defesa de reformas no Estado para realizar a "escolha europeia" (entrada na UE); Alusão a reformas constitucionais e a uma constituição que proteja o país contra o autoritarismo.	"Escolha europeia" é meta que une a sociedade, consenso.	Não apenas a língua diferencia a Ucrânia da Rússia, mas também a cultura política democrática; Democracia como condição para a Ucrânia ter apoio externo (do Ocidente) no conflito e diferenciação identitária contra a Rússia; Conflito como problema supranacional - a ameaça russa à democracia; Guerra impactou o bem-estar econômico, confiança nas instituições e na eficácia dos métodos democráticos, demandas autoritárias; Crise econômica fortalece revanchismo pró-Rússia, populismo de esquerda e radicalismo de direita; "Europeização", cultura política europeia, adequação a padrões europeus para bem-estar material e democracia.

Fonte: elaborado pelo autor com base nos discursos anuais do presidente da Ucrânia à *Verkhovna Rada*.

As primeiras tentativas de mobilização do *trade-off* ocorreram quando Leonid Kravchuk, em 1994, buscou justificar os riscos que a realização de eleições presidenciais antecipadas representava. Argumentou que as eleições poderiam acirrar as disputas políticas internas e permitir que divisões regionais e tendências secessionistas, como as da Crimeia, alastrassem-se pelo país. Leonid Kuchma (1994-2005) também fez alusões indiretas a alguns elementos que remetem a *trade-offs*, como a associação entre a democratização e a perda do bem-estar econômico soviético,

os riscos de instabilidade que facciosismos, populismos e disputas políticas poderiam gerar, sobretudo em períodos eleitorais, além do custoso atraso das reformas econômicas ocasionado pela falta de consenso entre as diferentes forças políticas e pelo temor de se adotar decisões impopulares. Em alguns trechos, o presidente foi concebido como uma instituição acima dos três poderes, mais coesa e eficaz que o parlamento, tendo em vista que a tomada de decisões coletivas seria um processo letárgico, de resultados subótimos. No período Laranja (2005-2009), Yushchenko acusou partidos de explorarem temas sensíveis – como a política linguística, a federalização e o ingresso na OTAN – para polarizar a sociedade e maximizar seus resultados eleitorais. Contudo, o próprio presidente ficou marcado por abordar temas identitários sensíveis no país. Já no governo Yanukovich (2010-2014), houve alusões ao fato de "guerras políticas", populismo, corrupção e partidos subdesenvolvidos terem limitado a condução das transformações de mercado. Afirmou-se que o governo anterior, no período Laranja, foi marcado por "instabilidades" e, portanto, seria necessário conduzir reformas que garantissem um Estado "forte" e "eficaz".

No que concerne a questões identitárias, é notável que nos anos 1990 houve poucas referências a divisões etnoculturais, mas foram ressaltadas as divisões regionais que poderiam gerar instabilidades, principalmente nas relações do governo central com a Crimeia. Nos anos 2000, ganhou força a preocupação com a polarização regional eleitoral e enfatizou-se a necessidade de união nacional. No geral, todos os incumbentes defenderam a consolidação de uma "nação política cívica", embora o conteúdo desta identidade fosse amplamente contestado. Os discursos de Viktor Yushchenko, após a Revolução Laranja, sustentaram que tal identidade deveria ter como núcleo elementos culturais ucranianos, associados à língua e a fatos históricos, o que contemplava perspectivas do Oeste "ucraniainófilo", mas não do Leste "russófilo". Já nos discursos de Viktor Yanukovich é marcante a reviravolta russófila em favor de uma identidade política de matriz "multicultural", deslocando a preponderância de elementos culturais ucranianos, e aludindo-se a referências positivas quanto ao passado soviético, perspectiva muito criticada no Oeste. Em resposta à crescente polarização etnorregional no sistema eleitoral-partidário, tanto Yushchenko quanto Yanukovich clamaram por união nacional.

Na esfera da política externa, há poucas menções a projetos geopolíticos nos anos 1990, mas registrou-se um rápido crescimento nos anos 2000. A expansão da União Europeia ao leste gerou expectativas de que a Ucrânia poderia vir a se integrar ao bloco. No período Laranja, sua preponderância foi ainda mais evidente, inclusive com alusões contundentes ao ingresso na OTAN. Por sua vez, no governo Yanukovich, o projeto de integração à UE permaneceu nos discursos, mas perdeu fôlego, enquanto a adesão à OTAN foi abandonada em prol de um status

"não alinhado". No que diz respeito às relações com a Rússia, nos anos 2000 menções à integração foram menos frequentes do que a "escolha europeia" e envolveram, acima de tudo, interesses econômicos. Nos discursos de Yushchenko há algumas provocações indiretas ao país vizinho, reflexo do deterioramento das relações bilaterais, enquanto no governo Yanukovich verificou-se o momento de maior aproximação a Moscou, constatada tanto pelo aumento de frequência a referências à Rússia quanto no conteúdo do discurso.

Finalmente, o período de conflito (2014-2020) constituiu um verdadeiro divisor de águas. Ao contrário da Rússia, onde a questão chechena foi apresentada como um problema em parte interno, que demandava mudanças institucionais voltadas à construção de um "sistema vertical de poder", na Ucrânia o conflito foi abordado discursivamente como um problema integralmente externo, o que dificultou a responsabilização de instituições internas e a concepção de um *trade-off* entre democracia e ordem. Não se mencionou a atuação de separatistas locais, e cidadãos do Donbass foram percebidos como vítimas da agressão perpetuada por "unidades regulares das forças armadas russas". Logo, a solução proposta não envolveu a condução de reformas institucionais específicas, mas sim o aprofundamento no processo de integração com o Ocidente, principalmente com a OTAN, no intuito de garantir maior segurança e apoio militar. A democracia, segundo Petro Poroshenko, seria uma das condições para obter tal apoio e era importante como fator identitário para diferenciar a Ucrânia da Rússia. Vale lembrar que a influência do Ocidente foi apontada por diversos autores como um fator fundamental para a democratização no Leste Europeu[388]. O conflito a partir de 2014 pode ter alavancado a influência do Ocidente na política doméstica ucraniana, sobretudo com a busca pela "europeização" política para criar condições favoráveis ao ingresso na União Europeia

A despeito do enquadramento externo, o conflito teve algumas implicações para a política doméstica. Em diferentes momentos, Poroshenko menciona a ameaça da "quinta coluna" – forças políticas internas, aliadas à Rússia, que, aproveitando-se da democracia, poderiam auxiliar o inimigo a trazer instabilidade e "corroer" a Ucrânia por dentro. Períodos eleitorais seriam momentos delicados que propiciariam o retorno e uma eventual "revanche" da quinta coluna. Além disso, a polarização etnorregional eleitoral foi vista mais como um problema artificialmente criado pelo Kremlin do que como um dado intrínseco à sociedade ucraniana. Segundo Poroshenko, o Kremlin há tempo utilizava eleições para corroer democracias do Ocidente. Seria necessário, portanto, promover a união nacional e ter o cuidado para que a luta política não culminasse em "caos" e "anarquia". Argumenta que em outros momentos da história, a Ucrânia sucumbiu como Estado por ter mergulhado em disputas internas, como na *otamanshchyna* (1918-1923). Ao

[388] Na revisão da literatura apresentei alguns dos principais trabalhos.

contrário das intenções russas de dividir o país, o conflito recente teria contribuído para um "consenso nacional" em torno da integração com a UE e a OTAN, bem como de políticas identitárias características do campo ucranianfófilo e hostis ao russófilo, como a "descomunização" (debate associado ao da descolonização) e a questão linguística. A narrativa da "quinta coluna" concorreu para deslegitimar posicionamentos políticos e lideranças do campo russófilo e censurar vozes pró-Rússia na sociedade e política ucranianas. Poroshenko ressalta a dificuldade de combater a quinta coluna sem restringir liberdades, mas enaltece o fato de a democracia ter sobrevivido mesmo em um contexto de conflito.

A questão fundamental que distingue o caso ucraniano do russo está na percepção acerca de qual é o melhor regime para promover unidade nacional, ordem e segurança. Na Rússia, o conflito separatista e os movimentos secessionistas ocorreram no período de abertura política, um momento de aprendizado institucional por parte da sociedade. Logo, a percepção de *trade-off* entre democracia e ordem adquiriu saliência. Como o problema de *stateness* foi resolvido com relativo sucesso por um incumbente autoritário, que também promoveu crescimento econômico, a percepção ganhou contornos ainda mais nítidos, consolidando elementos ideacionais das "barganhas autoritárias" e dos "pactos de proteção". O conflito contra *out-groups* na sociedade criou oportunidades para as elites justificarem mudanças institucionais autoritárias.

No caso da Ucrânia, não houve conflito no período de transição e o país passou por um período de crescimento econômico em um regime relativamente plural. As elites contaram, portanto, com menos recursos não materiais de poder para legitimar mudanças institucionais autoritárias. A ocorrência do conflito a partir de 2014, muitos anos após a construção institucional do período de transição, não pode ser associada à abertura política e à democracia. Além disso, como mencionado, a abordagem (*framing*) das elites acerca do conflito como um problema integralmente externo propiciou menos oportunidades para se responsabilizar as instituições internas pelo problema de *stateness*. O fato de a Ucrânia depender da integração com o Ocidente para assegurar a sua segurança aumentou a pressão por democratização. Enquanto na Rússia a democracia foi em parte percebida como propulsora de insegurança e desordem, na Ucrânia foi vista como uma condição necessária para obter o apoio do Ocidente e garantir segurança, além de constituir um fator de diferenciação identitária em relação à Rússia. Mesmo assim, o conflito pode ser instrumentalizado para deslegitimar e estigmatizar algumas forças políticas de oposição aludindo aos seus vínculos com o "país agressor". Nos dois casos o conflito impactou o campo da competição política nacional, embora em diferentes graus.

Capítulo 6. O caso da Ucrânia: O discurso da "quinta coluna" na imprensa

Embora na Ucrânia o conflito no Donbass tenha sido abordado como um problema integralmente externo – a "agressão russa" –, houve uma formulação do discurso oficial que permitiu sua instrumentalização no cenário doméstico, com importante impacto na competição política e na liberdade de expressão. Como vimos anteriormente, o Partido Comunista da Ucrânia (KPU) foi banido, emissoras de rádio e televisão tiveram a concessão cassada e alguns jornalistas e políticos foram presos ou processados[389]. A razão para essas medidas foram os alegados vínculos de tais atores com o "país agressor", percebidos como uma forma de traição e violação da soberania ucraniana. Os atores internos com supostas ligações diretas ou indiretas com a Rússia são frequentemente chamados de "quinta coluna", o que remete à ideia de colaboração com um inimigo externo. O termo teve origem na guerra civil espanhola, na qual o exército do general Francisco Franco contou com a ajuda de uma quinta coluna infiltrada no território inimigo durante o cerco de Madrid[390]. O termo é também muito utilizado em outras ex-repúblicas soviéticas, embora não em referência a minorias étnicas. Na Rússia, por exemplo, é mobilizado para deslegitimar a oposição liberal por seus supostos laços com adversários geopolíticos no Ocidente.

Na análise dos discursos presidenciais, vimos que Petro Poroshenko fez alentadas referências à "quinta coluna" como ameaça nacional após 2014. Nesta última seção do caso ucraniano, examinaremos como o discurso da "quinta coluna" foi abordado na imprensa nacional. Assim como o discurso do *trade-off* instrumentalizou a diversidade étnica como pretexto para a adoção de instituições antiliberais e a construção do "sistema vertical de poder" na Rússia, o discurso da "quinta coluna", indiretamente associado à diversidade étnica, também teve impacto na democracia ucraniana, embora com efeitos mais modestos: a imposição de restrições no debate e na competição política ao deslegitimar posicionamentos pró-Rússia (o conceito democracia "militante"). Como veremos ao longo da seção, referências à "quinta coluna" apresentam relações ambíguas com a concepção de diversidade etnonacional. Em alguns casos, a minoria étnica russa ou a população russófona é apresentada como a "quinta coluna" dentro da Ucrânia, disposta a colaborar com projetos imperialistas russos, enquanto em outros, apenas determinados partidos, grupos políticos ou indivíduos são enquadrados como tal. Mesmo quando as acusações dizem respeito somente a grupos políticos específicos, indiretamente há uma associação com a diversidade, já que representantes desses grupos são eleitos principalmente nas regiões de

[389] Ver Way (2019).
[390] DUBINYANSKIY, Mikhail. Kolonna № 5 [Coluna Nr. 5]. Ukrainskaya Pravda, 13.05.2007. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2007/03/13/4414576/>. Acesso em: 30.06.2021.

população russófona do Leste e do Sul. Houve casos em que o termo foi utilizado para acusar a Igreja Ortodoxa Ucraniana do Patriarcado de Moscou de traição, devido às suas relações com a igreja russa, além de canais midiáticos ligados à Rússia ou que propagaram posicionamentos políticos alinhados ao Kremlin.

Em síntese, diferentemente do discurso do *trade-off*, a narrativa da "quinta coluna" não necessariamente apresenta a diversidade como um impedimento para o estabelecimento de um regime democrático. Apenas preconiza que há atores internos "subversivos", aliados a inimigos externos, que podem colocar em risco a própria democracia e a segurança do Estado. Logo, oferece oportunidades para a deslegitimação de determinados atores na competição política, mas não para a condução de reformas institucionais estruturais. De acordo com as minhas hipóteses, a abordagem de conflitos secessionistas como problemas externos dificulta a responsabilização de instituições políticas internas e a legitimação de reformas autoritárias. Nos poucos casos em que minorias étnicas são apontadas como a "quinta coluna", contudo, há semelhanças consistentes com o discurso do *trade-off*. Em outros momentos discutirei as razões para a abordagem étnica (o discurso do *trade-off*) ter sido evitada pelas elites ucranianas.

A presente seção contou com o levantamento bibliográfico de três jornais ucranianos: o *Zerkalo Nedeli*, jornal com amplo material analítico e com a primeira menção on-line à quinta coluna em 1995; o *Ukrainskaya Pravda*, com a primeira menção em 2004, e o *Obozrevatel*, em 2006. Os dois últimos estão entre os jornais de maior visibilidade on-line no país. O sistema de buscas no *Zerkalo Nedeli* e no *Ukrainskaya Pravda* abrange todo o texto da notícia, enquanto no *Obozrevatel* se baseia apenas no título[391]. Ao todo, o banco de dados contou com mais de 290 notícias com referências à quinta coluna. O material coletado foi catalogado em seis classificações: acusações a elites políticas, elites econômicas, sociedade e diversidade, organizações religiosas, mídia e não identificado (NI)/ outras. Algumas notícias puderam ser catalogadas em mais de uma categoria. Referências a grupos étnicos como "quinta coluna" foram alocadas em "sociedade e diversidade". Contudo, vale notar que nem todos os casos remetem a acusações diretas, uma vez que em algumas notícias critica-se a atribuição do termo a determinados grupos, vista como uma forma de estereotipação. Casos em que o termo não diz respeito a vínculos de atores ucranianos com a Rússia foram desconsiderados, como por exemplo, menções à atuação da "quinta coluna" russa na União Europeia.

O objetivo desta seção é revelar como o discurso da "quinta coluna" se desenvolveu ao longo dos anos na sociedade ucraniana, quais foram os seus principais contornos e que argumentos

[391] No *Zerkalo Nedeli* e *Obozrevatel* as buscas foram feitas principalmente em russo. Já no *Ukrainskaya Pravda* há um significativo número de notícias publicadas apenas em ucraniano, portanto, o material foi coletado tanto em russo quanto ucraniano.

foram mobilizados para restringir o debate e a competição política a partir do conflito iniciado em 2014, ou seja, o concebimento da "democracia militante". Não pretendo estimar diretamente o impacto desses periódicos na sociedade, mas sim identificar quais narrativas estavam sendo difundidas. Na primeira subseção apresento uma breve análise quantitativa acerca da frequência de menções e suas classificações, enquanto nas subseções seguintes examino qualitativamente os principais artigos publicados desde 1995, subdivididos em cinco períodos: Kuchma (1995-2004), Pós-Revolução Laranja (2005-2009), Yanukovich (2010-2013), Conflito I (2014-2019) e Conflito II (2019-2021).

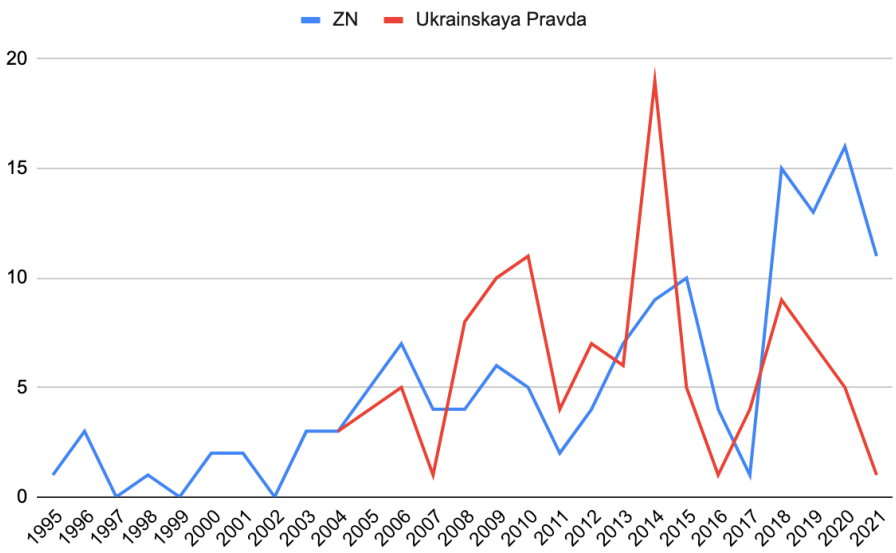
Cabe mencionar que nas regiões do Leste e do Sul é muito difundida a narrativa de que nacionalistas e ucranianófilos são "extremistas" e "fascistas", principalmente pela imprensa russa. Porém, como o foco desta tese é o nível nacional, peculiaridades regionais não serão abordadas.

6.1 Análise quantitativa do discurso

Os dados coletados nos três jornais revelam que, embora o discurso da "quinta coluna" tenha sido fortemente mobilizado após o início do conflito de 2014, sobretudo pelo presidente Petro Poroshenko, sua narrativa já estava presente na sociedade ucraniana pelo menos desde os anos 1990. Durante o conflito, há uma queda na associação da quinta coluna com as minorias russófonas, corroborando o argumento de que as elites buscaram abordar a guerra do Donbass como um problema externo (a agressão russa), sem fundamentos sociais locais. As principais acusações de traição foram voltadas à própria classe política, o que sugere um esforço em se deslegitimar determinados atores na competição política.

O gráfico abaixo mostra que após a Revolução Laranja de 2004 houve um aumento na frequência de menções ao termo, possivelmente associado à retórica antagonista à Rússia e ucranianófila do presidente Viktor Yushchenko. No período de Viktor Yanukovich (2010-2013), as referências se mantiveram acima do período anterior à Revolução e, com o início do conflito de 2014, foram registrados os maiores patamares. É interessante observar que em 2016 e 2017 foi registrada uma baixa frequência, mas em 2018, ano pré-eleitoral, houve um novo salto. Como vimos na análise dos discursos presidenciais, 2018 foi um dos momentos em que Petro Poroshenko fez menções mais enérgicas à ameaça da quinta coluna. Nos anos seguintes, o *Ukrainskaya Pravda* registrou uma queda acelerada, mas o *Zerkalo Nedeli* manteve patamares elevados.

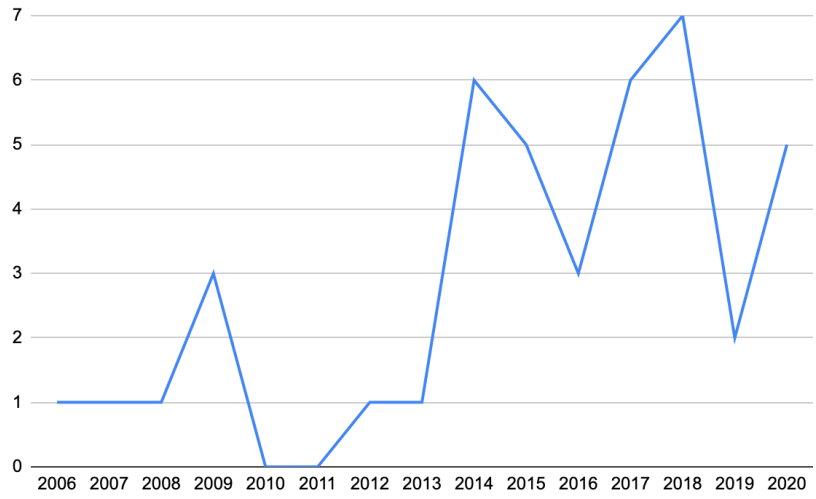
Figura 6.1 Número de notícias com referências à "quinta coluna" nos periódicos *Zerkalo Nedeli* e *Ukrainskaya Pravda* (buscas textuais)



Fonte: elaborado pelo autor com base em buscas textuais nos jornais *Zerkalo Nedeli* e *Ukrainskaya Pravda*.

O periódico *Obozrevatel*, cujo material foi coletado com base em buscas por título, apresentou uma dinâmica semelhante aos demais para o período do conflito. De 2013 para 2014 houve um salto de 1 para 6 notícias e o ano pré-eleitoral de 2018 registrou o pico de toda a série, com 7 notícias. O período do presidente russófilo, Viktor Yanukovich, registrou apenas uma menção.

Figura 6.2 Número de notícias com referências à "quinta coluna" no periódico *Obozrevatel* (buscas por título)



Fonte: elaborado pelo autor com base em buscas por título no jornal *Obozrevatel*.

Quando observamos quais atores foram associados à acusação de "quinta coluna", podemos constatar que a grande maioria diz respeito a "elites políticas", categoria que abrange

deputados, burocratas, partidos e grupos políticos. Em parte dos casos, a utilização do termo constituiu uma tentativa de deslegitimar adversários políticos.

Tabela 6.1 Referências à "quinta coluna" por categorias

	Zerkalo Nedeli (texto)		Ukrainskaya Pravda (texto)		Obozrevatel (título)	
	1995-2013	**2014-2021**	**2004-2013**	**2014-2021**	**2006-2013**	**2014-2021**
Elites políticas	37,3%	58,2%	61,0%	60,8%	75,0%	58,3%
Elites econômicas	1,7%	1,3%	0,0%	3,9%	12,5%	2,8%
Sociedade e diversidade	**39,0%**	**8,9%**	**25,4%**	**11,8%**	**0,0%**	**27,8%**
Org. religiosas	10,2%	3,8%	1,7%	2,0%	0,0%	5,6%
Mídia	0,0%	11,4%	1,7%	9,8%	12,5%	5,6%
Não identificado / Outros	27,1%	25,3%	15,3%	31,4%	12,5%	11,1%
N	59	79	59	51	8	36

Fonte: elaborado pelo autor com base em buscas nos jornais *Zerkalo Nedeli*, *Ukrainskaya Pravda* e *Obozrevatel*.

No *Zerkalo Nedeli* é notável que o percentual de referências atribuídas à "sociedade e diversidade" foi muito superior no período anterior ao conflito, ultrapassando, inclusive, atribuições a elites políticas. No *Ukrainskaya Pravda*, o decréscimo do período anterior para o período de conflito também foi considerável. Os periódicos podem ter reproduzido a narrativa das elites centrais de apresentar o conflito integralmente como uma invasão russa. Se antes do conflito havia uma narrativa de que determinados grupos na sociedade, principalmente parte da população russófona, russa étnica e/ou russófila eram uma ameaça à soberania ucraniana, após o início do conflito evitou-se admitir que a "agressão russa" poderia ter contado com uma base social de apoio. Outra possível explicação é que com a secessão *de facto* da Crimeia e do Donbass, a existência de uma quinta coluna russófila na sociedade ucraniana se esvaiu, dando espaço a um maior consenso acerca da integração do país à Europa. A oposição a tal projeto se limitou a alguns partidos e lideranças políticas, apresentados como a "quinta coluna" da Rússia, "traidores" dispostos a minar a soberania ucraniana.

Em ambos os jornais é notável que no período do conflito houve um aumento no número de referências à mídia, ou seja, jornalistas e veículos de informação acusados de traição e que estariam difundindo posicionamentos alinhados ao Kremlin. Tal fato pode ter contribuído para a legitimação de restrições à liberdade de expressão no país. Outra categoria de percentual relativamente alto é a de "não identificado / outros", a qual pode denotar uma tentativa de maximizar a ameaça em alguns momentos: o inimigo estaria presente sem que fosse possível identificá-lo concretamente.

O jornal *Obozrevatel* contou com um número de observações muito baixo para o período de 2006 a 2013 e apresentou uma dinâmica distinta aos demais nas categorias "sociedade e diversidade" e "mídia". Contudo, a predominância da categoria "elites políticas" nas menções foi uma característica em comum.

Na presente subseção podemos concluir que a narrativa da "quinta coluna" russa estava presente há décadas na sociedade ucraniana, mas ganhou força após a Revolução Laranja e, sobretudo, a partir do conflito de 2014. O fato de as menções terem focado majoritariamente as elites políticas são um indício de que o discurso oficial, segundo o qual o secessionismo se deve integralmente à agressão russa, sem contar com uma base social de apoio, pode ter ganhado ressonância nos meios midiáticos. Ademais, tal narrativa viabilizou a delimitação da competição política e da liberdade de expressão ao deslegitimar grupos políticos opositores, indivíduos e veículos de comunicação associados à corrente russófila. Como vimos anteriormente, a polarização entre russófilos e ucranianófilos foi um elemento marcante da política e sociedade ucranianas, principalmente a partir da Revolução Laranja. O conflito e a abordagem discursiva que se consagrou reduziram o espaço para que tal polarização pudesse ter continuidade, ainda que *surveys* tenham revelado a persistência de uma ala russófila na sociedade.

6.2 Análise qualitativa do discurso por períodos

Na presente subseção examinarei as principais teses e narrativas que foram difundidas nos três periódicos, subdivididas nos cinco períodos abordados acima.

6.2.1 O período Kuchma (1995-2004)

Dos três periódicos utilizados nesta tese, apenas o *Zerkalo Nedeli* cobriu amplamente o período Kuchma. No geral, o período foi um dos que mais presenciou referências à quinta coluna atribuídas à categoria "sociedade e diversidade". Discorreu-se acerca do risco de irredentismo de russos étnicos e da população russófona, vinculado a políticas chauvinistas e autoritárias na Rússia, bem como da pretensa ameaça de partidos socialistas e comunistas dados a sua nostalgia em relação ao passado soviético, o questionamento da soberania ucraniana e os seus vínculos com Moscou. Organizações religiosas e a mídia também foram mencionadas como instrumentos da quinta coluna.

Um dos primeiros artigos em que é feita menção, em 1995 (ano seguinte às tensões separatistas na Crimeia), exibiu a transcrição de uma mesa redonda acerca das relações interétnicas

na Ucrânia[392]. Nela, o acadêmico Viktor Tsymbalyuk afirma que o futuro das relações interétnicas no país dependeria do sucesso das reformas econômicas e da comparação com a Rússia:

> Se tivermos sucesso aqui, não haverá conflitos étnicos. Se as nossas reformas continuarem significativamente aquém das russas, os russos [étnicos] na Ucrânia olharão constantemente para trás, para sua alma mater e considerar-se-ão enganados, ao mesmo tempo que sentirão nostalgia pela União Soviética. Conclui-se que a verdadeira **quinta coluna** na Ucrânia não é uma ou outra minoria nacional, mas os círculos governamentais e parlamentares que freiam as transformações econômicas radicais. (grifo nosso, tradução nossa).

Em discordância com Tsymbalyuk, Moysey Scheinkman afirma que o fator econômico é importante, mas não determinante para a estabilidade interétnica. Acredita que a situação política na Rússia é uma variável fundamental a ser considerada. Nas suas palavras, haveria risco de conflito se a Rússia abandonasse o "caminho democrático de desenvolvimento" e "forças chauvinistas" chegassem ao poder, estimulando paixões nacionalistas na Ucrânia. O comportamento das Forças Armadas e do parlamento russo em relação à Crimeia é apontado como evidência dessa ameaça. Ademais, menciona casos de países com considerável estabilidade econômica que enfrentaram separatismo. Scheinkman também faz um alerta aos ideólogos da política nacional ucraniana:

> [...] o destaque a certos eventos na história da Ucrânia, embora correto, talvez, factualmente, frequentemente não leva em conta a possível reação dolorosa da população russófona local. O mesmo se aplica à imposição excessivamente rápida da língua ucraniana. Sim, sem dúvida deve ser a única língua estatal, mas o problema de sua implementação deve ser resolvido com muita delicadeza. (tradução nossa).

Quando indagados se a adoção do federalismo seria positiva para o país, ambos responderam negativamente, afirmando que tal sistema administrativo aprofundaria divisões regionais e forças centrífugas.

Em outro trecho, debateu-se o papel da imprensa na estabilidade das relações interétnicas. Tsymbalyuk ressalta que a mídia exerce uma grande influência na mente das pessoas e, portanto, "requer-se uma certa censura por parte de editores-chefes em relação a declarações sobre problemas interétnicos", em especial no que concerne à veiculação de estereótipos chauvinistas. Scheinkman destaca o papel tanto da imprensa quanto de intelectuais para a estabilidade:

> [...] se os nossos meios de comunicação querem realmente ajudar a construir uma Ucrânia independente, não devem esquecer que o incitamento de conflitos interétnicos é a pior bomba para essa independência, como atesta a experiência da Iugoslávia. Nesta situação, o combate ao antissemitismo e a outros fenômenos semelhantes deve ser feito obrigatoriamente, antes de mais nada, pelos intelectuais ucranianos. Seu papel é ainda maior na harmonização das relações entre os dois maiores grupos nacionais da Ucrânia – ucranianos e russos. Os ucranianos, é claro, sofreram enormes sacrifícios no processo de conquista de sua independência. Mas é preciso ver o outro lado do processo: graças à

[392] GUREVICH, Aleksandr. Mezhetnicheskiye Otnosheniya. Ukrainskoye Izmereniye [Relações Interétnicas. Dimensão Ucraniana]. Zerkalo Nedeli, 15.12.1995. Disponível em: <https://zn.ua/politcs_archive/mezhetnicheskie_otnosheniya_ukrainskoe_izmerenie.html>. Acesso em: 21.06.2021.

> Rússia, ocorreu a unificação de todas as terras ucranianas. Ou seja, esses fatos devem ser abordados apenas em conjunto. (tradução nossa).

Outro participante da mesa redonda, Yuriy Petrov, alega que no país não há risco de conflito e falar em ameaça poderia criar artificialmente uma "atmosfera à sua espera", "uma zona de tensão". Ao mesmo tempo, Petrov faz a ressalva de que graças à imprensa e parte dos intelectuais ucranianos, a "russofobia" se difundiu pelo espaço informacional do país, em particular com a discussão do processo de "russificação" na história da Ucrânia. Na sua perspectiva, "clichês" como esse poderiam "destruir a relação dos dois grandes povos eslavos". Na conclusão da mesa, o mediador Aleksandr Gurevich afirma esperar que a vitória de Kuchma nas eleições possa marcar a entrada do país na alternância de poder e que a competição não dividiria, mas uniria a sociedade e "desideologizaria" as relações entre nacionalidades.

Em março de 1996, foi publicado um artigo referente a uma carta aberta às autoridades ucranianas elaborada pelo Conselho Acadêmico da Universidade de Lviv "Franko"[393]. No texto, são feitas duras críticas à atuação da esquerda na Ucrânia, que estaria buscando restaurar o império soviético:

> Isso ficou especialmente claro após a criação do grupo "União" na *Verkhovna Rada* [parlamento] da Ucrânia: a **"quinta coluna"** tomou forma organizacional e está implementando abertamente um programa que visa a eliminação do Estado ucraniano. Isso também é alimentado por tentativas de atrair a Ucrânia para uma "nova união" – a Assembleia Interparlamentar da CEI, que é a própria restauração do Soviete Supremo da URSS, a imposição de um órgão à Ucrânia que reduzirá a soberania do Estado a zero e tornará a Ucrânia uma província da Rússia. (grifo nosso, tradução nossa).

Os autores afirmam que enquanto em outros países ações antiestatais são punidas pelo Código Penal, na Ucrânia "elementos subversivos não apenas incitam a sociedade, mas também se sentam no parlamento, clamam impunemente a 'acabar' com a soberania ucraniana e a fazer com urgência uma reverência a Moscou". No documento ressalta-se que, segundo a quinta coluna, a ideia nacional ucraniana "não funcionou", o que criou um vácuo a ser preenchido com elementos antiucranianos e pela "ideia russa". Alegam que ataques foram iniciados à "língua, cultura, relações sociais, economia e reformas e soberania estatal, plantando-se em todos os casos a ideia de russificação e retorno da Ucrânia à União [URSS]". Entre os membros desta quinta coluna estariam os partidos socialistas e comunistas.

Em um artigo de junho de 1996, Sergey Kvit critica o fato de que, diferentemente do Leste Europeu e dos países Bálticos, a Ucrânia se negou a conduzir um processo de "lustração" contra as antigas elites comunistas[394]. Acreditava-se que a "caça às bruxas" seria um "prelúdio a motins".

---

[393] MIKHAYLOVICH, Vasiliy. Levyy Marsh «Pyatoy Kolonny» [Marcha de esquerda da "Quinta Coluna"]. Zerkalo Nedeli, 06.03.1993. Disponível em: <https://zn.ua/internal/levyy_marsh_pyatoy_kolonny.html>. Acesso em: 21.06.2021.

[394] KVIT, Sergey. Proklyatiye svobodoy [Maldição da liberdade]. Zerkalo Nedeli, 28.06.1996. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/proklyatie_svobodoy.html>. Acesso em: 21.06.2021.

Também questiona a entrega das armas nucleares à Rússia, o que teria deixado o país vulnerável ao vizinho "fascizado", e a concessão do status de República Autônoma à Crimeia, por seu caráter "antiestatal". Afirma que após a deportação dos tártaros da Crimeia, no período soviético, russos ocuparam a península; logo, a concessão da autonomia implicou em legitimar o direito dos "ocupantes". Na sua perspectiva, o "genocídio" do povo ucraniano, que perdeu violentamente 40 milhões de habitantes no século XX, deveria ter sido reconhecido. Kvit acusa o Partido Comunista de ser a quinta coluna, além de organizações de cossacos russos, e indaga acerca da impossibilidade de se perseguir elementos antiucranianos com a lei:

> [...] a **quinta coluna** na Ucrânia se tornou tão atrevida e se sente tão empoderada que a lei ucraniana frequentemente se posiciona em sua defesa. Nenhum meio oficial pode proibir as atividades do Partido Comunista da Ucrânia, de qualquer "organização de cossacos russos", ou fechar pelo menos um jornal antiucraniano. O antiucraniano na Ucrânia não é anti-Estado e criminoso, pelo contrário, é santificado pelo Estado. (grifo nosso, tradução nossa).

Em matéria de novembro de 1998, a jornalista Valeriya Novodvorskaya fez duros questionamentos à dependência política e econômica da Ucrânia em relação à Rússia[395]. Alega que o Oeste do país preservou o "impulso à liberdade", mas não pode transformar o Leste e o Sul, "russificados" e "habitados por não-cidadãos", embora formalmente tenham a cidadania. Nas suas palavras, muitos indivíduos que têm o passaporte (documento de identidade nacional) "não são cidadãos da Ucrânia de espírito"[396]. Menciona que no Oeste, até 1953, a Organização de Nacionalistas Ucranianos (OUN) lutou contra os bolcheviques. Na conclusão, Novodvorskaya acusa a Crimeia, o Leste e o Sul de serem a quinta coluna e alerta que o futuro do país dependeria da situação política na Rússia:

> [...] é necessário destacar mais uma vez a elevada composição de não-cidadãos na Ucrânia, bem como a presença de uma **quinta coluna** na forma da Crimeia, Leste e Sul. E se algo acontecer na Rússia, não há garantia de que esta **quinta coluna** simplesmente não vá se aproveitar da situação e se juntar imediatamente à futura União Soviética. Eu não sei como é possível dormir em paz tendo isso na nossa retaguarda… (grifo nosso, tradução nossa).

Endereçando a problemática da língua estatal, Sergey Snegirev publicou um artigo em maio de 2000 destacando a importância de se difundir a língua ucraniana[397]. Snegirev afirma que nos primeiros momentos após a independência, as elites ucranianas fizeram de tudo para manter a

[395] PARFENT'YEV, Pavel. Valeriya Novodvorskaya: «Grazhdanam Rossii i Ukrainy Bezrazlichny Strany, v Kotorykh Oni Zhivut» [Valeria Novodvorskaya: "Os cidadãos da Rússia e da Ucrânia são indiferentes aos países em que vivem"]. Zerkalo Nedeli, 06.11.1998. Disponível em: <https://zn.ua/politcs_archive/valeriya_novodvorskaya_grazhdanam_rossii_i_ukrainy_bezrazlichny_strany,_v_kotoryh_oni_zhivut.html>. Acesso em 22.06.2021.

[396] Para a jornalista, o mesmo se passava na Rússia e na Bielorrússia, onde muitos habitantes ainda se sentiriam ligados à URSS.

[397] SNEGIREV, Lev. Vse Tsvety Dolzhny Tsvesti [Todas as flores devem florescer]. Zerkalo Nedeli, 26.05.2000. Disponível em: <https://zn.ua/ART/vse_tsvety_dolzhny_tsvesti.html>. Acesso em 22.06.2021.

paz interétnica e evitar conflitos como os observados na África e na ex-Iugoslávia. Direitos culturais foram garantidos às minorias, à revelia de nacionalistas:

> O estabelecimento de organizações públicas culturais nacionais [étnicas] foi permitido e até encorajado, apesar das advertências enfurecidas dos "patriotas" de que desta forma as **"quintas colunas"** de alguns países hostis seriam legalizadas. [...] O segundo maior grupo étnico da Ucrânia, com aproximadamente 10-11 milhões de pessoas, são os russos. A sua residência neste território não foi ofuscada pelos aspectos negativos da **"quinta coluna"**, pelo contrário, a sua atividade linguística, religiosa, educativa, laboral não foi limitada de nenhuma maneira. (grifo nosso, tradução nossa).

O autor alega que os russos étnicos são o grupo que menos sabe o ucraniano e teme a perda de seu status profissional e social com uma eventual introdução radical da língua. Por isso, na resistência à sua introdução envolvem o país vizinho, acusando a Ucrânia de "discriminação dos direitos da minoria russa no país". Seriam necessários tato e delicadeza para resolver o problema e alcançar um acordo mútuo. Contudo, o autor enfatiza que o status oficial do ucraniano como língua estatal, a língua da "esmagadora maioria étnica", deve ser garantido. Sustenta que uma língua única é mais importante para a consolidação do Estado (*statehood*) do que uma única religião e que são raros os casos de estados multilíngues no mundo.

Em um teor mais cético em relação a mudanças na política linguística, Valeriy Glazko, em julho de 2000, defende que é necessário ter ponderação na proposição de reformas, como por exemplo, a obrigatoriedade do uso do ucraniano no ensino superior. Nas suas palavras, parte da literatura científica internacional estava traduzida apenas para o russo e para professores seria difícil lecionar em uma língua que não dominam completamente. Glazko considera que há uma busca de "culpados", da identificação de uma "quinta coluna", para os problemas do país, desde "burocratas corruptos" a "*moskali* [termo pejorativo para russos] russófonos". No período soviético havia sistemas estáveis de saúde, educação e aposentadoria; agora há eleições e uma imprensa livre e democrática, mas as coisas não vão bem. Afirma que "se as massas escolherem um grupo específico como culpado, começará uma guerra civil". Contudo, faz a ressalva de que não há ódio a falantes de outras línguas e estrangeiros na Ucrânia. Admite que houve sentimentos contrários a russófonos e à Rússia após 1991, mas os mesmos não sobrevivem entre as massas.

Na esfera religiosa, Ekaterina Shchetkina fez uma análise da disputa política em torno do vínculo da Igreja Ortodoxa Ucraniana com o Patriarcado de Moscou, publicada em agosto de 2001[398]. Menciona que os países que se separaram da Rússia tentaram afastar suas igrejas de Moscou, afinal, "que Estado jovem e independente concordaria em tolerar em seu território essa 'quinta coluna'?". Contudo, a jornalista mostra que a questão religiosa é mais complexa do que parece à primeira vista.

[398] SHCHETKINA, Yekaterina. Mezhdu Trekh Svyatykh Ogney [Entre os três fogos sagrados]. Zerkalo Nedeli, 03.08.2001. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/mezhdu_treh_svyatyh_ogney.html>. Acesso em 23.06.2021.

Referências à quinta coluna também alcançaram o setor literário. Em outubro de 2001, Konstantin Rodik citou os esforços feitos pela Rússia na propagação da língua e livros russos no Espaço Pós-Soviético[399]. Afirma que, diferentemente da Ucrânia, na Rússia entendem que o "livro segue sendo um arsenal básico na reprodução da memória histórica de um povo". Vários livros com pontos de vista russos acerca do passado soviético e da questão étnica na região estavam sendo difundidos na Ucrânia. Rodik enfatiza que "ainda é preciso saber dirigir a 'quinta coluna'" e que políticos russos estavam usando o conhecimento da psicologia coletiva dos ucranianos. Em junho de 2003, Mykola Matusevich afirmou que o argumento de que jornais deviam ser publicados em russo porque o leitor não leria em ucraniano é "difundido a partir da *Lubyanka* [sede do serviço de inteligência russo] e do Kremlin" e repetido na Ucrânia pela "quinta coluna"[400].

Outro tema polêmico foi a política local da Crimeia e da cidade de Sebastopol. Em junho de 2004, Dmitriy Baziv denunciou que o núcleo informativo e organizacional de formação da quinta coluna na cidade era a Frota russa do Mar Negro, ali sediada[401]. Nas suas palavras, o partido Bloco Russo (*Russkiy Blok*) fez publicações em jornais locais ofendendo a "dignidade nacional dos ucranianos", mas as organizações culturais ucranianas e as autoridades locais não tomaram nenhuma atitude. Também critica o fato de muitos militares russos e habitantes da região terem dupla cidadania (russa e ucraniana), o que contrariava a legislação do país e não era combatido pelo Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) ou outras autoridades.

Em dezembro de 2004, meses após a Revolução Laranja, a editora-chefe do jornal *Zerkalo Nedeli*, Yulia Mostovaya, alertou que as eleições parlamentares seriam preparadas não apenas na Ucrânia, mas também na Rússia, o que possibilitaria a "revanche" de Putin[402]. Grupos ligados à Rússia estariam adquirindo canais ucranianos para financiar forças pró-Rússia no país. A "coluna russa" também estaria na imprensa escrita. Mostovaya enfatizou que o novo governo teria que lidar com uma oposição forte, dotada de recursos eleitorais, midiáticos e financeiros. Os resultados dependeriam de como o Estado "poderia resistir à influência estrangeira, qual política seria implementada nas regiões rebeldes do Sudeste, e se conseguiria efetivamente romper o bloqueio informacional nelas".

---

[399] RODIK, Konstantin. Krizis Soznaniya [Crise de consciência]. Zerkalo Nedeli, 05.10.2001. Disponível em: <https://zn.ua/ART/krizis_soznaniya.html>. Acesso em 23.06.2021.
[400] MATUSEVICH, Mykola. «Ya Priyekhal v Ukrainu Zhit' i Rabotat', a Ne Dozhivat'…» ["Vim para a Ucrânia para viver e trabalhar, não para viver…"]. Zerkalo Nedeli, 20.06.2003. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/ya_priehal_v_ukrainu_zhit_i_rabotat,_a_ne_dozhivat.html>. Acesso em 24.06.2021.
[401] BAZIV, Dmitriy. Kogda V Sevastopol' Pridet God Ukrainy? [Quando O Ano Da Ucrânia Chegará A Sevastopol?]. Zerkalo Nedeli, 25.06.2004. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/kogda_v_sevastopol_pridet_god_ukrainy.html>. Acesso em 24.06.2021.
[402] MOSTOVAYA, Yuliya. Perpetuum vyborum [Perpetuum eleições]. Zerkalo Nedeli, 24.12.2004. Disponível em: <https://zn.ua/politcs_archive/perpetuum_vyborum.html>. Acesso em 24.06.2021.

Finalmente, vale citar um artigo redigido pelo diretor do Instituto Nacional de Estudos Estratégicos, Aleksandr Litvinenko, acerca das relações interétnicas na Ucrânia[403]. Litvinenko sustenta que a questão nacional [étnica] nunca se agravou a ponto de ameaçar a sociedade e o Estado como um todo. Entretanto, há "uma série de problemas não resolvidos que permitiram periodicamente manipulá-la com a ajuda da consciência social". Momentos de crise política e períodos eleitorais foram favoráveis a essas manipulações. Tal argumento remonta à vasta literatura que discorre sobre o uso do "ethnic card" em eleições.

À parte dos artigos levantados nesta subseção, no período de interesse houve outras publicações que abordaram temas como a atuação do serviço secreto russo (GRU)[404], quintas colunas separatistas em outros países[405], interferência da quinta coluna russa em projetos geopolíticos ucranianos[406], atuação do Patriarcado de Moscou[407], dentre outras. No *Ukrainskaya Pravda*, um artigo de 2004 discorreu sobre a atuação dos comunistas como a quinta coluna[408]. Em outro, afirmou-se que se no país "não funcionasse a 'quinta coluna', ou seja, parte das elites que entre interesses nacionais da Ucrânia e da Rússia fazem *lobby* pelos últimos, as chances de a Rússia esmagar a Ucrânia seriam próximas de zero"[409].

Podemos constatar que no período Kuchma, o termo "quinta coluna" foi utilizado para se referir tanto a setores da elite, como partidos de esquerda nostálgicos em relação à URSS, quanto a parcelas da sociedade, como russos étnicos, russófonos, habitantes do Leste e Sul, além de organizações religiosas e grupos midiáticos. A lealdade desses grupos ao Estado ucraniano foi colocada em questão.

---

[403] LITVINENKO, Aleksandr. Natsional'nyy Vopros Kak Politicheskiy Instrument: Nekotoryye Primery Iz Ukrainskoy Zhizni [A questão nacional como instrumento político: alguns exemplos da vida ucraniana]. Zerkalo Nedeli, 23.04.2004. Disponível em: <https://zn.ua/internal/natsionalnyy_vopros_kak_politicheskiy_instrument_nekotorye_primery_iz_ukrainskoy_zhizni.html>. Acesso em 25.06.2021.

[404] MOSTOVAYA, Yuliya. Nachal'nik Gur Aleksandr Skipal'skiy: «Uvazhayemyye Kollegi, My Ne Yavlyayemsya Bananovoy Respublikoy!..» [Chefe do GUR Alexander Skipalsky: "Caros colegas, não somos uma república de bananas!.."]. Zerkalo Nedeli, 23.02.1996. Disponível em: <https://zn.ua/LAW/nachalnik_gur_aleksandr_skipalskiy_uvazhaemye_kollegi,_my_ne_yavlyaemsya_bananovoy_respublikoy.html>. Acesso em 25.06.2021.

[405] Ver banco de dados.

[406] HET'MANCHUK, Alena. Amerikanskiy Doping Dlya GUUAM [Doping americano para o GUUAM]. Zerkalo Nedeli, 13.06.2003. Disponível em: <https://zn.ua/international/amerikanskiy_doping_dlya_guuam.html>. Acesso em 24.06.2021.

[407] POLYUSHKO, Grigoriy. Komu vernut kresty? [Para quem devolver as cruzes?]. Zerkalo Nedeli, 26.11.2004. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/komu_vernut_kresty.html>. Acesso em 25.06.2021.

[408] SERHIY Holovatyy: Para "Moroz-Medvedchuk" vyyavylasya plidnishoyu i syl′nishoyu, nizh para "Yushchenko-Kuchma" [Serhiy Holovaty: A dupla "Moroz-Medvedchuk" acabou sendo mais frutífera e mais forte que a dupla "Yushchenko-Kuchma"]. Ukrainskaya Pravda, 07.02.2004. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/news/2004/02/7/2997950/>. Acesso em 26.06.2021.

[409] POCHEMU v Moskve ne khotyat videt', chto Ukraina – ne Rossiya. Prodolzheniye diskussii [Por que Moscou não quer ver que a Ucrânia não é a Rússia. Continuação da discussão]. Ukrainskaya Pravda, 26.08.2004. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2004/08/26/4380703/>. Acesso em 27.06.2021.

6.2.2 O período Laranja (2005-2009)

Como mostramos na seção quantitativa, o período após a Revolução Laranja viu um significativo crescimento nas referências à quinta coluna, em parte associado ao posicionamento pró-Ocidente do presidente Viktor Yushchenko. Os três periódicos cobertos na análise publicaram diversos artigos no período. No período, houve menções a parcelas da população russófona e da Crimeia que não reconheciam a soberania ucraniana e eram leais à Rússia, constituindo um instrumento do Kremlin para influenciar a política ucraniana. Yushchenko recorreu ao termo para atacar lideranças da oposição e o Partido Comunista. Duas abordagens foram apresentadas para solucionar a questão identitária: a promoção da língua e da cultura ucraniana como uma política de discriminação positiva pós-colonial ou a promoção de uma identidade cívica, política, já que a busca da imposição de uma vertente identitária poderia acirrar a polarização regional, em consonância com os interesses do Kremlin. De fato, Yushchenko abordou diversas questões identitárias da corrente ucranianófila, rejeitadas por russófilos, o que contribuiu para aprofundar divisões na sociedade.

Um dos tópicos abordados foi o breve movimento separatista que se iniciou em meio à polarização da Revolução Laranja no Leste, em Severodonetsk, com o apoio de membros das elites locais. Os líderes do movimento pretendiam conferir o status de capital da pretendida república autônoma a Kharkiv/ Kharkov, cidade que no passado foi capital da Ucrânia. Em artigo publicado em agosto de 2005, Gariy Makarenko levanta dúvidas sobre o respeito à cultura, história e língua ucraniana na cidade[410]. Afirma que bibliotecas locais levam o nome de autores, críticos literários e personalidades russas "ucranianofóbicas", em vez de prestigiar renomados autores ucranianos. Segundo Makarenko, "pode-se falar com segurança que Kharkov não é a segunda capital da Ucrânia, mas a quinta coluna da Rússia". O presidente Viktor Yushchenko também fez menção à questão separatista de 2004, conclamando o procurador geral a punir os atores que estiveram envolvidos no movimento e na falsificação eleitoral[411]. Indagou o que aconteceu com o número inflacionado de eleitores:

> Para onde foram? Foi a **quinta coluna**, que levou o país à falsificação através de um multiplicador. Devo continuar e lembrar de Severodonetsk, da autonomia do Sul, das tentativas de separatismo. Essas pessoas fizeram apelos diretos para rachar o mapa da Ucrânia. Por que a Procuradoria-Geral assumiu uma posição de anistia nessa questão? Essa posição deve ser alterada urgentemente! (grifo nosso, tradução nossa).

[410] MAKARENKO, Hariy. Vtoraya ukrainskaya ili pyataya rossiyskaya? [Segunda ucraniana ou a quinta russa?]. Zerkalo Nedeli, 19.08.2005. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/vtoraya_ukrainskaya_ili_pyataya_rossiyskaya.html>. Acesso em 27.06.2021.

[411] YUSHCHENKO rasskazal Medved'ko, po chemu nado bit' u fal'sifikatorov [Yushchenko disse a Medvedko por que deve-se atacar os falsificadores]. Ukrainskaya Pravda, 08.11.2005. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2005/11/8/4393767/>. Acesso em 28.06.2021.

Em 2006, várias publicações discorreram acerca da identidade e visão de mundo de diferentes setores da sociedade ucraniana. No *Ukrainskaya Pravda*, Ostap Krivdik analisou três vertentes de russos ucranianos[412]: "euro-russos", "migrantes" e "pessoas do império, ocupantes"[413]. Logo no início do artigo, questiona:

> Quem são eles? A **quinta coluna** da Rússia, que luta pela "reunificação"; aqueles que o destino lançou contra sua vontade em terras ucranianas; ou ucranianos políticos? Invasores, convidados ou nossos vizinhos e compatriotas? (grifo nosso, tradução nossa).

De acordo com Krivdik, os "euro-russos" ("compatriotas", "ucranianos políticos") valorizam a democracia e respeitam o Estado e a cultura ucraniana. Sentem que a Rússia é a sua pátria cultural e a Ucrânia – a sua pátria política, com uma cultura política completamente diferente da primeira. Por sua vez, os "migrantes" foram para a Ucrânia na maioria dos casos por determinação do Estado soviético, após os estudos, no serviço militar ou a trabalho. Por muito tempo sentiram-se em casa, uma vez que a língua e a cultura russa predominavam em todos os meios. Após o fim do "império", viram-se abandonados por sua pátria, com a necessidade de aprender a língua dos "aborígenes". No geral, são indiferentes à língua e à cultura ucraniana e permanecem onde se sentem bem. Finalmente, os "ocupantes" ("invasores") estão em todas as regiões e desprezam a Ucrânia e tudo o que é ucraniano[414]. Para esses "imperorrussos", a ucranianidade (*ukrainstvo*) é um "projeto ideológico hostil, ora da inteligência austro-húngara-polonesa, ora da OTAN, destinado a destruir a amizade internacional ou a grande união ortodoxa-eslava". Ambicionam a restauração do império. Krivdik acusa Vladimir Putin de estar pressionando os russos a seguirem o papel de ocupantes e advoga que para haver "concordância nacional" é necessário que os russos étnicos na Ucrânia reconheçam a opressão colonial do Império Russo e da URSS. Nas suas palavras:

> Assim como todo alemão tem responsabilidade pelos crimes do nazismo, todo russo tem sua própria parte da responsabilidade pela russificação, pelo fato de que a língua ucraniana foi suplantada pela língua russa, que foi sob a pressão do russo que os ucranianos abandonaram sua língua e cultura. [...] Todo russo (*rossiyanin*) ucraniano, na minha convicção, deve reconhecer a sua responsabilidade moral pela humilhação cultural dos ucranianos em favor do russo e, como resultado, não interferir na ulterior ucranianização da Ucrânia, aceitar a "discriminação positiva" (o desaparecimento da hegemonia do espaço cultural russo) como um nivelamento objetivo do desequilíbrio pós-colonial, e no futuro reconhecer-se como uma minoria nacional europeia influente de pleno direito, que não carrega problemas imperiais e queixas do passado para o futuro. (tradução nossa).

[412] É interessante notar que a palavra utilizada no artigo em russo para se referir a "russo" foi "rossiyanin", a mesma utilizada para se referir a cidadão da Rússia. Geralmente, utiliza-se a palavra "russkiy", russo étnico.
[413] KRIVDIK, Ostap. Vynuzhdeny menyat'sya: tri puti ukrainskikh rossiyan [Forçados a mudar: três caminhos dos russos ucranianos]. Ukrainskaya Pravda, 08.06.2006. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2006/06/8/4400542/>. Acesso em 28.06.2021.
[414] Krivdik menciona estereótipos como "khokhly", "saloedy" (comedores de *salo*) e "malorossy" (pequenos russos).

Outro artigo no mesmo jornal, publicado em setembro por Semen Uralov, aborda divisões identitárias não entre russos no país, mas entre ucranianos no geral[415]. Uralov menciona que a Ucrânia tem um problema a mais que a Rússia, e que esse problema adicional é "a própria Rússia". Considera que a Ucrânia formou um Estado, mas não um País. Parte dessa questão decorreria do fato de a ideologia nacional, que substituiu o marxismo-leninismo, basear-se apenas em uma anti-ideologia, a "independência" em relação à Rússia.

O autor descreve três comunidades de ucranianos: os "patriotas", os que "perderam a pátria" e os "cínicos". Para os "patriotas", o país foi sempre rodeado de inimigos e encontra-se sob a constante ameaça de ser engolido pela Rússia. Portanto, "é preciso estar vigilante e lutar contra a quinta coluna, os agentes do Kremlin e os comunistas; realizar a desrussificação e a ucranianização, e libertar o espaço de informação ocupado [por meios de comunicação russos]". Os que "perderam a pátria" veem com nostalgia o passado soviético e lamentam o fim da URSS. Já os "cínicos" veem com indiferença as mudanças históricas, consideram que "o povo era e continua pobre, os policiais – abusivos, e os burocratas – corruptos". Uralov argumenta que a anti-ideologia da "luta pela Independência", com as divisões nas visões de mundo, é um obstáculo à discussão do futuro. Logo, conclui:

> [...] se a Ucrânia não pode se tornar um País, cedo ou tarde vai ser levantada a questão da viabilidade do Estado. E Deus nos permita que o processo de desmantelamento do Estado ocorra de acordo com o cenário tchecoslovaco, e não com o iugoslavo. (tradução nossa).

Em outro artigo, de dezembro de 2006, Uralov afirma que para as divergências regionais e de percepções históricas na Ucrânia há três caminhos: separar-se pacificamente, como ocorreu com a Tchecoslováquia; implementar um modelo federativo ou confederativo, em que cada região poderia ensinar o seu ponto de vista histórico e adotar a sua política cultural e linguística – embora, nesse cenário, não faria sentido manter a união; ou "anular" a história como ideologia e reconhecer que a história cognitiva da Ucrânia começou em 1991[416]. Tudo o que passou antes de 1991 seria a história cognitiva do povo, mas não do país e do Estado. Também seria necessário abandonar a política etnonacional corrente reconhecendo que o valor fundamental do país é a cidadania. Basicamente, o autor propõe a difusão do nacionalismo cívico a fim de amenizar a polarização entre ucranianófilos e russófilos.

[415] URALOV, Semen. Vernut'sya v soznaniye [Voltar à consciência]. Ukrainskaya Pravda, 18.09.2006. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2006/09/18/4405351/>. Acesso em 29.06.2021.
[416] URALOV, Semen. Svoyevremennaya istoriya Ukrainy [História oportuna da Ucrânia]. Ukrainskaya Pravda, 18.12.2006. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2006/12/18/4410371/>. Acesso em 29.06.2021.

O otimismo com a adesão a uma nação cívica foi manifestado por Oles Andriychuk no *Zerkalo Nedeli*, em julho de 2006[417]. O autor menciona que os ucranianos russófonos estavam desenvolvendo cada vez mais a "ucranianidade" (*ukrainskost*) e que a ideia de homogeneidade étnica da nação ucraniana e a percepção dos russófonos como uma ameaça à soberania e "quinta coluna" no país estavam perdendo força. Outros colunistas apresentaram a homogeneidade étnica como facilitadora de um processo pacífico de transição. Ao descrever o sucesso nas reformas econômicas da Eslovênia, Yuliya Zagoruyko alegou, em janeiro de 2007, que a "homogeneidade étnica, a ausência de 'quinta coluna' e a presença de unidade nacional" possibilitaram uma secessão pacífica[418]. Indiretamente, pressupõe que a diversidade pode constituir um obstáculo à transição, argumento semelhante ao discurso do *trade-off*.

Referências à "quinta coluna" também envolveram disputas políticas. Em entrevista ao *Obozrevatel* em março de 2007, o ex-ministro de relações exteriores, Boris Tarasyuk, declarou que o curso geopolítico do país de aproximação com a UE e a OTAN estava em risco devido, dentre outros motivos, à "atuação da quinta coluna, ao desejo de agradar o vizinho"[419]. Em abril, Olga Vladimirskaya afirmou no *ZN* que a independência da Ucrânia estava sob ameaça não por parte das "elites políticas imperiais russas", mas da quinta coluna, "que tem saudade da ordem soviética e aguarda uma 'mão forte'"[420]. A herança soviética ainda era um problema para a cultura política ucraniana, mas o Ocidente contribuiu para pressionar o país a realizar reformas.

Uma das acusações mais contundentes envolvendo setores da sociedade esteve relacionada ao separatismo na Crimeia. Em março, Mikhail Dubinyanskiy publicou um artigo no *UP* intitulado "Coluna № 5"[421]. Após descrever a origem do termo, o autor esclarece que na Ucrânia ele é utilizado não apenas para denotar burocratas de alta patente e deputados que têm ganhos pessoais agindo sob a influência do Kremlin, mas também centenas de milhares de cidadãos que se sentem mais ligados a Moscou do que a Kiev, sobretudo na República Autônoma da Crimeia (ARK). Como um prenúncio da crise de 2014, afirma que "a quinta coluna russa na ARK está viva e se encontra em preparação total de combate", que uma parte considerável de seus habitantes "exerce abertamente uma posição antiestatal" e a "ilusão" de que a região pode se tornar parte da Rússia é

[417] ANDRIYCHUK, Oles'. Bremya tolerantnosti: o statuse yazyka i demokraticheskikh standartakh [O fardo da tolerância: sobre o status da linguagem e os padrões democráticos]. Zerkalo Nedeli, 07.07.2006. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/bremya_tolerantnosti_o_statuse_yazyka_i_demokraticheskih_standartah.html>. Acesso em 30.06.2021.
[418] ZAGORUYKO, Yuliya. Sloveniya — pervaya [Eslovênia é a primeira]. Zerkalo Nedeli, 12.01.2007. Disponível em: <https://zn.ua/foreign_economics/sloveniya__pervaya.html>. Acesso em 30.06.2021.
[419] TARASYUK uzrel v Ukraine pyatuyu kolonu [Tarasyuk viu a quinta coluna na Ucrânia]. Obozrevatel, 02.03.2007. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2007/3/2/158944.htm>. Acesso em 30.06.2021.
[420] VLADIMIRSKAYA, Ol'ga. Yevropeytsy, zdravstvuyte! [Europeus, olá!]. Zerkalo Nedeli, 06.04.2007. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/evropeytsy,_zdravstvuyte.html>. Acesso em 30.06.2021.
[421] DUBINYANSKIY, Mikhail. Kolonna № 5. Ukrainskaya Pravda, 13.05.2007. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2007/03/13/4414576/>. Acesso em: 30.06.2021.

popular na península. Contudo, Dubinyanskiy enfatiza que a Crimeia não é um fim para o Kremlin, mas um instrumento de influência na política ucraniana. Logo, é mais vantajoso mantê-la no país do que como parte da Rússia.

Em outro artigo de fevereiro de 2008, Mikhail Dubinyanskiy alerta para os riscos de popularização do termo "quinta coluna"[422]. Admite que a coluna realmente existe e está representada por pessoas que "não se consideram cidadãos do Estado ucraniano e agem em prejuízo de seus interesses estratégicos"; contudo, expandir os critérios de pertencimento à ela, como ao desejo de assistir filmes em russo seria imprudente: "quanto mais ativamente os inflamados patriotas-nacionais inscreverem seus cidadãos nas filas da quinta coluna imaginária, mais forte vai se tornar a real quinta coluna" (tradução nossa).

Em abril, o colunista fez críticas à política identitária do governo, afirmando que tentativas de se impor a vertente histórica e cultural ucraniana (inclusive a língua) à população russófona do Sudeste por meio de diretrizes estatais poderia gerar uma contrarreação e aprofundar as divisões no país, atendendo aos interesses do Kremlin[423]. O objetivo de Moscou é envolver em seu jogo cada vez mais cidadãos ucranianos e apresentar a Ucrânia ao mundo como um país instável, ameaçado por separatismo; já o de Kiev é "neutralizar a quinta coluna interna". A utilização da máquina burocrática estatal para imposições culturais reforçaria a posição de chauvinistas russos no Sudeste e o boicote ao ucraniano estaria sendo decretado inclusive por quem antes era leal. Segundo Dubinyanskiy:

> A Ucrânia moderna não é um estado mononacional e monocultural. Bom ou ruim, é um fato. [...] Tolerância mútua, busca de compromissos razoáveis e pluralismo ideológico – eis o que vai ajudar a garantir uma simbiose harmoniosa entre Leste e Oeste, unir nossos cidadãos em torno dos interesses estratégicos do Estado da Ucrânia, minimizando a influência da **quinta coluna** do Kremlin. [...] Não importa o idioma que falamos, a igreja que frequentamos: o principal é que somos todos cidadãos da Ucrânia e construiremos juntos um Estado democrático e livre! [...] Quando os cidadãos começam a odiar o seu próprio Estado, ingressando automaticamente nas fileiras da **quinta coluna**, a culpa é principalmente do próprio Estado, incapaz de seguir uma política competente e equilibrada. E nas capitais estrangeiras sempre há quem queira se aproveitar desses erros. (grifo nosso, tradução nossa).

A intervenção russa na Geórgia em agosto de 2008 causou apreensão. Um artigo publicado em setembro no *UP* discutiu a preocupação com o argumento russo de proteger os "seus cidadãos" no exterior e expressou temores de que a mesma justificativa poderia ser usada contra a Ucrânia[424].

---

[422] DUBINYANSKIY, Mikhail. Natsionalizm vs patriotizm: paradoksy ukrainskoy deystvitel'nosti [Nacionalismo versus patriotismo: paradoxos da realidade ucraniana]. Ukrainskaya Pravda, 28.02.2008. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2008/02/28/4434558/>. Acesso em: 01.07.2021.

[423] DUBINYANSKIY, Mikhail. Pyataya kolonna: rukovodstvo po vyrashchivaniyu [A Quinta Coluna: Guia de Crescimento]. Ukrainskaya Pravda, 18.04.2008. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2008/04/18/4438177/>. Acesso em: 01.07.2021.

[424] ZAPOROZHETS′, Ivan. Spovid′ podviynoho hromadyanyna [Confissão de dupla cidadania]. Ukrainskaya Pravda, 16.09.2008. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2008/09/16/3559786/>. Acesso em: 01.07.2021.

Também se questionou qual seria o perigo de indivíduos com dupla cidadania, potenciais traidores e a quinta coluna. No *Obozrevatel*, em agosto, relatou-se que o FSB estaria preparando uma quinta coluna para as eleições ucranianas, com a finalidade de promover uma revanche aos acontecimentos de 2004[425].

Em 2009, ano pré-eleitoral, o presidente Viktor Yushchenko fez menções ao termo "quinta coluna" para se referir a seus opositores. Após ser indagado sobre o fato de deputados ucranianos o terem nomeado "russofóbico número um", respondeu que estes eram "a quinta coluna que nunca teve raízes nacionais", sobretudo o partido comunista, o qual é difícil chamar de partido comunista "ucraniano"[426][427]. Também acusa a Rússia de sempre ter sido um "império" e ressalta a importância da segurança coletiva, com a participação na OTAN, para a soberania e integridade territorial ucraniana. Em outra entrevista, Yushchenko insinuou que a primeira-ministra Yulia Timoshenko era a "quinta coluna" de Moscou, citando suas visitas à Rússia[428]. Em alusão a uma possível interferência externa nas eleições, afirmou que há uma quinta coluna de políticos interessados em obter apoio informacional e financeiro por parte da Rússia[429]. Nas suas palavras, para "ganhar na arena externa é preciso ter união interna" e a "'quinta coluna' enfraquece a política ucraniana mais do que tudo"[430].

Em um artigo no *UP*, Bohdan Yatsun relatou que a política identitária de Yushchenko, como a alteração de feriados comemorativos, é percebida por alguns como uma provocação para dividir a sociedade[431]. Ao mesmo tempo, considera que "a quinta coluna do Kremlin age ativamente na Ucrânia e a liderança da Rússia continua a sonhar com o renascimento da URSS". Oleh Pokal′chuk, no *ZN*, afirmou que estereótipos étnicos difundidos exercem forte influência no diálogo de culturas, tais como o da "quinta coluna russa na Ucrânia" e o do "povo unido de russos

[425] FSB gotovit ukrainskuyu "pyatuyu kolonnu" [FSB prepara "quinta coluna" ucraniana]. Obozrevatel, 21.08.2008. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2008/8/21/254542.htm>. Acesso em: 01.07.2021.
[426] VENEDIKTOV, Aleksey. Kto protiv menya – «pyataya kolonna» [Quem está contra mim é a "quinta coluna"]. Obozrevatel, 05.04.2009. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2009/4/4/295915.htm>. Acesso em: 01.07.2021.
[427] Em tom provocativo, o *Obozrevatel* intitulou a entrevista "quem é contra mim é a 'quinta coluna'".
[428] TIMOSHENKO - "pyataya kolonna" Moskvy [Timoshenko é a "quinta coluna" de Moscou]. Obozrevatel, 07.09.2009. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2009/9/7/320706.htm>. Acesso em: 02.07.2021.
[429] YUSHCHENKO spodivayet′sya, shcho Moskva dotrymaye slova [Yushchenko espera que Moscou mantenha sua palavra]. Ukrainskaya Pravda, 22.09.2009. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/news/2009/09/22/4197111/>. Acesso em: 02.07.2021.
[430] YUSHCHENKO: Komu-to nasha nezavisimost' - kak goroshina v sapoge [Yushchenko: Para alguns, nossa independência é como uma pedra no sapato]. Ukrainskaya Pravda, 28.08.2009. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2009/08/28/4500798/>. Acesso em: 02.07.2021.
[431] YATSUN, Bohdan. Den′ zakhysnyka Ukrayiny: 14 zhovtnya chy 23 lyutoho? [Dia do Defensor da Ucrânia: 14 de outubro ou 23 de fevereiro?]. Ukrainskaya Pravda, 14.10.2009. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2009/10/14/4240447/>. Acesso em: 02.07.2021.

e ucranianos"[432]. O primeiro é muito utilizado por patriotas, enquanto o segundo, por apoiadores da união entre a Ucrânia e a Rússia em um mesmo Estado.

Nesta subseção, podemos constatar que o período após a Revolução Laranja testemunhou uma frequência significativa de menções ao termo "quinta coluna", tanto com conotação étnica, ou seja, em alusão à população russa na Ucrânia, quanto para se referir a cidadãos ucranianos, no geral, que se identificam com a ideologia comunista e sentem nostalgia pela URSS, ou ainda para denotar políticos com supostos vínculos com a Rússia. O termo foi muito mobilizado pelo presidente Yushchenko no ano pré-eleitoral contra seus opositores.

6.2.3 O período Yanukovich (2010-2013)

O período em que Viktor Yanukovich esteve na presidência também testemunhou importantes referências à "quinta coluna". Desta vez, contra o próprio presidente e seu partido, por sua orientação pró-Rússia na esfera geopolítica. Tópicos sensíveis, como a prorrogação da concessão territorial à Frota Russa do Mar Negro e políticas linguísticas, geraram intensos debates e polarização.

Um artigo do *ZN* de fevereiro de 2010 chamou atenção ao fato de que um dos primeiros comunicados de Yanukovich após a sua vitória foi em russo, em vez de ucraniano, e diferentes especialistas comentaram acerca da polarização entre Leste e Oeste verificada tanto nas eleições de 2004 quanto de 2010[433]. Lyudmila Shangina, do Centro Razumkov, defendeu que para superar a polarização era necessário se abster de elementos da política identitária e de estereótipos:

> não se pode, por muito tempo e teimosamente, considerar uma parte do país pior do que outra, uma parte dos cidadãos como a **quinta coluna** e a outra como fascistas. Não se pode mutilar outra língua impunemente, não se pode iniciar uma guerra de monumentos e heróis, não se pode esclarecer a quem pertence a melhor igreja. (grifo nosso, tradução nossa).

No mesmo jornal, um artigo publicado em setembro por Olga Singaevskaya abordou a questão linguística[434]. Segundo a autora, parte da sociedade e das autoridades acreditava que a língua russa era usada por necessidade no período soviético e após a independência a população voltaria a usar o ucraniano, o que não se concretizou plenamente. Nas suas palavras,

---

[432] POKAL'CHUK, Oleh. Ukraina kak predrassudok Yevropy [Ucrânia como um preconceito da Europa]. Zerkalo Nedeli, 10.06.2009. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/ukraina_kak_predrassudok_evropy.html>. Acesso em: 02.07.2021.

[433] KOTLYAR, Alla. «Dve Ukrainy»: chto s nimi delat'? ["Duas Ucrânias": o que fazer com elas?]. Zerkalo Nedeli, 12.02.2010. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/dve_ukrainy_chto_s_nimi_delat.html>. Acesso em: 03.07.2021.

[434] SINGAYEVSKAYA, Ol'ga. Ukrainsko-russkiy dialog: illyuzii, kollizii, allyuzii [Diálogo ucraniano-russo: ilusões, colisões, alusões]. Zerkalo Nedeli, 17.09.2010. Disponível em: <https://zn.ua/EDUCATION/ukrainsko-russkiy_dialog_illyuzii,_kollizii,_allyuzii.html>. Acesso em: 03.07.2021.

> na luta pela unidade nacional (!), os cidadãos da Ucrânia, de acordo com o princípio linguístico, foram divididos em patriotas e uma **quinta coluna**, uma maioria oprimida e uma minoria agressiva, os nacionalmente conscientes e os espiritualmente aleijados. (grifo nosso, tradução nossa).

De maneira crítica, afirma que se difundiu a concepção de que a quinta coluna "gira o eixo da russificação e a cultura nacional é bloqueada, a maioria étnica permanece oprimida". Ou seja, de um lado haveria os "conscientes nacionais" e do outro "os inimigos do Estado [*statehood*] ucraniano, que ameaçam a segurança nacional". Singaevskaya destaca que o russo é tanto uma língua de minorias, dos russos étnicos, quanto uma língua regional, utilizada inclusive por ucranianos étnicos no Leste. Logo, há uma importante distinção entre russos e russófonos. Se a política linguística se basear no status linguístico e for voltada aos interesses dos cidadãos, em vez de almejar "'restaurar a justiça histórica' por meio de uma nova injustiça", o uso do russo e de outras línguas de minorias deve ser garantido. A autora cita um modelo que garantiria o ucraniano como língua estatal em todo o território, mas asseguraria ao russo prerrogativas de língua estatal nas regiões em que a maioria da população é russófona, como o uso em órgãos públicos e escolas. A questão estaria em o parlamento e a sociedade decidirem se buscam construir um Estado nacional ou um Estado de Direito.

No *Ukrainskaya Pravda*, artigos de 2010 criticaram duramente o presidente Yanukovich por ter renovado a concessão territorial à Frota Russa do Mar Negro na Crimeia, percebida como uma violação à constituição. Valeriy Temnenko repreendeu o Tribunal Constitucional, a Procuradoria-Geral, a oposição e mesmo a população russófila pelo resultado[435]:

> Se no país um terço da população – a "**quinta coluna**" de uma potência hostil – conseguiu impor a sua vontade à maioria disforme, sensível e lenta, os dois terços restantes, então qual o sentido de ele existir? [...] As pilhas de dejetos [de mineração] cancerígenas do Donbass [região russófona] se espalharam e engoliram os *chernozems* [solos negros] ucranianos junto com sua população despreocupada. (grifo nosso, tradução nossa).

De maneira análoga, Oleh Romanchuk cita autores e pesquisas que discorrem sobre a existência de uma "quinta coluna" na sociedade representada no parlamento – "quinze por cento da população que, em essência, identifica-se com a nação-ocupante"[436]. Uma das citações alega que parte dos cidadãos não quer admitir a independência ucraniana, com desprezo e hostilidade se relaciona à "ucranianidade", e não faz concessões em benefício da língua ucraniana. Para Romanchuk, Moscou estava realizando os seus planos para futuramente incorporar a Ucrânia, uma vez que a "descolonização" e a "desrussificação" não foram realizadas a tempo. Apenas Viktor Yushchenko teria conseguido dar alguns passos tímidos nessa direção. Também considera que a

[435] TEMNENKO, Valeriy. Prosushchestvuyet li Ukraina do 2042 goda? [Sobreviverá a Ucrânia até 2042?]. Ukrainskaya Pravda, 22.04.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/columns/2010/04/22/4955546/>. Acesso em: 03.07.2021.
[436] ROMANCHUK, Oleh. Kudy letyt′ Ukrayina? [Para onde a Ucrânia voará?]. Ukrainskaya Pravda, 06.05.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2010/05/6/5011294/>. Acesso em: 03.07.2021.

busca de um consenso objetivo entre as disputas ideológicas do país estaria levando ao restabelecimento de "mentiras imperialistas" e a "semiverdades".

Ainda em 2010, críticas contundentes a Yanukovich foram feitas por Yulia Timoshenko, ex-primeira-ministra no período Laranja e líder do partido BYuT. Timoshenko afirmou que em qualquer outro país Yanukovich seria um "cadáver político" se tomasse a decisão de estender a concessão territorial a forças armadas estrangeiras[437]. Em outra entrevista, mencionou que o problema não está em a Rússia defender os seus interesses nacionais, mas na "quinta coluna", que compromete interesses nacionais ucranianos para promover interesses de outro Estado e "trabalha na liderança com Viktor Yanukovich"[438]. Alegou que o presidente estava vendendo a Ucrânia "em pedaços" ao Kremlin e desmontando o sistema democrático[439]. Em 2012, Timoshenko conclamou partidos de oposição a se unirem em uma única lista nas eleições parlamentares: "Não podemos permitir-nos seguir em diferentes colunas… enquanto o nosso Estado é administrado pela quinta coluna, a coluna do governo antiucraniano"[440].

No início de 2011, temas identitários continuaram a gerar atritos políticos. O partido Nossa Ucrânia requisitou a demissão de burocratas que negaram o *Holodomor* como genocídio e conclamou forças patriotas e nacional-democratas a contribuir para a abertura de processos contra Yanukovich e o gabinete de ministros. De acordo com o partido, a quinta coluna realizaria "uma limpeza total das provas relacionadas aos crimes dos impérios russo e soviético contra o povo ucraniano"[441]. Tensões também estiveram presentes no feriado de 9 de maio, dia da vitória sobre o nazismo, quando cidadãos pró-Rússia marcharam com bandeiras soviéticas na cidade de Lviv e foram confrontados por nacionalistas locais. O ex-presidente Viktor Yushchenko declarou que o antagonismo é promovido por forças externas interessadas em enfraquecer a Ucrânia – a "quinta

[437] TIMOSHENKO govorit, chto v Rossii Yanukovich byl by uzhe politicheskim trupom [Timoshenko diz que na Rússia Yanukovych já seria um cadáver político]. Ukrainskaya Pravda, 24.04.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2010/04/24/4963374/>. Acesso em: 04.07.2021.
[438] YANUKOVICH vozglavlyayet "pyatuyu kolonnu" Moskvy - Timoshenko [Yanukovych lidera a "quinta coluna" de Moscou - Timoshenko]. Ukrainskaya Pravda, 09.09.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2010/09/9/5369593/>. Acesso em: 04.07.2021.
[439] TIMOSHENKO: Yanukovich po kuskam prodayet Ukrainu Kremlyu [Timoshenko: Yanukovych está vendendo a Ucrânia aos pedaços para o Kremlin]. Ukrainskaya Pravda, 20.10.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2010/10/20/5496459/>. Acesso em: 04.07.2021.
[440] TIMOSHENKO - oppozitsioneram: Nel'zya khodit' raznymi kolonnami. Ne doydem [Timoshenko para os oposicionistas: não podemos andar em diferentes colunas. Nós não vamos alcançar]. Ukrainskaya Pravda, 30.03.2012. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2012/03/30/6961755/>. Acesso em: 04.07.2021.
[441] «NASHA Ukraina» trebuyet uvol'neniya Soldatenko i vozbuzhdeniya dela po faktu otritsaniya Golodomora ["Nossa Ucrânia" exige a demissão de Soldatenko e a abertura de um processo sobre o fato da negação do Holodomor]. Zerkalo Nedeli, 14.01.2011. Disponível em: <https://zn.ua/ARCHIVE/nasha_ukraina_trebuet_uvolneniya_soldatenko_i_vozbuzhdeniya_dela_po_faktu_otritsaniya_golodomora.html>. Acesso em: 04.07.2021.

coluna" e o "comportamento radical" eram utilizados como marionetes[442]. Em referência ao episódio, Andriy Illenko, representante do partido nacionalista "Svoboda", afirmou que[443]:

> a histeria da bandeira vermelha, desdobrada pelo regime oligárquico e a **quinta coluna** russa na Ucrânia, visava traduzir a insatisfação social com a política do regime em um plano de confronto histórico-mental e, ao mesmo tempo, humilhar ritualmente e colocar toda a Ucrânia de joelhos pela primeira vez em 20 anos de independência, reavivando abertamente o stalinismo e o chauvinismo russo. (grifo nosso, tradução nossa).

Outra discussão que ganhou repercussão foi a doutrina, propagada pelo Kremlin, de união do "mundo russo" (*russkiy mir*, acentuando o componente étnico e linguístico). Em um artigo publicado no *Zerkalo Nedeli* em abril de 2011, Vladimir Gazin relata que a doutrina substitui a ideia de difusão do comunismo da Guerra Fria[444]. Na sua perspectiva, a Rússia abandonou a imitação de democracia do período de Boris Yeltsin e voltou ao seu velho caminho. O "mundo russo" é a "nova-velha ideia neoimperialista". Para os adeptos do "mundo russo", seu território abrange a Ucrânia, Belarus e o Norte do Cazaquistão; suas fronteiras são determinadas pelo uso da língua russa. Gazin complementa que as minorias étnicas russas e a população russófona nesses países têm papel fundamental no seu estabelecimento. Entre os instrumentos de sua realização estão a influência política, a limitação da soberania de países vizinhos ou o pleno controle sobre eles, bem como a criação de organizações geopolíticas e o "uso da quinta coluna". A Igreja Ortodoxa Russa e camadas sociais que constituem um eleitorado capaz de influenciar as eleições também são mencionadas pelo autor. Em novembro, o jornalista Yaroslav Hrebenyuk escreveu no *Ukrainskaya Pravda* que o Kremlin pretende financiar organizações pró-Rússia na Ucrânia[445]. Hrebenyuk menciona diversos políticos de Luhansk, no Leste, e organizações de russos étnicos na Crimeia que fizeram apologia a projetos geopolíticos idealizados por Vladimir Putin. Ademais, ressalta que escritores de orientação "nacional-patriótica" há muito tempo desenvolveram o hábito de "chamar organizações marginais de orientação pró-Rússia de 'quinta coluna'".

Em janeiro de 2012, o ex-presidente Leonid Kravchuk destacou a importância de se preservar a memória histórica nacional[446]. Com uma citação da imperatriz Catarina, a Grande,

---

[442] KUKLOVODY podvodyat Ukrainu k "besproigryshnomu variantu" - Yushchenko [Marionetistas conduzem a Ucrânia a uma "variante inderrotável" - Yushchenko]. Ukrainskaya Pravda, 18.05.2011. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2011/05/18/6213307/>. Acesso em: 04.07.2021.

[443] ILLYENKO, Andriy. Tverdynya vystoyala. Na cherzi - nastup [A fortaleza sobreviveu. O próximo é o ataque]. Ukrainskaya Pravda, 10.05.2011. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2011/05/10/6180204/>. Acesso em: 04.07.2021.

[444] GAZIN, Vladimir. «Russkiy mir»: novaya real'nost' starogo mifa ["Mundo russo": uma nova realidade de um velho mito]. Zerkalo Nedeli, 15.04.2011. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/russkiy_mir_novaya_realnost_starogo_mifa.html>. Acesso em: 04.07.2021.

[445] HREBENYUK, Yaroslav. Deputaty Luganskogo oblsoveta prosyatsya na sluzhbu k Putinu [Deputados da Assembleia Regional de Luhansk pedem para servir Putin]. Ukrainskaya Pravda, 09.11.2011. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/columns/2011/11/9/6738705/>. Acesso em: 05.07.2021.

[446] ROMASHOVA, Nataliya. Kravchuk rasskazal o «pyatoy kolonne» v Ukraine [Kravchuk falou sobre a "quinta coluna" na Ucrânia]. Obozrevatel, 22.01.2012. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/07392-kravchuk-rasskazal-o-pyatoj-kolonne-v-ukraine.htm>. Acesso em: 05.07.2021.

sobre a necessidade de apagar a memória ucraniana para assimilar o seu território ao então Império Russo, enfatiza que Vladimir Putin conserva uma visão análoga. Canais de televisão russos, livros e ataques à cultura e história da Ucrânia colocam os cidadãos do país sob a influência de valores alheios. Na sua perspectiva, há uma "quinta coluna", pessoas que saqueiam o país e enriquecem, mas pensam como aqueles em Moscou.

O ano de 2012 testemunhou intensos debates em torno da política linguística, sobretudo em decorrência de um projeto de lei promovido pelo Partido das Regiões (PR), de Viktor Yanukovich, que elevou o status do russo para língua estatal regional. Políticos ucranianófilos do Oeste acusaram o PR e o Partido Comunista de serem a "quinta coluna" da Rússia, um instrumento utilizado para dividir e desestabilizar a Ucrânia[447]. Segundo o presidente do Centro de Estudos Globais "Strategiya XXI", Mikhail Gonchar[448]:

> Ao fim das contas, o objetivo dos iniciadores e estrangeiros [na questão linguística] e sua **quinta coluna** é a desintegração da Ucrânia e o engolimento das regiões-bantustões [referência negativa a regiões russófonas do Leste] pelo regime gasocrático do Estado vizinho [a Rússia], tomado pelo vírus do revanchismo imperialista e do messianismo eurasiático. A lei de língua é conclamada a exercer o papel de detonador para iniciar uma reação em cadeia de dissolução da Ucrânia e de liquidação do Estado [*statehood*] ucraniano como fenômeno. (grifo nosso, tradução nossa).

Em entrevista ao *ZN*, o escritor Vladimir Pasko ressaltou que a língua é uma característica determinante de qualquer nação independente[449]. Moscou estaria tentando impor o russo como segunda língua estatal para "asfixiar" a língua ucraniana e, em seguida, assimilar toda a nação. A "quinta coluna", os "próprios traidores" e uma "massa de pessoas indiferentes às suas raízes ucranianas" estariam contribuindo para esse processo. Vale lembrar que a denominação "quinta coluna" por vezes diz respeito não apenas a russos étnicos, mas também a ucranianos russófonos, russófilos ou comunistas nostálgicos pela URSS.

Em 2013, período final do regime Yanukovich, a discussão de temas geopolíticos ganhou notoriedade com a iminente assinatura do Acordo de Associação da Ucrânia à União Europeia. A Rússia e a sua "quinta coluna" na política e sociedade foram acusadas de empenhar esforços para interromper a integração com a Europa. Para Mikhail Gonchar, o Kremlin estava usando a dependência ucraniana em relação ao gás russo (alterações no preço de venda) e à infraestrutura

---

[447] SHAPOVAL, Yuriy. Pravda podrobnostey [A verdade dos detalhes]. Zerkalo Nedeli, 17.08.2012. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/pravda_podrobnostey.html>. Acesso em: 05.07.2021.

[448] GONCHAR, Mikhail. Trubnyy zapakh energoreform [Cheiro de gasoduto das reformas energéticas]. Zerkalo Nedeli, 22.08.2012. Disponível em: <https://zn.ua/energy_market/trubnyy_zapah_energoreform.html>. Acesso em: 05.07.2021.

[449] TARAN, Lyudmila. Vladimir i Irina Pas'ko: «Dlya nas nachalos' novoye — ukrainskoye — izmereniye zhizni» [Vladimir e Irina Pasko: "Uma nova dimensão ucraniana da vida começou para nós"]. Zerkalo Nedeli, 07.09.2012. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/vladimir_i_irina_pasko_dlya_nas_nachalos__novoe__ukrainskoe__izmerenie_zhizni.html>. Acesso em: 5.07.2021.

energética para afastar o país da Europa e pressioná-lo a aderir a projetos geopolíticos russos, como a União Aduaneira e a União Eurasiática[450]. O gás e a "quinta coluna" constituíam os seus instrumentos de pressão. O então ativista político Yuriy Lutsenko declarou em agosto que Moscou estava travando uma guerra comercial contra a Ucrânia para tentar barrar o acordo europeu[451] [452]. Nas suas palavras, era necessário não apenas assinar o acordo, mas também ganhar as eleições de 2015 a fim de iniciar reformas radicais de integração com a Europa. As eleições de 2017 eram um mecanismo para a "quinta coluna" promover o retorno ao "estábulo imperial". Segundo esta abordagem, a competição política pode empoderar inimigos do Estado.

De acordo com a jornalista Tatyana Silina, do *ZN*, Moscou não interromperia o "engolimento da Ucrânia"[453]. Para tanto, como instrumento de "pressão econômica e chantagem política", utilizaria "membros 'leais' do governo, a 'quinta coluna' na *Verkhovna Rada* [parlamento] e na sociedade, o terceiro setor e organizações religiosas, diretores de empresas e associações de business, autoridades locais, sindicatos, cientistas e jornalistas". O deputado Vladimir Kurennoy declarou que a "coluna russa" iniciou uma "revolta" no Partido das Regiões contra o projeto de integração europeia[454]. Na mesma direção, o cientista político Oleksiy Haran afirmou que a "quinta coluna" na *Verkhovna Rada* poderia tentar bloquear a adoção de leis relacionadas à integração europeia[455], inclusive promovendo a discussão de temas "provocadores". Entre os seus integrantes estariam os comunistas e membros do Partido das Regiões.

No Dia da Vitória na Segunda Guerra, novamente houve polarização nas ruas. Em Ivano-Frankivsk, no Oeste, comunistas conduziram uma marcha com bandeiras soviéticas, enquanto nacionalistas protestaram com cartazes contendo dizeres como "não aos panos de chão vermelhos",

---

[450] GONCHAR, Mikhail. Delo — truba? [Processo – gasoduto?]. Zerkalo Nedeli, 01.02.2013. Disponível em: <https://zn.ua/energy_market/delo-truba.html>. Acesso em: 05.07.2021.

[451] DVOYEGLAZOVA, Natal'ya. Lutsenko schitayet, chto Putin popytayetsya sorvat' podpisaniye soglasheniya Ukrainy i YeS [Lutsenko acredita que Putin tentará atrapalhar a assinatura do acordo entre a Ucrânia e a UE]. Zerkalo Nedeli, 16.08.2013. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/lucenko-schitaet-chto-putin-popytaetsya-sorvat-podpisanie-soglasheniya-ukrainy-i-es-127603_.html>. Acesso em: 06.07.2021.

[452] O argumento foi apresentado no UP, fonte primária da notícia: MISELYUK, Andrey. Kak skazat' YeSu "Yes!" [Como dizer "Sim!" à UE]. Ukrainskaya Pravda, 29.08.2013. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/columns/2013/08/29/6996894/>. Acesso em: 06.07.2021.

[453] SILINA, Tat'yana. Otkroyut li soyuzniki "vtoroy front"? [Os aliados abrirão uma "segunda frente"?]. Zerkalo Nedeli, 29.08.2013. Disponível em: <https://zn.ua/columnists/otkroyut-li-soyuzniki-vtoroy-front-128174_.html>. Acesso em: 06.07.2021.

[454] Zayats, Pavel. V oppozitsii naschitali 40 regionalov, ne podderzhivayushchikh yevrointegratsiyu [Na oposição foram contabilizados 40 regionais que não apoiam a integração europeia]. Zerkalo Nedeli, 04.09.2013. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-oppozicii-naschitali-40-regionalov-ne-podderzhivayuschih-evrointegracionnye-zakony-128515_.html>. Acesso em: 07.07.2021.

[455] GAYZHEVSKAYA, Tat'yana. "Pyataya kolonna" budet sozdavat' problemy v VR – politolog [A "quinta coluna" vai criar problemas no parlamento – cientista político]. Obozrevatel, 02.09.2013. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/41835-pyataya-kolonna-budet-sozdavat-problemyi-v-vr-politolog.htm>. Acesso em: 07.07.2021.

"o martelo e a foice são a morte e a fome", o "Partido das Regiões e os comunistas são a quinta coluna de Moscou" e glória aos heróis do UPA[456] [Exército Insurgente Ucraniano]"[457].

Ainda em maio, o jornalista Oleg Romanchuk trouxe declarações de diferentes atores que evidenciaram o alto nível da polarização na sociedade[458]. Uma delas, redigida pelo presidente do Partido Republicano e direcionada ao secretário-geral da ONU, relatava que na Ucrânia havia uma política de discriminação étnica contra ucranianos. Afirma que, embora ucranianos étnicos constituíssem 78% da população, a cúpula do poder não continha um único ucraniano. Ademais, considerava que a aprovação do russo como segunda língua oficial mostrava que "a cúpula administrativa na Ucrânia, composta de minorias nacionais, exercia uma política de *apartheid* contra a nação nativa". Por parte de russófilos, Romanchuk exibe citações de indivíduos ligados ao Partido das Regiões e a associações russas. Uma delas, elaborada pela Conselho Ucraniano de Coordenação de Organizações de Compatriotas Russos, menciona:

> Hoje, nacionalistas ucranianos, dos quais parte significativa abertamente cultiva visões neonazistas, declaram a intenção de tomar o poder na Ucrânia, buscando dessa forma promover uma revanche pela derrota de seus predecessores ideológicos na Segunda Guerra Mundial ao lado da Alemanha de Hitler e pelo fracasso do regime nacionalista ucraniano [do período Laranja] [...] Apelamos à liderança da Federação Russa que não admita que representantes de movimentos de esquerda patrióticos e organizações de russos (*russkiye*) e pró-Rússia na Ucrânia sejam forçados a enfrentar a aliança de nacionalistas ucranianos que usurparam o poder na Ucrânia e são incitados e apoiados por potências ocidentais. (tradução nossa).

De maneira crítica a esse posicionamento, Romanchuk contesta o fato de "representantes da quinta coluna que odiavam e odeiam o Estado Ucraniano" terem sido contemplados com a cidadania e de "a revolução de libertação nacional do fim dos anos 1980" não ter sido concluída.

Finalmente, vale mencionar que o termo "quinta coluna" também foi utilizado por políticos russófilos para se referir a defensores da integração europeia. O líder do movimento social "Escolha Ucraniana", Viktor Medvedchuk, declarou em novembro que a quinta coluna na Ucrânia são os lobistas de interesses de Washington e Bruxelas, que almejam destruir a soberania do país e transformá-lo em uma "colônia, um apêndice agrário e de matéria-prima da União Europeia"[459]. Já o líder do Partido Comunista da Ucrânia, Piotr Simonenko, disse no início de 2014, em meio à

---

[456] O Exército Insurgente Ucraniano (UPA) foi um grupo paramilitar nacionalista criado em 1942, durante a ocupação alemã.

[457] GAVRILOV, Yevgeniy. V Den' Pobedy v Ivano-Frankovske proshli marshi "Svobody", KPU i Partii regionov [No Dia da Vitória houve marchas do "Svoboda", do Partido Comunista da Ucrânia e do Partido das Regiões em Ivano-Frankivsk]. Zerkalo Nedeli, 09.05.2013. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/v-den-pobedy-v-ivano-frankovske-proshli-marshi-svobody-kpu-i-partii-regionov-121934_.html>. Acesso em: 07.07.2021.

[458] ROMANCHUK, Oleh. Do Yevropy bez fashyzmu i bez aparteyidu [Para a Europa sem fascismo e sem apartheid]. Ukrainskaya Pravda, 28.05.2013. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2013/05/28/6990483/>. Acesso em: 07.07.2021.

[459] LOBBISTY interesov Yevropy — eto pyataya kolonnaya v Ukraine — Medvedchuk [Lobistas dos interesses europeus são a quinta coluna na Ucrânia - Medvedchuk]. Obozrevatel, 21.11.2013. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/91805-lobbistyi-interesov-evropyi-eto-pyataya-kolonnaya-v-ukraine-medvedchuk.htm>. Acesso em: 07.07.2021.

crise política, que o Departamento de Estado americano admitiu ter destinado recursos à desestabilização do país pela quinta coluna[460].

Em síntese, podemos afirmar que a discussão ideológica acerca da existência de uma quinta coluna na Ucrânia, contrária a valores culturais ucranianos e disposta a trair interesses nacionais em benefício da Rússia, permaneceu vigente no período Yanukovich. O uso do termo esteve associado a tópicos que dividiram o país, como a memória histórica, a política linguística, a dependência ao gás russo, a renovação à concessão territorial à Frota Russa do Mar Negro, a doutrina de integração eurasiática e do "mundo russo" propagada pelo Kremlin, e a integração europeia. Acusações de traição foram direcionadas tanto a membros da classe política, sobretudo ao governo Yanukovich, por sua orientação russófila, quanto a setores da sociedade – russos étnicos, russófonos e comunistas. Embora as narrativas das minorias não sejam o foco deste trabalho, pudemos constatar que também houve uso do termo para se referir aos proponentes da integração europeia. Nesta seção foi possível constatar o quão complexa é a distinção entre *in-groups* e *out-groups* na Ucrânia: alguns autores enfatizaram que no governo Yanukovich a maioria ucraniana esteve sub-representada nas instituições de governo. A própria flexibilidade no uso do termo "quinta coluna" revela a dificuldade dessa distinção, uma vez que o termo foi utilizado para se referir a russos étnicos, à comunidade russófona (o que inclui ucranianos étnicos) e russófila, às regiões do Leste, a Yanukovich e o seu governo, bem como a partidos de esquerda saudosistas em relação à URSS.

6.2.4 O período de conflito (2014-2019) e o governo Petro Poroshenko

Como mencionado anteriormente, a recusa de Yanukovich em assinar o Acordo de Associação à União Europeia desencadeou uma revolta em setores da população que culminou na sua derrubada no início de 2014, a Euromaidan. Pouco depois, a Crimeia, região de maioria étnica russa, foi anexada ao território da Federação Russa e um conflito separatista teve início no Donbass, região russófona do Leste, com o apoio militar direto e indireto da Rússia. No período de conflito, que perdura até os dias de hoje, o termo "quinta coluna" foi amplamente utilizado para se referir a representantes da classe política que simpatizavam ou tinham laços com a Rússia, como membros do Partido das Regiões e do Partido Comunista da Ucrânia (KPU). O presidente Petro Poroshenko o mobilizou em diversos momentos para atacar opositores, legitimar a condução de

[460] SIMONENKO: Gosdep priznalsya v finansirovanii ukrainskoy "pyatoy kolonny" [Simonenko: O Departamento de Estado admitiu financiar a "quinta coluna" ucraniana]. Obozrevatel, 05.02.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/89735-simonenko-gosdep-priznalsya-v-finansirovanii-ukrainskoj-pyatoj-kolonnyi.htm>. Acesso em: 07.07.2021.

uma "lustração" contra setores da classe política, decretar a lei marcial e expandir a sua base eleitoral, instigando o efeito "round 'rally the flag". A análise quantitativa revelou que o período foi o que mais contou com menções ao termo e que referências a setores da sociedade, como russos étnicos ou à população russófona, sofreram considerável queda. Possivelmente tal ocorrência deve-se ao argumento oficial, examinado na análise dos discursos presidenciais, segundo a qual o conflito foi integralmente provocado pela Rússia, sem contar com movimentos sociais locais. Outra explicação pode estar relacionada ao fato de o Estado ter de fato perdido o controle sobre as regiões onde as minorias russas se concentravam, logo, faria menos sentido falar na ameaça de uma "quinta coluna" na sociedade.

Evgeniy Kiselev, em artigo publicado em março de 2014 no *Obozrevatel*, acusa a Rússia de ter exportado uma quinta coluna para o leste[461]. Nas suas palavras, o Kremlin estaria atuando na região da mesma maneira que o fez na Crimeia, ou seja, enviando centenas ou milhares de "provocadores". A "quinta coluna" almejaria realizar referendos e incitar uma intervenção armada. Contudo, Kiselev não nega a participação de atores locais no separatismo, embora sejam mais objetos orquestrados pelo Kremlin do que sujeitos do processo:

> Chegam ônibus cheios de claques da Rússia, manifestações são organizadas com a ajuda de organizações pró-Rússia locais financiadas por russos [*russkiye*], ativistas começam a gritar que logo chegarão *banderovtsy* [nacionalistas ucranianos], neonazistas, fascistas e outros produtos da imaginação inflamada dos imperialistas russos. Em seguida há um grito histérico: cidadãos russófonos supostamente correm perigo mortal. E a Rússia encolhe os ombros e diz: "Não podemos olhar para isto em paz" – e começa uma operação militar. (tradução nossa).

No que concerne às elites, a ex-primeira-ministra Yulia Timoshenko acusou o presidente e empresário Poroshenko de ter laços com a Rússia[462]. Afirmou que muitos empresários têm negócios na Rússia e, logo, não podem ser independentes do país vizinho. Há uma ligação entre "a agressão russa e a quinta coluna da oligarquia"; "a Rússia e a oligarquia formam um único todo", ambos não querem mudanças e não buscam acabar com a corrupção. Para Timoshenko, nas eleições não se deve deixar passar candidatos da oligarquia. Na imprensa, também foram feitas críticas e acusações contra outros oligarcas, como Viktor Pinchuk, Rinat Akhmetov, Sergey Levochkin e Dmitriy Firtash[463].

---

[461] KISELEV, Yevgeniy. Ukrainu atakovala pyataya kolonna [A quinta coluna atacou a Ucrânia]. Obozrevatel, 28.03.2014. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/42751-ukrainu-atakovala-pyataya-kolonna.htm>. Acesso em: 08.07.2021.

[462] TIMOSHENKO podozrevayet, chto Poroshenko "zavisim ot Rossii" [Timoshenko suspeita que Poroshenko seja "dependente da Rússia"]. Ukrainskaya Pravda, 28.04.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/04/28/7023817/>. Acesso em: 08.07.2021.

[463] FILATOV zayavil, chto Pinchuk ne dayet armii ni kopeyki, a Levochkin i Firtash – "pyataya kolonna" [Filatov disse que Pinchuk não dá um centavo ao exército, e Levochkin e Firtash são a "quinta coluna"]. Obozrevatel, 22.08.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/18563-filatov-zayavil-chto-pinchuk-ne-daet-armii-ni-kopejki-a-levochkin-i-firtash-pyataya-kolonna.htm>. Acesso em: 08.07.2021.

Em junho de 2014, o vice-presidente para assuntos internos da região de Dnipropetrovsk, Boris Filatov, fez sérias acusações ao Partido Comunista (KPU), noticiadas tanto no *Zerkalo Nedeli*[464] quanto no *Ukrainskaya Pravda*[465]. Segundo Filatov,

> O KPU é completamente a quinta coluna. Até com o Partido das Regiões era possível trabalhar [...], mas com o KPU não faz sentido em qualquer nível. [...] Quando os separatistas precisaram de um escudo humano, foram exatamente os comunistas que foram às casas reunir os aposentados, contando-lhes que defender a DNR [República Popular de Donetsk, nome de uma das regiões secessionistas no Donbass] era o seu dever sagrado. Colocar pessoas sob balas, aproveitando-se da sua idade, do seu desconhecimento da situação e ingenuidade… Nada pode ser mais baixo do que isso. (tradução nossa).

Vale lembrar que em 2015 o KPU foi banido na Ucrânia sob a justificativa de ter envolvimento com o separatismo no Donbass.

Em artigo no *Ukrainskaya Pravda*, Igor Zhdanov, membro do Centro Analítico "Vidkrita Politika", defende a adoção da lei marcial para conter a agressão russa[466]. Na sua opinião, tal medida ofereceria instrumentos adicionais de combate, como a censura militar, o toque de recolher, o centro de administração do Estado seria transferido para o Conselho Nacional de Segurança e Defesa (RNBO), os diretores das empresas auxiliariam o exército, todos os recursos do Estado seriam direcionados à sua defesa e a quinta coluna seria banida. A lei marcial pode ser decretada pelo presidente, com aprovação do parlamento, em casos de "agressão armada ou ameaça de invasão, perigo à independência estatal da Ucrânia e à sua integridade territorial". Zhdanov questiona: "quem contestará o fato de que essa é a natureza das reais ameaças que o nosso país já enfrentou de perto?".

No início de agosto de 2014, Petro Poroshenko anunciou que o parlamento seria dissolvido e novas eleições seriam convocadas. Nas justificativas para a decisão, menciona a questão da "segurança nacional" e afirma ser difícil trabalhar com um parlamento em que metade dos deputados não votou por reconhecer as administrações das regiões separatistas de Donetsk e Luhansk como organizações terroristas, um parlamento em que "grupos inteiros constituem uma quinta coluna gerenciada do exterior"[467]. Disse esperar a eleição de uma "maioria poderosa pró-

---

[464] SHEVCHENKO, Natasha. Boris Filatov: Kogda separatistam nuzhen byl zhivoy shchit, kommunisty sobirali pensionerov [Boris Filatov: Quando os separatistas precisaram de um escudo humano, os comunistas reuniram pensionistas]. Zerkalo Nedeli, 29.06.2014. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/boris-filatov-kogda-separatistam-nuzhen-byl-zhivoy-schit-kommunisty-sobirali-pensionerov-147951_.html>. Acesso em: 08.07.2021.
[465] FILATOV: Tsarev zvonil nashemu znakomomu i govoril, chto s nami "vse resheno" [Filatov: Tsarev ligou para nosso amigo e disse que "tudo foi resolvido" conosco]. Ukrainskaya Pravda, 29.06.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/06/29/7030485/>. Acesso em: 08.07.2021.
[466] ZHDANOV, Ihor. Voyennyy stan chy ATO? Rosiys′kyy ahresor povynen otrymaty adekvatnu vidpovid′ [Lei marcial ou ATO? O agressor russo deve receber uma resposta adequada]. Ukrainskaya Pravda, 19.07.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2014/07/19/7032424/>. Acesso em: 08.07.2021.
[467] SHUL'GA, Olya. Poroshenko poobeshchal, chto perevybory v Radu "sostoyatsya pri lyuboy pogode" [Poroshenko prometeu que as reeleições para o parlamento "ocorrerão sob qualquer clima"]. Zerkalo Nedeli, 01.08.2014. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-vybory-sostoyatsya-pri-lyuboy-pogode-150067_.html>. Acesso em: 09.07.2021.

Europa, anticorrupção e pró-Ucrânia, que será capaz de realizar reformas". Poucas semanas depois, ao não se formar uma nova coalizão, Poroshenko pôde formalizar a dissolução do parlamento. Na ocasião, declarou que as eleições eram a melhor forma de "lustração" e a "limpeza" deveria começar pelo parlamento, que por muito tempo foi a base de apoio de Yanukovich[468]. Alegou que diversos deputados apoiaram leis ditatoriais do antigo governo e, por isso, deveriam ser responsabilizados "criminalmente e politicamente". Muitos também seriam a "quinta coluna", "patrocinadores" ou "apoiadores" dos guerrilheiros separatistas. Conclui que a composição do parlamento não correspondia ao "estado de espírito da sociedade ucraniana". Vale notar que nacionalistas criticaram o Partido das Regiões, o Partido Comunista e outros deputados por terem votado a favor da anistia a separatistas e de um status especial ao Donbass[469].

Yulia Timoshenko apoiou a realização de novas eleições, argumentando que elas permitiriam que a "quinta coluna do Kremlin" não mais entrasse no parlamento[470]. Por outro lado, em tom pessimista, o cientista político Stanislav Belkovskiy sustentou que uma "quinta coluna" pró-Kremlin inevitavelmente apareceria no novo parlamento[471]. Lembrou que, a despeito de sua retórica anti-Rússia, Timoshenko se aproximou do Kremlin no período Laranja. Belkovskiy considera que a quinta coluna poderia contar com deputados independentemente da orientação política, aqueles que "Moscou puder atrair para o seu lado simplesmente por considerações de interesse material". Novamente há uma expectativa de que a competição política democrática possa ser instrumentalizada por forças subversivas. O ex-presidente da Geórgia, Mikhail Saakashvili, alertou que Putin invadiria Kiev não com tanques, mas com a quinta coluna, e criaria recursos midiáticos e financeiros para estimular provocações[472].

Embora referências à quinta coluna na sociedade tenham sido menos frequentes, dois artigos polêmicos de 2014 merecem ser mencionados. Serhiy Stefanko, no *Ukrainskaya Pravda*,

---

[468] TYDEN', Natal'ya. Poroshenko raspustil Radu i naznachil vybory na 26 oktyabrya [Poroshenko dissolveu o parlamento e marcou eleições para 26 de outubro]. Zerkalo Nedeli, 25.08.2014. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-raspustil-parlament-151485_.html>. Acesso em: 09.07.2021.

[469] RAGUTSKAYA, Liliya. Posle golosovaniya po Donbassu "Narodnyy front" sleduyet pereimenovat' v "Pyatuyu kolonnu" - svobodovets [Após a votação sobre o Donbass, a "Frente Popular" deve ser renomeada "Quinta Coluna" - Svobodovets]. Obozrevatel, 17.09.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/75896-posle-vcherashnego-golosovaniya-narodnyij-front-sleduet-pereimenovat-v-pyatuyu-kolonnu-svobodovets.htm>. Acesso em: 09.07.2021.

[470] TIMOSHENKO: "Vmesto 300 prodazhnykh dush v koalitsii dolzhno byt' 300 spartantsev" [Timoshenko: "Em vez de 300 almas corruptas, a coalizão deveria ter 300 espartanos"]. Ukrainskaya Pravda, 26.08.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/08/26/7035802/>. Acesso em: 09.07.2021.

[471] KREML' zakupit chast' nardepov dlya formirovaniya "pyatoy kolonny" - Belkovskiy [Kremlin comprará parte de deputados para formar uma "quinta coluna" - Belkovsky]. Obozrevatel, 26.09.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/60853-kreml-zakupit-chast-ukrainskih-nardepov-dlya-formirovaniya-pyatoj-kolonnyi-belkovskij.htm>. Acesso em: 09.07.2021.

[472] BELOUS, Aleksandr. Saakashvili dal ukrainskim politikam ne bol'she polugoda na spaseniye strany. [Saakashvili deu aos políticos ucranianos não mais de seis meses para salvar o país]. Zerkalo Nedeli, 05.12.2014. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/saakashvili-dal-ukrainskim-politikam-ne-bolshe-polugoda-na-spasenie-strany-160947_.html>. Acesso em: 09.07.2021.

questionou por que a Rússia escolheu as regiões de Donetsk e Luhansk (Donbass) para o conflito[473]. Sugere que entre os principais motivos esteja o fato de russos étnicos corresponderem a cerca de 40% da população e 80-90% dos habitantes, independentemente da nacionalidade (etnia), serem "russificados". Ou seja, tais regiões são um "enclave" de cultura russa, com a predominância da língua russa e pontos de vista históricos russos. Muitos dos separatistas são estrangeiros com cidadania ucraniana, "seus corpos estão na Ucrânia, mas suas almas, na Rússia". Nessas regiões, nas "condições de uma Ucrânia 'independente', as pessoas foram mantidas e educadas em tais condições que tudo o que é ucraniano é estranho e odiado" e, por isso, "amam e respeitam apenas o que é russo, querem ir para a Rússia, para sua pátria histórica". Em outros trechos, Stefanko parece se contradizer. Afirma que Putin fracassou: tentou apresentar o problema como um conflito étnico, mas a Ucrânia nunca se dividiu em bases nacionais (étnicas) e linguísticas, as pessoas não se hostilizam, não consideram a questão linguística uma prioridade. Todos lutam contra o "agressor e ocupante" – "ucranionófonos, russófonos, ucranianos étnicos e representantes de outras nacionalidades". Por outro lado, chauvinistas da Rússia, a "quinta coluna" na Ucrânia, russos étnicos nacionalistas e odiadores da Ucrânia locais se queixam da ucranianização, da proibição da língua russa e do nacionalismo. A culpa pelo fenômeno, segundo Stefanko, é dos próprios ucranianos, que permitiram à "quinta coluna" crescer nos anos após a independência, que não iniciaram um processo de "desrussificação de ucranianos étnicos" do Donbass. Em seguida, critica a política étnica e identitária moderada que caracterizou o período de transição:

> Sublinho que não é a ucranianização dos russos étnicos que deve ser realizada, mas sim a desrussificação dos ucranianos étnicos, educar os ucranianos no espírito do patriotismo ucraniano.
>
> Flertamos com tolerância, flexibilidade e compromisso. A lustração, descomunização, desrussificação e descolonização foram constantemente adiadas na Ucrânia. Ou seja, nada foi feito para que vivêssemos em uma Ucrânia ucraniana. Como resultado, colhemos os frutos da inação.
>
> Agora precisamos pensar cuidadosamente: o resto da Ucrânia tem futuro, se, para preservarmos o Donbass como parte da Ucrânia, recorrermos a um "compromisso" e preservarmos e conservarmos um enclave russo em dois *oblasts*, uma "mini Rússia", uma "zona sem a língua e a cultura ucraniana ", uma fonte permanente de desestabilização e um trampolim para a sabotagem? (tradução nossa).

O autor destaca que o sucesso dos separatistas não teria sido possível sem a ajuda dos serviços de inteligência russos, dos oligarcas locais e canais de TV russos, os quais convenceram a população local de que "as forças de segurança são uma ameaça e sabotadores e terroristas são os defensores". Em referência à polarização de estereótipos entre regiões, afirma que os "*banderovtsy*" (ultranacionalistas) do Oeste revelaram-se um "mito", enquanto os "nazistas russos

[473] STEFANKO, Serhiy. Zvidky vzyavsya "narod Donbassa". Ukrainskaya Pravda, 10.06.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2014/06/10/7028577/>. Acesso em: 09.07.2021.

e decapitadores" do Leste revelaram-se "reais". Complementa que o Donbass se considera o "ganha-pão" da Ucrânia e, por isso, ambiciona impor sua vontade ao resto do país. A Ucrânia já viveu "sob a "ditadura do Donbass" nos quatro anos de Yanukovich, "agora é a vez de o Donbass entender que as regiões de Donetsk e Luhansk são a Ucrânia, e os ucranianos vivem na Ucrânia, independentemente de sua língua nativa ou nacionalidade"; "os russos vivem na Rússia". Na sua opinião, aqueles que querem viver na Rússia podem emigrar, já que Putin facilitou o processo de obtenção de cidadania. O fato de parte das forças de segurança demonstrarem inanição durante o conflito é uma consequência de a Ucrânia ter tido russos étnicos e cidadãos russos entre seus principais líderes. Logo, "quando as estruturas de liderança dos serviços secretos e do exército estão cheias de agentes de um país estrangeiro, vemos sabotagem diária". Vale notar que Stefanko defende uma concepção cívica e multiétnica de nação, mas alicerçada em elementos e valores étnicos ucranianos:

> Temos uma nação política – os ucranianos. Todas as pessoas, independentemente da cor da pele, origem nacional, língua e cultura, devem ser unidas pela língua, cultura, visão ucraniana da história e figuras históricas. [...] O mais importante é que todos já compreenderam que sem a língua e a cultura ucranianas não pode haver patriotismo ucraniano e que a Ucrânia sem a língua e a cultura ucranianas já não é a Ucrânia. (tradução nossa).

As aparentes contradições no artigo refletem a complexidade da discussão identitária no país. Por um lado, o autor acentua o papel da Rússia no estopim e sustentação do conflito, mas por outro, contrariamente ao discurso oficial, admite que havia bases sociais, étnicas e ideológicas para o movimento separatista. Alega que a "quinta coluna" não consistiria apenas de lideranças políticas que visam interesses materiais, mas também de cidadãos que não foram plenamente incorporados à Ucrânia como nação.

O segundo artigo polêmico de 2014 foi publicado pelo jornalista Oleh Leusenko no *Obozrevatel*[474]. Leusenko acusa os russos étnicos de colonialismo. Afirma que os "assim chamados 'habitantes da Ucrânia' que odeiam o país não são realmente ucranianos", mas "ocupantes", que nos tempos czaristas e soviéticos foram trazidos do pobre *Katsapstão* [referência negativa à Rússia] para as casas de ucranianos, esvaziadas durante a reforma agrária de Stolypin, a coletivização socialista, a agressão bolchevique de 1917-1924, as três grandes fomes (*holodomores*) artificialmente promovidas pela "horda russa" (1927-28, 1932-33, 1947), as incontáveis repressões do campesinato e da intelectualidade ucraniana, a guerra de Hitler-Stalin (referência antissoviética à Segunda Guerra), o reassentamento de ucranianos nas "terras virgens"

[474] LEUSENKO, Oleh. Kolorady na Donbasse - eto okkupatsionnaya pyataya kolonna, a ne grazhdane Ukrainy: videofakt [Colorados no Donbas são uma quinta coluna ocupante, não cidadãos da Ucrânia: fato em vídeo]. Obozrevatel, 12.11.2014. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/41952-kaloradyi-na-donbasse-eto-okkupatsionnaya-pyataya-kolona-a-ne-grazhdane-ukrainyi.htm>. Acesso em: 10.07.2021.

(*tselina*) e em campos de prisão longínquos na URSS e/ou por descendentes de "ocupantes" ("colonos") russos. Para o autor, a "quinta coluna" russa "viveu por 23 anos na Ucrânia independente, recebeu 'automaticamente' a cidadania pelas mãos de um governo pró-Rússia, odiou tudo o que era ucraniano, levou ao poder partidos antiucranianos e pró-Kremlin". Os cidadãos pró-Rússia "agiram de acordo com o seu código genético, destruíram o ucraniano e convidaram russos fascistas para ajudá-los". Em tom ameaçador e extremista, conclui que "é preciso expulsar da Ucrânia todo esse lixo de ocupação pelo pescoço e privá-lo da cidadania ucraniana".

Em 2015, muitas notícias destacaram a atuação da Rússia para desestabilizar a política ucraniana. O deputado Anton Gerashchenko, do partido Frente Popular, acusou partidos da coalizão governista de serem a "quinta coluna" atuando "por encomenda" de Putin[475]. Logo, deveriam deixar o governo que está se esforçando para tirar o país da crise e se juntar ao Bloco de Oposição. O diretor do "Centro de Pesquisa da Agressão Russa", Yuriy Shulipa, alertou que a "quinta coluna" planejava se aproveitar de mecanismos democráticos das eleições municipais para retornar ao poder e restaurar localmente o antigo regime antidemocrático[476]. Entre os seus integrantes estariam ex-membros do Partido das Regiões e do KPU, agora no Bloco de Oposição. Shulipa alega que em 23 anos de independência "formal" após a dissolução da URSS, não se formou um governo nacional que defendesse interesses ucranianos. As nomeações aos cargos mais altos do país eram feitas com o aval do Kremlin, priorizando russos étnicos que tinham raízes, parentes ou negócios na Rússia. A Ucrânia teria se transformado em objeto da política externa russa. Afirma que, utilizando os serviços secretos e a quinta coluna, a "Rússia bandida de Putin" estaria planejando desestabilizar a situação política e social local no país para barrar a integração europeia e euro-atlântica. Mais uma vez, assim como no discurso do *trade-off* na Rússia, está implícita a noção de que a democracia pode levar a resultados subótimos e gerar instabilidades.

Referências à existência de uma quinta coluna também foram muito mobilizadas pelo presidente Petro Poroshenko em 2015 para atacar membros da oposição. Segundo Poroshenko, seriam derrotados "todos aqueles que se opõem às reformas e impedem o sucesso da Ucrânia, como oligarcas, a burocracia corrupta, o país agressor e sua pouco numerosa quinta coluna, que o inimigo tenta alimentar"[477]. Em outra semelhança com o discurso do *trade-off*, Poroshenko

[475] SYEDIN, Aleksandr. Gerashchenko prizval "Svobodu", "Bat'kívshchinu" i "frikov" iz BPP ob"yedinit'sya s oppozitsiyey [Gerashchenko conclamou "Svoboda", "Pátria" e "friks" do BPP a se unirem à oposição]. Zerkalo Nedeli, 08.04.2015. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/geraschenko-prizval-svobodu-batkivschinu-i-frikov-iz-bpp-obedinitsya-s-oppoziciey-172307_.html>. Acesso em: 10.07.2021.

[476] SHULIPA, Yuriy. Putinskaya pyataya kolonna khochet zakhvatit' mestnuyu vlast' [A quinta coluna de Putin quer tomar o poder local]. Obozrevatel, 24.10.2015. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/02458-putinskaya-pyataya-kolonna-hochet-zahvatit-mestnuyu-vlast.htm>. Acesso em: 10.07.2021.

[477] PREZIDENT skazal, chto razdarit' deputatam fleshki – eto shag k elektronnomu pravitel'stvu [O presidente disse que distribuir pendrives para os deputados é um passo para o governo eletrônico]. Ukrainskaya Pravda, 04.06.2015. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2015/06/4/7070151/>. Acesso em: 10.07.2021.

defende que a adoção do modelo parlamentar para a Ucrânia no momento seria "problemática" devido à "agressão" e à "poderosa e longa ameaça militar" contra o país[478]. Não seria possível se opor a tal desafio sem um presidente, um "comandante principal supremo", dotado de um "volume suficiente de competências". Contudo, enfatiza que não solicitaria poderes adicionais, o modelo parlamentar-presidencialista vigente já era o suficiente, e que a "hipertrofia" do presidente esteve associada a regimes autoritários no Espaço Pós-Soviético. No fim do ano, Poroshenko declarou que, embora o Kremlin buscasse desestabilizar a política interna da Ucrânia, "a quinta coluna abertamente antiucraniana sofreu, se não uma derrota completa, perdas significativas"[479]. Acrescentou que na maioria das regiões, ela "perdeu sua base social, mergulhou na clandestinidade e juntou-se aos grupos de sabotagem", por vezes identificados e destruídos pelo Serviço de Segurança (SBU).

Outra discussão sensível, relacionada ao conflito, diz respeito aos limites da liberdade de expressão, ou seja, em que medida é razoável impor restrições a direitos democráticos em períodos de conflito. Em um novo artigo, Yuriy Shulipa destacou que a "quinta coluna de Putin" é a segunda ameaça após a "guerra aberta de Putin" contra a Ucrânia, portanto, era necessário travar uma guerra contra ambas, nos *fronts* interno e externo. Ao apresentar uma definição do termo, Shulipa lista uma ampla gama de membros[480]:

> [...] traidores nacionais, tanto entre ex-deputados quanto atuais, de todos os níveis, que se venderam aos serviços de inteligência de Putin, juízes, promotores, burocratas do poder executivo e dos governos municipais, representantes de várias organizações políticas e sociais pró-Putin agindo contra os interesses nacionais e a segurança nacional da Ucrânia, seus apoiadores e, ao mesmo tempo, amantes da escravidão e do servilismo de Putin – os [chamados] *vatniki* e *colorados*. [...] são deputados, membros dos órgãos de aplicação da lei e oficiais corruptos [...], que entregaram a Crimeia e o Donbass aos invasores russos e continuam a minar a soberania do país, assim como uma pequena parte da população enganada que os ampara. (tradução nossa).

O autor critica que no feriado do Dia da Vitória, em 9 de maio, os "colorados" desfilaram em cidades do Sul e do Leste sem que a polícia reagisse. Sustenta que o parlamento deveria criar leis no Código Penal que proibissem o uso de símbolos pró-Rússia e previssem uma punição severa, como três anos de detenção, à defesa pública do "terrorismo e separatismo". O simples uso das "fitas coloradas" [símbolo da vitória na Segunda Guerra, usado na Rússia] deveria ser

[478] POROSHENKO: Mne dostatochno polnomochiy po Konstitutsii, prosit' bol'she ne planiruyu [Os poderes sob a Constituição são suficientes para mim, não pretendo pedir mais]. Ukrainskaya Pravda, 28.06.2015. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2015/06/28/7072713/>. Acesso em: 10.07.2021.
[479] BILEVICH, Anton. Kreml' stavit na raskachku politicheskoy situatsii v Ukraine - Poroshenko [O Kremlin aposta na desestabilização da situação política na Ucrânia - Poroshenko]. Zerkalo Nedeli, 12.12.2015. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/kreml-stavit-na-raskachku-politicheskoy-situacii-v-ukraine-poroshenko-198473_.html>. Acesso em: 11.07.2021.
[480] SHULIPA, Yuriy. Putinskaya pyataya kolonna vremenno zatailas' [A quinta coluna de Putin se escondeu temporariamente]. Obozrevatel, 19.05.2015. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/27194-putinskaya-pyataya-kolonna-vremenno-zatailas.htm>. Acesso em: 11.07.2021.

considerado uma defesa pública do "terrorismo, separatismo e da agressão criminosa e assassina de Putin contra o povo ucraniano". Entre outras medidas necessárias à segurança do país estariam: proibir e interromper a atuação de todas as "organizações sociais[481], religiosas e comerciais que apresentam laços com serviços de inteligência russos e tentam impor o ponto de vista de Putin à Ucrânia"; reformatar os serviços de inteligência, fortalecer sua atividade em todas as cidades, inserir os "putinistas" em um registro oficial e criar unidades de prevenção na polícia. Ao final, conclui:

> A **quinta coluna** de Putin a cada hora está sedenta para nos destruir junto com a Ucrânia. Portanto, devemos destruir a **quinta coluna** de Putin. E nós obrigatoriamente vamos destruí-la. (grifo nosso, tradução nossa).

Alguns artigos de 2015 discorreram acerca da viabilidade do retorno dos territórios separatistas à Ucrânia. Em entrevista ao *Ukrainskaya Pravda*, o defensor de direitos humanos, Andrey Yurov, afirmou que sob a jurisdição russa a atuação da sociedade civil estava sendo profundamente restringida na Crimeia, mas críticas também mereciam ser feitas ao governo ucraniano[482]. Segundo Yurov, do ponto de vista do governo ucraniano, os cidadãos deveriam ter deixado a Crimeia após o referendo de incorporação à Rússia. Se não deixaram, automaticamente foram considerados "traidores". O jurista questiona:

> Portanto, decida: eles são seus cidadãos? Então não deve haver discriminação. Ou ainda são a **quinta coluna** e oportunistas? Então pare de considerá-los seus cidadãos! Escolha uma coisa! (grifo nosso, tradução nossa).

Em junho, o *Zerkalo Nedeli* publicou um artigo examinando o posicionamento de especialistas do Ocidente sobre o conflito[483]. Um dos argumentos ressaltou um importante dilema para Moscou: com a secessão de territórios pró-Rússia, o Kremlin perdeu um de seus principais instrumentos de influência sobre a política doméstica ucraniana, já que "quinta coluna" estaria fora da "vida social e política" do país. Quanto mais territórios russófonos fossem ocupados, mais acentuado seria esse fenômeno. Por outro lado, a reincorporação das regiões secessionistas à Ucrânia, principalmente em um formato federalista, permitiria a Putin exponenciar sua influência

---

[481] Vyacheslav Gusarov, do Centro de Pesquisas Militares e Políticas, afirmou que o governo russo patrocina organizações de "compatriotas" e a expansão de seu espaço midiático com a finalidade de criar "quintas colunas" e promover separatismos em países vizinhos. "IGRA v sootechestvennikov": kak Rossiya sozdayet pyatyye kolonny v postsovetskikh stranakh. Obozrevatel, 23.02.2015. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/03584-igra-v-sootechestvennikov-kak-rossiya-sozdaet-pyatyie-kolonnyi-v-postsovetskih-stranah.htm>. Acesso em: 11.07.2021.

[482] SERGATSKOVA, Yekaterina. Rossiyskiy pravozashchitnik: Glavnaya problema – ochen' slabaya samoorganizatsiya lyudey v Krymu [Ativista russo de direitos humanos: O principal problema é a autoorganização muito fraca das pessoas na Crimeia]. Ukrainskaya Pravda, 06.04.2015. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2015/04/6/7063591/>. Acesso em: 11.07.2021.

[483] DIMAN', Les'. Putin kolebletsya mezhdu nastupleniyem na Ukrainu i sokhraneniyem politicheskogo vliyaniya – RFE/RL [Putin oscila entre invadir a Ucrânia e manter a influência política - RFE/RL]. Zerkalo Nedeli, 02.06.2015. Disponível em: <https://zn.ua/WORLD/putin-kolebletsya-mezhdu-nastupleniem-na-ukrainu-i-sohraneniem-politicheskogo-vliyaniya-rfe-rl-178096_.html>. Acesso em: 12.07.2021.

e, inclusive, bloquear o curso da integração europeia. Está implícita a ideia de que a manutenção da diversidade elevaria os custos de se conduzir reformas, ao passo que uma maior homogeneidade, ainda que sacrificando a integridade territorial, reduziria os pontos de veto no sistema político e permitiria a condução de uma política pró-Europa e ucranianófila.

Referências à quinta coluna também foram feitas por Vasiliy Hrytsak, diretor do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU). Em 2016, Hrytsak declarou que políticos ucranianos de segundo e terceiro escalão recebiam recursos financeiros dos serviços secretos russos e tentavam desestabilizar a situação no país[484]. A Rússia teria reduzido a intensidade das hostilidades no Donbass e, como compensação, intensificado as atividades subversivas na Ucrânia. Em 2017, Hrytsak conclamou a sociedade ucraniana e a mídia a se unir e promover um boicote aos representantes da "quinta coluna" no espaço informacional nacional[485]. Nas suas palavras, "em seu trabalho sujo, ela tenta habilmente manipular a imperfeição da legislação ucraniana e o valor mais democrático de nosso povo – a liberdade de expressão". Portanto, seria necessário aperfeiçoar o Código Penal, levando-se em conta as "formas e métodos de guerra híbrida". Afirma que em "em condições de agressão, não só os estatutos militares são escritos com sangue, mas também as leis para traidores e cúmplices do agressor".

O debate acerca dos limites da liberdade de imprensa também ganhou ressonância. Em setembro de 2016, o presidente do Conselho Nacional para Questões de Televisão e Rádio, Yuriy Artemenko, reiterou em uma comissão parlamentar que era necessário adotar leis que garantissem a revogação da licença a canais que incentivam hostilidades e são financiados pelo "estado agressor"[486]. Em 2017, o jornalista Pavel Kazarin declarou que parte da imprensa na Ucrânia é filiada ao Kremlin ou ao antigo séquito de Viktor Yanukovich[487]. Como exemplo, menciona o NewsOne, alegando que seus donos não estariam "interessados na vitória da Ucrânia", mas sim na "revanche", enchendo "de água o 'moinho' da agenda [midiática] pró-Rússia". Outra notícia do

[484] ZAKHAROV, Dmitriy. Hritsak rasskazal, kto finansiruyet ekstremizm v Ukraine [Hrytsak disse quem financia o extremismo na Ucrânia]. Zerkalo Nedeli, 10.06.2016. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/gricak-rasskazal-kto-finansiruet-ekstremizm-v-ukraine-215993_.html>. Acesso em: 12.07.2021.
[485] HRITSAK khochet, chtoby zhurnalisty ne obshchalis' s "pyatoy kolonnoy" [Hritsak quer que jornalistas não se comuniquem com a "quinta coluna"]. Ukrainskaya Pravda, 15.06.2017. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2017/06/15/7147050/>. Acesso em: 12.07.2021.
[486] BELOUS, Aleksandr. Predsedatel' Natssoveta po voprosam televideniya predlozhil "Interu" smenit' kontseptsiyu [O presidente do Conselho Nacional de Televisão propôs ao Inter mudar o conceito]. Zerkalo Nedeli, 07.09.2016. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/predsedatel-nacsoveta-po-voprosam-televideniya-predlozhil-interu-smenit-koncepciyu-223583_.html>. Acesso em: 12.07.2021.
[487] PYATAYA kolonna: nazvany ukrainskiye SMI, kotoryye l'yut vodu na "mel'nitsu" Kremlya [A quinta coluna: nomeados os meios de comunicação ucranianos que despejam água no "moinho" do Kremlin]. Obozrevatel, 05.07.2017. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/52418-nazvanyi-ukrainskie-smi-kotoryie-lyut-vodu-na-melnitsu-kremlya.htm>. Acesso em: 12.07.2021.

Obozrevatel destacou que o proprietário do NewsOne, Evgeniy Muraev, disse publicamente que a Euromaidan foi um "golpe de Estado", versão coincidente com a narrativa do Kremlin[488].

No mesmo jornal, um artigo de Olena Stepanova examinou o envolvimento da população do Donbass no conflito[489]. Mencionando a discussão levantada pela "quinta coluna" acerca da anistia a combatentes separatistas, aponta que na região houve tanto cidadãos que defenderam a Ucrânia quanto aqueles que colaboraram com os separatistas:

> E quando alguns, percebendo sua responsabilidade cívica para com o país e consigo mesmos, contaram aos nossos militares as coordenadas dos movimentos do inimigo e tentaram se aproximar da vitória, foram para o *front* ou permaneceram na ocupação, tornando-se os olhos e ouvidos do nosso exército, os segundos... Os segundos chamamos de "cidadãos pacíficos", embora eu os chamasse de colaboradores e *mankurts*. Não, eles não lutaram ao lado dos terroristas. Eles simplesmente realizaram com sucesso o que sua alma aspirava, tornaram-se saqueadores de sua própria terra. [...] é muito importante ver e compreender como vivem agora aqueles que, em teoria, deveriam se tornar uma fortaleza, um muro, para se unir contra o inimigo e não se tornar um inimigo interno uns dos outros. (tradução nossa).

Stepanova afirma que roubos e corrupção se tornaram um problema endêmico na região. Seus moradores antes se dividiam entre quem apoiava a Ucrânia e a Rússia, depois entre aqueles para quem o conflito era doloroso e aqueles que pouco se importavam com quem estava no poder, desde que "os deixassem roubar e não os tocassem". Após quatro anos, as pessoas passaram a se dividir entre as que foram afetadas pelo conflito e aquelas que a guerra tornou "um pouco mais exitosas, ricas, ambiciosas e cínicas". Complementa que, se forem reintegradas à Ucrânia, essas não deixarão o "costume de roubar, andar em cadáveres e pisar na garganta".

Em outubro de 2017, o parlamento iniciou a discussão de um projeto de lei que, entre outras medidas, reconheceria a Rússia como "país agressor". Também se discutiu uma eventual proibição de viagens de funcionários públicos ao país vizinho[490]. O secretário do Conselho Nacional de Segurança e Defesa (RNBO), Aleksandr Turchinov, defendeu que, dada a atuação desestabilizadora da "quinta coluna", viagens fossem permitidas somente a funcionários de inteligência e espiões.

Como constatamos na seção quantitativa, no ano pré-eleitoral de 2018 houve um considerável crescimento nas menções à quinta coluna, nos três periódicos abordados. Parte considerável desta ocorrência deve-se à utilização do termo nos discursos de Petro Poroshenko,

---

[488] OBYSK u Saakashvili: pochemu Rossiya i "pyataya kolonna" na storone Mikho [Buscas junto a Saakashvili: por que a Rússia e a "quinta coluna" estão do lado de Mikho]. Obozrevatel, 05.12.2017. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/kak-rossmi-osveschayut-zaderzhanie-saakashvili-i-pochemu-eto-vazhno.htm>. Acesso em: 12.07.2021.

[489] STEPOVA, Olena. Pyataya kolonna nachala opasnuyu igru [A quinta coluna começou um jogo perigoso]. Obozrevatel, 07.07.2017. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/society/16035-pyataya-kolonna-nachala-opasnuyu-igru.htm>. Acesso em: 12.07.2021.

[490] TURCHINOV: Yezdit' v stranu-agressor mogut tol'ko razvedchiki i shpiony [Turchinov: Apenas batedores e espiões podem viajar para o país agressor]. Ukrainskaya Pravda, 10.10.2017. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2017/10/10/7157891/>. Acesso em: 13.07.2021.

evidência de que houve um esforço do incumbente em estimular o efeito "rally 'round the flag". Em janeiro, na ocasião do Dia da União (*Den Sobornosti*), Poroshenko comparou a situação política do país ao período de 1917-1921 (*otamanshchyna*), quando disputas entre elites ucranianas facilitaram o retorno da Ucrânia ao controle russo[491]. Está implícito o argumento de que a competição política, característica de um sistema democrático, pode levar a instabilidades. Nas suas palavras, o passado deixou um aprendizado, haveria "consciência e força para restringir a luta política dentro da Ucrânia aos limites dos padrões europeus de relações com o governo e a oposição". Tal condição seria necessária para que a "quinta coluna não levante a cabeça e a *otamashchina* [facciosismo regional e de elites] não destrua as bases do Estado [*statehood*] e da democracia".

Em março, a deputada e militar Nadezhda Savchenko foi detida após a divulgação pela SBU de uma gravação em que planejava um golpe de Estado[492]. Na ocasião, Poroshenko acusou Savchenko de ser a quinta coluna, parte de uma operação especial da Rússia para "semear o caos e destruir o Estado ucraniano com recursos de guerra híbrida"[493]. Anteriormente, a deputada ficou meses presa na Rússia por seu suposto envolvimento na morte de jornalistas russos durante combates no Donbass. No mesmo mês, Poroshenko declarou que a guerra contra a quinta coluna abrangia toda a Ucrânia e que o inimigo estava mascarado como patriota, mas recebia recursos de Moscou[494]. Em outros momentos acusou o Bloco de Oposição de ser a quinta coluna[495] e defendeu que a vontade da maioria de se integrar à Europa não pode ser impedida pela coluna e, portanto, deve ser incorporada à constituição[496]. Nas suas palavras, embora a coluna, com a ajuda externa,

[491] BELOUS, Aleksandr. Poroshenko rasskazal o pyatoy kolonne i atamanshchine [Poroshenko falou sobre a quinta coluna e atamanshchina]. Zerkalo Nedeli, 22.01.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-rasskazal-o-pyatoy-kolonne-i-atamanschine-272799_.html>. Acesso em: 13.07.2021.
[492] AVAKOV, Artur; Dar'ya Zelenskaya. Nadezhdu Savchenko arestovali posle pokaza v Rade operativnoy s"yemki zagovora [Nadezhda Savchenko foi detida após a apresentação no parlamento de gravação de conspiração]. MK, 22.03.2018. Disponível em: <https://www.mk.ru/politics/2018/03/22/nadezhdu-savchenko-arestovali-posle-pokaza-v-rade-operativnoy-semki-zagovora.htm>. Acesso em: 13.07.2021.
[493] ZNAS', Irina. Poroshenko poblagodaril SBU i GPU za neytralizatsiyu "pyatoy kolonny" [Poroshenko agradeceu à SBU e à GPU por neutralizar a "quinta coluna"]. Zerkalo Nedeli, 22.03.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-poblagodaril-sbu-i-gpu-za-neytralizaciyu-pyatoy-kolonny-278908_.html>. Acesso em: 13.07.2021.
[494] BELOUS, Aleksandr. Poroshenko rasskazal o pyatoy kolonne ot Donbassa do Zakarpat'ya [Poroshenko falou sobre a quinta coluna do Donbass à Transcarpátia]. Zerkalo Nedeli, 26.03.2018. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/poroshenko-rasskazal-o-pyatoy-kolonne-ot-donbassa-do-zakarpatya-279241_.html>. Acesso em: 13.07.2021.
[495] BELOUS, Aleksandr. Oppoblok obvinil Poroshenko v tsinichnom namerenii povysit' reyting za schet tserkvi [O bloco de oposição acusou Poroshenko de uma intenção cínica de aumentar a popularidade às custas da igreja]. Zerkalo Nedeli, 24.03.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/oppoblok-obvinil-poroshenko-v-cinichnom-povyshenii-reytinga-za-schet-cerkvi-282131_.html>. Acesso em: 13.07.2021.
[496] ZNAS', Irina. Poroshenko poobeshchal initsiirovat' izmeneniya v Konstitutsiyu kasatel'no chlenstva Ukrainy v YES i NATO. Zerkalo Nedeli, 28.06.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-poobeschal-iniciirovat-izmeneniya-v-konstituciyu-kasatelno-chlenstva-ukrainy-v-es-i-nato-287892_.htmll>. Acesso em: 14.07.2021.

sabote a unidade nacional, deve "consolidar ainda mais a sociedade ucraniana" – a defesa da soberania e da integridade territorial, questões prioritárias do Estado, unificou o país[497].

Como mencionado, a autocefalia da Igreja Ortodoxa Ucraniana em relação ao Patriarcado de Moscou ganhou ampla ressonância em 2018. Poroshenko afirmou que a independência da Igreja era um dos "pilares do Estado ucraniano, da nação ucraniana, da segurança nacional ucraniana e, no fundo, de toda a geopolítica mundial"; por essa razão, Moscou e a sua quinta coluna ofereciam resistência[498]. Nos meses que antecederam a concretização da autocefalia, houve receios de que a discussão pudesse ser utilizada para dividir a sociedade[499].

Um dos tópicos que Poroshenko mais associou à quinta coluna foram as eleições presidenciais. Seu discurso ao parlamento, analisado anteriormente, teve considerável cobertura midiática. Poroshenko destacou que o Kremlin estava buscando formar uma poderosa oposição pró-Rússia no novo parlamento, capaz de vetar o curso da integração europeia e euro-atlântica[500]. Defendeu a aprovação de um projeto de lei que registrasse os "agentes de influência" da Rússia. Em entrevista a um jornal alemão, declarou que Moscou interferiria nas eleições por meio de "propaganda" e "desinformação", uma guerra tão perigosa quanto o conflito no Donbass, uma vez que tinha por objetivo a divisão do Estado[501]. A quinta coluna estaria tentando "reunir as suas fileiras". O chefe do Serviço de Inteligência Externa, Egor Bozhok, reiterou que o Kremlin alocou um "orçamento colossal" para interferir nas eleições[502]. O discurso de Poroshenko apresenta algumas semelhanças com o discurso do *trade-off* na Rússia: o inimigo, a quinta coluna, estaria se aproveitando das "vantagens da democracia"[503], logo, seriam necessárias algumas restrições à

[497] TISHCHENKO, Katerina. Poroshenko: nel'zya menyat' Konstitutsiyu pod konkretnykh lits [Poroshenko: não pode mudar a Constituição para pessoas específicas]. Ukrainskaya Pravda, 28.06.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/06/28/7184792/>. Acesso em: 14.07.2021.
[498] POROSHENKO: avtokefaliya tserkvi - vopros natsbezopasnosti i geopolitiki [Poroshenko: a autocefalia da igreja é uma questão de segurança nacional e geopolítica]. Ukrainskaya Pravda, 15.07.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/07/15/7186376/>. Acesso em: 14.07.2021.
[499] PRIVLEKUT "pyatuyu kolonnu": Ukrainu predupredili o novoy ugroze iz Rossii [Atrairão a "quinta coluna": a Ucrânia foi avisada sobre uma nova ameaça da Rússia]. Obozrevatel, 12.06.2018. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/society/privlekut-pyatuyu-kolonnu-ukrainu-predupredili-o-novoj-ugroze-iz-rossii.htm>. Acesso em: 14.07.2021.
[500] Discurso do presidente ao parlamento, analisado anteriormente. POSLANNYA Prezydenta Ukrayiny Poroshenka do Verkhovnoyi Rady Ukrayiny [Mensagem do Presidente da Ucrânia Poroshenko ao parlamento da Ucrânia]. Ukrainskaya Pravda, 20.09.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2018/09/20/7192645/>. Acesso em: 14.07.2021.
[501] POROSHENKO rasskazal, kak RF aktivno vmeshivayetsya v ukrainskiye vybory [Poroshenko contou como a Federação Russa está interferindo ativamente nas eleições ucranianas]. Ukrainskaya Pravda, 22.09.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/09/22/7192901/>. Acesso em: 14.07.2021.
[502] LEBEDINA, Oksana. Rossiya vydelila kolossal'nyy byudzhet na vmeshatel'stvo v ukrainskiye vybory — razvedka [A Rússia alocou um orçamento colossal para se intrometer nas eleições ucranianas, diz inteligência]. Zerkalo Nedeli, 24.01.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/rossiya-vydelila-kolossalnyy-byudzhet-na-vmeshatelstvo-v-ukrainskie-vybory-razvedka-306750_.html>. Acesso em: 14.07.2021.
[503] YASINSKAYA, Marina. "Razzheval svoi predvybornyye lozungi": kak otreagirovali na vystupleniye Poroshenko v Rade ["Mastigou seus slogans eleitorais": como reagiram ao discurso de Poroshenko no parlamento]. Zerkalo Nedeli, 20.09.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/razzheval-svoi-predvybornye-lozungi-kak-otreagirovali-na-vystuplenie-poroshenko-v-rade-295099_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

sociedade civil, ao sistema político e à liberdade de expressão para garantir ordem e estabilidade, além de preservar a integridade do Estado.

Ainda no campo do dilema entre liberdade e ordem, no fim de 2018 discutiu-se intensamente a adoção da lei marcial, a qual poderia culminar em uma série de restrições a direitos civis. Poroshenko garantiu que se não houvesse invasão a outros territórios por parte da Rússia, restrições drásticas não seriam implementadas[504]. Anteriormente, o deputado Dmitry Tymchuk havia enfatizado a dificuldade de se manter a democracia em tempos de guerra, em específico, o desafio de garantir o "equilíbrio" entre "valores europeus" e proteger os "interesses nacionais"[505].

Criticando propostas de paz no parlamento, o deputado Yuriy Bereza conclamou o Serviço de Segurança, a Polícia Nacional e o Ministério da Justiça a verificarem a atividade de partidos da quinta coluna que "falam em paz" e questionam a legitimidade da intervenção do Estado ucraniano no Donbass[506]. Poroshenko também mencionou, no início de 2019, que almejava a paz, mas não nas "condições de capitulação" propostas pela "quinta coluna russa"[507]. Em uma publicação no *Zerkalo Nedeli*, o presidente do Centro de Estudos Globais "Strategiya XXI", Mikhail Gonchar, sustentou que iniciativas pacifistas e humanitárias, como a retirada do bloqueio econômico às regiões separatistas e a retomada do fornecimento de água à Crimeia, faziam parte da guerra de informação do Kremlin e tinham como fim último a paralisação do Estado e a retomada do controle sobre a Ucrânia[508]. Segundo Gonchar,

> "Simplesmente parar de atirar" é uma iniciativa que abre caminho direto para a vitória da Rússia sobre a Ucrânia, já que o cenário do Kremlin é seguido de anistia, autonomia, reformulação de grupos armados ilegais em uma "milícia popular", eleições, restauração de laços econômicos, restauração da região, etc. Os guerrilheiros de ontem recebem mandatos de deputados da *Verkhovna Rada* [parlamento] e junto com a **quinta coluna**, o "pântano" parlamentar e o lobby pró-russo realizam aqui não apenas uma virada geopolítica da Ucrânia para o não alinhamento (isso já tinha ocorrido sob Yanukovych), mas o assassinato de fato do Estado ucraniano. De seu corpo aparecerá, como no [filme]

[504] ZHUKOV, Sergey. Poroshenko posovetoval ukraintsam ne skupat' spichki i sol' v svyazi s voyennym polozheniyem [Poroshenko aconselhou os ucranianos a não correr para comprar fósforos e sal devido à lei marcial]. Zerkalo Nedeli, 27.11.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-posovetoval-ukraincam-ne-skupat-spichki-i-sol-v-svyazi-s-voennym-polozheniem-301582_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

[505] "ETO ochen' opasno!" Ukrainu predupredili ob aktivizatsii "pyatoy kolonny" ["É muito perigoso!" A Ucrânia foi alertada sobre a ativação da "quinta coluna"]. Obozrevatel, 20.08.2018. Disponível em: <https://incident.obozrevatel.com/crime/eto-ochen-opasno-ukrainu-predupredili-ob-aktivizatsii-pyatoj-kolonnyi.htm>. Acesso em: 15.07.2021.

[506] MILANOVA, Yana. V Rade deputaty posporili iz-za voprosa mira s Rossiyey [No parlamento, os deputados discutiram sobre a questão da paz com a Rússia]. Ukrainskaya Pravda, 03.10.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/10/3/7193945/>. Acesso em: 15.07.2021.

[507] ZHUKOV, Sergey. Poroshenko nazval sroki perekhoda VSU na standarty NATO [Poroshenko mencionou o prazo para a transição das Forças Armadas da Ucrânia para os padrões da OTAN]. Zerkalo Nedeli, 10.01.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-sprognoziroval-sroki-perehoda-vsu-na-standarty-nato-305379_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

[508] BOGAPOV, German. Initsiativa "Prosto prekratit' strelyat'" prokladyvayet pryamoy put' k pobede Rossii nad Ukrainoy — ekspert [Iniciativa 'Just Stop Shooting' abre caminho direto para a vitória russa sobre a Ucrânia - especialista]. Zerkalo Nedeli, 16.06.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/iniciativa-prosto-prekratit-strelyat-prokladyvaet-pryamoy-put-k-pobede-rossii-nad-ukrainoy-ekspert-320894_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

> "Alien", o monstro da RSSU [República Socialista Soviética da Ucrânia] 2.0. (grifo nosso, tradução nossa).

Vale mencionar que um artigo de Mikhail Dubinyanskiy, publicado no *Ukrainskaya Pravda* em 2018, comparou os processos de transformação da Ucrânia a Israel[509]. Nas suas palavras, os ucranianos patriotas seriam os "sionistas abnegados que construíram o seu Estado do zero", a Rússia equivaleria aos "países árabes hostis" e a "quinta coluna pró-Rússia" seria os árabes palestinos. O grande opositor ao "Israel ucraniano" eram os cidadãos indiferentes, que relegam Putin e os combatentes pró-Rússia a um segundo plano.

Podemos concluir que o conflito e a ameaça da quinta coluna foram intensamente explorados nos discursos das elites centrais ucranianas, sobretudo em períodos eleitorais, indicando uma tentativa de promover a estratégia "rally 'round the flag". Também foi instrumentalizado para deslegitimar forças de oposição e conduzir um processo de "lustração", com consequências para a competição política. O dilema entre democracia e ordem em tempos de guerra teve grande destaque, remetendo à concepção de "democracia militante": argumentou-se que algumas restrições a partidos, direitos civis e liberdade de expressão poderiam e deveriam ser introduzidas para garantir a proteção do Estado. A despeito da mobilização do discurso pelas elites, uma pesquisa de opinião pública de 2018 revelou que apenas 14,5% e 12% dos ucranianos consideravam, respectivamente, a Rússia e sua quinta coluna o principal limitador do desenvolvimento ucraniano[510]. À sua frente estiveram oligarcas, deputados, o presidente, o governo e os burocratas. Os esforços retóricos de Poroshenko tiveram alcance limitado.

Em alguns momentos, o discurso da "quinta coluna" teve semelhanças com o discurso do *trade-off*, tais como: (A) A analogia ao fato de que eleições locais e nacionais democráticas poderiam empoderar as forças subversivas da quinta coluna, permitindo ao Kremlin influenciar a política ucraniana; (B) A concepção de que é necessário um presidente[511], o "comandante principal supremo", para conter a agressão externa – o parlamentarismo não seria apto a combatê–la com eficácia; (C) A ideia de que divisões profundas e rivalidades na competição política podem levar à *otamanshchina* [faccionalismo regional que o país teve no passado] e culminar na perda da democracia, da soberania e do Estado; (D) A necessidade de encontrar um equilíbrio entre "valores europeus" e "proteger interesses nacionais", o que remete ao dilema entre democracia e ordem.

[509] DUBINYANSKIY, Mikhail. Izrail' 2.0 [Israel 2.0]. Ukrainskaya Pravda, 13.05.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2018/05/13/7179928/>. Acesso em: 16.07.2021.
[510] BOGAPOV, German. 42,5% ukraintsev glavnym "tormozom" razvitiya strany schitayut oligarkhov [42,5% dos ucranianos consideram os oligarcas o principal "freio" para o desenvolvimento do país]. Zerkalo Nedeli, 28.01.2018. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/42-5-ukraincev-glavnym-tormozom-razvitiya-schitayut-oligarhov-273460_.html>. Acesso em: 16.07.2021.
[511] Cabe mencionar que Poroshenko ressalta que o presidente não deve ter poderes "hipertrofiados" para não incorrer em risco de autoritarismo.

6.2.5 O período de conflito (2019-2021) e o governo Volodymyr Zelensky

Apesar das tentativas de mobilizar a estratégia "*rally 'round the flag*", Petro Poroshenko foi derrotado nas eleições presidenciais de março/abril de 2019 pelo comediante Volodymyr Zelensky. Em diversas ocasiões, o novo governo foi acusado de leniência em relação a uma iminente "revanche" por parte da quinta coluna. Poroshenko e membros de seu partido estiveram entre os seus principais críticos. A partir de 2021, contudo, há um endurecimento da retórica contra a Rússia.

Poroshenko também não saiu incólume a acusações de leniência. Em março de 2019, a pouco tempo de concluir o mandato, nacionalistas o acusaram de planejar a liquidação de representantes de suas organizações e consentir com a atuação de membros da quinta coluna, como o político Viktor Medvedchuk, conhecido por sua proximidade a Vladimir Putin[512].

Uma das primeiras discussões polêmicas do governo Zelensky foi a aprovação de uma lei que estabeleceu o ucraniano como única língua estatal (oficial) e a sua obrigatoriedade para os órgãos públicos em todo o território nacional. Críticos do projeto recorreram à justiça buscando impedir o presidente do parlamento, Andriy Parubiy, de ratificar a sua aprovação. Na ocasião, Parubiy declarou que essa era mais uma "tentativa cínica de revanche pró-Rússia", uma investida da "quinta coluna" para atacar uma inovação que visava a "justiça histórica"[513]. Em junho, 51 deputados, principalmente do Bloco de Oposição, dirigiram-se ao Tribunal Constitucional na esperança de revogar a lei[514]. O vice-premier, Vyacheslav Kirilenko, afirmou que tais deputados eram a "quinta coluna" e acusou Zelensky de se silenciar diante do caso[515]. De acordo com o diretor do Instituto Nacional de Memória (UINP), Vladimir Vyatrovich, a Rússia almejava reverter as conquistas dos últimos anos, aproveitando-se da falta de reação do governo Zelensky em relação às investidas contra o processo de descomunização, a lei da língua ucraniana, a autocefalia da

[512] MILANOVA, Yana. Natskorpus: Po prikazu Poroshenko Kononenko sobirayetsya ustranyat' natsionalistov [Corpo Nacional: Por ordem de Poroshenko, Kononenko vai retirar nacionalistas]. Ukrainskaya Pravda, 11.03.2019. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2019/03/11/7208871/>. Acesso em: 16.07.2021.
[513] KORZH, Anton. Parubiy prokommentiroval sudebnyy isk o zaprete podpisaniya yazykovogo zakona [Parubiy comentou sobre o processo de proibição da assinatura da lei da língua]. Zerkalo Nedeli, 11.05.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/parubiy-prokommentiroval-sudebnyy-isk-o-zaprete-podpisaniya-yazykovogo-zakona-317250_.html>. Acesso em: 16.07.2021.
[514] YASINSKAYA, Marina. V KSU postupilo predstavleniye otnositel'no yazykovogo zakona [O Tribunal Constitucional recebeu uma ação sobre a lei linguística]. Zerkalo Nedeli, 21.06.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-ksu-postupilo-predstavlenie-otnositelno-yazykovogo-zakona-321534_.html>. Acesso em: 16.07.2021.
[515] LEBEDINA, Oksana. Vitse-prem'yer predvidit novyy "yazykovoy maydan" [Vice-primeiro-ministro prevê uma nova "Maidan da língua"]. Zerkalo Nedeli, 21.06.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/vice-premer-predvidit-novyy-yazykovoy-maydan-321571_.html>. Acesso em: 16.07.2021.

Igreja Ortodoxa e a renomeação de ruas e locais públicos[516]. Complementa que por trás da "revanche" russa está a sua "quinta coluna", os partidos Plataforma de Oposição e Bloco de Oposição, além de pessoas próximas a Zelensky que à primeira vista não aparentavam ser pró-Rússia.

Em ataque a tais partidos, Poroshenko afirmou que faria o possível para impedir que a "plataforma da ocupação" (referência pejorativa à Plataforma da Oposição) conseguisse eleger um representante à vice-presidência do parlamento[517]. Seu partido estaria disposto a negociar com todos, por exceção destes. Enfatiza que durante o seu governo a "quinta coluna" estava sob controle, mas agora recuperou a "esperança"[518] – uma clara provocação a Zelensky. Poroshenko também fez duras críticas a um projeto de lei que propunha uma nova "lustração", uma "limpeza" de políticos que participaram de seu mandato. Menciona que a primeira "lustração" teve por objetivo retirar representantes de Yanukovich e da quinta coluna das instâncias públicas, enquanto esse novo projeto visaria punir quem defendeu o país nos últimos cinco anos[519] e desviar a atenção da volta de membros da coluna ao poder[520].

Outro episódio que ganhou repercussão em 2019 foram os planos do canal NewsOne, ligado a Medvedchuk, de realizar uma transmissão ao vivo com um canal russo, em específico, com o programa de Dmitry Kiselyov, apresentador russo conhecido por sua orientação pró-Kremlin. O vice-premier Kirilenko comunicou que o Conselho Nacional para Questões de Televisão e Rádio poderia tomar medidas necessárias, como a aplicação de multas ou mesmo a cassação da licença[521]. Ademais, disse que na equipe de Zelensky havia diversos integrantes pró-

---

[516] "NUZHNO bit' v nabat": Vyatrovich zayavil o nastuplenii "pyatoy kolonny" v Ukraine ["Precisamos soar o alarme": Vyatrovich anunciou a ofensiva da "quinta coluna" na Ucrânia]. Obozrevatel, 02.07.2019. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/society/nuzhno-bit-v-nabat-vyatrovich-zayavil-o-nastuplenii-pyatoj-kolonnyi-v-ukraine.htm>. Acesso em: 16.07.2021.

[517] KORZH, Anton. Poroshenko obeshchayet ne pustit' v prezidium Rady kandidatov ot OPZZH [Poroshenko promete não deixar candidatos do OPZZH na presidência do parlamento]. Zerkalo Nedeli, 24.08.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-obeschaet-ne-pustit-v-prezidium-rady-kandidatov-ot-opzzh-327945_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

[518] POROSHENKO nazval glavnykh opponentov na vyborakh: on "derzhal ikh pod plintusom" [Poroshenko nomeou os principais adversários nas eleições: ele "os manteve sob o pedestal"]. Ukrainskaya Pravda, 25.06.2019. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2019/06/25/7219173/>. Acesso em: 17.07.2021.

[519] SEGODNYA predlagayut lyustrirovat' patriotov, chtoby raschistit' dorogu vo vlast' "pyatoy kolonne" — Poroshenko [Hoje propõem lustrar os patriotas para abrir caminho para a "quinta coluna" ao poder - Poroshenko]. Obozrevatel, 13.07.2019. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/segodnya-predlagayut-lyustrirovat-patriotov-chtobyi-raschistit-dorogu-vo-vlast-pyatoj-kolonne-poroshenko.htm>. Acesso em: 17.07.2021.

[520] KORZH, Anton. Ideya novoy lyustratsii prizvana otvlech' vnimaniye ot vozvrata soratnikov Yanukovicha k vlasti – Poroshenko [A ideia de uma nova lustração é voltada a desviar a atenção do retorno dos aliados de Yanukovych ao poder - Poroshenko]. Zerkalo Nedeli, 15.07.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/ideya-novoy-lyustracii-prizvana-otvlech-vnimanie-ot-vozvrata-soratnikov-yanukovicha-k-vlasti-poroshenko-323718_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

[521] ZNAS', Irina. Natssovet po teleradioveshchaniyu smozhet oshtrafovat' NewsOne tol'ko po faktu telemosta [O Conselho Nacional de Radiodifusão e Televisão poderá multar a NevsOne apenas pelo fato da teleconferência]. Zerkalo Nedeli, 08.07.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/nacsovet-po-teleradioveschaniyu-smozhet-oshtrafovat-newsone-tolko-po-faktu-telemosta-323072_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

Rússia, inclusive o próprio presidente, e, por isso, "a quinta coluna levantou a cabeça". Por sua vez, a vice-presidente do referido conselho anunciou que medidas poderiam ser tomadas apenas após a ocorrência do fato. Partidos políticos, como o Solidariedade Europeia, de Poroshenko, dirigiram-se aos órgãos de segurança e ao presidente conclamando uma atitude[522]. Argumentaram que a iniciativa do NewsOne era uma ameaça à soberania e à integridade territorial da Ucrânia, uma "revanche" de forças pró-Rússia, direcionada a incitar tensões nacionais (étnicas), raciais ou religiosas. Em setembro, o Conselho Nacional de Segurança e Defesa (RNBO) declarou que não encontrou fundamentos para introduzir sanções contra os canais ligados a Viktor Medvedchuk, dentre eles o NewsOne[523].

Em maio de 2020, a divulgação de um áudio pelo deputado Andriy Derkach, ex-membro do Partido das Regiões, gerou grande polêmica. Na gravação, presumivelmente de 2015-2016, o presidente Petro Poroshenko dialogava com o vice-presidente dos EUA, Joe Biden, a respeito de supostos esquemas de corrupção e tentativas de interferir nas investigações do procurador-geral[524]. Poroshenko alegou que Derkach era a "quinta coluna" do Kremlin e que a Rússia almejava prejudicar o apoio bipartidário à Ucrânia nos EUA[525] ao envolver o país na disputa presidencial americana. Também acusou a administração Zelensky de ter contribuído para o vazamento do áudio. Em junho, em discurso no tribunal de apelações referente à traição do ex-presidente Yanukovich, Poroshenko conclamou o governo a interromper a revanche pró-Rússia e a volta da quinta coluna[526]. Nas suas palavras,

> Eles chamam os eventos de 2014 e a Revolução da Dignidade de uma rebelião, uma tomada de poder. Eles evitam a palavra "agressão". Eles evitam nomear quem deve ser o responsabilizado por essa agressão [a Rússia]. E os advogados de Yanukovych foram

[522] KORZH, Anton. Ot SNBO, SBU i Zelenskogo potrebovali reaktsii na propagandistskiy telemost "Nado pogovorit'" [O Conselho de Segurança e Defesa Nacional, o Serviço de Segurança da Ucrânia e Zelensky foram solicitados a reagir à teleconferência de propaganda "Precisamos conversar"]. Zerkalo Nedeli, 08.07.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/ot-snbo-sbu-i-zelenskogo-potrebovali-reakcii-na-propagandistskiy-telemost-nado-pogovorit-323044_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

[523] CHEKIS, Ol'ga. SNBO ne nashel osnovaniy dlya vvedeniya sanktsiy protiv "112 Ukraina" i NewsOne [O Conselho de Segurança e Defesa Nacional não encontrou motivos para impor sanções contra o 112 Ucrânia e o NewsOne]. Zerkalo Nedeli, 24.09.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/snbo-ne-nashel-osnovaniy-dlya-vvedeniya-sankciy-protiv-112-ukraina-i-newsone-330753_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

[524] KHREBET, Aleksandr. V SSHA nachali rassledovaniye protiv Kolomoyskogo po obvineniyu v otmyvanii soten millionov dollarov: detali iska [Nos EUA iniciaram uma investigação contra Kolomoisky por acusações de lavagem de centenas de milhões de dólares: detalhes do processo]. Zerkalo Nedeli, 19.05.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-ssha-nachali-rassledovanie-protiv-kolomoyskogo-po-obvineniyu-v-otmyvanii-soten-millionov-dollarov-detali-iska-354753_.html>. Acesso em: 18.07.2021.

[525] IVANOV, Gleb. Poroshenko o "plenkakh Derkacha": pyataya kolonna Kremlya nachala masshtabnuyu spetsoperatsiyu protiv Ukrainy [Poroshenko nas "gravações de Derkach": a quinta coluna do Kremlin lançou uma operação especial em grande escala contra a Ucrânia]. Obozrevatel, 20.05.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-o-plenkah-derkacha-pyataya-kolonna-kremlya-nachala-masshtabnuyu-spetsoperatsiyu-protiv-ukrainyi.htm>. Acesso em: 18.07.2021.

[526] IVANOV, Gleb. Poroshenko prizval ostanovit' "pyatuyu kolonnu" Yanukovicha i prorossiyskiy revansh v Ukraine [Poroshenko conclamou parar a "quinta coluna" de Yanukovych e a revanche pró-Rússia na Ucrânia]. Obozrevatel, 15.06.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-prizval-ostanovit-pyatuyu-kolonnu-yanukovicha-i-prorossijskij-revansh-v-ukraine.htm>. Acesso em: 18.07.2021.

> nomeados para a liderança dos órgãos mais altos de aplicação da lei do Estado. Os advogados de Efremov estão no Gabinete do Presidente, coordenando o trabalho dos órgãos de aplicação da lei e dos tribunais para processar não aqueles que mataram ucranianos, nem aqueles que trabalharam para a Rússia. Mas para a perseguição de voluntários [...]. Pois os aliados de Yanukovych serão os primeiros a chegar, o próprio Yanukovych será o segundo e Putin será o terceiro, ou talvez o primeiro. E nós, as pessoas que pagamos um preço tão alto por tudo isso, não podemos admitir isso. [...] Somos fortes, estamos juntos, vamos impedir a revanche russa rasteira. (tradução nossa).

Em outra ocasião, Poroshenko declarou que a perseguição política que estava sofrendo era uma tentativa de Zelensky desviar a atenção da queda de sua popularidade, da crise econômica, da "catástrofe na luta contra o coronavírus" e da "má situação na defesa do Estado contra a agressão russa". Segundo o ex-presidente, na equipe de Zelensky haveria membros da "quinta coluna do Kremlin"[527]. Ao sofrer sanções de Moscou, junto a outros deputados "patriotas", Poroshenko declarou que tais medidas eram uma "recompensa" por sua defesa de interesses estatais e que o seu partido continuaria a defender o país contra "a quinta coluna e o governo amador, o qual teme mais os políticos da oposição do que os verdadeiros inimigos da Ucrânia"[528]. Vale mencionar que, segundo a presidente do Comitê Parlamentar para Questões de Integração com a União Europeia, no partido de Zelensky (*Sluga Naroda*) há uma "quinta coluna" que atua em defesa dos interesses de Moscou[529].

No que concerne à política linguística, trabalhadores da esfera cultural, jornalistas, acadêmicos e ativistas instaram Zelensky e o parlamento a retirar da pauta projetos de lei que representariam um "ataque à língua ucraniana"[530]. Entre eles, constavam projetos que previam o adiamento da introdução do ensino em ucraniano para alunos da 5-11 séries que ainda estudavam em russo, além da substituição da lista de 150 filmes, programas e concertos que não poderiam ser exibidos na Ucrânia por uma lista limitada de indivíduos (que constituíam uma ameaça ao espaço midiático), elaborada por votação do Conselho Nacional para Questões de Televisão e Rádio. Argumentaram que com tais mudanças haveria o risco de artistas que apoiam a política de Vladimir

---

[527] IVANOVA, Katerina. Poroshenko rasskazal BBC o mesti neopytnogo politika i "pyatoy kolonny" Kremlya [Poroshenko disse à BBC sobre a vingança de um político inexperiente e da "quinta coluna" do Kremlin]. Obozrevatel, 04.07.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-rasskazal-na-bbc-o-mesti-neopyitnogo-politika-i-pyatoj-kolonnyi-kremlya.htm>. Acesso em: 18.07.2021.

[528] LEBEDINA, Oksana. Znak kachestva: Poroshenko otreagiroval na rossiyskiye sanktsii [Marca de qualidade: Poroshenko respondeu às sanções russas]. Zerkalo Nedeli, 05.09.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/znak-kachestva-poroshenko-otreahiroval-na-rossijskie-sanktsii.html>. Acesso em: 18.07.2021.

[529] KHREBET, Aleksandr. V partii Zelenskogo yest' "pyataya kolonna", kotoraya rabotayet v interesakh Kremlya – Klimpush-Tsintsadze [O partido de Zelensky tem uma "quinta coluna" que trabalha nos interesses do Kremlin - Klympush-Tsintsadze]. Zerkalo Nedeli, 05.06.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-partii-zelenskogo-est-pyataya-kolonna-kotoraya-rabotaet-v-interesah-kremlya-klimpush-cincadze-356671_.html>. Acesso em: 18.07.2021.

[530] CHEKIS, Ol'ga. Izvestnyye ukraintsy prizyvayut Ze!Komandu ostanovit' nastupleniye na ukrainskiy yazyk [Ucranianos proeminentes pedem ao Ze!Team que parem o ataque à língua ucraniana]. Zerkalo Nedeli, 16.06.2020. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/izvestnye-ukraincy-prizyvayut-ze-komandu-ostanovit-nastuplenie-na-ukrainskiy-yazyk-357659_.html>. Acesso em: 19.07.2021.

Putin e a "anexação da Crimeia ucraniana" voltarem às telas, em "benefício de Moscou e sua quinta coluna". Também enfatizaram que leis na esfera linguística, cultural, educacional e midiática eram "importantes mecanismos de unificação da nação, da proteção da independência estatal e da segurança nacional" e que membros do governo Yanukovich, condenado por traição, haviam tentado prejudicar fundamentos da identidade ucraniana.

Em maio de 2020, deputados do grupo "Lvovshchina" (região de Lviv, no Oeste) solicitaram ao Serviço de Segurança da Ucrânia e ao escritório do procurador-geral que reagissem à declaração de um deputado da Plataforma de Oposição, segundo a qual a região de Lviv, no Oeste, é "o berço do fascismo ucraniano"[531]. Alegou-se que a declaração "ucranianofóbica" repete a "tese da propaganda de Stalin", usada como "justificativa para o genocídio comunista contra o povo ucraniano", e que é mobilizada por Putin na guerra contra a Ucrânia, em sua tentativa de incitar o ódio e dividir o país em bases étnicas e regionais. Consideram que o Kremlin e a "quinta coluna" odeiam Lviv e a Galícia, pois sem estas regiões seria "impensável a existência do país como um Estado soberano, democrático e europeu".

Outro fato que adquiriu ressonância em 2020 foi a condução de investigações contra políticos e ativistas que participaram dos acontecimentos de 2013-2014, inclusive contra o ex-presidente Poroshenko. O Conselho regional de Lviv dirigiu-se a Zelensky e ao presidente do parlamento solicitando pôr fim às "perseguições políticas" e alegando que tais práticas, somadas ao aprofundamento de antagonismos sociopolíticos, eram "vantajosas apenas para a Rússia e a sua 'quinta coluna'"[532]. Entre os investigados esteve o ex-presidente do parlamento, Aleksandr Turchinov, por não ter assinado a lei de anistia aos combatentes do Donbass em 2014. Turchinov alegou que a anistia a "terroristas e assassinos" era inaceitável e que a procuradoria-geral estava executando "tarefas a pedido do chefe da 'quinta coluna', Medvedchuk"[533]. Em outubro, nacionalistas realizaram uma marcha demandando a adoção de uma lei que protegesse o Estado contra "colaboradores" de estados estrangeiros, a demissão da procuradora-geral, a interrupção da

[531] DEPUTATY pozhalovalis' na Kivu v prokuraturu i SBU [Deputados reclamaram de Kiva ao Ministério Público e à SBU]. Ukrainskaya Pravda, 12.05.2020. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2020/05/12/7251333/>. Acesso em: 19.07.2021.

[532] LEBEDINA, Oksana. L'vovskiy oblsovet prosit Zelenskogo prekratit' politicheskiye presledovaniya [Assembleia Regional de Lviv pede a Zelensky que pare a perseguição política]. Zerkalo Nedeli, 18.06.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/lvovskiy-oblsovet-prosit-zelenskogo-prekratit-politicheskie-presledovaniya-358033_.html>. Acesso em: 19.07.2021.

[533] LESHCHENKO, Yevgeniy. Amnistiya terroristam: sud obyazal Ofis genprokurora otkryt' delo protiv Turchinova [Anistia para terroristas: o tribunal ordenou que o Gabinete do Procurador-Geral abrisse um processo contra Turchynov]. Zerkalo Nedeli, 09.10.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/amnistija-terroristam-sud-objazal-ofis-henprokurora-otkryt-delo-protiv-turchinova.html>. Acesso em: 19.07.2021.

perseguição a "patriotas" e a luta contra "a **q**uinta coluna pró-Rússia dentro do país"[534]. Segundo Zoya Kazanzhy[535],

> Toda a **quinta coluna** no país, ainda retendo influência no judiciário e nos órgãos do Estado, está lutando impiedosamente contra os ativistas da Maidan, arrasando as vítimas da Revolução da Dignidade [referência à Euromaidan]. Eles roubaram tanto dinheiro que podem pagar não apenas uma vida luxuosa no exterior, mas também influenciar os acontecimentos na Ucrânia. Através dos tribunais. Através de falsos partidos. Através de "líderes de opinião" criados artificialmente. Através da mídia, que define uma agenda pró-Kremlin. (grifo nosso, tradução nossa).

Em um artigo no *Atlantic Council* apresentado no *Zerkalo Nedeli*, Adrian Karatnitskiy afirma que acusações a membros da Euromaidan são percebidas como uma tentativa de levar à justiça todo o movimento e "minar a confiança nos esforços da Ucrânia para se livrar da dominação secular da Rússia"[536]. Os participantes do movimento estariam sob ataque "porque a atual liderança da Ucrânia não tem uma compreensão clara dos valores e objetivos da nação". O discurso em que Zelensky clama por unificação nacional – independentemente de cidadãos serem nacionalistas ou pró-Rússia, liberais ou "vermelhos" – é criticado por Karatnitskiy, já que, na sua perspectiva, uma Ucrânia "moderna, democrática e soberana não pode esperar sobreviver adotando [simultaneamente] tais posições antagônicas". Sustenta que o país deveria seguir os objetivos relacionados "à escolha europeia e à identidade ucraniana", as quais adquiriram proeminência com os acontecimentos de 2013-2014.

O combate à corrupção também foi um tópico sensível em torno do qual foram feitas referências à quinta coluna. Em setembro de 2020, como condição para obter o apoio da UE e do FMI, políticos do Ocidente pressionaram o parlamento ucraniano a realizar uma votação "limpa" e "neutra" dos membros da comissão de seleção da Procuradoria Especializada Anticorrupção (SAP). Na ocasião, o membro do Conselho Nacional para Questões de Política Anticorrupção, Vitaliy Shabulin, alertou que na votação os deputados do partido governista decidiriam de que lado estavam: o da "quinta coluna de ocupantes da Crimeia e do Donbass" ou o do "mundo civilizado, que ajuda a Ucrânia a resistir a esse ocupante"[537]. Em novembro, pouco depois de o

---

[534] CHEKIS, Ol'ga. V Kiyeve Den' zashchitnika Ukrainy otmetili marshem v chest' godovshchiny sozdaniya UPA [Em Kyiv, o Dia do Defensor da Ucrânia foi celebrado com uma marcha em homenagem ao aniversário da criação do UPA]. Zerkalo Nedeli, 14.10.2020. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/v-kieve-den-zashchitnika-ukrainy-otmetili-marshem-v-chest-hodovshchiny-sozdanija-upa.html>. Acesso em: 19.07.2021.

[535] KAZANZHY, Zoya. Navzdohin interv'yu Hirkina Hordonu, abo "Svoboda slova" yak zbroya u viyni proty Ukrayiny [Uma entrevista de atualização com Hirkin Gordon, ou "Liberdade de Expressão" como arma na guerra contra a Ucrânia]. Ukrainskaya Pravda, 19.05.2020. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2020/05/19/7252299/>. Acesso em: 19.07.2021.

[536] KHREBET, Aleksandr. U nyneshnego rukovodstva Ukrainy net chetkogo ponimaniya tsennostey i tseley natsii – Atlantic Council [A atual liderança da Ucrânia não tem uma compreensão clara dos valores e objetivos da nação - Atlantic Council]. Zerkalo Nedeli, 23.12.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/u-nyneshneho-rukovodstva-ukrainy-net-chetkoho-ponimanija-tsennostej-i-tselej-natsii-atlantic-council.html>. Acesso em: 20.07.2021.

[537] CHEKIS, Ol'ga. V Yevroparlamente obespokoyeny riskami formirovaniya komissii po otboru glavy SAP [O Parlamento Europeu está preocupado com os riscos na formação da comissão para a seleção do chefe da SAP].

Tribunal Constitucional revogar uma série de dispositivos da reforma anticorrupção por solicitação do bloco pró-Rússia "Plataforma de Oposição – Pela Vida", Zelensky cogitou dissolver a corte, provocando intensa reação do parlamento. O líder do partido governista mencionou que a medida do TC era uma "conspiração de antigas elites, da oligarquia e da quinta coluna" que perdeu nas eleições municipais e queria "se vingar" prejudicando a situação do país[538].

Alguns artigos de 2020 abordaram as dificuldades de se promover a democracia em situações de conflito. Bohdan Nahaylo, em um texto do *Atlantic Council* traduzido no *Zerkalo Nedeli*, acusa as autoridades ucranianas de leniência em relação a atitudes favoráveis à Rússia, como o apoio do primeiro-ministro ao restabelecimento do fornecimento de água à Crimeia, declarações do conselheiro do secretário do RNBO em que a guerra no Leste é definida como um conflito interno ucraniano (em vez de integralmente uma agressão russa) e o silêncio de Zelensky quanto à visita de Viktor Medvedchuk e parlamentares de seu partido, a Plataforma de Oposição, a Vladimir Putin. Como mencionado anteriormente, Medvedchuk é conhecido por seus estreitos laços com Putin. De acordo com o autor, apesar da intenção oficial de discutir medidas de paz, o real objetivo da visita era atrair deputados ocidentais a "apoiar a linha de Moscou" e "aumentar a pressão" para que a Ucrânia aceitasse as condições russas de paz. Discutindo os limites da democracia, menciona:

> Todas as democracias devem ser capazes de se defender e ter o direito de fazê-lo, especialmente contra agressores externos e seus auxiliares internos. Este princípio é frequentemente descrito como democracia defensiva [ou "militante"], significando que os membros de uma sociedade democrática reconhecem a necessidade de limitar alguns direitos e liberdades a fim de proteger as instituições de sua democracia. Essa filosofia encontrou adesão durante a era pós-Segunda Guerra Mundial em várias democracias da linha de frente, da Coréia do Sul a Israel. Poucos descreveriam a posição atual da Ucrânia como menos perigosa. (tradução nossa).

Outro exemplo relacionado à discussão é a preocupação com referendos e "democracia direta", debatida por Mikhail Gonchar, Vladimir Gorbach e Sergey Savchenko no *ZN*[539]. Os analistas argumentam que a adoção desses mecanismos no nível local, defendida pelo partido governista, facilitaria a atuação de forças especiais russas para destruir o Estado ucraniano. Os objetivos do "estado agressor" seriam o empoderamento de forças políticas leais no nível local e a

Zerkalo Nedeli, 17.09.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-evroparlamente-obespokoeny-riskami-formirovanija-komissii-po-otboru-predsedatelja-sap.html>. Acesso em: 20.07.2021.

[538] CHEKIS, Ol'ga. Kak obshchenatsional'nyye partii otreagirovali na skandal'noye resheniye KSU [Como os partidos nacionais reagiram à decisão escandalosa do Tribunal Constitucional]. Zerkalo Nedeli, 03.11.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/kak-obshchenatsionalnye-partii-otreahirovali-na-skandalnoe-reshenie-ksu.html>. Acesso em: 20.07.2021.

[539] ZHUKOV, Sergey. Rossiya ispol'zuyet referendum kak instrument unichtozheniya Ukrainy – eksperty [A Rússia usa o referendo como instrumento para destruir a Ucrânia - especialistas]. Zerkalo Nedeli, 07.10.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/rossija-ispolzuet-referendum-kak-instrument-unichtozhenija-ukrainy-eksperty.html>. Acesso em: 20.07.2021.

legitimação dessa destruição. Para os autores, a Rússia estava recorrendo não apenas à força militar, mas também a métodos de guerra híbrida, como canais midiáticos e a quinta coluna.

Ainda em 2020, um artigo de Pavel Kazarin no *Obozrevatel* defendeu que no país há duas "quintas colunas" do Kremlin[540]. Uma nostálgica em relação ao período soviético e que almeja ver o país sob a órbita de influência russa. A perda do controle sobre o Donbass e a Crimeia, regiões em que ela se concentrava, teria levado a uma drástica redução no seu público e, logo, no seu peso político. A segunda "quinta coluna" corresponde àqueles que lucravam com a corrupção. Desde o conflito o país deixou de ter acesso a recursos russos e passou a depender de recursos ocidentais, cujas transações estão condicionadas à condução de reformas. Portanto, a quinta coluna que se beneficiava do status quo seria reativa à integração europeia e estaria se aliando à quinta coluna nostálgica. Para Kazarin, uma quer a revanche, enquanto a outra não quer o progresso: "os adeptos do passado e do presente uniram suas forças para lutar contra o futuro".

Na primeira metade de 2021, último período coberto pela presente análise, referências à quinta coluna sofreram uma intensa redução no *Obozrevatel* e no *Ukrainskaya Pravda*, mas mantiveram-se altas no *Zerkalo Nedeli*.

Em artigo ao *ZN*, Valeriy Kolomiets abordou diferentes cenários para a resolução da crise do Donbass[541]. O autor chama a atenção para o fato de que a integração com a Europa contava com alto índice de aprovação, mas a quinta coluna estava recuperando espaço com uma retórica de pacificação. Uma eventual retomada do controle ucraniano sobre o Donbass poderia fortalecer ainda mais as posições da coluna, desequilibrando a balança eleitoral nacional em prejuízo do "campo pró-ucraniano" e pró-Europeu. Dentre diferentes cenários, como a busca da resolução armada, Kolomiets afirma que a "recusa dos territórios ocupados" era o mais "realista e pragmático", ainda que tivesse uma "popularidade eleitoral negativa" e fosse "dolorosa para a sociedade ucraniana". Ao se abrir mão do Donbass, seria colocado um "ponto final na discussão da escolha civilizacional" do país, ou seja, a polarização entre adeptos do Ocidente e da Rússia, e recursos poderiam ser destinados ao "desenvolvimento de uma economia de alta tecnologia", em vez de se buscar reanimar o "complexo obsoleto metalúrgico e de carvão" da região.

No início do ano, após diversas críticas por uma presumida leniência em relação à quinta coluna, o governo Zelensky fechou canais midiáticos pró-Rússia associados a Viktor Medvedchuk e Taras Kozak, além de impor sanções aos políticos. Zelensky justificou que a "luta pela

[540] KAZARIN, Pavel. Pyatyye kolonny Kremlya v Ukraine [As quintas colunas do Kremlin na Ucrânia]. Obozrevatel, 25.09.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/pyatyie-kolonyi-kremlya-v-ukraine.htm>. Acesso em: 21.07.2021.
[541] KOLOMIYETS, Valeriy. Mezhdu «A» i «B» [Entre A e B]. Zerkalo Nedeli, 29.01.2021. Disponível em: <https://zn.ua/internal/mezhdu-a-i-b.html>. Acesso em: 21.07.2021.

independência é uma luta na guerra de informação pela verdade e pelos valores europeus"[542]. Já os canais fechados declararam que a medida representava uma "represália política contra meios de comunicação indesejáveis". Gravações vazadas indicaram um possível envolvimento de Medvedchuk com autoridades russas em esquemas de corrupção no Donbass, quando o político participava de mediações oficiais para a troca de prisioneiros com guerrilheiros[543]. As acusações também sugeriram o envolvimento de Poroshenko. O partido do ex-presidente, por sua vez, o defendeu alegando que as acusações eram uma tentativa do governo de desacreditá-lo. Segundo a analista Inna Vedernikova, tendo em vista o contexto de derrotas políticas e fraqueza parlamentar que Zelensky enfrentava, o ataque a Medvedchuk constituiu uma importante estratégia diversionista: "ele sacudiu fortemente a quinta coluna e magistralmente encurralou o seu principal oponente político, Petro Poroshenko"[544]. Vedernikova também menciona outras ações de "proteção dos interesses nacionais" por meio do Conselho Nacional de Segurança e Defesa (RNBO), como os ataques a empresários e oligarcas pró-Rússia. Contudo, enfatiza que apesar das ambições de Zelensky e do fortalecimento de órgãos de controle, ele não tem "competência e capacidade institucional" para transformar a Ucrânia em um regime autoritário como a Rússia ou Belarus. Vale mencionar que oligarcas e o partido de Medvedchuk criaram obstáculos a reformas necessárias à obtenção de suporte financeiro por parte dos FMI, EUA e UE[545]. A iniciativa de Zelensky foi vista como um aceno ao presidente Joe Biden.

Igor Popov, especialista do Instituto Ucraniano do Futuro, discorreu acerca das dificuldades de se encontrar um equilíbrio entre liberdade de expressão e defesa de interesses nacionais[546]. Afirma que a criação do Centro de Combate à Desinformação nas estruturas do RNBO é um importante passo para resistir à "agressão russa", mas seus limites devem ser claramente definidos. Para o autor, qualquer infração desses limites, seja por "incompetência" ou pelo "desejo de estabelecer o controle sobre o espaço informacional", pode ter sérias consequências para o país. A guerra informacional é um sério problema, "cria motivos para

[542] KHOMENKO, Svyatoslav. Ukraina zakryla "prorossiyskiye telekanaly". Zelenskomu grozyat impichmentom [A Ucrânia fechou "canais de TV pró-Rússia". Zelensky ameaçado de impeachment]. BBC, 03.02.2021. https://www.bbc.com/russian/features-55925259>. Acesso em: 21.07.2021.
[543] LESHCHENKO, Yevgeniy. Hritsak prokommentiroval svoye prisutstviye na «plenkakh Medvedchuka-Surkova» [Hritsak comentou sobre a sua presença nas "gravações de Medvedchuk-Surkov"]. Zerkalo Nedeli, 16.03.2021. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/hritsak-prokommentiroval-svoe-prisutstvie-na-plenkakh-medvedchuka-surkova.html>. Acesso em: 21.07.2021.
[544] KOZ'YAKOV, Sergey. Kadrovyy krizis v sudakh. Statistika, prichiny, prognoz [Crise de pessoal nos tribunais. Estatísticas, razões, previsão]. Zerkalo Nedeli, 02.08.2021. Disponível em: <https://zn.ua/internal/kadrovyj-krizis-v-sudakh-statistika-prichiny-prohnoz-.html>. Acesso em: 21.07.2021.
[545] GURIN, Anastasiya. Zelenskiy pytayetsya dobit'sya raspolozheniya Baydena — FT Zelensky está tentando cortejar Biden - FT]. Zerkalo Nedeli, 02.03.2021. Disponível em: <https://zn.ua/WORLD/zelenskij-pytaetsja-dobitsja-raspolozhenija-bajdena-ft.html>. Acesso em: 21.07.2021.
[546] POPOV, Igor. Informatsionnyye voyny. Predupreditel'nyye mery [Guerras de informação. Medidas preventivas]. Zerkalo Nedeli, 26.04.2021. Disponível em: <https://zn.ua/conflict_of_interests/informatsionnye-vojny-predupreditelnye-mery.html>. Acesso em: 21.07.2021.

invasões armadas", "corrói o espírito militar do adversário" e "inflama o humor da 'quinta coluna'". Argumenta que propaganda e censura de guerra sempre existiram, mas a internet, com o advento de fontes alternativas à mídia tradicional, conferiu novos tipos de ameaça, como as *fake news* e o discurso de ódio. Blogueiros e usuários comuns de redes sociais levantam discussões que dividem a sociedade e atingem, inclusive, a esfera privada. Para a Ucrânia, tal problema está diretamente associado às "operações militares no Leste e na Crimeia". Questões relacionadas à "língua, história e atitudes a personagens históricos sempre provocaram debates e foram abordadas de diferentes maneiras" pelas regiões do país. Contudo, sem a intervenção russa, esses problemas eram discutidos sem "riscos à segurança nacional e à soberania". De acordo com Popov,

> As operações especiais informacionais não apenas aumentam a tensão social. Usadas e adaptadas de forma criativa por muitos anos, elas levam ao risco de separatismo, a ações violentas e a um enfraquecimento geral do Estado. O combate às ameaças de informação é uma tarefa complexa e muitas vezes delicada. A intervenção no campo das comunicações de massa requer a manutenção de um equilíbrio entre a proteção da segurança nacional, por um lado, e a observância dos padrões de liberdade de expressão, por outro. Quaisquer decisões do Estado sobre a política de informação devem ser baseadas não apenas em fundamentos jurídicos, mas também ser socialmente legítimas. (tradução nossa).

O analista conclui que um monitoramento que envolva a cooperação entre organizações independentes da sociedade civil e órgãos estatais pode evitar que a luta contra a desinformação leve à criação de um "Ministério da Verdade" e a outros abusos de poder.

A temática da guerra híbrida foi também abordada em uma entrevista com o sociólogo Ihor Rushchenko[547]. Segundo o acadêmico, na passagem do socialismo para o capitalismo ocorreu uma "revolução criminal" na Ucrânia: grupos criminosos gradualmente adentraram às estruturas de poder, fenômeno que atingiu o seu pico no governo Yanukovich. Membros de seu clã e outras organizações criminais do Leste teriam contribuído com a Rússia para o estopim do conflito no Donbass. Rushchenko considera que estruturas criminais permaneceram na política e na sociedade mesmo após 2014, mas que a integração com a Europa oferecia incentivos para a condução de reformas. Por isso, alguns oligarcas não estariam interessados no curso pró-Ocidente. Defende ser necessário adotar "duros mecanismos anticorrupção para todos, e não apenas para a 'quinta coluna' ou opositores políticos". Complementa que a guerra prolongada, com o transtorno do estresse pós-traumático de quem a sofreu, poderia levar a um aumento da criminalidade, o que estaria nos planos de Putin de desestabilizar a Ucrânia. Contudo, o líder russo não esperava que, ao ser superada, ela poderia contribuir para a "formação da nação", a consolidação identitária. O

[547] VEDERNIKOVA, Inna. Sotsiolog Igor' Rushchenko: «Nam yeshche dolgo platit' po schetam za to, chto my vybrali kriminal'nyy put' ot sotsializma k kapitalizmu» [O sociólogo Igor Rushchenko: "Ainda temos muito tempo para pagar nossas contas por escolher o caminho criminoso do socialismo ao capitalismo"]. Zerkalo Nedeli, 24.02.2021. Disponível em: <https://zn.ua/internal/sotsioloh-ihor-rushchenko-nam-eshche-dolho-platit-po-schetam-za-to-chto-my-vybrali-kriminalnyj-put-ot-sotsializma-k-kapitalizmu-.html>. Acesso em: 22.07.2021.

sociólogo avalia que o país estava falhando ao não implementar recursos de "guerra híbrida". Em alusão ao Chefe-Maior das Forças Armadas russas, Valeriy Gerasimov, menciona que há uma razão de 1 para 4 entre formas "armadas" e "não-armadas" na condução de conflitos. Entre as formas "não-armadas" estariam "propaganda, política, economia, atuação da quinta coluna, guerra pela consciência das pessoas, operações militares-civis, táticas de incitação de conflitos internos (inclusive por meio de referendos), dentre outras".

No que concerne à mobilização retórica do termo "quinta coluna" em 2021, Petro Poroshenko seguiu sendo um de seus principais articuladores. Em discurso no parlamento em fevereiro, Poroshenko fez acusações ao partido de Medvedchuk, Plataforma de Oposição – Pela Vida (OPZZh), e celebrou o fechamento de seus canais[548]. Também responsabilizou Vladimir Putin pelo conflito e pela morte de tártaros da Crimeia e patriotas ucranianos. No mesmo mês, criticou a condenação de um nacionalista e conclamou Zelensky a eliminar a influência da quinta coluna no Secretaria Estatal de Investigações (GBR), na procuradoria e nos tribunais[549]. Em maio, Poroshenko solicitou ao parlamento que votasse um projeto de lei que previa a responsabilização criminal do colaboracionismo a inimigos estrangeiros e o combate à propaganda russa[550]. Destarte, a quinta coluna poderia ser responsabilizada não por meio de "sanções duvidosas" – em referência ao caso Medvedchuk –, mas com base na lei. Haveria ainda fundamentos jurídicos para "a proibição de partidos pró-Rússia, inclusive a OPZZh", como a sua equipe "eliminou o Partido Comunista do mapa político da Ucrânia em 2015".

Em março de 2021, a procuradora-geral, Irina Venediktova, abriu um processo criminal contra um deputado da OPZZh por publicar um mapa da Ucrânia sem a Crimeia e com os nomes autodeclarados das regiões secessionistas do Donbass[551]. Em junho, o Comissário para a proteção da língua estatal, Taras Kremin, criticou tentativas de deputados da "quinta coluna" de adiar a implementação de algumas normas linguísticas previstas na lei de 2019, como a dublagem de filmes para o ucraniano e o uso da língua oficial no setor de serviços. Reclama que, "infelizmente,

[548] SHEVCHUK, Mariya. Poroshenko s tribuny Rady zayavil o "pyatoy kolonne" Putina v Ukraine i napomnil, kto ukral Krym [Poroshenko da tribuna do parlamento falou sobre a "quinta coluna" de Putin na Ucrânia e lembrou quem roubou a Crimeia]. Obozrevatel, 16.02.2021. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-s-tribunyi-radyi-zayavil-o-pyatoj-kolonne-putina-v-ukraine-i-napomnil-kto-ukral-kryim.htm>. Acesso em: 22.07.2021.

[549] ZHUKOV, Sergey. Za Sternenko vstupilis' Poroshenko i Yatsenyuk [Poroshenko e Yatsenyuk defenderam Sternenko]. Zerkalo Nedeli, 24.02.2021. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/za-sternenko-vstupilis-poroshenko-i-jatsenjuk.html>. Acesso em: 22.07.2021.

[550] IVANOV, Gleb. Poroshenko: Rada dolzhna prinyat' zakon o kollaborantakh i privlekat' k otvetstvennosti pyatuyu kolonnu [Poroshenko: Rada deve adotar uma lei sobre colaboradores e responsabilizar a quinta coluna]. Obozrevatel, 31.05.2021. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-rada-dolzhna-prinyat-zakon-o-kollaborantah-i-privlekat-k-otvetstvennosti-pyatuyu-kolonnu.htm>. Acesso em: 22.07.2021.

[551] LESHCHENKO, Yevgeniy. Venediktova otkryla delo protiv Rabinovicha za propagandistskuyu kartu bez Kryma [Venediktova abriu um processo contra Rabinovich por um mapa de propaganda sem a Crimeia]. Zerkalo Nedeli, 18.03.2021. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/venediktova-otkryla-delo-protiv-rabinovicha-za-propahandistskuju-kartu-bez-kryma.html>. Acesso em: 23.07.2021.

também há adeptos do 'mundo russo' [*russkiy mir*]" no país. No mesmo mês, o ex-ministro de Assuntos Estrangeiros, Pavel Klimkin, alertou sobre os riscos da política russa de emitir passaportes (documento de identidade) para cidadãos do Donbass e do seu projeto de estender tal prática a cidadãos de toda a Ucrânia por autodeclaração. Tal situação poderia levar cidadãos russos a votarem em cidadãos russos nas eleições locais ucranianas e, no futuro, nas eleições nacionais, criando riscos reais de conflito. Defendendo o combate à dupla-cidadania com a Rússia, Klimkin afirma:

> A passaportização russa visa criar uma **quinta coluna** em grande escala, promover o "mundo russo" e gerar condições para a interferência em nossos assuntos e a desestabilização no futuro, ou seja, o colapso do Estado ucraniano. (grifo nosso, tradução nossa).

Na conclusão da presente subseção, podemos reiterar que, apesar da diminuição na frequência de referências, a ameaça da "quinta coluna" continuou sendo mobilizada discursivamente por elites políticas no período Zelensky. O presidente, eleito com o apoio de regiões russófonas, adotou inicialmente um tom de pacificação, o que levou à reação de setores nacionalistas e permitiu que seu maior opositor, o ex-presidente Petro Poroshenko, o acusasse de leniência. Somente em 2021 Zelensky endureceu o discurso e adotou medidas restritivas às forças políticas pró-Rússia, como o fechamento de canais considerados pró-Rússia. É notável que os artigos e notícias do período pouco abordaram a "quinta coluna" como uma ameaça social, associada a russófonos e russos étnicos. Em vez disso, focou-se em acusações a lideranças políticas que, por interesses materiais ou razões ideológicas, estariam ao lado do Kremlin no conflito. De grande destaque foi o argumento da "democracia militante", segundo o qual são necessárias algumas restrições a direitos e liberdades para garantir a sobrevivência do regime democrático e do Estado, em específico, restrições à participação de forças pró-Rússia no sistema político e no espaço midiático (o dilema entre democracia e ordem). Alguns autores, porém, chamaram atenção aos riscos do extrapolamento destes limites. Novamente foi notável o argumento de que a secessão do Donbass e da Crimeia poderia ser benéfica ao garantir maior homogeneidade e consenso em torno da escolha civilizacional pró-Europa. A guerra teria o potencial de contribuir para a consolidação da identidade ucraniana.

6.3 Conclusão

No presente capítulo mostrei a evolução do discurso da "quinta coluna" russa na imprensa ucraniana desde os anos 1990, examinando o conteúdo de três jornais conceituados. Não entrei no mérito da objetividade ou não dos argumentos levantados, apenas busquei mostrar como o discurso está relacionado à defesa de restrições à competição política. Vimos que o termo foi muito

utilizado para se referir a elites políticas e econômicas, sociedade (grupos étnicos, regionais e linguísticos), canais midiáticos e organizações religiosas – em especial, para acusar tais grupos de traição ao Estado ucraniano e enfatizar o seu envolvimento em projetos imperialistas idealizados pela Rússia. Na tabela abaixo, sintetizo a variação no discurso da quinta coluna por períodos:

Tabela 6.2 O discurso da quinta coluna por períodos

Tópicos	Kuchma (1995-2004)	Pós-Revolução Laranja (2005-2009)	Yanukovich (2010-2013)	Conflito I (2014-2019)	Conflito II (2019-2021)
Elites políticas e econômicas	Políticos russófilos que querem promover parlamento da CEI (novo "Soviet Supremo"), reverenciam Moscou e questionam a soberania ucraniana; partidos socialistas e comunistas nostálgicos em relação à URSS e defensores da russificação; coluna russa presente nas eleições. Argumentam que "lustração" contra comunistas deveria ter sido realizada após o fim da URSS, como em diversos países do Leste Europeu.	A quinta coluna separatista em Severodonetsk (Leste) na Revolução Laranja; acusação de que o FSB (serviço secreto russo) estava preparando a quinta coluna para eleições; Yushchenko acusa opositores e o partido comunista de serem a quinta coluna, defende a entrada na OTAN e a união interna contra as ameaças externas.	Acusações de que o presidente russófilo Viktor Yanukovich e o seu governo eram a quinta coluna, em especial por suas relações com Moscou, por prorrogarem a concessão territorial à Frota Russa do Mar Negro e por políticas linguísticas que garantiriam o status de língua oficial estatal regional ao russo. Acusação de que Yanukovich estava "vendendo" a Ucrânia para o Kremlin, apagando as provas dos crimes cometidos contra o povo ucraniano e que ucranianos estavam sub-representados no governo. Denúncia contra o Partido das Regiões (de Yanukovich), o Partido Comunista da Ucrânia e membros do parlamento. Russófilos acusaram outros políticos de serem a quinta coluna dos EUA e da UE na Ucrânia.	Acusação de que o presidente Poroshenko e os oligarcas seriam a quinta coluna por terem negócios na Rússia. Acusação ao Partido Comunista (banido em 2015), ao Partido das Regiões (extinto), o Bloco de Oposição e mesmo a partidos da coalizão governista. Crítica a deputados que não votaram por reconhecer separatistas como terroristas, justificativa para dissolver o parlamento. Argumento de que eleições locais e nacionais podem ser utilizadas pela quinta coluna para expandir o seu poder (semelhança com o discurso do *trade-off*). Os deputados e burocratas da quinta coluna são instrumentos de Putin na guerra contra a Ucrânia. Proposta de identificar putinistas na política e fortalecer serviços de inteligência. Poroshenko acusou opositores nas eleições de ser a quinta coluna.	Acusações ao Bloco de Oposição, à Plataforma de Oposição e ao próprio presidente Zelensky e membros de seu governo. Críticas de que Zelensky era leniente com a quinta coluna e conferia espaço a um revanchismo da coluna contra a descomunização, o fortalecimento da língua ucraniana e a autocefalia. Ameaça das antigas elites (pré-2014) e da oligarquia. Crítica a Viktor Medvedchuk e parlamentares de seu partido, a Plataforma de Oposição, por visitarem Putin. Eleições locais podem dar impulso a forças especiais russas para destruir o Estado ucraniano.

Sociedade e diversidade	Risco de irredentismo de russos étnicos na Ucrânia caso as reformas econômicas na Rússia tivessem mais sucesso do que no país; risco de irredentismo da população russófona dependendo do crescimento de forças chauvinistas e autoritárias na Rússia; necessidade de cautela com políticas identitárias (argumentos da russofobia, russificação e outros clichês) e linguísticas para não provocar população russófona; relação ambígua com a Rússia; questão linguística e direitos culturais poderiam legalizar a quinta coluna; focar discussões étnicas pode levar à guerra civil, mas, salvo raras exceções após 1991, não houve animosidades étnicas no país; livros russos são utilizados por Moscou para promover uma quinta coluna e impor sua versão sobre o passado soviético.	Divisão de russos entre "euro-russos" (ucranianos políticos), leais ao Estado, "migrantes" e "pessoas do império" (quinta coluna leal à Rússia e que vê identidade ucraniana como projeto ideológico hostil); divisão da sociedade entre "patriotas" (que temem a Rússia), "nostálgicos" (que sentem saudade da URSS) e "cínicos" (indiferentes); parte da população da Crimeia é a quinta coluna, tem posição antiestatal, irredentismo, não se considera cidadã da Ucrânia e serve de instrumento de influência do Kremlin na política ucraniana. Há uma polarização acerca das abordagens para lidar com a questão etnonacional: (A) Necessidade de discriminação positiva a favor da língua ucraniana, reconhecimento da responsabilidade de russos pela russificação do passado e equilíbrio "pós-colonial"; (B) Difusão do nacionalismo cívico para impedir separatismo, tentativas de impor uma vertente histórica e cultural (principalmente pelo presidente Yushchenko) podem levar a uma contrarreação e a divisões na sociedade, em consonância com os interesses russos.	Preocupação com a polarização identitária e a difusão de estereótipos como a "quinta coluna" no Leste e "fascistas" no Oeste; guerra de monumentos e símbolos identitários. Acusação de que a concessão territorial à Frota Russa do Mar Negro, o reconhecimeento do russo como língua estatal regional e a sub-representação de ucranianos no governo representavam uma opressão das minorias (a quinta coluna) contra as maiorias. Crítica a cidadãos que não querem admitir a independência e identidade ucranianas, "descolonização" e "desrrussificação" não foram realizadas a tempo. Polarização do feriado do Dia da Vitória na Segunda Guerra, uso de bandeira soviética estaria ligado ao "chauvinismo russo". Preocupação com a doutrina do "mundo russo" promovida pelo Kremlin, nova ideia "imperialista" que abrangeria a população russófona na Ucrânia; "revanchismo imperialista" e "messianismo eurasiático" de Moscou. Eleições poderiam ser usadas pela quinta coluna para gerar instabilidade.	O conflito separatista foi promovido por organizações pró-Rússia, financiadas por russos, e contaram com a ajuda de claques vindos da Rússia. Donbass como enclave de cultura russa (Mini-Rússia) - apenas 40% de russos étnicos, mas com população russificada; tudo o que é ucraniano é "estranho" e "odiado". A Ucrânia teve problemas na desrussificação de ucranianos, principalmente no Donbass. Russos étnicos no exército e nos serviços de inteligência estavam dificultando o combate no Donbass. Crítica ao colonialismo de russos étnicos e às políticas repressivas e migratórias no passado (em especial soviéticas) que expeliram ucranianos e trouxeram colonos russos para a Ucrânia - os colonos votariam nos partidos antiucranianos e pró-Kremlin, contribuindo para atividades subversivas da Rússia. Argumento de que com a perda do Donbass, a Ucrânia teria maior homogeneidade e, logo, menor resistência ao "curso da integração europeia"; reincorporar o Donbass teria o efeito contrário.	Entre os adeptos da quinta coluna, há os nostálgicos do período soviético e aqueles que lucravam com recursos de corrupção – adeptos do passado e do presente (status quo), que não querem as reformas do "curso da integração europeia". Quinta coluna poderia recuperar espaço com propostas de pacificação – a incorporação do Donbass poderia fortalecer a sua posição eleitoral, ao passo que abrir mão da região colocaria um ponto final na discussão da escolha civilizacional, ou seja, a disputa entre russófilos e ucranianófilos (argumento pró-homogeneidade). A guerra poderia contribuir para a formação da nação, a consolidação identitária do país. Política de passaportização da Rússia (conferir cidadania russa a cidadãos do Donbass e da Ucrânia) pode criar quinta coluna para promover o "mundo russo" e desestabilizar a Ucrânia.

Mídia	Quinta coluna na imprensa, influência de canais pró-Rússia; mídia deve ter cautela ao abordar a questão étnica, risco de promover conflitos.	-	Canais de TV e livros são usados pela quinta coluna para atacar a cultura ucraniana.	Canais russos, serviços de inteligência e oligarcas locais convenceram a população do Donbass ao separatismo. Necessidade de proteger "espaço informacional nacional", restringir algumas liberdades de expressão, revogar licença de canais de TV pró-Rússia. Eleições poderiam ser utilizadas pela Rússia para gerar propaganda e desinformação, dividindo a sociedade.	Crítica a canais de Medvedchuk por planejarem transmissão em conjunto com canal russo. Lista de filmes e programas russos banidos na Ucrânia. Fechamento de canais de Medvedchuk e Taras Kozak – justificativa da democracia militante. Preocupação com guerra híbrida – guerra informacional "inflama o humor da quinta coluna". Necessidade de encontrar equilíbrio entre a proteção da segurança nacional e a liberdade de expressão, sem criar "Ministério da Verdade". Criação do Centro de Combate à Desinformação no Conselho Nacional de Segurança e Defesa (SNBO).
Organizações religiosas	Quinta coluna religiosa, influência do Patriarcado de Moscou na igreja ucraniana.	-	A quinta coluna abrangeria organizações religiosas, terceiro setor, empresários, dentre outros.	Acusação de que organizações religiosas e sociais teriam laços com o serviço secreto russo. Promoção da autocefalia da Igreja Ortodoxa Ucraniana em relação ao Patriarcado de Moscou por interesses do Estado e da nação, segurança nacional e geopolítica.	A quinta coluna quer reverter a autocefalia.

Fonte: elaborado pelo autor com base em buscas nos jornais *Zerkalo Nedeli*, *Ukrainskaya Pravda* e *Obozrevatel*.

Nos primeiros anos, no governo Leonid Kuchma (1995-2004), foram notáveis referências atribuídas à sociedade. Questionou-se a lealdade de russos étnicos, grupos russófonos e cidadãos nostálgicos em relação ao passado soviético perante o Estado ucraniano, principalmente no Leste, Sul e na República da Crimeia. Após a Revolução Laranja, Viktor Yushchenko (2005-2009) promoveu uma política externa e identitária ucranianófila, ressaltando elementos culturais, linguísticos e históricos ucranianos, além da aproximação com o Ocidente, o que desagradou os adeptos da corrente russófila, russófonos do Leste favoráveis a uma maior integração com a Rússia. No período, houve um crescimento significativo em referências ao termo, com destaque à sua instrumentalização política pré-eleitoral: adversários e opositores do governo e de sua política identitária foram acusados de ser a "quinta coluna". Atribuições a grupos étnicos e comunistas continuaram presentes.

Por sua vez, no governo de Viktor Yanukovich (2010-2014), de orientação russófila, o termo foi utilizado por políticos, jornalistas e acadêmicos para criticar o presidente e membros de seu governo. Medidas como a prorrogação da concessão territorial à Frota Russa do Mar Negro na Crimeia, o reconhecimento do russo como língua estatal (oficial) regional, o esquivamento em relação a discussões de política identitária e a recusa em assinar o Acordo de Associação à União

Europeia renderam a Yanukovich o status de líder da quinta coluna do Kremlin, o que contribuiu para a mobilização de nacionalistas na Euromaidan e a sua derrubada no início de 2014.

O início do conflito no Leste foi o período que mais testemunhou referências ao termo. Embora atribuições tenham sido feitas também a grupos étnicos e linguísticos, foi notável o seu decréscimo em comparação ao período anterior, em parte, decorrente da posição oficial do governo de abordar o conflito no Donbass como um problema essencialmente externo, a "agressão russa", sem discutir o envolvimento de grupos internos separatistas. Em contrapartida, houve uma maior frequência de referências a elites políticas e à oposição ao governo. O presidente Petro Poroshenko foi de longe o político que mais mobilizou o termo discursivamente, sobretudo no ano pré-eleitoral de 2018, o que denotou uma tentativa de maximizar o efeito "rally 'round the flag" e deslegitimar seus opositores. Já no governo de Volodymyr Zelensky (2019-2021), o termo foi mobilizado em diferentes ocasiões, principalmente por Poroshenko, para acusar o presidente e membros de seu governo de leniência perante uma suposta "revanche" de forças pró-Rússia. No início de 2021, após intensa pressão, Zelensky endureceu o discurso e impôs sanções contra um dos maiores líderes da oposição com tendências consideradas pró-Rússia. Zelensky afirmou que a guerra contra a invasão russa de 2022 representa a "defesa de valores comuns de todo o mundo livre"[552].

O que mais chamou a atenção no período de conflito, entretanto, foi a mobilização do discurso da "quinta coluna" na discussão em torno da "democracia militante", a adoção de restrições a direitos e liberdades no intuito de proteger a própria democracia e o Estado. Tal debate guarda certa semelhança com o discurso do *trade-off* na Rússia, mas teve uma menor abrangência: atingiu a esfera da competição política sem culminar na promoção de mudanças substanciais nas regras institucionais e no sistema político. Como exemplo de restrições, pode-se mencionar o banimento do Partido Comunista da Ucrânia em 2015 e o fechamento de canais midiáticos pró-Rússia em 2021. Assim como o discurso do *trade-off*, o discurso da "quinta coluna" em alguns momentos concebe a diversidade e, em específico, minorias, como uma ameaça à ordem em um contexto democrático. Há uma concepção de que eleições livres, tanto no nível local quanto nacional, podem facilitar o empoderamento de "agentes do Kremlin", eleitos por russos étnicos ou pela comunidade russófona. Logo, a competição política é um processo sensível que por vezes demanda restrições. Atores também buscam associar conflitos domésticos a arranjos institucionais específicos: Poroshenko argumentou que um presidente forte é preferível a um regime parlamentar, tendo em vista a necessidade de coesão requisitada pelo conflito.

[552] ZELENSKIY: Bor′ba Ukrainy s Rossiyey – eto zashchita obshchikh tsennostey vsego svobodnogo mira [Zelensky: A luta da Ucrânia com a Rússia é a defesa dos valores comuns de todo o mundo livre]. Hvylya, 24.05.2022. Disponível em: <https://hvylya.net/news/252976-zelenskiy-borba-ukrainy-s-rossiey-eto-zashchita-obshchih-cennostey-vsego-svobodnogo-mira>. Acesso em: 25.05.2022.

Alguns analistas ressaltaram a importância e as dificuldades de se encontrar um equilíbrio entre democracia e restrições a liberdades em situações de conflito, questão que reflete as complexidades da "democracia militante". A discussão sobre a viabilidade de se adotar a lei marcial em 2018 gerou preocupações em relação a um possível extrapolamento das competências do Executivo. A pressão do Ocidente, com as condicionalidades de integração à UE, bem como a atuação da sociedade civil, são alguns dos fatores que podem ter impedido que o caso ucraniano adquirisse contornos similares ao caso russo. É notável que determinados posicionamentos aceitos antes do conflito passaram a ser estigmatizados ou mesmo abolidos da competição política, como a orientação russófila de alguns grupos sociais, lideranças, partidos e canais midiáticos. Way (2019) alega que, apesar de exageros nas restrições, a competição democrática na Ucrânia foi pouco prejudicada. Resta saber se a democracia logrará se manter firme em um cenário de ameaças e conflito prolongado.

6.4 Comparação do caso da Ucrânia com o caso da Rússia

A análise do caso ucraniano levou a importantes constatações acerca da relação entre diversidade, conflito e democracia, além de sugerir uma nova agenda de pesquisa com questões que poderão ser respondidas em futuros estudos.

Primeiramente, o caso foi abordado como um contrafactual ao caso russo, analisado nos capítulos anteriores. Diferentemente da Rússia, que presenciou conflitos secessionistas no período de transição, associados a uma alta percepção de minorias como ameaça e a um crescimento de preferências autoritárias, a Ucrânia conduziu sua transição em um contexto relativamente pacífico, sem grandes problemas de *stateness*[553]. Os dados examinados corroboraram as expectativas: na ausência de conflitos nos anos 1990, a percepção de minorias como ameaça foi consideravelmente baixa e as preferências autoritárias viram uma tendência decrescente.

Ao contrário da Rússia, onde a ameaça separatista e a questão etnonacional subsidiaram a formação do discurso do *trade-off* entre democracia e ordem (e de um "caminho próprio" alternativo à "democracia ocidental"), importante recurso não material de poder destinado à legitimação de mudanças institucionais antiliberais, na Ucrânia verificou-se uma trajetória distinta. Dada a inexistência de hostilidades e crises de *stateness* agudas, as elites políticas, embora tenham buscado construir um regime autoritário, não contaram com elementos sólidos para a formação de

[553] Por ausência de grandes problemas de stateness pressupõem-se conflitos separatistas violentos. No início dos anos 1990, a Ucrânia se deparou com movimentos secessionistas na Crimeia e autonomistas no Donbass – ambos perderam fôlego. Embora autores como Samuel Huntington já apontassem para o risco de o país se dividir, os *surveys* e análises de discurso revelaram que essa não era uma preocupação muito incisiva na sociedade e entre as elites.

um discurso de *trade-off* de legitimação de tal regime. Os discursos presidenciais ao parlamento pouco se referiram à questão etnonacional como uma ameaça, ainda que a partir dos anos 2000 tenham manifestado preocupação com a crescente polarização eleitoral etnorregional. Ademais, as expectativas de integração à União Europeia pressionaram as elites a adotar um discurso de teor liberal, no qual a "democracia ocidental" foi concebida como um fim em si. Já em artigos da imprensa, a questão étnica foi debatida com relativa assiduidade por jornalistas e acadêmicos, integrando parte da discussão sobre a "quinta coluna" – atores domésticos que poderiam vir a trair o Estado ucraniano em benefício do "imperialismo" e "chauvinismo" russos (a doutrina do "mundo russo"/ *russkiy mir* propagada pelo Kremlin). A possibilidade de tais atores se fortalecerem em competições eleitorais democráticas se assemelha ao argumento do discurso do *trade-off*.

O discurso da "quinta coluna" contemplou acusações de traição a uma série de atores, como políticos, partidos, canais midiáticos, organizações religiosas e grupos sociais (russófonos, russófilos, russos étnicos e regiões do Leste), por vezes percebidos como uma ameaça à soberania e à integridade territorial da Ucrânia. Sua frequência foi relativamente baixa por um período prolongado, mas passou por um crescimento na segunda metade dos anos 2000, após a Revolução Laranja. É notável a dificuldade em se definir quem seriam os *in-groups* e os *out-groups* na sociedade ucraniana, o que certamente criou obstáculos para que as elites políticas nacionais recorressem a estratégias semelhantes às da Rússia.

Em um segundo momento, analiso o caso ucraniano não como um contrafactual ao russo, mas como um outro caso de conflito, iniciado em 2014. Busquei verificar se o conflito no Donbass teve consequências semelhantes ao conflito checheno e, ao que tudo indica, identifiquei uma causalidade alternativa. Assim como na Rússia, o conflito esteve associado a um crescimento na percepção de ameaças, como o medo de conflitos étnicos, o medo de dissolução do Estado e a rejeição a russos. Contudo, tal crescimento foi consideravelmente modesto. O maior salto verificado foi na percepção da Rússia como ameaça, ou seja, a guerra foi percebida como um problema externo, em vez de doméstico. Possivelmente, tal tendência deve-se à abordagem das elites: ainda que na academia haja discordâncias quanto ao peso de elementos internos e externos, nos discursos presidenciais a responsabilidade pelas hostilidades foi atribuída integralmente à Rússia – praticamente não houve menções à mobilização de atores internos locais. O temor quanto ao vizinho país foi muito maior para cidadãos ucranianófonos do Oeste do que para os russófonos do Leste. Mais adiante discorro acerca dos motivos que levaram as elites a não explorarem a divisão entre *in-groups* e *out-groups*.

No que concerne às preferências democráticas, encontrei tendências ambíguas. Por um lado, alguns indicadores apresentaram resultados positivos após a crise de 2014, como a avaliação

da importância do desenvolvimento e controle democráticos e o apoio a um sistema partidário. Por outro, também houve indicadores negativos, como os relacionados à satisfação com o desenvolvimento da democracia, à desconfiança institucional, ao dilema entre protestar e garantir a ordem, bem como à aprovação da lei marcial e do governo de uma "mão forte" – este último, foi contemplado apenas em 2018. Devido à indisponibilidade de microdados, não pude conduzir regressões para verificar se os indivíduos que mais percebem ameaças manifestam mais preferências autoritárias. Porém, um dado agregado trouxe indícios favoráveis a essa hipótese (H3): o percentual de apoio à introdução da lei marcial foi muito maior para aqueles que consideram a Rússia uma ameaça do que para os que não a consideram. Tal relação também tem um componente regional e etnolinguístico, já que os indivíduos que mais manifestam temor estão concentrados no Oeste e são ucranianófonos. Vale lembrar que as variáveis encontradas para a análise das preferências políticas pós-2014 não são as mesmas que as da Rússia; consequentemente, comparações têm um alcance limitado. Dados de 2004 haviam revelado uma correlação inversa à esperada: indivíduos que mais temem a Rússia são menos autoritários e se opõem mais ao comunismo, o que pode constituir uma estratégia de diferenciação identitária e integração à Europa. Inversamente, como na Rússia as tensões com o Ocidente cresceram gradualmente, a adesão à democracia "nos moldes ocidentais" deu lugar à defesa do "caminho próprio".

Argumento que o fato de não ter sido identificado um crescimento claro de preferências autoritárias durante o confronto na Ucrânia, ao contrário do caso russo, pode ter relação com a natureza e abordagem (*framing*) do conflito pelas elites como um problema exógeno ao sistema político, além do seu *timing*. Ao menos em parte, na Rússia, o conflito foi abordado como um problema interno; logo as elites puderam associá-lo a problemas institucionais domésticos, de maneira a legitimar a condução de reformas antiliberais, como a centralização administrativa e a construção do "sistema vertical de poder". A ocorrência do conflito no período de transição, quando as preferências institucionais ainda estavam em formação, pode ter facilitado o arraigamento do discurso do *trade-off* e o crescimento de preferências autoritárias. Uma vez que na Ucrânia o conflito foi retratado como um problema externo – a "agressão russa" – e ocorreu muito após a transição, as elites tiveram pouca margem de manobra para articular um discurso de *trade-off* e influenciar as preferências institucionais da população. Além disso, no período de transição, demandas secessionistas foram resolvidas pacificamente.

É possível afirmar que o conflito no Donbass gerou incentivos à formação de um discurso mais liberal, já que uma das poucas alternativas à manutenção da segurança nacional envolvia a integração com o Ocidente e a liberalização política – um discurso autoritário poderia ter

dificultado a obtenção do apoio ocidental. Logo, enquanto na Rússia a democratização foi apresentada como uma ameaça à segurança, na Ucrânia foi apresentada como a solução para a segurança. Por outra perspectiva, o conflito também foi instrumentalizado para impor limites à competição política, sobretudo aos projetos associados ao espectro russófilo. O discurso da "quinta coluna", presente nas declarações presidenciais e em artigos jornalísticos, contribuiu para a imposição de sanções e a deslegitimação de diversos atores de oposição, como lideranças políticas, partidos e canais midiáticos pró-Rússia. Elites buscaram utilizá-lo como instrumento de "rally 'round the flag" em períodos eleitorais, mas seu resultado foi pouco satisfatório. Ainda é cedo para estimar de maneira consistente o impacto das restrições na democracia ucraniana. É notável que a frequência de menções à "quinta coluna" na imprensa registrou um verdadeiro salto a partir do conflito.

Finalmente, cabe questionar por que as elites ucranianas abordaram o conflito no Donbass como um problema integralmente externo, ao invés de explorar, ao menos em parte, uma potencial dimensão doméstica – a ameaça irredentista por parte das minorias russas ou russófonas – e, com isso, articular uma narrativa análoga ao discurso do *trade-off*. Tal pergunta poderá ser endereçada em futuras pesquisas, mas, por ora, é possível sugerir algumas explicações:

- Dependência do suporte militar, político e financeiro do Ocidente. Ainda que houvesse espaço para uma narrativa de ameaça doméstica, o componente externo (a interferência russa) foi de fato preponderante, o que forçou a Ucrânia a buscar ajuda junto ao Ocidente. Se as elites adotassem uma narrativa de responsabilização e hostilidade às minorias, dificilmente obteriam o mesmo nível de apoio alcançado, nem avançariam no processo de integração com a UE.
- Indução à moderação devido ao tamanho e indefinição dos *out-groups*. Na Rússia os *out-groups* são um grupo minoritário e bem definido – chechenos correspondem a 5% da população e não-russos a pouco mais de 20%, concentrados em algumas regiões. Já na Ucrânia, russos étnicos representam 17% da população (antes de 2014) e cidadãos russófonos, incluindo ucranianos étnicos – cerca de 30%, concentrados no Leste do país. Há ainda ucranianos, principalmente no Leste, que comungam de posicionamentos russófilos (ex. nostalgia em relação à URSS). Tendo em vista a complexidade da questão identitária e demográfica, podemos afirmar que as elites nacionais contam com poucos incentivos para instrumentalizar discursivamente os *out-groups* como bode expiatório no conflito. Pelo contrário, retratar o conflito no Donbass apenas como uma invasão externa constitui uma tentativa promissora de promover o efeito "rally 'round the flag" e angariar o apoio eleitoral de amplos setores da população, inclusive parte dos *out-groups*. Ademais,

tendo em vista o tamanho demográfico dos *out-groups*, haveria o risco, principalmente no período de transição, de que discursos etnocêntricos (o "ethnic card") pudessem gerar instabilidades e ativar conflitos, como ocorreu em diversos estados pós-socialistas, e provocar o envolvimento da Rússia. A experiência conflituosa do Leste Europeu nos anos 1990 pode ter exercido um efeito demonstração, elevando as preocupações com a questão étnica e a tendência à moderação. As elites ucranianas foram potencialmente coagidas à moderação tanto pelo temor de despertar conflitos quanto pela sua ausência, já que tiveram menos oportunidades para explorar divisões na sociedade.

- Baixa animosidade e distância cultural entre *out-groups* e *in-groups*. Na Rússia há uma alta distância cultural entre chechenos e os *in-groups* (a religião sendo um importante marco), além de tensões históricas no âmbito doméstico e político. Já na Ucrânia, a distância cultural nunca constituiu um elemento sensível – a fronteira étnica entre os grupos, por vezes, é pouco definida; casamentos interétnicos não são raros. Embora houve alguns momentos de desavença no âmbito político, no âmbito doméstico as relações foram sempre harmoniosas. Logo, mobilizar um discurso de "ameaça étnica" não era uma alternativa politicamente promissora.

Para concluir, vale mencionar que tanto o caso russo quanto o ucraniano estão diretamente relacionados ao dilema da "democracia militante" – a necessidade de encontrar um equilíbrio entre liberdades e segurança que garanta a sobrevivência do Estado e da própria democracia. No caso russo, a promoção de mudanças institucionais antiliberais sob o pretexto de garantir a segurança e sobrevivência do Estado erodiu as bases da democratização. Por sua vez, na Ucrânia, a adoção de restrições à competição política alienou e deslegitimou as preferências de parte do eleitorado. Todavia, ainda é cedo para estimar o real impacto do conflito no sistema político.

Conclusão da tese

A presente tese contribuiu para um maior entendimento acerca dos mecanismos por meio dos quais distintos tipos de conflitos impactam regimes políticos, a democracia e preferências autoritárias individuais.

Diferentes estudos empíricos mostraram que a diversidade étnica não representa um obstáculo à democratização, mas sim a ocorrência de conflitos e problemas de *stateness*. No entanto, a relação por meio da qual conflitos domésticos prejudicam a democracia e afetam preferências de regime ainda precisa ser esclarecida.

Na presente tese, pude chegar a três constatações fundamentais acerca do impacto de conflitos em regimes políticos. (I) Em resposta à primeira pergunta de pesquisa, "como conflitos separatistas impactam preferências individuais por regimes autoritários?", demonstrei que conflitos entre o Estado e as minorias étnicas, os *out-groups*, têm o potencial de elevar a percepção desses grupos como ameaça à segurança da sociedade e as preferências individuais por regimes autoritários, principalmente para membros das maiorias, os *in-groups*. Também contribuí para a literatura ao identificar correlações entre percepção de ameaças societais e preferências autoritárias, com evidências não de experimentos controlados, mas de estudos observacionais de casos do mundo real[554]. (II) No que concerne à segunda pergunta, "como conflitos separatistas afetam estratégias de elite para legitimar regimes autoritários?", constatei que em contextos de conflitos domésticos durante períodos de transição, elites podem mobilizar supostos *trade-offs* entre democracia e ordem como pretexto para justificar a adoção de instituições autoritárias e legitimar o fechamento do regime. Argumentam que a garantia da ordem e da segurança em uma sociedade multinacional (multiétnica) demanda a consolidação de um Estado forte, centralizado e implicitamente autoritário; caso contrário, há o risco de instabilidade, conflitos e mesmo dissolução do Estado. Finalmente, (III) em referência à terceira e última pergunta, "como o envolvimento direto de potências externas no conflito separatista afeta preferências autoritárias e estratégias de elite?", identifiquei que a participação de atores externos leva a uma dinâmica muito distinta na relação entre conflito e regime político. A "externalização" da ameaça restringe as oportunidades de se justificar a condução de mudanças institucionais internas nas regras do jogo político. Ao mesmo tempo, a dependência do suporte de atores democráticos para alavancar a segurança contra a agressão externa gera pressões no sentido da democratização, pelo menos no discurso. Nesse cenário, o conflito também pode impactar a competição política, mas de maneira

[554] Muitos trabalhos na área da psicologia política analisaram a correlação entre percepções de ameaças societais e atitudes autoritárias.

mais restrita. A fonte da ameaça (interna ou externa) influencia as preferências de regime e as expectativas dos indivíduos acerca dos meios institucionais para garantir a segurança.

Regimes autoritários se sustentam não apenas com mecanismos de repressão e distribuição de ganhos econômicos, mas também com recursos ideológicos. Nesse sentido, conflitos domésticos contra minorias étnicas, os *out-groups*, podem conferir consistência a fontes não materiais (ideológicas) de coesão voltadas a legitimar mudanças institucionais iliberais, restringir a competição política e expandir as possibilidades de sustentação e durabilidade de regimes autoritários. Elites podem instrumentalizar os conflitos para promover "pactos de proteção" e mecanismos análogos às "barganhas autoritárias" na sociedade, defendendo o sacrifício de liberdades civis e políticas em benefício de garantias de ordem e segurança. Por vezes, tais pactos são mais eficazes que recursos de patronagem, já que podem alcançar grupos menos susceptíveis a práticas clientelistas, como as classes médias urbanas (SLATER, 2010). Conflitos também podem facilitar a coesão entre elites e a mobilização ideológica das massas (LEVITSKY E WAY, 2012). Autocratas, por meio de recursos de propaganda, buscam se apresentar como líderes eficientes na economia (GURIEV E TREISMAN, 2019) e na resolução de conflitos.

Os resultados apresentados acerca do impacto de conflitos em regimes políticos podem ser divididos com base em duas abordagens: uma *bottom-up*, voltada a demonstrar a sua influência nas preferências individuais por regimes autoritários, e outra *top-down*, revelando como as elites os mobilizam discursivamente para promover mudanças institucionais.

O efeito do conflito nas preferências individuais autoritárias é condicionado pela percepção de ameaças: conflitos genuinamente secessionistas elevam a percepção de *out-groups* (as minorias étnicas) como ameaça à sociedade, sobretudo para os *in-groups* (as maiorias), que veem a contestação aos limites do Estado como um ataque à sua segurança e hegemonia social. Por sua vez, quanto maior a percepção de ameaça, maiores são as preferências por instituições autoritárias.

A relação entre o conflito e o aumento da percepção de ameaças societais é de certa maneira intuitiva, enquanto a relação entre percepção de ameaça e autoritarismo é mais complexa e opera com base em três mecanismos: (a) Comportamental-subjetivo. Pesquisas na área da psicologia política comprovaram que quanto maior a percepção de diferentes ameaças sociais por parte dos indivíduos, maiores são as suas atitudes autoritárias, mesmo na ausência de ameaças objetivas. Neste estudo, dei uma contribuição ao abordar não as atitudes no geral, mas as preferências por instituições e regimes autoritários, como o apoio ao fechamento do parlamento, a um governo militar e a uma ditadura, chegando a conclusões semelhantes. Mesmo na ausência de conflitos, há uma minoria consistente de indivíduos que percebe *out-groups* como ameaça e é autoritária. (b) Contextual-objetivo. Argumento que tal efeito tem espaço quando indivíduos são defrontados com

ameaças objetivas, como conflitos e atentados terroristas. Nessas situações, espera-se um aumento na percepção de ameaças e nas preferências autoritárias não apenas como uma reação subjetiva-comportamental, mas também com base em avaliações objetivas dos indivíduos acerca da realidade e do funcionamento das instituições. Ganha força a aceitação de que certos direitos e liberdades podem ser sacrificados, ao menos provisoriamente, a fim de combater tais ameaças. O fenômeno pode ser ainda mais incisivo se há uma memória do passado autoritário como um momento de estabilidade político-social. No geral, o regime autoritário é percebido como mais apto para adotar soluções céleres e eficazes, sem risco de vetos por parte de outros atores, e manter os *out-groups* sob controle. (c) Elitista-discursivo. Em complemento ao efeito contextual-objetivo, defendo que percepções de ameaça e preferências autoritárias podem crescer como resultado da abordagem e instrumentalização do conflito pelas elites que exploram os supostos *trade-offs* entre democracia e ordem com a finalidade de legitimar o fechamento do regime e a restrição da competição política. Logo, as elites podem difundir narrativas críveis que justifiquem a necessidade de instituições autoritárias. Na ausência de conflitos, a variação na percepção de ameaça é menos notável e as elites têm menos oportunidades de explorar a narrativa do *trade-off*. No mecanismo "a", trouxe evidências que reforçam e complementam os achados da literatura da psicologia política; enquanto nos mecanismos "b" e "c" proponho novas explicações para a relação.

Na análise do caso da Rússia, encontrei diversas evidências para esses argumentos. Em consonância com o (b) mecanismo contextual-objetivo, na Segunda Guerra da Chechênia, com um elevado número de mortes civis registrado por canais midiáticos, ocorreu um elevado crescimento na percepção de minorias como alguma ou grande ameaça à ordem e à sociedade. Enquanto nos anos 1990 a percepção de ameaça estava na casa dos 30%, em abril de 2000, período próximo ao auge do conflito, alcançou quase 60% da população. No mesmo período, houve o pico nas preferências autoritárias, sendo que os grupos que mais percebem as minorias como ameaça exibiram a maior média de preferências: 78% dos que consideraram minorias como grande ameaça apresentaram ao menos uma preferência autoritária. Também constatei que, durante o conflito, as inclinações a se relativizar a democracia em benefício da ordem atingiram o seu pico. A percepção de ameaça foi significativamente maior para os *in-groups* do que para os *out-groups*. Nos anos seguintes, a percepção decaiu, mas manteve um patamar elevado. Em janeiro de 2005, poucos meses após os atentados à escola de Beslan, que geraram ampla comoção social, verifiquei um novo salto na percepção de ameaça e nas atitudes autoritárias. Nos anos seguintes, com a ausência de conflitos e atentados terroristas, tais indicadores decaíram expressivamente. Outras preferências subiram rapidamente no conflito e mantiveram patamares elevados, como a concordância com

fortes poderes institucionais ao presidente e o seu índice de confiança, muito acima das demais instituições.

A percepção de ameaça e as preferências autoritárias variam muito rapidamente no curto prazo, em conformidade com a dinâmica do conflito, o que corrobora o argumento do (b) efeito contextual-objetivo. Contudo, é possível observar efeitos de longo prazo para a identidade e legitimidade do regime: em 2021, décadas após o fim do conflito separatista, a solução do problema checheno, da ameaça terrorista e questões de *stateness* estiveram entre as maiores conquistas atribuídas a Vladimir Putin em pesquisas de opinião pública, à frente, inclusive, de ganhos econômicos (um dos pilares de sustentação do regime), o que remonta à constituição de "barganhas autoritárias" securitárias e "pactos de proteção". *Surveys* também mostraram que acontecimentos relacionados à crise chechena marcaram a sociedade russa, com reminiscências de longo prazo.

Vale ressaltar que a ocorrência de conflitos por si só não é suficiente para elevar as percepções e preferências, sendo necessárias três *scope conditions*: (1) O aprendizado institucional na transição. O fato de os movimentos separatistas na Rússia terem surgido durante a abertura política e terem sido solucionados somente por um líder autoritário influenciou no processo de aprendizado institucional e formação de preferências da população russa, conferindo consistência a narrativas de *trade-off* entre democracia e ordem. Tais narrativas também foram reforçadas pela memória da estabilidade nas relações interétnicas durante o período soviético. (2) O âmbito geográfico da ameaça. Durante a Primeira Guerra da Chechênia, o conflito se limitava ao Cáucaso Norte, o que pode explicar os percentuais menores na percepção de ameaça. Já na Segunda Guerra, com a invasão de separatistas chechenos à região vizinha do Daguestão e a ocorrência de atentados terroristas em diversas regiões da Rússia, ganhou força a percepção de que o conflito estava se difundindo para outras partes do país e de fato representava um risco à integridade territorial russa. (3) As expectativas de vitória. Yeltsin não logrou desencadear o efeito "rally round the flag" em seu benefício, já que a guerra se tornou prolongada, controversa e custosa, com efeitos negativos à sua popularidade e sem crescimentos significativos nas percepções de ameaça e preferências autoritárias. Contrariamente, a atuação enérgica e a "mão forte" de Vladimir Putin desde o início do conflito elevou as expectativas de que ele seria capaz de solucionar a crise e oferecer segurança. Pesquisas eleitorais em 2000 mostraram que as expectativas sociais de que ele fosse resolver o conflito eram inclusive maiores do que as expectativas de ganhos econômicos.

A fim de diminuirmos os riscos de variáveis omissas enviesarem os resultados, conduzi testes placebo com a percepção dos EUA como ameaça. Basicamente, busquei descartar a hipótese de que não era a percepção de ameaça que estava elevando as preferências autoritárias, mas as

atitudes autoritárias que estavam elevando a percepção (causalidade reversa). Caso a percepção dos EUA como ameaça subisse junto com a percepção de minorias, poderia haver indícios de endogeneidade. Os testes confirmaram o meu argumento. Embora haja uma correlação significativa entre as duas ameaças, o medo de minorias variou em consonância com o conflito, enquanto o medo dos EUA apresentou uma trajetória crescente dos anos 1990 até 2009. Há uma correlação entre o medo dos EUA e preferências autoritárias, em conformidade com o (a) mecanismo subjetivo-comportamental, mas de menor magnitude, possivelmente associado ao efeito comportamental-subjetivo. O teste placebo também indicou que a queda na percepção de minorias como ameaça foi em parte compensada pelo aumento no medo do EUA, o que pode indicar um esforço das elites em manter o efeito "rally 'round the flag" ativo, ainda que o impacto nas preferências autoritárias seja menos saliente. Ameaças externas são, possivelmente, menos eficazes que ameaças internas para a legitimação autoritária, mas ainda assim podem ser úteis para estimular tendências autoritárias na população.

Duas considerações merecem ser feitas. Assim como na literatura de psicologia política, foquei a percepção de ameaças societais, ou seja, a percepção do indivíduo de que a sociedade está ameaçada e não ele ou ela diretamente. Pesquisas mostraram que locais em Israel próximos a conflitos e sob risco de bombardeio apresentam maior tendência em votar em lideranças linha-dura e de direita (BERREBI E KLOR, 2008; GETMANSKY E ZEITZOFF, 2014). Nesse caso, estamos diante de ameaças societais e individuais simultaneamente. Meu argumento pressupõe que mesmo os russos longe das áreas de conflito percebem minorias como ameaça. Testei o efeito da distância em relação à Chechênia e a locais que sofreram atentados e constatei que mesmo em locais distantes o medo de minorias é significativo. Por outro lado, vimos que locais com maior concentração de minorias têm menor percepção de ameaça, o que pode estar relacionado à "hipótese do contato", há muito analisada na sociologia. A segunda consideração é que evitei abordar a democracia como conceito subjetivo, dado o risco do viés de desejabilidade social e de interpretações subjetivas do conceito. Contudo, em testes adicionais encontrei correlações significativas das avaliações subjetivas de democracia com a percepção de ameaça: indivíduos que mais temem minorias são menos democráticos.

Em relação ao mecanismo *top-down* do efeito do conflito, as estratégias e discursos de elites, verifiquei uma mobilização consistente do conflito tanto para legitimar a condução de mudanças institucionais iliberais quanto a razão de ser do regime autoritário. Argumentou-se que, dado o status multinacional (multiétnico) da Rússia, um Estado fraco e descentralizado, com um sistema parlamentar ou um presidente fraco, o risco de fragmentação, desordem e mesmo dissolução do Estado é elevado – como houve com a URSS e a crise da Chechênia no período de

transição. Logo, para garantir a ordem, a segurança e a união da sociedade, seria necessário um Estado forte e centralizado, com um presidente dotado de fortes poderes institucionais e com restrições a determinadas liberdades e atividades extremistas. Facciosismos, competição eleitoral e disputas entre o Executivo e o Legislativo, elementos característicos do sistema democrático de pesos e contrapesos, são por vezes apresentados como uma ameaça à estabilidade. O presidente é considerado a pedra angular que garante a estabilidade político-social. Denominei essa narrativa de "discurso do *trade-off*", instrumentalizada para edificar o "sistema vertical de poder" de Vladimir Putin.

Alguns elementos do discurso do *trade-off*, associados à complexidade da transição tripla na Rússia, já estavam presentes nos discursos de Boris Yeltsin – não para legitimar um regime autoritário, mas para defender o fortalecimento institucional do presidente. Nos primeiros anos do governo Putin, quando ocorreram reformas institucionais estruturais de centralização e concentração de poder, o discurso foi intensamente mobilizado. Após os atentados de Beslan em 2004, Putin discorreu acerca do conceito de "democracia soberana", a ideia de que a Rússia, com as suas peculiaridades (inclusive a diversidade etnonacional), deveria seguir o seu próprio caminho e desenvolver a sua própria democracia, distinta do modelo "ocidental". A crítica ao liberalismo "ocidental" também envolve posicionamentos combativos aos movimentos LGBTQIAP+. A ideia de "caminho próprio" conta com importantes antecedentes históricos: no século XIX já se discutia a necessidade de seguir os valores "tradicionais" russos de simplicidade, espiritualidade e vida comunal, em oposição aos valores materialistas, individualistas e partidaristas "decadentes" europeus[555]. O período soviético, com os ataques à "democracia burguesa" e a defesa da "ditadura do proletariado" reforçou as narrativas antidemocráticas. Por sua vez, a centralização foi historicamente concebida pelas elites como um imperativo para garantir o controle de um Estado com enormes dimensões territoriais e uma periferia etnicamente diversa[556].

No governo de Dmitriy Medvedev, de tendência mais liberal, houve menos mudanças institucionais e, como esperado, menor mobilização do discurso. Com o retorno de Putin em 2012, o discurso do *trade-off* voltou a ganhar força. Identifiquei a sua instrumentalização para a justificação e legitimação de diversas mudanças institucionais, como a abolição das eleições diretas para governador em 2004, a extensão do mandato presidencial de 4 para 6 anos, a expansão da legislação de combate ao extremismo e ao terrorismo, frequentemente utilizada para combater opositores, e as emendas constitucionais de 2020 que fortaleceram ainda mais a hegemonia do presidente no sistema político – a guerra da Chechênia foi mencionada mesmo duas décadas após

[555] Ver Segrillo (2016).
[556] Ver Turovskiy (2005).

o seu encerramento. Em síntese, o discurso do *trade-off* consiste tanto de referências negativas à democracia liberal "ocidental" quanto de tentativas de redefinir o próprio conceito de democracia (o "caminho soberano" e o majoritarismo, defesa da "vontade" e dos valores das maiorias).

Na análise do discurso, observei que a queda nas referências a ameaças internas – uma vez que a crise chechena foi resolvida – foi parcialmente compensada pelo aumento nas referências a ameaças externas, o aumento das tensões com o Ocidente. Esse pode ser outro indício de que o regime buscou manter as percepções de ameaça elevadas na população para garantir a durabilidade do efeito "rally 'round the flag" em benefício do incumbente e tendências autoritárias na população. As percepções de ameaças sociais (internas e externas) são um importante pilar ideológico de sustentação de regimes autoritários. Em um dos discursos mais emblemáticos de Putin após a invasão de larga escala da Ucrânia em 2022[557], as ameaças internas e externas foram novamente entrelaçadas, com referências ao apoio do Ocidente aos separatistas chechenos durante a guerra separatista e à sua tentativa de enfraquecer e desmantelar a Rússia territorialmente[558].

Surveys conduzidos com as elites russas na década de 1990 e nos anos 2000 revelaram que havia uma grande preocupação com a integridade territorial do país e o risco de conflitos étnicos. Contudo, o fato de as elites perceberem a questão como um problema real e objetivo não contradiz o argumento de que elas buscaram instrumentalizar o conflito em benefício próprio, a fim de legitimar a concentração de poder e a erosão da competição política. Há diversos casos em que tensões étnicas e problemas de *stateness* foram solucionados ou amenizados com a adoção de instituições democráticas consensualistas ou que foram estimulados exatamente pela ausência de democracia e de proteção às minorias. O fechamento do regime não era a única opção disponível às elites. Ademais, o argumento de que para a Rússia se manter unida é necessário um "sistema vertical de poder" pressupõe, indiretamente, que o país é um "império", já que instituições liberais e a competição política aberta estimulariam minorias e elites regionais a se engajarem em movimentos secessionistas, em vez de permanecerem como membros constituintes do Estado voluntariamente.

No caso russo identifiquei um risco de endogeneidade, uma vez que o incumbente tem o poder de decisão para iniciar o conflito contra os *out-groups*. No entanto, essa pesquisa não é voltada às causas do conflito, mas sim às suas consequências para o sistema político. Mesmo que

[557] Com trechos replicados na epígrafe desta tese.

[558] "Recordamos como eles apoiaram o separatismo, o terrorismo, encorajando terroristas e bandidos no Cáucaso Norte. Como nos anos 1990 e início dos anos 2000, eles agora novamente, mais uma vez, querem repetir a sua tentativa de nos apertar [...] transformar-nos em um país fraco, dependente, violar a integridade territorial, desmembrar a Rússia da melhor maneira possível para eles. Não deu certo naquela época, e não vai dar certo agora".
V. Putin: yestestvennoye i neobkhodimoye samoochishcheniye obshchestva tol'ko ukrepit nashu stranu. **Ndelo**, 16.02.2022. Disponível em: <https://ndelo.ru/novosti/vputin-estestvennoe-i-neobhodimoe-samoochishenie-obshestva-tolko-ukrepit-nashu-stranu>. Acesso em: 24.03.2022.

em uma situação hipotética as elites recorressem ao conflito deliberadamente com fins políticos, essa seria mais uma evidência de que conflitos domésticos contra *out-groups* têm um alto potencial de afetar preferências sociais e estratégias de elites, como preconiza o meu argumento. Vale salientar que a invasão do Daguestão por separatistas em 1999 demandou uma contrarresposta do governo federal, o qual deu início à Segunda Guerra da Chechênia. Outro risco de endogeneidade é a possibilidade de minorias se rebelarem contra o próprio autoritarismo. Porém, os casos de separatismo na Rússia ocorreram exatamente no momento de abertura política.

No que concerne ao caso da Ucrânia, é imprescindível mencionar que ele foi abordado tanto como um contrafactual ao caso russo, uma vez que o país não presenciou conflitos separatistas nos anos de transição, quanto como um caso alternativo de conflito, a partir do início da guerra do Donbass em 2014.

Como contrafactual, o caso pré-2014 confirmou as expectativas associadas às hipóteses desta pesquisa. Uma vez que não houve conflitos na transição, a percepção de minorias como ameaça foi muito inferior à percepção na Rússia e manteve relativa constância em praticamente todo o período analisado, em momentos próximos aos analisados no caso russo. A relação entre percepção de ameaça e preferências autoritárias foi menos significativa e as preferências apresentaram tendência decrescente dos anos 1990 para os anos 2000, ao passo que na Rússia verificou-se uma trajetória inversa. Os discursos presidenciais tiveram poucos elementos associados ao discurso do *trade-off*. Nos anos 1990 houve algumas tentativas de se mobilizar supostos *trade-offs* da democracia, como os riscos do facciosismo político e da falta de consenso para a estabilidade etnorregional e a condução de reformas políticas e econômicas; o presidente por vezes se retratou como um ator mais coerente e eficaz que o parlamento fragmentado. Contudo, ainda que o país tenha enfrentado demandas autonomistas e secessionistas no Donbass e na Chechênia no início dos anos 1990, a ausência de conflitos dificultou a mobilização do discurso do *trade-off* pelas elites. Além dos fatores já explorados pela literatura para explicar o "pluralismo por inércia"[559] no país (como as divisões identitárias nacionais entre o Leste russófilo e Oeste ucranianófilo, a fragmentação regional no sistema partidário e a falta de capacidade coercitiva do Estado), sustento que a carência de fundamentos objetivos para o discurso do *trade-off* diminuiu as oportunidades de as elites legitimarem mudanças institucionais autoritárias. Nos anos 2000, enquanto Putin reforçava o discurso do *trade-off* para legitimar mudanças institucionais de "fortalecimento" do Estado, os presidentes da Ucrânia faziam referências à democratização e mesmo "europeização" do país a fim de facilitar o futuro ingresso na União Europeia.

[559] Way (2015).

O caso da Ucrânia pós-2014 permitiu importantes comparações com o conflito na Rússia, embora a disponibilidade de dados tenha sido muito inferior[560]. Assim como na Rússia, identifiquei um rápido crescimento de diferentes percepções de ameaças societais, como o medo de dissolução do Estado e de conflitos étnicos. Porém, a ameaça que mais se destacou foi o medo de um ataque de um inimigo externo. Apesar de haver uma discussão na academia acerca do peso das fontes domésticas e externas para a guerra no Donbass, *surveys* revelaram que o conflito é percebido muito mais como um problema externo, uma agressão por parte da Rússia, do que um problema interno, um movimento etnosseparatista independente. Quando examinei as preferências de regime, encontrei tendências ambíguas: por um lado, o apoio à democracia como conceito subjetivo e a um sistema multipartidário cresceram; por outro, a relativização de protestos em benefício da ordem aumentou e a confiança em instituições da democracia representativa, como o parlamento e os partidos políticos, caiu. A preferência por ordem e uma "mão forte" em detrimento da democracia também se manteve alta.

As evidências sugerem que o fato de o conflito no Donbass ter sido abordado como um problema externo, em vez de interno, foi fundamental para a diferenciação dos casos russo e ucraniano. Por se tratar de um problema externo, não foi possível responsabilizar as instituições políticas domésticas pela instabilidade e, logo, não houve oportunidades para legitimar a condução de reformas autoritárias. Em raros momentos, buscou-se justificar a adoção da lei marcial, que expandiria temporariamente poderes presidenciais em algumas regiões. Os indivíduos que mais temiam a Rússia apresentaram maior inclinação a apoiar a medida, mas, no geral, houve forte resistência. Nos discursos presidenciais pude notar muitas referências ao conflito, mas a todo o momento abordando-o como um problema integralmente externo – possivelmente, uma tentativa de estimular o efeito "rally 'round the flag", com efeito limitado no regime. Tal mobilização pode ter influenciado as percepções da população apresentadas anteriormente. Foram feitas menções à necessidade de coesão e união da nação, bem como ao perigo de disputas e facciosismos internos colocarem em risco a independência e soberania do Estado, como teria ocorrido em outros momentos da história. Segundo as lideranças ucranianas, o conflito teve um efeito colateral positivo: a diminuição da polarização entre ucranianófilos e russófilos e o aumento do apoio ao "curso da integração europeia", como a entrada na UE e na OTAN. Diversos *surveys* confirmaram essa tendência[561]. No quadro abaixo, sintetizo os principais elementos de diferenciação entre os casos da Rússia e da Ucrânia:

[560] Não tive acesso a dados desagregados para conduzir regressões.
[561] Instytut sotsiolohiyi NAN Ukrayiny. Dodatok: tablytsi monitorynhovoho opytuvannya "Ukrayins′ke suspil′stvo - 2018". Disponível em: <https://i-soc.com.ua/ua/edition/ukrainske-suspilstvo/issues/>. Acesso em: 20.03.2022.

Tabela C.1 Comparação entre os casos da Rússia e da Ucrânia

	Fonte/ natureza do conflito	Abordagem das elites	Percepção de ameaça	Responsabilização	Solução	Instrumentalização
Rússia	Interna	Problema interno e externo	Minorias separatistas, terroristas	Descentralização, abertura política, democracia, chechenos separatistas	Centralização, instituições autoritárias, "mão forte"	Desmobilização da oposição e de arenas de veto, mudanças institucionais, "rally 'round the flag" contra imigos internos e externos
Ucrânia	Interna e externa	Problema externo	Rússia	Rússia e sua "quinta coluna" na Ucrânia	Integração com a UE e a OTAN, incentivos à liberalização e diferenciação política e identitária em relação à Rússia	Desmobilização de grupos específicos, "rally 'round the flag" contra inimigo externo

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos discursos, a democracia foi apresentada como condição fundamental para a Ucrânia obter o apoio do Ocidente na guerra indireta contra a Rússia e como diferenciação política e identitária (a "europeização") em relação ao "país agressor" – tirânico e autoritário. Este é um fator crucial que distinguiu a abordagem dos dois países: enquanto na Rússia a democracia foi apresentada implicitamente como uma ameaça à ordem, à segurança e à unidade territorial, na Ucrânia foi apresentada como uma condição fundamental para a realização desses objetivos. Na Rússia, os estímulos nacionalistas propiciados pelas tensões com o Ocidente diminuíram os apelos à democracia nos "moldes ocidentais" – a busca de diferenciação político-identitária em relação ao adversário geopolítico reforçou narrativas conservadoras que remontam a debates do século XIX. Diversos autores analisaram o impacto que os vínculos com o Ocidente e a perspectiva de ingressar na UE exerceram na democratização de países do Leste Europeu. A dependência da Ucrânia em relação ao Ocidente para se proteger contra a ameaça russa alavancou a capacidade da União Europeia influenciar o curso político do país. Em um *survey* de 2004, ano da Revolução Laranja, vimos que os indivíduos que mais percebiam a Rússia como ameaça apresentavam menos preferências autoritárias, sugerindo que percepções de ameaça não necessariamente estimulam autoritarismos – o efeito contextual-objetivo, no qual formam-se expectativas de que a democracia é mais apta a prover segurança do que o autoritarismo, pode se sobrepor ao efeito comportamental-subjetivo, o vínculo psicológico entre percepções de ameaça e atitudes autoritárias. Portanto, o impacto sobre as preferências de regime depende da fonte da ameaça e das expectativas acerca do contexto institucional que pode facilitar o provimento de segurança.

As três *scope conditions*, mencionadas acima, diferenciaram o caso ucraniano do caso russo: (1) O aprendizado institucional na transição. Enquanto o conflito checheno ocorreu em um momento de transição, no qual a população passava por um processo de aprendizado institucional e de formação de preferências, o conflito no Donbass ocorreu muito após a transição, o que dificultou comparações entre um passado autoritário "estável" e o presente pluralista "instável",

além de as preferências por regime estarem mais consolidadas. O regime relativamente pluralista na transição foi capaz de acomodar as demandas autonomistas e, a partir dos anos 2000, prover ganhos econômicos, embora muito inferiores aos observados na Rússia[562]. O conflito teve início após a derrubada de um presidente que promoveu reformas antiliberais e impopulares. Logo, houve menos oportunidades para se formar uma percepção de *trade-off* entre democracia e ordem. Na Rússia a solução do problema de *stateness* e o crescimento econômico somente vieram a partir da "mão forte" de Vladimir Putin. (2) O âmbito geográfico da ameaça. Enquanto na Rússia o conflito se difundiu para outras partes do país, com a ocorrência de atentados terroristas, no Donbass o conflito permaneceu restrito a regiões periféricas do Leste, o que pode ter diminuído o seu potencial de gerar percepções de ameaça contra *out-groups*. (3) As expectativas de vitória (impasses). Enquanto Putin obteve êxito na Segunda Guerra da Chechênia, as elites ucranianas não conseguiram resolver a questão do Donbass até o momento. Logo, nenhuma liderança pode reivindicar os louros da vitória.

Embora a guerra no Donbass não tenha ocasionado o mesmo efeito institucional que a guerra da Chechênia, ela também foi mobilizada pelas elites para impactar e restringir a competição política. Sua instrumentalização pode ser observada no "discurso da quinta coluna", a narrativa de que na Ucrânia há forças políticas "traidoras" aliadas à Rússia e dispostas a corroer o Estado por dentro; portanto, seriam necessárias algumas restrições à competição política e à liberdade de expressão para garantir a sobrevivência do Estado e da própria democracia – argumento que remonta ao conceito de democracia "militante". Também preconiza que as eleições são momentos delicados, pois podem facilitar a ascensão da quinta coluna.

Longe de julgar a sua objetividade e veracidade, constatei que o discurso da "quinta coluna" foi utilizado para estigmatizar e fazer acusações a membros das elites políticas e econômicas (opositores), a grupos sociais (russos étnicos, população russófona e russófilos), canais midiáticos e organizações religiosas. Com análises de três jornais nacionais[563], verifiquei que as suas primeiras aparições se deram já nos anos 1990. Houve um incremento significativo após a Revolução Laranja de 2004 e um grande salto a partir da crise 2014. O presidente Petro Poroshenko recorreu ativamente ao discurso para deslegitimar seus opositores e promover o efeito "rally 'round the flag", principalmente em períodos eleitorais, o que impactou a competição política, ainda que em nível e escopo inferiores aos da Rússia.

O uso do discurso da "quinta coluna" em referência a minorias étnicas russas e russófonas se assemelha ao discurso do *trade-off*: a diversidade étnica representaria uma ameaça à integridade

[562] A Ucrânia não conta com a mesma dotação de recursos naturais e *commodities* que a Rússia.
[563] O *Zerkalo Nedeli*, o *Ukrayinska Pravda* e o *Obozrevatel*.

territorial e estabilidade do país, principalmente em períodos eleitorais. A partir da crise de 2014 seu uso contra minorias caiu consideravelmente, o que pode ser uma consequência do esforço das elites em apresentar o conflito como um problema externo, sem bases sociais domésticas significativas. Em alguns artigos, houve alusão à ideia de que ao aceitar a secessão do Donbass e da Crimeia, a Ucrânia poderia superar a disputa "civilizacional" entre russófilos e ucranianófilos em benefício dos últimos e seguir no rumo da integração europeia – está implícito o argumento de que a diversidade étnica e identitária no país constitui um obstáculo à concretização de objetivos nacionais.

O conflito foi instrumentalizado para justificar decisões controversas, como o banimento do Partido Comunista da Ucrânia, pelo apoio de suas lideranças a separatistas no Donbass; o fechamento de canais de televisão e rádios pró-Rússia; a abertura de processos contra jornalistas e políticos; e a proibição de alguns filmes e programas russos. Argumentou-se que era necessário combater os colaboradores do "país agressor" e alcançar um equilíbrio entre o respeito às liberdades de expressão e a garantia da segurança nacional. Ainda que o grau de competitividade na política ucraniana tenha permanecido alto mesmo após essas medidas (o incumbente foi derrotado em 2019), o discurso da "quinta coluna" contribuiu para restringir o escopo da competição. Abaixo resumo os mecanismos dos casos da Rússia e da Ucrânia em três etapas:

Tabela C.2 Mecanismos discursivos dos casos da Rússia e da Ucrânia

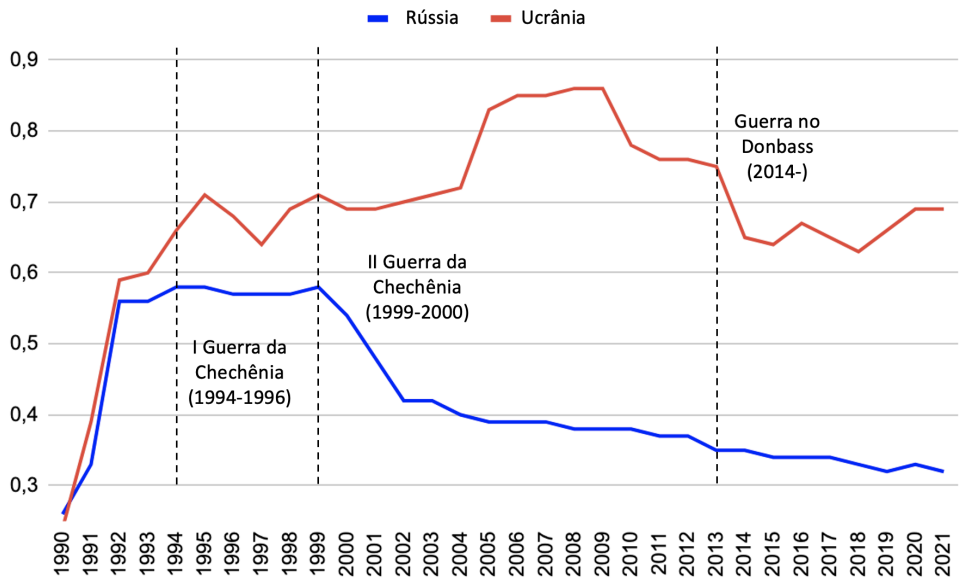
Fonte do conflito (elemento preponderante e abordagem das elites)		Narrativa		Resultado
Interna	→	Instituições liberais inaptas para conter ameaça interna (discurso do *trade-off* entre democracia e ordem)	→	Legitimação de mudanças institucionais autoritárias, restrição da competição política (recurso não material de poder)
Externa	→	Integração com Ocidente como meio de conter ameaça externa / Ameaça das forças internas aliadas ao inimigo (discurso da “quinta coluna”)	→	Pressões por liberalização, mas uso de sanções contra grupos específicos / restrição da competição política

Fonte: elaborado pelo autor.

Tanto as elites russas quanto ucranianas fizeram referências a momentos históricos para justificar a necessidade de um Estado coeso e unido: as primeiras destacaram que os momentos em que o Estado russo passou por enfraquecimento e descentralização, houve secessionismos e ameaça à integridade territorial, como a Revolução de 1917 e a desintegração da URSS; já as últimas mencionaram ocasiões em que, dadas as disputas políticas e os facciosismos entre as elites, as oportunidades de independência da Ucrânia foram engolidas pelo expansionismo russo,

sobretudo no período de 1918 a 1923 conhecido como *Otamanshchyna*. A competição e as disputas políticas características de regimes democráticos são por vezes apresentadas como uma ameaça à união da sociedade e das elites e à estabilidade político-social. A democracia, em especial a livre competição política, teria um potencial deletério à coesão social nacional, territorial e estatal. Logo, em ambos os casos de conflito foram adotadas restrições à competição política, mas com uma distinção significativa em profundidade e escopo: na Rússia, a competição foi amplamente restringida e a democratização sacrifica sob o argumento da necessidade de proteção do Estado – a concepção de *trade-off* entre ambos os objetivos; já na Ucrânia, a competição foi parcialmente restringida alegando a necessidade de se proteger tanto o Estado quanto a própria democracia. O gráfico abaixo ilustra essa diferença na profundidade de impacto dos conflitos em ambos os países. Mesmo após o início da guerra no Donbass, a competição política na Ucrânia segue muito acima da competição na Rússia, mas em patamar inferior ao verificado após a Revolução Laranja de 2004. Ainda é cedo para estimar qual será o impacto da invasão russa de larga escala em 2022. Na Rússia, a centralização administrativa na figura do presidente foi reforçada pela centralização do sistema partidário – a hegemonia do "partido do poder" no parlamento terminou por erodir o sistema de pesos e contrapesos; por sua vez, na Ucrânia a centralização administrativa foi contrabalanceada pela regionalização (polarização regional) e fragmentação do sistema partidário – foram poucos os momentos em que o incumbente pode contar com um partido forte e coeso no parlamento.

Figura C1. Índice de liberdade de associação, *Varieties of Democracy*



Fonte: elaborado pelo autor com base em Coppedge et al. (2021).

Finalmente, é imprescindível aludirmos aos motivos pelos quais as elites ucranianas não contaram com incentivos para mobilizar uma polarização entre *in-groups* e *out-groups* que pudesse embasar uma narrativa de *trade-off* entre democracia e ordem. Cinco fatores foram fundamentais: (a) A complexidade das clivagens identitárias na Ucrânia. Diferentemente da Rússia, onde há uma distinção nítida entre *in-groups* e *out-groups*, na Ucrânia há uma série de clivagens (etnia, línguas, regiões e orientação geopolítica) que ora se sobrepõem, ora são transversais. No governo Yanukovich, ucranianos étnicos estiveram sub-representados. As clivagens sofreram alterações e se acirraram ao longo dos anos – a divisão russófonos-ucranianófonos em 2014 não era a mesma que em 1991. A dicotomia *in-groups* / *out-groups* é, portanto, pouco aplicável ao caso ucraniano. (b) Tamanho demográfico dos grupos e incentivos eleitorais dos *swing voters*. Uma vez que as clivagens não são tão definidas e a distinção entre minorias e maiorias é complexa, não há incentivos para mobilizar as divisões no âmbito nacional, embora haja no âmbito regional. Abordar o conflito no Donbass como um problema integralmente externo, em vez de interno, pode constituir uma estratégia mais eficaz para promover o "rally 'round the flag" e angariar o apoio transversal dos diferentes grupos. (c) A baixa saliência das fronteiras étnicas. Enquanto na Rússia as divisões étnicas são definidas e envolvem atributos como religião e mesmo raça, na Ucrânia a distinção cultural entre russos e ucranianos e mesmo entre russófonos e ucranianófonos não é tão definida. São comuns casos de miscigenação e o uso alternado das línguas russa e ucraniana. (d) Ausência de animosidades. Na Rússia, há um histórico de animosidades étnicas, principalmente com os povos do Cáucaso Norte, enquanto na Ucrânia não há animosidades significativas entre ucranianos e russos étnicos. Após o fim da URSS, russos e russófonos apoiaram a independência ucraniana. Movimentos autonomistas e secessionistas respectivamente no Donbass e na Crimeia foram resolvidos de forma pacífica nos anos 1990. As elites podem ter adotado um posicionamento moderado tanto por temerem a ocorrência de conflitos, contrariamente, por não terem ocorrido conflitos que lhes oferecessem incentivos e oportunidades à radicalização. (e) Preocupação em acirrar sentimentos irredentistas. O fato de haver uma concentração de russos étnicos e comunidades russófonas próximo à fronteira com a Rússia pode ter coagido as lideranças ucranianas a evitar explorar divisões entre *in-groups* e *out-groups*. A interferência militar russa direta em conflitos separatistas na Moldávia e na Geórgia desde os anos 1990 evidenciaram que o vizinho estaria disposto a apoiar movimentos irredentistas. Após 2014, as elites podem ter evitado abordar a crise do Donbass como um problema separatista visando não aprofundar clivagens identitárias e, destarte, facilitar a reincorporação da região ao território.

Ambos os casos analisados evidenciaram que conflitos constituem uma importante fonte não material de poder, com alto potencial de afetar a competição política doméstica, a legitimidade de regimes e a durabilidade autoritária. Minha análise teve como foco o conflito na Ucrânia antes da invasão russa de 2022. Ainda é cedo para estimarmos os efeitos que o agravamento da crise terá para a política ucraniana, mas já há indícios de que a restrição da competição política tem se expandido, com o banimento de alguns partidos de oposição pelos vínculos de algumas de suas lideranças com a Rússia. Tanto o discurso do *trade-off* quanto o discurso da "quinta coluna" impactaram a competição política, ainda que em diferentes graus e profundidade, contingentes à fonte da ameaça. Não argumento que o conflito checheno tenha sido a causa do autoritarismo na Rússia, fenômeno que envolveu uma série de fatores e dinâmicas, mas sim que tenha concorrido para a sua legitimação, com efeitos substanciais no apoio ao regime e a Putin, na sua concepção como líder eficaz, na união da sociedade em torno de sua figura frente a inimigos internos e externos e no consentimento com o fortalecimento de seus poderes institucionais.

O debate entre democracia e ordem e as questões cobertas nesta tese também remontam à discussão normativa entre relativismo e universalismo da democracia liberal, entre direito à autodeterminação dos povos e respeito à soberania territorial, além de levantar questionamentos sobre em que medida direitos e liberdades podem ser restringidos com a finalidade ou justificativa de assegurar a proteção da própria democracia e do Estado.

Os achados desta tese podem contribuir para as literaturas de psicologia política, "rally 'round the flag", legitimação de regimes autoritários, democracia "militante", conflitos separatistas e étnicos, problemas de *stateness* e democratização em sociedades divididas e em estados pós-socialistas. A relação entre conflitos e democratização é de grande relevância para compreendermos transições políticas no Sul Global e no Leste Europeu. Estudos *follow-up* poderão testar os argumentos desta pesquisa em outros casos de conflito, examinando seus efeitos nas percepções de ameaças societais e preferências autoritárias, nas narrativas e estratégias de elites, bem como nas abordagens interna e externa instrumentalizadas para a restrição da competição política. Também poderão verificar como a construção e manipulação de identidade e divisões dialoga com a literatura de propaganda autoritária e desinformação.

Em pesquisas de N médio que já venho conduzindo, identifiquei uma alta preferência por ordem em detrimento de liberdades e questões econômicas em países que passaram por conflitos étnicos e separatistas nos anos 1990. Também encontrei uma correlação significativa entre percepções de minorias como ameaça social e preferências autoritárias em outros estados do Leste Europeu. No caso da Sérvia, em meio aos conflitos étnicos da ex-Iugoslávia, a percepção de minorias como ameaça registrou valores significativamente altos. Em uma análise dos discursos

do presidente do Cazaquistão desde os anos 1990, constatei que o discurso do *trade-off* foi intensamente mobilizado para legitimar as transformações autoritárias e o regime. Embora o país não tenha passado por conflitos na transição, havia um temor de que conflitos pudessem ser despertados dadas as tensões étnicas em outras ex-repúblicas soviéticas (efeito demonstração) e a concentração de russos étnicos próxima à fronteira com a Rússia. Assim como na Rússia e, ao contrário da Ucrânia, a delimitação entre *in-groups* e *out-groups* é consideravelmente nítida no país.

Outros estudos *follow-up* poderão abordar como a atual guerra tem impactado a política doméstica ucraniana e como o conflito na chechênia afetou outras dimensões da política russa, como o fortalecimento político do setor de segurança e do *establishment* militar, a militarização da sociedade e a nostalgia em relação ao período soviético – é notável o apelo de Putin ao passado, o que remete à "síndrome pós-imperial"[564] nacionalista de parte das elites e da sociedade em contestação à dissolução da URSS. Também poderão verificar em que medida o "pacto por segurança" pode ter sido tão efetivo para a popularidade de Putin quanto os ganhos econômicos dos anos 2000 e qual é a lógica por trás do apoio de minorias ao regime autoritário (por ex. o incumbente pode ser percebido como a "pedra angular" da estabilidade das relações interétnicas).

Finalmente, acredito que os resultados desta pesquisa possam ter algumas implicações práticas para a promoção da democracia, especialmente em um momento em que democracias vêm sofrendo ataques populistas no mundo todo. Em processos de democratização é imprescindível evitar conflitos, buscando instituições consensuais e consociativistas que possam acomodar os interesses das minorias. Tais instituições podem reforçar clivagens identitárias no longo prazo, mas os efeitos de conflitos para o regime político podem ser ainda mais deletérios. Ademais, mostrei que a concepção de *trade-offs* entre ordem e democracia é mais uma estratégia discursiva de elites para circunscrever a competição política e garantir a hegemonia do incumbente no sistema político do que um fenômeno real e inevitável – outras opções institucionais, que escapam ao escopo desta tese, são possíveis para garantir um regime pluralista e estável. O conhecimento científico tem um papel fundamental na identificação e desconstrução desse tipo de discurso.

[564] Ver Zubarevich (2016).

Bibliografia

Obras acadêmicas

ABRAMSON, P. R.; INGLEHART, R. Value Change in Global Perspective. University of Michigan Press, 1995.

AHMED, A.; SIL, R. When Multi-Method Research Subverts Methodological Pluralism—or, Why We Still Need Single-Method Research. Perspectives on Politics, v. 10, n. 4, p. 935–953, dez. 2012.

ALESINA, A. et al. Fractionalization. Journal of Economic Growth, v. 8, n. 2, p. 155–194, 2003.

ALLPORT, G. The nature of prejudice. Cambridge, Mass.: Addison-Wesley Publishing Company, 1954.

ALTEMEYER, B. Right-wing Authoritarianism. Winnipeg: University of Manitoba Press, 1981.

ANDERSON, B. Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso, 1983.

AREL, D.; WILSON, A. The Ukrainian Parliamentary Elections. RFE/RL Research Report, v. 3, n. 26, 1994.

AREL, D. How Ukraine has become more Ukrainian. Post-Soviet Affairs, v. 34, n. 2–3, p. 186–189, 4 maio 2018.

BEISSINGER, M. A New Look at Ethnicity and Democratization. Journal of Democracy, v. 19, n. 3, p. 85–97, 2008.

BERREBI, C.; KLOR, E. F. Are Voters Sensitive to Terrorism? Direct Evidence from the Israeli Electorate. American Political Science Review, v. 102, n. 3, p. 279–301, ago. 2008.

BIRCH, S. Interpreting the Regional Effect in Ukrainian Politics. Europe-Asia Studies, v. 52, n. 6, p. 1017–1041, 2000.

BREMMER, I.; WELT, C. The trouble with democracy in Kazakhstan. Central Asian Survey, v. 15, n. 2, p. 179–199, 1 jun. 1996.

BROWN, K. A biography of no place: from ethnic borderland to Soviet heartland. 1. Harvard Univ. Press paperback ed ed. Cambridge, Mass. London: Harvard University Press, 2005.

BRUBAKER, R. Nationalism Reframed: Nationhood and the National Question in the New Europe. Cambridge University Press, 1996.

BUNCE, V. Rethinking Recent Democratization: Lessons from the Postcommunist Experience. World Politics, v. 55, n. 2, p. 167–192, jan. 2003.

BUNCE, V. Subversive institutions: the design and the destruction of socialism and the state. Cambridge University Press, 1999.

BUNCE, V. The National Idea: Imperial Legacies and Post-Communist Pathways in Eastern Europe. East European Politics and Societies: and Cultures, v. 19, n. 3, p. 406–442, ago. 2005.

BURKHARDT, F. The institutionalization of relative advantage: formal institutions, subconstitutional presidential powers, and the rise of authoritarian politics in Russia, 1994–2012. Post-Soviet Affairs, v. 33, n. 6, p. 472–495, 2 nov. 2017.

CAMERON, D. R. Post-Communist Democracy: The Impact of the European Union. Post-Soviet Affairs, v. 23, n. 3, p. 185–217, jul. 2007.

CANETTI, D. et al. Exposure to Violence, Ethos of Conflict, and Support for Compromise: Surveys in Israel, East Jerusalem, West Bank, and Gaza. Journal of Conflict Resolution, v. 61, n. 1, p. 84–113, jan. 2017.
CARRÈRE D'ENCAUSSE, H. L'empire éclaté: la révolte des nations en U.R.S.S. Paris: Flammarion, 1978.
CEDERMAN, L.-E.; GLEDITSCH, K. S.; HUG, S. Elections and Ethnic Civil War. Comparative Political Studies, v. 46, n. 3, p. 387–417, mar. 2013.
CHANDRA, K. Cumulative Findings in the Study of Ethnic Politics. APSA-CP, v. 12, n. 1, p. 7–11, 2001.
COHEN, F. S. Proportional Versus Majoritarian Ethnic Conflict Management in Democracies. Comparative Political Studies, v. 30, n. 5, p. 607–630, out. 1997.
COLLIER, D. The Comparative Method. Rochester, NY: Social Science Research Network, 1993. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=1540884>. Acesso em: 5 abr. 2022.
COLLINS, K. The Logic of Clan Politics: Evidence from the Central Asian Trajectories. World Politics, v. 56, n. 2, p. 224–261, jan. 2004.
COLTON, T. J.; MCFAUL, M. Are Russians Undemocratic? Post-Soviet Affairs, v. 18, n. 2, p. 91–121, abr. 2002.
COLTON, T. Yeltsin, a life. First Trade Paper Edition edition ed. New York, NY: Basic Books, 2008.
CONNOR, W. The national question in Marxist-Leninist theory and strategy. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1984.
DAHL, R. A. Polyarchy: participation and opposition. New Haven, Conn: Yale University Press, 1971.
DARDEN, K. The Integrity of Corrupt States: Graft as an Informal State Institution. Politics & Society, v. 36, n. 1, p. 35–59, mar. 2008.
DARDEN, K.; GRZYMALA-BUSSE, A. The Great Divide: Literacy, Nationalism, and the Communist Collapse. World Politics, v. 59, n. 1, p. 83–115, out. 2006.
DAVIS, D. W.; SILVER, B. D. Civil Liberties vs. Security: Public Opinion in the Context of the Terrorist Attacks on America. American Journal of Political Science, v. 48, n. 1, p. 28–46, 1 jan. 2004.
DESAI, R. M.; OLOFSGÅRD, A.; YOUSEF, T. M. The Logic of Authoritarian Bargains. Economics & Politics, v. 21, n. 1, p. 93–125, mar. 2009.
DIAMOND, L. J. Developing democracy: toward consolidation. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
DROBIZHEVA, L. Zavoyevaniya demokratii i etnonatsional'nyye problemy Rossii: (chto mozhet i chego ne mozhet dat' demokratizatsiya) [Conquistas da democracia e problemas étnico-nacionais da Rússia: (O que a democratização pode e não pode dar)]. Em: Dvadtsat' let rossiyskoy transformatsii [Vinte anos de transformação russa], 2005. p. 16–28.
DUCKITT, J.; BIZUMIC, B. Multidimensionality of Right-Wing Authoritarian Attitudes: Authoritarianism-Conservatism-Traditionalism. Political Psychology, v. 34, n. 6, p. 841–862, 2013.
DUCKITT, J.; FISHER, K. The Impact of Social Threat on Worldview and Ideological Attitudes. Political Psychology, v. 24, n. 1, p. 199–222, 1 mar. 2003.

DUCKITT, J.; SIBLEY, C. G. Personality, Ideology, Prejudice, and Politics: A Dual-Process Motivational Model: Dual-Process Motivational Model. Journal of Personality, v. 78, n. 6, p. 1861–1894, dez. 2010.

EASTER, G. M. Preference for Presidentialism: Postcommunist Regime Change in Russia and the NIS. World Politics, v. 49, n. 2, p. 184–211, 1997.

EASTON, D. A Systems Analysis of Political Life. John Wiley and Sons, Inc., 1965.

EDIEV, D. Demograficheskiye poteri deportirovannykh narodov SSSR [Perdas demográficas dos povos deportados da URSS]. Demoscope, Polit.ru, 27 fev. 2004.

ELSTER, J.; OFFE, C.; PREUSS, U. (EDS.). Institutional Design in Post-Communist Societies: Rebuilding the Ship at Sea. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. v. 18

EVANGELISTA, M. Is Putin the New de Gaulle? A Comparison of the Chechen and Algerian Wars. Post-Soviet Affairs, v. 21, n. 4, p. 360–377, out. 2005.

FEARON, J. D. Ethnic and Cultural Diversity by Country. Journal of Economic Growth, v. 8, n. 2, p. 195–222, 2003.

FEARON, J. D.; LAITIN, D. D. Explaining Interethnic Cooperation. American Political Science Review, v. 90, n. 4, p. 715–735, dez. 1996.

FEDORENKO, K.; RYBIY, O.; UMLAND, A. The Ukrainian Party System before and after the 2013–2014 Euromaidan. Europe-Asia Studies, v. 68, n. 4, p. 609–630, 20 abr. 2016a.

FELDMAN, S.; STENNER, K. Perceived Threat and Authoritarianism. Political Psychology, v. 18, n. 4, p. 741–770, 1997.

FERRARO, V. An Overview of the Russian Post-Soviet Political System from Yeltsin to Putin. Em: Karl Marx and Russia: pre-socialist, socialist and post-socialist experiences and visions. 1. ed. São Paulo, SP: FFLCH-USP, 2019. p. 105–143.

FERRARO, V. Democratization in Post-Socialist States: An Overview of the Literature on Political Transition in Eastern Europe and the Post-Soviet Space. Em: SEGRILLO, A. (Ed.). Russia and Russians in different contexts. 1. ed. São Paulo, Brasil: FFLCH/USP, 2021. v. 1p. 115–139.

FERRARO, V. O Etnofederalismo e a Formação das Repúblicas Soviéticas: Reflexões sobre a Questão Nacional e os Impactos das Políticas Étnicas Adotadas após a Revolução Russa. Anais do Encontro da ABRI de 2017. ABRI, 2017. Disponível em: <https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498367680_ARQUIVO_V.G.FerraroJr.-OEtnofederalismoeaFormacaodasRepublicasSovieticas.pdf>. Acesso em: 10.03.2022.

FISH, M. S. (MICHAEL S. Stronger Legislatures, Stronger Democracies. Journal of Democracy, v. 17, n. 1, p. 5–20, 2006.

FISH, M. S. Democracy Derailed in Russia: The Failure of Open Politics. 1. ed. Cambridge University Press, 2005.

FISH, M. S. Democratization's Requisites: The Postcommunist Experience. Post-Soviet Affairs, v. 14, n. 3, p. 212–247, jul. 1998.

FISH, M. S.; BROOKS, R. S. Does Diversity Hurt Democracy? Journal of Democracy, v. 15, n. 1, p. 154–166, 2004.

FREDRIKSSON, A.; OLIVEIRA, G. M. DE. Impact evaluation using Difference-in-Differences. RAUSP Management Journal, v. 54, p. 519–532, 13 dez. 2019.

FROMM, E. Escape from freedom. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1941.

FRYE, T. A Politics of Institutional Choice: Post-Communist Presidencies. Comparative Political Studies, v. 30, n. 5, p. 523–552, out. 1997.

FRYE, T. Building States and Markets after Communism: The Perils of Polarized Democracy. Disponível em: </core/books/building-states-and-markets-after-communism/078E3ACA4136EA81C5637970309DA598>. Acesso em: 3 mar. 2020.
FRYE, T. In From the Cold: Institutions and Causal Inference in Postcommunist Studies. Annual Review of Political Science, v. 15, n. 1, p. 245–263, 15 jun. 2012.
FUKUYAMA, F. Building Democracy After Conflict: “Stateness” First. Journal of Democracy, v. 16, n. 1, p. 84–88, 27 jan. 2005.
GAGNON, V. P. Ethnic Nationalism and International Conflict: The Case of Serbia. International Security, v. 19, n. 3, p. 130–166, 1994.
GARCIA-MONTALVO, J.; REYNAL-QUEROL, M. Ethnic Polarization, Potential Conflict, and Civil Wars. SSRN Electronic Journal, 2004.
GEDDES, B. What Do We Know About Democratization After Twenty Years? Annual Review of Political Science, v. 2, n. 1, p. 115–144, jun. 1999.
GEERTZ, C. The interpretation of cultures: selected essays. New York: Basic Books, 1973.
GELLNER, E. Nations and Nationalism: New Perspectives on the PastCornell University Press, , 1983.
GELMAN, V. Avtoritarnaya Rossiya: Begstvo ot svobody, ili Pochemu u nas ne prizhivayetsya demokratiya [A Rússia autoritária: Fuga da liberdade, ou por que a democracia não se enraíza em nosso país]. Moscow: Govard Rork ed., 2021.
GELMAN, V. Post-Soviet Transitions and Democratization: Towards Theory-Building. Democratization, v. 10, n. 2, p. 87–104, maio 2003.
GERRING, J. Case Selection for Case-Study Analysis: Qualitative and Quantitative Techniques. Oxford University Press, 2009. v. 1
GERRING, J.; HOFFMAN, M.; ZARECKI, D. The Diverse Effects of Diversity on Democracy. British Journal of Political Science, v. 48, n. 2, p. 283–314, abr. 2018.
GETMANSKY, A.; ZEITZOFF, T. Terrorism and Voting: The Effect of Rocket Threat on Voting in Israeli Elections. American Political Science Review, v. 108, n. 3, p. 588–604, ago. 2014.
GIBSON, J. L.; GOUWS, A. Social Identities and Political Intolerance: Linkages within the South African Mass Public. American Journal of Political Science, v. 44, n. 2, p. 278–292, 2000.
GINSBURG, T.; ELKINS, Z.; MELTON, J. The Content of Authoritarian Constitutions. Constitutions in Authoritarian Regimes, 1 jan. 2013.
GIULIANO, E. The Social Bases of Support for Self-determination in East Ukraine. Ethnopolitics, v. 14, n. 5, p. 513–522, 20 out. 2015.
GIULIANO, E. Who supported separatism in Donbas? Ethnicity and popular opinion at the start of the Ukraine crisis. Post-Soviet Affairs, v. 34, n. 2–3, p. 158–178, 4 maio 2018.
GOODE, J. P. Russia’s ministry of ambivalence: the failure of civic nation-building in post-Soviet Russia. Post-Soviet Affairs, v. 35, n. 2, p. 140–160, 4 mar. 2019.
GORDIN, Y. Kavkazskaya Atlantida. 300 let voyny [A Atlântida do Cáucaso: 300 anos de guerra]. Moscow: Vremya, 2014.
GRZYMALA-BUSSE, A. Rebuilding Leviathan: Party Competition and State Exploitation in Post-Communist Democracies. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
GURIEV, S.; TREISMAN, D. Informational Autocrats. Journal of Economic Perspectives, v. 33, n. 4, p. 100–127, 1 nov. 2019.
GURIEV, S.; TREISMAN, D. The new authoritarianism. VoxEU.org, 21 mar. 2015. Disponível em: <https://voxeu.org/article/new-authoritarianism>. Acesso em: 25 nov. 2021

HAHN, G. M. The Impact of Putin's Federative Reforms on Democratization in Russia. Post-Soviet Affairs, v. 19, n. 2, p. 114–153, jan. 2003.
HALE, H. E. Russian Patronal Politics Beyond Putin. Daedalus, v. 146, n. 2, p. 30–40, 1 abr. 2017.
HALE, H. Patronal Politics: Eurasian Regime Dynamics in Comparative Perspective. New York, NY: Cambridge University Press, 2014.
HELLMAN, J. S. Winners Take All: The Politics of Partial Reform in Postcommunist Transitions. World Politics, v. 50, n. 2, p. 203–234, 1998.
HELMKE, G.; LEVITSKY, S. Informal Institutions and Comparative Politics: A Research Agenda. Perspectives on Politics, v. 2, n. 04, p. 725–740, dez. 2004.
HERRERA, Y. M. Russian Economic Reform, 1991–1999. Em: BARANY, Z.; MOSER, R. G. (Eds.). Russian Politics. 1. ed. Cambridge University Press, 2001. p. 135–173.
HETHERINGTON, M. J.; WEILER, J. D. Authoritarianism and Polarization in American Politics. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
HOBBES, T. Leviatã, ou, A Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesástico e Civil. São Paulo: Ícone, 2000 [1651].
HOROWITZ, D. L. Ethnic Groups in Conflict. Berkeley: University of California Press, 1985.
HOROWITZ, D. L. The alternative vote and interethnic moderation: A reply to Fraenkel and Grofman. Public Choice, v. 121, n. 3–4, p. 507–517, dez. 2004.
HOWARD, M. M. The Weakness of Civil Society in Post-Communist Europe. 1st edition ed. Cambridge, U.K. ; New York, NY: Cambridge University Press, 2003.
HUGHES, J. The Russo-Chechen conflict. Em: GILL, G.; YOUNG, J. (Eds.). . Routledge Handbook of Russian Politics and Society. Routledge, 2012.
HUGHES, J.; SASSE, G. Conflict and Accommodation in the Former Soviet Union: The Role of Institutions and Regimes. Regional & Federal Studies, v. 11, n. 3, p. 220–240, set. 2001.
HUGHES, J.; SASSE, G. Conflict and Accommodation in the Former Soviet Union: The Role of Institutions and Regimes. Regional & Federal Studies, v. 11, n. 3, p. 220–240, set. 2001.
HUNTINGTON, S. P. The Clash of Civilizations? Foreign Affairs 72(3), p. 22–49, 1993.
HUSKEY, E. Presidential Power in Russia. 1 edition ed. Routledge, 1997.
ISAACS, R. Informal politics and the uncertain context of transition: revisiting early stage non-democratic development in Kazakhstan. Democratization, v. 17, n. 1, p. 1–25, fev. 2010.
JANOS, A. East Central Europe in the Modern World: The Politics of the Borderlands from Pre- to Postcommunism. Stanford, California: Stanford University Preuss, 2000.
JONES, N. P. "Assembling" a Civic Nation in Kazakhstan: The Nation-Building Role of the Assembly of the Peoples of Kazakhstan. Caucasian Review of International Affairs, v. 4, n. Spring, p. 159–168, 2010.
JOST, J. T. et al. Political conservatism as motivated social cognition. Psychological Bulletin, v. 129, n. 3, p. 339–375, 2003.
KATCHANOVSKI, I. The Separatist War in Donbas: A Violent Break-up of Ukraine? †. European Politics and Society, v. 17, n. 4, p. 473–489, out. 2016.
KITSCHELT, H. et al. Post-Communist Party Systems: Competition, Representation, and Inter-Party Cooperation. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
KLEIN, G. R.; MACHAIN, C. M.; TOKDEMIR, E. Trump Gambles on American Racial TensionPolitical Violence at a Glance, 7 set. 2020. Disponível em: <https://politicalviolenceataglance.org/2020/07/09/trump-gambles-on-american-racial-tension/>. Acesso em: 28 out. 2020

KLEIN, G. R.; TOKDEMIR, E. Domestic diversion: Selective targeting of minority out-groups. Conflict Management and Peace Science, v. 36, n. 1, p. 20–41, jan. 2019.
KOPSTEIN, J. S.; REILLY, D. A. Geographic Diffusion and the Transformation of the Postcommunist World. World Politics, v. 53, n. 1, p. 1–37, 2000.
KUDELIA, S. Domestic Sources of the Donbas Insurgency. PONARS Eurasia, 29 set. 2014. Disponível em: <https://www.ponarseurasia.org/new-policy-memo-domestic-sources-of-the-donbas-insurgency/>. Acesso em: 26 maio. 2021.
KUZIO, T. Nationalism, identity and civil society in Ukraine: Understanding the Orange Revolution. Communist and Post-Communist Studies, v. 43, n. 3, p. 285–296, 1 set. 2010.
KUZIO, T. The national factor in Ukraine's quadruple transition. Contemporary Politics, v. 6, n. 2, p. 143–164, jun. 2000.
KUZIO, T. Ukraine: state and nation building. London ; New York: Routledge, 1998.
KYMLICKA, W. Multicultural Citizenship: A Liberal Theory of Minority Rights. Oxford, UK: Oxford University Press, 1995.
LAITIN, D. D. Identity in formation: the Russian-speaking populations in the near abroad. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
LENTON, A. Last Man Standing: What the Latest Dispute Over Tatarstan's Presidency Tells Us About the Enduring Ethnic Factor in Russian Politics. PONARS Eurasia Policy Memo No. 719, 5 nov. 2021.
LEVITSKY, S. R.; WAY, L. A. Beyond Patronage: Violent Struggle, Ruling Party Cohesion, and Authoritarian Durability. Perspectives on Politics, v. 10, n. 4, p. 869–889, dez. 2012.
LEVITSKY, S.; WAY, L. A. Competitive Authoritarianism: Hybrid Regimes after the Cold War. Cambridge University Press, 2010.
LIEVEN, A. Chechnya: Tombstone of Russian Power. New Haven: Yale University Press, 1999.
LIJPHART, A. Democracy in plural societies: A comparative exploration. New Haven, CT: Yale University Press, 1977.
LIJPHART, A. Consociational Theory: Problems and Prospects. A Reply. Comparative Politics, v. 13, n. 3, p. 355, abr. 1981.
LIJPHART, A. Constitutional Design for Divided Societies. Journal of Democracy, v. 15, n. 2, p. 96–109, 2004.
LINZ, J. J. Democracy Today: An Agenda for Students of Democracy Lecture Given by the Winner of the Johan Skytte Prize in Political Science, Uppsala, September 28, 1996. Scandinavian Political Studies, 1 jan. 1997.
LINZ, J. J.; STEPAN, A. Problems of Democratic Transition and Consolidation: Southern Europe, South America, and Post-Communist Europe. JHU Press, 1996.
LOEWENSTEIN, K. Militant Democracy and Fundamental Rights, I. The American Political Science Review, v. 31, n. 3, p. 417–432, jun. 1937.
LUSTICK, I. Stability in Deeply Divided Societies: Consociationalism versus Control. World Politics, v. 31, n. 3, p. 325–344, abr. 1979.
MACHAIN, C. M.; ROSENBERG, L. Domestic diversion and strategic behavior by minority groups: Conflict Management and Peace Science, 10 ago. 2016.
MACKLEM, P. Militant democracy, legal pluralism, and the paradox of self-determination. International Journal of Constitutional Law, v. 4, n. 3, p. 488–516, 1 jul. 2006.

MAKARENKO, B. et al. Demokratiya - razvitie rossiyskoy modeli [Democracia - o desenvolvimento do modelo russo]. Moscow: Biblioteka Instituta sovremennogo razvitiya, “Ekoninform”, 2008.
MAKARENKO, B.; MELVIL, A. Kak i pochemu zavisayut demokraticheskie tranzity: postkommunisticheskiye uroki [Como e por que as transições democráticas são interrompidas: lições pós-comunistas]. Em: MELESHKINA, E.; ET AL (Eds.). Politicheskaya nauka 2014 - Postkommunisticheskiye transformatsiy: politicheskiye instituty i protsessy [Ciência Política 2014 - Transformações Pós-Comunistas: Instituições e Processos Políticos]. Moscow: INION RAN, 2014. p. 9–39.
MALASHENKO, A. Islam dlya Rossii [Islã para a Rússia]. Moscow: Carnegie Moscow Center; Rossiyskaya politicheskaya entsiklopediya (ROSSPEN), 2007.
MALASHENKO, A.; TRENIN, D. Vremya Yuga: Rossiya v Chechnye, Chechnya v Rossiy [O tempo do Sul: a Rússia na Chechênia e a Chechênia na Rússia]. Moscow: Gendalf, Carnegie Endowment for International Peace, 2002.
MARQUARDT, K. L.; HERRERA, Y. M. Ethnicity as a Variable: An Assessment of Measures and Data Sets of Ethnicity and Related Identities*: Ethnicity as a Variable. Social Science Quarterly, v. 96, n. 3, p. 689–716, set. 2015.
MARTIN, T. The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923–1939. Cornell University Press, 2001.
MASLOW, A. H. Motivation and Personality. First ed. New York, NY: Harper & Row, Publishers, Inc., 1954.
MEIJER, R. How Dictatorships Work. Em: The Crisis of Citizenship in the Arab World. BRILL, 2017.
MERKEL, W.; WEIFFEN, B. Does Heterogeneity Hinder Democracy? Comparative Sociology, v. 11, n. 3, p. 387–421, 2012.
MILL, J. S. Essays on politics and society. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1977 [1861].
MITROKHIN, N. Ukrainskiy konflikt v 2014 godu: khronika krovavoy rekonstruktsiy [O conflito ucraniano em 2014: crônica de uma reconstrução sangrenta]. Neprikosnovennyi zapas, v. 1, n. 99, 2015.
MØLLER, J.; SKAANING, S.-E. Stateness first? Democratization, v. 18, n. 1, p. 1–24, fev. 2011.
MUELLER, J. E. Presidential Popularity from Truman to Johnson. American Political Science Review, v. 64, n. 1, p. 18–34, mar. 1970.
MUELLER, J. E. War, Presidents, and Public Opinion. New York: John Wiley & Sons, 1973.
MURRAY, C. Dirty Diplomacy: The Rough-and-Tumble Adventures of a Scotch-Drinking, Skirt-Chasing, Dictator-Busting and Thoroughly Unrepentant Ambassador Stuck on the Frontline of the War Against Terror. New York: Scribner, 2007.
NORRIS, P.; INGLEHART, R. Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism. Disponível em: </core/books/cultural-backlash/3C7CB32722C7BB8B19A0FC005CAFD02B>. Acesso em: 27 out. 2020.
OFFE, C. “Homogeneity” and Constitutional Democracy: Coping with Identity Conflicts through Group Rights. Journal of Political Philosophy, v. 6, n. 2, p. 113–141, jun. 1998.
OFFE, C. Capitalism by Democratic Design? Democratic Theory Facing the Triple Transition in East Central Europe. Nationalism in Central and Eastern Europe, WINTER 1991. v. 58, n. 4, p. 29, 1991.

ONRAET, E. et al. Internal and External Threat in Relationship With Right-Wing Attitudes. Journal of Personality, v. 81, n. 3, p. 233–248, 1 jun. 2013.
OSLO (PRIO), P. P. I. Elections and Ethnic Civil War. Disponível em: <https://www.prio.org/Publications/Publication/?x=6906>. Acesso em: 27 out. 2020.
PACHIRAT, T. Shouts And Murmurs: The Ethnographer'S Potion. 30 set. 2009.
PAIN, E. The Chechen War in the Context of Contemporary Russian Politics. Em: SAKWA, R. (Ed.). Chechnya: From Past to Future. Anthem Press, 2005. p. 67–78.
PETTIGREW, T. F.; TROPP, L. R. A meta-analytic test of intergroup contact theory. Journal of Personality and Social Psychology, v. 90, n. 5, p. 751–783, 2006.
POHL, J. O. Ethnic cleansing in the USSR, 1937-1949 / J. Otto Pohl. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1999.
POP-ELECHES, G.; TUCKER, J. A. Associated with the Past?: Communist Legacies and Civic Participation in Post-Communist Countries. East European Politics and Societies: and Cultures, v. 27, n. 1, p. 45–68, fev. 2013.
POSNER, D. N. The Political Salience of Cultural Difference: Why Chewas and Tumbukas Are Allies in Zambia and Adversaries in Malawi. American Political Science Review, v. 98, n. 4, p. 529–545, nov. 2004.
PROTSYK, O. Majority-minority relations in the Ukraine. JEMIE - Journal on ethnopolitics and minority issues in Europe, v. Vol. 7, n. 1, p. 42, 2008.
PRZEWORSKI, A. Democracy and the Market: Political and Economic Reforms in Eastern Europe and Latin America. Cambridge University Press, 1991.
PRZEWORSKI, A. et al. Democracy and Development: Political Institutions and Well-Being in the World, 1950–1990. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
RABUSHKA, A.; SHEPSLE, K. A. Politics in plural societies a theory of democratic instability. Columbus Ohio: Merrill, 1972.
REDDAWAY, P.; GLINSKI, D. The Tragedy of Russia's Reforms: Market Bolshevism Against Democracy. Washington, DC: United States Institute of Peace Press, 2001.
REISINGER, W. M.; MORASKI, B. J. The Regional Roots of Russia's Political Regime. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2017.
ROEDER, P. G.; ROTHCHILD, D. S. (EDS.). Sustainable peace: power and democracy after civil wars. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 2005.
ROMANOVA, V. Regionalist Origins of Centralisation in Ukraine. Sfera Politicii, v. 20, n. 1, p. 54–60, fev. 2012.
ROSE, R.; HAERPFER, C. Adapting to transformation in Eastern Europe: new democracies barometer-II. Glasgow, Scotland: Centre for the Study of Public Policy, University of Strathclyde, 1993.
ROSS, C. Federalism and Democratisation in Russia. New York: Manchester University Press, 2002.
RUSSELL, J. Terrorists, bandits, spooks and thieves: Russian demonisation of the Chechens before and since 9/11. Third World Quarterly, v. 26, n. 1, p. 101–116, 1 jan. 2005.
RUSSO, S.; ROCCATO, M.; MOSSO, C. Authoritarianism, societal threat, and preference for antidemocratic political systems. TPM - Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology, n. 26, p. 419–429, set. 2019.
SAIDEMAN, S. M. et al. Democratization, Political Institutions, and Ethnic Conflict: A Pooled Time-Series Analysis, 1985-1998. Comparative Political Studies, v. 35, n. 1, p. 103–129, fev. 2002.

SANDER, Å. Experiences of Swedish Muslims after the Terror Attacks in the USA on 11 September 2001. Journal of Ethnic and Migration Studies, v. 32, n. 5, p. 809–830, jul. 2006.
SASSE, G. The "New" Ukraine: A State of Regions. Regional & Federal Studies, v. 11, n. 3, p. 69–100, set. 2001.
SCHATZ, E. Modern Clan Politics: The Power of "Blood" in Kazakhstan and Beyond. Seattle, Wash: University of Washington Press, 2004.
SCHIMMELFENNIG, F. Strategic Calculation and International Socialization: Membership Incentives, Party Constellations, and Sustained Compliance in Central and Eastern Europe. International Organization, v. 59, n. Fall, p. 34, 2005.
SEGRILLO, A. Reconstruindo a "reconstrução": uma análise das principais causas da Perestroika soviética. Niterói: Tese de Doutorado, UFF, 1999.
SEGRILLO, A. Europa Ou Ásia? A Questão Da Identidade Russa Nos Debates Entre Ocidentalistas, Eslavófilos E Eurasianistas (Elementos Dos Debates Entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e uma aplicação à análise da Rússia atual). Tese de Livre Docência. São Paulo: FFLCH-USP, 2016.
SHEKHOVTSOV, A.; UMLAND, A. Ukraine's Radical Right. Journal of Democracy, v. 25, n. 3, p. 58–63, 2014.
SHULMAN, S. The Contours of Civic and Ethnic National Identification in Ukraine. Europe-Asia Studies, v. 56, n. 1, p. 35–56, 2004.
SLATER, D. Ordering Power: Contentious Politics and Authoritarian Leviathans in Southeast Asia. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
SLATER, D.; WONG, J. The Strength to Concede: Ruling Parties and Democratization in Developmental Asia. Perspectives on Politics, v. 11, n. 3, p. 717–733, set. 2013.
SLIDER, D. Putin's "Southern Strategy": Dmitriy Kozak and the Dilemmas of Recentralization. Post-Soviet Affairs, v. 24, n. 2, p. 177–197, abr. 2008.
SNYDER, J. L. From Voting to Violence: Democratization and Nationalist Conflict. New York, NY: W. W. Norton & Company, 2000.
SNYDER, J. L. Problems of Democratic Transition in Divided Societies. Em: NARDULLI, P. F. (Ed.). Domestic Perspectives on Contemporary Democracy. Champaign, IL: University of Illinois Press, 2008. p. 11–32.
SOLCHANYK, R. The politics of state building: Centre-periphery relations in Post-Soviet Ukraine. Europe-Asia Studies, v. 46, n. 1, p. 47–68, 1 jan. 1994.
STALIN, I. Marksizm i natsional'nyy vopros [O marxismo e a questão nacional]. Em: Sochineniya T.2. Moskva: OGIZ, Gosudarstvennoe izdatelstvo politicheskoy literatury, 1946 [1913]. p. 290–367.
STALIN, I. Politika Sovetskoy Vlasti po natsionalnomu voprosu v Rossiy [A política do poder soviético para a questão nacional na Rússia]. Em: Sochineniya T.4. Moskva: OGIZ, Gosudarstvennoe izdatelstvo politicheskoy literatury, 1947 [1920]. p. 351–363.
STEPAN, A. Russian Federalism in Comparative Perspective. Post-Soviet Affairs, v. 16, n. 2, p. 133–176, abr. 2000.
STEPAN, A. Ukraine: Improbable Democratic "Nation-State" But Possible Democratic "State-Nation"? Post-Soviet Affairs, v. 21, n. 4, p. 279–308, out. 2005.
STROSCHEIN, S. Ethnic struggle, coexistence, and democratization in Eastern Europe. 1. pb. ed ed. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2014.

STYKOW, P. The devil in the details: constitutional regime types in post-Soviet Eurasia. Post-Soviet Affairs, v. 35, n. 2, p. 122–139, 4 mar. 2019.
SVOLIK, M. Polarização versus democracia. Fundação FHC, 2019. Disponível em: <https://medium.com/funda%C3%A7%C3%A3o-fhc/polariza%C3%A7%C3%A3o-versus-democracia-11193feb9423>. Acesso em: 6 jan. 2022.
TILLY, C. Coercion, capital, and European states, A.D. 990-1990 /. Oxford, UK : B. Blackwell, 1990.
TILLY, C. Coercion, capital, and European states, AD 990-1992. Rev. pbk. ed ed. Cambridge, MA: Blackwell, 1992.
TILLY, C. Democracy. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007.
TIR, J.; JASINSKI, M. Domestic-Level Diversionary Theory of War: Targeting Ethnic Minorities. The Journal of Conflict Resolution, v. 52, n. 5, p. 641–664, 2008.
TISHKOV, V. A. Ethnicity, nationalism and conflict in and after the Soviet Union: the mind aflame. London; Thousand Oaks, Calif.: Sage, 1997.
TISHKOV, V. Ethnic Conflicts in The Former USSR: The Use and Misuse of Typologies and Data. Journal of Peace Research, v. 36, n. 5, p. 571–591, set. 1999.
TREISMAN, D. Presidential Popularity in a Hybrid Regime: Russia under Yeltsin and Putin. American Journal of Political Science, v. 55, n. 3, p. 590–609, jul. 2011.
TREVINO, M.; KANSO, A. M.; NELSON, R. A. Islam through editorial lenses: How American elite newspapers portrayed Muslims before and after September 11, 2001. Journal of Arab & Muslim Media Research, v. 3, n. 1, p. 3–17, 1 nov. 2010.
TUROVSKIY, Rostislav. Bremya prostranstva kak politicheskaya problema Rossii: Kakaya territorial′no politicheskaya model′ v naibol′shey stepeni sootvet·stvuyet osobennostyam rossiyskoy geografii? [O peso do espaço como um problema político da Rússia: qual modelo político-territorial é mais adequado às especificidades da geografia russa?]. LOGOS 2, 2005 (47).
UMLAND, A. In Defense of Conspirology: A Rejoinder to Serhiy Kudelia's Anti-Political Analysis of the Hybrid War in Eastern Ukraine. PONARS Eurasia, 30 set. 2014. Disponível em: <https://www.ponarseurasia.org/in-defense-of-conspirology-a-rejoinder-to-serhiy-kudelia-s-anti-political-analysis-of-the-hybrid-war-in-eastern-ukraine/>. Acesso em: 27 maio. 2021.
VACHUDOVA, M. Europe undivided: democracy, leverage, and integration after communism. Great Britain: Oxford University Press, 2005.
VAN CREVELD, M. The rise and decline of the state. Cambridge, U.K.; New York: Cambridge University Press, 2006.
VANHANEN, T. Domestic Ethnic Conflict and Ethnic Nepotism: A Comparative Analysis. Journal of Peace Research, v. 36, n. 1, p. 55–73, jan. 1999.
VARSHNEY, A. Ethnicity and Ethnic Conflict. Oxford University Press, 2009. v. 1
WAY, L. A. Ukraine's Post-Maidan Struggles: Free Speech in a Time of War. Journal of Democracy, v. 30, n. 3, p. 48–60, 2019b.
WAY, L. A.; CASEY, A. The structural sources of postcommunist regime trajectories. Post-Soviet Affairs, v. 34, n. 5, p. 317–332, 3 set. 2018.
WAY, L. Dealing with Territorial Cleavages: The Rise and Fall of Ukraine's Faustian Bargain. Occasional Paper Series, Forum of Federations. n. 40, p. pp.1-21, 2019a.
WAY, L. Pluralism by Default: Weak Autocrats and the Rise of Competitive Politics. Johns Hopkins University Press, 2015.

WEBER, E. Peasants into Frenchmen: The Modernization of Rural France, 1870-1914. Stanford: Stanford University Press, 1976.
WILSON, A. The Donbas in 2014: Explaining Civil Conflict Perhaps, but not Civil War. Europe-Asia Studies, v. 68, n. 4, p. 631–652, 20 abr. 2016.
WILSON, G. D. The Psychology of Conservatism. London: Academic Press, 1973.
WIMMER, A. The Making and Unmaking of Ethnic Boundaries: A Multilevel Process Theory. American Journal of Sociology, v. 113, n. 4, p. 970–1022, jan. 2008.
WIMMER, A.; CEDERMAN, L.-E.; MIN, B. Ethnic Politics and Armed Conflict: A Configurational Analysis of a New Global Data Set. American Sociological Review, v. 74, n. 2, p. 316–337, abr. 2009.
WOLCZUK, K. Catching up with "Europe"? Constitutional Debates on the Territorial-Administrative Model in Independent Ukraine. Regional & Federal Studies, v. 12, n. 2, p. 65–88, jun. 2002.
WOOD, T. The Case for Chechnya. New Left Review, n. 30, p. 5–36, 1 dez. 2004.
YACK, B. The myth of the civic nation. Critical Review, v. 10, n. 2, p. 193–211, mar. 1996.
YELTSIN, B. Prezidentskiy marafon. AST, 2000.
YELTSIN, B. Midnight Diaries. New York: Public Affairs, 2000.
ZHUKOV, Y. M. Trading hard hats for combat helmets: The economics of rebellion in eastern Ukraine. Journal of Comparative Economics, v. 44, n. 1, p. 1–15, fev. 2016.
ZUBAREVICH, N. Four Russias: the new political reality. Open Democracy, 01 fev 2016.

Bancos de dados, discursos oficiais e legislações

BERTELSMANN STIFTUNG. Transformation Index BTI 2022: Democracy Report. Bertelsmann Foundation, 2022.
CENTER FOR INSIGHTS IN SURVEY RESEARCH. Public Opinion Survey Residents of Ukraine. 2015. Disponível em: <https://www.iri.org/sites/default/files/wysiwyg/2015_11_national_oversample_en_combined_natl_and_donbas_v3.pdf>. Acesso em: 07.06.2021.
CHEIBUB, J. A.; GANDHI, J.; VREELAND, J. R. Democracy and dictatorship revisited. Public Choice, v. 143, n. 1–2, p. 67–101, abr. 2010.
CONSTITUIÇÃO da Federação Russa de 1993. Konstitutsiya Rossiskoy Federatsiy: Prinyata vsenarodnym golosovanievm 12 dekabrya 1993 g. Disponível em: <http://constitution.kremlin.ru/>. Acesso em: 15.10.2021.
CONSTITUIÇÃO da URSS de 1977. Konstitutsiya SSSR 1977 goda prinyata 07.10.1977. Disponível em: <www.hist.msu.ru/ER/Etext/cnst1977.htm>. Acesso em: 05.01.2021.
COPPEDGE et al. V-Dem Dataset 2021Varieties of Democracy (V-Dem) Project, , 2021. Disponível em: <https://www.v-dem.net/dsarchive.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.
DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Beta Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 308100-4. 08.07.2006. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/47157>. Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (3 chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 93081-4. 03.12.2004. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/54802> . Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (3 chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 1039149-6. 24.06.2016. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/95967>. Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (3 chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 282601-4. 05.07.2006. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/46976>. Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye v tselom) O proyekte zakona Rossiyskoy Federatsii o popravke k Konstitutsii Rossiyskoy Federatsii № 885214-7. 11.03.2020. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/110468>. Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 123532-5. 12.12.2008. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/63192>. Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: (tret'ye chteniye) O proyekte federal'nogo zakona № 400063-4. 06.07.2007. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/44593>. Acesso em: 29.03.2021.

DUMA ESTATAL. Sistema analiza rezul'tatov golosovaniy na zasedaniyakh Gosudarstvennoy Dumy [Sistema de análise dos resultados das votações nas sessões da Duma Estatal]. Spravka o rezul'tatakh golosovaniya po voprosu: FZ O protivodeystvii ekstremistskoy deyatel'nosti 3-cht. 27.06.2002. Disponível em: <http://vote.duma.gov.ru/vote/10514>. Acesso em: 29.03.2021.

ELEKTRONNAYA BIBLIOTEKA ISTORICHESKIKH DOKUMENTOV. Ukaz Prezidiuma Verkhovnogo Soveta SSSR. O likvidatsii Checheno-Ingushskoy ASSR i ob administrativnom ustroystve yeye territorii [Decreto do Presidium do Soviete Supremo da URSS. Sobre a liquidação do ASSR checheno-ingushe e sobre a estrutura administrativa do seu território]. Moskva, Kreml', 07.03.1944. Disponível em: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/165552-ukaz-prezidiuma-verhovnogo-soveta-sssr-o-likvidatsii-checheno-ingushskoy-assr-i-ob-administrativnom-ustroystve-ee-territorii-moskva-kreml-7-marta-1944-g#mode/inspect/page/1/zoom/4>. Acesso em: 20.10.2021.

ELEKTRONNAYA BIBLIOTEKA ISTORICHESKIKH DOKUMENTOV. Ukaz Prezidiuma Verkhovnogo Soveta SSSR. O vosstanovlenii Checheno-Ingushskoy ASSR v sostave RSFSR [Decreto do Presidium do Soviete Supremo da URSS. Sobre a restauração da ASSR checheno-ingushe como parte da RSFSR]. 9.01.1957. Disponível em: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/165852-ukaz-prezidiuma-verhovnogo-soveta-sssr-o-

vosstanovlenii-checheno-ingushskoy-assr-v-sostave-rsfsr-9-yanvarya-1957-g>. Acesso em: 16.10.2021.

ESRI, HERE, Garmin, FAO, NOAA, USGS. HURI, The College of Europe: 3R Project. HURI MAPA: Digital Atlas of Ukraine, Revolution of Dignity Project Data. 2019. Disponível em: <https://harvard-cga.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=2fa308aa641d43139d3a5b5b59081a5a>. Acesso em: 01.08.2021.

FEDERAL'NAYA sluzhba gosudarstvennoy statistiki [Serviço Federal de Estatística Estatal]. Natsional'nyy sostav i vladeniye yazykami, grazhdanstvo. Perepis 2010 [Composição nacional e competências linguísticas, cidadania. Censo 2010]. Disponível em: <https://www.gks.ru/free_doc/new_site/perepis2010/croc/vol4pdf-m.html>. Acesso em: 20.09.2021.

FEDERAL'NYY zakon ot 28.06.2014 N 172-FZ (red. ot 31.07.2020) "O strategicheskom planirovanii v Rossiyskoy Federatsii" [Lei Federal nº 172-FZ de 28 de junho de 2014 (conforme alteração de 31 de julho de 2020) "Sobre o Planejamento Estratégico na Federação Russa"]. Consultant. Disponível em: <http://www.consultant.ru/document/cons_doc_LAW_164841/a4aae4026d9ce6de09c2e4b22e757b3f19a6179a/>. Acesso em: 20.02.2022.

FREEDOM HOUSE. Freedom in the World. Country and Territory Ratings and Statuses, 1973-2022. Comparative and Historical Data File, 2022.

GLEDITSCH, N. P. et al. Armed Conflict 1946-2001: A New Dataset. Journal of Peace Research, n. 39(5), 2002. [UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1].

INGLEHART, R. et al. World Values Survey Wave 3 (1995-1998). World Values Survey Association, 2020. Disponível em: <http://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV3.jsp>. Acesso em: 6.04.2022.

INSTITUT DEMOGRAFII IMENI A.G. VISHNEVSKOGO Natsional'nogo issledovatel'skogo universiteta "Vysshaya shkola ekonomiki" [Instituto De Demografia Denominado A.G. Vishnevkiy da Universidade Nacional de Pesquisa "Escola Superior de Economia"]. Demoscope Weekly, 28-31.12.2021. Disponível em: <http://www.demoscope.ru/weekly/ssp/census.php?cy=6>. Acesso em: 07.01.2022.

INSTYTUT SOTSIOLOHIYI NAN UKRAYINY [Instituto de Sociologia da Academia Nacional de Ciências da Ucrânia]. Dodatok: tablytsi monitorynhovoho opytuvannya "Ukrayins′ke suspil′stvo - 2018" [Anexo: tabelas de monitoramento de opinião pública "Sociedade Ucraniana - 2018]. NAN, Ukrayiny, 2018. Disponível em: <https://i-soc.com.ua/ua/edition/ukrainske-suspilstvo/issues/>. Acesso em: 20.03.2022.

KRAVCHUK, L. V. Poslannya Prezydenta Ukrayiny Leonida Krachuka (1994) [Mensagem do Presidente da Ucrânia Leonid Krachuk (1994)]. Natsionalna biblioteka Ukraiyniy imeni V. I. Vernadskoho. Disponível em: <http://www.irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_fpu/cgiirbis_64.exe>. Acesso em: 20.08.2021.

KRYAZHKOV, V. A. Status malochislennykh narodov Rossii [Status dos Povos Indígenas da Rússia]. Pravovye akty. Moskva: Yurinformtsentr, 1999. Ch.: Ustav ob upravlenii inorodtsev ot 22.07.1862 [Estatuto sobre a administração dos *inorodtsy* de 22.07.1862]. Disponível em: <http://old.iea.ras.ru/topic/law/law/law-r22071822.htm>. Acesso em: 10.01.2021.

KUCHMA, L. V. Poslannya Prezydenta Ukrayiny Leonida Kuchmy (1995-2004) [Mensagens do Presidente da Ucrânia Leonid Kuchma (1995-2004)]. Natsionalna biblioteka Ukraiyniy imeni

V. I. Vernadskoho. Disponível em: <http://www.irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_fpu/cgiirbis_64.exe>. Acesso em: 20.08.2021.
LEVADA-CENTER. 2022 god: potentsial krizisnykh sobytiy [2022: o potencial para eventos de crise]. 17.01.2022. Disponível em: <https://www.levada.ru/2022/01/17/2022-god-potentsial-krizisnyh-sobytij/>. Acesso em: 25.01.2022.
LEVADA-CENTER. Balans dostizhenij i neudach Putina [O balanço de conquistas e fracassos de Putin]. 08.04.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/04/08/balans-dostizhenij-i-neudach-putina/>. Acesso em: 12.04.2021.
LEVADA-CENTER. Doveriye rossiyan institutam vlasti i obshchestva / Institutsional'noye doveriye [Confiança dos russos nas instituições estatais e da sociedade / Confiança institucional]. Disponível em: https://www.levada.ru/2004/09/26/doverie-rossiyan-institutam-vlasti/, https://www.levada.ru/2007/04/08/doverie-institutam-vlasti-4/, https://www.levada.ru/2011/11/24/doverie-rossiyan-institutam-vlasti-i-obshhestva/, https://www.levada.ru/2013/10/07/doverie-institutam-vlasti-2/, https://www.levada.ru/2015/10/07/institutsionalnoe-doverie/, https://www.levada.ru/2016/10/13/institutsionalnoe-doverie-2/, https://www.levada.ru/2018/10/04/institutsionalnoe-doverie-4/, https://www.levada.ru/2019/10/24/institutsionalnoe-doverie-5/, https://www.levada.ru/2020/09/21/doverie-institutam/, https://www.levada.ru/2021/10/06/doverie-obshhestvennym-institutam/. Acesso em: 16.12.2021.
LEVADA-CENTER. Intolerantnost' i ksenofobiya [Intolerância e xenofobia]. 11.10.2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/10/11/intolerantnost-i-ksenofobiya/>. Acesso em: 08.12.2021.
LEVADA-CENTER. Konflikt v Chemodanovke [Conflito em Chemodanovka]. 11.07.2019. Disponível em: <https://www.levada.ru/2019/07/11/20954/>. Acesso em: 08.12.2021.
LEVADA-CENTER. Ksenofobiya i natsionalizm [Xenofobia e nacionalismo]. 23.09.2020. Disponível em: <https://www.levada.ru/2020/09/23/ksenofobiya-i-natsionalizm-2/>. Acesso em: 09.12.2021.
LEVADA-CENTER. Ksenofobiya v 2017 godu [Xenofobia em 2017]. 23.08.2017. Disponível em: https://www.levada.ru/2017/08/23/16486/. Acesso em: 08.12.2021.
LEVADA-CENTER. Ksenofobskiye i natsionalisticheskiye nastroyeniya sredi rossiyan: dannyye reprezentativnykh oprosov 2002 — 2015 gg [Sentimentos xenófobos e nacionalistas entre os russos: dados de pesquisas representativas de 2002 a 2015]. 25.08.2015. Disponível em: <https://www.levada.ru/2015/08/25/ksenofobiya-i-natsionalizm/>. Acesso em: 09.12.2021.
LEVADA-CENTER. Luchshaya politicheskaya i ekonomicheskaya sistema [O melhor sistema político e econômico]. 24.02.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/02/24/luchshaya-politicheskaya-i-ekonomicheskaya-sistema/>. Acesso em: 18.10.2021.
LEVADA-CENTER. Mezhetnicheskaya napryazhennost' [Tensão interétnica]. 17.11.2008. Disponível em: <https://www.levada.ru/2008/11/17/mezhetnicheskaya-napryazhennost/>. Acesso em: 09.12.2021.
LEVADA-CENTER. Monitoring ksenofobskikh nastroyeniy [Monitoramento de sentimentos xenófobos]. 18.09.2019. Disponível em: https://www.levada.ru/2019/09/18/monitoring-ksenofobskih-nastroenij-2/. Acesso em: 08.12.2021.

LEVADA-CENTER. Odobreniye organov vlasti. Odobreniye deyatel'nosti Vladimira Putina [Aprovação de órgãos estatais. Aprovação da atuação de Vladimir Putin]. Disponível em: <https://www.levada.ru/indikatory/odobrenie-organov-vlasti/>. Acesso em: 20.01.2022.

LEVADA-CENTER. Otdelenie Chechni i Severnyj Kavkaz [Separação da Chechênia e do Norte do Cáucaso]. 01.07.2013. Disponível em: <https://www.levada.ru/2013/07/01/otdelenie-chechni-i-severnyj-kavkaz/>. Acesso em: 21.10.2020.

LEVADA-CENTER. Otnosheniye k SSHA, YES i Belarusi [Atitude em relação aos EUA, UE e Belarus]. 16.12.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/12/16/mezhdunarodnye-otnosheniya-noyabr-2021/>. Acesso em: 10.01.2022.

LEVADA-CENTER. Otnosheniye k Stalinu: Rossiya i Ukraina [Atitude em relação a Stalin: Rússia e Ucrânia]. 23.06.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/06/23/otnoshenie-k-stalinu-rossiya-i-ukraina/>. Acesso em: 27.01.2022.

LEVADA-CENTER. Poryadok ili demokratiya [Ordem ou democracia]. 17.01.2011. Disponível em: <https://www.levada.ru/2011/01/17/poryadok-ili-demokratiya/>. Acesso em: 22.10.2020.

LEVADA-CENTER. Predpochtitel'nyye modeli ekonomicheskoy i politicheskoy sistem [Modelos preferidos de sistemas econômicos e políticos]. 17.02.2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/02/17/predpochtitelnye-modeli-ekonomicheskoj-i-politicheskoj-sistem/>. Acesso em: 18.10.2021.

LEVADA-CENTER. Predstavleniya o demokratii [Concepções sobre a democracia]. 14.04.2015. Disponível em: <https://www.levada.ru/2015/04/14/predstavleniya-o-demokratii/>. Acesso em: 22.10.2020.

LEVADA-CENTER. Rossiya dlya russkikh ili dlya vsekh rossiyan? [Rússia para os russos étnicos (*russkiye*) ou para todos os cidadãos russos (*rossiyanye*)?]. 06.12.2009. Disponível em: <https://www.levada.ru/2009/12/06/rossiya-dlya-russkih-ili-dlya-vseh-rossiyan/>. Acesso em: 09.12.2021.

LEVADA-CENTER. Rossiyane o tom, chto proiskhodit v strane [Russos sobre o que está acontecendo no país]. 15.05.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/05/14/rossiyane-o-tom-chto-proishodit-v-strane/>. Acesso em: 20.12.2021.

LEVADA-CENTER. Rossiyane ob ustroystve strany i demokratii [Russos sobre a organização do país e a democracia]. 17.02.2012. Disponível em: <https://www.levada.ru/2012/02/17/rossiyane-ob-ustrojstve-strany-i-demokratii/>. Acesso em: 18.10.2021.

LEVADA-CENTER. Rossiyane stali men'she boyat'sya terrorizma [Russos passaram a temer menos o terrorismo]. 25.04.2013. Disponível em: <https://www.levada.ru/2013/04/25/rossiyane-stali-menshe-boyatsya-terrorizma/>. Acesso em: 06.12.2021.

LEVADA-CENTER. Rossiyskaya demokratiya [A democracia russa]. 16.01.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2016/01/14/rossijskaya-demokratiya/>. Acesso em: 18.10.2021.

LEVADA-CENTER. Samye vazhnye sobytiya proshlykh let [Os acontecimentos mais importantes dos últimos anos]. 21.02.2014. Disponível em: <https://www.levada.ru/2014/02/21/samye-vazhnye-sobytiya-proshlyh-let/>. Acesso em: 21.10.2020.

LEVADA-CENTER. Sotsial'no-politicheskaya situatsiya v Rossii v noyabre 2005 goda [Situação sociopolítica na Rússia em novembro de 2005]. 07.12.2005. Disponível em: <https://www.levada.ru/2005/12/07/sotsialno-politicheskaya-situatsiya-v-rossii-v-noyabre-2005-goda/>. Acesso em: 20.12.2021.

LEVADA-CENTER. Sovetskiy Soyuz [União Soviética]. 24.06.2019. Disponível em: <https://www.levada.ru/2019/06/24/ussr/>. Acesso em: 12.04.2021.
LEVADA-CENTER. Strakh teraktov [Medo de atentados terroristas]. 02.10.2017. Disponível em: <https://www.levada.ru/2017/10/02/strah-teraktov/>. Acesso em: 06.12.2021.
LEVADA-CENTER. Vybory; Putin; Chechnya [Eleições; Putin; Chechênia]. 21.03.2000. Disponível em: <https://www.levada.ru/2000/03/21/vybory-putin-chechnya/>. Acesso em: 20.12.2021.
MAR. About MAR. Disponível em: <http://www.mar.umd.edu/about.asp>. MAR, 06.2016. Acesso em: 20.03.2021.
MARSHALL, M.; GURR, T. R.; JAGGERS, K. Polity IV Project: Political Regime Characteristics and Transitions, 1800-2018. Dataset Users' Manual. Center for Systemic Peace, 2019.
MEDVEDEV, D. Yezhegodnyye poslaniya Prezidenta RF Federal'nomu Sobraniyu RF [Mensagens anuais do Presidente da Federação Russa à Assembleia Federal da Federação Russa]. 2008-2011. Consultant. Disponível em: <https://www.consultant.ru/cons/cgi/online.cgi?req=doc&base=LAW&n=99072&fld=134&dst=100002,0&rnd=0.16373606005929142#01576865430247547>. Acesso em: 15.08.2021.
PETTERSSON, T. et al. Organized violence 1989-2020, with a special emphasis on Syria. Journal of Peace Research, n. 58(4), 2020. [UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1].
POROSHENKO, P. Poslannya Prezydenta Ukrayiny Petro Poroshenko (2014-2018) [Mensagens do Presidente da Ucrânia Petro Poroshenko (2014-2018)]. Natsionalna biblioteka Ukraiyniy imeni V. I. Vernadskoho. Disponível em: <http://www.irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_fpu/cgiirbis_64.exe>. Acesso em: 20.08.2021.
PUTIN, V. Yezhegodnyye poslaniya Prezidenta RF Federal'nomu Sobraniyu RF [Mensagens anuais do Presidente da Federação Russa à Assembleia Federal da Federação Russa]. 2000-2007/ 2012-2020. Consultant. Disponível em: <https://www.consultant.ru/cons/cgi/online.cgi?req=doc&base=LAW&n=99072&fld=134&dst=100002,0&rnd=0.16373606005929142#01576865430247547>. Acesso em: 15.08.2021.
RATING GROUP. Obshchenatsional'nyy opros: Ukraina v usloviyakh voyny (1 marta 2022) [Pesquisa Nacional: Ucrânia em guerra (1º de março de 2022)]. 01.03.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/ru/research/ukraine/obschenacionalnyy_opros_ukraina_v_usloviyah_voyny_1_marta_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.
RATING GROUP. Otsenka viny narodov Rossii i Belarusi (1 marta 2022) [Avaliação da culpa dos povos da Rússia e de Belarus (1 de março de 2022)]. 03.03.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/ru/research/ukraine/ocenka_viny_narodov_rossii_i_belarusi_1_marta_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.
RATING GROUP. Otsinka zahroz ta stavlennya do zaprovadzhennya voyennoho stanu v Ukrayini [Avaliação de ameaças e atitude em relação à introdução da lei marcial na Ucrânia]. 12.2018. Disponível em: http://ratinggroup.ua/files/ratinggroup/reg_files/rg_martial_law_122018_press.pdf. Acesso em: 02.06.2021.
RATING GROUP. Suspil′no-politychni nastroyi naselennya (12-13 lyutoho 2022) [Atitude sociopolítica da população (12-13 de fevereiro de 2022)]. 16.02.2022. Disponível em: <https://ratinggroup.ua/research/ukraine/obschestvenno-politicheskie_nastroeniya_naseleniya_12-13_fevralya_2022.html>. Acesso em: 10.03.2022.
ROSE, RICHARD; CENTRE FOR THE STUDY OF PUBLIC POLICY (CSPP, UNIVERSITY OF STRATHCLYDE); IRINA BOEVA; VIACHESLAV SHIRONIN; CENTRE FOR

ECONOMIC REFORM. New Russia Barometer (NRB) II 1993 June/Jul: SPP 216 How Russians are Coping with Transition. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1993.
ROSE, RICHARD; CHRISTIAN HAERPFER. NDB IV Autumn, 1995 SPP 262. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1995.
ROSE, RICHARD; CHRISTIAN HAERPFER. NDB V Spring, 1998 SPP 306. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1998.
ROSE, RICHARD; CSPP; CHRISTIAN HAERPFER; PAUL LAZARSFELD SOCIETY. NRB III 1994 March/Apr: SPP 228 New Russia Barometer III: The Results. Vienna, 1994. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1994.
ROSE, RICHARD; CSPP; VCIOM (ALL-RUSSIAN CENTRE FOR PUBLIC OPINION). NRB IV 1995 March/Apr: SPP 250 New Russia Barometer IV. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1995.
ROSE, RICHARD; CSPP; VCIOM. NRB V 1996 January: SPP 260 Between Two Elections. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1996.
ROSE, RICHARD; VCIOM-ANALYTICA. NRB XII, 2003 December: SPP 384 The Duma Election. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2003.
ROSE, RICHARD. NDB VII Winter 2004-5 SPP 404. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2004.
ROSE, RICHARD. NRB 10, 2001 June/July: SPP 350 Russians Under Putin. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2001.
ROSE, RICHARD. NRB IX, 2000 April: SPP 330 Russia Elects A President. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2000.
ROSE, RICHARD. NRB VI 1996 July: SPP 272 After the Presidential Election. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1996.
ROSE, RICHARD. NRB VII, 1998 Mar/Apr: SPP 303 Getting Things Done with Social Capital. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1998.
ROSE, RICHARD. NRB VIII, 2000 January: SPP 328 Russia Between Elections. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2000.
ROSE, RICHARD. NRB XI, 2003 June: SPP 378 An End of Term Report. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2003.
ROSE, RICHARD. NRB XIII, 2004 March: SPP 388 Putin's Re-election. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2004.
ROSE, RICHARD. NRB XIV, 2005 January: SPP 402 Evidence of Dissatisfaction. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2005.
ROSE, RICHARD. NRB XV, 2007 April: SPP 426 The Climax of the Putin Years. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2007.
ROSE, RICHARD. NRB XVI, 2007 December: SPP 442 United Russia's Duma Victory. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2007.
ROSE, RICHARD. NRB XVIII, 2009 June: SPP 462 Russians in Economic Crisis. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 2009.
ROSE; RICHARD, CSPP; CHRISTIAN HAERPFER; PAUL LAZARSFELD SOCIETY. NDB II Autumn, 1992 SPP 212. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1992.
ROSE; RICHARD, CSPP; CHRISTIAN HAERPFER; PAUL LAZARSFELD SOCIETY. NDB III Winter, 1993/94 SPP 230. CSPP Publications, University of Strathclyde: Glasgow, 1993.

ROSSIYSKAYA Gazeta. Federal'nyy zakon ot 25 iyulya 2002 g. N 114-FZ "O protivodeystvii ekstremistskoy deyatel'nosti" [Lei Federal de 25 de julho de 2002 N 114-FZ "Sobre o combate à atividade extremista"]. 30.07.2002. Disponível em: <https://rg.ru/2002/07/30/extremizm-dok.html>. Acesso em: 29.03.2021.

STATDATA. Natsional'nyy sostav Rossiy 2021 (perepis' 2010) [Composição nacional da Rússia 2021 (censo de 2010)]. Disponível em: <http://www.statdata.ru/nacionalnyj-sostav-rossii>. Acesso em: 02.10.2021.

UKAZ prezidiuma vs sssr ot 27.05.1977 o gosudarstvennom gimne SSSR [Decreto do Presidium do Soviet Supremo da URSS de 27 de maio de 1977 sobre o Hino do Estado da URSS]. LAWRU. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121112182517/http://www.lawru.info/base19/part6/d19ru6088.htm>. Acesso em: 10.01.2022.

V. PUTIN: yestestvennoye i neobkhodimoye samoochishcheniye obshchestva tol'ko ukrepit nashu stranu [V. PUTIN: a autopurificação natural e necessária da sociedade só fortalecerá nosso país]. Ndelo, 16.02.2022. Disponível em: <https://ndelo.ru/novosti/vputin-estestvennoe-i-neobhodimoe-samoochishenie-obshestva-tolko-ukrepit-nashu-stranu>. Acesso em: 24.03.2022.

WORLD BANK. World Bank Open Data: GDP per capita growth (annual %) - Russian Federation, Ukraine. 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.KD.ZG?locations=RU-UA>. Acesso em: 15.01.2022.

WORLD BANK. World Bank Open Data: GDP per capita, PPP (constant 2017 international $) - Russian Federation, Ukraine. 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.PP.KD?locations=RU-UA>. Acesso em: 15.01.2022.

WORLD BANK. World Bank Open Data: Inflation, consumer prices (annual %) - Russian Federation, Ukraine. 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/FP.CPI.TOTL.ZG?end=2019&locations=RU-UA&start=1993>. Acesso em: 15.01.2022.

YANUKOVICH, V. Poslannya Prezydenta Ukrayiny Viktora Yanukovicha (2010-2013) [Mensagens do Presidente da Ucrânia Viktor Yanukovych (2010-2013)]. Natsionalna biblioteka Ukraiyniy imeni V. I. Vernadskoho. Disponível em: <http://www.irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_fpu/cgiirbis_64.exe>. Acesso em: 20.08.2021.

YELTSIN, B. Yezhegodnyye poslaniya Prezidenta RF Federal'nomu Sobraniyu RF [Mensagens anuais do Presidente da Federação Russa à Assembleia Federal da Federação Russa. 1994-1999]. 1994-1999. Consultant. Disponível em: <https://www.consultant.ru/cons/cgi/online.cgi?req=doc&base=LAW&n=99072&fld=134&dst=100002,0&rnd=0.16373606005929142#01576865430247547>. Acesso em: 15.08.2021.

YUSHCHENKO, V. Poslannya Prezydenta Ukrayiny Viktora Yushchenka (2005-2009) [Mensagens do Presidente da Ucrânia Viktor Yushchenko (2005-2009)]. Natsionalna biblioteka Ukraiyniy imeni V. I. Vernadskoho. Disponível em: <http://www.irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_fpu/cgiirbis_64.exe>. Acesso em: 20.08.2021.

ZELENSKIY, V. Poslannya Prezydenta Ukrayiny Volodymira Zelenskoho (2019-2020) [Mensagens do Presidente da Ucrânia Volodymyr Zelensky (2019-2020)]. Natsionalna biblioteka Ukraiyniy imeni V. I. Vernadskoho. Disponível em: <http://www.irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_fpu/cgiirbis_64.exe>. Acesso em: 20.08.2021.

ZIMMERMAN, W.; RIVERA, S. W.; KALININ, K. Survey of Russian Elites, Moscow, Russia, 1993-2016: Version 6ICPSR - Interuniversity Consortium for Political and Social Research, , 2003. Disponível em: <https://www.icpsr.umich.edu/web/ICPSR/studies/3724/versions/V6>. Acesso em: 6 abr. 2022

Conteúdo midiático

"ETO ochen' opasno!" Ukrainu predupredili ob aktivizatsii "pyatoy kolonny" ["É muito perigoso!" A Ucrânia foi alertada sobre a ativação da "quinta coluna"]. Obozrevatel, 20.08.2018. Disponível em: <https://incident.obozrevatel.com/crime/eto-ochen-opasno-ukrainu-predupredili-ob-aktivizatsii-pyatoj-kolonnyi.htm>. Acesso em: 15.07.2021.

"NUZHNO bit' v nabat": Vyatrovich zayavil o nastuplenii "pyatoy kolonny" v Ukraine ["Precisamos soar o alarme": Vyatrovich anunciou a ofensiva da "quinta coluna" na Ucrânia]. Obozrevatel, 02.07.2019. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/society/nuzhno-bit-v-nabat-vyatrovich-zayavil-o-nastuplenii-pyatoj-kolonnyi-v-ukraine.htm>. Acesso em: 16.07.2021.

"ROSIYS′KA armiya zahruzla, ale namahayet′sya zaluchyty dodatkovi rezervy" — radnyk ministra oborony ["O exército russo está atolado, mas está tentando atrair reservas adicionais", disse um assessor do ministro da Defesa]. Suspilne, 16.03.2022. Disponível em: <https://suspilne.media/218230-rosijska-armia-zagruzla-ale-namagaetsa-zaluciti-dodatkovi-rezervi-radnik-ministra-oboroni/>. Acesso em: 20.03.2022.

«ETOT zakon zabivayet posledniy gvozd'»: yazykovaya reforma utverzhdena so schetom 388:2 ["Esta lei martela o último prego": reforma linguística aprovada com placar de 388 a 2]. Business-Gazeta, 25.07.2018. Disponível em: <https://www.business-gazeta.ru/article/389889>. Acesso em: 15.10.2021.

«NASHA Ukraina» trebuyet uvol'neniya Soldatenko i vozbuzhdeniya dela po faktu otritsaniya Golodomora ["Nossa Ucrânia" exige a demissão de Soldatenko e a abertura de um processo sobre o fato da negação do Holodomor]. Zerkalo Nedeli, 14.01.2011. Disponível em: <https://zn.ua/ARCHIVE/nasha_ukraina_trebuet_uvolneniya_soldatenko_i_vozbuzhdeniya_dela_po_faktu_otritsaniya_golodomora.html>. Acesso em: 04.07.2021.

ANDRIYCHUK, Oles'. Bremya tolerantnosti: o statuse yazyka i demokraticheskikh standartakh [O fardo da tolerância: sobre o status da linguagem e os padrões democráticos]. Zerkalo Nedeli, 07.07.2006. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/bremya_tolerantnosti_o_statuse_yazyka_i_demokraticheskih_standartah.html>. Acesso em 30.06.2021.

AVAKOV, Artur; Dar'ya Zelenskaya. Nadezhdu Savchenko arestovali posle pokaza v Rade operativnoy s"yemki zagovora [Nadezhda Savchenko foi detida após a apresentação no parlamento de gravação de conspiração]. MK, 22.03.2018. Disponível em: <https://www.mk.ru/politics/2018/03/22/nadezhdu-savchenko-arestovali-posle-pokaza-v-rade-operativnoy-semki-zagovora.htm>. Acesso em: 13.07.2021.

BAZIV, Dmitriy. Kogda V Sevastopol' Pridet God Ukrainy? [Quando O Ano Da Ucrânia Chegará A Sevastopol?] Zerkalo Nedeli, 25.06.2004. Disponível em:

<https://zn.ua/SOCIUM/kogda_v_sevastopol_pridet_god_ukrainy.html>. Acesso em 24.06.2021.

BEKBULATOVA, Taisiya . Otkuda vzyalas′ ideya, chto u Rossii — osobyy put′? Ob″yasnyayut istoriki Timur Atnashev i Mikhail Velizhev [De onde veio a ideia de que a Rússia tem um caminho especial? Os historiadores Timur Atnashev e Mikhail Velizhev explicam]. Meduza, 25.02.2018. Disponível em: <https://meduza.io/feature/2018/02/25/russkie-ideologi-stali-govorit-ob-isklyuchitelnosti-svoey-natsii-vsled-za-nemtsami>. Acesso em: 25.04.2022.

BELOUS, Aleksandr. Oppoblok obvinil Poroshenko v tsinichnom namerenii povysit' reyting za schet tserkvi [O bloco de oposição acusou Poroshenko de uma intenção cínica de aumentar a popularidade às custas da igreja]. Zerkalo Nedeli, 24.03.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/oppoblok-obvinil-poroshenko-v-cinichnom-povyshenii-reytinga-za-schet-cerkvi-282131_.html>. Acesso em: 13.07.2021.

BELOUS, Aleksandr. Poroshenko rasskazal o pyatoy kolonne i atamanshchine [Poroshenko falou sobre a quinta coluna e atamanshchina]. Zerkalo Nedeli, 22.01.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-rasskazal-o-pyatoy-kolonne-i-atamanschine-272799_.html>. Acesso em: 13.07.2021.

BELOUS, Aleksandr. Poroshenko rasskazal o pyatoy kolonne ot Donbassa do Zakarpat'ya [Poroshenko falou sobre a quinta coluna do Donbass à Transcarpátia]. Zerkalo Nedeli, 26.03.2018. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/poroshenko-rasskazal-o-pyatoy-kolonne-ot-donbassa-do-zakarpatya-279241_.html>. Acesso em: 13.07.2021.

BELOUS, Aleksandr. Predsedatel' Natssoveta po voprosam televideniya predlozhil "Interu" smenit' kontseptsiyu [O presidente do Conselho Nacional de Televisão propôs ao Inter mudar o conceito]. Zerkalo Nedeli, 07.09.2016. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/predsedatel-nacsoveta-po-voprosam-televideniya-predlozhil-interu-smenit-koncepciyu-223583_.html>. Acesso em: 12.07.2021.

BELOUS, Aleksandr. Saakashvili dal ukrainskim politikam ne bol'she polugoda na spaseniye strany [Saakashvili deu aos políticos ucranianos não mais de seis meses para salvar o país]. Zerkalo Nedeli, 05.12.2014. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/saakashvili-dal-ukrainskim-politikam-ne-bolshe-polugoda-na-spasenie-strany-160947_.html>. Acesso em: 09.07.2021.

BILEVICH, Anton. Kreml' stavit na raskachku politicheskoy situatsii v Ukraine - Poroshenko [O Kremlin aposta na desestabilização da situação política na Ucrânia - Poroshenko]. Zerkalo Nedeli, 12.12.2015. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/kreml-stavit-na-raskachku-politicheskoy-situacii-v-ukraine-poroshenko-198473_.html>. Acesso em: 11.07.2021.

BOGAPOV, German. 42,5% ukraintsev glavnym "tormozom" razvitiya strany schitayut oligarkhov [42,5% dos ucranianos consideram os oligarcas o principal "freio" para o desenvolvimento do país]. Zerkalo Nedeli, 28.01.2018. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/42-5-ukraincev-glavnym-tormozom-razvitiya-schitayut-oligarhov-273460_.html>. Acesso em: 16.07.2021.

BOGAPOV, German. Initsiativa "Prosto prekratit' strelyat'" prokladyvayet pryamoy put' k pobede Rossii nad Ukrainoy — ekspert [Iniciativa 'Just Stop Shooting' abre caminho direto para a vitória russa sobre a Ucrânia - especialista]. Zerkalo Nedeli, 16.06.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/iniciativa-prosto-prekratit-strelyat-prokladyvaet-pryamoy-put-k-pobede-rossii-nad-ukrainoy-ekspert-320894_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

CHECHEN official puts death toll for 2 wars at up to 160,000. The New York Times, 16.08.2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/08/16/world/europe/chechen-official-puts-death-toll-for-2-wars-at-up-to-160000.html>. Acesso em: 25.10.2021.

CHEKIS, Ol'ga. Izvestnyye ukraintsy prizyvayut Ze!Komandu ostanovit' nastupleniye na ukrainskiy yazyk [Ucranianos proeminentes pedem ao Ze!Team que parem o ataque à língua ucraniana]. Zerkalo Nedeli, 16.06.2020. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/izvestnye-ukraincy-prizyvayut-ze-komandu-ostanovit-nastuplenie-na-ukrainskiy-yazyk-357659_.html>. Acesso em: 19.07.2021.

CHEKIS, Ol'ga. Kak obshchenatsional'nyye partii otreagirovali na skandal'noye resheniye KSU [Como os partidos nacionais reagiram à decisão escandalosa do Tribunal Constitucional]. Zerkalo Nedeli, 03.11.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/kak-obshchenatsionalnye-partii-otreahirovali-na-skandalnoe-reshenie-ksu.html>. Acesso em: 20.07.2021.

CHEKIS, Ol'ga. SNBO ne nashel osnovaniy dlya vvedeniya sanktsiy protiv "112 Ukraina" i NewsOne [O Conselho de Segurança e Defesa Nacional não encontrou motivos para impor sanções contra o 112 Ucrânia e o NewsOne]. Zerkalo Nedeli, 24.09.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/snbo-ne-nashel-osnovaniy-dlya-vvedeniya-sankciy-protiv-112-ukraina-i-newsone-330753_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

CHEKIS, Ol'ga. V Kiyeve Den' zashchitnika Ukrainy otmetili marshem v chest' godovshchiny sozdaniya UPA [Em Kyiv, o Dia do Defensor da Ucrânia foi celebrado com uma marcha em homenagem ao aniversário da criação do UPA]. Zerkalo Nedeli, 14.10.2020. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/v-kieve-den-zashchitnika-ukrainy-otmetili-marshem-v-chest-hodovshchiny-sozdanija-upa.html>. Acesso em: 19.07.2021.

CHEKIS, Ol'ga. V Yevroparlamente obespokoyeny riskami formirovaniya komissii po otboru glavy SAP [O Parlamento Europeu está preocupado com os riscos na formação da comissão para a seleção do chefe da SAP]. Zerkalo Nedeli, 17.09.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-evroparlamente-obespokoeny-riskami-formirovanija-komissii-po-otboru-predsedatelja-sap.html>. Acesso em: 20.07.2021.

DEPUTATY pozhalovalis' na Kivu v prokuraturu i SBU [Deputados reclamaram de Kiva ao Ministério Público e à SBU]. Ukrainskaya Pravda, 12.05.2020. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2020/05/12/7251333/>. Acesso em: 19.07.2021.

DIMAN', Les'. Putin kolebletsya mezhdu nastupleniyem na Ukrainu i sokhraneniyem politicheskogo vliyaniya – RFE/RL [Putin oscila entre invadir a Ucrânia e manter a influência política - RFE/RL]. Zerkalo Nedeli, 02.06.2015. Disponível em: <https://zn.ua/WORLD/putin-kolebletsya-mezhdu-nastupleniem-na-ukrainu-i-sohraneniem-politicheskogo-vliyaniya-rfe-rl-178096_.html>. Acesso em: 12.07.2021.

DOKUMENTY iz arkhiva Iosifa Stalina [Documentos do arquivo de Josef Stalin]. Nezavisimaya Gazeta, 29.02.2000. Disponível em: <https://www.ng.ru/specfile/2000-02-29/10_top_secret.html>. Acesso em: 15.10.2021.

DUBINYANSKIY, Mikhail. Izrail' 2.0 [Israel 2.0]. Ukrainskaya Pravda, 13.05.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2018/05/13/7179928/>. Acesso em: 16.07.2021.

DUBINYANSKIY, Mikhail. Kolonna № 5 [Coluna Nr. 5]. Ukrainskaya Pravda, 13.05.2007. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2007/03/13/4414576/>. Acesso em: 30.06.2021.

DUBINYANSKIY, Mikhail. Natsionalizm vs patriotizm: paradoksy ukrainskoy deystvitel'nosti [Nacionalismo versus patriotismo: paradoxos da realidade ucraniana]. Ukrainskaya Pravda, 28.02.2008. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2008/02/28/4434558/>. Acesso em: 01.07.2021.

DUBINYANSKIY, Mikhail. Pyataya kolonna: rukovodstvo po vyrashchivaniyu [A Quinta Coluna: Guia de Crescimento]. Ukrainskaya Pravda, 18.04.2008. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2008/04/18/4438177/>. Acesso em: 01.07.2021.

DVOYEGLAZOVA, Natal'ya. Lutsenko schitayet, chto Putin popytayetsya sorvat' podpisaniye soglasheniya Ukrainy i YeS [Lutsenko acredita que Putin tentará atrapalhar a assinatura do acordo entre a Ucrânia e a UE]. Zerkalo Nedeli, 16.08.2013. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/lucenko-schitaet-chto-putin-popytaetsya-sorvat-podpisanie-soglasheniya-ukrainy-i-es-127603_.html>. Acesso em: 06.07.2021.

FEDOROV, Boris. "Chechnya i razval rossiyskogo gosudarstva" ["A Chechênia e o colapso do Estado russo"]. Izvestiya 13.09.1994. Fonte: Osterman, Lev. Intelligentsiya i vlast' v Rossii. 20.06.2004. Disponível em: <http://www.lib.ru/POLITOLOG/OSTERMAN/intelligencia.txt>. Acesso em: 26.11.2021.

FILATOV zayavil, chto Pinchuk ne dayet armii ni kopeyki, a Levochkin i Firtash – "pyataya kolonna" [Filatov disse que Pinchuk não dá um centavo ao exército, e Levochkin e Firtash são a "quinta coluna"]. Obozrevatel, 22.08.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/18563-filatov-zayavil-chto-pinchuk-ne-daet-armii-ni-kopejki-a-levochkin-i-firtash-pyataya-kolonna.htm>. Acesso em: 08.07.2021.

FILATOV: Tsarev zvonil nashemu znakomomu i govoril, chto s nami "vse resheno" [Filatov: Tsarev ligou para nosso amigo e disse que "tudo foi resolvido" conosco]. Ukrainskaya Pravda, 29.06.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/06/29/7030485/>. Acesso em: 08.07.2021.

FSB gotovit ukrainskuyu "pyatuyu kolonnu" [FSB prepara "quinta coluna" ucraniana]. Obozrevatel, 21.08.2008. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2008/8/21/254542.htm>. Acesso em: 01.07.2021.

GAVRILOV, Yevgeniy. V Den' Pobedy v Ivano-Frankovske proshli marshi "Svobody", KPU i Partii regionov [No Dia da Vitória houve marchas do "Svoboda", do Partido Comunista da Ucrânia e do Partido das Regiões em Ivano-Frankivsk]. Zerkalo Nedeli, 09.05.2013. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/v-den-pobedy-v-ivano-frankovske-proshli-marshi-svobody-kpu-i-partii-regionov-121934_.html>. Acesso em: 07.07.2021.

GAYZHEVSKAYA, Tat'yana. "Pyataya kolonna" budet sozdavat' problemy v VR – politolog [A "quinta coluna" vai criar problemas no parlamento – cientista político]. Obozrevatel, 02.09.2013. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/41835-pyataya-kolonna-budet-sozdavat-problemyi-v-vr-politolog.htm>. Acesso em: 07.07.2021.

GAZIN, Vladimir. «Russkiy mir»: novaya real'nost' starogo mifa ["Mundo russo": uma nova realidade de um velho mito]. Zerkalo Nedeli, 15.04.2011. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/russkiy_mir_novaya_realnost_starogo_mifa.html>. Acesso em: 04.07.2021.

GONCHAR, Mikhail. Delo — truba? [Processo – gasoduto?]. Zerkalo Nedeli, 01.02.2013. Disponível em: <https://zn.ua/energy_market/delo-truba.html>. Acesso em: 05.07.2021.

GONCHAR, Mikhail. Trubnyy zapakh energoreform [Cheiro de gasoduto das reformas energéticas]. Zerkalo Nedeli, 22.08.2012. Disponível em: <https://zn.ua/energy_market/trubnyy_zapah_energoreform.html>. Acesso em: 05.07.2021.

GUREVICH, Aleksandr. Mezhetnicheskiye Otnosheniya. Ukrainskoye Izmereniye [Relações Interétnicas. Dimensão Ucraniana]. Zerkalo Nedeli, 15.12.1995. Disponível em:

<https://zn.ua/politcs_archive/mezhetnicheskie_otnosheniya_ukrainskoe_izmerenie.html>. Acesso em: 21.06.2021.

GURIN, Anastasiya. Zelenskiy pytayetsya dobit'sya raspolozheniya Baydena — FT [Zelensky está tentando cortejar Biden - FT]. Zerkalo Nedeli, 02.03.2021. Disponível em: <https://zn.ua/WORLD/zelenskij-pytaetsja-dobitsja-raspolozhenija-bajdena-ft.html>. Acesso em: 21.07.2021.

HET'MANCHUK, Alena. Amerikanskiy Doping Dlya GUUAM [Doping americano para o GUUAM]. Zerkalo Nedeli, 13.06.2003. Disponível em: <https://zn.ua/international/amerikanskiy_doping_dlya_guuam.html>. Acesso em 24.06.2021.

HREBENYUK, Yaroslav. Deputaty Luganskogo oblsoveta prosyatsya na sluzhbu k Putinu [Deputados da Assembleia Regional de Luhansk pedem para servir Putin]. Ukrainskaya Pravda, 09.11.2011. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/columns/2011/11/9/6738705/>. Acesso em: 05.07.2021.

HRITSAK khochet, chtoby zhurnalisty ne obshchalis' s "pyatoy kolonnoy" [Hritsak quer que jornalistas não se comuniquem com a "quinta coluna"]. Ukrainskaya Pravda, 15.06.2017. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2017/06/15/7147050/>. Acesso em: 12.07.2021.

ILLYENKO, Andriy. Tverdynya vystoyala. Na cherzi - nastup [A fortaleza sobreviveu. O próximo é o ataque]. Ukrainskaya Pravda, 10.05.2011. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2011/05/10/6180204/>. Acesso em: 04.07.2021.

IVANOV, Gleb. Poroshenko o "plenkakh Derkacha": pyataya kolonna Kremlya nachala masshtabnuyu spetsoperatsiyu protiv Ukrainy [Poroshenko nas "gravações de Derkach": a quinta coluna do Kremlin lançou uma operação especial em grande escala contra a Ucrânia]. Obozrevatel, 20.05.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-o-plenkah-derkacha-pyataya-kolonna-kremlya-nachala-masshtabnuyu-spetsoperatsiyu-protiv-ukrainyi.htm>. Acesso em: 18.07.2021.

IVANOV, Gleb. Poroshenko prizval ostanovit' "pyatuyu kolonnu" Yanukovicha i prorossiyskiy revansh v Ukraine [Poroshenko conclamou parar a "quinta coluna" de Yanukovych e a revanche pró-Rússia na Ucrânia]. Obozrevatel, 15.06.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-prizval-ostanovit-pyatuyu-kolonnu-yanukovicha-i-prorossijskij-revansh-v-ukraine.htm>. Acesso em: 18.07.2021.

IVANOV, Gleb. Poroshenko: Rada dolzhna prinyat' zakon o kollaborantakh i privlekat' k otvetstvennosti pyatuyu kolonnu [Poroshenko: Rada deve adotar uma lei sobre colaboradores e responsabilizar a quinta coluna]. Obozrevatel, 31.05.2021. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-rada-dolzhna-prinyat-zakon-o-kollaborantah-i-privlekat-k-otvetstvennosti-pyatuyu-kolonnu.htm>. Acesso em: 22.07.2021.

IVANOVA, Katerina. Poroshenko rasskazal BBC o mesti neopytnogo politika i "pyatoy kolonny" Kremlya [Poroshenko disse à BBC sobre a vingança de um político inexperiente e da "quinta coluna" do Kremlin]. Obozrevatel, 04.07.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-rasskazal-na-bbc-o-mesti-neopyitnogo-politika-i-pyatoj-kolonnyi-kremlya.htm>. Acesso em: 18.07.2021.

KADYROV zayavil, chto obizhayetsya, kogda govoryat "khvatit kormit' Kavkaz" [Kadyrov disse que se ofende quando dizem "pare de alimentar o Cáucaso"]. RIA Novosti, 26.11.2017. Disponível em: <https://ria.ru/20171126/1509623722.html>. Acesso em: 20.11.2021.

KAGAN, Robert. Opinion: Believe it or not, Trump's following a familiar script on Russia. Washington Post, 07.8.2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/the-west-has-spent-a-decade-playing-right-into-putins-hands/2018/08/07/c1aec698-9a60-11e8-b60b-1c897f17e185_story.html>. Acesso em: 20.09.2021.

KAZANZHY, Zoya. Navzdohin interv'yu Hirkina Hordonu, abo "Svoboda slova" yak zbroya u viyni proty Ukrayiny [Uma entrevista de atualização com Hirkin Gordon, ou "Liberdade de Expressão" como arma na guerra contra a Ucrânia]. Ukrainskaya Pravda, 19.05.2020. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2020/05/19/7252299/>. Acesso em: 19.07.2021.

KAZARIN, Pavel. Pyatyye kolonny Kremlya v Ukraine [As quintas colunas do Kremlin na Ucrânia]. Obozrevatel, 25.09.2020. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/pyatyie-kolonyi-kremlya-v-ukraine.htm>. Acesso em: 21.07.2021.

KHOMENKO, Svyatoslav. Ukraina zakryla "prorossiyskiye telekanaly". Zelenskomu grozyat impichmentom [A Ucrânia fechou "canais de TV pró-Rússia". Zelensky ameaçado de impeachment]. BBC, 03.02.2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/russian/features-55925259>. Acesso em: 06.06.2021.

KHREBET, Aleksandr. U nyneshnego rukovodstva Ukrainy net chetkogo ponimaniya tsennostey i tseley natsii – Atlantic Council [A atual liderança da Ucrânia não tem uma compreensão clara dos valores e objetivos da nação - Atlantic Council]. Zerkalo Nedeli, 23.12.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/u-nyneshneho-rukovodstva-ukrainy-net-chetkoho-ponimanija-tsennostej-i-tselej-natsii-atlantic-council.html>. Acesso em: 20.07.2021.

KHREBET, Aleksandr. V partii Zelenskogo yest' "pyataya kolonna", kotoraya rabotayet v interesakh Kremlya – Klimpush-Tsintsadze [O partido de Zelensky tem uma "quinta coluna" que trabalha nos interesses do Kremlin - Klympush-Tsintsadze]. Zerkalo Nedeli, 05.06.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-partii-zelenskogo-est-pyataya-kolonna-kotoraya-rabotaet-v-interesah-kremlya-klimpush-cincadze-356671_.html>. Acesso em: 18.07.2021.

KHREBET, Aleksandr. V SSHA nachali rassledovaniye protiv Kolomoyskogo po obvineniyu v otmyvanii soten millionov dollarov: detali iska [Nos EUA iniciaram uma investigação contra Kolomoisky por acusações de lavagem de centenas de milhões de dólares: detalhes do processo]. Zerkalo Nedeli, 19.05.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-ssha-nachali-rassledovanie-protiv-kolomoyskogo-po-obvineniyu-v-otmyvanii-soten-millionov-dollarov-detali-iska-354753_.html>. Acesso em: 18.07.2021.

KISELEV, Yevgeniy. Ukrainu atakovala pyataya kolonna [A quinta coluna atacou a Ucrânia]. Obozrevatel, 28.03.2014. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/42751-ukrainu-atakovala-pyataya-kolonna.htm>. Acesso em: 08.07.2021.

KOLOMIYETS, Valeriy. Mezhdu «A» i «B» [Entre A e B]. Zerkalo Nedeli, 29.01.2021. Disponível em: <https://zn.ua/internal/mezhdu-a-i-b.html>. Acesso em: 21.07.2021.

KORZH, Anton. Ideya novoy lyustratsii prizvana otvlech' vnimaniye ot vozvrata soratnikov Yanukovicha k vlasti – Poroshenko [A ideia de uma nova lustração é voltada a desviar a atenção do retorno dos aliados de Yanukovych ao poder - Poroshenko]. Zerkalo Nedeli, 15.07.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/ideya-novoy-lyustracii-prizvana-otvlech-vnimanie-ot-vozvrata-soratnikov-yanukovicha-k-vlasti-poroshenko-323718_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

KORZH, Anton. Ot SNBO, SBU i Zelenskogo potrebovali reaktsii na propagandistskiy telemost "Nado pogovorit'" [O Conselho de Segurança e Defesa Nacional, o Serviço de Segurança da

Ucrânia e Zelensky foram solicitados a reagir à teleconferência de propaganda "Precisamos conversar"]. Zerkalo Nedeli, 08.07.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/ot-snbo-sbu-i-zelenskogo-potrebovali-reakcii-na-propagandistskiy-telemost-nado-pogovorit-323044_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

KORZH, Anton. Parubiy prokommentiroval sudebnyy isk o zaprete podpisaniya yazykovogo zakona [Parubiy comentou sobre o processo de proibição da assinatura da lei da língua]. Zerkalo Nedeli, 11.05.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/parubiy-prokommentiroval-sudebnyy-isk-o-zaprete-podpisaniya-yazykovogo-zakona-317250_.html>. Acesso em: 16.07.2021.

KORZH, Anton. Poroshenko obeshchayet ne pustit' v prezidium Rady kandidatov ot OPZZH [Poroshenko promete não deixar candidatos do OPZZH na presidência do parlamento]. Zerkalo Nedeli, 24.08.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-obeschaet-ne-pustit-v-prezidium-rady-kandidatov-ot-opzzh-327945_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

KOTLYAR, Alla. «Dve Ukrainy»: chto s nimi delat'? ["Duas Ucrânias": o que fazer com elas?]. Zerkalo Nedeli, 12.02.2010. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/dve_ukrainy_chto_s_nimi_delat.html>. Acesso em: 03.07.2021.

KOZ'YAKOV, Sergey. Kadrovyy krizis v sudakh. Statistika, prichiny, prognoz [Crise de pessoal nos tribunais. Estatísticas, razões, previsão]. Zerkalo Nedeli, 02.08.2021. Disponível em: <https://zn.ua/internal/kadrovyj-krizis-v-sudakh-statistika-prichiny-prohnoz-.html>. Acesso em: 21.07.2021.

KREML' zakupit chast' nardepov dlya formirovaniya "pyatoy kolonny" - Belkovskiy [Kremlin comprará parte de deputados para formar uma "quinta coluna" - Belkovsky]. Obozrevatel, 26.09.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/60853-kreml-zakupit-chast-ukrainskih-nardepov-dlya-formirovaniya-pyatoj-kolonnyi-belkovskij.htm>. Acesso em: 09.07.2021.

KRIVDIK, Ostap. Vynuzhdeny menyat'sya: tri puti ukrainskikh rossiyan [Forçados a mudar: três caminhos dos russos ucranianos]. Ukrainskaya Pravda, 08.06.2006. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2006/06/8/4400542/>. Acesso em 28.06.2021.

KUKLOVODY podvodyat Ukrainu k "besproigryshnomu variantu" - Yushchenko [Marionetistas conduzem a Ucrânia a uma "variante inderrotável" - Yushchenko]. Ukrainskaya Pravda, 18.05.2011. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2011/05/18/6213307/>. Acesso em: 04.07.2021.

KVIT, Sergey. Proklyatiye svobodoy [Maldição da liberdade]. Zerkalo Nedeli, 28.06.1996. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/proklyatie_svobodoy.html>. Acesso em: 21.06.2021.

LEBEDINA, Oksana. L'vovskiy oblsovet prosit Zelenskogo prekratit' politicheskiye presledovaniya [Assembleia Regional de Lviv pede a Zelensky que pare a perseguição política]. Zerkalo Nedeli, 18.06.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/lvovskiy-oblsovet-prosit-zelenskogo-prekratit-politicheskie-presledovaniya-358033_.html>. Acesso em: 19.07.2021.

LEBEDINA, Oksana. Rossiya vydelila kolossal'nyy byudzhet na vmeshatel'stvo v ukrainskiye vybory — razvedka [A Rússia alocou um orçamento colossal para se intrometer nas eleições ucranianas, diz inteligência]. Zerkalo Nedeli, 24.01.2019. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/rossiya-vydelila-kolossalnyy-byudzhet-na-vmeshatelstvo-v-ukrainskie-vybory-razvedka-306750_.html>. Acesso em: 14.07.2021.

LEBEDINA, Oksana. Vitse-prem'yer predvidit novyy "yazykovoy maydan" [Vice-primeiro-ministro prevê uma nova "Maidan da língua"]. Zerkalo Nedeli, 21.06.2019. Disponível em:

<https://zn.ua/UKRAINE/vice-premer-predvidit-novyy-yazykovoy-maydan-321571_.html>. Acesso em: 16.07.2021.

LEBEDINA, Oksana. Znak kachestva: Poroshenko otreagiroval na rossiyskiye sanktsii [Marca de qualidade: Poroshenko respondeu às sanções russas]. Zerkalo Nedeli, 05.09.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/znak-kachestva-poroshenko-otreahiroval-na-rossijskie-sanktsii.html>. Acesso em: 18.07.2021.

LESHCHENKO, Yevgeniy. Amnistiya terroristam: sud obyazal Ofis genprokurora otkryt' delo protiv Turchinova [Anistia para terroristas: o tribunal ordenou que o Gabinete do Procurador-Geral abrisse um processo contra Turchynov]. Zerkalo Nedeli, 09.10.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/amnistija-terroristam-sud-objazal-ofis-henprokurora-otkryt-delo-protiv-turchinova.html>. Acesso em: 19.07.2021.

LESHCHENKO, Yevgeniy. Hritsak prokommentiroval svoye prisutstviye na «plenkakh Medvedchuka-Surkova» [Hritsak comentou sobre a sua presença nas "gravações de Medvedchuk-Surkov"]. Zerkalo Nedeli, 16.03.2021. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/hritsak-prokommentiroval-svoe-prisutstvie-na-plenkakh-medvedchuka-surkova.html>. Acesso em: 21.07.2021.

LESHCHENKO, Yevgeniy. Venediktova otkryla delo protiv Rabinovicha za propagandistskuyu kartu bez Kryma [Venediktova abriu um processo contra Rabinovich por um mapa de propaganda sem a Crimeia]. Zerkalo Nedeli, 18.03.2021. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/venediktova-otkryla-delo-protiv-rabinovicha-za-propahandistskuju-kartu-bez-kryma.html>. Acesso em: 23.07.2021.

LEUSENKO, Oleh. Kolorady na Donbasse - eto okkupatsionnaya pyataya kolonna, a ne grazhdane Ukrainy: videofakt [Colorados no Donbas são uma quinta coluna ocupante, não cidadãos da Ucrânia: fato em vídeo]. Obozrevatel, 12.11.2014. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/41952-kaloradyi-na-donbasse-eto-okkupatsionnaya-pyataya-kolona-a-ne-grazhdane-ukrainyi.htm>. Acesso em: 10.07.2021.

LEVINSON, Alexey. «Yesli zavtra voyna». Kak vliyayet na nas novostnoy shum pro vtorzheniye ["Se amanhã houver guerra." Como o ruído das notícias sobre a invasão nos afeta]. Levada-Center, 24.11.2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/2021/11/24/esli-zavtra-vojna-kak-vliyaet-na-nas-novostnoj-shum-pro-vtorzhenie>. Acesso em: 09.12.2021.

LITVINENKO, Aleksandr. Natsional'nyy Vopros Kak Politicheskiy Instrument: Nekotoryye Primery Iz Ukrainskoy Zhizni [A questão nacional como instrumento político: alguns exemplos da vida ucraniana]. Zerkalo Nedeli, 23.04.2004. Disponível em: <https://zn.ua/internal/natsionalnyy_vopros_kak_politicheskiy_instrument_nekotorye_primery_iz_ukrainskoy_zhizni.html>. Acesso em 25.06.2021.

LOBBISTY interesov Yevropy — eto pyataya kolonnaya v Ukraine — Medvedchuk [Lobistas dos interesses europeus são a quinta coluna na Ucrânia - Medvedchuk]. Obozrevatel, 21.11.2013. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/91805-lobbistyi-interesov-evropyi-eto-pyataya-kolonnaya-v-ukraine-medvedchuk.htm>. Acesso em: 07.07.2021.

MAKARENKO, Hariy. Vtoraya ukrainskaya ili pyataya rossiyskaya? [Segunda ucraniana ou a quinta russa?] Zerkalo Nedeli, 19.08.2005. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/vtoraya_ukrainskaya_ili_pyataya_rossiyskaya.html>. Acesso em 27.06.2021.

MATUSEVICH, Mykola. «Ya Priyekhal v Ukrainu Zhit' i Rabotat', a Ne Dozhivat'…» [“Vim para a Ucrânia para viver e trabalhar, não para viver…”]. Zerkalo Nedeli, 20.06.2003. Disponível em:

<https://zn.ua/SOCIUM/ya_priehal_v_ukrainu_zhit_i_rabotat,_a_ne_dozhivat.html>. Acesso em 24.06.2021.

MIKHAYLOVICH, Vasiliy. Levyy Marsh «Pyatoy Kolonny» [Marcha de esquerda da "Quinta Coluna"]. Zerkalo Nedeli, 06.03.1993. Disponível em: <https://zn.ua/internal/levyy_marsh_pyatoy_kolonny.html>. Acesso em: 21.06.2021.

MILANOVA, Yana. Natskorpus: Po prikazu Poroshenko Kononenko sobirayetsya ustranyat' natsionalistov [Corpo Nacional: Por ordem de Poroshenko, Kononenko vai retirar nacionalistas]. Ukrainskaya Pravda, 11.03.2019. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2019/03/11/7208871/>. Acesso em: 16.07.2021.

MILANOVA, Yana. V Rade deputaty posporili iz-za voprosa mira s Rossiyey [No parlamento, os deputados discutiram sobre a questão da paz com a Rússia]. Ukrainskaya Pravda, 03.10.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/10/3/7193945/>. Acesso em: 15.07.2021.

MINOBRNAUKI ROSSIY [Ministério da Educação e Ciência da Rússia]. 277 yazykov i dialektov ispol'zuyut narody Rossii [277 idiomas e dialetos são usados pelos povos da Rússia]. 21.02.2021. Disponível em: <https://www.minobrnauki.gov.ru/press-center/news/?ELEMENT_ID=29672>. Acesso em: 02.10.2021.

MISELYUK, Andrey. Kak skazat' YeSu "Yes!" [Como dizer "Sim!" à UE]. Ukrainskaya Pravda, 29.08.2013. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/columns/2013/08/29/6996894/>. Acesso em: 06.07.2021.

MOSTOVAYA, Yuliya. Nachal'nik GUR Aleksandr Skipal'skiy: «Uvazhayemyye Kollegi, My Ne Yavlyayemsya Bananovoy Respublikoy!..» [Chefe do GUR Alexander Skipalsky: “Caros colegas, não somos uma república de bananas!..”]. Zerkalo Nedeli, 23.02.1996. Disponível em: <https://zn.ua/LAW/nachalnik_gur_aleksandr_skipalskiy_uvazhaemye_kollegi,_my_ne_yavlyaemsya_bananovoy_respublikoy.html>. Acesso em 25.06.2021.

MOSTOVAYA, Yuliya. Perpetuum vyborum [Perpetuum eleições]. Zerkalo Nedeli, 24.12.2004. Disponível em: <https://zn.ua/politcs_archive/perpetuum_vyborum.html>. Acesso em 24.06.2021.

NIKOLSKY, Aleksey. The Power of the Chekists is incredibly stable. Kommersant Vlast, n. 10, 03.2007, p. 42. Disponível em: <http://www.wps.ru/en/pp/story/2007/03/22.html>. Acesso em: 20.04.2022.

OBRASHCHENIYE V. V. Putina pered vyborami 2000 goda [Discurso de Putin antes das eleições de 2000], 24.03.2000. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VPbfMt97rU0>. Acesso em: 06.12.2022.

OBYSK u Saakashvili: pochemu Rossiya i "pyataya kolonna" na storone Mikho [Buscas junto a Saakashvili: por que a Rússia e a "quinta coluna" estão do lado de Mikho]. Obozrevatel, 05.12.2017. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/kak-rossmi-osveschayut-zaderzhanie-saakashvili-i-pochemu-eto-vazhno.htm>. Acesso em: 12.07.2021.

OFFICIAL: Chechen wars killed 300,000. Al Jazeera, 26.06.2005. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2005/6/26/official-chechen-wars-killed-300000>. Acesso em: 22.10.2021.

PARFENT'YEV, Pavel. Valeriya Novodvorskaya: «Grazhdanam Rossii i Ukrainy Bezrazlichny Strany, v Kotorykh Oni Zhivut» [Valeria Novodvorskaya: “Os cidadãos da Rússia e da Ucrânia são indiferentes aos países em que vivem”]. Zerkalo Nedeli, 06.11.1998. Disponível em:

<https://zn.ua/politcs_archive/valeriya_novodvorskaya_grazhdanam_rossii_i_ukrainy_bezrazlichny_strany,_v_kotoryh_oni_zhivut.html>. Acesso em 22.06.2021.

POCHEMU v Moskve ne khotyat videt', chto Ukraina – ne Rossiya. Prodolzheniye diskussii [Por que Moscou não quer ver que a Ucrânia não é a Rússia. Continuação da discussão]. Ukrainskaya Pravda, 26.08.2004. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2004/08/26/4380703/>. Acesso em 27.06.2021.

POISON, spies and businessmen: The Litvinenko murder case 15 years on. DW, 24.11.2021. Disponível em: <https://www.dw.com/en/poison-spies-and-businessmen-the-litvinenko-murder-case-15-years-on/a-59910692>. Acesso em: 26.11.2021.

POKAL'CHUK, Oleh. Ukraina kak predrassudok Yevropy [Ucrânia como um preconceito da Europa]. Zerkalo Nedeli, 10.06.2009. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/ukraina_kak_predrassudok_evropy.html>. Acesso em: 02.07.2021.

POLYUSHKO, Grigoriy. Komu vernut kresty? [Para quem devolver as cruzes?]. Zerkalo Nedeli, 26.11.2004. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/komu_vernut_kresty.html>. Acesso em 25.06.2021.

POPOV, Igor. Informatsionnyye voyny. Predupreditel'nyye mery [Guerras de informação. Medidas preventivas]. Zerkalo Nedeli, 26.04.2021. Disponível em: <https://zn.ua/conflict_of_interests/informatsionnye-vojny-predupreditelnye-mery.html>. Acesso em: 21.07.2021.

POROSHENKO nazval glavnykh opponentov na vyborakh: on "derzhal ikh pod plintusom" [Poroshenko nomeou os principais adversários nas eleições: ele "os manteve sob o pedestal"]. Ukrainskaya Pravda, 25.06.2019. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2019/06/25/7219173/>. Acesso em: 17.07.2021.

POROSHENKO rasskazal, kak RF aktivno vmeshivayetsya v ukrainskiye vybory [Poroshenko contou como a Federação Russa está interferindo ativamente nas eleições ucranianas]. Ukrainskaya Pravda, 22.09.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/09/22/7192901/>. Acesso em: 14.07.2021.

POROSHENKO: avtokefaliya tserkvi - vopros natsbezopasnosti i geopolitiki [Poroshenko: a autocefalia da igreja é uma questão de segurança nacional e geopolítica]. Ukrainskaya Pravda, 15.07.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/07/15/7186376/>. Acesso em: 14.07.2021.

POROSHENKO: Mne dostatochno polnomochiy po Konstitutsii, prosit' bol'she ne planiruyu [Os poderes sob a Constituição são suficientes para mim, não pretendo pedir mais]. Ukrainskaya Pravda, 28.06.2015. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2015/06/28/7072713/>. Acesso em: 10.07.2021.

POSLANNYA Prezydenta Ukrayiny Poroshenka do Verkhovnoyi Rady Ukrayiny [Mensagem do Presidente da Ucrânia Poroshenko ao parlamento da Ucrânia]. Ukrainskaya Pravda, 20.09.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2018/09/20/7192645/>. Acesso em: 14.07.2021.

PREZIDENT skazal, chto razdarit' deputatam fleshki – eto shag k elektronnomu pravitel'stvu [O presidente disse que distribuir pendrives para os deputados é um passo para o governo eletrônico]. Ukrainskaya Pravda, 04.06.2015. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2015/06/4/7070151/>. Acesso em: 10.07.2021.

PRIVLEKUT "pyatuyu kolonnu": Ukrainu predupredili o novoy ugroze iz Rossii [Atrairão a "quinta coluna": a Ucrânia foi avisada sobre uma nova ameaça da Rússia]. Obozrevatel, 12.06.2018.

Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/society/privlekut-pyatuyu-kolonnu-ukrainu-predupredili-o-novoj-ugroze-iz-rossii.htm>. Acesso em: 14.07.2021.

PUTIN prizval razvivat' obsherossiyskiy patriotizm [Putin pediu para desenvolver o patriotismo russo]. RIA Novosti, 27.12.2010. Disponível em: <https://ria.ru/society/20101227/314101361.html>. Acesso em: 04.06.2021.

PYATAYA kolonna: nazvany ukrainskiye SMI, kotoryye l'yut vodu na "mel'nitsu" Kremlya [A quinta coluna: nomeados os meios de comunicação ucranianos que despejam água no "moinho" do Kremlin]. Obozrevatel, 05.07.2017. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/52418-nazvanyi-ukrainskie-smi-kotoryie-lyut-vodu-na-melnitsu-kremlya.htm>. Acesso em: 12.07.2021.

RAGUTSKAYA, Liliya. Posle golosovaniya po Donbassu "Narodnyy front" sleduyet pereimenovat' v "Pyatuyu kolonnu" - svobodovets [Após a votação sobre o Donbass, a "Frente Popular" deve ser renomeada "Quinta Coluna" - Svobodovets]. Obozrevatel, 17.09.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/75896-posle-vcherashnego-golosovaniya-narodnyij-front-sleduet-pereimenovat-v-pyatuyu-kolonnu-svobodovets.htm>. Acesso em: 09.07.2021.

RODIK, Konstantin. Krizis Soznaniya [Crise de consciência]. Zerkalo Nedeli, 05.10.2001. Disponível em: <https://zn.ua/ART/krizis_soznaniya.html>. Acesso em 23.06.2021.

ROMANCHUK, Oleh. Do Yevropy bez fashyzmu i bez aparteyidu [Para a Europa sem fascismo e sem apartheid]. Ukrainskaya Pravda, 28.05.2013. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2013/05/28/6990483/>. Acesso em: 07.07.2021.

ROMANCHUK, Oleh. Kudy letyt′ Ukrayina? [Para onde a Ucrânia voará?]. Ukrainskaya Pravda, 06.05.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2010/05/6/5011294/>. Acesso em: 03.07.2021.

ROMASHOVA, Nataliya. Kravchuk rasskazal o «pyatoy kolonne» v Ukraine [Kravchuk falou sobre a “quinta coluna” na Ucrânia]. Obozrevatel, 22.01.2012. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/07392-kravchuk-rasskazal-o-pyatoj-kolonne-v-ukraine.htm>. Acesso em: 05.07.2021.

ROSSIYSKAYA natsiya – popytka vossozdat sovetskiy narod? [Nação russa - tentativa de recriar o povo soviético?]. Regnum, 01.11.2016. Disponível em: <https://regnum.ru/news/2200326.html>. Acesso em: 02.10.2021.

SEDOV, L. A. Sostoyaniye obshchestvennogo soznaniya rossiyan v marte 2001 [O estado de consciência pública dos russos em março de 2001]. Levada-Center, 05.04.2001. Disponível em: <https://www.levada.ru/2001/04/05/sostoyanie-obshhestvennogo-soznaniya-rossiyan-v-marte-2001-goda/>. Acesso em: 20.12.2021.

SEGODNYA predlagayut lyustrirovat' patriotov, chtoby raschistit' dorogu vo vlast' "pyatoy kolonne" — Poroshenko [Hoje propõem lustrar os patriotas para abrir caminho para a "quinta coluna" ao poder - Poroshenko]. Obozrevatel, 13.07.2019. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/segodnya-predlagayut-lyustrirovat-patriotov-chtobyi-raschistit-dorogu-vo-vlast-pyatoj-kolonne-poroshenko.htm>. Acesso em: 17.07.2021.

SERGATSKOVA, Yekaterina. Rossiyskiy pravozashchitnik: Glavnaya problema – ochen' slabaya samoorganizatsiya lyudey v Krymu [Ativista russo de direitos humanos: O principal problema é a autoorganização muito fraca das pessoas na Crimeia]. Ukrainskaya Pravda, 06.04.2015. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2015/04/6/7063591/>. Acesso em: 11.07.2021.

SERHIY Holovatyy: Para "Moroz-Medvedchuk" vyyavylasya plidnishoyu i syl′nishoyu, nizh para "Yushchenko-Kuchma" [Serhiy Holovaty: A dupla "Moroz-Medvedchuk" acabou sendo mais frutífera e mais forte que a dupla "Yushchenko-Kuchma"]. Ukrainskaya Pravda, 07.02.2004. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/news/2004/02/7/2997950/>. Acesso em 26.06.2021.

SHAPOVAL, Yuriy. Pravda podrobnostey [A verdade dos detalhes]. Zerkalo Nedeli, 17.08.2012. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/pravda_podrobnostey.html>. Acesso em: 05.07.2021.

SHCHETKINA, Yekaterina. Mezhdu Trekh Svyatykh Ogney [Entre os três fogos sagrados]. Zerkalo Nedeli, 03.08.2001. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/mezhdu_treh_svyatyh_ogney.html>. Acesso em 23.06.2021.

SHEVCHENKO, Maksim. "Musul'manskaya ugroza" [A "ameaça muçulmana"]. Radio Ekho Moskvy, 05.03.2019. Disponível em: <https://echo.msk.ru/blog/shevchenkomax/2382731-echo/>. Acesso em: 14.10.2021.

SHEVCHENKO, Natasha. Boris Filatov: Kogda separatistam nuzhen byl zhivoy shchit, kommunisty sobirali pensionerov [Boris Filatov: Quando os separatistas precisaram de um escudo humano, os comunistas reuniram pensionistas]. Zerkalo Nedeli, 29.06.2014. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/boris-filatov-kogda-separatistam-nuzhen-byl-zhivoy-schit-kommunisty-sobirali-pensionerov-147951_.html>. Acesso em: 08.07.2021.

SHEVCHUK, Mariya. Poroshenko s tribuny Rady zayavil o "pyatoy kolonne" Putina v Ukraine i napomnil, kto ukral Krym [Poroshenko da tribuna do parlamento falou sobre a "quinta coluna" de Putin na Ucrânia e lembrou quem roubou a Crimeia]. Obozrevatel, 16.02.2021. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/poroshenko-s-tribunyi-radyi-zayavil-o-pyatoj-kolonne-putina-v-ukraine-i-napomnil-kto-ukral-kryim.htm>. Acesso em: 22.07.2021.

SHIFA, Muna e Fabio Andrés Díaz Pabón. The Interaction of Mass Media and Social Media in Fuelling Ethnic Violence in Ethiopia. Accord, 15.03.2022. Disponível em: <https://www.accord.org.za/conflict-trends/the-interaction-of-mass-media-and-social-media-in-fuelling-ethnic-violence-in-ethiopia/>. Acesso em: 29.03.2022.

SHKOLA #1. Revista "Kommersant´ Vlast´" № 36, 13.09.2004, p. 25. Disponível em: <https://www.kommersant.ru/doc/504579>. Acesso em: 27.10.2020.

SHUL'GA, Olya. Poroshenko poobeshchal, chto perevybory v Radu "sostoyatsya pri lyuboy pogode" [Poroshenko prometeu que as reeleições para o parlamento "ocorrerão sob qualquer clima"]. Zerkalo Nedeli, 01.08.2014. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-vybory-sostoyatsya-pri-lyuboy-pogode-150067_.html>. Acesso em: 09.07.2021.

SHULIPA, Yuriy. Putinskaya pyataya kolonna khochet zakhvatit' mestnuyu vlast' [A quinta coluna de Putin quer tomar o poder local]. Obozrevatel, 24.10.2015. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/02458-putinskaya-pyataya-kolonna-hochet-zahvatit-mestnuyu-vlast.htm>. Acesso em: 10.07.2021.

SHULIPA, Yuriy. Putinskaya pyataya kolonna vremenno zatailas' [A quinta coluna de Putin se escondeu temporariamente]. Obozrevatel, 19.05.2015. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/blogs/27194-putinskaya-pyataya-kolonna-vremenno-zatailas.htm>. Acesso em: 11.07.2021.

SILINA, Tat'yana. Otkroyut li soyuzniki "vtoroy front"? [Os aliados abrirão uma "segunda frente"?]. Zerkalo Nedeli, 29.08.2013. Disponível em: <https://zn.ua/columnists/otkroyut-li-soyuzniki-vtoroy-front-128174_.html>. Acesso em: 06.07.2021.

SIMONENKO: Gosdep priznalsya v finansirovanii ukrainskoy "pyatoy kolonny" [Simonenko: O Departamento de Estado admitiu financiar a "quinta coluna" ucraniana]. Obozrevatel, 05.02.2014. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/politics/89735-simonenko-gosdep-priznalsya-v-finansirovanii-ukrainskoj-pyatoj-kolonnyi.htm>. Acesso em: 07.07.2021.

SINGAYEVSKAYA, Ol'ga. Ukrainsko-russkiy dialog: illyuzii, kollizii, allyuzii [Diálogo ucraniano-russo: ilusões, colisões, alusões]. Zerkalo Nedeli, 17.09.2010. Disponível em: <https://zn.ua/EDUCATION/ukrainsko-russkiy_dialog_illyuzii,_kollizii,_allyuzii.html>. Acesso em: 03.07.2021.

SNEGIREV, Lev. Vse Tsvety Dolzhny Tsvesti [Todas as flores devem florescer]. Zerkalo Nedeli, 26.05.2000. Disponível em: <https://zn.ua/ART/vse_tsvety_dolzhny_tsvesti.html>. Acesso em 22.06.2021.

STEFANKO, Serhiy. Zvidky vzyavsya "narod Donbassa" [De onde veio o "povo do Donbass"?]. Ukrainskaya Pravda, 10.06.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/columns/2014/06/10/7028577/>. Acesso em: 09.07.2021.

STEPOVA, Olena. Pyataya kolonna nachala opasnuyu igru [A quinta coluna começou um jogo perigoso]. Obozrevatel, 07.07.2017. Disponível em: <https://news.obozrevatel.com/society/16035-pyataya-kolonna-nachala-opasnuyu-igru.htm>. Acesso em: 12.07.2021.

SYEDIN, Aleksandr. Gerashchenko prizval "Svobodu", "Bat'kívshchinu" i "frikov" iz BPP ob"yedinit'sya s oppozitsiyey [Gerashchenko conclamou "Svoboda", "Pátria" e "friks" do BPP a se unirem à oposição]. Zerkalo Nedeli, 08.04.2015. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/geraschenko-prizval-svobodu-batkivschinu-i-frikov-iz-bpp-obedinitsya-s-oppoziciey-172307_.html>. Acesso em: 10.07.2021.

TARAN, Lyudmila. Vladimir i Irina Pas'ko: «Dlya nas nachalos' novoye — ukrainskoye — izmereniye zhizni» [Vladimir e Irina Pasko: “Uma nova dimensão ucraniana da vida começou para nós”]. Zerkalo Nedeli, 07.09.2012. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/vladimir_i_irina_pasko_dlya_nas_nachalos__novoe__ukrainskoe__izmerenie_zhizni.html>. Acesso em: 5.07.2021.

TARASYUK uzrel v Ukraine pyatuyu kolonu [Tarasyuk viu a quinta coluna na Ucrânia]. Obozrevatel, 02.03.2007. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2007/3/2/158944.htm>. Acesso em 30.06.2021.

TEMNENKO, Valeriy. Prosushchestvuyet li Ukraina do 2042 goda? [Sobreviverá a Ucrânia até 2042?]. Ukrainskaya Pravda, 22.04.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/columns/2010/04/22/4955546/>. Acesso em: 03.07.2021.

THE long life of Homo sovieticus. The Economist, 2011. Disponível em: <https://www.economist.com/briefing/2011/12/10/the-long-life-of-homo-sovieticus>. Acesso em: 26.11.2021.

TIMOSHENKO - "pyataya kolonna" Moskvy [Timoshenko é a "quinta coluna" de Moscou]. Obozrevatel, 07.09.2009. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2009/9/7/320706.htm>. Acesso em: 02.07.2021.

TIMOSHENKO - oppozitsioneram: Nel'zya khodit' raznymi kolonnami. Ne doydem [Timoshenko para os oposicionistas: não podemos andar em diferentes colunas. Nós não vamos alcançar]. Ukrainskaya Pravda, 30.03.2012. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2012/03/30/6961755/>. Acesso em: 04.07.2021.

TIMOSHENKO govorit, chto v Rossii Yanukovich byl by uzhe politicheskim trupom [Timoshenko diz que na Rússia Yanukovych já seria um cadáver político]. Ukrainskaya Pravda, 24.04.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2010/04/24/4963374/>. Acesso em: 04.07.2021.

TIMOSHENKO podozrevayet, chto Poroshenko "zavisim ot Rossii" [Timoshenko suspeita que Poroshenko seja "dependente da Rússia"]. Ukrainskaya Pravda, 28.04.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/04/28/7023817/>. Acesso em: 08.07.2021.

TIMOSHENKO: "Vmesto 300 prodazhnykh dush v koalitsii dolzhno byt' 300 spartantsev" [Timoshenko: "Em vez de 300 almas corruptas, a coalizão deveria ter 300 espartanos"]. Ukrainskaya Pravda, 26.08.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/08/26/7035802/>. Acesso em: 09.07.2021.

TIMOSHENKO: Yanukovich po kuskam prodayet Ukrainu Kremlyu [Timoshenko: Yanukovych está vendendo a Ucrânia aos pedaços para o Kremlin]. Ukrainskaya Pravda, 20.10.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2010/10/20/5496459/>. Acesso em: 04.07.2021.

TISHCHENKO, Katerina. Poroshenko: nel'zya menyat' Konstitutsiyu pod konkretnykh lits [Poroshenko: não pode mudar a Constituição para pessoas específicas]. Ukrainskaya Pravda, 28.06.2018. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2018/06/28/7184792/>. Acesso em: 14.07.2021.

TURCHINOV: Yezdit' v stranu-agressor mogut tol'ko razvedchiki i shpiony [Turchinov: Apenas batedores e espiões podem viajar para o país agressor]. Ukrainskaya Pravda, 10.10.2017. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2017/10/10/7157891/>. Acesso em: 13.07.2021.

TYDEN', Natal'ya. Poroshenko raspustil Radu i naznachil vybory na 26 oktyabrya [Poroshenko dissolveu o parlamento e marcou eleições para 26 de outubro]. Zerkalo Nedeli, 25.08.2014. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-raspustil-parlament-151485_.html>. Acesso em: 09.07.2021.

UKRAINA: kuma Putina Viktora Medvedchuka zapodozrili v gosizmene. Chto yemu stavyat v vinu? [Ucrânia: O compadre de Putin, Viktor Medvedchuk, era suspeito de traição. Pelo que ele está sendo culpado?]. BBC, 11.05.2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/russian/news-57076293>. Acesso em: 06.06.2021.

URALOV, Semen. Svoyevremennaya istoriya Ukrainy [História oportuna da Ucrânia]. Ukrainskaya Pravda, 18.12.2006. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2006/12/18/4410371/>. Acesso em 29.06.2021.

URALOV, Semen. Vernut'sya v soznaniye [Voltar à consciência]. Ukrainskaya Pravda, 18.09.2006. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2006/09/18/4405351/>. Acesso em 29.06.2021.

VACHEDIN, Dmitriy. V Moskve pod lozungom "Khvatit kormit' Kavkaz" proshel miting natsionalistov [Em Moscou, sob o slogan "Pare de alimentar o Cáucaso", foi realizado um comício de nacionalistas]. DW, 23.04.2011. Disponível em: <dw.com/ru/в-москве-под-лозунгом-хватит-кормить-кавказ-прошел-митинг-националистов/a-15026267>. Acesso em: 20.11.2021.

VEDERNIKOVA, Inna. Sotsiolog Igor' Rushchenko: «Nam yeshche dolgo platit' po schetam za to, chto my vybrali kriminal'nyy put' ot sotsializma k kapitalizmu» [O sociólogo Igor Rushchenko: “Ainda temos muito tempo para pagar nossas contas por escolher o caminho criminoso do socialismo ao capitalismo”]. Zerkalo Nedeli, 24.02.2021. Disponível em:

<https://zn.ua/internal/sotsioloh-ihor-rushchenko-nam-eshche-dolho-platit-po-schetam-za-to-chto-my-vybrali-kriminalnyj-put-ot-sotsializma-k-kapitalizmu-.html>. Acesso em: 22.07.2021.

VENEDIKTOV, Aleksey. Kto protiv menya – «pyataya kolonna» [Quem está contra mim é a "quinta coluna"]. Obozrevatel, 05.04.2009. Disponível em: <https://www.obozrevatel.com/news/2009/4/4/295915.htm>. Acesso em: 01.07.2021.

VINOGRADOV, Oleksiy. Severodonetskiy syezd 2004 goda byl repetitsiyey pered nastoyashchey agressiyey Rossii – politolog [O Congresso de Severodonetsk em 2004 foi um ensaio para a verdadeira agressão russa - cientista político]. In: Radio Svoboda, 28.11.2016. Disponível em: <https://www.radiosvoboda.org/a/28144452.html> Acesso em: 16.09.2021.

VLADIMIRSKAYA, Ol'ga. Yevropeytsy, zdravstvuyte! [Europeus, olá!]. Zerkalo Nedeli, 06.04.2007. Disponível em: <https://zn.ua/SOCIUM/evropeytsy,_zdravstvuyte.html>. Acesso em 30.06.2021.

YANUKOVICH vozglavlyayet "pyatuyu kolonnu" Moskvy - Timoshenko [Yanukovych lidera a "quinta coluna" de Moscou - Timoshenko]. Ukrainskaya Pravda, 09.09.2010. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2010/09/9/5369593/>. Acesso em: 04.07.2021.

YASINSKAYA, Marina. "Razzheval svoi predvybornyye lozungi": kak otreagirovali na vystupleniye Poroshenko v Rade ["Mastigou seus slogans eleitorais": como reagiram ao discurso de Poroshenko no parlamento]. Zerkalo Nedeli, 20.09.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/razzheval-svoi-predvybornye-lozungi-kak-otreagirovali-na-vystuplenie-poroshenko-v-rade-295099_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

YASINSKAYA, Marina. V KSU postupilo predstavleniye otnositel'no yazykovogo zakona [O Tribunal Constitucional recebeu uma ação sobre a lei linguística]. Zerkalo Nedeli, 21.06.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-ksu-postupilo-predstavlenie-otnositelno-yazykovogo-zakona-321534_.html>. Acesso em: 16.07.2021.

YATSUN, Bohdan. Den′ zakhysnyka Ukrayiny: 14 zhovtnya chy 23 lyutoho? [Dia do Defensor da Ucrânia: 14 de outubro ou 23 de fevereiro?]. Ukrainskaya Pravda, 14.10.2009. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2009/10/14/4240447/>. Acesso em: 02.07.2021.

YUSHCHENKO rasskazal Medved'ko, po chemu nado bit' u fal'sifikatorov [Yushchenko disse a Medvedko por que deve-se atacar os falsificadores]. Ukrainskaya Pravda, 08.11.2005. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2005/11/8/4393767/>. Acesso em 28.06.2021.

YUSHCHENKO spodivayet′sya, shcho Moskva dotrymaye slova [Yushchenko espera que Moscou mantenha sua palavra]. Ukrainskaya Pravda, 22.09.2009. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/news/2009/09/22/4197111/>. Acesso em: 02.07.2021.

YUSHCHENKO: Komu-to nasha nezavisimost' - kak goroshina v sapoge [Yushchenko: Para alguns, nossa independência é como uma pedra no sapato]. Ukrainskaya Pravda, 28.08.2009. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2009/08/28/4500798/>. Acesso em: 02.07.2021.

ZAGORUYKO, Yuliya. Sloveniya — pervaya [Eslovênia é a primeira]. Zerkalo Nedeli, 12.01.2007. Disponível em: <https://zn.ua/foreign_economics/sloveniya__pervaya.html>. Acesso em 30.06.2021.

ZAKHAROV, Dmitriy. Hritsak rasskazal, kto finansiruyet ekstremizm v Ukraine [Hrytsak disse quem financia o extremismo na Ucrânia]. Zerkalo Nedeli, 10.06.2016. Disponível em: <https://zn.ua/UKRAINE/gricak-rasskazal-kto-finansiruet-ekstremizm-v-ukraine-215993_.html>. Acesso em: 12.07.2021.

ZAPOROZHETS′, Ivan. Spovid′ podviynoho hromadyanyna [Confissão de dupla cidadania]. Ukrainskaya Pravda, 16.09.2008. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2008/09/16/3559786/>. Acesso em: 01.07.2021.

ZAYATS, Pavel. V oppozitsii naschitali 40 regionalov, ne podderzhivayushchikh yevrointegratsiyu [Na oposição foram contabilizados 40 regionais que não apoiam a integração europeia]. Zerkalo Nedeli, 04.09.2013. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/v-oppozicii-naschitali-40-regionalov-ne-podderzhivayuschih-evrointegracionnye-zakony-128515_.html>. Acesso em: 07.07.2021.

ZELENSKIY: Bor′ba Ukrainy s Rossiyey – eto zashchita obshchikh tsennostey vsego svobodnogo mira [Zelensky: A luta da Ucrânia com a Rússia é a defesa dos valores comuns de todo o mundo livre]. Hvylya, 24.05.2022. Disponível em: <https://hvylya.net/news/252976-zelenskiy-borba-ukrainy-s-rossiey-eto-zashchita-obshchih-cennostey-vsego-svobodnogo-mira>. Acesso em: 25.05.2022.

ZELENSKIY: SNBO ostanavlivayet deyatel'nost' OPZZH, Partii Shariya i drugikh [Zelensky: o SNBO interrompe as atividades do OPTsZh, do Partido de Shariy e outros]. Ukrainskaya Pravda, 20.03.2022. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2022/03/20/7332907/>. Acesso em 24.03.2022.

ZHDANOV, Ihor. Voyennyy stan chy ATO? Rosiys′kyy ahresor povynen otrymaty adekvatnu vidpovid′ [Lei marcial ou ATO? O agressor russo deve receber uma resposta adequada]. Ukrainskaya Pravda, 19.07.2014. Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/articles/2014/07/19/7032424/>. Acesso em: 08.07.2021.

ZHUKOV, Sergey. Poroshenko nazval sroki perekhoda VSU na standarty NATO [Poroshenko mencionou o prazo para a transição das Forças Armadas da Ucrânia para os padrões da OTAN]. Zerkalo Nedeli, 10.01.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-sprognoziroval-sroki-perehoda-vsu-na-standarty-nato-305379_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

ZHUKOV, Sergey. Poroshenko posovetoval ukraintsam ne skupat' spichki i sol' v svyazi s voyennym polozheniyem [Poroshenko aconselhou os ucranianos a não correr para comprar fósforos e sal devido à lei marcial]. Zerkalo Nedeli, 27.11.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-posovetoval-ukraincam-ne-skupat-spichki-i-sol-v-svyazi-s-voennym-polozheniem-301582_.html>. Acesso em: 15.07.2021.

ZHUKOV, Sergey. Rossiya ispol'zuyet referendum kak instrument unichtozheniya Ukrainy – eksperty [A Rússia usa o referendo como instrumento para destruir a Ucrânia - especialistas]. Zerkalo Nedeli, 07.10.2020. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/rossija-ispolzuet-referendum-kak-instrument-unichtozhenija-ukrainy-eksperty.html>. Acesso em: 20.07.2021.

ZHUKOV, Sergey. Za Sternenko vstupilis' Poroshenko i Yatsenyuk [Poroshenko e Yatsenyuk defenderam Sternenko]. Zerkalo Nedeli, 24.02.2021. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/za-sternenko-vstupilis-poroshenko-i-jatsenjuk.html>. Acesso em: 22.07.2021.

ZNAS', Irina. Natssovet po teleradioveshchaniyu smozhet oshtrafovat' NewsOne tol'ko po faktu telemosta [O Conselho Nacional de Radiodifusão e Televisão poderá multar a NevsOne apenas pelo fato da teleconferência]. Zerkalo Nedeli, 08.07.2019. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/nacsovet-po-teleradioveschaniyu-smozhet-oshtrafovat-newsone-tolko-po-faktu-telemosta-323072_.html>. Acesso em: 17.07.2021.

ZNAS', Irina. Poroshenko poblagodaril SBU i GPU za neytralizatsiyu "pyatoy kolonny" [Poroshenko agradeceu à SBU e à GPU por neutralizar a "quinta coluna"]. Zerkalo Nedeli, 22.03.2018.

Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-poblagodaril-sbu-i-gpu-za-neytralizaciyu-pyatoy-kolonny-278908_.html>. Acesso em: 13.07.2021.

ZNAS', Irina. Poroshenko poobeshchal initsiirovat' izmeneniya v Konstitutsiyu kasatel'no chlenstva Ukrainy v YES i NATO [Poroshenko prometeu iniciar mudanças na Constituição sobre relativas à adesão da Ucrânia à UE e à OTAN]. Zerkalo Nedeli, 28.06.2018. Disponível em: <https://zn.ua/POLITICS/poroshenko-poobeschal-iniciirovat-izmeneniya-v-konstituciyu-kasatelno-chlenstva-ukrainy-v-es-i-nato-287892_.htmll>. Acesso em: 14.07.2021.

Aplicativos utilizados

Google Docs
Google Maps
Google Translator
LaTeX / R Markdown
Microsoft Excel
Microsoft Word
NVIVO
R Studio
Spreadsheet

Glossário

Ameaças pessoais: ameaças diretas ao indivíduo.

Ameaças societais ou sociais: ameaças ao grupo com o qual o indivíduo se identifica e se reconhece como parte integrante.

Autocefalia na Ucrânia: processo por meio do qual a Igreja Ortodoxa da Ucrânia adquiriu a independência em relação à Igreja Ortodoxa Russa, com a legitimação pelo Patriarcado de Constantinopla em janeiro de 2019. A medida foi concebida pelas elites ucranianas como um dos elementos do processo de desrussificação.

Autocracia informacional: conceito associado à estratégia de autocratas se apresentarem como líderes eficientes, sobretudo na economia, recorrendo a instrumentos de propaganda. Ver Guriev e Treisman (2019).

Banderovtsy: apoiadores de Stepan Bandera – líder nacionalista ucraniano que lutou pela independência da Ucrânia em relação à URSS e, em determinados momentos da Segunda Guerra Mundial, colaborou com os invasores nazistas (ver UPA). As autoridades russas usam o termo para se referir a neonazistas e nacionalistas ucranianos. Em alguns casos, expandem o termo para abranger as elites ucranianas e grupos ucranianófilos de maneira genérica.

Barganhas autoritárias: concepção de que cidadãos renunciam a direitos políticos e consentem com regime autoritário em troca de ganhos econômicos / segurança econômica. Ver Desai et al. (2009).

Cáucaso Norte: região no Sul da Rússia com alta concentração de minorias étnicas e de população muçulmana. Foi uma das últimas regiões a serem incorporadas ao Estado russo. Na Segunda Guerra Mundial, Stalin ordenou a deportação de diversos povos da região ao interior da URSS, temendo sua colaboração com invasores nazistas – muitos morreram no processo. No período pós-soviético, a região presenciou elevada instabilidade político-social, com movimentos separatistas (principalmente no caso da Chechênia) e grupos radicais islâmicos. Ainda hoje é uma das regiões mais pobres da Rússia, com alta dependência de transferências orçamentárias federais.

Chechênia: república da Rússia situada no Cáucaso Norte. De 1994 a 1996 houve um conflito com as autoridades federais (a Primeira Guerra da Chechênia) que terminou com um relativo sucesso dos grupos separatistas. Em 1999, após grupos radicais atacarem o Daguestão, república vizinha, foi iniciado um segundo conflito (a Segunda Guerra da Chechênia), concluído com a vitória das tropas federais. A vitória contra os separatistas conferiu um impulso significativo à popularidade de Vladimir Putin.

Conselho da Federação: câmara alta (Senado) do poder legislativo (a Assembleia Federal) da Rússia.

Crimeia: península no Sul da Ucrânia, anexada pela Rússia em 2014. A região foi incorporada ao Império Russo por Catarina II, a Grande, em 1783, após a derrota do Canato da Crimeia. Na Segunda Guerra Mundial, Stalin ordenou a deportação dos tártaros da Crimeia ao interior da URSS, temendo um colaboracionismo da população local com os invasores nazistas. Em 1954, a região foi transferida da República Socialista Federativa Soviética da Rússia para a República Socialista Soviética da Ucrânia. No período pós-soviético, deteve o status de "república autônoma" na Ucrânia independente. Com elevada concentração de russos étnicos (cerca de 58% em 2001) e abrigando a Frota Russa do Mar Negro, a região contou com tendências separativas significativas – o ano de 1994 foi um dos períodos mais críticos, superado após a intervenção do governo central contra as autoridades locais.

Daguestão: República no Cáucaso Norte russo com elevada diversidade étnica e população majoritariamente muçulmana.

Democracia militante: também conhecida como democracia "defensiva". O conceito, desenvolvido por Karl Loewenstein (1937), preconiza que são necessárias determinadas restrições a liberdades civis no intuito de proteger a própria democracia contra grupos radicais e antidemocráticos (por ex., fascistas).

Descomunização: processo de demolição e retirada de símbolos comunistas (estátuas, nomes de ruas, praças e cidades) na Ucrânia, associados a um projeto de combate ao passado "totalitário" e de "desrussificação".

Desrussificação: processo de retirada de símbolos russos nos espaços públicos e de diminuição do uso da língua russa. Os setores "ucranianófilos" da sociedade ucraniana consideram que a difusão de elementos identitários russos constituiu uma política colonialista do Império Russo e da URSS contra a identidade ucraniana. Legislações que promovem o uso da língua ucraniana representariam uma "discriminação positiva" – uma ação afirmativa de descolonização do país. A questão linguística foi um dos temas mais polarizados entre o Oeste (ucranianófono) e o Leste (russófono) no período pós-soviético.

Discurso da "quinta coluna": argumento de que determinados indivíduos e grupos na sociedade colaboram com inimigos externos e, portanto, representam uma ameaça ao Estado – medidas preventivas devem ser adotadas para neutralizar a ameaça. O termo "quinta coluna" teve origem na guerra civil espanhola, na qual o exército franquista contou com a ajuda de uma ala militar infiltrada no território inimigo durante o cerco de Madrid. Foi muito utilizado na Rússia e na Ucrânia.

Discurso do *trade-off*: argumento de que a garantia da ordem e da segurança em uma sociedade multinacional (multiétnica) demanda a consolidação de um Estado forte, centralizado e implicitamente autoritário; caso contrário, há o risco de instabilidade, conflitos e mesmo dissolução do Estado.

Donbass (russo) / Donbas (ucraniano): região no Leste da Ucrânia com elevada concentração de russos étnicos e população russófona. Era um grande polo industrial e minerador na URSS. É

composta pelos *oblasts* de Donetsk e Luhansk. Desde 2014, parte do Donbass é controlada por grupos pró-Rússia, que contam com a ajuda militar e econômica de Moscou.

Donetsk: uma das duas regiões do Donbass. Desde a guerra iniciada em 2014, parte de Donetsk passou a ser controlada por grupos pró-Rússia e parte se manteve sob o controle ucraniano.

Duma Estatal: câmara baixa do poder legislativo (a Assembleia Federal) da Rússia.

Espaço Pós-Soviético: termo utilizado para se referir às ex-repúblicas soviéticas.

Etnofederalismo ou federalismo étnico: sistema federativo em que as divisões administrativas (ou parte delas) são estabelecidas com base em critérios étnicos/ linguísticos. A fundação da URSS em 1922 representou a redivisão de parte do antigo Império Russo em regiões étnicas (as repúblicas e regiões autônomas).

Etnonacionalismo: ver "nacionalismo étnico".

Euromaidan: protestos na Ucrânia em 2013-2014 iniciados após a recusa do presidente Viktor Yanukovich, de orientação pró-Rússia, assinar um acordo comercial que facilitaria uma eventual entrada da Ucrânia na União Europeia. As manifestações adquiriram proporções violentas e culminaram na derrubada de Yanukovich e sua fuga para a Rússia. Autoridades russas afirmam que tal processo constituiu um golpe de Estado conduzido por nacionalistas com a ajuda do Ocidente. Em 2014, Moscou anexou a península da Crimeia e passou a estimular e apoiar (militar e economicamente) grupos separatistas no Donbass, Leste da Ucrânia. Já as elites ucranianas e nacionalistas veem a Euromaidan como uma revolta popular legítima contra um líder autoritário, corrupto e submisso aos interesses russos.

Federalismo étnico: ver "etnofederalismo".

In-groups: maiorias étnicas e grupos politicamente predominantes. O destaque à mobilização de grupos identitários foi notável na literatura sobre conflitos domésticos diversionistas (TIR E JASINSKI, 2008; KLEIN E TOKDEMIR, 2019), que ressalta a dicotomia entre *in-groups*, maiorias étnicas nacionais, por vezes beneficiadas pela posição hegemônica e de prestígio, e *out-groups*, as minorias étnicas, envolvidas em movimentos secessionistas ou não e, em alguns casos, em posição de estigma.

Lugansk (russo) / Luhansk (ucraniano): uma das duas regiões do Donbass. Desde a guerra iniciada em 2014, parte de Luhansk passou a ser controlada por grupos pró-Rússia e parte se manteve sob o controle ucraniano.

Lustração: processo de retirada do poder das antigas elites do Partido Comunista nos estados pós-comunistas. Na Ucrânia, o termo foi também utilizado para se referir à retirada de membros das elites ligadas ao ex-presidente Viktor Yanukovich, derrubado em 2014.

Mundo russo (*russkiy mir*): doutrina do Kremlin segundo a qual a Rússia deve zelar não apenas por seus cidadãos no território russo, mas também no exterior e por minorias étnicas russas e comunidades russófonas em ex-repúblicas soviéticas. O termo tem interpretações fluidas e é frequentemente apontado como um instrumento ideológico, nacionalista e expansionista para contestar as fronteiras estatais do Espaço Pós-Soviético.

Nacionalismo cívico: concepção de nação associada ao território em que o indivíduo nasce. O termo tem relação com o conceito de *jus solis* (direito de solo).

Nacionalismo étnico ou etnonacionalismo: concepção de nação associada não ao território no qual o indivíduo nasce, mas ao seu grupo étnico, aos laços de sangue e culturais com os seus antepassados. Tem relação com o conceito de *jus sanguinis* (direito de sangue). Ver Segrillo (1999).

Otamanshchyna (ucraniano) / atamanshchyna (russo): período de 1918 a 1923 em que a Ucrânia, recém independente, fragmentou-se devido às disputas entre lideranças locais armadas. As elites contemporâneas ressaltam que tais divisões facilitaram a perda da independência para os bolcheviques e a Rússia e que se não houver unidade nacional, a Ucrânia poderá sucumbir novamente.

Out-groups: minorias étnicas e/ou grupos socialmente marginalizados. Ver "*in-groups*".

Pacto de proteção: conceito que preconiza uma coesão entre elites frente a um conflito doméstico ou ameaça. Tais pactos seriam socialmente mais abrangentes do que os "pactos de provisão", alicerçados em práticas clientelistas. Ver Slater (2010).

Passaportização: emissão de documentos de cidadania russa (passaportes internos, equivalente a RGs) para ucranianos e populações russófonas do Espaço Pós-Soviético. Tal estratégia tem relação com a doutrina do "mundo russo" (*russkiy mir*).

Período Laranja: período que sucedeu à Revolução Laranja de 2004 na Ucrânia, no mandato do presidente Viktor Yushchenko (2005-2010).

Preferências autoritárias: nesta tese, as preferências autoritárias foram operacionalizadas por variáveis como o apoio ao fechamento do parlamento e de partidos políticos, o apoio a uma ditadura e o apoio a um governo militar.

Problema de *stateness* (*stateness question*): segundo Linz e Stepan (1996), há um problema de *stateness* quando divergências profundas sobre as fronteiras territoriais da comunidade política do Estado (por ex., com movimentos separatistas) e sobre quem tem direito à cidadania nesse estado adquirem saliência política. Na presente tese, utilizo o termo problema de *stateness* para me referir aos casos de conflito separatista.

República Popular de Donetsk (DNR): região no Leste da Ucrânia (parte do *oblast* de Donetsk) controlada por grupos separatistas com o apoio militar e econômico da Rússia. Em fevereiro de 2022, a Rússia reconheceu a DNR como um Estado independente.

República Popular de Lugansk (LNR): região no Leste da Ucrânia (parte do *oblast* de Luhansk) controlada por grupos separatistas com o apoio militar e econômico da Rússia. Em fevereiro de 2022, a Rússia reconheceu a LNR como um Estado independente.

Revolução da Dignidade: termo utilizado pelas elites ucranianas para se referir a Euromaidan de 2014. Ver "Euromaidan".

Revolução Laranja de 2004: processo político no qual milhares de manifestantes contestaram os resultados das eleições presidenciais em que o candidato Viktor Yanukovich saiu vitorioso. Após denúncias de fraude e recontagem de votos, a vitória foi atribuída ao candidato Viktor Yushchenko, ucrainófilo e pró-Ocidente. Denomino o mandato de Yushchenko (2005-2010) de "Período Laranja".

Rus de Kiev: Estado medieval que antecedeu a formação de Belarus, Rússia e Ucrânia. Existiu de 879 a 1.240 d.C.

Russófonos: cidadãos ucranianos que têm o russo como principal língua de comunicação.

Russófilos: parte da população ucraniana que no período pós-soviético apoiou uma maior aproximação e integração do país com a Rússia e uma maior proteção ao uso da língua russa; veem o período soviético de maneira positiva. Concentram-se no Leste. Ver Way (2015).

Stateness: ver "Problema de *stateness*".

Ucranianófonos: cidadãos ucranianos que têm o ucranianao como principal língua de comunicação.

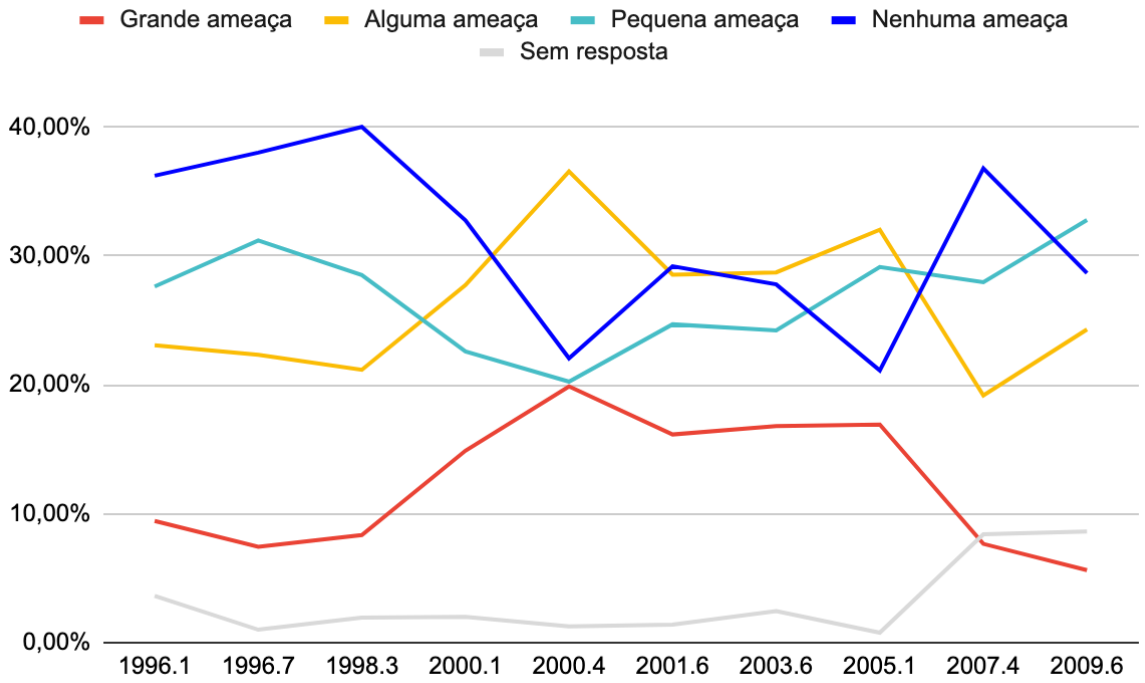
Ucranianófilos: parte da população ucraniana que no período pós-soviético apoiou uma maior aproximação e integração do país com o Ocidente e uma maior proteção da língua ucraniana; veem a Rússia e o período soviético de maneira negativa. Concentram-se no Oeste. Ver Way (2015).

UPA (Exército Insurgente Ucraniano): Formação guerrilheira que lutou pela independência da Ucrânia em relação à URSS durante a Segunda Guerra Mundial. Houve momentos tanto de colaboração com os nazistas quanto de combate a eles. Seus focos de resistência foram eliminados na década de 1950.

Verkhovna Rada (Conselho Superior): parlamento unicameral da Ucrânia.

Anexos

Anexo 1.1 Variação no percentual de indivíduos por percepção de minorias como ameaça



Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 1.2 Relação entre número de vítimas fatais civis (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e percepção de minorias como ameaça

	Medo_minorias								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Mortes_civis_12_meses	0.032***	0.029***	0.028***	0.032***	0.017***	0.018***	0.018**	0.033***	0.026**
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.006)	(0.009)	(0.009)
GeneroFeminino		0.131***	0.109***		0.114***	0.142***		0.031***	−0.038***
		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.002)		(0.007)	(0.007)
Idade		−0.005***	−0.005***		−0.007***	−0.007***		−0.004	−0.003
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.024*	−0.024**		−0.040**	−0.048***		−0.015	0.025
		(0.010)	(0.009)		(0.014)	(0.014)		(0.035)	(0.035)
Tipo_localidadeRural		−0.117***	−0.177***		0.075***	0.046***		−0.233***	−0.318***
		(0.002)	(0.002)		(0.003)	(0.002)		(0.008)	(0.007)
Tamanho_populacao		−0.013**	−0.016***		0.019***	0.027***		−0.047***	−0.061***
		(0.004)	(0.004)		(0.005)	(0.005)		(0.013)	(0.013)
PIB_pc_PPP		−0.00001	−0.00002		0.0001	0.0001		0.0002	0.0002
PIB_pc_crescimento		0.009**	0.007*		0.036***	0.030***		−0.025	−0.014
		(0.003)	(0.003)		(0.006)	(0.006)		(0.014)	(0.014)
log(Inflacao)		−0.107***	−0.132***		0.055***	0.030		0.022	0.073*
		(0.013)	(0.012)		(0.016)	(0.016)		(0.037)	(0.036)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	17,708	14,467	15,441	10,938	8,860	8,855	2,030	1,535	1,538

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 1.3 Relação entre os períodos cobertos pelos *surveys* e percepção de minorias como ameaça (nenhuma ou pouca vs alguma ou grande)

	as.numeric(Medo_minorias.dummy)					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
data_survey1996.1	0.009	0.009	0.012	0.014	−0.002	−0.009
	(0.015)	(0.015)	(0.016)	(0.016)	(0.040)	(0.040)
data_survey1996.7	−0.028	−0.023	−0.022	−0.014	−0.035	−0.044
	(0.016)	(0.017)	(0.018)	(0.018)	(0.041)	(0.042)
data_survey1998.3	−0.028	−0.025	−0.025	−0.022	−0.024	−0.021
	(0.016)	(0.016)	(0.017)	(0.018)	(0.040)	(0.042)
data_survey2000.1	0.106***	0.114***	0.117***	0.125***	0.064	0.069
	(0.016)	(0.016)	(0.017)	(0.017)	(0.041)	(0.042)
data_survey2000.4	0.243***	0.257***	0.253***	0.267***	0.146**	0.171***
	(0.016)	(0.017)	(0.018)	(0.018)	(0.047)	(0.048)
data_survey2001.6	0.125***	0.132***	0.150***	0.160***	0.023	0.022
	(0.016)	(0.016)	(0.017)	(0.017)	(0.040)	(0.040)
data_survey2003.6	0.138***	0.136***				
	(0.016)	(0.017)				
data_survey2005.1	0.165***	0.169***	0.174***	0.181***	0.129**	0.141***
	(0.015)	(0.016)	(0.017)	(0.017)	(0.041)	(0.042)
data_survey2007.4	−0.036*	−0.028				
	(0.017)	(0.018)				
data_survey2009.6	−0.001	0.011				
	(0.017)	(0.018)				
GeneroFeminino		0.024***		0.024**		−0.001
		(0.007)		(0.009)		(0.020)
Idade		−0.001***		−0.001***		−0.0005
		(0.0002)		(0.0003)		(0.001)
Renda		−0.005		−0.006		−0.003
		(0.003)		(0.003)		(0.007)
Constant	0.329***	0.362***	0.337***	0.386***	0.273***	0.303***
	(0.011)	(0.019)	(0.012)	(0.023)	(0.031)	(0.052)
GRUPO	Geral	Geral	Russos	Russos	Minorias	Minorias
Observations	19,576	18,048	12,566	11,872	2,246	2,080
R^2	0.033	0.035	0.038	0.041	0.017	0.022
Note:						*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Logit binomial*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020) e surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 1.4 Percepção de minorias como ameaça e responsabilização dos chechenos (2000.1 e 2000.4)

	as.numeric(Culpa_chechenos)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.175***	0.186***	0.155***	0.189***	0.201***	0.152***	0.046	0.051	0.159
	(0.039)	(0.041)	(0.042)	(0.042)	(0.045)	(0.046)	(0.107)	(0.118)	(0.114)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.245***	0.221***	0.186***	0.251***	0.230***	0.198***	0.220*	0.160	0.184
	(0.035)	(0.038)	(0.038)	(0.038)	(0.041)	(0.042)	(0.098)	(0.110)	(0.102)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.412***	0.419***	0.369***	0.431***	0.440***	0.378***	0.215	0.193	0.373*
	(0.042)	(0.044)	(0.045)	(0.044)	(0.047)	(0.048)	(0.136)	(0.156)	(0.157)
GeneroFeminino		0.041	0.043		0.023	0.030		0.175*	0.150
		(0.029)	(0.029)		(0.031)	(0.031)		(0.086)	(0.081)
Idade		−0.00004	−0.001		−0.0004	−0.002		0.003	0.001
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.002)
Renda		0.004	−0.015		−0.001	−0.021		0.036	0.025
		(0.013)	(0.013)		(0.014)	(0.014)		(0.036)	(0.034)
Tipo_localidadeRural		0.065	0.085		0.071	0.067		−0.017	0.217
		(0.060)	(0.060)		(0.063)	(0.064)		(0.209)	(0.194)
Tamanho_populacao		−0.003	−0.003		−0.001	−0.005		−0.031	−0.010
		(0.008)	(0.008)		(0.008)	(0.008)		(0.027)	(0.025)
data_survey2000.4		−0.001	−0.001		−0.011	−0.010		0.040	0.024
		(0.031)	(0.032)		(0.034)	(0.034)		(0.096)	(0.091)
Constant	3.109***	2.992***	3.126***	3.108***	3.051***	3.216***	3.119***	2.260***	2.245***
	(0.026)	(0.114)	(0.116)	(0.029)	(0.120)	(0.122)	(0.061)	(0.420)	(0.392)
Regiao	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Pesos	Nao	Não	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,405	3,105	3,105	2,935	2,706	2,706	454	386	386
R^2	0.030	0.067	0.062	0.033	0.066	0.061	0.014	0.159	0.226
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 1.5 Lista de ocorrências, atentados e conflitos étnicos de grade ressonância

Ano	Mês	Ocorrência	Local	Vítimas fatais (aproximado)
1992	10	**Conflito Osseta-Ingush**	Cáucaso, Repúblicas da Ossétia do Norte e Inguchétia	600
1995	06	**Crise de reféns do hospital Budyonnovsk**	Cáucaso, território de Stavropol, Boudionnovsk	150
1996	01	**Crise de reféns Kizlyar-Pervomayskoye**	Cáucaso, República do Daguestão, Kizlyar e Pervomayskoye-Sovetskoye	377
1996	01	**Crise dos reféns do Mar Negro, captura do navio "Avrasiya"**	Turquia (Trabzon)	0
1996	03	**Explosão em edifício residencial em Kaspijsk**	Cáucaso, República do Daguestão, Kaspijsk	69
1996	06	**Ataque em Nalchik**	Cáucaso, República da Cabárdia-Balcária, Nalchik	6
1999	03	**Ataque terrorista em Vladikavkaz**	Cáucaso, República da Ossétia do Norte, Vladikavkaz	52
1999	08	**Invasão de guerrilheiros ao Daguestão**	Cáucaso, República do Daguestão	2779, incluindo guerrilheiros
1999	08	**Explosão na Praça Manezhnaya**	Moscou	1
1999	09	**Explosões em edifícios residenciais em diferentes cidades**	Buynaksk (República do Daguestão), Moscou e Volgodonsk (oblast de Rostov-na-Donu)	307
2000	08	**Explosão no metrô de Moscou (suspeita de briga entre comerciantes locais)**	Moscou	13
2001	03	**Ataque terrorista em Mineralnye Vody**	Cáucaso, território de Stavropol, Mineralnye Vody	24
2002	05	**Ataque em Kaspiysk,**	Cáucaso, República do Daguestão, Kaspijsk	43
2002	10	**Crise de reféns no teatro de Dubrovka, Moscou**	Moscou	170
2003	07	**Explosão no festival de rock "Krylya", Tushino**	Moscou	15
2003	08	**Explosão em hospital militar em Mozdok**	Cáucaso, República da Ossétia do Norte, Mozdok	52
2003	09	**Explosão no trem Kislovodsk - Mineralnye Vody**	Cáucaso, Stavropol Krai	7
2003	12	**Explosão no trem Kislovodsk - Mineralnye Vody**	Cáucaso, Stavropol Krai, Yessentuki	46
2003	12	**Explosão no hotel "Nacional", Praça Vermelha**	Moscou	6
2004	02	**Explosão no metrô de Moscou**	Moscou	41

2004	05	**Explosão em estádio de Grozny, morte do presidente (governador) da Chechênia, Akhmad Kadyrov**	Cáucaso, República da Chechênia, Grozny	10
2004	06	**Ataque a Nazran**	Cáucaso, República da Inguchétia, Nazran	27
2004	08	**Explosões em aviões**	Moscou	89
2004	08	**Ataque terrorista na estação de metrô "Rizhskaya"**	Moscou	10
2004	09	**Ataque à escola de Beslan**	Cáucaso, República da Ossétia do Norte, Beslan	333
2005	06	**Ataque no trem Grozny-Moscou**	Oblast de Moscou	0
2005	08	**Conflito étnico em Yandyki**	Volga, Oblast de Astracã, Yandiki	1
2005	10	**Ataque a Nalchik**	Cáucaso, República da Cabárdia-Balcária, Nalchik	49
2006	08	**Conflito étnico em Kondopoga**	Norte, República da Carélia, Kondopoga	2
2007	05	**Conflito étnico em Stavropol**	Cáucaso, território de Stavropol, Stavropol	2
2007	08	**Ataque ao trem Nevsky Express**	São Petersburgo, Burga	0
2008	11	**Ataque terrorista em Vladikavkaz**	Cáucaso, República da Ossétia do Norte, Vladikavkaz	12
2009	08	**Ataque armado de militantes em agosto em Buynaksk**	Cáucaso, Daguestão, Buynaksk	11
2009	11	**Ataque ao trem Nevsky Express**	Centro, oblast de Tver, Bologoye	28
2010	03	**Explosões no metrô de Moscou**	Moscou	40
2010	03	**Explosões em Kizlyar**	Cáucaso, República do Daguestão, Kizlyar	12
2010	09	**Ataque terrorista em Vladikavkaz**	Cáucaso, República da Ossétia do Norte, Vladikavkaz	17
2010	12	**Motins na Praça Manezhnaya por tensões étnicas**	Moscou	1
2011	01	**Atentado no Aeroporto Internacional Domodedovo**	Moscou	37
2013	06	**Conflito étnico em Udomlya**	Centro, oblast de Tver, Udomlya	0
2013	07	**Conflito étnico em Pugachev**	Volga, oblast de Saratov, Pugachev	1
2013	10	**Conflito étnico em Biryulyovo Zapadnoye**	Moscou	1
2013	10	**Explosão em ônibus em Volgograd**	Volga, oblast de Volgograd, Volgograd	7
2013	12	**Ataques terroristas em Volgograd**	Volga, oblast de Volgograd, Volgograd	34

2015	10	**Queda do avião A321 na Península do Sinai**	Egito	224
2017	04	**Ataque terrorista no metrô de São Petersburgo**	São Petersburgo	16
2017	08	**Massacre em Surgut**	Cáucaso, República do Daguestão, Surgut	1
2018	05	**Ataque a uma Igreja Ortodoxa em Grozny**	Cáucaso, República da Chechênia, Grozny	7
2019	06	**Tensão étnica (briga com ciganos) em Chemodanovka**	Volga, oblast de Penza, Chemodanovka	1

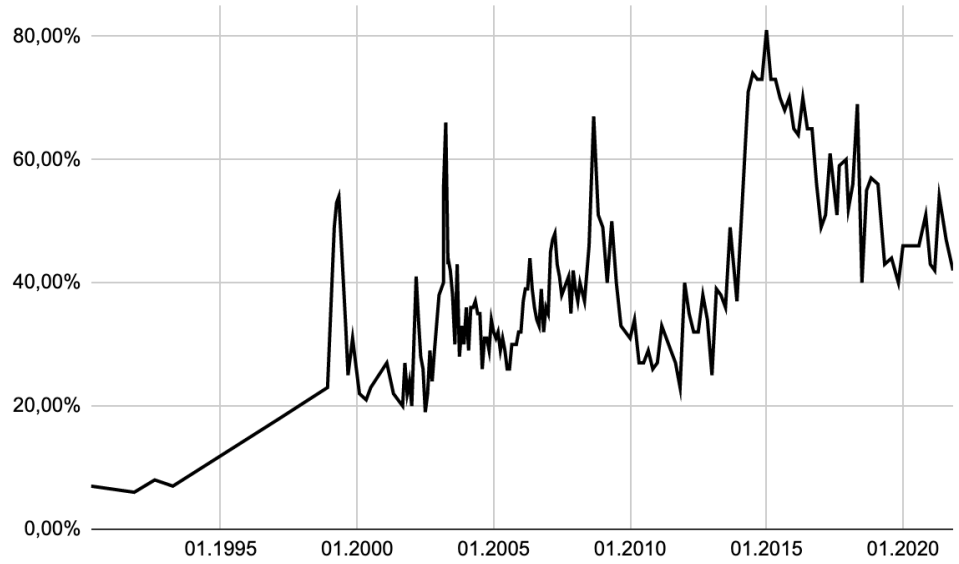
Fonte: elaborado pelo autor com base em pesquisa de conteúdo midiático.

Anexo 1.6 Relação entre número de vítimas fatais civis (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e percepção dos EUA como ameaça (nenhuma, pouca, alguma e grande)

	Medo_EUA								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Mortes_civis_12_meses	0.003	0.007**	0.004*	0.013***	−0.026***	−0.027***	0.008	−0.023**	−0.019*
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.006)	(0.009)	(0.008)
GeneroFeminino		−0.118***	−0.123***		−0.113***	−0.095***		−0.205***	−0.272***
		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)		(0.007)	(0.007)
Idade		0.006***	0.007***		0.006***	0.007***		0.005	0.002
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.045***	−0.037***		−0.049***	−0.045**		−0.011	−0.032
		(0.010)	(0.009)		(0.014)	(0.014)		(0.034)	(0.034)
Tipo_localidadeRural		−0.124***	−0.139***		−0.027***	−0.041***		0.026***	0.030***
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.007)	(0.007)
Tamanho_populacao		−0.015***	−0.010*		0.002	0.012*		−0.025	−0.015
		(0.004)	(0.004)		(0.005)	(0.005)		(0.013)	(0.013)
PIB_pc_PPP		0.00004	0.00004		0.00002	−0.00000		−0.00004	−0.00003
PIB_pc_crescimento		0.013***	0.012***		0.095***	0.093***		0.084***	0.078***
		(0.003)	(0.003)		(0.006)	(0.006)		(0.014)	(0.014)
log(Inflacao)		−0.038**	−0.059***		0.109***	0.072***		0.135***	0.105**
		(0.013)	(0.012)		(0.016)	(0.016)		(0.036)	(0.035)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	17,684	14,440	15,423	10,900	8,822	8,817	2,017	1,524	1,536
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

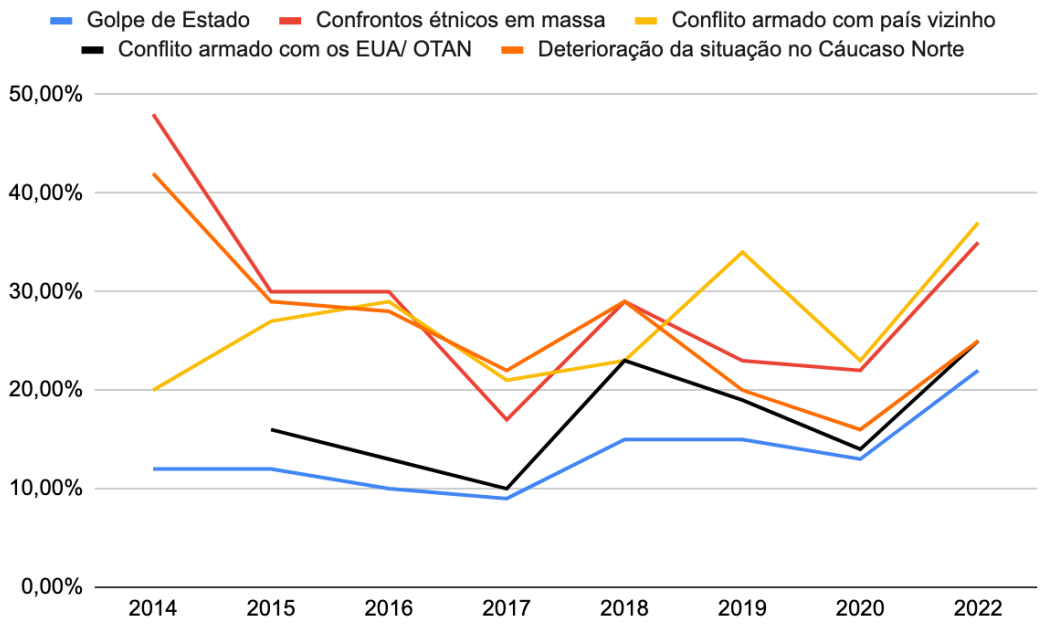
Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 1.7 Percepção de que as relações com os EUA são ruins



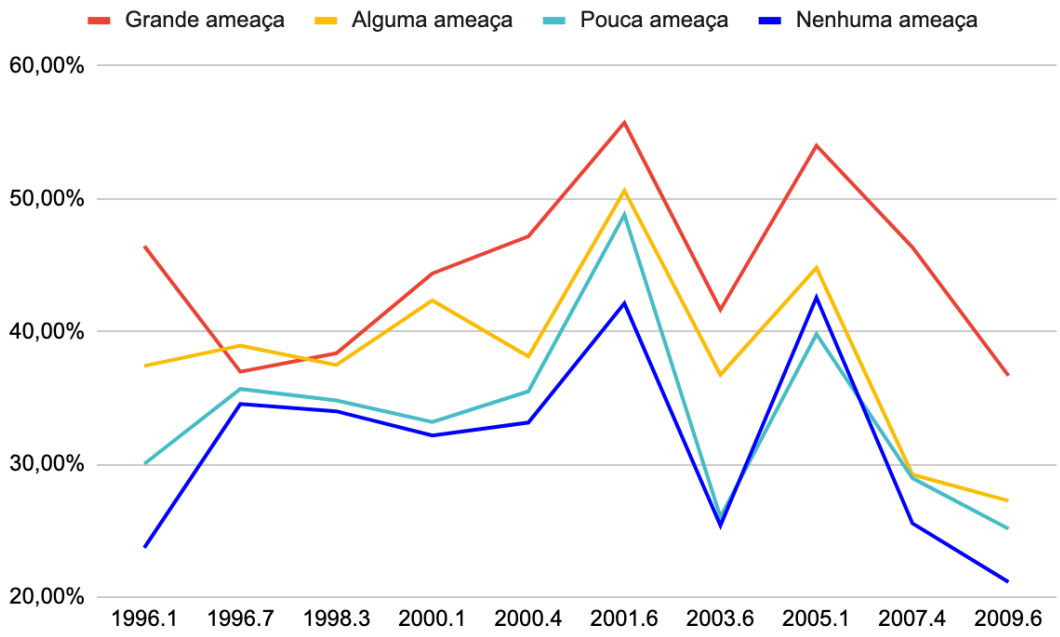
Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do Levada-Center (2021).

Anexo 1.8 "É possível no futuro ocorrer os seguintes eventos na Rússia?"



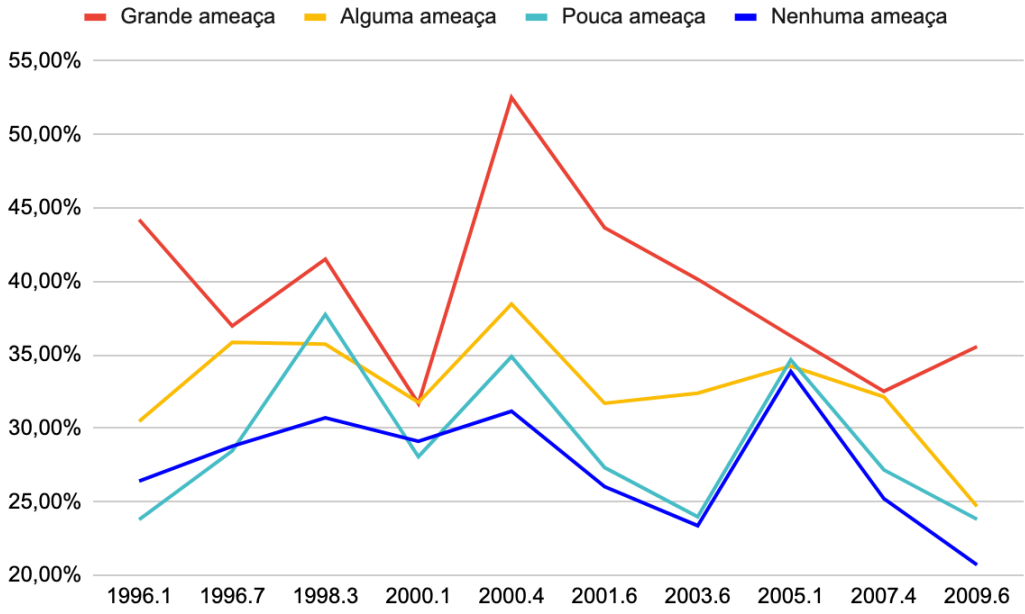
Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do Levada-Center (2022).

Anexo 2.1 Apoio ao fechamento do parlamento subdividido por grupos de percepção de minorias como ameaça



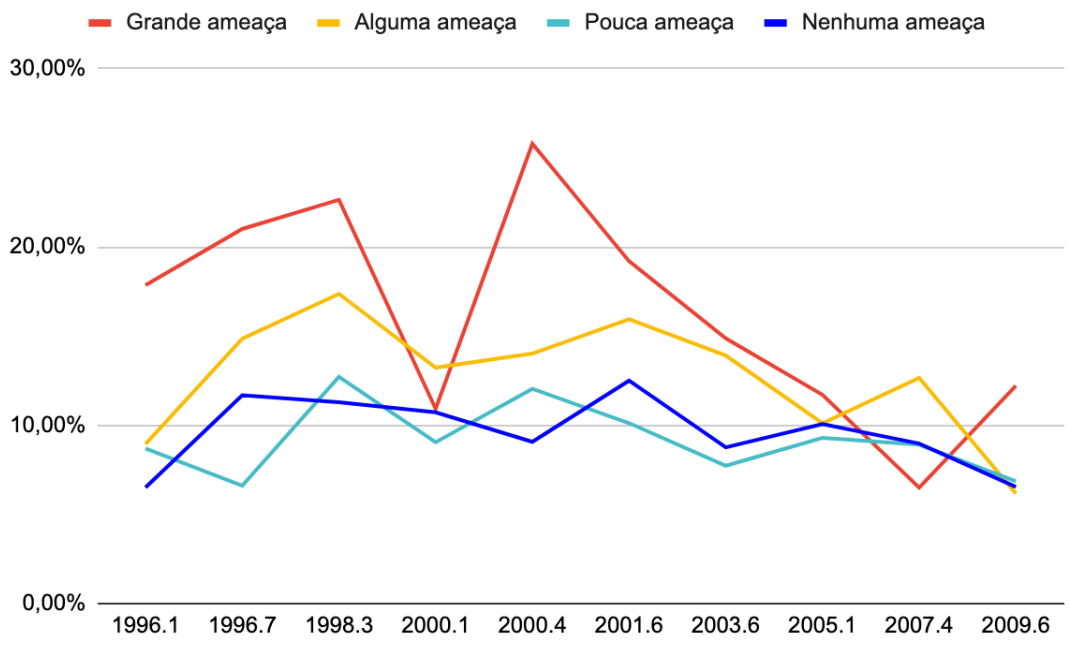
Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 2.2 Apoio a uma ditadura subdividido por grupos de percepção de minorias como ameaça



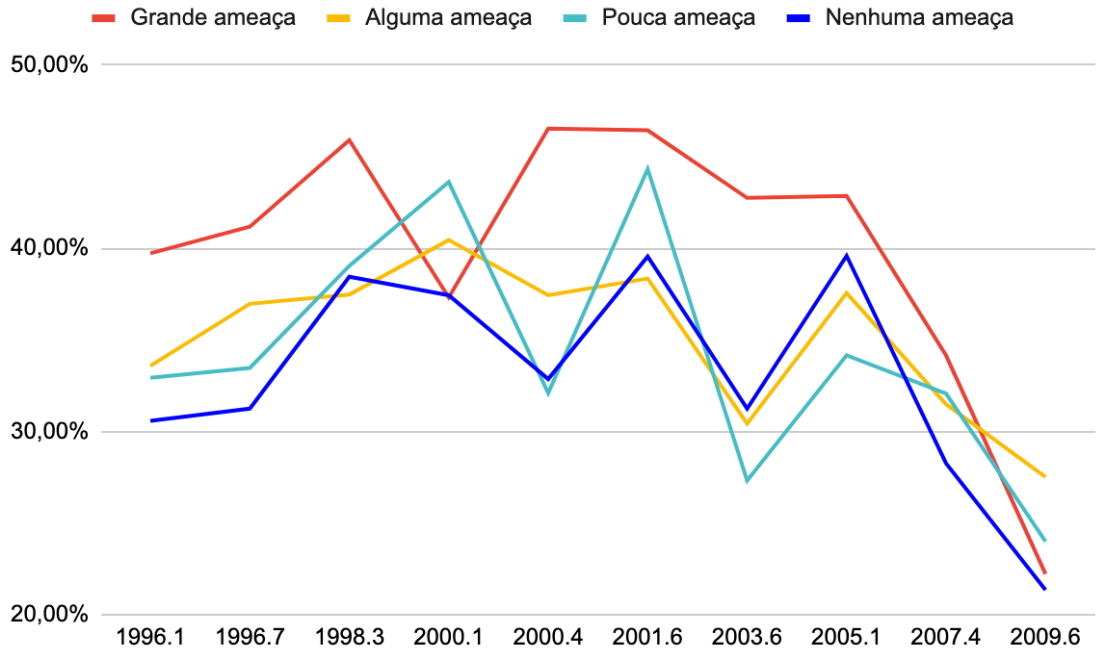
Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 2.3 Apoio a um governo militar subdividido por grupos de percepção de minorias como ameaça



Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 2.4 Apoio à volta do comunismo subdividido por grupos de percepção de minorias como ameaça



Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 2.5 Relação entre percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias agregadas em abril de 2000

	Preferencias_autoritarias_agregadas								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.161	0.217	0.529***	0.143	0.298*	0.557***	0.195	−0.094	0.387
	(0.135)	(0.140)	(0.139)	(0.146)	(0.150)	(0.151)	(0.391)	(0.466)	(0.480)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.348**	0.322*	0.606***	0.335**	0.336*	0.621***	0.305	0.529	0.492
	(0.120)	(0.125)	(0.125)	(0.129)	(0.135)	(0.135)	(0.348)	(0.418)	(0.395)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.853***	0.770***	0.959***	0.801***	0.734***	0.908***	1.255**	1.384**	1.624**
	(0.137)	(0.141)	(0.143)	(0.147)	(0.150)	(0.153)	(0.416)	(0.503)	(0.488)
GeneroFeminino		−0.185*	−0.038		−0.150	−0.030		−0.498	−0.309
		(0.088)	(0.089)		(0.093)	(0.094)		(0.298)	(0.273)
Idade		0.007*	0.007**		0.006*	0.006*		0.020*	0.024**
		(0.003)	(0.003)		(0.003)	(0.003)		(0.009)	(0.008)
Renda		−0.068	−0.068		−0.084*	−0.104*		−0.018	0.008
		(0.038)	(0.039)		(0.041)	(0.042)		(0.118)	(0.117)
Tipo_localidadeRural		0.071	0.323		0.124	0.365		−0.332	−0.191
		(0.190)	(0.191)		(0.202)	(0.203)		(0.638)	(0.620)
Tamanho_populacao		−0.040	−0.003		−0.040	−0.001		0.021	0.046
		(0.024)	(0.024)		(0.026)	(0.026)		(0.083)	(0.076)
Constant	3.015***	3.312***	2.971***	3.041***	3.510***	3.291***	2.905***	0.173	−0.972
	(0.094)	(0.416)	(0.403)	(0.104)	(0.429)	(0.418)	(0.222)	(1.950)	(1.611)
Regiao	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	1,470	1,373	1,373	1,309	1,225	1,225	161	148	148
R^2	0.029	0.160	0.188	0.025	0.161	0.182	0.056	0.418	0.585
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 2.6 Relação entre percepção dos EUA como ameaça e preferências autoritárias

	Preferencias_autoritarias_agregadas								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_EUAPequena ameaça	0.123**	0.142***	0.161***	0.071	0.079	0.088	0.070	0.086	0.160
	(0.038)	(0.042)	(0.043)	(0.047)	(0.052)	(0.052)	(0.108)	(0.125)	(0.125)
Medo_EUAAlguma ameaça	0.251***	0.260***	0.222***	0.240***	0.260***	0.217***	0.274*	0.264*	0.261*
	(0.037)	(0.040)	(0.040)	(0.045)	(0.050)	(0.050)	(0.108)	(0.124)	(0.123)
Medo_EUAGrande ameaça	0.523***	0.479***	0.456***	0.457***	0.417***	0.331***	0.532***	0.569***	0.743***
	(0.045)	(0.048)	(0.048)	(0.055)	(0.060)	(0.060)	(0.131)	(0.146)	(0.146)
GeneroFeminino		−0.123***	−0.133***		−0.117**	−0.094*		−0.070	−0.019
		(0.031)	(0.031)		(0.039)	(0.039)		(0.094)	(0.095)
Idade		0.008***	0.009***		0.007***	0.009***		0.006*	0.008**
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.142***	−0.128***		−0.152***	−0.138***		−0.057	−0.025
		(0.012)	(0.012)		(0.016)	(0.016)		(0.036)	(0.036)
Tipo_localidadeRural		−0.065	−0.033		−0.166*	−0.109		−0.037	−0.159
		(0.059)	(0.058)		(0.073)	(0.073)		(0.196)	(0.194)
Tamanho_populacao		−0.049***	−0.041***		−0.056***	−0.044***		−0.035	−0.040
		(0.008)	(0.008)		(0.009)	(0.009)		(0.026)	(0.027)
PIB_pc_PPP	−0.00005***	−0.00005***	−0.0001***	−0.00005**	−0.0001***	−0.00005**	−0.00003	−0.00002	0.00004
	(0.00000)	(0.00001)	(0.00001)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00002)	(0.00004)	(0.00004)	(0.00004)
PIB_pc_crescimento	0.012***	0.010**	0.007	0.022***	0.021***	0.017***	0.017	0.020	−0.005
	(0.003)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.005)	(0.005)	(0.011)	(0.014)	(0.013)
log(Inflacao)	−0.131***	−0.118***	−0.111***	−0.120***	−0.110***	−0.103***	−0.154**	−0.118	−0.063
	(0.021)	(0.023)	(0.023)	(0.024)	(0.027)	(0.027)	(0.056)	(0.063)	(0.063)
Constant	3.557***	3.943***	3.875***	3.532***	4.141***	3.906***	3.582***	3.456***	2.815***
	(0.110)	(0.152)	(0.152)	(0.163)	(0.212)	(0.212)	(0.376)	(0.497)	(0.499)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim		
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	16,012	13,084	13,084	10,398	8,408	8,408	1,929	1,464	1,464
R^2	0.020	0.056	0.051	0.019	0.057	0.045	0.022	0.041	0.035
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys (ROSE ET AL., 1993-2009) do NRB e dados do World Bank (2022).

Anexo 2.7 Relação entre percepção dos EUA como ameaça e diferentes indicadores de preferências autoritárias agregadas

	Suspender_parlamento		Ditadura		Governo_militar		Volta_comunismo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Medo_EUAPequena ameaça	−0.032***	0.021***	0.145***	0.166***	0.147***	0.148***	0.177***	0.176***
	(0.001)	(0.0005)	(0.022)	(0.022)	(0.023)	(0.023)	(0.022)	(0.022)
Medo_EUAAlguma ameaça	0.009***	0.070***	0.339***	0.296***	0.246***	0.144***	0.366***	0.280***
	(0.001)	(0.001)	(0.025)	(0.024)	(0.026)	(0.025)	(0.025)	(0.025)
Medo_EUAGrande ameaça	0.005***	0.070***	0.504***	0.460***	0.327***	0.189***	0.792***	0.718***
	(0.0002)	(0.0002)	(0.002)	(0.001)	(0.002)	(0.001)	(0.002)	(0.002)
Grupo_etnRussos	0.117***	0.146***	−0.060***	−0.019***	−0.090***	−0.085***	−0.179***	−0.232***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.002)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
GeneroFeminino	−0.074***	−0.086***	−0.092***	−0.060***	−0.042***	−0.004	0.037***	0.039***
	(0.002)	(0.002)	(0.008)	(0.009)	(0.010)	(0.011)	(0.008)	(0.009)
Idade	−0.007***	−0.007***	0.012***	0.013***	0.008***	0.010***	0.025***	0.026***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
Renda	−0.073***	−0.059***	−0.117***	−0.111***	−0.122***	−0.107***	−0.261***	−0.269***
	(0.013)	(0.013)	(0.013)	(0.013)	(0.014)	(0.014)	(0.013)	(0.013)
Tipo_localidadeRural	−0.055***	−0.077***	−0.189***	−0.141***	−0.175***	−0.092***	−0.232***	−0.155***
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)
Tamanho_populacao	−0.014**	−0.011*	−0.055***	−0.043***	−0.071***	−0.055***	−0.092***	−0.078***
	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)
PIB_pc_PPP	0.00005	0.0001	−0.00003	−0.00001	−0.0002	−0.0001	−0.0001	−0.00004
PIB_pc_crescimento	0.021***	0.018***	0.007	0.001	0.025***	0.024***	0.001	−0.008*
	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)
log(Inflacao)	−0.061***	−0.047***	−0.074***	−0.060***	−0.096***	−0.084***	−0.082***	−0.064***
	(0.014)	(0.014)	(0.013)	(0.013)	(0.014)	(0.014)	(0.013)	(0.013)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	10,025	9,971	10,237	10,240	10,237	10,249	10,245	10,251

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

2.8 Relação entre percepção dos EUA e de minorias como ameaça

	Medo_minorias								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Medo_EUAPequena ameaça	0.779***	0.800***	0.836***	0.705***	0.712***	0.796***	0.956***	0.962***	0.858***
	(0.010)	(0.001)	(0.001)	(0.021)	(0.023)	(0.023)	(0.051)	(0.054)	(0.056)
Medo_EUAAlguma ameaça	1.065***	1.086***	1.173***	0.990***	1.015***	1.150***	1.093***	1.014***	1.175***
	(0.016)	(0.001)	(0.001)	(0.021)	(0.023)	(0.023)	(0.049)	(0.050)	(0.051)
Medo_EUAGrande ameaça	1.452***	1.516***	1.530***	1.333***	1.428***	1.466***	1.589***	1.640***	1.811***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.002)	(0.003)	(0.003)
GeneroFeminino		0.148***	0.121***		0.136***	0.153***		0.089***	0.044***
		(0.001)	(0.0004)		(0.003)	(0.003)		(0.020)	(0.010)
Idade		−0.006***	−0.007***		−0.007***	−0.008***		−0.005*	−0.004
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.017*	−0.016*		−0.018	−0.019		−0.006	0.036
		(0.008)	(0.007)		(0.012)	(0.012)		(0.030)	(0.029)
Tipo_localidadeRural		−0.049***	−0.069***		−0.051***	−0.090***		0.024	0.070**
		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.002)		(0.021)	(0.025)
PIB_pc_PPP	−0.00000	−0.00001	−0.00002	0.0001	0.0001	0.0001	0.0002	0.0002	0.0003
PIB_pc_crescimento	0.038***	0.033***	0.029***	0.057***	0.060***	0.060***	−0.010**	0.016	0.015
	(0.002)	(0.003)	(0.002)	(0.002)	(0.004)	(0.003)	(0.004)	(0.009)	(0.009)
log(Inflacao)	0.121***	0.088***	0.066***	0.212	0.213***	0.201***	0.107	0.207***	0.259***
	(0.001)	(0.009)	(0.009)		(0.012)	(0.012)		(0.030)	(0.029)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	19,338	16,135	17,165	12,453	10,386	10,424	2,223	1,734	1,766

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

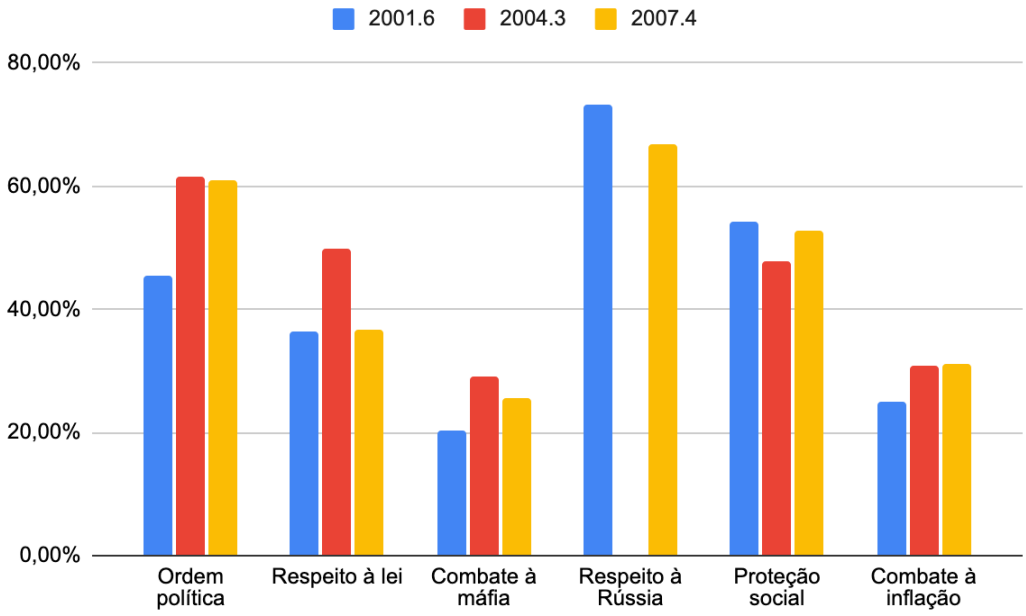
Anexo 3.1 Relação entre número de vítimas civis fatais (dividido por cem) nos doze meses que antecederam os *surveys* e diferentes preferências autoritárias

	Suspender_parlamento		Ditadura		Governo_militar		Volta_comunismo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Mortes_civis_12_meses	0.013***	0.013***	0.027***	0.025***	0.018***	0.017***	0.006**	0.001
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)
GeneroFeminino	−0.048***	−0.080***	−0.142***	−0.143***	−0.106***	−0.098***	−0.008***	−0.014***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.002)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
Idade	−0.003***	−0.001*	0.012***	0.013***	0.008***	0.009***	0.027***	0.029***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
Renda	−0.085***	−0.079***	−0.121***	−0.117***	−0.103***	−0.098***	−0.248***	−0.249***
	(0.010)	(0.009)	(0.009)	(0.009)	(0.010)	(0.009)	(0.009)	(0.009)
Tipo_localidadeRural	−0.029***	−0.028***	−0.033***	0.013***	−0.124***	−0.069***	0.0002	0.062***
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)
Tamanho_populacao	−0.015***	−0.013**	−0.047***	−0.039***	−0.063***	−0.052***	−0.060***	−0.050***
	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)
PIB_pc_PPP	−0.00003	−0.00003	−0.00005	−0.0001	−0.0001	−0.0001	−0.0001	−0.0001
PIB_pc_crescimento	−0.008**	−0.008**	−0.036***	−0.039***	−0.013***	−0.014***	−0.015***	−0.014***
	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
log(Inflacao)	−0.123***	−0.095***	−0.211***	−0.198***	−0.130***	−0.110***	−0.121***	−0.102***
	(0.013)	(0.012)	(0.012)	(0.012)	(0.013)	(0.012)	(0.012)	(0.012)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	17,015	18,608	18,171	20,075	18,224	20,126	18,161	20,050

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

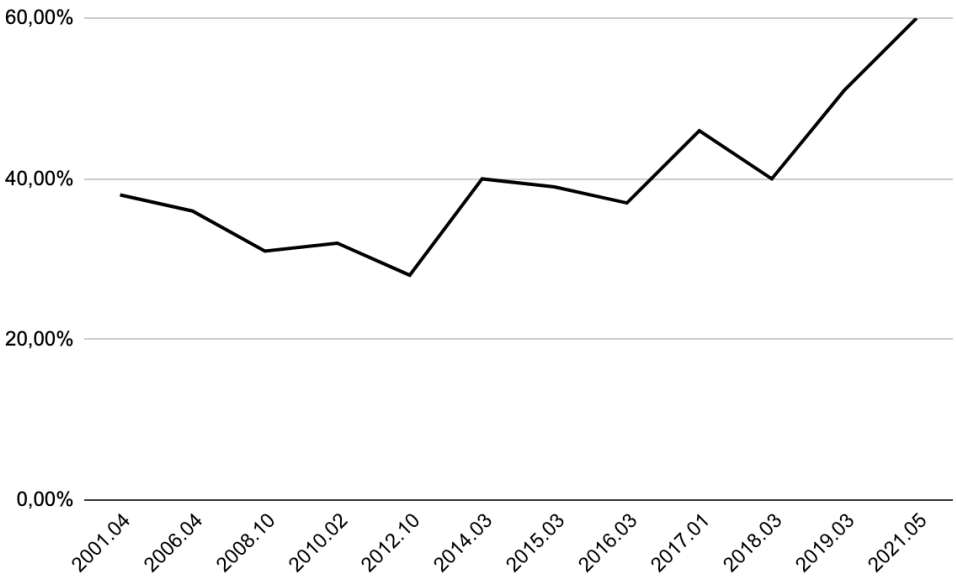
Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 3.2 "Qual foi o efeito de Putin nas seguintes áreas?"
(Respostas indicando "definitivamente melhorou" e "melhorou em algum grau")



Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 3.3 "Qual é a sua atitude pessoal em relação a Stalin?"
Respostas positivas (admiração, respeito e simpatia)



Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do Levada-Center (2021).

Anexo 4.1 Relação entre número de óbitos civis (dividido por cem) em conflitos ou atentados e média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente apresentam preferências autoritárias desagregadas

	Suspender_parlamento.medo		Ditadura.medo		Governo_militar.medo		Volta_comunismo.medo	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Mortes_civis_12_meses	0.021***	0.022***	0.034***	0.033***	0.036***	0.036***	0.025***	0.022***
	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
GeneroFeminino	0.107***	0.083***	0.034***	0.028***	−0.001	0.002	0.068***	0.041***
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.001)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)
Idade	−0.005***	−0.005***	0.004***	0.004***	0.003***	0.003***	0.008***	0.008***
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)
Renda	−0.053***	−0.050***	−0.068***	−0.075***	−0.076***	−0.067***	−0.122***	−0.122***
	(0.011)	(0.011)	(0.012)	(0.011)	(0.011)	(0.011)	(0.012)	(0.011)
Tipo_localidadeRural	−0.044***	−0.098***	−0.168***	−0.135***	−0.114***	−0.129***	−0.113***	−0.134***
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)
Tamanho_populacao	−0.004	−0.004	−0.040***	−0.029***	−0.049***	−0.036***	−0.042***	−0.035***
	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.005)	(0.006)	(0.006)	(0.005)	(0.005)
PIB_pc_PPP	−0.00001	−0.00001	−0.00002	−0.00002	−0.00005	−0.00005	−0.00003	−0.00004
PIB_pc_crescimento	0.024***	0.021***	−0.001	−0.002	−0.006	−0.009	0.010*	0.008
	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.005)	(0.005)	(0.004)	(0.004)
log(Inflacao)	−0.047**	−0.059***	−0.115***	−0.120***	−0.141***	−0.151***	−0.097***	−0.107***
	(0.015)	(0.015)	(0.016)	(0.015)	(0.018)	(0.017)	(0.016)	(0.015)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
Observations	13,426	14,145	14,135	15,046	14,138	15,050	14,085	14,987

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

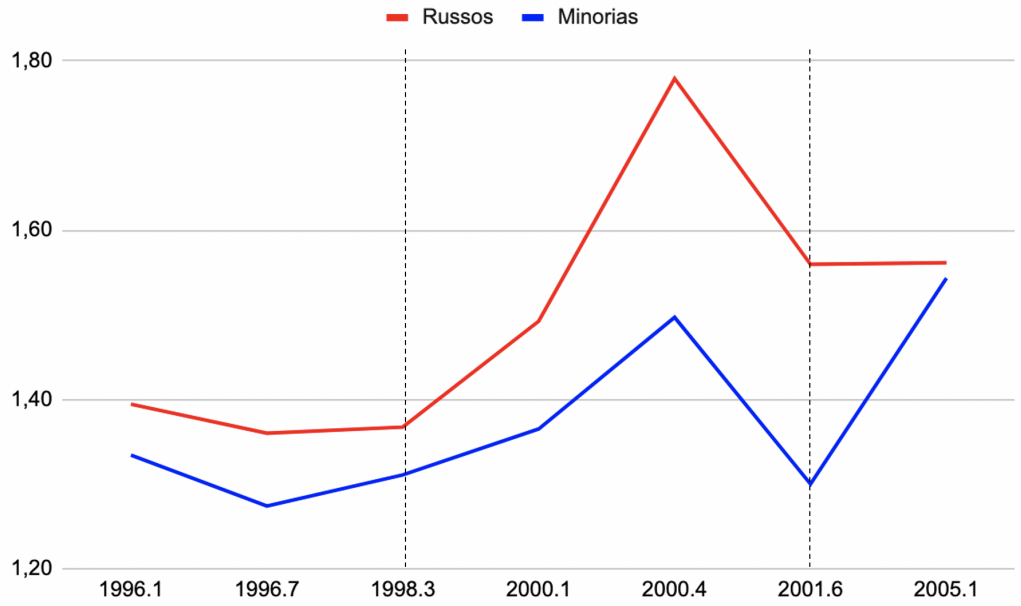
Regressão *ordered logistic*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1 (GLEDITSCH ET AL., 2002; PETTERSSON ET AL., 2020), surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 4.2 Variação no percentual de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e simultaneamente manifestam apoio à suspensão do parlamento



Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 4.3 Variação no percentual de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e simultaneamente manifestam apoio a uma ditadura



Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 4.4 Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam apoio à suspensão do parlamento (*differences-in-differences*)

	Suspender_parlamento.medo			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Tempo1	0.118	0.121	0.167*	0.174*
	(0.076)	(0.084)	(0.085)	(0.087)
Tempo2	0.279**	0.315***	0.327***	0.271**
	(0.089)	(0.095)	(0.097)	(0.095)
Tempo3	0.091	0.119	0.160*	0.116
	(0.073)	(0.080)	(0.080)	(0.083)
Etn_russos1	0.064	0.081	0.007	0.028
	(0.058)	(0.064)	(0.067)	(0.069)
GeneroFeminino		0.0003	−0.001	0.018
		(0.024)	(0.024)	(0.024)
Idade		−0.003***	−0.003***	−0.004***
		(0.001)	(0.001)	(0.001)
Renda		−0.015	−0.025*	−0.021*
		(0.010)	(0.010)	(0.010)
Tipo_localidadeRural		0.024	0.029	−0.061
		(0.046)	(0.050)	(0.050)
Tamanho_populacao		−0.002	−0.006	−0.013
		(0.006)	(0.007)	(0.007)
Educacao		−0.011*	−0.011*	−0.013*
		(0.005)	(0.005)	(0.005)
Tempo1:Etn_russos1	0.123	0.138	0.098	0.075
	(0.083)	(0.091)	(0.092)	(0.094)
Tempo2:Etn_russos1	0.126	0.109	0.109	0.140
	(0.096)	(0.102)	(0.103)	(0.101)
Tempo3:Etn_russos1	0.287***	0.284**	0.237**	0.242**
	(0.080)	(0.087)	(0.088)	(0.091)
Constant	1.353***	1.563***	1.658***	1.718***
	(0.053)	(0.089)	(0.114)	(0.114)
Regiao	Nao	Nao	Sim	Sim
Pesos	Nao	Nao	Nao	Sim
Observations	6,962	6,176	6,176	6,176
R^2	0.033	0.039	0.069	0.069
Note:				*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 4.5 Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam apoio a uma ditadura (*differences-in-differences*)

	Ditadura.medo			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Tempo1	0.051	0.056	0.097	0.119
	(0.073)	(0.081)	(0.082)	(0.085)
Tempo2	0.180*	0.212*	0.258**	0.247**
	(0.085)	(0.091)	(0.093)	(0.091)
Tempo3	−0.017	0.008	0.037	0.024
	(0.070)	(0.077)	(0.078)	(0.080)
Etn_russos1	0.050	0.085	0.059	0.071
	(0.056)	(0.062)	(0.065)	(0.067)
GeneroFeminino		0.017	0.014	0.029
		(0.023)	(0.023)	(0.023)
Idade		0.002**	0.002**	0.003***
		(0.001)	(0.001)	(0.001)
Renda		−0.031**	−0.037***	−0.031**
		(0.009)	(0.010)	(0.010)
Tipo_localidadeRural		−0.087*	−0.0005	−0.047
		(0.044)	(0.049)	(0.048)
Tamanho_populacao		−0.014*	−0.004	−0.005
		(0.006)	(0.006)	(0.006)
Educacao		−0.004	−0.005	−0.003
		(0.005)	(0.005)	(0.005)
Tempo1:Etn_russos1	0.074	0.067	0.032	−0.012
	(0.080)	(0.088)	(0.089)	(0.092)
Tempo2:Etn_russos1	0.232*	0.197*	0.175	0.204*
	(0.091)	(0.098)	(0.099)	(0.097)
Tempo3:Etn_russos1	0.209**	0.192*	0.161	0.167
	(0.077)	(0.085)	(0.086)	(0.088)
Constant	1.317***	1.398***	1.344***	1.275***
	(0.051)	(0.087)	(0.110)	(0.110)
Regiao	Nao	Nao	Sim	Sim
Pesos	Nao	Nao	Nao	Sim
Observations	7,157	6,333	6,333	6,333
R^2	0.029	0.038	0.066	0.074
Note:				*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo 4.6 Relação entre número de óbitos civis em conflitos (dividido por cem) e média dos grupos que percebem EUA como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias

	Pref_autoritarias_temerosos.EUA								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Mortes_civis_12_meses	0.012***	0.007*	0.003	0.015***	−0.012*	−0.014**	0.012	−0.022	−0.012
	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.005)	(0.005)	(0.007)	(0.014)	(0.013)
GeneroFeminino	−0.147***	−0.146***	−0.165***	−0.131**	−0.134**	−0.123**	−0.258*	−0.251*	−0.284**
	(0.036)	(0.035)	(0.036)	(0.045)	(0.045)	(0.045)	(0.108)	(0.108)	(0.109)
Idade	0.008***	0.008***	0.009***	0.009***	0.008***	0.009***	0.010**	0.009**	0.009**
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.003)	(0.003)	(0.003)
Renda	−0.091***	−0.092***	−0.076***	−0.092***	−0.088***	−0.075***	−0.025	−0.019	−0.038
	(0.014)	(0.014)	(0.014)	(0.018)	(0.018)	(0.018)	(0.041)	(0.041)	(0.042)
Tipo_localidadeRural	−0.117	−0.016	−0.050	−0.086	0.017	−0.017	−0.063	−0.037	−0.167
	(0.065)	(0.067)	(0.066)	(0.083)	(0.084)	(0.084)	(0.221)	(0.224)	(0.224)
Tamanho_populacao	−0.038***	−0.024**	−0.023**	−0.027**	−0.014	−0.008	−0.052	−0.044	−0.053
	(0.008)	(0.009)	(0.009)	(0.010)	(0.011)	(0.011)	(0.030)	(0.030)	(0.031)
PIB_pc_PPP		0.00001*	0.00001		−0.00001	−0.00001		−0.0001	−0.0001
		(0.00001)	(0.00001)		(0.00002)	(0.00002)		(0.00005)	(0.00005)
PIB_pc_crescimento		0.021***	0.019***		0.068***	0.063***		0.087**	0.063*
		(0.005)	(0.005)		(0.012)	(0.012)		(0.029)	(0.029)
log(Inflacao)		−0.047	−0.071*		0.038	0.003		0.078	0.025
		(0.028)	(0.028)		(0.037)	(0.036)		(0.090)	(0.089)
Constant	1.579***	1.480***	1.557***	1.457***	1.205***	1.292***	1.356***	1.423*	1.860**
	(0.095)	(0.173)	(0.173)	(0.123)	(0.243)	(0.243)	(0.304)	(0.571)	(0.575)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	13,084	13,084	13,084	8,408	8,408	8,408	1,464	1,464	1,464
R^2	0.019	0.024	0.021	0.019	0.030	0.024	0.020	0.029	0.024
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset 20.1, surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022).

Anexo.4.7 Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem EUA como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias (*differences-in-differences*)

	Pref_autoritarias_temerosos.EUA			
	(1)	(2)	(3)	(4)
Tempo1	0.240	0.292	0.503**	0.492*
	(0.173)	(0.190)	(0.192)	(0.197)
Tempo2	−0.009	0.204	0.341	0.322
	(0.204)	(0.216)	(0.219)	(0.215)
Tempo3	0.097	0.303	0.446*	0.238
	(0.166)	(0.181)	(0.182)	(0.188)
Etn_russos1	−0.207	−0.040	0.073	0.030
	(0.133)	(0.145)	(0.153)	(0.156)
GeneroFeminino		−0.186***	−0.186***	−0.202***
		(0.054)	(0.054)	(0.054)
Idade		0.007***	0.007***	0.008***
		(0.002)	(0.002)	(0.002)
Renda		−0.088***	−0.091***	−0.077***
		(0.022)	(0.023)	(0.023)
Tipo_localidadeRural		0.054	0.048	−0.055
		(0.104)	(0.114)	(0.114)
Tamanho_populacao		−0.016	−0.014	−0.018
		(0.013)	(0.015)	(0.015)
Educacao		−0.022	−0.018	−0.014
		(0.012)	(0.012)	(0.012)
Tempo1:Etn_russos1	0.045	−0.037	−0.212	−0.304
	(0.189)	(0.207)	(0.208)	(0.214)
Tempo2:Etn_russos1	0.431*	0.177	0.026	−0.020
	(0.219)	(0.232)	(0.233)	(0.229)
Tempo3:Etn_russos1	0.271	0.098	−0.093	0.103
	(0.183)	(0.198)	(0.200)	(0.207)
Constant	1.468***	1.581***	1.395***	1.463***
	(0.121)	(0.203)	(0.259)	(0.260)
Regiao	Nao	Nao	Sim	Sim
Pesos	Nao	Nao	Nao	Sim
Observations	6,856	6,083	6,083	6,083
R^2	0.005	0.021	0.057	0.057
Note:				*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

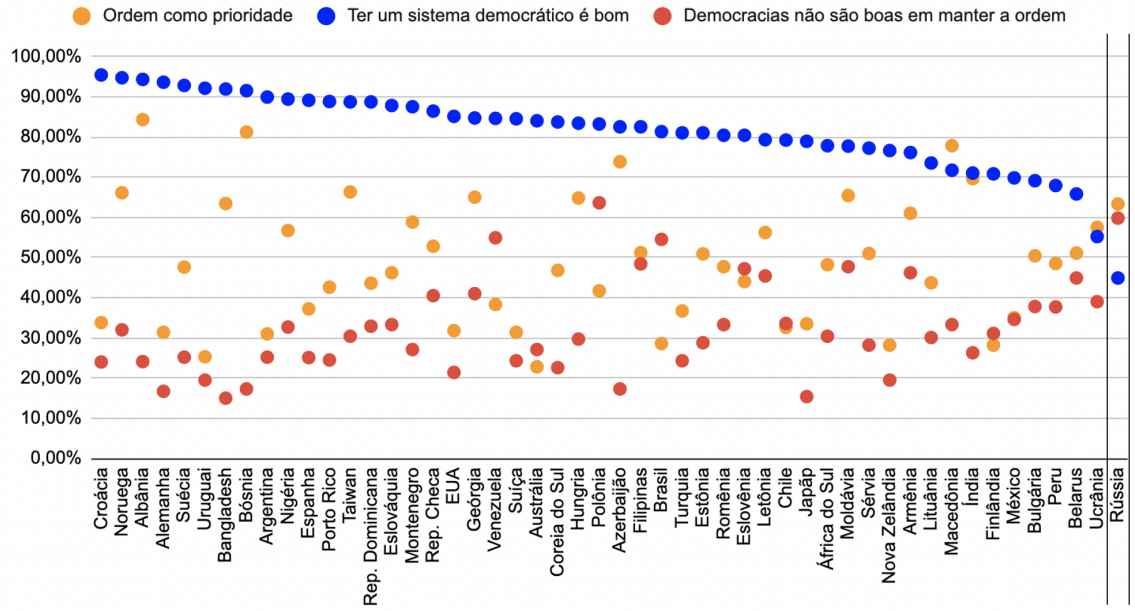
Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em surveys do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009) e dados do World Bank (2022). T0 = 1998.3, T1 = 2000.1, T2 = 2000.4, T3 = 2001.6.

Anexo 5.1 Relação entre período do *survey* e preferências por democracia como conceito subjetivo

	Democracia_subjetiva								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey2000.1	0.282***	0.292***	0.201*	0.265**	0.270**	0.177	0.387	0.387	0.255
	(0.081)	(0.086)	(0.090)	(0.094)	(0.100)	(0.101)	(0.237)	(0.237)	(0.232)
data_survey2000.4	−0.055	−0.053	−0.071	−0.049	−0.018	−0.066	−0.257	−0.257	−0.126
	(0.085)	(0.089)	(0.089)	(0.098)	(0.102)	(0.099)	(0.265)	(0.265)	(0.247)
data_survey2001.6	−0.275***	−0.301***	−0.408***	−0.330***	−0.326**	−0.468***	−0.181	−0.181	−0.077
	(0.080)	(0.086)	(0.090)	(0.094)	(0.100)	(0.102)	(0.225)	(0.225)	(0.222)
data_survey2003.6	−0.164	−0.161	−0.282**						
	(0.085)	(0.090)	(0.090)						
data_survey2004.3	0.047	0.032	−0.029						
	(0.086)	(0.093)	(0.092)						
data_survey2005.1	−0.669***	−0.663***	−0.796***	−0.587***	−0.474***	−0.593***	−1.222***	−1.222***	−1.453***
	(0.079)	(0.084)	(0.089)	(0.094)	(0.101)	(0.104)	(0.232)	(0.232)	(0.226)
data_survey2007.12	−0.405***	−0.474***	−0.605***						
	(0.087)	(0.094)	(0.093)						
data_survey2007.4	−0.400***	−0.436***	−0.481***						
	(0.086)	(0.093)	(0.092)						
data_survey2008.3	−0.136	−0.137	−0.197*						
	(0.087)	(0.095)	(0.094)						
data_survey2009.6	−0.068	−0.062	−0.112						
	(0.087)	(0.096)	(0.095)						
GeneroFeminino		0.092*	0.114**		−0.027	0.039	0.074	0.074	−0.048
		(0.040)	(0.039)		(0.064)	(0.064)	(0.152)	(0.152)	(0.149)
Idade		−0.014***	−0.014***		−0.014***	−0.014***	−0.016***	−0.016***	−0.016***
		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.002)	(0.005)	(0.005)	(0.005)
Renda		0.110***	0.119***		0.158***	0.192***	0.001	0.001	−0.002
		(0.016)	(0.016)		(0.026)	(0.026)	(0.059)	(0.059)	(0.058)
Tipo_localidadeRural		0.054	−0.013		0.156	0.154	−0.524	−0.524	−0.707*
		(0.073)	(0.072)		(0.120)	(0.119)	(0.310)	(0.310)	(0.301)
Tamanho_populacao		0.019*	0.012		0.050***	0.040**	−0.016	−0.016	−0.016
		(0.010)	(0.010)		(0.015)	(0.015)	(0.043)	(0.043)	(0.042)
Constant	7.387***	7.508***	7.593***	7.397***	7.261***	7.191***	8.461***	8.461***	8.656***
	(0.057)	(0.121)	(0.120)	(0.067)	(0.187)	(0.183)	(0.441)	(0.441)	(0.424)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	17,725	15,561	15,561	7,542	6,812	6,812	1,187	1,187	1,187
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 5.2 Avaliações da democracia e ordem em 50 países (1995 a 1998)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do World Values Survey (1995-1998) (INGLEHART ET AL., 2020).

Anexo 5.3 Relação entre período do *survey* e apoio ao presidente poder governar por decretos

	as.numeric(Apoio_decreto_presidente)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey1995.3	−0.107***	−0.098**	−0.068*	−0.111***	−0.106**	−0.069*	−0.039	−0.009	−0.014
	(0.030)	(0.030)	(0.031)	(0.032)	(0.033)	(0.033)	(0.083)	(0.085)	(0.083)
data_survey1996.1	−0.100***	−0.098***	−0.088**	−0.118***	−0.119***	−0.108***	0.059	0.069	0.080
	(0.028)	(0.028)	(0.031)	(0.031)	(0.031)	(0.033)	(0.080)	(0.081)	(0.080)
data_survey1996.7	0.063*	0.062*	0.002	0.037	0.035	−0.030	0.249**	0.269**	0.235**
	(0.031)	(0.031)	(0.031)	(0.034)	(0.035)	(0.033)	(0.082)	(0.084)	(0.079)
data_survey2000.1	0.174***	0.182***	0.192***	0.152***	0.162***	0.176***	0.355***	0.372***	0.392***
	(0.030)	(0.030)	(0.031)	(0.033)	(0.033)	(0.033)	(0.083)	(0.085)	(0.083)
data_survey2000.4	0.306***	0.314***	0.305***	0.280***	0.291***	0.276***	0.512***	0.534***	0.592***
	(0.031)	(0.032)	(0.031)	(0.034)	(0.034)	(0.033)	(0.094)	(0.096)	(0.091)
data_survey2001.6	0.627***	0.627***	0.611***	0.582***	0.580***	0.577***	0.908***	0.940***	0.869***
	(0.029)	(0.030)	(0.031)	(0.032)	(0.033)	(0.033)	(0.080)	(0.081)	(0.079)
data_survey2003.6	0.616***	0.624***	0.597***						
	(0.031)	(0.032)	(0.031)						
data_survey2004.3	0.534***	0.550***	0.537***						
	(0.032)	(0.033)	(0.032)						
data_survey2005.1	0.421***	0.420***	0.469***	0.417***	0.419***	0.469***	0.492***	0.509***	0.572***
	(0.029)	(0.029)	(0.030)	(0.033)	(0.033)	(0.034)	(0.082)	(0.083)	(0.082)
data_survey2007.4	0.555***	0.562***	0.571***						
	(0.032)	(0.034)	(0.033)						
data_survey2009.6	0.510***	0.522***	0.525***						
	(0.033)	(0.035)	(0.034)						
GeneroFeminino		0.019	0.007		0.028	0.016		0.003	0.001
		(0.013)	(0.013)		(0.017)	(0.017)		(0.041)	(0.040)
Idade		−0.0004	−0.001*		−0.001	−0.002**		−0.003*	−0.003**
		(0.0004)	(0.0004)		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)
Renda		−0.008	−0.009		0.002	0.002		0.014	0.020
		(0.005)	(0.005)		(0.007)	(0.007)		(0.015)	(0.015)
PIB_pc_PPP									
PIB_pc_crescimento									
log(Inflacao)									
Constant	2.536***	2.566***	2.593***	2.557***	2.564***	2.610***	2.370***	2.456***	2.467***
	(0.021)	(0.035)	(0.035)	(0.023)	(0.043)	(0.042)	(0.063)	(0.105)	(0.102)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	20,553	19,010	19,010	12,524	11,896	11,896	2,178	2,028	2,028
R^2	0.086	0.087	0.083	0.066	0.065	0.064	0.107	0.109	0.103
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 5.4 Relação entre período do *survey* e oposição ao parlamento vetar decisões do presidente

	as.numeric(Oposicao_veto_parlamento)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey1995.3	−0.273***	−0.275***	−0.237***	−0.289***	−0.290***	−0.250***	−0.188*	−0.165*	−0.150
	(0.029)	(0.030)	(0.031)	(0.031)	(0.031)	(0.032)	(0.082)	(0.084)	(0.082)
data_survey1996.1	−0.322***	−0.320***	−0.276***	−0.322***	−0.320***	−0.269***	−0.321***	−0.309***	−0.305***
	(0.028)	(0.028)	(0.030)	(0.030)	(0.030)	(0.031)	(0.079)	(0.080)	(0.079)
data_survey1996.7	−0.342***	−0.329***	−0.317***	−0.363***	−0.347***	−0.328***	−0.242**	−0.221**	−0.261***
	(0.031)	(0.031)	(0.030)	(0.033)	(0.033)	(0.032)	(0.082)	(0.083)	(0.078)
data_survey2000.1	−0.370***	−0.374***	−0.350***	−0.383***	−0.383***	−0.347***	−0.305***	−0.304***	−0.317***
	(0.029)	(0.030)	(0.031)	(0.031)	(0.032)	(0.032)	(0.082)	(0.084)	(0.082)
data_survey2000.4	−0.181***	−0.175***	−0.168***	−0.176***	−0.170***	−0.156***	−0.231*	−0.202*	−0.250**
	(0.031)	(0.031)	(0.031)	(0.032)	(0.033)	(0.031)	(0.093)	(0.096)	(0.090)
data_survey2001.6	−0.006	−0.006	0.017	−0.011	−0.014	0.008	0.028	0.063	0.076
	(0.029)	(0.029)	(0.031)	(0.031)	(0.032)	(0.032)	(0.079)	(0.080)	(0.079)
data_survey2003.6	0.011	0.014	0.013						
	(0.031)	(0.032)	(0.031)						
data_survey2004.3	−0.183***	−0.189***	−0.154***						
	(0.032)	(0.033)	(0.032)						
data_survey2005.1	0.017	0.018	0.058	0.018	0.027	0.075*	−0.028	0.003	0.027
	(0.029)	(0.029)	(0.030)	(0.031)	(0.032)	(0.032)	(0.081)	(0.083)	(0.081)
data_survey2007.4	−0.085**	−0.106**	−0.067*						
	(0.033)	(0.034)	(0.033)						
data_survey2009.6	−0.100**	−0.142***	−0.104**						
	(0.033)	(0.035)	(0.034)						
GeneroFeminino		−0.012	0.002		−0.003	0.012		−0.011	−0.019
		(0.013)	(0.013)		(0.016)	(0.016)		(0.040)	(0.040)
Idade		−0.002***	−0.002***		−0.003***	−0.003***		−0.001	−0.001
		(0.0004)	(0.0004)		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)
Renda		0.011*	0.004		0.008	−0.001		0.044**	0.043**
		(0.005)	(0.005)		(0.006)	(0.006)		(0.015)	(0.015)
PIB_pc_PPP									
PIB_pc_crescimento									
log(Inflacao)									
Constant	2.509***	2.562***	2.534***	2.516***	2.600***	2.581***	2.469***	2.379***	2.384***
	(0.021)	(0.035)	(0.035)	(0.022)	(0.041)	(0.040)	(0.062)	(0.104)	(0.101)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	20,305	18,808	18,808	12,492	11,870	11,870	2,175	2,026	2,026
R^2	0.026	0.028	0.025	0.033	0.035	0.031	0.022	0.029	0.034
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Ordered logit*. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 5.5 Relação entre período do *survey* e apoio a um presidente forte frente a outros arranjos (parlamento forte, impasse ou anti-autoridade)

	as.numeric(Presidente_forte)					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
data_survey1995.3	−0.125***	−0.113***	−0.128***	−0.120***	−0.091*	−0.055
	(0.014)	(0.015)	(0.015)	(0.015)	(0.038)	(0.039)
data_survey1996.1	−0.271***	−0.259***	−0.281***	−0.267***	−0.201***	−0.194***
	(0.014)	(0.016)	(0.015)	(0.016)	(0.039)	(0.040)
data_survey1996.7	−0.106***	−0.099***	−0.126***	−0.121***	0.013	0.042
	(0.015)	(0.015)	(0.016)	(0.015)	(0.038)	(0.037)
data_survey2000.1	−0.085***	−0.070***	−0.097***	−0.085***	−0.001	0.050
	(0.014)	(0.015)	(0.015)	(0.015)	(0.038)	(0.039)
data_survey2000.4	−0.025	−0.014	−0.031*	−0.016	0.012	0.013
	(0.015)	(0.015)	(0.015)	(0.015)	(0.043)	(0.043)
data_survey2001.6	0.110***	0.110***	0.104***	0.101***	0.176***	0.196***
	(0.014)	(0.015)	(0.015)	(0.015)	(0.036)	(0.037)
data_survey2003.6	0.080***	0.085***				
	(0.015)	(0.015)				
data_survey2004.3	−0.020	0.002				
	(0.015)	(0.015)				
GeneroFeminino		−0.008		−0.002		−0.019
		(0.007)		(0.008)		(0.021)
Idade		−0.0004		−0.001*		−0.001
		(0.0002)		(0.0003)		(0.001)
Renda		0.006*		0.009**		0.009
		(0.003)		(0.003)		(0.007)
Constant	0.318***	0.307***	0.328***	0.310***	0.245***	0.252***
	(0.010)	(0.018)	(0.010)	(0.020)	(0.029)	(0.050)
Pesos	Nao	Sim	Nao	Sim	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Russos	Russos	Minorias	Minorias
Observations	15,501	14,469	10,487	9,954	1,805	1,677
R^2	0.062	0.054	0.069	0.059	0.069	0.068
Note:						*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 5.6 Relação entre percepção de minorias como ameaça e apoio ao presidente governar por decretos em janeiro de 2005

	as.numeric(Apoio_decreto_presidente)					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.105	0.128*	0.149*	0.194**	−0.050	−0.064
	(0.056)	(0.057)	(0.066)	(0.068)	(0.134)	(0.138)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.158**	0.184**	0.207**	0.254***	−0.036	−0.013
	(0.055)	(0.057)	(0.064)	(0.066)	(0.138)	(0.141)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.299***	0.352***	0.321***	0.396***	0.222	0.196
	(0.064)	(0.066)	(0.075)	(0.077)	(0.174)	(0.179)
GeneroFeminino		−0.037		−0.024		−0.110
		(0.042)		(0.048)		(0.108)
Idade		0.002		0.005**		−0.011**
		(0.001)		(0.002)		(0.004)
Renda		−0.023		−0.010		−0.096*
		(0.016)		(0.019)		(0.046)
Tipo_localidadeRural		−0.288***		−0.319***		−0.280
		(0.074)		(0.085)		(0.213)
Tamanho_populacao		−0.038***		−0.042***		−0.045
		(0.010)		(0.012)		(0.033)
Constant	2.825***	3.036***	2.807***	2.819***	2.859***	3.949***
	(0.042)	(0.116)	(0.051)	(0.142)	(0.096)	(0.326)
GRUPO	Geral	Geral	Russos	Russos	Minorias	Minorias
Observations	2,034	1,927	1,551	1,474	290	275
R^2	0.011	0.025	0.013	0.034	0.010	0.058
Note:						*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 5.7 Relação entre período do *survey* e confiança no presidente

	Confianca_presidente								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey1996.1	−0.273***			−0.275***			−0.278*		
	(0.047)			(0.052)			(0.125)		
data_survey1996.7	0.756***	1.037***	0.966***	0.722***	1.003***	0.937***	0.912***	1.217***	1.147***
	(0.053)	(0.058)	(0.060)	(0.060)	(0.064)	(0.065)	(0.128)	(0.146)	(0.144)
data_survey1998.3	−0.082	0.204***	0.217***	−0.093	0.191**	0.203**	−0.030	0.265	0.290
	(0.051)	(0.057)	(0.061)	(0.056)	(0.062)	(0.066)	(0.126)	(0.148)	(0.151)
data_survey2000.1	0.354***	0.606***	0.533***	0.316***	0.578***	0.508***	0.539***	0.796***	0.715***
	(0.051)	(0.056)	(0.061)	(0.056)	(0.062)	(0.065)	(0.129)	(0.150)	(0.153)
data_survey2000.4	1.859***	2.155***	2.021***	1.830***	2.127***	1.991***	2.028***	2.342***	2.231***
	(0.054)	(0.059)	(0.061)	(0.058)	(0.064)	(0.064)	(0.155)	(0.174)	(0.170)
data_survey2001.6	1.780***	2.059***	1.896***	1.717***	1.999***	1.827***	2.100***	2.402***	2.295***
	(0.050)	(0.055)	(0.061)	(0.055)	(0.061)	(0.065)	(0.122)	(0.141)	(0.146)
data_survey2003.12	2.627***	2.903***	2.855***						
	(0.054)	(0.058)	(0.060)						
data_survey2003.6	2.182***	2.450***	2.304***						
	(0.054)	(0.060)	(0.061)						
data_survey2005.1	2.023***	2.295***	2.322***	2.019***	2.275***	2.305***	2.183***	2.448***	2.426***
	(0.049)	(0.055)	(0.060)	(0.056)	(0.061)	(0.066)	(0.129)	(0.148)	(0.152)
data_survey2007.4	2.012***	2.271***	2.301***						
	(0.055)	(0.062)	(0.063)						
GeneroFeminino		0.051	0.070*		0.012	0.030		−0.028	−0.027
		(0.028)	(0.028)		(0.036)	(0.036)		(0.082)	(0.083)
Idade		0.003***	0.002		0.006***	0.005***		−0.006*	−0.006*
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		0.020	0.005		0.031*	0.026		0.001	−0.017
		(0.010)	(0.011)		(0.014)	(0.014)		(0.030)	(0.030)
Constant	2.689***	2.184***	2.260***	2.708***	2.062***	2.088***	2.596***	2.577***	2.566***
	(0.030)	(0.070)	(0.072)	(0.033)	(0.089)	(0.088)	(0.077)	(0.193)	(0.191)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	21,403	16,637	16,637	13,891	10,295	10,295	2,567	1,875	1,875
R^2	0.252	0.250	0.231	0.195	0.213	0.191	0.228	0.234	0.218
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 5.8 Relação entre período do *survey* e confiança no parlamento

	Confianca_parlamento								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
data_survey1996.1	0.066			0.092*			−0.089		
	(0.042)			(0.045)			(0.111)		
data_survey1996.7	0.518***	0.463***	0.433***	0.523***	0.424***	0.403***	0.435***	0.565***	0.562***
	(0.047)	(0.051)	(0.054)	(0.051)	(0.056)	(0.056)	(0.114)	(0.128)	(0.126)
data_survey1998.3	−0.030	−0.095	−0.128*	−0.021	−0.122*	−0.158**	−0.120	−0.046	−0.025
	(0.044)	(0.050)	(0.055)	(0.048)	(0.054)	(0.057)	(0.112)	(0.129)	(0.132)
data_survey2000.1	0.076	0.012	−0.081	0.057	−0.038	−0.131*	0.134	0.192	0.152
	(0.044)	(0.050)	(0.054)	(0.048)	(0.053)	(0.056)	(0.115)	(0.131)	(0.133)
data_survey2000.4	0.075	−0.002	−0.106	0.074	−0.038	−0.146**	0.081	0.096	0.075
	(0.047)	(0.052)	(0.054)	(0.050)	(0.055)	(0.055)	(0.137)	(0.152)	(0.148)
data_survey2001.6	−0.441***	−0.510***	−0.609***	−0.495***	−0.593***	−0.711***	−0.251*	−0.205	−0.189
	(0.043)	(0.049)	(0.054)	(0.047)	(0.053)	(0.056)	(0.108)	(0.124)	(0.127)
data_survey2003.12	0.095*	0.019	−0.090						
	(0.047)	(0.051)	(0.053)						
data_survey2003.6	−0.264***	−0.328***	−0.380***						
	(0.047)	(0.053)	(0.055)						
data_survey2004.3	−0.011	−0.121*	−0.192***						
	(0.047)	(0.053)	(0.055)						
data_survey2005.1	−0.017	−0.081	−0.085	−0.033	−0.155**	−0.213***	−0.029	0.009	0.284*
	(0.043)	(0.048)	(0.054)	(0.048)	(0.053)	(0.057)	(0.115)	(0.129)	(0.133)
data_survey2007.12	0.536***	0.457***	0.326***						
	(0.048)	(0.055)	(0.057)						
data_survey2007.4	0.045	−0.048	−0.087						
	(0.048)	(0.054)	(0.056)						
data_survey2008.3	0.698***	0.676***	0.583***						
	(0.048)	(0.055)	(0.057)						
data_survey2009.6	0.666***	0.597***	0.567***						
	(0.048)	(0.055)	(0.057)						
GeneroFeminino		0.058**	0.066**		0.025	0.051		0.038	0.007
		(0.021)	(0.021)		(0.031)	(0.031)		(0.072)	(0.072)
Idade		0.002**	0.002**		0.007***	0.006***		0.001	0.002
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.002)
Renda		−0.009	−0.012		−0.001	−0.009		−0.133***	−0.144***
		(0.008)	(0.008)		(0.012)	(0.012)		(0.027)	(0.026)
Constant	2.711***	2.681***	2.736***	2.694***	2.492***	2.566***	2.838***	3.099***	3.065***
	(0.026)	(0.057)	(0.059)	(0.029)	(0.076)	(0.076)	(0.069)	(0.169)	(0.166)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	27,250	21,602	21,602	13,848	10,288	10,288	2,550	1,864	1,864
R^2	0.036	0.042	0.044	0.024	0.035	0.042	0.015	0.037	0.042
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: elaborado pelo autor com base em *surveys* do NRB (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.1 Relação entre distância do conflito ou atentados e percepção de minorias como ameaça (modelos *ordered logistic*)

	Medo_minorias								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Proximidade_conflito_terror1	−0.137*	−0.180**	−0.228***	−0.103	−0.181**	−0.233***	−0.546**	−0.663**	−0.511*
	(0.062)	(0.066)	(0.062)	(0.066)	(0.070)	(0.066)	(0.192)	(0.214)	(0.201)
GeneroFeminino		0.079	0.068		0.095	0.094		0.081	0.192
		(0.066)	(0.062)		(0.071)	(0.066)		(0.192)	(0.188)
Idade		−0.002	−0.003		−0.003	−0.004*		0.004	0.008
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.007)	(0.006)
Renda		−0.081**	−0.089***		−0.089**	−0.100***		−0.070	−0.016
		(0.028)	(0.026)		(0.031)	(0.028)		(0.079)	(0.076)
Tipo_localidadeRural		−0.022	−0.127		0.139	0.007		−1.285**	−1.289***
		(0.123)	(0.116)		(0.131)	(0.122)		(0.402)	(0.384)
Tamanho_populacao		0.011	0.008		0.031	0.030		−0.168**	−0.185***
		(0.016)	(0.015)		(0.017)	(0.016)		(0.052)	(0.051)
Educacao		0.004	0.011		−0.004	−0.001		0.047	0.073
		(0.014)	(0.014)		(0.015)	(0.015)		(0.044)	(0.046)
data_survey2000.4	0.513***	0.543***	0.541***		0.534***	0.562***		0.389*	0.212
	(0.062)	(0.065)	(0.062)		(0.070)	(0.066)		(0.196)	(0.190)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,448	3,145	3,543	2,969	2,738	3,095	462	393	423
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.2 Relação entre distância do conflito ou atentados e percepção de minorias como ameaça (modelos *OLS*)

	as.numeric(Medo_minorias)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Proximidade_conflito_terror1	−0.080*	−0.101**	−0.128***	−0.083*	−0.106**	−0.134***	−0.308**	−0.348**	−0.266*
	(0.037)	(0.038)	(0.038)	(0.039)	(0.041)	(0.040)	(0.107)	(0.116)	(0.112)
GeneroFeminino		0.046	0.038		0.056	0.053		0.043	0.100
		(0.039)	(0.038)		(0.041)	(0.041)		(0.107)	(0.106)
Idade		−0.002	−0.002		−0.002	−0.003*		0.002	0.004
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.004)	(0.004)
Renda		−0.048**	−0.051**		−0.052**	−0.058***		−0.046	−0.016
		(0.017)	(0.016)		(0.018)	(0.017)		(0.043)	(0.043)
Tipo_localidadeRural		−0.021	−0.079		0.073	−0.002		−0.717**	−0.700**
		(0.072)	(0.071)		(0.076)	(0.075)		(0.222)	(0.215)
Tamanho_populacao		0.006	0.004		0.018	0.017		−0.093**	−0.101***
		(0.009)	(0.009)		(0.010)	(0.010)		(0.028)	(0.028)
Educacao		0.002	0.005		−0.003	−0.002		0.028	0.041
		(0.008)	(0.009)		(0.009)	(0.009)		(0.025)	(0.026)
data_survey2000.4	0.303***	0.321***	0.315***	0.295***	0.316***	0.329***	0.208*	0.234*	0.136
	(0.036)	(0.038)	(0.038)	(0.039)	(0.041)	(0.040)	(0.100)	(0.108)	(0.107)
Constant	2.284***	2.459***	2.502***	2.343***	2.479***	2.536***	2.056***	2.642***	2.393***
	(0.029)	(0.118)	(0.114)	(0.031)	(0.125)	(0.120)	(0.069)	(0.355)	(0.355)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,448	3,145	3,145	2,969	2,738	2,738	462	393	393
R^2	0.020	0.027	0.029	0.020	0.028	0.033	0.026	0.065	0.056
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.3 Relação entre distância do conflito ou atentados e percepção dos EUA como ameaça

	Medo_EUA								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Proximidade_conflito_terror1	−0.048	−0.043	−0.107	−0.065	−0.063	−0.116	0.046	0.120	0.175
	(0.062)	(0.065)	(0.062)	(0.067)	(0.070)	(0.066)	(0.186)	(0.204)	(0.198)
GeneroFeminino		−0.192**	−0.188**		−0.160*	−0.149*		−0.344	−0.490**
		(0.066)	(0.062)		(0.071)	(0.066)		(0.187)	(0.184)
Idade		0.004*	0.007***		0.005*	0.009***		−0.0001	−0.001
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.006)	(0.006)
Renda		−0.074**	−0.082**		−0.062*	−0.042		−0.134	−0.302***
		(0.028)	(0.026)		(0.031)	(0.028)		(0.077)	(0.075)
Tipo_localidadeRural		0.037	0.049		0.024	0.003		0.129	0.277
		(0.122)	(0.114)		(0.129)	(0.121)		(0.389)	(0.374)
Tamanho_populacao		0.004	0.018		0.006	0.018		0.002	0.024
		(0.016)	(0.015)		(0.017)	(0.016)		(0.049)	(0.048)
Educacao		0.004	0.019		−0.005	0.007		0.073	0.098*
		(0.014)	(0.014)		(0.015)	(0.015)		(0.044)	(0.046)
data_survey2000.4	−0.181**	−0.162*	−0.122*	−0.117	−0.119	−0.061	−0.594***	−0.461*	−0.509**
	(0.062)	(0.065)	(0.061)	(0.067)	(0.069)	(0.065)	(0.176)	(0.191)	(0.188)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,429	3,126	3,515	2,953	2,721	3,070	459	391	421
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.4 Relação entre distância do conflito ou atentados e preferências autoritárias agregadas

	Preferencias_autoritarias_agregadas								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Proximidade_conflito_terror1	0.068	0.039	0.063	0.037	0.007	0.029	0.363	0.278	0.290
	(0.064)	(0.065)	(0.065)	(0.068)	(0.069)	(0.069)	(0.186)	(0.204)	(0.203)
GeneroFeminino		0.012	0.109		0.010	0.125		0.094	0.136
		(0.065)	(0.065)		(0.070)	(0.070)		(0.187)	(0.192)
Idade		0.003	0.002		0.003	0.002		0.003	0.005
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.007)	(0.007)
Renda		−0.063*	−0.045		−0.083**	−0.065*		0.049	0.056
		(0.028)	(0.028)		(0.031)	(0.030)		(0.076)	(0.077)
Tipo_localidadeRural		0.023	0.091		0.088	0.182		−0.509	−0.804*
		(0.122)	(0.121)		(0.129)	(0.128)		(0.390)	(0.388)
Tamanho_populacao		−0.034*	−0.014		−0.025	−0.003		−0.096	−0.112*
		(0.016)	(0.016)		(0.017)	(0.017)		(0.050)	(0.050)
Educacao		−0.069***	−0.085***		−0.066***	−0.081***		−0.092*	−0.119*
		(0.014)	(0.015)		(0.015)	(0.015)		(0.044)	(0.047)
data_survey2000.4	0.399***	0.419***	0.459***	0.446***	0.446***	0.506***	0.103	0.228	0.120
	(0.063)	(0.065)	(0.064)	(0.068)	(0.069)	(0.069)	(0.178)	(0.191)	(0.194)
Constant	2.918***	3.460***	3.353***	2.901***	3.457***	3.331***	2.991***	3.709***	3.827***
	(0.049)	(0.200)	(0.194)	(0.054)	(0.212)	(0.205)	(0.119)	(0.621)	(0.639)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,294	3,008	3,008	2,835	2,616	2,616	443	379	379
R^2	0.013	0.048	0.048	0.015	0.052	0.052	0.010	0.041	0.053
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.5 Relação entre distância do conflito ou atentados e percepção de minorias como ameaça simultaneamente com preferências autoritárias

	Pref_autoritarias_temerosos								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Proximidade_conflito_terror1	−0.115	−0.126	−0.127	−0.125	−0.134	−0.139	−0.297	−0.374	−0.155
	(0.074)	(0.078)	(0.079)	(0.080)	(0.083)	(0.084)	(0.198)	(0.217)	(0.215)
GeneroFeminino		0.044	0.094		0.043	0.106		0.079	0.127
		(0.078)	(0.078)		(0.084)	(0.085)		(0.199)	(0.203)
Idade		0.001	0.0003		−0.0002	−0.001		0.008	0.009
		(0.003)	(0.003)		(0.003)	(0.003)		(0.007)	(0.007)
Renda		−0.090**	−0.075*		−0.110**	−0.100**		−0.029	0.053
		(0.033)	(0.033)		(0.037)	(0.037)		(0.080)	(0.081)
Tipo_localidadeRural		0.135	0.060		0.322*	0.212		−1.208**	−1.130**
		(0.145)	(0.146)		(0.155)	(0.155)		(0.415)	(0.412)
Tamanho_populacao		−0.001	0.0005		0.022	0.028		−0.182***	−0.196***
		(0.019)	(0.019)		(0.020)	(0.020)		(0.053)	(0.053)
Educacao		−0.026	−0.033		−0.030	−0.041*		−0.006	0.010
		(0.017)	(0.018)		(0.018)	(0.019)		(0.046)	(0.050)
data_survey2000.4	0.638***	0.657***	0.675***	0.632***	0.640***	0.695***	0.471*	0.583**	0.455*
	(0.073)	(0.077)	(0.077)	(0.079)	(0.083)	(0.083)	(0.189)	(0.203)	(0.206)
Constant	1.426***	1.753***	1.745***	1.501***	1.792***	1.780***	1.133***	2.078**	1.714*
	(0.057)	(0.237)	(0.233)	(0.063)	(0.255)	(0.249)	(0.127)	(0.663)	(0.681)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,264	2,987	2,987	2,806	2,596	2,596	442	378	378
R^2	0.023	0.033	0.032	0.022	0.035	0.035	0.018	0.064	0.053
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.6 Relação entre percentual de minorias e percepção de minorias como ameaça (modelos *ordered logistic*)

	Medo_minorias								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Minorias_percentual.1989.top_40	−0.013***	−0.013***	−0.011***	−0.012***	−0.013***	−0.012***	−0.001	−0.001	−0.001
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.004)	(0.005)	(0.004)
GeneroFeminino		0.079	0.062		0.096	0.086		0.082	0.174
		(0.066)	(0.062)		(0.071)	(0.066)		(0.191)	(0.187)
Idade		−0.003	−0.004		−0.004	−0.005*		0.004	0.008
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.007)	(0.006)
Renda		−0.083**	−0.089***		−0.087**	−0.097***		−0.071	−0.027
		(0.028)	(0.026)		(0.031)	(0.028)		(0.079)	(0.076)
Tipo_localidadeRural		−0.007	−0.094		0.131	0.033		−1.141**	−1.208**
		(0.123)	(0.115)		(0.130)	(0.122)		(0.395)	(0.378)
Tamanho_populacao		0.009	0.009		0.029	0.033*		−0.157**	−0.179***
		(0.016)	(0.015)		(0.017)	(0.016)		(0.052)	(0.050)
Educacao		0.004	0.011		−0.004	−0.002		0.050	0.075
		(0.014)	(0.014)		(0.015)	(0.015)		(0.044)	(0.046)
data_survey2000.4	0.497***	0.525***	0.502***		0.536***	0.543***		0.341	0.159
	(0.062)	(0.065)	(0.061)		(0.070)	(0.066)		(0.195)	(0.190)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,448	3,145	3,543	2,969	2,738	3,095	462	393	423

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.7 Relação entre percentual de minorias e percepção de minorias como ameaça (modelos *OLS*)

	as.numeric(Medo_minorias)								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Minorias_percentual.1989.top_40	−0.008***	−0.008***	−0.007***	−0.008***	−0.008***	−0.007***	0.00001	−0.001	−0.001
	(0.001)	(0.001)	(0.001)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.002)
GeneroFeminino		0.046	0.035		0.055	0.048		0.047	0.093
		(0.039)	(0.038)		(0.041)	(0.041)		(0.108)	(0.107)
Idade		−0.002	−0.002*		−0.002	−0.003*		0.002	0.004
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.004)	(0.004)
Renda		−0.051**	−0.053***		−0.052**	−0.057***		−0.047	−0.019
		(0.016)	(0.016)		(0.018)	(0.017)		(0.044)	(0.043)
Tipo_localidadeRural		−0.016	−0.068		0.063	0.005		−0.650**	−0.674**
		(0.072)	(0.071)		(0.076)	(0.075)		(0.224)	(0.216)
Tamanho_populacao		0.004	0.004		0.017	0.018		−0.090**	−0.101***
		(0.009)	(0.009)		(0.010)	(0.010)		(0.029)	(0.028)
Educacao		0.002	0.006		−0.003	−0.003		0.030	0.043
		(0.008)	(0.008)		(0.009)	(0.009)		(0.025)	(0.026)
data_survey2000.4	0.295***	0.313***	0.298***	0.297***	0.317***	0.320***	0.198	0.222*	0.116
	(0.036)	(0.038)	(0.037)	(0.039)	(0.040)	(0.040)	(0.102)	(0.110)	(0.108)
Constant	2.371***	2.572***	2.582***	2.408***	2.559***	2.594***	1.968***	2.531***	2.354***
	(0.032)	(0.120)	(0.116)	(0.036)	(0.128)	(0.123)	(0.095)	(0.373)	(0.372)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,448	3,145	3,145	2,969	2,738	2,738	462	393	393
R^2	0.028	0.034	0.033	0.024	0.031	0.034	0.008	0.043	0.042

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS* adaptada. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.8 Relação entre percentual de minorias e percepção dos EUA como ameaça

	Medo_EUA								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Minorias_percentual.1989.top_40	0.003	0.004	0.001	0.001	0.004	−0.003	0.006	0.006	0.006
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.004)	(0.004)	(0.004)
GeneroFeminino		−0.191**	−0.188**		−0.160*	−0.153*		−0.359	−0.498**
		(0.066)	(0.062)		(0.071)	(0.066)		(0.187)	(0.184)
Idade		0.004*	0.007***		0.005*	0.008***		0.001	−0.0001
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.006)	(0.006)
Renda		−0.072*	−0.081**		−0.062*	−0.042		−0.119	−0.279***
		(0.028)	(0.026)		(0.031)	(0.028)		(0.077)	(0.076)
Tipo_localidadeRural		0.048	0.065		0.041	0.016		0.123	0.293
		(0.122)	(0.114)		(0.129)	(0.121)		(0.387)	(0.374)
Tamanho_populacao		0.006	0.020		0.008	0.019		0.012	0.036
		(0.016)	(0.015)		(0.017)	(0.016)		(0.050)	(0.049)
Educacao		0.004	0.018		−0.005	0.006		0.069	0.090
		(0.014)	(0.014)		(0.015)	(0.015)		(0.044)	(0.047)
data_survey2000.4	−0.184**	−0.165*	−0.131*	−0.124	−0.128	−0.070	−0.560**	−0.426*	−0.460*
	(0.062)	(0.065)	(0.061)	(0.066)	(0.069)	(0.065)	(0.176)	(0.192)	(0.188)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,429	3,126	3,515	2,953	2,721	3,070	459	391	421

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *Ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.9 Relação entre percentual de minorias e preferências autoritárias agregadas

	Preferencias_autoritarias_agregadas								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Minorias_percentual.1989.top_40	0.004	0.003	0.0004	0.007*	0.007	0.004	0.0002	−0.001	−0.002
	(0.002)	(0.002)	(0.002)	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.004)	(0.005)	(0.004)
GeneroFeminino		0.013	0.110		0.011	0.128		0.092	0.145
		(0.065)	(0.065)		(0.070)	(0.070)		(0.188)	(0.192)
Idade		0.004	0.002		0.004	0.002		0.003	0.005
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.007)	(0.007)
Renda		−0.062*	−0.045		−0.083**	−0.064*		0.045	0.052
		(0.028)	(0.028)		(0.031)	(0.030)		(0.076)	(0.077)
Tipo_localidadeRural		0.020	0.081		0.104	0.183		−0.556	−0.842*
		(0.122)	(0.121)		(0.129)	(0.128)		(0.390)	(0.389)
Tamanho_populacao		−0.033*	−0.015		−0.023	−0.003		−0.101*	−0.118*
		(0.016)	(0.016)		(0.017)	(0.017)		(0.050)	(0.051)
Educacao		−0.069***	−0.085***		−0.066***	−0.081***		−0.093*	−0.118*
		(0.014)	(0.015)		(0.015)	(0.015)		(0.044)	(0.048)
data_survey2000.4	0.407***	0.423***	0.465***	0.442***	0.440***	0.508***	0.126	0.238	0.140
	(0.063)	(0.064)	(0.064)	(0.068)	(0.069)	(0.068)	(0.179)	(0.192)	(0.195)
Constant	2.876***	3.424***	3.373***	2.825***	3.347***	3.276***	3.086***	3.891***	4.021***
	(0.056)	(0.204)	(0.199)	(0.063)	(0.218)	(0.211)	(0.166)	(0.644)	(0.664)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,294	3,008	3,008	2,835	2,616	2,616	443	379	379
R^2	0.013	0.048	0.047	0.017	0.053	0.053	0.001	0.036	0.048

Note: *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 6.10 Relação entre percentual de minorias e percepção de minorias como ameaça simultaneamente com preferências autoritárias

	Pref_autoritarias_temerosos								
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
Minorias_percentual.1989.top_40	−0.013***	−0.015***	−0.014***	−0.014***	−0.015***	−0.012**	−0.004	−0.008	−0.011*
	(0.003)	(0.003)	(0.003)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.005)	(0.005)
GeneroFeminino		0.043	0.091		0.043	0.098		0.088	0.145
		(0.078)	(0.078)		(0.084)	(0.084)		(0.199)	(0.202)
Idade		0.00000	−0.0005		−0.001	−0.002		0.008	0.009
		(0.003)	(0.002)		(0.003)	(0.003)		(0.007)	(0.007)
Renda		−0.096**	−0.081*		−0.111**	−0.101**		−0.040	0.027
		(0.033)	(0.033)		(0.037)	(0.036)		(0.081)	(0.082)
Tipo_localidadeRural		0.140	0.073		0.299	0.219		−1.131**	−1.171**
		(0.144)	(0.145)		(0.155)	(0.155)		(0.414)	(0.410)
Tamanho_populacao		−0.007	−0.002		0.018	0.028		−0.190***	−0.216***
		(0.019)	(0.019)		(0.020)	(0.020)		(0.053)	(0.054)
Educacao		−0.026	−0.032		−0.030	−0.042*		−0.001	0.021
		(0.017)	(0.017)		(0.018)	(0.019)		(0.046)	(0.050)
data_survey2000.4	0.621***	0.641***	0.646***	0.636***	0.646***	0.685***	0.432*	0.531**	0.397
	(0.073)	(0.076)	(0.077)	(0.079)	(0.083)	(0.083)	(0.190)	(0.204)	(0.205)
Constant	1.587***	2.012***	1.972***	1.634***	1.984***	1.924***	1.177***	2.218**	2.119**
	(0.065)	(0.241)	(0.238)	(0.074)	(0.261)	(0.256)	(0.176)	(0.687)	(0.703)
Pesos	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim	Nao	Nao	Sim
GRUPO	Geral	Geral	Geral	Russos	Russos	Russos	Minorias	Minorias	Minorias
Observations	3,264	2,987	2,987	2,806	2,596	2,596	442	378	378
R^2	0.029	0.041	0.038	0.026	0.038	0.037	0.015	0.063	0.064
Note:									*p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001

Regressão *OLS*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).

Anexo 7.1 Relação entre o número de mortes civis em conflitos/ atentados e a percepção de minorias como ameaça

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	2.113***			2.173***			1.850***		
	(0.017)			(0.018)			(0.040)		
Mortes_civis_12_meses	0.017***	0.040	0.043	0.016***	0.038***	0.042	0.012***	0.049	0.046
	(0.001)			(0.001)	(0.005)		(0.004)		
GeneroFeminino		0.042	0.044		0.062*	0.066		−0.029	−0.018
					(0.028)				
Idade		−0.003	−0.003		−0.003***	−0.004		−0.002	−0.001
					(0.001)				
Renda		−0.036	−0.032		−0.035**	−0.031		−0.018	−0.006
					(0.012)				
Educacao		−0.001	−0.001		−0.005	−0.006		0.015	0.015
					(0.006)				
Tipo_localidadeRural		−0.030	−0.099		−0.009	−0.067		−0.158	−0.327
					(0.060)				
Tamanho_populacao		−0.006	−0.008		−0.000	0.001		−0.048	−0.068
					(0.008)				
PIB_pc_PPP		0.000	0.000		0.000***	0.000		0.000	0.000
					(0.000)				
PIB_pc_crescimento		−0.092	−0.106		−0.085***	−0.101		−0.130	−0.128
					(0.018)				
log(Inflacao)		0.103	0.110		0.096***	0.097		0.135	0.160
					(0.019)				
R^2	0.023	0.086	0.089	0.022	0.080	0.084	0.011	0.135	0.150
Adj. R^2	0.022	0.079	0.081	0.022	0.071	0.075	0.010	0.087	0.104
Num. obs.	7288	6444	6444	6134	5468	5468	1120	945	945
RMSE	1.051	1.021	1.052	1.046	1.020	1.052	1.028	0.990	0.987

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust*, adaptação de modelo *ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.2 Relação entre os períodos dos *surveys* (momentos do conflito) e a percepção de minorias como ameaça

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	1.978***	2.192***	2.217***	2.019***	2.195***	2.231***	1.792***	1.902***	1.883***
	(0.049)	(0.140)	(0.137)	(0.049)	(0.149)	(0.145)	(0.111)	(0.267)	(0.339)
data_survey2000.1	0.275***	0.278***	0.259***	0.289***	0.279***	0.252***	0.176	0.245*	0.246*
	(0.044)	(0.041)	(0.045)	(0.049)	(0.047)	(0.047)	(0.126)	(0.097)	(0.097)
data_survey2000.4	0.571***	0.621***	0.586***	0.577***	0.638***	0.610***	0.374	0.472	0.381
	(0.096)	(0.098)	(0.092)	(0.097)	(0.100)	(0.091)	(0.224)	(0.260)	(0.260)
data_survey2001.6	0.343***	0.355***	0.317***	0.383***	0.379***	0.341***	0.155	0.144	0.126
	(0.053)	(0.056)	(0.059)	(0.058)	(0.059)	(0.060)	(0.136)	(0.137)	(0.147)
GeneroFeminino		0.042	0.044		0.062*	0.066*		−0.029	−0.018
		(0.022)	(0.029)		(0.024)	(0.028)		(0.083)	(0.070)
Idade		−0.003***	−0.003***		−0.003***	−0.004**		−0.002	−0.001
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.003)
Renda		−0.036**	−0.032*		−0.035*	−0.031*		−0.018	−0.006
		(0.012)	(0.014)		(0.014)	(0.015)		(0.028)	(0.040)
Educacao		−0.001	−0.001		−0.005	−0.006		0.015	0.015
		(0.006)	(0.006)		(0.007)	(0.007)		(0.015)	(0.020)
Tipo_localidadeRural		−0.030	−0.099		−0.009	−0.067		−0.158	−0.327
		(0.111)	(0.115)		(0.108)	(0.110)		(0.297)	(0.374)
Tamanho_populacao		−0.006	−0.008		−0.000	0.001		−0.048	−0.068
		(0.013)	(0.014)		(0.012)	(0.013)		(0.035)	(0.046)
R^2	0.035	0.086	0.089	0.038	0.080	0.084	0.013	0.135	0.150
Adj. R^2	0.035	0.079	0.081	0.037	0.071	0.075	0.011	0.087	0.104
Num. obs.	7288	6444	6444	6134	5468	5468	1120	945	945
RMSE	1.045	1.021	1.052	1.038	1.020	1.052	1.028	0.990	0.987
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust*, adaptação de modelo *ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.3 Relação entre a percepção de minorias como ameaça e preferências autoritárias agregadas

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	3.035***	3.284***	3.112***	2.919***	3.481***	3.283***	3.536**	1.715	1.444
	(0.481)	(0.488)	(0.555)	(0.433)	(0.501)	(0.585)	(1.288)	(1.138)	(1.427)
Medo_minoriasPequena ameaça	0.109	0.175*	0.252*	0.168	0.233**	0.256*	−0.098	−0.052	0.210
	(0.086)	(0.080)	(0.099)	(0.091)	(0.086)	(0.109)	(0.211)	(0.227)	(0.227)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.353***	0.417***	0.455***	0.417***	0.485***	0.490***	0.094	0.091	0.127
	(0.100)	(0.095)	(0.103)	(0.108)	(0.103)	(0.113)	(0.200)	(0.207)	(0.221)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.683***	0.732***	0.740***	0.710***	0.743***	0.710***	0.746**	0.944***	1.135***
	(0.121)	(0.111)	(0.116)	(0.120)	(0.113)	(0.122)	(0.240)	(0.251)	(0.265)
PIB_pc_PPP	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	−0.000	0.000	0.000
	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)
PIB_pc_crescimento	0.023	0.008	0.008	0.027	0.010	0.012	−0.003	0.005	−0.010
	(0.016)	(0.013)	(0.015)	(0.018)	(0.015)	(0.017)	(0.025)	(0.030)	(0.034)
log(Inflacao)	−0.163*	−0.124*	−0.143*	−0.175**	−0.140**	−0.173**	−0.078	−0.037	0.021
	(0.062)	(0.053)	(0.058)	(0.057)	(0.050)	(0.055)	(0.175)	(0.182)	(0.193)
GeneroFeminino		−0.114*	−0.053		−0.113*	−0.046		−0.047	−0.000
		(0.044)	(0.052)		(0.044)	(0.056)		(0.159)	(0.189)
Idade		0.005***	0.005*		0.005**	0.005*		0.005	0.006
		(0.001)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.005)	(0.005)
Renda		−0.083***	−0.059**		−0.103***	−0.076**		0.035	0.044
		(0.023)	(0.022)		(0.024)	(0.023)		(0.059)	(0.069)
Educacao		−0.076***	−0.082***		−0.084***	−0.093***		−0.023	−0.027
		(0.012)	(0.013)		(0.013)	(0.014)		(0.026)	(0.027)
Tipo_localidadeRural		−0.049	−0.069		−0.075	−0.058		0.362	0.293
		(0.186)	(0.207)		(0.178)	(0.198)		(0.518)	(0.494)
Tamanho_populacao		−0.038	−0.033		−0.041	−0.033		0.028	0.038
		(0.024)	(0.028)		(0.021)	(0.026)		(0.069)	(0.070)
R^2	0.023	0.090	0.094	0.027	0.102	0.103	0.016	0.096	0.137
Adj. R^2	0.022	0.081	0.085	0.026	0.092	0.093	0.010	0.041	0.084
Num. obs.	6898	6124	6124	5796	5185	5185	1069	909	909
RMSE	1.807	1.744	1.794	1.796	1.729	1.786	1.858	1.816	1.794
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust.* Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.

Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.4 Relação entre o número de mortes civis em conflitos/ atentados e preferências autoritárias agregadas

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)									
Mortes_civis_12_meses	0.070***	0.077***	0.074***	0.068***	0.083***	0.078***	0.080*	0.039	0.033
	(0.011)	(0.012)	(0.013)	(0.010)	(0.012)	(0.013)	(0.030)	(0.025)	(0.032)
PIB_pc_PPP	0.001***	0.001***	0.001***	0.001***	0.001***	0.001***	0.001***	0.000***	0.000**
	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)
PIB_pc_crescimento	−0.235***	−0.276***	−0.265***	−0.222***	−0.294***	−0.277***	−0.298**	−0.132	−0.125
	(0.040)	(0.048)	(0.050)	(0.034)	(0.046)	(0.049)	(0.110)	(0.097)	(0.120)
log(Inflacao)	0.080	0.138**	0.109	0.060	0.135**	0.089	0.190	0.076	0.118
	(0.047)	(0.048)	(0.057)	(0.047)	(0.047)	(0.054)	(0.102)	(0.128)	(0.144)
GeneroFeminino		−0.099*	−0.031		−0.090*	−0.018		−0.060	0.009
		(0.043)	(0.049)		(0.044)	(0.053)		(0.154)	(0.188)
Idade		0.004**	0.004*		0.004**	0.004		0.005	0.008
		(0.001)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.005)	(0.005)
Renda		−0.090***	−0.066**		−0.109***	−0.081***		0.028	0.040
		(0.023)	(0.021)		(0.024)	(0.023)		(0.056)	(0.069)
Educacao		−0.077***	−0.082***		−0.085***	−0.094***		−0.018	−0.016
		(0.013)	(0.014)		(0.014)	(0.016)		(0.025)	(0.030)
Tipo_localidadeRural		−0.058	−0.091		−0.088	−0.074		0.379	0.165
		(0.201)	(0.223)		(0.191)	(0.211)		(0.587)	(0.588)
Tamanho_populacao		−0.040	−0.036		−0.043	−0.034		0.021	0.012
		(0.025)	(0.029)		(0.022)	(0.028)		(0.074)	(0.077)
R^2	0.007	0.072	0.076	0.009	0.082	0.085	0.001	0.077	0.112
Adj. R^2	0.006	0.064	0.068	0.009	0.073	0.076	−0.002	0.024	0.062
Num. obs.	6962	6169	6169	5853	5224	5224	1076	915	915
RMSE	1.824	1.762	1.812	1.814	1.748	1.805	1.871	1.833	1.817
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust.* Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.5 Relação entre os períodos dos *surveys* (momentos do conflito) e preferências autoritárias agregadas

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	3.029***	3.758***	3.684***	2.997***	3.917***	3.809***	3.195***	2.338***	2.301***
	(0.069)	(0.242)	(0.245)	(0.059)	(0.231)	(0.243)	(0.191)	(0.599)	(0.603)
data_survey2000.1	−0.084	−0.084	−0.116	−0.081	−0.110	−0.153	−0.102	0.029	0.054
	(0.111)	(0.104)	(0.103)	(0.104)	(0.099)	(0.098)	(0.274)	(0.260)	(0.274)
data_survey2000.4	0.320*	0.274*	0.282*	0.368**	0.281*	0.312*	0.023	0.298	0.189
	(0.136)	(0.129)	(0.131)	(0.134)	(0.122)	(0.123)	(0.249)	(0.249)	(0.290)
data_survey2001.6	0.167	0.225*	0.247*	0.208*	0.219*	0.260*	−0.033	0.266	0.250
	(0.107)	(0.107)	(0.116)	(0.094)	(0.102)	(0.113)	(0.274)	(0.239)	(0.292)
GeneroFeminino		−0.099*	−0.031		−0.090*	−0.018		−0.060	0.009
		(0.043)	(0.049)		(0.044)	(0.053)		(0.154)	(0.188)
Idade		0.004**	0.004*		0.004**	0.004		0.005	0.008
		(0.001)	(0.002)		(0.002)	(0.002)		(0.005)	(0.005)
Renda		−0.090***	−0.066**		−0.109***	−0.081***		0.028	0.040
		(0.023)	(0.021)		(0.024)	(0.023)		(0.056)	(0.069)
Educacao		−0.077***	−0.082***		−0.085***	−0.094***		−0.018	−0.016
		(0.013)	(0.014)		(0.014)	(0.016)		(0.025)	(0.030)
Tipo_localidadeRural		−0.058	−0.091		−0.088	−0.074		0.379	0.165
		(0.201)	(0.223)		(0.191)	(0.211)		(0.587)	(0.588)
Tamanho_populacao		−0.040	−0.036		−0.043	−0.034		0.021	0.012
		(0.025)	(0.029)		(0.022)	(0.028)		(0.074)	(0.077)
R^2	0.007	0.072	0.076	0.009	0.082	0.085	0.001	0.077	0.112
Adj. R^2	0.006	0.064	0.068	0.009	0.073	0.076	−0.002	0.024	0.062
Num. obs.	6962	6169	6169	5853	5224	5224	1076	915	915
RMSE	1.824	1.762	1.812	1.814	1.748	1.805	1.871	1.833	1.817
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust.* Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.6 Relação entre o número de mortes civis em conflitos/ atentados e a média de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e manifestam preferências autoritárias

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)									
Mortes_civis_12_meses	0.007	0.013	0.017	−0.005	0.006	0.010	0.051	0.044	0.037
	(0.013)	(0.014)	(0.016)	(0.013)	(0.016)	(0.018)	(0.032)	(0.028)	(0.032)
PIB_pc_PPP	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000*	0.000	0.000
	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)
PIB_pc_crescimento	0.074	0.059	0.044	0.114*	0.085	0.072	−0.103	−0.041	−0.043
	(0.041)	(0.056)	(0.059)	(0.043)	(0.063)	(0.066)	(0.119)	(0.085)	(0.097)
log(Inflacao)	−0.067	−0.043	−0.045	−0.069	−0.052	−0.072	−0.012	−0.075	0.000
	(0.058)	(0.070)	(0.075)	(0.057)	(0.074)	(0.078)	(0.131)	(0.133)	(0.144)
GeneroFeminino		0.014	0.052		0.032	0.074		−0.045	−0.024
		(0.041)	(0.047)		(0.048)	(0.052)		(0.141)	(0.123)
Idade		−0.001	−0.001		−0.001	−0.000		−0.001	−0.003
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.003)		(0.004)	(0.005)
Renda		−0.076**	−0.057**		−0.085**	−0.063*		0.012	0.021
		(0.022)	(0.020)		(0.025)	(0.023)		(0.036)	(0.055)
Educacao		−0.035**	−0.035*		−0.039**	−0.042*		−0.004	0.000
		(0.012)	(0.013)		(0.014)	(0.016)		(0.023)	(0.027)
Tipo_localidadeRural		0.065	−0.105		0.090	−0.047		0.240	−0.047
		(0.264)	(0.268)		(0.268)	(0.276)		(0.728)	(0.754)
Tamanho_populacao		−0.020	−0.031		−0.011	−0.014		−0.034	−0.065
		(0.027)	(0.029)		(0.026)	(0.029)		(0.088)	(0.094)
R^2	0.029	0.083	0.085	0.033	0.083	0.085	0.010	0.120	0.150
Adj. R^2	0.029	0.075	0.077	0.033	0.073	0.075	0.008	0.070	0.101
Num. obs.	6898	6124	6124	5796	5185	5185	1069	909	909
RMSE	2.044	2.014	2.092	2.062	2.037	2.123	1.893	1.848	1.819
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust.* Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.7 Relação entre os períodos dos *surveys* (momentos do conflito) e a média de indivíduos que percebem minorias como ameaça (alguma ou grande) e manifestam preferências autoritárias

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	0.990***	1.377***	1.339***	1.006***	1.378***	1.307***	0.932***	0.395	0.538
	(0.078)	(0.267)	(0.274)	(0.075)	(0.291)	(0.302)	(0.250)	(0.604)	(0.639)
data_survey2000.1	0.392***	0.437***	0.410***	0.444***	0.470***	0.423***	0.118	0.223	0.264
	(0.084)	(0.071)	(0.062)	(0.088)	(0.082)	(0.071)	(0.263)	(0.185)	(0.191)
data_survey2000.4	1.020***	1.102***	1.075***	1.066***	1.153***	1.146***	0.571	0.834*	0.671
	(0.192)	(0.188)	(0.180)	(0.198)	(0.199)	(0.183)	(0.381)	(0.383)	(0.382)
data_survey2001.6	0.592***	0.653***	0.599***	0.714***	0.735***	0.684***	0.020	0.093	0.082
	(0.118)	(0.135)	(0.144)	(0.123)	(0.147)	(0.157)	(0.301)	(0.288)	(0.298)
GeneroFeminino		0.014	0.052		0.032	0.074		−0.045	−0.024
		(0.041)	(0.047)		(0.048)	(0.052)		(0.141)	(0.123)
Idade		−0.001	−0.001		−0.001	−0.000		−0.001	−0.003
		(0.002)	(0.002)		(0.002)	(0.003)		(0.004)	(0.005)
Renda		−0.076**	−0.057**		−0.085**	−0.063*		0.012	0.021
		(0.022)	(0.020)		(0.025)	(0.023)		(0.036)	(0.055)
Educacao		−0.035**	−0.035*		−0.039**	−0.042*		−0.004	0.000
		(0.012)	(0.013)		(0.014)	(0.016)		(0.023)	(0.027)
Tipo_localidadeRural		0.065	−0.105		0.090	−0.047		0.240	−0.047
		(0.264)	(0.268)		(0.268)	(0.276)		(0.728)	(0.754)
Tamanho_populacao		−0.020	−0.031		−0.011	−0.014		−0.034	−0.065
		(0.027)	(0.029)		(0.026)	(0.029)		(0.088)	(0.094)
R^2	0.029	0.083	0.085	0.033	0.083	0.085	0.010	0.120	0.150
Adj. R^2	0.029	0.075	0.077	0.033	0.073	0.075	0.008	0.070	0.101
Num. obs.	6898	6124	6124	5796	5185	5185	1069	909	909
RMSE	2.044	2.014	2.092	2.062	2.037	2.123	1.893	1.848	1.819
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust.* Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.8 Variação entre grupos étnicos da média de indivíduos que percebem minorias como ameaça e simultaneamente manifestam preferências autoritárias (*differences-in-differences*)

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4
(Intercept)	0.932***	1.301***	1.241***	1.166***
	(0.250)	(0.293)	(0.253)	(0.257)
Tempo1	0.118	0.128	0.274	0.328
	(0.262)	(0.236)	(0.174)	(0.194)
Tempo2	0.571	0.736	0.846*	0.712*
	(0.380)	(0.367)	(0.345)	(0.353)
Tempo3	0.020	0.115	0.212	0.134
	(0.301)	(0.289)	(0.265)	(0.273)
Etn_russos1	0.074	0.182	0.069	0.113
	(0.257)	(0.224)	(0.210)	(0.197)
Tempo1:Etn_russos1	0.327	0.322	0.196	0.087
	(0.275)	(0.251)	(0.196)	(0.214)
Tempo2:Etn_russos1	0.495	0.338	0.282	0.403
	(0.387)	(0.377)	(0.357)	(0.335)
Tempo3:Etn_russos1	0.694*	0.649*	0.533	0.564
	(0.318)	(0.317)	(0.288)	(0.296)
GeneroFeminino		0.019	0.015	0.057
		(0.041)	(0.042)	(0.048)
Idade		−0.000	−0.001	−0.000
		(0.002)	(0.002)	(0.002)
Renda		−0.055*	−0.073**	−0.053*
		(0.023)	(0.022)	(0.020)
Tipo_localidadeRural		−0.017	0.101	−0.074
		(0.220)	(0.260)	(0.260)
Tamanho_populacao		−0.023	−0.017	−0.027
		(0.025)	(0.026)	(0.029)
Educacao		−0.034*	−0.034**	−0.036*
		(0.014)	(0.012)	(0.014)
R^2	0.037	0.047	0.087	0.089
Adj. R^2	0.036	0.045	0.078	0.081
Num. obs.	6865	6094	6094	6094
RMSE	2.037	2.048	2.012	2.087
N Clusters	46	46	46	46

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust.* Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 4 incorporou pesos amostrais.
Modelos 3 e 4 estão controlados por regiões.
Tempo 0: 1998.3; Tempo 1: 2000.1; Tempo 2: 2000.4; Tempo 3: 2001.6.

Anexo 7.9 Relação entre percepção de minorias como ameaça e apoio ao presidente governar por decretos

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)									
Medo_minoriasPequena ameaça	0.003	0.008	0.029	0.017	0.018	0.021	−0.047	−0.047	0.050
	(0.040)	(0.044)	(0.049)	(0.044)	(0.047)	(0.054)	(0.093)	(0.112)	(0.121)
Medo_minoriasAlguma ameaça	0.076	0.059	0.032	0.094	0.079	0.051	−0.059	−0.099	−0.152
	(0.040)	(0.043)	(0.052)	(0.053)	(0.056)	(0.063)	(0.093)	(0.103)	(0.147)
Medo_minoriasGrande ameaça	0.181***	0.169**	0.162**	0.178**	0.166**	0.148*	0.251*	0.210	0.298
	(0.051)	(0.051)	(0.055)	(0.061)	(0.060)	(0.062)	(0.101)	(0.121)	(0.165)
PIB_pc_PPP	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***	0.000***
	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)	(0.000)
PIB_pc_crescimento	−0.020*	−0.019*	−0.015	−0.017*	−0.016	−0.016	−0.024	−0.028	−0.003
	(0.008)	(0.008)	(0.010)	(0.009)	(0.008)	(0.010)	(0.019)	(0.016)	(0.023)
log(Inflacao)	0.108***	0.135***	0.149***	0.113***	0.144***	0.161***	0.100*	0.103	0.089
	(0.026)	(0.031)	(0.032)	(0.029)	(0.035)	(0.036)	(0.047)	(0.064)	(0.074)
GeneroFeminino		−0.002	−0.003		−0.013	−0.008		0.078	0.078
		(0.025)	(0.030)		(0.030)	(0.033)		(0.087)	(0.104)
Idade		−0.000	−0.001		−0.001	−0.001		0.002	0.001
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.003)	(0.003)
Renda		−0.014	−0.002		−0.022	−0.006		0.015	0.007
		(0.011)	(0.011)		(0.012)	(0.013)		(0.032)	(0.032)
Educacao		−0.020***	−0.028***		−0.022***	−0.033***		−0.003	−0.001
		(0.005)	(0.006)		(0.006)	(0.007)		(0.018)	(0.018)
Tipo_localidadeRural		−0.032	−0.017		−0.025	−0.010		−0.034	0.067
		(0.073)	(0.078)		(0.080)	(0.088)		(0.186)	(0.189)
Tamanho_populacao		−0.017*	−0.015		−0.013	−0.013		−0.032	−0.019
		(0.008)	(0.009)		(0.009)	(0.010)		(0.020)	(0.021)
R^2	0.085	0.091	0.091	0.084	0.089	0.093	0.165	0.178	0.168
Adj. R^2	0.077	0.080	0.080	0.074	0.076	0.080	0.114	0.110	0.099
Num. obs.	5313	4759	4759	4500	4069	4069	786	666	666
RMSE	0.878	0.873	0.909	0.881	0.876	0.914	0.843	0.850	0.858
N Clusters	46	46	46	46	46	46	41	41	41

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust*, adaptação de modelo *ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.10 Relação entre proximidade da região do indivíduo ao conflito/ atentados e percepção de minorias como ameaça

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	2.284***	2.459***	2.502***	2.473***	2.479***	2.536***	2.132***	2.642***	2.393***
	(0.059)	(0.159)	(0.169)	(0.046)	(0.169)	(0.189)	(0.079)	(0.412)	(0.494)
Proximidade_conflito_terror1	−0.080	−0.101	−0.128	−0.062	−0.106	−0.134	−0.300	−0.348*	−0.266
	(0.072)	(0.072)	(0.077)	(0.065)	(0.064)	(0.072)	(0.151)	(0.168)	(0.186)
data_survey2000.4	0.303**	0.321**	0.315**		0.316**	0.329***		0.234	0.136
	(0.100)	(0.099)	(0.093)		(0.098)	(0.089)		(0.238)	(0.244)
GeneroFeminino		0.046	0.038		0.056	0.053		0.043	0.100
		(0.035)	(0.045)		(0.040)	(0.046)		(0.100)	(0.082)
Idade		−0.002	−0.002		−0.002*	−0.003		0.002	0.004
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.003)
Renda		−0.048*	−0.051*		−0.052*	−0.058**		−0.046	−0.016
		(0.020)	(0.020)		(0.021)	(0.020)		(0.046)	(0.057)
Tipo_localidadeRural		−0.021	−0.079		0.073	−0.002		−0.717*	−0.700*
		(0.151)	(0.152)		(0.159)	(0.163)		(0.301)	(0.343)
Tamanho_populacao		0.006	0.004		0.018	0.017		−0.093*	−0.101*
		(0.016)	(0.018)		(0.016)	(0.018)		(0.038)	(0.041)
Educacao		0.002	0.005		−0.003	−0.002		0.028	0.041
		(0.009)	(0.012)		(0.009)	(0.012)		(0.023)	(0.026)
R^2	0.020	0.027	0.029	0.001	0.028	0.033	0.017	0.065	0.056
Adj. R^2	0.020	0.025	0.027	0.001	0.025	0.030	0.015	0.045	0.036
Num. obs.	3448	3145	3145	2969	2738	2738	462	393	393
RMSE	1.064	1.061	1.113	1.067	1.054	1.107	1.049	1.037	1.056
N Clusters	40	40	40	40	40	40	37	37	37

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust*, adaptação de modelo *ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.

Anexo 7.11 Relação entre percentual de minorias na região do indivíduo e percepção de minorias como ameaça

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4	Model 5	Model 6	Model 7	Model 8	Model 9
(Intercept)	2.371***	2.572***	2.582***	2.539***	2.559***	2.594***	2.055***	2.531***	2.354***
	(0.071)	(0.171)	(0.182)	(0.056)	(0.180)	(0.197)	(0.100)	(0.504)	(0.556)
Minorias_percentual.1989.top_40	−0.008*	−0.008*	−0.007	−0.007	−0.008	−0.007	−0.000	−0.001	−0.001
	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.004)	(0.003)	(0.004)	(0.003)
data_survey2000.4	0.295**	0.313**	0.298**		0.317**	0.320***		0.222	0.116
	(0.096)	(0.095)	(0.089)		(0.095)	(0.085)		(0.250)	(0.248)
GeneroFeminino		0.046	0.035		0.055	0.048		0.047	0.093
		(0.035)	(0.046)		(0.040)	(0.047)		(0.098)	(0.080)
Idade		−0.002*	−0.002		−0.002**	−0.003*		0.002	0.004
		(0.001)	(0.001)		(0.001)	(0.001)		(0.002)	(0.003)
Renda		−0.051*	−0.053*		−0.052*	−0.057**		−0.047	−0.019
		(0.020)	(0.020)		(0.022)	(0.021)		(0.049)	(0.058)
Tipo_localidadeRural		−0.016	−0.068		0.063	0.005		−0.650*	−0.674
		(0.148)	(0.152)		(0.156)	(0.160)		(0.312)	(0.335)
Tamanho_populacao		0.004	0.004		0.017	0.018		−0.090*	−0.101*
		(0.016)	(0.018)		(0.016)	(0.018)		(0.041)	(0.042)
Educacao		0.002	0.006		−0.003	−0.003		0.030	0.043
		(0.009)	(0.012)		(0.009)	(0.012)		(0.024)	(0.027)
R^2	0.028	0.034	0.033	0.005	0.031	0.034	0.000	0.043	0.042
Adj. R^2	0.027	0.031	0.030	0.004	0.028	0.031	−0.002	0.023	0.022
Num. obs.	3448	3145	3145	2969	2738	2738	462	393	393
RMSE	1.060	1.057	1.111	1.065	1.052	1.107	1.058	1.048	1.063
N Clusters	40	40	40	40	40	40	37	37	37

$^{***}p < 0.001$; $^{**}p < 0.01$; $^{*}p < 0.05$

Regressão *OLS robust*, adaptação de modelo *ordered logistic*. Fonte: compilado pelo autor com base em *surveys* do New Russia Barometer (ROSE ET AL., 1993-2009).
Modelos 1-3: população geral; modelos: 4-6: russos étnicos; modelos 7-9: minorias.
Modelos 3, 6 e 9 incorporaram pesos amostrais.
Modelos 1, 4 e 7 não estão controlados por regiões.